

A MONTANHA MÁGICA

Thomas Mann

InfoLivros.org



SINOPSE DE A MONTANHA MÁGICA

A Montanha Mágica é um romance de aprendizado e filosofia do escritor alemão Thomas Mann. Foi publicado em 1924 e levou 8 anos para o autor escrever, pois embora ele tenha começado com a idéia de desenvolver um romance curto, a obra se transformou num livro extensivo.

Trata-se da visita de Hans Castorp ao sanatório de Zauberberg para ver um primo que estava doente. Sua estadia, no entanto, durou muito mais tempo do que ele poderia ter suspeitado. Ao todo, foram sete anos em que ele adoeceu, mas também em que conheceu homens-chave com os quais teve conversas refletivas sobre tempo, política e estética.

Se você quiser ler mais sobre este livro, você pode visitar o seguinte link [A Montanha Mágica por Thomas Mann em InfoLivros.org](#)

Se desejar ler este trabalho noutras línguas, basta clicar nos links correspondentes:

- Inglês InfoBooks.org: [The magic mountain author Thomas Mann](#)
 - Espanhol InfoLibros.org: [La montaña mágica autor Thomas Mann](#)
 - Francês InfoLivres.org: [La montagne magique auteur Thomas Mann](#)
-

Se quiser aceder à nossa biblioteca digital com mais de 3.500 livros para ler e descarregar gratuitamente, convidamo-lo a visitar esta página:

- [+3,500 livros gratuitos em formato PDF em InfoLivros.org](#)

CAPITULO I

A CHEGADA

Um MoYem singelo YiaMaYa, em pleno Yerão, de Hamburgo, sua cidade natal, a DaYos-Platz, no cantão dos Grisões. Ia de Yisita, por três semanas.

Mas de Hamburgo até essas alturas a Yiagem é longa; demasiado longa, na Yerdade, para uma estada tão curta. É preciso atraYessar diYersos estados, subindo e descendo, do planalto da Alemanha meridional até a beira do lago de Constança, cuMas ondas saltitantes são transpostas de naYio, por sobre abismos outrora considerados insondáYeis.

Dali adiante, a Yiagem, Tue até esse ponto aYançaYa rapidamente, Tuase em linha reta, desenreda-se. Há delongas e complicações. Na localidade de Rorschach, Má em território suíço, Yolta-se ao amparo da Yiação Iérrea; mas logo não se Yai além de LandTuart, peTuena estação alpina, onde é preciso Iazer baldeação. É um trem de bitola estreita o Tue ali se toma depois de prolongada espera numa paisagem Yarrida pelo Yento e desproYida de encantos. No instante em Tue se põe em moYimento a locomotiYa de peTueno porte, mas de extraordinária Iorça de tração, começa a parte deYeras aYenturosa da Yiagem, uma escalada brusca e penosa Tue

parece não ter fim. A estação de LandTuart situa-se a uma altura moderada. A partir dela, porém, adentra-se pelas montanhas, por uma estrada rochosa, áspera, angustiante.

Hans Castorp — eis o nome do rapaz — está sozinho num pequeno compartimento almojado em cinza, onde também se encontra sua maleta de couro de crocodilo (presente de seu tio e pai de criação, o cônsul Tienappel, cujo nome conYém mencionar desde Má), bem como o casaco de inverno, a balouçar suspenso num gancho, e o cobertor de viagem enrolado. Está sentado Munto à Manela aberta, e, como a tarde se tinha tornando cada vez mais Iresca, leYantara — rapaz mimado e Iranzino Tue era — a gola do sobretudo de Yerão, Iorrado de seda e de corte amplo, ao gosto da moda. A seu lado, no assento, Mazia uma brochura intitulada Ocean Steamships, na qual Hans Castorp, durante as primeiras horas de viagem, de vez em quando lançara um olhar; agora, porém, o livro permanecia ali abandonado, enquanto o hálito da locomotiva arTueMante, ao entrar pela Manela, salpicava-lhe a capa de partículas de carvão.

Dois dias de viagem apartam um homem — e especialmente um MoYem Tue ainda não criou raízes firmes na vida — do seu mundo cotidiano, de tudo quanto ele costuma chamar seus deveres, interesses, cuidados e prometas; apartam-no muito mais do que esse MoYem podia imaginar enquanto um

fiacre o leYaYa à estação. O espaço Tue, girando e Iugindo, roMa-se de permeio entre ele e seu lugar de origem reYela Iorças Tue se costuma Mulgar priYilégio do tempo; produz de hora em hora noYas metamorIoses íntimas, muito parecidas com aTuelas Tue o tempo origina, mas em certo sentido mais intensas ainda. Qual o tempo, gera estTuecimento; porém o Iaz desligando o indiYíduo das suas relações e pondo-o num estado liYre, primitiYo; chega até mesmo a transIormar, num só golpe, um pedante ou um burguesote numa espécie de Yagabundo. Dizem Tue o tempo é como o rio Lete; mas também o ar de paragens longínTuas representa uma poção semelhante, e seu eIeito, conTuanto menos radical, é mais rápido.

Hans Castorp ia passando por experiências análogas. Não tiYera a intenção de leYar essa Yiagem muito a sério nem de entregar-se totalmente a ela. Propusera-se liTuidá-la depressa, porTue tinha Tue ser Ieita, depois regressar para casa tal como partira, e retomar sua Yida anterior exatamente no ponto em Tue a abandonara por um instante. Ainda ontem se moYimentara dentro do costumeiro círculo de ideias; ocupara-se com os acontecimentos mais recentes — seu exame de conclusão

— e com o Iuturo imediato — sua entrada na Yida prática, como Iuncionário da firma Tunder & Wilms (Estaleiros, Fábrica de MáTuinas e Caldeiras). Com a máxima impaciência Tue seu

temperamento lhe permitia, procurara olhar para além das três semanas Yindouras. Nesse momento, porém, parecia-lhe que as circunstâncias exigiam dele plena atenção, não lhe sendo lícito menosprezá-las. Essa sensação de ser alçado a regiões cujos ares nunca respirara, e onde, como sabia, reinavam condições de vida particularmente raras e reduzidas, a que em absoluto não estava acostumado — essa sensação começava a excitá-lo, a enchê-lo de certa angústia. O torrão natal e a rotina de sempre haviam ficado não somente para trás, muito para trás, mas sobretudo a grande profundidade abaixo dele; e a ascensão continuava a afastá-los mais ainda. Pairando entre eles e o desconhecido, Hans Castorp perguntava-se como passaria lá em cima. Será que não seria imprudente e prejudicial a ele, que nascera poucos metros acima do mar e se habituara ao ar da sua terra, deixar-se transportar tão subitamente a esses sítios extremos, sem pelo menos se demorar por alguns dias num lugar de altitude média? Ansiava por chegar ao fim da viagem; pois, uma vez lá em cima — pensava —, de lá-se veria como em toda parte, sem lhe fossem recordadas, como agora, durante a escalada, as coisas impróprias em que se encontrava. Hans Castorp olhou para trás: o trem serpenteava, sinuoso, através de um desfiladeiro estreito.

Viam-se os primeiros Yagões, Yia-se a locomotiYa Yomitando, no seu esIorço, golIadas de Iumaça parda, esYerdeada e negra Tue logo se dissipam. Nas proIundidades, à direita, murmuraYam cursos d'água; à esTuerda, pinheiros escuros buscaYam por entre os rochedos as alturas de um céu cinzento como pedra. Túneis tenebrosos iam desfilando, e Tuando reaparecia a luz, rasgaYam-se dilatados abismos com poYoados em seu Iundo. FechaYam-se os abismos, Yinham logo a seguir noYos desfiladeiros com restos de neYe nas gretas e Iendas. HaYia paradas diante de casinhas miseráYeis de estações peTuenas; e de estações sem saída em Irente, o trem partia em direção oposta, o Tue produzia um eIeito desnorteante. Panoramas grandiosos do uniYerso de cumes alpinos abriam-se de repente, um amontoado Iantasmagórico e solene Tue se procuraYa alcançar e galgar, para logo no próximo meandro da estrada subtraírem-se ao olhar reYerente. Hans Castorp notou Tue deixara para trás a zona das árYores Irondosas e, se não se enganaYa, também a dos pássaros canoros. Essa ideia de cessação e empobrecimento Iez Tue ele, acometido de um ligeiro acesso de Yertigem e mal-estar, cobrisse por dois segundos os olhos com a mão. Mas isso passou. Viu então Tue terminara a ascensão; estaYa Yencido o ponto culminante do passo. No Iundo plano de um Yale o trem agora corria com maior comodidade.

Eram aproximadamente oito horas, ainda havia luz. Na paisagem longínqua apareceu um lago de águas cinzentas, e de suas margens subiam pinheirais negros pelas encostas das montanhas adjacentes, e rareiam mais acima, acabando-se aos poucos e dando lugar à rocha calva, envolta em brumas. O trem parou numa estaçãozinha; era a dos Dorfs, o Yilaremo de Dorfs, segundo Hans Castorp ou Yiu gritar. Dentro em pouco chegaria a seu destino. De repente, porém, ressoou a seu lado uma voz displicente de Hamburgo, a voz de seu primo Joachim Ziemssen, e dizia:

— Ei, Yocê! Boa tarde! Anda, desça logo. — Ao olhar pela janela, Yiu na plataforma viu Joachim em pessoa, trazendo um sobretudo de Ulster marrom, sem chapéu, e de aspecto tão saudável como nunca lhe vira. Joachim riu-se e repetiu: — Vamos, saia logo, não faça cerimônia.

— Mas se ainda nem cheguei! — exclamou Hans Castorp estupefato, permanecendo sentado.

— Não, Yocê já chegou, sim. Estamos no Yilaremo. O sanatório fica bem mais perto. Vim com um carro. Passe-me a bagagem.

Rindo, um tanto construído pelo imprevisto da chegada e do encontro com o primo, Hans Castorp entregou-lhe a maleta e o casaco de inverno, o cobertor enrolado em volta da bengala e

do guarda-chuva, e finalmente o Ocean Steamships. A seguir percorreu o estreito corredor do Yagão e saltou para a plataforma, a fim de trocar com o primo saudações pessoais, mas entretanto se deram sem exuberância, como com as pessoas de modos Irios e reservados. Parece estranho, mas desde cedo ambos haviam aprendido chamar-se pelos prenomes, exclusivamente porque tinham uma cordialidade excessiva. Como, porém, não ficava bem tratarem-se pelo nome de família, limitavam-se ao Yocê, e esse hábito se arraigara em ambos.

Um homem de libré e boné agalado observou como ambos — o Moyses Ziemssen em atitude militar — apertavam-se as mãos depressa e com algum acanhamento; então se aproximou para pedir o comprovante de bagagem de Hans Castorp. Era o porteiro do Sanatório Internacional “Berghof”. Prontificou-se a buscar a mala grande do hóspede na estação seguinte, DaYos- Platz, a praça da cidade, enquanto os dois senhores por lá se dirigissem com o carro diretamente ao sanatório, para Mantar. O homem coxeava fortemente, de modo que a primeira pergunta que Hans Castorp fez a Joachim Ziemssen foi esta:

— É um veterano de guerra? Por que coxeia assim?

— Essa Ioi boa! — retrucou Joachim com certo amargor. — Veterano de guerra! O homem tem o mal no Moelho; ou teYe, ao menos. Por isso lhe extraíram a rótula.

Hans Castorp procurou pensar o mais rápido Tue pôde.

— Ah, Ioi isso! — disse. Enquanto prosseguia no caminho, ergueu a cabeça e lançou um rápido olhar para trás. — Mas Yocê não me Iará acreditar Tue ainda soIre daTuela coisa. Até parece Tue Má usa galões e acaba de Yoltar das manobras. — E olhou o primo de soslaio.

Joachim era mais alto e mais espadaúdo Tue ele, um modelo de Iorça MuYenil e como Tue talhado para a Iarda. RepresentaYa aTuele tipo bem trigueiro Tue sua loura pátria não raro produz. Sua tez, bastante morena Má por natureza, estaYa tostada pelo sol e adTuirira uma cor Tuase brônzea. Com os grandes olhos negros e o bigodinho escuro sobre os lábios cheios, bem-conIormados, seria positiYamente belo, não Iossem as orelhas muito despegadas. Essas orelhas haYiam sido seu único desgosto, a grande dor da sua Yida — até certo momento. Agora tinha outras preocupações. Hans Castorp continuou:

— Você Yai regressar comigo, não é? Não YeMo impedimento algum.

— Regressar com Yocê? — perguntou o primo, fitando-o com os olhos grandes Tue haYiam sido sempre suaYes, mas durante esses

cinco meses assumiram expressão um tanto cansada, Tuase melancólica. — Com Yocê, Tuando?

— Ora, daTui a três semanas.

— Compreendo, Yocê Má pensa em regressar — respondeu Joachim. — Espere um pouco; mal acaba de chegar. Três semanas representam Tuase nada para nós aTui em cima, mas para Yocê Tue Yem de Yisita e tenciona demorar-se só três semanas é uma porção de tempo. Trate de se aclimatar primeiro. Não tardará a notar Tue não é assim tão Iácil. E o clima não é a única coisa estranha Tue existe aTui. Você encontrará muita coisa noYa, sabe? Comigo não será tão depressa como Yocê imagina. “Regressar daTui a três semanas” é uma ideia lá de baixo. Tenho a pele tostada, sim senhor, mas isso Yem principalmente do sol refletido pela neYe e não significa grande coisa, como Behrens sempre afirma. No último exame geral, ele disse ter Tuase certeza de Tue eu teria de ficar ainda uns seis meses.

— Seis meses? Está louco? — gritou Hans Castorp. Eles se instalaram no cabriolé amarelo Tue os esperaYa numa praça pedregosa, diante da estação, Tue não passaYa de uma espécie de telheiro. Enquanto os dois baios se punham em moYimento, Hans Castorp remexeu-se, cheio de indignação, no assento mal-

estou aqui. — Meio ano? Mas não faz tuas coisas meio ano. Tuas coisas
estão aqui. Não se tem tanto tempo assim...

— Pois é, o tempo... — disse Joachim, olhando para a frente e
mexendo a cabeça repetidas vezes, sem se preocupar com o
sincero desgosto do primo. — Aqui não fazem muita
cerimônia com o tempo da gente. Você não tem ideia. Três
semanas são para eles como um dia, Yai Yer. Tudo isso se aprende
— ele disse. E acrescentou: — Aqui todas as concepções se
transformam.

Hans Castorp não cessa de contemplar-lhe o perfil.

— Mas você se restabeleceu maravilhosamente — disse,
mexendo a cabeça.

— Acha? — respondeu Joachim. — Não é mesmo? Também o
creio — continuou, encostando-se no espaldar, para logo voltar à
posição anterior. — Vou melhor, sim — explicou —, mas ainda não
estou bem. À esquerda, em cima, onde antes se ouviam estalidos,
nota-se agora apenas uma respiração um pouco rude, tuas não
inspira cuidados. Mas aqui, mais para baixo, percebe-se um
ronco muito forte, e no segundo espaço intercostal há também
ruidos.

— Que grande cientista você se tornou! — disse Hans
Castorp.

— Pois é. Deus sabe que é uma triste ciência. Quem me deu a Mãe-tê-la estendeu ao estar em sereno — replicou Joaquim. — Mas ainda produz esputo — acrescentou,

dando de ombros, com um gesto ao mesmo tempo resignado e veemente que não lhe ficava bem. A seguir tirou do bolso interno do sobretudo um objeto que mostrou ao primo, até a metade, para logo guardá-lo novamente; era um vaso chato, bomudo, de vidro azul, com um fecho de metal. — A maioria de nós, a tui em cima, usa isto. Batizaram-no com um nome especial, um apelido bem engraçado, até. Está olhando a paisagem?

Era o Hans Castorp lá. Deu sua opinião:

— Magnífica.

— Você acha? — perguntou Joaquim.

Ele seguiu na direção do eixo do vale, por um caminho ladeado de habitações, cá e lá, e paralelo ao leito da Várzea. Depois, dobrando à esquerda, ele cruzou os trilhos de bitola estreita e atravessou um curso d'água. Agora subiam a trote um atalho pouco íngreme, rumo a uma encosta coberta de bosques. Ali, numa meseta um tanto proeminente, de pouca altura, destacava-se um edifício comprido, encimado por uma torre em cúpula, com a fachada dirigida para sudeste. Numerosas varandas davam-lhe de longe um aspecto esburacado, poroso

como uma esponja. As primeiras luzes acabam de ser acesas, enquanto o crepúsculo avança rapidamente. Já se esvai um suave arrebol, que durante algum tempo animara o céu toldado. Resta na natureza aquele estado de transição, descolorido, melancólico, desprovido de vida, que precede imediatamente o anoitecer definitivo. O vale povoado, extenso e levemente sinuoso, ilumina-se em toda parte, tanto no fundo como nas bordas — sobretudo na direita, que forma uma saliência, com os terraços da encosta salpicados de construções. À esquerda, algumas serras subiam através dos prados, para se perderem na baía negra dos pinheirais. Os bastidores mais distantes das montanhas, próximos da saída do vale, que ali se estreita, exibiam-se num rio azul de ardósia. Com o vento que acaba de se levantar, o rescor da noite começa a fazer

sentir-se.

— Não! Para falar com Irantueza, não acho a paisagem tão formidável assim — disse Hans Castorp. — Onde estão as geleiras, os picos brancos e as cordilheiras gigantescas? Não me parece que essas montanhas sejam muito altas.

— Pelo contrário, são bem altas, sim — retrucou Joachim.

— Você nota quase em toda parte o limite da presença das árvores. Ele se delineia com absoluta nitidez. Terminam os

pinheiros, e com isso acaba-se toda a Vegetação. Como Você Yê, é pura rocha. Por ali, à direita desse pico, Tue é o SchZarzhorn, aparece até uma geleira. Está Yendo a área azulada? Não é lá muito grande, mas é uma geleira como deYe ser, a Scaleta. O Piz Michel e o Tinzenhorn, naTuela abertura (não se pode Yê-los daTui), também ficam cobertos de neYe durante o ano inteiro.

— De neYe eterna — disse Hans Castorp.

— Pois é, neYe eterna, se assim Tuiser. Não se pode negar Tue tudo isso é bastante alto. E não esTueça Tue nós mesmos nos achamos a uma altura espantosa. Mil e seiscentos metros acima do níYel do mar. Por isso as eleYações não se destacam tanto.

— Sim senhor, Tue escalada até aTui! Passei muito medo, nem lhe conto! Mil e seiscentos metros! São mais ou menos cinco mil pés, se calculo bem. Nunca na Yida estiYe tão alto.

— E cheio de curiosidade, Hans Castorp aspirou proIundamente aTuele ar estranho, como Tue para proYá-lo. Era Iresco, e nada mais. Carecia de aroma, de sabor, de umidade. TragaYa-se com Iacilidade e nada dizia à alma.

— Ótimo! — exclamou Hans Castorp por educação.

— Sim, esse ar tem grande Iama. De resto, a paisagem não se apresenta, esta noite, sob seu aspecto mais IaYoráYel. Às

Yezes está muito mais bonita, sobretudo com neYe. Mas a gente acaba por se cansar dela. Nós todos, aTui em cima, pode acreditar, estamos Iartos, indiziYelmente Iartos dela — disse Joachim, e sua boca torceu-se numa expressão de noMo Tue parecia exagerada e incontrolada, e

Tue mais uma Yez não lhe ficaYa bem.

— Você tem um Meito tão esTuisito de Ialar! — disse Hans Castorp.

— EsTuisito? — perguntou Joachim com certa apreensão, Yoltando-se para o primo.

— Não, não! Desculpe! TiYe essa impressão só por um momento — apressou-se Hans Castorp a dizer. Ele se reIerira à expressão “Nós, aTui em cima”, Tue Joachim Má empregara umas Tuatro ou cinco Yezes, e Tue de certa Iorma lhe causaYa impressão deprimente e estranha.

— Como Yê, nosso sanatório está ainda mais alto Tue a aldeia — continuou Joachim. — CinTuenta metros. O prospecto diz “cem”, mas são apenas cinTuenta. O sanatório Tue fica mais alto é o Schatzalp, lá do outro lado. Não se Yê daTui. No inYerno, eles têm de transportar os cadáYeres em trenós, porTue os caminhos se tornam impraticáYeis...

— Os cadáveres? Ah, sim!... Veja só! — exclamou Hans Castorp, e de repente rebentou em riso, um riso violento, irreprimível, que lhe sacudiu o peito e fez que o rosto enrijecido pelo vento frio se contraísse num tremor dolorido. — Em trenós? E você me conta essas coisas assim, sem mais nem menos? Parece que se tornou muito cínico nesses cinco meses.

— Cínico nada! — replicou Joachim, dando de ombros. — Como assim? Afinal, os cadáveres pouco se importam... De resto, pode ser que a gente chegue mesmo a ficar cínico, neste nosso meio. O próprio Behrens também é um cínico às antigas; um sujeito de classe, diga-se de passagem; na universidade pertencia a uma corporação das mais finas; e dizem que é ótimo cirurgião. Você vai gostar dele. E ainda há o Krokowski, seu assistente — um tipo muito capaz. No prospecto fala-se especialmente da sua atividade: a dissecação psíquica dos pacientes.

— O quê? Dissecação psíquica? Que coisa noventa! — gritou Hans Castorp, e com isso, a hilaridade tomou conta dele. Já não conseguia dominá-la. Depois de tudo quanto ouvia, a dissecação psíquica lhe encheu as medidas. Riu-se tanto que as lágrimas lhe brotaram entre a mão com que, inclinando-se para a frente, cobria os olhos. Também Joachim riu de todo coração, o que parecia fazer-lhe bem. Assim, o desembarque dos

dois MoYens deu-se com alegria e descontração, ao deixarem o carro Tue lentamente os trouxera por uma rampa íngreme e serpeante até o portal do Sanatório Internacional BerghoI.

NO 34

Logo à direita, entre o portão e o guarda-Yento, achava-se a guarita do porteiro; de lá, onde estivera lendo Mornais sentado em frente ao telefone, veio ao encontro dos recém-chegados um criado de tipo Irancês, vestido com libré cinzenta igual à do homem coxo da estação, e conduziu-os através do Vestíbulo bem-iluminado, onde à esquerda ficavam os salões. Ao passar, Hans Castorp lançou um olhar para dentro, notou que estava vazios e perguntou onde é que estavam os hóspedes.

— Cumprindo o repouso — respondeu o primo. — Fui dispensado por que teria de receber você. Normalmente também me deito na sacada, depois do jantar.

Pouco faltou para que Hans Castorp voltasse a estourar em risos.

— Como? Em plena escuridão, vocês ainda se deitam na sacada?

— indagou com voz vacilante...

— Sim, faz parte do regulamento. Das oito às dez. Mas

venha agora ver seu quarto e lavar as mãos.

Entraram no elevador, cujo mecanismo elétrico foi posto em ação pelo criado Irancês. Enquanto subiam, Hans Castorp enxugou os olhos.

— Estou todo moído e exausto de tanto rir — disse, respirando pela boca. — Você me contou mil coisas estranhas... A tua história da dissecação psíquica é o cúmulo; por essa eu não esperava. Aliás, estou um pouco cansado por causa da viagem. Você também sofre com o Irio nos pés? Ao mesmo tempo sinto que me arde o rosto, é bem desagradável. A gente Mantará logo, não é? Tenho a impressão de que já estou com fome. A comida de vocês, a tua em cima, é boa?

Caminhou sem ruído sobre a passadeira de fibra de coque que cobria o corredor estreito. Globos de vidro

iluminavam uma luz pálida. As paredes, parecendo envernizadas, reluziam duras, repletas de tinta a óleo branca. Surgiu então uma enfermeira de touca branca, trazendo no nariz um pince-nez, cujo cordão ela colocara por trás da orelha. Ela era claro que protestante, uma irmã sem vocação muito firme, curiosa e irritada de tanto tédio que pesava sobre ela. Em dois pontos do corredor, em frente das portas brancas envernizadas e numeradas, haviam-se no chão uns recipientes grandes, brancos e de gargalo curto, sobre cuja finalidade Hans Castorp se esqueceu de pedir explicações.

— A tua está o seu quarto — disse Joachim. — Número trinta e quatro. À direita fica o meu, e à esquerda mora um casal russo; gente um pouco relaxada e barulhenta, diga-se de passagem, mas não houve meio de evitar isso. Bem! Que tal lhe parece?

A porta era dupla, de Iolhas superpostas, e no Yãõ entre elas haYia cabides. Joachim acendera a lâmpada do teto, e sob a luz trêmula o Tuarto se apresentou alegre e tranTuilo, com móYeis brancos e práticos, os papéis de parede igualmente brancos, resistentes e laYáYeis, o linóleo limpo, cobrindo o soalho, e as cortinas de linho, bordadas de maneira simples e graciosa, conIorme o gosto moderno. A porta da sacada estaYa aberta; Yiam-se as luzes do Yale e ouYia-se ao longe uma música de baile. O bom Joachim colocara algumas flores num peTueno Yaso sobre a cômoda

— a época de segunda florada oIerecia aTuilégias e umas poucas campânulas, Tue ele mesmo colhera na encosta.

— Muito amáYel da sua parte — disse Hans Castorp. — Que Tuarto simpático! Num lugar destes dá prazer passar algumas semanas.

— Anteontem morreu aTui uma americana — disse Joachim. — Behrens achou logo Tue a coisa se acabaria antes da sua chegada, e Tue então Yocê poderia ficar com o Tuarto. O noiYo estaYa ao lado dela. Embora Iosse oficial da marinha inglesa, não se pode dizer Tue manteYe a

compostura. A cada instante saía ao corredor para chorar como um menino. Depois esIregaYa as Iaces com cold cream, porTue estaYa escanhoado e as lágrimas lhe ardiam na pele. Na noite de

anteontem a americana teYe duas hemoptises de primeira, e com isso, fim de papo. Mas ela Má se Ioi ontem de manhã, e é claro Tue então desinIetaram tudo para Yaler. Com Iormalina, sabe? Dizem Tue é excelente nesses casos.

Hans Castorp ouYiu a história sob uma distração nerYosa. De mangas arregaçadas, à Irente da pia ampla cuMas torneiras niTueladas cintilaYam à luz elétrica, ele mal lançou um olhar Iugidio para a cama arrumada, de metal branco, roupa limpa.

— DesinIetaram, então está ótimo — disse ele, com certa loTuacidade e sem muito propósito, enTuanto laYaYa e enxugaYa as mãos. — Pois é, aldeído metílico; não há micróbio Tue resista a isso. H₂CO, sim senhor! Mas tem um cheiro picante, não é? Naturalmente, a mais rigorosa limpeza é indispensáYel... — Sua pronúncia era mais acentuadamente hamburguesa Tue a do primo, Tue desde os tempos de estudante perdera os Yestígios do dialeto de sua terra. Hans Castorp continuou conYersando com grande desembaraço: — Ainda Tueria dizer... Ah, sim. Acho proYáYel Tue o oficial da marinha se aIeitasse com aparelho de barbear; esses troços esIolam mais a pele Tue uma naYalha bem afiada. Esta, pelo menos, é minha experiência, e por isso alterno o uso de uma coisa e outra... Ora, é lógico Tue a água salgada dói na pele irritada. E no serYiço militar, Tuem sabe se o homem não se acostumou ao uso do cold cream; nisso não YeMo surpresa alguma... — E

prossequindo, acrescentou que tinha na maleta duzentos Maria Mancini, seu charuto preferido; a inspeção aliandegária Iora muito condescendente; e a seguir transmitiu as saudações de diversas pessoas de sua cidade natal. — Será que não acendem os quartos? — exclamou de repente, e correu aos radiadores, a fim de apalpá-los.

— Não, eles costumam manter-nos a uma temperatura fresca — respondeu Joachim. — É preciso um fogo muito mais intenso, só lá por agosto, para que acendam a calefinação central.

— Agosto, tu! agosto! — disse Hans Castorp. — Estou é com fogo! Um fogo horrível, ao menos no corpo, pois o rosto me arde! Olhe, experimente, estou com o rosto em brasa.

Essa ideia de que alguém lhe tocasse o rosto não condizia em absoluto com o modo de ser de Hans Castorp, e a ele mesmo causou impressão penosa. Joachim fez que não era com ele e limitou-se a dizer:

— É do ar. Não queira dizer nada. O próprio Behrens anda o dia inteiro com as faces azuladas. Há pessoas que nunca se habituam. E agora vão embora, senão não teremos mais o que comer. Quando saíram, a enfermeira voltou a aparecer para examiná-los com olhares míopes e curiosos. No primeiro andar, Hans Castorp deteve-se de repente, imobilizado por um ruído

simplesmente atroz, Tue se ouYia a pouca distância, por trás de uma Yolta do corredor; um ruído não muito Iorte, mas de som tão lúgubre Tue o MoYem Iez uma careta e mirou o primo com os olhos arregalados. Era tosse, sem dúYida, a tosse de um homem; mas uma tosse em nada parecida com TualTuer outra Tue Hans Castorp Mamais ouYira; sim, uma tosse em comparação com a Tual todas as demais pareciam sinais de magnífica e sadia Yitalidade — uma tosse inteiramente despida de prazer e alíYio, Tue não se daYa em acessos regulares, mas soaYa como se alguém chaIurdasse de maneira débil e horripilante no lamaçal da podridão orgânica.

— Pois é — disse Joachim. — Este é um caso sério. Um aristocrata austríaco, homem elegante, como Tue Ieito para andar a caYalo. E agora Yai desse Meito. Mas por enTuanto ainda passeia.

Ao seguirem o caminho, Hans Castorp discorreu com pormenores sobre a tosse do caYaleiro.

— LeYe em conta — disse ele — Tue nunca ouYi coisa semelhante, algo totalmente noYo para mim, é natural Tue eu me impressione. Há muitas espécies de tosse, tosses secas e tosses soltas. Diz-se Tue geralmente as soltas são mais benignas Tue as Tue Iazem a gente ladrar. Em minha MuYentude — ele disse mesmo “em minha MuYentude” —, Tuando tiYe o crupe, ladraYa como um lobo, e todo mundo sentiu-se aliYiado Tuando a tosse

ficou mais solta, lembro-me bem. Mas uma tosse como esta nunca se viu, pelo menos eu não tinha ideia de que existisse uma coisa dessas. Já não é uma tosse YiYa. Não é seca, mas também não se pode chamar de solta. Não encontro, nem de longe, a palavra adequada. É como se se descortinasse o interior do homem, fosse possível olhá-lo lá dentro, e tudo não passasse de lodo e pântano...

— Ora YeMa — disse Joachim —, ouço essas coisas todos os dias. Para mim, pode dispensar a descrição.

Mas Hans Castorp não conseguiu dominar-se. Afirmou repetidas vezes que para ele era como se tivesse lançado um olhar no interior do aristocrata. Quando entraram no restaurante, seus olhos fatigados da viagem mostraram um brilho exaltado.

NO RESTAURANTE

A sala do restaurante estava clara, o ambiente era elegante e confortável. Ficava logo à direita do Vestíbulo, à frente dos salões, e, conforme explicou Joachim, era frequentado principalmente por hóspedes recém-chegados, que precisavam comer logo de hora, ou porque tinham visitas. Mas também aniversários e partidas iminentes eram festejados ali, assim como os resultados favoráveis de exames gerais. Em certas ocasiões, o ambiente no restaurante era de franca alegria, disse Joachim, e até se servia champanhe. Mas neste momento só havia ali uma senhora de aproximadamente trinta anos, que lia um livro e ao mesmo tempo cantava baixinho, tamborilando na toalha com o dedo médio da mão esquerda. Quando os dois homens se sentaram, mudou de lugar, a fim de dar-lhes as costas.

— É misantropa — explicou Joachim, abanando a voz —, come sempre lendo um livro no restaurante. Afirma-se que muito tempo ingressara em sanatórios para doenças pulmonares e nunca mais convivera com o mundo de fora.

— Ora, comparado com ela, você é apenas um principiante, com seus cinco meses, e ainda o será quando tiver um ano nas costas — disse Hans Castorp ao primo. Joachim

tomou o cardápio, dando de ombros, com um gesto que antes não lhe era peculiar.

Havia escolhido a mesa mais próxima da Manela, e ficou ali com ela sobre um estrado. Era o lugar mais agradável da sala. Acharam-se sentados junto à cortina creme, frente a frente, com os rostos abastados pela luz da pequena lâmpada de mesa, de luz vermelha. Hans Castorp juntou as mãos recém-lavadas e esfregou-as uma na outra com uma sensação de conforto e expectativa, como era seu hábito ao sentar-se à mesa, talvez por seus antepassados costumassem rezar antes de tomar a sopa.

Foram-lhe uma criada amável, de fala gutural, com vestido preto e avental branco, rosto largo de cores muito saudáveis, e para seu divertimento Hans Castorp aprendeu que ali, em alemão suíço, as criadas eram chamadas Saaltöchter, “filhas de salão”, literalmente. Pediram a ela uma garrafa de Gruaud Larose, e Hans Castorp deu-lhe por esta iria demais: que retornasse em breve. A comida estava excelente. Serviram-se sopa de aspargos, tomates recheados, um assado com vários legumes e verduras, uma sobremesa de preparo excepcional, mel e frutas e doces. Hans Castorp comeu muito, se bem que seu apetite se evidenciava menos intenso do que lhe parecia. Era uma espécie de consideração por si próprio que o fazia comer fartamente, mesmo sem fome.

Joachim não fez muita honra aos Tuitutes. Estava cansado da Tuela cozinha, logo disse, e isso se daria com todos a Tui em cima; era costume resmungar contra a comida, pois Tuem se acha amarrado neste lugar por toda uma eternidade... Em compensação, bebeu o Vinho com prazer e certa entrega, e com o cuidado de evitar TualTuer Irase por demais sentimental manifestou repetidas vezes sua satisfação por ter com Tuem trocar palavras sensatas.

— Sim, senhor, você veio mesmo a calhar! — disse ele, e sua voz pausada revelou a emoção. — Para mim sua chegada é um acontecimento e tanto. Ao menos acontece algo diferente... Quero dizer, representa um marco, uma ruptura dessa monotonia eterna e infinita...

— Mas o tempo de vocês passar depressa para vocês a Tui — opinou Hans Castorp.

— Depressa ou vagar, como Tuela — respondeu Joachim. — Ele não passa de modo algum, sabe? A Tui não há tempo nem vida; não há coisa alguma — acrescentou meneando a cabeça. E novamente levantou a taça.

Também Hans Castorp voltou a beber, embora o rosto lhe ardesse como fogo. Mas o seu corpo continuava irio, e nos seus membros havia um desassossego todo especial, ao

mesmo tempo eu Iórico e um tanto penoso. Suas palavras precipitavam-se; era irreverente com o irmão, mas com um gesto displicente da mão passava por cima de tais incidentes. O próprio Joachim tornara-se mais animado também, e a conversa prosseguiu ainda mais desembaraçada e alegre. Quando a senhora da mesa vizinha, cessando subitamente de cantarolar e tamborilar, levantou-se e saiu. Gesticulavam com os garfos enquanto comiam; davam-se ares de importância, com as bochechas túmidas de comida; riam-se, sacudiam a cabeça, encolhiam os ombros, e ainda com a boca cheia voltavam a palestrar. Joachim queria saber o que se passava em Hamburgo, e levou a conversa para o projeto da canalização do Elba.

— Fenomenal! — disse Hans Castorp. — Formidável para o desenvolvimento da nossa nação, e de uma importância incalculável. No orçamento, destinamos a essa obra cinquenta milhões para as despesas imediatas, e sabemos o que estamos fazendo, você pode estar certo.

Apesar da importância que atribuía à canalização do Elba, logo abandonou o assunto, para pedir que Joachim lhe contasse mais pormenores da vida “aqui em cima” e dos hóspedes. Este lhe fez a vontade com grande prazer, mas que se sentia feliz por ter uma oportunidade de desahogar-se e abrir-se. Teve que repetir a história dos cadáveres transportados pela pista de trem e assegurar que se tratava da mais pura verdade. Como

Hans Castorp mais uma vez desatasse a rir, o primo riu-se também, parecendo deleitar-se com a tuila de todo coração; e logo emendou outras coisas divertidas, a fim de manter o bom humor de sua tia. Falou de uma senhora que partilhava a mesa com ele, uma tal sra. St., mulher bastante doente, aliás, casada com um músico de Cannstatt, e ela era a criatura mais inculta que já encontrara. Ela dizia “desinteressante”, mas a sério. E ao assistente Krokowski intitulava de “Iôculo”. Era preciso ouvir tudo isso e ainda dar jeito de conter o riso. E, como se não bastasse, era mexericeira, como de resto a

maioria dos hóspedes ali em cima, e costumava contar sua companheira, a sra. Iltis, trazia consigo um “esterilete”.

— Imagine, ela diz “esterilete”! Essa é impagável...

E tuase deitados, recostados no espaldar das cadeiras, ambos riram-se tanto que o corpo deles estremeceu e ficaram com soluços tuase ao mesmo tempo.

De quando em quando, Joachim se entristecia ao pensar no seu infortúnio.

— Pois é, aqui estamos e nos divertimos — disse com uma expressão dolorosa, ainda interrompido algumas vezes pelas trepidações de seu diafragma —, e no entanto não posso prever, nem de longe, quando poderei sair daqui. Pois, quando o Behrens me diz: “Mais meio ano”, sei que preciso preparar-me

para um prazo maior. É bem duro isso. Você pode aYaliar como é triste para mim. Já me haYiam aceitado no Exército e, no mês Tue Yem, eu poderia Iazer exames para oficial. Agora YiYo aTui Yadiando com o termômetro na boca, conto os deslizos dessa ignorantona da sra. St,hr e perco meu tempo. Um ano tem tanta importância na nossa idade, traz tantas alterações e tantos progressos na Yida lá de baixo! E eu obrigado a estagnar aTui como uma poça d'água, sim senhor, como um charco apodrecido. Não há exagero nessa comparação...

Em Yez de responder, Hans Castorp limitou-se a perguntar se haYia Meito de se obter porter nesse sanatório. O primo olhou-o com certa surpresa e Yiu Tue ele estaYa a ponto de adormecer, até Má estaYa cochilando.

— Mas Yocê está é com sono! — disse Joachim. — Vamos, é hora de ir para a cama, nós dois.

— Não, não é hora, não — disse Hans Castorp com a língua trôpega. Mesmo assim seguiu Joachim, caminhando um pouco curYado, com as pernas riMas, como Tuem está literalmente caindo de cansaço. Fez, porém, um Yiolento esIorço para se recompor Tuando, no Yestíbulo pouco iluminado, ouYiu o primo dizer:

— Está aTui o KrokoZski. Tenho Tue apresentar Yocê.

O dr. KrokoZski estava sentado em uma área iluminada, ante a lareira de uma das salas de convivência, ao lado da porta corrediça escancarada, e lia o Mornal. Pôs-se de pé, quando os dois MoYens se aproximaram dele, e Joachim, em atitude militar, disse:

— Permita-me, doutor, que lhe apresente meu primo Castorp, de Hamburgo. Ele acaba de chegar.

O dr. KrokoZski saudou o novo pensionista com certa cordialidade MoYial, robusta e reconfortante, como se tivesse dado a entender que no contato com ele não havia lugar para acanhamento, mas somente confiança e despreocupação. Tinha cerca de trinta e cinco anos; era espadaúdo, obeso e muito mais baixo do que os dois, de maneira que, para encará-los, viu-se obrigado a deitar a cabeça para trás. Além disso era extremamente pálido, de uma palidez translúcida e mesmo fosforescente, que se intensificava ainda mais pelo fulgor sombrio dos olhos, pela negrura das sobancelhas e da barba comprida, que terminava em duas pontas e já mostrava alguns fios brancos. Trajava uma tatiota preta, um tanto surrada, e calçados pretos, abertos como sandálias, meias grossas de lã cinzenta e um colarinho macio e amplo, como Hans Castorp só vira até então num retrato de Dantzig, e o qual conferia ao dr. KrokoZski a aura de quem estivesse mesmo em um ateliê. Com um sorriso avelutoso, que ia com os

dentos amarelos apontassem por entre a barba, apertou a mão do MoYem e disse com Yoz arrastada de barítono e algum sotaTue estrangeiro:

— SeMa bem-Yindo, sr. Castorp! Espero Tue o senhor se aclimate rapidamente e se sinta bem entre nós. Permita-me perguntar: Yeio como paciente?

Era comoYente Yer como Hans Castorp se esIorçaYa por mostrar-se cortês e dominar a sonolência. Sentia-se irritado pelo Iato de estar tão pouco apresentáYel, e, com a desconfiada soberba peculiar aos MoYens, Yia no sorriso e na atitude conIortante do médico apenas sinais de ironia indulgente. Respondeu Tue passaria três semanas ali, ao passo Tue mencionou também seu exame e acrescentou Tue, graças a Deus, gozaYa da mais perIeita saúde.

— Será? — perguntou o dr. KrokoZski, aYançando a cabeça obliTuamente, como para caçoar, enTuanto seu sorriso se acentuaYa. — Nesse caso o senhor é um Ienômeno digno de ser estudado. Eu, pelo menos, ainda não encontrei um homem seTuer em perIeita saúde. Posso perguntar Tue exame o senhor prestou?

— Sou engenheiro, doutor — comunicou Hans Castorp com dignidade e modéstia.

— Ah, engenheiro! — E o sorriso do dr. KrokoZski como Tue se retraiu, chegou por um momento a perder a Iorça e a cordialidade. — Uma profissão excelente! De maneira Tue o senhor não pretende receber aTui TualTuer assistência médica, nem de ordem Ísica nem psíTuica?

— Não, muito obrigado! — disse Hans Castorp, a ponto de dar um passo para trás.

O sorriso do dr. KrokoZski reapareceu Yitorioso. E, enTuanto tornaYa a apertar a mão do MoYem, ele exclamou em Yoz alta:

— Pois então, sr. Castorp, durma bem, na plena conYicção de sua saúde inatacáYel! Durma bem, e até amanhã! — Com essas palaYras, despediu-se dos MoYens e Yoltou a seu Mornal.

Não haYendo mais ascensorista àTuela hora, subiram a pé pela escada, silenciosos e um tanto perturbados pelo encontro com o dr. KrokoZski. Joachim acompanhou Hans Castorp até o número trinta e Tuatro, onde o criado coxo Má depositara a bagagem do recém-chegado. Continuaram a conYersar durante um Tuarto de hora, enTuanto Hans Castorp tiraYa da mala o piMama e os obMetos de toucador, Iumando um charuto grosso, de sabor leYe. Não tiYera hoMe a oportunidade de Iumar um charuto, o Tue lhe pareceu estranho e extraordinário.

— Ele dá a impressão de ter muita personalidade — disse

Castorp, e ao Ialar expeliu a Iumaça Tue acabara de aspirar.

— E é pálido como cera. Agora, o calçado Tue usa, Tue coisa horrorosa! Imagine só: meias de lã cinzenta e ainda aTuelas sandálias! Você acha Tue no fim ele se oIendeu?

— Ele é um pouco suscetível — admitiu Joachim. — Você não deYeria ter reMeitado tão bruscamente a assistência médica, pelo menos o tratamento psíquico. Ele não gosta Tue alguém se esTuiYe a isso. Antipatiza comigo também, porTue não me abro o bastante. Mas, de Yez em Tuando, conto-lhe um sonho, para Tue tenha alguma coisa Tue analisar.

— Ah, então Ieri-lhe o orgulho — disse Hans Castorp, aborrecido; pois ficaYa bem pouco satisfeito consigo mesmo ao melindrar alguém, e com isso o cansaço acometeu-o com Iorça redobrada.

— Boa noite — disse. — Estou caindo de sono.

— Às oito Yirei buscar Yocê para o caIé da manhã — prometeu Joachim ao sair.

Hans Castorp mal se aseou antes de deitar-se. Sucumbiu ao sono tão logo apagou a lâmpada de cabeceira, mas teYe um sobressalto ao lembrar Tue na anteYéspera alguém morrera naTuela mesma cama.

— Sem dúvida não foi a primeira vez — disse para si, como se isso pudesse tranquilizá-lo. — Afinal de contas, é um leito de morte, um simples leito de morte. — E adormeceu.

Logo, porém, começou a sonhar, e sonhou consigo mesmo sem interrupção até a manhã do dia seguinte. Em especial viu Joachim Ziemssen em posição estranhamente desengonçada, a descer num trem por uma pista oblíqua. Era de um palor tão fosforescente quanto o do dr. Krokowski, e à sua frente achava-se sentado o aristocrata austríaco, cuja imagem era um tanto vaga, como a de alguém que apenas se ouvia tossir. “Isso pouco nos importa, a nós, a ti em cima”, disse o desengonçado Joachim, e logo era ele, e não o aristocrata, quem tossia

daquela maneira horripilante e lamacenta. Ao ouvi-lo, Hans Castorp verteu lágrimas amargas e verificou ser preciso correr à farmácia para comprar cold cream. Mas à beira do caminho estava sentada a sra. Iltis, de nariz pontiagudo, e tinha na mão algo que deveria ser o “esterilete”, mas não passava de um aparelho de barbear. Essa visão fez com que Hans Castorp desatasse a rir, e assim foi sendo lançado entre emoções as mais diversas, até que a manhã, despontando pela porta semiaberta da sacada, o despertou.

CAPÍTULO II

DA PIA BATISMAL E DAS DUAS FIGURAS DO AVÔ

Hans Castorp conserYaYa apenas pálidas recordações da casa paterna. Mal chegara a conhecer o pai e a mãe. Morreram ambos no curto interYalo entre o Tuinto e o sétimo ano de sua Yida. Primeiro Ialeceu a mãe, de Iorma absolutamente inesperada, em Yésperas de um parto, por causa de uma obstrução de Yasos sanguíneos, conseTuência de uma neurite; segundo diagnóstico do dr. Heidekind, Ioi uma embolia, Tue paralisou instantaneamente o coração: a mãe acabaYa de rir-se, sentada na cama, pareceu cair para trás de tanto riso, mas na realidade haYia morrido. O pai, Hans Hermann Castorp, Ioi incapaz de compreender tal coisa, e, Yisto seu grande apego à esposa, e não ser ele de compleição muito robusta, não pôde conIormar-se com tamanho golpe. Seu espírito, desde aTuele dia, tornou-se conIuso e apoucado; presa de uma espécie de torpor, cometeu uma série de erros nos negócios, de maneira Tue a firma Castorp & Filho soIreu grandes preMuízos. Na segunda primaYera depois da morte da mulher, ele contraiu pneumonia durante uma inspeção de depósitos no porto, onde YentaYa muito. Como o coração Iatigado não resistisse à Iebre alta, Ialeceu ao cabo de cinco dias, não obstante os cuidados do dr. Heidekind; e acompanhado de

numeroso cortejo de concidadãos foi unir-se à esposa no
Mazigo dos Castorp, bem localizado no
cemitério da igreja de Santa Catarina, com vista para o
Jardim Botânico.

Seu pai, o senador, sobreviveu pouco tempo, e no curto
período até morrer — também de pneumonia, a propósito, mas
só depois de muita luta e longo sofrimento, mas ao contrário
do filho Hans Lorenz Castorp dificilmente se deixava abater,
arraigado na vida como era — ora, nesse curto período, enfim, de
apenas um ano e meio, o irmão Hans Castorp morou na casa do
avô, uma mansão ao gosto do classicismo nórdico, edificada em
princípios do século passado sobre um terreno estreito, à rua da
Esplanada. Era de uma cor que lembra o céu nublado, e o
portão de entrada, flanqueado por meias colunas e no meio do
andar térreo, achava-se cinco degraus acima do chão; a casa
tinha dois pavimentos superiores, e no primeiro as janelas iam
até o chão, protegidas por grades de ferro fundido.

Nesse primeiro pavimento ficavam as salas de recepção, inclusive
a de jantar, clara, decorada com estuques, e com três janelas
guarnecidas de cortinas escarlates para o pavimento térreo.
Era nesse aposento que durante os primeiros dezoito meses
o avô e o neto almoçavam todos os dias às quatro horas, servidos
pelo velho Fiete, que trazia brincos nas orelhas, botões de

prata na casaca e uma grãYata de cambraia igual àTuela do patrão, do Tual também imitaYa o hábito de esconder na laçada o Tueixo escanhado. O aYô trataYa Fiete por “Yocê” e IalaYa com ele em dialeto baixo-alemão, não por pilhéria — Má Tue não tinha senso de humor algum —, mas com toda a seriedade e porTue sempre o Iazia no contato com gente do poYo, com estiYadores, carteiros, carroceiros e criados. Hans Castorp escutaYa-o com gosto, e com o mesmo prazer escutaYa as respostas de Fiete, igualmente em baixo-alemão, Tuando este serYia o dono da casa e se curYaYa para Ialar-lhe Munto à orelha direita, com a Tual o senador ouYia muito melhor Tue com a outra. O ancião compreendia, Iazia Tue sim e continuaYa comendo, muito

ereto entre a mesa e o alto espaldar da poltrona de mogno, Tuase Tue sem se inclinar para o prato. E o neto, sentado à sua Irente, contemplaYa em silêncio, com atenção inconsciente e proIunda, os gestos precisos e bem-cuidados, mediante os Tuais as belas mãos alYas, magras e idosas do aYô, com as unhas conYexas, aparadas em ponta, e com o anel-sinete de pedra Yerde no indicador direito, arranMaYam na ponta do garIo um bocado de carne, legumes e batatas, Tue eram conduzidos à boca enTuanto a cabeça ia-lhe ao encontro, com leYeza. Hans Castorp olhaYa então suas próprias mãos, ainda desaMeitadas, e sentia Tue nelas se preparaYa a capacidade de

maneMar mais tarde a Iaca e o garIo com a mesma perIeição do aYô.

Mais problemática, porém, era a Tuestão de saber se um dia chegaria a acomodar o Tueixo numa graYata como aTuela Tue enchia a ampla abertura do colarinho singular do aYô, cuMas pontas afiadas roçaYam as bochechas. Ora, para isso era preciso ter a idade dele, pois Má naTueles dias ninguém mais, exceto o aYô e o Yelho Fiete, usaYa colarinhos e graYatas assim. Uma lástima, porTuanto o peTueno Hans Castorp gostaYa muito de contemplar o Tueixo do aYô, apoiado no alto nó da graYata branca como neYe; ainda Tuando adulto essa lembrança causaYa-lhe prazer: haYia ali algo Tue ele aproYaYa do mais Iundo de seu coração.

Terminada a reIeição, os guardanapos eram dobrados, enrolados e enfiados nas argolas de prata, tareIa da Tual Hans Castorp, naTuela época, se desincumbia apenas com dificuldade, dado serem esses guardanapos tão grandes Tuanto peTuenas toalhas. O senador leYantaYa-se da poltrona, Tue Fiete puxaYa para trás, e ia, de passo arrastado, ao “gabinete”, em busca de um charuto. Às Yezes, o neto o seguia até ali.

Esse “gabinete” deYia sua origem ao Iato de a sala de Mantar ocupar toda a largura da casa e ter três Manelas, de modo Tue não restara espaço suficiente para três salões,

como se costuma encontrar nas casas desse tipo, senão apenas dois, um dos Tuais IormaYa um ângulo reto com a sala de Mantar e tinha somente uma Manela. Para eYitar Tue esse salão ficasse excessivamente amplo, haYiam Ieito uma subdiYisão por meio de um tabiTue, aproximadamente na Tuarta parte do seu comprimento, Iormando-se assim o dito “gabinete”, uma peça estreita, Tue de uma claraboia recebia uma luz crepuscular e continha apenas poucos móYeis: uma estante, na Tual se achaYam as caixas de charutos do senador; uma mesa de Mogo, cuMa gaYeta abrigaYa obMetos atraentes, como naipes de uíste, fichas, tabuletas de dentes móYeis para marcar pontos, uma lousa com lápis de pedra, boTuilhas de papel e outras coisas; e finalmente no canto haYia um armário de Yidro, estilo rococó, de madeira de mogno, atrás de cuMas Yidraças se achaYam cortinas de seda amarela.

— VoYô, por IaYor — é o Tue o peTueno Hans Castorp sentia-se à Yontade para dizer, nesse gabinete, pondo-se nas pontas dos pés para estar mais próximo ao ouYido do ancião —, me mostra a pia batismal!

E o aYô, Tue Má aIastara para trás a aba comprida da sobrecasaca de casimira macia e tirara do bolso da calça um molho de chaYes, abria então o armário, de cuMo interior emanaYa um aroma singularmente misterioso e agradáYel ao menino. Ali estaYa guardada toda espécie de obMetos pouco

usados e Mustamente por isso Iascinantés: um par de candelabros de prata, um barômetro Tuebrado com figuras talhadas em madeira, um álbum de daguerreótipos, um licoreiro de madeira de cedro, um peTueno turco, duro ao tato sob sua roupagem de seda e Tue tinha na barriga um mecanismo engenhoso Tue outrora lhe permitira caminhar sobre a mesa, mas Má não IunctionaYa haYia muito tempo, um modelo de naYio antigo, e bem no Iundo, até uma ratoeira. O ancião, entretanto, retiraYa da prateleira do centro uma bacia redonda, de prata muito oxidada, Tue ficaYa sobre uma bandeMa, também de prata, e assim

mostraYa ao menino os dois obMetos: tiraYa-os um de cima do outro e exhibia-os de todos os lados, dando-lhe noYamente as mesmas explicações de tantas outras Yezes.

Originalmente a bacia e a bandeMa não IormaYam um Mogo, como bem se Yia, e como o peTueno YoltaYa a aprender; mas combinaYam-se no uso — dizia o aYô — Iazia uns cem anos, isto é, desde a compra da bacia. Esta era Iormosa, de linhas simples e nobres, com a marca do gosto austero Tue reinaYa em princípios do século anterior. Polida e maciça, repousaYa sobre um pé redondo e era dourada no seu interior; mas desse ouro sobrara com o tempo somente um reflexo de amarelo pálido. Como único adorno, uma coroa de rosas e Iolhas denteadas, laYrada em releYo, cobria a borda superior. Quanto à bandeMa, podia-se ler a

data Tue lhe conIeria uma antiguidade muito maior: “mil seiscentos e cinTuenta”, em números enIeitados de arabescos, emoldurados por toda espécie de desenhos distribuídos desordenadamente, à “maneira moderna” daTuela época, mistura exuberante e arbitrária de escudos e rabiscos, metade flores metade estrelas. No reYerso da bandeMa, porém, estaYam inscritos os nomes dos cheIes de Iamília Tue no decorrer dos anos a tinham possuído: Má haYia ali sete nomes, cada Tual com o ano da transmissão do obMeto, e o ancião recitaYa-os ao neto um a um, indicando-os com a ponta de seu dedo ornado de anel. EstaYa ali o nome do pai, assim como o do próprio aYô, o do bisayô, e depois se dobraYa, triplicaYa, TuadruplicaYa o prefixo na boca do narrador. O menino, com a cabeça inclinada para o lado, ouYia tudo isso, craYando na bacia um olhar pensatiYo, sonhador ou abstrato, e abrindo a boca inIantil numa expressão entre respeitosa e sonolenta; ouYia esses “bis, tris, tetra”, sons obscuros de tumba e de tempos soterrados, Tue todaYia expressaYam uma ligação piedosamente mantida entre o presente — a sua própria Yida — e aTuele mundo submerso. Esses sons exerciam sobre o menino um eIeito esTuisito, Tue se refletia em seu rosto. Ao ouYi-los, tinha a impressão de respirar um ar Irio, bolorento, o ar da igreMa de Santa Catarina ou da cripta de São Miguel; parecia-lhe sentir o sopro daTueles lugares onde as

peessoas tiram os chapéus e aYançam num andar reYerente, cadenciado, na ponta dos pés; MulgaYa ouYir até mesmo o silêncio remoto, pacato, desses lugares ecoantes; ao som dessas sílabas surdas, sensações deYotas mesclaYam-se com a ideia da morte e da história, e tudo isso era benIazeMo ao garoto; Tuem sabe se não era para ouYi-las e repeti-las mais uma Yez Tue ele gostaYa tanto de contemplar a pia batismal?

Depois, o aYô repunha a bacia sobre a bandeMa e mostraYa ao menino a concaYidade lisa, leYemente dourada, Tue resplandecia sob a luz Yinda do teto.

— Já Iaz Tuase oito anos — dizia — Tue te leYantamos sobre esta bacia, e Tue a água com Tue Ioste batizado caiu dentro dela. O sacristão Lassen da paróTuia de São Jacó Yerteu-a na mão em concha do bom pastor Bugenhagen, e dali ela correu sobre tua cabeça até a bacia. A água tinha sido amornada, para Tue não te assustasses e chorasses, e de Iato não choraste nem um pouTuinho, embora antes gritasses de tal maneira Tue Bugenhagen tinha dificuldades de Iazer seu sermão. Mas Tuando sentiste a água, ficaste Tuietinho, e Tueiramos crer Tue por respeito ao Santo Sacramento. E por estes dias Yai Iazer Tuarenta e Tuatro anos Tue teu saudoso pai recebeu o batismo, e a água Tue correu da cabeça dele caiu nesta mesma bacia. Foi aTui, nesta casa, sua casa paterna, na sala ao lado, e Tuem o batizou Ioi ainda o Yelho pastor Hesekiel, a Tuem os

Iranceses Tuase Iuzilaram Tuando MoYem, porTue pregara contra suas rapinagens e saTues; esse pastor também Má Iaz muito, muito tempo Tue está Munto de Deus. E há setenta e cinco anos batizaram a mim, também nesta mesma sala, e mantiYeram minha cabeça por cima da bacia, exatamente como a Yês agora colocada sobre a bandeMa; e o pastor pronunciou as mesmas palaYras como no teu batizado e no

de teu pai, e a água morna e límpida correu da mesma Iorma dos meus cabelos (não tinha muito mais do Tue tenho agora) e caiu aTui, nesta bacia dourada.

O peTueno leYantaYa os olhos para a cabeça fina e comprida do ancião, Tue YoltaYa a inclinar-se para a bacia, como fizera naTuele momento Má longínTuo a Tue se reIeria. E se apoderaYa do menino uma sensação Má muitas Yezes experimentada, a impressão estranha, entre sonhadora e angustiante, de algo Tue desfilaYa sem se moYer, Tue se mudaYa e contudo permanecia, algo Tue era tanto reiteração como Yertiginosa monotonia — impressão Tue ele conhecia de outras ocasiões, e cuMa Yolta esperara e deseMara. Era em parte pelo prazer de senti-la mais uma Yez Tue pedia ao aYô Tue lhe mostrasse a relíTuia da Iamília, na sua imutáYel progressão.

Quando, mais tarde, o MoYem se examinaYa a si mesmo, YerificaYa Tue a imagem do aYô se lhe graYara na memória com muito maior nitidez, intensidade e significação do Tue a de seus

próprios pais; isso talvez se devesse a alguma simpatia ou afinidade física particular, pois o neto se parecia com o avô, tanto quanto um idelho de faces rosadas pode ter semelhança com um septuagenário encanecido e esclerótico. Mas, antes de tudo, esse fato era em si mesmo do ancião, talvez incontestavelmente a figura mais característica, a personalidade pitoresca da família.

No entanto se referia a assuntos públicos, muito antes do traspasse de Hans Lorenz Castorp o tempo já atropelara sua maneira de ser e pensar. Fora homem profundamente cristão, membro da Igreja Reformada, de opiniões tradicionalistas, e empenhava-se com tamanha tenacidade por manter aristocraticamente restrito o círculo social apto a ascender ao governo talvez parecia viver no século XIV, tempo em que as corporações de artesãos da cidade, vencendo a encarniçada resistência do patriciado livre, conquistaram o direito de voto e assento no Conselho Municipal. O velho sentia grande dificuldade em adaptar-se a inovações. Sua

vida coincidia com uma era de rápido desenvolvimento e revoluções múltiplas, com decênios de progresso em marcha forçada, talvez haviam exigido muita audácia e grande abnegação nos negócios públicos. Mas Deus sabe talvez não fora por culpa do velho Castorp que o espírito moderno obtivera seus conhecidos e brilhantes triunfos. Ele dava maior importância às

tradições ancestrais e às instituições antigas do Tue às arriscadas ampliações do porto e outros ímpios arremedos de cidades grandes; reIreara e se opusera sempre Tue possíYel, e se Iosse por ele a administração seria ainda hoMe tão idílica e antiTuada como seu próprio escritório.

Era assim Tue o ancião, em tempos de Yida e mesmo depois, se apresentaYa aos olhos de seus concidadãos, e se o peTueno Hans Castorp nada entendia de assuntos públicos, seu olhar silencioso e contemplatiYo de criança Iazia como Tue exatamente as mesmas obserYações; obserYações mudas, despidas de crítica, porém cheias de Yida, e Tue mais tarde, como reminiscência consciente, conserYaYam seu caráter de irrestrita aproYação, hostil a TualTuer análise Yerbal. Como Má dissemos, haYia nisso um Tuê de simpatia, aTuele laço íntimo, aTuela afinidade de almas Tue não raras Yezes salta uma geração. Os filhos e os netos contemplam, para admirar, o Tue sua massa hereditária Iaz anteYer, e admiram o Tue Yeem, na intenção de aprender e aperIeiçoar.

O senador Castorp era alto e macilento. Os anos lhe haYiam curYado os ombros e a nuca, mas ele Iazia esIorço intenso para compensar isso por uma postura muito ereta. Ao assumi-la, numa dignidade penosamente mantida, contraía-se-lhe a boca, cuMos lábios Má não se apoiaYam em dentes, repousando sobre as gengiYas Yazias, uma Yez Tue o ancião punha a dentadura

postiça apenas para comer. E Mustamente esse esIorço, aumentado talYez pelo empenho de esconder um incipiente tremor da cabeça, é Tue determinaYa aTuela atitude austera e tesa, com o Tueixo

escorado pelo nó da graYata, posição Tue tanto agradaYa ao peTueno Hans Castorp.

O senador apreciaYa a caixinha de rapé — usaYa uma oblonga, de tartaruga, laYrada de ouro — e serYia-se de lenços Yermelhos, cuMas pontas costumaYam pender do bolso traseiro da sobrecasaca. Se bem Tue isso não deixasse de ser uma nota um tanto cômica de sua personalidade, parecia perIeitamente admissíYel em consideração à idade, como negligência Tue a Yelhice ora se permite, de modo consciente e bem-humorado, ora acarreta, sob uma insciência digna de respeito. Em todo caso, era esse o único sinal de IraTueza Tue o olhar arguto do peTueno Hans Castorp obserYaYa na pessoa do aYô. Mas, para o menino de sete anos tanto como para a recordação do adulto, a imagem cotidiana e Iamiliar do ancião não constituía a genuína e Yerdadeira. Na sua realidade autêntica, o aYô tinha aspecto diIerente, bem mais belo e correto Tue o corriTueiro: era o aspecto Tue apresentaYa em um retrato seu de tamanho natural, Tue antigamente estiYera pendurado na sala de estar dos pais do peTueno Hans Castorp, e depois emigrara com ele para a rua da Esplanada, onde recebera

seu lugar por cima do sofá de seda vermelha, na sala de recepção.

O retrato mostra Hans Lorenz Castorp vestido com os trajes oficiais de vereador da cidade — essa roupa burguesa austera, e até piedosa, de eras desaparecidas, tem uma comunidade ao mesmo tempo conservadora e progressista nela consigo através dos tempos, resservando-a ao uso adequado para confundir de forma cerimoniosa o passado com o presente, o presente com o passado, e para evidenciar o nexo inextinguível entre todas as coisas, a veneranda solidez de suas firmas comerciais. Sobre um chão coberto de tapetes vermelhos, diante de um fundo de pilares e arcos ogivais, o senador Castorp aparecia em pé, de corpo inteiro, com o tuiço inclinado e as commissuras da boca apontando para baixo, olhando nas

paredes a mirada contemplativa dos olhos azuis, empapuçados. A veste talar negra, aberta na frente, ia até os ombros e exibia nas orlas um largo decote de peles. De umas meias mangas amplas, estufadas e adornadas de galões, saíam outras mangas, mais curtas, de pano liso. Punhos de renda cobriam as mãos até a metade. As pernas finas do ancião estavam revestidas de meias de seda preta, e os pés, calçados de sapatos com fitas de prata. Rodeava-lhe o pescoço uma gola larga como um prato, engomada e disposta em numerosas

pregas, Tue o Tueixo aplanaya na parte dianteira, e Tue se leYantaYa de ambos os lados. Por baixo dela caía sobre o colete um Iolho pregueado de cambraia. Sob o braço, o ancião leYaYa o tradicional chapéu de aba larga, cuMa copa terminaYa em ponta.

Era um retrato excelente, criado pela mão de artista aIamado, de ótimo gosto e ao estilo dos mestres antigos, bastante apropriado ao tema. Trazia à lembrança de Tuem o contemplasse Tuadros espanhóis ou holandeses do fim da Idade Média. O peTueno Hans Castorp olhara-o IreTuentemente, não como um perito de arte, é claro, mas com certa compreensão mais geral e até mesmo com muita perspicácia. Embora não tiYesse Yisto o aYô em pessoa tal como a tela o representaYa senão uma única Yez, e assim mesmo durante um curto instante, por ocasião da chegada de um corteMo solene ao palácio da municipalidade — não deixaYa de considerar, como Má dissemos, a aparência do retrato a Yerdadeira e genuína, e de Yer no aYô de todos os dias apenas a Iorma interina, um substituto imperIeitamente adaptado ao seu papel. Pois o Tue haYia de diIerente e esTuisito em seu aspecto cotidiano tinha origem em uma tal adaptação, imperIeita e Tuiçá um tanto desaMeitada, nela se mantinham restos e Yestígios de sua Iorma pura e autêntica, e não haYia como extingui-los por completo. Assim, estaYam Iora

de moda o colarinho duro, pontudo, e o alto nó da gravata branca; mas era impossível

aplicar o termo “Iora de moda” à aquela peça de vestuário admirável, à qual as demais constituíam apenas alusão interina: a goliha espanhola. E o mesmo acontecia com a cartola de abas inusitadamente recurvas que o velho usava na rua, e à qual correspondia, numa realidade superior, o feltro de aba larga reproduzido no quadro; e com a sobrecasaca pregueada e longa, cujo modelo e essência eram, aos olhos do pequeno Hans Castorp, a veste talar, agalorada e debruada de peles.

Assim o menino apareceu no seu íntimo que o velho surgisse em plena autenticidade e perfeição no dia em que chegou a hora de lhe dizer adeus para sempre. Isso foi na sala, na mesma sala onde tantas vezes haviam feito as refeições, sentados um em frente do outro. No seu centro havia agora Hans Lorenz Castorp, estendido no caixão enfeitado de prata, exposto numa mesa rodeada de coroas. Lutara até o fim contra a pneumonia, lutara tenaz e demoradamente, embora até ali houvesse dado a impressão de só se sentir em casa nesta vida à custa de uma forçosa adaptação ao presente; e agora havia no seu leito de gala, vencedor ou vencido, não se sabia ao certo, e tinha em todo caso uma expressão serena e sossegada, e a fisionomia, depois de todas essas lutas, aparecia mudada, o nariz, mais pontiagudo, e a metade inferior do corpo, escondida sob um

cobertor, em cima do Tual se achaYa um ramo de palmeira; a cabeça erguida pousaYa sobre um traYesseiro de seda, de modo Tue o Tueixo se conchegaYa imponentemente à concaYidade dianteira da golilha espanhola; e entre as mãos meio ocultas pelos punhos de renda, cuMos dedos, embora imitando uma posição natural, não deixaYam de reYelar Irieza e imobilidade, alguém introduzira um crucifixo de marfim, Tue o deIunto, de sob as pálpebras abaixadas, parecia fitar incessantemente.

No princípio da enIermidade, Hans Castorp Yira o aYô diYersas Yezes, mas depois não tornara a Yê-lo. HaYiam eYitado Tue ele assistisse ao espetáculo da luta, Tue na sua maior parte se desenrolara durante as horas noturnas. Só indiretamente o menino sentira suas conseTuências, em Yirtude da atmosIera angustiada da casa, dos olhos aYermelhados do Yelho Fiete, das idas e Yindas dos médicos; o resultado final, porém, Tue ele agora presenciaYa na sala, resumia-se no Iato de Tue o aYô, solenemente desobrigado daTuela adaptação passageira, assumira em definitiYo o seu genuíno e merecido aspecto — e esse resultado parecia digno de aproYação, ainda Tue o Yelho Fiete Yertesse lágrimas, meneando sem cessar a cabeça, e Tue até mesmo Hans Castorp chorasse, como o fizera Tuando da repentina morte da mãe, e pouco tempo depois em presença do pai, Tue também estiYera estendido assim, não menos silencioso e estranho.

Afinal Má era a terceira vez, num curto lapso de tempo, e numa idade tão tenra, que a morte agia sobre o espírito e os sentidos — principalmente os sentidos — do pequeno Hans Castorp. Esse quadro e essa impressão não lhe eram novos, senão bastante familiares, e se nas duas ocasiões anteriores Má se mostrara comedido e dono de si, sem perder o domínio dos nervos, apesar da tristeza natural que sentia, dessa vez apareceu tranqüilidade ainda maior. Como ignorasse a significação prática que aqueles acontecimentos tinham para a sua existência, ou talvez por considerá-los com certa indiferença pueril, confiante em que o mundo, desse ou daquele modo, cuidaria de seu bem-estar, manifestou em frente dos ataúdes certa frieza, igualmente pueril, bem como uma atenção obstinada, à qual o terceiro enterro acrescentou um matiz especial, baseado no sentimento e expressão da experiência anterior, que o imunizou contra os frequentes acessos de choro e o contágio do pranto dos demais, fazendo que tudo isso se lhe afigurasse como uma reação normal. No decorrer de três ou quatro meses após o falecimento do pai, esquecera-se da morte; agora se recorda dela, e todas as impressões antigas reafirmaram-se simultâneas, exatas e intensas na sua peculiaridade incomparável.

Analisadas e resumidas, essas impressões seriam mais ou menos as seguintes: a morte tinha dois aspectos, um piedoso,

significatiYo, de melancólica beleza, Tuer dizer, um aspecto religioso, e ao mesmo tempo tinha outro, absolutamente diYerso e até mesmo oposto, um aspecto muito Ísico, bem material, Tue era impossíYel Tualificar propriamente de belo, significatiYo, piedoso, nem seTuer de triste. A natureza solene e religiosa expressaYa-se no suntuoso ataúde do deIunto, na magnificência das flores e no ramo de palmeira, Tue, como se sabe, simbolizaYam a paz celestial; expressaYa-se além disso, ainda mais nitidamente, no crucifixo entre os dedos exangues de Tuem outrora Iora o aYô, no Redentor de ThorYaldsen, a distribuir bênçãos Munto à cabeceira do Iéretro, e em dois candelabros, cada um de um lado do ataúde, também eles dotados de caráter eclesiástico, naTuela ocasião. Todas essas disposições encontraYam seu sentido preciso, próprio e eYidente na ideia de Tue o aYô se unira para sempre com sua figura genuína e Yerdadeira. Mas, além dessa razão de ser, existia — como o peTueno Hans Castorp bem notaYa, ainda Tue não se desse conta disso em palaYras — mais uma outra, uma finalidade mais proIana, a maniIestar-se em tudo isso, principalmente naTuela multidão de flores, em especial nas tuberosas, espalhadas por toda parte: cabia- lhes disIarçar, Iazer esTuecer e não admitir ao limiar da consciência o segundo aspecto da morte, Tue não era nem belo nem realmente triste, mas, a bem dizer, Tuase indecente e de um caráter baixo e carnal.

Era em virtude desse segundo aspecto que o aYô de Iunto se afigurava tão estranho, que no Iundo nem parecia o aYô, senão um boneco de cera, de tamanho natural, que a morte pusera em seu lugar, e ao qual agora se dedicavam todas essas pompas piedosas e reverentes. Aí ele — ali Mazia, ou melhor, aquilo que ali Mazia, não era portanto o Verdadeiro aYô; não passava de um inYólucro, — Hans

Castorp sabia-o muito bem — não constava de cera, mas de sua própria matéria; apenas de matéria, e precisamente nisso residiam o indecente e a ausência de tristeza; aquilo era tão pouco triste como são as coisas que dizem respeito ao corpo e apenas a ele. O próprio Hans Castorp contemplou a matéria lisa, amarelo-cera e firme como aquela que era feita daquela figura morta de tamanho natural, com o rosto e as mãos do ex-aYô. Naí ele instante uma mosca pousou na testa imóvel e começou a mexer sua tromba para cima e para baixo. O velho Fiete espantou-a cautelosamente, evitando tocar a testa; ao fazê-lo, exibiu uma fisionomia reservada e pudica, como se não desejasse nem tivesse saber do ato que praticava; pudor que sem dúvida se devia ao fato de ser o aYô, no atual estado, corpo e nada mais. Mas a mosca deu um Yoo circular e aterrissou em seguida nos dedos do aYô, perto da cruz de marfim. Enquanto isso se dava, Hans Castorp sentiu mais que antes aquela emanção leve, mas particularmente persistente, que não lhe

era estranha e Tue, por Yergonhoso Tue Iosse, lembraYa-lhe um colega de escola aIetado de um mal desagradáYel e por isso eYitado pelos colegas. E Hans Castorp compreendeu Tue o aroma das tuberosas tinha por obMetiYo abaIar essa emanção, o Tue não lograYa Iazer, apesar de tanta exuberância, beleza e austeridade.

EsteYe diYersas Yezes diante do cadáYer: uma Yez a sós com o Yelho Fiete; outra, com seu tio-aYô Tienappel, negociante de Yinhos, e os dois tios James e Peter; depois uma terceira Yez, Tuando um grupo de estiYadores endomingados permaneceu durante alguns minutos ante o ataúde, para despedir-se do antigo cheIe da casa Castorp & Filho. Então chegou a hora do enterro. A sala ficou cheia de gente, e o pastor Bugenhagen, da igreMa de São Miguel, o mesmo Tue batizara Hans Castorp, pronunciou a oração Iúnebre, ornado de uma golilha espanhola. No coche Tue, logo atrás do carro Iúnebre, daYa início a uma fila muito, muito comprida, o pastor conYersou de modo bem gentil

com Hans Castorp — e assim findou essa etapa, e logo depois, embora tão MoYem, Hans Castorp mudou de casa e de ambiente pela segunda Yez em sua Yida.

DA CASA DOS TIENAPPEL E DO ESTADO MORAL DE HANS CASTORP

Isso não lhe redundou em desvantagem, pois passou a morar na casa do cônsul Tienappel, seu tutor nomeado pelo tribunal. Nada lhe faltava ali, nem com respeito a sua pessoa, nem tampouco no referente à defesa de seus interesses, dos quais ele ainda nada sabia. O cônsul Tienappel, tio da saudosa mãe de Hans, administrava os bens deixados pelos Castorp. Pôs à venda os imóveis, também se encarregou de liquidar a firma Castorp & Filho, Importação e Exportação, e o Tio conseguiu salvar por um uns quatrocentos mil marcos: a herança de Hans Castorp. O cônsul Tienappel aplicou-os em valores seguros, cobrando no início de cada trimestre, não obstante os sentimentos de parente, dois por cento de comissão legal sobre os rendimentos.

A casa dos Tienappel, situada no fundo de um jardim à entrada de Harvesthede, dava para um gramado, no qual não se tolerava qualquer daninha por menor Tio Iosse. Atrás havia um roseiral público, depois o rio. Apesar de possuir uma bela carruagem, o cônsul caminhava todos os dias ao escritório na cidade Velha, a fim de fazer um pouco de exercício, Má Tio às vezes sofria de ligeiras congestões cerebrais, e às cinco da tarde regressava da mesma maneira para o almoço, segundo o

costume cultivado com esmero na casa dos Tienappel. Era um homem de corpo avantajado, vestia-se com os melhores tecidos ingleses, e tinha olhos azuis um tanto saltados, atrás de óculos com aros de ouro, o nariz coberto de espinhas, barba grisalha de marinheiro e um diamante esplendoroso no curto mindinho da mão esquerda. Sua mulher Má falecera há muito tempo. Tinha dois filhos, Peter e James. O primeiro servia na marinha e passava apenas pouco tempo na casa paterna, ao passo que o outro trabalhava no comércio de vinhos da família, como futuro herdeiro da firma. A casa da família era

dirigida desde muitos anos por Schalleen, filha de um ourives de Altona, que andava com os punhos engomados em volta dos pulsos roliços; cumpria a ela cuidar de que na mesa de almoço e de jantar houvesse fartura de irios, camarões, salmão, enguia, peito de ganso, e tomato ketchup para o rosbife; ela observava com olhos vigilantes os garçons contratados por ocasião dos banquetes que o cônsul Tienappel dava aos seus amigos, e também era ela que, na medida do possível, servia de mãe ao pequeno Hans Castorp.

Hans Castorp se criou num clima abominável, entre vento e bruma, criou-se, por assim dizer, dentro de um impermeável amarelo, e em geral sentia-se perfeitamente bem. Desde cedo foi um pouco anêmico, conforme verificou o mesmo dr. Heidekind, que lhe prescreveu, para antes do almoço, após a

aula, um volumoso copo de porter, bebida substancial, como se sabe, e considerada pelo doutor altamente sanguificativa. Em todo caso, o porter tranqüiliza a vitalidade de Hans Castorp de modo apreciável e, para seu bem, aumenta nele uma determinada tendência para a “basbafoice”, como dizia seu tio Tienappel, ou seja, a sua inclinação para sonhar, de boca aberta, sem pensar, e com o olhar ao longe. De resto era sadio e normal, um tenista regular e um bom remador, se bem que preferisse ao manuseio dos remos instalar-se numa noite de verão no terraço do clube náutico de Uhlenhorst, diante de um copo cheio, para apreciar a música e contemplar os barcos iluminados, por entre os quais os cisnes sulcavam o irisado espelho das águas. Bastava ou ouvi-lo falar calma e ponderadamente, sem grande profundidade e com alguma monotonia, a voz marcada pelo dialeto alemão do norte; e bastava examinar-lhe de relance a correção loura, o perfil finamente recortado, de certo cunho antigo em que uma arrogância hereditária e inconsciente se manifestava sob a forma de uma indolência um tanto árida, para verificar que, sem sombra de dúvida,

esse Hans Castorp era mesmo um produto puro e autêntico desta terra, assentado em seu lugar com absoluta perfeição

— ele próprio, caso lhe ocorresse questionar-se, não teria dúvida alguma quanto a isso.

A úmida atmosfera da grande cidade marítima, mescla de vida e mercantilismo de envergadura mundial, esse ar que enchera de prazer a vida dos seus antepassados, Hans Castorp respira-o com profunda aprovação, saboreando-o como uma coisa natural. Com o olfato penetrado pelas emanações da água, da hulha e do alcatrão e pelos acres odores de montões de produtos coloniais, via como nos cais do porto os enormes guindastes e a vapor imitava a calma, a inteligência e a gigantesca força de elementos a serviço do homem, transportando toneladas de sacos, fardos, caixas, barris e tambores, dos navios de transatlânticos ancorados até os armazéns das docas ou os vagões da estrada de ferro. Via os comerciantes, com impermeáveis amarelos como o dele próprio, afluírem à Bolsa por volta do meio-dia, onde, como ele sabia, se muito alto, e facilmente acontecia que alguém se visse obrigado a distribuir conchitos apressados para um grande banquete destinado a saldar-lhe o crédito. Via (e foi esse o campo em que mais tarde se concentraram seus principais interesses) a multidão que ia e vinha nos estaleiros; via os corpos de mamute de vapores regressados da Ásia ou da África, altos como torres, com as tuilhas e hélices no ar, escorados em pontaletes grossos como árvores no chão seco, monstruosos na sua paralisia, envolvidos por exércitos de operários que pareciam pigmeus, ocupados em raspar, martelar e pintar; via nos picadeiros cobertos erguerem-se, e voltos numa cerração imosa, os

estuetos de naYios em construção, enquanto engenheiros, com os planos de construção e as tabelas de zonchadura na mão, daYam ordens aos capatazes. Todas essas coisas eram familiares a Hans Castorp desde sua infância, e despertaYam nele apenas a sensação conIortáYel e habitual de fazer parte de tudo isso; essa impressão

culminou Tuando, numa manhã de domingo no PaYilhão do Alster, em companhia de James Tienappel ou de seu primo Ziemssen — Joachim Ziemssen — comeu pãezinhos Tuentes com carne deIumada, regados por um copo de Yinho do Porto enYelhecido, para então reclinar-se na poltrona e aspirar com Yolúpia a Iumaça de seu charuto. Pois era Mustamente nesse ponto Tue Hans Castorp representaYa um produto genuíno da sua terra: gostaYa de YiYer bem, e, apesar da sua aparência anêmica e refinada, agarraYa-se com IerYor e firmeza, Tual um lactente deliciado pelos seios da mãe, aos prazeres Íísicos Tue a Yida lhe oIerecia.

LeYaYa sobre os ombros, comodamente e com certa dignidade, a eleYada condição de ciYilidade Tue a alta sociedade dessa democracia municipal de comerciantes transmite aos seus filhos. Ia laYadinho como um neném e Iazia-se Yestir pelo alIaiate Tue gozaYa da confiança dos MoYens da sua esIera social. O peTueno tesouro de roupa de dentro marcada com tanto cuidado, Tue guardaYam as gaYetas inglesas de seu

armário, era lealmente administrado por Shalleen; e mesmo Tuando Hans Castorp passou a estudar Iora, continuou mandando regularmente a roupa branca para casa, a fim de Tue ali a laYassem e consertassem (pois sua máxima era Tue, exceto em Hamburgo, ninguém mais no Reich sabia engomar bem), e bastaYa um pedacinho puído no punho de uma de suas bonitas camisas de cor para enchê-lo de um mal-estar Yiolento. Suas mãos, embora não Iossem tipicamente aristocráticas, tinham a pele bem-cuidada e macia, adornadas pelo anel-sinete, herança do aYô, e por outro anel de platina em Iorma de corrente, e seus dentes, Tue eram suscetíYeis e haYiam soIrido algumas aYarias, traziam obturações de ouro.

Ao caminhar ou permanecer de pé, aYançaYa um pouco o Yentre, o Tue não daYa propriamente uma impressão de energia marcial. Em compensação era impecáYel sua postura à mesa. Ele era gentil ao Yoltar o tronco teso para o

Yizinho com Tuem IalaYa (pausadamente e com leYe sotaTue do norte alemão), e os cotoYelos achegaYam-se ao corpo enTuanto dissecava um pedaço de Irango ou extraía, ao manusear com habilidade o talher especial, a carne rosada de uma pinça de laYagante. Terminada a reIeição, era sua primeira necessidade a tigelinha de água perIumada para laYar os dedos, e a segunda, o cigarro russo, sonogado ao imposto alIandegário, uma Yez Tue Hans Castorp tinha uma

Hoje conveniente onde comprá-lo a contrabando. Ao cigarro seguia-se o charuto, de uma saborosa marca de Bremen, chamado Maria Mancini, do Tual se Ialará mais adiante, e cuMas substâncias picantes se combinaYam deliciosamente com as do caIé. Hans Castorp punha as suas proYisões de Iumo a salYo das influências preMudiciais da caleIação a Yapor, guardando-as no porão, aonde descia todas as manhãs para abastecer a charuteira com a dose diária. Só com relutância teria comido manteiga Tue lhe serYissem num bloco e não em Iorma de bolinhas estriadas.

Como se Yê, empenhamo-nos em dizer tudo Tuanto possa criar disposição IaYoráYel a ele, mas Mulgamo-lo sem exagero e não o apresentamos nem melhor nem pior do Tue era. Hans Castorp não era um gênio nem um imbecil, e a razão de eYitarmos para sua Tualificação o termo “mediocre” reside em circunstâncias Tue nada têm Tue Yer com sua inteligência, e Tuase nada com sua personalidade singela; Iazemo-lo deYido ao respeito Tue temos por seu destino, ao Tual nos sentimos inclinados a atribuir certa significação supraindiYidual. Seu cérebro satisIazia as exigências do curso científico do colégio sem Tue tiYesse Tue empreender esIorços excessiYos — e ele decerto não estaria inclinado a empreendê-los sob circunstância alguma e por TualTuer obMetiYo Iosse; e isso se deYeria menos ao medo de se preMudicar do Tue a não Yer razão para

empreender esses esforços; ou melhor: por não ter razão incondicional alguma para empreendê-los. É precisamente por isso que não o chamamos de medíocre, mas que ele percebia, dessa ou daquela forma, a ausência de tais razões.

O homem não vê somente sua vida pessoal como indivíduo; consciente ou inconscientemente, participa também da vida de sua época e de seus contemporâneos. Até mesmo uma pessoa inclinada a buscar absolutas e naturais as bases gerais e impessoais da sua existência, e que permaneça tão distante quanto o bom Hans Castorp da ideia de criticá-las — até uma pessoa assim pode facilmente sentir seu bem-estar moral um tanto diminuído pelos defeitos inerentes a essas bases.

O indivíduo pode assumir numerosos objetivos pessoais, finalidades, esperanças, perspectivas, que lhe deem impulso para grandes esforços e elevadas atividades; mas, quando o elemento impessoal que o rodeia, quando o próprio tempo, não obstante toda a agitação exterior, carece de esperanças e perspectivas fundamentais e se lhe revela como desesperador, desorientado e sem saída, e quando responde com um silêncio mudo à pergunta que de qualquer modo se faz, consciente ou inconscientemente, acerca do sentido supremo, ultrapessoal e absoluto, acerca de toda atividade e de todo esforço — então se tornará ineficaz, especialmente entre as naturezas mais retas, o efeito paralisador desse estado de coisas, e esse efeito será

capaz de ir além do domínio da alma e da moral, e de aIetar a própria parte Iísica e orgânica do indiYíduo. Para alguém se dispor a empreender uma obra Tue ultrapasse a medida da necessidade pura e simples, sem Tue seu tempo saiba uma resposta satisfatória à pergunta “Para Tuê?”, é indispensáYel um isolamento e prontidão moral, algo raro e de natureza heroica, ou então uma Yitalidade muito robusta. Hans Castorp não possuía nem uma nem outra dessas Tualidades, então está claro por Tue era medíocre, ainda Tue num sentido bastante decoroso.

Tudo isso se reIere à disposição interior do nosso MoYem não só durante sua Yida escolar, senão também durante os anos posteriores a ela, Tuando Má escolhera a sua profissão ciYil. Quanto à sua carreira ao longo dos anos escolares, cabe dizer Tue se Yiu obrigado a repetir um Tue outro. Mas afinal a sua origem, a urbanidade de suas maneiras e também um belo talento, embora pouco apaixonado, para a matemática aMudaram-no a seguir adiante; concluída a Iormação básica Hans Castorp decidiu cursar também os anos mais aYançados — sobretudo, cabe dizer a Yerdade, a fim de prolongar uma situação habitual, proYisória e indecisa e de ganhar tempo para refletir sobre o Tue deseMaYa Yir a ser; pois a princípio não o sabia com certeza, nem seTuer no último ano do colégio chegou a Iormar uma opinião firme a esse respeito, e Tuando a coisa se decidiu (seria

exagerado dizer que ele mesmo tomou a decisão) ainda lhe resta a sensação de que bem poderia ter escolhido um outro caminho.

Uma coisa, entretanto, era verdade: os filhos sempre lhe haviam despertado grande interesse. Na infância enchera as páginas das suas agendas com desenhos a lápis de cúteres de pesca, chatas carregadas de legumes e veleiros de cinco mastros. Aos quinze anos, gozou do privilégio de assistir, de um lugar reservado, nos estaleiros de Blohm & Voss, ao lançamento de um novo protótipo postal de duas hélices, o Hansa. Pintou então umaquarela bem-feita e exata em todos os pormenores da esbelta nave. O cônsul Tienappel pendurou no seu escritório particular esse quadro, no qual o verde-garrafa transparente do mar refletido estava pintado com tanto amor e tamanha habilidade que alguém disse ao cônsul Tienappel que nisso se revelava talento e que Hans Castorp poderia tornar-se um bom pintor de marinhas — apreciação que o cônsul não se arrependeu de ter repetido ao pupilo, já que Hans Castorp a recebeu com uma boa risada, sem se preocupar um instante sequer com esse tipo de ideias excêntricas e perspectivas de vida boêmia.

— Você não tem muito dinheiro — dizia-lhe às vezes o tio Tienappel. — A parte principal de meus bens caberá um dia a James e Peter, quer dizer, fica na firma, e Peter vai receber os fundos da sua cota. O que pertence a você está bem colocado

e produz uma renda segura. Mas, homem em dia, não tem graça YiYer de Muros, a não ser que a gente possua cinco vezes mais que você. Para ser alguém nesta cidade e YiYer como você está acostumado, é preciso ganhar muito dinheiro. Tome nota disso, meu filho.

Hans Castorp tomou nota. Começou a procurar uma profissão que lhe permitisse sair-se airoso perante si mesmo e aos olhos do mundo. E quando finalmente escolheu — obedecendo a uma sugestão do velho Wilms, da casa Tunder & Wilms, que numa noite de sábado, à mesa do uísque semanal, disse ao cônsul Tienappel: “Hans Castorp deveria estudar engenharia na Alemanha, isso sim seria uma ideia, então ele poderia entrar na minha firma, e eu cuidaria do rapaz” —, quando finalmente assim se decidiu, passou a ter sua profissão em alto apreço e verificou que ela era complicada e trabalhosa como o diabo, mas também possuía seu aspecto nobre, importante e grandioso. Em todo caso, para seu caráter pacífico achava-a infinitamente preferível à do primo Ziemssen, filho de uma meia-irmã de sua saudosa mãe, que a todo custo queria tornar-se oficial. Esse Joachim Ziemssen não tinha sequer o peito muito sadio, e podia ser seguramente por isso uma profissão exercida ao ar livre fosse a mais indicada para ele: uma profissão em que mal se podia falar a sério em trabalho e esforço intelectual, era o que pensava Hans Castorp, com leve desdém.

Pois pessoalmente Yia o trabalho com máximo respeito, ainda Tue pouco bastasse para cansá-lo do trabalho.

Nesse ponto retornamos às reflexões acima, Tuanto a saber se limitações impostas à pessoa pelo tempo em Tue ela YiYe podem influenciar diretamente seu organismo Iísico. Como é Tue Hans Castorp poderia não ter respeito

pelo trabalho? Isso seria contrário à natureza. Tudo contribuía para Tue o trabalho se lhe apresentasse como algo digno do mais irrestrito respeito; no Iundo nada mais existia Tue merecesse tal respeito; o trabalho era o princípio em Iace do Tual uma pessoa se saía bem ou malograYa, era o Tue haYia de absoluto naTuele tempo, algo Tue trazia em si sua MustificatiYa. O respeito Tue Hans Castorp lhe deYotaYa era portanto de caráter religioso e, Tuanto soubesse, de caráter indiscutiYel. Isso não Tuer dizer, no entanto, Tue ele amasse o trabalho; por mais Tue o respeitasse, não era capaz de amá-lo pela simples razão de não se dar bem com ele. Um esIorço intenso irritaYa-lhe os nerYos e esgotaYa-o rapidamente. Com toda a IranTueza Hans Castorp conIessaYa Tue no seu íntimo amaYa muito mais o tempo de lazer, liYre do lastro de chumbo das tareIas penosas, o tempo Tue se estendia diante dele, sem obstáculos a serem Yencidos a duras penas. Essa contradição na sua atitude perante o trabalho deYeria, a bem dizer, ser resolYida. Será Tue o caminho para Tue seu corpo, tanto

Tuanto seu espírito — primeiro o espírito e sob sua influência o corpo —, pudesse dedicar-se ao trabalho com maior prazer e intensidade, estaria em Tue Hans Castorp, no âmago da sua alma, naTuelas proIundezas Tue ele mesmo ignoraYa, pudesse ser capaz de crer no trabalho como Yalor absoluto e princípio autoMustificado, e de achar sossego nesse pensamento? Com isso chegamos mais uma Yez à Tuestão da sua mediocridade ou mais Tue mediocridade, à Tual não tencionamos dar resposta definitiYa. Pois de Iorma alguma nos consideramos encomiastas de Hans Castorp, nem eliminamos a hipótese de Tue o trabalho, em sua Yida, apenas se interpusesse um pouco ao perIeito gozo do Maria Mancini.

Jamais Ioi conYocado ao serYiço militar. Aliás, no Iundo do seu coração antipatizaYa com ele, e assim conseguiu eYitar a conYocação. PossiYelmente o médico militar, dr. Eberding, Tue IreTuentaYa a Yila na aYenida de HarYestehude, tiYesse ouYido do cônsul Tienappel, assim de passagem, Tue o MoYem Castorp consideraYa a obrigação de Yestir a Iarda uma interrupção sensíYel dos estudos uniYersitários Tue acabara de iniciar Iora de Hamburgo.

Trabalhando com Yagar e calma — pois mesmo Iora de Hamburgo Hans Castorp conserYaYa o hábito tranTuilizador de tomar Má de manhã cedo uma dose de porter —, seu cérebro ia se enchendo de geometria analítica, cálculo diIerencial, mecânica,

proMetiYa e graIostática; calculaYa o deslocamento de naYios carregados e Yazios, estabilidade, eTuilibragem e metacentro, ainda Tue isso às Yezes lhe Iosse custoso. Seus desenhos técnicos — arcabouços da estrutura, traçados de linhas de flutuação e seções longitudinais — não alcançaYam o níYel da sua representação pictórica do Hansa em alto-mar; mas, Tuando se trataYa de apoiar a ideia abstrata por meio de uma apresentação mais acessíYel aos sentidos, intensificar as sombras com tinta nanTuim ou colorir os cortes transYersais com tintas alegres Tue indicassem os materiais, nisso Hans Castorp superaYa em habilidade a maioria de seus colegas.

Quando YoltaYa para casa nas Iérias, muito asseado, muito bem Yestido, com um bigodinho ruiYo no rosto sonolento de MoYem patrício e a caminho de uma posição respeitáYel na Yida, as pessoas Tue se ocupaYam de Tuestões municipais e eram entendidas em assuntos de Iamília e de Yida social — como é o caso de Tuase todos numa cidade liYre e autônoma —, ora, esses seus concidadãos, examinando-o criticamente, perguntaYam-se Tual seria o papel do MoYem Hans Castorp na Yida pública, em um Iuturo breYe. HaYia a tradição a seu IaYor; seu nome era antigo e de boa reputação; e mais cedo ou mais tarde — isso parecia Tuase certo — seria preciso contar com sua pessoa enTuanto Iator político. Então teria um lugar na Assembleia ou no Conselho Municipal e influiria na legislação; no

exercício de um cargo honorífico, participaria das preocupações
sua soberania acarreta; pertenceria a alguma repartição
administrativa, à
comissão de finanças talvez ou à de obras públicas, sua vida não
deixaria de ser ouvida, e se levaria seu voto em conta. Seria
interessante saber a que partido se filiaria, mais tarde, esse
Mozart Castor. As aparências podiam enganar, mas ele não
tinha, propriamente, a cara de uma pessoa com quem os
democratas pudessem contar, e era evidente a semelhança
com o velho. Quem sabe se não puxaria a ele, tornando-se um
traidor, um elemento conservador? Era muito possível — como
também era possível o contrário. Afinal de contas, tratava-se
de um engenheiro, futuro construtor de navios, um homem da
técnica e do comércio mundial. Assim se ventilava a alternativa
de Hans Castor unir-se aos radicais, chegando a ser um homem
de ação, destrutor proleto de edifícios antigos e belas
paisagens, sem raízes no solo pátrio, talvez um Mudeu, e sem laços
de tradição, talvez um ianeta; talvez preterisse, sem a mínima
consideração, romper com a tradição sua uma veneranda história
nos transmitiu, e arrastar o Estado por um caminho de audaciosas
experiências, em vez de promover o desenvolvimento
circunspeto das condições de vida naturais — também isso
tudo era concebível. Estaria em seu sangue a concepção de sua
suas Sapiências, às quais a dupla sentinela da Municipalidade

apresentaYa armas, administraYam tudo da melhor maneira possível, ou ele se inclinaria a apoiar a oposição na Assembleia? NaTueles olhos azuis sob as sobrancelhas ruiYas não se podia ler resposta alguma a essas perguntas Tue a curiosidade de seus concidadãos Iazia, e parece proYáYel Tue nem o próprio Hans Castorp, uma Iolha em branco, teria sabido satisIazê-la.

Quando empreendeu a Yiagem, durante a Tual traYamos conhecimento com ele, ainda não completara Yinte e três anos. Tinha atrás de si Tuatro semestres de estudos na Escola Politécnica de Dantzig e outros Tuatro nas escolas congêneres de BrunsZick e de Karlsruhe. Recentemente passara nos exames teóricos, sem distinção nem grandes

aplausos, mas com dignidade, e a essa época dispunha-se a trabalhar como engenheiro Yoluntário na casa Tunder & Wilms, a fim de conseguir nos estaleiros a necessária Iormação prática. No entanto, ao chegar a esse ponto, o seu caminho tomou outro rumo, como a seguir.

Para preparar-se para os exames, Hans Castorp tiYera Tue estudar com intensidade e perseYerança. Ao regressar para casa, parecia muito mais Iatigado Tue de costume. O dr. Heidekind ralhaYa com ele cada Yez Tue o encontraYa, e exigia uma mudança de ares, mas Tue Iosse radical. Dessa Yez, disse ele, não bastaYa Norderney, nem Wyk, na ilha de F,hr, e a seu Yer Hans

Castorp, antes de entrar nos estaleiros, deveria passar algumas semanas nas altas montanhas.

Muito bem, pois o Tio disse ao cônsul Tienappel ao sobrinho e pupilo. Mas nesse caso, seria preciso ir a lugares diferentes, pois nem os cavalos arrastariam a ele, o cônsul Tienappel, até às altas montanhas. A altitude da serra não lhe convinha; o Tio ele necessitava de uma pressão atmosférica razoável, senão não podia sofrer algum ataque. Que Hans Castorp fizesse a gentileza de ir sozinho para as montanhas. E Tio fizesse uma visita a Joachim Ziemssen.

Era uma ideia natural. Pois Joachim Ziemssen estava doente — não doente como Hans Castorp, mas de outro modo, realmente sério, Tio causara mesmo um grande susto a toda a família. Já antes sofria de catarros e acessos de febre, um dia se pusera a escarrar sangue, e então partira a toda pressa para Davos, sumamente contrariado e abatido, mas Tio acabou de atingir a meta dos seus desejos. Durante alguns semestres, segundo o desejo da família, estudara Direito; mas, obedecendo a um impulso irresistível, mudara de profissão, apresentara-se como aspirante a oficial, e já fora até admitido. E agora fazia cinco meses Tio se internara no Sanatório Internacional Berghof (médico diretor: dr. Behrens, conselheiro médico) e se

aborrencia mortalmente, com Iorme costuma Ya escrever em seus cartões-postais. Se Hans Castorp, antes de assumir seu cargo na casa Tunder & Wilms, tivesse Iazer alguma coisa pela própria saúde, nada mais plausível que ir a DaYos para visitar o pobre primo — era o mais agradável para ambas as partes.

Era pleno Verão quando decidiu YiaMar. Já haviam chegado os últimos dias de Julho.

Pretendeu YiaMar por três semanas.

CAPÍTULO III

ENSOMBRAMENTO PUDICO

Estando muito cansado, Hans Castorp receara dormir além da hora, mas levantou-se mais cedo do que o necessário e assim teve tempo de sobra para observar com minúcia seus hábitos matinais — hábitos sumamente civilizados, entre os quais desempenham papéis importantes uma baciazinha de borracha, um sabonete verde de alcazema num recipiente de madeira e o indispensável pincel de palha —, e também para combinar os cuidados de limpeza e de higiene com as tarefas de deslizar as malas e arrumar seus pertences. Ao passar o aparelho prateado pelas faces cobertas de espuma perfumada, lembrou-se dos seus sonhos consusos e, esboçando um sorriso indulgente, meneou a cabeça ante tamanho desvario, com a sensação de superioridade que experimenta quem se barbeia à luz clara da razão. Não se sentia propriamente descansado, mas o frescor do dia dava-lhe boa disposição.

Ainda enxugando as mãos, com o rosto empoadado, em ceroulas de fio escócia e chinelos de marrom vermelho, saiu à sacada; ela corria como peça única ao longo do edifício, e apenas paredes de vidro fosco, sem avançar até a balaustrada, dividiam-na em compartimentos, nos diversos quartos. A manhã

estaYa Iresca e nublada. Vastas massas de neblina Maziam imóYeis diante das eleYações laterais, enTuanto Yolumosas nuYens brancas e cinzentas

repousaYam sobre a cordilheira mais distante. Pedacos e tiras de céu azul apareciam aTui e ali, e Tuando um raio de sol caía sobre o Iundo do Yale a aldeia cintilaYa muito alYa, contrastando com os pinheirais sombrios Tue cobriam as encostas. Em algum lugar se daYa um concerto matinal, proYaYelmente no mesmo hotel de onde Yiera, na noite anterior, o som de uma orTuestra.

OuYiam-se em surdina os acordes de um hino religioso; depois de uma pausa, seguiu-se uma marcha, e Hans Castorp, Tue gostaYa da música de todo o coração, por ela produzir nele um eIeito semelhante ao do porter matutino, calmante, entorpecente, instigador de certa “basbaTuice”, escutou-a satisIeito, com a cabeça leYemente inclinada para o lado, a boca aberta e os olhos um pouco aYermelhados.

Lá de baixo subia, sinuoso, o caminho Tue conduzia ao sanatório, e pelo Tual ele haYia chegado na Yéspera. Gencianas-amarelas estreladas, de talo curto, cresciam na grama úmida da encosta.

Parte do terraço estaYa cercada por uma sebe, para Iormar um Mardim, onde haYia Yeredas ensaibradas, canteiros de flores e uma gruta artificial de rochedos Munto a um esplêndido abeto. Para o sul abria-se um alpendre com telhado de zinco, onde se Yiam algumas espreguiçadeiras, e ao lado se erguia um mastro

pintado de marrom aYermelhado, em Tue às Yezes tremulaYa uma bandeira — uma bandeira de Iantasia, Yerde e branca, e no centro um caduceu, o emblema da medicina.

Uma mulher passeiaYa pelo Mardim, uma senhora Má de idade, de aspecto sombrio, Tuase trágico. Vestida completamente de preto, com um negro Yéu enYolYendo os desgrenhados cabelos grisalhos, ia e Yinha sem descanso pelas Yeredas, num passo monótono e rápido, de Moelhos um tanto dobrados e de braços rígidos, caídos para a Irente. Tinha a testa sulcada de rugas horizontais, e dirigia fixamente ao alto os olhos muito negros, sob os Tuais pendiam bolsas flácidas. Seu semblante enYelhecido, de uma liYidez meridional, com a grande e melancólica boca

contraída para um lado, lembrou a Hans Castorp o retrato de uma Iamosa atriz trágica, Tue ele Yira em alguma parte. Era sinistro obserYar como essa mulher enlutada, pálida, acertaYa, aparentemente sem sabê-lo, os passos longos, tristonhos, ao ritmo da marcha Tue ressoaYa de longe.

PensatiYo, com uma simpatia compassiYa, Hans Castorp contemplou-a do alto da sacada. Era-lhe como se aTuela Yisão triste obscurecesse o sol da manhã. Mas ao mesmo tempo percebeu algo mais, algo audíYel, ruídos Tue partiam do Tuarto dos Yizinhos da esTuerda — o casal russo, segundo inIormação de Joachim. E esses ruídos tampouco condiziam

com a Tuela manhã clara e Iresca; pelo contrário, pareciam poluí-la de certa Iorma Yiscosa. Hans Castorp recordou-se de Tue, Má na noite anterior, ou Yira TualTuer coisa parecida, mas o cansaço impedira-o de prestar atenção. Era uma luta, eram risadinhas e arIadas, cuMa natureza escabrosa não podia passar despercebida ao MoYem, se bem Tue ele, por bondade, se esIorçasse a princípio por interpretá-la de maneira inocente. Também se poderiam dar outras denominações a essa tal bondade, por exemplo o nome um tanto insípido de pureza da alma, ou talYez o belo e austero nome de pudicícia, ou ainda os nomes depreciatiYos de indisposição à Yerdade ou de tartufice, ou até mesmo o de piedade ou resguardo místico — haYia de tudo isso um pouco na atitude de Hans Castorp diante dos rumores Yindos do Tuarto Yizinho, atitude Tue se maniIestaYa em um ensombramento pudico de sua fisionomia, como se ele mesmo nada deYesse saber daTuilo Tue ouYia, nem o Tuisesse: essa expressão de inocência não era propriamente original, mas ele tinha o hábito de adotá-la em certas ocasiões.

Com a dita fisionomia retirou-se da sacada para o Tuarto, na intenção de não assistir por mais tempo a acontecimentos Tue se lhe afiguraYam graYes e mesmo perturbadores, apesar de se maniIestarem sob o acompanhamento de risinhos. Porém, no interior do Tuarto,

fizeram-se ou Yir ainda mais distintamente os atos praticados do outro lado da parede. Parecia uma perseguição em torno dos móveis; uma cadeira Iez um estrondo ao cair; um alcançou o outro; deram-se palmadas e beijos, e a todos esses sons Muntaram-se agora os acordes de uma Yalsa, as Irases batidas e melodiosas de uma canção popular, acompanhando de longe a cena inYisíYel. Hans Castorp, com a toalha na mão, escutaYa contrariado. E de repente corou por baixo da camada de pó de arroz: o Tue ele Má preYira claramente acabaYa de suceder: a brincadeira, sem dúYida alguma, tomara um rumo animalesco. “Deus do céu!”, pensou, Yirando as costas para terminar sua toilette com moYimentos propositadamente ruidosos. “Ora, são marido e mulher, está bem, não há mal nenhum nisso. Mas, Má de manhã, em pleno dia... é pesado. E me parece Tue ontem à noite também Tuebraram a trégua. Afinal de contas, são enIermos, ou pelo menos um dos dois está doente, uma Yez Tue estão aTui; caberia moderação. Mas claro Tue o mais escandaloso”, continuou raciocinando com grande irritação, “são essas paredes tão finas Tue a gente ouYe tudo. É insuportáYel! Construção barata, claro; uma Yergonha economizarem nisso! Será Tue Yerei o casal mais tarde, irão me apresentar a eles? Eu morreria de Yergonha.” Nesse momento Hans Castorp notou com admiração Tue o rubor Tue lhe subira às Iaces recém- barbeadas não Tueria

ceder de modo algum, ou pelo menos persistia a sensação de calor. Tão o acompanhava e não era outra coisa senão a tãe ardor seco de Tãe padecera na noite anterior e Tãe, depois de haver sumido durante o sono, reaparecera agora, reanimado por essas circunstâncias. Isso não fez aumentar sua simpatia pelo casal Yizinho; ao contrário, ele comprimiu os lábios, murmurou a respeito deles uma palavra muito desrespeitosa, e então cometeu o erro de refrescar uma vez mais o rosto com água, o Tãe só fez agravar seu mal. Sua voz Yacilou mal-humorada. Quando respondeu a Joachim,

Tãe batera para chamá-lo e, ao entrar, deparou com Hans Castorp sem Tãe este lhe desse a mínima impressão de um homem refresco ou alegre pelo frescor da manhã.

DESJEJUM

— 'Dia — disse Joachim. — Que tal sua primeira noite aTui em cima? SatisIeito?

Já estaYa pronto para sair, num traMe esporte e com botas de Ieitio sólido. Por cima do braço tinha o sobretudo de Úlster, com o Irasco chato a delinear-se na altura do bolso lateral. Como no dia anterior, não leYaYa chapéu.

— Obrigado — respondeu Hans Castorp —, mais ou menos. Não Tuero emitir uma opinião precipitada. TiYe sonhos meio conIusos, e além disso a casa possui um grande deIeito: as paredes têm ouYidos, e isso é um pouco desagradáYel. Quem é aTuela mulher de preto, lá no Mardim?

Joachim percebeu imediatamente de Tuem se trataYa.

— Ah, essa é a Tous-les-deux — disse. — Todos a chamam assim porTue essas palaYras são as únicas Tue se ouYem dela. É mexicana, sabe? Não Iala alemão, e de Irancês só umas poucas Irases estropiadas. Faz cinco semanas Tue está aTui, para Yisitar o filho mais Yelho, um caso totalmente desesperador, Tue em breYe esticará as canelas

— Má tem o mal em toda parte, todo o corpo está enYenenado, pode-se dizer, e segundo Behrens esse estado final

se parece com o tio —, horrível para todos os familiares, em todo caso. Há duas semanas chegou o caçula, para Yeri o irmão pela última vez — aliás, um belo rapaz, tal qual o outro —, ambos são rapazes muito bonitos, de olhos ardentes; as mulheres estavam em alvoroço. Bem, o caçula Má tinha tossido um pouco antes de Yiri para cá, mas Iora disse parecia completamente em ordem. E mal chega a Tui, imagine, tem um acesso de febre, e logo

39,5! Febre muito alta, sabe? Põe-se de cama, e só com muita sorte voltará a se levantar, diz o Behrens. Há muito que Má de Yeria ter vindo a Tui para cima... Pois é, e desde então a mãe perambula desse jeito, quando não está morto dos dois, e cada vez que alguém lhe dirige a palavra, responde apenas

“Tous les deux!”, pois não sabe dizer outra coisa, e no momento não há ninguém a Tui que compreenda espanhol.

— Ah, então é por isso — disse Hans Castorp. — E você acha que ela me dirá a mesma coisa, quando lhe for apresentado? Seria estranho, quero dizer, seria ao mesmo tempo cômico e sinistro — acrescentou, e seus olhos estavam como na véspera: estavam-lhe a impressão de estarem tristes e pesados, como se tivesse chorado por muito tempo; e novamente havia neles aquele brilho que ali acendera a estranha tosse do caçula. De um modo geral parecia a Hans Castorp que só nesse instante conseguia estabelecer contato entre o presente e o dia de ontem, voltando a entender o nexo das coisas, o que não fora o caso

logo depois de despertar. E a propósito estaYa pronto, disse ao primo, enquanto umedecia o lenço com algumas gotas de água de alIazema, para esIregar a testa e a região abaixo dos olhos. — Se estiYer bem para Yocê, podemos tomar caIé tous les deux — graceMou com uma sensação de descomedida leYiandade.

Joachim lançou-lhe um olhar indulgente, acompanhado de um sorriso bem peculiar, entre melancólico e zombeteiro, conIorme pareceu. E por Tuê? Isso era assunto dele...

Após ter Yerificado Tue leYaYa consigo a necessária proYisão de tabaco, Hans Castorp tomou a bengala, o sobretudo e o chapéu — sim, também o chapéu, como uma espécie de desafio, pois estaYa por demais seguro dos seus hábitos e de seu modo de YiYer para suMeitar-se tão rapidamente e por apenas três semanas a costumes noYos e estranhos. Assim saíram do Tuarto e desceram a escada. Nos corredores, Joachim apontaYa para uma Tue outra porta, mencionando os nomes dos ocupantes, nomes alemães e outros Tue reYelaYam toda espécie de origens estrangeiras, e acrescentando breYes comentários Tuanto ao caráter e à graYidade do respectiYo caso.

Encontraram também pessoas Tue Má regressaYam da sala de reIeições, e cada Yez Tue Joachim cumprimentaYa alguém, Hans Castorp, cortesmente, tiraYa o chapéu. Sentia-se curioso e impaciente como um MoYem a ponto de ser apresentado a uma multidão de pessoas estranhas e Tue ao

mesmo tempo anda acossado pela sensação nítida de ter os olhos turvos e o rosto avermelhado — o Tue, aliás, só em parte era o seu caso, pois Tue, em realidade, estava pálido.

— Antes Tue me estremeça! — exclamou de repente, com certa ênfase incoerente. — Você pode me apresentar à tua senhora do Jardim, se houver oportunidade. Não tenho nada contra isso. Que ela me diga “tous les deux”; não faz mal, já estou preparado, sei o que ela quer dizer e farei a fisionomia adequada. Mas não desejo de modo algum trazer conhecimento com a tua casal russo, ou Yiu? Não tenho a mínima vontade. É gente de péssimas maneiras, e se devo morar durante três semanas lado a lado com eles, já Tue não houve como evitar essa vizinhança, ao menos não quero conhecê-los. Tenho bons motivos para estar resoluto em meu pedido...

— Tudo bem, tudo bem — disse Joachim. — Incomodaram você tanto assim? Pois é, são uns bárbaros, gente incivilizada e ponto final, eu havia dito a você. Ele costuma sentar-se à mesa com uma Maqueta de couro puída Tue só ela. Sempre me admira Tue Behrens tolere isso. E ela também não é das mais asseadas, apesar do chapéu de plumas... Em todo caso, não se preocupe: eles têm seus lugares bem longe de nós, à mesa dos russos ordinários; pois além desta existe ainda a mesa dos russos distintos. É bem pouco provável você entrar em contato com eles, mesmo Tue Tueira. Em geral não é fácil trazer

conhecimento com Tuem seMa, até porTue há tantos estrangeiros entre os hóspedes. Eu mesmo só conheço pessoalmente umas poucas pessoas, apesar de estar aTui há tanto tempo.

— Qual dos dois está doente, ele ou ela? — perguntou

Hans Castorp.

— Acho Tue é ele. Sim, é só ele — respondeu Joachim, YisiYelmente distraído, enTuanto dependuraYam os sobretudos nos cabides, à entrada da sala de reIeições. Feito isso, entraram no recinto bem-iluminado, de teto abobadado, onde burburinhaYam Yozes, tiniam talheres e as criadas suíças corriam com bules Iumegantes.

HaYia sete mesas na sala, a maioria em sentido longitudinal e apenas duas colocadas de traYés. Eram mesas grandes, cada Tual com capacidade para dez pessoas, se bem Tue nem todas estiYessem completamente ocupadas. Alguns passos em diagonal atraYés da sala bastaram para Tue Hans Castorp alcançasse o lugar preparado para ele, no lado estreito da mesa central, entre as duas transYersais. De pé, atrás da sua cadeira, Hans Castorp inclinou-se numa mesura reserYada e polida para os companheiros de mesa, aos Tuais Joachim, cerimoniosamente, o apresentou. Mal os encarou, e ainda menos chegou a graYar na memória os seus nomes. Apenas o nome e a

peessoa da sra. St ,hr lhe chamaram a atenção, assim como seu rosto Yermelho e cabelos gordurentos de um louro acinzentado. A Mulgar pela expressão de seu rosto, de obstinada ignorância, não parecia improYáYel Tue Yiessem dela os mais crassos disparates. Então Hans Castorp sentou-se e notou com satisfação Tue ali o caIé da manhã era leYado a sério, como uma reIeição importante.

HaYia na mesa tigelas com geleias e com mel, pratos com arroz-doce e com mingau de aYeia, traYessas com oYos mexidos e com carne Iria; a manteiga era serYida em abundância; alguém leYantaYa a redoma de Yidro para cortar um pedaço de TueiMo suíço, úmido de gordura; e no centro da mesa Yia-se ainda uma Iruteira com Irutas Irescas e secas. Uma criada Yestida de preto e branco perguntou a Hans Castorp o Tue ele deseMaYa beber: chocolate, caIé ou chá. Era baixinha como uma criança, e tinha um rosto oblongo e enYelhecido — uma anã, ele constatou com espanto. Lançou um olhar ao primo, mas este se limitou a

dar de ombros, Iranzindo as sobrancelhas, como para dizer: “E daí, o Tue tem de mais?”. Assim, Hans Castorp recompôs-se, pediu chá, com especial cortesia, por se tratar de uma anã, e pôs-se a comer arroz-doce com canela, enTuanto seus olhos YagaYam por sobre os demais pratos, Tue ainda deseMaYa proYar, e por sobre os hóspedes distribuídos nas sete mesas,

colegas de Joachim, companheiros seus de destino, todos enfiados por dentro, a conversar e a tomar seu café da manhã.

A sala estava decorada com aquele gosto moderno que sabe dar um cunho fantástico à mais singela ornamentação. Não era muito larga em proporção a seu comprimento. Rodeava-a uma espécie de passeio, onde ficavam aparadores e que se abria em amplas arcadas para o interior cheio de mesas. Os pilares revestidos, até meia altura, de madeira com o lustro imita o sândalo, e dali em diante caídos, da mesma forma como a parte superior das paredes e o teto, ostentavam faixas multicores com motivos simples e alegres, que se repetiam nos vastos arcos da abóbada pouco acentuada. Guarneciam a sala alguns candelabros elétricos, de latão polido, compostos de três argolas superpostas, ligadas entre si por um entrelaçamento decorativo; em volta da argola inferior havia uma série de globos de vidro fosco, parecidos com pequenas luas. Havia lá quatro portas envidraçadas, duas em frente de Hans Castorp, na largura da sala, que davam para um varandado, uma terceira à esquerda, que conduzia diretamente ao vestíbulo de entrada, e finalmente aquela pela qual Hans Castorp entrara, vindo de um corredor, uma vez que Joachim o guiara por uma escada diferente da que haviam usado na noite passada.

À sua direita estava sentada uma criatura pouco vistosa, vestida de preto, de tez pálida e faces levemente febris, que ele supôs

uma costureira ou modista, provavelmente por isso ela tomava apenas café com pão e manteiga, e por isso nele a ideia de uma costureira associara-se desde sempre à ideia de café com pão e manteiga. O lugar à sua esquerda estava ocupado por uma senhorita inglesa, também já avançada em anos, muito feia, com dedos magros e enregelados, ela lia cartas da sua terra, escritas em letra redonda, enquanto bebia um chá cor-de-sangue. Depois vinham Joaquim e, em seguida, a sra. St. Hr, numa blusa de lã enxadrezada. Ao comer, ela mantinha a mão esquerda firmemente cerrada nas proximidades da face. Era visível seu esforço de proferir as palavras com um ar de distinção e cultura, ao afastar o lábio superior de seus dentes de coelho grandes e estreitos. Um homem de bigode fino, e com a cara de quem tem na boca algo de gosto repugnante, sentou-se ao lado dela e tomou a rejeição em completo silêncio. Entrou quando Hans Castorp já estava sentado, e ao caminhar levou o braço em direção ao peito, num gesto rápido, de modo a saudar os comensais sem olhar para eles; então ocupou seu assento, e deixou claro, com seu comportamento, que não tencionava trazer conhecimento com o novo hóspede. Talvez estivesse demasiado enfiado para dar atenção a esse tipo de condições e se interessar pelo ambiente em geral. Por um momento sentou-se à sua frente uma mulher extraordinariamente magra, de

cabelos louro-claros, tomou no prato uma colherada de iogurte, tomou-o com a colher e logo se foi.

A conversa à mesa não foi muito animada. Joachim palestrou cerimoniosamente com a sra. Storch, informando-se a respeito da sua saúde e inteirando-se com o devido pesar de que ela deixava muito a desejar. A sra. Storch tomou-se de seu estado de “lassidão”.

— Sinto-me tão lassa! — disse, arrastando as sílabas, com a acentuação peculiar às pessoas pouco cultas. Já antes de se levantar tinha 37,3, e tu não teria de tarde? A costureira, segundo comunicou, tinha a mesma temperatura, mas declarou sentir-se, pelo contrário, muito agitada, desassossegada, tomada de uma tensão interior,

Tal estivesse às vésperas de um acontecimento singular e decisivo, o que em absoluto não era o caso, isto se tratar de uma excitação puramente física, sem motivos na alma. Por certo não deveria ser costureira, pois se expressava numa linguagem correta, até erudita. A Hans Castorp, por sua vez, essa tal excitação numa criatura tão insignificante e prosaica, ou antes o fato de se falar disso, causou a impressão de algo inconveniente e quase escandaloso. Perguntou primeiro à costureira, e depois à sra. Storch, há quanto tempo ela se achava ali em cima (ela estava no sanatório há cinco meses, e esta, há sete), a seguir reuniu seus conhecimentos de inglês para

interrogar sua Yizinha da direita acerca da Tualidade do chá Tue ela tomaYa (era chá de roseira braYa) e se ele tinha um sabor agradáYel, o Tue a senhora confirmou Tuase impetuosamente, e então pôs-se a contemplar a sala, onde as pessoas iam e Yinham: o caIé da manhã não constituía uma reIeição Tue se fizesse rigorosamente em comum.

Receara um pouco receber impressões horrorosas, mas Yiu-se logrado: o ambiente na sala parecia bastante animado, não despertaYa de modo algum a ideia de um lugar das lamentações. JoYens de ambos os sexos, tostados pelo sol, entraYam cantarolando, conYersaYam com as criadas e atacaYam a comida com Yigoroso apetite. HaYia também pessoas mais idosas: casais, uma Iamília inteira com crianças, a Ialar russo, e rapazes na adolescência. As mulheres Yestiam, Tuase todas, casaTuinhos muito Mustos, de lã ou seda, suéteres, como os chamaYam, ora brancos ora coloridos, com golas Yoltadas para Iora e bolsos laterais, e era bonito Yer como andaYam ou palestraYam com as mãos enterradas nesses bolsos. Em diYersas mesas circulaYam Iotografias, instantâneos recentes, tirados pelos próprios pensionistas, com certeza; numa outra mesa, trocaYam selos. FalaYam do tempo, de como haYiam dormido, e da temperatura Tue tinham de manhã, medida na boca. A maioria mostraYa-se alegre — proYaYelmente

sem motivo especial, apenas por não terem preocupações imediatas e estarem reunidos num grupo numeroso. Alguns, porém, achavam-se sozinhos à mesa com a cabeça apoiada nas mãos e o olhar cravado à frente. Mas os outros deixavam-nos cismar e não lhes prestavam atenção.

De repente, Hans Castorp sobressaltou-se, irritado e ofendido. Uma porta acabou de bater violentamente, a porta da esquerda, que dava para o Vestíbulo. Escapara às mãos de alguém ou fora mesmo fechada com força, e Hans Castorp sentiu um ódio mortal por esse ruído, que desde sempre o enurecera. Talvez esse ódio se devesse à sua educação, talvez proviesse de uma idiosincrasia inata — enfim, ele detestava que cerrassem as portas com estrondo e tinha vontade de esbofetear a quem cometesse esse crime na sua presença. No caso particular, tratava-se, além do mais, de uma porta envidraçada, o que, pelo tinir estridente, aumentava o choque. “Barbaridade!”, disse Hans Castorp de si para si, enurecido, “que falta de educação!” Como no mesmo instante a costureira lhe dirigisse a palavra, não teve tempo para descobrir o culpado. E enquanto lhe respondia tinha o cenho ainda franzido e rugas entre as sobrancelhas louras.

Joachim perguntou se os médicos já haviam passado.

— Sim, fizeram a primeira ronda — respondeu alguém. Teriam acabado de sair no momento em que os primos entraram.

Nesse caso era melhor irem-se embora, sem esperar, opinou Joachim. No decorrer do dia sem dúvida encontrariam outra oportunidade para apresentar Hans Castorp. Mas na porta Tuase deram de Irente com o dr. Behrens, Tue entraYa a passo rápido, seguido do dr. KrokoZski.

— Epa! Cuidado, caYalheiros! — exclamou Behrens. — Mais um pouco e haYeria aTui um desastre para os nossos calos. — FalaYa com a pronúncia arrastada da Baixa Saxônia, no nordeste da Alemanha, e mastigaYa as

palaYras. — É o senhor, então? — disse a Hans Castorp, Tuando Joachim o apresentou, batendo os calcanhares. — Muito prazer. — E estendeu ao MoYem sua mão do tamanho de uma pá. Era um homem ossudo, muito mais alto Tue o dr. KrokoZski, de cabelos completamente brancos, com a nuca saliente, grandes olhos azuis, proeminentes, inMetados e lacrimosos, nariz arrebitado e um bigodinho curto, um tanto torto, em Yirtude de um Iranzimento unilateral do lábio superior. O Tue Joachim dissera das bochechas do médico era pura Yerdade: eram azuis, de maneira Tue a cabeça IormaYa um berrante contraste com o Maleco branco de cirurgião Tue ele usaYa, cintado, Tue descia abaixo dos Moelhos, deixando Yer as calças listradas e uns pés colossais, calçados de botinas amarelas, bastante surradas. O dr. KrokoZski também andaYa de traMes profissionais, mas seu Maleco era de lustrina preta, com elásticos nos punhos, e lhe

realçaYa ainda mais a palidez. Limitando-se a um mero papel de assistente, não tomou parte na cena de apresentação, mas uma certa tensão crítica de sua boca deixou transparecer Tue ele MulgaYa um tanto esTuisita sua posição de subalterno.

— Primos? — perguntou o dr. Behrens, apontando com a mão para os dois MoYens, de um lado a outro, e fixando neles os olhos azuis, inMetados de sangue. — E este aTui também é apaixonado pelo ruIar dos tambores? — indagou sobre Joachim, aYançando a cabeça na direção de Hans Castorp. — Nunca na Yida, não é? Eu logo Yi Tue o senhor — agora se dirigia a Hans Castorp — tem algo de paisano, de comodista. Não é marcial como este guerreiro. Aposto como seria melhor paciente Tue ele. Noto de imediato se alguém tem ou não Yocação para ser um paciente Tue preste, pois para isso é preciso ter talento, como talento, aliás, é necessário para tudo; e esse mirmídone aí não tem talento algum. Pode ser até Tue o tenha para o campo de manobras, mas para ser doente, nem sombra. A todo momento Tuer ir embora, imagine! Sempre só Tuer ir embora, e não para de insistir comigo e de me suplicar; simplesmente não pode esperar o dia em Tue comecem a Mudiar com ele, lá embaixo. HaMa entusiasmo! Para nós, nem meio aninho ele Tuer perder. Mas YiYe até Tue bastante bem aTui conosco... Diga, Ziemssen, o senhor mesmo: é bom aTui ou não é? Bem, o senhor seu primo saberá nos apreciar melhor; ele Yai se

diYertir, tenho certeza. Mulheres não Ialtam aTui, e temos das mais encantadoras. Pelo menos Tuando Yistas de Iora, há algumas muito pitorescas. Mas o senhor deYeria era ganhar um pouco mais de cor, para não deixar de Iazer um belo papel com as mulheres. Dizem Tue a árYore dourada da Yida é Yerde, muito bem, mas para a cútis o Yerde não me parece o mais indicado. Totalmente anêmico, está claro — disse, ao se aproximar de Hans Castorp sem TualTuer cerimônia e baixar-lhe uma das pálpebras com o dedo médio e o indicador. — Eu logo disse, o senhor está totalmente anêmico. Quer saber uma coisa? Não era má ideia abandonar por algum tempo a sua Tuerida Hamburgo. Não nego Tue seMa uma cidade à Tual deYemos muita gratidão. Sempre nos manda um bom contingente, graças à sua meteorologia úmida. Mas permita-me Tue eu aproYeite a ocasião para dar-lhe o meu desprezioso conselho, sine pecunia, sabe? EnTuanto estiYer aTui, Iaça a mesma coisa Tue seu primo. Nada melhor, no seu caso, do Tue YiYer por algum tempo como se tiYesse uma ligeira tuberculosis pulmonum e acumular proteínas. É uma coisa curiosa, no nosso meio, esse metabolismo proteico... Embora fiTue aumentada a combustão geral, o Tue o corpo Iaz é fixar proteínas... Mas então, Ziemssen, dormiu bem? Ótimo assim, não é? E agora um passeio a pé! Mas só meia hora, nada mais! E depois ponha na boca o charuto de mercúrio. ConYém sempre tomar nota, Ziemssen! Minuciosamente! Conscienciosamente! Sábado Tuero Yer sua curYa! E seu primo também deYe tomar a

temperatura. Controlar não traz mal algum. Boa manhã, senhores!
Passar bem, e diYirtam-se! Adeusinho... Adeusinho...

E o dr. KrokoZski acompanhou o cheIe, Tue continuaYa
singrando a sala, balançando os braços com as palmas das mãos
bem Yoltadas para trás, e perguntando à direita e à esTuerda se
haYiam dormido bem, o Tue todos confirmaYam.

BRINCADEIRA DE MAU GOSTO. VIÁTICO. HILARIDADE INTERROMPIDA

— Homem muito simpático — disse Hans Castorp, enquanto atravessava o portal, depois de terem cumprimentado amavelmente o porteiro coxo, que se achava na guarita classificando cartas. Saíram ao ar livre. O portal encontrava-se na parte sudeste do edifício caiado de branco, cujo corpo central tinha um andar a mais e as duas alas e era encimado por uma pequena torre coberta de zinco, guarnecida de um relógio. Quem saía por esse portal não entrava no Jardim cercado, mas logo adentrava a área livre, com jardins sobre prados que se estendiam pelas encostas das montanhas, cobertos cá e lá de abetos de pouca altura e de pinheiros-da-montanha encurvados sobre o solo. O caminho que trilharam — na verdade o único que existia, com exceção da estrada que descia ao vale — passava em ligeiro declive atrás do sanatório, rumo à esquerda, ladeando a cozinha e a despensa, onde se viam grandes recipientes de lixo ao longo das grades da escada que conduzia ao porão, para então seguir mais um bom trecho na mesma direção e elevar-se, depois de uma volta brusca à direita, por uma subida íngreme ao longo da encosta escassamente arborizada. Era uma vereda de chão duro, avermelhado, ainda um tanto úmido, em cuja beira havia, de

Tuando em Tuando, uns blocos de pedra. Os primos não eram os únicos a passear. Alguns hóspedes, Tue haYiam terminado a reIeição Tuase ao mesmo tempo Tue eles, seguiam-nos a curta distância, e outros grupos, Má de regresso, Yinham-lhes ao encontro, com o passo ruidoso de pessoas Tue descem.

— Homem muito simpático — repetiu Hans Castorp. — Tem um Meito tão solto de Ialar! Dá gosto ouYi-lo. Essa do “charuto de mercúrio” para designar “termômetro” é mesmo muito boa, eu logo compreendi... Mas agora You é acender um charuto de Yerdade — disse ele, estacando —,

Má não aguento mais sem ele! Desde o meio-dia de ontem não Iumo nada Tue preste. Com licença! — Tirou da charuteira de couro de Yerniz, enIeitada com as suas iniciais em prata, um exemplar de Maria Mancini, um belo exemplar da camada superior da caixa, achatado em uma Iace, Tue era como ele mais gostaYa, e então cortou a ponta com uma peTuena guilhotina de corte angular, Tue trazia na corrente do relógio, acendeu o isTueiro e pôs Iogo ao charuto comprido de ponta Yertical, tirando-lhe umas boas baIoradas. — Muito bem! — ele disse. — Quanto a mim, podemos continuar o passeio. Você é claro Tue não Iuma, deYido ao excesso de entusiasmo.

— Nunca Iumo — respondeu Joachim. — Por Tue Iumaria Mustamente aTui?

— Isso eu não compreendo! — disse Hans Castorp. —
Simplesmente não compreendo como alguém possa YiYer sem Iumar. PriYar-se, por assim dizer, do Tue há de melhor na Yida e priYar-se, em todo caso, de um prazer magnífico! Quando acordo pela manhã, Má me alegro com a ideia de poder Iumar durante o dia, e Tuando tomo a reIeição Má penso em Iumar logo depois; e até posso dizer, com uma dose de exagero, Tue como apenas para ter a ocasião de Iumar. Um dia sem tabaco seria para mim o cúmulo da insipidez, um dia totalmente Yazio, sem o mínimo atratiYo, e se eu TualTuer dia despertasse sabendo Tue não poderia Iumar, acho Tue não teria coragem nem para me leYantar. Francamente, eu ficaria na cama. Olhe, Tuando a gente Iuma um charuto Tue puxa bem... claro Tue não deYe estar Iurado, o Tue constitui um deIeito muito desagradáYel... Quero dizer, Tuando a gente Iuma um charuto bom, então a sensação Tue se tem é a de estar protegido e de Tue nada lhe pode acontecer. É a mesma coisa como deixar-se ficar deitado numa praia à beira do mar; fica-se deitado, não é? Não se tem a necessidade de TualTuer outra coisa, nem de trabalho nem de distrações... E Iuma-se no mundo inteiro, graças a Deus! Ao Tue me parece, não existe lugar onde

esse prazer seMa desconhecido, por mais longe Tue nos arraste o destino. Até os exploradores das regiões polares leYam Iumo em abundância, para Tue possam aguentar os esIorços das suas

Viagens, e me identifiquei muito com isso, nas vezes em que li sobre o assunto. Pode acontecer que uma pessoa ande muito mal... Suponhamos, por exemplo, que eu me encontrasse num estado lamentável... Agora, enquanto tivesse meu charuto, aguentaria firme, tenho certeza, o charuto me iria vencer qualquer obstáculo.

— De qualquer modo — objetou Joachim — é um sinal de fraqueza depender do fumo a esse ponto. Behrens tem toda a razão: você é um paisano, um civil. Ele disse isso em sentido elogioso, mas você é mesmo um paisano incorrigível. Afinal de contas, anda bem de saúde e pode fazer o que quiser — acrescentou, e seus olhos assumiram uma expressão cansada.

— Sim, exceto pela anemia — disse Hans Castorp. — Ele não tem qualquer coisa para me falar à maneira-roupa da minha cor verde. Mas é verdade, eu mesmo notei que em comparação com o pessoal daqui meu rosto é verde, em casa jamais reparei. E achei muito gentil da parte dele dar-me assim, sem mais, uns conselhos desinteressados, sine pecunia, como ele diz. Estou pronto a fazer o que ele me recomendou, e adaptar meu estilo de vida ao seu... Que mais poderia fazer aqui em cima, afinal? E, por Deus, não me fará mal algum acumular proteínas, embora essa expressão, e você há de concordar comigo, me soe meio repugnante.

Enquanto caminhava, Joachim tossiu algumas vezes — a subida parecia cansá-lo. Quando teve o terceiro acesso de tosse, estacou, Iranzindo a testa, e disse: “Toque em frente!”. Hans Castorp apressou-se em seguir caminho, sem olhar para trás. Depois diminuiu o passo, até quase parar, por ter a impressão de se ter adiantado muito ao primo. Mas não Yoltou a cabeça.

Um grupo de pacientes de ambos os sexos vinha se aproximando dele — Hans Castorp já os vira trilhar o caminho plano a meia altura da encosta. Agora se achavam na descida, indo a seu encontro, a passo barulhento, numa conclusão de vezes. Eram seis ou sete pessoas de diferentes idades, umas muito jovens, outras um tanto avançadas em anos. Hans Castorp contemplou-as, com a cabeça inclinada para o lado, enquanto seus pensamentos se ocupavam com Joachim. Estavam sem chapéu, bronzeados, as senhoras vestiam suéteres coloridas, ao passo que os homens, na maioria, iam sem sobretudo e mesmo sem bengala, como quem sai sem cerimônias, com as mãos nos bolsos, para dar uma Yoltinha em frente de casa. Achavam-se na descida, que não exige grande esforço muscular, mas apenas um ligeiro reaquecimento pelas pernas fincadas no chão para evitar o excesso de velocidade e o tropeção, tal se soltassem montanha abaixo; assim, seu modo de andar tinha algo de alado e leve, que se comunicava às suas fisionomias e

atitude em geral e inspiraYa em Tuem os Yia o deseMo de Iazer parte do grupo.

E logo se encontraram próximos de Hans Castorp, Tue se pôs a examinar-lhes os rostos. Nem todos eram bronzeados, duas senhoras destacaYam-se até pela palidez, uma magrinha como um caniço, com uma tez de marfim, e a outra, mais baixa, gorducha, com a cara salpicada de lunares. Todos o fitaram com o mesmo sorriso petulante. Uma mocinha alta, de suéter Verde, com cabelos desgrenhados e uns estúpidos olhos semicerrados, passou tão perto de Hans Castorp Tue Tuase lhe roçou o braço. E assobiou ao passar... Mas, Tue coisa louca! Assobiou, mas não o Iez com a boca. Nem seTuer contraiu os lábios; pelo contrário, manteYe-os bem cerrados. Algo assobiou de dentro, enTuanto encarou Hans Castorp com uma mirada tola dos olhos entreabertos. Foi um assobio sumamente desagradáYel, agudo, penetrante e todaYia oco, prolongado e de tom cadente, assim como a música desses porTuinhos de borracha comprados em barracas em dias de Iesta, Tue,

com um som gemebundo, deixam escapar o ar insuflado à medida Tue Yão murchando. Tal o ruído inexplicáYel Yindo do peito da MoYem, Tue agora Má se ia com o resto do grupo.

Hans Castorp Tuedou-se imóYel, olhando ao longe. Então se Yirou bruscamente, percebendo Tue o assobio atroz deYeria ter

sido um trote, uma brincadeira de antemão preparada, pois Yiu pelos moYimentos de ombro Tue aTuela gente se ria dele. Um rapaz atarracado e beijudo, Tue, para andar com as mãos nos bolsos da calça, leYantaYa o paletó de uma Iorma bastante inconYeniente, Yirou-se descaradamente para ele e riu... Nesse meio-tempo Joachim se aproximara. Passou pelo grupo e o cumprimentou à sua maneira militar, Iazendo uma Tuase continência e inclinando-se de tacões unidos. Em seguida, Yoltou-se para o primo com um olhar interrogador.

— Que é Tue há com Yocê? — perguntou.

— Ela assobiou! — respondeu Hans Castorp. — Assobiou com a barriga, ao passar por mim. Você saberia me explicar o Tue Ioi isso?

— Ora! — exclamou Joachim, com uma risada desdenhosa.

— Não Ioi com a barriga. Que bobagem! Essa é a KleeIeld, Hermine KleeIeld. Ela assobia com o pneumotórax.

— Com Tuê? — perguntou Hans Castorp. EstaYa sumamente excitado, sem saber, no entanto, em Tue sentido. VacilaYa entre o riso e o choro, Tuando acrescentou: — Você não pode esperar de mim Tue eu compreenda esse Margão de Yocês.

— Vamos adiante — disse Joachim. — Posso lhe explicar, enTuanto a gente passeia. Parece Tue Yocê está criando raízes! Trata-se

de um negócio de cirurgia, compreende? É uma intervenção que
intencionalmente executam a tui. O Behrens tem grande prática
nisso... Quando um pulmão está muito atacado e o outro está
bom, ou pelo menos relativamente bom, dispensa-se o lado
interno por algum tempo de sua atividade, a fim de poupá-
lo. Quer dizer, dão um talho nessa região, no flanco, não sei
precisamente

onde, mas o Behrens é um mestre nessas coisas. E depois enchem
a gente de gás, de nitrogênio, sabe? E assim o pulmão
carcomido é posto fora de ação. É claro que o gás introduzido no
corpo não se conserva indefinidamente. Precisa ser renovado
de quinze em quinze dias, mais ou menos. É a mesma coisa
que reencher um balão, compreende? Ao cabo de um ano ou
mais, se tudo for bem, o pulmão pode curar-se graças a esse
completo descanso. Mas, nem sempre termina assim, e parece
até que a intervenção é bastante arriscada. Contudo, dizem que
já foram obtidos muitos bons resultados com o pneumotórax.
Toda a turma que você acaba de encontrar anda com ele. Há lá
a sra. Itis, a tuela que tem os lunares, sabe? E a srta. Le Yi, uma
magrinha, caso você se lembre; ela ficou de cama por muitíssimo
tempo. Eles formaram um grupo, pois essa coisa do
pneumotórax une mesmo as pessoas, e se denominaram
“Sociedade Meio-Pulmão”, hoje são conhecidos assim. Mas o
orgulho da sociedade é a Hermine Kleefeld, porque sabe assobiar

com o pneumotórax. É um talento especial que poucos têm. Como ela consegue fazê-lo, isso não sei dizer; nem ela mesma sabe explicar. Depois de ter andado depressa, é capaz de assobiar de dentro de si, e disso se aproveita para assustar as pessoas, sobretudo os doentes recém-chegados. Acho, aliás, que com isso perde nitrogênio, pois precisa reabastecer-se de oito em oito dias.

Hans Castorp desatou a rir. No decorrer das explicações de Joachim, a sua excitação tomara decididamente o rumo da hilaridade. Enquanto prosseguia no caminho, cobrindo os olhos com a mão e inclinando-se para a frente, sentiu os ombros sacudidos por uma sucessão rápida de risinhos silenciosos.

— É uma sociedade registrada? — perguntou, numa voz embargada, que, à força de conter o riso, soava chorosa e levemente trêmula. — Tem estatutos? Que pena que você não se torne sócio. Olhe, nesse caso poderiam admitir-me como sócio honorário ou como... visitante. Você poderia pedir ao Behrens que lhe ponha parte dos pulmões fora de ação. Quem sabe se você não conseguiria também assobiar, caso se esforçasse um pouco? Afinal de contas, isso se aprende... É a coisa mais engraçada que já vi! — acrescentou, com um profundo suspiro. — Escute, não me fale a mal que eu falei desse jeito, mas eles mesmos andam tão bem-humorados, esses seus amigos pneumáticos! Quem sabe como caminham assim... E

Tuando se pensa Tue são a “Sociedade Meio- Pulmão”! “Fiu-u”, ela sibila para mim... Uma pessoa e tanto! Mas tudo não passa de traTuinice. Por Tue são tão alegres, Yocê pode me explicar?

Joachim esIorçou-se por encontrar uma resposta.

— Meu Deus — disse enfim —, eles estão tão liYres... Quero dizer, é gente moça, e o tempo nada significa para eles. E Tuem sabe se não Yão morrer? Para Tue então ficar com a cara triste? Às Yezes me Yem a ideia de Tue essa coisa da doença e da morte no Iundo não é séria; é antes uma espécie de relaxamento. A seriedade existe somente na Yida lá de baixo. Creio Tue Yocê também compreenderá isso, Tuando estiYer mais tempo aTui em cima.

— Sem dúYida — confirmou Hans Castorp. — Tenho até certeza disso. Desde Tue estou aTui, comecei logo a me interessar pela Yida de Yocês, e Tuando a gente tem interesse por alguma coisa não tarda em compreendê-la, não é?... Mas, Tue se passa comigo? Não me agrada! — disse abruptamente, olhando o charuto. — Já Iaz tempo Tue me pergunto o Tue é Tue me incomoda, e agora YeMo Tue é o Maria Tue não tem sabor algum. Tem um gosto de papel mascado. Sinto-me como se tiYesse o estômago desarranMado, eu lhe asseguro. É um mistério para mim. Não nego Tue hoMe comi muita coisa, mas isso não pode ser o motiYo, pois Tuanto mais se come, mais aroma tem o charuto. O Tue Yocê acha? Será porTue tiYe

uma noite muito agitada? Talvez seMa isso... Não! Não há Meito! Vou Mogá-lo Iora — concluiu, após uma noYa tentatiYa. — Cada

noYa tragada aumenta a decepção. Não adianta Iorçar. — Depois de hesitar um momento, atirou o charuto encosta abaixo, por entre a brenha úmida. — Quer saber uma coisa?

— perguntou então. — Estou conYencido de Tue isso tem alguma relação com aTuele maldito ardor no rosto, Tue está me incomodando outra Yez, desde Tue me leYantei. O diabo sabe por Tuê, mas tenho a impressão de estar todo corado... Você também sentiu isso, Tuando chegou aTui?

— Senti, sim — disse Joachim. — No começo também estranhei muita coisa. Mas não se preocupe. Eu Má lhe disse Tue não é tão Iácil aclimatar-se aTui em cima. Tudo isso se arranMa. Olhe esse banco aí; tem uma Yista bonita. Vamos sentar-nos um pouco e depois Yoltar. Está Tuase na hora do repouso.

O caminho tornara-se plano. Corria agora na direção de DaYos-Platz, e oIerecia, por entre pinheiros altos e delgados, dobrados pelo Yento, o panorama do poYoado Tue se estendia branco sob a luz clara. O banco de Ieitio tosco em Tue se sentaram encostaYa-se à Yertente íngreme. A seu lado, um curso d'água corria rumo ao Yale, gorgoleMando e cachoando atraYés de uma calha de madeira.

Com a ponta de seu bastão alpino, Joachim pôs-se a ensinar ao primo os nomes dos cumes enYoltos em nuYens, Tue pareciam Iechar o Yale pelo lado sul. Mas Hans Castorp limitou-se a olhá-los de relance, inclinou-se para a Irente e ficou desenhando na areia com a bengala de passeio guarnecida de prata.

InteressaYa-lhe saber outra coisa.

— Eu Tueria lhe perguntar... — começou. — A doente Tue ocupaYa meu Tuarto tinha acabado de esticar as canelas, Tuando cheguei. Já houYe muitos óbitos, desde Tue Yocê está aTui?

— Uns Yários, com certeza — respondeu Joachim. — Mas são tratados com muita discrição, sabe? A gente não nota coisa alguma, ou só mais tarde, casualmente. Quando alguém morre, tudo se dá no mais estrito sigilo, em consideração aos outros pacientes, sobretudo às senhoras,

Tue, não Iosse assim, talYez tiYessem crises nerYosas. Você nem percebe Tuando alguém morre no Tuarto pegado ao seu. Trazem o caixão de madrugada, enTuanto todos estão dormindo, e Yão buscar a pessoa somente em horas determinadas, por exemplo durante as reIeições.

— Hmm... — disse Hans Castorp, continuando a desenhar.

— As coisas se passam nos bastidores, então.

— Sim, de certo modo. Mas recentemente, Iaz... Espere um pouco... Faz talYez umas oito semanas...

— Nesse caso não se pode dizer “recentemente” —

obMetou Hans Castorp, Yigilante e crítico.

— Como? Ah, sim, então não Ioi recentemente. Como Yocê é meticoloso! Eu só estaYa Iazendo uma estimatiYa do número. Bem, Iaz algum tempo tiYe ocasião de lançar um olhar atrás dos bastidores, por mero acaso. Lembro-me daTuele momento como se Iosse hoMe. Foi Tuando leYaram o Yiático, o sacramento da extrema-unção, sabe, os Santos Óleos para a peTuena HuMus, Barbara HuMus, Tue era católica. Quando cheguei aTui, ela ainda não estaYa de cama, e Iazia traYessuras como uma colegial de Tuinze anos. Mas depois Ioi enIraTuecendo rapidamente. Não se leYantou mais. Seu Tuarto achaYa-se a três portas do meu. Por fim chegaram seus pais, e um dia também o padre. Veio Tuando todos estaYam tomando o chá da tarde e não haYia ninguém nos corredores. Mas, imagine o Tue me aconteceu: adormeci durante o repouso geral, não ouYi o sinal do gongo e me atrasei uns Tuinze minutos. Assim se deu Tue no momento crítico, em Yez de me achar entre os outros, me perdi atrás dos bastidores, para usar a sua expressão. Eu estaYa a ponto de atraYessar o corredor Tuando apareceram e Ioram ao meu encontro com camisas de renda e uma cruz à Irente, uma cruz de ouro, com lanternas, como se Iosse o estandarte da banda do regimento.

— Isso não é comparação Tue se Iaça — disse Hans

Castorp com certa seriedade.

— Ora, foi essa impressão que eu tive. Foi sem querer que me lembrei disso. Mas só o que aconteceu. Vieram em minha direção, a passo apressado. Eram uns três, se não me engano; à frente o homem da cruz, depois o sacerdote, com óculos no nariz, e por fim um menino com o turbante. O padre levava à altura do peito o cálice recoberto, mantendo a cabeça humildemente inclinada; era o Santo Sacramento, você sabe.

— Justamente — disse Hans Castorp. — Por isso estranhei quando você falou da banda do regimento.

— Pois é. Mas espere um pouco, porque se você tivesse assistido à cena também não saberia o que pensar dessa lembrança. Era de causar pesadelos...

— Em que sentido?

— Bem, eu não sabia como me comportar numa circunstância dessas. Não estava sequer de chapéu, que eu pudesse tirar...

— Está vendo? — interrompeu-o Hans Castorp mais uma vez. — Está vendo como é necessário usar chapéu? Notei que vocês todos andam sem, a não ser em cima. Mas costumam usar, para poder tirá-lo nas ocasiões oportunas... E que aconteceu então?

— Postei-me Munto da parede — disse Joachim — numa atitude conYeniente. Quando se aproximaram de mim, fiz uma leYe mesura. Foi bem em Irente do Tuarto da peTuena HuMus, número Yinte e oito. Acho Tue o padre ficou satisIeito ao Yer minha reYerência; agradeceu amaYelmente, tirando o barrete. E no mesmo instante pararam. O menino com o turíbulo bateu à porta, abriu e deu passagem ao superior. E agora imagine o meu espanto e o Tue senti! No momento em Tue o sacerdote atraYessa o limiar do Tuarto, começa lá dentro um barulhão, uns berros como Yocê nunca ouYiu, umas três ou Tuatro Yezes seguidas, e depois uma gritaria ininterrupta, contínua, gritos Tue pareciam sair de uma boca Yastamente aberta, aaah, e haYia nisso tanta desolação, tanto horror, tanto protesto, Tue é indescritíYel, e umas

súplicas tão pungentes de Tuando em Tuando!... E de repente tudo se torna caYo e surdo, como se a Yoz se tiYesse sumido debaixo da terra e Yiesse das proIundezas do porão.

Hans Castorp Yoltou-se bruscamente para o primo:

— Era a HuMus? — perguntou, transtornado. — E como assim “do porão”?

— Ela tinha se escondido sob os cobertores — disse Joachim.

— Imagine o Tue eu senti! O sacerdote permaneceu no limiar da porta, disse palaYras de conIorto. Parece-me Tue o YeMo

ainda. Ao Ialar, aYançaYa um pouco a cabeça, e depois YoltaYa a retraí-la. O homem com a cruz e o coroinha não Yiam a hora de partir, sem haYer seTuer entrado. E por entre os dois, eu podia Yer o interior do Tuarto. É igual aos nossos, com a cama à esTuerda da porta, contra a parede. À cabeceira, algumas pessoas, os pais naturalmente, Tue também se inclinaYam para a cama, proIerindo palaYras de consolo, e na cama só se Yia uma massa inIorme, Tue suplicaYa, esperneaYa, protestaYa com horror.

— EsperneaYa mesmo?

— Com todas as Iorças. Mas de nada lhe adiantou. Foi ineYitáYel Tue recebesse a extrema-unção. O padre aproximou-se dela, os dois outros entraram também, e a porta Iechou-se. Mas antes ainda pude Yer: a cabeça da HuMus aparece por um segundo com os cabelos louros reYoltos, craYa no sacerdote os olhos arregalados, olhos pálidos, sem cor alguma, e com “ahs” e “ais” Yolta a desaparecer sob a colcha.

— E Yocê só me conta isso agora? — disse Hans Castorp, depois de um silêncio. — Não compreendo por Tue Má não tocou no assunto ontem à noite... Mas, meu Deus, ela ainda deYia estar muito Iorte para se deIender desse Meito. É preciso estar Iorte para isso. Não deYeriam mandar Yir o padre antes de a pessoa ficar bem Iraca.

— Ela está Iraca, sim — replicou Joachim. — Ah, não
Ialtaria o Tue contar sobre isso. DiÍícil é saber por onde
começar... Ela está bem Iraca, e Ioi só o medo Tue lhe deu
tanta Iorça. Sentiu um paYor horríYel porTue percebeu Tue estáYa
às portas da morte. Era uma mocinha, afinal, seria Iácil
compreendê-la. Mas também há homens Tue se comportam
assim, o Tue é sinal de uma coYardia imperdoáYel. O
Behrens sabe, aliás, como lidar com esses tipos no tom
adeTuado.

— Que tom? — perguntou Hans Castorp, Iranzindo as
sobrancelhas.

— “Não Iaça tanta fita!” é o Tue ele diz — respondeu Joachim.

— Disse isso não Iaz muito tempo, numa ocasião parecida.
Quem nos contou Ioi a enIermeira-cheIe, Tue estáYa lá para
segurar o agonizante. Era um desses Tue no leito de morte ainda
Iazem uma cena paYorosa e não Tuerem morrer de Meito
algum. Então o Behrens ralhou com ele. “Faça o IaYor de não
Iazer tanta fita!”, ele disse, e o paciente logo ficou Tuietinho e
morreu com toda a calma.

Hans Castorp deu uma palmada na coxa e, reclinando-se no
encosto do banco, ergueu o olhar aos céus:

— Ora, escuta só, essa é demais! — exclamou. — Ralhar com o
doente e dizer-lhe sem mais nem menos: “Não Iaça tanta fita!”. A

um moribundo! É demais. Afinal de contas, um moribundo merece respeito. Não se pode dizer-lhe isso do nada... Para mim, um moribundo é como Tue sagrado.

— Não discordo — disse Joachim. — Mas com um comportamento como esse...

— Ah, não! — insistiu Hans Castorp, com uma Yeemência desproporcional à pouca oposição Tue enIrentaYa. — Ninguém me tirará da cabeça Tue um moribundo é mais nobre do Tue um indiYíduo TualTuer Tue passeia e ri e ganha dinheiro e enche a pança! Isso não!... — Sua Yoz Yacilou estranhamente. — Não é admissíYel Tue do nada...

— E de súbito suas palaYras se aIogaram numa gargalhada Tue se apoderou dele e o dominou; era o mesmo riso da Yéspera, uma risada Tue brotaYa das entranhas, lhe sacudia

todo o corpo e não tinha fim, Tue lhe cerrou os olhos e arrancou lágrimas por entre as pálpebras comprimidas.

— Pziu! — Iez Joachim de repente. — Agora silêncio! — cochichou e acotoYelou o primo Tue ainda se ria a bandeiras despregadas. Hans Castorp ergueu os olhos cheios de lágrimas.

Vindo da esTuerda, aproximou-se um Iorasteiro, um senhor baixinho, moreno, com bigode preto elegantemente torcido, e calças de xadrez claro. Trocou com Joachim uma saudação

— a dele era nítida e sonora — e deteYe-se à sua Irente numa atitude graciosa, os pés cruzados, apoiado na bengala.

SATANA

Seria difícil adivinhar-lhe a idade, devida ter entre trinta e quarenta anos, visto seus cabelos, nas fontes, se acharem entremeados de fios de prata e mais acima se tornarem bastante ralos, se bem que a aparência geral da sua pessoa desse a impressão de juventude. Duas entradas profundas evidenciavam-se ao lado da risca que repartia os cabelos escassos e aumentavam-lhe a fronte. Seus trajes — amplas calças de xadrez amarelado e paletó muito comprido, de uma fazenda parecida com burel, com duas fileiras de botões e lapelas largas — estavam longe de pretender qualquer elegância. O colarinho duro, de pontas arredondadas e viradas para baixo, já estava puído nas bordas, de tanto lavar, e a gravata preta, gasta pelo uso; pelo jeito irouxo como as mangas lhe caíam sobre os pulsos, Hans Castorp notou que ele não usava punhos. Contudo, era impossível tratar-se de um velho; a esse respeito não deixava dúvidas o cunho de cultura que marcava o rosto do nordestino, tampouco sua atitude natural e quase nobre. Tal mescla de desalinho e graça, combinada com uns olhos negros e o bigode sualemente ondulado, fez Hans Castorp pensar em certos músicos estrangeiros que na época do Natal tocavam nos pátios de Hamburgo e que com os olhos veludados dirigidos para cima estendiam os chapéus de aba larga, para que das Manelas lhes

lançassem moedas de dez pIennig. “Um tocador de realeMo”, pensou Hans Castorp, e assim não se admirou nem um pouTuinho do nome Tue ouYiu, Tuando Joachim se leYantou do banco e, com algum acanhamento, Iez a apresentação.

— Meu primo Castorp... o sr. Settembrini.

Também Hans Castorp se pusera de pé para cumprimentar o caYalheiro. Seu rosto reYelaYa ainda os traços daTuele excesso de hilaridade. Mas o italiano, cortesmente, Iez Tuestão de Tue não se incomodassem, e obrigou-os a sentarem-se de noYo, ao passo Tue ele mesmo permaneceu em Irente aos dois, na sua postura agradáYel. EsboçaYa um sorriso ao manter-se assim, contemplando os primos, principalmente a Hans Castorp; e essa expressão fina, um tanto zombeteira, Tue lhe aproIundaYa e encrespaYa uma das comissuras da boca, sob o espesso bigode, produzia um eIeito singular, conYidando, em certo sentido, à lucidez do espírito e à Yigilância. Hans Castorp, sentindo-se como Tue prontamente desembriagado, enYergonhou-se do seu desenIreamento anterior.

— Os senhores estão de bom humor. Têm motiYo, têm toda a razão. Uma esplêndida manhã! O azul do céu, o sol a sorrir... — E com um gesto rápido e elegante do braço, ergueu para o céu a mãozinha amarela, enTuanto lançaYa na mesma direção um

olhar alegre. — Realmente faltaria pouco para estarmos onde estamos.

Falava sem sotaque, e somente a precisão da pronúncia poderia fazer adivinhar que se tratava de um estrangeiro. Seus lábios formavam as palavras com certa volúpia. Dava prazer ouvi-lo.

— E o senhor fez uma viagem agradável? — perguntou a Hans Castorp. — Já lhe comunicaram a sentença? Quero dizer: Má se realizou a sinistra cerimônia do primeiro exame médico? — Aí precisaria haver calado e aguardar, se de fato desejasse obter resposta; pois fizera a pergunta, e Hans Castorp estava a ponto de responder. Mas de imediato o forasteiro voltou a perguntar: — Decorreu sem transtornos, sua viagem? Da sua hilaridade — silenciou por um instante, enquanto se acentuava o encrespamento dos seus lábios — podem-se tirar conclusões bem distintas. Quantos meses lhe pespegaram os nossos Minos e Radamanto? — A palavra “pespegaram” soou particularmente engraçada em sua boca. — Deixe-me adivinhar. Seis? Ou logo noventa? Mesmamente a você não tem vez...

Hans Castorp riu-se, surpreso, procurando recordar quem eram Minos e Radamanto. Respondeu então:

— Como assim? Não, não, a você há um engano, sr. Settem...

— Settembrini — corrigiu o italiano, com nitidez e presteza, curvando-se em uma reverência humorística.

— Sr. Settembrini — Tueira perdoar! Como Má disse, há um engano seu. Não estou doente, não. Presto apenas uma Yisita de poucas semanas ao meu primo Ziemssen e também Tuero aproYeitar a ocasião para descansar um pouTuinho...

— Ora, YeMam! Então não é dos nossos? O senhor é saudáYel e só está de passagem, como Ulisses no reino das sombras? Que audácia descer a estas proIundezas, onde os mortos pairam e Yegetam...

— ProIundezas, sr. Settembrini? Por IaYor não diga isso! Subi uns cinco mil pés para chegar aTui...

— É o Tue o senhor pensa! PalaYra de honra, trata-se apenas de uma ilusão — disse o italiano, com um gesto enérgico da mão. — Somos criaturas Tue caíram muito baixo; não é mesmo, tenente? — e com isso Yoltou-se para Joachim, Tue muito se alegrou pelo tratamento honroso, mas se esIorçou por dissimular sua satisIação e apenas respondeu circunspecto:

— Pode ser Tue a gente tenha se apatetado aTui. Mas há meios de se regenerar.

— Pois é, acho Tue o senhor tem capacidade para isso; é um homem decente — disse Settembrini. — Sim, sim, sim!

— ele disse, sibilando três Yezes o “s” e Iazendo estalar a língua outras tantas Yezes contra o céu da boca. Depois, dirigindo-se a Hans Castorp, exclamou: — VeMa só, YeMa só, YeMa só! — com

a mesma pronúncia do “s”, enquanto mirava o rosto do noYato com tamanha intensidade. Seus olhos assumiam expressão fixa e cega. Por fim, reatando o olhar, prosseguiu: — Então o senhor Yeio por vontade própria a estas alturas, visitar esta gente decaída que somos, e quer nos conceder por algum tempo o prazer da sua companhia... Muito gentil da sua parte. E quanto

tempo pretende ficar aqui? Sou indiscreto. Mas quero me deixar surpreender ao ouvir o prazo que alguém fixa para si quando decide livremente, e não Radamanto.

— Três semanas — respondeu Hans Castorp, com orgulho um tanto íntimo, ao notar que causava interesse.

— Oh, dio! Três semanas! Ouviu, tenente? Não lhe parece um atrevimento dizer: “Vou passar três semanas aqui, e depois partir”? Foi sabendo, meu senhor, que ignoramos a semana como medida de tempo. Para nós, a menor unidade é o mês. Fazemos nossas contas em grande estilo: eis um privilégio das sombras. Temos outros privilégios ainda, todos eles de tipo semelhante. Posso perguntar que profissão o senhor exerce na Yida lá de baixo, ou melhor, para que profissão se prepara? Como está vendo, não costumamos reprimir a nossa curiosidade. Ela é um de nossos privilégios também.

— Com o maior prazer — disse Hans Castorp, e prestou a informação.

— Engenheiro naYal! Magnífico! — gritou Settembrini. — Essa profissão me parece magnífica, eu lhe asseguro, embora os meus próprios talentos Yão em outra direção.

— O sr. Settembrini é literato — explicou Joachim com certo acanhamento. — EscreYeu o necrológio de Carducci para periódicos alemães. Carducci, Yocê sabe. — E ficou ainda mais acanhado, Tuando o primo o olhou pasmo, como se dissesse: “Que sabe Yocê de Carducci? Não mais do Tue eu, se não me engano”.

— Exatamente — confirmou o italiano, sacudindo a cabeça.

— TiYe a honra de Ialar aos seus compatriotas da Yida desse grande poeta e liYre-pensador, Tuando ela chegou ao fim. Conheci-o; posso dizer-me seu discípulo. Em Bolonha, estiYe sentado aos seus pés. A ele deYo meu Tuinhão de cultura e de alegria de YiYer. Mas estáYamos Ialando do senhor.

Engenheiro naYal! Sabe o senhor Tue está subindo no meu conceito? De repente se me afigura como o representante de todo um uniYerso do trabalho e do gênio prático.

— Ah, sr. Settembrini, por ora sou apenas estudante e estou bem no início.

— Pois sim, e o primeiro passo custa. Como aliás é difícil todo trabalho que merece esse nome, não é?

— Difícil como o diabo — disse Hans Castorp, e essas palavras lhe saíram do fundo do coração.

De súbito Settembrini levantou as sobrancelhas.

— O senhor invocou o próprio diabo para confirmar tal coisa? — perguntou. — Satanã em pessoa? Sabe que meu grande mestre lhe dedicou um hino?

— Como? — admirou-se Hans Castorp. — Ao diabo?

— A ele mesmo. Cantam esse hino em minha pátria, em certas solenidades: O saluto, o Satana, o Ribellione, o forza vindice della Ragione... Um cântico magnífico! Mas me parece pouco provável que o senhor tenha pensado nesse diabo, já que as relações dele com o trabalho são as melhores. O diabo a quem o senhor se refere, e que abomina o trabalho porque tem motivos para temê-lo, deve ser aquele outro do qual dizem que com ele não se brinca...

Tudo isso causou uma impressão estranha ao bom Hans Castorp. Não sabia italiano, e o resto do que dizia Settembrini tampouco lhe inspirava muita confiança. Essas coisas sabiam a sermão dominical, ainda que proferidas num tom de palestra leve e jocosa. Hans Castorp olhou o primo, que baixou os olhos, e então disse:

— O senhor toma as minhas palavras muito ao pé da letra, sr. Settembrini. O que eu disse do diabo era apenas uma maneira de falar e nada mais.

— Deveria haver uma pessoa com espírito — disse Settembrini, mirando o ar com uma expressão melancólica. Porém, reanimando-se imediatamente, e dando à conversa um caráter mais gracioso e conciliador, continuou: — Se eu como senhor, penso ter razão quando deduzo de suas palavras que o senhor escolheu uma profissão tão exigente quanto honrosa. Meu Deus, sou humanista, um Homo humanus, e nada entendo dessas coisas engenhosas, por mais sincero que seja o respeito que lhes vou. Mas imagino que a teoria da sua disciplina revela um cérebro claro e arguto; e sua prática, um homem na genuína acepção da palavra. Não é assim?

— Por certo é assim, não posso deixar de concordar com o senhor — respondeu Hans Castorp, empenhando-se, ao mesmo tempo, em falar com alguma eloquência. — É uma enormidade o que se exige de nós hoje em dia. Nem é bom pensar na extensão dessas exigências, do contrário arriscamos perder a coragem. Não, não é brincadeira. E quando não se tem uma constituição tão robusta... Estou aqui apenas de visita, e também não sou dos mais robustos. Assim, seria mentira se dissesse que me dou tão bem com o trabalho. Pelo contrário, de fato confesso

Tue ele me esgota bastante. No Iundo, só me sinto bem mesmo Tuando nada Iaço...

— Como agora, por exemplo?

— Agora? Acabo de chegar aTui em cima, e ainda ando meio tonto, como o senhor pode imaginar...

— Ah! Meio tonto...

— Pois é. Não dormi muito bem, e depois o caIé da manhã Ioi reIorçado demais... Estou acostumado a uma primeira reIeição abundante, mas a de hoMe parece Tue Ioi completa demais para mim, too rich, como dizem os ingleses. Numa palaYra, eu me sinto um pouco angustiado, e esta manhã um charuto não me apeteceu. Imagine só! É coisa Tue Tuase nunca me acontece, a não ser Tuando estou seriamente doente, e hoMe o meu charuto estaYa com gosto de couro! TiYe de Mogá-lo Iora, não adiantaYa Iorçar. O senhor Iuma, se me posso permitir a pergunta? Não? Então não pode ter ideia do aborrecimento e da decepção Tue um caso desses proYoca numa pessoa Tue desde a MuYentude gosta tanto de Iumar, como eu...

— Não tenho experiência nesse campo — replicou

Settembrini —, e não estou em má companhia com essa

minha inexperiência. Grande número de espíritos nobres e

esclarecidos detestou o tabaco. Carducci também não lhe era

simpático. Mas nesse ponto o senhor contará com a plena compreensão de nosso Radamanto, Tue é partidário do seu Yício.

— Meu... Yício? Não diga isso, sr. Settembrini.

— Por Tue não? É preciso chamar as coisas pelos seus nomes Verdadeiros, e Iazê-lo com energia. Isso Iortalece e eleYa a Yida. Também tenho meus Yícios.

— Então o dr. Behrens é um apreciador de charutos? Que homem simpático!

— O senhor acha? Já traYou conhecimento com ele, então...

— Sim, Tuando saímos agora há pouco. Foi Tuase uma consulta, mas sine pecunia, sabe? Ele notou de imediato Tue estou bastante anêmico, e me deu o conselho de seguir, aTui, o mesmo regime Tue meu primo: passar muito tempo deitado na sacada e também tomar a minha temperatura, Ioi o Tue me disse.

— Verdade? — gritou Settembrini. — Que maraYilha! — exclamou então, rindo-se às gargalhadas, com o corpo curYado para trás e o rosto leYantado para o céu. — Como se diz na ópera de seu mestre: “Caço pássaros, sempre alegre, oleri, lará-oleré!”. Escute, essa é mesmo diYertida. E o senhor seguirá o conselho dele? Mas sem dúYida! E por Tue não!? É esperto como o diabo, esse Radamanto! E “sempre alegre”, com eIeito, se bem Tue às Yezes de uma alegria meio Iorçada. Tem uma tendência para a melancolia. Seu Yício não lhe Iaz bem (se

fizesse, não seria um Yício), e o tabaco torna-o merencório. Eis por Tue a nossa reYerenda superiora se encarregou de administrar suas proYisões de Iumo e lhe concede somente peTuenas rações diárias. Dizem Tue de Yez em Tuando ele sucumbe à tentação de lhe roubar uns charutos a mais, e nesse caso cai em melancolia. Numa palaYra: tem a alma atarantada. O senhor Má conhece a nossa enIermeira-cheIe? Não? Que lástima!

Seria imperdoáYel da sua parte não demandar a honra de lhe ser apresentado. Ela pertence à estirpe dos Von Mylendonks, prezado senhor! Da Vênus de Médicis distingue-se num único ponto: no lugar onde a deusa mostra os seios, costuma a enIermeira-cheIe usar um crucifixo.

— Rá, rá, essa é boa! — riu-se Hans Castorp.

— E seu prenome é Adriática.

— Ainda mais essa? — exclamou Hans Castorp. — VeMa só, é extraordinário. Von Mylendonk, e ademais, Adriática. É como se Iosse uma pessoa morta há muito tempo. Parece até medieYal.

— Meu caro senhor — retrucou Settembrini —, aTui existe muita coisa Tue “parece medieYal”, para usar a sua expressão. Tenho para mim Tue Ioi exclusiYamente por seu senso de estilo artístico Tue nosso Radamanto nomeou esse Ióssil como diretora do seu Museu de Horrores. Pois ele é artista... Ainda não sabia? Sim, sim, ele pinta a óleo. Afinal, nem há Tue opinar, não há nada de

proibido nisso, a coisa está aí para Tuem Tueira... Dona Adriática diz a todos Tuantos Tuerem ouYi-la, e também aos Tue não Tuerem, Tue em meados do século XIII houYe uma Mylendonk Tue Ioi abadessa de um conYento em Bonn, sobre o Reno. Ela mesma não pode ter nascido muito tempo depois dessa época...

— Rá, rá, rá! Acho-o bem sarcástico, sr. Settembrini.

— Sarcástico? O senhor Tuer dizer: maledicente. Sim, sou um pouco maledicente — disse Settembrini. — Lamento apenas Tue me tenham condenado a desperdiçar minha maledicência com assuntos tão miseráveis. Espero Tue o senhor não se oponha à maledicência, meu caro engenheiro. A meu Yer, é a mais esplêndida arma da razão na luta contra as potências das treYas e da Iealdade. A maledicência, senhor, é o espírito da crítica, e a crítica representa a origem do progresso e do esclarecimento. — E de súbito pôs-se a discorrer sobre Petrarca, a Tuem chamou de “pai dos tempos modernos”.

— Acho Tue agora temos Tue ir ao repouso, não? — disse Joachim, circunspecto.

O literato fizera acompanhar suas palaYras de expressiYos gestos da mão. Assim, concluiu a mímica com um gesto Tue apontou para Joachim, e disse:

— Nosso tenente dá o sinal de ser Yiço. Vamo-nos, então! Temos o mesmo caminho, “à direita, a Tuele Tue busca os muros de Dis, o Poderoso”. Ah, Virgílio, Virgílio! Não há Tuem o supere, meus senhores! Acredito no progresso, por certo. Mas Virgílio dispõe de adMetiYos Tue nenhum moderno encontraria...

E, enquanto se puseram a caminho de casa, ele começou a recitar Yersos latinos com pronúncia italiana; mas interrompeu-se Tuando lhes Yeio ao encontro uma mocinha TualTuer, aparentemente uma aldeã, nem tão notáYel pela beleza, e ele abriu um sorriso namorador, metendo-se a cantarolar.

— Ts, ts, ts — estalou a língua. — Ai, ai, ai! Trá, lá, lá! Bonita Moaninha, Tuer ser minha? VeMam só, “seus olhos brilham à luz IurtiYa” — ele recitou sabe Deus Tue autor, e com um gesto mandou um beiMo à MoYem Má de costas, Tue lá se ia, toda conIusa.

“Que grande doidiYanas!”, pensou Hans Castorp, e não mudou sua opinião Tuando Settembrini, após esse acesso de galanteria, Yoltou a maldizer. Ele tinha uma birra especial contra o dr. Behrens. Criticou-lhe o tamanho dos pés e ironizou o título de conselheiro áulico, Tue ele recebera de um príncipe Tue soIria de tuberculose cerebral. A região inteira, segundo Settembrini, ainda Ialaria da Yida escandalosa desse príncipe, mas Radamanto teria Ieito apenas Yista grossa, bem grossa, à maneira mais perIeita de um cortesão áulico. Os senhores

saberiam, a propósito, Tue Behrens Ioi o inYentor da temporada de Yerão? Ele e mais ninguém! Honra ao mérito! Antigamente apenas os mais fiéis entre os fiéis passaYam o estio neste Yale. Mas “o

nosso humorista”, na sua clariYidência incorruptíYel, percebeu então Tue esse inconYeniente decorreria somente de um preconceito. E estabeleceu a teoria segundo a Tual, pelo menos no Tue tocaYa ao seu sanatório, a cura de Yerão era não só recomendáYel, mas até sumamente eficaz e mesmo imprescindíYel. Soube apresentar seus argumentos, diYulgou-os por meio de artigos de Mornal e interessou a imprensa por eles. Desde então, os negócios marcharam igualmente bem no Yerão como no inYerno.

— É um gênio — disse Settembrini. — In-tu-i-ção! — exclamou. E a seguir se pôs a achincalhar os demais estabelecimentos do lugar, elogiando num tom cáustico o espírito negociista dos seus donos. HaYia lá o proIessor KaIka... Todos os anos, na época crítica do degelo, Tuando grande número de pensionistas Tueria partir, o proIessor KaIka Yia-se Iorçado a Iazer uma Yiagem de oito dias, mas prometia outorgar as autorizações de alta logo após o seu regresso. Entretanto, permanecia ausente durante seis semanas, e os desgraçados a esperar, enTuanto suas contas, diga-se de passagem, não paraYam de aumentar. Certa Yez, KaIka Ioi

chamado a Fiume para examinar um doente, mas não se pôs a caminho antes que lhe garantissem uns bons cinco mil Francos suíços, e entre uma coisa e outra passaram-se duas semanas. No dia seguinte ao da chegada do celebríssimo, o paciente faleceu. Quanto ao dr. Salzmänn, este até diria à boca cheia que o proI. Kalk não mantinha limpas as seringas de injeção, a ponto de injecionar os enfermos. “Ele usa pneumáticos nas rodas de seu coche” — afirmaria Salzmänn — “para que seus mortos não o ouçam”, ao que Kalk replica que no sanatório de Salzmänn obriga os pacientes a um consumo muito intenso do “fruto consolador da Yinha” (igualmente na intenção de lhes arredondarem as contas), de maneira que ali morreria gente aos montes, não de tísica, mas de cirrose do fígado...

Entanto Settembrini prosseguia no mesmo tom, Hans Castorp ria-se moçalmente e sem malícia, ao ouvir essa catadupa de eloquência blasfema. A linguagem do italiano tinha um som particularmente agradável, na sua absoluta pureza e correção, límpida de qualquer sotaque. Dos seus lábios rolavam as palavras brotando cheias, distintas e como que recém-feitas. O próprio Settembrini gozava com as locuções e formas cultas, e sardônicas de que se servia; até mesmo a flexão e a conjugação gramatical dos vocabúlos causavam-lhe prazer evidente e contagiante, que se disseminava ao redor. Ele

parecia ter o espírito por demais claro e concentrado para Tue lhe pudesse ocorrer, nem uma vez seTuer, perder o fio da meada.

— O senhor Iala com tanta graça, sr. Settembrini — disse Hans Castorp —, com tamanha YiYacidade... Nem sei como chamar esse seu Meito de Ialar.

— Plástico, talYez? — respondeu o italiano, abanando-se com o lenço, apesar da temperatura bastante Iresca. — Esta deYe ser a palaYra Tue o senhor procura. Quer dizer Tue eu Ialo de um modo plástico... Mas, Tue é isto? — exclamou. — Que é Tue estou Yendo? Ali deambulam os nossos Muízes do inIerno. Que Yisão!

Os três Má haYiam dobrado a curYa do caminho. Isso se deYeria aos discursos de Settembrini? Ao decliYe da rua? Ou teriam se aIastado do sanatório menos Tue parecera a Hans Castorp? Pois todo caminho Tue trilhamos pela primeira vez é muito mais longo Tue o mesmo caminho Tuando Má o conhecemos... Fosse como Iosse, o regresso se realizara com uma rapidez surpreendente. Settembrini tinha razão, eram os dois médicos Tue caminhaYam pelo largo Tue se estendia atrás do sanatório, o dr. Behrens à Irente, com o Maleco branco e a nuca saliente, agitando os braços como se Iossem remos, e o dr. KrokoZski seguindo-lhe as pegadas, com seu blusão preto, lançando olhares em torno de si, Tue se mostraYam tanto mais orgulhosos na medida em Tue a ética profissional o obrigasse, em serYiço, a manter-se atrás do cheIe.

— Ah, KrokoZski! — gritou Settembrini. — Lá Yai ele e conhece todos os segredos das nossas damas. Não deixem de reparar no refinado simbolismo da sua Yestimenta. Ele anda de preto, para indicar Tue o seu campo de estudos mais peculiar é a noite. Esse homem tem na cabeça um único pensamento, e tal pensamento é sórdido. Como pode, Engenheiro, Tue ainda não tenhamos Ialado dele? O senhor Má chegou a conhecê-lo?

Hans Castorp disse Tue sim.

— E então? Começo a crer Tue ele também lhe agrada...

— Francamente não sei, sr. Settembrini. Falei com ele apenas uns poucos instantes. E não tenho o hábito de Iormar uma opinião precipitada. Costumo olhar as pessoas e pensar: “Então és assim? Muito bem”.

— Isso é apatia! — respondeu o italiano. — Por Tue não Mulgar? Julgue, sim! É para esse fim Tue a natureza lhe deu dois olhos e o discernimento. O senhor achou Tue eu Iui maledicente, mas se Ialei assim não o fiz sem intenção pedagógica. Nós, os humanistas, temos todos uma Yeia pedagógica... Meus senhores, o laço histórico entre o humanismo e a pedagogia é a proYa do laço psicológico Tue existe entre ambos. Não conYém priYar o humanista de sua Iunção educadora... Não se lhe pode arrebatat essa Iunção, porTue somente ele guarda a tradição da dignidade e beleza do humano. Um dia o humanista

substituiu o sacerdote, Tue numa época sombria e misantrópica ousara arrogar-se a condução da MuYentude. Desde então, senhores, não surgiu TualTuer tipo noYo de educador. O ginásio humanista... TalYez o Engenheiro me chame de reacionário, mas por princípio, in abstracto, Tueira compreender-me bem... do ginásio humanista eu continuo adepto...

Ainda no eleYador continuou desenYolYendo o tema e não se calou senão no segundo andar, Tuando os primos saíram. Ele seguiu até o terceiro, onde, como contou Joachim, ocupaYa um Tuartinho Tue daYa para os Iundos do sanatório.

— Então não tem muito dinheiro? — perguntou Hans Castorp, Tue acompanhou Joachim. O Quarto do primo era totalmente igual ao seu, em Irente.

— Não — disse Joachim —, ao Tue parece, não. Ou pelo menos só o Tue é necessário para pagar a pensão. Seu pai Má era literato, sabe? E, se não me engano, também o aYô.

— Bem, então é isso... — disse Hans Castorp. — E ele está seriamente doente?

— Ao Tue eu saiba, não corre perigo, mas a doença é persistente e sempre reincide. Ele Má soIre disso Iaz muitos anos, partiu uma Yez ou outra, mas logo teYe Tue se internar de noYo.

— Pobre coitado! Logo ele Tve tanto louYa o trabalho... E é tão loTuaz, mesmo com tudo isso. E salta de um assunto a outro com tanta Iacilidade! Com a peTuena ele Ioi bastante atreYido, fiTvei até incomodado, por um momento. Mas o Tve disse depois sobre a dignidade humana Ioi mesmo notáYel, tiYe a impressão de estar ouYindo um discurso solene. Você o encontra muitas Yezes?

SUTILEZA DO PENSAMENTO

Mas Joachim não pôde responder senão com dificuldade e sem nitidez. Tirara um pequeno termômetro de um estojo de couro vermelho, tirado de seu bolso, e se achava na mesa, e introduzira na boca a extremidade inferior cheia de mercúrio. Mantendo-o à esquerda, por baixo da língua, de maneira que o instrumento de vidro saía obliquamente da boca, apontando para cima, e então pôs-se à vontade, calçando sapatos e vestindo uma manta agalada. Buscou na mesa uma tabela impressa e um lápis, bem como um livro — uma gramática russa, mas que estudava russo, por esperar disso, segundo afirmava, certas vantagens no sereno. Assim equipado, saiu para a sacada, instalou-se na espreguiçadeira e atirou por cima dos pés um cobertor de lã de camelo.

Essa última precaução talvez não era necessária. Havia um quarto de hora, a camada de nuvens tornara-se cada vez mais transparente, e o sol irrompeu com tamanho calor e brilho estival. Mas Joachim protegeu a cabeça com uma espécie de toldo de linho branco, que por meio de um pequeno mecanismo engenhoso podia ser fixado no braço da cadeira e inclinado segundo a posição do sol. Hans Castorp elogiou esse invento. Ficou à espera do resultado da tomada de temperatura. Nesse ínterim, pôs-se a observar tudo quanto se fazia; também

contemplou o saco de pele que se achava apoiado num canto da loggia — Joachim sentia-se dele nos dias frios — e com os cotovelos fincados no parapeito olhou para o Mardim, onde o alpendre comum estava a essa hora povoado de pacientes deitados, que liam, escreviam ou conversavam. Não se lograva ver, aliás, senão uma parte do interior, com umas cinco espreguiçadeiras, talvez.

— Quanto tempo vai durar isto? — perguntou Hans Castorp, voltando a cabeça.

Joachim levantou sete dedos.

— Mas não dá para passar esses sete minutos.

Joachim fez que não. Depois de alguns instantes tirou o termômetro da boca, olhou-o e disse:

— Pois é, quando se presta atenção ao tempo, ele passa muito depressa. Eu gosto de tomar a temperatura quatro vezes por dia, portanto assim se nota o tempo propriamente representa um minuto, ou até uns sete minutos, para gente que, como nós aqui, esbanja tão paurosamente os sete dias da semana.

— Você diz: “propriamente”. Assim não se pode dizer — objetou Hans Castorp, que se sentara com uma coxa no parapeito. O branco dos seus olhos estava estriado de vermelho. — O tempo não tem natureza própria, em

absoluto. Quando nos parece longo, é longo, e Tuando nos parece curto, é curto, mas ninguém sabe em realidade a sua Verdadeira extensão. — Não tinha o hábito de filosofar, mas nesse momento sentiu-se impelido a fazê-lo.

Joachim replicou:

— Como não? Afinal de contas medimos o tempo. Temos relógios e calendários, e Tuando um mês se escoar, termina para mim, para Você e para todos os outros.

— Espere um pouco — disse Hans Castorp, levantando o índice à altura dos olhos seus. — Você acha então que um minuto é tão longo como lhe parece, Tuando toma a temperatura?

— Um minuto é longo assim... ele dura tanto tempo Tuando o ponteiro dos segundos necessita para dar uma volta completa.

— Mas o ponteiro precisa de bem mais ou bem menos tempo, conforme a sensação que experimentamos. E na realidade... eu digo: na realidade — repetiu Hans Castorp, apertando o índice contra o nariz, com tanta força que chegou a torcer a ponta — trata-se aí de um movimento, de um movimento no espaço; não é? Espere, não me interrompa! Medimos o tempo por meio do espaço,

portanto. Mas isso é a mesma coisa que medir o espaço com o auxílio do tempo... o que fazem somente pessoas sem espírito científico. De Hamburgo a Berlim são vinte horas; sim senhor,

de trem. Mas a pé, tuantas horas são? E no pensamento? Nem um segundo!

— Escute — disse Joachim. — Que é tuê yocê tem? Parece tuê o ar, a tuí conosco, lhe Iaz mal.

— Silêncio! Algo muito sutil me passa pela cabeça. Que é o tempo, afinal? — perguntou Hans Castorp, apertando o nariz para o lado, com tamanha yiolência tuê a ponta se tornou branca e exangue.

— Você pode me dizer? Percebemos o espaço com os nossos sentidos, por meio da yista e do tato. Muito bem! Mas tuê órgão possuímos para perceber o tempo? Você pode me responder? Aí yocê empaca, está yendo? Como é possível medir uma coisa da tual, no Iundo, nada sabemos, nada, nem uma de suas características se tuer? Dizemos tuê o tempo passa. Está bem, tuê passe. Mas para tuê pudéssemos medi-lo... Espere um pouco! Para tuê o tempo Iosse mensurável, seria preciso tuê decorresse de um modo uniforme; e onde está escrito tuê é mesmo assim? Para a nossa consciência, não é. Somente o supomos, para a boa ordem das coisas, e nossas medidas, permita-me esta obserYação, não passam de conYenções...

— Bem — disse Joachim. — Nesse caso é também mera conYenção o Iato de eu ter, neste termômetro, tuatro marcas além do normal. Mas é por causa dessas cinco marcas tuê

preciso cruzar os braços, em vez de seguir a carreira militar. Que coisa noventa!

— Você tem 37,5?

— A temperatura Má está baixando. — Joachim fez o registro em sua tabela. — Ontem à noite eram tuas 38. Foi por causa da sua chegada. Atui, tuem recebe visitas costuma sofrer uma elevação de temperatura. Mas, mesmo assim, é um benefício.

— Já você deixá-lo, de tual teu modo — disse Hans

Castorp. — Minha cabeça ainda está cheia de pensamentos sobre o tempo... É todo um complexo, posso dizer. Mas não quero excitar você com isso, tu tem essas marcas além da conta. Vou ver se guardo tudo na cabeça, e mais tarde voltaremos a falar nisso, talvez depois do desmembramento. Quando for hora, você me chama, não é? Eu também vou fazer uma sessão de repouso. Isso não dói, graças a Deus. — Com essas palavras, contornou a vidraça de Yisória e entrou no seu próprio compartimento, onde a espreguiçadeira e a mesinha se achavam também preparadas. No quarto cuidadosamente arrumado, apanhou o Ocean Steamships, bem como o belo cobertor macio, enxadrezado de verde e carmesim, e a seguir estirou-se na cadeira.

Depois de pouco tempo, também ele Yiu-se obrigado a baixar o toldo. Para Tuem se encontraYa assim deitado, o calor do sol fazia-se insuportáYel. Mas Hans Castorp verificou imediatamente e com satisfação que a sua posição era muito cômoda; não se recordaYa de ter Yisto, Mamais, uma espreguiçadeira tão confortávelYel. A armação, de linhas um tanto antiquadas — o que, evidentemente, era apenas um capricho estético, Yisto a cadeira estar noYinha —, constaYa de madeira lustrosa, entre marrom e Yermelho. Um colchão Iorrado de chitão macio era, em realidade, composto de três almofadões altos e estendia-se desde os pés até a cabeceira. HáYa ainda uma almofada em Iorma de rolo, nem muito dura nem muito mole, presa à altura da nuca por meio de um cordão, reYestida de uma capa bordada, e que produzia um efeito sumamente agradávelYel. Hans Castorp apoiou o cotovelo sobre a larga superfície do braço da cadeira e com as pálpebras semicerradas entregou-se ao repouso, sem recorrer ao Ocean Steamships para a sua distração. Vista através dos arcos da loggia, a paisagem áspera e pobre, mas iluminada pelo sol, assemelhaYa-se a um quadro dentro de uma moldura. Hans Castorp contemplou-a, pensativo. De repente lembrou-se de um outro assunto e interrompeu o silêncio, dizendo em voz alta:

— A moça que nos serviu o café é uma anã, não é?

— Psiu! — Iez Joachim. — Fale baixinho. Sim, é uma anã. E

daí?

— Nada. Ainda não tínhamos falado nisso.

E então tornou a deitar-se. Já passava das dez horas, quando se deitara. Decorreu uma hora. Uma hora comum, nem longa, nem curta. Quando ela chegou ao fim, ressoou um gongo através da casa e do jardim, primeiro à distância, depois pertinho, depois à distância de novo.

— O desmembrado — disse Joachim. Oportuno-se como ele se levantara.

Também Hans Castorp terminou o repouso e entrou no quarto, para se arrumar. Os primos encontraram-se no corredor e desceram juntos. Hans Castorp disse:

— O repouso foi ótimo. E tuas cadeiras são essas? Se houver à venda, leva uma delas para Hamburgo. Deitado assim, sinto-me como no céu. Você acha que o Behrens mandou fazer-las especialmente, segundo as suas indicações?

Joachim não sabia. Após terem deixado os sobretudos no vestiário entraram pela segunda vez na sala de refeições, onde o serviço já estava em pleno andamento.

Na sala, o branco cintilava, de tanto leite. Em cada lugar havia-se um copo grande, de meio litro pelo menos.

— Comigo não! — disse Hans Castorp, Yoltando a sentar-se na extremidade da mesa, entre a costureira e a inglesa, e desdobrando resignadamente o guardanapo, embora ainda se sentisse abarrotado do caIé da manhã. — Não, senhor: comigo não — repetiu. — Deus me liYre! Nunca tomo leite, e ainda menos a esta hora. Não haYeria um porter? — E dirigiu-se à anã, com toda a amabilidade e delicadeza. InIelizmente não haYia. Mas a criada prometeu trazer-lhe cerYeMa de Kulmbach, e de Iato Yoltou ela pouco depois. Era uma cerYeMa preta, espessa, com uma espuma parda, e substituiu o porter da melhor maneira. Hans Castorp bebeu com aYidez, de um copo alto de meio litro. Acompanhou a

bebida de fiambres com pão torrado. NoYamente Ioi serYido mingau de aYeia, e noYamente muita manteiga e Iruta. Ele se limitou a contemplar tudo isso, Má Tue não se sentiu capaz de comer ainda mais. Pôs-se a estudar os pensionistas, e aos poucos a multidão começou a subdiYidir-se em grupos, salientando-se até algumas pessoas em particular.

Sua própria mesa estaYa completa, com exceção do lugar Tue se achaYa à sua Irente, na extremidade oposta. Segundo ficou sabendo, era o “lugar do doutor”. Pois os médicos participaYam das reIeições comuns, Tuando as suas ocupações lhes deixaYam o tempo necessário, e costumaYam comer numa e noutra mesa, alternadamente. Por isso se reserYaYa à

extremidade de todas elas um “lugar do doutor”. No momento, nenhum dos dois se encontra presente. Dizia-se que esta estava operando. De repente entrou o Moyses bigodudo, abaixou uma só vez o queixo na direção do peito e sentou-se com uma fisionomia desassossegada e hermética. Também a magrinha de cabelos louros estava no seu lugar, engolindo colheradas de iogurte, como se isso fosse o seu único alimento. A seu lado, instalara-se dessa vez uma senhora de idade, baixinha e alegre, a qual dirigia uma torrente de palavras russas ao Moyses taciturno, que a olhava com uma expressão preocupada, limitando-se a sacudir a cabeça, ostentando a expressão de quem tem na boca alguma coisa de gosto repugnante. À sua frente, ao outro lado da senhora de idade, achava-se mais uma mocinha, aliás muito bonita, com uma tez rosada e seios rijos; tinha cabelos castanhos agradavelmente ondulados, olhos redondos e pueris, da mesma cor, e um pedregulho rubi na mão bem-formada. Ria muito, e também falava russo, só russo. Chamava-se Marússia, segundo Hans Castorp pôde ouvir. Além disso, ele observou de passagem que Joachim baixava os olhos com ar sério cada vez que a moça se ria ou falava.

Settembrini apareceu na porta lateral e, coçando o bigode, encaminhou-se para o seu lugar, na extremidade da mesa colocada habitualmente diante de Hans Castorp. Apenas sentou-se, os comensais desataram a rir. Sem dúvida acabara de

Fazer algum comentário maledicente. Hans Castorp também conseguiu identificar os membros da “Sociedade Meio-Pulmão”. Hermine Kleefeld, com seus olhos estúpidos, foi arrastando o passo até a mesa mais próxima da porta do avarandado, e cumprimentou o MoYem beijado Tue, no passeio da manhã, leYantara o paletó daTuele Meito inconYeniente. À mesa transYersal à direita de Hans Castorp, estaYa sentada a srta. LeYi, com a cútis de marfim, Munto da sra. Iltis, gorda e salpicada de lunares; além delas, só pessoas desconhecidas.

— Lá Yêm os seus Yizinhos — murmurou Joachim ao primo, inclinando-se para a Irente... O casal passou perto de Hans Castorp, rumo à “mesa dos russos ordinários”, a última à direita, onde Má se achaYa uma Iamília com um menino de cara Ieia, a deYorarem enormes montões de porridge. O homem era de constituição débil e tinha as Iaces caYas e cinzentas. TraMaYa uma MaTueta de couro marrom e calçaYa toscas botinas de Ieltro, Iechadas a fiYela. Sua esposa, também baixinha e delgada, exibia um chapéu enIeitado de penas Tue a cada passo balouçaYam, um boá pouco limpo, igualmente de penas, e minúsculos sapatos de couro da Rússia, cuMos tacões excessiYamente altos a obrigaYam a um passo saltitante. Hans Castorp examinou os dois com uma Ialta de consideração Tue não lhe era habitual e cuMa brutalidade ele mesmo percebeu; mas Ioi Mustamente o caráter brutal da sua conduta o Tue, de

repente, lhe causou certo prazer. A expressão de seus olhos era ao mesmo tempo obtusa e indiscreta. Quando, nesse momento, a porta enYidraçada da esTuerda se Iechou, tinindo estrepitosamente, como acontecera na hora do caIé, Hans Castorp não tornou a sobressaltar-se, mas limitou-se a uma careta fleumática. Empenhou-se então em Yoltar a cabeça para aTuele lado; no entanto, Yerificou Tue esse esIorço era excessiYo e não Yalia a pena. Aconteceu Tue mais uma Yez não logrou aYeriguar Tuem maneMaYa a porta daTuele maneira relaxada.

Essa indiIerença proYinha do Iato de a cerYeMa matinal o ter atordado e paralisado por completo. Em outras ocasiões, ela exercia sobre ele apenas um eIeito leYemente inebriante. Desta Yez, porém, produziu em Hans Castorp as mesmas conseTuências de um golpe na testa. As pálpebras pesaYam-lhe como chumbo, e Tuando por cortesia procurou palestrar com a inglesa a língua não obedeceu seTuer aos mais simples pensamentos. Até a tentatiYa de mudar a direção do olhar lhe custou um esIorço imenso. E a isso acresceu-se aTuele horroroso ardor no rosto, Tue reaparecera com a mesma intensidade da Yéspera; sentia as Iaces como Tue túmidas de calor, respiraYa com dificuldade, e o coração batia Tual um martelo enYolto num pano. Se todas essas sensações não o incomodaram grandemente Ioi porTue sua cabeça se

encontraYa no estado de Tuem houYesse Ieito duas ou três inalações de cloroIórmio. Que o dr. KrokoZski finalmente surgira na sala e se sentara no lugar à sua Irente, Hans Castorp notou-o apenas como num sonho, não obstante o médico o fixar diYersas Yezes, ao conYersar em russo com as senhoras à sua direita — enTuanto as mocinhas, a exuberante Marúsia e a macilenta comedora de iogurte, apenas baixaYam humilde e pudicamente os olhos diante dele. Hans Castorp, aliás, é escusado dizê-lo, não deixou de se comportar conYenientemente; preIeriu permanecer calado, Yisto sua língua se mostrar recalcitrante, e até conseguiu maneMar com uma correção toda especial a Iaca e o garIo. Quando o primo lhe deu um sinal com a cabeça e se leYantou, pôs-se também de pé, inclinou-se Yagamente em direção aos companheiros de mesa e seguiu com passo firme atrás de Joachim.

— Qual é a hora do próximo repouso? — perguntou, ao saírem da casa. — A meu Yer, é a melhor coisa Tue existe

por aTui. Quem me dera estar deitado na minha magnífica espreguiçadeira! Vamos muito longe?

UMA PALAVRA DE MAIS

— Não — respondeu Joachim. — Nem posso ir longe. A esta hora costumo descer à aldeia e dar um passeio até DaYos- Platz, Tuando tenho bastante tempo. A gente olha as loMas e o moYimento na rua, e compra o Tue precisa. Antes do almoço há mais uma hora de repouso, e depois fica-se outra Yez deitado até as Tuatro. Não se preocupe.

Desceram em pleno sol pela rampa da estrada. AtraYessaram o curso d'água e as trilhas estreitas, tendo diante de si os Yultos das montanhas Tue ladeaYam o Yale à direita: o “PeTueno Schiahorn”, as “Torres Verdes” e o “DorIberg”, conIorme Joachim Ioi explicando. Lá, mais adiante, a certa altura, Yia-se o cemitério do YilareMo de DaYos-DorI, cercado de um muro; também para ele Joachim apontou com a bengala. E chegaram à estrada principal, Tue, um pouco acima do Iundo do Yale, se estendia ao longo da Yertente composta de terraços.

Não se podia Ialar propriamente de um YilareMo, do Tual sobraYa apenas o nome “DorI”. A estância de tratamento climático deYorou-o, ao prolongar-se mais e mais em direção à entrada do Yale, de modo Tue a parte do conMunto Tue se chamaYa “DorI” se conIundia, insensiYelmente e sem solução de continuidade, com a outra, chamada “DaYos-Platz”. Hotéis e

pensões, todos eles abundantemente providos de
arandados cobertos, sacadas e alpendres de repouso,
acham-se dispersos por ambos os lados, bem como casinhas
particulares, nas ruas se alugam cômodos; de vez em quando
vêm-se casas em construção; há também alguns terrenos
baldios, onde a estrada permitia ver os prados abertos do vale...

Hans Castorp, tomado pelo desejo de proporcionar o
costumeiro e querido estímulo vital, acendera novamente o
charuto. Provavelmente foi graças à certeza de que acabara de
beber que redescobriu, com indizível satisfação, alguns
restígios do almejado aroma, se bem que este aparecesse
apenas em raros momentos e sem grande intensidade.
Custou-lhe um certo esforço para alcançar uma ideia
do antigo prazer, e o repugnante sabor de couro
continuava predominando. Incapaz de conformar-se, lutou
algum tempo pela obtenção do gozo que ora se lhe
estivava, ora assomava a muita distância, como que
zombando dele. Finalmente, fatigado e aborrecido, pôde ir
o charuto. Apesar do seu atordoamento, sentiu que a cortesia o
obrigava a entabular uma conversa. Para esse fim, procurou
lembrar-se das coisas interessantes que, há pouco, tencionara
dizer acerca do “tempo”. Mas constatou que se estivesse por
completo de todo esse “complexo”, a ponto de não
abrigar na sua cabeça o mínimo pensamento a respeito do

tempo. Em compensação, meteu-se a falar de assuntos referentes ao corpo, e isso de maneira bastante estúpida.

— Quando é que você vai tirar novamente a temperatura?

— perguntou. — Depois da refeição? Assim está bem. A essa hora o organismo acha-se em pleno funcionamento; aí deve aparecer a verdade. Mas diga, você não acha que o Behrens brincou comigo, quando sugeriu que eu também tomasse a temperatura? Settembrini riu-se às gargalhadas quando ouviu a história. E realmente seria absurdo. Nem termômetro eu tenho.

— Ora — disse Joachim. — Isso é o de menos. Basta comprar um. Atui se encontram termômetros em toda parte. Qual quer loja tem.

— Para quê? Não senhor, o repouso, já lá; mas tomar a temperatura, isso seria exigir muito de um visitante. É uma ocupação que deixo para vocês. Quem me dera eu apenas soubesse — continuou Hans Castorp, pondo as mãos sobre o coração, como um moço apaixonado — por que é que tenho a toda hora estas palpitações! Elas me inquietam, e há muito tempo que estou refletindo sobre isso. Olhe, a gente sofre de palpitações quando se acha em vésperas de uma alegria extraordinária, ou quando está com medo; em poucas palavras, quando experimenta emoções, não é? Mas, sentir que o coração bate gratuitamente, sem motivo nem sentido, por assim

dizer por conta própria — acho isso misterioso, compreende? É como se o corpo seguisse o seu próprio caminho e se tivesse desligado da alma. De certo modo é semelhante a um corpo morto. Você na realidade não está tão completamente morto (isso nem existe...), mas ainda leva uma vida bem ativa, como você por conta própria: os cabelos e as unhas continuam crescendo, e, como me explicaram, reina nele, sob aspectos físicos e místicos, a mais Iranca animação.

— Que maneira de Ialar é essa? — disse Joachim num tom de ponderada censura. — Franca animação! — Talvez Tuisse, dessa forma, ganhar-se um pouco da observação que o primo fizera de manhã sobre a “banda do regimento”.

— Mas é isso mesmo! Reina a mais Iranca animação. Por que você se escandaliza? — perguntou Hans Castorp. — De resto, mencionei isso apenas de passagem. Eu queria somente dizer que é uma coisa sinistra e penosa ver o corpo levar uma existência própria, independente da alma, e dar-se ares de importância, como no caso dessas palpitações sem motivo. E a gente se esforça por encontrar um sentido nessa coisa; procura-se a respectiva emoção, um sentimento de alegria ou de medo que justifique as palpitações, de certo modo — pelo menos no que diz respeito a mim, só posso falar de mim mesmo.

— Sim, é assim — disse Joachim, suspirando. — É mais ou menos a mesma coisa que estar com Iebre. Nesse caso também reina no corpo “a mais Iranca animação”, para empregar a sua expressão. Então acontece facilmente que, sem querer, a gente anda à cata de uma emoção, como você diz, para que essa animação receba um sentido mais ou menos plausível... Mas estamos falando de coisas tão desagradáveis! — acrescentou em voz trêmula, e cortou a conversa. Hans Castorp limitou-se a dar de ombros, da

mesma forma como Yira Joachim faz na Yéspera.

Durante algum tempo caminharam em silêncio. Depois

Joachim perguntou:

— E o que você acha das pessoas? Quero dizer, dos nossos companheiros de mesa.

Hans Castorp assumiu um ar indiferente, pensativo.

— Meu Deus! — disse. — Não me parecem grande coisa. Tenho a impressão de que em outras mesas há pessoas mais interessantes, mas pode ser que me engane. A sra. Storch de Yeria tem os cabelos, que estão muito enfiados. E a Tuela Mazurka, ou como se chama?, parece-me um pouco inútil. A toda hora bota o lenço na boca, de tanto rir.

Joachim achou graça nessa deformação do nome.

— “Mazurca”... Essa é ótima! — exclamou. — Ela se chama Marússia, sabe? É o mesmo Tue Maria. Pois é — acrescentou —, ela é bem estouvada, mesmo. E contudo teria motivos de sobra para ficar mais quieta, pois está bastante doente.

— Ninguém pensaria isso — disse Hans Castorp. — Tem uma aparência tão sadia! Uma doença do peito é a última coisa que eu lhe atribuiria. — Tentou trocar com o primo um olhar atrevido, mas verificou que o rosto de Joachim, apesar de tostado pelo sol, mostrava uma cor terrosa, como a adquire a pele queimada, quando o sangue se retira, e que sua boca se crispava de um modo particularmente doloroso, adotando uma expressão que despertou no jovem Hans Castorp um vago temor e fez com que ele, mudando imediatamente de assunto, viesse informar-se sobre outras pessoas, na intenção de esquecer o mais depressa possível Marússia e a expressão de Joachim, o que, aliás, conseguiu sem dificuldade.

A inglesa do chá de roseira brasileira chama-se Miss Robinson. A costureira não era costureira, mas uma professora do Liceu Estadual Feminino de Kongsberg, e por isso se expressava com tanta correção. Seu nome era sra. Engelhart. Quanto à velhota Moira, nem o próprio Joachim sabia como se chamava, apesar de viver há muito tempo ali

em cima. Em todo caso era a tia-aYó da comedora de iogurte, com a Tual moraYa o tempo todo no sanatório. Mas Tuem estaYa mais doente, dentre os Tue comiam à mesa, era o dr. Blumenkohl, Leo Blumenkohl, de Odessa... aTuele moço bigodudo de cara Iechada. Já haYia anos Tue se achaYa internado...

EstaYam passando por uma Yerdadeira calçada urbana, a rua principal de um centro internacional, como logo se Yia. Vinham-lhes ao encontro os hóspedes das clínicas, na maioria MoYens, Tue flanaYam por ali, os caYalheiros em traMe esporte e sem chapéu, as damas também sem chapéu e com saias brancas. OuYia-se Ialar russo e inglês. À direita e à esTuerda haYia loMas com Yitrines elegantes, e Hans Castorp, cuMa curiosidade traYaYa uma luta Yiolenta com a Iadiga ardente, obrigou os olhos a Yerem, detendo-se durante muito tempo diante da loMa de um camiseiro, para constatar Tue a Yitrine estaYa mesmo à altura.

Depois surgiu uma rotunda com galeria coberta, onde uma banda daYa um concerto. Era a sede social da estância. Em diYersas Tuadras de tênis MogaYam-se partidas. JoYens escanhoados, de pernas compridas, traMando calças de flanela cuidadosamente passadas, exibiam os antebraços desnudos e os sapatos com solas de borracha, e à sua Irente MogaYam mocinhas bronzeadas, Yestidas de branco, Tue em plena corrida se estiraYam alto no ar iluminado pelo sol, a fim de rebaterem,

no Yôlei, a bola alYacenta. Um como Tue pó de Iarinha pairaYa sobre as Tuadras bem- cuidadas. Os primos sentaram-se num banco Yazio, para olhar e criticar o Mogo.

— Você não Moga aTui? — perguntou Hans Castorp.

— Não me deixam — respondeu Joachim. — Nós temos de ficar deitados, sempre deitados... Settembrini costuma dizer Tue YiYemos uma Yida horizontal, Tue somos uns horizontais. É uma das suas piadas sarcásticas... ATuela gente Tue Moga ali não está doente, ou então Moga apesar da proibição. De resto, eles não Mogam muito seriamente; é

mais para mostrar os traMes... E Tuanto às proibições, existem por aTui outras coisas proibidas Tue se Mogam, como o pôTuer, sabe? E também petits cheYaux, neste ou naTuele hotel. Entre nós, isso se pune com expulsão, o Mogo de azar é considerado a inIração mais preMudicial. Contudo, há Tuem saia ainda depois da reYista noturna, para entrar na Mogatina. O príncipe Tue deu o título ao Behrens também costumaYa escapulir de noite.

Hans Castorp mal o ouYia. AndaYa com a boca entreaberta; embora não estiYesse resIriado, tinha dificuldade em respirar pelo nariz. Seu coração martelaYa num ritmo contrário à música, o Tue lhe causaYa impressão Yagamente penosa. Tomado dessa sensação de desordem e contrariedade,

estava a ponto de cochilar quando Joachim e a Yisou de Tue eram horas de voltar.

Percorreram o caminho em silêncio. Hans Castorp até chegou a tropeçar diversas vezes na estrada plana, e, ao dar-se conta disso, esboçou um sorriso melancólico, sacudindo a cabeça. O porteiro coxo conduziu-os no elevador até o seu pavimento. Separaram-se em frente do número 34, com um breve “até logo”. Hans Castorp rumou atrás do quarto e saiu para a sacada, onde, sem mais nem menos, se deixou cair na espreguiçadeira. Nem sequer mudou de posição, antes mergulhou numa pesada modorra, e as rápidas pulsações do coração animavam desagradavelmente.

UMA FÊMEA, NATURALMENTE!

Não se deu conta do tempo que passou nesse estado. Chegada a hora, ressoou o gongo. Mas, como Hans Castorp sabia, isso não representava o chamado imediato à refeição, era apenas o sinal para os hóspedes se prontarem, e assim ele permaneceu deitado até que o estrondo metálico se intensificasse e depois se afastasse pela segunda vez. Quando Joachim atravessou o quarto para buscá-lo, Hans Castorp quis mudar de roupa. Joachim, entretanto, não permitiu. Detestava e desdenhava a falta de pontualidade. Como era possível progredir na vida e recuperar a saúde, para voltar ao serviço — perguntou —, até que se mostrava por demais relaxado até para observar o horário das refeições? Nesse ponto, indiscutivelmente, tinha razão, e Hans Castorp limitou-se a observar que não estava doente, mas apenas se sentia sumamente sonolento. A toda pressa lavou as mãos, e em seguida desceram ao salão, pela terceira vez nesse dia.

Os hóspedes vinham afluindo por ambas as entradas. Entravam também pelas portas do alarandado, que estavam abertas. Dentro de pouco tempo, todos se encontravam sentados em torno das sete mesas, como se nunca se tivessem levantado. Tal era, pelo menos, a impressão de Hans Castorp — impressão puramente fantástica e irracional,

mas Tue, por alguns instantes, seu cérebro eneyoadado não logrou rechaçar, e na Tual chegou mesmo a encontrar prazer; pois, no decorrer da reIeição, tentou repetidamente eYocá-la, obtendo a cada Yez uma ilusão perIeita. A Yelhota MoYial estaYa noYamente, no seu linguaMar indistinto, a dirigir uma torrente de palaYras ao dr. Blumenkohl, sentado do lado oposto da mesa, e Tue a ouYia com um ar preocupado. Sua sobrinha macilenta comia, finalmente, outra coisa Tue não o iogurte: o espesso crème d'orge, Tue as criadas serYiam em pratos; mas ela não Ioi além de umas poucas colheradas e deixou sobrar o resto. A bela Marúsia, para abaIar o riso, apertaYa contra a boca o lençinho, Tue exalaYa perIume de flor de laranMeira. Miss Robinson lia as mesmas cartas escritas em letra redonda Tue Má lera de manhã. EYidentemente não sabia uma única palaYra de alemão e Iazia até Tuestão de não saber. Joachim, em atitude deIerente, proIeriu algumas Irases inglesas sobre o tempo, às Tuais ela respondeu mastigando uns monossílabos, para logo recair no silêncio. Quanto à sra. St ,hr, com sua blusa de padrão escocês, submetera-se de manhã ao exame médico e trataYa de relatar os pormenores com aIetação Yulgar, descortinando seus dentes de coelho. Lamentou-se de Tue em cima, à direita, ainda houYesse ruídos; além disso, tinha uma diminuição do murmúrio abaixo da axila esTuerda e teria Tue ficar mais cinco meses, conIorme lhe dissera “o Velho”. Em sua

linguagem ordinária, chama-a o dr. Behrens de “o Velho”.
Mostrou-se, de resto, muito indignada pelo fato de “o Velho” não estar presente à mesa. Segundo a “tourné” — Tueria dizer: segundo o turno — era homem a Yez da sua mesa, ao passo que “o Velho” noYamente se sentara à mesa próxima da esquerda (onde, com efeito, se Yia o dr. Behrens Muntando as manzorras diante do prato). Mas, claro — continuou a sra. St,hr —, ali tinha seu lugar a gorda sra. Salomon, de Amsterdam, que todos os santos dias se apresentava às refeições num Yestido muito decotado, e tal aspecto parecia ser do agrado do “Velho”, se bem que ela, a sra. St,hr, não soubesse explicar por que razão, uma Yez que nos exames médicos ele tinha enseMo para Yer dessa dama o quanto Tuisesse. Mais tarde, cochichando exaltadamente, contou que à noite anterior, no aYarandado de repouso localizado no sótão, alguém apagara a luz, e isso para fins que a sra. St,hr Tualificava de “maniIestos”. “O Velho” notara o incidente e pragueMara de tal maneira que todo o sanatório o ouYira. Mas, naturalmente, mais uma Yez não conseguira descobrir o culpado, e no entanto não era preciso ter estudado na universidade para adiyinhar que Iora aTuele capitão Miklosich, de Bucareste, para quem nunca havia escuridão suficiente quando em companhia de senhoras; um homem sem a mínima Iormaço, embora usasse espartilho, e fosse por natureza um predador, sim, um predador — repetiu a

sra. St,hr numa Yoz aIogada, enTuanto o suor lhe perlaYa a testa e o lábio superior. — Todo o mundo em DaYos, em “DorI” e “Platz”, sabia das relações Tue existiam entre ele e a esposa do cônsul-geral Wurmbrand, de Viena... Nem seTuer se podia chamá-las de secretas. O capitão não somente entraYa, às Yezes Má de manhã cedo, no Tuarto da mulher do cônsul-geral, Tuando esta se encontraYa ainda deitada, e assistia a toda a sua toilette; mas, na terça-Ieira passada, também saíra do Tuarto da Wurmbrand às Tuatro da madrugada... A enIermeira do MoYem Franz, do número 19, aTuele em Tuem recentemente o pneumotórax malograra... Essa enIermeira, afinal, apanhara o capitão em flagrante delito, e de tanta Yergonha enganara-se com a porta, de modo Tue se Yira, de repente, no Tuarto do sr. ParaYant, promotor público de Dortmund... Por fim, a sra. St,hr entregou-se a considerações pormenorizadas sobre um “instituto cósmico” no YilareMo lá embaixo, onde ela costumaYa comprar o seu enxaguatório — Joachim baixou a cabeça e craYou os olhos em seu prato...

A comida era tão boa Tuanto abundante. Incluindo a sopa, constaYa de nada menos Tue seis pratos. Depois do peixe, Yinham uma sólida iguaria de carne e a guarnição; a seguir, ainda outro prato de legumes, carne de aYes Irita, uma sobremesa austríaca, em nada inIerior à da Yéspera, e por fim TueiMo e Irutas. Cada prato era serYido duas Yezes, e não era à toa. Em

toda parte, nas sete mesas, Yiam-se pratos cheios; reinaYa naTuela sala um apetite Yoraz, uma Iome de lobo, Tue seria um prazer obserYar, se ela não produzisse, ao mesmo tempo, uma impressão de certo modo sinistra e até repulsiYa. Não somente as pessoas

bem-humoradas maniIestaYam esse apetite, aTuelas Tue tagarelaYam e se atiraYam bolinhas de pão, mas também as taciturnas e sombrias, Tue, nos interYalos entre os diIerentes pratos, apoiaYam a cabeça nas mãos e fitaYam o Yazio. Um adolescente na mesa Yizinha da esTuerda, um colegial, segundo parecia, com mangas muito curtas e óculos redondos de grossas lentes, cortaYa em pedacinhos tudo Tuanto se amontoaYa no seu prato, transIormando-o numa papa inIorme; depois se inclinaYa para a Irente e deYoraYa a comida, passando o guardanapo de Yez em Yez por baixo dos óculos, para enxugar não se sabia o Tuê, lágrimas ou gotas de suor.

Dois incidentes ocorreram durante o almoço, despertando a atenção de Hans Castorp, na medida em Tue seu estado permitia. Primeiramente, a porta enYidraçada tornou a Iechar-se com estrondo; Ioi Tuando comiam o peixe. Hans Castorp sobressaltou-se, irritado, e na sua cólera Yeemente disse de si para si Tue desta Yez era necessário descobrir o culpado. Não se limitou a pensar nisso intimamente, mas também Iormou as palaYras com os lábios, por tomar muito a sério o incidente. “Eu

tenho Tue saber!” Ioi o Tue ele murmurou com uma indignação de tal modo exagerada Tue tanto Miss Robinson como a professora o olharam, pasmadas. Com essas palavras Yoltou-se para a estuêrda e arregalou os olhos inMetados.

Foi uma senhora Tuem atraYessou a sala, uma mulher, uma moça MoYem, melhor dizendo, de estatura apenas média, Yestida de suéter branco e saia colorida, com cabelos louro-aYermelhados, Tue ela usaYa simplesmente numa trança enrolada em Volta da cabeça. Hans Castorp mal pôde entreYer-lhe uma parte do perfil, Tuase nada. Ela caminhou sem ruído, o Tue criou um estranho contraste com sua entrada barulhenta; caminhou de um modo IurtiYo e peculiar, com a cabeça leYemente aYançada, até a última mesa à estuêrda, a mesa dos “russos distintos”, perpendicular ao aYarandado. Uma das mãos ela manteYe no bolso da MaTueta de lã muito Musta, e a outra, no entanto, leYou à nuca, apoiando e arranMando o cabelo. Hans Castorp olhou essa mão — entendia de mãos e lhes deYotaYa atenção muito crítica, tendo o hábito de examinar, antes de mais nada, essa parte do corpo das pessoas com Tuem traYaYa conhecimento. Não era propriamente Ieminina a mão Tue arrumaYa os cabelos; não oIerecia aTuele aspecto cuidado e refinado Tue costumaYam ter as mãos das damas da esIera social de Hans Castorp. Bastante larga, de dedos curtos, tinha algo de primitiYo, de inIantil, Tue lembraYa a mão de uma colegial. As

unhas, e evidentemente, ignora a manicure; esta aparada de maneira tosca, também de colegial, e a pele, nas bordas, parecia um tanto áspera, como a de quem tivesse o hábito de roer as unhas. Hans Castorp notou tudo isso mais por aproximação do que pelos olhos, pois a distância era demasiadamente grande. A moça retardatária cumprimentou com um aceno de cabeça os companheiros de mesa e, dando as costas à sala, sentou-se ao lado do dr. Krokowski, que presidia àquela mesa. Depois, ainda segurando os cabelos com a mão, lançou por sobre o ombro um olhar ao público — o que permitiu a Hans Castorp vislumbrar-lhe as maçãs salientes e os olhos rasgados... Uma recordação antiga, ele não sabia de quem nem de quem, assaltou-o e passou passageiramente ao lado desse rosto...

“Uma irmã, naturalmente!”, pensou Hans Castorp, e mais uma vez lhe aconteceu articular as palavras, de modo que a professora, srta. Engelhart, pôde entender o que ele disse. A solteirona esguia deu um sorriso indulgente.

— É madame Chauchat — disse. — Ela é tão lassa. Uma mulher encantadora. — E logo se intensificou o rubor avermelhado das faces da srta. Engelhart, coisa que sempre se dava quando ela abria a boca.

— Francesa? — perguntou Hans Castorp com seriedade.

— Não, russa — respondeu a srta. Engelhart. — Pode ser que o marido seja francês ou de origem francesa. Não tenho certeza.

— Seria aquele ali? — indagou Hans Castorp, ainda irritado, e apontou para um senhor de ombros caídos, que se achava à mesa dos “russos distintos”.

— Oh, não, ele não se encontraria aqui — tornou a professora. — Jamais teria estado aqui, e seria totalmente desconhecido.

— Ela deveria fechar a porta com mais cuidado! — disse Hans Castorp. — Sempre bate com a porta. É uma falta de educação.

A professora aceitou a censura com um sorriso humilde, como se ela própria fosse a culpada, e assim deixaram de falar em madame Chauchat.

O segundo incidente consistiu na temporária ausência do dr. Blumenkohl. Foi isso e nada mais. De repente, acentuou-se a expressão levemente enigmática do seu rosto, ele cruzou o olhar no Yazio com mais preocupação que em geral, levantou a cadeira com um movimento discreto e saiu. Foi quando a imensa boçalidade da srta. St., hr manifestou-se em toda sua crueza; pois a sua satisfação que provavelmente lhe causava o fato de estar menos enferma que Blumenkohl levou-a a acompanhá-lo a saída com comentários mesclados de compaixão e desdém.

— Pobre coitado! — disse ela. — Está com os pés na coya. Já precisa conYersar de noYo com o Joãozinho Azul. — Sem o menor peMo, e arYorando uma fisionomia de obstinada tolice, proIeriu a denominação burlesca “Joãozinho Azul”, e Hans Castorp, ao ouYi-la, experimentou uma mescla de horror e Yontade de rir. Pouco tempo depois, o dr. Blumenkohl retornou, na mesma atitude discreta como saíra. Sentou-se noYamente e prosseguiu na reIeição. Também ele comia muito; serYiu-se duas Yezes de cada prato, taciturno, com expressão tristonha e Iechada.

Finalmente, o almoço chegou ao fim. Graças ao serYiço atencioso — a anã era em especial um ser excepcionalmente rápido — durara apenas uma hora. OIegante, sem saber como subira, Hans Castorp Yiu-se mais

uma Yez na magnífica espreguiçadeira da sua sacada. O repouso após o almoço prolongaYa-se até a hora do chá, sendo considerado o mais importante, e por isso obserYado com todo o rigor. Entre as diYisões de Yidro opaco Tue o separaYam de Joachim, de um lado, e do casal russo, do outro, Hans Castorp permaneceu estendido, modorrando, a respirar pela boca, enTuanto seu coração martelaYa. Quando Iez uso do lenço, notou nele manchas de sangue, mas não teYe Iorças para refletir a esse respeito, apesar de ser muito impressionáYel e se inclinar, por natureza, para preocupações hipocondríacas. Tornara a acender um Maria Mancini, e dessa Yez Iumou o charuto até o

fim, Iosse como Iosse seu sabor. Entre tonto, angustiado e cismarento, analisou as coisas estranhas que lhe aconteceram aTui em cima. Duas ou três vezes seu peito foi sacudido por uma risada interior, ao lembrar a expressão abominável que empregara, na sua boçalidade, a sra. St., hr.

O SR. ALBIN

No Mardim, lá embaixo, a brisa leYantaYa de Yez em Tuando a bandeira adornada de um caduceu. O céu Yoltara a nublar-se em toda parte. Desapareceu o sol, e Tuase imediatamente surgiu um Irio pouco hospitaleiro. O alpendre de repouso parecia estar cheio; ouYiam-se conYersas e risos abaIados.

— Pelo amor de Deus, sr. Albin, guarde essa Iaca. Pode acontecer uma desgraça! — lamentou-se uma Yoz aguda, suplicante, de mulher.

— Meu caro sr. Albin, por IaYor, tenha consideração pelos nossos nerYos e aIaste essa arma homicida! — interYeio outra. Ao Tue um MoYem louro, sentado na borda da primeira espreguiçadeira com um cigarro na boca, retrucou em tom insolente:

— Nem penso nisso! Será Tue as senhoras não me permitem brincar com a minha Iaca? Não nego Tue é uma Iaca muito bem afiada. Comprei-a em Calcutá, de um IaTuir cego. O homem era capaz de engoli-la, e logo depois o seu boy ia desenterrá-la a uns cinTuenta passos de distância... Querem Yer? Corta melhor Tue uma naYalha. Basta tocar no gume, e a carne se abre Tue nem manteiga. Esperem, You mostrá-la de perto... — O sr. Albin leYantou-se. HouYe gritos estridentes. — Não? Nesse caso You

buscar meu reYólYer — continuou ele. — TalYez seMa mais interessante para as senhoras. É IormidáYel. Tem uma Iorça de percussão Tue nem imaginam... Vou buscá-lo no meu Tuarto.

— Sr. Albin, sr. Albin, não Iaça isso! — imploraram Yárias Yozes. Mas o sr. Albin Má saíra do alpendre para subir ao Tuarto. Era muito MoYem, com moYimentos desengonçados, e tinha uma cara rosada, de criança, ornada de peTuenas suíças.

— Sr. Albin! — gritou uma senhora atrás dele. — Seria melhor buscar um sobretudo. Ponha um sobretudo, Iaça o

IaYor! O senhor passou seis semanas na cama, com pneumonia, e agora fica sentado aTui, sem se agasalhar, e ainda Iuma cigarros! PalaYra de honra, sr. Albin, isso é tentar a Deus.

Mas ele se limitou a um riso sarcástico e Ioi-se embora. Poucos minutos após, Má estaYa de Yolta com o reYólYer na mão, para desenIrear uma gritaria ainda mais idiota Tue a anterior. OuYiu-se como algumas dentre as senhoras, leYantando-se de um pulo, tropeçaram no cobertor e caíram no chão.

— VeMam só como é peTueno e lustroso — disse o sr. Albin.

— Mas ele morde, Tuando aperto aTui... — NoYa gritaria. — Claro Tue está carregado — acrescentou o sr. Albin. — Há seis balas no cilindro, Tue gira a cada disparo... Aliás, não comprei este negócio para brincadeira — concluiu, ao notar Tue o eIeito das suas palaYras diminuía. Enfiou o reYólYer no bolso do paletó,

tornou a sentar-se, cruzando as pernas, e acendeu noYo cigarro.

— Absolutamente, não é para brincadeira — repetiu, cerrando os lábios.

— Mas, para Tuê? Para Tuê, então? — perguntaram algumas Yozes trêmulas de pressentimento.

— Que horror! — exclamou de repente uma das senhoras, e o sr. Albin sacudiu a cabeça afirmatiYamente.

— VeMo Tue as senhoras começam a compreender — disse.

— Com eIeito, é para isso Tue ando com ele — continuou num tom displicente, depois de ter tirado uma longa tragada do cigarro, não obstante a pneumonia recém- Yencida. — ConserYo-o preparado para o dia em Tue esta coisa aTui começar a me aborrecer muito, e então terei a honra de uma despedida digna. É muito simples. Gastei algum tempo em estudar o assunto e sei como liTuidar melhor. — A palaYra “liTuidar” proYocou um grito de susto.

— O coração não interessa. É um alYo incômodo... Além disso prefiro extinguir a consciência no seu próprio centro, enxertando um corpo estranho bem engraçadinho neste órgão interessante...

— E o sr. Albin mostrou com o

indicador o crânio coberto de cabelos louros, aparados rente. —

DeYe-se apontar para aTui — com essas palaYras, o sr. Albin

Yoltou a tirar do bolso o reYólYer niTuelado e bateu com o cano

na Ironte —, aTui, em cima da artéria... É um processo Iacílmo, até sem espelho...

OuYiram-se muitas Yozes de insistente protesto, às Tuais se misturou ainda um Yiolento soluço.

— Sr. Albin, sr. Albin, tire esse reYólYer da Ironte, guarde o reYólYer! Não posso Yer uma coisa dessas! Sr. Albin, o senhor é moço, Yai recuperar a saúde, Yoltará à Yida e terá uma grande carreira pela Irente; garanto-lhe! Bote o sobretudo, deite-se na espreguiçadeira, agasalhe-se bem e continue com o seu tratamento! Não mande o massagista embora, como Iez da outra Yez, Tuando ele Yeio esIregá-lo com álcool. E por amor à sua Yida, sua MoYem e preciosa Yida, sr. Albin, atenda ao nosso conselho: abandone os cigarros!

Mas o sr. Albin mostrou-se inexoráYel:

— Não e não! — disse ele. — Não insistam comigo. Está bem. Agradeço-lhes sua bondade. Nunca neguei algo a uma senhora, mas deYe-se compreender Tue é inútil procurar deter a roda do destino. Faz mais de dois anos Tue YiYo aTui... Estou Iarto e You sair do Mogo. Que mal há nisso? IncuráYel, minhas senhoras! Olhem o homem Tue aTui está à sua Irente; é um caso incuráYel. O próprio dr. Behrens Má não disIarça essa sua opinião, nem para guardar as aparências. Então me concedam a peTuena liberdade Tue para mim resulta desse Iato! É como no ginásio,

Tuando se decidia Tue alguém leYaYa bomba e tinha Tue repetir o ano. DeixaYam então de examiná-lo, e ele não precisaYa mais trabalhar. Eu cheguei definitiYamente a essa situação Ieliz. Nada mais preciso Iazer; não entro mais no balanço; posso me rir de tudo... Querem chocolate? SirYam-se. Não, minhas senhoras, não me priYem de nada. Tenho montões de chocolate no meu Tuarto; oito caixas de bombons, cinco barras de Gala-Peter e dois Tuilos de chocolate Lind. Tudo

isto me mandaram as senhoras do sanatório durante a minha pneumonia...

Em algum lugar, uma Yoz de contrabaixo reclamou silêncio. O sr. Albin deu uma rápida risada: era um riso trêmulo, abrupto... Depois se Iez silêncio no alpendre de repouso, um silêncio tão completo, como se uma miragem ou Iantasmagoria se tiYesse sumido; e de um modo estranho pareceram continuar ecoando as palaYras pronunciadas há pouco. Hans Castorp ficou a escutar, até Tue o último ruído houYesse cessado, e, conTuanto tiYesse a impressão de Tue o sr. Albin era um Iantoche, não pôde deixar de sentir certa inYeMa. Principalmente aTuela comparação tirada da Yida escolar causara-lhe YiYa impressão, Má Tue ele mesmo tiYera Tue repetir o sexto ano do ginásio e ainda se lembraYa muito bem daTuela situação decerto um pouco ignominiosa, mas também cômica e agradaYelmente desembaraçada, Tue desIrutara durante o último

trimestre, Tuando deixara de se esIorçar e pudera “rir-se de tudo”. Não é Iácil precisar seus pensamentos, Yisto serem obscuros e conIusos, contudo pareceu-lhe, em suma, Tue a honra oIerecia consideráYeis Yantagens, mas Tue a Yergonha não as tinha menores, e Tue as Yantagens desta última eram Tuase ilimitadas. EnTuanto a título de experiência ele se colocou na situação do sr. Albin e imaginou para si o Tue significaria Yer-se definitiYamente liYre da pressão da honra e gozar para sempre as imensas Yantagens da Yergonha, uma sensação de gozo dissoluto o assustou e imprimiu às batidas do coração desse homem MoYem, por alguns instantes, um ritmo ainda mais acelerado.

SATANA FAZ PROPOSTAS DESONROSAS

Depois perdeu a consciência. De acordo com seu relógio de bolso eram três e meia. Quando o despertou uma conversa atrás da diYisória de Yidro do lado esTuerdo. O dr. KrokoZski, Tue a essa hora Iazia a ronda sem o acompanhamento do conselheiro áulico, IalaYa em russo com o casal mal-educado. InIormaYa-se, como parecia, a respeito do estado do marido e pediu Tue lhe mostrassem a papeleta da temperatura. Depois prosseguiu na ronda, sem, no entanto, tomar o caminho ao longo da sacada, eYitando o compartimento de Hans Castorp e dando uma Yolta pelo corredor, a fim de entrar pela porta no Tuarto de Joachim. Hans Castorp sentiu-se um tanto melindrado pelo Iato de se Yer contornado dessa maneira, se bem Tue não deseMasse de modo algum uma entreYista a sós com o dr. KrokoZski. Sem dúYida, estaYa bem de saúde e não entraYa em conta; pois, aTui em cima, pensou ele, estabelecera-se o princípio de não se Yer considerado nem despertar interesse Tue m tiYesse a honra de estar são; e isso não deixou de agastar o MoYem Castorp.

Após ter passado uns dois ou três minutos no Tuarto de Joachim, o dr. KrokoZski continuou seu caminho, ao longo da sacada. Hans Castorp ouYiu o primo dizer-lhe Tue estaYa na hora de se leYantar e de preparar-se para o chá da tarde.

— Está bem — respondeu e ergueu-se. Mas sentiu-se tonto, por ter permanecido deitado durante tanto tempo. Ao inYés de reIrescá-lo, a modorra de noYo lhe proYocara aTuele ardor penoso das Iaces, ao passo Tue o resto do corpo estaYa arrepiado, talYez porTue não se agasalhara suficientemente.

LaYou os olhos e as mãos; pôs em ordem os cabelos e as roupas, e Ioi encontrar-se com Joachim, no corredor.

— Você ouYiu esse sr. Albin? — perguntou, enTuanto desciam pela escada.

— Claro — replicou Joachim. — DeYeriam ensinar disciplina a esse suMeito. Perturbou o repouso da tarde com o seu palaYrório e excitou as senhoras de tal maneira Tue lhes retardou a cura por semanas inteiras. É caso muito graYe de insubordinação. Mas Tuem Yai denunciá-lo? Ademais, esse tipo de conYersa costuma ser bem recebido pela maioria, pois serYe de distração.

— Você acha possíYel — indagou Hans Castorp — Tue ele ponha em prática aTuele “processo Iacílino”, como o chama, e enxerte em si um “corpo estranho”?

— Por Tue não? — respondeu Joachim. — ImpossíYel não é. Essas coisas acontecem aTui. Dois meses antes da minha chegada, um estudante, Tue estaYa no sanatório haYia muito tempo, enIorcou-se na floresta, logo depois de um exame geral. Nos primeiros dias da minha estada, IalaYam muito do incidente.

Hans Castorp boceMou nerYosamente.

— Hum! Não me sinto bem entre Yocês — declarou. — Francamente, talYez nem possa ficar aTui, sabe, e me YeMa obrigado a partir. Você não me leYaria a mal?

— Partir? Que ideia é essa? — gritou Joachim. — Tolice! Mal acaba de chegar. Como Tuer Iormar uma opinião logo no primeiro dia?

— Meu Deus! É ainda o primeiro dia? Já me parece Tue estou aTui há muito, muito tempo...

— Por IaYor, não Yolte a filosoIar sobre o tempo! — disse Joachim. — HoMe de manhã me deixou todo conIuso.

— Não se preocupe, Má esTueci tudo — tornou Hans Castorp. — O complexo todo. Já não tenho sutileza alguma na cabeça, passou... E então, agora haYerá chá?

— Sim, e depois caminharemos até o mesmo banco da manhã.

— Se Deus Tuiser. Tomara Tue a gente não encontre o Settembrini. Sou incapaz de tomar parte numa conYersa erudita; Má deixo aYisado.

Na sala de reIeições, serYiram-se todas as bebidas adeTuadas à hora. Miss Robinson tomou noYamente seu chá de roseira braYa, Yermelho como sangue, enTuanto a sobrinha engolia colheradas de iogurte. Além disso haYia leite, chá, caIé, chocolate e mesmo caldo de carne. Por toda parte os hóspedes,

Tue haYiam ficado duas horas deitados após o reIorçado almoço, acharam-se ocupados em passar manteiga em grandes Iatias de pão doce com passas.

Hans Castorp pediu chá e embebeu nele um biscoito.

Experimentou também um pouco de geleia. Examinou atentamente o pão doce com passas, mas estremeceu diante da ideia de comer aTuilo. Mais uma Yez — a Tuarta

— achaYa-se sentado em seu lugar, na sala das sete mesas, com a abóbada de cores singelas. E um pouco mais tarde, às sete horas, encontraYa-se ali pela Tuinta Yez, por ocasião do Mantar. O interYalo, curto e insignificante, Iora preenchido por um passeio até aTuele banco encostado na Yertente da montanha, próximo do curso d'água — pelo caminho Tue a essa hora estaYa muito IreTuentado por pensionistas, de maneira Tue os dois primos tiYeram de cumprimentar muita gente —, e por um repouso na sacada, ao longo de uma hora e meia. Nesse tempo Iugaz e pouco substancial Hans Castorp não parou de tremer de Irio.

Para o Mantar, Yestiu-se com grande cuidado e então, sentado entre Miss Robinson e a proIessora, comeu sopa Julienne, carne assada e Irita, com acompanhamentos, dois pedaços de um bolo Tue continha simplesmente tudo: massa de amêndoa, creme de manteiga, chocolate, recheio de Irutas e maçapão, bem como pão integral com um TueiMo excelente. NoYamente mandou Yir uma garraIa de cerYeMa de Kulmbach.

Mas, após ter bebido metade do copo, percebeu nitidamente que o lugar que lhe parecia era a cama. A cabeça lhe zunia; suas pálpebras pesavam como chumbo; o coração batia como um sino; e, para aumentar a sua tortura, imaginava que a bela Marússia, que, inclinando-se para a frente, escondia o rosto na mão

adornada com o rubi, estava se rindo à custa dele, se bem que ele tivesse feito todos os esforços para não lhe dar motivos. Como de muito distante ou talvez também a sra. St., não lhe parecia a tal ponto disparatada que não atingisse com certeza se o seu marido o enganava ou se, porventura, as palavras da sra. St., se concretizavam em absurdos no seu próprio cérebro. Afirma ela saber preparar vinte e oito diferentes espécies de molho para peixe, e ter a coragem de se gabar desses conhecimentos, ainda que seu marido lhe tivesse desaconselhado mencioná-los. “Não fale nisso!”, ele teria dito. “Ninguém vai acreditar, e tu não acreditar achará a coisa ridícula!” E no entanto ela queria quebrar o silêncio e proferir abertamente que era capaz de preparar vinte e oito espécies de molhos para peixe. Isso pareceu curioso ao pobre Hans Castorp. Espantou-se, levou a mão à testa e estremeceu-se por completo de mastigar e deglutir o que tinha na boca, um bocadinho de bolo com Chester com pão integral. E assim foi até todos se levantarem da mesa, e ele ainda com o bolo na boca.

Saíram pela porta enYidraçada da esTuerda, aTuela porta inIeliz Tue sempre se IechaYa com estrondo e daYa diretamente para o Yestíbulo. Quase todos os pensionistas tomaram esse caminho. Parecia Tue era costume realizar, após o Mantar, uma espécie de reunião no Yestíbulo e nos salões adMacentes. A maioria dos pacientes mantinha-se de pé, conYersando em peTuenos grupos. Em torno de duas mesas dobradiças, Iorradas de Yerde, estaYam a Mogar, numa o dominó e noutra o bridge; deste último Mogo participaYam somente pessoas MoYens, entre elas o sr. Albin e Hermine KleeIeld. No primeiro salão haYia alguns aparelhos ópticos, destinados a diYertir os hóspedes: um estereoscópio, atraYés de cuMas lentes se enxergaYam Iotografias colocadas no seu interior, como, por exemplo, um gondoleiro Yeneziano de uma plasticidade rígida e sem Yida; em segundo lugar um caleidoscópio em Iorma de óculo, a cuMa lente se apoiaYa a Yista, enTuanto se acionaYa deYagar uma roda dentada, a fim de desencadear uma Iantasmagoria multicolor e sempre Yariada, de estrelas e arabescos; e, finalmente, um tambor giratório, no Tual eram introduzidas fitas cinematográficas, e por cuMas Iendas, abertas aos lados, podia-se Yer um moleiro brigando com um limpa-chaminés, um mestre-escola a castigar um menino, um Iunâmbulo Tue daYa saltos e um casal de campônios a dançar uma tirolesa. Hans Castorp, com as mãos Irias repousando nas

coxas, olhou demoradamente todos esses aparelhos. Também se deteve por alguns instantes nas proximidades da mesa de bridge, onde o incurável sr. Albin, crispando desdenhosamente os lábios, manejava as cartas com os movimentos displicentes de um homem mundano. Num ângulo da sala estava sentado o dr. Krokowski, a dirigir palavras animadas e cordiais a um semicírculo de senhoras, do qual fazia parte a sra. Storch, a sra. Iltis e a srta. Levin. O pessoal da mesa dos “russos distintos” retirara-se ao pequeno salão adjacente, separado da sala de jogos por uma simples cortina, e constituía ali uma panelinha íntima. Além de madame Chauchat havia ali: um cavalheiro lasso, de barba loura, tórax côncavo e olhos esbugalhados; uma moça muito morena, de um tipo original e humorístico, com brincos de ouro e cabelos lanosos despenteados; ademais, o dr. Blumenkohl, que se uniu a eles, e ainda dois rapazes de ombros caídos. Madame Chauchat vestida azul com gola de renda branca. Sentada no sofá, atrás da mesa redonda, no fundo do pequeno aposento, fazia o centro do grupo. Tinha o rosto voltado para a sala de jogos. Incapaz de contemplar sem reprovação aquela mulher mal-educada, Hans Castorp pensava de si para si: “Ela me lembra algo, mas não sei dizer o quê...”. Um indivíduo alto, de uns trinta anos, e cujos cabelos já começavam a tornar-se ralos, tocou três vezes seguidas no pequeno piano castanho a “Marcha nupcial” do Sonho de uma noite de verão, e a pedido de algumas

senhoras reiniciou pela quarta vez a peça melodiosa, depois de ter fixado profundamente e silenciosamente os olhos de cada uma delas.

— É permitido perguntar como o senhor se sente, Engenheiro? — perguntou Settembrini, o Tual, mãos nos bolsos, flanara entre os hóspedes e agora se aproximava de Hans Castorp. Ainda trazia aquele paletó de tecido cinzento parecido com burel, e as calças claras, enxadrezadas. Sorriu ao dirigir-se a Hans Castorp, mas de novo se sentiu como quem desembriagado à vista desses lábios finos, contraídos numa expressão zombeteira, sob a curva do negro bigode. Mesmo assim tinha a boca semiaberta, enquanto os seus olhos emmetados fixavam o italiano com um olhar bastante estúpido.

— Ah! É o senhor? — disse. — O senhor do passeio da manhã, aquele do banco lá em cima, perto do curso d'água... Claro, logo o reconheci. O senhor acredita — continuou, embora sabendo que não devia dizer uma coisa dessas — que no primeiro momento tomei-o por um tocador de realmeio?... Foi uma ideia absurda, naturalmente — acrescentou, ao notar que o olhar de Settembrini assumira um caráter irônico e perscrutador —, uma bobagem, eis a palavra: uma bobagem sem tamanho. Ainda não posso compreender por que cargas-d'água eu...

— Foi tranqüilo, não faz mal algum — replicou Settembrini, após um instante de silêncio, durante o qual apenas

contemplara o MoYem. — E como o senhor passou o dia de hoMe, o primeiro dia da sua estada neste sítio de prazeres?

— Obrigado por perguntar. Passei o dia conIorme o regulamento — respondeu Hans Castorp. — Sobretudo “à maneira horizontal”, como o senhor preIere dizer.

Settembrini esboçou um sorriso.

— Pode ser Tue me tenha expressado dessa Iorma, ocasionalmente — disse então. — Pois é, e achou diYertido esse modo de YiYer?

— DiYertido ou aborrecido, como Tueira... — tornou Hans Castorp. — Isso às Yezes é diÍícil de distinguir, sabe? Não cheguei a me aborrecer, absolutamente; para isso o ambiente de Yocês aTui em cima é animado demais. A gente Yê e ouYe tanta coisa noYa e estranha... Contudo, tenho a impressão de não estar aTui há apenas um dia, mas Má Iaz muito tempo; e até me parece Tue fiTuei mais Yelho e mais inteligente.

— Mais inteligente também? — perguntou Settembrini, alçando os sobrolhos. — Permita a pergunta: Tuantos anos o senhor tem?

Mas YeMa só, Hans Castorp não sabia! Não podia, nesse instante, recordar a sua idade, apesar dos esIorços Yiolentos, Tuase desesperados, Tue Iazia para se lembrar. A fim de ganhar tempo, esperou até Tue a pergunta Iosse repetida, e depois respondeu:

— Eu? Quantos anos? Estou no Yigésimo Tuarto ano da minha Yida. Em breYe You Iazer Yinte e Tuatro. Mas desculpe, Tue estou cansadíssimo — ele disse. — E cansaço ainda não é a expressão certa para Ialar do meu estado. O senhor conhece essa sensação de sonhar e de saber Tue se sonha, de Tuerer despertar e não conseguir? É Mustamente o Tue se passa comigo. Tenho certeza de ter Iebre. Não há outra explicação. O senhor acredita Tue ando com os pés Irios até os Moelhos? Se bem Tue os Moelhos não Iaçam parte dos pés... Perdão, estou totalmente conIuso, e isso não é de admirar, Tuando a gente Má de manhã cedo ouYe assobios do... do pneumotórax e depois tem de escutar o palaYrório do sr. Albin, e ainda numa posição horizontal. Imagine, não posso me liYrar da ideia de Tue os meus cinco sentidos não merecem confiança, e isso me incomoda ainda mais Tue o ardor do rosto e os pés Irios. O senhor me diga com toda a IranTueza: acha possíYel Tue a sra. St,hr saiba preparar Yinte e oito molhos para peixe? Não Tuero saber se ela é de Iato capaz de prepará-los — isso me parece impossíYel —, mas se ela realmente afirmou uma coisa dessas durante o

Mantar, ou se Iui só eu Tue tiYe a impressão...

Settembrini ficou olhando para ele. Parecia não ter prestado atenção. NoYamente os seus olhos haYiam se “craYado no Yazio”, tomando rumo fixo e cego, e, como fizera no passeio

da manhã, disse três vezes, num tom irônico e pensativo, “sim, sim, sim” e “YeMa só, YeMa só, YeMa só”, sempre sibilando o “s”.

— Vinte e Tuatro, disse o senhor? — perguntou então...

— Não, Yinte e oito! — insistiu Hans Castorp. — Vinte e oito molhos para peixe! Não molhos TuaisTuer, mas molhos especiais para peixe; isso é Tue me parece assombroso.

— Engenheiro! — disse Settembrini, entre irado e exortador.

— Trate de se dominar, e me deixe em paz com esses absurdos.

Nada sei dessas coisas, nem Tuero saber. Está no Yigésimo Quarto

ano de Yida, disse o senhor? Hum... Permita-me mais uma

pergunta, ou uma sugestão desprezível, se preIerir. Uma Yez

Tue a estada aTui parece não lhe conYir, uma Yez Tue não se

sente bem no nosso meio, nem Ísica nem psiTuicamente, se não

muito me engano... Tue acha o senhor de renunciar a tornar-se

mais Yelho nestas paragens? Em suma: Tue tal se ainda esta

noite preparasse suas malas e aproYeitasse o trem de amanhã

para pôr-se a caminho e saIar-se daTui?

— O senhor pensa Tue eu deYa partir? — perguntou Hans Castorp...

— Se mal acabo de chegar? Não, não mesmo, não posso ter opinião Iormada logo no primeiro dia!

Ao proIerir essas palaYras, lançou casualmente um olhar para a

sala Yizinha, onde Yiu a sra. Chauchat de Irente, seu rosto de

largas maçãs e olhos oblíTuos. “O Tue ela me lembra? E Tuem,

neste mundo inteiro?”, ele pensou. Mas sua cabeça exausta, apesar de todo o esforço, foi incapaz de encontrar a resposta.

— Naturalmente, não é fácil para mim aclimatar-me aqui em cima com vocês — continuou —, mas isso era de preferência, e se eu logo abandonasse o posto, só por sentir durante alguns dias um pouco de calor e de tonturas, teria vergonha

de mim e me humilharia no jardim. Isso seria contrário a toda razão... Senão, diga o senhor mesmo...

De repente entrou a Ialar com grande ênfase e com movimentos rápidos dos ombros, parecendo Tuerer com Yencer o italiano a retirar normalmente a sugestão que fizera.

— Inclino-me diante da razão — respondeu Settembrini. — Inclino-me também diante da coragem. O que o senhor disse não soa mal. Seria difícil opor-lhe um argumento sólido. Além disso, há vários exemplos de alguns belíssimos casos de aclimação. Houve no ano passado, a srta. Kneier, Ottilie Kneier, moça de boa família, filha de um alto funcionário do Estado. Este aqui cerca de um ano e meio e habituara-se de tal modo ao ambiente que por coisa alguma quis ir embora quando a sua saúde se restabeleceu por completo. (Pois isso também acontece, há gente que se cura aqui em cima.) Bem, ela suplicou ao dr. Behrens, e maravilhosamente, que lhe permitisse ficar. Não queria nem podia voltar para a sua terra. Aqui se sentia em casa, aqui estava

Ieliz. Mas, como houvesse muitos pedidos e se precisasse do quarto dela, seus rogos foram em vão, e insistiram em dar-lhe alta como curada. E Ottilie começou a ter muita febre, sua cura subiu muito. Contudo, foi desmascarada quando lhe substituíram o termômetro por uma “irmã muda”. O senhor ainda não sabe o que isso significa? É um termômetro sem escala que o médico controla pessoalmente, medindo a coluna de mercúrio e inscrevendo a temperatura na papeleta. Ottilie tinha 36,9; sim senhor, não tinha febre. Então tomou um banho no lago; era em princípios de maio, e de noite havia geadas. A água do lago não estava propriamente a zero, mas somente alguns graus acima disso. Ottilie passou um bom tempo na água, para contrair essa ou aquela doença. Mas, e o resultado? Continuou perfeitamente boa. Despediu-se desolada, inacessível ao consolo dos pais. “Que vou fazer lá embaixo?”, gritou uma e outra vez. “Meu lar é aqui!” Não sei que fim ela levou... Mas tenho a impressão de que o senhor não me presta atenção,

Engenheiro. Parece que lhe custa manter-se de pé, se não me engano. Tenente, aqui lhe entrego seu primo — disse voltando-se para Joachim, que nesse instante se aproximava. — Ponha-o na cama. Ele reúne em si razão e coragem, mas esta noite anda meio débil.

— Não, senhor, entendi tudo, realmente — afirmou Hans Castorp.
— A “irmã muda” é apenas uma coluna de mercúrio,

totalmente sem escala. Está Yendo Tue compreendi muito bem. — Mesmo assim entrou no eleYador, com Joachim e mais alguns outros pensionistas. Terminara o conYiYio social e cada um dispersou-se em busca das sacadas ou dos alpendres para o repouso noturno. Hans Castorp acompanhou Joachim até o Tuarto. O chão do corredor, com a passadeira de palha de coTueiro, executava sob os seus pés moYimentos suaYemente ondulantes, mas Tue não o incomodavam. Sentou-se na grande espreguiçadeira de Joachim, de Iorro florido — outra igual achava-se no seu próprio aposento — e acendeu um Maria Mancini. Achou-o com sabor de cola, carYão e outras coisas, menos o Tue deYeria ter; apesar disso, continuou a Iumá-lo, e ao mesmo tempo obserYou como Joachim se arrumou para o repouso: o primo Yestiu uma MaTueta de usar em casa, mas de talhe militar prussiano, e por cima um Yelho sobretudo, depois Ioi à sacada com a lâmpada do criado-mudo e o manual de russo na mão, acendeu a lâmpada e, com o termômetro na boca, deitou-se na espreguiçadeira, onde com surpreendente habilidade começou a enYolYer-se em dois grandes cobertores de lã de camelo Tue se achavam estendidos na cadeira. Hans Castorp contemplou com sincera admiração aTueles moYimentos destros. Joachim Mogou os cobertores, um após outro, por cima de si, primeiro pela esTuerda, cobrindo-se até a axila, depois por baixo, sobre os pés, e por fim pela direita, até Iormar uma espécie de pacote perfeitamente

simétrico e liso, do Tual saíam apenas a cabeça, os ombros e os braços.

— É IormidáYel como Yocê Iaz isso! — disse Hans Castorp.

— É Tuestão de prática — respondeu Joachim, Ialando com o termômetro preso entre os dentes. — Você também Yai aprender. Amanhã, sem Ialta, teremos de comprar alguns cobertores para Yocê. Serão úteis também lá embaixo, e aTui são indispensáveis, sobretudo para Yocê, Tue não tem saco de peles.

— Mas não tenciono deitar-me na sacada de noite — declarou Hans Castorp. — Isso eu não Iarei, posso garantir desde Má. Eu me sentiria ridículo. Tudo tem limites. Além disso, me parece preciso acentuar, num ou noutro ponto, Tue estou apenas de Yisita a Yocês aTui em cima. Vou ficar ainda alguns instantes com Yocê e Iumar um charuto, como de costume. Ele tem um sabor inIame, mas eu sei Tue é de boa Tualidade; e isso terá sido o bastante para hoMe. DaTui a pouco serão noYe horas, mas nem seTuer são noYe horas, inIelizmente. Quando, porém, Iorem noYe e meia, aí Má será tarde o bastante para a gente se recolher em um horário mais ou menos normal.

De repente sentiu um calaIrio — primeiro um, e logo depois diYersos outros, em rápida seTuência. Hans Castorp leYantou-se de um pulo e correu para o termômetro suspenso na parede, como se se tratasse de apanhá-lo em flagrante delito. Segundo a

escala de Réaumur Iazia noYe graus no Quarto. Hans Castorp apalpou o radiador e Yerificou Tue estaYa Irio e apagado. Resmungou palaYras conIusas, cuMo conteúdo aproximado era Tue, embora estiYessem em agosto, era uma Yergonha não se acender a caleIação; pois o Tue importaYa não era o nome do mês, mas a temperatura reinante, e esta era de um Irio de rachar. Mas nas suas Iaces continuaYa o ardor. Ele Yoltou a sentar-se, pôs-se noYamente de pé, e em Yoz baixa pediu licença para tomar o cobertor da cama de Joachim. Instalado na poltrona, cobriu-se com ele, dos Tuadris para baixo. Assim permaneceu, ao mesmo tempo ardendo e tiritando, a torturar-se com o charuto de gosto asTueroso.

InYadiu-o uma intensa sensação de miséria, como se nunca na Yida ele se tiYesse sentido tão mal Tuanto naTuele momento. “Que coisa miseráYel!”, murmurou. Em seguida, porém, achou-se de repente tomado por uma estranha e exuberante sensação de alegria e esperança, e, depois de tê-la experimentado, Tuedou-se a esperar Tue ela se reproduzisse. Mas isso não se deu, e o Tue lhe restou Ioi apenas a miséria. Finalmente se leYantou, atirou o cobertor de Joachim sobre a cama, cochichou de boca crispada TualTuer coisa parecida com “Boa noite!” e “VeMa se não morre de Irio!” e “Na hora do caIé Yocê me busca, sim?”, e então, cambaleando, atraYessou o corredor, em busca do seu Quarto.

Ao despir-se, começou a cantarolar, mas não de alegria. Mecanicamente, sem prestar atenção, desempenhou-se das peTuenas Iunções e obrigações da higiene noturna de um homem ciYilizado; pingou no copo umas gotas de um dentiIricio Yermelho, contido num Irasco de Yiagem, e gargareMou discretamente; laYou as mãos com um sabonete de Yioleta, suaYe e de excelente Tualidade, e pôs a camisola de cambraia, em cuMo bolsinho se Yiam bordadas as iniciais HC. Feito isso, meteu-se na cama e apagou a luz, enTuanto deixaYa cair a cabeça Tuente e agitada sobre o traYesseiro de morte da americana.

Esperara com a mais absoluta certeza mergulhar sem demora no sono, mas Yerificou Tue se enganara, e as mesmas pálpebras Tue pouco antes tiYera tanto trabalho de manter abertas não Tueriam agora permanecer Iechadas e abriam-se, lateMando irreTuietamente, logo Tue tentaYa cerrá-las. “Ainda não é a hora em Tue costume dormir”, disse de si para si. “Além disso passei muito tempo deitado durante o dia.” Lá Iora, alguém parecia bater um tapete — coisa pouco Yerossímil, e Tue em realidade não se daYa; eYidenciou-se Tue eram as palpitações do seu próprio coração, Tue Hans Castorp ouYia Iora de si, ao longe, exatamente como se um tapete Iosse tratado com um batedor de Munco.

O quarto não estava completamente escuro. Pela porta aberta da sacada entrava a luz das lampadzinhas acesas nos compartimentos externos, de Joachim e do casal da mesa dos “russos ordinários”. E, enquanto Hans Castorp estava deitado de costas e com as pálpebras a piscar, renou-se nele uma impressão toda especial que recebera durante o dia, uma observação que logo procurara esquecer, por terror e delicadeza. Tornou a ver a mesma expressão que assumira o rosto de Joachim quando se falou de Marússia e suas qualidades físicas — essa contração da boca, particularmente lastimável, acompanhada do palor salpicado de manchas em suas faces bronzeadas. Hans Castorp compreendeu o que aquilo significava; compreendeu-o e discerniu-o de uma forma nova, tão profunda e tão íntima que o batedor de Munco, lá fora, redobrou a velocidade e o vigor dos seus golpes e tomou-se abafado os sons de uma serenata que vinham de Da Vos-Platz. Pois já havia outro concerto na mesma hotel lá de baixo; uma melodia simétrica e barata de opereta ressoava através das trevas, e Hans Castorp pôs-se a assobiá-la num cício — pode-se muito bem assobiar num cício —, enquanto marcava o ritmo com os pés frios debaixo do acolchoado de penas.

Está visto que esse é antes um método apropriado para não adormecer, e a essa altura Hans Castorp já não tinha vontade alguma de fazê-lo. Desde que compreendera, de uma forma tão

inédita e YiYa, por Tue Joachim empalidecera, o mundo parecia-lhe renovado, e a tua sensação de exuberante alegria e esperança tornou-a como tê-lo no seu íntimo. De resto, aguardava mais alguma coisa, sem saber claramente o que era. Mas, quando notou que os vizinhos da direita e da esquerda haviam terminado o repouso e entraram nos quartos, para trocar a posição horizontal na sacada pela mesma posição no interior do aposento, expressou de si para si a conclusão de que dessa vez o casal bárbaro observaria a trégua. “Posso dormir tranquilamente”, pensou. “Esta noite eles vão se comportar bem, é o que espero!” Tal não aconteceu, no entanto. O próprio Hans Castorp não acreditara seriamente nessa possibilidade e, para dizer a verdade, de sua parte ele não teria compreendido, caso eles não tivessem aberto as hostilidades. Ainda assim soltou grande número de exclamações do mais veemente espanto, diante dos ruídos que ouvia.

— Um escândalo! — gritou, sem voz. — Que coisa! É impossível que algo assim fosse possível! — E, de quando em vez, voltou a acompanhar, ciciando, a melodia de opereta barata, que obstinadamente chegava até ele.

Depois veio o sono. Mas, junto com ele, surgiram fantásticas imagens de sonhos, mais fantásticas ainda do que as da primeira noite, e no meio das suas divérsas vezes se sobressaltou, assustado ou entregue à perseguição de uma

ideia conIusa. SonhaYa Tue Yia o dr. Behrens passear pelas alamedas do Mardim, caminhando de Moelhos dobrados, com os braços pendendo, riMos, para a Irente, e acertando os passos longos, como Tue monótonos, ao ritmo de uma marcha Tue ressoaYa de longe. Quando o conselheiro áulico estacou diante de Hans Castorp, usaYa óculos com grossas lentes redondas e dizia coisas sem nexo: “Um paisano, é claro”, obserYou, e sem pedir licença abaixou a pálpebra de Hans Castorp com os dedos indicador e médio da mão enorme. “Um paisano decente, como notei logo. Mas não lhe Ialta talento, absolutamente não lhe Ialta talento para uma combustão geral aumentada. Não se incomodaria em gastar alguns anos, alguns anos alegres de serYiço conosco, aTui em cima. Pois então, caYalheiros, e agora um passeio, Yamos!”, exclamou, metendo na boca os dois indicadores enormes e dando assobios tão estranhamente melodiosos Tue de diYersos lados e em miniatura surgiram, Yoando atraYés dos ares, a proIessora e Miss Robinson, para lhe pousarem nos ombros, à direita e à esTuerda, assim como na sala de reIeições ficaYam sentadas ao lado de Hans Castorp. E assim o médico se Ioi, a passo saltitante, esIregando um guardanapo por trás das lentes dos óculos, a fim de enxugar os olhos e secar não se sabia o Tuê, suor ou lágrimas.

Depois, Hans Castorp sonhou que se encontrava no pátio do ginásio, onde durante tantos anos passara os intervalos entre as aulas, e que estava a ponto de pedir emprestado um lápis à madame Chauchat, que igualmente estava presente. Ela lhe deu uma lapiseira de prata, que continha um lápis vermelho por fora, gasto até a metade, e recomendou a Hans Castorp, numa voz agradavelmente rouca, que o deixasse sem falta depois da aula. E quando o olhou, com seus olhos rasgados, de azul esverdeado, por cima das maçãs salientes, ele fez um esforço violento para se desprender do sonho; pois agora já sabia e queria guardar na memória que acontecimento e que pessoa ela lhe recordava com tamanha intensidade. A toda pressa, pôs-se a guardar essa percepção num lugar seguro, já que sentia como o sono e o sonho novamente se apoderavam dele. Com efeito, viu-se logo na contingência de procurar um refúgio para se abrigar contra a perseguição do dr. Krokowski, que lhe quis dissecar a alma, o que provocou em Hans Castorp um medo louco, realmente sem limites. Ele fugiu do doutor a passo trôpego, passando pelas divisórias de vidro que separavam os compartimentos das sacadas, e com perigo de vida saltou ao ar livre. Em último recurso, tentou trepar no mastro pardo da bandeira. Despertou, banhado em suor, quando o perseguidor lhe agarrou a perna da calça.

Mal se acalmou um pouco e logo voltou a adormecer, quando os acontecimentos tomaram para ele o seguinte rumo: encontrou-se empenhado em arredar com o ombro o sr. Settembrini, que ali se achava, de pé, sorrindo — um sorriso fino, seco, zombeteiro sob o espesso bigode negro, e que se esboçava mustamente no ponto em que o bigode se erguia numa bela curva; um sorriso que melindrava Hans Castorp. “O senhor é demais a tua!”, ou talvez a própria voz dizer distintamente. “Vá-se embora! É apenas um tocador de realme e é demais a tua!” Mas Settembrini não se deixou afastar do lugar, e Hans Castorp ainda estava a perguntar-se o que deveria fazer quando, de repente e por sorte, lhe ocorreu uma excelente ideia a respeito da natureza do tempo: evidenciou-se que o tempo nada mais era senão uma “irmã muda”, uma coluna de mercúrio desprovida de escala, para a qual tudo viesse trapacear. Então acordou com a firme intenção de comunicar no dia seguinte essa descoberta a seu primo Joachim.

Em meio a tais aventuras e achados decorreu a noite, e também Hermine Kleeberg, assim como o sr. Albin e o capitão Miklosich, desempenharam papéis complicados. Este último carregava em suas mãos a sra. St. Iher e era trespassado com uma lançada pelo promotor público, sr. Parant. Um sonho Hans Castorp chegou a ter duas vezes durante a noite, e em ambas exatamente do mesmo modo, a segunda já de madrugada.

AchaYa-se sentado na sala das sete mesas Tuando a porta enYidraçada se Iechou com enorme estrondo e madame Chauchat, no seu suéter branco, entrou com uma mão no bolso e a outra na nuca. Porém, ao inYés de se dirigir à mesa dos “russos distintos”, a mulher mal-educada aproximou-se a passo silencioso de Hans Castorp e, sem dizer palaYra, estendeu-lhe a mão para beiMar — não as costas, mas sim a palma. E Hans Castorp beiMou o interior dessa mão; beiMou essa mão pouco cuidada, um tanto larga, de dedos curtos, com a pele áspera nas bordas das unhas. NoYamente o inYadiu então, dos pés à cabeça, aTuela sensação de gozo dissoluto por Tue passara, Tuando, a título de experiência, se sentira liYre da pressão da honra e desIrutara as ilimitadas Yantagens Tue a Yergonha acarreta. Foi essa a sensação Tue ele tornou a encontrar no sonho, mas com intensidade muitas Yezes maior.

“Os dois!” (Todas as notas de tradução são do editor.)

CAPÍTULO IV

COMPRA NECESSÁRIA

— E agora? Já terminou o Yerão de Yocês? — perguntou

Hans Castorp ironicamente, no terceiro dia, ao primo... O tempo mudara de modo assustador.

O segundo dia completo Tue o Yisitante passara no sanatório Iora de magnífico esplendor estiYal. O azul profundo do céu luzia por cima das copas pontiagudas dos pinheiros, enquanto a aldeia, no Iundo do Yale, Iulgia deslumbrante em meio ao calor. O ar estaYa cheio do tilintar alegre e calmo dos cincerros das Yacas Tue aTui e ali, nas encostas, pastaYam o capim curto e cálido dos prados. Já à hora do caIé da manhã, as senhoras haYiam exibido leYíssimas blusas de tecidos laYáYeis, algumas até com mangas de broderie, o Tue não ficaYa igualmente bem a todas; para a sra. St, hr, por exemplo, esse traMe era pouco YantaMoso, Yisto ela ter os braços demasiado baloIos para usar Yestimenta Yaporosa. Também o sexo Iorte leYara em conta o tempo esplêndido, no Tue se reIeria à escolha dos traMes. Surgiram MaTuetas de alpaca e Iatiotas de linho, e Joachim ostentara calças de flanela cor de marfim, sob o costumeiro paletó azul, combinação Tue lhe

daYa um ar tipicamente militar. Quanto a Settembrini, também ele maniIestara repetidas Yezes a intenção de mudar de roupa.

— Que diabo! — dissera em um passeio em direção ao YilareMo, depois do lanche, em companhia dos dois primos.

— Como o sol está Tuente! Já YeMo Tue terei de pôr roupa mais leYe.

Apesar dessa declaração expressa, porém, continuara traMando o casaco espesso e comprido, de largas lapelas, e as calças enxadrezadas, Tue proYaYelmente representaYam tudo Tuanto possuía de Yestuário.

No terceiro dia, porém, tudo estaYa como se a natureza houYesse soIrido um golpe, e a ordem das coisas, sido posta às aYessas. Hans Castorp mal deu crédito aos próprios olhos. Foi depois do almoço, e o pessoal Má Iazia Yinte minutos Tue se entregaYa ao repouso: o sol se escondeu rapidamente, nuYens Ieias, pardas como turIa, surgiram por cima da cordilheira ao sudeste, e um Yento glacial estranho, Tue penetraYa até a medula dos ossos, como Yiesse de desconhecidas regiões geladas, entrou subitamente a Yarrer o Yale, proYocou uma Tueda brusca de temperatura e encetou um regime completamente noYo.

— Vem neYe — ressoou a Yoz de Joachim detrás da diYisória de Yidro.

— Como assim, “neYe”? — perguntou Hans Castorp. — Não Yai Tuerer me dizer Tue Yai neYar agora?

— Claro! — respondeu Joachim. — Conhecemos bem esse Yento. Quando ele Yem, traz consigo passeios de trenó.

— Bobagem! — retrucou Hans Castorp. — Ou muito me engano, ou estamos em princípios de agosto.

Mas Joachim, conhecedor do clima, dissera a Yerdade. Dentro de poucos instantes começou a desabar IormidáYel neYada, acompanhada de troYões incessantes. Era um torYelinho tão denso Tue tudo parecia enYolto num Yapor branco e Tuase nada se enxergaYa do YilareMo e do Iundo do Yale.

A neYe continuou caindo durante toda a tarde. Puseram a Iuncionar a caleIação central. EnTuanto Joachim recorreu ao saco de peles, sem admitir TualTuer interrupção em seu tratamento, Hans Castorp reIugiu-se no interior do Tuarto, aproximou a cadeira do radiador aTuecido e, meneando a cabeça de Tuando em Tuando, fixou o olhar naTuele

disparate. Na manhã do dia seguinte, Má não neYaYa. Mas, conTuanto o termômetro de Iora marcasse alguns graus acima de zero, haYia neYe suficiente para se aIundar nela o pé, de modo Tue, ante os olhos pasmados de Hans Castorp, desdobrou-se uma perIeita paisagem hiberna. HaYiam Yoltado a desligar a

caleiação. A temperatura nos Quartos era de seis graus acima de zero.

— E agora? Já terminou o Verão de Vocês? — perguntou

Hans Castorp ao primo, com amarga ironia.

— Difícil dizer — respondeu Joachim, na sua maneira obmetida. — Se Deus quiser, ainda haverá uns belos dias de Verão. Mesmo em setembro, não é impossível. Mas o caso é que aqui não existe diferença acentuada entre as estações, sabe? Elas se misturam, por assim dizer, e não se atêm ao calendário. No inverno, há dias em que o sol está tão forte que a gente sua e tira o paletó durante o passeio, e no Verão... Bem, você está vendo o que às vezes acontece no Verão. E ainda a neve, esta então põe tudo em desordem. Cai neve em Janeiro, mas em maio não cai muito menos, e em agosto também está nevando. Generalizando, posso dizer que não passa mês sem que haja neve; nisso a gente pode se fiar. Numa palavra, temos dias de Verão e dias de inverno, dias de primavera e dias de outono, mas não há propriamente estações aqui em cima.

— É uma bela confusão — disse Hans Castorp. Em companhia do primo, foi ao Ylarem, com galochas e sobretudo de inverno, a fim de comprar uns cobertores para a terapia de repouso, visto ser evidente que, num tempo desses, não lhe bastaria o cobertor de viagem. Chegou a ventilar a ideia

da compra de um saco de peles, porém abandonou-a e mesmo se assustou diante dela. — Não, senhor — disse. — Vamos nos limitar aos cobertores. Lá embaixo também me serYirão, cobertores usam-se em toda parte, não há neles algo de particular ou estranho. Mas um saco de peles é uma coisa toda especial. Se comprasse um saco de peles, peço Tue me entenda, eu teria a impressão

de estar Tuerendo me domiciliar aTui e de tornar-me, em certo sentido, um de Yocês... Bem, só Tuero dizer Tue absolutamente não Yale a pena comprar um saco de peles só para essas poucas semanas.

Joachim concordou. Numa bela e bem-sortida loMa do bairro inglês, compraram dois cobertores de lã de camelo, do mesmo tipo Tue possuía Joachim, particularmente compridos e largos, muito macios e de cor natural, e deram ordem de mandá-los sem demora ao sanatório, o Sanatório Internacional BerghoI, Quarto 34. Hans Castorp Tueria estreá-los hoMe mesmo, à tarde.

HaYiam descido ao YilareMo depois do lanche da manhã, uma Yez Tue o horário habitual não oIerecia outra ocasião para ir até lá. ChoYia, e a neYe depositada nas ruas Má se transIormara numa espécie de pasta gélida Tue lhes enlameaYa as calças. Ao regressarem, encontraram-se com Settembrini, Tue sem chapéu, mas com um guarda-chuYa, também se encaminhaYa ao

sanatório. O italiano tinha a cara amarelada e andava
visivelmente possuído de um humor elegíaco. Num estilo puro
e com palavras bem escolhidas, lamentava-se do frio e da
umidade que tanto o irritavam. Se ao menos acendessem a
calefusão! Mas os grandes potentados miseráveis mandaram
desligá-la tão logo parasse a neblina: uma regra estúpida, um
insulto a toda inteligência! E quando Hans Castorp obteve, a
sua vez, uma temperatura moderada talvez fosse parte do
regime, para evitar que os pacientes ficassem mal-
acostumados, Settembrini respondeu com o mais veemente
sarcasmo. Pois sim, o regime! Os sagrados e intangíveis
princípios do regime! Hans Castorp estaria falando deles no tom
que contém, disse Settembrini, um tom de disciplina e submissão.
Era gritante apenas — mas gritante em um sentido muito
benéfico — que entre esses princípios gozassem de
respeito ilimitado. Mustamente os que coincidem com os
interesses financeiros dos potentados, ao passo que se iria vista
grossa diante da violação de outros
princípios menos dispendiosos... Enquanto os primos desataram a
rir, Settembrini, no contexto do almejado calor, passou a falar
de seu saudoso pai.

— Meu pai — disse pausada e seriamente —, meu pai era
homem muito fino, tinha o corpo e a alma igualmente sensíveis!
E como adorava, no inverno, seu gabinete de estudo bem

aTuecido, mantido a uma temperatura constante de Yinte graus Réaumur, o Tue se obtinha por meio de uma peTuena estuIa Yermelha de tanto calor; e Tuando em dias de chuYa Iria ou de tempestade glacial uma pessoa passaYa pelo Yestíbulo e entraYa no gabinete sentia o calor lhe enYolYer os ombros como um manto macio, e os olhos enchiam-se-lhe de lágrimas de bem-estar. A peTuena peça estaYa abarrotada de liYros e manuscritos, entre os Tuais se achaYam muitas preciosidades, e em meio a esses tesouros do espírito estaYa ele, de pé, com seu roupão de flanela azul, diante da estreita escriYaninha, onde se dedicaYa à literatura. Era delgado e tinha pouca estatura, era mais baixo Tue eu, imaginem!, mais de uma cabeça mais baixo; nas Irontes tinha uns espessos tuIos de cabelo grisalho, e seu nariz era muito longo e fino... Que romanista, senhores! Um dos mais eminentes da sua época, conhecedor de nossa língua como poucos houYe, estilista latino como mais ninguém, um uomo letterato ao gosto de Boccaccio... Eruditos Yinham de longe até ele, ora de Haparanda, ora de CracóYia, e Yinham especialmente a Pádua, nossa cidade, para lhe demonstrar estima, e ele os recebia com aIáYel dignidade. Era também poeta emérito, Tue nas horas de lazer compunha noYelas na mais elegante prosa toscana: um mestre do idioma gentile — disse Settembrini com extrema satisIação, enTuanto moYia a cabeça de lado a lado, e sentia derreter sobre a língua as sílabas pátrias. — Ele cultiYaYa seu Mardim, segundo o exemplo de

Virgílio — continuou —, e tudo quanto dizia era belo e sadio. Mas era preciso que fizesse calor, muito calor, no seu gabinete, senão tremia de indignação e era capaz de

Yerter lágrimas, por que o deixa Ym padecer Irio. E agora imagine, Engenheiro, e o senhor, Tenente, o quanto eu, filho de meu pai, sofro neste maldito e bárbaro lugar, onde o corpo tiritava de Irio em pleno Yerão, e as impressões mais humilhantes atormentam continuamente a alma... Ah! É duro! Que tipos esses que nos rodeiam! Esse Conselheiro Áulico, sempre burlesco do Demônio! E Krokozski — Settembrini Iez como se o nome lhe quebrasse a língua —, Krokozski, o confessor impudico, que me odeia, por que a minha dignidade humana proíbe entregar-me às suas práticas sacerdotais... E meus comensais... Em que companhia estou condenado a tomar as refeições! À minha direita fica um cervejeiro de Halle, chama-se Magnus, com o bigode que mais parece um Ieixe de Ieno. “Deixe-me em paz com literatura”, diz ele. “Que é que ela oferece? Belos caracteres? Que me adiantam belos caracteres? Sou um homem prático, e na vida quase nunca se encontram belos caracteres.” É esta a ideia que ele faz da literatura. Belos caracteres, santa Mãe de Deus! Sua mulher, que costuma sentar-se à frente dele, nada faz senão perder proteínas e a andar-se cada vez mais na estupidez. Que miséria sórdida!...

Sem que houvessem trocado opiniões sobre essas palavras, Hans Castorp e Joachim Mulgaster-nas do mesmo modo: acharam-nas lamentáveis e desagradavelmente sediciosas, se bem que divertidas e até instrutivas, na sua animosidade atrevida e acurada. Hans Castorp riu-se gostosamente da comparação com o “Ixiote de Ieno” e também dos “belos caracteres”, ou melhor, do Meito desesperadamente engraçado como Settembrini se manifestava. Em seguida disse:

— Por Deus, é verdade, pode ser que a companhia seja mesmo desigual num estabelecimento destes. Não se pode escolher os vizinhos da mesa, isso seria quase impraticável. À nossa mesa há também uma senhora desse tipo, a sra. St., hr... Creio que o senhor a conhece, não? É de uma

ignorância patética, não há dúvida, e às vezes a gente não sabe para onde olhar, quando ela se mete a tagarelar. Lamenta-se de sua temperatura e de se sentir tão lassa, e parece que seu caso não é mesmo simples, infelizmente. E isto é estranho, estupidez e doença... Não sei se me expressei bem, mas tenho uma impressão muito estranha ao ver uma pessoa estúpida que ainda por cima está doente; essas duas coisas reunidas, acho que são o que há de mais triste neste mundo. Não se sabe como comportar-se, pois todos gostam, afinal, de tratar um enfermo com seriedade e respeito, não é? A enfermidade é, por assim dizer, algo digno de reverência. Mas quando a obtusidade se

intromete a cada instante, com “Iómulo”, “estabelecimento cósmico” e outras asneiras do mesmo Tuilate, aí Irancamente a gente fica sem saber se ri ou se chora, é um dilema para o sentimento humano, e tão lamentável Tue nem sei dizer. Na minha opinião, não há rima possível entre essas duas coisas, elas não combinam, e a gente mal consegue imaginá-las Muntas. Sempre se pensa Tue uma pessoa obtusa deYe ser sadia e comum, e Tue a doença torna as pessoas finas e cultas e especiais. É assim Tue se pensa em geral. Ou será Tue não? Pode ser Tue eu esteMa dizendo mais do Tue posso Mustificar — concluiu. — É apenas porTue casualmente tocamos no assunto... — E estacou, conIuso.

Também Joachim estáYa um pouco perplexo, e Settembrini permaneceu calado, apenas alçando os sobrolhos, como Tuem, por cortesia, aguarda o fim da palaYra de um interlocutor. Na realidade, porém, tinha a intenção de deixar chegar o momento em Tue Hans Castorp se atrapalhasse todo, antes de responder, afinal:

— Sapristi,¹ Engenheiro, o senhor acaba de maniIestar Tualidades filosóficas Tue eu não esperaYa da sua parte! De acordo com a sua teoria, o senhor mesmo deYeria estar menos sadio do Tue aparenta, porTue, eYidentemente, é dotado de espírito. Permita-me obserYar, no entanto, Tue

não posso acompanhar suas deduções, reMeito-as, sim, chego a sentir Verdadeira hostilidade diante delas. Tal como o senhor me Yê, sou um pouco intolerante em assuntos do espírito e prefiro ser tachado de pedante a deixar de combater opiniões Tue me parecem tão censuráveis como essas Tue o senhor nos apresentou...

— Mas, sr. Settembrini...

— Per-mi-ta-me... Já sei o Tue o senhor tenciona replicar. Quer dizer Tue não Ialou muito a sério, Tue os pontos de Vista Tue acaba de representar não são propriamente os seus, Tue apenas apanhou uma opinião de entre as muitas possíveis Tue flutuam no ar, e Tue o Iez a fim de se exercitar um pouco, sem assumir nenhuma responsabilidade. É o Tue está em harmonia com a sua idade, Tue ainda se compraz em dispensar a resolução Yiril e em tentar, provisoriamente, toda espécie de teorias. Placet experiri²— acrescentou, pronunciando o “c” de placet brandamente, à italiana. — Uma excelente máxima. O Tue me deixa pasmado é apenas o Iato de Yer as suas experiências tomarem Mustamente esse rumo. Não me parece tratar-se de um mero acaso. Receio Tue exista no senhor uma tendência capaz de se arraigar no seu caráter, se não Ior combatida em tempo. Por isso me creio na obrigação de corrigi-lo. O senhor opinou Tue a doença reunida à estupidez era a coisa mais triste Tue haYia no mundo. Estou de acordo. Também eu prefiro um

doente espirituoso a um bobalhão tísico, porém não posso deixar de protestar. Quando o senhor se mete a considerar a combinação de enfermidade e obtusidade uma espécie de falta de estilo, um ato de mau gosto praticado pela natureza, e um dilema para o sentimento humano, como sempre lhe aprouve expressar-se. E quando o senhor parece vulgarizar a enfermidade algo tão nobre e, como dizia?, tão digno de reverência. Você simplesmente não pode haver rima possível entre essas duas coisas. É outra expressão sua. Pois bem, não concordo com isso. A doença

absolutamente não é nobre, nem digna de reverência, de modo algum. Essa concepção é em si mesma doentia ou leva à doença. O método mais acertado de despertar no senhor repugnância contra ela talvez se faça dizer-lhe que é velha e feia. Ela tem origem em épocas supersticiosas, acossadas de remorsos, e nas suas a ideia do humano, privada de toda dignidade, degenerara a ponto de se tornar uma caricatura, épocas angustiadas, que consideravam a harmonia e o bem-estar coisas suspeitas, diabólicas, ao passo que a debilidade e a infirmitade são um passaporte para o céu. Mas a razão e o esclarecimento dissiparam essas sombras que pairam sobre a alma da humanidade; a verdade é que ainda não terminaram a sua obra, e a luta continua. Essa luta, meu caro senhor, chama-se trabalho, trabalho terreno, trabalho em prol da Terra, da honra e

dos interesses da humanidade. E temperadas, dia a dia, por essa luta, as Tuelas Iorças acabarão por libertar o homem e por guiá-lo pelos caminhos do progresso e da civilização, rumo a uma luz cada vez mais clara, mais sua e mais pura.

“Puxa!”, pensou Hans Castorp, espantado e confuso. “Mas isso soa como uma ária de ópera! Como é que proYotei esse discurso? Ele me parece, aliás, um pouco árido. Por que o homem Iala o tempo todo de trabalho? Sempre insiste no trabalho, embora aTui em cima disso tenha um pouco Iora de propósito.” Finalmente respondeu:

— Muito bem, sr. Settembrini. É mesmo notável como o senhor sabe falar. Essas coisas não poderiam ser ditas de um modo... de um modo mais plástico.

— Um retrocesso — prosseguiu Settembrini, enquanto erguia o guarda-chuva por cima da cabeça de um transeunte —, um retrocesso espiritual em direção aos conceitos desses tempos tenebrosos, atormentados... Creia-me, Engenheiro, isso é doença; uma doença explorada a fundo, para a qual a ciência conhece denominações diversas; uma deriva da terminologia estética e psicológica, e outra, da política. São termos escolares, que nada têm

que ver com o nosso tema, e dos quais o senhor pode perfeitamente prescindir. Mas, como tudo se encadeia na vida

espiritual, e uma coisa se depreende da outra, como não se pode estender ao diabo nem se tirar o dedo mínimo sem que ele logo agarre a mão inteira e com ela todo o homem... e como, por outro lado, um princípio sadio só pode presentificar efeitos também sadios, sendo indiferente ao ponto de partida, queira pois o senhor guardar na memória que a doença, longe de ser nobre e por demais digna de reverência para ser compatível com a estupidez, representa, pelo contrário, uma humilhação... Sim senhor, uma humilhação dolorosa do homem, um insulto à ideia, um rebaixamento que no caso individual pode merecer tolerância e cuidado, mas que seria uma aberração homenagear espiritualmente — guardar isto na memória! —, uma aberração, e o início de todas as demais aberrações espirituais. Aquele mulher que o senhor mencionou... Nem quero me lembrar do nome dela... Ah, sim, a sra. St., muito obrigado... Bem, não é, ao que me parece, o caso dessa criatura ridícula que coloca o sentimento humano diante de um dilema, para usar as suas palavras. Estúpido e doente — meu Deus, isso são as peculiaridades da própria miséria; o caso é simples, e nada nos resta fazer senão sentir compaixão e encolher os ombros. O dilema, meu caro, a tragédia começa onde a natureza se mostrou bastante cruel para destruir a harmonia da personalidade, ou para torná-la de antemão impossível, associando um espírito nobre e cheio de vitalidade a um corpo pouco apto para a vida. O senhor conhece Leopardi, Engenheiro?

Ou o senhor, Tenente? Um poeta inIeliz da minha terra, um corcunda enIermiço, com uma alma originalmente grande, mas rebaixada sem cessar pela miséria do seu corpo e arrastada aos abismos da ironia, uma alma cuMas lamentações dilaceram o coração. Ouçam isto!

E Settembrini pôs-se a recitar em italiano, sentindo as sílabas se diluírem sobre a língua, moYendo a cabeça de

lado a lado e às Yezes cerrando os olhos, sem se preocupar com Tue seus companheiros não entendessem palaYra alguma.

VisiYelmente, o Tue lhe importaYa era saborear a beleza da sua prosódia e a Iorça da sua memória, e exibi-las ao auditório.

Finalmente disse:

— Mas, não, os senhores não compreendem. Estão ouYindo sem perceber o sentido doloroso dos Yersos. O aleiMado Leopardi (é preciso sentir essa desgraça em sua plenitude, caYalheiros) careceu sobretudo do amor das mulheres, e Ioi isso, antes de mais nada, Tue o tornou incapaz de impedir o definhamento de sua alma. O esplendor da glória e da Yirtude empalideceu ante seus olhos; a natureza afigurou-se-lhe malYada (ela é realmente malYada, estúpida e malYada, nesse ponto concordo com ele) e ele caiu em desespero. É horríYel dizê-lo: ele desesperou da ciência e do progresso. Eis, meu caro Engenheiro, um exemplo de autêntica tragédia. ATui o senhor encontra o “dilema para o

sentimento humano” de Tue IalaYa, e não no caso daTuela mulher, com cuMo nome me recuso terminantemente a onerar minha memória... Não me Iale de “espiritualização” Tue possa resultar de enIermidade; pelo amor de Deus, não Iaça isso! Uma alma sem corpo é tão desumana e horripilante Tuanto um corpo sem alma. A primeira é, aliás, uma rara exceção, e o segundo, o mais comum. Via de regra é o corpo Tue exuberava, açambarca toda a Yida e toda a importância, e se emancipa da maneira mais asTuerosa. Um homem Tue YiYe enIermo é corpo e nada mais, e nisso reside o anti-humano, o aYiltante... Na maioria das Yezes não Yale mais Tue um cadáver...

— Engraçado! — exclamou Joachim de súbito, inclinándose para a Irente, a fim de olhar o primo Tue caminhaYa do outro lado de Settembrini. — Não Iaz muito, Yocê disse uma coisa bem parecida.

— Será? — tornou Hans Castorp. — Bem, pode ser Tue uma ideia semelhante me tenha passado pela cabeça.

Settembrini permaneceu calado durante alguns momentos, antes de dizer:

— Tanto melhor, meus senhores. Tanto melhor. Longe de mim a intenção de lhes expor uma filosofia original. Não é isso o Tue me cabe Iazer. Se o nosso engenheiro, espontaneamente, Má chegou a obserYações análogas, confirma-se a minha opinião

de Tue ele é um diletante do espírito e simplesmente se entrega, à maneira dos MoYens talentosos, a experiências com toda espécie de conceitos possíveis. Um MoYem de talento não é uma Iolha em branco, senão uma Iolha sobre a Tual Má tudo Ioi escrito, com tinta simpática, por assim dizer; tudo, tanto o bem como o mal; e ao educador cumpre desenYolYer decididamente o bem e, mediante uma influência adeTuada, apagar o mal Tue deseMe maniIestar-se... Os senhores fizeram compras? — perguntou então num tom diIerente.

— Não, senhor, nada de especial — respondeu Hans Castorp. — Quer dizer...

— Compramos alguns cobertores para o meu primo — respondeu Joachim displicentemente.

— É para o repouso... Com esse Irio de rachar... Dizem Tue deYo obserYar o regime durante as semanas da minha estada — explicou Hans Castorp, rindo e baixando os olhos.

— Ah? Cobertores! Repouso! — exclamou Settembrini. — Sim, sim, sim! Com eIeito: placet experiiri — repetiu, com pronúncia italiana. Depois se despediu, pois, cumprimentados pelo porteiro coxo, acabaYam de entrar no sanatório. No Yestíbulo, Settembrini tomou o caminho para os salões, a fim de ler os Mornais antes do almoço, segundo disse. Parecia Tuerer gazear o segundo repouso.

— Deus me liYre! — desabaIou Hans Castorp, enTuanto estaYa com Joachim no eleYador. — É mesmo um pedagogo. Ele Má nos disse noutro dia Tue tinha uma Yeia pedagógica. E a gente deYe cuidar-se na presença dele e não dizer TualTuer palaYra em excesso, senão segue logo uma preleção Tue não acaba nunca. Mas Yale a pena ouYi-lo

Ialar. Cada palaYra lhe sai da boca tão arredondada e apetitosa Tue sempre me Iaz lembrar pãezinhos Irescos.

Joachim deu uma risada.

— Não lhe diga isso. Creio Tue ele ficaria decepcionado se soubesse Tue Yocê pensa em pãezinhos ao escutar as suas teorias.

— Acha mesmo? Ora, não tenho tanta certeza disso. Sempre me parece Tue ele não se preocupa exclusiYamente com as suas teorias, e Tue estas desempenham um papel secundário. O Tue lhe interessa mais é o Ialar em si, o seu modo peculiar de Iazer as palaYras saltar e rolar... tão elásticas como bolas de borracha... Tenho impressão de Tue não o desagrada Yerificar Tue ouYidos alheios notam o eIeito. O cerYeMeiro Magnus disse, indubitaYelmente, uma asneira Tuando Ialou dos “belos caracteres”, mas Settembrini nos deYeria ter dito o Tue é, em realidade, o obMetiYo da literatura. Eu não Tuis perguntar, para não mostrar minha ignorância. Não sou nada

competente nessas coisas, e até agora nunca Yi um literato. Contudo, se o Tue importa não são os belos caracteres, deYem ser as belas palaYras. Tal a minha impressão Tuando me acho em companhia de Settembrini. Que palaYras usa esse homem! Sem o mínimo acanhamento Iala de “Yirtude”, ora essa! Nunca na Yida empreguei esse Yocábulo. Até mesmo na escola, dizíamos “coragem”, Tuando líamos “virtus” nos liYros. NaTuele momento senti um choTue; não posso negá-lo. E depois, fico nerYoso Tuando ele se mete a resmungar sobre o Irio e sobre Behrens e sobre a sra. Magnus porTue ela perde proteínas, sobre tudo o Tue existe, enfim. É um homem do conflito, um opositorista, como logo percebi. InYeste contra TualTuer coisa, e uma atitude dessas sempre me dá a impressão de desleixo, não posso eYitá-lo.

— É o Tue Yocê pensa — disse Joachim ponderadamente.

— Mas, por outro lado, tal atitude reYela certo orgulho, Tue nada tem de desleixado. Pelo contrário, Settembrini é um homem Tue se respeita a si mesmo, ou respeita os homens

em geral. E isso me agrada nele, porTue, a meu Yer, é um sinal de decência.

— Tem razão — concordou Hans Castorp. — Ele até me parece um tanto seYero. A gente, às Yezes, sente-se constrangido diante dele, porTue Yê Tue... como dizer? Que está sendo controlado. Sim, senhor, é isso mesmo. Você acredita Tue tenho a

impressão de que ele não aprova a compra dos cobertores para o repouso, de que se opõe a ela, e ficou até escandalizado?

— Não — disse Joachim, circunspecto e admirado. — Por que razão? Não posso imaginar... — E com isso se levantou, metendo o termômetro na boca e levando todos os seus apetrechos para o repouso, enquanto Hans Castorp começou logo a mudar de roupa e a arrumar-se para o almoço, de tal modo que os separaram-se numa hora.

EXCURSO SOBRE O SENTIDO DO TEMPO

Quando Yoltaram ao Quarto de Hans Castorp, depois do almoço, Má se encontraYa ali, numa cadeira, o embrulho dos cobertores; e nesse dia o MoYem serYiu-se deles pela primeira Yez. Joachim, mais experiente na arte de se agasalhar, Tue todos exerciam ali em cima e os recém-chegados tinham de aprender, mostrou-lhe como Iazer. Os cobertores, um após outro, deYiam ser estendidos sobre a espreguiçadeira de maneira Tue um bom pedaço deles sobressaísse no lugar dos pés. A seguir, a gente se sentaYa na cadeira e começaYa a enYolYer-se no cobertor superior, primeiro de um lado em todo o comprimento, até as axilas, depois na parte de baixo, por cima dos pés, o Tue reTueiria Tue a pessoa se soerguesse, se inclinasse para a Irente e apanhasse ambas as camadas da extremidade dobrada, e por fim do outro lado, sendo importante aMustar cuidadosamente a ponta dupla da reIerida extremidade às bordas da cadeira, a fim de se conseguir um máximo de lisura e regularidade. Em seguida, procedia-se da mesma Iorma com o cobertor de baixo, Tue era um pouco mais diÍícil de maneMar. Hans Castorp, como noYiço desaMeitado, não cessaYa de gemer, enTuanto, ora curYado, ora reclinado, treinaYa os moYimentos Tue Joachim lhe ensinara.

— Só mesmo alguns Yeteranos — disse o primo — sabem Mogar simultaneamente os dois cobertores por cima do corpo, com apenas três manobras precisas. É uma habilidade rara e inYeMada, Tue exige não somente anos de prática mas também um talento natural. — Essas últimas palaYras fizeram com Tue Hans Castorp estourasse em riso, deixando-se cair para trás, sobre as costas doloridas. Joachim, Tue no primeiro instante não compreendera o Tue haYia de cômico nisso, olhou-o com um ar incerto, e depois também desatou a rir.

— Feito! — disse Tuando Hans Castorp, exausto de toda essa ginástica, arrumado em Iorma de cilindro, e como Tue sem membros, estaYa estendido na espreguiçadeira, com o rolo elástico por baixo da nuca. — Mesmo Tue fizesse uns Yinte graus abaixo de zero, nada lhe poderia acontecer agora. — Com isso desapareceu atrás da diYisória de Yidro, para agasalhar-se, ele mesmo.

Essa coisa dos Yinte graus abaixo de zero parecia bastante suspeita a Hans Castorp, Tue se ressentia muito do Irio. Repetidas Yezes, calaIrios lhe passaram pelo corpo, enTuanto contemplaYa, atraYés das arcadas de madeira, a umidade Tue se precipitaYa lá Iora, pingando, garoando e dando a impressão de estar a ponto de se transIormar, de um momento para outro, em noYa neYada. Era, porém, estranho Tue, não obstante o tempo úmido, ele continuasse com o rosto seco e

ardente, como se estivesse num quarto superaquecido. Ademais, sentia-se ridiculamente cansado em virtude dos exercícios realizados para encolher-se nos cobertores. Com efeito, o Ocean Steamships tremia-lhe nas mãos, quando o aproximava dos olhos. Era evidente que a sua saúde não era lá muito boa — “totalmente anêmico”, dissera o dr. Behrens — e por isso incomodava-se tanto com o Irió. Mas essas sensações desagradáveis eram compensadas pela grande comodidade da sua posição, pelas qualidades insondáveis e quase misteriosas dessa espreguiçadeira, que Hans Castorp já descobrira, entusiasmado, quando da estreia, e que voltou a comprar-se de modo sumamente ameno. Fosse devido ao tipo das almofadas, à inclinação conveniente do encosto, à altura e largura acertadas dos braços, ou talvez à consistência apropriada do rolo atrás da nuca — em todo caso era impossível imaginar um método mais humano para garantir o bem-estar de membros em repouso do que os serenos dessa cadeira perfeita. E grande satisfação invariavelmente a alma de Hans Castorp, ao pensar nas duas horas vazias, cheias de paz assegurada, que tinha à sua frente, essas horas sagradas que o regulamento da casa destinava ao repouso principal, e que ele, apesar de ser um simples visitante, aproveitava como uma instituição inteiramente adequada ao seu caráter. Pois Hans Castorp era paciente por natureza, podia ficar

longamente sem nada fazer e, conforme nos recordamos, adorava esse tempo livre, e nenhuma atividade fazia esquecer, nem consome, nem afluente. Às quatro horas iria tomar o chá da tarde, com bolo e confeitados; depois haveria um bom repouso na espreguiçadeira; às sete, tinha o jantar, e, como todas as refeições, ofereceria algumas sensações e certos aspectos curiosos, dignos de serem aguardados com prazer; depois, alguns olhares no interior da caixa estereoscópica, no caleidoscópio em forma de luneta e no tambor cinematográfico... Hans Castorp já sabia de cor o programa do dia, ainda e fosse exagero dizer que já se “aclimatara” perfeitamente.

No fundo constitui inenunciado este processo de aclimação num lugar estranho, a adaptação — por mais laboriosa que seja — e a mudança de hábitos às quais as pessoas se submetem só para viver e na intenção firme de abandoná-las imediatamente ou pouco depois de completadas, a fim de voltar ao estado anterior. Intercala-se tal processo como uma espécie de interrupção ou entreato, no curso principal da vida, e isso para fins de “restabelecimento”, quer dizer: para exercitar, renovar e revolucionar o organismo que corria perigo, e já estava a ponto de se animalhar, de enlanguescer e de entibiar, na desarticulada monotonia da existência rotineira. Mas, tal é a origem desse langor, dessa tibieza, nos casos de

continuidade por demais extensa e ininterrupta de uma rotina? Trata-se menos do cansaço e do desgaste físico e espiritual, que causam as exigências da Yida — para eles, o simples descanso bastaria como remédio reconstituente —, que de algo psíquico: é a consciência do tempo que ameaça perder-se na uniformidade constante, e que liga laços tão

estreitos de parentesco e afinidade à própria sensação de Yida a ponto de não se poder debilitar uma sem que a outra sofra e defina também. Com respeito à natureza do tédio encontram-se frequentemente conceitos errôneos. Crê-se em geral que a monotonia e o caráter interessante do conteúdo “fazem passar” o tempo, que é dizer, abrem-no, ao passo que a monotonia e a vacuidade lhe estorvam e retardam o fluxo. Isso não é verdade, senão com certas restrições. Pode ser que a vacuidade e a monotonia alarguem e tornem “tediosos” o momento e a hora; porém, as grandes quantidades de tempo são por elas abreviadas e aceleradas, a ponto de se tornarem um instante nada. Um conteúdo rico e interessante é, por outro lado, capaz de abreviar a hora e até mesmo o dia; mas, considerado sob o ponto de vista do conjunto, com grande amplitude, peso e solidez ao curso do tempo, de maneira que os anos ricos em acontecimentos passam muito mais depressa do que os outros, pobres, vazios, e são varridos pelo vento e se vão indo. O que se chama tédio é, portanto, na realidade, antes uma

brevidade mórbida do tempo, provocada pela monotonia: em casos de igualdade contínua, os grandes lapsos de tempo chegam a encolher-se a tal ponto que causam ao coração um susto mortal; quando um dia é como todos, todos são como um só; passada numa uniformidade perfeita, a mais longa vida seria sentida como brevíssima e decorreria num abrir e fechar de olhos. O hábito representa a modorra, ou ao menos o enraivecimento, do senso de tempo, e o fato dos anos de infância serem vividos mais vagarosamente, ao passo que a vida posterior se desenrola e logo cada vez mais depressa — esse fato também se baseia no hábito. Sabemos perfeitamente que a intercalação de mudanças de hábitos, ou de hábitos novos, constitui o único meio para manter a nossa vida, para recriar a nossa sensação de tempo, para obter um rejuvenescimento, um reforço, uma retardação da nossa experiência do tempo, e com isso, o

renovamento da nossa sensação de vida em geral. Tal é a finalidade da mudança de lugar e de clima, da viagem de recreio, e nisso reside o que há de salutar na variação e no episódico. Os primeiros dias num ambiente novo têm um curso muito enérgico, poder dizer: vigoroso e amplo. Isso se aplica a uns seis ou oito dias. Depois, à medida que a pessoa se “aclimata”, começa a sentir uma progressiva aborrecimento: quem se apegue à vida, ou melhor, quem gostaria de fazê-lo, talvez note com horror como os dias

Yoltam a tornar-se leYes e começam a deslizar Yoando; e a última semana — de Tuatro, por exemplo — é de uma rapidez e Iugacidade inTuietantes. Verdade é Tue a Yitalização do nosso senso de tempo produz eIeitos além do interlúdio, Iazendo-se Yaler ainda Tuando a pessoa Má Yoltou à rotina; os primeiros dias Tue passamos em casa, depois da Yariação, se nos afiguram também noYos, amplos e MuYenis; mas esses são somente uns poucos, Má Tue a gente se reacostuma mais rapidamente à rotina do Tue à sua suspensão. E o senso de tempo de Tuem Má está Iatigado, em Yirtude da idade, ou nunca o possuiu desenYolYido em algo grau — o Tue é sinal de pouca Iorça Yital —, Yolta a adormecer muito depressa, e Má ao cabo de Yinte e Tuatro horas é como se tal pessoa Mamais se tiYesse aIastado do seu ambiente habitual, e a Yiagem não passasse do sonho de uma noite.

Inserimos aTui essas obserYações porTue o MoYem Hans Castorp tinha em mente ideias análogas, Tuando, depois de alguns dias, disse ao primo, fixando nele os olhos estriados de sangue:

— É mesmo curioso como o tempo, no começo, parece longo a Tuem se encontra num lugar estranho. Quer dizer... Absolutamente não me aborreço; nada disso! Ao contrário, posso afirmar Tue me diYirto esplendidamente. Mas, Tuando olho para trás — em retrospectiYa, sabe? — tenho a impressão de Má estar aTui há não sei Tuanto tempo. E de agora até aTuele momento em Tue

cheguei a DaYos-DorI e não compreendi Tue Má estaYa no fim da minha Yiagem e

Yocê me disse: “Pode descer” — lembra-se ainda? —, isso me parece toda uma eternidade. Essas coisas nada têm Tue Yer com medidas e raciocínios. São puramente Tuestão de sentimentos. Claro Tue seria tolice dizer: “Tenho a impressão de estar aTui há dois meses”; isso seria um absurdo. Só posso dizer: “Já Iaz muito tempo”.

— Pois é — disse Joachim, com o termômetro na boca. — Eu também me aproYeito disso. De certo modo, posso me segurar em Você, desde Tue está aTui. — E Hans Castorp riu-se de Tue o primo dissesse isso com tanta simplicidade, sem acrescentar TualTuer outra explicação.

HANS CASTORP FAZ UMA TENTATIVA DE CONVERSAÇÃO EM FRANCÊS

Não, absolutamente não se aclimatara ainda, nem no Tuo se reIeria ao conhecimento da Yida no sanatório em todas as suas particularidades — conhecimento Tuo seria impossíYel adTuirir em tão poucos dias e (como ele dizia de si para si, e também explicou a Joachim) Tuo inIelizmente não lhe seria dado adTuirir tampouco em três semanas —, nem Tuanto à adaptação do seu organismo às condições atmosIéricas tão peculiares Tuo reinaYam “aTui em cima”; pois essa adaptação lhe custaYa esIorços, tremendos esIorços, e, como lhe parecia, não estaYa disposta a realizar-se.

O dia normal era subdiYidido de Iorma clara e cuidadosamente organizado. BastaYa aMustar-se à sua engrenagem Tuo a gente logo assumia seu ritmo e aIazia-se à rotina. Mas, no conMunto da semana e das unidades mais Yultosas do tempo, o dia normal estaYa submetido a certos desYios regulares Tuo só se maniIestaYam pouco a pouco: um aparecia pela primeira Yez depois Tuo outro Má se houYesse repetido; e também no Tuo dizia respeito ao surgimento diário de obMetos e de Iaces indiYiduais, Hans Castorp tinha Tuo aprender a cada passo, obserYando mais de perto as coisas Tuo

antes só olhara superficialmente, e assimilando impressões noYas com receptiYidade MuYenil.

ATueles recipientes boMudos, de gargalo curto, por exemplo, Tue se achaYam nos corredores, diante de algumas portas, e nos Tuais Hans Castorp reparara logo na noite da sua chegada, continham oxigênio, conIorme Joachim lhe explicou, em resposta à sua pergunta. Era oxigênio puro, a seis Irancos o balão, e esse gás YiYificante era ministrado aos agonizantes, para lhes dar um derradeiro estímulo e prolongar a duração das suas Iorças. SorYiam-no por meio de um tubo. Atrás das portas perto das Tuais se encontraYam esses balões haYia agonizantes, ou moribundi,

como se expressou o dr. Behrens certo dia, Tuando Hans Castorp topou com ele no primeiro andar. Remando com os braços, o conselheiro áulico, de aYental branco e Iaces azuladas, Yinha atraYessando o corredor, e subiram Muntos pela escada.

— Que tal, meu caro espectador desinteressado? — disse Behrens.

— Que é Tue anda Iazendo? Será Tue a gente pode esperar alguma aproYação de seu olhar crítico? Obrigado, muita honra para nós! Pois é, nossa temporada de Yerão está um bocado boa. É IormidáYel mesmo! Verdade é Tue não poupei dinheiro para torná-la cada Yez mais brilhante. Contudo, é uma lástima Tue o senhor não Tueira passar o inYerno conosco. OuYi dizer Tue tenciona ficar oito semanas apenas. Como? Só três? Ora

bolas, três semanas são como uma Yisita de médico; nem Yale a pena tirar o casaco para tão pouco tempo. Bem, isso não é comigo. Mas, realmente, é uma pena Tue o senhor não esteMa aTui durante o inYerno. Olhe, a gente da alta, sabe?

— disse com uma careta cômica —, a alta-roda internacional só Yem a DaYos no inYerno. O senhor deYeria mesmo Yer essa turma. Seria muito instrutiYo. Quando esses camaradas dão saltos de esTui, Tue coisa gozada! E ainda as damas, Deus meu! ATuelas mulheres multicores Tue nem uma aYe-do-paraíso, eu lhe digo! E como são galantes!... Bem, está na hora de Yer meu moribundus — acrescentou.

— É aTui, no 27. Etapa final, compreende? Exit pela direita. Ontem e hoMe ainda se embriagou com cinco dúzias de Irascos de oxigênio, esse gourmet! Mas acho Tue até o meio-dia se recolherá ad penates... Pois então, meu caro Reuter — disse ao entrar no Tuarto. — Que tal se a gente Yirasse mais uma?... — Fechou a porta, e as demais palaYras perderam-se atrás dela. Por um instante, porém, Hans Castorp enxergara no Iundo do Tuarto, sobre o traYesseiro, o perfil de cera de um MoYem de barba rala, Tue lentamente YolYia para a porta os grandes olhos esgazeados.

Era o primeiro moribundus com Tue Hans Castorp deparaYa em sua Yida, Yisto os pais e o aYô terem morrido, por assim dizer, pelas suas costas. Quanta dignidade não se

expressou na cabeça do MoYem Tue ali Mazia sobre o traYesseiro, com a barba pontiaguda no Tueixo, apontada para cima! Como Ioi significatiYa a mirada dos olhos dilatados, Tuando os dirigiu para a porta com Yagar! Hans Castorp, enTuanto se encaminhaYa para a escada, ainda absorto na reminiscência daTuela Yisão Iugaz, tentou inYoluntariamente imitar os olhos arregalados, significatiYos e lentos do moribundus. Com esses olhos é Tue encarou uma senhora Tue, atrás dele, abrija uma porta e o alcançara no patamar. Não percebeu de imediato tratar-se de madame Chauchat. Ela esboçou um leYe sorriso ao Yer aTueles olhos e, segurando com a mão a trança Tue lhe cercaYa a cabeça leYemente aYançada, desceu à Irente dele pela escada, a passo elástico e silencioso.

Durante esses primeiros dias, e mesmo muito tempo depois, Hans Castorp não chegou a traYar conhecimento com outras pessoas. O programa do dia, no seu conMunto, não IaYorecia isso. Ademais, Hans Castorp era reserYado por natureza e sentia-se ali em cima no papel de um Yvisitante e “espectador desinteressado”, como o chamara o dr. Behrens. BastaYam-lhe amplamente a conYersa e a companhia de Joachim. É Yerdade Tue aTuela enIermeira do corredor espichaYa de tal maneira o pescoço atrás deles, cada Yez Tue passaYam por ela, Tue

Joachim, Tue Má em outras ocasiões lhe concedera alguns momentos de conversa, não pôde deixar de lhe apresentar o primo. Com o cordão do pince-nez atrás da orelha, ela IalaYa não somente de Iorma rebuscada, mas até com uma aIetação penosa. Quem a examinasse mais de perto deYia ter a impressão de Tue a tortura do tédio lhe aIetara a inteligência. Era muito diÍcil desembaraçar-se dela, porTue maniIestaYa um medo doentio do fim da palestra, e logo Tue os MoYens se dispunham a prosseguir no caminho agarraYa-se a eles com palaYras e miradas pressurosas, e mesmo com um sorriso tão desesperado Tue, por misericórdia, eles se detinham outra Yez. FalaYa prolixamente do papai, Tue era Murisconsulto, e do primo, Tue era médico, na intenção eYidente de brilhar e de sublinhar o Iato de se ter criado num ambiente culto. Quanto ao seu paciente, lá atrás daTuela porta, era o filho de um Iabricante de bonecos, de Coburgo, e chamaYa-se Rotbein. Recentemente, o mal atacara os intestinos do MoYem Fritz, e isso era duro para todos os Tue se interessaYam pelo caso, como “os senhores” sem dúYida compreendiam. Era especialmente duro para uma pessoa Tue descendia de uma Iamília de acadêmicos e possuía a sensibilidade peculiar às classes superiores. E não se podia deixá-lo só, nem um minuto... Fazia alguns dias — era Tuase incrível! — ao Yoltar de uma saidinha (apenas Iora comprar um pouco de pó dentiÍrício)

encontrara o doente sentado na cama, tendo diante de si um copo de espessa cerveja preta, um salame, um bruto pedaço de pão de centeio e um pepino. Sua família mandara-lhe todas essas especialidades da sua terra, na ideia de fortalecer-lo. Claro que no dia seguinte o homem estava mais morto do que vivo. Ele precipitou o próprio fim. Mas isso traria a redenção só para ele, mas não para ela... A propósito, podiam chamá-la irmã Berta, se bem que seu verdadeiro nome fosse Alreda Schildknecht... Mas ela teria então que cuidar de outro doente, num estado mais ou menos avançado, naquele ou em outro sanatório. Era essa a única perspectiva que se lhe abria, uma outra não existia para ela, infelizmente.

Pois é, foi o que disse Hans Castorp, e que a profissão de uma enfermeira lhe parecia difícil, sim, mas também bastante honrosa.

Honrosa é, com certeza, foi o que a enfermeira respondeu, mas também muito difícil.

Enfim, tudo de bom para o sr. Rotbein. E os primos trataram de se afastar.

Mas, nesse instante, ela voltou a agarrar-se a eles com palavras e olhares, e seus esforços de captar a atenção dos dois só por mais alguns instantes ofereciam um espetáculo tão

lamentáYel Tue teria sido cruel não lhe conceder mais um peTueno prazo.

— Ele está dormindo — disse. — Não precisa de mim. Por isso saí ao corredor, só por alguns minutos... — E começou a se Tueixar do dr. Behrens e do tom Tue ele usaYa ao Ialar com ela, um tom solto demais, ao se considerar sua origem. AgradaYa-lhe muito mais o dr. KrokoZski, Tue a seu Yer tinha uma alma e tanto. Depois tornou a tratar do papai e do primo. Seu cérebro não produzia mais nada. Em Yão se empenhaYa em reter os dois MoYens por mais alguns instantes, eleYando a Yoz subitamente até Tuase gritar, cada Yez Tue Iaziam menção de ir adiante. Mesmo assim, finalmente lhe escaparam. Mas, algum tempo ainda, a enIermeira seguiu-os com olhares áYidos, inclinando o tronco para a Irente, como se Tuisesse segurá-los com a Iorça dos olhos. Depois, com um suspiro Tue lhe irrompeu do peito, Yoltou ao Quarto do seu paciente.

A única outra pessoa Tue Hans Castorp chegou a conhecer nesses primeiros dias Ioi aTuela pálida senhora enlutada, a mexicana alcunhada de “Tous-les-deux”, Tue ele Yira no Mardim. E realmente lhe aconteceu ouYir da boca dessa senhora aTuela expressão lúgubre Tue se transIormara em apelido. Mas, como Má estaYa preYenido, conseguiu manter uma atitude correta e teYe motiYos para ficar satisIeito consigo. Os dois primos encontraram a mexicana em Irente do portão principal,

Tuando, após o café da manhã, encetaYam o passeio matinal, preYisto no regulamento. EnYolta num xale de lã preta, ela caminhaYa de Moelhos dobrados, a passo longo e irreTuieto. Sob o Yéu negro, enrolado em torno dos cabelos entremeados de fios de prata e amarrado por baixo do Tueixo, luzia num branco baço o rosto enYelhecido, com a boca grande, marcada pelo

soIrimento. Joachim, sem chapéu, como de costume, cumprimentou-a com uma mesura, à Tual ela respondeu lentamente, enTuanto as rugas transYersais da sua testa estreita se acentuaYam em Yirtude do esIorço de olhar. Ao deparar com um rosto desconhecido, estacou e, meneando leYemente a cabeça, aguardou Tue os dois MoYens se aproximassem. EYidentemente lhe parecia necessário saber se o moço estranho lhe conhecia o caso e Tueria expressar- lhe o seu pesar. Joachim apresentou o primo. Por baixo da mantilha, ela estendeu a mão ao Yisitante, mão magra, amarelada, de Yeias salientes, e adornada de anéis. Continuou olhando-o, sacudindo a cabeça. Então Yeio o ineYitáYel.

— Tous les dé, monsieur — disse ela. — Tous les dé, Vous saYez...

— Je le sais, madame — respondeu Hans Castorp, numa

Yoz abaIada. — Et Me le regrette beaucoup.³

As bolsas flácidas sob os olhos negros como azeite eram tão grandes e tão pesadas como Hans Castorp nunca vira iguais. Um perfume suave, murcho, emanava dela. O Moym sentiu uma emoção doce e agradável em ouvir-lhe o coração.

— Merci — disse ela com um sorriso rangente, que harmonizava de modo estranho com o alívio da sua aparência, e uma das commissuras da boca pendia tragicamente. A seguir, tornou a esconder a mão sob a mantilha, inclinou a cabeça e pôs-se a caminhar de novo. Hans Castorp, porém, disse, enquanto prosseguiam no passeio:

— Está vendo? Tudo saiu bem. Eu soube lidar com ela. Em geral me parece que me dou bem com esse tipo de pessoas. Sei, por instinto, como tratá-las. Você não acha também? Tenho até a impressão de que, na maioria dos casos, me entendo melhor com gente triste do que com gente alegre; sabe Deus por quê! Talvez seja porque sou órfão e perdi meus pais muito cedo. Mas, quando as pessoas estão sérias e tristes e a morte entra em jogo, não

me sinto propriamente deprimido nem acanhado; pelo contrário, tenho a sensação de estar no meu elemento, e em todo caso passo melhor do que num ambiente de festa barulhenta. Isto não suporta. Pensei nesses dias que é uma bobagem da parte das senhoras essa coisa de terem tanto medo da morte e de tudo o que se relaciona com ela, a ponto de se tornar preciso escondê-la

e administrar o Santo Sacramento enquanto a gente está comendo. Isso é ridículo, ora bolas! Você não gosta de ver um caixão? Eu gosto, de ver em tuando. Acho que um caixão é um móvel bonito, mas tuando Yazio. Mas, tuando há alguém dentro, torna-se mesmo solene, ao meu ver. Os enterros têm tuatua coisa edificante. Às vezes tenho matutado tu, em vez de irmos à igreja, deveríamos ir a um enterro, para nos edificar. As pessoas vestem-se com boas roupas pretas, tiram os chapéus, olham o rétro e mantêm uma atitude grave e piedosa. Ninguém se atreve a dizer piadas, como em outras circunstâncias. A mim me agrada muito ver pessoas deotas. Às vezes cheguei a me perguntar se não deveria ter sido pastor. De certo modo, isso teria servido bem para mim, creio... Tomara que eu não tenha cometido nenhum erro de francês, na tua língua iras tualei com ela.

— Não — disse Joaquim. — “Je le regrette beaucoup” é para lá de correto.

POLITICAMENTE SUSPEITA!

E eis Tue tiYeram lugar alguns desYios regulares do dia normal: primeiro um domingo — e um domingo com concerto no terraço do sanatório, como só haYia de Tuinze em Tuinze dias. TrataYa-se, pois, de uma marca na Tuinzena em cuMa segunda metade Hans Castorp entrara, Yindo de Iora. Ele chegara numa terça-Feira, de modo Tue era o Tuinto dia desde então, um dia de aspecto primaYeril, depois daTuela Iantástica Tueda de temperatura e recaída no inYerno; um dia ameno e IresTuinho, com nuYens limpas num céu azul e claro, e com um sol moderado sobre as encostas e o Yale, Tue noYamente haYiam assumido o Yerde regulamentar do Yerão, Má Tue a neYe recente estaYa condenada a derreter-se depressa.

Era YisiYel Tue todo mundo se esIorçaYa por dignificar e distinguir o domingo; a administração e os hóspedes aMudaYam-se mutuamente nesse sentido. Logo com o caIé da manhã serYiu-se bolo coberto com IaroIa de açúcar; Munto de cada lugar à mesa haYia um peTueno Yaso com algumas flores, craYos da montanha e rosas alpinas, Tue os caYalheiros prendiam à lapela (o sr. ParaYant, promotor público de Dortmund, até Yestira para essa ocasião um IraTue preto com colete à Iantasia); o toucador das senhoras tinha caráter IestiYo e

Yaporoso, a sra. Chauchat apareceu à hora do caIé, traMando uma ampla matinée de rendas com mangas Maponesas; com ela, após bater a porta enYidraçada com um estrondo, Iez uma espécie de continência e apresentou-se graciosamente a todo o salão, para só então encaminhar-se, a passo silencioso, para a sua mesa. A matinée assentaYa-lhe tão magnificamente Tue a Yizinha de Hans Castorp, a proIessora de K, nigsberg, se mostrou toda entusiasmada. Até mesmo o casal bárbaro da mesa dos “russos ordinários” leYaYa em conta o dia do Senhor; o marido substituíra a MaTueta de couro por uma sobrecasaca curta, e as botinas de Ieltro, por sapatos de couro; a esposa, embora usasse também desta Yez o boá de penas pouco limpo, exibiu uma blusa de seda Yerde, com gola pregueada... Ao Yê-los, Hans Castorp, de cenho carregado, mudou de cor, o Tue nos últimos tempos lhe acontecia com certa IreTuência.

Logo depois da segunda reIeição da manhã começou o concerto no terraço; reuniam-se ali instrumentos de sopro de toda espécie, para tocar alternadamente músicas alegres e solenes, até Tuase a hora do almoço. Durante o concerto, o repouso não era estritamente obrigatório. Se bem Tue alguns pensionistas desIrutassem o deleite musical do alto das sacadas e também no alpendre houYesse algumas espreguiçadeiras ocupadas, a maioria dos hóspedes achaYa- se em torno das mesinhas brancas, na plataIorma coberta. Uma turma de

alegres YiYedores, Mulgando por demais correto sentar-se numa cadeira, instalara-se nos degraus de pedra da escadaria Tue conduzia ao Mardim, e ali maniIestaYa muita animação. Eram MoYens enIermos de ambos os sexos, Tue Hans Castorp Má conhecia em grande parte, ou de nome ou de Yista. Hermine KleeIeld pertencia a essa roda, bem como o sr. Albin, Tue Iazia circular uma grande caixa florida com chocolates, e conYidaYa a todos, enTuanto ele próprio nada comia, limitando-se a Iumar com ar paternal numerosos cigarros de piteira dourada. Além do rapaz beijudo da “Sociedade de Meio-Pulmão”, Yiam-se ainda a srta. LeYi, magra e de cor de marfim como sempre, um moço louro, de nome Rasmussen, Tue deixaYa pender Irouxamente as mãos, Tuais barbatanas, à altura do peito, e a sra. Salomon, de Amsterdam, matrona opulenta, de Yestido Yermelho, e Tue igualmente se unira à mocidade. ATuele moço alto, de cabelos ralos, Tue sabia tocar a marcha nupcial do Sonho de uma noite de verão, estaYa sentado atrás dela, cingindo com os braços os Moelhos pontudos e craYando-lhe na nuca trigueira o olhar melancólico. HaYia ainda uma mocinha ruiYa, da Grécia;

outra, de origem desconhecida, com um perfil de anta; o garoto guloso com os óculos de lentes grossas; e outro rapazote de Tuinze ou dezesseis anos, com um monóculo fincado Munto ao olho, um burro parrudo, notadamente, Tue ao tossicar leYaYa à

boca a unha comprida do dedo mindinho em Iorma de colherinha para sal — e outras pessoas mais.

O rapaz de unha comprida — contou Joachim em Yoz baixa — estaYa pouco doente ao chegar. Não tiYera Iebre, e seu pai, um médico, mandara-o por mera precaução ao sanatório, onde, segundo a opinião do dr. Behrens, deYeria ficar uns três meses. Agora, porém, decorrido esse prazo, tinha 37,8 a 38 graus e ia bastante mal. Verdade é Tue se comportaYa de modo tão insensato Tue merecia umas boIetadas.

Os dois primos tinham uma mesinha só para si, um pouco distante das demais, Yisto Hans Castorp Iumar um charuto para acompanhar a cerYeMa preta Tue leYara consigo depois da segunda reIeição da manhã. De tempo em tempo conseguia achar gosto no tabaco. Um pouco tonto pela cerYeMa e a música, Tue como sempre Iazia Tue entreabrisse a boca e inclinasse a cabeça para o lado, contemplou, com os olhos aYermelhados, a Yida despreocupada de estação de cura Tue o rodeaYa. Não o incomodou, em absoluto, a consciência de Tue toda essa gente escondia no seu interior um processo de decomposição, com pouca probabilidade de se deter, e Tue a maioria se achaYa num estado leYemente Iebril; pelo contrário, essa consciência contribuiu para aumentar a singularidade do ambiente e emprestar-lhe um certo encanto intelectual... Bebia-se limonada gasosa em torno das mesinhas. Na escadaria

tiraYam-se Iotografias. Alguns permutaYam selos, e a grega ruiYa desenhaYa a lápis, num bloco, o retrato do sr. Rasmussen; depois, não Tuis mostrar-lhe o desenho; rindo-se e exibindo os grandes dentes separados, esTuiYou-se de um para outro lado, de maneira Tue ele leYou muito tempo antes de lhe arrancar o

bloco. Hermine KleeIeld, com os olhos semicerrados, Tuedou-se no seu degrau, a bater, com um Mornal enrolado, o compasso da música, enTuanto o sr. Albin lhe prendia na blusa um ramalhete de flores silYestres. O rapaz beijudo, sentado ao pé da sra. Salomon, conYersaYa com ela, Yoltando a cabeça para trás, ao passo Tue o pianista de cabelos ralos não cessaYa de fitar a nuca da matrona.

Chegaram os médicos e meteram-se entre os hóspedes, o dr. Behrens no Maleco branco, e o dr. KrokoZski com a sua peculiar blusa preta. Passaram ao longo da fileira de mesinhas, e a cada grupo de hóspedes o conselheiro áulico disse MoYialmente uma pilhéria TualTuer, de Iorma Tue uma esteira de hilaridade lhe marcou o caminho. A seguir, desceram pela escada, rumo à mocidade, cuMa parte Ieminina, reTuebrando-se e lançando olhares de soslaio, logo se agrupou em torno do dr. KrokoZski, ao passo Tue o médico-cheIe, em homenagem ao domingo, exhibia ao sexo Iorte o seu truTue dos cordões de botina: colocou o pé enorme num degrau superior, desatou a laçada, apanhou os

cordões com uma mão só, empregando nisso uma técnica especial, e conseguiu, sem ser Yir-se da outra, prendê-los no Yamente aos ganchinhos, de Iorma cruzada; a habilidade despertou a admiração de todos, e alguns, em Yão, tentaram imitá-lo.

Mais tarde apareceu também Settembrini no terraço. Apoiando-se na bengala, saiu da sala de reIeições. Como sempre, traMaYa o paletó comprido e as calças amareladas. Com um ar distinto, YiYo e crítico, olhou em torno e aproximou-se da mesa dos primos. “Ah, braYo!”, exclamou e pediu licença para sentar-se.

— CerYeMa, tabaco e música — disse. — Eis sua pátria! VeMo Tue o senhor tem senso para o espírito nacional, Engenheiro. Folgo em Yer Tue está no seu elemento. Deixe-me participar da harmonia do estado em Tue o senhor se encontra!

Hans Castorp recompôs suas Ieições, o Tue, aliás, Má procurara Iazer logo Tue aYistara o italiano. Em seguida respondeu:

— O senhor chega tarde ao concerto, sr. Settembrini. Já está Tuase no fim. Não gosta de música?

— Não por ordem superior — replicou Settembrini. — Nem Tuando é ditada pelo calendário. Não simpatizo com ela Tuando tem um cheiro de Iarmácia e me é ministrada pelas autoridades, para fins sanitários. Estimo ainda um pouco a minha liberdade, ou

pelo menos aTuele restinho de liberdade e dignidade humana
Tue sobra a gente como nós. Em ocasiões como esta,
costumo comparecer como Yisitante, assim como o senhor Iaz
aTui em cima. Assisto durante um Tuarto de hora e depois You-
me embora. Isso me dá a ilusão de independência... Não digo Tue
seMa mais Tue uma simples ilusão; seMa como Ior, a mim causa
certa satisIação. Com seu primo, o caso é diIerente. Para ele, isto
aTui é serYiço. Não é, Tenente? O senhor considera o
concerto parte dos seus deYeres. Ah! Sim, eu sei Tue o senhor
conhece o truTue de conserYar o seu orgulho em plena
escraYidão. É um truTue desconcertante. Não há muitos na
Europa Tue entendam disso. E a música? O senhor não me
perguntou se eu era amante da música? Bem, se o senhor usou a
palaYra “amante” — Hans Castorp absolutamente não se
lembraYa de tê-la empregado —, não escolheu mal a expressão,
porTue ela tem um Tuê de IriYolidade aIetuosa. Pois é, estou de
acordo. Sim senhor, sou amante da música, o Tue significa
Tue a estimo particularmente, assim como estimo e amo, por
exemplo, a palaYra, o Yeículo do espírito, o utensílio e o
resplandecente arado do progresso... A música? Ela representa
tudo Tue existe de semiarticulado, de duYidoso, de irresponsáYel,
de indiIerente. O senhor talYez me obMete Tue ela pode ser
clara. Mas também a natureza pode ser clara; também um arroio
o pode ser, e de Tue nos adianta isso? Não é essa a clareza

Verdadeira; é uma clareza sonhadora, despida de significação, uma clareza que a nada obriga nem chega a

ter consequências; é perigosa porque induz a gente à complacência satisfeita... Suponhamos que a música tome uma atitude de magnanimidade. Bem, nesse caso, ela inflamará os nossos sentimentos. No entanto, o que importa é inflamar nossa razão. Aparentemente a música é toda movimento, e contudo suspeito nela o quietismo. Permita-me eu levar a minha tese ao exemplo: tenho contra a música uma antipatia de caráter político.

A essa altura da conversa, Hans Castorp não pôde deixar de bater com a mão sobre o Moelho e de exclamar que nunca na vida ou viria coisa semelhante.

— Mesmo assim, não pensem ponderar a ideia — disse Settembrini sorrindo. — A música é inestimável como meio supremo de produzir entusiasmo, como força que faz avançar e subir, mas só para pessoas cujos espíritos já estão preparados para os seus efeitos. Porém, é indispensável que a literatura a preceda. Sozinha, a música não é capaz de levar o mundo adiante. Para a sua pessoa, Engenheiro, ela representa indubitavelmente um perigo. Isso verificou-se logo ao chegar, na sua fisionomia.

Hans Castorp começou a rir.

— Ora, não olhe o meu rosto, sr. Settembrini! O senhor não imagina até que ponto me incomoda o ar de vocês aqui em cima. Aclimatar-me custa-me muito mais do que eu penso já.

— Creio que o senhor se engana.

— Mas por quê? Ainda me sinto cansado e sinto-me como o diabo.

— Parece-me, no entanto, que devemos ficar gratos à direção por estes concertos — disse Joachim circunspectamente. — O senhor considera o assunto de um ponto de vista superior, sr. Settembrini, por assim dizer, como escritor, e nesse sentido não quero contradizê-lo. Mas tenho a impressão de que nós aqui deveríamos aceitar com gratidão um pouquinho de música. Não sou um entendido em música, de modo algum, e aquilo que vocês tocam para nós

não é grande coisa. As peças não são nem clássicas nem modernas. É uma charanga e nada mais. Mesmo assim, representa uma variação agradável que, de forma decente, preenche algumas horas; quero dizer que as assinala e as ocupa, de modo que elas tenham algum valor próprio, ao passo que em geral se desperdiçam aqui horas e dias e semanas de um modo simplesmente pavoroso. Olhe, essas pecinhas insignificantes duram sete minutos, em média, não é? E esses sete minutos têm alguma coisa em particular, têm princípio e têm fim, destacam-se e são, de certo modo, preservados da ameaça de se

perderem sem mais nem menos na monotonia geral. Além disso, muitas vezes ainda são subdivididos pelas partes da peça, e estas, por sua vez, se compõem de compassos, de maneira que sempre acontece alguma coisa e cada instante recebe um certo sentido, ao qual se pode agarrar, ao passo que normalmente... Não sei se me expressei...

— Bravo! — gritou Settembrini. — Bravo, Tenente! O senhor definiu muito bem um fator incontestavelmente moral na natureza da música; a saber, que ela mede o curso do tempo de uma forma especial e cheia de vida, e assim lhe empresta vigilância, espírito e preciosidade. A música desperta o tempo; desperta a nós, para tirarmos do tempo um gozo mais refinado; desperta... e portanto é moral. A arte é moral na medida em que desperta. Mas que sucede, quando ela faz o contrário? Quando entorpece, adormenta, estorva a atividade e o progresso? Também disso a música é capaz; sabe perfeitamente agir como ópio. Uma influência diabólica, meus senhores! O ópio é uma obra do diabo, por que causa apatia, estagnação, passividade, inatividade servil... Há na música um elemento perigoso, senhores. Insisto no fato de sua natureza ambígua. Não exagero ao declarar que ela é politicamente suspeita.

Settembrini continuou externando ideias desse gênero, e Hans Castorp escutava, sem, no entanto, compreendê-lo perfeitamente, em primeiro lugar por causa do cansaço, e

em segundo porTue se sentia distraído pela animada
atiYidade dos MoYens alegres espalhados pela escadaria. Não o
enganaYam seus olhos? Que era isso? A senhorita de cara de anta
estaYa ocupada em pregar um botão à presilha de Moelho, nos
calções de golIe do MoYem de monóculo. A asma embargaYa a
respiração da mocinha, enTuanto o rapaz tossia, cobrindo a
boca com a unha comprida semelhante a uma colherinha de sal.
Verdade era Tue ambos estaYam doentes, e todaYia essa
conduta não deixaYa de pôr em eYidência os costumes
estranhos Tue reinaYam entre a mocidade, cá em cima. A
banda de música tocaYa uma polca...

HIPPE

Foi assim que o domingo se notabilizou. Sua tarde, além disso, esteve assinalada por excursões de coche realizadas por vários grupos de hóspedes. Depois do chá, diversas parejas subiram laboriosamente a rampa do sanatório e pararam em frente do portão principal, para recolher os pensionistas que haviam encomendado os carros. Eram na maioria russos, sobretudo senhoras russas.

— Os russos gostam de passear de carro — disse Joachim a Hans Castorp. Os primos estavam diante da entrada e divertiam-se a presenciar a partida das carruagens. — Vão a Clavadell ou ao lago ou ao Yal de Flüela ou a Klosters. São esses os passeios que se costuma fazer. Qualquer dia podemos também passear de carro, se quiser. Mas acho que por enquanto você terá bastante trabalho para se aclimatar, e não tem necessidade de aventuras.

Hans Castorp concordou. Tinha um cigarro na boca e as mãos nos bolsos da calça. Viu como a moça velha russa com a sua sobrinha magra e mais duas outras senhoras — Marússia e madame Chauchat — tomavam assento num coche. Madame Chauchat trazia um guarda-pó leve, cinturado, mas andava sem chapéu. Sentou-se ao lado da senhora idosa, no fundo do carro, ao passo que as senhoritas ocupavam os assentos

dirigidos para trás. Todas as Tuatro estaYam alegres, e suas bocas não paraYam um segundo seTuer. TagarelaYam naTuele seu idioma brando, como Tue desproYido de ossos. FalaYam e riam-se do cobertor de Yiagem, muito peTueno e Tue só dificilmente bastaYa para Tuatro pessoas, bem como dos bombons russos Tue a Yelha tia leYou para merenda, numa caixinha de madeira Iorrada de algodão e papel rendado, e Tue ela Má Iez circular, mesmo antes da partida... Hans Castorp distinguiu com interesse a Yoz Yelada da sra. Chauchat. Como sempre, Tuando aYistaYa essa mulher relaxada, sentia reafirmar-se aTuele semelhança Tue andara procurando tanto tempo e finalmente descobrira num dos seus sonhos... O riso de Marúsia, porém, o aspecto dos seus olhos redondos e castanhos, Tue YagaYam com uma expressão inIantil por cima do lençinho Tue cobria a boca, e seus seios riMos, Tue interiormente estaYam bastante doentes — tudo isso lhe recordaYa outra coisa, uma Yisão comoYente Tue tiYera haYia pouco tempo. Cautelosamente, sem moYer a cabeça, olhou para Joachim, a seu lado. Não, graças a Deus o seu rosto não tinha a cor terrosa do outro dia, e os lábios também não se crispaYam daTuele modo doloroso. Mas o primo estaYa com os olhos fixos em Marúsia, numa atitude e com uma fisionomia Tue seria impossíYel Tualificar de militares, e Tue, bem ao contrário, pareciam tão tristonhas e desoladas Tue era inelutáYel tachá-

las de perfeitamente paisanas. No entanto, não tardou a dominar-se e lançou um olhar tão rápido a Hans Castorp que este mal teve tempo para desviar os olhos e dirigi-los para o ponto no ar. Sentiu como o seu coração se punha a bater, sem motivo nenhum e por iniciativa própria, como às vezes fazia ali em cima.

O resto do domingo não ofereceu mais nada de extraordinário, a não ser a comida que, embora não pudesse ser mais boa do que de costume, se distinguia ao menos pelo aumentado requinte dos pratos. (No menu do almoço figura um chaudiroide de galinha, guarnecido de carangueiros e massas cereais; os sorvetes vieram acompanhados de filhós, em cestinhos tecidos de fios de açúcar, e por fim surgiram até fatias de abacaxi fresco.) Pela noite, depois de tomar a sua cerveja, Hans Castorp sentiu-se esgotado, com frio e com uma lassidão nos membros ainda maior do que nos dias anteriores. Já às nove horas disse “Boa noite” ao primo, cobriu-se apressadamente com o acolchoado de penas e adormeceu como fulminado.

Mas o dia seguinte, isto é, a primeira segunda-feira que o visitante passou no sanatório, trouxe outra dentre as modificações periódicas do programa normal: uma das enfermeiras que o dr. Krokowski fazia de quinze em quinze dias na

sala de refeições, para todo o público adulto do “Berghof” que dominasse o idioma alemão e não estivesse moribundo. Trata-se, segundo Hans Castorp soube de Joachim, de uma série de preleções em audiência, espécie de curso científico-popular, sob o título geral de O amor como fator patogênico. A palestra didática realiza-se depois da segunda refeição da manhã, e, também segundo a informação de Joachim, não era lícito, ou pelo menos era muito malvisto, que alguém lhe deixasse de assistir. Por isso considera-se um tremendo atrevimento a atitude de Settembrini, que, embora dominasse o alemão melhor que ninguém, não somente nunca comparecia a essas conferências como até as criticava em termos sumamente depreciativos. Quanto a Hans Castorp, estava disposto a ir, primeiro por cortesia, mas também por uma curiosidade não dissimulada. Antes, porém, fez uma coisa completamente errada e prejudicial: deu-lhe na cabeça empreender por conta própria um extenso passeio, de que se saiu bem mal, para além do que se poderia supor.

— Preste atenção! — foram suas primeiras palavras, quando Joachim, pela manhã, entrou em seu quarto. — Estou vendo que não posso continuar desse jeito. Estou farto da vida horizontal. Com esse regime, o sangue adormece nas veias da gente. O seu caso é diferente, claro! Absolutamente não quero tentar com você. Mas tenho a intenção de dar, logo depois do café,

um bom passeio, se Yocê não me leYa a mal essa ideia.

Caminharei assim, sem destino, durante algumas horas. Vamos Yer se não me sentirei outro homem Tuando regressar.

— Muito bom! — disse Joachim, ao notar Tue o outro leYaYa a sério o proMeto. — Mas não exagere, ouYiu? ATui as coisas não são como lá embaixo. E procure estar de Yolta na hora, para a conIerência.

Na realidade, as razões Tue haYiam leYado o MoYem Hans Castorp ao proMeto desse passeio não se relacionaYam somente com o seu bem-estar Ísico. Parecia-lhe Tue sua cabeça Tuente, o gosto ruim Tue ele amiúde tinha na boca e as pulsações caprichosas do seu coração se deYiam menos às dificuldades da aclimação do Tue a certos Iatores, como, por exemplo, as atiYidades do casal russo no Quarto Yizinho, a lenga-lenga Tue a estúpida e doente sra. St, hr proIeria durante as reIeições, a tosse lamacenta do aristocrata austríaco, Tue todos os dias se ouYia no corredor, as palaYras do sr. Albin, as impressões Tue os costumes sociais da mocidade enIerma lhe haYiam causado, a fisionomia de Joachim Tuando olhaYa para Marúsia, e outras obserYações desse tipo. PensaYa então Tue deYeria ser saudáYel subtrair-se à zona de influência do BerghoI, respirar proIundamente ao ar liYre e Iazer algum exercício, a fim de saber, de noite, por Tue se sentia tão cansado. E assim, cheio de iniciatiYa, separou-se de Joachim após o caIé da

manhã, Tuando, logo após o banco Munto da calha, o primo daYa início a seu passeio regulamentar, e ele mesmo, brandindo a bengala, seguiu estrada abaixo seus próprios caminhos.

Era uma manhã IresTuinha e nublada, pelas oito e meia. Tal e Tual se propusera, Hans Castorp aspiraYa proIundamente o puríssimo ar matutino, uma atmosIera Iresca e leYe Tue se deixaYa sorYer sem esIorço, atmosIera sem umidade nem conteúdo nem recordações... Transpôs o curso d'água e os trilhos de bitola estreita, alcançou a rua principal, aTui e ali ladeada de casas, mas logo a abandonou, para tomar um atalho atraYés dos prados, Tue, depois de um curto traMeto plano, subia a encosta à direita, num curso oblíTuo e bastante íngreme. Essa subida alegrou Hans Castorp. Dilatou-se-lhe o peito. Com o castão da bengala empurrou o chapéu para trás, e Tuando, de certa altura, lançou um olhar sobre a paisagem e aYistou ao longe o espelho do lago, pôs-se até a cantar.

Cantou as canções Tue lhe ocorriam, toda espécie de cantigas sentimentais e populares, como figuram nas antologias para estudantes e ginastas. Uma, por exemplo, continha os Yersos:

Que os bardos cantem o amor e o vinho,

Mas cantem antes a virtude.

Começou cantarolando baixinho, mas logo aumentou o Yolume e por fim cantaYa com toda a Iorça Tue tinha. Sua Yoz de barítono era áspera, mas, nesse momento, pareceu- lhe bonita. EntusiasmaYa-se cada Yez mais, à medida Tue ia cantando. Quando chegaYa a notas excessiYamente altas, recorria ao Ialsete, e também este lhe agradaYa. Às Yezes IalhaYa a sua memória, e nesses casos saía-se bem entoando a melodia com TuaisTuer palaYras e sílabas absurdas Tue no momento lhe ocorriam, e Tue ele, à maneira dos cantores de ópera, proIeria modulando-as com os lábios e carregando nos “erres”. Finalmente passou a improYisar tanto o texto como a melodia, acompanhando a sua produção com gestos teatrais dos braços. Já Tue é muito cansatiYo subir e cantar ao mesmo tempo, Hans Castorp em breYe perdeu o Iôlego. Mas, por idealismo, em prol da beleza do canto, Yenceu a emergência, e, por entre numerosos suspiros, deu tudo Tue tinha. Por fim, completamente sem alento, Tuase cego, com olhos a enxergarem apenas Iaíscas coloridas, e com o pulso a martelar, deixou-se cair ao pé de um enorme pinheiro. Depois de tamanha emoção, sentiu-se tomado de uma sensação de intenso mal-estar, de uma ressaca Tue tocaYa as raias do desespero.

Quando, com os nerYos mais ou menos tranTuilizados, animou-se a prosseguir o passeio, a nuca tremia-lhe

intensamente, de modo que, apesar da sua mansuetude, sacudia a cabeça da mesma forma que outrora fizera o velho Hans Lorenz Castorp. Ele mesmo sentiu que esse imenso lhe recordava com grande simpatia o falecido pai, e, sem experimentar repugnância, imitou-se com a

imitação do seu gesto de apoiar o queixo sobre o nó da gravata, gesto com o qual o velho procurava evitar o tremor da cabeça, e que tanto agradava ao menino.

Subiu ainda mais, em zigue-zague. Atraía-o o tilintar dos cencerros das Yacas, e passado pouco tempo avistou um rebanho a pastar nas proximidades de um chalé, cujo telhado estava consolidado com pedras. Dois homens barbudos, com machados no ombro, vieram ao seu encontro. Perto dele, despediram-se um do outro.

— Pois então, passe bem, e muito agradecido! — disse um dos homens, numa voz profunda, gutural, e, mudando o machado de um ombro para outro, dirigiu-se ao vale, avançando caminho, a passo ruidoso, por entre os pinheiros.

Atuele “Passe bem, e muito agradecido”, que soava estranhamente através da solidão, fez sonhar o espírito de Hans Castorp, ainda tonto pela subida e pelo canto. Repetiu as palavras em voz baixa, procurando arremedar o dialeto gutural, singelo e solene do montanhês. Subiu um bom pedaço além da choça, na

intenção de alcançar o limite das árvores. Mas um olhar ao relógio fez com que desistisse do projeto.

Dobrou para a esquerda, rumo à aldeia, seguindo uma trilha que começava plana e depois descia. Acolheu-o um bosque de altas coníferas. Ao atravessá-lo, Hans Castorp voltou a cantar um pouco, ainda que cautelosamente. Mesmo assim tremiam-lhe os ombros durante a descida ainda mais do que antes. Quando saiu do bosque, deteve-se, surpreso, diante de um quadro magnífico que se lhe descortinava, uma paisagem íntima e fechada, de plasticidade tranquila e grandiosa.

Por um leito pedregoso, pouco profundo, precipitava-se um curso d'água pela encosta direita abaixo; escumando, saltava os rochedos dispostos como que em terraços, e em seguida corria, num fluxo mais calmo, em direção ao vale, passando por baixo de uma pitoresca pontezinha, com um tosco parapeito de madeira. O solo parecia azul pelas flores

campanuláceas de um arbusto que crescia em toda parte.

Pinheiros sombrios, de troncos gigantescos e bem-proporcionados, iam-se ora isolados, ora em grupos, no fundo do desfiladeiro e nas encostas. Um deles, arraigado obliquamente no alcantil à beira do arroio torrentoso, atravessava o panorama numa diagonal torta e excêntrica. Uma solidão cheia de rumores pairava sobre esse sítio isolado e

Iormoso. Do outro lado do regato, Hans Castorp Yiu um banco Tue conYidaYa ao repouso.

Transpôs a pontezinha e sentou-se, a fim de se diYertir com o aspecto da cachoeira de águas espumantes e de lhes escutar o ruído idilicamente palrador, uniIorme e todaYia cheio de Yariação íntima. O murmúrio das águas — Hans Castorp adoraYa-o tanto Tuanto a música, e talYez ainda mais. Mas, apenas se pusera à Yontade, começou a sangrar- lhe o nariz, tão de repente Tue não pôde eYitar Tue manchasse a sua roupa. A hemorragia era Yiolenta e obstinada; durante meia hora, pouco mais ou menos, não parou de incomodá-lo, obrigando-o a ir e Yir, sem cessar, entre o regato e o banco, para laYar o lenço, aspergir água e Yoltar a estender-se nas tábuas do assento, com o nariz coberto pelo lenço úmido. Quando finalmente o sangue estancou, permaneceu assim deitado, imóYel, com as mãos presas atrás da cabeça, e com os Moelhos fletidos. Tinha os olhos cerrados e os ouYidos cheios de zoadas. Contudo, não se sentia mal, antes acalmado pela copiosa sangria. AchaYa-se num estado de Yitalidade singularmente diminuída; pois, cada Yez Tue expelia o ar, durante algum tempo não experimentaYa nenhuma necessidade de aspirar outra Yez; com o corpo em suspenso, deixaYa, com toda a calma, Tue seu coração palpitasse diYersas Yezes, antes Tue, tardia e indolentemente, Yoltasse a tomar Iôlego.

Eis Tue, de súbito, sentiu-se transportado para a Tuela Iase remota da sua Yida, em Tue se passara a cena original de um sonho remodelado em conIormidade com impressões mais recentes, e Tue tiYera poucas noites atrás... Viu-se

arrebatado para o lá e o outrora, sem deixar TualTuer Yestígio, a ponto de suspender o espaço e o tempo, e com tanto Yigor Tue se poderia dizer Tue no banco Munto da cachoeira Mazia um corpo inânime, ao passo Tue o Yerdadeiro Hans Castorp se encontraYa longe dali, num ambiente e numa época muito distantes — e ainda numa situação Tue, apesar da sua simplicidade, era para ele arriscada e lhe inebriaYa o coração.

Tinha então treze anos; era aluno do Quarto ano do ginásio, um rapazote de calças curtas. AchaYa-se no pátio da escola, a conYersar com outro garoto, aproximadamente da mesma idade, mas Tue pertencia a outra série. Era por motiYos bastante gratuitos Tue Hans Castorp entabulara essa conYersa, Tue o alegreYa sobremodo, ainda Tue seu assunto obMetiYo e claramente delimitado a obrigasse a um máximo de breYidade. Isso se passou durante o recreio entre a penúltima e a última aula, aulas de história e desenho, para a série de Hans Castorp. No pátio paYimentado de ladrilhos Yermelhos, separado da rua por um muro coberto de telhas e proYido de dois portões, os alunos passeYa em filas ou IormaYam grupos, encostando-se semissentados às saliências azuleMadas

do edifício. Entrecortavam-se numerosas janelas. Um professor, com um chapéu de abas largas, vigiava a rapaziada, enquanto comia um sanduíche de presunto.

O garoto com o nome Hans Castorp chamava-se Hippe, e seu prenome era Pribislav. Acrescia a isso, como detalhe curioso, que o “r” desse prenome se pronunciava como “ch”: dizia-se Pchibislav, e esse nome pouco comum condizia bem com o aspecto do rapaz, cujo tipo, longe de ser normal, era antes bastante exótico. Hippe, filho de um historiador e professor ginásial, e por conseguinte um aluno modelar, já ia à classe imediatamente mais adiantada que a de Hans Castorp, se bem que fosse da mesma idade. Provinha de Mecklemburgo, e sua pessoa constituía, evidentemente, o produto de uma antiga mistura

de raças, com uma dose de sangue eslavo num recipiente germânico, ou vice-versa. Seus cabelos, aparados rente ao crânio redondo, eram louros, mas seus olhos, de uma cor entre azul e cinzento — era uma cor incerta, ambígua, tal a de uma cordilheira longínqua —, mostravam uma forma singular, estreita e, a rigor, até um pouco oblíqua; e sob esses olhos destacavam-se as maçãs, salientes e fortemente acentuadas. Essas feições, nada feias e mesmo bastante simpáticas, haviam valido a Hippe, entre os colegas, o apelido de “o Quirguiz”. Hippe já usava calças compridas e uma malta azul, cinturada nas

costas e Iechada até o pescoço, sobre cuMa gola se percebiam habitualmente alguns Yestígios de caspa.

Acontecia Tue Hans Castorp, desde muito tempo, fixara a sua atenção nesse PribislaY; escolhera-o em meio ao Iormigueiro de rostos conhecidos e desconhecidos Tue enchia o pátio; interessaYa-se por ele, acompanhaYa-o com os olhos e — será lícito dizer Tue o admiraYa? Em todo caso deYotaYa-lhe um interesse especial, e ao dirigir-se à escola Má se regoziMaYa com a ideia de obserYá-lo no trato com os companheiros de curso, de Yê-lo Ialar e rir-se, e de distinguir-lhe de longe a Yoz em meio às outras, aTuela Yoz agradáYel, Yelada e um tanto rouca. É Iorçoso admitir Tue não haYia razão suficiente para essa simpatia, a não ser Tue se Tueira considerar como tal o prenome pagão, a Tualidade de aluno modelar (o Tue era impossíYel ter TualTuer importância nesse caso) ou finalmente os olhos Tuirguizes — olhos Tue por ocasião de certos relances laterais Tue não se fixaYam em nada às Yezes eram capazes de se enYolYer languidamente em treYas misteriosas — de modo Tue, Iosse como Iosse, Hans Castorp pouco se preocupaYa com a Mustificação intelectual dos seus sentimentos e ainda menos com o problema de encontrar uma denominação para eles. IndubitaYelmente não se podia Ialar de amizade, Má Tue ele nem seTuer “conhecia” Hippe. Mas não haYia, em primeiro lugar, a

mínima necessidade de uma denominação, portanto nem se pensa em falar de um assunto que não se presta para isso nem reteria palavras. Segundo, uma denominação representa, se não uma crítica, ao menos uma definição, isto é, uma classificação na ordem das coisas conhecidas e habituais, e Hans Castorp estava compenetrado da condição inconsciente de que um tesouro íntimo como esse devia ser preservado para sempre de tal definição e classificação.

Bem ou mal justificadas, e em todo caso impróprios para qualquer denominação ou expressão verbal, esses sentimentos eram de tanta força que Hans Castorp, há mais ou menos um ano — pouco mais ou menos, por ser impossível fixar a data do começo —, alimentava-os em silêncio, o que revelava, pelo menos, a fidelidade e a constância do seu caráter, levando-se em conta o lapso enorme de tempo que, nessa idade, representa um ano. Infelizmente, as designações de qualidades de caráter contêm, de regra, um julgamento moral, quer no sentido de um elogio, quer de uma censura, se bem que todas elas tenham dois aspectos. Quando examinamos, sem emitir nenhuma opinião acerca do seu valor, a tal “fidelidade” de Hans Castorp — da qual ele mesmo absolutamente não se gabava —, consistia ela em certa morosidade, lentidão e persistência do seu espírito, em uma mentalidade fundamentalmente conservadora, que lhe afigurava as situações e as circunstâncias

da vida tanto mais dignas de estabilidade e de simpatia quanto maior fosse sua duração. Também se inclinava a crer na eternidade do estado particular e da disposição de alma em que se achava em determinado momento, e certamente por isso os apreciava, sem almejar nenhuma modificação. Assim se acostumara, no seu íntimo, a essa longínqua e silenciosa relação que o ligava a Pribislava Hippe, tomando-a no fundo por uma instituição permanente da sua vida. Adorava as emoções que ela acarretava, a curiosidade de saber se nesse ou naquele dia o outro iria ou não a seu encontro, se passaria perto dele, ou talvez se lhe dirigiria um olhar; adorava essas satisfações tácitas e delicadas com que o brindava o seu segredo; adorava até mesmo as decepções inerentes ao caso, e dentre as tuas a maior era verificar que Pribislava faltava à aula; então, o pátio parecia ermo; o dia, privado de todo sabor; e entretanto permanecia viva a esperança no futuro.

Isso durou um ano, até alcançar aquele apogeu crítico. Depois, continuou por mais um ano, graças à fidelidade conservadora de Hans Castorp, e por fim terminou, sem que ele notasse mais do afeiçoamento e da dissolução dos laços que o ligavam a Pribislava Hippe do que notara da sua formação. Ademais, Pribislava abandonou o ginásio e a cidade, deixando a uma transferência de seu pai; mas esse fato, Hans Castorp mal o percebeu. Pode-se dizer que o Yulto do “Quirguiz”,

desprendendo-se imperceptivelmente de uma névoa, entrou na sua vida, na tua vida adquirendo uma nitidez e um relevo cada vez mais intensos, até a esse instante no pátio, tu representa o máximo de clareza e de corporeidade; tu durante algum tempo se conservou assim no primeiro plano, e por fim, aos poucos, recuou, desaparecendo nas brumas, sem despertar nenhuma tristeza de despedida.

Esse instante, porém, a situação arriscada e a aventureira a tu Hans Castorp viu-se novamente transierido, a conversa, uma conversa real com Pribislava Hippe, deu-se da seguinte forma: Ioi antes da aula de desenho, e Hans Castorp verificou tu estava sem seu lápis. Dos seus colegas, nenhum podia dispensar o seu; mas, entre os alunos de outras séries, Hans Castorp tinha esse ou a esse conhecido a quem pudesse se dirigir. Dentre todos, pensou, era Pribislava Hippe a quem conhecia melhor; era-lhe mais próximo tu os outros, esse rapaz, com o qual, em silêncio, já tivera tanto tu ver; e, com um impulso alegre de todo o seu ser, resolveu aproveitar a oportunidade —

oportunidade, Ioi como a chamou — para pedir a Pribislava Hippe tu lhe emprestasse um lápis. Não percebeu tu esse ato seria um tanto estranho, visto ele não conhecer Hippe em realidade; ou não se importou com isso, imbuído de uma singular desconsideração. E assim aconteceu tu, no meio da azáfama

do pátio ladrilhado, se plantou diante de PribislaY Hippe e lhe disse:

— Perdão, Yocê poderia me emprestar um lápis?

E PribislaY fitou-o com seus olhos Tuirguizes, por cima das maçãs salientes. E então lhe respondeu na sua Yoz simpática e Yelada, Ialando sem a mínima surpresa, ou sem maniIestá-la, ao menos.

— Com muito prazer — disse. — Mas Yocê deYe deYolYê-lo sem Ialta depois da aula. — Com essas palaYras tirou do bolso uma lapiseira prateada, com um anel Tue se deYia empurrar para cima, para Tue o lápis Yermelho apontasse do tubo metálico. Hippe explicou o mecanismo simples, enTuanto as duas cabeças se inclinaYam sobre o obMeto.

— Cuidado para não Tuebrá-la em dois! — acrescentou. Que ideia! Como se Hans Castorp pretendesse não deYolYer a lapiseira ou tratá-la com descuido.

Depois, olharam-se sorrindo, e, como nada mais restasse a dizer, deram lentamente meia-Yolta e separaram-se.

Foi tudo. Mas nunca na Yida Hans Castorp sentira-se mais satisIeito do Tue naTuela aula de desenho, ao trabalhar com o lápis de PribislaY Hippe, e com a perspectiYa de entregá-lo mais tarde ao seu dono, como conseTuência natural e espontânea

daTuilo Tue haYiam combinado. Tomou a liberdade de apontar o lápis, e das lasTuinhas Yermelhas Tue sobraram guardou três ou Tuatro durante Tuase um ano numa gaYeta da sua carteira escolar. Ninguém Tue as Yisse suspeitaria da sua importância. A deYolução realizou-se, de resto, da Iorma mais simples possíYel, em perIeita conIormidade com as intenções de Hans Castorp, Tue até se orgulhaYa um pouco desse Iato, displicente e pretensioso Tue se tornara pela intimidade com Hippe.

— Tome — disse. — E muito obrigado.

PribislaY não disse palaYra alguma; limitou-se a Yerificar o mecanismo e meteu a lapiseira no bolso.

Depois disso, nunca mais Yoltaram a se Ialar. De TualTuer maneira, porém, haYiam se Ialado uma Yez, graças ao espírito empreendedor de Hans Castorp...

Abriu os olhos, ainda conIuso pela intensidade do seu arrebatamento. “Parece Tue sonhei!”, pensou. “Pois é, era PribislaY. Faz tempo Tue não lembro dele. Onde é Tue Ioram parar aTuelas lasTuinhas? A carteira escolar está no sótão, na casa do tio Tienappel. DeYem ainda estar na gaYetinha esTuerda. Não as tirei de lá. Nem seTuer para Mogá-las Iora eu lhes dediTuei a atenção deYida... PribislaY, todo ele, em carne e osso. Eu nunca teria pensado Tue tornaria a Yê-lo tão nitidamente. Como é

parecido com ela, com a Tuela mulher, a Tui de cima! Será por isso que me interessa tanto por ela? Ou, talvez: será por isso que me interessei tanto por ele? Bobagem! Pura bobagem! Em todo caso está na hora de Yoltar, e bem depressa.” Ainda assim, permaneceu deitado por mais alguns instantes, cismando, absorto em recordações.

— Pois então, passe bem, e muito agradecido! — disse e sorriu, com os olhos cheios de lágrimas.

A seguir fez uma tentativa de se pôr a caminho. Mas logo tornou a sentar-se, com o chapéu e a bengala na mão, pois verificou que os Moelhos não o sustentavam com firmeza. “Epa!”, pensou. “Parece que não vai dar! E ainda por cima preciso estar às onze em ponto na sala de reuniões, para assistir à conferência. Os passeios a Tui têm seus atrativos, mas têm também suas dificuldades. Semelhante como Ior, não posso ficar a Tui. Só que fiquei meio dormente de tanto ficar deitado; com o movimento, vai melhorar.” Tentou mais uma vez pôr-se de pé e, com um sério esforço de recompor-se, conseguiu fazê-lo.

Mas, comparado com a partida briosa, o regresso não deixava de ser lamentável. Repetidas vezes, Hans Castorp tentou descansar à beira do caminho, por sentir que seu rosto de súbito empalidecera, que sua testa estava banhada em suor frio e as palpitações desregradas do coração lhe tolhiam o

Iôlego. Penosamente se esIalIou na descida em zigue-zague, e Tuando chegou ao Yale, nas proximidades do Cassino, compreendeu com toda a clareza Tue lhe seria impossíYel percorrer pelas suas próprias Iorças o extenso traMeto até o BerghoI. Como não houYesse condução coletiYa, nem se enxergasse nenhum carro de aluguel, Iez parar um carroceiro Tue conduzia rumo à aldeia uma carreta, cheia de caixotes Yazios, e pediu-lhe Tue o deixasse subir. Sentou-se de costas para o homem, com as pernas pendendo Iora do Yeículo. Os transeuntes contemplaYam-no com surpresa e compaixão, enTuanto assim se deixaYa transportar, oscilando sob o eIeito das sacudidelas, com a cabeça a balançar de sonolência. Perto da passagem de níYel, desembarcou, deu ao carroceiro algumas moedas, sem reparar se eram muitas ou poucas, e galgou apressadamente a rampa sinuosa.

— Dépêchez-Yous, Monsieur — disse o porteiro Irancês. — La conIérence de Monsieur KrokoZski Yient de commencer.⁴

— Hans Castorp atirou o chapéu e a bengala ao moço encarregado do Yestiário e, com a língua entre os dentes, esgueirou-se rápido e cauteloso pela porta entreaberta da sala de reIeições, onde os pensionistas se haYiam agrupado em cadeiras dispostas em filas, enTuanto no canto direito da sala o dr. KrokoZski, Yestido de sobrecasaca, e em pé atrás de uma mesa guarnecida de uma garraIa d'água, Má se punha a Ialar.

ANÁLISE

Por sorte encontrou lugar Yago na ponta de uma fileira, perto da porta. Sentou-se discretamente e procurou fingir ter ocupado a cadeira desde o princípio. O público, bebendo as palaYras do dr. KrokoZski com a intensa atenção dos primeiros instantes, mal reparou no MoYem; ainda bem, porTue Hans Castorp oIerecia um aspecto terríYel. Seu rosto estaYa líYido como linho, e suas roupas, manchadas de sangue, de modo Tue ele parecia um assassino Tue acabara de cometer um crime. A senhora sentada à sua Irente Yoltou, entretanto, a cabeça e examinou-o com uns olhos rasgados. Era madame Chauchat, como Hans Castorp reconheceu com uma espécie de agastamento. Mas Tue diabo! Não o podiam deixar em paz? Tencionara, recém-chegado ali, sentar-se sossegado e reIazer-se um pouTuinho; e agora lhe acontecia estar Iace a Iace Mustamente com essa mulher. Tal casualidade, em outra ocasião, talYez lhe causasse satisIação; mas, exausto e derreado como se sentia, Tue lhe importaYa aTuilo? A situação só impunha exigências noYas ao seu coração e o irritaria durante toda a conIerência. Os olhos com Tue ela o fixara, bem no rosto e mirando as manchas de sangue no casaco, eram exatamente os de PribislaY, e fizera-o com uma insistência indiscreta e petulante, com as maneiras mesmo de alguém Tue bate as

portas com grande estrondo. Como era desameitada a postura dela! Completamente diYersa da Tue guardaYam as senhoras da esIera próxima a Hans Castorp, Tue se mantinham eretas na cadeira, dirigiam a cabeça para o Yizinho de mesa e IalaYam com as pontas dos lábios. A sra. Chauchat, porém, estaYa sentada numa atitude lassa, relaxada, com as costas redondas e os ombros caídos, e ainda aYançaYa a cabeça, a ponto de deixar saliente a Yértebra da nuca, por cima do decote da blusa branca. Também PribislaY mantinha a cabeça da mesma Iorma, mas ele era um aluno modelar Tue se conduzia com todas as honras — muito embora não Iosse esse o motiYo por Tue Hans Castorp lhe pedira o lápis —, ao passo Tue era claro e eYidente Tue a postura negligente da sra. Chauchat, o seu Meito de bater a porta e a indiscrição do seu olhar tinham relação com sua enIermidade; expressaYam-se em tudo isso até mesmo aTuele desembaraço e aTuelas Yantagens — talYez pouco honrosas, mas deYeras ilimitadas — de Tue se uIanara o MoYem sr. Albin...

EnTuanto Hans Castorp ficou olhando para as costas indolentes da sra. Chauchat, seus pensamentos embaralharam-se, cessaram de ser pensamentos e transIormaram-se em deYaneios, nos Tuais penetraYa como de longe o barítono arrastado do dr. KrokoZski, com os “erres” brandos, pronunciados em surdina. Mas o silêncio Tue reinaYa na sala, a

profunda atenção. Ele parecia enfeitado a todos em redor, exerceram seus efeitos sobre ele e como ele o despertaram da sua modorra. Olhou em torno de si... A seu lado achava-se o pianista de cabelos ralos, com a cabeça inclinada para trás, escutando de boca entreaberta e de braços cruzados. A srta. Engelhart, a professora, sentada a alguma distância, tinha nos olhos uma expressão de tristeza, e em ambas as faces manchas vermelhadas — Inômeno que se repetia nos rostos das demais senhoras. Ele Hans Castorp observou. Notou-o nos semblantes da srta. Salomon, ali, ao lado do sr. Albin, e da mulher do ceramista Meiro, srta. Magnus, a qual ele perdia proteínas. Sobre a fisionomia da srta. Stenhrup, um pouco mais para trás, refletia-se um êxtase tão cheio de ignorância que até causava dó, enquanto a srta. Leier, a da pele de marfim, recostando-se ao espaldar com os olhos semicerrados e as mãos espalmadas no regaço, parecia uma deusa, exceto pelo movimento de vai e vem forte e rítmico do seu peito, o que lembrava a Hans Castorp uma figura de cera que ele vira tempos atrás num museu, e ele tinha um mecanismo interior. Alguns pensionistas punham a mão em concha contra a orelha, ou, pelo menos, fingiam esse gesto, ficando com a destra erguida a caminho do ouvido, como se a atenção os tivesse paralisado no meio do movimento. O sr. Parant, promotor público, um homem trigueiro de aparência sumamente robusta, até coçou a orelha com o dedo indicador,

para fazer com que fosse melhor, e logo voltou a submetê-la à verborreia do dr. Krokowski.

De que fala, afinal, o dr. Krokowski? Que tema está desenvolvendo? Hans Castorp procurou concentrar o seu espírito, a fim de apanhar o fio da palestra, porém não conseguiu imediatamente, isto não ter ouvido o princípio e ter perdido ainda outras passagens, depois, ao refletir acerca das costas lassas de sra. Chauchat. Trata-se de uma potência... da tua potência... Numa palavra, trata-se da potência do amor, Liebe. Claro! O assunto está indicado pelo título geral do ciclo de conferências, e de que mais poderia falar o dr. Krokowski, dado ser essa sua especialidade? Verdade é que parecia um tanto estranho a Hans Castorp assistir, assim subitamente, a uma preleção sobre o amor, já que os cursos que ele seguira antes haviam se ocupado apenas de assuntos como a translação de rodas dentadas em construções náuticas. Como se arranjasse o conferencista para expor em pleno dia, a um público de cavalheiros e senhoras, um assunto de natureza tão confidencial e espinhosa? O dr. Krokowski expunha-o num idioma misto, entre poético e erudito, rigorosamente científico e, ao mesmo tempo, vibrante como um hino. Esse tom despertava no jovem Hans Castorp a impressão de uma certa falta de ordem, mas talvez fosse justamente ele o que estava a despertar as aces das damas e o que fazia os senhores coçar as orelhas. Em

particular, o orador empregava o termo “Liebe” num sentido levemente ambíguo, de modo que nunca ficava claro o que se devia pensar das suas palavras, se elas se referiam a algo piedoso ou a algo carnal-passional — o que produzia uma espécie de enmoo

marítimo. Nunca na vida Hans Castorp ou viria pronunciar esse vocábulo tantas vezes seguidas como nessa hora e nesse lugar, e ao refletir sobre esse fato até achava que ele próprio jamais se serviria dessa palavra e nem a ouviria de boca estranha. Talvez estivesse errado — mas, em todo caso, não lhe parecia que tanta repetição trouxesse qualquer vantagem ao vocábulo. Pelo contrário, “Liebe”, essa sílaba e meia, má em si um tanto escabrosa, de consoantes lingual e labial, e vagal balante no meio, acabou por se lhe tornar bastante repelente, e ligou-se a ela uma representação parecida com leite aguado, algo branco-azulado e um tanto insípido, sobretudo em comparação com todo o vigor das ideias que o dr. Krokowski estava apresentando a seu respeito. Pois era evidente que, sob a forma que ele usava, podiam-se dizer coisas bem fortes sem que o público saísse da sala. Absolutamente não se limitava a discutir, com uma espécie de tato inebriante, assuntos comumente conhecidos, mas nos trazia a maioria das pessoas preferiam não tocar. Destruía ilusões; implacavelmente fazia prevalecer o conhecimento; não deixava espaço para a fé sentimental na

dignidade dos cabelos prateados ou na pureza angélica da criança tenra. Trazia, aliás, com a sobrecasaca, o mesmo tipo de colarinho amplo e as sandálias por cima das meias cinzentas, o que deu uma impressão de idealismo e princípios firmes, se bem que Hans Castorp se assustasse um pouco com esse aspecto. Valendo-se de línguas e palavras soltas, espalhadas por sobre a mesa, o dr. Krokowski documentava as suas exposições por meio de toda espécie de paradigmas e anedotas, chegando até a recitar versos, ou outra. Discursava acerca das formas tenebrosas do amor e das variedades excêntricas, dolorosas e sinistras, da sua índole e da sua onipotência. Entre todos os instintos existentes na natureza — disse ele — era o amor o mais vacilante e o mais ameaçado, fundamentalmente propenso à aberração e à perversão total. Nesse ponto não havia nada de

surpreendente, uma vez que esse impulso poderoso não era uma coisa simples, senão que, por sua natureza, infinitamente composta, e por mais legítimo que ele parecesse no seu conjunto, o que o compunha era seguramente uma série de perversões. Mas mesmo com muita razão, continuou o conferencista, mesmo com muita razão se negava que da perversidade das partes fosse deduzida a perversidade do todo, era inevitável a conclusão que atribuía parte da sua legitimidade do todo, senão toda ela, também à perversão que

compunha esse todo. Isso era uma exigência da lógica, da Tual, segundo o orador, os ouYintes deYiam compenetrar-se. HaYia resistências íntimas e corretiYos psíTuicos, instintos decentes e coordenadores, próprios a um caráter Tue o dr. KrokoZski Tuase se sentia tentado a Tualificar de burguês, e sob o eIeito compensador e restritiYo desses instintos as partes perYersas eram Iundidas num todo útil e irrepreensíYel; processo IreTuente e simpático, cuMo resultado, porém (como acrescentou o dr. KrokoZski, com certo desdém), não tinha nenhuma importância para o médico e o filósoIo. Em outros casos, entretanto, malograYa o reIerido processo; não haYia Meito de leYá-lo a bom termo. E Tuem, perguntou o dr. KrokoZski, seria capaz de dizer se esses últimos casos não eram os mais nobres, os psicologicamente mais Yaliosos? Existia então uma tensão extraordinária, uma paixão Tue ultrapassaYa as medidas habituais, burguesas, e essa tensão se Iazia sentir entre os dois grupos de Iorças Tue eram a necessidade de amor e os impulsos contrários, dentre os Tuais cumpria mencionar a Yergonha e o asco. TraYada nos abismos da alma, essa luta impedia, nos ditos casos, Tue os instintos extraYiados chegassem a ser pacificados, protegidos e moralizados de modo Tue Iossem conduzidos à harmonia usual e à Yida amorosa regular. E como terminaYa esse combate — pois trataYa-se mesmo de um combate — entre as potências da castidade e do amor? TerminaYa, aparentemente, com a Yitória da castidade. O

medo, as conYeniências, a repugnância pudica, o trêmulo deseMo de pureza, todos eles oprimiam o amor, mantinham- no agrilhoadado, nas treYas, daYam acesso à consciência e à atiYidade, Tuando muito a uma parte, Mamais, porém, ao todo múltiplo e Yigoroso das suas reiYindicações conIusas. No entanto, essa Yitória da castidade não era mais Tue aparente, não passaYa de uma Yitória de Pirro, pois a potência do amor não se deixaYa reprimir nem Yiolentar, o amor oprimido não estaYa morto, não; YiYia, continuaYa, nas treYas, no mais proIundo segredo, a almeMar a sua realização, rompia o círculo mágico da castidade e ressurgia, ainda Tue sob Iorma metamorIoseada, difícilima de reconhecer... E Tual era, afinal, a Iorma e a máscara Tue usaYa o amor Yedado e oprimido na sua reaparição? Assim perguntou o dr. KrokoZski, e deixou o seu olhar passar ao longo das filas, como se esperasse seriamente uma resposta dos seus ouYintes. Ora, essa resposta teria de ser dada por ele mesmo, Tue Má dissera tantas outras coisas. Ninguém a sabia, além dele; mas ele haYeria de sabê-la, isso se notaYa em sua expressão. Com os seus olhos ardentes, sua palidez de cera, sua barba negra e as sandálias de monge por cima das meias de lã cinzenta, parecia simbolizar, na sua própria pessoa, aTuela luta entre a castidade e a paixão de Tue acabaYa de Ialar. Ao menos era essa a impressão de Hans Castorp, enTuanto, como todos os demais, esperaYa com suma curiosidade ficar sabendo sob Tue Iorma YoltaYa o amor

rechaçado. As mulheres mal se atreYiam a respirar. O promotor ParaYant mais uma Yez coçou a orelha, para Tue, no instante decisiYo, ela se tornasse aberta e acolhedora. Eis o Tue disse o dr. KrokoZski:

— Sob a Iorma de doença. O sintoma da doença nada é senão a maniIestação disIarçada da potência do amor; e toda doença é apenas amor transIormado.

Agora sabiam o segredo, se bem Tue nem todos Iossem capazes de apreciá-lo deYidamente. Um suspiro percorreu a

sala, e o promotor ParaYant meneou a cabeça num gesto significatiYo de aproYação, enquanto o dr. KrokoZski prosseguia desenYolYendo a sua tese. Hans Castorp, por sua Yez, baixou a cabeça, a fim de refletir sobre o Tue ouYira e de perguntar-se a si próprio se compreendera. Mas ele tinha pouca prática nesse tipo de exercícios mentais e, além disso, pouca presença de espírito, deYido àTuele passeio inIeliz. Assim, sua atenção distraiu-se Iacilmente, e de Iato logo se concentrou nas costas Tue Yia à sua Irente, bem como no braço, Tue se eleYaYa e inclinaYa para trás, para Tue a mão, diante dos olhos de Hans Castorp, sustentasse, de baixo, os cabelos em trança.

Era angustiante ter essa mão tão perto dos olhos. Quisesse ele ou não, tinha de olhá-la, estudá-la com todos os deIeitos e particularidades humanas Tue lhe eram inerentes, como se ela

estivesse sob uma lente. Não, não havia nada de aristocrático nessa mão curta de colegial, com as unhas aparadas de Tualtuer Meito. Nem se Tuer se tinha certeza de que estivesse perfeitamente limpa nos nós dos dedos, e a pele ao lado das unhas estava róida — a esse respeito não existia a menor dúvida. Hans Castorp fez uma careta, todavia seus olhos continuaram fixos na mão de madame Chauchat, e passou-lhe pela cabeça uma lembrança vaga e incompleta da Tuielo que dissera o dr. Krokowski sobre as resistências burguesas que se opunham ao amor... O braço era mais belo, esse braço suavemente dobrado atrás da cabeça, e Tuese desnudo, Mas Tuo o tecido das mangas, uma leíssima cambraia, era mais fino que o da blusa, de maneira que propiciava uma espécie de transfiguração vaporosa ao braço, que sem ela talvez fosse menos gracioso. Ele era ao mesmo tempo delicado, cheio — e irio ao tato, não se podia supor outra coisa. Em face dele, absolutamente não entravam em ação as reiteradas resistências burguesas.

Hans Castorp sonhou, os olhos fixos no braço da sra. Chauchat. Como se fossem essas mulheres! Mostravam isso e a Tuielo da nuca e do peito; realçavam os braços com tecidos translúcidos... Agiam assim em todo o mundo para excitar o desejo ansioso dos homens. Deus do céu, que bela era a vida! Bela, Mustamente em razão da naturalidade com que as mulheres se mostram de um modo tão sedutor — era algo natural, sim, e tão

comum e conhecido de todos. Tu a gente apenas se deleita, inconscientemente, sem pensar ou fazer caso de tal coisa. Mas cumpria pensar nisso, ponderou Hans Castorp consigo, para encontrar um genuíno prazer na vida e não esquecer Tu se trata de uma instituição deliciosa, e Tuase de conto de fadas, no fundo. Claro Tu havia uma finalidade definida no fato de as mulheres terem o direito de se desfrutar dessa forma deliciosa e maravilhosa, sem com isso infringir as regras da decência: trata-se da próxima geração, da procriação da raça humana, sim, senhor! Mas, Tuando a mulher estava interiormente enferma, Tuando não era, de maneira alguma, apta para a maternidade — Tu dizer então? Haveria ainda algum sentido no uso de mangas de cambraia Tu despertassem a curiosidade dos homens — Tuando a um corpo carcomido por dentro? Era evidente Tu isso não tinha sentido algum, deveria ser considerado indecente, e até mesmo proibido. Pois no interesse de um homem por uma mulher enferma havia tão pouco de razão Tuando... bem, Tuando houvera na Tu interesse silencioso Tu Hans Castorp sentira por Pribislava Hippe. Uma comparação estúpida, uma reminiscência um tanto penosa. Mas Tu se havia apresentado espontaneamente, sem Tu ninguém a evocasse. De resto, sua contemplação onírica interrompeu-se nesse ponto, sobretudo por Tu sua atenção voltou a concentrar-se no dr. Krokowski, com quem ele estava muito. Realmente, lá estava ele, atrás da mesinha, com os braços

abertos e a cabeça obliTuamente inclinada, parecendo-se, apesar da sobrecasaca, com o senhor Jesus pregado na cruz!

Ficou claro Tue o dr. KrokoZski, no fim da sua conIerência, Iez propaganda intensa a IaYor da dissecação das almas, e conYidou todo o mundo, com os braços abertos, para Yir até ele. Vinde a mim todos os Tue trabalhais e Yos achais carregados, disse ele, embora com outras palaYras. E não deixou dúYida Tuanto à sua conYicção de Tue todos, sem exceção, estaYam nessas condições, onerados de trabalho e carregados. Falou ainda do soIrimento oculto, do pudor e da mágoa, e dos eIeitos redentores da análise; celebrou a iluminação do inconsciente, preconizou a reconYersão da doença em um sentimento consciente, exortou à confiança e prometeu a cura. A seguir deixou cair os braços, eleYou a cabeça, Muntou a papelada de Tue se serYira durante a conIerência, apanhou a pilha com a mão esTuerda, e apertando-a ao ombro direito, com um gesto tipicamente proIessoral, aIastou-se pelo corredor, de cabeça erguida.

Todos se leYantaram, empurrando as cadeiras para trás, e começaram a dirigir-se lentamente para a mesma saída pela Tual o doutor abandonara a sala. Era como se todos, num moYimento concêntrico, conYergissem para ele, de todos os lados, hesitantes, em gesto inYoluntário, e todaYia numa unanimidade surda, como a multidão Tue seguisse o flautista de

Hamelin. Hans Castorp permaneceu parado no meio da torrente, agarrando com a mão o espaldar da sua cadeira. “Estou aqui só de visita”, pensou; “quando bem de saúde, nem entro em Tübingen, graças a Deus, e quando houver a próxima conferência nem estarei mais aqui.” Ele viu a sra. Chauchat sair a passo arrastado, com a cabeça enfiada. “Será que ela também se deixa dissecar?”, pensou, e seu coração se pôs a martelar... Nem sequer notou que Joachim se aproximou dele entre as cadeiras, e estremeceu nervosamente quando o primo lhe dirigiu a palavra.

— Você chegou no último instante — disse Joachim. — Foi muito longe? Que tal o passeio?

— Oh, bonzinho — respondeu Hans Castorp. — Caminhei até bem longe, sim, senhor! Mas deixo confessar que o passeio me trouxe menos do que eu esperava. Talvez tenha sido prematuro, ou até prejudicial para mim. Por enquanto não irei outro.

Joachim não perguntou se a conferência lhe agradara ou não, e Hans Castorp não emitiu opinião alguma sobre o assunto. Como por acordo tácito, nem então nem depois aludiram à conferência.

DÚVIDAS E PONDERAÇÕES

Na terça-feira, completou-se uma semana desde que nosso herói passou a estar com as pessoas a tui em cima, e por isso, ao regressar do passeio matinal, encontrou uma conta no seu quarto, sua primeira conta semanal, um documento comercial preenchido com esmero, num envelope verde, com cabeçalho ilustrado (há lá uma yista sedutora do edifício do Berghof), sendo que à esquerda uma coluna estreita apresentava um pequeno excerto do prospecto e destacava em negrito a referência ao “tratamento psíquico segundo os mais modernos princípios”. Os itens, redigidos caligraficamente, davam um total de cento e oitenta irancos redondos: doze irancos por dia pela pensão e os cuidados médicos, e oito pelo quarto; acrescentavam-se a isso vinte irancos de “entrada” e dez pela desinfeção do quarto; outras despesas menores, referentes a roupa, cerâmica e ao vinho tomado por ocasião do primeiro jantar, arredondavam a soma. Ao conferir a conta em companhia de Joachim, Hans Castorp não encontrou nada de que reclamar.

— É verdade que não faço uso dos cuidados médicos — disse. — Mas isso é comigo. Estão compreendidos no preço da pensão e não posso exigir que os descontem. Como poderiam fazê-lo?... Quanto à desinfeção, são meio careiros. Não é possível que

tenham gastado dez Irancos de H₂CO, para Iumigar os Yestígios da americana. Mas, em geral, acho Tue é antes barato Tue caro, em consideração ao Tue oIerecem. — Foram, pois, antes da segunda reIeição da manhã à “administração”, a fim de liTuidar a conta.

A “administração” achaYa-se no rés do chão. Quem seguia, além do Yestíbulo, o corredor Tue passaYa ao lado do Yestiário, das cozinhas e das despensas não se podia enganar na porta, tanto mais Tue esta se distinguia por uma placa de porcelana. Ali, com grande interesse, Hans Castorp traYou conhecimento com o centro comercial da empresa.

Era um Yerdadeiro escritório comercial em miniatura. Uma datilógraIa se achaYa em plena atiYidade, e três Iuncionários estaYam inclinados sobre as escriYaninhas, enquanto na saleta ao lado um senhor Tue deYia ocupar o posto de cheIe ou gerente trabalhaYa numa secretária colocada no meio da peça, limitando-se a medir os clientes por cima dos óculos, com um olhar Irio e obMetiYo. Enquanto os primos Ioram atendidos no guichê, a conta paga, dinheiro ao caixa, recibo expedido, ambos guardaram a atitude séria, modesta, silenciosa e até submissa Tue MoYens alemães sabiam transpor a TualTuer escritório, e não só diante de autoridades e repartições. Mas depois de terem saído da “administração”, a caminho da reIeição, e também mais tarde no decorrer do dia, conYersaram

um pouco sobre a organização da empresa Bergho. Joachim, na sua qualidade de integrado ao lugar e bem-informado sobre ele, soube responder às perguntas de Hans Castorp.

O dr. Behrens não era de maneira alguma proprietário nem arrendatário do estabelecimento, se bem que à primeira vista se pudesse ter essa impressão. Acima e atrás dele havia potências invisíveis que, na forma do escritório, só até certo ponto se tornavam manifestas. Existia um conselho fiscal, uma sociedade anônima, da qual seria alto negócio fazer parte, uma vez que, segundo a informação fidedigna de Joachim, anualmente eram distribuídos polpidos dividendos aos acionistas, e isso apesar dos salários muito altos dos médicos e dos princípios bastante liberais de administração. O conselho áulico não era, por conseguinte, autônomo; não passava de um agente, de um funcionário, de alguém que, embora fosse o primeiro e o supremo, era apenas aparentado com as potências superiores; constituía a alma do estabelecimento e exercia uma influência decisiva sobre toda a organização, inclusive a intendência, não obstante estar isento, como médico-diretor, de qualquer ocupação com a parte comercial do sanatório. Natural do noroeste da Alemanha, chegara há

anos a essa posição, a contragosto e na contramão de seus planos de vida. Fora levado para lá por sua mulher, cujos

restos mortais haYia muito repousaYam no cemitério do YilareMo, aTuele cemitério pitoresco de DaYos-DorI, situado na encosta da direita, ali, mais atrás, perto da entrada do Yale. DeYia ter sido uma mulher encantadora, ainda Tue astênica e com olhos excessiYamente grandes, a Mulgar pelas Iotografias Tue se encontraYam em toda parte na moradia do médico, e pelos retratos a óleo espalhados pelas paredes, nascidos do pincel diletante do marido. Depois de lhe ter dado dois filhos, um menino e uma menina, seu corpo Iranzino, acossado pela Iebre, Iora atraído para essas regiões, onde, dentro de poucos meses, sucumbira à consunção. Dizia-se Tue Behrens, Tue a adorara, Iora de tal Iorma Ierido por esse golpe Tue durante algum tempo, tomado de melancolia e esTuisitice, chamara a atenção das pessoas na rua pelos seus risinhos, monólogos e gestos descontrolados. Nunca mais regressara ao seu ambiente de origem, mas ficara ali, decerto porTue não Tueria aIastar-se do túmulo. Mas talvez a razão determinante Iosse de caráter menos sentimental: a enIermidade atacara a ele próprio, e segundo sua conYicção científica o lugar Tue lhe cabia era ali mesmo. Por isso instalara-se em DaYos, como um daTueles médicos Tue são companheiros do inIortúnio de Tuem recebe os seus cuidados, Tue não combatem a enIermidade independentes dela, na plenitude da sua liberdade e inteireza pessoal, mas Tue estão, eles mesmos, marcados pela doença — caso estranho, sem dúYida,

mas Tue não é muito raro e inegaYelmente tem suas Yantages e seus inconYenientes. A camaradagem entre o médico e o paciente merece plena aproYação, e ouYe-se por aí Tue só Tuem soIre é capaz de ser saYador e guia dos Tue soIrem também. Mas será possíYel Tue Tuem se inclua entre os escraYos de uma potência exerça sobre ela eIetiYo domínio espiritual? Quem está oprimido pode libertar? Para o sentimento singelo, o médico enIermo não deixa de ser um paradoxo, um Ienômeno problemático. Será Tue o saber intelectual sobre a doença, Tue decorre de sua experiência pessoal, não se turYa e conIunde, mais Tue se enriTuece e Iortalece moralmente? O médico enIermo não encara a doença Iace a Iace, com o olhar Iranco de um adYersário; Yê-se coibido, não toma uma posição clara; e com toda a cautela Tue o tema exige, deYe-se Tuestionar se uma pessoa Tue pertence ao mundo da doença pode se interessar pela cura de outrem, ou ao menos por sua conserYação, na mesma medida Tue um homem sadio...

Dessas dúYidas e ponderações Hans Castorp externou uma parte, à sua maneira, em conYersa com Joachim sobre o “BerghoI” e seu diretor médico, mas Joachim obMetou Tue não se sabia se o dr. Behrens ainda estaYa enIermo — proYaYelmente ele Má se curara. HaYia muito tempo Tue começara a clinicar ali — no início como médico particular, adTuirindo logo boa reputação como auscultador de ouYido fino e como especialista

bastante seguro em pneumotomia. Depois, o BerghoI procurara a sua colaboração, o estabelecimento ao Tual o dr. Behrens se ligara estreitamente Iazia mais de um decênio... Ali, nos Iundos, ao extremo da ala noroeste do sanatório, ficaYa sua habitação (o dr. KrokoZski residia não longe dele), e aTuela senhora da antiga nobreza, a enIermeira-cheIe, à Tual Settembrini se reIerira de Iorma sarcástica, e Tue Hans Castorp só conhecia de Yista, dirigia a casa do YiúYo. De resto, o conselheiro áulico YiYia sozinho, pois o filho estudaYa em uniYersidades alemãs, e a filha casara-se com um adYogado, na parte Irancesa da Suíça. O MoYem Behrens Yinha às Yezes de Yisita durante as Iérias, o Tue Má ocorrera uma Yez desde a chegada de Joachim ao sanatório. O primo contou Tue nesse caso haYia grande agitação entre as damas do estabelecimento; as temperaturas subiam; ciumeiras proYocaYam disputas e Tuerelas nos alpendres de repouso, e nos horários especiais de atendimento do dr.

KrokoZski a procura aumentaYa...

Para sua clínica particular, o assistente recebera uma peça especial, Tue, como a grande sala de consulta, o laboratório, a sala de operações e o serYiço de radiografia, encontraYa-se no bem-iluminado subsolo do ediÍcio. Falamos de subsolo porTue a escada de pedra Tue conduzia do rés do chão para ali despertaYa realmente a ideia de Tue se

descia a uma espécie de porão — o Tue, no entanto, era um engano. Pois, em primeiro lugar, o rés do chão estaYa situado bastante alto, e ademais o BerghoI estaYa construído num terreno em decliYe, na encosta da montanha; assim, as peças Tue compunham esse “porão” daYam para o Mardim e o Yale: essas circunstâncias contradiziam e compensaYam, em certo modo, o eIeito e o sentido daTuela escada. Pois Tuem pensaYa descer pelos seus degraus para um lugar mais baixo do Tue o níYel do solo encontraYa-se depois da descida ainda ao níYel da terra ou, Tuando muito, alguns pés abaixo dele — impressão Tue diYertiu a Hans Castorp, Tuando, certa tarde, em Tue seu primo Tuis Iazer-se pesar pelo massagista, acompanhou-o a essa esIera “subterrânea”. ReinaYam ali uma clareza e um asseio de hospital; tudo era branco sobre branco, e as portas cintilaYam com a alYura do esmalte, inclusiYe a Tue conduzia ao gabinete de consultas do dr. KrokoZski, na Tual o cartão de Yisita do sábio se achaYa fixado por meio de um perceYeMo. Para chegar a essa porta, era preciso descer mais dois degraus, a partir do corredor, de maneira Tue a peça situada atrás dela tinha um caráter de calabouço. Ela ficaYa à direita da escada, na extremidade do corredor, e Hans Castorp obserYaYa-a com atenção especial, enTuanto ia de cá para lá, esperando por Joachim. Viu sair uma pessoa, uma senhora chegada recentemente, cuMo nome ele ainda não conhecia, mulher peTuena, graciosa, com IranMas cacheadas na testa e brincos

de ouro. Ao subir os dois degraus, inclinou-se profundamente, arregaçando a saia, ao passo que a outra mão, adornada de anéis, apertava contra

a boca um lençinho, enquanto os olhos grandes, turvos e assustados miravam o Yazio. Apressadamente foi-se para a escada, a passinhos curtos, com a saia a Iar-Ialhar, até que de repente estacou, como se algo lhe viesse à memória; a seguir pôs-se novamente a andar e desapareceu na escadaria, sempre inclinada para a frente e sem tirar o lençinho dos lábios.

Quando a porta se abriu, tornou-se patente que a peça, atrás dela, estava muito mais escura que o corredor branco: era evidente que a luminosidade clínica desses cômodos interiores não chegava até ali; conforme Hans Castorp observou, no gabinete analítico do dr. Krokowski reinava uma meia-luz velada, um crepúsculo profundo.

CONVERSAS À MESA

Durante as refeições, na sala pintalgada, o MoYem Castorp sentiu certo embaraço ao notar Tue daTuele passeio, realizado por conta própria, lhe ficara o reIerido tremor de cabeça peculiar ao aYô. Justamente à mesa, esse tiTue se produzia com certa regularidade; não haYia Meito de impedi-lo, e era diÍcil ocultá-lo. Além do recurso de apoiar o Tueixo dignamente na graYata, do Tual afinal não se podia serYir a todo instante, Hans Castorp inYentou todo tipo de meios para disIarçar essa sua IraTueza. Por exemplo, mantinha a cabeça em constante moYimento, conYersando com as Yizinhas ora da direita ora da esTuerda; ou, Tuando leYaYa a colher à boca, fincaYa o antebraço esTuerdo na mesa, a fim de firmar a sua postura; também apoiaYa o cotoYelo na mesa, nos interYalos entre os pratos, e escoraYa a cabeça com a mão, se bem Tue a ele mesmo essa atitude se afigurasse como uma Ialta de educação, admissíYel, apenas e a rigor, num ambiente desregrado de enIermos. Mas tudo isso não deixaYa de ser penoso, e pouco IaltaYa para Tue lhe tirasse por completo o gosto das refeições, Tue ele normalmente apreciaYa muito, em Yirtude das sensações e coisas notáYeis Tue acarretaYam.

No entanto, esse Ienômeno ignominioso contra o Tual Hans Castorp tanto lutaYa não era — ele o sabia bem — de origem

simplesmente física; não o provocara apenas o ar da Tui, nem o esforço de aclimação; expressa, ao contrário, uma agitação íntima e está ligado de modo direto a certas sensações e episódios marcantes.

Madame Chauchat chega sempre com atraso à mesa, e, enquanto ela não está presente, Hans Castorp não podia ficar sentado e manter os pés tranquilos, porque esperava o estrondo da porta de Yidro, que imediatamente acompanhava a entrada da moça, e não ignorava que naquele momento se sobressaltaria e sentiria seu rosto

gelar-se, como de Iato acontecia com a mais absoluta regularidade. No começo, nunca deixara de voltar iriosamente a cabeça; seguira com olhares irados o caminho da desleixada retardatária até a mesa dos “russos distintos”; às vezes também murmurara, entredentes, alguma praga ou exclamação indignada. À altura dos acontecimentos Má não fazia nada disso; limitava-se a inclinar a cabeça sobre o prato, mordendo os lábios, ou com um movimento propositado e artificial voltava-a para outro lado; pois parecia-lhe que Má não tinha direito de encolerizar-se; não se sentia bastante livre para censurar; pelo contrário, tinha a impressão de ser cúmplice da conduta escandalosa, de partilhar a responsabilidade por ela ante os demais — em poucas palavras: estava com Yergonha; e teria sido inexato dizer que se

enYergonhaYa do comportamento da sra. Chauchat; não, ele indiYidualmente sentia Yergonha perante as outras pessoas, o Tue, aliás, era mais Tue desnecessário, Yisto ninguém na sala se preocupar com o desleixo da sra. Chauchat, tampouco com a Yergonha de Hans Castorp por isso, com exceção, talYez, da proIessora, a srta. Engelhart, sua Yizinha da direita.

Essa criaturinha ridícula compreendera Tue, graças à sensibilidade de Hans Castorp relatiYa a portas Iechadas com estrondo, se originara uma certa relação aIetiYa entre o seu MoYem companheiro de mesa e aTuela russa; sabia, além disso, Tue pouco importaYa o caráter de tal relação, contanto Tue ela existisse, e Tue a indiIerença fingida de Hans Castorp — bastante mal fingida por Ialta de prática e talento de ator — não significaYa um enIraTuecimento, senão um reIorço dos laços, uma Iase mais aYançada dessa relação. Sem ter as mínimas pretensões ou esperanças para sua própria pessoa, a srta. Engelhart expandia-se incessantemente em encômios desinteressados sobre a sra. Chauchat — embora seMa surpreendente Tue Hans Castorp, senão logo, ao menos com o tempo, haMa notado e reconhecido de Iorma perIeitamente clara o caráter atiçador dessa insistência, Tue lhe causaYa até mesmo repulsa, sem Tue por isso ele deixasse de se influenciar e seduzir muito docilmente por ela.

— Bam! — Iez a solteirona. — Aí está ela. Nem é preciso levantar os olhos para saber quem entrou. Claro, ali vai ela, e quem Meito de andar ela tem: como um gato quem se esgueira até o prato de leite! Eu gostaria de trocar de lugar com o senhor, para quem lhe fosse possível contemplá-la com tanto desembaraço e comodidade como faço agora. Compreendo quem o senhor não possa virar a cabeça a cada instante para olhá-la. Deus sabe o quem ela acabaria imaginando se o notasse... Agora cumprimenta a sua gente... O senhor de quem olhar para lá, é uma delícia observá-la. Quando ela sorri e conyrsa, como agora, torna-se uma coynha em uma de suas faces, mas não sempre, só quando ela quer. Sim senhor, é mesmo um encanto de mulher, uma criaturinha muito mimada, e isso explica sua lassidão. Não há como não adorar pessoas assim, pois se elas aborrecem pelo desleixo, a própria irritação torna-se um motivo a mais para nos voltarmos a elas; é uma felicidade e tanto exasperar-se e ver-se forçado a amar, apesar de tudo...

Assim murmurou a professora, tapando a boca com a mão, para quem os outros não pudessem ouvi-la, e o rubor héctico das suas bochechas de solteirona manifestou a temperatura anormal de seu corpo. O palavrório excitante adentrou o pobre Hans Castorp até a medula. Uma certa falta de iniciativa, quem lhe era peculiar, criou nele a necessidade de ouvir confirmar por um terceiro quem madame Chauchat era uma mulher sedutora.

Ademais, o MoYem deseMou Tue Yiesse de uma pessoa estranha o impulso para entregar-se a sentimentos aos Tuais sua razão e consciência opunham uma resistência incômoda.

Por outro lado, essas conYersas eram pouco Iecundas em inIormações positiYas. ConTuanto tiYesse as melhores intenções do mundo, a srta. Engelhart era incapaz de contar pormenores exatos a respeito da sra. Chauchat; não sabia

mais Tue os outros no sanatório; não a conhecia, nem seTuer tinha amigos em comum com ela, e a única coisa Tue lhe poderia dar Yantagem aos olhos de Hans Castorp era ser natural de K, nigsberg, perto da Ironteira russa, e entender algumas palaYras em russo — méritos insignificantes, mas Tue Hans Castorp estaYa disposto a considerar uma espécie de relação longínTua com a sra. Chauchat.

— Ela não usa anel — disse ele —, não usa aliança de casamento, como YeMo. A senhora me expliTue isso. Não me disse Tue é casada?

A proIessora parecia em apuros, como se estiYesse metida num beco sem saída e precisasse desculpar-se. Tão responsáYel pela sra. Chauchat ela se sentia diante de Hans Castorp.

— O senhor não deYe ligar a isso — disse então. — Sei de boa Ionte Tue ela é casada. A esse respeito não pode restar a mínima dúYida. Se ela se Iaz tratar de madame, não é para se dar ares

de importância, como é hábito de certas senhoritas estrangeiras, Tuando Má passaram da primeira MuYentude. Nós todos sabemos Tue ela realmente tem um marido em algum lugar da Rússia. É Iato conhecido em toda parte. Seu nome de solteira é diIerente, é um nome russo e não Irancês, TualTuer coisa em “-anoY” ou “-ukoY”. Já me disseram, mas esTueci. Se o senhor Tuiser, You me inIormar. Com certeza há pessoas por aTui Tue sabem. Uma aliança? Não, ela não usa aliança; eu também Má reparei nisso. Meu Deus, talYez não lhe assente bem, talYez lhe Iaça a mão larga demais. Ou pode ser Tue ela Mulgue o uso da aliança costume muito burguês. Andar assim com uma argola lisa no dedo... agora só Ialta o molho de chaYes num cestinho... Não senhor, ela é muito moderna para isso. Eu sei positiYamente Tue todas as mulheres russas têm no seu modo de ser TualTuer coisa de liberdade e desembaraço. E esse tipo de anel é tão prosaico, tão negatiYo! É, por assim dizer, um símbolo da serYidão. Dá às mulheres um Tuê de

Ireira, Iaz delas umas florezinhas não-me-toTues. Não me admira Tue a sra. Chauchat não Tueira ser assim... Uma mulher encantadora, na flor da idade!... ProYaYelmente não tem Yontade nem Yê motiYos para mostrar seus laços conMugais a todo caYalheiro Tue lhe aperte a mão...

Deus do céu, com Tue ardor a proIessora deIendeu sua causa! Hans Castorp olhou-a nos olhos, assustado, mas ela sustentou o

olhar, entre acanhada e teimosa. Depois, ambos permaneceram calados durante alguns momentos, como para se reIazerem. Hans Castorp comeu algo e tentou reprimir o tremor da cabeça. Finalmente disse:

— E o marido? Não se preocupa com ela? Não Yem nunca Yisitá-la? Que é Tue ele Iaz?

— É Iuncionário público, na administração russa, e YiYe numa região perdida, no Daguestão, sabe? Fica bem para o leste, além do Cáucaso. Foi mandado para lá. Não senhor, eu Má lhe disse Tue nunca o Yiram aTui em cima. E ela, Má Iaz três meses Tue Yoltou para cá.

— Então não é a primeira Yez Tue ela está aTui?

— Oh, não! É a terceira. E nos interYalos Yai a outros lugares, todos semelhantes... Não, o Tue se dá é Mustamente o contrário: às Yezes ela é Tue Iaz uma Yisita a ele, e não com muita IreTuência; só uma Yez por ano passa algum tempo com ele. Pode-se dizer Tue YiYem separados, e Tue ela o Yisita de Yez em Tuando.

— Claro, se ela está doente...

— Está doente, sim. Mas não tanto Tue tenha Tue YiYer o tempo todo em sanatórios e separada do marido. DeYem existir outras razões mais decisiYas. Pode ser Tue ela não goste do Daguestão,

um ermo selYagem e distante, para lá do Cáucaso. Nisso não há nada de surpreendente. Mas também o marido deYe ter alguma culpa por ela não se sentir bem a seu lado. Embora tenha um nome Irancês, é um Iuncionário público russo, e esses Iuncionários russos, o senhor pode acreditar, são uns tipos bastante rudes. Certa Yez encontrei um deles, Tue tinha suíças grisalhas e uma

cara bem Yermelha... São Yencis ao extremo, e todos eles têm um Iraco pela Yodca, aTuela aguardente deles, sabe?... A fim de guardar as aparências pedem Tue lhes sirYam TualTuer coisinha para comer, uns cogumelos aYinagrados ou um pedacinho de esturMão, e acompanham isso com imensas Tuantidades de bebidas alcoólicas. É o Tue chamam de “tira-gosto”...

— A senhora põe toda a culpa nele — disse Hans Castorp.

— Mas nós aTui não sabemos se também não é por causa dela Tue os dois não se acertam. Temos Tue ser Mustos. Quando olho para ela e me lembro daTuele hábito de bater a porta... Ora, ela não me parece um anMinho. Não me leYe a mal essa opinião, mas desconfio dela. A senhora não é imparcial, está até o pescoço de preconceitos em IaYor dela...

De Yez em Tuando, ele se expressaYa dessa maneira. Com uma astúcia no Iundo alheia à sua natureza, fingia crer Tue o entusiasmo da srta. Engelhart pela sra. Chauchat não Iosse o

Tue em realidade era; e agia dissimuladamente, como se esse entusiasmo constituísse um Iato engraçado, sui generis, do Tual ele mesmo, o independente Hans Castorp, pudesse serYir-se para mexer com a pobre solteirona, a uma distância Iria e humorística. E não se trataYa de ousadia alguma de sua parte, pois tinha certeza de Tue a sua cúmplice admitiria e toleraria essa atreYida desfiguração das coisas.

— Bom dia! — dizia ele, por exemplo. — Passou bem a noite? Espero Tue tenha sonhado com a sua bela Minka... VeMam só, basta mencionar esse nome e logo a senhorita está toda corada. Está completamente caidinha por ela; não Yale a pena negá-lo...

E a proIessora, realmente ruborizada, inclinaYa-se proIundamente sobre a xícara e cochichaYa com o canto esTuerdo da boca:

— Não, sr. Castorp, isso não se Iaz! Não é nada gentil da sua parte embarçar-me desse Meito com as suas alusões.

Todo o mundo Má está reparando Tue Ialamos dela e Tue o senhor me diz coisas Tue me Iazem corar.

Que Mogo estranho, esse ao Tual se entregaYam os dois Yizinhos de mesa! Ambos sabiam Tue estaYam mentindo dupla e triplamente, Tue Hans Castorp caçoaYa da proIessora só para poder Ialar da sra. Chauchat, e no entanto encontraYa um prazer mórbido e indireto nas gracinhas Tue dirigia à solteirona; esta, por sua Yez, admitia as gracinhas, primeiro

por um instinto de alcoYiteira, segundo porTue, para agradar ao MoYem, de Iato se apaixonara um pouco pela sra. Chauchat, e finalmente porTue sentia uma satisIação mesTuinha Tuando Hans Castorp mexia com ela e a Iazia corar. Ambos sabiam disso, sabiam um do outro, sabiam também Tue nenhum ignoraYa os pensamentos do outro; e tudo isso era complexo e pouco limpo. Mas, embora Hans Castorp em geral sentisse repugnância de coisas complexas e pouco limpas, e a sentisse também nesse caso particular, continuaYa, não obstante, a chaIurdar nesse elemento turYo, tranTuilizando-se com a ideia de estar ali em cima de Yisita e de partir dentro em breYe. Com uma obMetiYidade aIetada, IalaYa, à maneira de um conhecedor, sobre o Iísico da mulher “lassa”, constatando Tue ela era muito mais bonita e mais MoYem Yista de Irente do Tue de perfil; Tue seus olhos estaYam demasiado distantes entre si, e Tue a sua postura deixaYa muito a deseMar, ao passo Tue seus braços eram realmente Iormosos e de “linhas suaYes”. E, ao dizer essas coisas, procuraYa disIarçar o tremor da cabeça e YerificaYa ao mesmo tempo Tue a proIessora se daYa conta dos seus esIorços Yãos. TeYe até o máximo desgosto de notar Tue ela também ficaYa com a cabeça a tremer. Fora por mera política, por uma astúcia pouco natural, Tue ele chamara a sra. Chauchat de “bela Minka”, pois Tue assim tinha uma oportunidade para Iazer noYas perguntas:

— Eu disse “Minka”, mas como ela se chama em realidade? Quero dizer, qual é o primeiro nome? A senhorita, tu estás apaixonada por ela, de Yeria sabê-lo.

A professora pôs-se a refletir.

— Espere um pouco — disse. — Eu sabia o nome. Não era Tatiana? Não, não era, e Natacha tampouco. Natacha Chauchat? Não, não é isso tu me disseram. Agora sei! Ela se chama Azdótia, e se não é assim, é qual tuer coisa parecida. Tenho certeza de tu não é nem Katienka nem Ninotshka. Francamente, não me lembro mais. Mas será Iácil eu me informar, se o senhor fizer tuestão...

Com jeito, no dia seguinte ela sabia o nome. Pronunciou-o na hora do almoço, tuando a porta enYidraçada se Iechou com estrondo. A sra. Chauchat chamaYa-se Clazdia.

Hans Castorp não compreendeu imediatamente. Fez repetir e soletrar o nome, antes de grAYá-lo na memória. Depois repetiu-o diYersas Yezes, enTuanto fitaYa a sra. Chauchat com os olhos inMetados, como para Yer se lhe ficaYa bem.

— Clazdia? — disse ele. — Sim, sim, é bem possível tu ela se chame assim. O nome combina com ela. — Não dissimulou o prazer tu lhe causaYa essa inIormação de caráter íntimo. Dali por diante só IalaYa de “Clazdia” ao reIerir-se à sra. Chauchat. —

Parece-me que a sua Cláudia faz bolinhas com o miolo do pão. Não acho isso muito distinto.

— Depende de quem as faz — a professora respondia. — Para a Cláudia isso cai bem.

Sim, essas refeições na sala das sete mesas tinham um extraordinário encanto para Hans Castorp. Quando terminava uma delas, mas consolava-se com a ideia de que em breve, dentro de duas horas ou pouco mais, voltaria a esse mesmo lugar, e quando se via novamente sentado era-lhe como se nunca se tivesse levantado. Que acontecia no intervalo? Nada. Um rápido passeio até o curso d'água ou ao bairro inglês, e algum repouso na espreguiçadeira. Isso não representava nenhuma interrupção séria, nenhum obstáculo que fosse difícil vencer.

Seria diferente caso se interpusessem trabalhos, preocupações ou dificuldades que não se pudessem ignorar nem afastar do pensamento. Mas nada disso existia no plano prudente e feliz da vida no “Berghof”. Ao levantar-se de uma refeição tomada em comum, Hans Castorp já se podia alegrar imediatamente com o antegozo da próxima — contanto que o verbo “alegrar-se” se fosse mesmo apropriado para aquele tipo de expectativa com que ele sempre aguardava o próximo encontro com a enfermeira Cláudia Chauchat, e não se lhe dê um sentido por demais leviano, trivial, ingênuo e vulgar. Talvez o leitor se incline a

admitir e a Mulgar adeTuadas unicamente expressões de caráter MoYial e Yulgar, Tuando se trata da pessoa de Hans Castorp e da sua Yida íntima; cabe lembrar, porém, Tue ele, como MoYem sensato e consciencioso, não podia simplesmente “alegrar- se” com a Yista e a proximidade da sra. Chauchat. Sabendo desse Iato, constatamos Tue, se alguém tiYesse Iormulado essa ideia na sua presença, ele, dando de ombros, teria reMeitado o reIerido Yerbo.

De Iato, ele começou a tratar com desdém certos meios de expressão — eis aí um pormenor digno de menção. Com as Iaces ardendo, andaYa a cantar; cantarolaYa de si para si, pois o seu estado de alma era sensitiYo e musical. Trauteou uma cançãozinha Tue ouYira, Deus sabe onde, numa reunião social ou num concerto de beneficência, cantada por uma Yoz de soprano pouco Yolumosa. Era uma ninharia terna Tue começaYa assim:

No fundo de minha alma ecoa

A mais milagrosa canção...

e ele Má estaYa a ponto de acrescentar:

De teus lábios ela voa

E entra em meu coração!

até Tue subitamente encolheu os ombros, disse: “Ridículo!”, chamou a delicada canção de insípida, piegas e adocicada, e rechaçou-a — rechaçou-a para longe de si com certa seyeridade e melancolia. Em tal cançãozinha terna, podia até ser Tue um rapaz TualTuer, após ter “dado seu coração” — como se costuma dizer —, num impulso lícito, sossegado e esperançoso, a uma peTuena sadia lá de baixo, se abandonasse, dali por diante, a sentimentos igualmente lícitos, lutuosos, razoáveis e, no fundo, bem alegres. Quanto a ele, porém, e à sua relação com madame Chauchat — a palavra “relação” Yai por conta de Hans Castorp, e declinamos de toda responsabilidade Tuanto a isso —, decididamente não lhes conYinha um poeminha desses; estendido na sua cadeira, e torcendo o nariz, Yiu-se moYido a sentenciá-la com o Yeredicto estético de “tola!”, mas interrompeu-se, muito embora não soubesse de algo mais apropriado Tue pudesse empregar nesse caso.

Mas haYia uma coisa Tue lhe proporcionaYa prazer, Tuando se achaYa assim deitado e obserYaYa seu coração, o coração corporal, Tue palpitaYa rápida e audiyelmente atraYés do

silêncio, esse silêncio regulamentar que reina em todas as dependências do “Bergheim” durante o repouso principal. Seu coração batia com tenacidade e indisciplina, como sucedia sempre, desde que se encontrava ali em cima; mas Hans Castorp deixara de ligar a esse fato tamanha importância como nos primeiros dias. Já não se podia dizer que o coração batia à toa, sem motivo, e sem nexos com a alma. Tal nexos existia ou, pelo menos, não era difícil estabelecer-lo; a atividade exaltada do corpo justificava-se por uma respectiva emoção. Basta que Hans Castorp pensasse na sra. Chauchat — e ele pensava nela — para encontrar o sentimento que correspondesse ao martelar de seu coração.

TEMOR NASCENTE.

DOS DOIS AVÔS E DO PASSEIO DE BARCA AO CREPÚSCULO

O tempo estaYa horríYel — em relação a isso Hans Castorp não teYe sorte durante os poucos dias da sua permanência nestas regiões. Não caiu neYe, propriamente, mas choYeu dias a fio, uma chuYa pesada e Ieia; nuYens espessas cobriram o Yale, e temporais ridiculamente obsoletos — dado Má Iazer tanto Irio Tue haYia sido necessário acender a caleIação no reIeitório — despeMaYam-se com estrondos arrastados e retumbantes.

— Que lástima! — disse Joachim. — Pensei Tue um dia desses a gente poderia leYar uma merenda até o Schatzalp, ou Iazer TualTuer outra excursão. Mas pelo Yisto não será possíYel. Só espero Tue sua última semana seMa melhor.

No entanto, Hans Castorp respondeu:

— Deixe para lá. Não estou com o mínimo ânimo empreendedor. Minha primeira aYentura não me Iez muito bem. Descanso melhor Tuando YiYo assim calmamente, sem muitas distrações. Distrações são para os Yeteranos, mas eu, com minhas três semanas, para Tue preciso de distrações?

Com eIeito, ele se sentia ocupado e absorto com o Tue haYia no lugar onde estaYa. Se abrigaYa esperanças, tanto a sua

realização como uma possível decepção aguarda-a e não num Schatzalp. O tempo atormenta-a não era tédio; pelo contrário, começa-a a recear que o fim da sua estada chegasse com demasiada pressa. A segunda semana já estava avançada; dois terços do seu tempo em brejeiros teriam passado, e quando começasse o último terço já seria tempo de arrumar as malas. A primeira reavitalização do senso de tempo de Hans Castorp havia muito tempo se passara; os dias já começam a voar, e isso com tanto cada um deles se estirasse sob o efeito de uma expectativa sempre renovada e abundasse de experiências

silenciosas e secretas... Sim, o tempo é um enigma singular, difícil de resolver.

Será necessário pormenorizar as experiências secretas que retardam e ao mesmo tempo aceleram o curso dos dias de Hans Castorp? Não há que as ignore. Na sua insignificância sentimental, eram experiências absolutamente comuns, e num caso mais razoável e curioso, que permitisse a aplicação da pequena cançãozinha “No fundo de minha alma ecoa...”, elas tampouco poderiam desenrolar-se de outra forma.

Era impossível que madame Chauchat nada percebesse dos fios que se estendiam entre determinada mesa e a sua. E era justamente a intenção desenhada de Hans Castorp que ela notasse alguma coisa e até o máximo possível desses fios.

Dizemos “desenIreada” porTue ele próprio estaYa perIeitamente a par da insensatez de seu caso. Mas Tuem se encontra no estado a Tue ele chegara, ou melhor, estaYa a ponto de chegar, deseMa Tue a outra parte tome conhecimento desse estado, ainda Tue a coisa não tenha pés nem cabeça. É do ser humano ser assim.

Durante a reIeição a sra. Chauchat Yoltara-se duas ou três Yezes para aTuela mesa, ou por casualidade ou sob eIeito de algum magnetismo, e sempre dera com os olhos de Hans Castorp. Na Tuarta Yez, Iê-lo com premeditação, e de noYo os encontrou atentos. Na Tuinta ocasião, não surpreendeu o olhar, porTue ele abandonara seu posto de Yigia. Mas Hans Castorp sentiu imediatamente Tue ela o obserYaYa, então os olhos dele responderam com tanto IerYor Tue, sorrindo, ela desYiou o olhar. Se ela o MulgaYa pueril, então estaYa enganada. A necessidade de refinamento por parte dele era consideráYel. Assim, na sexta Yez, Tuando pressentiu, adiYinhou, recebeu uma mensagem interior de Tue ela olhaYa em sua direção, fingiu examinar com insistente desgosto uma senhora com acne no rosto, Tue se aproximara da sua mesa para Ialar com a tia-aYó, e então insistiu Ierrenhamente nisso, por dois, talYez três minutos,

sem esmorecer, até ter certeza de Tue os olhos Tuirguizes lá do outro lado da sala se houYessem desYiado dele — um teatro

inusitado, Tue cabia Iazer-se perceptíYel para a sra. Chauchat, mas Tue sobretudo deveria ser percebido por ela, para Tue a sutileza e o autodomínio de Hans Castorp a leYassem a ficar cismada com aTuilo... E assim as coisas aYançaram, até Tue se chegou à seguinte situação. Num interYalo entre dois pratos, a sra. Chauchat Yirou-se indolentemente e inspecionou a sala. Hans Castorp haYia mantido o posto: e seus olhares se encontraram. EnTuanto se encararam — a enIerma de um modo Yagamente escrutador e zombeteiro, Hans Castorp com uma rigidez excitada (Tue o Iez inclusiYe cerrar os dentes, enTuanto mantinha-se firme ante os olhos dela) —, o guardanapo dela começa a deslizar do colo e fica a ponto de cair ao chão. Estremecendo nerYosamente, ela procura agarrá-lo, mas também o MoYem se sobressalta em cada membro seu, leYanta-se da cadeira e Iaz menção de se precipitar cegamente em socorro dela, pelo espaço de oito metros Tue os separa, e isso em torno de uma mesa Tue está de permeio, como se Iosse representar uma catástroIe o guardanapo Yir a tocar o chão... Alguns centímetros acima do assoalho, ela por pouco consegue apanhá-lo. Mas nessa posição curYada, agachada sobre o chão, com a ponta do guardanapo entre os dedos e o rosto anuYiado, YisiYelmente aborrecida por aTuele peTueno pânico absurdo Tue acabara de inYadi-la, e pelo Tual parece Yer em Hans Castorp o culpado — ela lança ao MoYem um olhar a mais, percebe-o de

sobrancelhas erguidas, a ponto de se lançar numa corrida, e, sorrindo, Yira-lhe as costas.

Hans Castorp abandonou-se todo à sensação de triunfo que o incidente lhe trouxe. Mas a reação não se fez esperar, e já no decorrer dos dois dias seguintes, ao dizer, durante dez reuniões, madame Chauchat não se voltou para olhar a sala e até se omitiu do hábito de “apresentar-se” ao público no momento da entrada. Foi duro. Como,

porém, essas modificações na sua conduta indubitavelmente se endereçavam a ele, era evidente a existência de uma relação entre ambos, se bem que de forma negativa; e isso já lhe bastava.

Hans Castorp compreendia bem que Joachim tivera toda razão ao observar que ali não era fácil fazer conhecimento com outras pessoas, com exceção dos comensais. Pois, durante a escassa hora depois do jantar — a única que ele dava regularmente ocasião a uma espécie de vida social, mas amiúde se reduzia a uns vinte minutos —, madame Chauchat achava-se sempre em companhia dos membros de seu círculo habitual, o cavalheiro de tórax côncavo, a mocinha humorística, com os cabelos lanosos, o taciturno dr. Blumenkohl e os moços de ombros caídos. Todos eles ocupavam o fundo do pequeno salão que parecia reservado à “mesa dos russos distintos”. Acrescia-se a isso que Joachim nunca deixava de ter pressa de sair do salão, a

fim de não abrir o repouso, como dizia, e talvez também por outros motivos dietéticos. Ele não mencionava, mas Hans Castorp admirava e respeitava. Acabamos de tachar de “desencaminhados” os seus desejos, mas, talvez esse seu rumo, o que ele almejava não eram relações sociais com a sra. Chauchat, e no fundo estava de acordo com as circunstâncias que se opunham a isso. As relações vagamente tensas que seus olhares e gestos haviam estabelecido entre ele e a russa não tinham caráter social, não obrigavam a nada e não deviam, de modo algum, obrigar. Era perfeitamente compatível com elas uma longa série de argumentos reprobativos, da parte dele; e o fato de seu coração palpitar com o pensamento em “Clara” não era nem de longe suficiente para abalar no neto de Hans Lorenz Castorp a conexão de ele entre ele e a mulher estrangeira, que passava a vida separada do marido e sem aliança no dedo em toda espécie de estações de cura, cuja postura deixava a desejar, que batia estrondosamente as portas, fazia bolinhas de migalhas de pão e sem dúvida roía

as unhas — a conexão, pois, de ele em realidade, isto é: fora dessas suas relações secretas, entre ele e ela nada podia haver de comum, de que abismos profundos separavam a existência dela da sua, e de que ele se sentia incapaz de enfrentar, ao lado dela, talvez crítica a que ele mesmo desviasse o mínimo reconhecimento. Hans Castorp era por demais

sensato para ter a mínima presunção pessoal; mas uma altivez de natureza mais geral e de origem mais longínqua acha-se gravada na sua Ironia e em torno dos olhos um tanto sonolentos, e o resultado dessa altivez era a tuéle sentimento de superioridade do qual o Moym não podia nem tirar-se em presença do ser e do Meito de ser da sra. Chauchat. Foi estranho que esse sentimento de proYeniência tão remota se lhe tenha tornado tão YiYaz e, talvez pela primeira vez, consciente, quando um belo dia ele ouviu a sra. Chauchat falar alemão: ela estava de pé na sala depois do fim de uma reunião, com as mãos nos bolsos do suéter, e em conversa com outra enferma, provavelmente uma companheira do alpendre de repouso, fazia esforços, aliás encantadores, segundo Hans Castorp percebeu ao passar por ali, para lidar com o idioma alemão, sua própria língua materna, como Hans Castorp de repente notou com um orgulho nunca antes experimentado — ainda que não sem se sentir prontamente inclinado a sacrificar esse orgulho ao deleite que lhe inspiraram as palavras dela, graciosamente desfiguradas.

Numa palavra: na sua relação muda com esse membro desleixado da sociedade do Berghof, não via Hans Castorp senão uma aventura de idéias, que, perante o tribunal da razão — de sua própria consciência racional —, não podia mesmo reclamar aprovação alguma; antes de tudo por que a sra.

Chauchat era enIerma, lassa, Iebril e interiormente carcomida, circunstância estreitamente relacionada com o caráter duYidoso de toda a sua existência e Tue também muito contribuía para inspirar a Hans Castorp sentimentos

de distância e de reserYa... Não, pretender entabular com ela relações eIetiYas era uma ideia Tue não lhe ocorria, e Tuanto àTuela relação muda — ela acabaria, bem ou mal, dentro de semana e meia, Tuando começasse o seu estágio na casa Tunder & Wilms.

Verdade é Tue por enTuanto se acostumara a considerar o autêntico obMetiYo e o genuíno conteúdo das suas Iérias todas essas emoções, tensões, satisIações e decepções proYenientes da sua delicada relação com a enIerma; habituara-se a entregar-se totalmente a elas e a deixar depender o seu humor do seu desenYolYimento próspero ou não. As circunstâncias IaYoreciam o cultiYo dessa relação com máxima beneYolência, uma Yez Tue ali YiYiam um perto do outro, num espaço limitado, e com um programa diário preestabelecido e obrigatório para todo mundo; e, ainda Tue a sra. Chauchat morasse num outro andar, o primeiro (e fizesse a terapia de repouso no terraço do sótão, o mesmo onde o capitão Miklosich haYia pouco apagara a luz), existia contudo a possibilidade e até a ineYitabilidade de constantes encontros, da manhã à noite, pelo simples Iato de haYer cinco reIeições. E

isso, tanto quanto a ausência de preocupações e dificuldades, parecia a Hans Castorp algo inabuloso, não obstante lhe causasse certa angústia a sensação de estar preso na mesma cela, com uma quase oportunidade bastante inabulosa.

Mesmo assim ele ainda acelerava um pouco a marcha dos acontecimentos; fazia cálculos e punha seu cérebro a serviço da causa da sua felicidade. Visto a sra. Chauchat chegar habitualmente atrasada à mesa, ele também se empenhou por se atrasar também, a fim de encontrá-la no caminho. Vestia-se com Yagar, de modo que não estivesse pronto quando Joachim Yinha buscá-lo, pedia ao primo que descesse sem ele e dizia que o seguiria imediatamente. Dirigido pelo instinto peculiar ao seu estado de alma, aguardava determinado momento que lhe parecia indicado. Então descia correndo ao primeiro piso; a partir dali, não

continuava a servir-se da mesma escada pela qual chegara, mas percorria quase toda a extensão do corredor até o patamar da outra escada, passando por uma porta que havia muito conhecia — a do quarto no 7. Nesse caminho, ao longo do corredor, de uma escada à outra, cada passo oferecia, por assim dizer, uma probabilidade, pois a porta naquele instante podia abrir-se e a reaberta porta, e repetidas vezes isso de fato se deu. Ela se fechava estrondosamente atrás da sra. Chauchat, que, por sua vez, saía em silêncio, e em silêncio se encaminhava para a

escada... E logo descia diante dele, segurando a trança com a mão, ou Hans Castorp ia à sua Irente, sentindo-lhe o olhar na nuca e experimentando nos membros como Tue uma cãibra e nas costas a sensação de um Iormigueiro. Mas, no deseMo de fingir Tue lhe ignoraYa a presença e Tue YiYia uma Yida indiYidual Yigorosamente independente, enterraYa as mãos nos bolsos do paletó, encolhia os ombros ou pigarreaYa sem necessidade, batendo no peito com o punho — tudo isso para patentear a sua indiIerença.

Em duas ocasiões, leYou a manha ainda mais longe. Quando Má se achaYa sentado à mesa, disse, entre perplexo e irritado, apalpando os bolsos com as mãos:

— Ora essa, esTueci o meu lenço! Preciso subir outra Yez.

E subiu, para Tue ele e “ClaZdia” deparassem um com o outro, o Tue constituiria um acontecimento diIerente, mais perigoso, cheio de atratiYos mais picantes do Tue ir à Irente ou atrás dela.

Quando ele realizou a manobra, ela o mediu de cima a baixo, a certa distância, e de modo bastante atreYido, liYre de TualTuer acanhamento; mas Tuando Ioram se aproximando, desYiou o rosto com displicência e passou por ele de tal maneira Tue ao resultado desse episódio não merecia ser atribuído grande Yalor. Da segunda Yez, porém, encarou-o, e não só de longe; encarou-o durante todo o tempo com ar firme e até um

pouco sombrio, e Tuando seus caminhos se encontraram chegou mesmo a Yirar a cabeça para ele. O pobre Hans Castorp sentiu-se penetrado até a medula. Por outro lado não conYém lastimá-lo, Má Tue Iora ele próprio Tue Tuisera tudo isso. Esse encontro, no entanto, causou-lhe um Yeemente abalo, enTuanto ocorria e sobretudo depois; pois, Tuando tudo Má pertencia ao passado, Ioi então Tue percebeu com precisão o Tue se dera. Nunca antes tiYera o rosto da sra. Chauchat tão perto dele, tão nitidamente distinto em todos os seus pormenores. Pudera diYisar os cabelinhos curtos Tue se desprendiam do emaranhado da trança loura, de um tom metálico, arruiYado, e Tue estaYa simplesmente enrolada em Yolta da cabeça. Apenas uns poucos palmos de distância separaram seu próprio rosto e o dela, rosto de Ieições esTuisitas e todaYa tão Iamiliares, Tue lhe agradaYam como mais nada no mundo; Ieições estranhas e cheias de caráter (pois só o estranho nos parece ter caráter), de um exotismo nórdico misterioso, Tue induzia à análise, Yisto suas particularidades e proporções não serem Iáceis de determinar. DecisiYo era, sem dúYida, o destaTue Tue assumiam as maçãs salientes, altas e acentuadas; elas comprimiam os olhos descomunalmente distantes entre si e situados Tuase à flor do rosto, até lhes impunham uma certa obliTuidade e ao mesmo tempo originaYam o suaYe cônicaYo das Iaces, Tue, por sua Yez, e indiretamente, causaYa a exuberância dos lábios um

tanto grossos. Mas antes de tudo havia os próprios olhos — esses olhos Tuirguizes, de corte estreito e simplesmente mágico, na opinião de Hans Castorp, olhos cuja cor mudava entre azul e cinzento, tal a de uma cordilheira longínqua, e às vezes, por ocasião de certos relances para o lado, não se fixavam em nada, eram capazes de se encolher, languidamente, em trevas misteriosas —, os olhos de Clizia, afinal, não o haviam contemplado atrevida e um tanto sombriamente, de muito perto, e na sua posição, cor e expressão pareciam-se de modo surpreendente e mesmo assustador com os de Pribislava Hippe. “Pareciam-se” não seria de modo alguma expressão adequada — estes

olhos eram os mesmos; e também a largura da parte superior do rosto, o nariz levemente achatado, tudo, até a brancura rosada da pele, e a tez sadia, não na sra. Chauchat apenas dava a ilusão de saúde e, como no caso de vários outros pensionistas, não passava de um resultado superficial do repouso ao ar livre —, tudo isso era tal qual em Pribislava, e tampouco o olhar com que este o contemplara no pátio da escola, ao passarem um pelo outro, não era diferente.

Tal coisa era inquietante sob todos os aspectos. Hans Castorp estava entusiasmado pelo encontro que acabava de ter, e ao mesmo tempo sentia tal coisa como um temor nascente, uma angústia semelhante àquela que lhe causava a sensação de

estar preso na mesma cela com a Tuase oportunidade IaYoráYel: também o Iato de PribislaY, olYidado haYia tanto tempo, Yir-lhe ao encontro ali em cima, na pessoa da sra. Chauchat, fitando-o com aTueles olhos Tuirguizes, também isso Iazia com Tue Hans Castorp se sentisse preso em companhia do ineYitáYel e do irremoYíYel

— irremoYíYel num sentido Yenturoso e atemorizador. Algo auspicioso, mas ao mesmo tempo Iatídico, apaYorante mesmo, e o MoYem Hans Castorp sentiu como Tue uma necessidade de socorro. No seu íntimo operaYam-se moYimentos Yagos e instintiYos, os Tuais se poderia designar como olhares em Yolta, tateios e busca de aMuda, conselho e amparo. SucessiYamente, pensou em diYersas pessoas, das Tuais talYez lhe Iosse útil recordar-se.

HaYia ali, a seu lado, Joachim, o bondoso e honrado Joachim, cuMos olhos, no decorrer desses últimos meses, assumiram uma expressão melancólica, e Tue às Yezes encolhia os ombros daTuele Meito desdenhoso e Yiolento Tue em outros tempos não lhe Iora peculiar — Joachim, com o “Joãozinho Azul” no bolso, para empregarmos o termo com Tue esse recipiente era designado pela sra. St, hr, cuMa fisionomia obstinadamente descarada nunca deixaYa de causar horror a Hans Castorp... HaYia, pois, o brioso

Joachim, atormentando e maçoando o dr. Behrens, a fim de obter dele a licença para partir e fazer o almejado serviço na “planície”, nas “terras baixas”, que era como os seus vizinhos a tui em cima designavam, com um desprezo leve mas nítido, o mundo das pessoas sadias. Era para chegar lá mais rapidamente e para poupar um pouquinho do seu tempo que ele se gastava tão generosamente que ele dedicava com o máximo rigor à terapia que estava prestando; fazia-o para recuperar a saúde, sem dúvida, mas também, como Hans Castorp aditava de vez em quando, por amor ao próprio regime que, afinal de contas, era um serviço como outro qualquer, e de ser cumprido era de ser cumprido. Por isso acontecia todas as noites que Joachim, ao cabo de um quarto de hora, já insistia com ele que abandonassem a reunião dos pensionistas e se recolhessem ao repouso noturno, e isso tinha as suas vantagens, pois a pontualidade militar do primo acudia ao espírito paisano de Hans Castorp, que sem ela talvez preferisse demorar-se por muito tempo a contemplar sem proveito nem esperança a saleta ocupada pelos russos. No entanto, o fato de Joachim ter tanta pressa de abrir a porta social no salão era também devido a outro motivo de natureza secreta, mas que Hans Castorp compreendia perfeitamente, desde que conhecia tão bem a aquela palidez terrosa de Joachim e o modo particularmente doloroso com que a boca do primo se crispava em determinados momentos. Ora, Marúcia, a sempre risonha Marúcia com o

peTueno rubi no Iormoso dedo, com o perIume de flor de laranMeira e com os seios opulentos, mas carcomidos, também costumaYa estar presente às reuniões sociais, e Hans Castorp percebeu Tue essa circunstância aIugentaYa Joachim, precisamente porTue o atraía em excesso, de uma Iorma paYorosa. Joachim também se sentiria “preso numa cela”, e de modo ainda mais opressiYo e angustioso do Tue ele próprio, Má Tue Marúsia com seu lencinho perIumado comia cinco Yezes por dia à mesma

mesa Tue eles? Em todo caso Joachim achaYa-se por demais ocupado consigo mesmo para Tue a sua existência pudesse significar uma aMuda íntima para Hans Castorp. Sua Iuga da sala de reuniões, Tue se repetia diariamente, sem dúYida causaYa uma impressão de honradez, mas sobre Hans Castorp exercia um eIeito não mais Tue tranTuilizador, e a este pareceu, em certos momentos, haYer aspectos TuestionáYeis no bom exemplo e nas instruções especializadas Tue Joachim lhe oIerecia Tuanto ao leal cumprimento dos deYeres e do serYiço Tue o regime lhes impunha.

Ainda não Iazia seTuer duas semanas Tue Hans Castorp estaYa no BerghoI, mas parecia-lhe muito mais tempo, e o programa do dia, ali em cima, esse programa Tue ele Yia Joachim obserYar com tanto zelo piedoso, começara a adTuirir a seus próprios olhos um Tuê de intangibilidade sagrada e natural, tanto assim

Tue a Yida lá de baixo, nas terras baixas, Yista assim de cima, se lhe afigurou Tuase anormal e errada. Já chegara a um alto grau de habilidade no maneMo dos dois cobertores, mediante os Tuais, nos dias Irios, a gente se transIormaYa, por ocasião do repouso, num pacote simétrico, parecido com uma Yerdadeira múmia; pouco IaltaYa para Tue igualasse a destreza de Joachim na arte de enYolYer-se segundo as regras; e Tuase se admirou ao pensar Tue lá embaixo, na planície, ninguém sabia dessa arte. Pois é, isso era estranho, mas ao mesmo tempo Hans Castorp sentiu estranheza diante do Iato de Tue assim lhe parecesse, e noYamente nasceu nele o desassossego Tue o Iez perscrutar o seu íntimo em busca de conselho e amparo.

E ele pensou no dr. Behrens e no seu conselho, oIerecido sine pecunia, de YiYer exatamente como os pacientes e de até tomar a temperatura; lembrou-se também de Settembrini, Tue desatara a rir às gargalhadas ao ficar sabendo desse conselho, e Tue depois citara TualTuer coisa da Flauta mágica. Sim, nesses dois também pensou a título de experiência, para Yer se essa recordação lhe trazia

algum proYeito. O dr. Behrens era um homem de cabelos brancos, poderia ser o pai de Hans Castorp. Além disso, era o diretor do estabelecimento, a mais alta autoridade Tue existia por ali, e era Mustamente de autoridade paterna Tue o coração do MoYem Hans Castorp, na sua inTuietude, sentia necessidade. E todaYia,

por mais Tue tentasse, não conseguia recordar-se do conselheiro áulico com confiança filial. O médico enterrara ali a esposa, soIrendo um golpe Tue passageiramente o tornara um tanto estTuisito. Depois permanecera em DaYos, porTue o túmulo o retinha, e também por estar ele mesmo atacado pela enIermidade. Quem sabia se isso Má passara? GozaYa o dr. Behrens de boa saúde, e estaYa sinceramente decidido a curar as pessoas para Tue pudessem sem demora regressar à planície e Yoltar ao serYiço? Suas Iaces estaYam sempre azuis, e ele daYa a impressão de estar Iebril. Mas talYez isso Iosse apenas uma ilusão, e a cor do seu rosto se deYesse ao ar das alturas. O próprio Hans Castorp experimentaYa todos os dias um ardor seco, sem Tue tiYesse Iebre, ao menos pelo Tue se podia Mulgar sem termômetro. Mas, Tuando se ouYia o conselheiro Ialar, tinha-se, às Yezes, noYamente a impressão de ele estar com temperatura eleYada; alguma coisa não parecia certa na sua maneira de expressar-se; embora as suas palaYras soassem enérgicas, corretas e MoYiais, haYia nelas TualTuer coisa singular, exaltada, sobretudo para Tuem obserYaYa ao mesmo tempo as Iaces azuis e os olhos lacrimosos Tue Iaziam acreditar Tue ele ainda choraYa a mulher. Hans Castorp lembrou-se do Tue Settembrini dissera da “melancolia” e dos “Yícios” do conselheiro áulico, a Tuem chamara de “alma atarantada”. Nisso podia haYer malícia ou leYiandade; porém Hans Castorp não

achaYa, de TualTuer modo, Tue pensar no dr. Behrens Iosse algo propriamente reYigorante.

E haYia ainda esse Settembrini, o opositorista, o doidiYanas e “Homo humanus”, como se definia a si próprio, o homem Tue o censurara com palaYras abundantes e enIáticas, porTue Tualificara a combinação de estupidez e enIermidade como contradição e dilema para o sentimento humano. Que tal era ele? Era proYeitoso ocupar-se com esse homem? Hans Castorp ainda sabia muito bem o Tuanto, em diYersos daTueles sonhos excessiYamente agitados Tue aTui em cima lhe encheram as noites, exasperara-se por causa do sorriso fino e seco do italiano, Tue se esboçaYa sob a bonita curYa do bigode; recordaYa-se de o ter tratado de tocador de realeMo e de haYer procurado aIastá-lo do lugar, porTue lhe parecia demais ali. Mas isso se passara num sonho, e Hans Castorp acordado era diIerente, menos liYre de inibições do Tue Tuando sonhaYa. Em estado de Yigília, tudo isso podia ser de outro modo; talYez fizesse bem tentando conIormar-se intimamente com essa maneira de ser, completamente noYa para ele, Tue Settembrini representaYa; Tuem sabia se não eram dignas de ser estudadas sua rebeldia e sua crítica, posto Iossem choramingueiras e gárrulas? Ele mesmo se designara pedagogo; eYidentemente deseMaYa exercer influência; e o MoYem Hans Castorp anelaYa de coração Tue o influenciassem — o Tue no

entanto não precisa ir tão longe a ponto de ele se deixar induzir por Settembrini a arrumar as malas e partir antes do tempo, conforme a sugestão que este recentemente lhe dera, bastante a sério.

Placet experiri, pensou consigo sorrindo, pois seu latim basta para tanto, ainda que não se pudesse qualificar de Homo humanus. Assim, não perdia Settembrini de vista e escutava com gosto, embora com atenção crítica, tudo quanto o italiano produzia no decorrer das entrevistas que se realizavam ocasionalmente, durante os comedidos passeios prescritos pelo regime, até o banco na encosta da montanha ou até DaYos-Platz. Há também outras oportunidades para fazê-lo, quando Settembrini, após a refeição, era o primeiro a levantar-se e, com as suas calças xadrez e com um palito entre os dentes, atravessava indolentemente a sala, a fim de fazer, em completo

desacordo com o regulamento e os costumes, uma visitinha à mesa dos dois primos. Postava-se então diante deles, numa atitude graciosa, com os pés cruzados, e gesticulando com o palito. Ou talvez puxasse uma cadeira, para instalar-se num canto entre Hans Castorp e a professora, ou então entre o MoYem e Miss Robinson, e para observar como os noivos comensais comiam a sobremesa à qual ele mesmo parecia ter renunciado.

— Peço Tue me admitam nesta roda ilustre — dizia, apertando as mãos dos primos e abrangendo as demais pessoas numa única reYerência. — Esse cerYeMeiro aí... para nem mencionar o aspecto desolador da senhora cerYeMeira... Mas esse sr. Magnus... ora, ele acaba de Iazer uma conIerência etnopsicológica. Querem ouYir como Ioi? “Nossa Tuerida Alemanha é um grande Tuartel, não há dúYida. Mas ela encerra muita energia, e eu não trocaria as nossas sólidas Yirtudes pela cortesia dos outros. Que me adianta a cortesia, se me enganam pela Irente e por trás?” O estilo era esse. Não aguento mais. Além disso tenho à minha Irente uma pobre criatura com rosas de cemitério nas Iaces, uma solteirona da TransilYânia, Tue não para de Ialar de seu “cunhado”, um homem do Tual ninguém nada sabe, nem Tuer saber. Numa palaYra, não posso mais, preIeri bater em retirada.

— Pois é, o senhor picou a Iula, Iugiu mesmo — disse a sra. St, hr. — Posso imaginar.

— Exatamente! — exclamou Settembrini. — Uma Iula de mulas! Estou Yendo Tue aTui há Yárias mesmo. Não há dúYida, estou em boa companhia. Sim senhora, eu piTuei a... Ah, se todos soubessem cunhar Irases assim!... E como Yão os progressos de sua saúde, sra. St, hr?

Era horroroso obserYar a aIetação da sra. St, hr.

— Ah, meu bom Deus! — disse ela. — É sempre a mesma coisa; o senhor sabe bem. Dão-se dois passos para a frente e três para trás. Cada vez que a gente acaba de cumprir cinco meses da pena, Yem o Velho acrescentar mais meio

ano. Ai de mim, é um suplício de Tântalo! Vai-se empurrando, empurrando, e quando se pensa que se está lá em cima...

— Ah, como a senhora é gentil! Concede a esse coitado do Tântalo uma pequena mudança de ares. Para Yariar, deixa-o rolar a pedra de mármore! Eis o que eu chamo de genuína bondade da alma... Mas, muito bem, madame: ocorrem histórias misteriosas com a senhora. Falam-se de sócias, corpos astrais... Nunca acreditei nessas coisas, mas o caso da senhora me faz duvidar...

— Parece-me que o senhor quer se divertir à minha custa.

— De modo algum! Nem pensar! A senhora me tranquilize, antes de mais nada, quanto a certos lados obscuros da sua existência e logo poderemos pensar em divertições. Ontem à noite, entre as nove e meia e dez horas, saí ao ar livre para fazer um pouco de exercício. Meus olhos vagaram ao longo da fachada, e notei que a lampadazinha elétrica da sacada da senhora luzia através da escuridão. Concluí que a senhora estava observando o repouso, como ordenam o dever, a razão e o regulamento.

“Ali Maz a nossa bela doente”, disse eu de mim para mim, “obedecendo fielmente às prescrições, para Tue possa o mais depressa possíYel Yoltar aos braços do sr. St,hr.” E, Iaz poucos minutos, Tue ouço? Que àTuela mesma hora a senhora Ioi Yista no cinematógrafo — o sr. Settembrini pronunciou a palaYra à italiana, com o acento na Tuarta sílaba — no cinematógrafo da colunata da clínica, e depois na conIeitaria, com Yinho doce e merengues, e dizem...

A sra. St,hr retorcia os ombros de tanto rir; aIogaYa risinhos no guardanapo; daYa cotoYeladas em Joachim Ziemssen e no taciturno dr. Blumenkohl; piscaYa um olho de modo entre astucioso e petulante, e demonstraYa de todas as Iormas possíYeis a mais idiota satisIação consigo própria. Para esTuiYar-se do controle, costumaYa colocar na sacada a lampadazinha acesa. Então se saIaYa em busca de algumas distrações no bairro inglês. EnTuanto isso, seu marido, em Cannstatt, estaYa à sua espera. Por outro lado, ela não era a única paciente Tue tinha esse hábito.

— ... e dizem — continuou Settembrini — Tue a senhora saboreou esses merengues em companhia... de Tuem? Em companhia do capitão Miklosich, de Bucarest. Há Tuem afirme Tue ele usa espartilho, mas, meu Deus, Tue importância pode ter isso, no nosso caso? Eu lhe suplico, madame, onde estaYa a senhora? A senhora Yale por duas! Sem dúYida, achaYa-se dormindo, e

enquanto a parte terrestre da sua existência se entregava ao repouso solitário, a parte espiritual espaiava-se em companhia do capitão Miklosich e de outras coisas doces...

A sra. St. hr retribuiu-se e gesticulava como se alguém lhe fizesse cócegas.

— Não se sabe se contém de mais o contrário — acrescentou Settembrini. — Ou se Maria: a senhora tivesse saboreado sozinha as tuas coisas doces, e feito o repouso na companhia do capitão Miklosich...

— Hi, hi, hi...

— Os senhores conhecem a história de anteontem? — perguntou o italiano, de imediato. — Alguém foi apanhado... levado pelo diabo ou, mais precisamente, pela senhora sua mãe, uma dama muito enérgica, que me agradou bastante. Trata-se do Moyses Schneermann, Anton Schneermann, que tinha o seu lugar ali na mesa da senhorita Kleefeld. Como os senhores sabem, está vazio. Será preenchido daqui a pouco, quanto a isso não me preocupo; mas Anton sumiu-se nas asas da tempestade, num abrir e fechar de olhos e bem de repente. Achara-se aqui há um ano e meio, com as suas dezesseis primas, e provavelmente agora acaba de impor-lhe mais seis meses. E que aconteceu então? Não sei tu me teria dado certas informações à sra. Schneermann. Em todo caso, ela ficou sabendo das relações

de seu filhinho com Baco et ceteris. Sem aYiso préYio entra em cena uma matrona, três palmos mais alta Tue eu, encanecida e Iuriosa. Administra, sem dizer nada, uma porção de boIetadas ao sr. Anton, segura-o pelo pescoço e mete-o no trem. “Se ele deYe ir a piTue”, grita ela, “pode muito bem Iazê-lo na planície.” E lá se Yão...

Quem estaYa sentado próximo não pôde deixar de rir, pois o sr. Settembrini era muito engraçado ao narrar. MostraYa- se bem-inIormado sobre as últimas noYidades, ainda Tue se comportasse criticamente e com sarcasmo ante a Yida comunitária das pessoas aTui em cima. EstaYa a par de tudo. Conhecia os nomes e grande parte do passado dos recém-chegados. RelataYa Tue, no dia anterior, Iulano ou Iulana soIrera uma resseção de costelas. Sabia de Ionte fidedigna Tue a partir do outono próximo Má não seriam admitidos doentes Tue tiYessem temperaturas acima de 38,5 graus. Segundo a sua afirmação, na noite passada o cachorrinho da sra. Capatsoulias, de Mitilene, sentara-se sobre o botão do sinal luminoso no criado-mudo da sua dona. Desse Iato resultaram muitas correrias e grande tumulto, tanto mais Tue a sra. Capatsoulias não Iora encontrada sozinha, mas sim em companhia do assessor Düstmund, de Friedrichshagen. Nem o dr. Blumenkohl conseguiu conter um sorriso ao escutar essa história. A bela Marúsia esteYe a ponto de se asfixiar com o seu lençinho perIumado de flor de laranMeira,

e a sra. St., hr soltou uns gritos estridentes, comprimindo o seio esTuerdo com ambas as mãos.

Mas com os dois primos LodoYico Settembrini IalaYa também de si próprio e da sua origem, Tuer nos passeios, Tuer por ocasião das reuniões noturnas ou depois do almoço, Tuando a maioria dos pensionistas Má saíra da sala e os três caYalheiros ainda permaneciam sentados por alguns instantes à extremidade da mesa, enTuanto as criadas tiraYam os pratos e Hans Castorp IumaYa o Maria Mancini, cuMo sabor, no decorrer da terceira semana, tornara a agradecer-lhe um pouco. Cioso, atento e surpreso, mas disposto a deixar-se influenciar, o MoYem escutaYa as narratiYas do italiano, Tue lhe abriam um mundo singular e completamente noYo.

Settembrini Ialou de seu aYô, Tue Iora adYogado em Milão, mas sobretudo um grande patriota, mistura de agitador público, orador e publicista — também ele um homem de oposição, tal Tual o neto, mas Tue praticara a coisa num estilo mais eleYado, mais audacioso. Pois ao passo Tue LodoYico, como ele mesmo obserYaYa com amargura, se Yia reduzido a escarnecer a Yida e as atiYidades no Sanatório Internacional BerghoI, a castigá-las com críticas zombeteiras e a protestar contra elas em nome de uma humanidade bela e cheia de atiYidade, o aYô dera muito Tue Iazer aos goYernos, conspirando contra a Áustria

e a Santa Aliança, Tve naTuela época haYiam oprimido a sua pátria despedaçada, reduzindo-a a uma pesada serYidão. Ele Iora membro IerYoroso de certas sociedades secretas, diIundidas na Itália — um carbonário, como explicou Settembrini, abaixando de repente a Yoz, como se ainda Iosse perigoso Ialar dessas coisas. Numa palaYra, segundo os relatos do neto, esse Giuseppe Settembrini afigurou-se aos dois ouYintes como um indiYíduo sombrio, apaixonado, insurgente, um rebelde e um conMurado. Não obstante o respeito Tve os primos, por motiYos de cortesia, procuraYam sentir, não conseguiram apagar por completo nas suas Ieições uma expressão de antipatia desconfiada e até de repugnância. Verdade é Tve se trataYa de um caso especial: o Tve ouYiam passara-se numa época remota, Iazia Tuase cem anos, pertencia à história, e do ensino de história, sobretudo da antiga, eram-lhes teoricamente Iamiliares a mentalidade em apreço, o Ienômeno do apego desesperado à liberdade e do ódio inflexíYel à tirania, se bem Tve nunca esperassem entrar em contato tão direto com esse espírito. Além disso houYera, como ficaram sabendo, na natureza reYolucionária e conspiradora desse aYô, um grande amor à pátria, Tve ele deseMaYa Yer liYre e unida. Com eIeito, a sua atiYidade sediciosa Iora o Iruto e a emanção desse sentimento respeitáYel, e, por estranha

Tue parecesse a cada um dos primos essa mistura de rebeldia e patriotismo — Má Tue estaYam acostumados a identificar o espírito patriótico com um senso de ordem conserYador —, tinham de admitir, no seu íntimo, Tue sob as circunstâncias especiais daTuela época e daTuele país podia ter haYido identidade entre insurreição e deYer cíYico, de um lado, e comedimento leal e indiIerença preguiçosa Tuanto à causa pública, de outro.

Mas o aYô de Settembrini não Iora somente um patriota italiano, senão também um concidadão e um irmão em armas de todos os poYos sedentos de liberdade. Pois, após o malogro de certa tentatiYa de interYenção e golpe de Estado empreendida em Turim, e da Tual ele participara com palaYras e ações, escapando só por milagre aos esbirros do príncipe Metternich, empregara seus anos de desterro em lutar e derramar seu sangue, ora na Espanha, em prol da constituição, ora na Grécia, pela independência do poYo helênico. Ali é Tue Yiera ao mundo o pai de Settembrini — talYez por isso ele se tornara um grande humanista e adorador da Antiguidade clássica —, nascido, aliás, de uma mãe de sangue alemão, pois Giuseppe casara-se com uma rapariga suíça e a leYara consigo em todas as demais andanças. Mais tarde, depois de dez anos de exílio, pudera regressar à sua terra. Exercera em Milão a profissão de adYogado, mas absolutamente não renunciara ao direito de

concentrar a nação pela palavra falada e escrita, em versos e em prosa, à liberdade e à instauração da república unida, de esboçar, com um brio passional e imperioso, programas revolucionários, e de proclamar num estilo claro a unificação dos povos libertos em prol da felicidade universal. Um pormenor mencionado por Settembrini, o neto, impressionou sobremaneira o Moisés Hans Castorp: durante toda a sua vida, o avô Giuseppe mostrara-se aos seus compatriotas vestido de preto, alegando que usava luto pela Itália, sua pátria, que definhava na miséria e na escravidão. Ao ouvir isso, Hans Castorp voltou a fazer uma comparação que mentalmente já fizera diversas vezes: lembrou-se de seu próprio avô, que também, durante todo o tempo que o neto o conhecera, sempre usara roupas pretas, mas com um espírito totalmente diferente do que animara esse outro avô; recordou os traços íora de moda, mediante os quais a natureza genuína de Hans Lorenz Castorp, que pertencia a uma época remota, se adaptara ao presente, a título provisório e com a acentuação da antipatia que os tempos modernos lhe inspiraram, até o dia em que, no seu leito de morte, assumira solenemente a sua forma verdadeira e própria, com a goilha pregueada do tamanho de um prato. Há de haver uma profunda diferença na maneira de ser dos dois avôs. Hans Castorp refletiu sobre ela, enquanto o seu olhar se fixou no Yazio, e ele meneou a cabeça de uma forma cautelosa, o que podia

significar tanto um sinal de admiração por Giuseppe Settembrini quanto uma manifestação de surpresa e desgosto. Por outro lado, esforçou-se lealmente para não condenar o que lhe parecia estranho, procurando não ir além da comparação e do exame dos fatos. Diante dele, na sala, surgiu o rosto oblongo do velho Hans Lorenz, a inclinar-se pensativo sobre a concha redonda e levemente dourada da bacia batismal, relíquia familiar itinerante e hirta; tinha a boca arredondada, pois seus lábios formavam o prefixo alemão “Ur”, duas e quatro gerações: “bis, tri, tetra” — um som surdo e piedoso que lembrava lugares nos quais logo se começava a avançar com um passo cadenciado e reverente. E ao mesmo tempo Hans Castorp via como Giuseppe Settembrini, segurando a bandeira tricolor numa das mãos e brandindo na outra um sabre, erguia, num juramento sagrado, os olhos negros ao céu e se lançava à frente de um grupo de defensores da liberdade contra a aliança do despotismo. Ambas essas atitudes tinham, sem dúvida, sua beleza e seu valor, pensava Hans Castorp, empenhando-se em ser justo, tanto mais que, pessoalmente, ou com parte do seu ser, se sentia um pouco parcial. Pois o avô de Settembrini combatera com o fim de obter direitos políticos, ao passo que o seu próprio avô ou, pelo menos, aos antepassados dele haviam pertencido, originariamente, todos os direitos, e agora a canalha que lhes

arrancara no decorrer de Tuatro séculos, por meio da Yiolência e de chaYões... Eis Tue um e outro tinham andado Yestidos de preto, o aYô do norte e o do sul, cada Tual com o obMetiYo de interpor uma rigorosa distância entre si mesmo e o malYado presente. Mas um agira assim por piedade, em homenagem ao passado e à morte, para os Tuais pendia a sua natureza; o outro, ao contrário, por rebeldia, a fim de honrar um progresso inimigo da piedade. “Certamente, isto são dois mundos, dois pontos cardeais”, disse Hans Castorp de si para si, e, enquanto o sr. Settembrini prosseguia contando, o MoYem Yiu-se, por assim dizer, colocado entre eles, lançando olhares examinadores ora a um ora a outro. Parecia-lhe então Tue uma coisa semelhante Má lhe ocorrera antes. Recordou um solitário passeio de barca, ao crepúsculo, num lago de Holstein, passeio Tue fizera em fins de Yerão, alguns anos antes. Fora perto das sete horas; o sol Má se pusera e a lua Tuase cheia Má se eleYara, a leste, por cima das margens do lago, cobertas de arbustos. E durante dez minutos, enquanto Hans Castorp sulcaYa, remando, as águas silenciosas, reinara uma constelação perturbadora, Iantástica Tual um sonho. A oeste resplandecera, como em pleno dia, uma luz Yítrea, prosaica, decidida; mas bastara Yoltar a cabeça para deparar com uma paisagem de luar, igualmente típica, entremeada de brumas úmidas e cheia de mágico encanto. Esse contraste esTuisito durara um Tuarto de hora, pouco mais ou menos, antes de se

completar o triunfo da noite e da lua. Com um pasmo alegre, os olhos deslumbrados e confundidos de Hans Castorp haviam passado de uma iluminação e de uma paisagem à outra, do dia para a noite e da noite para o dia. E nesse instante, ao comparar os dois atos, não pôde deixar de se lembrar da tua impressão.

Fosse como Iosse — prosseguiu ele na marcha de seus pensamentos —, não podia ser o advogado Settembrini se houvesse tornado um grande jurisconsulto ao ler uma vida dessas, e em face de tão vastas atividades. Mas, segundo as afirmações plausíveis de seu neto, fora o princípio geral da Justiça o que o animara desde a infância até o fim da vida. Hans Castorp, embora não tivesse nesse momento particular a cabeça sobremodo lúcida, e sentisse o seu organismo ocupado com a digestão dos seis pratos de uma refeição do Berghof, procurou compreender o que Settembrini queria dizer ao chamar esse princípio de “fonte da liberdade e do progresso”. Esta última palavra significara para Hans Castorp, até então, qualquer coisa parecida com o desenvolvimento dos guindastes no decorrer do século XIX. Agora verificava que o sr. Settembrini não desprezava essas coisas, seguindo nesse ponto, evidentemente, o exemplo do ato. O italiano rendia à pátria dos seus dois parentes uma grande homenagem, por terem sido inventados ali a pólvora, que reduzira a ferro-yelmo as armaduras do feudalismo, e o prelo, que possibilitara a impressão

democrática das ideias, Tuer dizer: a diIusão das ideias democráticas. Quanto a isso, elogiaYa a Alemanha, e também pelo Tue se reIeria ao passado dela, se bem Tue lhe parecesse de Mustiça conceder a palma a seu próprio país, uma Yez Tue este Iora o primeiro a desIraldar a bandeira do esclarecimento, da cultura e da liberdade, enTuanto os demais poYos ainda YegetaYam presos na superstição e na serYidão. Porém, se Settembrini trataYa a técnica e o tráIego — o campo de trabalho propriamente dito de Hans Castorp — com tanta reYerência como Má demonstrara por ocasião do primeiro encontro com os primos, Munto ao banco na encosta da montanha, aparentemente não o Iazia por amor a essas Iorças, senão por causa da importância Tue elas tinham para o aperIeiçoamento moral dos homens, e Tue ele constataYa com satisIação. A técnica — expôs Settembrini — subMugaYa cada Yez mais a natureza, pelas comunicações Tue criaYa, pelas redes de estradas e telégraIos Tue construía, e pelas Yitórias Tue conTuistaYa sobre as diIerenças de clima; dessa Iorma apresentaYa-se como o meio mais seguro para aproximar os poYos, para IaYorecer o contato entre eles, para leYá-los a acordos humanos, para destruir os preconceitos existentes, e, finalmente, para estabelecer a união uniYersal. A raça humana tinha a sua origem na escuridão, no medo e no ódio, mas aYançaYa e subia por um caminho brilhante, rumo a um estado

terminal de simpatia, luminosidade íntima, bondade e
Ielicidade. O Yeículo mais apropriado para transpor esse
caminho era a técnica, declarou Settembrini. Mas, ao Ialar
assim, associaYa, num abrir e Iechar de olhos, categorias Tue
Hans Castorp até então imaginara separadas por um largo
abismo. “Técnica e moral”, disse o italiano, e a seguir entrou
mesmo a Ialar do SaYador cristão, Tue Iora o primeiro a reYelar
o princípio da igualdade e da união; depois, o prelo Yiera
IaYorecer poderosamente a diYulgação desse princípio, e, por
fim, a grande ReYolução Francesa fizera dele uma lei. Por
razões pouco definíYeis, mas muito reais, isso parecia sumamente
conIuso ao MoYem Hans Castorp, se bem Tue o sr. Settembrini o
Iormulasse em palaYras tão claras e tão belas. Uma Yez —
contou o italiano —, uma única Yez na Yida, ao começo da sua
maturidade, o aYô sentira-se plenamente Ieliz: Ioi ao receber
a notícia da ReYolução de Julho em Paris. Em altos
brados e publicamente proclamara então Tue todos os homens,
um dia, eTuiparariam aTueles três dias de Paris aos seis dias da
criação. Nesse instante, Hans Castorp não pôde eYitar bater com
o punho na mesa e experimentar uma surpresa extraordinária.
AchaYa um pouco Iorte colocar os três dias de Yerão do ano
1830, durante os Tuais os parisienses haYiam dado a si próprios
uma noYa constituição, ao lado dos seis dias no decorrer dos
Tuais Deus, Nosso Senhor, separara a terra firme da água e criara
as luzes eternas do

firmamento, bem como as flores, as árvores, as aves, os peixes e tudo quanto há; e ainda mais tarde, ao conversar a sós com seu primo Joachim, disse expressamente que essa afirmação lhe parecia muito forte e até mesmo chocante.

Mas estava disposto a deixar-se influenciar, no sentido do provérbio segundo o qual era agradável experimentar, e assim ele retirou o protesto de sua piedade e seu bom gosto contra a concepção setembriniana das coisas, ponderando que a título de se lhe afigurava blasfêmia podia ser qualificado de ousadia, e que as aparentes banalidades talvez tivessem sido manifestações de generosidade e nobre entusiasmo, pelo menos naquele país e naquela época, como, por exemplo, quando o rei de Setembrini chamara as barricadas “o trono do povo” e declarara que cumpria “consagrar a lança do cidadão sobre o altar da humanidade”.

Hans Castorp sabia por que escutava os discursos do sr. Setembrini; não fosse capaz de explicar os motivos com clareza, mas sabia-os. Havia algo como senso de dever, além daquela irresponsabilidade própria ao viajante e visitante em terras estrangeiras, que não se deixa a impressão alguma e bem deixa as coisas se aproximarem, mas ciente de que amanhã ou depois abrirá as asas e voltará à ordem habitual: era, enfim, um preceito da consciência moral (e para ser exato, o preceito e exortação de uma consciência pesada) que induzia Hans

Castorp a ouYir o italiano, prestando-lhe atenção, de pernas cruzadas e a Iumar seu Maria Mancini, ou então Tuando, em três, subiam caminhando do bairro inglês em direção ao BerghoI.

Segundo as digressões de Settembrini, dois princípios disputaYam o mundo entre si: a Iorça e o direito, a tirania e a liberdade, a superstição e a ciência, o princípio da estagnação e o do moYimento eIerYescente, do progresso. Podia-se chamar a um o princípio asiático e ao outro, o europeu, Yisto ser a Europa a terra da rebelião, da crítica e

da atiYidade transIormadora, ao passo Tue o continente oriental encarnaYa a imobilidade, o repouso inerte. Não existia a menor dúYida Tuanto à Tuestão de saber Tual das duas Iorças terminaria por triunIar; só poderia ser a da luz, a do aperIeiçoamento guiado pela razão. Pois a humanidade arrastaYa mais e mais poYos pelo seu caminho brilhante; ganhaYa cada Yez mais terreno na própria Europa e estaYa a ponto de penetrar na Ásia. No entanto, IaltaYa ainda muito para Tue a sua Yitória Iosse completa, e grandes, magnânimos esIorços eram exigidos dos homens de boa Yontade, dos Tue haYiam recebido a luz, até Tue raiasse o dia em Tue desmoronassem as monarTuias e as religiões também naTueles países Tue na Yerdade nunca tinham gozado o seu século XVIII nem seu ano de 1789. Mas esse dia haYeria de chegar, dizia Settembrini,

esboçando um fino sorriso sob a curva do bigode. Se não pelos pés das pombas, sobre as asas das águias. Ele nasceria como a aurora da fraternização geral dos povos sob o signo da razão, da ciência e do direito; acarretaria a santa aliança da democracia dos cidadãos, em esplêndido contraste com a trêves aliança dos príncipes e gabinetes, de quem o velho Giuseppe Iora inimigo mortal — acarretaria, numa palavra, a República Universal. Mas, para alcançar esse objetivo final era necessário, antes de mais nada, derrotar o princípio asiático, o princípio selvagem da inércia, no centro e no núcleo vital da sua resistência, que era Viena. Tratava-se de golpear a Áustria na cabeça, e de destruí-la, primeiro para tirar dela de seus atos passados, e depois para pôr a caminho o reino da Justiça e da Felicidade sobre a Terra.

Esse, último rumo e essa conclusão das altissonantes Maculações de Settembrini deixaram de interessar a Hans Castorp. Causaram-lhe desagrado e até o chocaram, por quem via neles a expressão de um rancor pessoal ou nacional, cada vez que se repetiam. No que toca a Joachim Ziemssen — quando ele ouvia o italiano discorrer dessa forma, voltava mesmo a cabeça, de cenho carregado, e cessa de escutar; às vezes também dizia que estava na hora do repouso ou tentava mudar de assunto. Hans Castorp tampouco se sentia obrigado a prestar atenção a ideias tão

extraYagantes, Tue eYidentemente ultrapassaYam os limites das influências Tue a Yoz da sua consciência lhe aconselhaYa admitir a título de experiência; e essa Yoz era tão Iorte, cabe destacar, Tue, sempre Tue o sr. Settembrini ia sentar-se à mesa dos primos ou os acompanhaYa durante um passeio, o próprio Hans Castorp se punha a pedir-lhe Tue lhe explanasse suas ideias.

Essas ideias, ideais e aspirações, obserYou Settembrini, Iaziam parte das tradições da sua Iamília. Pois todos os três lhe haYiam consagrado a Yida e as Iorças do espírito: o aYô, o pai e o neto, cada Tual à sua maneira, o pai não menos Tue o aYô, se bem Tue não tiYesse sido, como este, um agitador político e um paladino da liberdade, senão um sábio Tuieto e delicado, um humanista Tue YiYia amarrado à sua escriYaninha. Mas, Tue era afinal o humanismo? Era o amor aos homens, nada mais, nada menos, e por isso mesmo implicaYa também a política, a insurreição contra tudo Tuanto mancha e desonra a dignidade humana. HaYiam censurado ao humanismo o apreço exagerado da Iorma; mas ele cultiYara a bela Iorma unicamente por amor à dignidade humana, em esplêndida oposição à Idade Média, Tue YiYia não só entregue à misantropia e à superstição, como também enIeada por uma ignominiosa Ialta de Iorma. Desde seus inícios, o humanismo deIendera a causa do ser humano, os interesses terrenos, a liberdade do pensamento e o prazer de YiYer, opinando Tue o céu, por motiYos de eTuidade,

pertencia aos pardais. Prometeu! Este teria sido o primeiro humanista, e idêntico ao Satanás a Tue Carducci dedicou seu hino... Oh, meu Deus, pudessem os primos ter escutado como, em Bolonha, o Yelho inimigo da IgreMa maldisse e zombou da sensibilidade cristã dos românticos! E dos hinos sacros de Manzoni! Da poesia de sombras e luas do “Romanticismo”, Tue comparou à

“Luna, pálida monMa celeste!”. Per Bacco, Tue prazer sublime, escutar esse homem! E pudessem também ter ouYido Carducci interpretando Dante: celebrara-o como cidadão de uma metrópole, Tue deIendia, contra a ascese e a negação do mundo, a Iorça atiYa Tue reYolucionaYa e melhoraYa o mundo. Ora YeMam, não era a sombra enIermiça e mística de Beatriz a Tuem o poeta honraYa sob o nome de “Donna gentile e pietosa”; ao contrário, designaYa assim a própria esposa, Tue no poema representaYa o princípio do conhecimento das coisas deste mundo e da atiYidade prática na Yida...

Dessa maneira, Hans Castorp aprendia isso e aTuilo sobre Dante, e da melhor das Iontes. Não se fiaYa irrestritamente nesses seus noYos conhecimentos, dado o espírito estouYado de Tuem lhe serYia de intermediário. Mesmo assim, Yalia a pena saber Tue Dante Iora um cidadão de uma metrópole e tiYera um espírito YiYaz. E a seguir, Hans Castorp prestaYa atenção ao Tue

Settembrini conta de si próprio. O italiano declara que no neto Lodoico, isto é, em sua pessoa, se haviam combinado as tendências dos seus ascendentes imediatos: a cívica, do avô, e a humanística, do pai. Assim ele se tomara um literato, um escritor livre. Pois a literatura não era outra coisa senão isto: a associação de humanismo e política, associação que se realizava como a maior naturalidade, isto é o próprio humanismo ser política, e a política, humanismo... A essa altura das explicações, Hans Castorp escuta com grande atenção, esforçando-se por compreender tudo direitinho; pois esperava aprender finalmente em Tue consistia a crassa ignorância do velho Meiro Magnus e ficar sabendo por Tue a literatura era outra coisa que não “belos caracteres”. Settembrini perguntou se os primos Má tinham ouvido falar do sr. Brunetto, de Brunetto Latini, escritor municipal de Florença por volta de 1250 e autor de um livro sobre as virtudes e os vícios. Esse mestre fora o primeiro a esmerilar a cultura dos florentinos e a ensinar-lhes a oratória bem

como a arte de dirigir sua república conforme as regras da política.

— Aí está, meus senhores! — exclamou Settembrini. — Aí está! — E passou a falar da “palavra”, do culto da palavra, da eloquência, que qualificou de humanidade. Pois o verbo era a honra dos homens, e só ele tornava a vida digna de seres humanos. Não

somente o humanismo, mas também a humanidade em geral, toda a dignidade humana, todo o respeito pelos homens e toda a estima que eles sentiam de si próprios eram inseparáveis do Verbo, e, por conseguinte, da literatura... (“Está lendo?”, disse Hans Castorp mais tarde ao primo. “Está lendo você na literatura o que importa são as belas palavras? Eu logo percebi...”) De tal forma que também a política se achava ligada à literatura, ou melhor: tinha sua origem na aliança, na fusão de humanidade e literatura, mas que a bela palavra gera a bela ação.

— Faz dois séculos — disse Settembrini —, havia no país dos senhores um velho poeta, um homem de grande eloquência, que atribuía suma importância à beleza da caligrafia, portanto, segundo a sua opinião, esta conduzia à beleza do estilo. Deveria ter ido um pouco mais longe e dizer que um belo estilo conduz a belas ações.

Pois escrever bem mas seria pensar bem, e daí a agir bem não haveria muita distância. Toda moralidade e todo aperfeiçoamento moral derivariam, enfim, do espírito da literatura, desse fundamento humano que corresponderia concomitantemente ao espírito da humanidade e da política. Sim, tudo isso seria uno e indivisível, uma e mesma força e uma e mesma ideia, e poderia ser resumido num único termo. Qual seria esse termo? Ora, ele se compunha de sílabas familiares cujo significado e cuja maestria os primos sem dúvida jamais

háyeriam compreendido até então. Seu nome era: civilização!
E, ao pronunciar essa palavra, Settembrini ergueu a amarelada
mãozinha direita como tuem Iaz um brinde.

O MoYem Hans Castorp achaYa tudo isso digno de atenção;
sem compromisso e a título de experiência apenas, mas digno de
atenção, sim; e Ioi nesse sentido Tue Ialou com Joachim
Ziemssen, o Tual, porém, por estar com o termômetro na
boca, não pôde responder senão indistintamente, e a seguir se
mostrou por demais ocupado em deciIrar os graus e inscreYê-los
na papeleta, para Tue pudesse Iormular uma opinião acerca
dos pontos de Yista de Settembrini. Hans Castorp, porém,
inteiraYa-se dessas opiniões cheio de boa Yontade e abria-lhes o
seu íntimo, a fim de estudá-las; o Tue deixa Yer Tuanta
Yantagem leYa o homem acordado sobre o homem
Tue dorme estupidamente — pois em sonhos Má acontecera
diYersas Yezes a Hans Castorp tratar o sr. Settembrini de tocador
de realeMo, à Tueima-roupa, e tentar empurrá-lo com toda a
Iorça, porTue “era demais ali”. Como homem acordado, porém,
ouYia-o atenta e cortesmente e esIorçaYa-se com muita
imparcialidade por suaYizar e diminuir a oposição Tue nele
deseMaYa leYantar-se contra as ideias e as exposições do seu
mentor. Não se pode negar Tue certa oposição se moYia em sua
alma: ela se baseaYa em antigas resistências Tue sempre háYiam
se maniIestado ali, e também em outras, resultantes da

situação presente, das experiências ora indiretas ora tácitas. Tu Hans Castorp Iazia com esta gente aTui em cima.

Que é o homem, e com Tuanta Iacilidade se engana a sua consciência! Quão perito ele é na arte de perceber na própria Yoz do deYer a licença para se entregar à paixão! Era por um senso de deYer, por eTuidade, pela necessidade de um contrapeso. Tu Hans Castorp escutaYa os discursos do sr. Settembrini, examinando com muita complacência as considerações dele sobre a razão, a república e a beleza do estilo, e dispondo-se a deixar-se influenciar por elas. Tanto mais lícito lhe parecia depois dar liYre curso aos seus pensamentos e sonhos, a fim de rumarem em uma direção diIerente e até oposta — e, para Iormularmos desde Má o resultado total do Tu suspeitamos ou adiYinhamos, seMa

dito Tu escutaYa o sr. Settembrini com a finalidade exclusiYa de obter da sua consciência plenos poderes. Tu esta primitiYamente não lhe Tuisera outorgar. Mas, Tu ou Tuem é Tu se encontraYa do lado oposto ao patriotismo, à dignidade humana e às belas-letras, para onde Hans Castorp pensaYa ter reconTuistado o direito de dirigir seus pensamentos e seus atos? Ora, ali se achaYa ClaZdia Chauchat, indolente, carcomida, com seus olhos de Tuirguiz; e, enTuanto Hans Castorp refletia sobre ela (a palaYra “refletir” é, aliás, muito mansa para expressar o modo como, no seu íntimo, ele se ocupaYa com ela), era

noYamente como se andasse de barca por aTuele lago de Holstein
e dirigisse os olhos deslumbrados e conIundidos pela
luminosidade Yítrea da margem ocidental para a noite de luar,
entremeada de brumas, dos céus do Oriente.

O TERMÔMETRO

A semana de Hans Castorp ia de terça-Feira a terça-Feira, Yisto ele ter chegado numa terça. Já Iazia alguns dias Tue liTuidara a conta da segunda semana — com a importância modesta de uns cento e sessenta Irancos, razoáYel e Mustificada segundo a sua própria opinião, mesmo Tue deixassem de ser consideradas as Yantagens impagáYeis da estada ali, Mustamente por ser impossíYel pagar por elas, bem como certos suplementos Tue poderiam ter sido Iaturados, se assim o Tuissem, como, por exemplo, o concerto bimensal e as conIerências do dr. KrokoZski. O total de cento e sessenta Irancos reIeria-se exclusiYamente à pensão propriamente dita, àTuilo Tue o hotel oIerecia como tal, a hospedagem conIortáYel e as cinco reIeições reIorçadíssimas.

— Não é caro, não; é até barato, e Yocê não pode se Tueixar de ser explorado aTui em cima — disse o Yisitante ao morador antigo. — Você gasta, em média, uns seiscentos e cinTuenta Irancos por mês com o Tuarto e a comida, e nisso Má está incluído o tratamento médico. Pois bem. Admitamos Tue Yocê pague ainda uns trinta Irancos por mês em gorMetas, porTue Tuer mostrar-se generoso e Iaz Tuestão de Yer em toda parte caras sorridentes. Temos então seiscentos e oitenta Irancos. Você Yai me dizer Tue existem ainda extras e despesas

por Iora. Vai-se algum dinheiro para bebidas, para cosméticos e charutos; de Yez em Tuando se Iaz uma excursão, um passeio de carro, e um dia Yem a conta do alIaiate ou do sapateiro. Está bem assim, e com tudo isso Yocê não consegue, nem Tuerendo, ir além de mil Irancos por mês! Não são seTuer oitocentos marcos! O total não chega a dez mil marcos por ano. Disso não passa, de modo algum. É com isso Tue se YiYe.

— Nota dez em cálculo mental — disse Joachim. — Eu nem sabia Tue Yocê era tão hábil nisso. E acho mesmo generoso

da sua parte Iazer logo a conta do ano inteiro. Mas Yocê exagerou a despesa. Não Iumo charutos e espero não chegar à situação de ter Tue mandar Iazer ternos noYos aTui; não, senhor!

— Bem, então é ainda menos — disse Hans Castorp um tanto conIuso. Mas, Iossem Tuais Iossem os motiYos Tue o haYiam induzido a incluir na conta do primo charutos e roupas noYas, a rapidez do seu cálculo mental não passaYa de uma ilusão, e Joachim se enganara a respeito dos dons naturais do primo. Pois, nesse terreno como em todos os outros, Hans Castorp era antes lerdo e pouco inspirado. No caso em apreço, não se trataYa de uma improYisação, realizada com tamanha Iacilidade, senão do produto de um trabalho preparado por escrito: uma noite, durante o repouso (pois também ele acabara por deitar-se depois do Mantar, Má Tue todo

mundo o Iazia), leYantara-se especialmente da sua magnífica espreguiçadeira, e, obedecendo a um súbito impulso, Iora ao Tuarto buscar papel e um lápis para calcular. Dessa Iorma Yerificara Tue seu primo, ou melhor, Tue um pensionista TualTuer do sanatório, precisaYa, tudo incluído, de uns doze mil Irancos por ano, e conYencera-se, assim, por brincadeira, de Tue ele próprio estaYa financeiramente mais do Tue à altura das despesas exigidas aTui em cima, uma Yez Tue podia considerar-se um homem com renda de dezoito e dezenoYe mil Irancos por ano.

Sua segunda conta semanal Iora, portanto, liTuidada haYia três dias, e ele recebera o deYido recibo e agradecimento. SignificaYa isso Tue Hans Castorp alcançara a metade da terceira e, segundo os seus planos, da última semana da sua estada. No domingo próximo assistiria a mais um dos concertos Tuinzenais; na segunda-Ieira escutaria outras das conIerências igualmente bimensais do dr. KrokoZski — assim disse de si para si e também o declarou a Joachim. Mas, na terça ou Tuarta-Ieira, partiria e deixaria o primo sozinho, o pobre Joachim, a cuMa pena Radamanto Yoltara a

acrescentar sabe Deus Tuantos meses, e cuMos olhos meigos e negros se cobriam de um Yéu melancólico cada Yez Tue se IalaYa da partida iminente de Hans Castorp. Cruzes! Como tinham corrido essas Iérias! HaYiam Yoado, Iugido, eYaporado

— não se podia dizer como. Eram, afinal de contas, Yinte e um dias Tue os dois primos deYiam passar em companhia um do outro, uma longa série cuMo fim, no início, parecia muito distante. E agora, de repente, não sobraYam mais Tue três ou Tuatro míseros dias, um resto insignificante, Tue, na Yerdade, se tornaYa um pouco mais importante pelas duas Yariantes periódicas do programa habitual, mas sobre o Tual Má pesaYa o pressentimento da arrumação das malas e da despedida. Três semanas não representaYam Tuase nada ali em cima — todos o haYiam preYenido desse Iato. ATui em cima, a menor unidade de tempo era o mês — dissera Settembrini, e, como a estada de Hans Castorp no BerghoI não chegasse a tanto, era uma permanência de nada; não passaYa de uma Yisita de médico, como a Tualificara o dr. Behrens. TalYez Iosse deYido ao aumento da combustão geral Tue aTui o tempo corresse tão Yertiginosamente? Ao menos essa agitação Yital podia serYir de consolo a Joachim, Tuando ele pensaYa nos cinco meses Tue tinha à sua Irente, contando Tue não houYesse mais do Tue isso. Mas durante essas três semanas deYeriam ter prestado maior atenção ao curso do tempo, assim como se Iazia ao tomar-se a temperatura, Tuando os sete minutos regulamentares se conYertiam num lapso de tempo consideráYel... Hans Castorp sentia sincera compaixão pelo primo, em cuMos olhos se podia ler a mágoa de perder em breYe o companheiro; experimentaYa de Iato a mais YiYa compaixão, pensando em Tue o coitado

permaneceria sem ele dali por diante, ao passo que ele mesmo YiYeria na planície, a serYiço das técnicas de mobilidade destinadas a unir as nações: era uma compaixão tão ardente que em certos momentos lhe doía o peito, e tão YiYa que ele às vezes duYidaYa de que teria a coragem de

deixar Joachim sozinho aTui em cima. E Mustamente por ser esse sentimento tão ardente, Hans Castorp eYitaYa o mais possíYel Ialar da sua partida. Era Joachim quem de vez em quando dirigia a conversa para esse assunto, pois, como dissemos, até o último instante, por tato e delicadeza naturais, Hans Castorp pareceu não querer pensar nisso.

— Tomara — disse Joachim — que você ao menos tenha descansado aTui conosco, e que quando descer se sinta renovado.

— Sim, vou dar lembranças a todo mundo — respondeu Hans Castorp — e dizer que você voltará daqui a cinco meses, o mais tardar. Você disse “descansado”? Se eu descansei bem nestes poucos dias? Acho que sim. Creio que mesmo um tempo tão curto deYe fazer bem à gente. É verdade que as impressões que recebi aqui foram muito inusitadas, inusitadas sob todos os pontos de vista, e assim lhes deu grande número de ideias novas; mas também foram fatigantes, tanto para o corpo como para o espírito. Não me parece que já digeri tudo isso e que me aclimatei, o que seria a condição primeira de todo

descanso. O Maria, graças a Deus, Yoltou a ter o mesmo sabor de antes. Faz alguns dias Tue gosto dele noYamente. Mas ainda acontece às Yezes, Tuando me assoo, Tue meu lenço se tinMa de Yermelho, e este maldito ardor do rosto Munto com aTuelas absurdas palpitações não me abandonarão, ao Tue penso, até o fim da minha estada. Não, não se pode Ialar, no meu caso, de aclimatação. E nem é possíYel com tão pouco tempo! Seria preciso uma permanência mais longa para a gente se adaptar e assimilar as impressões noYas, antes Tue se possa começar com o descanso e o tal acúmulo de proteínas. É uma lástima. Digo “lástima”, porTue certamente Ioi um erro da minha parte não ter reserYado mais tempo para esta Yíagem — teria sido Iácil consegui-lo. Assim me parece Tue lá em casa, na planície, terei antes de mais nada Tue descansar deste descanso. Vou dormir três semanas a fio, de tão esgotado Tue estou. E inIelizmente

tenho ainda este catarro...

Com eIeito, Hans Castorp parecia Iadado a regressar à planície com um resIriado de primeira classe. Constipara-se, proYaYelmente durante o repouso, e, para Iazer uma segunda conMetura, proYaYelmente durante o repouso noturno, do Tual ele participaYa haYia uma semana, apesar do tempo Irio e úmido, Tue não daYa mostras de melhorar antes da sua partida. Mas ficara sabendo Tue esse tempo não era considerado mau, o

conceito de mau tempo não se sustinha ali em cima; não se temia tempo algum; mal se preocupavam com a sua qualidade; e com a docilidade elástica peculiar à MuYentude, com toda a sua facilidade de adaptação às ideias e aos hábitos do ambiente ao qual se achavam transferido, Hans Castorp pusera-se a imitar essa indiferença. Quando chegava a cântaros, não se deixava pensar que por isso o ar fosse menos seco. E não parecia sê-lo mesmo, pois a gente continua a ter a cabeça em brasa, a qual se achasse numa peça superaquecida ou houvesse tomado muito vinho. No que se refere ao frio, que era forte, teria sido insensato refugiarse no quarto para escapar dele. Entretanto não se deitou, não se acendia a calefinação central, e sentar-se no quarto não era mais confortável que ficar deitado no compartimento da sacada, agasalhado com um sobretudo de inverno e enrolado, conforme as regras, em dois bons cobertores de pelo de camelo. Bem ao contrário, essa última posição era infinitamente mais cômoda; era, nem mais nem menos, a posição mais prazenteira que Hans Castorp se recordava já ter experimentado — opinião que não mudaria pelo fato de um literato e carbonário a qualificar, com uma segunda intenção e tuiyoca e maliciosa, de posição “horizontal”. Ela lhe agradava muito, principalmente à noite, quando a lampadazinha acesa luzia na mesinha a seu lado, e Hans Castorp, bem embrulhado nos cobertores cálidos, tendo entre os dentes o Maria Mancini, de sabor reencontrado,

entregava-se ao gozo das Yantagens dificilmente definiáveis. Tu
oIerecia esse tipo de
cadeira; gozava-as, embora com a ponta do nariz gelada e as
mãos Tu seguraVam um liYro — ainda o Ocean Steamships
— rígidas e aYermelhadas pelo Irio, olhando atraYés dos arcos
da loggia para o Yale cada Yez mais escuro, com as luzes ora
dispersas ora aglomeradas, e escutando a música Tu dali Yinha
Tuase todas as noites durante uma hora, sons
agradaYelmente abaIados, Iamiliares e melódiosos: eram
Iragmentos de óperas, trechos de Carmen, do Troubadour ou
do Freischütz, Yalsas bem-estruturadas e ligeiras, marchas Tu
Iaziam Tu a gente marcasse o ritmo com a cabeça, e alegres
mazurcas. Mazurca? Marússia era como ela se chamaYa, a
mocinha com o peTueno rubi, e no compartimento Yizinho,
atrás da espessa parede de Yidro opaco, Mazia Joachim — de
Yez em Tuando, Hans Castorp trocaYa com ele algumas palaYras
em Yoz baixa, procurando não incomodar os outros “horizontais”.
No seu compartimento, Joachim achaYa-se tão bem instalado
Tuanto Hans Castorp, se bem Tu não entendesse de música e
não soubesse achar prazer nos concertos noturnos. Tanto pior
para ele, Tu em Yez disse proYaYelmente lia sua gramática
russa. Hans Castorp, porém, deixaYa o Ocean Steamships
descansar sobre o cobertor e saboreaYa com sincera simpatia
os sons da música, sondando completamente a proIundeza

translúcida do seu leite e encontrando tão Iranco deleite em determinada inYenção musical cheia de caráter e de graça, Tue só com hostilidade recordaYa as coisas Tue Settembrini dissera a respeito da música, considerações irritantes, no sentido de Tue ela fosse politicamente suspeita e de Tue realmente não Yalasse mais Tue o dito do aYô Giuseppe sobre a ReYolução de Julho e os seis dias do Gênesis...

Assim, Joachim não participaYa do gozo musical, e ignoraYa também a distração aromática do tabaco; no mais, permanecia em seu compartimento, igualmente agasalhado, estendido num abrigo pacato. Terminara o dia, por ora terminara tudo, e podia-se estar seguro de Tue nada

mais aconteceria, Má não haYeria emoções, não se exigiria do músculo cardíaco TualTuer outro esIorço. Mas também se estaYa seguro de Tue amanhã, com toda a probabilidade, tudo Tue acarretaYa essa existência monótona, garantida e regular Yoltaria a ser caso e recomeçaria desde o princípio; essa dupla segurança e aconchego era algo muito reconIortante, e unido à música e ao sabor reencontrado do Maria Iazia Tue o repouso da noite representasse para Hans Castorp uma condição de Yida Yerdadeiramente Ieliz.

Mas tudo isso não impedira Tue o Yvisitante e dócil noYiço pegasse um belo resIriado durante o repouso (ou em outra ocasião TualTuer e de TualTuer outro modo). Uma

constipação intensa aYançaYa, instalada na caYidade Irontal e tratando de comprimi-la; a úYula estaYa irritada e dolorida; o ar não passaYa normalmente pelo canal destinado pela natureza a esse fim, mas atraYessaYa-o Irio, com dificuldade, proYocando incessantes acessos de tosse. A Yoz de Hans Castorp adTuirira de um dia para outro a tonalidade de um contrabaixo surdo, como Tue macerado por bebidas Iortes. Segundo ele dizia, não pregara olho durante a noite, porTue uma segura suIocante da garganta o sobressaltara de Tuando em Tuando.

— Bem desagradáYel tudo isso — disse Joachim — e Tuase escandaloso. É bom Tue Yocê saiba, aTui em cima os resIriados não são reçus, o Tue se Iaz é negar sua existência; oficialmente é impossíYel Tue eles ocorram, com esse ar seco, e um paciente Tue recorresse ao Behrens com um resIriado seria muito mal recebido. Mas com Yocê o caso é diIerente, afinal Yocê tem direito a algo assim. Seria bom se conseguíssemos cortar a gripe. Lá na planície há métodos de Iazê-lo, mas aTui... Não acho Tue o seu caso Yá despertar interesse o bastante. E preIeríYel não adoecer aTui, porTue ninguém se preocupa com isso. É uma Yelha regra Tue Yocê acaba aprendendo pouco antes de partir. Quando cheguei aTui, haYia uma senhora Tue durante uma semana a fio tapou a orelha com a mão e gemeu de dor.

Finalmente, o Behrens Ioi examiná-la. “A senhora pode ficar totalmente tranTuila”, disse ele, “isso não Yem da tuberculose.” E ficou por isso mesmo. É, teremos Tue Yer como dar um Meito. Amanhã Ialarei com o balneador, Tuando ele Yier ao meu Tuarto ministrar o tratamento. Com ele começa a Yia hierárTuica, e dali o caso passará pelos canais regulamentares; talYez acabem Iazendo algo por Yocê.

Assim Ialou Joachim; e a Yia burocrática logo se mostrou eficaz. Na sexta-Ieira, Tuando Hans Castorp regressou do passeio matinal, bateram na sua porta, e daí resultou uma oportunidade para traYar conhecimento pessoal com a enIermeira-cheIe, srta. Von Mylendonk, ou a “sra. Superiora”, como a chamaYam. Até então, ele enxergara apenas de longe essa personagem aparentemente muito ocupada, como ela saíra de um Tuarto e atraYessara o corredor para entrar em outro, do lado oposto; ou ouYira-lhe a Yoz coaxante, durante uma das suas rápidas passagens pela sala de reIeições. Desta Yez, porém, a Yisita destinaYa-se a ele próprio. Atraída por sua gripe, ela bateu com os dedos ossudos e Irenéticos à porta do aposento e então transpôs o limiar mesmo antes de ele dizer “Entre”, detendo-se apenas por um instante, para curYar-se para trás e certificar-se do número do Tuarto.

— Trinta e Tuatro — coaxou sem abaIar a Yoz. — Está certo. Meu rapaz, on me dit Tue Yous aYez pris Iroid. I hear you haYe

caught a cold. Wy, kaschetsMa, prostudilisM, ouYi dizer Tue está resIriado. Em Tue língua deYo Ialar com o senhor? Ah, Má YeMo Tue é alemão. Pois é, a Yisita do MoYem Ziemssen, Má sei. Estão esperando por mim na sala de operações, por causa de um indiYíduo Tue será anestesiado e acaba de comer salada de IeiMão. Quando a gente não tem os olhos em toda parte... Então, meu rapaz, acha mesmo Tue se resIriou aTui?

Hans Castorp ficou perplexo ante esse linguaMar de uma senhora da alta aristocracia. EnTuanto ela IalaYa, parecia passar por cima das suas próprias palaYras, Yoltando a cabeça de cá para lá, num moYimento irreTuieto, circular, e erguendo o nariz como para IareMar, assim como Iazem as Ieras na Maula. A mão direita sardenta, leYemente cerrada, com o polegar leYantado, bamboleaYa no punho, como para dizer: “Depressa, depressa! Não escute o Tue eu digo! Fale, afinal, para Tue eu possa sair”. Era uma Tuarentona de estatura reduzida, sem Iormas atraentes, Yestida de Maleco de hospital, branco e cinturado, e trazia sobre o peito uma cruz adornada de granadas. Sob a touca de enIermeira apareciam uns escassos cabelos arruiYados; seus olhos inTuietos, de um azul aTuoso, estaYam inflamados, sendo Tue em um deles, como se não bastasse, haYia ainda um terçol adiantado; seu nariz era arrebitado, e a boca, como a de um sapo, tinha o lábio inIerior aYançado obliTuamente, Tue ela, ao Ialar, moYia como uma pá.

Não obstante, Hans Castorp contemplou a srta. Von Mylendonk com toda a aIabilidade, indulgência e confiança singela, Tue lhe eram peculiares.

— Que tipo de resIriado é esse, hein? — Yoltou a perguntar a Superiora, esIorçando-se por dar a seus olhos uma insistência penetrante, o Tue no entanto não conseguiu, porTue seu olhar logo se desYiaYa. — Não gostamos de resIriados. ResIria-se com IreTuência? Seu primo também se resIria a cada instante, não é? Que idade tem o senhor? Vinte e Tuatro? Idadezinha perigosa... Vem até aTui e Má se resIria? Num caso desses não conYém Ialar de resIriado, meu ilustre rapaz. Isso é lero-lero lá de baixo. — (A palaYra “lero-lero” soaYa horrorosa e extraYagante na sua boca, proIerida com aTuele moYimento de pá do lábio inIerior.) — O senhor tem um belíssimo catarro das Yias respiratórias; isso não se discute, basta Yer os seus olhos. — (E de noYo ela Iez a estranha tentatiYa de encará-lo com um olhar penetrante, sem Tue dessa Yez tiYesse melhor êxito.) — Mas catarros não Yêm do Irio. Eles Yêm é de uma inIecção para a Tual se está predisposto. Agora resta apenas saber se se trata ou não de uma inIecção inoIensiYa. Todo o resto é lero-lero. — (Mais uma Yez o repugnante “lero-lero”!) — É bem possíYel Tue no seu caso a predisposição tenha caráter inócuo — acrescentou, fitando-o de um modo inexplicáYel com o terçol adiantado. — ATui tenho um simples antisséptico, pode ser

Tue lhe Iaça bem. — Com isso tirou da bolsa de couro negro Tue lhe pendia do cinturão um peTueno embrulho e o colocou na mesa. Era Formaminto. — Mas o senhor me parece corado, como se tiYesse Iebre. — Ela não paraYa de fitá-lo, com um olhar Tue sempre se aIastaYa do seu aYo. — Já tomou a temperatura?

Hans Castorp disse Tue não.

— Por Tue não? — perguntou, e o lábio inIerior, obliTuamente protuberante, permaneceu suspenso na mesma posição...

Ele não respondeu. O bom rapaz ainda era muito MoYem e conserYara o hábito do silêncio, próprio dos colegiais Tue se plantam na carteira, nada sabem e por isso se calam.

— O senhor não toma nunca a sua temperatura?

— Tomo, sra. Superiora; Tuando estou com Iebre, tomo.

— Olhe, meu rapaz, a gente toma a temperatura Mustamente para Yer se tem ou não tem Iebre. E segundo a sua opinião não está com Iebre neste momento?

— Não sei, sra. Superiora. Não tenho certeza. Desde Tue cheguei aTui sinto calor e Irio ao mesmo tempo.

— Hum! E onde está o seu termômetro?

— Não trouxe nenhum comigo, sra. Superiora. Para Tuê? Vim até aTui apenas de Yisita. Estou bem de saúde.

— Lero-lero! O senhor me mandou chamar porTue está bem de saúde?

— Não, senhora — riu-se, com educação. — Mas porTue estou um pouco...

— ... resIriado. Já Yi muito resIriado desse. ATui estão! — disse ela, pôs-se a mexer na bolsa de noYo, e por fim retirou dois estoMos de couro alongados, um preto e outro Yermelho, Tue colocou igualmente na mesa. — Este custa três Irancos, e este custa cinco. Claro Tue o senhor fica mais bem serYido com o de cinco. É para toda a Yida, se o maneMar com cuidado.

Sorrindo, Hans Castorp pegou da mesa o estoMo Yermelho e o abriu. Faceiro como uma Moia, Mazia o utensílio de Yidro na concaYidade exatamente adaptada à sua Iorma e Iorrada de Yeludo encarnado. Os graus completos eram marcados com riscas Yermelhas e os décimos, com riscas pretas. Os números eram Yermelhos. A parte inIerior Tue ia se adelgçando estaYa cheia de cintilante mercúrio. A coluna aparecia baixa, marcando uma temperatura muito inIerior ao grau normal do calor animal.

Hans Castorp não ignoraYa o Tue deYia a si mesmo e a sua reputação.

— Vou comprar este — disse, sem prestar a mínima atenção ao outro. — O de cinco. Será Tue lhe posso...

— Feito! — coaxou a enfermeira-chefe. — Não com Yém Iazer economias Tuando se trata de compras importantes. E não tem pressa, a despesa Yai para sua conta. Passe-o para cá, primeiro Yamos Iazer a coluna descer completamente... Assim. — Tirou-lhe o termômetro da mão e agitou-o repetidas Yezes no ar, Iazendo com Tue o mercúrio ficasse abaixo de 35. — Já Yai subir, o Mercurius, Má Yai subir — ela disse. — E agora, eis aTui sua aTuisição. Sem dúYida, o senhor Má deYe saber como se procede aTui conosco, certo? Debaixo da sua prezada língua, durante sete minutos, Tuatro Yezes por dia, e mantenha bem Iechadinhos seus lábios tão simpáticos. Adieu, meu rapaz! Bons resultados! — E saiu do Quarto.

Hans Castorp, Tue fizera uma mesura, permaneceu Munto à mesinha, e seu olhar pousou sobre a porta pela Tual ela saíra e sobre o instrumento Tue ela deixara atrás. “Então é essa a Superiora, srta. Von Mylendonk”, disse de si para si. “Settembrini não gosta dela, e realmente ela tem seus deIeitos. O terçol não é nada bonito, mas isso, com certeza, não é permanente. Mas por Tue me chama sempre de ‘meu rapaz’? Que rudeza estranha! E logo me Yendeu um

termômetro. Anda sempre com alguns na bolsa. Parece Tue aTui há termômetros em toda parte, em TualTuer loMa, inclusiYe nos lugares onde ninguém os esperaria encontrar, segundo afirma Joachim. Ora, eu nem tiYe o trabalho de procurar um, pois Má

me caiu nas mãos.” Tirou do estoMo o Irágil obMeto, contemplou-o e pôs-se a andar nerYosamente pelo Tuarto. Seu coração batia depressa e Yiolentemente. Lançou um olhar para a porta aberta da sacada, a seguir Iez menção de se encaminhar à porta do Tuarto, na intenção de ir ter com Joachim. Mas desistiu disso e deixou-se ficar de pé, perto da mesa, pigarreando, para Yerificar a rouTuidão. Depois tossiu. “Pois é, tenho Tue Yer se o resIriado me deu Iebre”, disse ele e num moYimento rápido introduziu o termômetro na boca, com a ponta de mercúrio sob a língua, de modo Tue o instrumento, apontando obliTuamente para cima, saía por entre os lábios Tue ele cerraYa bem para não dar entrada ao ar de Iora. Feito isso, olhou o relógio de pulso. Eram noYe e trinta e seis. E começou a esperar Tue decorressem sete minutos.

“Nem um segundo de mais”, ele pensou, “nem um de menos. Em mim se pode confiar, tanto para cima Tuanto para baixo. Não há necessidade de me dar uma ‘irmã muda’, como àTuela criatura de Tue Ialou Settembrini, a tal Ottilie KneiIer.” A seguir pôs-se a passear pelo Tuarto, comprimindo o instrumento com a língua.

O tempo se arrastaYa, o prazo parecia não ter fim. Somente dois minutos e meio haYiam passado Tuando ele olhou os ponteiros, receando poder ultrapassar o momento marcado. Fez então um sem-número de coisas; agarrou obMetos e os

recolocou no lugar, saiu à sacada, e voltou-se à atenção do primo, deixou seus olhos vagarem pela paisagem, por esse vale altaneiro, muito profundamente familiar ao espírito dele em todas as suas formas: com seus picos, cordilheiras e paredes rochosas, o cenário do Brembühl em posição avançada ao lado ocidental, cuja encosta se inclina para a aldeia e cujo flanco era coberto

pelo matagal agreste dos prados alpinos; com as formações das montanhas à direita, cujos nomes também aprendera; e com a parede rochosa do Altein, vista do lugar onde se achava Hans Castorp, parecia fechar o vale, ao sul — e deixou seu olhar percorresse as veredas e os canteiros do terraço amardinado, a gruta rupestre e o abeto; escutou um murmúrio e subiu do alpendre, onde alguns pensionistas se entregavam ao repouso, e voltou então ao quarto, enquanto procurava melhorar a posição do instrumento na boca, para então esticar o braço, a fim de afastar a manga do pulso e aproximar o relógio do rosto. Com muito trabalho e esforço, por assim dizer sob o efeito de empurrões, golpes e pontapés, haviam decorrido seis minutos. Mas, como se deixasse estar no quarto e se abandonasse a divagações, dando livre curso aos pensamentos, sumiu-se despercebido o último minuto, como nas patas silenciosas de um gato, até que um movimento do braço lhe revelou essa fuga clandestina: e assim passou a

ser Tuase tarde demais; a terça parte do oitaYo minuto Má se escoara Tuando Hans Castorp, dizendo consigo Tue isso não tinha importância, não Iazia mal, nem modificaYa o resultado, tirou então o termômetro da boca e craYou nele os olhos desorientados.

Não conseguiu deciIrar imediatamente a indicação do instrumento. O brilho do mercúrio conIundia-se com o reflexo luminoso do tubo de Yidro achatado. A coluna parecia ora ter subido muito, ora não existir de todo. Hans Castorp achegou o termômetro aos olhos, Yirou-o de um lado para outro e não distinguiu nada. Finalmente, depois de um moYimento bem-sucedido, a imagem tornou-se nítida; ele a reteYe e processou-a com seu entendimento o mais rápido Tue pôde. Com eIeito, o mercúrio dilatara-se, dilatara-se muito, a coluna subira bastante alto e parara Yários décimos acima do limite normal. Hans Castorp tinha

37,6.

Em pleno dia, entre as dez e as dez e meia, 37,6 era demais; era temperatura eleYada, era uma Iebre Tue resultaYa de uma inIecção à Tual estaYa predisposto, e restaYa apenas saber de Tue tipo de inIecção se trataYa.

37,6! O próprio Joachim não tinha mais; ninguém ali tinha mais, com exceção daTueles Tue se achaYam acamados por estarem

graYemente enIermos ou até moribundos; nem a KleeIeld com o seu pneumotórax, nem... nem madame Chauchat seTuer.

Naturalmente, no seu caso particular não era a mesma coisa; ele tinha o Tue lá embaixo se chamaYa de uma simples gripezinha. Mas seria diIícil estabelecer uma diIerença clara. Hans Castorp não sabia com certeza desde Tuando andaYa com essa temperatura, e se era somente desde Tue se resIriara.

Lamentou não ter interrogado o mercúrio mais cedo, logo no início da sua estada ali, assim como lhe aconselhara o dr. Behrens. Fora um conselho bem sensato, como se eYidenciaYa agora, e Settembrini fizera muito mal ao rir-se dele daTuele modo ruidoso e zombeteiro — aTuele Settembrini com sua república e seu belo estilo! Hans Castorp desprezaYa a república e o belo estilo, enTuanto examinaYa uma e outra Yez a indicação do termômetro, Tue não raro se lhe esTuiYaYa, em Yirtude dos reflexos, e Tue então ele YoltaYa a apanhar, Yirando e reYirando IerYorosamente o instrumento. Eram 37,6, e isso de manhã!

Experimentou uma Yiolenta emoção. Pôs-se a atraYessar o Quarto de um lado para outro, com o termômetro na mão, Tue mantinha horizontalmente, a fim de eYitar o mínimo abalo por uma sacudidela na Yertical. Depois colocou-o com todo o cuidado no anteparo do laYatório e, pegando o sobretudo e os cobertores, Ioi entregar-se ao repouso. Sentado, enYolYeu-se nos cobertores, assim como aprendera, pelos dois lados e

por baixo, maneMando-os um após outro com a habilidade Má adTuirida. A seguir permaneceu imóYel até a hora do peTueno almoço, à espera da entrada de Joachim. Às Yezes sorria, e era como se sorrisse a alguém. Às Yezes leYantaYa-se-lhe o peito num

tremor angustiado, o Tue o Iazia tossir com o peito opresso pelo catarro.

Joachim encontrou-o ainda deitado, Tuando, às onze horas, depois das badaladas do gongo, Ioi buscá-lo para a reIeição.

— E então? — perguntou admirado, aproximando-se da espreguiçadeira.

Hans Castorp permaneceu calado durante um momento, olhando apenas para a Irente. Por fim respondeu:

— Quer saber da última? Estou com uma temperatura um pouco eleYada.

— Como assim? — perguntou Joachim. — Você se sente Iebril?

Hans Castorp mais uma Yez demorou um pouco a resposta, antes de replicar com certa indolência:

— Olhe, meu caro, Má Iaz tempo Tue me sinto Iebril, desde Tue estou aTui. Desta Yez não se trata de impressões subMetiYas, mas de uma constatação bastante exata. Medi a temperatura.

— Você tirou a temperatura?! Com Tuê?! — gritou Joachim, assustado.

— Com um termômetro, ora essa — respondeu Hans Castorp, com ar até certo ponto irônico e seYero. — A Superiora Yendeu-me um. O Tue não sei é por Tue ela trata a gente de “meu rapaz”; muito correto isso não é. Mas me Yendeu a toda pressa um ótimo termômetro, e se Yocê Tuiser conYencer-se da temperatura Tue ele indica pode Yer ali dentro, no laYatório. É uma eleYação insignificante.

Joachim deu bruscamente meia-Yolta e entrou no Tuarto. Quando saiu outra Yez, disse num tom hesitante:

— Pois é, são 37,55.

— Nesse caso baixou um pouco — tornou Hans Castorp imediatamente. — Eram 37,6.

— De modo algum se pode dizer Tue isso seMa insignificante, Má pela manhã — opinou Joachim. — Mas Tue bela surpresa — acrescentou, plantando-se em Irente da espreguiçadeira do primo, como para admirar a “bela surpresa”, com as mãos à cintura e a cabeça baixa. — Você terá Tue ficar de cama.

Hans Castorp Má estaYa com a resposta preparada.

— Não YeMo motiYo algum — retrucou — para ficar de cama com 37,6 Tuando Yocê e tantos outros Tue têm a mesma temperatura andam passeando liYremente por aTui.

— ATui se trata de outra coisa — disse Joachim. — No seu caso é algo agudo e inoIensiYo. Você tem Iebre porTue está resIriado.

— Primeiro — replicou Hans Castorp, inclusiYe subdiYidindo o seu discurso em “primeiro” e “segundo” —, não compreendo por Tue com uma Iebre inoIensiYa... se é Tue cabe admitir Tue exista uma coisa dessas... mas Yá lá: não compreendo por Tue com uma Iebre inoIensiYa a gente deYe ficar na cama e com outra, não. E segundo, Má lhe disse Tue o resIriado não me Iez mais Tunte do Tue eu estaYa antes. Na minha opinião — concluiu —, 37,6 é igual a

37,6. Se Yocês podem passear com uma temperatura dessas, eu também posso.

— Mas Tuando cheguei aTui tiYe Tue permanecer deitado durante Tuatro semanas — obMetou Joachim. — E só Tuando Yerificaram Tue a cama não Iazia desaparecer a Iebre Ioi Tue me deram licença para leYantar-me.

Hans Castorp sorriu.

— E daí? — perguntou. — Eu pensaYa Tue o seu caso Iosse diIerente. Tenho a impressão de Tue Yocê se contradiz a si

mesmo. Primeiro estabelece uma diferença e logo depois
eTuipara. Isso não passa de lero-lero...

Joachim deu meia-Yolta sobre os calcanhares, e Tuando
noYamente se dirigiu ao primo Yiu-se Tue seu rosto trigueiro se
tornara ainda mais escuro.

— Não, senhor — disse ele. — Não eTuiparo nada. Quem Iaz
conIusão é Yocê. Eu acho apenas Tue Yocê está
resIriadíssimo. Basta ouYir a sua Yoz. E Yocê deYeria meter- se
na cama para abreYiar a coisa, uma Yez Tue tenciona partir na
semana Tue Yem. Mas, se não Tuiser Tue... Tuer

dizer: se não Tuiser ficar na cama, deixe isso para lá. Eu não lhe
prescreYo coisa alguma. Em todo caso está na hora da outra
reIeição da manhã. Ande, Tue Má estamos atrasados!

— Isso mesmo. Vamos logo! — disse Hans Castorp,
aIastando os cobertores. Entrou no Tuarto para arrumar o
penteado com a escoYa. EnTuanto o Iazia, Joachim Ioi ao
laYatório a fim de olhar mais uma Yez o termômetro,
conIorme Hans Castorp pôde obserYar de longe. Depois
desceram, sem Ialar, e Yoltaram a instalar-se nos seus lugares,
na sala de reIeições, Tue, como sempre a essa hora, resplandecia
branca de tanto leite.

Quando a anã leYou a Hans Castorp a cerYeMa Kulmbach, ele a
recusou com um ar de graYe renúncia. PreIeria não tomar

cerYeMa hoMe; não beberia coisa alguma, obrigado; Tuando muito, um pouco d'água. Isso causou surpresa a seu redor. Mas como? Que noYidades seriam essas? Por Tue não Tuerer cerYeMa? Sua temperatura estaria um pouco eleYada, Ioi o Tue Hans Castorp lançou no ambiente. Trinta e sete e seis. Coisa mínima.

De pronto todos o adYertiram, com o indicador em riste — uma situação bem estranha. Assumiram uma atitude picaresca, inclinaram a cabeça para o lado, piscaram um olho e tocaram a ponta da orelha com o indicador, como para ouYir melhor as coisas escabrosas e picantes a respeito de alguém Tue até então se fingira inocente.

— Ora, ora, meu amigo! — disse a proIessora, e suas Iaces ruborizaram-se, enquanto o adYertia, sorrindo. — OuYe-se cada coisa! VeMam só!

— Ai, ai, ai! — Iez a sra. St, hr, o dedo curto e aYermelhado em riste, à altura do nariz. — Ele tem tempus, o sr. Visitante. O Tue o senhor não me apronta!... Era bem o Tue me IaltaYa, Irmão Folgazão!

Até mesmo a tia-aYó, na outra extremidade da mesa, adYertiu-o irônica e manhosa, Tuando a noYidade chegou até ela. A bela Marúsia, Tue até então mal prestara atenção a ele, inclinou-se para enxergá-lo melhor e olhou-o com

seus grandes olhos redondos, apertando contra os lábios o lençinho perfumado de flor de laranjeira. Também o dr. Blumenkohl, ao qual a sra. St. hr acaba de comunicar o fato, não pôde deixar de fazer o gesto de todos os dias. Apenas Miss Robinson mostrou-se indiferente e reservada como sempre. Joachim, numa atitude muito correta, mantinha os olhos baixos.

Hans Castorp, satisfeito pelo interesse que despertara, acreditou ser do seu dever desmenti-los modestamente.

— Não, senhores — disse —, estão enganados. A minha febre é a coisa mais insignificante que se pode imaginar. Estou apenas resfriado. Estão vendo: meus olhos lacrimejam, tenho o peito oprimido e ando tossindo a noite toda. É bastante desagradável.

Mas eles não aceitaram as suas desculpas; riam-se, e faziam-lhe sinais com a mão, para que deixasse de insistir, enquanto gritavam:

— Sim, sim, sim! É conhecida-fada! Já sabemos essa do resfriado, já conhecemos, sim! — E todos exigiram em uníssono que Hans Castorp se apresentasse sem demora a um exame médico. A notícia os excitara. Dentre as sete mesas, esta foi a mais animada durante toda a reunião. Sobretudo a sra. St. hr, com o rosto estúpido todo avermelhado, por cima do

Mabô, e com peTuenas gretas na pele das Iaces, demonstrou uma loTuacidade Tuase Irenética. Pôs-se a Iazer digressões a respeito da natureza Iascinante da tosse. Sim, era mesmo uma distração e um prazer sentir como no Iundo do peito se intensificaYa e crescia o prurido, Tue as pessoas procuraYam capturar, por assim dizer, esIorçando-se conYulsiYamente e comprimindo- se para acalmar a irritação: um diYertimento análogo era o do espirro, Tuando o deseMo de soltá-lo aumentaYa, tornaYa- se irresistíYel, e a gente, como Tue inebriada, inspiraYa e expiraYa tempestuosamente, até se entregar por completo e, ante o Múbilo da explosão, esTuecer o resto do mundo. E cá e lá ainda acontecia de isso se dar duas, três Yezes

seguidas. Eram esses os prazeres gratuitos da Yida, como também o de coçar as Irieiras na primaYera, Tuando elas comichaYam com tanta doçura — coçar-se com IerYor cruel até sair sangue, abandonar-se à Iúria e ao prazer, e Tuem por acaso olhasse então no espelho Yeria ali uma careta diabólica.

Com essa minúcia horrorosa a inculta sra. St, hr discursou até o fim da reIeição do meio da manhã, curta, mas substancial. Então, os dois primos começaram o seu segundo passeio matinal, Tue os leYaria a DaYos-Platz. Joachim andaYa meio absorto, e Hans Castorp, gemendo de tão

resfriado tu estava, daí pigarro do fundo do peito
enfermado. Ao regressarem, Joachim disse:

— Vou lhe fazer uma proposta. Hoje é sexta-feira. Amanhã,
depois do almoço, tenho meu exame mensal. Não é um exame
geral, mas o Behrens percute um pouquinho e manda o
Kroczki tomar notas. Você poderia me acompanhar e pedir
tu aproveitem a ocasião para auscultá-lo rapidamente. É
mesmo ridículo... Se isso lhe acontecesse em casa, mandaria
chamar o Heidekind. E aqui onde temos dois especialistas você
dá passeios, sem ter ideia de a quantas anda ou a que ponto vai
a infecção; não sabe sequer se não seria melhor meter-se na
cama.

— Ótimo! — disse Hans Castorp. — Boa ideia! Claro, posso fazer
assim mesmo. Será até interessante para mim assistir a um
exame médico.

Estava, pois, tudo combinado; e, quando chegaram ao sanatório,
foi o acaso tu encontrassem o próprio dr. Behrens. Assim
tinham uma oportunidade ídica para formular em pessoa o
seu pedido.

O rosto de Behrens, alto, com o pescoço vigoroso, chapéu-
coco atirado para trás e um charuto na boca, veio da ala avançada do
edifício, de faces azuladas e olhos saltados; em plena atividade,
estava a ponto de se dirigir ao consultório particular e visitar

sua clientela no YilareMo, depois de haYer trabalhado na sala de operações, segundo declarou.

— SaYe, caYalheiros! — exclamou. — Sempre passeando, hein? Que tal o mundo grã-fino? Eu Yolto Mustamente de um duelo desigual, a bisturi e serra cirúrgica. Um caso sério, sabem? Resseção de costelas. Antigamente uns cinTuenta por cento ficaYam na mesa do estabelecimento. Agora temos mais Meito, mas ainda acontece de, mortis causa, leYantarmos acampamento antes do fim. Bem, o de hoMe não era um desmancha-prazeres. Por enTuanto está aguentando firme... Coisa de louco um tórax humano Tue Má deixou de ser. É uma pasta mole, sabem? Nada bonito! Uma leYe adulteração da ideia, digamos!... Mas, e os senhores? Como Yai a prezada compleição? A existência é mais diYertida a dois, não é, Ziemssen, Yelha raposa? Mas por Tue está chorando, senhor turista? — dirigiu-se de repente a Hans Castorp. — ATui é proibido chorar em público. É o regulamento da casa. Se todo mundo fizesse isso...

— É meu resIriado, doutor — respondeu Hans Castorp. — Não sei como pôde acontecer, mas estou com uma gripe terríYel. E com tosse também, tenho o peito bem Iechado...

— VeMam só! — exclamou Behrens. — Nesse caso seria conYeniente consultar um bom médico.

Os dois desataram a rir, e Joachim explicou, Muntando os calcanhares:

— É o Tue tencionáYamos Iazer, sr. Conselheiro. Amanhã é o dia do meu exame, e Tueríamos Mustamente pedir-lhe Tue tiYesse a bondade de auscultar meu primo na mesma ocasião. Trata-se de saber se ele poderá partir na terça- Ieira.

— S.a.o.! — disse Behrens. — Sempre às ordens! E com prazer! Já deYeríamos ter Ieito isso há muito tempo. Quem está aTui em cima não deYe deixar de aproYeitar a oportunidade. Mas, afinal de contas, a gente não Tuer insistir. Pois então, amanhã às duas, logo depois da boia.

— É Tue tenho também um pouco de Iebre — recomeçou Hans Castorp.

— Não diga! — gritou Behrens. — Que grande noYidade! Pensa Tue não tenho olhos para Yer? — E com o IormidáYel indicador apontou para os dois bugalhos dele, Yermelhos, saltados, de um azul lacrimoso. — A propósito, Tual é a sua temperatura?

Hans Castorp disse-a timidamente.

— Já de manhã? Nada mau! Para um principiante não lhe Ialta talento. Pois é, está combinado, amanhã às duas apareçam

os dois. Será uma grande honra para mim. Boa nutrição! — E com os Moelhos dobrados, remando com as mãos, pôs-se a descer pelo caminho íngreme, enquanto a Iumaça do charuto se desIraldaYa atrás dele.

— Tudo arranMado como Yocê deseMaYa — disse Hans Castorp. — Não podia ser melhor. Agora tenho hora marcada. No meu caso, ele não poderá Iazer grande coisa. O máximo Tue me prescreYerá será um xarope de alcaçuz ou um chá expectorante, mas para Tuem se sente tão mal como eu é sempre agradáYel receber um pouco de atenção médica. Só Tueria saber por Tue ele usa essa linguagem exagerada e cínica. No começo me diYerti com isso, mas agora não acho mais graça. “Boa nutrição!” Jeito horríYel de Ialar! Pode-se dizer: “Bom proYeito!”. “ProYeito” é uma palaYra de certo cunho poético, assim como “o pão nosso de cada dia”, e se harmoniza com o sagrado deseMo de Tue haMa um “bom” proYeito” da reIeição. Mas “nutrição” é termo puramente fisiológico, e Iazer bons Yotos para isso me parece puro sarcasmo. Também não me agrada Yer como ele Iuma, isso me intimida um pouco, porTue sei Tue, o charuto não lhe Iaz bem e o põe melancólico. Settembrini diz Tue o Meito Iolgazão de Behrens é Iorçado, e Settembrini é sem dúYida um homem crítico, de Muízo seguro. Eu mesmo deYeria, talYez, Iormar com mais IreTuência uma opinião própria, em Yez de aceitar as coisas como se apresentam.

Nesse ponto, ele tem toda razão. Mas acontece, então, Tue, enquanto se está disposto a Mulgar, a criticar, a escandalizar-se, de repente se intromete TualTuer coisa completamente

diYersa, Tue nada tem Tue Yer com o Muízo, e logo se acaba a indignação moral, e a república e o belo estilo assumem um caráter insípido para Tuem o ouYe...

Ainda murmurou algumas palaYras indistintas. Parecia não saber com clareza o Tue Tueria dizer. O primo limitou-se a olhá-lo de lado, disse “até logo”, e ambos Ioram cada um a seu Tuarto e à respectiYa sacada.

— Quanto? — perguntou Joachim depois de algum tempo, com Yoz abaIada, mesmo sem ter Yisto Tue Hans Castorp tornara a consultar o termômetro. Este respondeu num tom indiIerente:

— Nada de noYo.

Com eIeito, apenas entrou no Tuarto, tirara de cima do laYatório a elegante aTuisição da manhã; por meio de sacudidelas Yerticais apagara os 37,6 Tue Má haYiam desempenhado seu papel, e Tual um Yeterano iniciara o repouso com o charuto de Yidro na boca. Mas, contrariando todas as expectatiYas ambiciosas, e embora ele conserYasse o instrumento sob a língua durante oito minutos inteiros, o mercúrio não se dilatara além dos mesmos 37,6 — o Tue, afinal, era Iebre, se bem Tue não mais alta do Tue a Tue tiYera pela manhã.

Depois do almoço, a coluna cintilante subiu a 37,7. À noite, quando o paciente estava muito cansado depois das sensações e emoções do dia, parou em 37,5, e na madrugada do dia seguinte marcou apenas 37, para alcançar novamente a posição do dia anterior, por volta do meio-dia. Com tudo isso chegou o almoço do sábado, e, ao seu fim, a hora marcada para o exame.

Mais tarde, Hans Castorp recordou-se de que madame Chauchat usara, durante essa refeição, um suéter amarelo-dourado com grandes botões e bolsos bordados, que era novo, ao menos para ele, e com o qual, um pouco atrasada como sempre, ela se apresentara diante de todo o salão, da maneira como Hans Castorp bem conhecia. Depois ela se encaminhou a passo silencioso para a sua

mesa, como sucedia cinco vezes por dia; instalara-se na cadeira com movimentos lânguidos e, palestrando, começou a comer. Como todos os dias, mas dessa vez com uma atenção particular, Hans Castorp virou-a para a cabeça ao lado, e novamente notou-lhe a curva da nuca e a postura lassa das costas; ele a viu ao buscar a mesa dos “russos distintos” com o olhar por sobre o ombro de Settembrini, que estava sentado na mesa colocada de entremeio, na transversal. A sra. Chauchat, porém, durante todo o almoço não se voltara para o salão uma vez sequer. Mas depois da sobremesa, quando à direita, no lado

estreito da sala, onde ficava a mesa dos “russos ordinários”, o grande relógio de pêndulo e correntes dera as duas horas, ocorrera algo que misteriosamente causou em Hans Castorp profunda comoção: enquanto ressoaram as duas badaladas do relógio — uma e duas — a graciosa enfermeira Yirara lentamente a cabeça e também parte do tronco; por cima do ombro olhara clara e abertamente para a mesa de Hans Castorp, e não somente para essa mesa em geral; não, de um modo inequívoco e cruel fixara o olhar nele pessoalmente, esboçando um sorriso em torno dos lábios cerrados e nos olhos rasgados, semelhantes aos de Pribislava, como se tivesse dizer: “Pois então? Está na hora. Você vai ou não vai?”. (Pois, quando os olhos iam, tratamos-nos por “Você”, mesmo que a boca ainda não tenha se pronunciado “o senhor”.) Fora esse um incidente que transtornara e enchera de espanto o âmago do coração de Hans Castorp. Mal confiara nos seus sentidos. Consternado fitara o rosto da sra. Chauchat, e depois, levantando os olhos, acima da sua testa e dos seus cabelos, encarara o Yazio. Sabia ela que às duas horas ele devia ir ao exame? Assim parecia, e entretanto isso era quase tão improvável quanto supor que ela soubesse que nesse mesmo instante, no minuto que acabava de escoar, ele se perguntara a si próprio se não deveria mandar Joachim dizer ao dr. Behrens que seu resfriado talvez fosse melhor e que ele considerava

dispensáYel o exame: uma ideia, a propósito, cuMas Yantagens acabaYam de definir sob esse sorriso perscrutador, para transIormarem-se em tédio dos mais repulsiYos. Um segundo após, Joachim Má pusera na mesa o guardanapo enrolado, dera um sinal ao primo com as sobrancelhas alçadas, inclinara-se para os Yizinhos e se aIastara da mesa — ao Tue Hans Castorp, Yacilando interiormente, se bem Tue de passo firme, e com a sensação de Tue aTuele olhar e aTuele sorriso continuaYam pousando nele, atendeu prontamente, seguindo-o em direção à saída.

Desde a manhã do dia anterior, não haYiam Yoltado a Ialar dessa programação do dia de hoMe, e ainda agora caminhaYam um ao lado do outro, num acordo tácito.

Joachim apressaYa-se. Já passara a hora marcada, e o conselheiro áulico exigia pontualidade. O seu caminho conduzia-os da sala de reIeições, pelo corredor do rés do chão, passando ao lado da administração e descendo pela escada limpa, coberta de linóleo, até o porão. Joachim bateu à porta em Irente da escada, porta Tue uma placa de porcelana indicaYa ser a entrada do consultório.

— Entre! — gritou Behrens, arrastando Iortemente a primeira sílaba. AchaYa-se no centro da peça, Yestido de aYental, e tinha na mão direita o estetoscópio preto com o Tual daYa umas palmadinhas na perna.

— Vamos, Yamos! — disse, com os olhos esbugalhados fitos no relógio de parede. — Un poco più presto, Signori!5

Não estamos aTui ao serYiço exclusiYo de Vossas Senhorias.

O dr. KrokoZski estaYa sentado diante da dupla escriYaninha, Munto à Manela, pálido, com sua blusa de alpaca preta, apoiando os cotoYelos na tábua da mesa; numa das mãos tinha a caneta e com a outra cofiaYa a barba; à sua Irente Maziam papéis, proYaYelmente as fichas do paciente. Olhou os MoYens Tue entraYam, com a expressão Yaga de uma pessoa Tue se acha presente apenas para aMudar.

— Então, deixe Yer o boletim — disse o conselheiro áulico, em resposta às desculpas de Joachim. Tirou-lhe da mão a papeleta de temperatura, para examiná-la, enTuanto o enIermo se apressaYa a desnudar o tronco, suspendendo as roupas despidas no cabide ao lado da porta. Ninguém se ocupaYa de Hans Castorp. Durante algum tempo, ele permaneceu de pé, contemplando os outros. Depois, sentou-se numa poltrona de estilo antigo, guarnecida de borlas nos braços, e Tue se encontraYa ao lado de uma mesinha com uma garraIa d'água. Estantes carregadas de Yolumosas obras de medicina e de pastas cheias de documentos de casos estendiam-se ao longo das paredes. Fora disso, a mobília constaYa somente de uma chaise-longue, reYestida de branco, Tue podia ser leYantada e

baixada mediante uma maniyela, e cuMa cabeceira estaYa coberta com um guardanapo de papel.

— Vírgula sete, Yírgula noYe, Yírgula oito — disse Behrens, folheando as fichas semanais, onde Joachim registrara fielmente as temperaturas tomadas cinco Yezes por dia. — Ainda um peTueno excesso de animação, meu caro Ziemssen. O senhor não pode pretender Tue ficou mais calmo, desde o outro dia. (O “outro dia” Iora Tuatro semanas antes.) Não está desintoxicado, não senhor! — acrescentou. — Ora, isso não se consegue de um dia para outro, e Iazer bruxarias não é conosco.

Joachim Iez Tue sim com um gesto de cabeça e encolheu os ombros desnudos, embora bem pudesse haYer obMetado não se achar aTui em cima desde a Yéspera, apenas.

— E como Yão aTuelas pontadas no hilo direito, onde sempre haYia anomalias? Melhor? Bem, Yenha cá! Vamos bater gentilmente à sua porta. — E com isso começou o exame.

O dr. Behrens, com as pernas separadas e o tronco inclinado para trás, meteu o estetoscópio sob o braço e começou a percutir a parte superior do ombro direito de Joachim; batia serYindo-se do poderoso dedo médio da mão

direita como martelo e apoiando-se na mão esTuerda. Depois desceu pela omoplata e apalpou lateralmente a parte central e

interior das costas, ao Tue Joachim, bem amestrado, levantou o braço para que o médico pudesse explorar também a região axilar. Tudo isso se repetiu então no lado esquerdo. A seguir, o conselheiro áulico deu ordem de meia-volta, para examinar o peito. Percutiu a zona logo abaixo do pescoço, primeiro à direita, depois à esquerda. Após ter percutido o suficiente, pôs-se a auscultar, colocando o estetoscópio nas costas e no peito de Joachim e apertando a orelha contra a concha; dessa forma percorrendo todas as regiões anteriormente apalpadas. Ao mesmo tempo era preciso que Joachim ora respirasse com vigor, ora tossisse artificialmente, o que parecia irritá-lo muito, pois o Iega e seus olhos enchiam-se de lágrimas. O dr. Behrens, porém, comunicava tudo quanto ouvia em palavras breves e precisas ao assistente sentado à escrivaninha, de modo que Hans Castorp não pôde deixar de pensar numa sessão no alaiate, quando o elegante artífice toma as medidas para um traje e, numa ordem tradicional, vai colocando a fita métrica aqui e ali em volta do corpo e dos membros do Ireguês, para então ditar as cifras assim obtidas ao oficial que de costas encostado se empenha em anotá-las. “Soproide”, “diminuído”, ditava o dr. Behrens. “Vesicular”, dizia, e outra vez “vesicular” — parecia que isso era um bom sinal. “Rude”, continuava, fazendo uma careta. “Muito rude.” “Estalido.” E o dr. Krokowski ia tomando nota, como um aprendiz faz com os centímetros ditados pelo cortador.

Hans Castorp, a cabeça inclinada para o lado, acompanha os acontecimentos, perdendo-se numa contemplação pensativa do torso de Joachim, cujas costelas (graças a Deus ainda não alta uma seta) se elevam com as aristas sob a pele tesa, por cima do estômago reentrante. Estuda esse corpo esbelto, de ebo, com a epiderme trigueiro-amarelada e os pelos negros na zona do

esterno e nos braços musculosos, um dos quais exibia em volta do pulso uma corrente de ouro. “São braços de ginasta”, pensou Hans Castorp. “Ele sempre gostou de cultura física, ao passo que eu nunca achei graça nisso. Era devido à sua predileção pelas armas. Sempre se preocupou com o corpo, muito mais do que eu, ou pelo menos de outra forma; pois eu nunca deixei de ser paisano, e mais me importam banhos quentes e boas comidas e bebidas, enquanto ele se dedica a esportes e exercícios físicos. E agora o seu corpo passou para o primeiro plano, mas de um modo muito diverso; tornou-se independente e tomou ares de importância, em virtude da doença. Está iluminado e não quer se desintoxicar nem se tornar robusto, por mais que o pobre Joachim deseje ser soldado, lá na planície. Imaginem! Ele tem uma complexão perfeita, tal qual o Apolo de Belvedere, com exceção dos pelos. Mas interiormente está enfermo e por isso demasiado afetado pela doença. Pois a doença faz o homem mais corporal, torna-o corpo e nada mais...” E, ao ventilar essas

ideias, assustou-se e enYiou um olhar rápido e perscrutador do tronco nu de Joachim para os seus olhos negros e meigos, Tue a respiração Iorçada e a tosse artificial haYiam enchido de lágrimas, e Tue durante o exame olhaYam, melancólicos, por cima do espectador, perdendo-se no Yazio.

Nesse ínterim, o dr. Behrens terminara o seu trabalho.

— Então, 'tá bem assim, Ziemssen — disse. — Tudo em ordem, dentro do possível. Na próxima Yez — (era dentro de Tuatro semanas) — acho Tue irá um pouco melhor.

— Quanto tempo o sr. Conselheiro imagina Tue...

— Outra Yez com pressa? Nesse estado, o senhor não Yai poder Mudiar com seus recrutas. Meio ano, Ioi o Tue lhe disse naTuele dia. Quanto a mim pode contar a partir de então, mas considere isso o mínimo. Afinal de contas, dá para YiYer aTui, tenha paciência. Não somos um calabouço, nem uma... mina siberiana. Ou o senhor está Tuerendo Tue nos pareçamos com algo assim? 'Tá bem, Ziemssen. Retirada! O

próximo, se alguém mais estiYer disposto! — exclamou, olhando para o teto. Então estendeu o braço e passou o estetoscópio ao dr. KrokoZski, Tue se leYantou, apanhou o aparelho e, como assistente, submeteu Joachim a um noYo peTueno exame.

Também Hans Castorp erguera-se de um pulo e, com olhos fixos no conselheiro áulico, Tue com as pernas separadas e a boca

aberta se TuedaYa absorto pelos próprios pensamentos, começou a aprontar-se apressadamente. Atrapalhou-se ao tentar desYestir a camisa pontilhada e tirá-la pela cabeça, até Tue finalmente pôs-se à Irente do dr. Behrens, branco, louro e delgado — com a aparência de um tipo mais paisano Tue Joachim Ziemssen.

Mas o conselheiro deixou-o esperar, absorto em pensamentos. O dr. KrokoZski Má Yoltara a sentar-se, e Joachim começara a se Yestir, Tuando Behrens finalmente resolYeu reparar naTuele Tue ainda estaYa disposto.

— Ah! Sim, é o senhor — disse então, agarrando o braço de Hans Castorp com a gigantesca manzorra. AIastou-o um pouTuinho de si e passou por ele um olhar penetrante. Não lhe estudaYa o rosto, assim como se Iaz com um ser humano, senão o corpo. Virou-o como se Yira um corpo, e contemplou-lhe também as costas. — Hum! — murmurou.

— Vamos Yer no Tue dá. — E começou a percuti-lo, procedendo da mesma Iorma como antes.

Explorou os mesmos lugares como no exame de Joachim Ziemssen, repetindo a percussão em diIerentes pontos. Durante certo tempo insistiu, para fins de comparação, em golpear alternadamente em cima, Munto da claYícula esTuerda, e um pouco mais abaixo.

— Está ouvindo? — perguntou, dirigindo-se ao dr. Krokowski... Este, sentado em frente da escrivaninha, a cinco passos de distância, confirmou por um movimento de cabeça. — Você está ouvindo: com ar grave inclinou o queixo para o peito, de tal modo que a barba se comprimiu e as pontinhas se levantaram.

— Respire profundamente! Agora tussa! — ordenou o conselheiro, que tornara a pegar o estetoscópio, e Hans Castorp estalou-se, durante uns oito ou dez minutos, enquanto o médico escutava sem proferir palavra alguma, não fazendo mais do que colocar o instrumento aqui e ali e auscultar, cuidadosa e repetidamente, vários lugares nos seus membros. Mas insistiu quando da percussão. A seguir enfiou o estetoscópio por baixo do braço, muntou as mãos nas costas e olhou o chão entre si e Hans Castorp.

— Pois é, Castorp — disse enfim, e era a primeira vez que chamava o moço simplesmente pelo sobrenome. — O resultado é, praeter-propter, como eu esperava desde o princípio. Observei o senhor com um olho vigilante, Castorp, e agora posso dizê-lo, desde o dia em que tive a imerecida honra de conhecê-lo, e cheguei à opinião bastante firme de que o senhor era, clandestinamente, um dos nossos e acabaria por perceber esse fato, como fizeram tantos outros que vieram aqui para divertir-se, estudaram o ambiente, torcendo o nariz, e um belo dia ficaram sabendo que seria conveniente para eles, e não

apenas “conYeniente”, se o senhor me entende!, abandonarem a atitude de curiosidade displicente e passarem aTui uma temporada extensa.

Hans Castorp empalidecera, e Joachim, a ponto de abotoar os suspensórios, imobilizou-se e escutou...

— O senhor tem um primo tão bonzinho e tão simpático — prosseguiu o conselheiro, moYendo a cabeça em direção a Joachim e balançando-se, ao alternar os calcanhares e as pontas dos pés —, um primo Tue, esperamos, em breYe possa dizer ter estado doente um dia; e, mesmo Tue chegemos a esse ponto, não deixará de ser realidade o Iato de Tue seu Yerdadeiro primo-irmão terá estado doente, o Tue a priori, como diz o grande pensador, lança certa luz sobre o senhor, meu caro Castorp...

— Mas ele não é meu primo-irmão, sr. Conselheiro.

— Pois bem, pois bem. Mas será possíYel Tue o senhor Tueira renegar seu primo? Primo-irmão ou não, em todo caso é um consanguíneo. Por Tue lado?

— Pelo lado de minha mãe, sr. Conselheiro. Ele é filho de uma meia-ir...

— E a senhora sua mãe anda bem de saúde?

— Não, senhor, ela não YiYe mais. Morreu Tuando eu ainda era menino.

— Ah! Sim? De Tuê?

— De uma embolia, sr. Conselheiro.

— Embolia? Bem, isso aconteceu Iaz muito tempo. E o senhor seu pai?

— Morreu de pneumonia — disse Hans Castorp. — E meu aYô também — acrescentou.

— Ah, o aYô também? Hum, deixemos então os seus ascendentes. Quanto ao senhor, creio Tue Ioi sempre meio anêmico, não é? Mas, e o trabalho Iísico ou intelectual nunca o cansou? Pelo contrário? E o senhor costuma ter palpitações? Só recentemente? Muito bem, e parece existir, além disso, uma YíYida tendência para catarros nas Yias respiratórias. O senhor sabe Tue Má esteYe enIermo?

— Eu?

— Sim, é à sua prezada pessoa Tue me refiro. Pode ouYir a diIerença? — E o conselheiro áulico pôs-se a percutir a região esTuerda do peito, ora em cima, ora mais abaixo.

— Ali, o som é um pouco mais surdo Tue aTui — disse Hans Castorp.

— Ótimo! O senhor deYeria tornar-se especialista. Ali há portanto uma macicez, e tal macicez tem a sua origem em Iocos antigos Tue Má se esclerosaram, ou, se assim lhe agrada

melhor, Má cicatrizaram. O senhor é um doente Yeterano, Castorp, mas não conYém censurar ninguém por não lhe ter comunicado esse Iato. O diagnóstico na Iase precoce é muito diÍícil, sobretudo para os senhores nossos colegas na planície. Eu nem Tuero dizer, precisamente, Tue nós aTui temos ouYidos mais finos, embora a especialização e a prática influam bastante. É o ar Tue nos aMuda a ouYir, sabe? Esse ar rareIeito e seco das alturas.

— Claro, compreendo — disse Hans Castorp.

— Muito bem, Castorp. E agora preste atenção, meu MoYem, Tuero lhe dizer umas palaYras de ouro. Se no seu caso houYesse apenas isso, peço Tue entenda, e se tudo se limitasse àTuela macicez e cicatrizes no interior do seu odre de Éolo e a esses corpos estranhos de substâncias calcárias, eu mandaria o senhor para seus Lares e Penates e não me preocuparia nem um pouTuinho com a sua saúde, compreende? Mas, assim sendo, e em Iace dos Iatos Tue YerifiTuei além disso, e considerando Tue o senhor Má se encontra aTui entre nós, não Yale a pena regressar, Hans Castorp, pois dentro em breYe teria de apresentar-se noYamente.

Hans Castorp Yoltou a sentir como o sangue lhe afluía ao coração, Iazendo com Tue ele martelasse Yiolentamente. Joachim continuaYa de pé, com as mãos nos botões traseiros da calça, e tinha os olhos baixos.

— Olhe, além da macicez — disse o conselheiro áulico — o senhor tem à esTuerda, bem em cima, uma respiração rude Tue toca as raias de um ruído bolhoso e proYém, indubitaYelmente, de um lugar noYo. Não Tuero dizer Tue Má se trata de um estado de Iusão, mas não há dúYida nenhuma de Tue é um lugar úmido, e se o senhor continuasse a YiYer daTuele Meito na planície, então lhe garanto, meu caro amigo, Tue mais dia menos dia, Tue diabos!, todo o lobo iria por água abaixo.

Hans Castorp TuedaYa-se imóYel; sua boca estremecia singularmente, e Yia-se com absoluta nitidez como o seu coração batia contra as costelas. Seu olhar Yagou até Joachim, cuMos olhos, no entanto, não encontrou, e dali noYamente ao rosto do dr. Behrens, com os esbugalhados olhos azuis, as Iaces azuladas e a boca com o bigodinho torto de um lado.

— Como confirmação obMetiYa — continuou o conselheiro — temos ainda a sua temperatura: 37,6 às dez da manhã, o Tue corresponde, em boa medida, às obserYações acústicas.

— Eu pensei — disse Hans Castorp — Tue essa Iebre Yiesse simplesmente do meu estado gripal.

— E o estado gripal? — retrucou o médico... — De onde vem todo esse catarro? Permita-me dizer-lhe uma coisa, Castorp, e abra os olhos. Ao que eu saiba, o senhor dispõe de condições cerebrais em número suficiente. Bem, o ar que temos aqui é bom contra a enfermidade. Não é isso que o senhor pensa? É com razão. Mas, ao mesmo tempo, este ar também é bom para a enfermidade; compreende? No começo acelera o seu curso, reorganiza o corpo,omenta a irrupção da doença latente, e tal irrupção é, com a sua licença, o seu catarro. Eu não sei se o senhor na planície de Marburg propenso a febres, mas aqui, em todo caso, o senhor está febril desde o primeiro dia da sua permanência, e não somente em virtude desse seu catarro, se quiser ouvir minha opinião.

— Sim, sim — disse Hans Castorp —, é o que eu acho também.

— Provavelmente o senhor logo sentiu tonturas — assegurou o conselheiro. — Isso é obra das toxinas solúveis que as bactérias produzem. Elas têm efeito inebriante sobre o sistema nervoso central, compreende? E daí vêm as bochechas alegremente rosadas. Bem, Castorp, o senhor vai se meter na cama; assim poderemos ver se algumas semanas de repouso total bastam para desembriagá-lo. Então se falará sobre o resto. Tiraremos uma vista bem bonita do seu interior; o senhor gostará de espiar para dentro de sua própria pessoa. Mas lhe digo uma coisa: um caso como o seu não fica bom

entre hoMe e depois de amanhã. ATui não cabem êxitos publicitários nem curas milagrosas. Eu logo tiYe a impressão de Tue o senhor seria um paciente melhor e teria mais talento para a doença do Tue esse general de brigada Tue deseMa saIar-se cada Yez Tue tem uns décimos a menos. Como se “descansar armas!” não Iosse um comando tão bonito Tuanto “ao ombro, armas!”. O primeiro deYer do cidadão é a serenidade, e impaciência apenas o preMudica. Trate de não me decepcionar, Castorp, Iaçõ Tuestão de Tue não ponha a perder minha Iama de bom conhecedor das pessoas! E agora, marche-marche, Má para o celeiro!

Com essas palaYras, o conselheiro áulico deu por terminada a entreYista e sentou-se à escriYaninha, a fim de, atareIado Tue era, aproYeitar o interYalo até o próximo exame para cumprir trabalhos de escrita. O dr. KrokoZski, porém, ergueu-se de seu lugar, dirigiu-se até Hans Castorp e — com a cabeça leYemente inclinada e curYada para trás, a mão esTuerda no ombro do rapaz, e nos lábios um sorriso Yigoroso Tue deixaYa entreYer pela barba os dentes amarelados — apertou-lhe calorosamente a mão direita.

1 “Céus!”

2 “ConYém experimentar.”

3 “Os dois, senhor”; “Os dois, o senhor sabe...”; “Eu sei, senhora.”;
“E eu lamento muito.”

4 “Apreste-se senhor.”; “A conIerência do senhor KrokoZski
acabou de começar.”

5 “Um pouco mais rápido, senhores!”

CAPÍTULO V

SOPA ETERNA E CLAREZA REPENTINA

Atui se antecipa um Ienômeno com Tue o narrador Iaz bem em espantar-se, a fim de Tue o leitor, em Iace dele, não se espante demais por conta própria. Pois se nosso relatório sobre as três primeiras semanas da permanência de Hans Castorp com estas pessoas aTui em cima (uma permanência de não mais Tue Yinte e um dias de alto Yerão, eis o Tue todos esperaYam) consumiu Tuantidades de espaço e tempo cuMa extensão bem correspondeu a nossa maldisIarçada expectatiYa, a descrição das três semanas seguintes de sua Yisita a este lugar só exigirá tantas linhas, palaYras e instantes Tuantos Ioram as Iolhas, páginas, horas e dias de trabalho Tue aTuele primeiro relatório ocupou: um piscar de olhos — bem Yemos o Tue nos espera — e essas três semanas terão ficado para trás, bem sepultadas.

Ora, isso poderia causar espanto; e todaYia está bem assim, corresponde às leis do narrar e do ouYir. Pois está bem e corresponde às ditas leis Tue o tempo se torne para nós tão longo ou tão curto Tue ele se afigure tão Yasto ou tão reduzido à nossa experiência Tuanto o é para o MoYem Hans Castorp, o herói de nossa história, reTuisitado pelo destino de modo tão inesperado. E, em Yista do mistério Tue constitui o tempo, pode ser

proYeitoso preparar o leitor para outros milagres e Ienômenos com Tue depararemos em companhia de Hans Castorp. Por enTuanto basta Tue todos se lembrem da rapidez com Tue decorre uma “longa”

série de dias para o doente Tue os passa acamado. É o mesmo dia Tue se repete uma e outra Yez; mas, Mustamente por se tratar sempre do mesmo dia, parece no Iundo pouco adeTuado o termo “repetição”; melhor seria Ialar de monotonia, de um agora Tue parou ou de eternidade. Trazem a sopa até Yocê na hora do almoço, assim como a trouxeram ontem e a trarão amanhã. E ao mesmo tempo Yocê se sente presa de uma sensação singular Tue Yem não se sabe de onde nem por Tuê: Yocê se Yê inYadido por uma espécie de Yertigem, enTuanto a sopa se aproxima; os tempos conIundem-se, misturam-se no seu espírito, e o Tue se reYela a Yocê como Yerdadeira Iorma da existência é um presente sem extensão, no Tual lhe trazem a sopa eternamente. Seria, entretanto, paradoxal Ialar de Iastio, Tuando se trata de eternidade, e Tueremos eYitar TuaisTuer paradoxos, sobretudo em companhia desse nosso herói.

AchaYa-se, pois, Hans Castorp acamado desde a tarde de sábado, porTue o dr. Behrens, a autoridade suprema do mundo Tue nos encerra, assim decidira. Jazia ali, com o monograma no bolsinho do camisolão, as mãos Muntas atrás da cabeça, na sua cama branca e limpinha, leito de morte da americana e

proYaelmente de muitas outras pessoas. Com olhos ingênuos, azuis, turYos pelo resIriado, fixaYa o teto do Tuarto, meditando sobre a singularidade da sua situação. Por outro lado, não cabe admitir Tue sem o resIriado seus olhos tiYessem lançado olhares claros, luzentes e ineTuíYocos, Yisto Tue o aspecto de seu interior, por singela Tue Iosse sua natureza, não se apresentaYa dessa Iorma, senão, muito pelo contrário, bastante perturbado, conIuso, indistinto, semissincero e cheio de dúYidas. Às Yezes, um riso louco de triunIo subia-lhe do Iundo da alma e lhe sacudia o peito, enTuanto seu coração estacaYa, dolorido, sob o eIeito de uma desmedida e até então ignorada alegria e esperança; outras Yezes, porém, empalidecia de susto e desassossego, e eram os golpes da sua própria consciência Tue o coração repetia, numa cadência acelerada, errática, batendo-lhe nas costelas.

No primeiro dia, Joachim deixou-o em completa paz, eYitando TualTuer discussão. Discretamente, entrou algumas Yezes no Tuarto do doente, saudou-o com um aceno da cabeça e perguntou, por mera cortesia, se lhe IaltaYa alguma coisa. Era-lhe, aliás, muito Iácil compreender e respeitar o temor Tue Hans Castorp sentia por TualTuer controYérsia, uma Yez Tue o compartilhaYa e se achaYa, ele próprio, em situação até mais penosa Tue a do primo.

Mas na manhã de domingo, ao regressar do passeio matinal Tue fizera sozinho, como antigamente, Má não adiou por mais tempo a conversa com Hans Castorp, destinada a resolver os assuntos mais urgentes e mais necessários. Postando-se ao pé da cama, disse com um suspiro:

— Pois é, não adianta fugir à realidade. É preciso tomar algumas resoluções. Estão esperando Você lá em casa.

— Ainda não — respondeu Hans Castorp.

— Hoje talvez não, mas nos próximos dias, na quarta ou na quinta-feira.

— Olhe — tornou Hans Castorp —, eles não contam comigo num dia certo. Têm mais que fazer do que me aguardar e contar os dias até a minha volta. Quando chegar, muito bem, o tio Tienappel vai dizer: “Pois então, Má voltou?”. E o tio James dirá: “Como foi de viagem?”. E se eu não regressar, levará muito tempo antes que alguém dê pela minha ausência; isso lhe garanto. Claro que talvez dia de voltar a visitá-los...

— Você pode imaginar — continuou Joachim, dando mais um suspiro — quanto essa situação é desagradável para mim! Que é que vai acontecer agora? Naturalmente me sinto responsável, por assim dizer. Você vem aqui para me visitar, eu o inicio aqui em cima, e agora Você está preso, e não sabemos quando poderá

partir e assumir sua Yaga. Você deYe compreender Tue isso é sumamente penoso para mim.

— Perdão! — disse Hans Castorp, sempre com as mãos atrás da cabeça. — Para Tue se preocupar assim? É absurdo. Será Tue Yim aTui para Ihe Iazer uma Yisita? Foi também por isso, mas em primeiro lugar para descansar, a conselho de Heidekind. Bem, e agora se torna maniIesto Tue necessito de muito mais descanso do Tue eu e todos nós tínhamos imaginado. Acho Tue não sou o primeiro Tue pensaYa passar aTui um fim de semana, e para Tuem as coisas acabaram sendo de outro modo. Lembre-se, por exemplo, do segundo filho da “Tous-les-deux”, Tue leYou aTui um golpe muito mais Iorte. Eu nem sei dizer se ele ainda YiYe; talYez Má o tenham leYado durante uma reIeição. Verdade é Tue o Iato de eu estar um pouco doente constitui para mim uma surpresa. Ainda preciso Iamiliarizar-me com a ideia de ser paciente e pertencer à roda de Yocês, em Yez de me sentir apenas como Yisitante. Mas, por outro lado, a surpresa não é tão grande assim, pois nunca tiYe a impressão de gozar de saúde esplêndida, e Tuando penso nos meus pais Tue morreram ambos muito MoYens... donde Yiria afinal o esplendor? Não se pode negar Tue Yocê mesmo tem uma peTuena lesão, embora ela esteMa mais ou menos boa agora, e me parece bem possíYel Tue haMa na nossa Iamília uma tendência para isso. Behrens Iez uma alusão nesse sentido.

SeMa como Ior, desde ontem estou deitado aTui e me ocupo em analisar os sentimentos Tue tiYe o tempo todo, e a atitude Tue tomei em relação às coisas, sabe?, em Iace da Yida e de suas exigências. Na minha natureza houYe sempre certa inclinação para a seriedade e uma determinada antipatia contra maniIestações robustas e barulhentas. Faz pouco tempo Tue Ialamos a esse respeito, e eu mencionei Tue às Yezes Tuase tiYe Yontade de ser pastor, por gosto pelas coisas tristes e edificantes... Por exemplo, um pano preto, sabe?, com uma cruz de prata em cima ou com as letras R.I.P... “Requiescat in pace”... uma bela Irase, a mais bela de todas, na Yerdade, e Tue me agrada bem mais Tue “Muitos anos de Yida”, com sua alegria ruidosa. Creio Tue tudo isso se deYe

ao Iato de Tue eu mesmo ando atacado pela doença e tenho, desde o começo, Iamiliaridade com ela, como agora se torna eYidente. Mas, se realmente é assim, posso dizer Tue fiz muito bem em ter Yindo para cá e submeter-me a um exame. Você não precisa ter TuaisTuer remorsos por causa disso. Não ouYiu Tue, se eu tiYesse continuado por mais algum tempo com aTuela minha Yida na planície, poderia ter acontecido Tue todo o lobo do pulmão Iosse por água abaixo?

— Disso ninguém pode ter certeza — disse Joachim. — É Mustamente isso o Tue não se sabe. Dizem Tue Yocê Má teYe em outras ocasiões Iocos com os Tuais nunca ninguém se preocupou,

e Tue se curaram por si mesmos, de maneira Tue nada deles sobrou a não ser uma macicez sem importância. É bem possível Tue o mesmo se Iosse dar com aTuele lugar úmido do Tual eles Ialam agora, se Yocê não me tiYesse Yisitado casualmente aTui em cima. É disso Tue não se pode ter certeza.

— Não, a gente não pode ter certeza de coisa alguma — respondeu Hans Castorp. — E por essa razão não temos o direito de supor o pior, tampouco no Tue se reIere ao tempo Tue terei de permanecer aTui como paciente. Você diz Tue ninguém sabe Tuando poderei partir para começar a trabalhar nos estaleiros, mas disse essas palaYras num sentido pessimista, e isso me parece precipitado, Mustamente porTue não se pode saber nada. O Behrens não fixou prazo algum; é um homem circunspecto e não Iaz o papel de adiYinho. Ainda não Ioram Ieitas a radioscopia e as chapas radiográficas Tue lhe permitirão tirar conclusões obMetiYas. Quem sabe se elas apresentarão um resultado importante, pode ser Tue até então eu Má esteMa sem Iebre e diga adeus a Yocês. Creio Tue não conYém dar alarme antes do tempo e, sem mais nem menos, contar histórias Tue Yão assombrar o pessoal lá em casa. Basta escreYermos TualTuer dia desses — posso escreYer aTui mesmo, com esta caneta-tinteiro, basta erguer-me um pouco — Tue

estou Iortemente resIriado, com Iebre e acamado, e Tue no momento ainda não posso YiaMar. Quanto ao resto, Yeremos depois.

— Está bem — disse Joachim —, podemos Iazer assim, por enTuanto. Nesse caso poderemos esperar algum tempo também com respeito às outras disposições.

— Que outras disposições?

— Não seMa tão impreYidente! Você se preparou apenas para uma estada de três semanas, com essa sua maleta. Vai precisar de roupas, roupa de baixo, roupa de inYerno, e mais calçados. E afinal de contas será necessário Tue lhe mandem dinheiro.

— Supondo... — disse Hans Castorp — supondo Tue eu Yá precisar de tudo isso.

— Certo, aguardemos os resultados. Mas conYém... e isso de Iorma alguma! — prosseguiu Joachim, caminhando nerYosamente pelo Tuarto — ... conYém Tue não nos iludamos! Há bastante tempo Tue estou aTui e entendo disso. Quando o Behrens diz Tue há um lugar com respiração rude, Tuase um ruído bolhoso... Mas, é claro, por certo podemos esperar!

E assim ficou, por enTuanto. As Yariantes semanais e Tuinzenais do dia normal Yoltaram a preYalecer, e Hans Castorp participou delas, também na sua situação atual, desIrutando-as,

senão diretamente, pelo menos através das informações que lhe deu Joachim, quando ia vê-lo e se sentava por um quarto de hora na beira da cama.

A bandeira com a qual na manhã de domingo lhe apresentaram o café estava ornada com um pequeno vaso de flores, e não haviam estendido de lhe enviar alguns dos biscoitos finos que nesse dia eram servidos na sala. Mais tarde, animou-se o movimento no jardim e no terraço, quando teve início o concerto bimensal, com um alarido de clarins e o som lúcido de clarinetas, e durante o qual Joachim permaneceu ao lado do primo: ele assistiu ao programa no compartimento da sacada, cuja porta estava

aberta, enquanto Hans Castorp, semissentado na cama, com a cabeça inclinada para o lado e o olhar abandonado a uma sensação entre terna e dolorosa, escutava as harmonias que se arrombavam sobre ele e o iam recordar, com certo desdém, os discursos de Settembrini acerca da música “politicamente suspeita”.

De resto, como já dissemos, ele se inteirava, por intermédio de Joachim, dos acontecimentos e aspectos desses dias. Interrogou-o sobre o domingo, se então haviam aparecido vestidos elegantes, matinées de renda ou coisa que o valha (mas para matinées de renda havia muito Iríio excessivo). Também quis saber se pela tarde haviam Iríio excursões de coche (com

eIeito, algumas aconteceram: a “Sociedade Meio-Pulmão” Iora in corpore até ClaYedell); e na segunda-Ieira pediu inIormações sobre a conIérence do dr. KrokoZski, Tuando Joachim Yoltou de lá e, antes de começar o repouso da tarde, Ioi ter com ele. Joachim mostrou-se taciturno e pouco disposto a relatar pormenores da palestra, como tampouco haYiam Ialado sobre a anterior. Mas Hans Castorp insistiu em conhecê-los.

— Eu fico aTui no meu Tuarto e pago o preço inteiro — disse. — Quero também participar do Tue oIerecem. — Relembrou a segunda-Ieira de duas semanas antes, com aTuele passeio Tue dera por conta própria e do Tual não se saíra muito bem.

Formulou a hipótese de Tue, no Iundo, Iora esse passeio o Tue proYocara a reYolução no seu corpo e causara a irrupção da enIermidade latente. — Mas como Ialam por aTui! — exclamou.

— A gente do poYo! Com Tuanta dignidade e solenidade! Às Yezes soa como poesia. “Pois então, passe bem, e muito agradecido!” — repetiu, procurando imitar a Iala do lenhador. — Foi o Tue ouYi na floresta e não o esTuecerei por toda a minha Yida. Tais coisas associam-se a outras impressões e reminiscências, sabe?, e guardam-se no ouYido até o fim dos dias... O KrokoZski Ialou outra Yez do “amor”? — perguntou, Iazendo uma careta ao pronunciar essa palaYra.

— Lógico — respondeu Joachim. — De Tue mais Ialaria? Este é, afinal, seu tema.

— E Tue disse hoMe?

— Ora, nada de especial. Você Má ficou sabendo, da outra

Yez, como ele costuma expressar-se.

— Mas Tue noYidades contou?

— Nada de especialmente noYo... Pois é; o Tue ele contou hoMe Ioi Tuímica pura — relatou Joachim de má Yontade. “ATuilo” representaria, segundo ele, uma espécie de intoxicação, de autointoxicação do organismo, Ioi o Tue disse o dr. KrokoZski, e sua origem estaria na decomposição de uma substância ainda desconhecida, espalhada por todo o corpo; e os produtos dessa decomposição exerceriam um eIeito inebriante sobre certos centros da medula espinhal, o mesmo Tue sucederia no caso do consumo habitual de tóxicos, como cocaína ou morfina.

— E daí Yêm as tais “bochechas alegremente rosadas”! — disse Hans Castorp. — VeMam só! Isso é notáYel! Quanta coisa não sabe aTuele suMeito! É para lá de sábio, esse doutor. Espere só, Tue TualTuer dia ele acaba descobrindo a tal substância desconhecida, espalhada por todo o corpo, e se mete a Iabricar os tóxicos solúYeis Tue embriagam o centro, para Tue possa embriagar as pessoas de um modo todo especial. Quem sabe se em outros tempos Má não conseguiram isso? Ao ouYir essas coisas, pode-se acreditar Tue haMa alguma Yerdade nas histórias

sobre filtros de amor e em outras Iábulas semelhantes. Tue se encontram nos liYros de lendas antigas... Você Má Yai?

— Sim — disse Joachim —, é absolutamente necessário Tue me deite um pouco. Minha curYa anda subindo desde ontem. O seu caso parece Tue mexeu com meus nerYos...

Assim se passaram o domingo e a segunda-Ieira. Vieram a manhã e o anoitecer, e Iez-se o terceiro dia da estada de Hans Castorp na “oficina”, um dia de semana sem TualTuer distinção, a terça-Ieira. Era, entretanto, o dia da sua chegada ali em cima, de maneira Tue estaYa em DaYos

haYia três semanas. Assim, sentiu-se obrigado a redigir a reIerida carta para casa e a inIormar seus tios, pelo menos superficial e proYisoriamente, a respeito da sua situação.

Recostado no traYesseiro de plumas, escreYeu sobre uma Iolha de papel com o cabeçalho do estabelecimento, comunicando Tue sua partida, ao contrário do preYisto, seria atrasada. Contou Tue estaYa acamado com uma gripe e com Iebre, e Tue o conselheiro áulico Behrens, em Yirtude de um excesso de cuidado, característico dele, insistia em leYar a coisa a sério, Má Tue a relacionaYa com a sua constituição geral, isto é, a “deste Tue Yos escreYe”. Pois desde sua primeira entreYista o médico-cheIe achara-o muito anêmico e considerou, em suma, Tue o prazo preestabelecido por ele, Hans Castorp, para seu próprio descanso não se poderia acatar como suficiente. Outros

pormenores seguirão em breYe... “Assim está bem”, pensou Hans Castorp. “Não há palaYras demais e basta para manter tudo em ordem por algum tempo.” A carta Ioi entregue ao criado, Tue a leYou diretamente ao trem, eYitando a demora da caixa do correio.

Com isso, as coisas essenciais pareceram bem arranMadas ao nosso herói aYenturoso; e de espírito tranTuilo, ainda Tue atormentado pela tosse e pelo nariz entupido por causa do resIriado, ele começou a YiYer um dia de cada Yez, acomodando-se a cada dia normal em sua fixa monotonia, subdiYidido em diYersos e numerosos pedacinhos, nem Iastidioso nem interessante, e sempre o mesmo. Pela manhã, após ter batido Yigorosamente à porta, entraYa o massagista, um indiYíduo musculoso chamado Turnherr, com as mangas da camisa arregaçadas, Yeias aYultadas nos antebraços, um Meito de Ialar gutural e bastante limitado, Tue se dirigia a Hans Castorp chamando-o pelo número do Quarto, como Iazia com todos os enIermos, e o IriccionaYa com álcool. Logo depois da sua saída aparecia Joachim, Má completamente Yestido, para dar o bom-dia ao primo, inteirar-se da temperatura das sete da manhã e comunicar

a sua própria. EnTuanto Joachim tomaYa caIé lá embaixo, Hans Castorp Iazia o mesmo, com o traYesseiro de plumas nas costas e com o apetite Yoraz Tue uma mudança de situação costuma

proYocar. Mal o incomodaYa a irrupção pressurosa e puramente profissional dos médicos, Tue a essa hora Má haYiam atraYessado a sala de reIeições e se desincumbiam, a passo acelerado, de sua ronda pelos Tuartos dos acamados e moribundos. Com a boca repleta de geleia, Hans Castorp afirmaYa ter dormido muito bem, obserYaYa por cima dos bordos da xícara como o conselheiro, fincando as mãos na mesa central, examinaYa depressa a planilha com as temperaturas e com uma Yoz displicentemente arrastada retribuía a saudação de despedida. Depois acendia um cigarro, e lá estaYa Joachim, de Yolta de seu passeio matinal obrigatório, Tuando mal pensara Tue ele seTuer pudesse haYer saído. NoYamente conYersaYam sobre isso e aTuilo, e o lapso de tempo até a segunda reIeição da manhã — Joachim, nesse ínterim, entregaYa-se ao repouso — era tão curto Tue mesmo um perIeito cretino ou débil mental não chegaria a aborrecer-se. E muito menos ocorria isso a Hans Castorp, ocupado como estaYa com digerir as impressões Tue lhe haYiam trazido as três primeiras semanas da sua estada ali em cima, e Tue além disso tinha muito Tue meditar acerca de sua situação presente e sobre o fim a Tue ela iria leYar. Assim, nem seTuer tiYera necessidade dos dois grossos Yolumes de uma reYista ilustrada Tue, Yindos da biblioteca do sanatório, Maziam sobre seu criado-mudo.

E o mesmo se aplica ao intervalo de tempo durante o qual Joachim ia dar seu segundo passeio a DaYos-Platz, uma horinha, Tuando muito. Então o primo entraYa de noYo no Quarto de Hans Castorp, para contar isso e aTuilo Tue lhe houYessem despertado interesse enTuanto caminhará, e permanecia algum tempo de pé ou sentado Munto da cama hospitalar, antes de se recolher ao repouso do meio-dia — Tue Tuanto tempo duraYa? Só mais uma horinha! A gente

mal chegaYa a Muntar as mãos atrás da cabeça e a mirar um pouTuinho o teto do Quarto, entregando-se aos seus pensamentos, e Má ressoaYa o gongo conYidando todos Tue não estiYessem nem acamados nem moribundos a se postarem de pé, a caminho da reIeição principal.

Ia-se Joachim, Yinha a “sopa do almoço”: uma denominação de simbolismo ingênuo, em consideração àTuilo Tue iam trazendo! Pois Hans Castorp não Iora suMeito a um regime de enIermo — nem haYeria por Tue o submeterem a isso. Uma alimentação parca, de doente, não era indicada de maneira alguma para o estado em Tue se encontraYa. AchaYa-se ali e pagaYa tariIa integral, e o Tue lhe trazem na eternidade parada dessa hora não é uma “sopa do almoço” coisa alguma, mas sim o menu do BerghoI com seus seis pratos, completo e sem a mínima restrição: uma reIeição opulenta nos dias de semana, e nos domingos um Iestim de gala, prazer

e espetáculo, preparado na cozinha de luxo do hotel por um chefe de cozinha de formação europeia. A criada do salão cuja função era atender os doentes acamados trazia os pratos montados em apetitosas caçarolas cobertas por tampas niTueladas; ela empurraYa sobre a cama o tampo da mesa de hospital, essa maraYilha da obtenção de eTuilíbrio sobre um pé só, posta no Quarto momentos antes, e então Hans Castorp regalaYa-se com tudo aTuilo, como o filho do alIaiate diante da mesinha mágica no conto de Iadas.

Apenas terminada sua reIeição, Joachim aparecia de noYo, e até Tue este se encaminhasse ao seu compartimento na sacada e o silêncio do grande repouso começasse a pairar sobre o BerghoI Má seriam Tuase duas e meia. TalYez Ialtasse ainda um pouTuinho; para sermos exatos, eram apenas duas e Tuinze. Mas não conYém leYar em conta tais Tuartos de hora supranumerários Tue ultrapassam as unidades redondas; são absorYidos despercebidamente, sobretudo num ambiente generoso em matéria de tempo, como, por exemplo, em Yiagens, Tuando se fica muitas

horas no trem, ou em outras ocasiões Tue acarretam um estado Yazio de prolongada espera, em Tue todos os esIorços e toda existência ficam reduzidos à tareIa de passar e Yencer o tempo. Duas e Tuinze eTuiYalem então a duas e meia; eTuiYalem, por Deus do céu, até mesmo a três horas, pois se pode dizer Tue

Alta meia hora para as três. Os trinta minutos, considerados um prelúdio à hora Tue Yai das três às Tuatro, são descontados intimamente, como se costuma Iazer nessas circunstâncias. E dessa Iorma, a duração do grande repouso reduzia-se, afinal de contas e em definitiYo, a uma hora apenas, Tue, além do mais, se Yia diminuída, aparada e como Tue apostroIada pouco antes do seu fim. O apóstroIo era o dr. KrokoZski.

Sim, o dr. KrokoZski Má não contornaYa mais o Tuarto de Hans Castorp durante a ronda Tue Iazia sozinho de tarde. Agora o MoYem figuraYa no balanço, deixara de ser um interYalo e hiato, era um paciente; interrogaYam-no, em Yez de negligenciá-lo, como lhe acontecera durante tanto tempo, para seu descontentamento, Tue era leYe, discreto, mas presente dia a dia. Fora na segunda-Ieira Tue o dr. KrokoZski aparecera pela primeira Yez no Tuarto do nosso herói. Usamos o termo “aparecer” como adeTuado, dada a impressão estranha e mesmo um tanto horríYel Tue Hans Castorp não pôde deixar de ter naTuela ocasião. Ele se abandonara a um cochilo, ou meio cochilo, Tuando, num sobressalto, deu pela presença do assistente, Tue se achaYa no Tuarto sem ter entrado pela porta, e se aproximaYa dele, Yindo de Iora. Pois o médico tomara o caminho, não pelo corredor, mas sim pela área externa, e entrara pela porta da sacada, de maneira Tue parecia ter chegado pelos ares. Em todo caso, ele surgira de repente ao pé da cama de Hans

Castorp, pálido, vestido de preto, espadaúdo e atarracado, o apóstrofo da hora; e por entre sua barba bipartida Yiram-se num sorriso Yiril os dentes amarelados.

— O senhor parece surpreendido em me Yer aTui, sr. Castorp
— dissera o dr. KrokoZski com uma brandura de barítono, arrastando as palaYras e Ialando de modo um tanto aIetado, com “r” palatal exótico, Tue ele não YibraYa, mas emitia com um golpe único da língua logo atrás dos incisiYos superiores. — Limito-me a cumprir um agradáYel deYer, Yerificando se tudo Yai bem por aTui. Suas relações conosco entraram numa noYa Iase. Da noite para o dia, o Yisitante transIormou-se num camarada. — A palaYra “camarada” causara em Hans Castorp uma leYe inTuietação. — Quem diria! — graceMara o dr. KrokoZski como um bom camarada. — Quem imaginaria Tue seria assim, naTuela noite em Tue tiYe a honra de saudá-lo pela primeira Yez, e o senhor corrigiu minha opinião errônea (era errônea na ocasião), dizendo Tue gozaYa da mais perIeita saúde! Acho Tue maniIestei então TualTuer coisa parecida com uma dúYida, mas asseguro-lhe Tue não Tuis aludir a uma coisa dessas! Não deseMo passar por mais clariYidente do Tue sou. Eu não tinha em mente algo como um lugar úmido; IalaYa num sentido diIerente, mais geral, mais filosófico, e apenas expressaYa minhas dúYidas Tuanto à possibilidade de “ser humano” e “saúde perIeita” serem termos compatíYeis. E

ainda hoMe, mesmo após o resultado de seu exame, não posso, segundo meu modo de ser, e discordando de meu prezado cheIe, conceder a esse lugar úmido aí — e com a ponta do dedo tocara leYemente o ombro de Hans Castorp — um interesse prioritário. Para mim, ele não passa de um Ienômeno de segunda ordem... O orgânico é sempre secundário...

Hans Castorp estremeceira.

— ... e por isso é a sua gripe, aos meus olhos, um Ienômeno de terceira ordem — acrescentou o dr. KrokoZski com muita displicência. — Como Yai ela? O descanso na cama terá por certo um eIeito rápido e benéfico. Quais são as suas temperaturas de hoMe? — E dali em diante a Yisita do dr. KrokoZski assumira o caráter de uma simples e inoIensiYa Iormalidade, caráter Tue guardaram todas as demais Yisitas, nos dias e nas semanas Tue a seguiram. O

dr. KrokoZski chegaYa Ialtando Tuinze para as Tuatro ou um pouTuinho mais cedo, entraYa pela sacada, cumprimentaYa da sua maneira enérgica e MoYial o paciente acamado, Iazia as perguntas profissionais mais rudimentares, entabulaYa, às Yezes, uma breYe conYersa de natureza mais pessoal, largaYa algumas pilhérias cheias de camaradagem; e, embora tudo isso não deixasse de suscitar certa reserYa, acaba-se por se acostumar, Tuando não se ultrapassam certos limites, e Ioi assim Tue Hans Castorp logo não teYe mais o Tue obMetar às aparições

periódicas do dr. KrokoZski, Tue passaram a ser parte do dia normal e apostroIar a hora do grande repouso.

Eram, pois, Tuatro horas Tuando o assistente YoltaYa a moYer-se pela sacada; Tuatro horas, isto é, plena tarde! De súbito, inopinadamente, achaYa-se Hans Castorp em plena tarde, Tue por sua Yez não se demoraYa em aYizinhar-se da Tuase noite: Tuando acabaYam de tomar o chá, na sala de reIeições e no Tuarto 34, Má eram perto de cinco horas, e até Tue Joachim Yoltasse de seu terceiro passeio obrigatório, e Iosse noYamente ter com o primo, Má seria tão próximo das seis Tue, numa conta redonda, o repouso até o Mantar Yoltaria a limitar-se a uma hora apenas, de Iorma Tue o tempo constituía um adYersário Iacílmo de Yencer, para Tuem tiYesse a cabeça repleta de pensamentos e dispusesse, além disso, de todo um orbis pictus na mesinha de cabeceira.

Joachim despedia-se para ir à reIeição. Traziam o Mantar. O Yale, haYia muito, enchera-se de sombras, e enTuanto Hans Castorp comia a escuridão espalhaYa-se a olhos Yistos pelo Tuarto branco. Terminada a reIeição, ele permanecia recostado no traYesseiro, diante da mesinha de conto de Iadas, então Yazia, e contemplaYa o crepúsculo Tue se acentuaYa rapidamente, o crepúsculo desse dia Tue dificilmente se deixaYa distinguir do da Yéspera e do de oito dias antes. Já era noite, e mal passara a

manhã. O dia subdividido, artificialmente aberto, desagregara-se e

desvanecera-se literalmente entre seus dedos, com o rosto cheio de surpresa, ou talvez um tanto pensativo; pois ainda não se achava na idade em que a gente se horroriza ante essa descoberta. Para ele era apenas como se nunca tivesse deixado de contemplar esse mesmo crepúsculo.

Um dia — podia ser o décimo ou o décimo segundo desde que Hans Castorp se acamara — bateram à porta do quarto, ou seja: antes que Joachim tivesse voltado do jantar e da reunião. E à ordem de “entre!”, Hans Castorp pronunciou com voz inquiridora, surgiu no limiar do Settembrini: e de um só golpe fez-se no quarto uma claridade deslumbrante. Pois o primeiro movimento do visitante, ainda antes de fechar a porta, fora acender a luz do teto, que, refletida pelo branco das paredes e dos móveis, encheu imediatamente o aposento numa luminosidade trêmula.

Dentre todos os pensionistas, o italiano era o único de quem Hans Castorp, nesses dias, pedira especial e expressamente notícias a Joachim. Este não deixava de lhe relatar as pequenas ocorrências e modificações da vida cotidiana do estabelecimento, cada vez que se sentava, por dez minutos, na beira da cama, o que se dava dez vezes por dia. As perguntas que Hans Castorp lhe fizera haviam sido de caráter geral e

impessoal. A curiosidade de MoYem solitário leYaYa-o a perguntar se, porYentura, tinham chegado noYos hóspedes, ou se partira uma das fisionomias conhecidas; e parecia causar-lhe satisfação a resposta de Tue só a primeira coisa sucedera.

Chegara um “noYo”, um moço de rosto esYerdeado e caYo, Tue recebera um lugar à mesa da sra. Iltis e da srta. LeYi, aTuela da tez de marfim, logo à direita da mesa dos primos. Ora, Hans Castorp esperaria pacientemente a oportunidade para Yê-lo. Ninguém se Iora, então? Joachim disse Tue não, baixando os olhos. Mas teYe Tue responder a essa pergunta repetidas Yezes, de dois em dois dias, pouco mais ou menos, e isso

apesar de haYer tentado inIormar de uma Yez por todas, e de haYê-lo dito com alguma impaciência na Yoz, Tue ninguém tencionYa partir, e Tue não era costume ali partir assim, sem mais nem menos.

No Tue dizia respeito a Settembrini, porém, Hans Castorp solicitara inIormações especiais. DeseMara saber o Tue ele “dissera disso”. Disso o Tuê?

— De eu estar deitado aTui e ser tratado como doente, ora essa!

Com eIeito, Settembrini maniIestara uma opinião, ainda Tue laconicamente. Logo no dia do desaparecimento de Hans Castorp, aproximara-se de Joachim, a fim de saber onde se achaYa o Yisitante; parecera disposto a receber a notícia da sua

partida. Ao ouvir as explicações de Joachim, proferiu apenas duas palavras italianas; dissera primeiro “Ecco” e depois “PoYeretto”, o que significa: “está vendo?” e “coitadinho” — não era preciso entender mais italiano do que os dois moços para apreender o sentido dessas exclamações.

— Por que “poYeretto”? — perguntara Hans Castorp. — Afinal, ele também se acha amarrado aqui em cima, com a sua literatura, que consta de humanismo e de política, e pouca coisa pode fazer em prol dos interesses da vida terrena. Ele que deixe de se compadecer de mim do alto da sua importância. Ainda voltarei à planície antes dele.

E agora o sr. Settembrini achava-se no quarto iluminado de choro. Hans Castorp, que se apoiara sobre um coto de madeira e se virara em direção à porta, reconheceu-o, piscando os olhos, e corou ao vê-lo. Como sempre, Settembrini levava o seu espesso paletó com as grandes lapelas, um colarinho meio puído, e as calças de tecido xadrez. Tendo apenas terminado a refeição, trazia, como de costume, um palito entre os dentes. As commissuras da boca, por baixo da bela curva do bigode, entesaram-se, exibindo o conhecido sorriso fino, seco e crítico.

— Boa noite, Engenheiro! O senhor me dá licença para visitá-lo? Sim? Nesse caso é indispensável a luz... Desculpe a minha arbitrariedade! — disse apontando para a lâmpada do teto

com um gesto elegante da mãozinha. — O senhor está meditando? Não quero, de modo algum, perturbar-lhe os pensamentos. Acho plenamente justificada uma tendência à reflexão, no seu caso, e para conversar o senhor dispõe, afinal de contas, do seu primo. Bem se você tem percepção da minha desnecessidade. Contudo, estamos conversando aqui num espaço exíguo, e assim se cria uma simpatia de pessoa para pessoa, uma simpatia espiritual, uma simpatia do coração... Já faz uma semana inteira que não o vejo. Realmente, eu não penso que o senhor tivesse partido, quando foi o seu lugar Yazio, lá embaixo, no “refectorium”. O tenente me informou melhor, ou de você dizer, hum, informou-me do pior, e tenho esperança de que isso não soe como falta de cortesia... Numa palavra, como vai o senhor? Que anda fazendo? Como se sente? Espero que não esteja muito abatido.

— Ah! Sr. Settembrini, é o senhor? É muito agradável da sua parte. “Refectorium”? Rá, rá! Já está mandando outra vez. Sente-se, por favor. Não me incomoda, de modo algum. Eu estou deitado assim e me deixarei levar pelos pensamentos, ou talvez se me exagere falar em pensamentos. Era simples preguiça que me impedia de acender a luz. Muito obrigado, subitamente sinto-me quase normal. Ficar de cama curou-me quase completamente a febre, mas, como dormo todos

me dizem, isso era apenas um Ienômeno secundário. A temperatura, por sua vez, ainda não é normal, às vezes 37,5, outras 37,7. Nesse ponto, nada se modificou nos últimos dias.

— O senhor mede regularmente a temperatura?

— Sim, senhor. Seis vezes por dia, como todos aqui em cima. Rá, rá! O senhor me desculpe, mas ainda me rio da denominação de “refectorium” para nossa sala de refeições. Assim a chamam nos mosteiros, não é? Isto aqui tem

mesmo aquele ar de mosteiro. Nunca estive num mosteiro, mas imagino que deva ser parecido. Também já sei as “regras” de cor e observo-as minuciosamente...

— Como um Irade piedoso. Pode-se dizer que o senhor terminou o noYiciado e acaba de proIessar os Yotos. Minhas Ielicitações mais solenes! O senhor já Iala de “nossa sala de refeições”? Aliás, eu não quero Ierir a sua dignidade masculina, mas o senhor me lembra antes uma Ireirazinha que um monge, uma pequena noviça de Cristo, recém- tonsurada, inocentezinha, com os grandes olhos de uma Yítima imolada. Em outros tempos já vi esse tipo de oVelhinhas, e nunca... nunca sem me entregar a certo sentimentalismo. Ah, sim, sim! O senhor seu primo me contou tudo. No último instante o senhor afinal se submeteu ao exame.

— PorTue eu me sentia Iebril... VeMa, sr. Settembrini, com um catarro destes eu teria chamado o nosso médico, lá na planície. E aTui, onde a gente se acha por assim dizer na Ionte, onde há dois especialistas na casa... teria sido estranho...

— Claro, claro! E o senhor Má tinha tomado a temperatura antes Tue recebesse ordem de Iazê-lo. De resto Má lhe haYiam dado um conselho nesse sentido logo depois da sua chegada. Foi a Mylendonk Tuem lhe impingiu o termômetro?

— Impingiu, como? HaYia necessidade, então comprei um.

— Compreendo. Uma transação comercial impecáYel. E Tuantos meses o cheIe lhe pespegou?... Deus grandioso, Má lhe fiz essa pergunta uma Yez! O senhor se lembra? AcabaYa de chegar. Respondeu-me com tanto brio...

— Claro Tue me lembro, sr. Settembrini. Depois passei por tantas coisas noYas, mas disso sei como se Iosse hoMe. Já naTuela ocasião o senhor Ioi tão diYertido e nomeou o Conselheiro Behrens Muiz do inIerno... Radamés... Não, espere! O nome era diIerente...

— Radamanto? Pode ser Tue, de passagem, eu o tenha chamado assim. Não me lembro de tudo o Tue, em determinada ocasião, brota da minha cabeça.

— Radamanto, isso mesmo! Minos e Radamanto! ATuela

Yez também nos Ialou em Carducci...

— Perdão, meu caro amigo, deixemos esse nome de lado. No momento, ele soa muito estranho em sua boca!

— Como Tuiser — riu-se Hans Castorp. — Em todo caso Ioi por seu intermédio Tue aprendi muita coisa a respeito dele. Sim, então eu não suspeitaYa ainda de nada, e respondi ao senhor Tue tencionYa passar três semanas aTui; não tinha ideia alguma do resto. A KleeIeld acabaYa de me assobiar com o pneumotórax, e eu estaYa boTuiaberto. E logo naTuele primeiro dia Má tinha a impressão de estar com Iebre, pois o ar daTui é bom não somente contra a doença, mas também em prol dela. Às Yezes precipita sua irrupção, e Tuem sabe se isso não é necessário para Tue se realize a cura.

— Uma hipótese Iascinante! Será Tue o Conselheiro Áulico Behrens também Ihe Ialou daTuela teuto-russa Tue tiYemos aTui durante cinco meses no ano passado... Não: no ano retrasado? Não? Pois deYeria tê-lo Ieito. Uma senhora simpática, de origem teuto-russa, casada, MoYem mãe. Vinha do Leste, linIática, anêmica, e parece Tue haYia também TualTuer coisa mais graYe. Bem, ela passa aTui um mês e logo começa a lamentar-se de Tue se sente mal. Paciência, paciência! Decorre outro mês, e ela continua afirmando Tue, longe de estar melhor, anda cada Yez pior. Explicaram-lhe Tue unicamente o médico era capaz de Mulgar como o paciente anda; ela mesma só

podia dizer como se sentia, e isso tinha pouca importância. Quanto ao seu pulmão os doutores disseram estar satisfeitos. Pois bem, ela se cala, prossegue com o tratamento, e perde peso, semana após semana. No quarto mês desmaia durante os exames. Não faz mal, declara Behrens; com o estado do pulmão está bem satisfeita, foi o que ele disse. Mas no quinto mês ela já não consegue caminhar, então escreve uma carta ao marido sobre isso, lá longe no Leste; e Behrens recebe uma carta dele, com as palavras “Pessoal” e “Urgente” no envelope, numa letra enérgica. Eu mesmo vi. Pois bem, diz Behrens, dando de ombros, parece que ela não suporta bem o clima da Tui. A mulher ficou corada de si. Ele lhe deveria ter dito isso antes, foi o que ela gritou; e que sempre tivera essa impressão, e que se destruía toda ali!... Esperemos que em companhia do marido, lá no Leste, ela tenha recobrado as forças.

— Que maravilha! O senhor narra com tanta beleza, sr. Settembrini. Cada palavra é mesmo plástica. Também me viu muitas vezes a sós da história que nos contou sobre a aquela mocinha que tomou um banho no lago, e à qual tinham que dar a irmã muda. Sim senhor, acontece muita coisa neste mundo! A gente nunca para de aprender. Quanto ao meu próprio caso, ainda não existe certeza alguma. O Conselheiro diz que encontrou uma coisinha no meu pulmão. Eu mesmo ouvi, quando me percutiu, os lugares antigos onde estivera sem

saber. E agora parece que descobriu outro Ioco Iresco, não sei onde... Acho, aliás, que a palavra “Iresco” soa meio estranha com relação a essas coisas. Mas por enquanto só se trata de observações acústicas, e não chegaremos a um diagnóstico seguro antes de eu voltar a levantar-me e se proceda à radioscopia e à radiografia. Então, sim, teremos um resultado definitivo.

— Acha mesmo? O senhor sabe que recentemente a chapa fotográfica apresenta manchas, que são então interpretadas como calcárias, embora sejam apenas sombras, e em lugares onde, ali sim, há alguma coisa elas às vezes não mostram mancha nenhuma? Madonna, a chapa fotográfica! Este foi um moço numismata que tinha lebre, e, como tivesse lebre, foram vistas nitidamente umas calcárias na chapa fotográfica. Pretenderam até tê-las ouvidas. Trataram-no como se tivesse tísica, e no decorrer do tratamento morreu. A autópsia demonstrou que seu pulmão estava intacto, e que falecera não sei de quê.

— Ora Mãe, sr. Settembrini, o senhor fala logo de autópsia.

Espero que eu ainda não tenha chegado a esse ponto.

— Meu caro Engenheiro, o senhor é um bêbado!

— E o senhor é muito crítico e muito cético, isso não se discute! Não acredita nem sequer na ciência exata. E a sua própria chapa mostra manchas?

— Mostra, sim.

— E o senhor está realmente um pouco enfiado?

— Sim, infelizmente ando bastante enfiado — tornou o sr. Settembrini, baixando a cabeça. Fez-se uma pausa, durante a qual tossiu levemente. Hans Castorp, da sua posição de repouso, contemplou o Visitante reduzido ao silêncio. Era como se, com aquelas perguntas muito simples, tivesse reafirmado e silenciado muita coisa, inclusive a república e o belo estilo. Da sua parte, não fez nada para reafirmar a conversa.

Depois de algum tempo, o sr. Settembrini ergueu-se de novo, sorrindo.

— Diga-me, Engenheiro — perguntou —, como é que sua família recebeu a notícia?

— Que notícia? A do adiamento do meu regresso? Ora, minha família, o senhor sabe?, minha família, lá em casa, consta de três tios, um tio-avô e seus dois filhos, cujas relações comigo são, antes, de primos. Outra família não tenho. Sou órfão de pai e mãe desde muito cedo. Como receberam a notícia? Bem, ainda não sabem muita coisa, não sabem mais do que eu

mesmo. Logo no começo, Tuando tiYe de ficar de cama, escreYi uma carta a eles, dizendo Tue eu estaYa Iortemente resIriado e não podia YiaMar. E ontem, como Má fizesse muito tempo, escreYi outra Yez, aYisando Tue a minha gripe despertou a atenção do dr. Behrens a respeito do meu pulmão, e Tue ele insistia Tue eu prolongasse a minha estada, até Tue se esclarecesse o caso. Acho Tue eles se inteiraram de tudo isso com a mais completa calma.

— E o seu emprego? O senhor me Ialou de um campo de atiYidades práticas, ao Tual tencionYa dedicar-se em breYe.

— Sim, como Yoluntário. Pedi Tue por enTuanto me desculpassem, lá nos estaleiros. Não haYerá Tuem se desespere por isso, o senhor bem entende. Eles podem perIeitamente arranMar-se sem um Yoluntário.

— Ótimo! Sob esse ponto de Yista, tudo está em perIeita ordem. Fleuma em toda a linha! Em geral são muito fleumáticos, lá no seu país, não é? Mas também enérgicos!

— Ah, sim, enérgicos também, muito enérgicos — confirmou Hans Castorp. Examinou, à distância, a mentalidade da sua terra e Yerificou Tue seu interlocutor a Tualificara com acerto. — Fleumáticos e enérgicos, isso mesmo.

— Bem! — continuou Settembrini. — No caso de o senhor permanecer aqui por mais tempo, não nos faltará uma oportunidade para conhecer o senhor seu tio, Tuer dizer, o tio-
-aYô. Sem dúvida ele Yirá certificar-se de seu estado.

— Nem pense nisso! — exclamou Hans Castorp. — Nunca na vida! Nem dez cavalos conseguiriam arrastá-lo até aqui em cima. Meu tio é de constituição muito apoplética e tuase não tem pescoço. Não senhor! Ele precisa de uma pressão atmosférica razoável. Aqui se sentiria ainda muito pior do que aTuela sua senhora teuto-russa; teria toda espécie de chilitues.

— Isso me decepciona. Apoplético, o senhor disse? Que adiantam então a fleuma e a energia?... Seu tio é rico, não é? O senhor é rico também? Todos são ricos na sua terra.

Hans Castorp sorriu diante dessa generalização do sr. Settembrini. A seguir tornou a contemplar, da sua posição de repouso, aTuele mundo distante, a esIera familiar à qual Iora arrebatado. Recordava, esIorçaYa-se por Iormar uma opinião imparcial, e a isso a distância animaYa-o e disso o tornaYa capaz. Por fim respondeu:

— Ou se é rico, sim, ou não se é. Tanto pior para os que não são. Eu? Não sou milionário, mas o que tenho está garantido. Sou independente e tenho de que viver. Mas

deixemos de Ialar de mim. Se o senhor tiYesse dito: “É preciso ser rico, lá embaixo”, eu estaria de acordo. Pois, Tuando alguém não é rico ou deixa de sê-lo... ai dele! “ATuele suMeito? Será Tue ainda tem dinheiro?”, perguntam então, textualmente e com essa mesma cara. OuYi essas palaYras umas Tuantas Yezes, e YeMo Tue se graYaram na minha memória. Disso concludo Tue as estranhei, embora me Iossem Iamiliares; pois, do contrário, não as recordaria. O Tue o senhor acha? Não, não creio Tue, por exemplo, o senhor, um Homo humanus, se sentisse bem entre nós. Até eu Tue, afinal de contas, me criei ali, fiTuei às Yezes chocado, como percebo agora, apesar de pessoalmente não ter soIrido por esse espírito. Quem não Iaz serYir em seus banTuetes os mais seletos e os mais caros Yinhos não Yê sua casa IreTuentada e não consegue casar suas filhas. ATuele pessoal é assim. Deitado aTui como estou, e obserYando as coisas de certa distância, fico mesmo chocado. Que palaYras usou o senhor? Fleumáticos e...? Enérgicos! Sim senhor, mas Tue significa isso? Isso significa duro, Irio. E Tue significam duro e Irio? Significam cruel. A atmosIera, lá embaixo, é cruel, é inexoráYel. Quando alguém está deitado como eu, e olha as coisas de longe, sente-se horrorizado.

Settembrini ouYiu-o, meneando a cabeça. Continuou assim, até Tue Hans Castorp chegasse a um término proYisório da sua crítica e cessasse de Ialar. Depois disse com um suspiro:

— Eu não Tuero disIarçar as Iormas particulares Tue a crueldade natural da Yida assume no seio da sociedade do seu país. SeMa como Ior, a atribuição de crueldade não deixa de ser uma atribuição bastante sentimentalista. Por lá o senhor dificilmente o teria empregado, por receio de parecer ridículo perante si mesmo. Com toda razão abandonou o uso dessa atribuição aos Iracalhões da Yida. Que o senhor se sirYa dela agora reYela certa desambientação Tue eu não gostaria de Yer intensificar-se,

pois Tuem se habitua a seu uso pode Iacilmente acabar se perdendo para a Yida e para a Iorma de existência Tue lhe é inata. Sabe o senhor, meu caro Engenheiro, o Tue Tuer dizer “perder-se para a Yida”? Eu, sim, eu sei. VeMo isso todos os dias aTui. Ao cabo de seis meses, o mais tardar, o MoYem Tue chega aTui (e são Tuase sempre MoYens os Tue chegam) Má não tem outra coisa na cabeça Tue não o flerte e a temperatura. E depois de um ano, Tuando muito, ele Má não é mais capaz de pensar em outra coisa e passa a considerar “cruel” TualTuer outro pensamento, ou deIeituroso e ignorante, melhor dizendo. O senhor gosta de histórias. Eu poderia contar-lhe algumas. Poderia Ialar-lhe de certo filho e marido Tue passou onze meses aTui, e a Tuem conheci. Era um pouco mais Yelho Tue o senhor, acho eu, talYez até bastante mais Yelho. Como ele melhorasse aTui, deram-lhe alta, a título de experiência, e o

homem Yoltou aos braços dos seus. Não eram tios; eram a mãe e a esposa. Durante todo santo dia ficaYa deitado com o termômetro na boca, e não sabia Ialar de outra coisa. “Vocês não entendem”, dizia. “É preciso ter YiYido lá em cima para saber como as coisas deYem ser. ATui embaixo Ialtam os conceitos básicos.” Essas Tueixas só terminaram Tuando a mãe decidiu o caso. “Volte lá para cima”, disse ela. “Você não presta para mais nada.” E ele Yoltou mesmo, regressou à “sua terra”. Pois o senhor deYe saber Tue chamam isto aTui de “nossa terra”, os Tue aTui YiYeram. O homem alienara-se completamente da esposa. Ela não tinha os “conceitos básicos” e preIeriu renunciar. Entendeu Tue ele encontraria na “terra dele” uma companheira com os mesmos “conceitos básicos”, e Tue lá ficaria.

Hans Castorp escutara distraidamente. Tinha ainda o olhar craYado na lâmpada cintilante no Quarto branco, como em busca da distância. Riu-se um tanto atrasado e disse:

— Ele chamou aTui de “sua terra”? Realmente, é um pouco sentimentalista, como diz o senhor. De Iato, o senhor sabe inúmeras histórias. Eu continuaYa pensando naTuilo

Tue dizíamos, pouco atrás, sobre a dureza e a crueldade. São coisas Tue, nesses últimos dias, me passaram pela cabeça diYersas Yezes. VeMa, a gente precisa ter uma casca bem grossa mesmo para concordar por completo com a mentalidade do pessoal lá de baixo, na planície, e com perguntas como “Será

Tue ainda tem dinheiro, esse suMeito?” e com a cara Tue as acompanha. Quanto a mim, nunca deixei de achar isso pouco natural, embora não seMa, propriamente, um Homo humanus. Percebo agora, olhando para trás, Tue sempre impliTuei com esse Meito de ser. TalYez haMa uma relação entre essa minha atitude e o meu pendor inconsciente à doença. Eu mesmo ouYi como Behrens percutiu os lugares antigos, e agora ele afirma ter encontrado um peTueno Ioco recente. Essa descoberta surpreendeu-me um pouco, não há como negá-lo, e todaYia não posso dizer Tue me espantei muito. Nunca me senti firme como um rochedo, e como meus pais morreram tão cedo... Sou órIão de pai e mãe desde criança, sabe?

A cabeça, os ombros e as mãos do sr. Settembrini esboçaram um gesto único, Tue, de uma Iorma MoYial e polida, sugeria a pergunta: “Pois então? Que tal prosseguir?”.

— O senhor é escritor — disse Hans Castorp —, é literato; portanto deYe entender disso e compreender Tue, sob essas circunstâncias, não se consegue ter um espírito bruto nem achar perIeitamente natural a crueldade das pessoas — das pessoas comuns, sabe?, Tue passeiam e riem e ganham dinheiro e enchem a pança... Não sei se me expressei...

Settembrini Iez uma reYerência.

— O senhor Tuer dizer — explanou — Tue o contato prematuro e repetido com a morte produz uma disposição fundamental da alma Tue torna o indivíduo suscetível e atento às durezas e crueldades da vida mundana material, ou digamos: ao seu cinismo.

— Exatamente! — gritou Hans Castorp com sincero entusiasmo. — Que formulação admirável, sr. Settembrini! O

senhor pôs os pontos nos is. “Com a morte...” Eu sabia Tue o senhor, como literato...

Settembrini moveu a mão em direção ao MoYem, inclinando a cabeça para um lado e fechando os olhos, num gesto belo e suave, destinado a interromper o MoYem e a pedir-lhe mais uns instantes de atenção. Manteve-se durante alguns segundos nessa posição, mesmo depois de Hans Castorp haver calado e manter-se à espera do Tue estaria por vir. Finalmente reabriu os olhos negros, os olhos de tocador de realme, e disse:

— Permita-me. Permita-me, Engenheiro, Tue lhe diga e inculque Tue a única maneira sadia e nobre, aliás, também, como acrescento expressamente, a única maneira religiosa de encarar a morte é compreendê-la e senti-la como uma parte, como um complemento, como uma condição inelutável da vida, e não separá-la, certamente, da vida (o Tue seria o contrário de sadio, nobre, sensato e religioso) ao criar-se uma oposição intelectual

entre morte e Yida e, de modo abMeto, usar a morte como argumento contra a Yida. Os antigos adornaYam seus sarcófagos com símbolos de Yida, procriação, e até com símbolos obscenos. Para a religiosidade antiga, o sagrado IreTuentemente coincidia com o obsceno. Esses homens sabiam honrar a morte. A morte é YeneráYel como berço da Yida, como regaço da renoYação. Mas, separada da Yida, torna-se um Iantasma, um bicho-papão, e coisa pior ainda. Pois a morte, como potência espiritual independente, é uma potência extremamente deYassa; a perYersa atração Tue ela exerce é muito Iorte, sem dúYida, mas simpatizar com ela, também sem dúYida alguma, eTuiYale à mais horrorosa aberração do espírito humano.

Nesse ponto calou-se o sr. Settembrini. Parou ao chegar a essa generalização e terminou num tom decidido. LeYaYa o assunto a sério, e não Ialara de modo a manter uma conYersação; menosprezara dar ao interlocutor uma oportunidade para entabular e replicar e, ao contrário,

baixara a Yoz ao fim de suas afirmações, dando-lhes um ponto final. Permaneceu sentado, boca Iechada, mãos postas no colo; manteYe cruzadas as pernas Yestidas com a calça de xadrez e limitou-se a balançar o pé suspenso no ar, Tue fitaYa com um olhar seYero.

Diante disso, Hans Castorp ficou calado também. Recostando-se no traYesseiro de plumas, Yoltou a cabeça para a parede e tamborilou leYemente com a ponta dos dedos sobre o acolchoado. Era como se tiYesse recebido uma lição, como se o houYessem chamado à ordem, e mesmo repreendido. Seu silêncio tinha algo de obstinação pueril. A interrupção da conYersa estendeu-se por bastante tempo.

Finalmente, o sr. Settembrini reergueu a cabeça e disse com um sorriso:

— O senhor se lembra, Engenheiro, de Tue Má tiYemos uma discussão semelhante, ou até a mesma? NaTuela ocasião, acho Tue Ioi durante um passeio, IaláYamos sobre a doença e a estupidez, cuMa combinação o senhor consideraYa paradoxal, e isso deYido ao respeito Tue deYotaYa à doença. Eu TualifiTuei esse respeito de desatino sinistro, com o Tual se desonra a ideia do homem, e, para grande prazer meu, o senhor não me parecia totalmente aYesso a leYar em conta minhas obMeções. Tratamos também da neutralidade e da incerteza intelectual da mocidade, da sua liberdade de escolha, da sua tendência para Iazer experiências com todo tipo de pontos de Yista, e constatamos Tue não era nem lícito nem necessário considerar tais experiências opções definitiYas, Yálidas para o resto da Yida. O senhor me permite... — e o sr. Settembrini, sorridente, inclinou-se para a Irente na cadeira, com os pés Muntos no chão, as mãos

comprimidas entre os Moelhos e a cabeça um pouco mais adiante, numa posição oblíTua — ... o senhor me permite também no Iuturo — prosseguiu, e na sua Yoz YibraYa uma ligeira emoção — Tue o auxilie um pouco em suas tentatiYas e experiências, e Tue exerça uma Iunção de corretiYo, Tuando porYentura houYer o perigo de determinações Iunestas?

— Mas como não, sr. Settembrini! — respondeu Hans Castorp, apressando-se a abandonar a sua atitude tímida e um tanto recalcitrante. Cessou de tamborilar sobre o acolchoado e dirigiu-se ao Yisitante com amabilidade um tanto perplexa. — Acho muito gentil da sua parte... Pergunto-me, de Iato, se eu... Quer dizer, se no meu caso...

— E totalmente “sine pecunia” — citou o sr. Settembrini, leYantando-se. — Não Tuero ser menos generoso Tue os outros. — Riram-se ambos. OuYiu-se abrir a porta de Iora, e um momento após girou a maçaneta da porta interior. Era Joachim Tue YoltaYa da reunião da noite. Ao Yer o italiano, corou, como acontecera a Hans Castorp pouco antes, e a pele tostada de seu rosto adTuiriu um matiz mais escuro.

— Ah, está com Yisita — disse. — Que bom para Yocê! FiTuei retido lá embaixo. Obrigaram-me a Mogar uma partida de bridge. É o Tue chamam de bridge, oficialmente —

acrescentou, dando de ombros. — Em realidade era outra coisa. Ganhei cinco marcos...

— Tomara Tue Yocê não pegue esse Yício! — disse Hans Castorp.

— Hum, hum... O sr. Settembrini Iez-me passar o tempo agradaYelmente, enTuanto eu esperaYa pela sua Yolta.

“AgradaYelmente”, aliás, é uma expressão pouco apropriada Tue, a rigor, se pode aplicar ao seu Ialso bridge. Não, o sr. Settembrini ocupou-me o tempo de um modo muito mais eleYado... Uma criatura decente deYeria Iazer todos os esIorços para saIar-se daTui o mais depressa possíYel, ainda mais Tuando Yocês começam a entregar-se à Mogatina... Mas se é para ter a oportunidade de ouYir o sr. Settembrini com mais IreTuência e deixar-me aMudar por sua conYersa, eu Tuase deseMo ter Iebre por um tempo indefinido e ficar preso aTui... QualTuer dia acabarão por dar-me uma irmã muda, para Tue eu não possa enganá-los.

— Eu repito, Engenheiro, Tue o senhor é mesmo um pândego — disse o italiano. Despediu-se do modo mais cortês. Ficando a sós com o primo, Hans Castorp não conteYe um suspiro.

— Que pedagogo! — exclamou... — Um pedagogo humanista, não há como negar. A cada instante me corrige, ora por meio de historietas, ora de Iorma abstrata. E a conYersa

com ele leYa a tantos assuntos diIerentes... Eu Mamais imaginaria Tue se pudesse Ialar sobre eles, nem seTuer entendê-los. E se o tiYesse encontrado lá embaixo, na planície, por certo eu não os teria entendido — acrescentou.

ÀTuela hora, Joachim costumaYa permanecer algum tempo em companhia do primo. SacrificaYa para isso dois ou três Tuartos de hora do seu repouso noturno. Às Yezes MogaYam xadrez na mesinha de Hans Castorp, Má Tue Joachim trouxera lá de baixo um Mogo e um tabuleiro. Depois, ia buscar os seus apetrechos e, com o termômetro na boca, instalaYa-se na sacada, enTuanto também Hans Castorp tomaYa a temperatura pela última Yez, ao acompanhamento de música ligeira, cuMos sons subiam ora de longe ora de perto, atraYés do Yale perdido na noite. Às dez horas terminaYa o repouso. OuYia-se Joachim; ouYia-se também o casal da mesa dos “russos ordinários”... E Hans Castorp deitaYa-se de lado, à espera do sono.

A noite representaYa a metade mais diIícil da Mornada, pois Hans Castorp despertaYa IreTuentemente e não raras Yezes permanecia acordado durante longas horas, Iosse porTue o calor anormal do seu sangue o impedia de dormir, Iosse porTue a sua disposição e a sua capacidade para o adormecimento eram diminuídas deYido à sua existência Tue ora se daYa por completo na horizontal. Em compensação, as horas de

sono Yinham animadas por sonhos Yariados e cheios de Yida, sonhos nos Tuais podia continuar deYaneando depois de desperto. Se o dia se tornaYa breYe pela múltipla subdiYisão, de noite era a monotonia amorIa do progresso das horas o Tue produzia o mesmo eIeito. Quando chegaYa a manhã, constituía uma

distração obserYar como o Tuarto pouco a pouco se tornaYa cinzento e se reYelaYa, como os obMetos se salientaYam e depunham o Yéu Tue os enYoYera, e como a luz lá Iora se acendia com um esplendor ora alegre ora aYermelhado e turYo. E assim, inopinadamente, Yinha outra Yez o momento em Tue o massagista, batendo à porta com seu enérgico punho, anunciaYa o reinício do programa do dia.

Hans Castorp não leYara um calendário para Yiagem tão curta, e por isso nem sempre tinha noção exata das respectiYas datas. De tempo em tempo pedia ao primo inIormações a esse respeito, mas Joachim tampouco andaYa bem orientado nesse sentido. Os domingos, principalmente o do concerto, Tue acontecia a cada duas semanas, sendo este o segundo Tue Hans Castorp passaYa ali em cima, constituíam todaYia um ponto de reIerência para alguns, e portanto era certo Tue nesse ínterim o mês de setembro aYançaYa bastante e estaYa próximo do meio. Desde Tue Hans Castorp se achaYa na cama, o tempo Irio e nublado dera lugar, lá Iora no Yale, a uns belos dias de fim de Yerão, inúmeros dias

assim, uma série inteira deles, de modo que Joachim entra
todas as manhãs de calças brancas no quarto do primo, e
este, de sua parte, não conseguia reprimir uma sensação de
sincera contrariedade, uma contrariedade da alma e dos seus
músculos, diante da impossibilidade de desfrutar um
tempo agradável assim. A meia hora disse certa vez que era até
mesmo uma “Yergonha” deixá-lo inaproveitado; mas
acrescentou, para acalmar-se, que, mesmo se estivesse de pé,
tampouco poderia fazer muito mais que agora, visto a
experiência lhe proibir o excesso de movimento. E ao menos a
porta da sacada, ampla e bem aberta, oferecia-lhe um sabor
do brilho que havia lá fora, ao ar livre.

No entanto, ao final do prazo que lhe fora imposto, o tempo
voltou a mudar. Do dia para a noite tornou-se brumoso e frio.
O céu desapareceu numa neblina úmida, e o hálito seco da
calefação a vapor encheu o quarto. Assim

estava o dia em que Hans Castorp, à visita matinal dos
médicos, lembrou o conselheiro áulico de estar acamado há três
semanas, e pediu licença para levantar-se.

— Puxa! Já terminou? — disse Behrens. — Deixe ir! De fato, está
certo. Meu Deus, como a gente envelhece. Bem, durante todo
esse tempo o senhor não fez grandes progressos. Como?
Ontem esteve normal? Sim, com exceção da temperatura
das seis da tarde. Pois então, Castorp, não quero ser cruel. Vou

deYolYê-lo à sociedade humana. LeYante-se e passeie, meu amigo. Dentro dos limites indicados, naturalmente! Em breYe Iaremos um retrato do seu interior. Tome nota! — disse ao dr. KrokoZski, apontando com o polegar enorme por cima do próprio ombro para Hans Castorp e fitando, ao saírem, o assistente pálido, de olhos azuis, inMetados e lacrimosos... Hans Castorp estaYa liYre da “oficina”.

Com a gola do sobretudo leYantada e com galochas nos pés, Yoltou a acompanhar o primo até o banco ao lado do curso d’água e no regresso, não sem Yentilar o problema de saber por Tuanto tempo o conselheiro áulico o teria deixado na cama, caso ele mesmo não o tiYesse aYisado do fim do prazo. E Joachim, com olhar melancólico e a boca aberta como para proIerir um “Ah!” sem esperança, Iez no ar o gesto de Tue certas coisas são mesmo impreYisíYeis.

“MEU DEUS, EU VEJO!”

Passou-se uma semana antes que Hans Castorp fosse convidado por intermédio da enfermeira-chefe Von Mylendonk a apresentar-se no laboratório de radiologia. Ele não quis apressar o curso das coisas. Realmente, a grande azáfama no Berghof, era evidente que os médicos e empregados tinham muito que fazer. Nos últimos dias haviam chegado no hospital pensionistas: dois estudantes russos com bastas cabeleiras e com blusas negras, fechadas, que não deixavam a descoberto a menor parte da camisa; um casal holandês, que recebera lugares à mesa de Settembrini; um mexicano corcunda, que assustava os comensais com seus espantosos ataques de dispneia, durante os quais se agarrava com mãos de ferro aos vizinhos, fosse homem ou mulher, torçendo-os, apesar de toda a resistência horripilada que lhes opusessem, e dos gritos de socorro que lançassem, a participarem da sua própria angústia. Numa palavra, a sala de refeições estava tuase repleta, se bem que a temporada de inverno não começasse antes de outubro. E a pouca gravidade do caso de Hans Castorp, seu grau de enfermidade, mal lhe davam o direito de exigir atenção especial. A sra. St. hr, por exemplo, por mais estúpida e inculta que fosse, estava indubitavelmente muito mais enferma que ele, e o dr. Blumenkohl era bom mesmo para ele. Seriaaltar a

todo senso de hierarquia e de distância não observar, no caso de Hans Castorp, uma reserva modesta, tendo-se em conta, sobretudo, que tal mentalidade estava de acordo com o espírito da casa. Os levemente doentes não contavam muito, como Hans Castorp deduzia de conversas que ouvia. Falava-se deles com desdém, conforme a escala de valores ali usada; recebiam olhares de esguelha, não só por parte dos doentes graves e gravíssimos, senão também daqueles que eram igualmente “leves”: agindo assim, estes

menosprezavam na verdade a si próprios, mas ao mesmo tempo salvaguardavam a sua dignidade, por se submeterem à referida escala de valores. Isso é do ser humano. “Bah, esse sujeito!”, diziam um do outro. “Ele não sabe de nada, no mundo. Mal tem o direito de estar aqui. Não tem sequer uma cápsula...” Tal era o espírito que reinava no sanatório; era aristocrático, em certo sentido, e Hans Castorp inclinava-se diante dele, por um inato respeito à lei e à ordem, fosse qual fosse sua natureza. Cada terra com seu uso, reza o provérbio. Maniagem pouca cultura os vizinhos que zombam dos costumes e dos conceitos dos povos que os acolhem; e muitos são os tipos de qualidades que conferem honra a quem as possui. Mesmo em sua relação com Joachim, Hans Castorp observava um certo respeito e um toque de cerimônia, não só por ser o primo paciente mais antigo e seu guia e cicerone nesse mundo novo, mas antes

de tudo por se tratar, sem a menor dúvida, do “mais grato”. Assim sendo, era compreensível uma tendência, comum a todos, de atribuírem ao próprio caso a maior importância possível e exagerarem-lhe a grandiosidade, na intenção de pertencerem cada qual à aristocracia, ou de se aproximarem dela. O próprio Hans Castorp, quando interrogado à mesa, acrescentava alguns décimos à temperatura verificada, e não deixava de se sentir lisonjeado quando o advertiam com o dedo, como a um grande espertalhão. Mas, não obstante essa petulância gabolice, ainda continuava sendo personagem secundário, de maneira que paciência e discrição constituíam a atitude dele nela.

Reassumira o estilo de vida das três primeiras semanas, a vida ao lado de Joachim, familiar, agradável e regrada; e tudo corria à maravilha desde o primeiro dia, como se jamais tivesse sofrido interrupção. Com efeito, esta de agora era insignificante, como Hans Castorp logo notou, por ocasião do seu reaparecimento à mesa. Verdade é que Joachim, ligando deliberadamente uma importância especial

a esse tipo de fatos marcantes, empenhara-se em adornar com algumas flores a mesa do primo ressuscitado. Mas a recepção por parte dos comensais foi pouco interessante e não se distinguiu de nada de outras, anteriores, precedidas de uma separação de três horas, e não de três semanas: não tanto por

sentirem indiferença ante sua pessoa singela e simpática, nem por isso estivessem por demais ocupados consigo próprios, isto é, com seus corpos tão interessantes, senão pelo fato de não terem consciência do intervalo. E Hans Castorp podia segui-los sem esforço por esse caminho, até que se encontrava em seu lugar à extremidade da mesa, entre a professora e Miss Robinson, como se tivesse feito ali sua última rejeição, na véspera.

Se em sua própria mesa não se fazia grande caso do fim do seu retiro, como é que no resto da sala alguém se preocuparia com ele? Ninguém ali o percebera, ninguém mesmo — com exceção única de Settembrini, que ao final da rejeição se aproximara para uma saudação amistosa e brincalhona. Hans Castorp sentia-se, na verdade, inclinado a fazer mais uma exceção, a cujo respeito não nos arriscamos a opinar. Afirma-se de si para si que Cláudia Chauchat dera pelo seu reaparecimento logo quando entrara, atrasada como sempre, após ter batido a porta envidraçada; tinha certeza de que seus olhos estreitos o haviam fitado, e ele respondera a esse olhar; e mal ela se sentara, voltara-se de novo para o lado dele, sorrindo por cima do ombro, sorrindo como fizera três semanas antes, antes de ele ter ido ao exame médico. E esse gesto era tão pouco dissimulado, tão desprovido de consideração — de consideração tanto para com ele quanto para com os demais pensionistas — que Hans Castorp vacilava sobre se devia sentir-

se deliciado, ou tomar essa atitude por um sinal de desprezo e irritar-se por causa dela. Fosse como Iosse, o coração dele se contraía sob a influência desses olhares, Tu de um modo fantástico e inebriante tinham negado e desmentido as condições segundo as Tuas ambos se ignoram; contraía-se Tuase

dolorosamente, afinal, Má no momento em Tu brandira a porta envidraçada, pois Iora com respiração ofegante Tu ele aguardara até ali.

Comém ainda acrescentar Tu o Vínculo interior Tu Hans Castorp dedica-a à irmã da mesa dos “russos distintos”, a parte Tu seus sentidos e seu espírito modesto tomam nessa pessoa de estatura média, de andar líneo e de olhos turquizes, enfim, sua paixão por ela (permita-se a Ti o emprego dessa palavra, embora tal palavra se faça “lá de baixo”, uma palavra da planície, e possa despertar a ideia de Tu Yalha mencionar a Ti a tua cançãozinha “No fundo de minha alma ecoa...”.) Iez progressos muito grandes no período de reclusão. A imagem dela pairara diante dos olhos dele Tuando, acordado de madrugada, ele contemplara o quarto Tu aos poucos se delineava; ou Tuando, de tardezinha, fixara o olhar no crepúsculo cada vez mais denso (inclusive na hora em Tu Settembrini ali entrara, acendendo a luz subitamente, Iora essa a imagem Tu ele tivera à frente, com a mais absoluta nitidez, e por isso corara ao Yer

o humanista); nas maçãs do rosto dela, em sua boca, em seus olhos cuMa cor, Iorma e posição lhe laceraYam a alma, em suas costas lânguidas, na Yértebra de seu pescoço Tue despontaYa do decote da blusa sobre sua nuca, nos braços aureolados pela finíssima gaze, Iora nisso tudo Tue ele ficara pensando durante as tantas horas do dia subdiYidido — e se antes silenciámos sobre ele serYir- se desse meio para Iazer as horas passarem tão depressa Ioi porTue participamos com simpatia do desassossego de consciência Tue assomou em meio à assustadora Ielicidade causada por essas imagens e Yisões. Sim, existiam mesclados com isso o susto, o abalo psíTuico, a esperança Tue se perdia no infinito, no Yago, na mera aYentura, e existiam alegria e medo, um medo tão indefiníYel, mas Tue às Yezes comprimia de tal modo o coração do MoYem — o coração no sentido próprio e fisiológico — Tue ele então leYaYa uma das mãos à altura desse órgão e a outra à testa (Tual uma Yiseira por cima dos olhos) e murmuraYa:

— Meu Deus!

Pois atrás da Ironte haYia pensamentos ou semipensamentos, aos Tuais, afinal, as ditas imagens e Yisões deYiam sua desmedida doçura; e os Tuais se reIeriam à negligência e desconsideração de madame Chauchat, à sua situação de enIermidade, ao realce e ao destaTue Tue o corpo dela recebia em Yirtude da doença, sim, à corporalização de todo

seu ser por meio da doença, da Tual ele, Hans Castorp, também iria participar dali por diante, por decisão médica. Atrás de sua Ironte, ele compreendeu a liberdade aYenturosa com Tue a sra. Chauchat, ao Yoltar-se e sorrir para ele, ignorou o Iato de ambos ainda não haYerem sido apresentados segundo as conYeniências sociais, como se ambos não Iossem seres sociais e não sentissem necessidade de falar um com o outro... E Ioi precisamente isso Tue o assustou: e Tue o assustou da mesma Iorma como no instante em Tue ele, na sala de exames, desYiara o olhar do torso de Joachim para buscar os olhos do primo; com a diIerença de Tue antes haYiam sido a compaixão e o cuidado as causas do susto, e agora haYia algo muito diIerente em Mogo.

Assim, a Yida do BerghoI, tão conIortáYel e bem-regrada nos limites de sua ambientação, recobrou o curso inYariáYel Tue lhe era próprio. Hans Castorp, à espera de ser radiograIado, continuou a compartilhá-la com o bom Joachim e a Iazer, hora por hora, as mesmas coisas Tue o primo, cuMa proximidade parecia Iazer bem ao MoYem rapaz. Pois, embora se tratasse apenas de uma proximidade entre enIermos, haYia nela uma boa parte de honradez militar; uma honradez, na Yerdade, Tue despercebidamente Má estaYa a ponto de achar satisIação no serYiço representado pelo tratamento, de modo Tue esse serYiço se tornaYa, por assim dizer, um sucedâneo do cumprimento do

de Yer lá de baixo, e uma profissão substituta: Hans Castorp não era tão estúpido que não percebesse isso tudo de modo claro.

Mas

sentia muito bem, por certo, o efeito reitor que essa proximidade exercia sobre sua disposição de paisano, e talvez ela mesma — o exemplo que dava e o controle que exercia — a título que o lixava de passos imprudentes e de empresas precipitadas. Pois não lhe escapava o quanto o correto Joachim só iria em razão de determinado perfume de flor de laranjeira que o envolvia diariamente, e cuja atmosfera abrangia um par de olhos castanhos, redondinhos, um perfume rubi, muita alegria risonha, pouco mustificada, e uns seios bem-formados na aparência externa. A razão e a devoção à honra, que faziam que Joachim temesse e evitasse a influência dessa atmosfera, como iam Hans Castorp, impunham-lhe certo reatamento e certa ordem, e impediam-no, por assim dizer, de pedir à mulher de olhos estreitos que “lhe emprestasse um lápis”: algo que, sem essa proximidade disciplinadora — a mulher pela experiência que tinha —, ele talvez estivesse bastante propenso.

Joachim nunca falava da risonha Marússia, e esse fato proibía a Hans Castorp falar de Cláudia Chauchat na presença dele. Achava compensação à mesa, trocando secretamente opiniões com a professora sentada à sua direita; esforçava-se por corar as faces da solteirona, mediante algumas piadas a respeito

do seu Iraco pela graciosa enIerma, e ao Iazê-lo imitaYa aTuela atitude com Tue o Yelho Castorp apoiaYa dignamente o Tueixo no nó da graYata. Insistia também com ela para Tue o inteirasse de noYos e interessantes pormenores relatiYos à situação particular de madame Chauchat, sua origem, seu marido, sua idade e ao caráter da sua doença. Queria saber se ela tinha filhos. Mas por certo Tue não, não tinha. Uma mulher como esta, com filhos? ProYaYelmente estaYa proibida de tê-los, e, por outro lado, Tue espécie de filhos teria? Hans Castorp teYe Tue lhe dar razão. Opinou, com uma obMetiYidade Iorçada, Tue agora Má era um pouco tarde. Às Yezes, o perfil de madame Chauchat lhe parecia um pouco

rígido. Ela Má teria passado dos trinta anos? A srta. Engelhart contestou com Yeemência. ClaZdia, trinta? Quando muito, Yinte e oito. E no Tue se reIeria a seu perfil, como podia o Yizinho dizer uma coisa dessas? O perfil de ClaZdia era de uma delicadeza e suaYidade puramente MuYenis, se bem Tue Iosse um perfil interessante e não o de uma sirigaita TualTuer, cheia de saúde. E para castigá-lo a srta. Engelhart acrescentou sem titubear Tue com IreTuência a sra. Chauchat recebia Yisitas de senhores, em particular de um patrício dela Tue moraYa em DaYos-Platz: recebia-o de tarde, no Tuarto dela.

Essas palaYras acertaram o alYo. O rosto de Hans Castorp crispou-se, apesar de todo o seu esIorço, e também era Iorçada

a maneira como proIeriu as Irases “Imaginem” e “VeMam só”, para passar por cima da noYidade. Incapaz de dar pouca importância à existência desse compatriota, como fingira no começo, Yoltou a Ialar dele sem cessar, de lábios trêmulos. Era um homem moço?

— Moço e bem-apessoado, segundo ouYi dizer — respondeu a proIessora. — Não tiYe ocasião de Mulgar com meus próprios olhos.

— Doente?

— Quando muito, ligeiramente.

— Tomara — disse Hans Castorp com sarcasmo — Tue ele mostre um pouco mais de roupa branca do Tue seus patrícios da mesa dos “russos ordinários”. — E a srta. Engelhart, ainda para castigá-lo, respondeu Tue podia garantir o contrário. Hans Castorp, terminando por admitir Tue esse era um assunto merecedor de exame cuidadoso, encarregou-a seriamente de se inIormar sobre aTuele compatriota Tue com tanta IreTuência YisitaYa madame Chauchat. Mas, ao inYés de trazer notícias a respeito desse ponto, ela comunicou-lhe alguns dias após um Iato completamente diYerso.

A srta. Engelhart haYia descoberto Tue alguém pintaYa

ClaZdia Chauchat, Tue ela se deixaYa retratar, e perguntou

a Hans Castorp se ele também sabia disso. Podia estar certo de que a notícia procedia de fonte fidedigna. Já desde algum tempo, ela posava no próprio Berghof, e quem era quem lhe fazia o retrato? O conselheiro áulico! O dr. Behrens recebia-a quase diariamente em seu apartamento particular, para esse fim.

Essa novidade tocou Hans Castorp ainda mais que a anterior. Daí para diante passou a fazer uma porção de pilhérias torçadas a esse respeito. Ora, ninguém ignora que o doutor pinta a óleo. Que teria a professora? Não era coisa proibida, e todo mundo podia fazê-lo. E isso se passava nos aposentos do Yüyo? Era de esperar que pelo menos a srta. Von Mylendonk assistisse às sessões.

— Ela não tem tempo para isso.

— Mas tampouco Behrens deve ter mais tempo que a enfermeira-chefe — ponderou Hans Castorp com seriedade. Essa observação soou definitiva, mas ele estava longe de abandonar o assunto. Fez toda uma série de perguntas, para saber pormenores e o que mais fosse: quis saber as dimensões do retrato, se era de meio corpo ou corpo inteiro, e a que horas se dava nas sessões; mas também nesse ponto a srta. Engelhart mostrou-se incapaz de lhe oferecer detalhes e pediu-lhe que esperasse com paciência os resultados das próximas investigações.

Depois de se ter inteirado dessa notícia, Hans Castorp teYe

37,7. Muito mais do Tue as Yisitas Tue a sra. Chauchat recebia, atormentaYam-no e inTuietaYam-no as outras Tue ela Iazia. A própria existência particular e pessoal da sra. Chauchat, independente do seu conteúdo, Má começara a causar-lhe soIrimento e desassossego, e Tuanto não se intensificariam essas sensações Tuando lhe chegassem aos ouYidos outras insinuações relacionadas a esse conteúdo! Ainda Tue parecesse perIeitamente possíYel Tue as relações entre o Yisitante russo e sua compatriota Iossem de natureza banal e inocente, Hans Castorp sentia-se desde algum tempo inclinado a considerar a banalidade e a

inocência como lero-lero. E tampouco podia decidir-se a Iormar uma opinião diIerente Tuanto à pintura a óleo como base de relação entre um YiúYo de Yocabulário robusto e uma moça de olhos rasgados e andar Ielino. O gosto Tue o médico maniIestara na escolha de seu modelo correspondia por demais ao seu próprio para Tue pudesse acreditar-lhe no caráter banal, e a recordação das Iaces azuladas e dos olhos proeminentes, estriados de Yermelho, do conselheiro áulico, nada contribuía para diminuir seu ceticismo.

Um Iato Tue Hans Castorp obserYou nesses dias, casualmente e por conta própria, exerceu sobre ele um eIeito diIerente, posto Tue noYamente se tratasse de uma confirmação

de seu gosto. À mesa transYersal da sra. Salomon e do colegial Yoraz, de óculos, à esTuerda da mesa dos primos e nas proximidades da porta lateral, haYia um enIermo natural de Mannheim, como Hans Castorp ouYira dizer. Era um moço de trinta anos, pouco mais ou pouco menos, com cabelos ralos e dentadura cariada, e Tue IalaYa acanhadamente, o mesmo Tue de Yez em Tuando tocaYa piano durante a reunião noturna, e Tuase sempre a marcha nupcial de Sonho de uma noite de verão. Diziam Tue era muito deYoto: por motiYos óbYios, uma Tualidade não rara entre as pessoas aTui em cima, conIorme Hans Castorp ouYira dizer. Soubera também Tue o moço assistia todos os domingos ao serYiço religioso em DaYos-Platz e lia durante o repouso liYros edificantes, com um cálice ou um ramo de palmeira na capa. E Mustamente esse rapaz — Ioi o Tue Hans Castorp notou um belo dia — dirigia seus olhares ao mesmo ponto Tue ele próprio; craYaYa-os na graciosa pessoa de madame Chauchat, e isso de um modo entre tímido e indiscreto, Tue tocaYa as raiais do canino. Hans Castorp, após ter obserYado essa atitude pela primeira Yez, não pôde deixar de Yerificá-la com muita IreTuência. Via o moço pela noite, na sala de Mogo, entre os pensionistas, melancólico e absorto pelo aspecto da mulher Iormosa, apesar de contaminada, Tue se achaYa sentada ali, no soIá do

peTueno salão, a conYersar com Tamara (assim se chamaYa a mocinha humorística, de cabelos lanosos), com o dr. Blumenkohl e com os caYalheiros de peito cõncaYo e ombros caídos, da sua mesa. Via-o Yoltar-se, ir à toa de cá para lá, e Yirar de noYo a cabeça lentamente por cima do ombro, olhando de esguelha naTuela direção, com uma contração lamentáYel do lábio superior. Via-o empalidecer e baixar os olhos, Tue imediatamente depois leYantaYa outra Yez, sempre Tue se cerraYa a porta enYidraçada e a sra. Chauchat deslizaYa até seu lugar. E obserYou diYersas Yezes como o coitado se plantaYa, após a reIeição, entre a saída e a mesa dos “russos distintos”, para deixar a sra. Chauchat passar bem perto dele e para deYorar, com os olhos cheios de tristeza até o Iundo da alma, a mulher Tue nem daYa por sua presença.

Também essa descoberta impressionou consideraYelmente o MoYem Hans Castorp, embora a mísera indiscrição do rapaz de Mannheim não o pudesse inTuietar da mesma Iorma Tue as relações particulares entre ClaZdia Chauchat e o conselheiro Behrens, esse homem Tue lhe era tão claramente superior em relação à idade, personalidade e posição Tue ocupaYa na Yida. ClaZdia absolutamente não se preocupaYa com o moço de Mannheim. Se Iosse diIerente, o Iato não teria escapado à atenção aguçada de Hans Castorp. Não era, portanto, o aguilhão antipático do ciúme cuMa picada ele sentia no

coração. Mas o MoYem experimentaYa todas as sensações Tue costumam experimentar a embriaguez e a paixão Tuando, no mundo exterior, topam com a imagem de si mesmas, para então Iormar a mais estranha mescla de sentimentos de repugnância e solidariedade. É impossíYel analisar e estudar tudo isso, se é Tue deseMamos leYar aYante nossa narratiYa. SeMa como Ior — aTuilo Tue a obserYação do moço de Mannheim deu a pensar ao pobre Hans Castorp Ioi Iorte demais para seu estado de alma.

Assim se passaram os oito dias até o da radioscopia de Hans Castorp. Ele não soubera Tue esse seria o prazo, mas Tuando certa manhã, na hora do caIé, a superiora (ela estaYa de noYo com um terçol, Tue não podia ser o mesmo; parecia ser-lhe inerente o pendor a esse mal inoIensiYo, mas desfigurador) deu-lhe ordem de se apresentar de tarde no laboratório, haYiam decorrido precisamente oito dias. Hans Castorp deYia aparecer em companhia do primo, meia hora antes do chá, pois ao mesmo tempo se tiraria um noYo retrato do interior de Joachim, Yisto a última radiografia dele ter sido Ieita haYia muito tempo. Cortaram, pois, nesse dia, uns trinta minutos do repouso principal e desceram às três e meia em ponto pela escadaria de pedra até o porão fictício. Lado a lado, estaYam sentados na peTuena sala de espera Tue separaYa o gabinete de consultas do laboratório de radioscopia. Joachim, para Tuem essas

coisas não representaYam nada de noYo, parecia completamente calmo; Hans Castorp, porém, achaYa-se numa expectatiYa um tanto Iebril, Má Tue até esse momento nunca haYiam lançado olhares na Yida interior de seu organismo. Não estaYam sós. Quando entraram, Má se encontraYam na peça alguns pensionistas, com reYistas surradas sobre os Moelhos, e Tue esperaYam como eles; haYia lá um MoYem gigante sueco, Tue na sala de reIeições tinha o seu lugar à mesa de Settembrini, e do Tual se dizia Tue, na época da sua chegada, em abril, estiYera tão doente Tue haYiam hesitado em admiti-lo; desde então, porém, aumentara oitenta libras e estaYa a ponto de receber alta como totalmente curado; além dele, estaYa lá uma senhora da mesa dos “russos ordinários”, uma mãe de mísero aspecto, com seu filho ainda mais mísero, um garoto Ieio e narigudo de nome Sacha. Essas pessoas esperaYam haYia mais tempo do Tue os primos. EYidentemente, entrariam antes deles. Decerto se produzira algum atraso na sala de radioscopia, a perspectiYa era a de beber chá Irio.

No gabinete estaYam ocupados. OuYia-se a Yoz do conselheiro áulico, Tue daYa ordens. Já haYiam passado as três e meia Tuando a porta Ioi aberta — Tuem a abriu Ioi um assistente técnico Tue trabalhaYa nessa seção. Mandaram entrar o gigante sueco, aTuele Ielizardo. Sem dúYida, o seu antecessor Iora-se por outra porta. Desse momento em diante,

as coisas se desenrolaram mais depressa. Ao cabo de dez minutos Má se ouYiam os Yigorrosos passos do escandinaYo completamente curado, essa publicidade ambulante do lugar e do sanatório, Tue se aIastaYa pelo corredor. Foi, então, recebida a mãe russa com Sacha. Mais uma Yez, como por ocasião da entrada do sueco, Hans Castorp notou Tue na sala de radioscopia reinaYa penumbra, isto é, uma meia-luz artificial, exatamente como do outro lado, no gabinete analítico do dr. KrokoZski. As Manelas estaYam cobertas de cortinas; a luz do dia estaYa excluída, e luziam apenas algumas lâmpadas elétricas. EnTuanto Sacha e sua mãe eram chamados a entrar e Hans Castorp os acompanhaYa com os olhos, descerrou-se, nesse preciso momento, a porta do corredor, e o enIermo seguinte entrou na sala de espera, muito cedo, em Yista das notícias sobre o atraso dos exames. Era madame Chauchat. Era mesmo ClaZdia Chauchat, de repente ali, naTuele Tuartinho; Hans Castorp, de olhos arregalados, reconheceu- a, sentiu o sangue Iugir do próprio rosto e seu maxilar inIerior embotar-se, até a boca estar a ponto de se abrir sozinha. A entrada de ClaZdia eIetuara-se de modo despercebido, inopinado, e de choIre ela estaYa com os primos, compartilhando com eles o recinto onde um segundo antes ainda não estiYera. Joachim lançou um olhar rápido para Hans Castorp, e logo após não somente baixou os olhos como tornou a

tirar da mesa a revista ilustrada que depusera pouco antes, e escondeu o rosto atrás das folhas desdobradas. Hans Castorp não teve bastante energia para fazer o mesmo. Depois de empalidecer, corou violentamente; o coração pulsava-lhe descompassado.

A sra. Chauchat sentou-se junto à porta do laboratório, numa confortável poltrona redonda de braços um tanto estropeados, como as rudimentares. Recostando-se, cruzou ligeiramente as pernas e olhou para o médico, enquanto seus olhos de Pribislava, desviados nervosamente pela consciência de estar sendo observada, pareceram quase fechados. Trazia suéter branco, saia azul e tinha sobre os ombros um lenço da biblioteca local. Batia de leve com a sola do pé que apoiara no assoalho.

Bastou um minuto e meio para mudar de atitude. Olhou em redor de si. Levantou-se com a expressão de quem está indeciso e não sabe aonde dirigir-se. E começou a falar. Perguntou alguma coisa. Dirigiu a palavra a Joachim, muito embora este parecesse absorto na leitura da revista, ao passo que Hans Castorp ali se achava sem nada fazer. Formava palavras na boca, emprestando-lhes a voz que saía da garganta branca. Era a mesma voz pouco grave, um tanto áspera, agradável e velada, que Hans Castorp conhecia

— conhecia desde muito tempo e já ouvira uma vez, a seu lado, no dia em que lhe dissera: “Com muito prazer. Mas você deve

deYolYê-lo sem Ialta depois da aula”. ATuelas Irases haYiam sido proIeridas com mais fluência e maior decisão; agora, porém, as palaYras chegaYam um pouco arrastadas e trôpegas. Quem as proIeria não tinha um direito natural de usá-las; tomaYa-as apenas de empréstimo, como Hans Castorp Má diYersas Yezes a ouYira Iazer, experimentando em si mesmo certo sentimento de superioridade, enYolYido em deleite. Com uma das mãos no bolso do casaTuinho de lã e a outra na nuca, perguntou a sra. Chauchat:

— Por IaYor, Tual é a hora Tue marcaram para o senhor?

E Joachim, após ter relanceado os olhos para o primo, respondeu, Muntando os calcanhares, mas permanecendo sentado:

— Três e meia.

Ela Yoltou a Ialar:

— A minha hora é três e Tuarenta e cinco. Que é Tue há? São Tuase Tuatro horas. Alguém entrou agora, não é?

— Sim, duas pessoas — explicou Joachim. — As Tue estaYam na nossa Irente. O serYiço está atrasado. Parece Tue o atraso é de meia hora.

— Que coisa desagradáYel! — disse ela, apalpando o penteado num gesto nerYoso.

— Bastante — tornou Joachim. — Nós também Má estamos esperando há Tuase meia hora.

Assim conYersaram, e Hans Castorp escutou-os como Tue num sonho. Que Joachim Ialasse com a sra. Chauchat era Tuase como se ele mesmo o fizesse — se bem Tue, por outro lado, Iosse muito diIerente. ATuele “bastante” chocara Hans Castorp; a resposta pareceu-lhe petulante ou ao menos estranhamente Iria, em Iace das circunstâncias. Mas, afinal, Joachim podia Ialar assim — podia falar com ela, o Tue em si era bastante significatiYo, e talYez até se gabasse de seu “bastante”, com o mesmo ar de importância Tue Hans Castorp assumira perante Joachim e Settembrini Tuando, ao lhe perguntarem Tuanto tempo pretendia permanecer em DaYos, respondera: “Três semanas”. Fora a Joachim Tue ela dirigira a palaYra, não obstante ele haYer escondido o rosto atrás do Mornal. Sem dúYida fizera-o por ser o primo o pensionista mais antigo, a Tuem conhecia de Yista haYia mais tempo. Mas também por outra razão: entre ela e Joachim tinham cabimento relações ciYilizadas e uma troca de palaYras articuladas; nada de selYagem, proIundo, terríYel e misterioso existia entre eles. Se uma certa pessoa de olhos castanhos, com um anel de rubi e um perIume de flor de laranMeira, houYesse esperado ali, perto deles, teria cabido a Hans Castorp tomar as rédeas da conYersa e dizer “bastante”, independente e puro como se sentia em relação a ela. “Com eIeito, bastante desagradáYel,

senhorita”, teria dito e talvez, com um gesto desentusiasmado, tivesse tirado o lenço do bolso do paletó a fim de se assoar.

“Tenha paciência, por favor. Estamos todos no mesmo barco.”

E

Joachim teria admirado sua lealdade — provavelmente sem experimentar o desmoronamento sério de substituí-lo. Não, dada a situação, Hans Castorp tampouco teve ciúmes de Joachim, não obstante haver sido do primo a oportunidade de falar com a sra. Chauchat. Esta já de acordo com ela haver se dirigido a Joachim. Assim fazendo, ela levou em conta as circunstâncias e deu sinais de ter consciência delas... O coração dele martelava.

Após o tratamento displicente que a sra. Chauchat recebera da parte de Joachim, e no qual Hans Castorp até notara certa hostilidade contra a companheira de enfermidade — algo que o levou a sorrir apesar de toda sua agitação —, “Clara” tentou dar um passeio pela peça; mas, como faltasse espaço para isso, aproximou-se também da mesa, tirou dela uma revista ilustrada e voltou à poltrona dos braços rudimentares. Hans Castorp permaneceu sentado, a contemplá-la, imitando o jeito de apoiar o queixo na grade, a ponto de se parecer ridiculamente com o velho. Como a sra. Chauchat voltara a cruzar as pernas, a esbeltez das linhas, do rosto para baixo, tornou-se nítida sob a saia de tecido azul. Era de estatura apenas mediana, uma estatura agradável e harmoniosa aos olhos de

Hans Castorp, mas tinha as pernas relativamente compridas e as cadeiras pouco largas. Não estava recostada na poltrona, mas inclinada para a frente, de pernas cruzadas, com os antebraços superpostos apoiados sobre a coxa, as costas e os ombros curvados para a frente, a ponto de se salientarem as vértebras da nuca, e sua coluna tuava-se delinear-se sob o suéter muito justo, ficando comprimidos, de ambos os lados, os seios. Tuos não eram opulentos e altos como os de Marúcia, mas pequenos como os de uma menina. De súbito Hans Castorp lembrou-se de tuos também ela se achava à espera da radioscopia. O conselheiro áulico pintava-a, reproduzindo sobre uma tela a aparência exterior, com óleo e corantes. Dentro em breve, porém, na penumbra, dirigiria sobre ela os raios tuos e eles revelariam o

interior do corpo. E, ao pensar nisso, Hans Castorp voltou a cabeça com um ensombramento pudico da sua fisionomia e com aquele ar de discrição e reserva tuos e ele parecia adequadamente essa visão.

Não foi por muito tempo tuos ficaram assim, reunidos a três, na salinha de espera. Lá dentro não haviam feito grandes cerimônias, lidaram com rapidez os casos de Sacha e sua mãe, era tuos de recuperar logo o tempo perdido. O técnico de Maleco branco voltou a abrir a porta, Joachim atirou a revista sobre a mesa enquanto se levantava, e Hans Castorp seguiu-o

em direção à porta, não sem uma hesitação íntima: Ioi tomado por escrúpulos de bom cavalheiro, e Yeio com eles a tentação de, apesar de tudo, dirigir-se educadamente à sra. Chauchat e oferecer-lhe a precedência, talvez até em francês, se possível; procurou apressadamente os vocábulos e ponderou a sintaxe. Mas ignorava se esse tipo de galanteria era usual por aqui, talvez a ordem estabelecida ficasse acima de todo cavalheirismo. Joachim devia sabê-lo, e como não fizesse menção de ceder o seu lugar à senhora presente, apesar dos olhares comovidos e insistentes de Hans Castorp, este seguiu os passos do primo em direção à porta e, depois de passar pela sra. Chauchat, continuava em sua posição inclinada e mal levantara os olhos, entrou no laboratório.

Estava atordoado demais pelo que deixou atrás de si e pelas aventuras dos dez últimos minutos para que a transferência de seu corpo ao gabinete de radioscopia pudesse produzir também uma modificação imediata de seu estado de alma. Não via nada ou tinha apenas percepções muito vagas nessa meia-luz artificial. Ainda ouviu a voz velada e agradável da sra. Chauchat, e como ela disse:

— Mas que é isso?... E umas pessoas ainda acabaram de entrar... Que coisa desagradável...

E o som dessa Yoz lhe descia docemente pelas costas, fazendo-o estremecer. Via o Moelho delineado sob o pano da saia; Via as Yértebras do pescoço salientarem-se na nuca

curYada, por baixo dos curtos cabelos arruiYados Tue nesse lugar pendiam Irouxos, sem terem sido presos na trança, e um noYo tremor passou-lhe pelo corpo. Deparou com o conselheiro Behrens, de costas para os recém-entrados, em pé diante de um armário ou estante saliente, e Yiu-o examinar uma chapa escura Tue, com o braço estendido, mantinha nas proximidades da lâmpada Iosca do teto. Passando ao lado dele, chegaram ao Iundo da sala, precedidos pelo técnico Tue Iazia os preparatiYos para o exame. PairaYa ali um cheiro esTuisito. Uma espécie de ozônio deteriorado enchia a atmosIera. Entre Manelas cobertas de preto, uma estante embutida diYidia o gabinete em duas partes desiguais. Distinguiam-se eTuipamentos de Iísica, lentes cônicaYas, Tuadros de distribuição elétrica, instrumentos para medir, mas também uma caixa parecida com uma máTuina Iotográfica sobre uma armação de rodas, e dispositiYos de Yidro, embutidos em fileiras na parede. Não se sabia onde se estaYa, se no ateliê de um Iotógrafo, uma câmara escura ou uma oficina de inYentor e gabinete técnico de um bruxo.

Sem perder tempo, Joachim começou a desnudar-se até a cintura. O técnico, um MoYem suíço atarracado, de Iaces

rosadas, pediu a Hans Castorp que fizesse o mesmo. Acrescentou que os exames eram feitos rapidamente e que logo a seguir seria a vez dele... Enquanto Hans Castorp despiu o colete, Behrens saiu da parte menor do recinto e foi ter com eles, na outra, mais espaçosa.

— Olá! — disse. — Venham só os nossos Dióscuros! Castorp e Pólux!... Por favor, nada de gemidos! Esperem um pouco, num instante os veremos por dentro. Parece, Castorp, que o senhor tem medo de nos revelar o seu interior. Foi tudo tranqüilo, tudo se passará segundo as regras da estética. Olhe aí, Mãe, minha galeria particular? — E, tomando Hans Castorp pelo braço, conduziu-o à fileira de vidros escuros, e, dando volta a um comutador, acendeu a luz atrás delas. Eis os vidros, iluminando-se,

mostraram as suas imagens. Hans Castorp viu membros — mãos, pés, rótulas, pernas, coxas, braços e partes de bacias. Mas a forma, arredondada, das partes fragmentos do corpo humano era fantasmagórica e de contornos vagos; circundada, como uma névoa ou uma aura pálida, o núcleo que ressaltava, clara, minuciosa e decididamente: o esqueleto.

— Muito interessante — disse Hans Castorp.

— É de fato interessante! — retrucou o conselheiro áulico.

— Uma aula prática muito útil para pessoas MoYens. Anatomia radiológica, compreende? Um triunfo dos tempos modernos. Isto aTui é um braço de mulher, como o senhor pode perceber pela sua delicadeza. É com isso Tue nos cingem nas horas de amor, sabe? — E pôs-se a rir, o Tue Iazia leYantar-se apenas de um lado o lábio superior com bigodinho aparado. Em seguida apagaram-se as chapas. Hans Castorp Yoltou-se para onde estaYa sendo preparada a radiografia de Joachim.

Isso se daYa à Irente do móYel embutido em cuMo outro lado o conselheiro áulico se achaYa momentos antes. Joachim sentara-se numa espécie de tamborete de carpinteiro, diante de uma tábua contra a Tual apertaYa o peito, enTuanto a abraçaYa. O técnico corrigia-lhe a posição com moYimentos moldadores, Iazendo aYançar mais as espáduas de Joachim e massageando-lhe as costas. Depois, encaminhou-se para trás da máTuina Iotográfica, para Iocalizar, encurYado e de pernas separadas, como um IotógraIo TualTuer, até Tue se mostrou satisIeito e, aIastando-se, recomendou a Joachim Tue inalasse o ar proIundamente e prendesse a respiração até tudo estar pronto. As costas arredondadas de Joachim dilataram-se, depois imobilizaram-se. Nesse momento, o técnico Iez a manobra adeTuada no Tuadro de distribuição. Durante dois segundos operaram energias terríYeis cuMo dispêndio era

necessário para atrair a matéria, correntes de milhares de Volts, de cem mil, como Hans Castorp poderia lembrar-se. Mas as forças se iam dominadas em prol desse objetivo, procura escapar-se por um desvio. Descargas estouravam como disparos. Chispas azuis percutiam num aparelho de medição. Relâmpagos compridos passavam crepitando ao longo da parede. Uma luz vermelha, semelhante a um olho, mirava o recinto, impassível e ameaçadora, de um lugar aonde, e um Irasco nas costas de Joachim enchia-se de algo verde. Depois, tudo sossegou; desapareceram os fenômenos luminosos, e com um suspiro Joachim soltou o ar retido nos seus pulmões. Estava tudo terminado.

— O próximo réu! — chamou Behrens, dando uma cotovelada em Hans Castorp. — Não faça cera! O senhor vai ganhar uma cópia gratuita, Castorp. Assim, para divertir os filhos e netos, poderá prometer-lhes na parede os segredos que guarda no peito.

Joachim retirara-se, e o técnico já estava mudando a chapa. O conselheiro instruiu pessoalmente o rapaz acerca do modo de se sentar e se agarrar.

— Abraçar! — disse. — Dê um abraço à tábua! Por mim, pode imaginar-se abraçado ao que quiser! Só aperte o peito firmemente, como se isso lhe trouxesse uma profunda

sensação de Ielicidade! Assim está bem. Respire! Não se mexa! — ordenou. — E agora sorria! — Hans Castorp esperaYa de olhos piscos, com os pulmões repletos de ar. Atrás dele irrompeu a tempestade, estourando, pipocando, crepitando, e depois amainou. A obMetiYa contemplara seu interior.

Ergueu-se, perturbado e aturdido pelo Tue acabaYa de lhe acontecer, ainda Tue a penetração nem de leYe se lhe tiYesse tornado sensíYel.

— Ótimo! — elogiou o conselheiro áulico. — Agora Yamos Yer com os nossos próprios olhos.

E Joachim, como era de seu Ieitio, de pronto encaminhara-se mais ao Iundo da sala, para se colocar nas proximidades da porta de saída, Munto a um tripé. Tinha às costas o Yolumoso aparelho, em cuMa parte traseira se notaYa uma ampola de Yidro, semicheia de água, com um tubo de eYaporação; e diante de si, à altura do peito, um anteparo emoldurado, suspenso em roldanas. À sua esTuerda, no meio de um Tuadro de distribuição e de outro instrumental, eleYaYa-se um globo Yermelho com uma lâmpada, Tue Ioi acesa pelo conselheiro áulico, montado sobre o tamborete à Irente do anteparo. Apagou-se a luz do teto, e somente a Yermelha iluminaYa a cena. Com um rápido gesto, o mestre Iez

desaparecer também esta, e proIundas treYas enYolYeram as pessoas presentes.

— Antes de tudo os olhos têm de se adaptar — ouYiu-se a Yoz do conselheiro atraYés da escuridão. — É preciso Tue as nossas pupilas se alarguem imensamente, como as dos gatos, para Tue possamos enxergar o Tue Tueremos descobrir. Os senhores compreendem Tue não poderíamos enxergar tal coisa direito, com os nossos olhos ordinários, habituados à luz do dia. Antes de começarmos, deYemos esTuecer o dia claro com suas imagens alegres.

— Lógico — disse Hans Castorp, Tue se achaYa de pé atrás do médico. Fechou os olhos, pois tanto Iazia tê-los abertos ou cerrados, tão negra era a noite. — É necessário Tue os olhos tomem um banho de escuridão, para Tue possam enxergar uma coisa dessas. Isso está claro. Acho até conYeniente e indicado Tue a gente aproYeite esse tempo para se concentrar um pouco, numa prece silenciosa, por assim dizer. Estou aTui de olhos Iechados e sinto uma sonolência agradáYel. Mas Tue cheiro é esse?

— Oxigênio — explicou o conselheiro —; é o oxigênio Tue o senhor sente no ar. O produto atmosIérico da nossa tempestade particular, compreende?... E agora abra os olhos! — acrescentou. — Já Yai começar a eYocação. — Hans Castorp obedeceu depressa.

OuYiu-se a mudança de uma alaYanca de lingueta. Um motor sobressaltou-se, pôs-se a cantar Iuriosos agudos, mas logo Ioi regulado por uma segunda manobra. O chão

YibraYa ritmicamente. A luzinha Yermelha, oblonga e Yertical, encaraYa-os, como uma ameaça muda. Em TualTuer parte crepitou um relâmpago. E lentamente, com um brilho leitoso, Tual uma Manela Tue se iluminasse, ressaltou das treYas o pálido retângulo do anteparo luminoso, diante do Tual o conselheiro Behrens caYalgaYa o seu tamborete de sapateiro, com as coxas escancaradas, e com os punhos fincados nelas, apertando o nariz achatado contra a Yidraça Tue lhe permitia a Yisão interior de um organismo humano.

— Está Yendo, rapaz? — perguntou... Hans Castorp inclinou-se por cima do ombro dele, mas tornou a leYantar a cabeça para olhar na direção onde supunha estarem, no meio da escuridão, os olhos de Joachim, Tue proYaYelmente tinham aTuela mesma expressão meiga e triste do último exame. E perguntou ao primo:

— Você me permite?

— Pois não — respondeu Joachim generosamente, de dentro de suas treYas.

O chão continuaYa Yibrando, e as energias em ação estalaYam e rumoreMaYam, enTuanto Hans Castorp, curYado, espiaYa pela líYida Manela, espiaYa atraYés da

ossatura Yazia de Joachim Ziemssen. O esterno conIundia-se com a espinha dorsal numa espécie de coluna escura, cartilaginosa. A fileira anterior das costelas estaYa entremeada pela das costas, Tue parecia mais pálida. As claYículas, em elegante curYa, biIurcaYam-se mais acima, para ambos os lados, e na suaYe auréola dos contornos da carne exibia-se, seco e nítido, o esTueleto dos ombros, a Muntura dos úmeros de Joachim. Era muito clara a caYidade do peito, mas distinguia-se um sistema de Yeias, manchas escuras, em negreMante crespidão.

— Imagem clara — disse o conselheiro áulico. — Isso sim é magreza distinta, a MuYentude militar. Já me apareceram umas panças aTui... ImpenetráYeis, Tuase não se distinguia nada. Ainda estão por inYentar raios capazes de atraYessar

camadas de banha iguais a essas... Este aTui, sim, é um trabalho limpo. Pode Yer o diaIragma? — perguntou, apontando com o dedo para o arco escuro Tue subia e descia na parte inIerior da Manela... — Está Yendo, à esTuerda, essas bossas, essas protuberâncias? É a pleurisia Tue ele teYe Iaz Tuinze anos... Respire proIundamente! — ordenou. — Mais! Eu disse: “ProIundamente!”. — E o diaIragma de Joachim erguia-se, trêmulo, o mais alto Tue podia. NotaYa-se um clareamento nas regiões superiores do pulmão, mas o conselheiro não estaYa satisIeito. — Insuficiente — obserYou. — O senhor Yê os hilos?

VeMa as aderências! Está Yendo as caYernas? É daí Tue Yêm as toxinas Tue o embriagam. — Mas a atenção de Hans Castorp achaYa-se toda absorYida por alguma coisa parecida com um saco, TualTuer massa estranha, como Tue animalesca, Tue aparecia, escura, atrás da coluna central, na sua maior parte à direita do espectador — massa Tue regularmente se dilataYa e se contraía, um pouco à maneira de uma medusa a nadar.

— O senhor está Yendo o coração? — perguntou o conselheiro, desprendendo noYamente a manzorra da coxa e designando com o indicador aTuele saco palpitante...

Deus do céu, era o coração. Hans Castorp estaYa Yendo o coração honroso de Joachim.

— Estou Yendo seu coração! — disse com Yoz estrangulada.

— Pois não, à Yontade — tornou Joachim, e sem dúYida sorria, resignado, ali na escuridão. Mas o médico mandou-os calar e Tue deixassem de sentimentalismos. Estudou as manchas e as linhas, a crespidão preta na caYidade interior do peito, e, enTuanto isso, Hans Castorp tampouco se cansaYa de olhar a Iorma sepulcral de Joachim, seu esTueleto, essa armação descarnada, esse escaniIrado “memento mori”¹. Sentia-se cheio de deYoção e de terror.

— Sim, sim, eu YeMo — disse diYersas Yezes. — Meu Deus! Eu YeMo!

OuYira Ialar de uma mulher, uma parenta, haYia muito Ialecida, da Iamília Tienappel, distinguida pelo dom, ou talYez pela desgraça, de uma Yisão sinistra, Tue suportara com toda a humildade: as pessoas Tue morreriam em breYe apareciam-lhe sob a Iorma de esTueletos. Deste modo é Tue Hans Castorp Yia o bom Joachim, embora com a aMuda e por meio da aparelhagem da ciência Iísica e óptica, de maneira Tue isso não Tueria dizer grande coisa e nada haYia de sobrenatural, tratando-se ademais de um espetáculo Tue o primo lhe permitira expressamente. No entanto, de repente sentiu-se tomado de uma proIunda compreensão ante o destino melancólico daTuela tia Yisionária. Violentemente emocionado pelo Tue Yia, ou, no Iundo, pelo Iato de o Yer, tinha a alma acossada por dúYidas secretas, a ponto de se perguntar se tudo aTuilo se passaYa de Iorma lícita, se a sua Yisão, naTuelas treYas Yibrantes e chispantes, era de Iato inocente; e no seu peito mesclaYa-se o angustiante prazer da indiscrição com os sentimentos de comoção e piedade.

Mas, poucos minutos após, ele mesmo se achaYa no pelourinho, em plena tempestade, enTuanto Joachim Yestia o seu corpo Tue tornara a ser opaco. O conselheiro áulico YoltaYa a mirar atraYés da Yidraça leitosa; dessa Yez esTuadrinhaYa o

interior de Hans Castorp, e das suas observações feitas a meia-voz, de certos resmungos abruptos e de algumas expressões vagas, parecia deduzir-se que o resultado correspondia às suas expectativas. Terminada a radioscopia, teve ainda a amabilidade de permitir que o paciente, a seus rogos insistentes, contemplasse a própria mão através do anteparo luminoso. E Hans Castorp viu o que devia ter esperado, mas que, em realidade, não cabe ao homem, e que jamais teria crido poder ver: lançou um olhar para dentro do seu próprio túmulo. Viu, antecipado pela força dos raios, o futuro trabalho da decomposição; viu a carne em que vivia, solubilizada, aniquilada, reduzida a uma névoa inconsistente, em meio à qual se destacava o esqueleto minuciosamente plasmado da sua mão direita, e em torno da primeira falange do dedo anular pairava, preto e irouxo, o anel-sinete que o pai lhe legara, um objeto duro desta terra, com o qual os homens adornam esse seu corpo destinado a desfazer-se, para que ele, o objeto, finalmente livre e se possa enfiar em outra mão que o use durante algum tempo. Com os olhos da tuela parenta da família Tienappel, contemplou uma parte familiar do seu corpo, estudou-a com olhos vidrados e penetrantes, e pela primeira vez na vida compreendeu que estava destinado a morrer. Enquanto isso, sua fisionomia tomou a tuela expressão que costuma assumir quando ouvia

música — expressão bastante tola, sonolenta e piedosa, com a boca entreaberta e a cabeça inclinada para um ombro. O conselheiro disse:

— Fantasmagórico, hein? Sim senhor, inegavelmente há nisso tua coisa de fantasmagoria.

E mandou parar as energias. O chão serenou; esvaíram-se os fenômenos luminosos; a Manela mágica voltou a encolher-se entre elas. A luz do teto foi acesa. E, enquanto também Hans Castor se vestia, Behrens deu aos médicos alguns esclarecimentos a respeito das suas observações, levando em conta os reduzidos conhecimentos dos dois, como leigos. No que se referia a Hans Castorp, o resultado óptico confirmou o acústico com toda a precisão que a honra da ciência podia exigir. Haviam sido quaisquer os lugares antigos tanto como outros, recentes, e partindo dos brônquios estendiam-se “cordões” órgão adentro, muito adentro — “cordões com nódulos”. Hans Castorp poderá verificá-los com seus próprios olhos, em breve lhe será entregue um pequeno dispositivo.

— Por conseguinte, calma, paciência, disciplina Yiril! Comer, tirar a temperatura, repousar, esperar, não ter pressa. — Com isso voltou-lhes as costas. Eles se foram. Hans Castorp, ao sair atrás de Joachim, olhou por cima do

ombro. Admitida pelo técnico, a sra. Chauchat entraYa no laboratório.

LIBERDADE

Quais eram, afinal, as impressões do MoYem Hans Castorp? Parecia-lhe Tue as sete semanas Tue ele comproYadamente Má passara com as pessoas aTui em cima não Iossem mais Tue sete dias? Ou parecia-lhe, pelo contrário, Tue Má YiYia nesse lugar haYia muito, mas muito mais tempo do Tue em realidade se passara? Ele mesmo YentilaYa esse problema, tanto de si para si, como também interpelando Joachim, sem, no entanto, chegar a resolYer a Tuestão. Uma coisa e outra, proYaYelmente, eram Yerdade: ao seu olhar retrospectiYo, o tempo ali passado afiguraYa-se tanto excessiYamente longo como excessiYamente breYe. Um único aspecto desse tempo, entretanto, escapaYa-lhe sempre: a sua duração real — admitindo-se ser o tempo um Ienômeno natural e ser lícito relacionar com ele o conceito de realidade.

Fosse como Iosse, o mês de outubro estaYa prestes a começar; podia chegar a TualTuer instante. Era Iácil para Hans Castorp Iazer as contas; além do mais, as conYersas dos seus companheiros de enIermidade, Tue escutaYa por acaso, chamaYam-lhe a atenção sobre esse Iato.

— Vocês sabem Tue daTui a cinco dias será noYamente o fim do mês? — ouYiu dizer Hermine KleeIeld, Tue se dirigia a dois

rapazes da sua turma, o estudante Rasmussen e a Tuele
indivíduo beijado, de nome Gänser. Estava tagarelando
depois da refeição principal, entre as mesas, por cima das
padeiras cheiro de comida. Ainda hesitava em se recolher e
em começar o repouso. — Primeiro de outubro — continuou a
moça. — Eu mesma Yi na Iolhinha do escritório. É o segundo da
mesma espécie que passo neste oásis de prazer. Bem, acabou-se o
Yerão, se é que tivemos Yerão. A gente se sente roubada, como
nos roubaram a Yida, sob todos os pontos de vista. — E soltou
um suspiro do seu meio pulmão, sacudindo a cabeça e
fitando o teto com os olhos Yelados de estupidez. — Ânimo,
Rasmussen! — acrescentou, dando uma palmada no ombro caído
do companheiro. — Conte-nos algumas anedotas!

— Sei muito poucas — replicou Rasmussen, com as mãos
pendentes como barbatanas, à altura do peito. — E não
consigo contá-las bem, estou sempre muito cansado.

— Nem um cachorro — murmurou Gänser entre dentes — gostaria
de Yi-Yer assim, ou de modo semelhante, por muito tempo. — E
todos riram, dando de ombros.

Também Settembrini, com seu palito entre os lábios, andava
por perto, e ao saírem disse a Hans Castorp:

— Não lhes dê crédito, Engenheiro, nunca lhes dê crédito quando
resmungam! Todos o fazem, sem exceção, se bem que se sintam

aTui como em casa, mais do Tue em casa, mais do Tue lhes conYém. LeYam uma Yida de Yadios e ainda exigem compaixão. Julgam-se com direito de serem amargos, irônicos, cínicos. “Neste oásis de prazer!” Acaso não é um oásis de prazer? A mim, parece ser, e isso no sentido mais eTuíYoco da palaYra. “Roubada”, disse essa Iêmea, “roubaram-me a Yida neste oásis de prazer!” Mas dê-lhe alta e mande-a para a planície, e a Yida Tue ela leYará lá embaixo maniIestará apenas uma única coisa: o seu ardente deseMo de Yoltar para cá o mais depressa possíYel. Sim senhor, a ironia! Acautele-se com o tipo de ironia Tue cultiYam aTui, meu caro Engenheiro! Acautele-se, em geral, com essa atitude de espírito! Onde ela não é um meio correto e clássico da eloTuência, perIeitamente compreensíYel a TualTuer intelecto sadio, chega a ser licenciosidade, torna-se um obstáculo à ciYilização, um namorico escabroso com a estagnação, com o Yício, com o oposto do espírito. Uma Yez Tue a atmosIera em Tue YiYemos IaYorece altamente o desenYolYimento dessa flor dos pântanos, posso esperar ou deYo até temer Tue o senhor me compreenda.

Com eIeito, as palaYras do italiano eram de tal gênero Tue, se Hans Castorp as tiYesse ouYido seis semanas antes, lá nas terras baixas, teriam representado para ele sons Yazios de significado. Mas a permanência aTui em cima fizera-lhe o espírito mais receptiYo; receptiYo no sentido de uma

compreensão intelectual, sem implicar ao mesmo tempo o da simpatia, o que talvez seja ainda mais significativo. Ficava satisfeito, no seu íntimo, por Settembrini, depois de tudo o que acontecera, ainda continuar a falar com ele à sua maneira, continuando a dadas instruções e advertências e procurando influenciá-lo; e todavia a sua receptividade intelectual se refinara de tal modo que era capaz de formar uma opinião acerca das palavras do italiano e negá-las, pelo menos até certo ponto, a sua aprovação. “Imaginem”, disse para si mesmo, “ele fala da ironia pouco mais ou menos da mesma forma como da música. Só falta que a chame de ‘politicamente suspeita’, a partir do momento em que ela deixe de ser ‘um meio de ensino correto e clássico’. Mas uma ironia que em nenhum instante desse lugar a outros — que ironia seria essa? — pergunto eu, uma vez que se trata de dar a minha opinião. Árida e professoral, eis o que ela seria!” Quão ingrata, a natureza em formação. Aceita os presentes, para logo criticá-los por seus defeitos.

No entanto, achou muito arriscado expressar essas ideias recalcitrantes. Limitou suas objeções ao facto de que Settembrini fizera de Hermine Klee, cujo nome parecia inusitado ou, por certos motivos, muito pouco como tal.

— Mas esta moça está enIerma! — ele disse. — Está, sem sombra de dúYida, muito doente e tem toda a razão de se desesperar.

Que o senhor Tuer Tue ela Iaça?

— A doença e o desespero — retrucou Settembrini — muitas Yezes não são mais Tue Iormas de licenciosidade.

“E Leopardi?”, pensou Hans Castorp. “Ele desesperou abertamente da ciência e do progresso. E ele mesmo, o sr. mestre-escola? Não está enIermo também, e não para de Yoltar para cá? Carducci ficaria bem pouco satisIeito com ele.” Em Yoz alta, porém, disse:

— Essa é boa! QualTuer dia destes aTuela moça pode bater as botas, e o senhor Iala de licenciosidade! Precisa me explicar isso um pouco melhor! Se o senhor afirmasse Tue a doença é às Yezes conseTuência da licenciosidade, seria plausíYel...

— Muito plausíYel — aparteu Settembrini. — Ora bolas! Será Tue o senhor se daria por satisIeito, se eu não Iosse além dessa afirmação?

— ... ou se dissesse Tue muitas Yezes a doença serYe de pretexto à licenciosidade; isso eu aceitaria também.

— Grazie tante!

— Mas a doença como forma de licenciosidade? Quer dizer Tue ela não é produto da licenciosidade, mas sim licenciosidade, ela própria? Isso me parece paradoxal!

— Por IaYor, Engenheiro, nada de imputações leYianas! Eu desprezo os paradoxos, detesto-os! Tome nota de Tue tudo Tuanto lhe disse sobre a ironia se aplica também ao paradoxo, e outras coisas mais! O paradoxo é a erYa Yenenosa do Tuietismo, a irisação do espírito apodrecido, a maior licenciosidade de todas! Verifico, aliás, Tue o senhor Yolta a deIender a enIermidade...

— Não, o Tue o senhor diz me interessa muito. Está me trazendo à memória certas ideias Tue o dr. KrokoZski explana nas suas conIerências de segunda-Ieira. Ele também considera a doença orgânica um Ienômeno secundário.

— Um idealista pouco limpo.

— O Tue tem o senhor contra ele?

— Justamente isto.

— O senhor não gosta da análise?

— Depende. Gosto dela muito ou pouco, alternadamente, meu caro Engenheiro.

— Como deYo compreender o Tue o senhor disse agora?

— A análise é boa como instrumento do esclarecimento e da civilização; é boa, quando abala convicções estúpidas, dissipa preconceitos naturais e solapa a autoridade; é boa, em outros termos, enquanto liberta, refina, humaniza e prepara os escravos para a liberdade. É má, muito má mesmo, quando estorva a ação, quando prejudica as raízes da vida e se mostra incapaz de lhe dar forma. A análise pode ser uma coisa pouco apetitosa, repugnante como a morte, à qual talvez pertença, afinal de contas, sendo afim do túmulo e de sua anatomia mal-amada...

“Urrou bem, Leão!”, foi o que Hans Castorp não pôde deixar de pensar, como sempre fazia quando o sr. Settembrini explanava um assunto pedagógico. Mas limitou-se a dizer:

— Há pouco estudamos a anatomia da luz, lá em nosso subsolo. Foi o termo que Behrens empregou, quando fez nossa radioscopia.

— Ah, o senhor já passou por essa etapa também? E então?

— Vi o esqueleto da minha mão — disse Hans Castorp, procurando evocar as sensações que lhe despertara aquele espetáculo. — O senhor também pediu que lhe mostrassem a sua?

— Não, senhor. Não me interessa nem um pouquinho o meu estetoscópio. E qual é o diagnóstico médico?

— Ele encontrou cordões. Cordões com nódulos.

— Que sujeito diabólico!

— Não é a primeira vez que o senhor chama assim o dr. Behrens. Que quer dizer com isso?

— Fique certo de que se trata de um termo eufemístico.

— Não, sr. Settembrini, o senhor está sendo injusto! Eu admito que o homem tenha seus defeitos. Sua maneira de falar, com o tempo, foi se tornando desagradável para mim. Tem alguma coisa de arrogante, principalmente para quem se recorda de que ele sofreu o grande desgosto de perder a mulher. Mas, afinal de contas, é homem de méritos e digno de respeito. Trata-se de um benfeitor da humanidade sofredora! Faz poucos dias encontrei-o, quando

ele acabou de operar; tinha de uma ressecção de costelas, uma intervenção durante a qual a vida do enfermo estava por um fio. Causou-me profunda impressão vê-lo voltar do seu trabalho complicado e útil, de que entende com tanta perfeição. Parecia muito excitado, e como prêmio por seu esforço acendeu um charuto. Tinha na mão dele.

— Muito bonito da sua parte! Mas Tual é a pena Tue impôs ao senhor?

— Ele não estabeleceu nenhum prazo fixo.

— Nada mal! Pois então, Engenheiro, Yamos nos deitar. Ocupemos os nossos postos.

Despediram-se em Irente do número 34.

— E o senhor sobe então ao telhado, sr. Settembrini? DeYe ser mais diYertido ficar deitado tendo companhia do Tue estar a sós. O senhor conYersa com as pessoas lá em cima? Há gente interessante entre seus companheiros de repouso?

— Ah, são partos e citas, muitos deles!

— Quer dizer, russos?

— E russas — tornou o sr. Settembrini, e entesou-se uma das comissuras da sua boca. — Adieu, Engenheiro!

Não haYia dúYida, essas palaYras tinham sido ditas de propósito. Hans Castorp estaYa conIuso Tuando entrou no Tuarto. Sabia Settembrini o Tue se passaYa com ele? ProYaYelmente o espiara com intenções pedagógicas, e lhe seguira a direção dos olhos. Hans Castorp encolerizaYa-se contra o italiano e contra si próprio, porTue, não sabendo dominar-se, proYocara a alfinetada. EnTuanto procuraYa pena e papel, a fim de leYá-los consigo ao repouso — pois Má não era conYeniente esperar e

tinha de ser escrita uma terceira carta para casa —, continuaYa a exasperar-se. Murmurou TualTuer coisa contra aTuele doidiYanas e criticaastro, Tue se intrometia no Tue não era da sua conta, e todaYia assobiaYa, ele mesmo, para as raparigas na rua. Hans Castorp não se sentia disposto a escreYer. Esse tocador de realeMo, com suas indiretas, estragara-lhe todo o bom humor. Mas, Iosse como Iosse, era preciso ter traMes de inYerno, dinheiro, roupa de baixo, calçados — em suma, tudo o Tue Hans Castorp teria trazido se tiYesse imaginado Tue passaria ali não somente umas três semanas de pleno Yerão, mas um prazo... Um prazo ainda indeterminado Tue, em todo caso, ocuparia boa parte do inYerno, ou, tendo-se em conta as ideias Tue “entre nós aTui em cima” YigoraYam a respeito do tempo, se prolongaria até o seu fim. Era Mustamente isso Tueurgia comunicar à Iamília, pelo menos como possibilidade. Era necessário Iazer, desta Yez, um trabalho completo, dizer ao pessoal de casa a Yerdade nua e crua, e não manter neles possíYeis ilusões...

Assim disposto, começou a escreYer, serYindo-se da técnica Tue diYersas Yezes Yira JoaTuim empregar: na espreguiçadeira, com a caneta-tinteiro na mão e a pasta de Yiagem sobre os Moelhos dobrados. Em uma Iolha de papel de cartas do estabelecimento, das Tuais haYia uma boa proYisão na gaYeta da sua mesa, escreYeu a James Tienappel, Tue lhe era o

mais íntimo dentre seus três tios. Pediu-lhe que informasse o cônsul. Falou de um contratempo desagradável, de receios que se haviam confirmado, da necessidade, verificada pelos médicos, de permanecer ali em cima durante parte do inverno, ou mesmo durante toda a estação fria, visto casos como o seu serem irremediavelmente mais persistentes do que outros de aparência mais impressionante. Afirmou tratar-se de intervir com energia e precaver-se em tempo. Sob esse ponto de vista, opinou, era uma verdadeira sorte e um acaso feliz ele ter subido e aproveitado o ensejo de se submeter a um exame; caso contrário, poderia ter acontecido que ignorasse ainda por muito tempo o seu estado, e talvez viesse a saber dele depois, de uma forma mais penosa. Quanto à duração provável do tratamento, não seria de estranhar se tivesse desperdiçado com ele o inverno todo e não voltasse à planície antes de Joachim. Os conceitos de tempo eram ali diferentes dos que se aplicam à permanência normal numa estação balneária. O mês era, por assim dizer, a

menor unidade de tempo, e um só não seria sequer levado em conta...

Fazia frio, e Hans Castorp estava agasalhado com o sobretudo e enrolado num cobertor. De vez em quando tirava os olhos do papel, que se ia enchendo de frases razoáveis e convincentes, e levantava-os para contemplar a paisagem, a

cuMa presença Má se Iamiliarizara e Tuase deixara de perceber: aTuele Yale alongado, Tue se aIunilaYa até a cordilheira de cumes hoMe marcados por uma palidez Yítrea, de um Iundo claro salpicado de casas, às Yezes resplandecendo ao sol, e encostas cobertas de mato ou de pradaria, das Tuais Yinha o tilintar de cincerros das Yacas. Hans Castorp escreYia com uma Iacilidade cada Yez maior, e não compreendia como pudera ter receio da redação dessa carta. EnTuanto a redigia, persuadia-se a si próprio de Tue não podia haYer coisa mais contundente do Tue as suas explicações, as Tuais sem dúYida encontrariam em casa a mais completa aproYação por parte dos seus tios. JoYens da sua classe e da sua situação financeira cuidaYam da saúde, Tuando isso lhes parecia conYeniente, e aproYeitaYam as comodidades especialmente preparadas para pessoas de sua condição. Se tiYesse partido para casa, era certo Tue o teriam mandado de Yolta, ao ouYirem o Tue ele tinha a contar. Hans Castorp pediu Tue lhe enYiassem as coisas de Tue necessitaYa. Terminou solicitando a remessa regular do dinheiro de Tue precisaria; oitocentos marcos por mês seriam suficientes para cobrir todas as despesas.

Assinou. EstaYa Ieito o trabalho. Essa terceira carta esgotaYa o assunto e teria um eIeito duradouro — não segundo os conceitos de tempo Tue reinaYam lá embaixo, mas segundo os daTui de cima; ela consolidaYa a liberdade de Hans

Castorp. Foi essa a palavra que empregou, não expressamente, e sem Iormar seTuer as sílabas em seu íntimo, mas sentindo-lhe o significado mais amplo, como aprendera a Iazer durante sua estada aTui — significado que pouco tinha que ver com o Settembrini da casa

de Hans. A isso, uma onda de espanto e emoção, sentimento muito conhecido dele, percorreu-lhe o interior, arrancou-lhe um suspiro e lhe fez estremecer o peito.

Sentia que, de tanto escrever, o sangue se acumulava em sua cabeça, e suas Iaces ardiam. Tirou o termômetro de mercúrio da mesinha com a luminária e mediu a própria temperatura, como para aproveitar a ocasião. A torre de mercúrio subiu a 37,8.

“Estão lendo?”, pensou Hans Castorp. E acrescentou o seguinte pós-escrito: “Esta carta me cansou. Minha temperatura é 37,8. Venha por ora de qualquer maneira muito tranqüila. Terão que desculpar-me se escrever só raras vezes!”. Feito isso, permaneceu deitado e elevou a mão contra o céu, com a palma para cima, assim como fizera diante do anteparo luminoso. Mas a luz celeste deixou intacto o seu aspecto de mão. Diante da sua clareza, a matéria da mão até se tornou mais opaca e mais escura, e somente os contornos afiguravam-se numa vaga iluminação vermelha. Era a mão de Hans Castorp, acostumado a ler, a escrever, a usar, e não a aquela armação estranha com que se debruçava sobre

do anteparo. A coYa analítica, Tue então Yira aberta, Yoltara a se Iechar.

CAPRICHOS DE MERCÚRIO

Começou outubro como costumam começar os meses... Um começo em si discreto e sem ruído algum, sem sinais nem manchas de nascença, um insinuar-se em silêncio, que facilmente escapa à atenção, caso insubmissa à ordem seYera. Em realidade o tempo não tem cesuras; não há tempestades nem ressoar de trombetas no início de um noYo mês ou de um noYo ano, e mesmo no início de um noYo século somos apenas nós, seres humanos, que lançamos jogos e repicamos sinos.

No caso de Hans Castorp, o primeiro dia de outubro não diferiu em nada do último de setembro. Estava igualmente frio e desabrido, e os dias seguintes passaram-se da mesma forma. No repouso eram necessários sobretudo de inverno e os cobertores de lã de camelo, não só de noite, mas também durante o dia. Os dedos com que Hans Castorp segurava o lábio estavam úmidos e enregelados, se bem que as faces lhe ardessem num calor seco. Joachim se sentia tentado a recorrer ao saco de peles, mas desistiu, para não se mimar antes do tempo.

Alguns dias mais tarde, porém, ainda no decorrer da primeira quinzena do mês, mudou tudo e irrompeu um inverno atrasado de tamanho esplendor que o espanto foi geral. Com

muita razão Hans Castorp ou Yira elogiar o mês de outubro dessas paragens. Durante duas semanas e meia, aproximadamente, um céu magnífico estendeu-se por cima do Yale; cada dia ultrapassa o anterior na pureza do azul, e o sol irradia com uma intensidade tão Yeemente Tue todos se Yiram induzidos a ir buscar os traMes mais leYes de Yerão Má relegados às malas, os Yestidos de musseline e as calças de linho; e nas horas próximas do meio-dia nem mesmo o grande para-sol de lona sem cabo, Tue se podia afixar ao braço da espreguiçadeira mediante um engenhoso mecanismo, um sarraIo com diYersos Iuros, lograYa oIerecer

abrigo suficiente contra o astro abrasador.

— Que sorte eu ainda poder desIrutar este tempo — disse Hans Castorp ao primo. — Às Yezes tiYemos dias tão ruins! E agora é como se o inYerno Iosse passar e Má chegasse a boa estação.

Ele tinha razão. Poucos sinais indicaYam a Yerdadeira época do ano, e também estes eram bastante discretos. Excetuando-se alguns bordos plantados em DaYos-Platz, onde leYaYam uma existência penosa, e Tue Iazia muito tempo haYiam perdido o ânimo e deixado cair suas Iolhas, não existiam por ali outras árYores decíduas cuMo estado imprimisse à paisagem o cunho da estação. Somente o alno alpestre, árYore híbrida, de agulhas macias Tue perde como se Iossem Iolhas, mostraYa a calYície outonal. As demais árYores da região, tanto as altas como as

acanhadas, eram coníferas sempre verdes, resistentes ao inverno, e, na falta de limites distintos, pode distribuir suas variedades sobre o ano inteiro. Apenas os diversos matizes de um vermelho ferrugíneo nas copas da floresta, apesar do ardor estival do céu, revelavam o declínio do ano. Verdade é que, para o olhar mais atento, havia ainda flores nos prados a anunciarem o mesmo fato, na sua linguagem suave. Já não se viam o salepo, parente das orquídeas, e os arbustos da autilégia, e na época da chegada do visitante tinham adornado as encostas; também o cravo silvestre desaparecera. Apenas a genciana e os caules curtos do lírio verde davam-se a ver, testemunhando certa ousadia íntima da atmosfera atenuada de modo superficial; era um rescor capaz de penetrar de súbito a própria medula de quem ali descansasse, e tuasse tostado por hora, e assaltá-lo como um calor que se apodera do inverno de abril.

Quanto a Hans Castorp, não se submetia interiormente à tua ordem com as pessoas, ao lidar com o tempo, controlam seu curso, dizendo, contando e nomeando suas unidades. Não prestara atenção ao silencioso começo do décimo mês. Somente o impressionava o que lhe irritava os

sentidos, o ardor do sol com a rescor secreto dentro e abaixo dele — uma sensação que, nessa intensidade, era nova para ele e o motivava a uma comparação culinária: fazia-o pensar, conforme declaração que fez a Joachim, numa

“omelette en surprise” com algo gelado sob a espuma Tuenta dos oYos. Era IreTuenta dizer coisas desse tipo, dizia-as com rapidez e fluência, numa Yoz emocionada, como Iaz Tuem treme de Irio apesar de ter a pele ardente. Verdade é Tue houYe também interYalos durante os Tuais se mostrou taciturno, para não dizer: ensimesmado; pois a sua atenção continuaYa dirigida para Iora, embora concentrada num único ponto; todo o mais — tanto pessoas como obMetos — diluía-se numa espécie de bruma Yinda de seu próprio cérebro, algo Tue o conselheiro Behrens e o dr. KrokoZski certamente teriam Tualificado de “produto de Yenenos solúYeis”, segundo o MoYem brumoso repetia a si mesmo, sem Tue essa percepção lhe proporcionasse a capacidade, e o mínimo deseMo seTuer, de se libertar da embriaguez.

TrataYa-se de uma embriaguez Tue tinha seu fim em si mesma e à Tual nada se afiguraYa mais odioso e menos almeMáYel Tue um retorno à sobriedade. Ela se impunha ante TuaisTuer impressões Tue a pudessem enIraTuecer; não as admitia, a fim de conserYar-se intacta. Hans Castorp sabia e mencionara, ele mesmo, em outras ocasiões, Tue a Yista de perfil não IaYorecia a sra. Chauchat; seu rosto assomaYa um tanto anguloso e Má não tão MoYem. Que Iazia então? EYitaYa olhá-la de perfil, cerraYa literalmente os olhos, Tuando porYentura ela oIerecesse esse aspecto Tue o magoaYa. Por Tuê? Sua razão deYeria ter

exultado por ter uma oportunidade de impor-se! Mas isso seria pedir demais... Ele empalideceu de encanto Tuando ClaZdia, num desses dias radiosos, na segunda reIeição da manhã, Yoltou a surgir com a matinée de rendas Tue usaYa em dias de calor e Tue a deixaYa extraordinariamente atraente — Tuando surgiu ali, atrasada, batendo a porta com estrondo e sorridente, com os braços ligeiramente erguidos a alturas desiguais, e enIrentou a sala, apresentando-se diante de todos. Mas encantaYa-o menos o Iato de ela parecer tão bonita, e mais, isto sim, a sensação de Yer reIorçada a doce néYoa em sua própria cabeça, aTuela embriaguez Tue Tueria a si mesma e Tue tinha seu fim em Tue a Mustificassem e alimentassem.

Um perito na Iorma de pensar de LodoYico Settembrini, à Yista de tamanha Ialta de boa Yontade, talYez Ialasse aTui em licenciosidade, “uma Iorma de licenciosidade”. Hans Castorp recordaYa às Yezes as ideias literárias Tue o italiano expressara acerca “da enIermidade e do desespero”, e Tue ele mesmo achara incompreensíYeis, ou fingira achar assim. ContemplaYa ClaZdia Chauchat, a lassidão das suas costas, a posição aYançada da sua cabeça; Yia-a chegar sempre atrasada à mesa, sem razão nem desculpa, somente por Ialta de ordem, energia e ciYilidade; Yia como, em Yirtude dessa mesma Ialta, batia atrás de si cada porta por Tue entraYa ou saía; Yia como IormaYa bolinhas de miolo de pão e roía de Yez em Tuando os

lados das pontas dos dedos — e surgia nele um pressentimento tático: se ela estava doente, o Tio de Yeria estaria, sem dúvida e Tuiçá sem esperança, Má Tio estava Iorçada a YiYer ali em cima repetidas vezes e por muito tempo, então sua doença era, se não toda, ao menos em grande parte de natureza moral, e evidentemente não se tratava nem da causa nem do efeito da sua “negligência”, como dissera Settembrini, mas de algo inerente a ela. Hans Castorp relembra também o gesto desdenhoso Tio fizera o humanista ao falar dos “partos e citas”, cuja companhia tinha de suportar durante o repouso; um gesto de desprezo e repúdio naturais e espontâneos, Tio não necessitava de justificativa, e Tio Ioram muito familiares a Hans Castorp em outros tempos, Tuando ele, Tio à mesa mantinha uma postura bem tesa, odiava as portas fechadas com estrondo, e Mamais se sentia tentado a roer as unhas (por dispor, em vez disso, do recurso do Maria

Mancini) — Tuando Hans Castorp, enfim, sentira grande aversão ante à má educação da sra. Chauchat e não pudera evitar uma sensação de superioridade, ao ouvir a estrangeira de olhos rasgados tentando expressar-se em sua língua materna.

Mas, a essa altura dos acontecimentos, Hans Castorp, devido ao estado íntimo de seu espírito, abandonara quase totalmente tal modo de sentir. Era antes o italiano Tio o irritava, por ter falado, em sua sobranceira, de “partos e citas”, sem se fazer se referir a

peças da mesa dos “russos ordinários”, onde os estudantes de cabelos tão bastos e de roupa de baixo inYisíYel discutiam sem cessar no seu idioma exótico, o único em Tue podiam se expressar, era eYidente, e cuMo caráter desproYido de ossos Iazia pensar num tórax sem costelas, como aTuele Tue o dr. Behrens acabara de descreYer. Era inegáYel Tue os hábitos dessa gente eram capazes de despertar num humanista YiYos sentimentos de distância. Comiam com a Iaca e suMaYam a priYada de Iorma inenarráYel. Settembrini afirmaYa Tue um dos membros dessa roda, um acadêmico Má adiantado no curso de medicina, mostrara-se absolutamente ignorante em matéria de latim; nem soubera, por exemplo, o Tue era um “vacuum”. E, segundo a própria experiência diária de Hans Castorp, não mentia a sra. St, hr Tuando contaYa, à mesa, Tue o casal do número 32 recebia o massagista, Tuando este se apresentaYa pela manhã para ministrar a Iricção, ambos deitados na mesma cama.

Tudo isso podia ser Yerdade, e não Ioi à toa Tue se instituiu a separação maniIesta entre os “distintos” e os “ordinários”. Hans Castorp afirmaYa a si próprio Tue não Iaria senão dar de ombros diante de TualTuer propagandista da república e do belo estilo Tue subsumisse o pessoal das duas mesas sob uma só denominação de “partos e citas”, e Tue o fizesse de maneira altiYa e sóbria — sóbria, em especial, embora também andasse

Iebril e embriagado. O MoYem Hans Castorp compreendia muito bem em Tue sentido

Settembrini usara essas palaYras. Não começara também ele próprio a compreender a relação da enIermidade da sra.

Chauchat com sua “negligência”? Mas dera-se o Tue ele próprio descreYera, certo dia, a Joachim: no início a gente se escandaliza e experimenta sentimentos de distância, mas de repente

“intromete-se TualTuer coisa completamente diYersa”, Tue “nada tem Tue Yer com o Muízo”, e logo se acaba a indignação moral, a ponto de as pessoas se tornarem Tuase inacessíYeis a influências pedagógicas de natureza republicana ou eloTunte.

Mas Tue é isso? — perguntamos, proYaYelmente de acordo com o senso de LodoYico Settembrini. Qual é essa coisa duYidosa Tue, intrometendo-se, paralisa e elimina o Muízo dos homens, priYando-os do direito de o usarem, ou melhor, Iazendo com Tue renunciem ao seu uso com um entusiasmo insensato?

Não perguntamos pelo nome dessa coisa, pois todos o conhecem. Indagamos acerca da sua índole moral e não esperamos, Ialando Irancamente, resposta muito otimista. No caso de Hans Castorp, essa índole maniIestou-se de tal maneira Tue ele não somente deixou de usar seu Muízo, mas também se pôs a experimentar, ele próprio, aTuela Iorma de Yida Tue o tocaYa. Tentou saber Tue tal era a sensação de Tuem ficaYa sentado relaxadamente à mesa, com as costas lassas, e

Verificou que isso constituía um grande alívio para os músculos da bacia. Além disso, procurou não fechar com cuidado a porta que atravessava, mas batê-la atrás de si, e também esse método se mostrou bastante cômodo e adequado, expressando talvez a mesma coisa que o hábito de dar de ombros com que Joaquim o saudara na estação, logo em sua chegada, e que reencontrara muitas vezes entre as pessoas da Tui de cima.

Dito de modo simples: nosso herói estava apaixonado até a raiz dos cabelos por Cláudia Chauchat. Usamos novamente essa palavra, uma vez que pensamos ter jeito o necessário para evitar o mal-entendido que ela poderia originar. Não era, portanto, uma melancolia amavelmente

sentimental, no sentido da Mãe-reída cançãozinha, o que constituía a essência da sua paixão. Esta era antes uma variante bem perigosa e errada da fascinação, mescla de frio e calor, tal o estado de um homem em abril, ou um dia de outubro nas regiões elevadas; e o que lhe faltava era precisamente o elemento sentimental que ligasse os componentes extremos. Por um lado, com um imediatismo que fazia o rosto empalidecer e lhe crispava as feições, essa paixão re feria-se ao moelho da sra. Chauchat e ao delineamento de sua perna, às costas dela, às vértebras de sua nuca e a seus braços, que comprimiam os peitos — re feria-se, numa palavra, ao corpo dela, um corpo lânguido e exaltado, acentuado em demasia pela doença e

transformado pela doença, uma vez mais, em corpo. E essa paixão, por outro lado, era algo sumamente volátil e yastó, uma ideia, não: um sonho, o sonho temeroso e infinitamente sedutor de um MoYem, cujas perguntas precisas, embora não formuladas de maneira consciente, haviam sido respondidas apenas por um silêncio Yão. Como tuálter outro, também nós reindicamos o direito de Iazer, no decorrer da presente narrativa, nossas próprias conjeturas, e externamos nossa suposição de que Hans Castorp não teria ultrapassado o prazo previsto para sua estada com as pessoas a tui em cima, nem teria alcançado este ponto em que encontra, caso sua alma singela houvesse encontrado, nas profundezas do tempo, uma informação satisfatória sobre o sentido e a finalidade do início de Yier.

De resto, sua paixão infligia-lhe todas as dores e proporcionava-lhe todas as alegrias que esse estado acarreta em toda parte e em todas as circunstâncias. A dor é pungente; contém um elemento degradante, como toda dor, e representa tamanho abalo do sistema nervoso que embarga a respiração e é capaz de arrancar de um homem adulto lágrimas amargas. E para também fazermos justiça às alegrias — estas eram numerosas, e, ainda que

nascessem de motivos insignificantes, não menos intensas que as mágoas. Por exemplo: prestes a entrar na sala de reuniões, Hans

Castorp nota atrás de si o objetivo de seus sonhos. O resultado é conhecido de antemão, e de simplicidade extrema, mas encanta a alma com a mesma força que faz brotar as lágrimas. Os olhos de ambos, próximos, encontram-se: os dele e os glaucos olhos dela, cuja forma e posição levemente asiáticas apoderam-se dele com sua magia, até a medula. Ele não tem consciência, mas mesmo assim dá um passo para o lado, a fim de deixar livre a passagem pela porta. Com um meio sorriso e um “merci” pronunciado em voz baixa, ela aceita seu oferecimento não mais que cortês, passa por ele e atravessa o limiar. E a influência da personalidade que acaba de roçá-lo, louco pela felicidade que lhe causam a coincidência e o fato de uma palavra da sua boca, esse merci, ter-se dirigido direta e pessoalmente a ele. Segue-a, encaminha-se a passo vacilante até sua mesa, ao lado direito, e enquanto se deixa cair na cadeira pode verificar que “Clara”, sentando-se também, vira-se para ele com a expressão de quem reflete sobre o encontro junto à porta, segundo ele quer crer. Oh, a ventura inacreditável! Oh, triunfo, exultação sem limite! Não, Hans Castorp não alcançaria essa embriaguez de fantástica satisfação ante o olhar de uma sirigaita sadia, lá embaixo na planície, à qual, num impulso lícito, sossegado e esperançoso, tivesse “dado seu coração”, como na mesma cançãozinha. Com uma modestidade ímpar, ele cumprimenta a professora, que tudo viu e cuja pele veludosa corou; a seguir, aborda Miss Robinson, com uma

tentativa tão absurda de conversação inglesa. Tão a senhorita, não habituada a êxtases, recua de um salto para então medi-lo com o olhar atemorizado.

Outra vez, durante o jantar, os raios de um esplêndido pôr do sol caem sobre a mesa dos “russos distintos”. Há iam corrido as cortinas das portas do alarandado e das Manelas, mas em alguma parte sobrou uma Iresta, através da qual

um clarão vermelho, deslumbrante, apesar de irio, abre caminho e iere. Mustamente a cabeça da sra. Chauchat, de maneira tua, na conversa com o compatriota de peito sumido à sua direita, ela tem de resguardar os olhos com a mão. É um incômodo, mas tão pouco graça tua ninguém se preocupa. A própria interessada nem se tuer parece reparar na petuena contrariedade. Mas Hans Castorp descobre-a através de toda a sala. Observa-a durante alguns instantes, examinando a situação, acompanhando o caminho dos raios e fixando o ponto de onde incidem. É da Manela ogiçal, lá atrás, à direita, no canto entre uma das portas do alarandado e a mesa dos “russos ordinários”, muito distante do lugar da sra. Chauchat e tuase igualmente alastado do lugar de Hans Castorp. Então ele toma suas decisões. Sem proferir nenhuma palavra, levantase com o guardanapo na mão, passa diagonalmente por entre as mesas, através da sala, une cuidadosamente as cortinas creme, certifica-se, com um olhar por cima do ombro, de tua o clarão

Yesperal Má não pode mais entrar e Tue a sra. Chauchat está liYre do inconYeniente; então Yolta à sua mesa, esIorçando-se por parecer indiIerente. Um MoYem atencioso, Tue Iaz o Tue é necessário, Má Tue ninguém mais se lembra de Iazê-lo. Muito poucos notaram sua interYenção; a sra. Chauchat, porém, percebeu de imediato o alíYio e Yirou-se em direção a ele, conserYando essa posição até Tue Hans Castorp alcançasse seu lugar e, sentando-se, olhasse para ela, Tue, com um sorriso entre amáYel e surpreendido, agradeceu, Iazendo aYançar um pouco a cabeça, sem propriamente incliná-la. Ele retribuiu com uma mesura correta. Seu coração Tuedou-se imóYel, parecia ter deixado de bater. Somente mais tarde, Tuando tudo terminara, pôs-se a martelar; Ioi então Tue Hans Castorp percebeu Tue Joachim, em silêncio, tinha os olhos craYados no prato — e Tue a sra. St,hr dera uma cotoYelada no dr. Blumenkohl e, com risinhos abaIados, procuraYa olhares cúmplices em toda parte, tanto na própria mesa como nas demais...

Relatamos um acontecimento cotidiano, mas o cotidiano torna-se estranho Tuando se desenYolYe em terreno estranho. HaYia tensões e soluções benéficas entre eles, ou Tuando não entre eles — pois deixamos indeciso até Tue ponto madame Chauchat participaYa delas —, existiam ao menos para a imaginação e para a sensibilidade de Hans Castorp. NaTueles

belos dias, muitos pensionistas tinham o costume de ir, depois do almoço, ao alvarado situado à frente da sala de reuniões, onde permaneciam em grupos, expondo-se ao sol durante um quarto de hora. Através parecia um aspecto semelhante ao das reuniões dominicais por ocasião do concerto bimensal da charanga. Os moços absolutamente ociosos, supersaturados de iguarias de carne e de guloseimas, e todos ligeiramente bêbados, iam e trocavam olhares. A sra. Salomon, de Amsterdam, ia sentar-se rente à balaustrada, enquanto a conversa com os moços o beirão Gänser e, do outro lado, o gigante sueco, Tue, embora totalmente restabelecido, ainda prolongava sua estada em prol de uma pequena cura suplementar. A sra. Iltis parecia ser jovem, pois gozava-se desde há pouco com a companhia de um “noivo”, aliás de aparência melancólica e subalterna, e cuja presença não a impedia de aceitar, simultaneamente, as homenagens do capitão Miklosich, homem de nariz adunco, bigode untado de pomada, peito saliente e olhos ameaçadores. Há lá as damas do alpendre, de diferentes nacionalidades, entre elas algumas figuras novas, aparecidas desde 1o de outubro, e cujos nomes Hans Castorp ainda ignorava. No meio delas achavam-se os jovens da casa do sr. Albin, moços de dezessete anos, guarnecidos de monóculo; um rapaz holandês de cara rosada, com óculos e com uma paixão monomaniaca por trocar selos; dois gregos, de olhos amendoados,

recendendo a brilhantina e inclinados a desrespeitar, Tuando à mesa, os direitos dos comensais; dois peralYilhos inseparáYeis, apelidados de “Juca e Chico”, e Tue tinham a Iama de dar numerosas escapadelas... O mexicano corcunda, cuMa ignorância dos idiomas ali representados imprimia-lhe a expressão de um surdo, tiraYa Iotografias sem cessar, arrastando consigo, com uma agilidade engraçada, o tripé de um lado para outro do terraço. Às Yezes aparecia também o conselheiro áulico para exhibir o truTue dos cordões de sapato. Em alguma parte, solitário, o deYoto de Mannheim abria caminho por entre a multidão, e seus olhos Iundos e tristes seguiam, para YiYa repugnância de Hans Castorp, certos rumos secretos.

Para nos ocuparmos uma Yez mais daTuelas “tensões e soluções”, enfim, podia acontecer numa dessas ocasiões Tue Hans Castorp, instalado rente ao muro da casa numa cadeira laTueada de Mardim, conYersasse animadamente com Joachim, a Tuem, apesar da sua relutância, obrigara a sair com ele, e Yisse como à sua Irente a sra. Chauchat se mantinha Munto à balaustrada, Iumando um cigarro, em companhia de seus comensais. E ele IalaYa como Tue para ela, para Tue o ouYisse. Mas ela lhe YiraYa as costas... Como se Yê, aludimos agora a um caso determinado. A palestra do primo não bastara para alimentar-lhe a loTuacidade aIetada, de modo Tue, intencionalmente, traYara conhecimento com uma pessoa

estranha. E Tuem era? Hermine KleeIeld. Como por acaso, Hans Castorp dirigira a palaYra à mocinha, apresentando-se Iormalmente a si mesmo e a Joachim, e puxara uma cadeira laTueada também para ela, a fim de desempenhar papel de destaTue numa cena de três. Se ela ainda se lembraYa, ele perguntou, de Tue maneira diabólica o assustara naTuele dia, Tuando do seu primeiro encontro, durante o passeio matutino? Sim, Iora ele Tue recebera aTuelas boas-Yindas cordiais, dadas por meio de um assobio animador! E realmente ela alcançara seu obMetiYo, ele o admitia sem titubear, pois se sentira como Tue Iulminado. Que a senhorita perguntasse ao primo se isso não era Yerdade. Rá,

rá, rá! Assobiar com o pneumotórax para espantar Tuem passeYa por ali inoIensiYamente! Sendo bem sincero, e com a deYida cólera, isso não merecia outro nome senão o de Mogo herético, abuso pecaminoso... E enTuanto Joachim, ciente do seu papel de mero instrumento, continuaYa sentado com os olhos baixos, e a KleeIeld aos poucos também ia deduzindo dos olhares cegos e erráticos de Hans Castorp o Iato humilhante de Tue sua pessoa serYia apenas de meio para determinado fim, Hans Castorp prosseguia amuando-se, tomando ares aIetados, expressando-se em termos rebuscados e procurando dar à própria Yoz uma bela sonoridade, até Tue enfim conseguiu Tue a sra. Chauchat se Yoltasse para Yer Tuem IalaYa tão

espalhaIatosamente, e o encarasse, por um instante apenas. Deu-se então Tue seus olhos de PribislaY resYalaram rapidamente pelo corpo de Hans Castorp, Tue se achaYa sentado com as pernas cruzadas, e, com uma expressão de indiIerença proposital Tue chegaYa às raiais do desdém, do desdém mesmo, fitaram por algum tempo os sapatos amarelos do MoYem, antes de se retirarem de noYo, fleumaticamente, e Tuiçá ocultando, lá no Iundo, um sorriso...

Uma calamidade graYe, graYe mesmo! Hans Castorp ainda continuou Ialando Iebrilmente por mais algum tempo. Depois, Tuando no seu Ioro íntimo se dera conta daTuele olhar lançado aos seus sapatos, silenciou, Tuase no meio da palaYra, e entregou-se à sua mágoa. A KleeIeld, aborrecida e melindrada, sumiu-se. Com certo agastamento na Yoz, Joachim propôs Tue agora bem poderiam recolher-se ao repouso. E um homem prostrado, de lábios pálidos, concordou com ele.

Dois dias a fio Hans Castorp soIreu amargamente sob os eIeitos desse incidente, pois nada ocorreu nesse meio-tempo Tue lhe derramasse algum bálsamo na Ierida ardente. Por Tue o olhara daTuele modo? Por Tue, em nome de Deus e da Trindade, sentia por ele esse desdém? ConsideraYa-o um palerma lá de baixo, sadio, aberto apenas

ao Tue Iosse inoIensiYo? Um ingênuo da planície, por assim dizer, um tipo Yulgar Tue passeYa e ria e enchia a pança e ganhaYa

dinheiro — um aluno-modelo Tue nada entendia da Yida a não ser as enIadonhas Yantagens da honra? Era apenas um Yisitante Iútil, Yindo por três semanas, incapaz de participar da sua esIera? Acaso ele não proIessara Yotos em razão de uma região pulmonar úmida? Não Iora incluído nas fileiras da ordem, não Iazia parte do “Nós aTui em cima”, Má com dois meses completos nas costas? E o mercúrio não subira, ainda ontem, a 37,8?... Mas Mustamente isso completaYa seu soIrimento! O mercúrio deixara de subir! A terríYel prostração desses últimos dias esIriara, desembriagara, desentesara a natureza de Hans Castorp, o Tue, para a sua maior Yergonha, se maniIestaYa por temperaturas muito baixas, pouco acima da normal. Era-lhe cruel Yerificar Tue a mágoa e a contrariedade Tue o atormentaYam nada Iaziam senão aIastá-lo cada Yez mais do ser e da existência de ClaZdia.

O terceiro dia trouxe a doce redenção; trouxe-a Má de manhã. Era um maraYilhoso dia de outono, ensolarado e IresTuinho, com os prados cobertos de teias prateadas. O sol e a lua minguante achaYam-se simultaneamente no céu puro. Os primos tinham se leYantado mais cedo Tue de costume, a fim de homenagear o belo dia e prolongar o passeio matinal um pouco além do limite regulamentar, passando pelo banco Yizinho ao curso d'água e aYançando pelo caminho do bosTue. Joachim, cuMa curYa também marcaYa, por aTueles dias, uma baixa

simpática, propusera essa inIração reIrescante, e Hans Castorp não se opusera.

— Somos gente curada — dissera ele —, sem Iebre e liYres de Yenenos; Tuase Tue estamos maduros para a planície. Nada nos impede de dar nossas cabriolas.

CaminhaYam de cabeça descoberta; pois, desde Tue proIessara, Hans Castorp adaptara-se, por bem ou por mal, ao costume reinante de andar sem chapéu, não obstante a firmeza com Tue, no começo, deIendera contra esse hábito

o seu próprio estilo de Yida e sua boa educação. FincaYam no chão as suas bengalas. Ainda não haYiam Yencido a subida do caminho aYermelhado e mal tinham alcançado o ponto onde, aTuela Yez, o grupo dos “pneumáticos” encontrara o noYato Tuando diYisaram, a alguma distância, a sra. Chauchat Tue subia deYagar — a sra. Chauchat, de suéter branco, saia de flanela branca e sapatos igualmente brancos, com a cabeleira ruiYa batida pelo sol da manhã. Para Ialar com maior precisão: Tuem a reconheceu Ioi Hans Castorp. A atenção de Joachim não despertou antes de a sensação desagradáYel de se Yer instigado e aguilhoado indicar-lhe o Tue se passaYa. Essa sensação teYe a sua origem na marcha acelerada Tue seu companheiro, de súbito, acabaYa de iniciar, após ter interrompido a caminhada pouco antes, de maneira brusca, e Tuase parado por alguns instantes. Tal precipitação pareceu muito preMudicial e irritante

a Joachim, Tue perdeu o Iôlego e começou a tossir. Mas Hans Castorp, seguro do seu obMetiYo, e com os órgãos Iuncionando às mil maraYilhas, pouco se preocupou com isso, e, como o primo compreendesse a situação, limitou-se a cerrar o cenho, sem dizer nada, e a acompanhar o passo do companheiro, Yisto não ser possíYel Tue este aYançasse sozinho.

A bela manhã animaYa o MoYem Hans Castorp. Acrescia a isso Tue, durante a depressão, as Iorças da sua alma haYiam descansado IurtiYamente, e no seu espírito luzia a certeza de Tue chegara o momento em Tue se desYaneceria o encantamento Tue pairara em torno dele. Assim estugou o passo, arrastando consigo Joachim, Tue oIegaYa e também por outros motiYos se mostraYa recalcitrante. Antes da curYa, a partir da Tual o caminho se tornaYa plano e corria ao longo do flanco direito do morro coberto de mato, Tuase alcançaram a sra. Chauchat. Eis Tue Hans Castorp Yoltou então a diminuir a Yelocidade da marcha, para não realizar o seu propósito num estado de respiração curta Tue reYelasse o seu esIorço. E pouco além da reIerida curYa, entre a encosta e a parede rochosa, em meio aos pinheiros tingidos de cor de Ierrugem, e atraYés de cuMos ramos incidiam Ieixes de raios de sol, ocorreu, sim, realizou-se o Iato maraYilhosos: Tue Hans Castorp, caminhando à esTuerda de Joachim, alcançasse a graciosa enIerma, passasse por ela a passo enérgico e, no momento em Tue se achaYa à sua direita,

fizesse uma mesura Mustificada pela Ialta de um chapéu, cumprimentando-a respeitosamente (mas por Tue assim: respeitosamente?) com um bom-dia pronunciado a meia Yoz e Tue obteYe resposta. Com uma inclinação amáYel da cabeça, Tue reYelaYa pouca surpresa, Chauchat agradeceu, dizendo igualmente “bom dia” na língua de Hans Castorp, enTuanto seus olhos sorriam. E tudo isso constituiu coisa bem diIerente, proIunda e deliciosamente oposta àTuele olhar lançado a suas botas; Ioi um acaso Ieliz, uma modificação do estado das coisas para melhor e para ótimo; um acontecimento sem igual, Tue Tuase ultrapassou a capacidade receptiYa de Hans Castorp; Ioi a redenção!

Com pés alados, deslumbrado por uma insensata alegria, graças ao cumprimento, à palaYra, ao sorriso, Hans Castorp prosseguiu em sua marcha acelerada ao lado de Joachim, de Tuem tanto abusara e Tue, em silêncio, contemplaYa a encosta, mantendo o olhar aIastado do primo. Hans Castorp pregara-lhe uma peça bastante Iorte, Tue aos olhos de Joachim se afiguraYa uma espécie de ardil e de traição, como o MoYem muito bem sabia. Não era bem a mesma coisa como se tiYesse pedido emprestado um lápis a alguma pessoa completamente desconhecida; pelo contrário, seria Tuase uma Ialta de educação passar rigidamente e sem cumprimentar, ao lado de uma senhora com Tuem Iazia meses se YiYia sob o mesmo teto.

ClaZdia não entabulara dias antes, na sala de espera, uma conYersa com eles? Joachim, por conseguinte, estaYa obrigado a calar. Mas Hans Castorp compreendia perIeitamente por Tue outras razões o orgulhoso Joachim permanecia calado e desYiara o olhar, ao passo Tue ele próprio se sentia tão exuberante e IriYolamente arrebatado pela manobra bem-sucedida. Não podia ser mais Ieliz Tuem, lá na planície, “desse o seu coração” a TualTuer sirigaita sadia, do modo como conYinha, com as melhores perspectiYas e, no Iundo, com grande satisIação, alcançando com isso um grande êxito... Não! Tal indiYíduo Mamais poderia ser tão feliz como era Hans Castorp, com o pouco Tue acabaYa de conseguir e assegurar-se numa hora ditosa... Por isso, depois de algum tempo deu uma palmada Yigorosa no ombro do primo e disse:

— Ei, Tue é Tue Yocê tem? O dia está tão lindo! Que lhe parece irmos até o Cassino? DeYe haYer música lá, não acha? TalYez toTuem Carmen: “Segue guardada em meu coração, a flor Tue me deste pela manhã”. Mas Tue é Tue há? Está com uma pedra no sapato?

— Não há nada — respondeu Joachim. — Mas Yocê parece tão excitado! Receio Tue a sua baixa de temperatura Má tenha terminado.

E terminara, de Iato. O humilhante aYiltamento da natureza de Hans Castorp Ioi superado pela saudação Tue trocara com ClaZdia Chauchat; e sua satisIação, a rigor, deYia-se à consciência Tue ele tinha desse encontro. Sim, Joachim tinha razão: o mercúrio tornaYa a subir! E subiu até próximo de 38 Tuando Hans Castorp Ioi consultá-lo, logo após o passeio.

ENCICLOPÉDIA

Se certas alusões de Settembrini haviam exasperado Hans Castorp, este não se devia admirar nem acusar o humanista de o ter espionado por motivos pedagógicos. Até um cego teria notado a tuantasia o moço andava. Ele mesmo não fazia nada para ocultá-lo. Uma certa exaltação e alguma ingenuidade nobre impediam-no de discarçar o seu estado de alma. Nesse ponto distinguia-se — com vantagem sua talvez — da tuela apaixonado de cabelos ralos, o rapaz de Mannheim, e da sua conduta dissimulada. Recordamos e repetimos tu a situação em tu Hans Castorp se encontra acarreta geralmente um impulso e uma necessidade de abrir-se, uma tendência para o desabaio e a confissão, uma cega preocupação consigo próprio e a mania de encher o mundo com os seus assuntos — maniações tanto mais estranhas para nós, seres prosaicos, tuanto menos lógica, menos razão e esperança o caso implica. É difícil dizer como essas pessoas começam a trair-se a si mesmas; elas parecem mesmo incapazes de dizer ou fazer tual tuer coisa tu não as traia — ainda mais numa sociedade tu, segundo a obseração de um espírito crítico, tem só duas coisas na cabeça: em primeiro lugar, a temperatura, e depois... de noyo a temperatura, o tu Yale dizer, por exemplo, a pergunta sobre tuem ressaia a sra. Wurmbrandt, esposa de um cônsul-geral de Viena,

da Yolubidade do capitão Miklosich. Seria o gigante sueco, ora completamente curado, ou o sr. ParaYant, promotor público de Dortmund? Ou ambos, talYez? Pois era notório e indiscutível que os laços que haviam unido durante alguns meses o promotor e a sra. Salomon, de Amsterdam, tinham sido dissolvidos sob um acerto amistoso, e que a sra. Salomon, seguindo as propensões da sua idade, inclinara-se para MoYens de idade mais tenra, tomando sob as suas asas o beijudo Gänser, da mesa da KleeIeld, ou “reTuisitando-o”,

segundo manifestou-se a sra. St, hr num estilo como que Murídico, sem no entanto perder em plasticidade; assim, portanto, o promotor público, quanto à consulesa geral, tinha plena liberdade de se bater com o sueco em duelo, ou de apenas chegar a um acordo com ele.

Esses processos pendentes de decisão na sociedade do BerghoI, em especial na mocidade Iebril, e nos Tuais as passagens entre as sacadas (ao longo da balaustrada, e ao largo das diYisórias de Yidro) desempenhavam papel central: ora, essas ocorrências eram o que se tinha em mente, e elas Iormavam uma parte importante da atmosfera local — ainda que isso não exprima com a devida clareza o que paira no ar. Com efeito, Hans Castorp tinha a impressão esTuisita de que um assunto Iundamental, ao qual em toda parte do mundo se atribui importância considerável, e que Iorma um tema constante de

alusões sérias ou brincalhonas, aTui era acentuado, Yalorizado e ressaltado de um modo tão graYe e, Mustamente em razão dessa graYidade, tão noYo, Tue a coisa em si reYelaYa-se sob um aspecto nunca Yisto e, se não terríYel, ao menos assustador, Mustamente em razão da noYidade. Ao enunciarmos isso, mudamos a expressão do nosso rosto e assinalamos Tue, se nos ocorreu até agora Ialar das relações em apreço num tom leYe e chistoso, fizemo-lo pelos mesmos motiYos secretos Tue IreTuentemente preYalecem, sem Tue isso enuncie coisa alguma acerca da natureza leYe ou chistosa do próprio assunto. No ambiente onde nos encontramos, esse tom seria, de Iato, ainda menos indicado do Tue em outra parte. Hans Castorp pensara Tue, dentro dos limites normais, entendia desse assunto Iundamental, alYo de tantas pilhérias, e sem dúYida tinha razões para pensar assim. Mas agora percebia Tue na planície não chegara além de um conhecimento pouco suficiente, e Tue no Iundo andara na mais cândida ignorância a esse respeito, ao passo Tue na montanha certas experiências pessoais, a cuMo caráter aludimos

repetidas Yezes, e Tue em determinados momentos lhe arrancaram a exclamação “Meu Deus!”, capacitaYam-no interiormente a notar e compreender de Iato o Iorte caráter inédito, perigoso e inomináYel Tue o assunto tinha para todos ali em cima, em geral e em particular. Não Tue ali não se pilheriasse

sobre ele. Mas, ainda mais Tue na planície, esse tom parecia impróprio nas alturas; ele suscitava um Tuê de arrepio e respiração embargada, Tue Iazia perceber com sobeMa nitidez Tue ele era apenas um Yéu transparente em Volta da angústia Tue (sem chance de êxito) procuraYa disIarçar-se por meio dele. Hans Castorp recordou a palidez terrosa Tue reparara em Joachim, Tuando pela primeira e última Yez aludira ao Ísico de Marúsia, com o tom de brincadeira inocente Tue se usa na planície. Recordou também a liYidez Iria Tue se espalhara por seu próprio rosto Tuando liYrara a sra. Chauchat do clarão do sol poente — e recordou o Iato de Tue, antes e depois, em diYersas ocasiões, encontrara essa liYidez em muitos rostos estranhos, Yia de regra em dois ao mesmo tempo, como, por exemplo, nos da sra. Salomon e do MoYem Gänser, Tuando se Iormara entre eles o Tue a sra. St ,hr designaYa com aTuele termo Murídico. Ele se recordou disso, digamos, e compreendeu Tue, sob essas circunstâncias, não somente seria muito diÍcil não “se trair”, mas também não Yalera a pena. Em outras palaYras: não era apenas certa exaltação e certa ingenuidade, senão também um determinado estímulo da parte do ambiente o Tue Iazia com Tue Hans Castorp se sentisse pouco animado a coibir-se e a dissimular seu estado de alma.

Logo à chegada de Hans Castorp, Joachim mencionara a dificuldade de traYar conhecimento com outros

pensionistas, dificuldade que resulta sobretudo de duas circunstâncias: os primos Iorma, dentro da sociedade do sanatório, uma espécie de partido ou de grupo em miniatura, e o marcial Joachim, preocupado exclusivamente com a sua cura rápida, mostra-se, por princípio, a contatos e relações mais íntimas com os companheiros de sofrimento. Não fosse assim, Hans Castorp teria encontrado e aproveitado muito mais oportunidades para divulgar seus sentimentos com desembaraçada espontaneidade. Sem embargo, Joachim chegou a apanhá-lo certa noite durante uma reunião em companhia de Hermine Klee, dos dois comensais dela, os srs. Gänser e Rasmussen e do rapaz de monóculo, com a desmesurada unha; ou então como Hans Castorp, de olhos excessivamente brilhantes, e numa voz emocionada, improvisa um discurso sobre as formas singulares e estranhas do rosto da sra. Chauchat, enquanto os seus ouvintes trocam olhares, acotovelam-se e soltam risinhos abogados.

Era penoso para Joachim; mas o causador de tal hilaridade permanecia insensível à relação do seu estado, Tuiça opinando que não iria mudar a ele se o deixasse oculto e despercebido. Quanto a isso, podia ter certeza de contar com a compreensão de todos. E conforma-se com os sorrisos maliciosos que se mesclam a essa compreensão. Não somente na sua própria mesa, mas, com o tempo, também nas mesas

Yizinhas, olhaYam-no para caçoar de suas Iaces ora pálidas ora ruborizadas, cada Yez Tue, após o começo de uma reIeição, a porta enYidraçada se IechaYa com estrondo. E também isso o satisIazia, Má Tue causaYa nele a impressão de Tue sua ebriedade, ao despertar atenção, era reconhecida e corroborada pelos demais, em certo sentido, de Iorma a IaYorecer sua causa e lhe animar as esperanças Yagas e insensatas. Essa sensação chegaYa a Iazê-lo Ieliz. As coisas iam tão longe Tue o pessoal, literalmente, se aglomeraYa para obserYar o moço obcecado. Isso se daYa, por exemplo, no terraço depois do almoço, ou à Irente da portaria nas manhãs de domingo, Tuando os pensionistas iam lá receber a correspondência Tue nesse dia não era distribuída pelos Tuartos. Sabia-se Tue lá estaria um indiYíduo extasiado e embeYecido Tue exibiria abertamente seus sentimentos. Assim, agrupaYam-

se nas proximidades a sra. St,hr, a srta. Engelhart, a KleeIeld com a sua amiga de cara de anta, o incuráYel sr. Albin, o rapaz com a unha comprida e ainda outros membros da companhia dos enIermos; ficaYam parados, contraindo ironicamente as comissuras da boca, suIocando o riso no lenço e olhando o MoYem, Tue sorria com ar ausente e apaixonado, tendo as Iaces abrasadas daTuele ardor Tue o incomodaYa desde a noite da sua chegada, e fixando em determinado ponto os olhos luzentes,

com a Tuela brilho Tue neles acendera a tosse do aristocrata austríaco...

No Iundo, era muito gentil da parte do sr. Settembrini aproximar-se, em tais circunstâncias, de Hans Castorp, para entabular uma conversa com ele e informar-se sobre o seu estado de saúde. Mas é duvidoso Tue seu interlocutor soubesse apreciar com a devida gratidão a atitude filantrópica e a liberdade de preconceitos Tue nisso se manifestavam. Assim se deu, certa vez, no Vestíbulo, numa tarde de domingo. Os pensionistas comprimiam-se em torno do porteiro, estendendo as mãos para agarrar a correspondência. Também Joachim achava-se ali. Seu primo ficava para trás, procurando obter, na rejeitada postura, um olhar de Cláudia Chauchat, Tue se encontrava perto dele, com seus companheiros de mesa, esperando Tue se dispersasse a multidão Tue cerca-se a portaria. Era essa uma hora em Tue se misturavam os hóspedes, hora preta de oportunidades, e por isso Tuerida e almejada pelo Moisés Hans Castorp. Hávia oito dias, ele roçara madame Chauchat diante do guichê, de modo Tue ela até o empurrara de leve e dissera “Pardon!”, com uma ligeira inclinação da cabeça, ao Tue ele lograra responder, em virtude de uma febril e, a seu ver, abençoada presença de espírito:

— Pas de Tui, madame!2

“Que dádiYa”, pensou ele, “a correspondência ser distribuída no Vestíbulo, nas tardes de domingo!” Pode-se dizer que ele gastaYa a semana toda no aguardo de que

uma mesma hora Yoltasse a ocorrer, dali a sete dias — e aguardar significa adiantar-se, significa sentir o tempo e o presente não como um dom, mas como mero obstáculo, significa negar e anituar seu Valor intrínseco e saltá-los espiritualmente. Dizem que é em vão esperar. Mas ao mesmo tempo, e mais propriamente, esperar é divertir-se, pois assim se desviam quantidades de tempo sem as viver e explorar como tais. Poder-se-ia dizer que o homem que apenas espera se parece com um comilão cuMo aparelho digestivo deixa passar as massas de comida sem lhes assimilar os valores nutritivos e proveitosos. Poder-se-ia ir ainda mais longe e dizer: como os alimentos não digeridos não Iortificam o homem, o tempo desperdiçado na espera não Iaz envelhecer. Verdade é que praticamente não existe a espera pura, sem mistura.

Fora, pois, de Yorada uma semana, e a hora dominical do correio chegara de novo, como se ainda fosse a mesma de oito dias antes. ContinuaYa, de forma muito excitante, a criar oportunidades. Cada minuto encerraYa e oferecia a possibilidade de se estabelecer um contato social com a sra. Chauchat: eram possibilidades que Iaziam apertar e acossar o coração de Hans Castorp, sem que este lhes permitisse realizarem-se. A isso

opunham-se inibições de natureza ora militar ora paisana: em parte estaYam ligadas à presença do honrado Joachim e ao próprio senso de honra e de deYer de Hans Castorp; em parte, porém, baseaYam-se na sensação de Tue relações sociais com ClaZdia Chauchat, relações cerimoniais Tue obrigassem a dizer “a senhora”, Iazer medidas e, se possíYel, Ialar Irancês — ora, relações assim não eram necessárias nem deseMáYeis, nem adeTuadas... Ele deixaYa-se estar, obserYando o Meito de ela Ialar e rir-se, exatamente como fizera PribislaY Hippe outrora, lá no pátio da escola: os lábios dela abriam-se largamente, e os olhos oblíTuos e glaucos, por cima das maçãs do rosto, contraíam-se Iormando estreitas Iendas. Isso não era o Tue se poderia chamar de “belo”; era apenas

como era, e em Iace da paixão amorosa o Mulgamento estético baseado na razão importa tão pouco Tuanto o raciocínio moral.

— O senhor também espera cartas, Engenheiro?

HaYia uma única pessoa capaz de Ialar assim, um desmancha-prazeres. Hans Castorp, num sobressalto, Yoltou-se para o sr. Settembrini, Tue, sorrindo, se achaYa à sua Irente. Era o mesmo sorriso fino e humanístico com Tue saudara o recém-chegado por ocasião do primeiro encontro, perto do banco, à margem do curso d’água. E, como então, Hans Castorp corou ao deparar com ele. Mas, embora nos seus sonhos

IreTuentemente lhe ocorresse empurrar o “tocador de realeMo”, porTue “era demais ali”, eYidenciou-se Tue o homem acordado é melhor Tue o cismarento, e Hans Castorp aYistou esse sorriso não só com Yergonha e a sensação de retorno à sobriedade, mas também com sentimentos de um grato desamparo. Ele disse:

— Cartas? Ora YeMa, sr. Settembrini! — respondeu. — Não sou embaixador. TalYez haMa um cartão-postal para um de nós dois. Meu primo Má Ioi Yer.

— A mim, aTuele diabo coxo ali na Irente Má me entregou minha peTuena correspondência — disse Settembrini, leYando a mão ao bolso do inIalíYel paletó de tecido espesso. — Coisas interessantes, coisas de grande enYergadura literária e social, não nego! Trata-se de uma obra enciclopédica, para cuMa colaboração um instituto humanitário Iez-me a honra de conYidar-me... Um belo trabalho, afinal... — Settembrini interrompeu-se. — Mas e os seus próprios assuntos? — perguntou. — Como Yão eles? Até Tue ponto progrediu, por exemplo, o seu processo de aclimatação? Fazendo as contas, o senhor ainda não está há tanto tempo em nosso meio a ponto de a pergunta Yir Iora de propósito.

— Obrigado, sr. Settembrini. Por enTuanto continuo tendo algumas dificuldades. Acho possíYel Tue isso Yá assim até o último dia. Há Tuem nunca se habitue, como disse meu

primo logo Tue cheguei. Mas a gente se habitua ao Iato de não se habituar.

— Um processo meio complicado — zombou o italiano. — Um modo um tanto estranho de se assimilar. Naturalmente, a MuYentude é capaz de tudo. Não se habitua, mas se arraiga.

— E afinal, isto aTui não é uma mina siberiana...

— Não, não é mesmo. Mas YeMo Tue o senhor preIere comparações orientais. É compreensível. A Ásia nos deYora. Aonde Tuer Tue se olhe, só se Yeem caras tártaras. — E o sr. Settembrini Yoltou discretamente a cabeça por cima do ombro. — Gêngis Khan — acrescentou —, olhos de lobo da estepe brilhando no escuro, neYe e aguardente, cnutes, a Iortaleza de Schlüsselburg e o cristianismo. DeYeriam erguer, aTui no Yestíbulo, um altar a Palas Atena, como medida de deIesa. O senhor está Yendo? Lá na Irente, um desses IYan IYanoYitch, Tue não dispunha de roupas de baixo, começou a discutir com o promotor ParaYant. Cada um diz Tue é sua Yez de receber a correspondência. Não sei Tuem tem razão, mas a meu Yer o promotor acha-se sob a proteção da deusa. É um burro, sem dúYida, mas ao menos sabe latim.

Hans Castorp riu-se — o Tue o sr. Settembrini Mamais Iazia. Era impossível imaginá-lo rindo à Yontade. Não ia além da

contração fina e seca de uma das comissuras da boca. Após ter contemplado o riso do MoYem, perguntou:

— Já lhe entregaram o seu diapositiYo?

— Entregaram, sim! — confirmou Hans Castorp, dando-se ares de importância. — Já Iaz algum tempo. ATui está. — E leYou a mão até um bolso interno à altura do peito.

— Ah, o senhor o leYa consigo na carteira? Como uma espécie de documento, um passaporte ou uma carteira de sócio. Ótimo! Deixe Yer. — E erguendo a chapinha de Yidro tarMada de preto, segurou-a contra a luz, entre o polegar e o indicador da mão esTuerda, gesto muito comum, IreTuentemente Yisto ali em cima. O rosto com os olhos

negros, amendoados, torceu-se numa leYe careta, enTuanto examinaYa a Iotografia Iúnebre, sem deixar perceber claramente se isso era para Yer melhor ou por outros motiYos.

— Pois é — disse então. — Muito agradecido! E tome aTui o passaporte Tue o legítima. — Com isso deYolYeu a chapa ao proprietário, mantendo-se de lado e como Tue passando- a por cima do próprio braço, sem Yoltar seTuer o rosto para o rapaz.

— Viu os cordões? — perguntou Hans Castorp. — E os nódulos?

— O senhor Má sabe — replicou o sr. Settembrini deYagar — o Tue penso a respeito da importância desses produtos. Sabe também

Tue as manchas e as sombras aí dentro são, na maioria, de origem fisiológica. Vi centenas de radiografias Tue tinham, pouco mais ou menos, o aspecto da sua, e deixaYam ao critério de Tuem as examinasse toda a liberdade de considerá-las ou não como “passaporte”. Eu Ialo aTui como leigo, mas leigo Yeterano, ao menos.

— E seu próprio passaporte é pior?

— Sim, um pouco pior... Por outro lado sei Tue nossos mestres e superiores não Iundam diagnóstico algum exclusiYamente nesse brinTuedo... E então, o senhor pretende passar o inYerno conosco?

— Ah, meu Deus, Tue Iazer?... Começo a me Iamiliarizar com a ideia de Tue só descerei em companhia do meu primo.

— Quer dizer Tue o senhor se habitua ao Iato de não... Formulou isso de um Meito muito espirituoso. Espero Tue Má tenha recebido sua bagagem... Roupas Tuentes, calçados firmes?

— Recebi tudo. Tudo em perIeita ordem. InIorimei meus parentes, e nossa goYernanta me enYiou as coisas por expresso. Agora estou preparado.

— Isso me tranTuiliza. Mas, escute! O senhor Yai precisar de um saco de peles. Agora é Tue me lembro! Esse Yeranico

é traiçoeiro. De um momento para outro podemos estar em pleno inYerno. O senhor passará aTui os meses mais Irios...

— Pois é, o saco de repouso — disse Hans Castorp. — É uma peça necessária, sem sombra de dúYida. Também Má Yentilei Yagamente o proMeto de ir à aldeia, nos próximos dias, Munto com meu primo, para comprar um. Lá embaixo nunca mais precisarei dele, mas para Tuatro ou seis meses Má Yale a pena.

— Vale, Engenheiro, Yale mesmo — disse o sr. Settembrini baixinho, aproximando-se um pouco mais do MoYem. — Sabe o senhor Tue é horroroso ouYir com Tue leYiandade Iala de meses? É horroroso porTue é antinatural e contrário ao seu caráter, e porTue isso proYém unicamente da docilidade dos seus anos. Ai dessa excessiYa docilidade da MuYentude! É o desespero dos educadores, por mostrar-se disposta a aceitar sobretudo as coisas ruins. Não Iale como se costuma Ialar aTui, meu rapaz, mas como conYém à sua maneira europeia de YiYer! Neste ar aTui há muita coisa da Ásia, principalmente. Não é sem motiYo Tue esses tipos da Mongólia moscoYita andam pululando por aí. Esse pessoal

— e o sr. Settembrini Iez um moYimento com o Tueixo, apontando por cima do ombro — não lhe deYe serYir de modelo. Não se deixe contagiar pelos conceitos deles. Pelo contrário, oponha-lhes a própria natureza, a sua natureza superior, e mantenha sagrado o Tue, pela sua índole e pela sua origem,

deYe ser sagrado ao senhor, filho do Ocidente, do diYino Ocidente, filho da ciYilização; o tempo, por exemplo. Esse procedimento generoso, essa prodigalidade bárbara no emprego do tempo é de estilo asiático. Pode ser Tue esse seMa o motiYo por Tue os filhos do Oriente se dão bem aTui. O senhor nunca notou Tue, Tuando um russo Iala em “Tuatro horas”, é como se nós disséssemos “uma hora”? É Iácil chegar à conclusão de Tue o pouco-caso Tue essa gente Iaz do tempo está relacionado com a Yastidão selYagem do seu país. Onde há muito espaço há muito tempo. Diz-se Tue eles são o poYo Tue tem tempo e pode

esperar. Nós, os europeus, não o podemos. O tempo Tue temos é tão exíguo Tuanto o espaço do nosso continente nobre e delicado nos seus contornos. É preciso Tue administremos o nosso tempo e o nosso espaço de maneira econômica, Tue tiremos proYeito deles, Engenheiro, muito proYeito! Tome como símbolo as nossas cidades grandes, esses centros, esses Iocos da ciYilização, esses cadinhos do pensamento! À medida Tue sobe ali o preço do solo e se torna impossíYel o desperdício de espaço, o tempo, repare bem nisso!, também chega a ter um Yalor cada Yez mais eleYado. Carpe diem! Quem cantaYa assim era um homem da metrópole. O tempo é um dom diYino, outorgado ao homem para Tue o explore, sim, meu caro Engenheiro, para Tue o explore a serYiço do progresso da humanidade.

Por maiores que fossem os obstáculos que estas últimas palavras, na sua forma alemã, oferecessem à língua mediterrânea do sr. Settembrini, ele conseguiu proferi-las de um modo agradável, claro, sonoro e — inegavelmente — plástico. Hans Castorp limitou a sua resposta a este tipo de referência breve, rígida e acanhada com que um aluno recebe uma lição que encerra uma censura. Que mais poderia replicar? Essa preleção altamente pessoal que o sr. Settembrini lhe fazia em segredo, quase cochichando, e com as costas voltadas aos outros pensionistas, tinha caráter muito objetivo, muito insociável, e afastava-se por demais de uma simples conversa para que o bom tato permitisse uma manifestação de aplauso. Não se responde a um professor: “Como o senhor falou bem!”. Em outras ocasiões, Hans Castorp às vezes o fizera para se manter, por assim dizer, num plano de igualdade social com o humanista. Mas este nunca lhe dirigira palavras tão insistentemente pedagógicas, que não deixassem lugar para outra atitude senão a de engolir a reprimenda, aturdido qual um escolar em face de tanta moral.

Via-se, de resto, na expressão do sr. Settembrini, que, apesar do seu silêncio, a atividade do seu espírito continuava. Ainda se encontrava bem perto de Hans Castorp, tanto que este até se viu obrigado a reclinar o corpo um pouquinho para trás. Os olhos negros do italiano fitavam o rosto

do MoYem com a fixidez cega de um homem absorto por suas ideias.

— O senhor soIre, Engenheiro — prosseguiu. — SoIre como um desnor-teado... e Tuem deixaria de perceber tal coisa em sua fisionomia? Mas também a sua conduta em Iace do soIrimen-to deYeria ser uma conduta europeia, e não a do Oriente, Tue, Mustamente por ser brando e propenso à enIermidade, poYoa tanto esta região... Compaixão e paciência infinita: eis a maneira oriental de enIrentar o soIrimen-to. Não pode, não deYe ser a nossa, não conYém ao senhor!... Acabamos de Ialar da minha correspondência... VeMa, aTui... Ou melhor, Yenha comigo! ATui não se pode conYersar... Vamos retirar-nos e entrar logo ali adiante. Quero Iazer-lhe algumas confidências Tue... Venha! — E dando meia-Yolta arrastou Hans Castorp para Iora do Yestíbulo até a primeira saleta, a mais próxima do portão, mobiliada como sala de leitura, e onde a essa hora não haYia pensionistas. Sob a abóbada branca, nas paredes reYestidas de painéis claros, Yiam-se estantes de liYros, uma mesa central, rodeada de cadeiras, coberta de Mornais fixos em pregadores, e escriYaninhas sob as arcadas das Manelas. O sr. Settembrini aYançou até uma dessas Manelas, seguido de Hans Castorp. A porta permaneceu aberta.

— Estes papéis — disse o italiano, tirando com mão pressurosa do bolso do paletó espesso um Iascículo

contendo um envelope volumoso com diversos folhetos e uma carta, que se enfiava entre os dedos, para que Hans Castorp pudesse ler — esses papéis têm o cabeçalho em francês: “Liga Internacional para a Organização do Progresso”. Recebo-os de Lugano, onde existe uma seção filiada à Liga. O senhor quer conhecer os seus princípios, seus objetivos? Vou indicá-los em duas palavras. A Liga para a Organização do Progresso deriva da doutrina evolucionista

de Darwin uma concepção filosófica segundo a qual a vocação natural mais profunda da humanidade é seu aperfeiçoamento. Disso ela deduz, então, que constitui dever de cada indivíduo de corresponder a essa vocação natural colaborando ativamente no progresso da humanidade. Muitos acudiram ao chamado da Liga. É considerado o número dos seus sócios na França, Itália, Espanha, Turquia e até na Alemanha. Também eu tenho a honra de figurar como tal nas listas da Liga. Foi esboçado um amplo programa de reformas, baseado em princípios científicos, um programa que abrange todas as possibilidades atuais de aperfeiçoamento do organismo humano. Estuda-se o problema da saúde da nossa raça; são examinados todos os métodos para combater a degeneração, que é, sem dúvida, uma consequência inquietante da industrialização crescente. Além disso a Liga promove a fundação de universidades populares, empenha-se na superação

da luta de classes, por meio de todos os melhoramentos sociais que possam contribuir para esse fim, e preocupa-se com a abolição das lutas entre os povos e da guerra, mediante o desenvolvimento do direito internacional. Como o senhor Yê, os esforços da Liga são generosos e vastíssimos. Diversas revistas internacionais testemunham as suas atividades, revistas mensais, redigidas em três ou quatro idiomas importantes e que relatam de forma vívida a evolução progressista da humanidade civilizada. Foram fundados numerosos grupos locais nos diferentes países, que devem realizar discussões noturnas e solenidades dominicais, com a finalidade de esclarecer e de edificar o público no sentido do ideal do progresso humano. Mas antes de tudo a Liga dedica-se a mudar, por meio desse seu material, os partidos políticos progressistas de todos os países... O senhor está seguindo as minhas palavras, Engenheiro?

— Perfeitamente! — respondeu Hans Castorp com uma veemência precipitada. Ao proferir essa palavra tinha a sensação de quem escorrega, mas ainda consegue, mal e mal, manter-se de pé.

O sr. Settembrini pareceu satisfeito.

— Creio que lhe abri perspectivas novas e surpreendentes.

— Sim, senhor, com isso que é a primeira vez que ouço

Ialar desses... desses esIorços.

— Uma pena — exclamou Settembrini em Yoz abaIada —, uma pena Tue não tenha ouYido Ialar deles antes! Mas talYez ainda não seMa tarde. Olhe estes Iolhetos... O senhor por certo deseMa saber de Tue é Tue tratam... Pois então escute! Esta primaYera Ioi conYocada em Barcelona uma assembleia geral solene da Liga. Como sabe, essa cidade uIana-se de manter relações particulares com a ideia progressista. O congresso realizou-se durante uma semana, com banTuetes e solenidades de toda espécie. Meu Deus! Eu tencionaYa seguir para lá, tinha o mais ardente deseMo de participar das deliberações. Mas esse patiE do Conselheiro proibiu a Yiagem, ameaçando-me de morte. Que Tuer o senhor? Eu receei a morte e não Iui. EstaYa desesperado, como pode imaginar, por causa da peça Tue me pregou a minha saúde precária. Não há nada mais doloroso Tue Yer como a nossa parte orgânica, a parte animal do nosso ser, nos impede de serYir à razão. Tanto mais YiYa é a satisIação Tue me causa esta carta Tue recebi da secretaria da Liga em Lugano. O senhor está curioso de saber seu conteúdo? Não duYido! Dou-lhe umas inIormações rápidas então... A Liga para a Organização do Progresso, consciente do Iato de Tue a sua tareIa consiste em promoYer a Ielicidade dos homens, ou, em outros termos: em lutar contra o soIrimento humano, por meio de um trabalho social adeTuado, e com o fim de exterminá-lo por

completo; e considerando, ademais, que essa tarefa suprema só pode ser cumprida com o auxílio da ciência sociológica, cujo objetivo final é o Estado perfeito, ora, diante de tudo isso, a Liga resolveu, em Barcelona, publicar uma obra, em diversos volumes, que levará o título Sociologia dos males e na qual serão

estudados, de uma forma sistemática e completa, os sofrimentos humanos, segundo as suas categorias e espécies. O senhor Yai pergunta: Que adiantam categorias, espécies e sistemas?

Respondo-lhe: a ordem e a classificação formam o começo do domínio, e o inimigo mais perigoso é o inimigo desconhecido. É necessário arrancar o gênero humano dos estados primitivos do medo e da apatia passiva e conduzi-lo rumo à fase da atividade consciente do seu objetivo. É mister ensinar-lhe que desaparecem as doenças e os males cujas causas primeiro reconhecemos e depois abolimos, e que todos os males do indivíduo são enfermidades do organismo social. Muito bem!

É esta a intenção da Sociologia dos males. Em aproximadamente vinte volumes de tipo enciclopédico, serão enumerados e tratados todos os males imagináveis dos homens, desde os males mais pessoais e mais íntimos até os grandes conflitos coletivos, os males que têm a sua origem nas inimizades de classes e nos conflitos internacionais; numa palavra, a obra mostrará os elementos básicos que, em múltipla mistura

e combinação, compõem todos os sofrimentos humanos; e, tomando por diretriz a dignidade e a felicidade dos homens, indicará para cada caso os remédios e medidas que lhe parecem apropriados para eliminar a causa do mal. Especialistas destacados entre eruditos europeus, médicos, economistas e psicólogos, repartirão entre si a redação dessa enciclopédia dos sofrimentos, e a secretaria central em Lugano será o estuário para onde confluirão os rios de artigos. Veja que seus olhos me perguntam qual será o papel que eu desempenharei em tudo isso. Permita-me concluir! Nesta grande obra também não devem ser omitidas as belas-letas, na medida em que estas têm por assunto o sofrimento humano. Por isso vou preparar um volume especial que, para consolo e instrução dos que sofrem, deve conter uma compilação e uma breve análise de todas as obras-primas da literatura universal que se refiram ao respectivo conflito. E precisamente essa é a

tarefa da qual vou incumbido este seu humilde criado, na carta que o senhor escreveu a mim.

— Não diga, sr. Settembrini! Permita que eu o felicite de todo o coração! É uma incumbência formidável e, segundo creio, feita como que sob medida para o senhor. Não me surpreende nem um pouquinho que a Liga tenha pensado em sua pessoa para essa tarefa. E como não deve estar satisfeito, agora que pode contribuir para o extermínio do sofrimento humano!

— É um trabalho enorme — disse o sr. Settembrini, pensativo —, requer muito tino e muita leitura. Tanto mais — acrescentou, enquanto o seu olhar parecia perder-se na multiplicidade de suas tarefas —, tanto mais tuas as belas-letras tuas sempre têm por assunto o sofrimento, e até obras-primas de segunda ou terceira categoria se preocupam de alguma forma com ele. Não faz mal, ou antes: tanto melhor! Por Yasta tuas a tarefa, em todo caso é das tuas se podem executar neste lugar maldito, ainda tuas eu espere não ser obrigado a terminá-la a ti. O mesmo não se pode dizer — continuou, aproximando-se novamente de Hans Castorp e baixando a voz até tuas cochichar —, o mesmo não se pode dizer dos deuses tuas a natureza impõe ao senhor, Engenheiro. Eis o ponto a tuas eu tencionava chegar, e nesse sentido desejava exortá-lo. O senhor sabe tuas quanto admiro a sua profissão; mas, como é uma profissão prática e não uma profissão literária, o senhor não pode exercê-la a ti, bem ao contrário da minha. Só na planície pode ser europeu, só ali pode combater o sofrimento ativamente, à sua maneira, só ali pode promover o progresso e aproveitar o tempo. Falei-lhe da tarefa tuas me coube apenas para lhe recordar isso, para chamá-lo à razão, para corrigir os seus conceitos tuas, aparentemente, começam a perturbar-se sob a influência da atmosfera. Insisto com o senhor: Yele por sua dignidade! SeMa orgulhoso e não se perca no ambiente

estranho! EYite este atoleiro, esta ilha de Circe. O senhor não é Ulisses tanto

assim, para habitá-la impunemente. Acabará andando sobre as Tuatro patas, Má está a ponto de se apoiar nas extremidades dianteiras, e daTui a pouco começará a grunhir. Cuidado!

Ao proIerir em Yoz abaIada as suas exortações, o humanista sacudira a cabeça com insistência. A seguir, permaneceu calado, com os olhos baixos e o cenho carregado. Era impossíYel responder-lhe com brincadeiras ou eYasiYas, como era costume de Hans Castorp, e como, por um instante, ele noYamente pensou Iazer. Também ele baixara as pálpebras. Por fim, encolhendo os ombros, disse em Yoz igualmente baixa:

— Que deYo Iazer?

— O Tue eu lhe disse.

— Isso significa: partir?

O sr. Settembrini ficou calado.

— O senhor Tuer dizer Tue deYo regressar para casa?

— É o Tue lhe aconselhei logo na primeira noite, Engenheiro.

— Sim, senhor, e na Tuela ocasião eu tinha plena liberdade de Iazê-lo, embora achasse pouco razoável saIar-me da Tui, só por Tue o ar das alturas me incomodaYa um pouco. Mas desde então a situação mudou bastante. Nesse ínterim houYe o exame médico, depois do Tual o Conselheiro Behrens me disse com todas as letras Tue não Yalia a pena regressar, pois dentro de pouco tempo me Yeria obrigado a Yoltar para cá; e Tue se eu continuasse a YiYer daTuele Meito na planície me arriscaria a Tue, dentro de pouco tempo, todo o lobo do pulmão Iosse para o diabo.

— Eu sei. Agora, o senhor tem seu passaporte no bolso.

— Sim, o senhor diz isso com tanta ironia... Com a ironia Musta, perIeitamente compreensível, Tue é um meio clássico e correto de eloTuência... Está Yendo como graYei na memória suas palaYras? Mas o senhor pode mesmo assumir a responsabilidade de me dar o conselho de regressar, apesar dessa Iotografia, do resultado da radioscopia e do diagnóstico do Conselheiro Áulico?

Settembrini hesitou um momento. Depois endireitou-se, abriu os olhos, fixou-os em Hans Castorp, firmes e negros, e replicou com uma ênIase Tue não deixaYa de encerrar um Tuê de teatral e de exagerado:

— Sim, Engenheiro, assumo esta responsabilidade.

Mas também Hans Castorp entesara sua postura. Mantinha os tacões Muntos e encaraYa o sr. Settembrini. Desta Yez trataYa-se de um duelo. Hans Castorp não arredaYa pé. Existiam influências próximas a Iortificá-lo. De um lado haYia um pedagogo, e do outro, lá Iora, uma mulher de olhos rasgados. Ele nem seTuer se desculpou pelo Tue disse; não acrescentou: “Não leYe a mal minhas palaYras!”. Limitou-se a retrucar:

— Nesse caso, o senhor é mais prudente Tuando se trata de si próprio do Tue em relação a outros. O senhor não YiaMou para o congresso da Liga em Barcelona, contra a proibição do médico. Tinha medo da morte e ficou aTui.

Até certo ponto, não haYia dúYida, caiu por terra a pose do sr. Settembrini. Ele sorriu, um tanto Iorçado, e respondeu:

— Sei apreciar uma resposta incisiYa, mesmo Tue a sua lógica não se distancie muito do sofisma. Repugna-me entrar na odiosa competição Tue está em moda por aTui; do contrário lhe responderia Tue ando muito mais doente Tue o senhor.

Desgraçadamente estou tão enIermo Tue, sem exagero, mantenho apenas com artiÍcios, e na intenção de me iludir a mim mesmo, a esperança de abandonar este lugar e Yoltar ao mundo lá de baixo. No momento em Tue se tornar eYidente a indecência dessa atitude, Yirarei as costas a este estabelecimento e ocuparei, para o resto dos meus dias, um Quarto numa casa particular em TualTuer lugar do Yale. Será triste, mas, como a

esIera do meu trabalho é a mais liYre e a mais espiritual de todas, isso não me impedirá de serYir até o meu último suspiro a causa da humanidade nem de Iazer Irente ao espírito da doença. Já chamei a atenção do senhor para a diIerença Tue nesse ponto existe

entre nós. Meu caro Engenheiro, o senhor não é um homem capaz de deIender aTui o Tue há de melhor na sua natureza. Verifico isso desde nosso primeiro encontro. O senhor me obMeta Tue não Iui a Barcelona. Submeti-me à proibição do médico para não me destruir antes do tempo. Mas fiz isso com as mais enérgicas reserYas, sob o mais altiYo e doloroso protesto do meu espírito contra a pressão do meu corpo miseráYel. Será Tue esse protesto está YiYo também no senhor, Tuando se suMeita aos preceitos das potências daTui? Não serão apenas o corpo e sua tendência neIasta o Tue o Iaz obedecer com demasiada espontaneidade?...

— O Tue o senhor tem contra o corpo? — Hans Castorp não tardou a interrompê-lo e fixou no italiano seus olhos azuis arregalados, cuMa esclera estaYa estriada de Yeias Yermelhas. Sua audácia entonteceu-o, e TualTuer um perceberia isso nele. “De Tue é Tue estou Ialando?”, pensou. “Estou indo longe demais. Mas, uma Yez Tue me pus em pé de guerra, You Iazer o possíYel para não deixar com ele a última palaYra. Naturalmente ele acabará triunIando; mas não Iaz mal, porTue

sempre tirarei disso algum proveito. Vou aproveitá-lo.” E completou a sua objeção, dizendo: — O senhor não é humanista? Como pode falar mal do corpo?

Settembrini sorriu, dessa vez sem esforço, seguro de si.

— “Que tem o senhor contra a análise?” — citou, com a cabeça inclinada sobre o ombro. — “Não gosta nem de falar da análise?” O senhor sempre me encontrará disposto a responder às suas perguntas, Engenheiro — continuou com uma reverência, esboçando com a mão um gesto de saudação que descia até o soalho —, sobretudo quando os seus argumentos dão prova de espírito. Não lhe falta elegância ao ripostar. Humanista? Claro que sou. O senhor nunca me apanhará manifestando tendências ascéticas. Digo “sim” ao corpo, honro-o e sinto amor por ele, assim como me porto em relação à forma, da beleza, da liberdade,

da alegria e do gozo, assim como tomo partido das coisas mundanas, dos interesses da vida, contra a versão sentimentalista do mundo; represento o Classicismo contra o Romantismo. Acho que a minha posição é invariável. Mas existe um poder, um princípio ao qual dedico a minha inteira aprovação, meu supremo respeito e amor, e esse poder, esse princípio é o espírito. Por mais que eu abomine quem como alguns, com a cabeça na lua, procuram opor ao corpo várias fantasias e fantasmagorias suspeitas a que chamam de “alma”, não ignoro

Tue, dentro da antítese de corpo e espírito, o primeiro representa o princípio mau e diabólico; pois o corpo é natureza, e a natureza (Tuando oposta ao espírito, à razão, eu repito!) é má: mística e má! “O senhor é humanista!” Sou humanista, sim, não se discute, pois sou amigo do homem, como Prometeu o era, um enamorado da humanidade e de sua nobreza. Essa nobreza, no entanto, acha-se encerrada no espírito, na razão, e por isso seria em Yão se o senhor me acusasse de obscurantismo cristão...

Hans Castorp reIutou a suposição com um gesto.

— ... seria absolutamente em Yão o senhor me acusar disso — insistiu Settembrini —, só porTue um belo dia o humanismo, no seu nobre orgulho, chegou a se dar conta da humilhação, da ignomínia Tue reside no Iato de o espírito estar ligado ao corpo, à natureza. O senhor tem conhecimento de Tue nos Ioi transmitido um dito do grande Plotino, segundo o Tual ele sentia Yergonha de ter um corpo? — perguntou Settembrini, e exigiu tão a sério uma resposta Tue Hans Castorp se Yiu obrigado a conIessar Tue ouYia isso pela primeira Yez. — Quem nos transmitiu essas palaYras Ioi PorÍrio. É uma sentença absurda, se assim Tuiser. Mas o absurdo é a honestidade espiritual, e no Iundo não há nada mais nobre Tue a obMeção do absurdo, nos casos em Tue o espírito procura manter sua

dignidade em face da natureza e recusa abdicar a ela... O senhor ou Yiu Ialar do terremoto de Lisboa?

— Não, houve um terremoto? A Tui não Ye Mo Mornais.

— O senhor me entendeu mal. De passagem Yale dizer Tue é lamentável, e bem característico deste lugar, Tue o senhor se descuide da leitura dos Mornais. Mas o senhor não me compreendeu bem. O Ienômeno natural a Tue aludi não é recente; passou-se Iaz aproximadamente cento e cinquenta anos...

— Ah sim! Espere um pouco. É Verdade. Eu li Tue Goethe recebeu a notícia em Weimar, em seu Quarto, de noite, e disse ao criado...

— Ora, não era disso Tue eu Tueria Ialar — interrompeu-o Settembrini, fechando os olhos e agitando no ar a mãozinha trigueira. — O senhor aliás confundeu as catástrofes. Pensa no terremoto de Messina. Eu me refiro ao abalo sísmico Tue sofreu Lisboa em 1755.

— Perdão.

— Bem, Voltaire revoltou-se contra ele.

— Quer dizer... Como assim? Ele se revoltou?

— Pois é, rebelou-se. Não admitiu a ele Iado ou Iato brutal, negou-se a abdicar perante ele. Protestou em nome do espírito e da razão contra esse excesso escandaloso da natureza

Tue Yitimou três Tuartas partes de uma florescente cidade e milhares de Yidas humanas... O senhor fica pasmado? Sorri? Que pasme, mas, Tuanto ao sorriso, tomo a liberdade de censurá-lo. A atitude de Voltaire era a de um autêntico descendente daTueles antigos gauleses Tue atiraYam as suas flechas contra o céu. Olhe, Engenheiro, aí o senhor Yê a hostilidade do espírito em Iace da natureza, a orgulhosa desconfiança com Tue a encara, a maneira nobre pela Tual se obstina no direito de criticar a ela e a seu poder maligno e insensato. Pois a natureza é o poder, e aceitar o poder, conIormar-se com ele, repare bem: conIormar-se intimamente com ele, é serYil! E com isso o senhor chega àTuele humanismo Tue absolutamente não se deixa cair em nenhuma contradição e Tue não se torna culpado de TualTuer reincidência em hipocrisia cristã,

Tuando se decide Yer no corpo o princípio mau e antagônico. A contradição Tue o senhor pensa encontrar é, no Iundo, sempre a mesma. “Que tem o senhor contra a análise?” Nada... Tuando ela se empenha em instruir, em libertar, em promoYer o progresso. Tudo... Tuando traz consigo o asTueroso olor Iaisandé3 do túmulo. E o mesmo se dá com o corpo. É preciso honrá-lo e deIendê-lo onde se trata da sua emancipação e da sua beleza, da liberdade dos sentidos, da Ielicidade, do prazer. É mister desprezá-lo cada Yez Tue se opuser, como princípio da graYidade e da inércia, ao moYimento rumo à luz. ConYém

detestá-lo Tuando chega a representar o princípio da doença e da morte, Tuando o seu espírito específico se torna o espírito da perYersidade, o espírito da decomposição, da Yolúpia e da Yergonha...

Estas últimas palaYras, Settembrini as proIerira muito perto de Hans Castorp, Ialando Tuase sem Yoz e com muita rapidez, para poder concluir. Chegou socorro a Hans Castorp: Joachim entrou na sala de leitura com dois cartões- postais na mão. O discurso do literato ficou interrompido, e a habilidade com Tue sua fisionomia assumiu uma expressão leYe e mundana não deixou de impressionar seu aluno — se é Tue podemos designar Hans Castorp dessa maneira.

— Olá, Tenente! O senhor deYe ter andado à procura do seu primo. Queira perdoar! Entabulamos uma conYersa, e se não me engano tiYemos até uma peTuena disputa. Nada mau como argumentador, o senhor seu primo: um adYersário bem pouco inoIensiYo no debate de ideias, Tuando dá importância ao assunto.

HUMANIORA

Hans Castorp e Joachim Ziemssen, traMando calças brancas e MaTuetas azuis, estaYam sentados no Mardim, depois do almoço. Era mais um desses tão elogiados dias de outubro, um dia Tuente sem ser pesado, de um brilho IestiYo, e ao mesmo tempo de certo sabor amargo. Um azul de intensidade meridional pairaYa por cima do Yale, em cuMo Iundo ainda VerdeMaYam alegremente as pradarias sulcadas de Yeredas e salpicadas de habitações, e de cuMas encostas cobertas de matagal selYagem Yinham os sons dos cincerros das Yacas — esse tilintar metálico, música pacífica e singela, Tue flutuaYa, clara e tranTuila, atraYés dos ares calmos, Yazios e rareIeitos, aproIundando a atmosIera de solenidade Tue predomina em regiões altas.

Os primos haYiam se instalado num banco, em uma das extremidades do Mardim, diante de um largo circular, plantado de abetos noYos. O lugar estaYa situado na parte noroeste da plataIorma cercada, Tue se eleYaYa uns cinTuenta metros acima do Yale e IormaYa o pedestal do BerghoI. Permaneciam calados. Hans Castorp IumaYa. No íntimo, experimentaYa algum rancor contra Joachim, porTue este, depois do almoço, não Tuisera tomar parte na reunião do terraço e, contra o seu deseMo, Iorçara-o a desIrtar a calma

do Mardim, antes de se entregar ao repouso regulamentar. Era uma atitude tirânica da parte de Joachim. Afinal de contas, eles não eram gêmeos siameses. Podiam separar-se quando suas inclinações não coincidiam. Ora, Hans Castorp não se achava ali para fazer companhia a Joachim; ele mesmo era paciente. Pensando nisso, amuava-se, e não lhe era difícil suportar o amuio, já que dispunha do Maria Mancini. Com as mãos nos bolsos da MaTua, estendendo diante de si os pés calçados de sapatos marrons, deixava pender entre os lábios o charuto comprido e acinzentado, e se encontrava na primeira fase da

combustão, o que lhe fazia dizer que não iria ainda remover a cinza da ponta obtusa. Depois da rejeição imediata, gozava a verdadeira aroma que voltava a saborear plenamente. Bem podia ser que sua aclimatação ali em cima consistisse apenas em habituar-se à ideia de não se habituar, e contudo era evidente que, no que se referia às reações químicas do seu estômago e aos nervos das suas mucosas secas e propensas a sangrar, a adaptação se realizara enfim; insensivelmente e sem que ele fosse capaz de observar o progresso, ressuscitara, no decorrer desses sessenta e cinco ou setenta dias, todo o prazer orgânico que tinha origem na verdadeira estimulante ou anestésica vegetal tão bem preparado. Hans Castorp regoziciava-se de lhe ter reencontrado o sabor. A satisfação moral intensificava o

prazer Ísico. Durante o tempo Tue passara na cama, fizera economias nos duzentos charutos Tue trouxera como proYisão de Yiagem, e dos Tuais ainda sobraYam alguns. Mas, Munto com a roupa de baixo e os traMes de inYerno, mandara Tue Schalleen lhe enYiasse outras Tuinhentas unidades do produto bremense, para ficar bem Iornido. Eram caixinhas enYernizadas muito bonitas, ostentando, como detalhes dourados, um globo terrestre, muitas medalhas e um ediÍcio de exposição rodeado de bandeiras tremulando ao Yento.

EnTuanto estaYam assim sentados, eis Tue o conselheiro Behrens atraYessou o Mardim. NaTuele dia tomara parte no almoço, à mesa da sra. Salomon. HaYiam-no Yisto Muntar diante do prato as enormes manzorras. Depois, proYaYelmente se detiYera no terraço, dirigindo a cada enIermo algumas palaYras pessoais e exibindo, talYez, o truTue dos cordões de sapato, para Tuem ainda não o tiYesse Yisto. Agora aproximaYa-se, flanando pelo caminho ensaibrado, sem o Maleco de médico, num IraTue de Tuadradinhos, com o chapéu-coco para trás, e tendo na boca, também ele, um charuto muito preto, do Tual tiraYa grandes baIoradas de Iumaça esbranTuiçada. A cabeça e o

rosto com as Iaces azuladas, Tue pareciam Tuentes, com o nariz arrebitado, os olhos azuis, lacrimosos, e o bigodinho torto, eram peTuenos em proporção à silhueta comprida, leYemente

encurvada, e às dimensões das mãos e dos pés. O médico andava nervoso e sobressaltou-se visivelmente ao deparar com os primos. Até deu a impressão de estar um tanto confuso, vindo-se obrigado a ir cumprimentá-los. Fez-o na sua maneira habitual, moralmente, citando um verso apropriado de Schiller, “Vem lá, vem lá, Timóteo!”, e pedindo, ao mesmo tempo, a bênção do céu para a digestão dos pacientes. Fez questão de que permanecessem sentados, quando quiseram levantar-se em respeito a ele.

— Não se incomodem! Fiquem à vontade! Nada de cerimônias com um homem humilde como eu! É uma honra que não mereço, tanto mais que ambos os senhores estão enfermos. Não precisam observar essas formalidades. Vamos deixar tudo como está.

E manteve-se de pé à frente dos primos, com o charuto entre os dedos indicador e médio da manzorra.

— Que tal esse repolho enrolado, Castorp? Deixe ver, sou perito e amador. A cinza é boa. Que bela morena é essa?

— Maria Mancini, Postre de Banquet, de Bremen, sr. Conselheiro. Custa pouco ou nada, dezenove pinnig nas cores selecionadas, mas tem um buquê que normalmente não se encontra por esse preço. Sumatra-Havana, com capa cor de areia, como o senhor pode ver. É uma mistura meio pesada e

muito saborosa, mas Tue parece bem leYe à língua. Esse charuto gosta Tue se lhe deixe a cinza o maior tempo possível. Em geral não a remoYo mais de duas Yezes. Claro Tue ele tem seus caprichos, mas o controle da Iabricação deYe ser muito rigoroso, porTue o Maria é de absoluta confiança Tuanto às suas Tualidades e puxa com uma regularidade perIeita. O senhor permite Tue eu lhe oIereça um?

— Obrigado. Podemos Iazer uma troca. — E ambos tiraram as charuteiras.

— Este é de raça — disse o conselheiro áulico, mostrando a Hans Castorp a marca Tue IumaYa. — Tem temperamento, sabe? E está cheio de Iorça e de seiYa. St. Felix-Brasil; sempre preIeri este tipo. Um autêntico remédio para TualTuer preocupação. Arde como aguardente, e sobretudo no fim produz algo de Iulminante. Recomenda-se certa reserYa nas relações com ele. Não se pode acender um após outro; isso ultrapassa as Iorças de um homem. Mas prefiro um bom trago de Yez em Tuando a Yapor d'água o dia todo...

Fizeram girar entre os dedos os presentes recíprocos, examinaram com perícia esses corpos esbeltos, Tue tinham TualTuer coisa de Yida orgânica: as costelas oblíTuas e paralelas, Iormadas pelas beiras eleYadas e, aTui ou ali, um tanto despegadas da capa; as Yeias expostas Tue pareciam pulsar; as peTuenas asperezas da

pele; e o Mogo da luz sobre as superfícies e arestas. Hans Castorp Iormulou sua impressão:

— Um charuto desses tem Yida. Respira, literalmente. Lá em casa me deu na Yeneta guardar o Maria numa caixa de metal hermeticamente Iechada, para protegê-lo da umidade. O senhor acredita Tue ele morreu? Dentro de uma semana pereceram todos, e o Tue sobrou Ioram cadáYeres com cheiro de couro.

E ambos trocaram experiências acerca da melhor maneira de conserYar charutos, sobretudo os importados. O conselheiro apreciaYa muito os importados, e de preIerência Iumaria HaYanas pesados, mas inIelizmente não conseguia suportá-los. Dois peTuenos Henry Clay, cuMos encantos Iruíra durante certo sarau, Tuase Tue o haYiam mandado à outra Yida.

— Fumei-os com o caIé — contou —, um após outro sem prestar atenção. Mas Tuando terminei, comecei a me perguntar o Tue se estaYa passando comigo. Eu me sentia diIerente; era uma sensação totalmente estranha Tue eu Mamais experimentara.

Não Ioi Iácil chegar até em casa, e

depois não acreditei nos meus próprios olhos. Tinha as pernas geladas, sabe? Um suor Irio por todo o corpo; o rosto branco como um lençol; o coração com toda espécie de crises; o

pulso ora fininho Tue nem um fio e Tuase imperceptíYel, ora galopando a rédea solta; compreende? E o cérebro numa agitação louca... Eu tinha certeza de Tue dançaYa a minha última dança. Falo em dança, porTue é o termo Tue então me ocorreu, e Tue empreguei, Ialando com meus botões, para caracterizar o meu estado. Pois, no Iundo, achei a coisa IormidáYel; pareceu-me uma Yerdadeira Iesta, embora eu tiYesse um medo terríYel. Mais exatamente, eu era todo medo, dos pés à cabeça. Olhe, o medo e a alegria não se excluem, como todo o mundo sabe. Um rapaz Tue está a ponto de possuir pela primeira Yez uma garota também treme de medo, e ela não menos. E todaYia se desmancham de prazer. Bem, eu Tuase Tue me teria desmanchado igualmente. Com o peito arIando, comecei a dançar aTuela última dança. Mas a Mylendonk, com as suas aplicações, conseguiu tirar-me daTuele estado. Compressas geladas, Iricções a escoYa, uma inMeção de cânIora, e assim me salYaram para a humanidade.

Hans Castorp, sentado, na sua Tualidade de paciente, contemplaYa o médico com uma expressão Tue demonstraYa a atiYidade de seu cérebro. Notou Tue, durante a narratiYa, os olhos azuis e proeminentes de Behrens se haYiam enchido de lágrimas.

— O senhor pinta às Yezes, não é Yerdade, sr. Conselheiro?

— perguntou de repente.

O médico fingiu-se sumamente surpreso.

— Como? Por Tuem me toma, moço?

— Desculpe. Assim ouYi dizer por aí, e por acaso me lembrei agora.

— Hum, nesse caso não You negá-lo. Todos nós temos as nossas IraTuezas. Pois é, conIesso Tue essas coisas me acontecem. Anch' io sono pittore,⁴ como costumaYa dizer aTuele espanhol.

— Paisagens? — perguntou Hans Castorp lacônica e condescendentemente, num tom Tue as circunstâncias o Iaziam adotar.

— Tudo Tue o senhor Tuiser! — respondeu o conselheiro áulico entre acanhado e Mactancioso. — Paisagens, naturezas-mortas, animais... Quando se é homem, não se tem medo de nada.

— E retratos?

— Já me aconteceu pintar um retrato ou outro. O senhor Tuer encomendar o seu?

— Rá, rá, rá! Não, não, mas seria muito gentil da sua parte, sr. Conselheiro, se TualTuer dia nos mostrasse os seus Tuadros.

Após ter lançado ao primo um olhar surpreso, Joachim apressou-se em afirmar Tue também ele acharia isso muito gentil.

Behrens estava encantado, e ficou meado às raias do entusiasmo. Até corou de prazer, e dessa vez seus olhos deram a impressão de querer derramar as lágrimas.

— Como não! — exclamou. — Será um prazer imenso! Se os senhores quiserem, podemos ir já. Venham, venham comigo! Vou lhes preparar um café turco no meu antro! — E tomou os dois homens pelo braço, e levou-os a se sentarem e, caminhando entre eles, de braço dado, guiou-os pela escadaria ensaiada em direção ao seu apartamento, e, como já sabiam, se achava bem perto, na ala noroeste do Berghof.

— Tempos atrás — disse Hans Castorp — eu mesmo fiz algumas tentativas nesse gênero.

— Não diga! Coisa sólida, a óleo?

— Não, não. Não fui além de algumas telas. Às vezes um nação, outras uma paisagem marinha, bagatelas e nada mais. Mas gosto muito de apreciar quadros, e por isso tomei a liberdade...

Essa explicação serviu, até certo ponto, para tranquilizar e esclarecer Joachim a respeito da estranha curiosidade do primo. E com efeito, agora mais para ele que para o conselheiro que Hans Castorp recordara os seus próprios estudos artísticos. Chegaram. Desse lado não havia um portal tão magnífico, iluminado de lampiões, como do lado da rampa.

Alguns degraus encurvados conduziam ao portão de carvalho, e o conselheiro abriu com uma das chaves do seu bem-provido chaveiro. Ao fazê-lo, tremia-lhe a mão. Evidentemente estava nervoso. Acolheu-os um vestibulo guarnecido de cabides, onde Behrens pendurou o chapéu-coco. Mais para dentro havia um pequeno corredor e uma porta envidraçada separava do resto da casa. Aos dois lados desse corredor estendiam-se as peças do apartamento particular. O médico chamou a criada e deu ordens. A seguir, entre palavras moções e animadoras, fez entrar os hóspedes por uma das portas à direita.

Depararam com alguns cômodos mobiliados de modo banalmente burguês, e daí para o Yale e comunicavam entre si, separados apenas por reposteiros: uma sala de jantar em estilo “alemão antigo”; uma saleta de estar e de trabalho, com uma escrivaninha, acima da qual estavam suspensos um boné de estudante e dois sabres cruzados, com alguns tapetes de lã, uma estante e um sofá; e finalmente um gabinete de fumar, de mobília “turca”. Em toda parte viam-se quadros, os quadros do conselheiro áulico. Cheios de cortesia e dispostos a admirar, os olhos dos visitantes prontamente convergiram sobre eles. A malograda esposa do médico estava representada diversas vezes, pintada a óleo e também em fotografia, sobre a escrivaninha. Era uma loura um tanto enigmática, vaporosamente vestida, com as mãos muntas à

altura do ombro esTuerdo — não Muntas firmemente, mas apenas unindo de leYe as articulações superiores dos dedos — e com os olhos ora dirigidos para o céu, ora bem baixos, escondidos sob as longas pestanas Tue saíam obliTuamente das pálpebras; nunca, porém, a saudosa senhora olhaYa para a Irente, encarando o espectador. Além dela Yiam-se

antes de tudo paisagens alpinas, montanhas cobertas de neYe ou de abetos Yerdes, montanhas enYoltas na bruma das alturas, e montanhas cuMos contornos secos e nítidos penetraYam, sob a influência de Segantini, um céu, proIundamente azul. HaYia ainda cabanas de pastores, Yacas de grandes barbelas, pastando, de pé ou deitadas, na pradaria ensoleirada, uma galinha depenada, deitada na mesa, por entre legumes, e Tue deixaYa pender o pescoço torcido, flores, tipos de montanheses e outras coisas mais — tudo pintado com certo diletantismo Iácil, com tintas atreYidamente aplicadas em grossos tuIos, Tue amiúde daYam a impressão de terem sido comprimidos da bisnaga diretamente sobre a tela e terem leYado muito tempo para secar — processo Tue não deixaYa de produzir certo eIeito, em caso de deIeitos graYes.

Como numa exposição de pintura, iam contemplando os Tuadros expostos ao longo das paredes acompanhados do dono da casa, Tue de Yez em Tuando explicaYa o respectiYo assunto, mas em geral permanecia silencioso, desIrutando, com a orgulhosa

reserYa do Yerdadeiro artista, o prazer de olhar as próprias obras em companhia de pessoas estranhas. O retrato de ClaZdia Chauchat encontraYa-se na saleta de estar, pendurado na parede da Manela. Hans Castorp, apenas entrara, Má o descobrira de relance, apesar de o Tuadro se parecer apenas Yagamente com o modelo. De propósito, o MoYem eYitou o lugar. ReteYe os seus companheiros na sala de Mantar, onde fingia admirar um panorama Yerde do Yale de Sergi, com as geleiras azuladas no Iundo. A seguir, por iniciatiYa própria, dirigiu-se ao gabinete de estilo turco, Tue examinou com igual atenção, distribuindo muitos elogios. Depois, Ioi Yer a parede da entrada da saleta de estar, insistindo diYersas Yezes com Joachim para Tue maniIestasse o seu aplauso. Por fim Yoltou-se e disse com surpresa comedida:

— Este rosto me parece conhecido.

— O senhor a reconhece? — Tuis saber o dr. Behrens.

— Claro, acho Tue não pode haYer lugar para um engano. É aTuela senhora da mesa dos russos distintos, a Tue tem um nome Irancês...

— Sim, senhor, a Chauchat. Folgo em Yer Tue o senhor a acha parecida.

— Por certo! — mentiu Hans Castorp, menos por Ialsidade, e mais por estar consciente de Tue não teria reconhecido o modelo do

retrato caso tudo tivesse ocorrido sem artifícios, assim como Joachim Mamais o teria feito sem a ajuda dele: o bom Joachim, a quem se pregara essa peça, e quem agora começava a dar pela coisa e a sair do engano em quem Hans Castorp o induzira.

— Ah, sim — disse ele baixinho, disposto a apoiar a contemplação do quadro. O primo soubera mesmo compensar a ausência de ambos na reunião do terraço...

Era um busto de meio perfil, de tamanho um pouco menor que o natural, decotado, com um arranjo de véus em volta dos ombros e do peito. Rodeava-o uma larga moldura preta, chanfrada e guarnecida de uma borda de ouro na parte interior, montada à tela. A sra. Chauchat parecia dez anos mais velha do que em realidade, como ocorre frequentemente em retratos feitos por amadores esforçados por salientar as características do modelo. Em todo o rosto havia excesso de vermelho. O nariz estava muito mal desenhado. O pintor não acertara o tom dos cabelos, fazendo-o muito semelhante a palha. A boca saía torta. Ele absolutamente não descobrira ou não conseguira expressar o encanto peculiar da fisionomia, ficando tudo estragado pelo exagero de particularidades. O conjunto não passava de um trabalho de troca-tintas, e como retrato não ia além de uma afinidade muito longínqua com o original. Mas Hans Castorp não se mostrava muito exigente quanto à semelhança. As relações que existiam entre essa tela e a

pessoa da sra. Chauchat afiguraYam-se-lhe suficientemente estreitas. O Tuadro bem deveria representar a sra. Chauchat, Má Tue ela mesma posara naTueles aposentos, era o Tue bastaYa a Hans Castorp. Emocionado, ele repetiu:

— Em carne e osso!

— Não diga isso! — protestou o conselheiro. — Foi um trabalho braYo, e não creio ter produzido uma coisa Tue preste, apesar de termos realizado umas Yinte sessões. Como esperar Tue alguém reproduza um rosto tão complicado? A gente imagina Tue deYe ser Iácil apanhá-la, com seus zigomas hiperbóreos e aTueles olhos rasgados como riscas na casca de um pão. É o Tue o senhor pensa! Acertando no pormenor, Iracassa-se no conMunto. É um Yerdadeiro Tuebra-cabeça. O senhor a conhece? TalYez seMa melhor não pintá-la na presença dela, mas de memória. Conhece-a?

— Sim, não, superficialmente, como se conhecem pessoas aTui...

— Bem, eu a conheço mais por dentro, subcutaneamente, compreende? Por razões bem específicas, estou mais ou menos a par de sua pressão arterial, do tono de seus tecidos e de sua circulação linIática, mas a superIície me opõe maiores dificuldades. O senhor Má obserYou como ela anda? O rosto é tal e Tual o andar. Uma criatura Ielina! VeMa, por exemplo, os olhos! Não Ialo da cor, Tue também é traiçoeira. Refiro-me à posição e

à Iorma. O senhor dirá Tue a fissura das pálpebras é rasgada, oblíTua. Mas só na aparência é assim. O Tue o engana é o epicanto, isto é, uma particularidade Tue se encontra em certas raças. Isso tem origem no Iato de Tue um excesso de pele, Tue proYém do nariz chato dessa gente, se estende da dobra da pálpebra para além da comissura interior do olho. Basta esticar Iortemente a pele por cima da base do nariz para Tue o senhor obtenha um olho igual aos nossos. É uma mistificação picante, mas nada honrosa, uma Yez Tue o epicanto, obserYado de perto, não passa de uma imperIeição de Iundamento atáYico.

— Ah, então é essa a explicação — disse Hans Castorp. — Não sabia, mas Má Iaz tempo me interessaYa conhecer o mistério desse tipo de olhos.

— Ilusão, eTuíYoco, nada mais! — confirmou o conselheiro.

— Se o senhor os desenhasse simplesmente oblíTuos e rasgados, estaria perdido. É preciso realizar essa aparência oblíTua e rasgada assim como o Iaz a natureza, Muntando, por assim dizer, a ilusão à ilusão, e para isso é naturalmente indispensáYel Tue o senhor esteMa inIormado a respeito do epicanto. Conhecimentos nunca preMudicam. Olhe, por exemplo, a pele, essa pele do corpo! Acha ou não acha Tue tem Yida?

— Formidável! — disse Hans Castorp. — É Formidável como o senhor deu vida a essa pele. Creio que nunca vi pele tão bem reproduzida. A gente tem a impressão de ver os poros.

— E com a borda exterior da mão acariciou o decote do retrato, que, muito branco, se destacava do vermelho exagerado do rosto, como uma parte do corpo que habitualmente não se vê exposta à luz e que assim sugeria, de um modo petulante, intencional ou não, a ideia da nudez

— um efeito, em todo caso, bastante grosseiro.

Mesmo assim era muito o elogio de Hans Castorp. O brilho baço da alvura desse busto delicado mas não magro, que se perdia no arranjo dos véus azulados, tinha muita naturalidade. Evidentemente, fora pintado com sentimento, porém, apesar de um tuê de adocicado, conseguira o artista dar-lhe uma espécie de realidade científica e de precisão física. Sobretudo na região das clavículas suavemente ressaltadas, servira-se do caráter granado da tela para obter, através da tinta a óleo, o efeito da aspereza natural da superfície da pele. Um lugarzinho na parte esquerda, ali onde os seios começavam a dividir-se, não ficara estufado, e entre as proeminências aparecia a rede das veias palidamente azuis. Era como se, sob os olhos do espectador, um estremecimento mal perceptível de sensibilidade percorresse essa nudez. Ou, usando uma formulação um tanto ousada: podia-se chegar à

ideia de perceber a perspiração, a emanção inYisíYel e YiYa dessa

carne, e Tuem colasse os lábios contra ela talYez imaginasse sentir não o cheiro de tinta e de Yerniz, mas o de um corpo humano. Assim dizendo, limitamo-nos a reproduzir as impressões de Hans Castorp; mas, embora ele estiYesse particularmente disposto a receber tais impressões, deYe-se constatar, com toda obMetiYidade, Tue o decote da sra. Chauchat era, de Iato, o Tue haYia de mais notáYel entre as pinturas da saleta.

O conselheiro Behrens, com as mãos nos bolsos, balouçaYa-se alternadamente nos calcanhares e nas pontas dos pés, enTuanto contemplaYa a sua obra em companhia dos Yisitantes.

— Folgo em Yer, meu caro colega — disse —, Iolgo muito em Yer Tue o senhor compreende as minhas intenções. É muito bom e não Iaz mal algum saber o Tue se passa também debaixo da epiderme, a ponto de se poder pintar um pouco daTuilo Tue não se Yê. Em outras palaYras: é bom manter com a natureza ainda uma outra relação Tue não a puramente lírica, por assim dizer; e exercer em paralelo a profissão de médico, fisiólogo ou anatomista, e ainda dispor de alguns conhecimentos discretos sobre os dessous.⁵ Diga o senhor o Tue Tuiser, mas isso tem lá suas Yantagens e dá, indiscutiYelmente, uma certa superioridade.

Nessa pele aí há ciência. O senhor pode examiná-la com o microscópio para controlar a Verdade orgânica. Nela, o senhor não vê apenas as camadas mucosas e córneas da epiderme, mas também, representado na ideia, o Tuo está embaixo, o tecido do derma, com suas glândulas sudoríparas e sebáceas, com os Vasos de sangue e com as papilas; e ainda mais abaixo devese imaginar a túnica adiposa, o estoivamento, sabe?, a base Tuo, com as suas numerosas células de gordura, produz as lindas Formas Femininas. O Tuo se sabe e se pensa durante o ato criador, isso também se faz sentir. Guia a mão e causa os seus efeitos; não existe, e todavia existe de alguma forma; e aí se tem o Tuo com a realidade.

Hans Castorp estava todo entusiasmado por essa palestra. Sua testa tingira-se de rubor. Seus olhos brilhavam. Ele não sabia o Tuo responder em primeiro lugar, tanta coisa tinha a dizer. Antes de mais nada se propunha tirar o quadro da parede da Manela e colocá-lo num lugar mais favorável; além disso desejava comentar as observações do conselheiro a respeito da pele, Tuo lhe interessavam vivamente; e tentava expressar, por fim, um pensamento geral e filosófico Tuo lhe ocorrera, e ao Tuo conferia particular importância. Enquanto levava as mãos ao quadro para despendurá-lo, começou a falar apressadamente:

— Sim senhor! Sim senhor! Tem razão, isto é importante. Eu queria dizer... Ou melhor, o senhor disse: “Ainda uma outra

relação...”. Seria bom manter além da relação lírica, creio ter sido assim. Tu o senhor se expressou, além da relação artística, digo eu, ainda uma outra; numa palavra: contém olhar os objetos ainda sob outro aspecto, por exemplo, o aspecto médico. Isso é cem por cento certo, desculpe, caro Conselheiro, mas acho mesmo essa opinião muito acertada, porque não se trata, no fundo, de relações e aspectos fundamentalmente diferentes, mas, em realidade, de um só ponto de vista. São apenas modificações de um mesmo ponto de vista, tuero dizer: matizes, ou talvez variantes do mesmo interesse geral, do qual a atividade artística também é apenas uma parte e uma expressão, se assim posso dizer... Ora, com sua permissão vou tirar o quadro deste lugar, onde não recebe luz alguma. Espere, vou colocá-lo aqui no dia, para ver se não... Bem, eu queria dizer: de que se ocupa a ciência médica? Claro tu não entendo nada do assunto, mas sei, afinal, tu se ocupa do homem. E o direito, a legislação e a jurisprudência? Também do homem! E a linguística, tu ordinariamente anda ligada ao exercício da profissão pedagógica? E a teologia, a cura das almas, o sacerdócio? Todos eles se ocupam do ser humano; todos são apenas variações de um e mesmo interesse importante e capital, a saber, o interesse pelo homem; são, numa palavra, as profissões humanísticas, e tuas tuas estudá-las aprende como

fundamento antes de tudo as línguas clássicas; não é isso?, para obter uma cultura normal, como dizem. O senhor talvez se admire de que eu fale assim, eu não sou mais um técnico, de formação científica. Mas, enquanto eu estou acamado, medito intensamente sobre isso, e me parece coisa excelente, parece-me maravilhoso basear-se cada profissão humanística no elemento normal, na ideia da norma, da bela norma, não é mesmo?... Isso empresta a tudo um caráter tão nobre, tão desinteressado, e dá à coisa um tom de sentimento e de... de cortesia... O interesse transforma-se quase numa proposta galante... Tiver dizer, eu provavelmente não emprego os termos próprios, mas a gente vê como o espírito e a beleza se misturam e no fundo nunca deixaram de ser idênticos... Em outras palavras: a ciência e a arte... de maneira que o exercício das artes constitui também uma parte integrante do conjunto, como tanta facilidade por assim dizer, e que não é diferente de uma profissão humanística, uma variante do interesse humanístico, uma vez que seu tema mais importante e sua preocupação principal são outra vez o ser humano, como o senhor deve admitir. E verdade que eu só pinto nações e marinhas, quando na minha juventude fiz tentativas nesse sentido; mas o que há de mais atraente na pintura é a meu ver o retrato, porque tem por objetivo imediato o homem. Foi por isso que perguntei logo ao Conselheiro Áulico se o senhor acaso já fizera ensaios nesse

campo... Não acha que este lugar seria muito mais
Idóneo ao quadro?

Ambos, tanto Behrens como Joachim, olhavam-no como para
verificar se não se enganava do seu discurso improvisado.
Mas Hans Castorp estava por demais absorvido pelo seu assunto
para se acanhar. Mantendo o quadro junto da parede do sofá,
esperava que lhe respondessem se estava mais bem iluminado ali,
ou não. Nesse instante, a

criada trouxe, numa bandeja, água quente, um jogareiro a álcool
e xicrinhas para café. O conselheiro mandou-a levar tudo ao
gabinete de Ivar e disse, dirigindo-se a Hans Castorp:

— Neste caso deveria interessar-se menos pela pintura do que
pela escultura... Tem razão, neste lugar recebe muito mais luz. Se
o senhor acha que o quadro suporta tanta... Quero dizer, pela
plástica, porque ela lida mais pura e mais exclusivamente com o
ser humano em geral... Mas devemos prestar atenção para que a
água não se evapore toda.

— Pois é, a plástica — disse Hans Castorp, enquanto
passava de uma peça a outra. Estendendo-se de pendurar o
quadro novamente, ou de colocá-lo no chão, levou-o consigo
ao gabinete contíguo. — Não há dúvida, numa Vênus grega
ou num tipo de atleta, o elemento humanístico mostra-se com

maior nitidez. No Iundo é esse o gênero autêntico, a arte genuinamente humanística, para Tuem reflète bem...

— Ora, Tuanto à peTuena Chauchat — obserYou o conselheiro —, acho Tue ela é antes um obMeto para a pintura, e me parece Tue Fídias ou aTuele outro suMeito cuMo nome tem uma desinência Mudaica teriam torcido o nariz ao tipo de fisionomia Tue ela tem... Mas o Tue o senhor está Iazendo? Por Tue ficar zanzando com esse troço para cima e para baixo?

— Perdão, You encostá-lo no pé da minha cadeira; ali fica bem, por enTuanto... Mas os escultores gregos pouco se preocupaYam com a cabeça; o Tue lhes importaYa era o corpo. TalYez seMa este o elemento Yerdadeiramente humanístico... E o senhor acha Tue a plasticidade das Iormas Iemininas é só gordura?

— Gordura e nada mais — disse em tom categórico o conselheiro, Tue acabaYa de abrir um armário embutido e tirara dele os apetrechos necessários para o preparo de caIé: um moinho turco em Iorma de tubo, a caneca de cabo alongado, o recipiente duplo para açúcar e caIé moído, tudo de latão. — Palmitina, estearina, oleína — acrescentou, enTuanto derramaYa de uma lata os grãos de caIé dentro do moinho e começaYa a dar Yoltas à maniYela. — Estão Yendo, eu mesmo Iaço tudo, desde o início. Assim o caIé fica duas Yezes

melhor... Pois é gordura! Que pensaYa o senhor? Que Iosse ambrosia?

— Não, eu Má sabia. Só é curioso ouYir as coisas ditas dessa maneira — respondeu Hans Castorp.

EstaYam sentados num canto, entre a porta e a Manela, em torno de um tamborete de bambu, Tue suportaYa uma bandeMa de latão, ornada de motiYos orientais, onde o aparelho de caIé encontrara um lugar em meio a utensílios para Iumantes.

Joachim instalara-se ao lado de Behrens, numa otomana abundantemente guarnecida de almoIadas de seda; Hans Castorp, numa poltrona proYida de rodinhas, na Tual apoiara o retrato da sra. Chauchat. Tinham sob os pés um tapete multicolor. O conselheiro áulico deitou colheradas de caIé e de açúcar na caneca de cabo comprido, acrescentou água e Iez o líTuido IerYer em cima do Iogareiro a álcool. A bebida derramada nas xicrinhas de Iorma acebolada tinha uma espuma escura, e seu sabor era tão Iorte Tuanto doce.

— Com as Iormas do senhor é a mesma coisa — continuou Behrens. — A sua plasticidade, se é Tue se pode Ialar dela, é também gordura, embora não haMa tanta como nas mulheres. Entre nós, a gordura normalmente não Yai além da Yigésima parte do peso do corpo, ao passo Tue nas mulheres costuma ser a décima sexta parte. Sem a camada adiposa embaixo da nossa pele, ficaríamos como uns cogumelos secos. Com os anos, a

gordura se Yai, e então se produz o Iamoso drapeMamento de rugas pouco estéticas. Onde aTuela camada tem a maior espessura é no peito, no Yentre e nas coxas da mulher, numa palaYra, em toda parte onde encontramos alguma coisa para diYertir o coração e as mãos. As plantas dos pés também são gordurosas e costTuentas.

Hans Castorp Iazia girar entre as mãos o moinho de caIé em Iorma de tuba. Como o resto do conMunto, era antes de origem indiana ou persa do Tue turca; assim o indicaYa o estilo dos ornamentos graYados no latão, cuMas superÍcies brilhantes se destacaYam do Iundo baço. Hans Castorp contemplou-os, a princípio sem entender do Tue se trataYa. Quando compreendeu, corou Yiolentemente.

— Pois é, são utensílios só para homens — disse Behrens.

— Por isso mantenho-os guardados a chaYe. Essa Iada Tue cuida de minha cozinha poderia ter maus pensamentos. Mas parece-me Tue aos senhores isto não pode Iazer mal. Ganhei essas coisas de uma paciente, uma princesa egípcia Tue nos deu a honra de permanecer um ano conosco. VeMa, o desenho se repete em todas as peças. Gozado, hein?

— Sim, é mesmo curioso — respondeu Hans Castorp. — Ah, não, a mim não me impressiona. Seria até possíYel dar a esses ornamentos uma interpretação séria e solene, ainda Tue eles

fiTuem um pouco impróprios para um serYiço de caIé. OuYi dizer Tue os antigos representaYam isso nos ataúdes. Para eles, o obsceno e o sagrado eram, de certo modo, uma e mesma coisa.

— Ora, Tuanto àTuela minha princesa — disse Behrens —, creio Tue ela se interessaYa mais pelo obsceno. Também ganhei dela uns excelentes cigarros, coisa extrafina, Tue só oIereço em ocasiões excepcionais. — E tirou do armário uma caixa de cores berrantes, Tue apresentou aos hóspedes. Joachim Iez Tue não, Muntando os tacões. Hans Castorp serYiu-se e Iumou o cigarro extraordinariamente grosso e comprido, adornado de uma esfinge impressa em ouro, e Tue de Iato era maraYilhoso.

— Tenha a bondade, Conselheiro — pediu Castorp —, de nos contar mais alguma coisa sobre a pele. — Voltara a pôr nos Moelhos o retrato da sra. Chauchat e contemplaYa-o, reclinado na poltrona, com o cigarro entre os lábios. — Não precisamente da túnica adiposa. Dela Má sabemos bastante. Mas da pele humana em geral, Tue o senhor pinta com tanta perIeição.

— Da pele? Interessa-se por fisiologia?

— Sim, senhor, muito. Sempre tiYe grande interesse por essa matéria. O corpo humano é um assunto Tue me põe os sentidos em alerta. Às Yezes cheguei a me perguntar se não deYeria ter estudado medicina. Sob certos aspectos, creio Tue eu me teria

dado muito bem com essa profissão. Pois Tuem se interessa pelo corpo também se interessa pela doença, e principalmente por ela. Não tenho razão? Por outro lado, isso não Tuer dizer grande coisa, uma Yez Tue eu teria podido dedicar-me a diYersas profissões. Por exemplo, seria possíYel Tue eu tiYesse escolhido o sacerdócio.

— Não diga!

— Pois sim, cheguei a ter a impressão passageira de Tue, talYez, a minha Yocação Iosse esta.

— Por Tue se tornou engenheiro então?

— Por acaso. Acho Tue o Tue decidiu Ioram mesmo as circunstâncias exteriores.

— Bem, e Tuanto à pele! O Tue lhe contar, então, sobre seu ectoderma... É o seu cérebro externo, sabe? Ontogeneticamente Ialando, tem a mesmíssima origem Tue o aparelho dos chamados órgãos sensitiYos superiores, aí em cima, no seu crânio: o sistema nerYoso central, como o senhor deYe saber, é apenas uma leYe modificação da camada exterior da pele; nas espécies inIeriores do reino animal ainda não existe a diIerença entre central e periIérico. Esses bichos serYem-se da pele para cheirar e saborear, compreende? Toda a sua sensibilidade reside na pele, o Tue deYe ser bastante agradáYel, para Tuem Ior capaz de se imaginar no lugar deles. Nas

criaturas altamente desenvolvidas, porém, criaturas como o senhor e eu, a ambição da pele limita-se à incapacidade de sentir cócegas, ela não passa nesse caso de um órgão protetor e transmissor, mas a pele presta uma atenção inabalável a tudo quanto nos possa atingir o corpo. Estende mesmo para

fora umas antenas de tato, o pelo do nosso corpo, os pelos fininhos que se compõem somente de células endurecidas e permitem sentir a menor aproximação, muito antes de a própria pele ser tocada. Cá entre nós: é até possível que a junção de defesa e protetora da pele não se restrinja exclusivamente à esfera física... O senhor sabe de que maneira fica ruborizado e pálido?

— Só vagamente.

— Devo confessar que nem nós mesmos o sabemos com absoluta precisão, pelo menos no que se refere ao rubor. O assunto não foi ainda completamente esclarecido, pois por enquanto não conseguimos demonstrar nos vasos de sangue a existência de músculos dilatadores que se mantêm postos em ação pelos nervos vasomotores. Por que intumesce a crista do galo, ou que outros exemplos de inchaço se possam citar, é um mistério, por assim dizer, tanto mais quando se trata de um efeito psíquico. Supomos que há ligações entre a camada cortical do cérebro e o centro vascular da medula oblongada. E devido a certos estímulos (por exemplo, quando o senhor se

sente muito enYergonhado) entra em Mogo essa ligação, e começam a agir os nerYos Yasculares Tue Yão em direção ao rosto; então se dilatam e se enchem os Yasos capilares Tue ali se acham, de maneira Tue o senhor anda com a cabeça Ieito um peru, está todo tímido de sangue e mal pode abrir os olhos. Em outros casos, porém, Tuando nos espera Deus sabe o Tuê, uma coisa de tremenda beleza talYez, contraem-se os Yasos capilares da pele, Tue então se torna pálida, Iria e murcha, e o senhor fica Tue nem um cadáYer, de tanta emoção, com as órbitas líYidas como chumbo e com um nariz branco, afilado, enTuanto o nerYo simpático Iaz o coração martelar loucamente.

— Ah! Então é assim Tue isso acontece?

— Mais ou menos. São reações, sabe? Mas, uma Yez Tue todas as reações e todos os reflexos têm uma finalidade inerente, nós, fisiólogos, chegamos a supor Tue também

esses Ienômenos colaterais de emoções psíTuicas são, no Iundo, meios adeTuados de deIesa, reflexos protetores, como o arrepio, por exemplo. O senhor sabe de onde nos Yêm os arrepios?

— Com IranTueza, também não sei claramente.

— Aí se trata de um trabalho das glândulas sebáceas da pele Tue secretam o sebo cutâneo, uma substância albuminosa gordurenta, Tue não é lá muito apetitosa, sabe? Mas conserYa a

pele macia, eYita Tue ela se grete ou rasgue, e a torna agradávelYel ao tato. Nem se pode imaginar Tue sensação nos daria o contato com a pele humana, não Iosse a colessterina. Essas glândulas sebáceas dispõem de peTuenos músculos orgânicos capazes de pô-las num estado de ereção, e, Tuando Iazem isso, sucede ao senhor o mesmo Tue aconteceu àTuele rapaz sobre o Tual a princesa derramou um balde cheio de lambaris: sua pele fica Ieito um ralador, e, Tuando a excitação é muito Iorte, até os Iolículos pilosos se leYantam; seus cabelos eriçam-se na cabeça e os pelos no corpo, exatamente como se dá com um porco-espinho Tue se deIende. Aí o senhor poderá dizer Tue chegou a conhecer o horror.

— Ora, eu — disse Hans Castorp —, eu Má cheguei Yárias Yezes a esse ponto. Eu me horrorizo com Iacilidade, nas mais diYersas ocasiões. O Tue me admira é apenas Tue essas glândulas se ericem em circunstâncias tão diIerentes. Quando alguém risca um Yidro com um lápis de pedra, fica- se com arrepios, e uma música especialmente linda me produz o mesmo eIeito. Quando Iui comungar, na cerimônia de minha confirmação, tiYe estremecimentos e arrepios Tue não acabaYam mais. E estranho Tuanta coisa põe em ação esses peTuenos músculos.

— Pois é — disse Behrens. — Estímulo é estímulo. O corpo não dá a mínima ao conteúdo dos estímulos. SeMam lambaris, seMa a Santa Ceia, as glândulas sebáceas se eriçam e fim.

— Sr. Conselheiro — disse Hans Castorp, contemplando o retrato que tinha sobre os Molsos —, há mais uma coisa que eu gostaria de saber. O senhor acaba de falar de processos interiores, da circulação linfática etc. Como é isso? Eu desejava ou saber mais a esse respeito, sobre a circulação linfática, por exemplo, se o senhor tivesse a bondade... O assunto me interessa muito.

— Acredito — tornou Behrens. — A linfa é o que há de mais fino, mais íntimo e mais delicado em toda a oficina do corpo. Parece que o senhor tem uma vaga ideia disso, desde que me faz essa pergunta. Sempre falam do sangue e dos seus mistérios, e dizem que é um suco todo especial. Mas a linfa é o sumo do suco, a essência, sabe?, o leite do sangue, um líquido delicioso... Após uma alimentação gordurosa tem até a aparência de leite.

E finalmente, seguindo-se da sua linguagem colorida, ele se pôs a descrever o sangue, esse caldo de gordura, albumina, ferro, açúcar e sal, vermelho como uma capa de teatro, preparado pela respiração e pela digestão, saturado de gases e carregado de escória produzida pelo processo de renovação, esse caldo de uma temperatura de 38° centígrados, que era impelido pela bomba do coração através dos vasos e promovia, em todas as partes do corpo, o metabolismo, o calor animal, numa palavra, a nossa preciosa vida. Explicou que o sangue

não chega diretamente até as células, mas a pressão exercida sobre ele o faz transpirar um extrato ou sumo leitoso através das paredes dos vasos, de modo a penetrar em todo lugar, enchendo os espaços intersticiais e dilatando ou distendendo o elástico tecido celular. Era isso o turgor dos tecidos, o turgor, e graças ao turgor, por sua vez, acontecia a linfática, depois de ter untado amavelmente as células e de ter realizado com elas uma permuta de substâncias, era enviada aos vasos linfáticos e voltava ao sangue, à razão de um litro e meio por dia. E o conselheiro discorreu sobre o sistema de condução e de sucção dos vasos linfáticos, tratou do canal lactífero que recolhia a linfa das pernas, do

entre, do peito, de um dos braços e um lado da cabeça. Passou a falar de uns delicados órgãos, filtros que se encontram em muitos lugares dos vasos linfáticos, os chamados gânglios, situados no pescoço, nas axilas, nas articulações do cotovelo, nos joelhos e em outros lugares igualmente íntimos e suas do corpo.

— Aí se podem formar inchações — explicou Behrens —, e eis que justamente este havia sido nosso ponto de partida. Os gânglios linfáticos intumescem, por assim dizer: nos joelhos ou nas articulações dos braços, formam-se ali ou ali tumores semelhantes aos hidrópicos, e quando isso se dá há sempre um motivo, ainda que pouco simpático. Em certas circunstâncias

torna-se então mais Tuo óbYio o diagnóstico de uma obstrução tuberculosa dos Yasos linIáticos.

Hans Castorp permaneceu calado.

— Pois é — disse ele baixinho, depois de uma longa pausa —, é isso mesmo, e eu bem Tue poderia ter me tornado médico. O canal lactíIero... A linIa das pernas... Essas coisas me interessam muito... Que é o corpo? — exclamou de repente, impetuoso. — Que é a carne? Que é o organismo humano? De Tue se compõe? ExpliTue-nos tudo isso na tarde de hoMe, sr. Conselheiro! ExpliTue-o de uma Yez, para Tue a gente fiTue sabendo!

— Compõe-se de água — respondeu Behrens. — Parece Tue o senhor se interessa também pela Tuímica orgânica. Na sua maior parte, o corpo humano consta de água, nada mais nada menos, e não YeMo razão de se exaltar por causa disso. A substância seca não Yai além de Yinte e cinco por cento do total, sendo Tue Yinte por cento disso é simples clara de oYo, substâncias proteicas, se é Tue o senhor preIere esse termo mais distinto, às Tuais se acrescenta apenas um pouTuinho de gordura e de sal. É Tuase só isso.

— E essa clara de oYo, Tue é?

— Uma porção de elementos: carbono, hidrogênio, nitrogênio, oxigênio, enxoIre, às Yezes também um pouco

de IósIoro. Mas o senhor desenYolYe uma sede exuberante de saber! Há também proteínas Tue se apresentam ligadas a hidratos de carbono, isto é, glicose e amido. Na Yelhice, a carne torna-se dura, o Tue Yem do Iato de aumentar o colágeno no tecido conMuntiYo; a cola, sabe?, Tue é a parte essencial dos ossos e das cartilagens. Que mais Tuer Tue eu lhe conte? Temos no plasma muscular uma proteína, o miosinogênio, Tue no corpo morto coagula, Iormando a fibrina muscular e produzindo a rigidez cadaYérica.

— Ah, sim, a rigidez cadaYérica! — disse Hans Castorp, bem-disposto. — Muito bem, muito bem. E depois Yem a análise geral, a anatomia do túmulo.

— Sim, naturalmente. A propósito, o senhor Iormulou isso de modo muito bonito. A coisa torna-se bem fluida, daí para a Irente. A gente se esparrama, por assim dizer. Não se esTueça de toda aTuela água! E os outros ingredientes são pouco duráYeis, sem a ação da Yida. Em Yirtude da putreIação, decompõem-se em combinações mais simples, de natureza anorgânica.

— PutreIação, decomposição — disse Hans Castorp —, aí se trata de um processo de combustão, uma combinação com o oxigênio, se não me engano.

— Exatamente, há uma oxidação.

— E a Yida?

— Também. Também, meu rapaz. Oxidação também. A Yida é essencialmente uma combustão das proteínas das células, donde proYém esse agradáYel calor animal, Tue às Yezes é excessiYo. Pois é, YiYer é morrer, nesse ponto não adianta dissimular. Trata-se de uma destruction organiTue, como um Irancesinho TualTuer, na sua leYiandade inata, Tualificou a Yida. E ela cheira assim, a Yida. Quando temos uma impressão contrária, é porTue nosso Muízo não está sendo imparcial.

— E Tuem se interessa pela Yida — prosseguiu Hans Castorp — interessa-se decididamente pela morte. Não é Yerdade?

— Bem, há sempre uma certa diIerença. ViYer significa Tue, na transIormação da matéria, se conserYa a Iorma.

— Para Tue conserYar a Iorma? — perguntou Hans Castorp.

— Para Tuê? Escute, o Tue o senhor acaba de dizer não tem nada de humanismo.

— Forma é bobagem.

— HoMe ninguém o segura. Está como Tue insubordinado. Mas eu Má me sinto exausto — disse o conselheiro áulico. — E começo a ficar melancólico — acrescentou, cobrindo os olhos com a manopla enorme. — Estão Yendo, cai sobre mim de surpresa. Tomei caIé com os senhores, gostei, e de repente me acontece

ficar melancólico. Os senhores me desculpem. Foi uma satisfação rara para mim, um prazer extraordinário...

Os primos levantaram-se de um pulo. Recriminaram-se por haver tomado tanto tempo ao sr. Conselheiro... Ele fez afirmações tranquilizadoras, em sentido contrário. Hans Castorp apressou-se a levar o retrato da sra. Chauchat à saleta Yizinha e a recolocá-lo no lugar antigo. Não voltaram pelo Jardim, para chegar a seus alojamentos. Behrens mostrou-lhes o caminho por dentro do edifício, conduzindo-os até a porta de Yidro. Ele lhes permitia o acesso por ali. No estado de alma que o inquietava subitamente, a sua nuca parecia mais saliente do que em geral. Piscava os olhos lacrimosos, e o bigodinho oblíquo, devido aos lábios torcidos de um lado só, assumia uma expressão lamentável.

Entanto os primos atravessaram os corredores e as escadas, Hans Castorp falou:

— Você não pode negar que foi uma boa ideia.

— Foi pelo menos uma variação — replicou Joachim. — E você, não se pode negar, aproveitaram a ocasião para resolver uma porção de problemas. Às vezes achei a conversa meio complicada. Mas agora é tempo de fazer um pouco de repouso. Temos ainda uns vinte minutos antes do chá da tarde. Talvez lhe pareça bobagem da minha parte

insistir tanto nessas coisas, desde Tue, nestes últimos tempos, Yocê se mostra tão... insubordinado. Mas é Tue Yocê, afinal de contas, também não necessita tanto disso como eu.

PESQUISAS

E assim sucedeu o Tue Iorçosamente tinha de suceder, e o Tue Hans Castorp, até pouco antes, não teria imaginado Yer ali: irrompeu o inYerno, o inYerno alpino, Tue Joachim Má conhecia, pois chegara Tuando o anterior estaYa no auge. Hans Castorp tinha algum receio dele, se bem Tue se tiYesse preparado da melhor Iorma. O primo esIorçou-se por tranTuilizá-lo.

— Você não deYe pensar Tue o inYerno aTui é excessiYamente rigoroso — disse. — Não é nada ártico. Não se sente tanto o Irio, por causa da secura do ar e da ausência de Yento. Agasalhando-se bem, pode-se permanecer na sacada até altas horas da noite sem passar Irio. Isso se dá graças à inYersão da temperatura acima do limite da cerração; fica mais Tuente nas altitudes mais eleYadas, algo Tue antes não se sabia. EsIriar mesmo, só Tuando choYe. Mas agora Yocê Má tem o seu saco de repouso, e em casos de emergência liga-se a caleIação, ao menos um pouco.

Ademais, não se podia Ialar nem de assalto nem de Yiolência: o inYerno Yinha chegando deYagarzinho, e por enTuanto não se apresentaYa de Iorma diIerente daTuela Tue o Yerão trouxera consigo. Durante alguns dias soprara o Yento sul, o sol ardeu, o Yale pareceu encolhido e estreitado, e os bastidores dos

Alpes, ao fundo do Vale, afiguraram-se próximos e muito claros. Depois surgiram nuvens, irrompendo do pico Michel e do Tinzenhorn rumo ao nordeste, e o Vale escureceu. Então começou a chover copiosamente, a chuva logo se tornando bacenta, de um cinza esbranquiçado, a neve misturou-se a ela, e no fim havia apenas neve. O Vale estava enluto em torções, e, como isso se passasse durante muito tempo e também a temperatura, nesse ínterim, tivesse baixado muito, a neve não pôde derreter-se toda. Está úmida, mas subsistia. O Vale estendia-se sob um manto branco, fininho, molhado e deiteuoso, do qual se destacava o preto das coníferas, nas encostas. Na sala de refeições, os radiadores iam amornando. Isso acontecia em princípios de novembro, por volta do dia de Finados, e não constituía nenhuma novidade. Em agosto passara-se o mesmo, e havia muito o pessoal perdera o hábito de considerar a neve um privilégio do inverno. A toda hora e com qualquer tempo, tinha-se neve diante dos olhos, pois sempre cintilavam restos e vestígios dela nas gretas e nas fendas da cordilheira rochosa dos Alpes Réticos, que pareciam fechar a saída do Vale, e as montanhas montanhosas do sul, mesmo as mais distantes, sempre resplandeciam enlutas em neve. Mas tanto a neve como a queda de temperatura mostravam-se persistentes. Num gris pálido, o céu pendia pesado sobre o Vale, desfazendo-se em flocos que caíam silenciosos e

incessantes, com uma abundância exagerada e um pouco inTuietante. O Irio aumentaYa de hora em hora. Chegou a manhã em Tue Hans Castorp registrou sete graus no seu Tuarto, e no dia seguinte eram apenas cinco. Isso significaYa geada, Tue, embora com certa moderação, persistia. Gelara de noite, e agora gelaYa também de dia, desde a manhã até a noite, enTuanto a neYada prosseguia, com peTuenas interrupções, durante Tuatro, cinco, sete dias. Daí por diante a neYe ia se amontoando, chegando a ser uma calamidade. No caminho obrigatório Tue conduzia ao banco Munto do curso d'água, bem como na estrada Tue leYaYa ao Yale, haYiam trabalhado com pás para abrir pistas; mas estas eram estreitas, e não haYia Meito de contornar a Tuem Yiesse de encontro. Num caso desses era preciso pisar no diTue de neYe acumulado na margem da pista e aIundar-se até o Moelho. Um rolo de pedra, puxado por um caYalo, conduzido no cabresto por um homem, rodaYa o dia todo pelas ruas de DaYos, e um bonde sobre patins de trenó, amarelo e de um tipo antiTuado, semelhante a uma diligência, com um limpa-neYes à Irente,

para aIastar as massas brancas, traIegaYa entre o bairro do Cassino e a parte setentrional do lugar, o chamado “YilareMo”. O mundo, esse mundo alto, estreito e remoto das pessoas daTui de cima, aparecia expressamente agasalhado e estoIado. Não haYia coluna nem estaca Tue não traMasse uma

touca branca, as escadarias do Berghof iam desaparecendo, transformando-se num plano inclinado, e almodões pesados, de formas excêntricas, oprimiam em toda parte os ramos dos pinheiros; cá e lá as massas de neves Yala-Yam, deslaziavam-se em pó, e passavam por entre os troncos, como uma nuvem ou névoa alva. As montanhas ao redor estavam tomadas de neve, que se afigurava áspera nas regiões mais baixas, e macia, quando a cobrir os cumes multiformes mais acima do limite até onde as árvores cresciam. Reinava a penumbra, com o sol lançando apenas um brilho pálido através da atmosfera gelada. Mas a neve difundia uma branda luz indireta, uma claridade leitosa que embelezava o mundo e as pessoas, embora elas andassem com os narizes vermelhos sob os gorros de lã branca ou colorida.

Na sala de refeições, em torno das sete mesas, a entrada do inverno, principal temporada nessas paragens, formava o tema predileto das conversas. Dizia-se que haviam chegado numerosos turistas e desportistas, povoando os hotéis do “YillareMo” e da “Platz”. A espessura da camada de neve era avaliada em sessenta centímetros, e afirmava-se que a sua tualidade era ideal para os esquiadores. Outros contavam que se trabalhava ativamente na pista de trenó, que de Schatzalp, na vertente noroeste, conduzia ao Yalle; dentro de poucos dias, ela poderia ser inaugurada, contanto que o vento I, hn não viesse

estragar os prometos. Os enfermos regozimavam-se com a ideia de poder assistir ao recreio dos sadios, dos hóspedes lá de baixo, o Tual ia recomeçar agora, com festas desportivas e competições, Tve muitos tentavam olhar apesar da proibição, gazeando o repouso e escapulindo. Hans Castorp ficou

sabendo Tve haveria uma inoção, o sking, inção nórdica Tve consistia em uma corrida na Tual os esquiadores participantes se faziam puxar por cavalos. Para Yver isso Yveria dar uma escapada. — Também Mã se Iala dos Iestemos do Natal.

Do Natal! Ora essa! Hans Castorp nem pensara nisso ainda. Não lhe causara dificuldades dizer ou escrever Tve, em Yvirtude do resultado do exame médico, teria de passar o inverno ali em cima, em companhia de Joachim. Mas, como notaYa agora, isso incluía o Natal, e esse Iato tinha sem dúvida algo de espantoso para o seu coração, devido à circunstância, embora não exclusivamente a ela, de ele nunca ter passado essa festa longe do torrão natal e do seio da família. Bem, por Deus, era preciso conformar-se. Já deixara de ser criança, e Joachim tampouco parecia escandalizar-se com essa perspectiva, e aceitaYa-a sem choramingar. Não continha estuecer, afinal, em Tuantos lugares e sob Tuantas condições diferentes Mã se Iestemara o Natal, ao longo dos tempos!

Parecia-lhe, entretanto, um pouco precipitado Má Ialar do Natal antes do primeiro domingo do AdYento. FaltaYam até lá ainda umas seis semanas e tanto. Mas o pessoal da sala de reIeições saltaYa-as ou deYoraYa-as — processo interior Tue também Hans Castorp Má sabia executar, se bem Tue ainda não se houYesse acostumado a Iazê-lo com tanta audácia como os seus companheiros mais antigos. Estes consideraYam o Natal, ou outras etapas semelhantes no curso do ano, ótimos pontos de reIerência ou uma espécie de aparelhos de ginástica, adeTuados para se pular agilmente por cima de interYalos Yazios. Todos tinham Iebre, seu metabolismo estaYa aumentado, sua Yida Iísica passaYa-se num ritmo intenso e Yeloz — talYez isso explicasse o Iato de matarem com tanta rapidez tamanhas Tuantidades de tempo. Hans Castorp não se teria surpreendido se Ialassem do Natal como de uma data Má Yencida, e logo se pusessem a discorrer sobre o Ano-NoYo ou o CarnaYal. Mas tão leYianos e tão imoderados eles não chegaYam a ser, na sala de reIeições do BerghoI. Detinham-se no Natal, Iesta Tue daYa motiYos para preocupações e dores de cabeça. DeliberaYam acerca do presente comunitário Tue, segundo costume estabelecido na casa, seria entregue na Yéspera do Natal ao cheIe, o conselheiro áulico Behrens, e para o Tual tinham aberto uma subscrição. Como contaYam aTueles Tue estaYam no sanatório Iazia mais de doze meses, o

conselheiro, no ano anterior, Iora presenteado com uma mala de viagens. Fala-se desta vez em uma mesa de operações, um cadelete de pintor, um casaco forrado de peles, uma cadeira de balanço e de um estetoscópio de marfim, adornado de todo tipo de incrustações. Settembrini, ao ser consultado, recomendou uma obra lexicográfica que, conforme dizia, estava em preparo e se intitulava Sociologia dos males, mas ninguém apoiou a ideia a não ser um líbero que, há poucos dias, se encontrava à mesa da Kleefeld. Por enquanto não parecia possível chegar a um acordo. Era difícil entender-se com os pensionistas russos. Os moscovitas declararam que tentavam dar a Behrens um presente à parte. Durante dias a fio, a sra. St., hrman estava sumamente inquieta por causa de uma importância de dez francos que, imprudentemente, adiantara à sra. Iltis para a coleta, e que esta “se esquecera” de devolver. “Esquecera-se” — as entonações que a sra. St., hrman dava a essa palavra eram múltiplamente matizadas, mas todas elas calculadas para expressar a mais profunda incredulidade quanto a essa falta de memória, que parecia à prova de todos os tipos de alusões e indiretas que a sra. St., hrman afirmava ter prodigalizado. Diversas vezes, esta se dispunha a renunciar e a perdoar a falta da Iltis.

— Pago por mim e por ela, então — foi o que disse. — Deixa estar, a vergonha não é minha!

Mas finalmente descobriu uma solução Tue comunicou aos comensais, causando uma hilaridade geral: Ioi cobrar os dez Irancos da “administração”, Tue os incluiu na conta da sra. Iltis, de modo Tue a deYedora morosa saiu lograda e o assunto Ioi liTuidado.

Terminara a neYada. O céu abriu-se parcialmente. NuYens de um cinzento azulado rasgaram-se e deixaram passar alguns raios de sol Tue tingiram a paisagem de azul. A seguir, o tempo serenou por completo. ReinaYa em pleno noYembro um Irio límpido, um esplendor inYernal, puro e constante. Era maraYilhoso o panorama Tue se Yia atraYés das arcadas da loggia, os bosTues empoados, as Iendas repletas de neYe IoIa, o Yale branco, ensolarado sob o azul reluzente do céu. E principalmente de noite, Tuando subia a lua Tuase cheia, o mundo apresentaYa-se enIeitiçado de um modo milagroso. Uma cintilação de cristal, um resplendor como de diamantes ostentaYa-se em toda parte. Muito preta e muito branca eleYaYa-se a floresta. As regiões do céu Tue se achaYam distantes da lua Maziam escuras, bordadas de estrelas. Sombras de contornos nítidos, precisos e intensos, sombras Tue daYam a impressão de serem mais reais e mais importantes do Tue os próprios obMetos, caíam das casas, das árYores, dos postes telegráficos, sobre o solo reIulgente. Poucas horas depois do pôr do sol, a temperatura descia a sete ou oito graus

abaixo de zero. O mundo parecia encantado, imobilizado numa pureza glacial, e sua imundície natural ficava submersa e enfiada no sonho de um fantástico leitiço de morte.

Hans Castorp permanecia até altas horas da noite no seu compartimento da sacada acima do mágico Yale hibernar, muito mais tempo do que Joachim, que se retirava às dez horas ou pouco depois. A sua excelente espreguiçadeira, com o colchão composto de três coxins e com o rolo à altura da nuca, achava-se próxima da balaustrada de madeira, ao longo da qual se estendia uma almofada de neve. Na mesinha branca, a seu lado, luzia a lâmpada elétrica, e junto a uma pilha de livros havia um copo de leite gordo, o leite da noite, que era servido às nove horas em todos os

quartos dos habitantes do Berghof, e no qual Hans Castorp queria um cálice de conhaque para adaptá-lo ao seu paladar. Já haviam sido mobilizados todos os recursos de que ele dispunha contra o frio. Enfiava-se Hans Castorp até acima do peito no saco de peles, que se podia abotoar e fechar adiantado em boa hora numa casa especializada de Davos. Em torno desse saco lançara, segundo o rito, os dois cobertores de lã de camelo. Além disso trazia, por cima da tatiota de inverno, um curto casaco forrado de peles. Na cabeça levava um gorro de lã, nos pés, sapatos de feltro, e nas mãos, umas espessas luvas que, no entanto, se mostravam incapazes de impedir o enrijecimento dos dedos.

Para Tue ele permanecesse tanto tempo lá Iora, até meia- noite e às Yezes mais tarde ainda (Tuando o casal de russos ordinários haYia muito se retirara do compartimento Yizinho), contribuía sem dúYida a magia da noite inYernal, tanto mais Tue até as onze horas se entretecia nele a música Tue, de longe e de perto, subia do Yale. Antes de tudo, porém, em ação simultânea e conMunta, eram a inércia e a excitação Tue o induziam a ficar até tarde: de um lado, a inércia e o cansaço do seu corpo, aYesso a todo moYimento, e, do outro, a excitação atiYa do seu espírito, ao Tual não daYam trégua alguns estudos noYos e Iascinantes em Tue o MoYem mergulhara. O clima incomodaYa-o, a geada exercia-lhe sobre o organismo um eIeito esgotador. Hans Castorp comia muito, aproYeitaYa as Iartas reIeições do BerghoI, onde os gansos assados sucediam a um rosbiIe acompanhado de legumes; e o Iazia com um apetite desmedido, Tue parecia estar na ordem do dia entre os pensionistas do BerghoI, ainda mais intensamente no inYerno Tue no Yerão. Ao mesmo tempo sentia-se tomado de sonolência, de maneira Tue IreTuentemente lhe ocorria, tanto de dia como nas noites de luar, adormecer sobre os liYros Tue manuseaYa, e dos Tuais trataremos mais adiante; depois de alguns minutos de inconsciência continuaYa então as suas pesTuisas. ConYersas animadas — e aTui,

mais Tue na planície, ele tendia a Ialar depressa, sem inibições e até com atreYimento —, conYersas animadas, enfim, Tue ele mantinha com Joachim durante os passeios obrigatórios pela neYe esgotaYam-no muito; acometiam-no Yertigens e tremores, uma sensação de aturdimento e ebriedade, e a cabeça IerYia. Sua curYa de temperatura subira desde o começo do inYerno. Diante disso o conselheiro Behrens murmurara TualTuer coisa a respeito de inMeções Tue ele costumaYa usar em casos de eleYação tenaz da temperatura e às Tuais duas terças partes dos pacientes, inclusiYe Joachim, se submetiam regularmente. Mas decerto, pensou Hans Castorp, existiam relações entre a intensa produção de calor Tue se eIetuaYa em seu corpo e aTuela agitação e atiYidade do espírito Tue o prendia à espreguiçadeira até muito tarde, na noite gélida e cintilante. A leitura Tue o catiYaYa sugeria-lhe explicações como essas.

Lia-se aYidamente nos alpendres de repouso e nas sacadas particulares do Sanatório Internacional BerghoI — sobretudo entre os noYatos e os pensionistas recentes; pois os pacientes Tue ali permaneciam por muitos meses ou por Yários anos Má haYiam aprendido Iazia muito a matar o tempo sem distrações nem esIorços intelectuais e deixá-lo para trás graças a um Yirtuosismo interior: estes chegaYam a declarar Tue isso de se agarrar à leitura era mesmo uma Ialta de habilidade, coisa de sarraIaçais. Quando muito admitiam Tue um liYro repousasse

sobre os Moelhos ou na mesinha, o Tue Má era suficiente sentir-se abastecido. A biblioteca do estabelecimento, poliglota e rica em obras ilustradas, continha, em Iorma ampliada, a literatura Tue comumente se encontra na sala de espera de um dentista, e achaYa-se à liYre disposição dos pensionistas, sem custos. Também se permutaYam os romances alugados numa liYraria da “Platz”. De Tuando em Tuando aparecia um liYro ou um escrito TualTuer Tue era disputado a tapas, e para o Tual estendia as mãos, com maldissimulada cobiça, até Tuem Má tiYesse abandonado o hábito de ler. A essa altura

dos acontecimentos circulaYa de mão em mão uma brochura mal-impressa, adTuirida pelo sr. Albin, intitulada A arte da sedução. O texto estaYa traduzido, muito ao pé da letra, do Irancês, conserYando a tradução a própria sintaxe desse idioma, o Tue emprestaYa ao estilo muita dignidade e uma elegância picante. O autor explanaYa a filosofia do amor carnal e da Yolúpia, no sentido de um paganismo epicurista e mundano. A sra. St,hr terminou rapidamente a leitura e achou a obra “IormidáYel”. A sra. Magnus — a Tue perdia proteínas — concordou com ela sem reserYas, ao passo Tue o seu marido, o cerYeMeiro, pretendeu ter tirado algum proYeito dessa leitura para si mesmo, mas lastimou Tue a sra. Magnus se tiYesse inteirado da doutrina do opúsculo, Má Tue essas coisas “amimalhaYam” as mulheres e lhes incutiam ideias extraYagantes.

Tal crítica contribuiu para aumentar muito o interesse Tue reinaYa pela obra. Entre duas senhoras chegadas em outubro, e Tue IreTuentaYam o alpendre térreo, a sra. Redisch, esposa de um industrial polonês, e uma certa YiúYa HessenIeld, de Berlim, deflagrou-se depois do almoço uma cena bastante desagradáYel, Tuase Yiolenta, Tue Hans Castorp se Yiu obrigado a presenciar da sua sacada. Culminou o espetáculo numa gritaria conYulsiYa e histérica de uma das duas senhoras — podia ser a Redisch, mas também podia ser a HessenIeld — e na remoção da mulher raiYosa até seus aposentos. A mocidade apoderara-se do tratado ainda antes das pessoas mais maduras. Alguns estudaYam-no em comum, depois do Mantar, nos mais diYersos Tuartos. Hans Castorp Yiu como o rapaz da unha comprida o entregaYa, na sala de reIeições, a uma MoYem recém-chegada e leYemente enIerma, de nome Fränzchen Oberdank, Tue Iora trazida pela mãe e usaYa os cabelos louros repartidos por uma risca.

TalYez houYesse exceções; talYez houYesse pensionistas Tue enchessem as horas de repouso obrigatório com alguma atiYidade intelectual de caráter sério, com alguns estudos proYeitosos, ainda Tue o fizessem apenas para conserYar o contato com a Yida na planície ou para conIerir ao tempo um pouco de peso e proIundidade, eYitando assim Tue se tornasse apenas tempo, tempo e nada mais. TalYez existisse,

além do sr. Settembrini com seus esforços destinados a exterminar os sofrimentos do mundo, e do honrado Joachim com seus manuais russos, ainda esse ou aquele com uma mentalidade análoga, senão entre o público da sala de refeições, o Tue era mesmo pouco conhecido, ao menos entre os pacientes acamados e moribundos. Hans Castorp inclina-se a admitir essa hipótese. Quanto a ele próprio, o Ocean Steamships Má não lhe dizia nada. Por isso mandara Yir de casa, Munto com as roupas de inverno, alguns livros relacionados com a sua profissão, obras de engenharia, tratados sobre a construção de navios. No entanto, esses volumes haviam sido abandonados em favor de outros, obras didáticas pertencentes a uma faculdade e disciplina muito diferente, cuja matéria despertara o interesse do jovem Hans Castorp. Trata-se de livros de anatomia, fisiologia, biologia, redigidos em vários idiomas — alemão, francês, inglês — e que lhe tinham sido remetidos um belo dia pelo livreiro do lugar, evidentemente porque Hans Castorp os encomendara por sua própria iniciativa e clandestinamente, durante um passeio que dera até “Platz”, sem a companhia de Joachim (que a essa hora andava ocupado com a paisagem ou tomara uma refeição). Foi com surpresa que Joachim viu esses livros nas mãos do primo. Haviam sido muito caros, como obras científicas costumam ser. Os preços ainda se achavam anotados no interior das capas ou sobrecapas. Joachim perguntou por que

Hans Castorp, se desejava ler esse tipo de literatura, não a pedia emprestada ao conselheiro áulico, mas certamente dispunha de um rico sortimento. Mas Hans Castorp replicou que preferia possuir os livros, e que a leitura era bem diferente quando o livro lhe pertencia; além disso, gostava de sublinhar e assinalar certos trechos a lápis. Durante horas a fio, Joachim ou outro do compartimento de sacada do primo ou o ruído da espátula que ia abrindo as folhas.

Os volumes eram pesados e difíceis de manusear. Para os ler, quando deitado, Hans Castorp apoiava a borda inferior sobre o peito ou o estômago. Isso não deixava de ser incômodo, mas ele o suportava pacientemente. De boca entreaberta, fazia os olhos percorrerem as páginas eruditas, que se achavam iluminadas pela claridade avermelhada do tremeluz da lampadazinha, mas sem necessidade, mas ele as poderia ler, se preciso, à luz do luar. Acompanhava as linhas com a cabeça até que seu queixo repousasse sobre o peito, posição em que o leitor permanecia algum tempo, refletindo, cochilando ou entregando-se a um misto de sono e de meditação, antes de elevar o rosto para ler a página seguinte. Hans Castorp realizava investigações profundas; lia, enquanto a lua, a passo comedido, seguia sua órbita sobre o vale alpino, cintilante de cristais; lia livros que tratavam da matéria organizada, das qualidades do protoplasma, da substância sensível que, entre a

composição e a decomposição, se mantém numa estranha existência intermediária, e da evolução das suas formas desenvolvidas a partir de tipos fundamentais, primitivos e todavia sempre presentes; lia com insistente interesse o que os lírios diziam sobre a vida e o seu sagrado e impuro mistério.

O que era a vida? Não se sabia. Sem dúvida, basta ser vida para que tomasse consciência de si mesma, mas ela não sabia o que era. Sem dúvida, enquanto propriedade de reagir a estímulos, a consciência já desperta em certa medida, nas camadas mais baixas e menos adiantadas de seu surgimento, e era impossível fixar em determinado ponto de sua história coletiva ou individual a primeira aparição de indivíduos conscientes, e tampouco se devia fazer a consciência depender, por exemplo, da existência de um sistema nervoso. As formas animais mais inferiores não

dispunham de sistema nervoso, e muito menos de cérebro, mas ninguém se atreveria a negar-lhes a capacidade de sentir estímulos. Além disso, podia-se entorpecer a vida, a própria vida, e não somente certos órgãos especiais destinados à recepção de estímulos, que esta porventura criasse, a saber, os nervos. Podia-se suspender temporariamente a irritabilidade de toda substância dotada de vida, no reino vegetal tanto como no reino animal; era possível narcotizar os espermatozoides por meio de clorofórmio, cloral hidratado ou morfina. A

consciência de si mesma era, pois, uma simples Iunção da matéria organizada em prol da Yida, e sob grande intensificação a Iunção dirigia-se contra seu próprio portador, conYertia-se no deseMo de pesTuisar e explicar o Ienômeno Tue lhe deu origem, na tendência esperançosa e desesperada da Yida para se conhecer a si própria, na autoinYestigação da natureza, Tue sempre acaba sendo Yã, Má Tue a natureza não se pode resolYer em conhecimento, nem a Yida pode contemplar seus segredos últimos.

O Tue era a Yida? Ninguém sabia. Ninguém conhecia o ponto da natureza de onde ela brotaYa e onde se acendia. A partir desse ponto, nada haYia no âmbito da Yida Tue não estiYesse em relação ou Yagamente relacionado; mas a relação da própria Yida com algo outro parecia não haYer. A única coisa Tue talYez se pudesse afirmar a seu respeito era Tue sua estrutura deYia ser de tal modo eYoluída Tue não tinha, nem de longe, igual no mundo inanimado. A distância entre a ameba com seu pseudópode e o animal Yertebrado era insignificante e desprezível em comparação com a Tue existe entre o Ienômeno mais simples da Yida e a outra parte da natureza, Tue nem seTuer merecia ser Tualificada de morta, uma Yez Tue era inorgânica. Pois a morte não era senão a negação lógica da Yida; entre esta, porém, e a natureza inanimada abria-se um abismo por cima do

Tua a ciência em Yão se empenhaYa por lançar uma ponte. Alguns esIorçaYam-se por Iechá-lo por meio de teorias, Tue ele no entanto sorYia, sem nada perder em proIundidade e sua extensão. Para encontrarem um laço, haYiam se perdido na hipótese contraditória de uma matéria YiYa sem estrutura, de organismos não organizados, Tue se reuniram espontaneamente na solução de albumina, como o cristal na água-mãe — embora a diIerenciação orgânica constituísse ao mesmo tempo a condição básica e a maniIestação de toda a Yida, e embora não se conhecesse criatura YiYa Tue não deYesse sua existência a um ato de procriação. O Múbilo triunIante Tue saudara o protoplasma primeYo, pescado nas proIundezas mais extremas do mar, rapidamente se transIormara em consternação. Demonstrou-se Tue depósitos de gesso haYiam sido conIundidos com o protoplasma. Mas os cientistas, para não se deterem à Irente de um milagre — pois a Yida a compor-se dos mesmos elementos e a decompor-se nos mesmos elementos Tue a natureza inorgânica, sem nada Tue a motiYasse, seria um milagre —, Yiram-se Iorçados a admitir uma geração espontânea, isto é, a origem do orgânico no inorgânico, o Tue, aliás, era igualmente um milagre. Destarte continuaram a inYentar graus intermediários e transições e a supor a existência de organismos inIeriores a todos os Tue se conheciam, os Tuais tiYessem como predecessores, no entanto, tentatiYas de Yida ainda mais

primitivas, os chamados “probiotes” que ninguém jamais teria, por serem de uma pequenez inimaginavelmente microscópica, e antes de seu nascimento hipotético teria ter se produzido a síntese de combinações de albumina...

Mas então, o que era a vida? Era calor, o produto calorífico de uma instabilidade preservadora da forma, uma febre da matéria que acompanha o processo de incessante decomposição e reconstituição de moléculas de albumina, estas mesmas insubistentes, dadas a complicação e engenhosidade de sua estrutura. Era o ser que em realidade não podia ser, que, a muito custo e mediante um esforço delicioso e aflitivo, consegue chegar,

nesses processos complexos de decadência e de renovação, ao equilíbrio no ponto do ser. Não era nem matéria nem espírito. Era uma coisa entre os dois, um fenômeno sustentado pela matéria, tal e qual o arco-íris sobre a queda-d'água, e igual à chama. Mas, se bem não fosse material, era sensual até a voluptuosidade e até o asco, o impudor da natureza tornada irritável e sensível com respeito a si própria, e a forma lasciva do ser. Era um movimento clandestino, mas perceptível no casto íris do universo, uma secreta e voluptuosa impureza composta de sucção e de evacuação, uma exalação excretória de gás carbônico e de substâncias nocivas de procedência e qualidade ignotas. Era vegetação,

desenvolvimento e configuração — possibilitadas pela hipercompensação da sua instabilidade e controladas pelas leis de formação que lhe eram inerentes — de uma coisa túmida de água, albumina, sal e gorduras, uma coisa que se chama carne e se converte em forma, em imagem sublime, em beleza, mas que, ao mesmo tempo, era o princípio da sensualidade e do desejo. Pois essa forma e essa beleza não eram conduzidas pelo espírito, como nas obras da poesia e da música, nem tampouco por uma substância neutra, absorvida pelo espírito, e que se encarnasse de uma maneira inocente, como o fazem a forma e a beleza das obras plásticas. Eram, pelo contrário, conduzidas e elaboradas por uma substância que, ao despertar, de um modo desconhecido, a voluptuosidade, pela substância da própria matéria orgânica que se decompõe, pela carne cheirosa...

Agasalhado de lã e de peles destinadas a evitar a perda de calor, o médico Hans Castorp repousava acima do céu cintilante, enquanto, nessa noite glacial iluminada pelo brilho do satélite morto, aparecia-lhe a imagem da Yida. Essa imagem flutuava diante dele em algum lugar do espaço, longínqua e todavia próxima dos sentidos; havia o corpo, de uma brancura embaciada, viscoso, a exalar odores e vapores; havia a pele com toda a impureza e toda a imperfeição que lhe eram peculiares, com manchas, papilas,

rugos, descolorações, zonas granulosas ou escamosas, a pele revestida das finas correntes e dos delicados torçelinhos da lanugem rudimentar. Distante do Irrio da matéria inanimada, essa imagem pairaYa na sua própria esIera Yaporosa, assumindo uma atitude relaxada, com a cabeça coroada de alguma coisa Iresca, córnea, pigmentária, Tue era um produto da sua pele, e com as mãos unidas por detrás da nuca; de sob as pálpebras baixas, estaYa a mirar o espectador com aTueles olhos Tue uma Yariante da Iormaçoão da pele na comissura interior Iazia parecer oblíTuos, e com os lábios um tanto grossos, entreabertos; apoiaYa-se numa das pernas, de modo Tue o osso ilíaco Tue suportaYa o peso ressaltaYa nitidamente sob a carne, ao passo Tue, na perna relaxada, o Moelho leYemente dobrado roçaYa o interior da perna de apoio, e o pé tocaYa o solo apenas com a ponta dos dedos. Assim se TuedaYa a imagem; YoltaYa-se sorrindo, certa da sua graça, com os cotoYelos luzidios apontando para a Irente, na simetria dos membros gêmeos e dos sinais do corpo. À sombra das axilas, de exalaçoão acre, correspondia, num triângulo místico, a noite do regaço; assim como aos olhos, a boca Yermelha e epitelial; e às corolas rubras dos seios, o umbigo alongado em sentido Yertical. Sob o impulso de um órgão central e de nerYos motores Tue partiam da medula espinhal, o Yentre e o tórax moYiam-se, a caYidade pleuroperitoneal dilataYa-se e encolhia-se, e o hálito, aTuecido e umedecido pelas mucosas do trato respiratório

saturado de secreções, escapava por entre os lábios, após ter combinado nos alvéolos dos pulmões o seu oxigênio e a hemoglobina do sangue, para possibilitar a respiração interna. Pois Hans Castorp compreendia que esse corpo, a repousar no misterioso equilíbrio da estrutura das suas partes alimentadas de sangue, percorridas por nervos, veias, artérias, capilares, e banhadas pela linfa, esse corpo

com a armação interna formada por ossos ocos, cheios de tutano gorduroso, por ossos chatos, ossos curtos e vértebras, consolidados com a ajuda de sais calcários e de cola à base do tecido gelatinoso, substância primitiva de apoio, esse corpo com as cápsulas, cavidades lubrificadas, tendões e cartilagens das articulações, com seus músculos em número de mais de duzentos, com seus órgãos centrais a serviço da nutrição, respiração, recepção e emissão de estímulos, com suas membranas protetoras, cavidades cerosas e glândulas ricas em secreções, com o sistema de canais e tendas da sua complicada superfície interna, que pelos orifícios do corpo desembocava no mundo exterior — Hans Castorp compreendia, pois, que esse eu era uma unidade viva de categoria superior, muito distante das tuas seres mais simples, reduzidos a respirarem, alimentarem-se e mesmo pensarem com toda a superfície do seu corpo, e que ele se compunha de miríades de tais organismos minúsculos, que, tendo a sua origem num único dentre eles, e multiplicando-se

mediante uma divisão sempre repetida, há iam organizado, diferenciado, desenhado os mais diversos usos e funções e tinham chegado a produzir formas que eram a condição e o efeito do seu crescimento.

O corpo que então se lhe afigurava, esse ser singular e esse eu vivente, era portanto uma enorme pluralidade de indivíduos que respiravam e se alimentavam, que, em virtude da sua subordinação orgânica e da sua adaptação a uma finalidade especial, tinham perdido sua existência própria, sua liberdade e sua vida independente, há iam se transformado em elementos anatómicos, a tal ponto que a função de alguns se restringia à irritabilidade em face dos estímulos da luz, do som, do tato, do calor, ao passo que outros só sabiam modificar sua forma mediante contração, ou secretar líquidos digestivos, e ainda outros estavam aptos exclusivamente a proteger, sustentar, veicular humores ou servir à procriação. Há iam casos em que se apossavam os laços dessa pluralidade orgânica, reunida para formar um eu elevado, casos nos quais a multidão de indivíduos interiores não se associava, senão de uma forma superficial e incerta, numa unidade de vida superior. O nosso estudioso meditava acerca do fenômeno das colônias de células; inteira-se da existência de semiorganismos, de algas cujas células avulsas, apenas enfiadas num manto gelatinoso, irreverentemente se achavam muito distantes umas das outras,

tratando-se, sem embargo, de Iormas multicelulares, Tue, porém, se Iossem interrogadas, seriam incapazes de dizer se preIeriam ser consideradas uma aglomeração de indiYíduos unicelulares ou um ser único, e Tue, reIerindo-se a si próprias, oscilariam estranhamente entre o “eu” e o “nós”. ATui a natureza dispunha de um estado intermediário entre a associação altamente social de inúmeros indiYíduos elementares a Iormarem os tecidos e os órgãos de um eu superior e a liYre existência indiYidual dessas unidades aYulsas: o organismo multicelular era tão somente uma dentre as Iormas do processo clínico segundo o Tual decorria a Yida, e Tue constituía um moYimento circulatório de ato gerador em ato gerador. A Iecundação, a Iusão sexual de dois corpos de células, achaYa-se no início da construção de todo indiYíduo multicelular, como também se encontraYa no começo de cada série de gerações de criaturas elementares de Yida isolada, e sempre reconduzia a si própria. Pois esse ato persistia atraYés de numerosas gerações Tue não necessitam dele para se multiplicarem mediante contínua diYisão, até chegar o momento em Tue os descendentes nascidos sem o concurso do sexo se Yissem noYamente obrigados à cópula e o ciclo Yoltasse a se Iechar. Assim, o Estado multiIorme da Yida, originado da Iusão nuclear de duas células geradoras, era a coletiYidade de muitas gerações de indiYíduos celulares, produzidos de modo assexual. Seu crescimento coincidia com a multiplicação deles, e o ciclo

geratiYo se IechaYa Tuando as células sexuais, elementos desenYolYidos com o fim especial da procriação, haYiam se Iormado nele e então

encontraYam o caminho de uma Munção Tue desse noYo impulso à Yida.

Com um Yolume de embriologia fincado no peito, nosso herói acompanhaYa a eYolução do organismo a partir do instante em Tue o espermatozoide — um dentre inúmeros, e este em primeiro lugar, impulsionado pelo moYimento de flagelo de sua extremidade traseira — chocaYa a ponta ceIálica com a membrana gelatinosa do óYulo, para então inserir-se no cone de atração Tue o plasma oYular arTueara, ao encontro de sua aproximação. Não se podia imaginar truTue algum, caricatura alguma em Tue a natureza não se comprazesse para Yariar esse processo constante. HaYia animais entre os Tuais o macho leYaYa uma Yida de parasita no intestino da Iêmea. Outros haYia em Tue o braço do indiYíduo Iecundante se estendia atraYés da garganta da Iêmea até o interior do seu corpo, onde depositaYa o esperma, depois do Tue era decepado e Yomitado, para então escapar correndo com os seus próprios dedos, deixando perplexa a ciência Tue durante muito tempo o tratara, em grego ou em latim, como um ser YiYo independente. Hans Castorp assistia às Iuriosas discussões entre as escolas eruditas dos “oYistas” e dos “animalculistas”, uns

pretendendo que o óvulo era um sapo, um cão ou um homem completo em miniatura, e que o sêmen não operava senão o crescimento das suas partes, ao passo que outros consideravam o espermatozoide, provido de cabeça, braços e pernas, um ser vivo preformado, ao qual o óvulo serviria apenas de meio de cultura — até que enfim se punham de acordo, atribuindo iguais méritos às células ovulares e germinais, ambas oriundas de células de reprodução primitivamente indistinguíveis. Hans Castorp via o organismo unicelular do óvulo fecundado a ponto de se transformar num organismo multicelular, estriando-se e segmentando-se; via os corpos de células unirem-se uns aos outros, construindo uma parede mucosa; via a vesícula seminal introfletir-se e formar uma taça ou cavidade, que então se desempenhava das junções de nutrição e da digestão. Era essa a larva intestinal, a gástrula, o bicho original, a forma básica, tanto de toda vida animal como de toda beleza carnal. Suas duas camadas epiteliais, a exterior e a interior, o ectoderma e o endoderma, apareciam como órgãos primitivos, dos quais surgiam, por meio de saliências ou depressões, as glândulas, os tecidos, os instrumentos dos sentidos, os apêndices do corpo. Uma tira do ectoderma engrossava, a fundava-se numa espécie de sulco, fechava-se formando um tubo para abrigar os nervos, e convergia-se na coluna vertebral, no cérebro. E quando o muco

Íetal se consolidaYa a ponto de se tornar tecido conMuntiYo fibroso ou cartilagem, Yisto as células gelatinosas começarem a produzir uma substância glutinosa, em lugar da mucina, Hans Castorp Yia como em certos pontos as células conMuntiYas extraíam sais calcários e gorduras dos humores Tue as banhaYam, e como terminaYam então por ossificar-se. O embrião do homem mantinha-se encolhido, de cócoras, caudíIero, em nada diIerente do embrião de um porco, dotado de um enorme pedúnculo abdominal e de extremidades rudimentares, inIormes, com a larYa do rosto dobrada sobre o Yentre túrgido, e sua eYolução afiguraYa-se, aos olhos de uma ciência de ideias sombrias e pouco lisonMeiras, como a repetição resumida de uma genealogia zoológica. Passageiramente, o embrião tinha bolsas branTuiais como as arraias. Parecia lícito ou Iorçoso deduzir dos estados eYolutiYos por ele atraYessados o aspecto pouco humano Tue o homem concluído oIerecera nos tempos primitiYos. Sua pele, proYida de músculos tremedores, destinados a aIugentar os insetos, estaYa coberta de pelo abundante; era enorme a extensão de sua mucosa pituitária; suas orelhas despegadas e móYeis tomaYam parte importante no Mogo de mímica e eram mais próprias para captar o som do Tue nossas orelhas atuais. NaTueles tempos, os olhos, protegidos por uma terceira pálpebra mictitante, haYiam se

achado aos lados do crânio, com exceção do terceiro olho, cujo rudimento é a glândula pineal, e Tué era capaz de Yigiar o zênite. Esse homem possuía, além disso, um longo tubo intestinal, numerosos dentes molares e sacos Yocais ao lado da laringe, Tué lhe permitiam urrar; o macho trouxera as glândulas sexuais no intestino do abdômen.

A anatomia esIolaYa e dissecaYa, para o nosso pesTuisador, os membros do corpo humano; mostraYa-lhe os músculos e os tendões, tanto superficiais como subMacentes e proIundos, os da coxa e da perna, do pé e sobretudo do braço; ensinaYa-lhe os nomes latinos com Tué a medicina, essa matriz do espírito humanístico, os designara e distinguiu generosa e galantemente; permitia ao MoYem aYançar até o esTueleto, cuMa estrutura lhe abria noYas perspectiYas sobre a unidade de tudo Tuanto é humano, e sobre o Iato de se acharem relacionadas com isso todas as disciplinas. Pois nesse ponto recordou-se, de um modo sumamente estranho, da sua Yerdadeira — ou talYez seMa melhor dizer: da sua antiga — profissão, do título científico de Tué se declarara portador ao chegar aTui em cima, perante as pessoas Tué encontrara (dr. KrokoZski, sr. Settembrini). Para aprender alguma coisa — Iora-lhe bem indiIerente o Tuê — inteirara-se nas uniYersidades desse ou daTuele Iato reIerente a estática, suportes arTueáYeis, carga e construção como emprego economicamente YantaMoso do

material mecânico. Teria sido pueril opinar que as engenharias, as regras da mecânica, se aplicariam à natureza orgânica; mas tampouco se podia pretender que tivessem sido deduzidas desta. Na natureza, tais regras se eram simplesmente repetidas e reforçadas. O princípio do cilindro vazado predomina na estrutura dos ossos longos, com seu canal central, de maneira que exatamente o mínimo de substância sólida supria as necessidades estáticas. Um corpo, Hans Castorp aprendera, que, conforme as exigências feitas a ele quanto à tração e à pressão, estivesse composto tão somente de varas e tirantes de um material mecanicamente adequado poderia suportar a mesma carga que um corpo maciço de igual composição. Da mesma forma era possível observar na evolução dos ossos longos como, pari passu com a ossificação da superfície, as partes internas, mecanicamente supérfluas, se transformaram em tecidos gordurosos, o tutano amarelo. O osso normal era uma grua em cuja construção a natureza orgânica, pela flexão que dava às pecinhas ósseas, executava exatamente as mesmas curvas de tração e de pressão que Hans Castorp teria que prever caso tivesse concebido de modo correto um aparelho destinado a realizar iguais incumbências. Ele teve satisfação ao ver tal coisa, pois percebeu que se mantinha, desse modo, em uma relação tripla com o Iêmur, ou com a natureza orgânica em geral: uma relação lírica,

médica e técnica — tão intensa a estimulação Tue recebera. E essas três relações, assim lhe parecia, chegaYam a ser, no humano, uma só; eram Yariantes de uma e mesma aspiração premente, Iaculdades do pensamento humanístico...

Com tudo isso, permanecia inexplicáYel a obra do protoplasma, e parecia Yedado à Yida compreender-se a si própria. A maioria dos processos bioTuímicos não somente era desconhecida, como também era inerente à sua natureza esTuiYar-se à compreensão. Quase nada se sabia da estrutura, da composição dessa unidade de Yida Tue se chamaYa a “célula”. Que adiantaYa demonstrar as partes do músculo morto? Não se podia analisar Tuimicamente o músculo YiYo; e as modificações produzidas pela rigidez cadaYérica Má bastaYam para desYalorizar TuaisTuer experiências. Ninguém compreendia o metabolismo, ninguém sabia nada da natureza da Iunção nerYosa. A Tue Tualidades as papilas gustatiYas deYiam a Iaculdade do gosto? Em Tue consistiam os diIerentes tipos de excitação Tue os odores produziam em certos nerYos sensitiYos? Em Tuê, o cheiro em geral? O odor específico dos animais e dos homens baseaYa-se na eYaporação de substâncias Tue ninguém era capaz de definir. A composição do líTuido Tue se chamaYa suor era pouco clara. As glândulas Tue o secretaYam produziam aromas Tue, sem dúYida, desempenhaYam um papel de destaTue entre os mamíIeros, cuMa importância para a

Yida humana os cientistas se declaraYam incapazes de explicar. A Iunção fisiológica de partes do corpo eYidentemente importantes permanecia obscura. Que se deixasse sem solução o problema do apêndice YermiIorme, Tue era um mistério! Entre os coelhos, ele sempre se encontraYa cheio de um conteúdo pastoso Tue não se sabia como entraYa ali nem como se renoYaYa. E Tual era a explicação da substância branca e cinzenta da medula oblongada, Tual a do tálamo Tue se comunicaYa com o nerYo óptico, e Tual a das substâncias cinzentas Tue se encontram na ponte de Varólio? A medula cerebral e espinhal era a tal ponto suMeita à desintegração Tue não haYia esperança de penetrar-lhe Mamais o segredo da estrutura. A Tue circunstância se deYia a suspensão das atiYidades do córtex cerebral? Que impedia o estômago de se digerir a si próprio, Iato Tue ocorria às Yezes nos cadáYeres? Respondia-se: a Yida, um singular poder de resistência do protoplasma YiYo — e fingia-se não perceber Tue essa era uma explicação mística. A teoria de um Ienômeno tão comum como a Iebre estaYa cheia de contradições. O aumento das combustões tinha como resultado uma produção mais intensa de calor. Mas, por Tue não aumentaYa também, como em outras ocasiões, o gasto de calor, para compensar esse Iato? OriginaYa-se a paralisia das glândulas sudoríparas de uma contração da pele? Entretanto, tal não se obserYara senão em casos de calaIrios, ao passo Tue, Iora disso, a pele se mostraYa Tuente.

A experiência da “picada bulbar” indicava o sistema nervoso central como a sede dos fatores que causam o aumento da intensidade das combustões, bem como a reterida particularidade da pele, que era qualificada de anormal por que ninguém sabia explicá-la.

Mas que dizer de toda essa ignorância quando comparada à desorientação da ciência em face de fenômenos como o da memória, ou da bela memória ampliada e digna da mais alta admiração, que se denomina transmissão hereditária de qualidades adquiridas? Era totalmente impossível chegar a uma ideia vaga da explicação mecânica desse trabalho realizado pela substância celular. O espermatozoide, que transmitia ao óvulo as inúmeras e complexas peculiaridades da espécie e da individualidade do pai, era visível somente com o auxílio do microscópio, e o máximo aumento não bastava para apresentá-lo sob outro aspecto que o de um corpo homogêneo, nem para permitir a determinação da sua origem, pois o sêmen de todos os tipos de animais aparecia idêntico. Eram esses fatores da organização que impunham a hipótese segundo a qual o mesmo que se passa no corpo superior ocorria nas células que o compunham, que dizer, que estas também eram organismos superiores, compostos, por sua vez, de minúsculos corpos vivos, de unidades de vida individuais. Daí-se, portanto, um passo do elemento que se supusera como

o menor, para outro, de dimensões ainda mais reduzidas; sob a pressão da necessidade, as partes elementares eram decompostas em partículas subelementares. Não havia dúvida: assim como o reino animal era formado de diversas espécies de animais, e assim como o organismo dos animais e dos homens, de todo um reino de espécies de células, também o organismo da célula compunha-se de um vasto e múltiplo reino animal de unidades vitais elementares, cujo tamanho ficava muito longe do limite do que era possível ver com o microscópio; eram unidades que cresciam independentemente, que se multiplicavam segundo a lei de que cada uma só podia reproduzir suas semelhantes, e que, em conformidade com o princípio da divisão do trabalho, se iam num esforço coletivo à categoria de vida imediatamente superior à sua.

Esses eram os genes, os bioblastos, os bioíons — e Hans Castorp estava encantado de conhecê-los pelos nomes naquela noite glacial. Mas, como se achasse inspirado, perguntou-se a si próprio como se apresentaria a natureza elementar dessas unidades a quem as examinasse ainda mais de perto. Sendo portadoras de vida, deviam estar organizadas, pois a vida fundava-se na organização; mas, estando organizadas, não podiam ser elementares, mas sim um organismo não é elementar, senão múltiplo. Tratava-se, portanto, de unidades de vida interiores à célula que compunham organicamente. Assim

sendo, era, porém, Iorçoso Tue elas, apesar do seu tamanho incriYelmente peTueno, Iossem por sua Yez “construídas”, construídas de maneira orgânica, como Iormas de Yida. Pois a ideia da unidade YiYa identificaYa-se com a da construção à base de unidades menores, subordinadas, isto é: destinadas às finalidades de uma Yida superior. EnTuanto a diYisão tinha por resultado unidades orgânicas, dotadas das particularidades da Yida, a saber: as Iaculdades de assimilação, de crescimento e de multiplicação, para ela mesma não haYia limites. Com reIerência a unidades de Yida, seria, pois, errado Ialar de unidades elementares, Yisto o conceito da unidade encerrar ad infinitum o conceito acessório da unidade subordinada e componente; não existia Yida elementar, Tuer dizer, alguma coisa Tue Má Iosse Yida e ainda continuasse sendo elementar.

No entanto, embora a lógica não lhe aceitasse a existência, deYia em última análise existir TualTuer coisa dessas, Yisto Tue não se podia reMeitar a ideia da geração espontânea e, com isso, da Yida originada do não YiYente; aTuele abismo Tue em Yão se procuraYa Iechar na natureza exterior, o abismo entre a Yida e o inanimado, deYia de certa Iorma ser preenchido ou transposto, no seio orgânico da natureza. Em algum momento essa diYisão tinha Tue conduzir a “unidades” Tue, muito embora compostas, ainda não estiYessem organizadas e serYissem de intermediárias

entre a Vida e a não Vida, grupos de moléculas que formassem a transição entre as categorias da Vida e a mera Química. Mas quem chegasse à molécula Química Mãe se encontraria nas proximidades de um abismo, cujas fauces escondiam um mistério ainda muito maior do que o que se abre entre as naturezas orgânica e inorgânica: o abismo que separa o material do imaterial. Pois a molécula compunha-se de átomos, e o átomo não tinha seu tamanho suficiente para ser-lhe dada a qualificação de “extraordinariamente pequeno”. Era de um tamanho tão reduzido, uma condensação tão ínfima, tão precoce e tão transitória do imaterial, do ainda não material mas Mãe semelhante à matéria, da energia, que mal se podia considerá-lo matéria, e sim algo intermediário e limítrofe entre o material e o imaterial. Surgia o problema de uma outra geração espontânea, ainda mais enigmática e fantástica do que a gênese original orgânica: o da origem da matéria no imaterial. Com efeito, o abismo entre matéria e não matéria exigia ser transposto, e tão insistentemente, ou ainda com maior insistência do que o que existe entre a natureza orgânica e a inorgânica. Necessariamente deveria haver uma Química do imaterial, das combinações de que resultava o material, assim como os organismos nasciam de combinações inorgânicas. Podia ser que os átomos fossem os probiontes e as moneras da matéria — materiais, quanto à sua natureza, e todavia ainda imateriais. Mas ao se alcançar o ponto onde se tratava da coisa que “nem

seTuer é peTueno” toda a medida se esYaía; “nem seTuer peTueno” eTuiYalia a “imensamente grande”, e o passo dado em direção ao átomo maniIestaYa-se, sem exagero, como maldição no mais alto grau. Pois no instante da mais extrema dissecação e diminuição do material, descortinaYa-se de repente o cosmo astronômico!

O átomo era um sistema cósmico carregado de energia, e em cuMo seio graYitaYam planetas, numa rotação de espantosa rapidez, em torno de um centro semelhante ao sol, e cuMo éter era percorrido a uma Yelocidade só mensuráYel em anos-luz, por cometas mantidos nas suas órbitas excêntricas pela Iorça do corpo central. E isso não é uma simples comparação, tão pouco Tuanto o seria a Tue define o organismo multicelular como um “Estado de células”. A cidade, o Estado, a comunidade social organizada segundo o princípio da diYisão do trabalho não somente era comparáYel à Yida orgânica, mas até a repetia exatamente. Da mesma Iorma repetia-se no seio da natureza, na mais extrema redução, o uniYerso estelar macrocósmico cuMos grupos, nebulosas, constelações, configurações pairaYam empalidecidos pela lua, acima do Yale cintilante de neYe, ante os olhos do nosso adepto. Não seria lícito pensar Tue certos planetas do sistema solar atômico — esses enxames e essas Yias lácteas de sistemas solares Tue compunham a matéria —, ora, Tue um e outro desses

corpos celestes do mundo interior se encontraYam numa condição semelhante à Tue Iazia da Terra uma sede da vida? Para um MoYem adepto meio embriagado no seu íntimo, e cuMa pele se achaYa num estado “anormal”, para um homem Tue Má não estaYa completamente sem experiência no terreno das coisas proibidas, tal suposição não somente não era extraYagante, mas até se impunha com uma insistência inelutáYel, parecendo eYidente e tendo todo o cunho de lógica e de Yerdade. A “peTuenez” dos corpos celestes do mundo interior seria uma obMeção pouco incisiva, Má Tue a medida do Tue era grande ou peTueno perdia-se, mais tardar, no momento em Tue se eYidenciaYa o caráter cósmico das partes “mais minúsculas” da matéria, e Má Tue os conceitos de “exterior” e “interior” também Yiam abalada sua solidez. O mundo do átomo era um “exterior”, ao passo Tue o astro terrestre Tue habitamos era, se considerado do ponto de Yista orgânico, um proIundo “interior”, proYaYelmente. Não chegara certo sábio, nos seus sonhos audaciosos, a Ialar dos animais da Via Láctea, monstros cósmicos, cuMa carne, cuMo esTueleto e cérebro se compunham de sistemas solares? Mas, se isso sucedia assim como se afiguraYa a Hans Castorp, tudo começaYa apenas no instante em Tue se imaginaYa ter alcançado o término! Era possíYel Tue, no Iundo íntimo e mais remoto do seu ser, talYez se encontrasse ele mesmo, o MoYem Hans Castorp,

mais uma Yez, e mais cem Yezes, bem agasalhado num compartimento de sacada com Yista sobre a noite glacial e enluarada dos Alpes, a estudar a Yida do corpo, com os dedos enregelados e as Iaces ardentes, sob o impulso de um interesse médico-humanista?

A anatomia patológica, sobre a Tual ele seguraYa um manual inclinado para a luz Yermelha da lampadazinha, inIormaYa-o, por meio de um texto entremeado de ilustrações, acerca da natureza da aglomeração parasítica de células e acerca de tumores inIecciosos. Eram Iormas de tecidos — Iormas de caráter especialmente exuberante — proYocadas pela irrupção de células estranhas num organismo Tue se mostrara acolhedor e de algum modo — talYez seMa preciso dizer: de um modo um tanto perYerso — oIerecia condições IaYoráYeis a seu crescimento. O mal não era Tue o parasita priYasse de alimentos o tecido circundante; mas, no decorrer do metabolismo peculiar a toda célula, ele produzia combinações orgânicas surpreendentemente tóxicas e ineYitaYelmente perniciosas. Conseguira-se isolar e apresentar, sob uma Iorma concentrada, as toxinas de alguns microrganismos, e causara surpresa Yer Tuão minúsculas eram as doses dessas substâncias, simples combinações de albumina, Tue bastaYam para originar os mais perigosos Ienômenos de enYenenamento e a mais rapace perdição, Tuando introduzidas na circulação de

um animal. A aparência exterior dessa corrupção era a de uma excrescência dos tecidos, o tumor patológico, que constituía a reação das células contra o estímulo exercido pelos bacilos estabelecidos entre elas. Formam-se nódulos do tamanho de grãos de painço, composto de células cuja estrutura se parecia com os tecidos das mucosas, e entre as tuais, ou nas tuais, se instalavam os bacilos; algumas dessas células, extraordinariamente ricas em protoplasma, tornam-se gigantescas e multinucleares. Mas essa exuberância conduzia a uma rápida ruína, pois que os núcleos dessas células monstruosas entravam logo a se atrofiar e a se decompor, estragando-se o seu protoplasma em virtude da coagulação; nas zonas do tecido vizinho eram indicadas por uma irritação estranha; em tômos de inflamação iam se alastrando, e atacavam os vasos adjacentes; os glóbulos brancos, irresistivelmente atraídos, encaminhavam-se ao local do desastre; progredia a morte por coagulação, e, nesse ínterim, os venenos solúveis das bactérias máham embriagado os centros nervosos; o organismo alcançara uma temperatura elevadíssima, e cambaleava, por assim dizer, com ânimo alegre, rumo à própria dissolução.

Eis que tu havia a dizer sobre a patologia, a teoria da enfermidade, acentuação da dor física, tu, no entanto, como acentuação do elemento corporal, acentuava também a voluptua.

A enfermidade era a forma licenciosa da Vida. E a Vida, por sua vez? Não passa ela, Tuiçá, de uma doença iniecciosa da matéria, assim como a Tuilo Tue se podia denominar geração espontânea da matéria talvez fosse apenas uma enfermidade, uma excrescência causada por uma irritação do imaterial? O início da marcha para o mal, para a Yoluptuosidade e para a morte da Ya-se, sem dúvida, no lugar onde, proYocada pelo prurido de uma infiltração desconhecida, realiza Ya-se a Tuela primeira condensação do espírito, a Tuela Yegetação patologicamente exuberante do seu tecido, mescla de prazer e de repulsa, Tue constituía a fase mais primitiva do substancial, a transição do imaterial ao material. Eis o Tue era o pecado original. A segunda geração espontânea, a criação do orgânico pelo inorgânico Má não era mais do Tue uma intensificação maligna do progresso do corpo em direção à consciência, da mesma forma Tue a enfermidade do organismo era um exagero ébrio e um relevo indecente da sua natureza física. A Vida chega Ya a ser apenas o próximo passo no caminho aYenturoso do espírito Tue se tornara impudico, o cálido reflexo do pudor da matéria Tue fora despertada à sensibilidade e se mostrara disposta a corresponder ao apelo...

Montões de liYros acham-se empilhados na mesinha com a lâmpada. Um Mazia no chão, ao lado da espreguiçadeira, sobre a esteira da sacada, e a Tuela Tue Hans

Castorp estudara por último pesaYa-lhe sobre o estômago, oprimindo-o e embargando-lhe a respiração, sem Tue, entretanto, do córtex cerebral partissem aos músculos competentes ordens no sentido de o aIastarem. O MoYem lera a página até o fim, e seu Tueixo alcançara o peito. As pálpebras haYiam se Iechado espontaneamente por cima dos olhos azuis singelos. Ele Yia a imagem da Yida, a estrutura dos seus membros fluorescentes, a beleza cuMa portadora era a carne. Ela retirara as mãos da nuca; e os braços, Tue ela abriu, e em cuMo lado anterior, sob a pele delicada da articulação do cotoYelo, desenhaYam-se Yasos de sangue azulados, as duas ramificações das grandes Yeias — ora, esses braços eram de uma indizíYel doçura. Ela se aproximou dele, inclinou-se para ele, sobre ele, e ele sentiu-lhe o odor orgânico, sentiu-lhe o pulsar do coração. Algo delicado e cálido enlaçou seu pescoço, e enTuanto ele, desIalecendo de Yolúpia e angústia, pousou as mãos sobre o lado externo desses braços, ali, onde a pele granulosa Tue enYolYia o tríceps era de um Irescor aprazíYel, sentiu nos lábios a sucção úmida do beiMo dela.

DANÇA MACABRA

Pouco depois do Natal morreu o aristocrata austríaco... Mas antes celebrou-se o Natal, esses dois dias de festa, ou mais exatamente, incluindo-se a Yéspera, esses três dias, Tue Hans Castorp Yira aproximar-se com certo sobressalto e expectatiYa inTuieta, perguntando-se como passariam, e Tue então chegaram e decorreram como dias normais, com manhã, tarde e noite, e com um clima nada extraordinário (de leYe degelo), não se diIerenciando de outros de sua espécie, Tue surgem e desaparecem. LeYemente adornados em sua aparência externa, e pelo período Tue lhes Iora outorgado, exerceram domínio sobre os cérebros e corações das pessoas, até se tornarem passado, primeiro próximo, depois cada Yez mais distante, deixando atrás de si um rastro de impressões incomuns ao cotidiano...

O filho do conselheiro áulico, de nome Knut, Yeio passar as Iérias em DaYos e se aloMou com o pai na ala lateral do sanatório. Era um rapaz bonito, mas cuMa nuca também Má começaYa a salientar-se em demasia. A presença do MoYem Behrens Iazia-se sentir no ambiente. As senhoras mostraYam-se risonhas, Iaceiras e agitadas, e suas conYersas trataYam de encontros com Knut no Mardim, no bosTue ou no bairro do Cassino. Ele também recebeu Yisitas: certo número de colegas da uniYersidade subiu ao Yale, seis ou sete estudantes, aloMados

no YilareMo, mas Tue tomaYam as reIeições em companhia do conselheiro e, todos Muntos, percorriam a região em companhia de seu colega de turma. Hans Castorp procuraYa não encontrá-los. EYitaYa esses MoYens, e tanto ele como Joachim chegaYam a esTuiYar-se deles, por não terem Yontade alguma de conhecê-los. HaYia um mundo a separar esse adepto dos Tue YiYiam aTui em cima, de um lado, e esses rapazes Tue cantaYam, caminhaYam e brandiam bengalas, de outro. Hans Castorp nada Tueria saber nem ouYir a respeito deles.

Além disso, a maioria dos Yisitantes parecia natural do norte da Alemanha; talYez houYesse entre eles alguns conterrâneos, e Hans Castorp, ante conterrâneos, não experimentaYa outra coisa senão extrema aYersão. FreTuentemente ele YentilaYa, com antipatia, a possibilidade da chegada de hamburgueses ao BerghoI, tanto mais Tue Behrens dissera Tue essa cidade Iornecia ao estabelecimento um consideráYel contingente de clientes. Era possíYel Tue algum patrício seu se encontrasse entre os doentes graYes ou moribundos Tue ninguém Yia. VisíYel era apenas um comerciante de Iaces caYas, Tue se instalara Iazia algumas semanas à mesa da sra. Iltis, e do Tual diziam Tue era natural de CuxhaYen. Ao pensar nessa Yizinhança, Hans Castorp regoziMaYa-se com a dificuldade de estabelecer, ali em cima, TualTuer contato com pessoas de outras mesas, e com o Iato de sua terra natal ser muito extensa, e diYidida em diYersas

esIeras. A presença indifferente desse comerciante amenizou muito as preocupações. Ele despertara nele a ideia de topar com outros hamburgueses aTui em cima.

A Yéspera de Natal Ioi se aproximando, certo dia pareceu estar às portas, e no dia seguinte passou a estar presente... NaTuela ocasião, Tuando Hans Castorp se admirara de Má ouYir Ialar do Natal, haYia pelo menos seis semanas a separá-lo dele, tanto tempo, por conseguinte, Tuanto deYiam durar toda a sua permanência segundo o plano inicial e mais as três semanas que passara na cama. Mas as seis semanas de então, tal Tual se afiguraYa à retrospectiYa de Hans Castorp, tinham representado um tempo enorme, sobretudo sua primeira metade, ao passo que agora um período teoricamente igual significava Tuase nada: parecia-lhe que os comensais tinham razão Tuando Iaziam tão pouco-caso desse lapso de tempo. Seis semanas, nem seTuer tantas Tuantos os dias que uma semana tem — que importância tinham, Tuando se YentilaYa a Tuestão de saber o que era uma dessas semanas, um desses peTuenos

circuitos de segunda-Feira a domingo, e de noYo segunda-Feira? BastaYa considerar o Yalor e significado da próxima unidade mais compacta, na seTuência, para compreender que o resultado dessa soma não podia ser grande coisa, e que seu efeito, além do mais, tampouco passava de um Iorte encurtamento, desbotamento, encolhimento e aniTuilamento. Que era um dia,

contado, por exemplo, a partir do momento em que a gente se senta para almoçar, até a volta desse instante, e vinte e quatro horas depois? Nada — apesar de serem vinte e quatro horas. Mas, que era, afinal, uma hora, gasta, por exemplo, no repouso obrigatório, num passeio ou numa refeição — enumeração que esgota, aproximadamente, as possibilidades de se passar essa unidade de tempo? Outra vez, nada. O total desses nada pesa pouco. O caso torna-se mais sério, todavia, quando a escala descia às unidades menores: esses sete ezes sessenta segundos, durante os quais se mantinha o termômetro entre os lábios, a fim de poder prolongar a cura da temperatura, tinham uma vida tenaz, e seu peso era considerável; dilatam-se até formar uma eterna eternidade, inseriam períodos de extrema solidez na luga fantasmagórica do tempo imenso...

O dia de festa mal era capaz de perturbar o regime habitual dos habitantes do Bergho. Um belo pinheiro já erguido, alguns dias antes, ao lado direito da sala de refeições, junto à mesa dos “russos ordinários”, e seu aroma que, atraído do cheiro dos pratos abundantes, chegava às ezes até os comensais acendia um tuê pensativo nos olhos de algumas pessoas agrupadas em torno das sete mesas. Na hora do jantar do dia 24 de dezembro, a árvore ostentava enfeites variáveis de fios de prata, bolas de vidro, pinhões dourados, pedras

maças suspensas em redes e toda espécie de bombons. As Yelas de cera multicolor brilhaYam durante e após a reIeição. Segundo se dizia, também haYia arYorezinhas de Yelas acesas nos Tuartos dos doentes acamados; cada Tual tinha a sua. E nos últimos

dias, o correio trouxera encomendas em abundância. Também Joachim Ziemssen e Hans Castorp haYiam recebido remessas da sua terra na longínTua planície, mimos empacotados com carinho, Tue agora se achaYam espalhados pelos seus Tuartos: roupas escolhidas com esmero, graYatas, obMetos de luxo produzidos em couro e níTuel, bem como muitos doces próprios para a Iesta, nozes, maçãs e marzipã — proYisões Tue os primos contemplaYam com um ar incerto perguntando-se Tuando chegaria o momento de comer tudo isso. Como Hans Castorp sabia, o seu pacote Iora Ieito por Schalleen, Tue também comprara os presentes, após uma ponderada deliberação com os tios. A remessa Yinha acompanhada de uma carta de James Tienappel, redigida à máTuina, mas sobre o seu grosso papel particular. O tio transmitia as Ielicitações de Natal e Yotos de pronto restabelecimento, os do tio-aYô tanto como os seus próprios, e com muito senso prático acrescentaYa logo as Ielicitações pelo Ano-NoYo, na iminência de chegar, tal como Hans Castorp também fizera, Tuando, em tempo, escreYera deitado na

espreguiçadeira a carta de Natal ao cônsul Tienappel, comunicando ainda alguns pormenores acerca do seu estado de saúde.

Na sala de refeições, a árvore resplandecia, crepitava, exalava o seu perfume e mantinha viva nos corações e nos espíritos a consciência da hora. Todos se haviam engalanado; os senhores traziam smoking, e as senhoras exibiam jóias. Tuas tinham enfiado as mãos carinhosas dos maridos, de todas as zonas da planície. Também Cláudia Chauchat substituíra o costumeiro suéter de lã por um vestido de gala, Tuas tinha, todavia, algo de extraordinário, ou melhor, de nacional: era um costume claro, cinturado e bordado, de caráter rústico, russo ou pelo menos balcânico, talvez búlgaro, guarnecido de lanteoulas de ouro, e cujas amplas pregas faziam-lhe a silhueta parecer mais cheia do que normalmente, o que correspondia muito bem à Tuas Settembrini chamada a sua “fisionomia tártara” e sobretudo a seus “olhos de lobo da estepe”. Reineava grande alegria na mesa dos “russos distintos”, foi ali que espocou a primeira rolha de champanhe, Tuas então surgiu em Tuas todas as mesas. Na dos primos, a Yelha tia pediu-o para a sua sobrinha e para Marússia, e logo se pôs a regalar todo o mundo. O cardápio era seleto e terminava com pastéis de mel e bombons finos, completado por cáfé e licores. De vez em quando, um ramo de pinheiro Tuas se

incendiara e tinha de ser apagado depressa proYocaYa um pânico barulhento e exagerado. Settembrini, Yestido como sempre, e com um palito na mão, sentou-se um instante, pelo fim do banTuede, à mesa dos primos. Caçoou com a sra. St,hr e passou então a comemorar, em algumas Irases, o Filho do Carpinteiro e o Rabino da Humanidade, cuMo aniYersário se simulaYa nesse dia. Não se sabia com certeza se ele YiYera Yerdadeiramente. Mas o Tue nascera naTuela época e começara a sua marcha Yitoriosa, ininterrompida até hoMe, era a ideia do Yalor da alma indiYidual, Munto com a ideia da igualdade — numa palaYra, a democracia indiYidualista. A ela brindaYa, ao esYaziar a taça Tue lhe haYiam oIerecido. A sra. St,hr achou essa maneira de Ialar “eTuíYoca e desalmada”. LeYantou-se sob protesto, e, como os demais de TualTuer modo Má abandonaYam a sala de reIeições, também seus companheiros de mesa imitaram-lhe o exemplo.

A reunião noturna tornou-se solene e animada pela entrega dos presentes ao conselheiro áulico, Tue chegou acompanhado de Knut e da Mylendonk, para passar meia hora com seus pacientes. O ato teYe lugar na saleta dos aparelhos ópticos. O presente Tue os russos oIertaYam em separado consistia num obMeto de prata, uma bandeMa redonda, muito grande, em cuMo centro se achaYa graYado o monograma do conselheiro, e Tue, eYidentemente, não podia ter a menor serYentia. Em

compensação, o diYã, com o Tual os demais pensionistas haYiam presenteado o

médico, serYia ao menos para a gente se deitar, conTuanto ainda não tiYesse nem colcha nem almoIadas e Iosse simplesmente Iorrado de pano. Mas, a cabeceira era graduáYel, e Behrens logo experimentou a comodidade do móYel, estendendo-se ao comprido, com a bandeMa inútil sob o braço, cerrando os olhos e pondo-se a roncar Tual uma serraria; pretendia ser o dragão FaInir ao lado do seu tesouro. A hilaridade Ioi grande. Também a sra. Chauchat riu-se da cena; seus olhos estreitaram-se, e a boca estaYa muito aberta, exatamente, assim pareceu a Hans Castorp, como a de PribislaY Hippe Tuando se ria.

Assim Tue o cheIe saiu, Ioram todos sentar-se às mesas de Mogo. O grupo russo instalou-se, como sempre, no peTueno salão. Na sala de reIeições, alguns pensionistas permaneceram de pé, em torno da árYore de Natal, obserYando como os tocos de Yela se apagaYam nos peTuenos suportes de metal e saboreando os bombons Tue pendiam dos ramos. Às mesas, Má postas para o caIé da manhã, achaYam-se sentadas diYersas pessoas, distantes umas das outras, num isolamento silencioso; haYia Tuem apoiasse a cabeça nas mãos.

O primeiro dia de Natal Ioi úmido e brumoso. TrataYa-se apenas de nuYens, dizia Behrens, nuYens Tue enYolYiam o Yale. Nunca haYia cerração ali em cima. Mas, nuYens ou cerração — em todo

caso a umidade era penetrante. A neYe caída ia se derretendo na superÍicie, tornando-se porosa e pegaMenta. Durante o repouso obrigatório, o rosto e as mãos enregelaYam-se de maneira bem mais penosa do Tue em dias de Irio seco.

O dia distinguiu-se por um sarau musical, um Yerdadeiro concerto com cadeiras enfileiradas e programas impressos, oIerecido pela direção do BerghoI às pessoas daTui de cima. Era um recital de canções, executado por uma cantora profissional Tue YiYia em DaYos e daYa aulas. Ela leYaYa duas medalhas Munto ao decote do Yestido de gala. Tinha uns braços Tue se pareciam com bengalas e uma Yoz cuMo

timbre estranhamente surdo reYelaYa de modo lastimáYel os motiYos da sua permanência nessas alturas. CantaYa:

Levo comigo

O meu amor...

O pianista Tue a acompanhaYa também residia no YilareMo... A sra. Chauchat estaYa sentada na primeira fila, mas aproYeitou o interYalo para se retirar, de Iorma Tue Hans Castorp, a partir desse momento, teYe enseMo para escutar a música (era música, apesar de tudo) com o coração tranTuilo, seguindo a

letra das canções que se achava impressa nos programas. Durante algum tempo, Settembrini juntou-se a seu lado, antes que desaparecesse também, após ter feito algumas observações incisivas e plásticas acerca do bel canto surdo da cantora local e de ter observado, com alguma satisfação satírica, que mesmo nessa noite estava “em família”. Para falar a verdade, Hans Castorp sentiu-se aliviado quando ambos saíram, a mulher dos olhos estreitos e o pedagogo, permitindo-lhe de voltar livremente sua atenção às canções. Julgou acertado que no mundo inteiro se fizesse música, até sob as circunstâncias mais especiais, inclusive nas expedições polares.

O segundo dia de Natal, 26 de dezembro, não se distinguiu em nada, a não ser pela ligeira consciência da sua presença, de um domingo ou mesmo de um simples dia útil; e, quando chegou a seu fim, a festa de Natal pertencia ao passado, ou, como se poderia dizer com igual exatidão, estava novamente relegada ao longínquo porvir, à distância de um ano dali: doze meses, até a época em que se renovaria no ciclo do ano — enfim, apenas sete meses a mais do que Hans Castorp já acabara de passar atrás de si.

Mas, logo após o Natal desse ano, ainda antes do Ano-Novo, morreu o aristocrata austríaco. Os primos souberam por intermédio de Alreda Schildknecht, a chamada irmã

Berta, em Iermeira do pobre Fritz Rotbein, a Tual lhes comunicou no corredor o acontecimento, Tue exigia discrição. Hans Castorp interessou-se YiYamente pelo assunto, Má Tue as maniIestações de Yida do aristocrata haYiam Iormado parte das primeiras impressões Tue recebera ali — daTuelas impressões Tue, segundo lhe parecia, tinham proYocado a sensação de calor no seu rosto, a Tual persistia desde então — e também por motiYos morais, de natureza Tuase religiosa. Hans Castorp obrigou Joachim a uma prolongada conYersa com a diaconisa, Tue apreciaYa com gratidão e tenacidade o diálogo e a troca de opiniões. Era um milagre, dizia ela, Tue o caYalheiro houYesse chegado a Yer os dias de Iesta. HaYia muito Tue ele reYelaYa mesmo a persistência de um nobre caYaleiro, e ninguém podia explicar como Tue é Tue conseguira respirar nos últimos tempos. Verdade era Tue desde alguns dias só se sustentara graças a imensas Tuantidades de oxigênio; ainda ontem consumira Tuarenta balões, a seis Irancos cada um. Isso deYia ter custado um dinheirão, como os senhores podiam calcular; e cabia considerar Tuanto a isso Tue a esposa, em cuMos braços expirara, ficaYa YiúYa Má sem TuaisTuer recursos. Joachim desaprou esse desperdício. Para Tue aTuela tortura e aTuela demora artificial e custosa num caso totalmente desesperado? Não se podia censurar o homem por ter engolido cegamente o precioso gás YiYificante, Má Tue o tinham Iorçado a isso. Porém os Tue o trataYam deYeriam ter procedido com mais

siso, deixando-o, por Deus, trilhar o caminho ineYitáYel Tue lhe cabia, independentemente da situação financeira, e ainda mais em consideração a esta. Os YiYos também tinham algum direito. E ainda outras coisas nesse tom. Mas Hans Castorp replicou-lhe com ênIase. Censurou o primo por Ialar Tuase como Settembrini, sem respeito nem peMo diante do soIrimento. O aristocrata morrera, afinal, e em Iace desse Iato deYiam cessar TuaisTuer brincadeiras. Era só isso Tue lhes restaYa Iazer para demonstrarem a sua seriedade, e um agonizante tinha direito a toda a reYerência e a todas as honras. Hans Castorp insistia em deIender essa opinião. EsperaYa ao menos Tue Behrens não tiYesse ralhado com o aristocrata, Iazendo-lhe reprimendas sem piedade alguma. Não tinha haYido razão para isso, declarou a Schildknecht. Apenas no último momento houYe uma peTuena e inconsiderada tentatiYa de Iuga, Tuando o nobre caYalheiro procurou saltar da cama; mas bastou apontar-lhe de leYe a inutilidade de tal intento para, de uma Yez por todas, demoYê-lo da ideia.

Hans Castorp Ioi Yer o deIunto. E se o Iez Ioi por antipatizar com o sistema Yigente, de ocultamento, por desprezar a atitude egoísta dos outros, Tue não Tueriam saber nem Yer nem ouYir coisa alguma, e porTue deseMaYa, com sua ação, contrariar essa atitude. À mesa fizera uma tentatiYa no sentido de mencionar o óbito, mas houYera em Iace do assunto

uma repulsa tão unânime e tão obstinada que Hans Castorp sentira vergonha e indignação. A sra. Stenninghara chegara a mostrar-se agressiva. Que ideia era essa de Ivar das coisas?, perguntara. Que espécie de educação ele havia recebido? O regulamento da casa tinha o cuidado de proteger os pensionistas contra o contato com tais histórias, e agora tinha um noivo e se metia a Ivar disso em voz alta, Mustamente na hora do assado, e ainda em presença do dr. Blumenkohl, que a qualquer instante podia ter a mesma sorte. (Isso ela disse à boca fechada, sob o anteparo da própria mão.) Se algo assim se repetisse, ela iria falar-se ao diretor. Fora nesse momento que o insultado se decidira publicamente a prestar uma derradeira homenagem ao companheiro falecido, indo visitar-lo no seu leito de morte e rezando uma tácita oração. Convidara Joachim a que o acompanhasse.

Por intermédio da irmã Berta conseguiram adentrar a câmara mortuária, que se achava no primeiro andar, debaixo dos seus próprios quartos. Recebeu-os a irmã, uma loura fechada, desgredada, exausta pelas vigílias, de nariz

vermelho, com um lenço diante da boca; trazia um sobretudo grosso, com a gola levantada, pois fazia muito frio no recinto. Havia desligado a caleficação, e a porta da sacada estava aberta. Em voz abafada, os moços murmuraram algumas palavras dadas. A seguir, dolorosamente

conYidados por um gesto da mão, atraYessaram o Quarto em direção à cama, aYançando nas pontas dos pés, com passo reYerencioso e cadenciado, e permaneceram em contemplação diante do leito do morto, cada Tual à sua maneira: Joachim, numa posição militar, com os tacões unidos, saudando com uma leYe mesura; Hans Castorp, relaxado e pensatiYo, com as mãos cruzadas sobre o peito, e com a cabeça inclinada para o ombro, exibindo uma fisionomia semelhante àTuela com Tue costumaYa ouYir música. A cabeça do aristocrata Iora acomodada bem erguida, de maneira Tue o corpo, esse conMunto comprido, berço dos múltiplos processos da Yida, com os pés erguidos sob a extremidade da colcha, aparecia tanto mais plano, lembrando uma tábua. Uma grinalda de flores Mazia na região dos Moelhos, e o ramo de palmas Tue saía dela tocaYa as mãos grandes, amarelas e ósseas, Tue repousaYam entrelaçadas sobre o peito aIundado. Amarelo e ósseo era também o rosto com o crânio calYo, o nariz adunco, as maçãs acentuadas e o basto bigode ruiYo, cuMa espessura ainda contribuía para intensificar a concaYidade cinzenta das Iaces hirtas. Os olhos estaYam cerrados com uma firmeza pouco natural: não se Iecharam, Ioram Iechados, pensou Hans Castorp. ChamaYa-se a isso último tributo de amor, embora ele Iosse rendido antes em consideração aos YiYos do Tue ao morto. Era preciso Iazê-lo a tempo, imediatamente depois da morte; pois, uma Yez Iormada a miosina nos músculos, tornaYa-se impossíYel; então o cadáYer

permanecia estendido, olhando fixamente, e Má não se podia manter a doce ilusão do “adormecimento”.

Como um perito, sentindo-se em seu elemento sob mais de um aspecto, Hans Castorp detinha-se ao lado da cama, cheio de competência, mas também de piedade.

— Parece dormir — disse por compaixão, ainda Tue houYesse enormes diIerenças.

A seguir, com a Yoz abaIada como conYinha, entabulou conYersa com a YiúYa do aristocrata, inIormando-se sobre o martírio do marido, sobre os últimos dias e instantes, e sobre o Iuturo transporte do corpo para a Caríntia. A simpatia e a compreensão Tue suas perguntas demonstraYam tinham um caráter ao mesmo tempo médico e sacerdotal. A YiúYa expressaYa-se no seu dialeto austríaco, numa Iala arrastada e Ianhosa, às Yezes interrompida por soluços. Pareceu-lhe notáYel Tue dois MoYens maniIestassem tanta disposição para participar da mágoa alheia; ao Tue Hans Castorp respondeu Tue seu primo e ele também estaYam enIermos; Tuanto à sua própria pessoa, em idade muito tenra Má se achara Munto ao leito de morte de parentes próximos; era órIão de pai e mãe, e por conseguinte Iamiliarizado com a morte, desde haYia muito tempo. Ela indagou pela profissão Tue Hans Castorp escolhera. Ele explicou Tue “Iora” de uma área técnica. Fora?

Sim, no sentido de que agora a enfermidade e a duração bastante incerta da permanência ali em cima lhe haviam estorvado os planos, o que sem dúvida representa um marco importante e talvez um novo rumo para a sua existência. Isso não se podia prever. (Joachim lançou-lhe um olhar observador e espantado.) E o senhor seu primo? Ele deseja ser soldado, lá embaixo na planície, é aspirante. Oh!, Ioi o que ela disse, e acrescentou que a profissão militar, com efeito, era apropriada para induzir à seriedade, e um soldado devia andar preparado para certas circunstâncias que o pusessem em contato direto com a morte. Talvez lhe fizesse bem habituar-se desde cedo ao seu aspecto. E ela despediu os hóspedes, expressando gratidão com uma calma amável que não podia deixar de causar respeito a quem considerasse a sua situação angustiosa e, sobretudo, a ele dada conta de oxigênio que lhe legara o marido. Os primos voltaram aos seus quartos. Hans Castorp mostrou-se satisfeito com a visita e piedosamente inspirado pelas impressões que acabara de receber.

— Requiescat in pace — disse. — Sit tibi terra levis. Requiem aeternam dona eis, Domine.6 Você está vendo, quando se trata da morte, ou a gente se dirige a um morto ou refere-se a ele, volta a vigorar o latim; essa é a língua oficial para esses casos, e assim se vê como a morte é coisa bem especial. Mas não é por mera cortesia humanista que se fala latim

em sua honra. A língua dos mortos não é o latim. Tu se aprende na escola, sabe? Tem um espírito muito diferente, um espírito completamente oposto, pode-se dizer. É o latim sacro, o dialeto monacal, é a Idade Média, um canto surdo, subterrâneo, monótono em certo sentido: a Settembrini nada disso agradaria, humanistas, republicanos e esse tipo de pedagogos não têm tais coisas em conta, pois elas têm de um outro pendor do espírito, do outro pendor Tu há. Acho Tu deYemos ter clareza Tuanto a esses diferentes pendores, ou diferentes tendências, como seria melhor dizer: pois há duas, a piedosa e a liYre. Ambas têm suas Yantagens, mas o Tu me Iaz antipatizar com a liYre, Tuero dizer, com a settembriniana, é Tu ela pretende ter o monopólio da dignidade humana, e isso é exagero. A outra também encerra, a seu modo, muita dignidade humana e dá enseMo a boas doses de decência, atitudes corretas e Iormalidade solene, até mais Tu a atitude “liYre”, embora Yise especialmente à IraTueza e à instabilidade dos homens, e embora o pensamento sobre morte e decomposição desempenhe nela um papel tão importante. Você Má Yiu Don Carlos no teatro e as coisas Tu se passam na corte espanhola, Tuando entra o rei Filipe Yestido todo de preto, com a ordem da Jarreteira e a do Tosão de Ouro, e tira então bem deYagar o chapéu, esse Tu se parece muito com nossos chapéus-coco, afinal, ele o leYanta e diz: “Cobri-Yos, meus Grandes!”, ou TualTuer coisa nesse sentido. Não se pode negar Tu isso é um

comportamento sumamente comedido, nele nada nos lembra relaxamento e costumes descuidados, pelo contrário. A própria rainha diz: “Na minha França, tudo era diferente”. Claro, para ela tudo isso é complicado e meticuloso demais, ela desejava um ambiente mais alegre, mais humano. Mas que quer dizer humano? Tudo é humano. O temor a Deus, o elemento humilde e solene, além de rigorosamente contido, peculiar aos espanhóis, é uma espécie de humanidade muito digna, penso eu, e por outro lado essa palavra “humano” pode encobrir toda a desordem e negligência. Não está de acordo?

— Nesse ponto concordo com você — disse Joaquim. — Também não suporto negligência e moleza. Tem que haver disciplina.

— Pois é. Você diz isso como militar, e eu não nego que no Exército entendem desse assunto. A rainha tinha plena razão quando disse que vocês têm um caráter sério, porque é sempre preciso contar com a pior das eventualidades e estar preparado para um encontro com a morte. Vocês têm o uniforme que é limpo e lustroso e usam um colarinho engomado. Essas coisas dão às pessoas um certo decoro. E existem ainda a hierarquia e a obediência, e um soldado presta honra ao outro, cerimoniosamente. Tudo isso se faz dentro do espírito espanhol, por devoção, e no fundo me agrada bastante. Entre nós, os paisanos, de há muito há muito mais desse espírito, em nossos

costumes e em nossa atitude. É o que eu prefiro e que me parece conveniente. Parece-me que o mundo e a vida foram feitos de sorte que deveríamos sempre andar de preto, com uma goliça engomada em lugar do colarinho, e manter uns com os outros relações graves, reservadas e formais, recordando-nos da morte. Eu gostaria que fosse assim. Acho que isso corresponde à moral. Olhe, aí temos mais um desses erros e dessas presunções de Settembrini. É ótimo que a nossa conversa me proporcione uma oportunidade para falar sobre isso. Ele imagina ter monopolizado não somente a

dignidade humana, mas também a moral, por causa da sua “atividade prática” e das suas solenidades dominicais em prol do progresso (como se certamente nos domingos não houvesse mais em que pensar, além de progresso) e com seu extermínio sistemático dos males. Desse assunto você não está inteirado, ele me contou tudo para me trazer boa instrução: o homem quer exterminar os males de modo sistemático, por meio de uma enciclopédia... Mas, se é certamente isso que me parece imoral, que fazer? Claro que não o digo a ele, por que logo me esmagaria com a sua língua plástica e diria: “Eu o estou prevenindo, Engenheiro!”. Mas pelo menos tenho o direito de pensar o que quero. “Mestade, conceda-nos liberdade de pensamento!” — ele concluiu. (Nesse meio-tempo haviam chegado ao quarto de Joachim, e este se preparava para o repouso.) — Mas você lhe

dizer uma coisa, sobre o Tue tenho a intenção de Iazer. ViYemos aTui lado a lado com pessoas agonizantes e com o mais graYe soIrimento e martírio, no entanto essa gente não só se comporta como se nada tiYesse Tue Yer com isso, mas também é isolada e protegida contra o mínimo contato com essas coisas, e delas nada Yê. Tenho certeza de Tue Iarão desaparecer o aristocrata austríaco, clandestinamente, enTuanto estiYermos Mantando ou tomando o caIé da manhã. Acho isso contrário à moral. A St,hr ficou Iuriosa, bastou Tue eu mencionasse o Ialecimento. Não suporto tamanha estupidez. Que ela não tenha a mínima cultura e pense Tue Leise, leise, fromme Weise é do Tannhäuser, como afirmou Iaz poucos dias à mesa, Yá lá; mas, com tudo isso, poderia ter sentimentos um pouco mais morais, e os outros também. Por isso me propus ocupar-me no Iuturo dos enIermos graYes e dos moribundos da casa. Isso me Iará bem. Essa Yisita Tue acabamos de Iazer também me animou, em certo sentido. O coitado do Reuter, do número 25, aTuele rapaz Tue eu Yi pela Iresta da porta, logo nos primeiros dias da minha estada aTui, deYe Iazer muito tempo Tue se encaminhou ad

penates, para depois ser descartado na surdina; e Má naTuela ocasião ele tinha os olhos tão exageradamente grandes. Mas restam muitos outros, a casa está cheia, nunca Ialtam noYas chegadas, e a irmã Berta, ou a superiora ou talYez o próprio

Behrens certamente nos ajudará a estabelecer relações com algumas dessas pessoas; não é possível que seja tão difícil assim. Imagine algum moribundo aniversário, e a gente fica sabendo da data... são coisas que se podem descobrir. Pois bem, entramos ao quarto desse homem, ou dessa senhora, a ele ou a ela, segundo o caso, um vaso com flores, um gesto de atenção de dois companheiros anônimos, com os melhores votos de pronto restabelecimento: a palavra “restabelecimento” sempre convida, por mera cortesia. Por certo acabará por revelar nossos nomes à referida pessoa, e ele ou ela, em seu estado de fraqueza, nos mandará transmitir suas saudações pela fresta da porta, talvez até nos convidar para entrar no quarto por um instante. Então trocaremos algumas palavras de humanidade com essa pessoa, antes que ela se dissipe. É assim que imagino a coisa toda. Você está de acordo? De minha parte, estou decidido.

Joachim pouco tinha que opor a esse projeto.

— É contrário ao regulamento da casa — disse. — Sob certo ponto de vista, você o irritaria. Mas, excepcionalmente, e como você insiste tanto, pode ser que o Behrens lhe dê a licença. Refira-se ao seu interesse pela medicina...

— Sim, entre outras coisas vou me referir a isso também

— respondeu Hans Castorp, e, realmente, os motivos de que nascera o seu desamor eram complexos. O protesto contra o egoísmo reinante era apenas um dentre eles. O que ainda contribuía para a sua decisão era, antes de tudo, a necessidade que experimentava o seu espírito de tomar a sério e de poder honrar o sofrimento e a morte; necessidade que ele esperava satisfazer e fortificar pelo contato com os enfermos graves e os agonizantes; tal contato compensaria os múltiplos insultos a que essa dita necessidade se via exposta a cada passo, cada dia e cada momento, e os quais confirmavam, de modo chocante, certas opiniões de Settembrini. Exemplos que corroborassem tal coisa existiam em abundância. Se interrogássemos a Hans Castorp, ele citaria em primeiro lugar, talvez, certos habitantes do Berghof que, segundo sua própria confissão, absolutamente não estavam doentes e estavam ali por vontade espontânea, sob o pretexto oficial de uma ligeira infecção, mas em realidade só para se divertirem, e porque lhes comprazia o estilo de vida dos enfermos; um caso desses era a Frau Hessel, já mencionada ocasionalmente, mulher muito jovem cuja paixão era apostar. Apostava com os cavalheiros, fazia tudo parada a respeito de qualquer assunto; apostava pelo tempo que iria lá fora, pelos pratos que seriam servidos, pelos resultados dos futuros exames gerais e pelo número de meses que seriam impostos a determinada pessoa, por

certos trenós, campeões de esqui ou de patinação, quando das competições desportivas, pelo desenrolamento das intrigas amorosas que eram tecidas entre os pensionistas, enfim, por mil coisas na sua maioria insignificantes e indiferentes; apostas de chocolate, champanhe ou café, que então eram solenemente consumidos no restaurante, apostas de dinheiro, entradas de cinema e beijos a dar ou a receber — numa palavra, com essa sua mania animada e sensacionalizada que tinha na sala de refeições. Mas tal conduta afigurava-se pouco séria ao jovem Hans Castorp, e a sua simples existência parecia-lhe uma afronta à dignidade desse lugar de sofrimentos.

Pois, no íntimo, ele se empenhava lealmente em proteger essa dignidade e em mantê-la perante si próprio, por mais difícil que isso se lhe tornasse depois de quase meio ano de permanência entre os de cima. Os olhares que pouco a pouco conseguira lançar na vida, nas atitudes, nos hábitos e nos conceitos dessas pessoas, não eram

apropriados para incrementar a boa vontade dele. Havia lá aqueles dois peraltinhos magros, de dezessete e dezoito anos, respectivamente, e cognominados de “Juca e Chico”; as escapadas noturnas dos dois, com o fim de chegar pôr ou cair na bebedeira, davam abundante assunto às conversas do mundo feminino. Recentemente, isto é, oito dias depois do Ano-Novo (pois não nos esqueçamos de que, enquanto narramos, o

tempo progride sem descanso no seu curso silencioso), diIundiuse durante o almoço a notícia de Tue o massagista, em plena manhã, encontrara os dois rapazes estendidos sobre as suas camas, ainda traMando os smokings amarrotados. Também Hans Castorp se riu disso; mas essa história, por mais Tue lhe enYergonhasse os sentimentos eleYados, não era nada em comparação com as aYenturas do adYogado EinhuI, de Jüterbog, um Tuarentão com caYanhaTue e com mãos cobertas de pelos negros, Tue Iazia algum tempo ocupaYa, à mesa de Settembrini, o antigo lugar do sueco restabelecido; ele não somente YoltaYa para casa em estado de completa embriaguez, noite após noite, mas alguns dias antes nem seTuer regressara, até ser encontrado no dia seguinte, estatelado no Mardim. PassaYa por um estroina perigoso, e a sra. St, hr era capaz de apontar com o dedo para a MoYem noiYa de um senhor na planície Tue, em determinada hora, Iora Yista ao sair do Tuarto de EinhuI, enYolta unicamente num abrigo de peles sob o Tual, segundo se afirmaYa, haYia apenas uma combinação. Era escandaloso, não só com respeito à moral em si, mas também escandaloso e oIensiYo para Hans Castorp em pessoa, se considerados os seus esIorços espirituais. Acrescia a isso Tue ele era incapaz de pensar na pessoa do adYogado sem incluir nos seus pensamentos também Fränzchen Oberdank, aTuela mocinha de cabelos lisos, Tue haYia poucas semanas chegara ali, apresentada pela mãe, uma digna matrona proYinciana.

Quando da sua chegada e após o primeiro exame, Fränzchen Oberdank Iora considerada um caso leYe.

Mas, seMa Tue ela houYesse cometido alguma imprudência, seMa Tue se tratasse de um daTueles casos em Tue o ar era bom não para combater, senão para fomentar a doença, ou seMa, ainda Tue a peTuena se tiYesse enredado em certas intrigas e desgostos Tue lhe preMudicassem a saúde — em todo caso sucedeu o seguinte, Tuatro semanas depois do seu internamento: ao Yoltar de um segundo exame e ao entrar na sala de reIeições, Mogou a bolsinha ao ar e exclamou em Yoz muito alta: “ViYa! Tenho de ficar aTui um ano inteiro!”, o Tue proYocou uma gargalhada homérica em toda a sala. Quinze dias após, porém, circulou o rumor de Tue o adYogado EinhuI se portara como um canalha com Fränzchen Oberdank. Aliás, essa expressão Yai por nossa, ou melhor: por conta de Hans Castorp, Má Tue os portadores do boato não MulgaYam o assunto de natureza bastante inédita para Mustificar palaYras tão Yiolentas. Além disso deram a entender, encolhendo os ombros, Tue para tais coisas era indispensáYel a presença de duas pessoas e Tue, sem dúYida, nada ocorrera sem o consentimento e o deseMo de ambos os interessados. Pelo menos eram essas a atitude e a opinião moral da sra. St, hr diante do caso em apreço.

Karoline St, hr era terríYel. Se haYia algo capaz de perturbar Hans Castorp nos seus sinceros esIorços espirituais era a

existência e o comportamento dessa mulher. Suas gaíes contínuas Má teriam bastado. Dizia “agônia” em vez de “agonia”, “insolente” em lugar de “insolente”, e produzia as mais espantosas tolices sobre os fenômenos astronômicos. Tinha originado um eclipse solar. Afirma que o excesso de neblina era o “flagício dos moradores”, e certo dia provocou a prolongada surpresa do sr. Settembrini, ao dizer que estava lendo um livro tirado da biblioteca do estabelecimento, e que lhe interessaria: Benedetto Cennelli, na tradução de Schiller! Ela usava de preferência lugares-comuns. Tinha atacado os nervos do moço Hans Castorp, por sua insipidez e vulgaridade inerente a expressões em moda, como, por exemplo, “É de tirar o chapéu!” ou “Você não faz ideia!”. E como a expressão “formidável”, que o linguista da moda durante muito tempo usava em lugar de “esplêndido” ou “perfeito”, já se mostrasse totalmente gasta, debilitada, prostituída e, por isso, antipática, ela então adotou o último grito da moda, que era a palavra “fenomenal”; e a partir desse momento, a sério ou por brincadeira, passou a achar tudo fenomenal: a pista de trenó, a sobremesa vienense e a temperatura do seu próprio corpo — o que também causava impressão assustadora. Não bastasse, ainda havia sua desmedida mania de mexericar. Ela contou que naquela dia a sra. Salomon estava usando sua calcinha de rendas mais preciosa, já que tinha hora marcada para um exame e ostentar

nessas circunstâncias a sua roupa mais fina diante dos médicos — isso ainda já lá; o próprio Hans Castorp já teria a impressão de que o ato do exame médico, independente do seu resultado, causava prazer às senhoras, e para essa ocasião se enfeitavam com uma garridice toda especial. Mas, e pensar quando a sra. St. Iler assegurava que a sra. Redisch, de Posen, suspeita de sofrer de tuberculose da medula espinhal, era obrigada a marchar uma vez por semana completamente nua diante do dr. Behrens? A inverossimilhança dessa afirmação talvez igualava seu caráter escabroso, mas a sra. St. Iler defendia-a com a maior obstinação e nunca dizia a verdade, apesar de ser difícil de compreender por que a coitada despendia tanto zelo, ênfase e insistência em tais assuntos, uma vez que as suas próprias preocupações já lhe davam bastante que fazer. De vez em quando a coisa vinha-na acessos de um desassossego com o choro e lamurimento, motivado aparentemente por um aumento da sua “lassidão” ou pela ascensão da sua cura. Então ela ia à mesa aos prantos, com as faces ásperas e vermelhas inundadas de lágrimas; abanando o choro com o lenço, contava que o Behrens tentava metê-la na cama; mas queria saber o que o médico dissera sobre ela pelas costas, queria saber o que tinha, o que seria dela, queria arrostar a verdade. Com grande espanto notou certo dia que os pés da sua cama achavam-se dirigidos para o portão de entrada, e talvez que deslececeu ao

Fazer essa descoberta. Não foi fácil entender sua raiva e seu horror, e sobretudo Hans Castorp custou a encontrar uma explicação plausível. E daí? Como assim? Por que a cama não deveria ficar como estava? Mas, por Deus do céu, como é que ele não compreende?

— Com os pés para a frente!...

Ela fez um estardalhaço medonho, e foi necessário mudarem a posição da cama, mesmo que depois a luz passasse a dar-lhe bem no rosto e lhe prejudicasse o sono.

Nada disso era sério; e tinha muito pouco a ver com as aspirações espirituais de Hans Castorp. Um incidente particularmente curioso, que naquela época ocorreu durante uma das refeições, causou ao jovem uma impressão particularmente forte. Um pensionista recém-chegado, o professor Poppe, homem macilento e taciturno, que tinha o seu lugar à mesa dos “russos distintos” em companhia da sua noiva igualmente magra e silenciosa, foi presa, no meio do almoço, de um violento ataque de epilepsia; lançando aquele grito cujo caráter demoníaco e inumano tem sido descrito inúmeras vezes, caiu ao chão e rolou-se ao lado da cadeira, nas mais horripilantes contorções, agitando os braços e as pernas. Uma circunstância agravante era que ele acabara de ser morto, de maneira que era de recear que Poppe, no seu enleamento, tivesse cravado alguma espinha na garganta. O tumulto foi indescritível.

As mulheres, em primeiro lugar a sra. St,hr, sem Tue no entanto lhe ficassem atrás as sras. Salomon, Redisch, HessenIeld, Magnus, Iltis, LeYi e Tuais outros Iossem seus nomes, tiYeram todas elas os mais Yariados chiliTues, a ponto de algumas se igualarem ao sr. PopoY. Seus gritos eram estridentes. Não se Yia mais Tue olhos histericamente cerrados, bocas abertas e corpos retorcidos. Uma única senhora preIeriu desmaiar em silêncio. HouYe crises de suIocação, Má Tue todos haYiam sido surpreendidos pelo tremendo incidente no ato de mastigar e de engolir. Parte dos pensionistas sumiu-se por tudo Tue era porta, também pelas do aYarandado, não obstante o Irio e a umidade Tue reinaYam Iora. Mas essa ocorrência tinha, além do seu caráter horrendo, ainda um cunho especial e chocante, em Yirtude de uma associação de ideias Tue se impunha e a relacionaYa com a última conIerência do dr. KrokoZski. É Tue o analista, no decorrer das suas explanações acerca do amor como Iator patogênico, na segunda-Ieira anterior, tratara Mustamente da epilepsia; esse mal Tue a humanidade, em tempos pré-analíticos, considerara ora uma proYa sagrada, até mesmo proIética, ora uma possessão do demônio, o dr. KrokoZski Tualificara-o em termos poéticos, mas também inexoraYelmente científicos, como eTuiYalente do amor e como orgasmo do cérebro; numa palaYra, interpretara-o de tal Iorma Tue aos seus ouYintes o

comportamento do professor Popo, espécie de ilustração da conivência, afigurava-se como uma revelação descomedida ou um escândalo misterioso. Assim, ter-se-ia exprimido na Iuga das senhoras um certo pudor. O próprio dr. Behrens assistiu a essa revelação, e foi ele, com o auxílio da Mylendonk e de alguns companheiros de mesa MoYens e robustos, quem retirou da sala o extático (azul, espumante, rígido e desfigurado) e o transportou ao Vestíbulo, onde Popo permaneceu ainda muito tempo sem sentidos, enquanto os médicos, a superiora e outros membros do pessoal da casa se ocupavam com ele, antes de levarem numa padiola. Algum tempo depois, porém, viu-se de novo o professor Popo com a noiva, à mesa dos “russos distintos”, a terminarem o almoço silenciosos e satisfeitos, como se nada tivesse acontecido.

Hans Castorp presenciara o incidente com os sinais exteriores de um respeitoso espanto, se bem que no fundo, Deus o perdoasse, também isso não lhe tivesse parecido muito sério. Verdade é que Popo poderia ter se engasgado,

por estar com a boca cheia de peixe; mas, em realidade, não se engasgara, e, apesar da Iúria e do paroxismo inconsciente, ainda tivera um pouco de cuidado, fazendo como se jamais se tivesse comportado tal um louco ou um ébrio raioso. Talvez nem sequer se lembrasse do ocorrido. Essa figura tampouco apresentava contornos capazes de fortalecer o respeito de Hans

Castorp diante do sofrimento; também ela aumentava, à sua maneira, o número das impressões de licenciosidade Iríyola, às Tuais o MoYem, mau grado seu, se Yia exposto ali em cima, e Tue deseMaYa enIrentar por meio de uma ocupação com os doentes graYes e moribundos, ainda Tue isso Iosse contrário ao uso estabelecido.

No andar dos primos, não longe dos seus Quartos, achava-se acamada uma mocinha muito nova, de nome Leila Gerngross, a Tual, segundo informações da irmã Berta, estava a ponto de morrer. No espaço de dez dias tivera quatro hemoptises violentíssimas, e seus pais acabavam de chegar, a fim de levá-la para casa, enquanto Yiyá, se possível; tornara-se maniísto, porém, Tue isso era impraticável: o conselheiro áulico declarara Tue a pobre da petuena Gerngross não estava em condições de ser transportada. Ela tinha dezesseis ou dezessete anos. Hans Castorp achou Tue esta era a oportunidade deseMada para realizar o seu prometido do Yaso de flores e dos Yotos de restabelecimento. Na Verdade, Leila não estava fazendo aniversário, o Tue, segundo as previsões humanas, nunca mais ocorreria, Má Tue a data do seu aniversário, como Hans Castorp descobrira, só chegaria na primavera. Mas isso, conforme sua decisão, não devia constituir obstáculo à tal homenagem caridosa. Num dos seus passeios do meio-dia pela zona do Cassino, entrou com o primo na loja de um florista, respirando

com o peito emocionado a atmosfera carregada de perfumes e de um cheiro de terra úmida. Comprou um lindo pé de hortênsia, entregou ao quarto da MoYem moribunda, anonimamente, com um cartão, no qual

se lia apenas: “Da parte de dois companheiros, com os melhores votos para o seu pronto restabelecimento”.

Sentiu-se alegre ao dar a respectiva ordem, entretido pelo aroma agradável das plantas e pelo ar tépido da sala, e, depois do irio exterior, lhe veio lacrimar os olhos; seu coração palpitava, e enchia-o uma sensação de aventura, de audácia e do caráter oportuno dessa empresa insignificante, à qual atribuía, em segredo, uma importância simbólica.

Leila Gerngross não tinha nenhuma particular; achava-se confiada aos cuidados imediatos da srta. Von Mylendonk e dos médicos. No entanto, a irmã Berta entrava a toda hora no seu quarto, e foi ela que informou os meios quanto ao efeito que produzia a atenção deles. A pequena, naquele mundo estreito em que a confinava o seu estado desesperador, sentira um prazer louco ante a saudação vinda de mãos desconhecidas. A planta achava-se ao lado da cama; a mocinha acariciava-a com os olhos e as mãos, fazia questão de que a regassem, e, mesmo durante os piores acessos de tosse que a sacudiam, ainda mantinha cravados nela os olhos torturados. Também os pais, o pai aposentado, sr. Gerngross, e sua

esposa, esta Yam como Yidos e simpaticamente impressionados, e, como não conhecessem os habitantes da casa e não soubessem ad Yinhar o nome do o Iertante, a srta. Schildknecht não pudera deixar, como ela própria con Iessou, de correr Yéu do anonimato e de designar os primos como os autores do mimo. Transmitiu-lhes o con Yite dos três Gerngross para Tue Iossem apresentar-se e acolher sua gratidão, e Ioi assim Tue, dois dias após, conduzidos pela en Iermeira, os dois adentraram, sobre a ponta dos pés, a câmara de martírio de Leila. A agonizante era uma criatura loura, muito amá Yel e encantadora, com uns olhos cor de não-me-es Tueças; e, apesar das terrí Yeis perdas de sangue e da respiração Ieita com sobras escassas de tecido pulmonar ati Yo, o Ierecia um aspecto Tue, embora Irágil, nada tinha de lastimoso. Agradeceu e iniciou a con Yersa numa Yoz um tanto apagada, mas agradá Yel. Um brilho rosado surgiu-lhe nas Iaces e nelas permaneceu. Hans Castorp, após ter explicado os moti Yos da sua ação aos pais e à en Ierma e Tuase se ter desculpado por ela, Ialou numa Yoz aba Iada e como Yida, cheio de carinhosa de Ierência. Faltou pouco — e em todo caso existiu o impulso íntimo nesse sentido — para Tue a Moelhasse ao pé da cama. Durante muito tempo conser You a mão de Leila entre as suas, posto Tue essa mãozinha Tuente não esti Yesse apenas úmida, mas até alagada de suor, pois a menina transpira Ya

abundantemente; sua Ya com tamanha intensidade. Tu sua carne de Yeria ter se encolhido e estiolado há muito tempo, não houvesse, para compensar a transudação, o consumo árido de reiresco, do Tual ha Ya uma garra Ia cheia sobre o criado-mudo. Os pais, aflitos como esta Yam, mantinham a conversa em conormidade com o bom-tom, por meio de perguntas a respeito do estado de saúde dos primos e de outros recursos convencionaes. O ma Mor era um homem espadaúdo, de testa baixa e bigode eriçado, um gigante, cuMa inocência orgânica Tuanto à predisposição enIermiça da filha salta Ya aos olhos. Responsável por a Tuilo era mais a esposa, bem se nota Ya, uma baixinha de tipo decididamente físico, cuMa consciência parecia de Yeras pesada em Yirtude da herança Tué legara à filha. Quando Leila, ao cabo de dez minutos, deu sinais de Iadiga (o rosado das Iaces intensificou-se, enTuanto seus olhos de não-me-estueças assumiram um brilho inTuietante) e os primos, adYertidos pelos olhares da irmã AIreda, despediram-se, a sra. Gernross acompanhou- os até Iora do Tuarto, entregando-se a acusações a si mesma, Tué calaram Iundo em Hans Castorp. Dela, só dela, é Tué poderia Yir algo assim, assegurou a mulher compungida; por causa dela é Tué a pobre menina tinha a Tuilo, o marido nada tinha Tué Yer com a coisa, a mínima participação seTuer. Mas também ela, podia garantir, não

soIrrera do mal senão de Iorma passageira, só um pouTuinho, coisa leYe, Tuando moça. Depois se curara por completo, como lhe haYiam certificado, Tuando Tuisera casarse. GostaYa tanto da Yida e do casamento Tue assim conseguira a cura; ao selar o matrimônio Má estaYa completamente sadia e restabelecida, e seu Tuerido esposo, Iorte como um carYalho, nem de longe pensara em tais histórias. No entanto, por mais puro e Yigoroso Tue Iosse o marido, sua influência não pudera impedir a desgraça. Pois na filha reaparecera o horror, aTuele mal enterrado e esTuecido, e a menina não será capaz de Yencê-lo, sucumbirá a ele, ao passo Tue ela própria, a mãe, triunIara e chegara a uma idade de maior resistência. A coitadinha, a menina Tuerida iria morrer, os médicos Má não lhe daYam esperança, e somente ela mesma era culpada, a mãe, com seus antecedentes.

Os MoYens empenharam-se em consolá-la, sugerindo a possibilidade de um desIecho Ieliz. Mas a mulher do maMor limitou-se a soluçar. Mais uma Yez lhes agradeceu tudo Tuanto haYiam Ieito pela filha, a hortênsia e a Yisita com a Tual acabaYam de distrair a menina e proporcionar-lhe um pouco de Ielicidade. A pobrezinha achaYa-se deitada ali, no seu tormento e na sua solidão, enTuanto outras mocinhas gozaYam a Yida e dançaYam com rapazes bonitos, deseMo Tue a enIermidade não aniTuilaYa de modo algum. Eles, de sua parte, lhe haYiam

transmitido alguns raios de sol, talvez os últimos, meu Deus. A hortênsia era como um triunfo num baile, e a conversa com os dois cavalheiros de boa aparência representara para a menina o mesmo que um flirt breve e alegre, como ela, a mãe Gerngross, notara tão bem.

Essas palavras causaram a Hans Castorp uma impressão desagradável, sobretudo porque a mulher do médico não pronunciara a palavra “flirt” corretamente, ou seja, não à maneira inglesa, senão alemã, com um nítido “i”, o que o irritou. Além disso ele não era um cavalheiro de boa aparência, mas visitara a petuena Leila em sinal de protesto contra o egoísmo reinante e num intuito médico-sacerdotal. Numa palavra, sentiu-se um tanto decepcionado pelo modo como terminara a empresa, ao menos no que dizia respeito à atitude da mulher do médico, mas de resto a realização do propósito deixou-o animado e satisfeito. Sobretudo duas sensações: o cheiro de terra na loja do florista e a umidade da mãozinha de Leila, ambas haviam remanescido em sua alma e seu espírito. E como dera o primeiro passo, combinou ainda no mesmo dia com a irmã Berta uma visita ao paciente dela, Fritz Rotbein, que aborrecia terrivelmente não só a enfermeira, mas também a si próprio, contudo, segundo todos os indícios, não lhe restasse mais do que pouco tempo de vida.

De nada adiantou a resistência do bom Joachim; não lhe foi possível estivar-se. A atividade caritativa e o espírito empreendedor de Hans Castorp foram mais fortes que a repugnância do primo, cuja manifestação se limitou ao silêncio e aos olhos baixos, uma vez que não poderia justificá-la sem voltar aos sentimentos cristãos. Hans Castorp deu-se conta e tirou partido desse fato. Compreendia com absoluta clareza o sentido militar da alta de entusiasmo. Mas que fazer se ele próprio sentia-se animado e feliz com essas iniciativas, e se elas lhe pareciam proveitosas? Nesse caso era preciso não se importar com a resistência silenciosa de Joachim. Deliberaram juntos sobre ser conveniente mandar ou levar flores também ao moço Fritz Rotbein, se bem que se tratasse de um moribundo de sexo masculino. Hans Castorp insistia em levá-lo; na sua opinião, as flores eram indispensáveis; o precedente do pé de hortênsia, de cor violeta e de formas bonitas, agradara-lhe sobremaneira. Assim, decidiu que o sexo de Rotbein era compensado por seu estado desesperador, e que não era preciso que o moço fizesse anos para receber flores, visto os agonizantes terem o direito irrestrito e permanente de ser tratados como aniversariantes. Assim disposto, foi mais uma vez, em companhia do primo, aspirar a atmosfera

terrosa e t pida da loMa de flores. Entraram, então, no Tuarto do sr. Rotbein, com um ramallete oloroso de rosas, craYos e goiYos, aspergido Iazia pouco, conduzidos por AIreda Schildknecht, Tue anunciara os MoYens.

O moço graYemente enIermo, de apenas Yinte anos, mas M  um pouco calYo e grisalho, com uma tez de cera e o rosto emaciado, de mãos grandes, nariz grande e orelhas grandes, Tuase chorou de tão grato pelo consolo e pela distra o. Com eIeito, teYe os olhos úmidos de IraTueza Tuando cumprimentou os dois primos e recebeu o ramo de flores. A seguir, porém, passou a Ialar, sem transi o, embora num Tuase cochicho, sobre o comércio de flores na Europa e o seu crescente desenYolYimento, sobre a enorme exporta o dos horticultores de Nice e de Cannes, os Yagões carregados e as remessas postais Tue saíam diariamente daTueles lugares em todas as dire o; discorreu acerca dos mercados atacadistas de Paris e de Berlim, e do abastecimento da Rússia. Bem, ele era comerciante, e enTuanto houYesse Yida nele seus interesses continuariam orientados nesse sentido. Seu pai, Iabricante de bonecos em Coburgo, enYiara-o   Inglaterra para educar-se, contou ele, murmurando, e Iora ali Tue adoecera. Mas haYiam diagnosticado a sua moléstia Iebril como sendo de caráter tiIoide e, tratando-a como tal, tinham-no submetido a um regime de sopas aguadas Tue o debilitara sobremaneira. Ali

em cima lhe Iora permitido comer, e ele o fizera; sentado na cama, esIorçara-se por alimentar-se, com o suor do seu rosto. Entretanto, Má era tarde. O mal, desgraçadamente, Má lhe atacara os intestinos. Era inútil Tue lhe enYiassem de casa línguas e enguias deIumadas, Yisto ele não suportar mais nada. Agora, seu pai partira de Coburgo, chamado por um telegrama de Behrens. Ia-se Iazer uma interYenção decisiYa, a resseção de costelas. Queriam tentá-la em todo caso, se bem Tue as probabilidades de êxito Iossem mínimas. Rotbein cochichou a respeito de tudo isso com a maior obMetiYidade, considerando também o problema da operação sob o ângulo exclusiYamente comercial; enTuanto YiYesse, encararia TualTuer assunto sob esse ponto de Yista. O preço da interYenção, murmurou, inclusiYe a anestesia raTuidiana, eleYaYa-se a mil Irancos, pois tencionam tirar Tuase todo o tórax, entre seis e oito costelas, e trataYa-se de saber se o capital assim empatado daria algum lucro. Behrens animaYa-o, mas tinha interesse eYidente em Iazer a interYenção, ao passo Tue o do paciente parecia duYidoso. Ninguém podia dizer-lhe se não era preIeríYel morrer tranTuilamente, na posse de todas as suas costelas.

Era diÍcil aconselhá-lo. Os primos ponderaram Tue se deYeria leYar em conta a excelente técnica cirúrgica do conselheiro áulico. Concordaram em deixar a decisão ao Yelho Rotbein, Tue

Má se achaYa a caminho. Quando se despediram, o MoYem Fritz Yoltou a chorar um pouTuinho; as lágrimas Tue Yertia, embora só Iossem produto da sua debilidade, IormaYam um contraste singular com a seca obMetiYidade da sua maneira de pensar e de Ialar. Rogou aos primos Tue repetissem a Yisita, o Tue eles prometeram de bom grado. Mas não tiYeram ocasião de Iazê-lo. O Iabricante de bonecos chegou na mesma noite, e logo na manhã seguinte realizou-se a operação, depois da Tual o MoYem Fritz não se achaYa num estado Tue lhe permitisse receber Yisitas. E dois dias após, Hans Castorp, ao passar em companhia de Joachim pelo Tuarto de Rotbein, Yiu Tue ali se Iazia uma Iaxina. A irmã Berta Má saíra do BerghoI com sua maleta, porTue Iora chamada com urgência para cuidar de um noYo moribundo em outro estabelecimento, e encaminhara-se para ali suspirando, com o cordão do pince- nez atrás da orelha, Yisto ser essa, afinal, a única perspectiYa Tue se lhe abria.

Um Tuarto “de onde se saiu”, um Tuarto liYre, submetido a uma limpeza geral, com ambas as portas abertas e com os móYeis empilhados uns sobre os outros, como podiam Yer os Tue passassem por ele a caminho da sala de reIeições ou da saída — um Tuarto nessas condições oIerecia um aspecto significatiYo e todaYia tão costumeiro Tue mal impressionaYa as pessoas, e ainda menos a Tuem um dia se apossara de um Tuarto Tue acabaYa de ser “liberado” e

desinjetado dessa forma, para logo acomodar-se nele e fazer dele seu lar. Às vezes se sabia quem acabara de ocupar o respectivo número, coisa que então dava para pensar: foi o que aconteceu no referido caso, como também oito dias depois, quando Hans Castorp, passando pelo apartamento da petruena Gertrude, deparou com ele no mesmo estado. Dessa vez, seu espírito se opôs, de início, a aceitar o sentido da atividade que ali reinava. Deteve-se a olhar, pensativo e consternado, no momento em que o dr. Behrens o encontrou por casualidade.

— Eu estava olhando a faxina — disse Hans Castorp. — Bom dia, sr. Conselheiro. A petruena Leila...

— Pois é! — disse Behrens, dando de ombros.

Depois de um instante de silêncio, que permitiu a esse gesto produzir seu efeito, acrescentou:

— Pouco antes de a porta se fechar de vez, o senhor ainda lhe fez a corte, segundo manda a regra? Gentil da sua parte importar-se com meus pulmõezinhos canoros em suas gaiolas, relativamente robusto como o senhor é. Um traço simpático do seu caráter, sim, senhor; ora, vamos dizer o que tem que ser dito: é um traço de caráter muito simpático. Será que eu mesmo devo apresentá-lo de vez em quando? Tenho a tui pintassilgos de todo tipo, se o senhor se interessa. Agora, por exemplo, vou visitar a minha “abarrotada”. Quer me

acompanhar? Apresento-o simplesmente como um companheiro de infortúnio.

Hans Castorp disse ao conselheiro se adiantara às suas palavras e lhe oíera Mustamente o que ele desejava pedir. Aparentaria, muito grato, essa permissão e seguiria o doutor. Mas quem era essa tal “abarrotada”, e como se devia entender esse nome?

— Literalmente — respondeu o médico. — De modo exato, sem metáfora alguma. Deixe-a ela mesma. Conte a história.

Ao cabo de poucos passos chegaram ao quarto da “abarrotada”. O conselheiro áulico atravessou a dupla porta e mandou Hans Castorp esperar um instante. O som de risadas e palavras opressas pela falta de fôlego, mas claras e alegres, ressoou do quarto quando Behrens entrou, para ser logo interceptado pelas portas. E o visitante compassivo tornou a ouvir esse som, quando, poucos minutos após, foi admitido, e o dr. Behrens o apresentou a uma senhora loura, estendida na cama, e que fixava curiosamente no homem os olhos azuis. Com algumas almofadas nas costas, achava-se entre sentada e deitada. Muito irrequieta, ria-se sem cessar, embora lhe faltasse o fôlego; era um riso cascadeante, muito agudo e argênteo, nervoso, e como que originado por cócegas. Riu-se também das formulações que o conselheiro usara para lhe apresentar o

Yisitante, e Tuando o médico se Ioi, gritou Yárias Yezes atrás dele: Adeusinho! Muito obrigada! Até logo! E enTuanto isso acenou-lhe com a mão, suspirou retumbante, riu seus trinados argênteos, fincou as mãos no peito, Tue ondeaYa por baixo da camisa de cambraia, e manteYe-se incapaz de manter Tuietas as pernas. Sra. Zimmermann era seu nome.

Hans Castorp conhecia-a Yagamente, de Yista. Durante algumas semanas ela ocupara um lugar à mesa da Salomon e do colegial Yoraz, e sempre se mostrara muito risonha. Depois desaparecera, sem Tue o MoYem se preocupasse muito com sua ausência. TalYez tiYesse partido, ocorrera a ele, se é Tue chegara mesmo a constituir opinião sobre isso. Agora reencontraYa-a ali sob o nome de “abarrotada” e aguardaYa a explicação.

— Rá, rá, rá, rá! — riu-se ela, como se lhe fizessem cócegas, o peito a moYer-se. — Um homem engraçadíssimo esse Behrens, um homem Iantasticamente cômico e diYertido, a gente Tuase morre de tanto rir. Por Tue não se senta, sr. Kasten, Carsten, ou como seMa, o senhor tem um

nome tão gozado, rá, rá, ri, ri, desculpe-me. Sente-se nessa cadeira aí, ao pé da cama, mas permita Tue eu mexa as pernas, rá... ah! — suspirou com a boca muito aberta e logo tornou a trinar. — Simplesmente não consigo parar...

Era Tuase bonita, com Ieições claras, talYez excessiYamente acentuadas, porém agradáYeis, e com um início de papada. Mas seus lábios eram azulados, e a ponta do nariz tinha a mesma cor, sem dúYida deYido à Ialta de ar. As mãos, de uma magreza simpática, ressaltadas pelos punhos de renda da camisola, eram tão incapazes de sossegar Tuanto os pés. Tinha um pescoço de mocinha, com duas “saboneteiras” sobre as claYículas delicadas, e sob o linho também os seios pareciam peTuenos e MoYens, mantidos pela dispneia e o riso numa agitação inTuieta e Iorçada. Hans Castorp resolYeu enYiar-lhe ou leYar-lhe também um ramalhete bonito de flores aspergidas e perIumosas, Yindas dos estabelecimentos de horticultura de Nice ou de Cannes. Com certa preocupação, buscou partilhar da hilaridade YolúYel e nerYosa da sra. Zimmermann.

— Então o senhor Yisita os doentes graYes? — perguntou ela. — Que diYertido e amáYel da sua parte, rá, rá, rá, rá! Eu mesma não estou em estágio tão graYe, imagine! Quer dizer, não estaYa nem um pouTuinho, Iaz bem pouco tempo... Até Tue recentemente, essa história... Escute e diga se não é a coisa mais engraçada Tue Má ouYiu... — E lutando por respirar, entre trinos e gorMeios, contou o Tue lhe ocorrera.

Chegara a DaYos um pouco enIerma. A doença existira inegaYelmente, pois, do contrário, não teria Yindo. TalYez nem seTuer se tratasse de um caso bem leYe. Mas Iora antes leYe

Tue graYe. O pneumotórax, essa conTuista ainda recente da técnica cirúrgica, mas Má muito apreciada, Iora experimentado no seu caso com grande êxito. A interYenção dera o melhor resultado possíYel. O estado de saúde e a disposição da sra. Zimmermann haYiam

melhorado de modo sumamente reconIortante. Seu marido — pois era casada, embora sem filhos — pudera contar com seu regresso dentro de três ou Tuatro meses. Então, para distrair-se, ela fizera uma excursão a ZuriTue; não houYera outra razão para essa Yiagem a não ser o deseMo de se diYertir. E de Iato se diYertira a Yaler, mas ao Iazê-lo sentira a necessidade de se reabastecer de gás. Confiara esse trabalho a um médico lá de baixo. Um rapaz encantador e tão cômico! Rá, rá, rá! Mas Tue acontecera? Abarrotara-a! Não haYia outro termo, esse Má dizia tudo. Embora tomado de toda boa Yontade, o médico não entendia muito do oÍcio. Numa palaYra, ela regressara ao BerghoI totalmente abarrotada, isto é, com o coração opresso e sem Iôlego nenhum, rá! ri, ri, ri, e o Behrens pragueMara como o diabo e na hora metera-a na cama. Pois agora estaYa graYemente enIerma, não com altas temperaturas, mas estragada, arruinada mesmo. Rá, rá, rá! E essa cara, essa cara engravada Tue Hans Castorp estaYa Iazendo? E ela ria, enTuanto apontaYa o dedo para ele; e riu-se tanto daTuela cara Tue também a testa dela começou a tingir-se de azul. Mas a coisa

mais gozada, disse ela, era o Behrens, com seus ralhos e sua rudeza. Já de antemão ela rira, ao notar Tue estaYa abarrotada. “A senhora encontra-se em perigo de morte imediata”, gritara o conselheiro, sem mais aTuela; esse grosseirão, rá, rá, rá, ri, ri, ri, desculpe-me.

Não se esclareceu o motiYo por Tue ela daYa essas risadas cascadeantes com respeito às declarações de Behrens; se era só deYido à sua “rudeza” e porTue não acreditaYa nelas, ou, embora acreditando — o Tue afinal não podia deixar de Iazer —, por achar terriYelmente cômico o caso em si, isto é, o perigo de Yida Tue a ameaçaYa. Hans Castorp tinha impressão de Tue esta última hipótese era a Yerdadeira e Tue realmente ela gorMeaYa, piaYa e trinaYa só em Yirtude da leYiandade inIantil e da Ialta de siso do seu cérebro de passarinho, o Tue lhe parecia censuráYel. Mesmo assim, mandou-lhe flores, mas não tornou a Yer a risonha sra. Zimmermann. Após ter sido sustentada durante alguns dias por meio de oxigênio, ela de Iato Yeio a Ialecer nos braços do marido chamado por telegrama. “Uma besta Tuadrada!”, Tualificou-a o conselheiro, ao inIormar Hans Castorp do óbito.

Mas Má antes o espírito empreendedor e compassiYo de Hans Castorp, aMudado pelo conselheiro áulico e pelo pessoal da enIermaria, estabelecera noYas relações com outros doentes graYes da casa, e Joachim teYe Tue acompanhá-lo. TeYe

Tue acompanhá-lo ao Quarto do segundo filho da “Tous-les-deux”, aTuele Tue sobrara; pois Má Iazia muito tempo Tue o Quarto do primeiro Iora Iaxinado e Iumigado com H₂CO. Visitaram também o menino Teddy, Tue recentemente chegara do Instituto Pedagógico Fridericianum, onde não pudera ficar, dada a graYidade do seu caso. Também Ioram Yer o teuto-russo, o sr. Anton KarloYitch Ferge, Iuncionário de uma companhia de seguros, Tue era um soIredor de caráter bonachão. E também a inIortunada mas muito coTueete sra. Von Mallinckrodt, Tue, tal e Tual as demais pessoas Tue acabamos de citar, Ioi obseTuiada com flores, e ademais alimentada umas diYersas Yezes por Hans Castorp, com mingau à boca, em presença de Joachim... Aos poucos chegaram a adTuirir a reputação de samaritanos ou irmãos de caridade. Um belo dia, o próprio Settembrini interpelou Hans Castorp nesse sentido.

— Sacramento, Engenheiro! Ouço dizer coisas sensacionais sobre a sua conduta. O senhor se consagrou à beneficência? Procura Mustificar-se por meio de boas obras?

— Nada, não, sr. Settembrini. Nada Tue mereça ser mencionado. Meu primo e eu...

— Não meta seu primo no assunto! Embora ambos deem Tue Ialar à gente, é do senhor Tue se trata em realidade. Disso tenho certeza. O tenente é uma personalidade respeitáYel, mas singela,

e seu espírito não corre perigo algum. Tué possa inTuietar um pedagogo. O senhor não me

Iará acreditar Tué ele tenha TualTuer mando nessa história. O mais talentoso dos dois, mas também o mais ameaçado, é o senhor. Se me permite empregar o termo, o senhor é um “filho enIermiço da Yida”, e com o senhor é preciso preocupar-se. De resto, o senhor me permitiu preocupar-me com sua pessoa.

— Pois não, sr. Settembrini. Essa permissão lhe dei de uma Yez por todas. É muito amáYel da sua parte. E o termo “filho enIermiço da Yida” é bonito. Quanta coisa não inYentam os escritores? Não sei se deYo orgulhar-me desse título; mas ele soa bem, indiscutiYelmente! Pois é, eu me dedico um pouTuinho a esses “filhos da morte”. Acho Tué é a isso Tué o senhor se reIere. Às Yezes, Tuando tenho tempo, e sem Tué o regime soIra por isso, ocupo-me com os casos graYes e sérios, compreende? Com aTueles Tué não estão aTui para diYertir-se nem para entregar-se à licenciosidade, mas Tué estão morrendo.

— Está escrito: “Deixai Tué os mortos enterrem os seus mortos!”

— replicou o italiano.

Hans Castorp ergueu os braços e expressou com a sua fisionomia Tué haYia muita coisa escrita, isso e mais aTuilo, de maneira Tué era diIícil discernir o melhor e inspirar-se nele. InegaYelmente, o tocador de realeMo apalpara um ponto

neYrálgico, como Iora de esperar. Na Yerdade, Hans Castorp estaYa sempre disposto a escutá-lo, a considerar, sem compromisso, suas teorias como dignas de ser ouYidas, e a admitir, a título de experiência, aTuele influxo pedagógico; contudo, não tinha a mínima intenção de renunciar, a IaYor de certos conceitos educatiYos, a empresas Tue, apesar da mãe Gerngross e da sua ideia de um “peTueno flerte”, e apesar, também, da natureza prosaica do pobre Rotbein e dos gorMeios tolos da “abarrotada”, lhe pareciam de algum modo proYeitosas e de alcance consideráYel.

O filho da Tous-les-deux chamaYa-se Lauro. Recebera flores, Yioletas de Nice, de aroma terroso, “da parte de dois companheiros compassiYos, com os melhores Yotos de restabelecimento”; e, como o anonimato Má se transIormara em mera Iormalidade e todo mundo sabia de Tuem partiam esses mimos, a própria Tous-les-deux, a pálida e enlutada mãe mexicana, dirigiu aos primos, durante um encontro no corredor, algumas palaYras de gratidão e conYidou-os, com Yoz rangente e sobretudo com uma gesticulação cheia de mágoa, a receberem pessoalmente os agradecimentos de seu filho — de son seul et dernier fils Tui allait mourir aussi?

A Yisita realizou-se imediatamente. EYidenciou-se Tue Lauro era um moço de surpreendente beleza, de olhos ardentes, com um nariz aTuilino cuMas narinas palpitaYam, e com esplêndidos

lábios, por cima dos Tuais brotaYa um bigodinho negro. No entanto, o rapaz exibiu uma atitude tão IanIarrona e tão teatral Tue os Yisitantes — tanto Hans Castorp Tuanto Joachim Ziemssen — se sentiram aliYiados Tuando a porta do Tuarto do enIermo Yoltou a Iechar-se atrás deles. Tous-les-deux estaYa enYolta em seu xale de lã preta, com o Yéu negro atado sob o Tueixo, com as rugas transYersais da sua testa baixa e com as bolsas enormes sob os olhos de ágata negra. De Moelhos dobrados ia e Yinha pelo Tuarto, baixando aflitamente uma das comissuras de sua boca. De Yez em Yez aproximaYa-se dos primos sentados à beira da cama, a fim de repetir, Tual um papagaio, a sua trágica Irase. “Tous les dé, Yous comprenez, messiés... Premièrement l’un et maintenant l’autre.”⁸

EnTuanto isso, o belo Lauro, também em Irancês, entregaYa-se a altissonantes IanIarrices de um espalhaIato insuportáYel; carregando nos “erres”, numa Yoz crepitante, afirmou Tue esperaYa morrer heroicamente, comme héros, à l’espagnol,⁹ tal Tual o irmão, de même Tue son fier Meune Irère Fernando,¹⁰ Tue também Ialecera como um herói espanhol; gesticulando, abriu a camisola para oIerecer aos golpes da morte o peito amarelado e continuou a comportar-se desse Meito até Tue um ataTue de tosse, Iazendo subir-lhe aos lábios uma fina espuma rosada, lhe

abaiasse as braçadeiras e levasse os primos a afastar-se nas pontas dos pés.

Não comentaram a visita feita a Lauro e, no íntimo, cada um para si, absteram-se de julgarem o comportamento dele.

Agradou-lhes mais, no entanto, a visita ao quarto de Anton Karlovitch Ferge, de Petersburgo, que, com seu grande e moço bigode, e com seu proeminente pomo de adão, de aspecto igualmente moço, estava na cama, fazendo-se, num esforço lento e penoso, da tentativa de pneumotórax a que se submetia, e que talvez lhe custaria a vida na mesa de operações. Fora ali que sofrera um choque violento, o chamado choque pleural, complicação bastante frequente dessa intervenção moderna. No seu caso, o choque produzira-se de uma forma particularmente perigosa, como colapso completo acompanhado de uma síncope muito preocupante; numa palavra, o acidente se dera com tamanha gravidade que logo precisou interromper a operação e adiá-la por enquanto.

Os olhos cinzentos, bonachões, do sr. Ferge dilataram-se, e seu rosto tornou-se lívido cada vez que falava da morte que de fora parecia ter sido horrível para ele.

— Sem narcose, cavalheiros! Muito bem, nós não podemos suportá-la; está contraindicada em nosso caso; um homem razoável compreende isso e se conforma. Mas a anestesia local não penetra fundo, meus senhores; embota apenas a carne mais

externa, e Tuando cortam atraYés dela para abrir a gente o Tue se sente é apenas uma espécie de pressão ou conIrangimento. Eu estaYa deitado, com o rosto coberto para não Yer nada. O assistente seguraYa-me do lado direito, e a superiora, do esTuerdo. Era como se me pressionassem e conIrangessem, mas trataYa-se somente da carne Tue abriam e retiraYam, com pinças. Então ouYi o dr. Behrens dizer: “Agora!” e nesse instante, caYalheiros, começou a apalpar a pleura com um instrumento rombudo... DeYe ser assim para Tue não a Iure antes do tempo... Apalpam-na em busca do lugar apropriado para Iazer o Iuro e introduzir o gás... E Tuando ele Iez isso, enTuanto tateou toda a extensão da minha pleura com o instrumento — oh, meus senhores! —, Ioi aí Tue não pude mais, saí de mim, tiYe uma sensação indescritíYel. A pleura, caYalheiros, é coisa Tue não deYe ser tocada; não é direito Tue a toTuem, ela não o admite, é tabu, está reYestida de carne, isolada e inatingíYel de uma Yez por todas. E agora haYiam-na posto a descoberto, e o conselheiro apalpaYa-a. Meus senhores, comecei a enMoar. PaYoroso, caYalheiros, paYoroso! Eu nunca teria pensado Tue pudesse existir sensação tão medonha, tão miseráYel, tão abMeta, sete Yezes abMeta, nesta terra nem em parte alguma do mundo, Iora do inIerno! Desmaiei. TiYe três síncope ao mesmo tempo, uma Yerde, uma parda e uma Yioleta. Além disso, um Iedor tomaYa conta do desmaio: o choTue

pleural atacou-me o olfato, meus senhores, tudo ideia
loucamente a hidrogênio sulfurado, assim como de você ser o cheiro
do inferno; e em meio a tudo isso ouvi que eu mesmo ria,
entanto perdia os sentidos, mas não como ri uma criatura
humana, não, era o riso mais no momento e mais indecente que má
ouvi em toda a minha vida, pois o apalpamento da pleura,
senhores, produz as cócegas mais iníamias, exageradas e
desumanas; eis no que consiste a tortura maldita e vergonhosa,
é a isso que chamam choque pleural, e que Deus os poupe dele.

Com irreverência, e sempre pálido de terror, Anton Karlovitch
Ferge tornou a falar dessa interjeição “abmeta”, cuja
repetição iminente lhe inspirava muito medo. Confiava, aliás,
desde o início, ser apenas um homem simples, alheio a
todas as coisas “sublimes”, e de cuja alma e intelecto não se
deveriam esperar realizações extraordinárias, as quais ele também
não exigiria de ninguém. Isso posto, contou histórias bastante
interessantes da sua vida antiga, da qual o arrancara a
enfermidade, a vida de um viajante a serviço de uma
companhia de seguros contra fogo. Partindo de Petersburgo,
realizara em

todas as direções longas viagens pela Rússia inteira, para visitar
as fábricas seguradas e para investigar as condições cuja situação
financeira fosse duvidosa. Pois as estatísticas demonstram
que precisamente as indústrias que ainda não se

incendiaYam com a maior IreTuência. Por isso, a sua firma sempre o encarregara da missão de sondar as empresas sob esse ou aTuele pretexto e de inIormar a companhia, para Tue esta, por meio de resseguros mais eleYados ou pela diYisão do risco, pudesse preYenir uma perda sensíYel. ContaYa acerca de Yiagens em pleno inYerno atraYés do Yasto império, expedições noturnas sob um Irio espantoso, Tue fizera deitado num trenó, metido entre cobertores de peles de cordeiro. ContaYa como, ao acordar, Yira os olhos dos lobos luzirem Ieito estrelas, sobre a neYe. LeYara consigo, num caixote, proYisões congeladas, sopa de repolho e pão branco, Tue Iora necessário degelar nas etapas, durante a troca de caYalos; e o pão estiYera, nessas ocasiões, tão Iresco como se acabasse de sair do Iorno. Era uma desgraça, no entanto, Tuando o degelo Yinha de repente: pois então a sopa de repolho, empacotada em pedaços, derretia e se esYaía toda.

Assim contaYa o sr. Ferge, interrompendo-se de Yez em Tuando para Iazer notar, entre suspiros, Tue tudo isso seria muito bonito, se não tiYessem de repetir com ele a tentatiYa de pneumotórax. Não era nada sublime o Tue ele dizia, mas de caráter real e agradáYel de ouYir, sobretudo para Hans Castorp, Tue achaYa útil aprender alguma coisa a respeito do império russo e seu estilo de Yida, samoYares, pirogues, cossacos e igreMas de madeira, com tantas torres em Iorma de cebola Tue se assemelhaYam a uma

colônia de cogumelos. Ele induziu o sr. Ferge a Ialar dos habitantes desse país; do seu exotismo setentrional, e por isso ainda mais estTuisito, aos olhos de Hans Castorp; da mescla asiática do seu sangue, de suas maçãs salientes e da posição fino-mongólica dos olhos. O MoYem escutaYa com interesse antropológico. Pediu também para ouYir algumas Irases em russo. O idioma oriental fluía rápido, indistinto, estranhíssimo, inYertebrado, saía de sob o bigode MoYial do sr. Ferge, de seu proeminente pomo de adão, de aspecto igualmente MoYial, e Hans Castorp (como é peculiar à MuYentude) diYertia-se tanto mais Tuanto mais proibido Iosse o terreno onde brincaYa com tudo isso.

FreTuentemente os primos iam passar um Tuarto de hora nos aposentos de Anton KarloYitch Ferge. Em outras ocasiões YisitaYam o peTueno Teddy, do Fridericianum, um rapaz elegante de catorze anos, louro e delicado, com uma enIermeira particular e um piMama de seda branca, enIeitado de alamares. Era órIão e rico, segundo ele mesmo contaYa. EsperaYa ser submetido a uma interYenção de certa graYidade, a remoção de partes carcomidas, Tue tencionaYam experimentar; mas, Tuando se sentia melhor, saía às Yezes da cama, por uma hora, para participar, no seu belo traMe esporte, da Yida social lá embaixo. As senhoras gostaYam de graceMar com o adolescente, e ele ouYia as suas conYersas, como, por exemplo,

as telas se referiam ao advogado EinhuI, à senhorita da combinação e a Fränzchen Oberdank. A seguir volta para a cama. Dessa maneira o petueno Teddy mata o tempo com elegância e deixa claro que não espera outra coisa da vida, senão isso mesmo.

No número 50, porém, achava-se a sra. Natalie Von Mallinckrodt, com seus olhos negros e com brincos de ouro nas orelhas, coquete, Iaceira e toda via uma espécie de Lázaro ou de Jó Ieminino, castigada por Deus com todo o tipo de moléstias. Seu organismo parecia inundado de toxinas, de maneira que um sem-número de enfermidades a açoitava alternada ou simultaneamente. A pele era sobretudo atingida; estava coberta, em grande parte, de um eczema que causava coceiras cruéis e formava chagas em determinados lugares, até nos lábios, o que dificultava a introdução da colher. Referiam-se na sra. Von Mallinckrodt inflamações internas, ora da pleura ora dos rins, dos

pulmões, do periosteio e mesmo do cérebro, com subsequentes síncope. Uma insuficiência cardíaca, originada pela febre e pelas dores, angustiava-a ao extremo, fazendo que não conseguisse deglutir por completo os alimentos engolidos, que então permaneciam presos na parte superior do esôfago. Numa palavra, o destino dessa mulher era terrível. Além disso, a sra. Von Mallinckrodt era sozinha neste

mundo. Deixara o marido e os filhos por amor a outro homem, ou melhor: a um rapazote, Tue, por sua Yez, a abandonara, segundo ela mesma contou aos primos. Assim YiYia sem lar, embora não sem recursos, Yisto o marido enYiar-lhe dinheiro. Em Yez de mostrar uma altiYez pouco indicada, tiraYa proYeito dessa generosidade ou paixão persistente, tanto mais Tue nem a si própria leYaYa a sério e sabia ser apenas uma mulherzinha desonrada e pecaminosa. Baseando-se nessa percepção, suportaYa todas as calamidades de Jó, com surpreendente paciência e tenacidade, com aTuela resistência elementar, própria de uma mulher de raça, Tue triunIaYa sobre a miséria do seu corpo trigueiro e transIormaYa em peça elegante de seu Yestuário até mesmo a atadura de gaze Tue TualTuer motiYo repugnante a obrigaYa a usar na cabeça. MudaYa sem cessar as Moias, exibindo corais de manhã e pérolas de noite. Muito satisIeita com as flores remetidas por Hans Castorp, Tue, era óbYio, ela atribuía antes à galanteria Tue à caridade, mandou transmitir aos dois MoYens um conYite para tomarem o chá Munto à sua cama. Bebia esse chá numa cháYena de bico, Tue seguraYa com os dedos, todos, inclusiYe os polegares, cobertos até os nós de opalas, ametistas e esmeraldas. Com os brincos de ouro balouçando nas orelhas, contou aos primos tudo Tuanto lhe acontecera. Falou-lhes de seu marido respeitáYel, mas cacete, e dos seus filhos igualmente decentes e Iastidiosos, Tue puxaram ao pai e

nunca lhe tinham inspirado sentimentos muito calorosos; Ialou do rapazote, em cuMa companhia Iugira, e gabou-lhe a poética ternura. Mas os parentes do MoYem, serYindo-se da astúcia e da Iorça, haYiam conseguido aIastá-lo dela, assim como a doença, Tue então irrompera Yiolentamente, sob múltiplas Iormas, e talYez lhe causasse asco.

— Os senhores também me acham asTuerosa? — perguntou com Iaceirice, e sua Ieminilidade de puro sangue triunIou do eczema Tue se estendia pela metade do rosto.

Hans Castorp sentiu desprezo pelo mocinho Tue experimentara repugnância por ela e, dando de ombros, expressou essa opinião. No Tue tocaYa a ele próprio, a pusilanimidade do adolescente poético Mustamente o instigou em sentido oposto: Iê-lo procurar oportunidades, em repetidas Yisitas, para prestar à inIortunada sra. Von Mallinckrodt peTuenos serYiços de samaritano Tue não exigiam conhecimentos especiais, como por exemplo meter- lhe cuidadosamente na boca o mingau Tue lhe serYiam no almoço, dar-lhe Tue beber na cháYena de bico, Tuando engasgaYa, ou aMudá-la a mudar de posição na cama, pois além dos outros males existia ainda uma Ierida Tue lhe complicaYa a posição deitada, decorrente de uma operação. Ele se exercitaYa nesses atos caridosos cada Yez Tue, a caminho da sala de reIeições ou de regresso de um passeio, entraYa no

Tuarta dela. Nesses casos pedia a Joachim Tue Iosse sozinho para a Irente, e alegaYa Tue apenas Tueria inIormar-se do estado do número 50. InYadia-o então a sensação agradáYel da amplitude de sua natureza, uma alegria Tue se alicerçaYa na ideia da utilidade e do alcance secreto das suas ações, e à Tual se mesclaYa certo prazer IurtiYo causado pela aparência impecáYelmente cristã dessas atiYidades; com eIeito, essa aparência era tão piedosa, caritatiYa e digna de elogios Tue parecia impossíYel opor-lhe argumentos sérios, Iosse do ponto de Yista militar, Iosse do ponto de Yista da pedagogia e do humanismo.

Ainda não mencionamos Karen Karstedt, e contudo era dela Tue Hans Castorp e Joachim se ocupaYam com especial intensidade. TrataYa-se de uma cliente particular do conselheiro, externa, e recomendada por ele mesmo à caridade dos primos. Fazia Tuatro anos Tue YiYia aTui em cima e, sem recursos, dependia de uns parentes pouco liberais, Tue uma Yez a tinham leYado, alegando Tue de TualTuer Iorma morreria em breYe. Sua Yolta deYia-se exclusiYamente à interYenção do conselheiro áulico. Domiciliara-se no “YilareMo”, numa pensão barata. Tinha dezenoYe anos e era Iranzina, com cabelos lisos, oleosos, com olhos Tue, timidamente, procuraYam ocultar um brilho Tue condizia com o rubor héptico das Iaces, e com uma Yoz caracteristicamente Yelada, mas de sonoridade simpática.

Tossia Tuase sem interrupção, e as pontas de todos os seus dedos achaYam-se cobertas de esparadrapos, por estarem roídas pela doença.

A ela é Tue os primos deYotaYam um cuidado especial, a pedido do conselheiro, Tue se dirigira a eles, uma Yez Tue, a seu Yer, eram bons rapazes. A história começou com uma remessa de flores; seguiu-se uma Yisita à pobre Karen, Tue os recebeu em sua peTuena sacada no “YilareMo”; depois disso, os três organizaram alguns passeios especiais, assistindo, por exemplo, a um concurso de patinação ou a uma corrida de trenó. Pois a temporada de esportes de inYerno chegara ao auge, em nosso Yale alpino. Durante uma semana ia realizar-se um IestiYal, com numerosas sensações. Até então, os primos haYiam prestado atenção apenas ocasional e Iugaz a esse tipo de espetáculos e diYersões. Joachim era aYesso à simples ideia de distrair-se aTui em cima. Não se encontraYa em DaYos para se diYertir; absolutamente não estaYa ali para YiYer e se conIormar com a estada, tomando-a agradáYel e Yariada, senão com a única finalidade de se desintoxicar o mais depressa possíYel, para Tue pudesse Yoltar à planície e entrar no serYiço atiYo, no serYiço Yerdadeiro, em lugar do serYiço da cura, Tue era apenas um sucedâneo, mas cuMa diminuição

ele só toleraYa mau grado seu. Participar atiYamente dos esportes de inYerno era-lhe Yedado, e figurar como espectador não

era atratiYo algum. Quanto a Hans Castorp, sentia-se muito unido aos daTui de cima, num sentido estrito e íntimo, para maniIestar interesse pela atiYidade de pessoas Tue consideraYam esse Yale como um campo de esportes.

Mas sua caridosa solicitude para com a pobre srta. Karstedt modificou um tanto a situação — pois, sem parecer pouco cristão, Joachim não podia Iazer obMeções. Foram buscar a enIerma no seu modesto aloMamento no “YilareMo”, e leYaram-na a passear, sob um Irio abrasado por esplêndido sol, atraYés do bairro inglês, assim chamado por causa do Hotel d’Angleterre, por entre as loMas luxuosas da rua principal, onde tilintaYam os guizos dos trenós e flanaYam sibaritas ricos e Yadios de todas as partes do mundo, habitantes do Cassino e de outros grandes hotéis, Tue andaYam sem chapéu, traMando roupas modernas de esporte, cortadas em tecidos finos e caros, e exibiam rostos bronzeados pelo ardor do sol hibernal e pela reYerberação da neYe. Desceram, finalmente, até o local de patinação, situado não longe do Cassino, no Iundo do Yale, e Tue no Yerão serYia de campo de Iutebol. OuYia-se música. A orTuestra do Cassino daYa um concerto no estrado do paYilhão de madeira, acima da pista retangular, atrás da Tual as montanhas cobertas de neYe se destacaYam do Iundo azul-escuro. Compraram entradas; abriram caminho atraYés do público, Tue rodeaYa a pista nas arTuibancadas erguidas em três

dos seus lados; encontraram lugares e olharam o espetáculo. Os patinadores, Yestidos com MaTuetas Mustas e calças pretas de malha, reTuebraYam-se, adeMaYam, descreYiam figuras, saltaYam e giraYam. Um casal de Yirtuoses, senhor e senhora, profissionais Tue não participaYam de competições, realizou uma proeza Tue em todo o Yasto mundo só ele sabia Iazer e desencadeou toTues de clarins e salYas de palmas. No campeonato de

Yelocidade, seis moços de diIerentes nacionalidades, arcados para a Irente, com as mãos nas costas e, às Yezes, com um lenço entre os dentes, deram seis Yoltas em torno do extenso retângulo. O som de uma campainha misturou-se com a música. De Yez em Tuando, a multidão rebentaYa em Irenéticos aplausos e aclamações.

Era um ambiente colorido, aTuele Tue os três enIermos contemplaYam, os primos e sua pupila. Ingleses, com boinas escocesas e dentes brancos, conYersaYam em Irancês com senhoras de perIumes penetrantes, Yestidas dos pés à cabeça com lãs Yariegadas; algumas usaYam calças. Americanos de cabeça peTuena, com os cabelos colados ao crânio, e com o cachimbo na boca, mostraYam casacos de peles com o pelo para Iora. Russos barbudos e elegantes, de aparência barbaramente rica, e holandeses, mestiços de malaios, estaYam sentados no meio de alemães e suíços. EntremeaYa-se em toda parte

gente de proYeniência indistinta, de Iala Irancesa, oriunda dos Bálcãs ou do LeYante; um mundo aYentureiro pelo Tual Hans Castorp demonstraYa um certo Iraco, e Tue Joachim reMeitaYa como sendo eTuiYoco e despido de caráter. Nos interYalos, crianças realizaYam concursos humorísticos, tropeçando ao longo da pista com um pé calçado de esTui e o outro de patim; houYe também uma competição em Tue os meninos empurraYam pás nas Tuais estaYam sentadas as meninas. Faziam corridas de Yelas, sendo Yencedor o Tue conserYaYa a Yela acesa até chegar à outra extremidade do campo. Tinham Tue transpor obstáculos, ou encher regadores com batatas por meio de colheres de estanho. O mundo dos ricos exultaYa. Exibiam-se as crianças mais ricas, as mais célebres e as mais graciosas, a filhinha de um multimilionário holandês, o filho de um príncipe prussiano e um garoto de doze anos Tue tinha o nome de uma marca de champanhe mundialmente conhecida. Também a pobre Karen exultaYa, interrompida por acessos de tosse. De tanto prazer, batia palmas, com as mãos de dedos carcomidos.

EstaYa tão grata.

Os primos leYaram-na também à corrida de trenós. A meta final não ficaYa longe nem do “BerghoI” nem do domicílio de Karen Karstedt, pois a pista partia da Schatzalp e terminaYa no “YilareMo”, entre as casas do lado oeste. Ali se achaYa um

peTueno paYilhão de controle, Tue recebia, pelo teleIone, a comunicação da partida de cada trenó. Por entre as barreiras de neYe gelada, ao longo das curYas de brilho metálico, precipitaYam-se as estruturas planas, tripuladas por homens e mulheres Yestidos de lã branca, com Iaixas das cores de diIerentes países em redor do peito; desciam das alturas, um a um, bastante espaçados. Viam-se rostos aYermelhados, Tue a neYe açoitaYa. As Tuedas, os choTues entre dois trenós, Tue YiraYam, espalhando pela neYe a sua eTuipe, eram IotograIados pelo público. ATui também tocaYa uma banda. Os espectadores estaYam instalados em peTuenas tribunas ou aYançaYam pelo trilho estreito Tue se abria com a pá, ao longo da pista, e por cima desta passaYam pontes de madeira, igualmente ocupadas pela multidão, a obserYar os trenós em competição, Tue de tempo em tempo deslizaYam zunindo. Os cadáYeres do sanatório situado lá em cima seguiam o mesmo caminho, a toda Yelocidade, por baixo das pontes, acompanhando as curYas, descendo rumo ao Yale, pensou Hans Castorp, e também expressou esse pensamento.

Uma tarde, Má Tue ela se mostraYa tão satisIeita com tudo aTuilo, resolYeram leYar Karen Karstedt à sala do bioscópio de “Platz”. O ar Yiciado parecia estranho aos três, acostumados como estaYam a uma atmosIera puríssima. PesaYa-lhes o peito, nublaYa-lhes a cabeça; mas nesse ar

trepidaYa uma Yida múltipla, Tue se sucedia na tela, diante dos seus olhos doloridos; uma Yida apresentada em pedacinhos, diYertida e apressada, cheia de uma inTuietação saltitante, nerYosa na demora, sempre prestes a se sumir, acompanhada por uma musiTuinha Tue aplicaYa o compasso do tempo atual à Iuga das imagens

pertencentes ao passado, e Tue, apesar da limitação dos seus recursos, sabia lançar mão de todos os registros da solenidade e da pompa, da paixão, da barbárie e da sensualidade lânguida. Era uma Yiolenta história de amor e de crime, Tue se desenrolaYa silenciosamente ante eles. A ação passaYa-se na corte de um déspota oriental e constaYa de acontecimentos precipitados cheios de ostentação e de nudez, saturados da libidinidade do soberano e da Iúria religiosa dos súditos, transbordante de crueldade, de cobiça e Yolúpia assassina e de um realismo meticuloso, Tuando se trataYa de Iazer apreciar a musculatura de uns braços de Yerdugo — em suma, algo Iabricado à base do conhecimento íntimo dos deseMos secretos da ciYilização internacional Tue IormaYa a assistência. Settembrini, como homem de Muízo, proYaYelmente condenaria da Iorma mais seYera esse espetáculo contrário à humanidade; sua ironia reta e clássica Iustigaria o abuso da técnica com o fim de dar Yida a representações tão aYessas à humanidade. Essa era ao menos a opinião de Hans Castorp, Tue ele segredou ao primo. A

sra. St, hr, porém, Tue também estaYa no cinema, não longe dos trê, parecia toda entregue, e seu rosto estólido e Yermelho crispaYa-se de tanto gozo.

O mesmo aspecto oIereciam, de resto, as fisionomias dos demais espectadores. Quando a derradeira imagem de uma seTuência de cenas se desYanecia, Iazia-se luz na sala, e o campo das Yisões se apresentaYa como tela Yazia diante da multidão, não haYia seTuer por Tue aplaudir. Ninguém estaYa lá para receber os aplausos e receber as oYações por seu desempenho artístico. Os atores Tue se haYiam reunido para dar o espetáculo Tue o público acabaYa de desIrutar Iazia muito Tue se tinham dispersado; o Tue se Yira eram apenas sombras das suas Iaçanhas, milhões de imagens, breYíssimos instantâneos, em Tue se dissecara a sua atiYidade durante o processo Iotográfico, para Tue Iosse possíYel restituí-la ao elemento do tempo, cada Yez Tue se Tuisesse, num curso tremeluzente de tanta rapidez.

O

silêncio da multidão, passada a ilusão, tinha TualTuer coisa de inerte e repugnante. As mãos Maziam impotentes em Iace do nada. RestaYa esIregar os olhos, fixar um ponto TualTuer, enYergonhar-se da claridade e Tuerer Yoltar à escuridão para tornar a contemplar, para Yer acontecer de noYo aTuelas coisas de um outro tempo, transplantadas para um tempo areMado e maTuiladas pela música.

O déspota morreu Yítima de um punhal, lançando da boca aberta urros Tue não se ouYiam. A seguir Ioram mostradas imagens de todas as partes do mundo: o presidente da República Francesa, de cartola, com a grã-cruz da Legião de Honra, a responder, do assento de um landô, a um discurso de saudação; o Yice-rei da Índia, assistindo às bodas de um raMá; o príncipe-herdeiro alemão no pátio de um Tuartel em Potsdam. Viam-se a Yida numa aldeia de natiYos de NoYo Mecklemburgo, uma rinha de galos em Bornéu, selYagens desnudos Tue tocaYam flauta soprando pelo nariz, a caça de eleIantes selYagens, uma cerimônia na corte real do Sião, uma rua de bordéis no Japão, com gueixas sentadas atrás de grades de madeira. Viam-se samoiedos agasalhados, a atraYessarem, em trenós puxados por renas, um ermo neYoso da Ásia setentrional, peregrinos russos rezando em Hebron e um delinTuyente persa recebendo bastonadas. PresenciaYa-se tudo isso; o espaço estaYa aniTuilado, o tempo, retrocedido, o ali e outrora haYia sido transIormado num aTui e agora Tue deslizaYa, bailaYa, enYolto em música. Uma MoYem marroTuina, em traMes de seda listrada, aMaezada de correntes, fiYelas e anéis, com os exuberantes seios semidesnudos, aproximaYa-se de repente, em tamanho natural. Tinha as narinas dilatadas, os olhos cheios de Yida animalesca, as Ieições em pleno moYimento; ria-se exibindo os dentes brancos e mantinha uma das mãos, cuMas unhas pareciam mais claras Tue a pele, à altura dos olhos, Tual

uma pala, enquanto a outra mão acenava para o público. As pessoas fitavam, acanhadas, a encantadora sombra que fingia enxergar e

não enxergava, que absolutamente não era atingida pelos olhares, e com o riso e o aceno não se referiam ao presente, senão que pertenciam ao ali e outrora, de modo que teria sido absurdo retribuí-los. Isto, como Má se disse, mesclava ao prazer uma sensação de impotência. E por fim sumiu-se o fantasma. Uma clareza vazia estendeu-se sobre a tela, onde apareceu a palavra “fim”. O ciclo de espetáculos se fechou, e em silêncio a sala se esvaziou, enquanto um novo público Má se apertava lá fora, desejava de assistir a uma repetição dessa sentença de cenas.

Animados pela sra. St. hr, que se uniu a eles, foram ainda visitar o caixão do Cassino, por amor à pobre Karen, que montava as mãos de tanta gratidão. Ali também havia música. Uma pequena orquestra, com casacas vermelhas, tocava sob a regência de um spalla tcheco ou húngaro, que, separado da sua banda, se achava no meio dos pares dançantes e investia contra o seu instrumento com iônicas contorções do corpo. Nas mesas imperava uma vida de pompa. Eram servidas bebidas seletas. Os primos pediram laranjada para si próprios e sua pupila, a fim de se referescarem, Má que a atmosfera estava quente e carregada de poeira. A sra. St. hr preferiu um licor doce. A essa hora, ela disse, ainda não reinava muita animação. Um

pouco mais tarde, o baile seria bem mais alegre. Numerosos pacientes dos diversos sanatórios, bem como enfermos não internados, Tu moravam nos hotéis e no próprio Cassino, entrariam na dança, em número muito maior do Tu agora. Não eram raros os casos graves Tu nesse salão há passado, em plena festa, para a eternidade, emborcando a taça da alegria de viver e sofrendo a hemorragia final in dulci júbilo. O Tu a crassa ignorância da sra. St,hr Iez desse “dulci júbilo” foi realmente extraordinário. A primeira palavra, ela a tomou emprestada do Yocabulário italiano- musical do marido, dando-lhe a pronúncia “dolce”; a segunda lembra-se “Mubileu”, “Mogral” ou Deus sabe o Tuê. Os dois primos inclinaram-se ao mesmo tempo para os

canudos dos seus copos Tuando esse latim Yeio à tona, mas a St,hr não deu a mínima. Pelo contrário, mostrando obstinamente os dentes de lebre, serviu-se de toda espécie de alusões e de indiretas para descobrir a razão de ser das relações entre os três MoYens. Parecia-lhe evidente no Tu dizia respeito à MoYem Karen, Tu, segundo a sra. St,hr, deYia estar satisfeita com a corte Tu lhe faziam dois cavalheiros elegantes. Menos claro afigurava-se-lhe o caso com relação aos primos, mas, não obstante sua estupidez e ignorância, a intuição feminina mudou-a a formar uma ideia, ainda Tu incompleta e trivial. Admitiu e deixou entender, mediante alfinetadas, Tu o

Verdadeiro cavalheiro era Hans Castorp, ao passo que o
Moisés Ziemssen era apenas assistente; opinou que Hans
Castorp, cuja inclinação para a sra. Chauchat não lhe escapara,
cortava a mísera Karstedt tão somente como sucedâneo,
isto é, evidentemente, não sabia como aproximar-se da
outra — opinião muito digna de uma sra. St., desprovida de
todo fundo moral, insuficiente, baseada numa intuição
desprezível; e por isso Hans Castorp limitou sua resposta a um
olhar fatigado e desdenhoso, quando a mulher lhe expressou
dessa forma banal e chistosa. Com efeito, as relações com a
pobre Karen constituíam para ele uma espécie de sucedâneo e
de recurso suplementar, indefinidamente provisório, assim
como no caso de suas demais empresas caritativas. Mas, ao
mesmo tempo, essas ações piedosas tinham finalidade própria. A
satisfação que Hans Castorp experimentara ao introduzir o
mingau na boca da infeliz sra. Von Mallinckrodt, ao ouvir
como o sr. Ferge descrevia o inferno do choque pleural ou ao
ver a pobre Karen bater palmas com os dedos cobertos de
esparadrapos de tanta alegria e gratidão — essa satisfação, em
que pese sua natureza derivada e relativa, era de um caráter
espontâneo e puro; tinha origem num espírito formoso oposto
àquele que o sr. Settembrini representava na sua pedagogia, mas
suficientemente valioso, segundo a opinião do Moisés Hans
Castorp, para que se aplicasse a ele o placet experiri.

A casinha onde mora Ya Karen Karstedt acha-se situada nas proximidades do curso d'água e dos trilhos da Yia Iérrea, à margem da estrada Tue conduzia ao "YilareMo". Dessa Iorma era Iácil para os primos irem buscá-la, Tuando, depois da segunda reIeição da manhã, Tuisessem leYá-la ao passeio regulamentar. Dirigindo-se ao "YilareMo" na intenção de chegar à rua principal, tinham ante seus olhos o peTueno Schiahorn, em seguida as três agulhas Tue se chamaYam Torres Verdes, e ainda mais à direita o cume do DorIberg. A um Tuarto da altura da sua encosta Yia-se um cemitério, o cemitério do "YilareMo", rodeado de um muro, e Tue prometia uma linda Yista; motiYo por Tue Yalia a pena escolhê-lo como destino de um passeio. Uma bela manhã Ioram até lá, todos os três. Aliás, todas as manhãs eram belas, a essa época do ano, calmas e ensolaradas, de um azul proIundo, com uma atmosIera entre Tuente e Iria, cintilante de alYura. Os primos, um com a tez cor de tiMolo e o outro bronzeado, iam sem sobretudo, Tue teria sido incômodo sob esse sol abrasador. O MoYem Ziemssen usaYa traMe esporte e galochas por causa da neYe; Hans Castorp calçaYa da mesma Iorma, mas leYaYa calças compridas, pois não tinha espírito desportiYo suficiente para andar de calções de golIe. EstaYa-se na primeira metade de IeYereiro do noYo ano. Sim, o ano mudara desde Tue Hans Castorp haYia subido, e Má se escreYia outro número, o seguinte. Um dos ponteiros grandes do relógio Tue media as eras do uniYerso dera para a Irente um passo correspondente a uma

unidade; não se trataYa de um ponteiro dos maiores, como aTuele Tue se reIeria aos milênios — muito poucos dentre os Tue YiYiam agora chegariam a Yê-lo aYançar —, tampouco o dos séculos ou ainda o dos decênios. Mas o ponteiro dos anos acabaYa de moYimentar-se, embora Hans Castorp se achasse aTui haYia pouco mais de meio ano apenas, e daí por diante permaneceria parado, à maneira dos ponteiros de certos relógios grandes, Tue só de cinco

em cinco minutos se põem em moYimento. Antes Tue fizesse noYo aYanço, o ponteiro dos meses teria de aYançar dez Yezes, um pouco mais, portanto, do Tue fizera desde a chegada de Hans Castorp. O mês de IeYereiro Má não figuraYa no balanço, Yisto um mês começado ser um mês liTuidado, assim como uma moeda trocada Má se contar como gasta.

Os três companheiros dirigiram-se, pois, certo dia, ao cemitério situado na encosta do DorIberg — e é para manter o relato rigorosamente completo Tue se menciona aTui esse passeio. A iniciatiYa deYeu-se a Hans Castorp, e Joachim, Tue a princípio impusera restrições, leYando em conta a pobre Karen, deixara-se conYencer e reconhecera Tue não adiantaria tentar iludi-la e, à maneira da coYarde sra. St ,hr, esconder-lhe tudo Tuanto pudesse lembrar-lhe o fim. Karen Karstedt ainda não se entregara às ideias otimistas, peculiares à última Iase da enIermidade; estaYa a par do seu estado, e sabia o Tue significaYa a necrose das

pontas dos dedos. Não ignorava tampouco que seus parentesarentos não admitiriam o luxo de se transportar o Iéretro ao seu país natal, e que depois do exitus lhe designariam um modesto lugarzinho ali em cima. Numa palavra, podia-se opinar que um passeio até lá, do ponto de vista moral, era mais apropriado para ela que muitos outros, como, por exemplo, até o ponto de partida dos trens ou o cinema – assim como não passava de um ato decente de camaradagem prestar visita aos da Tui de cima, e desde que não se Tuisse considerar o cemitério mera atração ou terreno neutro para um passeio.

Subiram lentamente, em fila indiana, por que a trilha aberta a pá não permitia ir de lado a lado. Deixando atrás e abaixo as casas mais altas construídas na Yertente, olhando, enquanto subiam, a paisagem familiar na sua magnificência inYernal, que volta a oIerecer no perspectiva e lhes abria um outro aspecto. Ela se dilatava rumo ao nordeste, em direção à entrada do Yale. Surgia,

então, a esperada vista do lago circular, rodeado de bosques, congelado e coberto de neve. Atrás da sua margem oposta, os planos inclinados das montanhas pareciam encontrar-se no solo, e mais além assomavam cumes desconhecidos, sobrelando uns aos outros, diante do céu azul. Os três contemplaram tudo isso, detendo-se na neve, em frente

do portão de pedra Tue daYa acesso ao cemitério. A seguir entraram, abrindo os batentes de Ierro, Tue estaYam simplesmente encostados.

Também ali as trilhas estaYam limpas, entrecortando as eleYações dos túmulos cercados de grades e estoIados de neYe, como leitos bem-dispostos e simétricos com suas cruzes de pedra ou de metal, e com seus peTuenos monumentos adornados de medalhões e dísticos. Não se ouYia nem se Yia ninguém. A calma, o isolamento, a paz do lugar pareciam proIundos e íntimos em muitos sentidos. Um anMinho ou menino de pedra, com um boné de neYe enYiesado sobre a cabeça, TuedaYa-se em alguma parte no meio das moitas e IechaYa os lábios com um dedo; podia passar pelo gênio do lugar, Tuer dizer: o gênio do silêncio, de um silêncio, porém, Tue se afiguraYa nitidamente como negação e antípoda da Iala, como emudecimento, portanto, mas Tue de modo algum se sentia como Yazio de conteúdo ou como inerte. Para os dois Yisitantes de sexo masculino, aTuela seria sem dúYida uma ocasião de tirar os chapéus, se os tiYessem leYado. Mas Má Tue andaYam com a cabeça descoberta — Hans Castorp também passara a Iazê-lo — limitaram-se a uma atitude reYerente, caminhando em fila indiana com o peso do corpo sobre as pontas dos pés e Iazendo como Tue peTuenas medidas para os lados, enTuanto seguiam Karen Karstedt, Tue conduzia o corteMo.

A forma do cemitério era irregular. Começa-se por estender-se num retângulo estreito em direção ao sul, para depois ampliar-se em dois sentidos, por meio de outros retângulos. Evidentemente se haviam feito necessários repetidos aumentos, tendo sido acrescentadas partes dos campos vizinhos. Mesmo assim, o recinto parecia normalmente ocupado na sua quase totalidade, tanto ao longo dos muros como na zona interior, menos apreciada, em geral. Era difícil assinalar um lugar onde mais alguém pudesse ser enterrado, em caso de emergência. Discretamente, os três companheiros caminharam durante longo tempo pelas estreitas trilhas e corredores, entre as sepulturas. Estavam, de vez em quando, para decidir um nome com as respectivas datas de nascimento e de morte. As pedras sepulcrais e as cruzes eram simples e demonstravam pouco aparato. No tocante às inscrições, os nomes eram de origens as mais diversas: soavam inglês, russo, ou eslavo em geral, bem como alemão, português e outros; as datas, porém, tinham um cunho delicado. Em geral, o intervalo entre uma e outra era de extraordinária brevidade; o número de anos decorridos entre nascimento e exitus elevara-se, na média, a vinte ou pouco mais; muito raramente, pouca idade, eis o tocante ao campo-santo, um povo originário vindo de todas as partes do mundo e que a terra se adaptara em definitivo à existência horizontal.

Em um lugar TualTuer entre a multidão de Mazigos, no interior do adro, Tuase em seu centro, encontraram um pedacinho de terra ainda rasa, do comprimento de uma pessoa, plano e desocupado, entre dois outros Má recobertos, de cuMas pedras pendiam coroas de perpétuas. DetiYeram-se ali, a moça um passo à Irente dos companheiros, e leram as inscrições tristes graYadas nas pedras: Hans Castorp numa atitude de abandono, com as mãos entrelaçadas, a boca aberta e olhos sonolentos; o MoYem Ziemssen em posição de sentido, não somente ereto, mas até um pouco inclinado para trás. E os primos, possuídos de uma curiosidade simultânea, lançaram um olhar de esguelha para o rosto de Karen Karstedt. Ela percebeu mesmo assim, e ali permaneceu, acanhada e humilde, a cabeça um tanto curYada para a Irente, e esboçou um sorriso Iorçado, enTuanto, célere, piscaYa os olhos.

NOITE DE WALPURGIS

Mais alguns dias pela Irente, e Ioram-se sete meses Tue o MoYem Hans Castorp passou aTui em cima, enTuanto o primo Joachim, Tue Má tiYera nas costas seus cinco a mais, no momento daTuela chegada, podia lembrar-se de Tuase doze meses de estada, um aninho inteiro — uma data redonda —, redonda no sentido cósmico, uma Yez Tue a Terra, desde o dia em Tue ali o deixara a locomotiYa de peTueno porte, mas de extraordinária Iorça de tração, dera uma Yolta completa em torno do sol e regressara ao ponto onde então estiYera. Era época de CarnaYal. AproximaYam-se os Iolguedos da terça-Ieira, e Hans Castorp indagou, dos pensionistas com mais de um ano ali, Tue tal seria a Iesta.

— Magnific! — respondeu Settembrini, a Tuem os primos haYiam encontrado durante o exercício matinal. — Splendide! — acrescentou. — Tão alegre como no Prater; o senhor Yai Yer, Engenheiro. Cá Yiemos mui lampeiros figurar de caYalheiros... — disse, e sua boca se pôs a transbordar de ironias, Tue ele Iez acompanhar de gestos apropriados com a cabeça, braços e ombros. — Que é Tue o senhor espera, se até na maison de santé há bailes para os loucos e os idiotas, como li em algum lugar? Por Tue não haYeria aTui também? O programa inclui as mais diYersas danses macabres, como o senhor pode imaginar.

Inelizmente, alguns dos convidados do ano passado não poderão estar presentes, uma vez que a festa termina na nona hora e meia...

— Isso significa... Ah sim! Essa é boa! — riu-se Hans Castorp.
— Que humor sutil!... Na nona hora e meia! Ei, você ou viu esta? O sr. Settembrini está pensando que é muito cedo para que “certa parte” da assistência do ano passado possa comparecer, rá, rá, é fantástico! Trata-se da parte que nesse ínterim disse a leste à “carne”, sabe? E de uma vez por todas. Você compreendeu meu trocadilho?...

Mas eu estou mesmo curioso de ver isso — continuou. — Acho certo que a todos se comemorem as festas nos dias em que elas caem; assim, a gente marca as etapas, como de costume, por meio de cesuras, para que não haja uma monotonia desconexa, o que seria muito estranho. Temos o Natal, notamos o começo do ano novo, agora vem o Carnaval. Depois vem o Domingo de Ramos (será que seremos tuinhas?), Semana Santa, Páscoa e, seis semanas mais tarde, Pentecostes; em seguida vem o dia mais longo do ano, o solstício de verão, e logo se vai em direção ao outono...

— Pare! Pare com isso! — exclamou Settembrini, elevando os olhos para o céu e comprimindo as têmporas com as palmas da mão.
— Cale-se! Não posso ouvir como o senhor se excede dessa maneira...

— Perdão, eu quero dizer, Mustamente... Bem, parece que Behrens se decidirá finalmente a me dar as tuelas in Meções para me desintoxicar, pois tenho sempre 37,4, 5, 6, e até 7. Não está querendo ceder. Sou e continuo sendo um filho em Iermiço da Yida. Não sou propriamente um paciente a longo prazo, Radamanto nunca me condenou a uma determinada pena, mas acha que seria absurdo interromper o tratamento antes do tempo, depois de tantos meses que estou aqui, e depois de ter, por assim dizer, empatado um tempo considerável. De que se Yiria fixar um prazo? Isso não significaria nada, pois quando ele diz, por exemplo: “Meio ano, pouco mais ou menos”, trata-se do mínimo, e é preciso que a gente esteja preparado para mais. Veja isto no caso de meu primo, cujo fim de Yia ter chegado no início deste mês — digo “fim” no sentido da alta definitiva —, mas da última vez Behrens lhe acrescentou mais quatro meses até a cura completa. E, pois bem, o que teremos então? Teremos o solstício de Yerão, como eu disse, sem a mínima intenção de melindrá-lo, e aí estaremos novamente a caminho do inverno. Mas por enquanto teremos primeiro o Carnaval, e o senhor Má sabe que acho o mais certo a gente celebrar as festas na ordem em que surgem no calendário. A sra. St,hr me contou que o porteiro tem à Yenda umas cornetas de brinde.

Era Verdade. Desde o caIé da manhã na terça-Ieira de CarnaYal, Tue chegara tão depressa, antes mesmo Tue se tiYesse tempo de aYistá-la de longe — ora, desde as primeiras horas da manhã ouYia-se na sala de reIeições toda espécie de sons produzidos por instrumentos de sopro, Tue roncaYam ou trilaYam carregados do melhor humor. Durante o almoço Ioram lançadas serpentinas da mesa de Gänser, Rasmussen e da KleeIeld; algumas pessoas, como a Marússia dos olhos redondos, Má tinham sobre a cabeça carapuças de papel, igualmente compradas no aloMamento do porteiro coxo; à noite, porém, cresceu no salão e nas salas de conYersação um conYíYio IestiYo, em cuMo decurso... Só nós sabemos, por ora, a Tue leYou o decurso desse conYíYio carnaYalesco, como obra do espírito empreendedor de Hans Castorp. Mas não nos deixamos leYar por nosso saber, nem Yamos abandonar por isso nossa circunspeção; concedemos ao tempo, isso sim, a merecida honra e não nos precipitamos — talYez até retardemos um pouco o curso dos acontecimentos, partilhando com o MoYem Hans Castorp suas inibições morais, Tue por tanto tempo reIream sua realização.

À tarde, todo mundo Ioi a DaYos-Platz para olhar o moYimento carnaYalesco nas ruas. DesfilaYam as Iantias, os pierrôs e os arleTuins, agitando as matracas. Entre os pedestres e as pessoas Iantasiadas Tue ocupaYam os trenós enIitados e

proYidos de guizos, traYaYam-se batalhas de conIete. Na hora do Mantar, os pensionistas reuniram-se alegres em torno das sete mesas, decididos a manter o entusiasmo público nesse recinto Iechado. As carapuças de papel, as cuícas e as cornetas do porteiro tinham sido Yendidas com grande rapidez. O promotor ParaYant dera início aos disIarces mais completos, Yestindo um Tuimono de senhora e um rabicho postiço, Tue, segundo as

exclamações Yindas de todos os lados, pertencia à esposa do cônsul-geral Wurmbrand; por meio de um encrespador, puxara para baixo as pontas do bigode, de maneira Tue parecia um chinês perIeito. A administração da casa não ficaYa atrás. Cada mesa estaYa adornada de uma lanterna de papel com a Iorma de uma lua multicolor e uma Yela acesa por dentro, de modo Tue Settembrini, ao entrar na sala e passar perto da mesa de Hans Castorp, citou uns Yersos Tue podiam reIerir-se a essa iluminação:

Perceberá candeios de mil cores.

Há lá festa; há de achar-se acompanhado...

Ioi o Tue ele murmurou com um sorriso fino e seco, enTuanto, negligentemente, se dirigiu ao seu lugar, onde o receberam com

peTuenos proMéteis, bolinhas cheias de um líTuido perIumado, Tue se rompiam com o choTue e molhaYam as Yítimas.

Numa palaYra, desde o início, o clima era de Iesta. EstrondeaYam gargalhadas; serpentinas pendiam dos lustres e balançãYam, agitadas pelas correntes de ar; no molho dos assados, boiaYam conIetes. Com passo apressado, a anã não tardou em trazer a primeira garraIa de champanhe num recipiente de gelo, então misturaram o champanhe com Yinho da Borgonha, obedecendo a um sinal do adYogado EinhuI. Pelo fim da reIeição, apagaram-se as luzes do teto e a iluminação limitou-se às lanternas, ao claro-escuro de uma noite italiana em seus Yários matizes. A essa altura dos acontecimentos o bom humor era geral, e na mesa de Hans Castorp houYe muitos aplausos Tuando Settembrini passou adiante um bilhete (para Marúsia, Tue ocupaYa o lugar mais próximo ao dele, enIeitada com um gorro de MóTuei de papel de seda Yerde), no Tual se liam os seguintes Yersos, escritos a lápis por ele:

Mas veja que esta noite é a festa das diabruras cá no monte; e eu também sou uma das figuras. Mas vá lá; faltarei contanto que revele

a um pobre fogo-fátuo o modo como o leve.

O dr. Blumenkohl, que de novo andava muito mal de saúde, esboçou a aquela expressão, ou melhor, a aquela contração dos lábios que lhe era peculiar, e murmurou algumas palavras relativas à procedência desses Yersos. Hans Castorp, por sua vez, achou-se na obrigação de dar uma resposta humorística. Tentou escrever no bilhete uma réplica, mas nem poderia vir a ser lá grande coisa. Remexeu os bolsos em busca de um lápis, mas não o encontrou e tampouco pôde consegui-lo de Joachim ou da professora. Pedindo auxílio, seus olhos estriados de vermelho dirigiram-se para o leste, no canto traseiro da sala, bem à esquerda. Viu-se então como a aquela intenção logo degenerava em associações de ideias tão longínquas que Hans Castorp empalideceu, estendendo-se totalmente de seu intuito primitivo.

Além disso, outros motivos para empalidecer. A sra. Chauchat, que tinha o seu lugar ali atrás, arrumara-se para o Carnaval; trazia um vestido novo, ou pelo menos um vestido que Hans Castorp nunca a vira usar — de uma seda leve e escura, quase preta, que não cambiava senão de vez em quando com um brilho de ouro-castanho; o decote, redondo e discreto, tal o de um vestido de menina, mal mostrava o pescoço, a nuca das clavículas e as vértebras da nuca, um pouco salientes sob os cabelos despegados, pela posição da cabeça inclinada para a frente; mas os braços de Cláudia estavam

desnudos até os ombros, esses braços delgados e todaYia cheios, braços Irios, proYaYelmente, e Tue se destacaYam tão brancos da seda escura do Yestido, Tue Hans Castorp, Iechando os olhos, sussurrou de si para si:

— Meu Deus!

Nunca antes ele deparara com Yestidos como este. Conhecia o corte de Yestidos de baile com decotes tais como permitia ou até prescreYia o caráter de uma Iesta,

decotes muito maiores Tue este, sem produzirem, no entanto, eIeito igualmente sensacional. EYidenciou-se, antes de tudo, ter se enganado redondamente o pobre Hans Castorp, ao supor Tue o encanto e a insensata sedução desses braços, Tue só conhecia atraYés de um Yéu de gaze fino, iam ser menos intensos sem essa auréola sugestiva. Engano! Ilusão Iatal! A nudez completa, acentuada e deslumbrante desses magníficos membros de um organismo intoxicado, constituía um espetáculo muito mais emocionante do Tue a auréola de outrora, uma Yisão à Tual não se podia responder de outra maneira Tue baixando a cabeça e repetindo, em Yoz surda:

— Meu Deus!

Pouco mais tarde chegou outro bilhete com o seguinte conteúdo:

Quem nunca viu melhor sociedade? Tudo moças, perfeitas donzelas! Tudo moços, digníssimos delas!

Que promessas à posteridade!

— BraYo, braYo! — alguém gritou.

Alguns Má bebiam caIé, serYido em peTuenos bules de barro pardo, ou então licores, como a sra. St,hr, Tue gostaYa imensamente de bebidas Iortes e doces. Os comensais começaram a leYantar-se e a circular pela sala. VisitaYam-se uns aos outros; trocaYam de mesa. Parte dos pensionistas Má passara aos salões, enTuanto outros, mais sedentários, continuaYam a Iazer honra à mistura de Yinhos. Settembrini chegou então pessoalmente, com a xicrinha de caIé na mão e o palito entre os dentes. Sentou-se como Yisitante à cabeceira da mesa, entre Hans Castorp e a proIessora.

— Montanhas do Harz — disse. — Região entre Schierke e Elend.

Será Tue lhe prometi demais, Engenheiro? Que Ieira, Tue Iuzuê!

Mas espere um pouco, ainda não se esgotou nosso engenho, não chegamos ao apogeu, e Tuem dirá ao

fim. Pelo Tue estão Ialando, haYerá muitas máscaras mais.

Algumas pessoas se retiraram, pode estar certo de Tue algo Yirá, o senhor Yai Yer.

De Iato, noYas Iantasias Ioram aparecendo: senhoras Yestidas de homem, com os rostos enegrecidos com rolhas tismadas, e Tue oIereciam aspecto pouco natural, de opereta, pela opulência de suas Iormas. CaYalheiros Tue por sua Yez se haYiam Iantasiado de mulher, traMando longos Yestidos, em cuMas saias tropeçaYam, como, por exemplo, o estudante Rasmussen, numa roupa preta, enIeitada de lanteMoulas, exibindo um decote cheio de espinhas e abanando-se, pela Irente e por trás, com um leTue de papel. Apareceu um mendigo, arrastando-se de Moelhos dobrados, apoiado numa muleta. Um pensionista transIormara roupas de baixo e um chapéu de senhora numa Iantasia de pierrô; empoara o rosto de tal maneira Tue os olhos adTuiriram uma expressão estranha, e, com batom, dera à boca certo releYo sanguíneo; era o rapazote da unha comprida. Um grego da mesa dos russos ordinários, dotado de pernas bonitas, paYoneaYa-se em ceroulas de malha lilás, com uma golinha de papel e um florete, pretendendo-se um fidalgo espanhol ou um príncipe de conto de Iadas. Todas essas Iantasias haYiam sido improYisadas, a toda pressa, depois da reIeição. A sra. St, hr também não pôde permanecer em seu lugar por mais tempo. Sumiu-se, para logo reaparecer disIarçada de arrumadeira, com a saia e as mangas arregaçadas; tinha as fitas da touca de papel amarradas por baixo do Tueixo; munida de balde e Yassoura, pôs-se a trabalhar, passando o pano molhado sob as mesas, entre as pernas das pessoas sentadas.

A velha Baubo vem sozinha...

citou Settembrini, ao Yê-la, e não deixou de acrescentar, na sua pronúncia clara e plástica, o Yerso seguinte. Quando ela ouYiu essas palaYras, chamou-o de “galo tirolês” e mandou- o guardar para si mesmo essas “piadinhas suMas”. Em nome

da liberdade própria das máscaras, tratou-o por Yocê; pois o tratamento inIormal Má Iora adotado em toda parte, durante a reIeição. Settembrini esteYe a ponto de retrucar, Tuando uma barulheira e uma onda de gargalhadas, Yindas do Yestíbulo, interromperam-no e atraíram a atenção da sala.

Seguidas de pensionistas Tue Yinham das salas laterais, entraram solenemente duas figuras estranhas, Tue haYiam acabado de se Iantasiar. Uma Yinha com traMes de diaconisa, mas seu hábito preto estaYa coberto, do pescoço até a barra, de Iaixas brancas, transYersais; listras curtas, próximas umas das outras, e longas, mais espaçadas, dispostas à maneira da marcação de um termômetro. LeYaYa um dos indicadores à boca pálida e trazia, na outra mão, uma papeleta de temperatura. O outro mascarado andaYa de Yestido azul, com os lábios e os sobrolhos pintados de azul, e com manchas azuis no rosto e no pescoço; usaYa um gorro de lã azul, colocado obliTuamente na cabeça, e traMaYa uma espécie de

macacão de alpaca azul, feito de uma só peça, atado nos tornozelos por meio de fitas e enchido na parte central do corpo, para formar uma enorme barriga. As figuras foram reconhecidas como sendo a sra. Iltis e o sr. Albin. Ambos levavam cartazes de papelão, nos quais se podia ler: “A Irmã Muda” e “Joãozinho Azul”. A passos saltitantes deram volta à sala.

Quanto aplausos não receberam! Houve aclamações sem fim. A sra. St., com a Yassoura debaixo do braço e com as mãos fincadas nos bolsos, riu-se desmedida e ordinariamente, como lhe permitia o seu papel de arrumadeira. Apenas Settembrini manteve-se reservado. Seus lábios, sob a bela curva do bigode, comprimiram-se sobremaneira, após um rápido olhar aos dois mascarados, aliado de tantas palmas.

Entre as pessoas que, formando o cortejo do Azul e da Muda, haviam voltado das dependências à sala de recepções, achava-se também Cláudia Chauchat; em companhia de Tamara, a moça de cabelos lanosos, e

da Tuela comensal de tórax côncavo, um certo Buligin, que usava um smoking, ela roçou com seu vestido na mesa de Hans Castorp, passou pela sala em diagonal, até a mesa do Moyses Gänser e da Kleeberg; lá, estacou, mãos nas costas, conversando e rindo com os olhos oblíquos, enquanto seus companheiros continuavam a seguir os fantasmas alegóricos e abandonavam a sala atrás deles. Também a sra. Chauchat

enfeitara-se com uma carapuça de CarnaVal. Não era setuer um gorro comprado, mas sim daTuele tipo Tue se Iaz para crianças, um tricórnio dobrado de papel branco. LeYaYa-o atraYessado, o Tue lhe ficaYa muito bem. O Yestido de seda, cambiante entre marrom-escuro e dourado, deixaYa Yer os pés e tinha saia godê. Nada mais diremos dos braços. EstaYam nus até os ombros.

— Repare! — Hans Castorp ouYiu ressoar a Yoz do sr. Settembrini, como Tue de longe, enTuanto ele mesmo a acompanhaYa com o olhar, no caminho Tue Iazia até a porta enYidraçada, e sala aIora. — É Lilith.

— Quem? — perguntou Hans Castorp. SatisIeito, o literato replicou:

— A primeira mulher de Adão. Cuidado!...

Além deles, somente o dr. Blumenkohl ainda permanecia à mesa, no seu lugar distante. Os demais companheiros, entre eles Joachim, tinham passado para as salas de conYersação. Hans Castorp disse:

— HoMe Yocê anda cheio de poesia e Yersos. Que Lili é essa, afinal? Adão casou-se duas Yezes? Eu não sabia disso...

— É a lenda hebraica Tue o diz. A tal Lilith transIormou-se num Iantasma noturno, perigoso aos MoYens, sobretudo por seus lindos cabelos.

— Diabos! Um Iantasma noturno com lindos cabelos! Não é algo Tue o agrade, certo? Diante de algo assim Yocê logo chega e acende a luz elétrica, por assim dizer, para pôr os rapazes no bom caminho, não é? — disse Hans Castorp, diYagando, porTue bebera grandes Tuantidades daTuela mistura de Yinhos.

— Escute, Engenheiro, deixe disso! — ordenou Settembrini de cenho Iranzido. — SirYa-se do tratamento Tue conYém empregar no Ocidente entre pessoas cultas, por IaYor! Esse seu ímpeto não condiz com sua pessoa.

— Mas por Tue não? É CarnaYal. Todos aceitam esse tratamento, nesta noite...

— Sim, senhor, mas em Yirtude de um prazer imoral. O “Yocê” entre pessoas estranhas, isto é, entre pessoas Tue normalmente se tratam por “o senhor”, constitui uma selYageria repulsiYa, uma brincadeira com o estado original, um Mogo negligente Tue abomino, por dirigir-se, no Iundo, contra a ciYilização e a humanidade desenYolYida, e isso de uma Iorma indecente e despudorada. Eu não o tratei por “Yocê”. Apenas citei um trecho da obra-prima de sua literatura nacional. SerYi-me, portanto, de uma linguagem poética...

— Eu também! Também eu Ialo, em certo sentido, poeticamente. É porTue o momento me parece próprio para Iazê-lo, só por isso!

Não digo que me seja natural e fácil tratá-lo por “Você”. Pelo contrário, custa-me certo esforço; tenho que me obrigar a isso. Mas faço-o com prazer, faço-o alegremente e de todo o coração...

— De todo o coração?

— Sim, de todo o coração. Pode crer. Já faz tanto tempo que viemos juntos aqui em cima! Uns sete meses; Você pode fazer o cálculo. Segundo os conceitos daqui não é grande coisa, mas, quando penso nas ideias que reinam lá embaixo, é tempo considerável. Bem, e esse tempo, nós o passamos um ao lado do outro, porque a Yida nos reuniu aqui. Encontramo-nos quase todos os dias e tivemos conversas interessantes, irentemente sobre assuntos dos seus lá embaixo eu não entenderia nada. Mas aqui era diferente. Aqui achei-os importantes e pertinentes, de modo que todas as vezes que a gente discutiu prestei muita atenção. Ou melhor: prestei atenção todas as vezes que

Você me explicou as coisas na qualidade de um Homo humanus, pois eu, com a minha falta de experiência, pouco sabia contribuir para o tema e apenas me limitava a achar útil tudo quanto Você dizia. Graças a Você aprendi e compreendi muita coisa... O que me falou de Carducci foi pouco, mas as relações que existem entre a república e o belo estilo, ou entre o tempo e o progresso da humanidade

— se não houvesse o tempo seria impossível o progresso da humanidade, e o mundo não passaria de um charco estagnado e uma poça pútrida... Que saberia eu de tudo isso, se você não me tivesse ensinado? Trato-o simplesmente por “você” e não por outro nome. Desculpe, mas não sei como falar de outra forma. Não há jeito. Você está sentado aí, e chamo-o “você”, simplesmente; é o tanto basta. Você não é um homem qualquer, é um representante, sr. Settembrini, um representante, neste lugar e a meu lado, isso é o que você é

— confirmou Hans Castorp, e com a palma da mão bateu sobre a toalha. — E agora quero agradecer — prosseguiu, aproximando da xicrinha de café do sr. Settembrini, em cima da mesa, a sua taça cheia de borgonha com champanhe —, quero agradecer pelos cuidados que você, de maneira muito amável, me deu ao longo destes sete meses; quero agradecer por a mudança em seus exercícios e experiências o calouro que eu era, assaltado por tantas impressões novas; por que você procurou exercer sobre mim uma influência correta, totalmente sine pecunia, por meio de historietas ou de forma abstrata. Tenho a sensação nítida de que chegou o momento de expressar a minha gratidão por isso e por tudo, e de pedir seu perdão por ter sido um mau aluno, um “filho indisciplinado da Yida”, como você me chamou. Quando me disse isso, fiquei muito como eu, e cada

Yez Tue me lembro sinto a mesma emoção. Um filho em Iermiço é o Tue Iui sem dúvida também para Yocê e sua Yeia pedagógica, da Tual Ialamos logo no primeiro dia. Claro, pois aí temos mais uma dessas relações Tue Yocê me

reYelou, essa Tue existe entre o humanismo e a pedagogia. Com o tempo, eu descobriria muitas outras relações ainda... Perdoe-me e não guarde de mim más recordações! À sua saúde, sr.

Settembrini, YiYa! EsYazio minha taça em homenagem a seus esIorços literários pelo extermínio dos soIrimentos humanos — terminou; e, inclinando-se para trás, sorYeu em grandes tragos a mistura de Yinhos. A seguir leYantou-se dizendo: — E agora Yamos reunir-nos aos outros.

— Escute, Engenheiro, Tue lhe deu na Yeneta? — perguntou o italiano, com os olhos cheios de surpresa, e também se pôs de pé. — Isto soa como uma despedida...

— Não, não, por Tue despedida? — respondeu Hans Castorp, esTuiYo. EsTuiYou-se não somente nas suas palaYras, mas também fisicamente, descreYendo meio círculo com o corpo e aYizinhandando-se da proIessora, srta. Engelhart, Tue Yiera buscá-los. No salão de música, anunciou ela, o conselheiro em pessoa estaYa preparando e distribuindo um ponche de CarnaYal, Tue a administração oIerecia aos pensionistas. Que eles Iossem imediatamente, caso ainda deseMassem beber um copo. E assim se puseram a caminho.

Realmente, o conselheiro áulico Behrens achava-se ali no salão, rodeado pela multidão dos pensionistas, e lhe estendiam pelas mãos as canecas. À sua frente havia a mesinha redonda do centro, coberta de uma toalha branca. Nela se via uma terrina, da qual o conselheiro tirava, com uma concha, a bebida fumegante. Também ele dava à sua aparência um cunho evidentemente carnavalesco, acrescentando ao habitual de médico, e como sempre, uma vez que a sua atividade não conhecia descanso, um autêntico toque turco, carmesim, com uma borla negra a balouçar-lhe à orelha. Essa combinação parecia-lhe bastante suficiente; bastava para levar aos limites da excentricidade e da pândega a sua aparência. Mas em si era do comum. O longo habitual branco exagerava o tamanho do conselheiro. Quando se fazia abstração da curvatura da nuca, endireitando-a mentalmente e fazendo o corpo alcançar a sua altura verdadeira, a silhueta do homem, com a cabecinha de aspecto singular e colorido, parecia aumentada acima do natural. Pelo menos ao menos Hans Castorp, esse rosto jamais se afigurara tão estúpido como nesse dia, quando contrastava com o ridículo toque vermelho; essa fisionomia achatada, com o nariz arrebitado, com a pele azulada, e dava a impressão de estar quente, com os olhos azuis lacrimosos e saltados sob as sobrancelhas de um louro quase branco, e com o bigodinho claro a torcer-se habitualmente por cima da boca arredada, de

lábios grossos. Procurando evitar o vapor quente que saía da terrina bem à sua frente, em redemoinhos, o médico entornava a bebida parda, um ponche de água açucarado, num Mato que ia de sua concha até os copos estendidos diante dele. Enquanto isso, exprimia-se em seu Margão disparatado, de modo que distribuía a bebida em meio a gargalhadas em torno da mesa.

— No topo monta dom Urião — explicou Settembrini em voz baixa, apontando para o conselheiro áulico, até que, em seguida, o movimento das pessoas separou-o de Hans Castorp. Também o dr. Krokowski estava presente. Baixote, atarracado e enérgico, com o blusão de alpaca preta suspenso nos ombros, com as mangas pendendo, fazia cair em dominó, ele mantinha a taça à altura dos olhos e conversava moicamente com um grupo de mascarados de sexo travestido. Ouviram-se sons de música. A paciente com a cara de anta, acompanhada pelo rapaz de Mannheim, tocou o Largo de Händel ao violino e depois uma sonata de Grieg, de caráter nacional e adequado ao ambiente de salão. Houve aplausos benevolentes, até nas duas mesas de bridge que tinham sido armadas, e em torno das quais se haviam instalado pessoas fantasiadas, com garrafas ao lado, em baldes de gelo. As portas estavam abertas. Também no vestibulo se achavam pensionistas. Um

grupo cercaYa a mesa redonda, com a terrina de ponche, olhando o conselheiro empenhado em introduzir um noYo Mogo de salão. Ele estaYa desenhando de pé com os olhos Iechados, inclinado por cima da mesa, mas deitando a cabeça para trás, para Tue todos pudessem Yer Tue realmente não abria os olhos. Nas costas de um cartão de Yisita, esboçaYa a lápis uma figura, às cegas. Eram os contornos de um porco o Tue a sua manopla desenhaYa sem a aMuda dos olhos; um porTuinho Yisto de perfil, um tanto simplificado, mais esTuemático do Tue naturalístico, porém, incontestayelmente, a Iorma básica de um porTuinho, Tue o conselheiro ia traçando sob essas condições diÍíceis. Isso exigia muita habilidade, e ele dispunha dela. O olhinho puxado entrou, pouco mais ou menos, onde deYia entrar, talYez um pouco perto do Iocinho, mas, de TualTuer maneira, em seu lugar; o mesmo se deu com a orelha pontuda e com as perninhas, Tue pendiam da pança arredondada; prolongando a linha das costas igualmente redondas, o rabinho IormaYa um saca-rolhas muito elegante. Todos exclamaram “Ah!” Tuando a obra estaYa concluída, e apressaram-se a imitar a proeza, tomados da ambição de igualar o mestre. Mas eram muito poucos os Tue sabiam desenhar, com os olhos abertos, um porTuinho apresentáYel, e ainda menos às cegas. Que monstros não resultaram das suas tentatiYas! Não haYia relação alguma entre os traços. O olhinho colocado Iora da cabeça; as patinhas dentro da pança, Tue por sua Yez ficaYa

escancarada; o rabinho enrola-se em algum lugar longe do corpo, sem nenhuma relação orgânica com a figura principal, formando um arabesco independente. Ria-se até não poder mais. O grupo aumentou. Foi atraída a atenção dos Mogadores de bridge, que se aproximaram, curiosos, com as cartas abertas em frente na mão. A assistência controla os olhos de quem experimenta, para certificar-se de que ninguém esteja fazendo trapaça, como alguns tentam, na sensação da sua impotência. Os espectadores

riam-se abertamente ou secretamente, enquanto o candidato cometia seus erros cegos, e rebentavam de rir quando ele, abrindo os olhos, contemplava a sua obra absurda. Uma confiança falaz em si próprios impelia todos a participar da competição. O cartão, apesar de bem grande, encheu-se rapidamente de ambos os lados, de maneira que os desenhos entravam uns nos outros. O conselheiro sacrificou um segundo cartão, que tirou da sua carteira, e sobre o qual o promotor levantou, segundo um plano premeditado, tentou desenhar o porquinho num só traço, com o único resultado de malograr de forma muito pior que os outros; os rabiscos que saíram de seu lápis não somente não se pareciam com coisa alguma, mas tampouco recordavam, nem de longe, qualquer coisa neste mundo. Nos gritos, nos gargalhadas e tumultuosas eliciações. A seguir foram buscar cartões na sala

de reIeições, para Tue diYersas pessoas, caYalheiros e senhoras, pudessem desenhar ao mesmo tempo. Todos os competidores tinham seus Yigilantes e seus espectadores, cada um dos Tuais esperaYa a sua Yez de se apossar do lápis Tue estaYa sendo usado. HaYia apenas três lápis em disputa. Todos pertenciam a pensionistas. O conselheiro áulico, ao Yer Tue o Mogo estaYa bem encaminhado, sumiu-se acompanhado do assistente.

No meio da multidão, Hans Castorp obserYaYa por cima do ombro de Joachim o trabalho de um dos desenhistas; apoiaYa o cotoYelo nesse ombro, com os cinco dedos da mão apoiaYa o Tueixo, e a outra mão, mantinha-a posta no Tuadril. FalaYa e ria. Também Tueria desenhar. Reclamou em Yoz alta e recebeu um lápis, um pedaço bem curtinho, Tue mal se podia conduzir entre o polegar e o indicador. Protestou contra esse toco, com os olhos Iechados erguidos para o teto. Resmungou em Yoz alta e pragueMou contra a insuficiência do lápis, enTuanto a mão apressada rabiscaYa no cartão uma espantosa monstruosidade, Tue por fim aYançaYa sobre a toalha.

— Isso não Yale! — exclamou em meio às merecidas risadas.
— Como se pode com um troço desses... Que Yá para o diabo! —
E atirou na terrina de ponche o toco assim acusado. — Quem tem um lápis decente? Quem me empresta um? Quero desenhar de noYo. Um lápis! Um lápis! Quem tem outro lápis? —

gritou, Yoltando-se para todos os lados, com o antebraço estendido ainda firmado na mesa, e agitando no ar a mão direita. Não pôde obter nenhum. Eis que deu meia-Yolta e atraiu a peça, continuando a gritar. Foi em direção a Cláudia Chauchat, que, como ele sabia, se achava perto do reposteiro diante da salinha e dali observava, sorrindo, o alvoroço em torno da mesa de ponche.

Atrás de si, Hans Castorp ouviu chamar, em palavras sonoras e constrangedoras:

— Eh! Ingegnere! Aspetti! Che cosa fa Ingegnere! Un po' de ragione, sa! Ma è matto questo ragazzo!¹¹

Mas acabou essa coisa com a sua. Viu-se então como o sr. Settembrini levantou a mão acima da cabeça — gesto usado em seu país, com um sentido difícil de se expressar em poucas palavras, e que ele acompanhou com um “Ehh!” prolongado — para depois abandonar o conhecido carnavalesco... Hans Castorp, porém, achando-se no meio do pátio ladrilhado do ginásio, fitou de muito perto o azul verde-cinza desses olhos profundos de epicanto, acima das maçãs salientes, e disse:

— Será que você não tem um lápis, por acaso?

Estava pálido como a morte, tão pálido como na noite do dia seguinte, manchado de sangue, após o passeio solitário, para assistir à execução. Os nervos que controlam os vasos capilares de seu

rosto funcionava de tal maneira que a pele exangue emurcheceu, lívida e fria, fazendo que o nariz parecesse mais pontiagudo e a parte abaixo dos olhos adquire uma cadaverica cor de chumbo. O coração simpático, por sua vez, mandava o coração de Hans Castorp martelar num ritmo tão acelerado que não se podia falar

de uma respiração regular. Calafrios percorriam o corpo do Moym, devido a um trabalho das glândulas sebáceas, que se eriçava muito com os folículos pilosos.

A mulher do tricórnio de papel contemplou-o de alto a baixo com um sorriso que não revelava nem um vestígio de compaixão ou desassossego diante do aspecto transtornado de Hans Castorp. Até que ignora, aliás, tal compaixão e desassossego diante dos terrores que traz consigo a paixão, esse elemento que notadamente lhe é muito mais familiar que ao homem, o qual, por natureza, não se dá com ele. Daí acontece que a mulher nunca vê o homem numa situação dessas sem sentir vontade de escarnecer e mostrar uma alegria maliciosa. Enquanto ele, de sua parte, ficaria grato por qualquer sinal até mesmo de compaixão e desassossego.

— Eu? — Ioi como reagiu a enferma dos braços desnudos àquele “Você”... — Sim, pode ser. — No seu sorriso e na sua voz talvez transparecesse um pouco da emoção que se produz quando, depois de prolongadas relações mudas, se proclama a primeira

palaYra; é uma emoção sutil Tue secretamente inclui o passado inteiro no momento presente. — Você é muito ambicioso... Muito... ardoroso — ela prosseguiu, zombando, na sua pronúncia exótica com o “r” estrangeiro e o “o” demasiado aberto, sendo Tue sua Yoz leYemente Yelada, agradaYelmente rouca, daYa às palaYras, ademais, uma acentuação esTuisita, Tue as Iazia soar como Iossem de um idioma totalmente estrangeiro. EnTuanto isso, remexia a bolsinha de couro, Yendo se descobria um lápis. De sob um lenço tirou uma minúscula lapiseira de prata, Irágil e fininha, artigo de Iantasia, inútil para o trabalho sério. O lápis de outrora, o primeiro, Iora diIerente, mais robusto e maneMáYel.

— Voilà — disse ela, pondo diante dos olhos de Hans Castorp a peTuena lapiseira, Tue seguraYa pela ponta, entre o polegar e o indicador, moYendo-a com leYeza para cá e para lá.

Como ela fingisse oIerê-la e negá-la ao mesmo tempo, ele, então, Iez menção de pegá-la, sem a receber; Tuer dizer, eleYou a mão à altura do obMeto, bem próximo dele, com os dedos prontos para apanhá-lo, mas sem concluir o ato. Do Iundo das órbitas cor de chumbo, seu olhar fixaYa-se alternadamente na lapiseira e no rosto tártaro de ClaZdia. Seus lábios exangues estaYam abertos e permaneciam assim, sem Tue se serYisse deles para Ialar, até Tue disse:

— Está Yendo? Eu sabia Tue Yocê teria um lápis.

— Prenez garde, il est un peu Iragile — respondeu ela. — C’est à Yisser, tu sais.¹²

E, enquanto as duas cabeças se aYizinhaYam por cima da lapiseira, ela lhe explicou o mecanismo, Tue nada tinha de anormal. Fazendo-se girar a rosca, aparecia uma mina de grafite, delgada Tual uma agulha, proYaYelmente dura e pouco própria para escreYer.

Permaneceram inclinados um para o outro. Como ele traMasse um IraTue, trazia nesta noite um colarinho engomado sobre o pescoço, onde pôde escorar o Tueixo.

— PeTueno, mas todinho seu — disse Hans Castorp, com sua testa Tuase Munto à dela, Yoltando a boca à lapiseira, sem moYer-lhe os contornos e suprimindo assim os sons labiais.

— Oh! E Yocê também tem um humor sutil — ela respondeu com uma risada breYe, enquanto se endireitaYa e deixaYa com ele a lapiseira. (Sabe Deus de onde ele tiraYa sutileza a uma hora dessas, Má Tue não haYia uma gota de sangue seTuer em sua cabeça.) — Pois então Yá, não perca tempo! Desenhe uma figura... e Iaça uma bela figura! — Parecia Tue ela, com igual sutileza, trataYa de aIastá-lo.

— Não, você não desenhou ainda; mas tem Tue desenhar agora — disse Hans Castorp, sem articular o “m” de “mas”. Recuou um passo, como para Iazê-la seguir.

— Eu? — perguntou ela noYamente com uma surpresa Tue parecia reIerir-se antes a outra coisa Tue à proposta dele.

Sorrindo, mas um tanto perturbada, permaneceu imóYel durante um momento. Depois, porém, obedecendo ao magnetismo do recuo de Hans Castorp, deu alguns passos em direção à mesa de ponche.

Verificou-se, entretanto, Tue o interesse pelo Mogo caíra nesse ínterim e estaYa nas últimas. HaYia ainda Tuem desenhase, mas Má não encontraYa espectadores. Os cartões Maziam cobertos de garatuMas, todos tinham posto à proYa a própria incapacidade; a mesa achaYa-se Tuase deserta, tanto mais Tue se iniciara uma contracorrente. Como deram-se conta da saída dos médicos, logo alguém sugeriu Tue se comesçasse a dançar. A mesa Ioi retirada do centro da sala. Vigias Ioram colocados nas portas do gabinete de escrita e da saleta de música, com a ordem de dar sinal para interromper o baile caso reaparecessem “o Yelho”, KrokoZski ou a superiora. Um rapaz eslaYo atacou com IerYor o teclado do peTueno piano de noqueira. Os primeiros pares comesçaram a girar pelo interior de um círculo irregular, Iormado por poltronas e cadeiras, em Tue ficaram os espectadores.

Hans Castorp Iez um gesto Yago com a mão, como para dizer “Adeus” à mesa Tue se aIastaYa. Apontou com o Tueixo para alguns assentos liYres Tue descobrira na saleta, e para um

cantinho bem abrigado à direita do reposteiro. Não falou, talvez porque a música lhe parecesse muito barulhenta. Para a sra. Chauchat, colocou uma poltrona forrada de pelúcia no lugar que antes assinalara com a pantomima. Para si mesmo apossou-se de uma cadeira de Yime de braços redondos, que gemeu e rangeu quando ele se sentou. Ele então se inclinou para ela, apoiando os cotovelos nos braços da poltrona, com a lapiseira na mão e os pés para trás, embaixo da cadeira. Ela, por sua vez, ajeitou-se no estofado coberto de pelúcia; seus cabelos acham-se muito elevados; mesmo assim cruzou as pernas e balançou um dos pés, com o tornozelo, acima da margem do sapato de Yerniz preto, desenhando-se sob a seda da meia, igualmente preta. À sua frente estavam sentadas outras pessoas, que se levantavam para dançar e cediam o lugar a outras, cansadas. Era um constante ir e vir.

— Seu vestido é novo — disse Hans Castorp, para ter o direito de olhá-la, e ouviu como ela respondia:

— Novo? Então você conhece minhas roupas?

— Tenho ou não tenho razão?

— Tem, sim. Mandei fazer-lo para mim por esses tempos, no Lukaczek, do Yilaremo. Ele trabalha muito para senhoras daqui de cima. O vestido lhe agrada?

— Muito — ele respondeu, enYolYendo-a mais uma Yez com seu olhar, antes de baixar os olhos. — Quer dançar? — acrescentou.

— E Yocê, gostaria? — perguntou ela, sorrindo, com as sobranceiras alçadas, ao Tue ele replicou:

— Gostaria, sim, se Yocê tiYesse Yontade.

— Você é mais leYadinho Tue eu pensaYa — obserYou ela, e, Tuando ele riu com desdém, acrescentou: — Seu primo Má Ioi?

— Sim, ele é meu primo — confirmou Hans Castorp, sem necessidade. — Notei Tue ele não está mais aTui. Acho Tue Má se recolheu.

— C'est un Meune homme très étroit, très honnête, très allemand.¹³

— Étroit? Honnête?¹⁴ — repetiu ele. — Entendo Irancês muito melhor Tue Ialo. Você Tuer dizer então Tue ele é um pedante. Acha Tue os alemães são pedantes, nous autres allemands?¹⁵

— Nous causons de Yotre cousin. Mais c'est Yrai, Yocês são um pouco bourgeois. Vous aimez l'ordre mieux Tue la liberté, toute l'Europe le sait.¹⁶

— Aimer... aimer... Qu'est-ce Tue c'est? Ça manTue de définition, ce mot-là. Um ama, outro possui, comme nous disons proYerbialement¹⁷ — afirmou Hans Castorp. E prosseguiu: —

Nos últimos tempos, andei meditando sobre a liberdade. Isto é:
ou Yi essa pala Yra com tanta Ire Tuência

Tue me Iez refletir. Je te le dirai en Irançais, o Tue pensei a respeito. Ce Tue tout l'Europe nomme la liberté, est peut- être une chose assez pédante et assez bourgeoise en comparaison de notre besoin d'ordre — c'est ça!¹⁸

— Tiens! C'est amusant. C'est ton cousin à Tui tu penses en disant des choses étranges comme ça?¹⁹

— Não, c'est Yraiment une bonne âme, uma natureza singela, cu Mo espírito não corre nenhum perigo, tu sais. Mais il n'est pas bourgeois, il est militaire.²⁰

— Não corre perigo? — repetiu ela com dificuldade... — Tu Yeux dire: une nature tout à Iait Ierme, s'½re d'elle-même? Mais il est sérieusement malade, ton pau Yre cousin.²¹

— Quem disse isso?

— ATui a gente anda bem-inIormada sobre os outros.

— Foi o Conselheiro Behrens, não?

— Peut-être en me Iaisant Yoir ses tableaux.

— C'est-à-dire: en Iaisant ton portrait?

— Pou Tuoi pas? Tu l'as trou Yé réussi, mon portrait?

— Mais oui, extrêmement. Behrens a très exactement rendu ta peau, oh Yraiment très fidèlement. J’aimerais beaucoup être portraitiste, moi aussi, pour aYoir l’occasion d’étudier ta peau comme lui.

— Parlez allemand, s’il Yous plaît!²²

— Oh, Ialo alemão também Tuando Ialo Irancês. C’est une sorte d’étude artistiTue et médicale — en un mot: il s’agit des lettres humaines, tu comprends.²³ E então, não Tuer dançar?

— Ah, não. Coisa mais pueril. En cachette des médecins. Aussitôt Tue Behrens reYiendra, tout le monde Ya se précipiter sur les chaises. Ce sera Iort ridicule.²⁴

— Você o respeita tanto?

— A Tuem? — disse ela, pronunciando a interrogação com uma breYidade exótica.

— Behrens.

— Mais Ya donc aYec ton Behrens! Além disso Ialta espaço para dançar. Et puis sur le tapis...²⁵ Vamos Yer como dançam os outros.

— Pois sim, Yamos — ele concordou, e pôs-se a olhar, sentado Munto dela, com o rosto pálido; os olhos azuis Tue tinham a expressão pensatiYa do aYô obserYaYam os saracoteios dos enIermos disIarçados, no salão e na biblioteca. A Irmã Muda saltitaYa com o Joãozinho Azul; a sra. Salomon, Iantasiada de caYalheiro engalanado, de casaca e colete branco, com uma camisa engomada de peito saliente, com um bigode pintado e com um monóculo, giraYa nos saltinhos altos de seus sapatos de Yerniz, Tue saíam inaturalmente por baixo das calças de homem; seu par era o pierrô, cuMos lábios luziam num Yermelho de sangue no rosto caiado, e cuMos olhos se pareciam com os de um coelho albino. O grego de mantilha reTuebraYa suas pernas harmoniosas, reYestidas de ceroulas Yioleta, em torno de Rasmussen, decotado e resplandecente de lanteMoulas escuras. O promotor público, no seu Tuimono, a sra. Wurmbrand e o MoYem Gänser dançaYam Muntos, a três, mantendo-se abraçados, ao passo Tue a St, hr bailaYa com a sua Yassoura, Tue apertaYa contra o coração e cuMas crinas acariciaYa como se Iossem a cabeleira hirsuta de um homem.

— Vamos, sim — repetiu Hans Castorp mecanicamente. FalaYam baixinho, em meio aos sons do piano. — Vamos sentar-nos aTui e olhar como num sonho. Para mim, isto é um sonho, sabe?, estarmos sentados assim: comme un rêYe singulièrement proIond, car il Iaut dormir très proIondément pour rêYer comme cela... Je

Yeux dire: C'est un rêve bien connu, rêvé de tout temps, long, éternel, oui, être assis près de toi comme à présent, Voilà l'éternité.²⁶

— Poète! — dit-elle. — Bourgeois, humaniste et poète: Voilà l'allemand au complet, comme il faut!²⁷

— Je crains que nous ne soyons pas du tout et nullement comme il faut — elle répondit. — Sous aucun égard. Nous sommes peut-être des filhos en Iermiços da Yida, tout simplement.

— Joli mot. Dis-moi donc... Il n'aurait pas été fort difficile de rêver ce rêve-là plus tôt. C'est un peu tard que monsieur se résout à adresser la parole à son humble serYante.

— PourTuoi des paroles? — dit-elle. — PourTuoi parler? Parler, discourir, c'est une chose bien républicaine, Me le concède. Mais Me doute que ce soit poétique au même degré. Un de nos pensionnaires, Tui est un peu devenu mon ami, M. Settembrini...

— Il vient de te lancer TuelTues paroles.

— Eh bien, c'est un grand parleur, sans doute, il aime même beaucoup à réciter de beaux vers — mais est-ce un poète, cet homme-là?

— Je regrette sincèrement de n'avoir jamais eu le plaisir de

Iaire la connaissance de ce cheYalier.

— Je le crois bien.

— Ah! Tu le crois?

— Comment? C'était une phrase tout à Iait indifférente, ce Tue M'ai dit lá. Moi, tu le remarTues bien, Me ne parle guère le Irançais. Pourtant, aYec toi Me préIère cette langue à la mienne, car pour moi, parler Irançais, c'est parler sans parler, en TuelTue manière: sans responsabilité, ou comme nous parlons en rêYe. Tu comprends?

— A peu près.

— Ça suffit... Parler — continuou Hans Castorp —, pauYre affaire! Dans l'éternité, on ne parle point. Dans l'éternité, tu sais, on Iait comme en dessinant un petit cochon: on penche la tête en arrière et on Ierme les yeux.

— Pas mal, ça! Tu es chez toi dans l'éternité, sans aucun doute, tu la connais à Iond. Il Iaut aYouer Tue tu es un petit rêYeux assez curieux.

— Et puis — disse Hans Castorp —, si Me t'aYais parlé plus tôt, il m'aurait Iallu te dire "Yous"!

— Eh bien, est-ce Tue tu as l'intention de me tutoyer pour touMours?

— Mais oui. Je t'ai tutoyé de tout temps et Me te tutoierai

éternellement.

— C'est un peu Iort, par exemple. En tout cas, tu n'auras pas trop longtemps l'occasion de me dire "tu". Je Yais partir.²⁸

A palaYra custou a lhe penetrar a consciência. Em seguida, ele teYe um sobressalto e lançou olhares conIusos em redor de si, como Iaz Tuem é despertado de repente. Sua conYersa desenYolYera-se com certa lentidão, porTue Hans Castorp IalaYa o Irancês de modo lerdo, como Tue numa meditação Yacilante. O piano, Tue se calara durante algum tempo, Yoltou a ressoar, agora sob as mãos do rapaz de Mannheim, Tue substituíra o MoYem eslaYo e colocara uma partitura no suporte. A srta. Engelhart estaYa sentada a seu lado e YiraYa as Iolhas. A assistência do baile Má se tornara menos numerosa. Grande parte dos pensionistas parecia ter adotado a posição horizontal. Não haYia mais ninguém nas poltronas à Irente dos dois. Na biblioteca, alguns MogaYam cartas.

— Que é Tue Yocê Yai Iazer? — perguntou Hans Castorp, consternado...

— Vou partir — ela repetiu, sorrindo, aparentemente surpresa pelo estarecimento dele.

— Não é possíYel — disse ele. — É uma piada!

— Nem um pouTuinho. Estou Ialando sério. Partirei.

— Quando?

— Ora, amanhã. Après dîner.²⁹

Dentro dele aconteceu um desabamento de grandes proporções. Depois, disse:

— Aonde Yocê Yai?

— Muito longe daTui.

— Ao Daguestão?

— Tu n'es pas mal instruit. Peut-être, pour le moment...³⁰

— Então, está curada?

— Quant à ça... non. Mas Behrens acha Tue no momento não se pode Iazer grande coisa aTui. C'est pourTuoi Me Yais risTuer un petit changement d'air.³¹

— Então Yocê Yai Yoltar!

— Não se sabe. E ainda mais, não se sabe Tuando. Quant à moi, tu sais, M'aime la liberté aYant tout et notamment celle de choisir mon domicile. Tu ne comprends guère ce Tue c'est: être obsédé d'indépendance. C'est de ma race, peut-être.³²

— Et ton mari au Daghestan te l'accorde... ta liberté?

— C'est la maladie Tui me la rend. Me Yoilà à cet endroit pour la troisième Iois. J'ai passé un an ici, cette Iois. Possible Tue Me reYienne, mais alors tu seras bien loin depuis longtemps.³³

— Você acha, Cláudia?

— Mon prénom aussi! Vraiment tu les prends bien au sérieux les costumes du Carnaval.³⁴

— Você sabe o quanto estou doente?

— Oui... non... comme on sait ces choses ici. Tu as une petite tache humide là dedans et un peu de fièvre, n'est-ce pas?

— Trent-sept et huit ou neuf l'après-midi³⁵ — explicou

Hans Castorp. — E você?

— Oh, mon cas, tu sais, c'est un peu plus compliqué... pas tout à fait simple.

— Il y a quelque chose dans cette branche des lettres humaines dite la médecine — dit Hans Castorp — Tu'on appelle bouchement tuberculeux des Vases de Lymphe.

— Ah! Tu as mouchardé, mon cher, on le voit bien.³⁶

— Et toi?...³⁷ Perdão. Deixa-me perguntar-lhe uma coisa, urgente e em alemão: na tua noite dia, quando me levantei da mesa, para ir ao exame médico, faz seis meses... Você se virou para olhar para mim... Ainda se lembra?

— Quelle question! Il y a six mois!³⁸

— Você sabia aonde eu ia?

— Certes, c'était tout-à-fait par hasard...³⁹

- Soube pelo Behrens?
- TouMours ce Behrens!
- Oh, il a représenté ta peau d'une façon tellement exacte... D'ailleurs, c'est un YeuI aux Moues ardentes et Tui possède un serYice de caIé très remarTuable... Je crois bien Tu'il connaisse ton corps non seulement comme médecin, mais aussi comme adepte d'une autre discipline des lettres humaines.
- Tu as décidément raison de dire Tue tu parles en rêYe, mon ami.
- Soit... Laisse-moi rêYer de nouYeau après m'aYoir réYeillé si cruellement par cette cloche d'alarme de ton départ. Sept mois sous tes yeux... Et à présent, où en réalité M'ai Iait ta connaissance, tu me parles de départ!
- Je te répète Tue nous aurions pu causer plus tôt.⁴⁰
- É o Tue Yocê teria deseMado?
- Moi? Tu ne m'échapperas pas, mon petit. Il s'agit de tes intérêts, à toi. Est-ce Tue tu étais trop timide pour t'approcher d'une Iemme à Tui tu parles en rêYe maintenant, ou est-ce Tu'il y aYait TuelTu'un Tui t'en a empêché?
- Je te l'ai dit. Je ne Youlais pas te dire "Yous".
- Farceur! Réponds donc: ce monsieur beau parleur, cet italien-là Tui a Tuitté la soirée... Qu'est-ce Tu'il t'a lancé tantôt?

— Je n'en ai entendu absolument rien. Je me soucie très peu de ce monsieur, Tuand mes yeux te Yoient. Mais tu oublies... il n'aurait pas été si Iacile du tout de Iaire ta connaissance dans le monde. Il y aYait encore mon cousin aYec Tui M'étais lié et Tui incline très peu à s'amuser ici: il ne pense à rien Tu'à son retour dans les plaines, pour se Iaire soldat.

— PauYre diable. Il est, en effet, plus malade Tu'il ne sait. Ton ami italien du reste ne Ya pas trop bien non plus.

— Il le dit lui-même. Mais mon cousin... Est-ce Yrai? Tu m'effraies.

— Fort possible Tu'il Ya mourir, s'il essaye d'être soldat dans les plaines.

— Qu'il Ya mourir. La mort. Terrible mot, n'est-ce pas? Mais c'est, étrange, il ne m'impressionne pas tellement auMourd'hui, ce mot. C'était une Iaçon de parler bien conYentionnelle, lorsTue Me disais: "Tu m'effraies". L'idée de la mort ne m'effraie pas. Elle me laisse tranTuille. Je n'ai pas pitié... ni de mon bon Joachim ni de moi-même, en entendant Tu'il Ya peut-être mourir. Si c'est Yrai, son état ressemble beaucoup au mien et Me ne le trouYe pas particulièrement imposant. Il est moribond, et moi, Me suis amoureux, eh bien!... Tu as parlé à mon cousin à l'atelier de photographie intime, dans l'antichambre, tu te souYiens?

- Je me souYiens un peu.
- Donc ce Mour-là Behrens a Iait ton portrait transparent.
- Mais oui.
- Mon dieu. Et l'as-tu sur toi?
- Non, Me l'ai dans ma chambre.
- Ah, dans ta chambre. Quant au mien, Me l'ai touMours dans mon porteIeuille. Veux-tu Tue Me te le Iasse Yoir?
- Mille remerciements. Ma curiosité n'est pas inYincible. Ce sera un aspect très innocent.
- Moi, M'ai Yu ton portrait extérieur. J'aimerais beaucoup mieux Yoir ton portrait intérieur Tui est enIermé dans ta chambre... Laisse-moi demander autre chose! ParIois un monsieur russe Tui loge en Yille Yient te Yoir. Qui est-ce? Dans Tuel but Yient-il, cet homme?
- Tu es Moliment Iort en espionnage, Me l'aYoue. Eh bien, Me réponds. Oui, c'est un compatriote souffrant, un ami. J'ai Iait sa connaissance à une autre station balnéaire, il y a TuelTues années déMà. Nos relations? Les Yoilà: nous prenons notre thé ensemble, nous Iumons deux ou trois papiros, et nous baYardons, nous philosophons, nous parlons de l'homme, de Dieu, de la Yie, de la morale, de mille choses. Voilà mon compte rendu. Es-tu satisIait?

— De la morale aussi! Et Tu'est-ce Tue Vous aYez trouYé en Iait de morale par exemple?

— La morale? Cela t'intéresse? Eh bien, il nous semble Tu'il Iaudrait chercher la morale non dans la Yertu, c'est-à-dire dans la raison, la discipline, les bonnes mœurs, l'honnêteté, mais plutôt dans le contraire, Me Yeux dire: dans le péché, en s'abandonnant au danger, à ce Tui est nuisible, à ce Tui nous consume. Il nous semble Tu'il est plus moral de se perdre et même de se laisser dépérir Tue de se conserYer. Les grands moralistes n'étaient point des Yertueux, mais des aYenturiers dans le mal, des Yicieux, des grands pécheurs Tui nous enseignent à nous incliner chrétiennement deYant la misère. Tout ça doit te déplaire beaucoup, n'est-ce pas?⁴¹

Ele permaneceu calado. Ainda estava sentado como antes, com os pés cruzados muito para trás, sob o assento, e inclinado para a frente em direção à mulher Tuase deitada sobre o sofá, com o tricórnio de papel. Tinha entre os dedos a lapiseira Tue pertencia a ela, e com os olhos tão azuis como os de Hans Lorenz Castorp fitava a sala Tue se esYaziara. Os pensionistas haviam se dispersado. O piano, no canto diagonalmente oposto, não deixava ouvir senão alguns sons suas e espaçados, produzidos com uma mão só pelo enfermo de Mannheim, a cujo lado se achava a professora, folheando um álbum de partituras Tue

tinha sobre os Moelhos. Quando se interrompeu a conversa entre Hans Castorp e Cláudia Chauchat, o pianista cessou de tocar, deitando no colo também a mão que até então acariciara o teclado. A srta. Engelhart prosseguiu estudando as notas. Os quatro únicos remanescentes da festa carnavalesca conservaram-se imóveis. O silêncio prolongou-se por alguns minutos. Sob o seu peso, pouco a pouco inclinaram-se cada vez mais cabeças do par sentado junto do piano, a do jovem de Mannheim em direção ao piano, e a da srta. Engelhart para o álbum de partituras. Por fim, como se tivessem se colocado secretamente de acordo, levantaram-se ambos ao mesmo tempo e com grande discrição. Caminhando suavemente, nas pontas dos pés, e evitando lançar um olhar para o outro canto da sala, com a cabeça baixa e os braços rigidamente pendurados, sumiram-se o rapaz de Mannheim e a professora, pela sala de correspondência.

— Tout le monde se retire — disse a sra. Chauchat. — C'étaient les derniers; il se fait tard. Eh bien, la fête de Carnaval est finie. — Ergueu os braços a fim de tirar com as duas mãos o gorro de papel do cabelo arruado, cuja trança cercava a cabeça sua uma coroa. — Vous connaissez les conséquences, monsieur.⁴²

Mas Hans Castorp Iez Tue não, com os olhos Iechados, sem modificar, de resto, a sua posição.

— Jamais, ClaZdia — respondeu. — Jamais Me te dirai “Yous”, Mamais de la Yie ni de la mort, se é Tue se pode dizer assim; e deYeria poder-se. Cette Iorme de s’adresser à une personne, Tui est celle de l’Occident cultiYé et de la ciYilisation humanitaire, me semble Iort bourgeoise et pédante. PourTuoi, au Iond, de la Iorme? La Iorme, c’est la pédanterie elle-même! Tout ce Tue Yous aYez fixé à l’égard de la morale, toi et ton compatriote souffrant, tu Yeux sérieusement Tue ça me surprenne? Pour Tuel sot me prends-tu? Dis donc, Tu’est-ce Tue tu penses de moi?43

— C’est un suMet Tui ne donne pas beaucoup à penser. Tu es un petit bonhomme conYenable, de bonne Iamille, d’une tenue appétissante, disciple docile de ses précepteurs et Tui retournera bientôt dans les plaines, pour oublier complètement Tu’il a Mamais parlé en rêYe ici et pour aider à rendre son pays grand et puissant par son traYail honnête sur le chantier. Voilà ta photographie intime, Iaite sans appareil. Tu la trouYes exacte, M’espère?

— Il y manTue TuelTues détails Tue Behrens y a trouYés.

— Ah, les médecins en trouYent touMours, ils s’y connaissent...

— Tu parles comme M. Settembrini. Et ma fièvre? D'où vient-elle?

— Allons donc, c'est un incident sans conséquence Tu passera vite.

— Non, Claudia, tu sais bien que ce que tu dis là n'est pas vrai, et tu le dis sans conviction, M'en suis sûr. La fièvre de mon corps et le battement de mon cœur harassé et le frissonnement de mes membres, c'est le contraire d'un incident, car ce n'est rien d'autre — e seu rosto pálido, com os lábios trêmulos, inclinou-se ainda mais para o rosto da mulher —, rien d'autre que mon amour pour toi, oui, cet amour Tu m'a saisi à l'instant, où mes yeux t'ont vue, ou, plutôt, que M'ai reconnu, quand Me t'ai reconnue toi... Et c'était lui, évidemment, Tu m'a mené à cet endroit...

— Quelle folie!

— Oh, l'amour n'est rien, s'il n'est pas de la folie, une chose insensée, déraisonnable et une aventure dans le mal. Autrement c'est une banalité agréable, bonne pour entendre de petites chansons paisibles dans les plaines. Mais quant à ce que Me t'ai reconnue et que M'ai reconnu mon amour à toi... oui, c'est vrai, Me t'ai déjà connue, anciennement, toi et tes yeux merveilleusement oubliés et ta bouche et ta voix, avec laquelle tu parles... Une fois déjà, lorsque M'étais collégien, Me t'ai

demandé ton crayon, pour faire enfin ta connaissance mondaine, parce que Me t'aimais irraisonnablement, et c'est de là, sans doute, c'est de mon ancien amour pour toi que ces marottes me restent. Que Behrens a troué dans mon corps, et que tu indiques que Madis aussi M'étais malade...44

Seus dentes batiam. Então ia de Yagando, retirou um pé de sob o assento que rangia. Ao avançar esse pé, tocou o chão com o outro pé, de maneira que a moelha ficou diante dela, com a cabeça baixa e o corpo todo trêmulo.

— Je t'aime — balbuciu —, Me t'ai aimée de tout temps, car tu es le Toi de ma Vie, mon rêve, mon sort, mon éternel désir...

— Allons, allons! — dit-elle. — Si tes précepteurs te voyaient...45

Mais Hans Castorp secoua la tête, désolé, le visage sur le tapis, et répondit :

— Je m'en ficherais, Me me fiche de tous ces Carducci et de la République éternelle et du progrès humain dans le temps, car Me t'aime!46

Elle caressa tendrement avec sa main les cheveux ébouriffés de sa nuque.

— Petit bourgeois! — dit-elle. — Joli bourgeois à la petite tache humide. Est-ce que tu m'aimes tant?47

E arrebatado por esse contato, Má sobre ambos os Moelhos, com a cabeça deitada para trás e com os olhos fechados, ele continuou a falar:

— Oh, l'amour, tu sais... Le corps, l'amour, la mort, ces trois ne font qu'un. Car le corps, c'est la maladie et la volupté, et c'est lui qui fait la mort, oui, ils sont charnels tous deux, l'amour et la mort, et voilà leur terreur et leur grande magie! Mais la mort, tu comprends, c'est d'une part une chose mal aimée, impudente qui fait rougir de honte; et d'autre part c'est une puissance très solennelle et très majestueuse, beaucoup plus haute que la vie triomphante gagnant de la monnaie et enflant sa panse, beaucoup plus vénérable que le progrès qui avance par les temps: parce qu'elle est l'histoire et la noblesse et la piété et l'éternel et le sacré qui nous fait tirer le chapeau et marcher sur la pointe des pieds... Or, de même, le corps, lui aussi, et l'amour du corps, sont une affaire indecente et lâcheuse, et le corps rougit et pâlit à sa surface par honte et honte de lui-même. Mais aussi il est une grande gloire adorable, image miraculeuse de la vie organisée, sainte merveille de la forme et de la beauté, et l'amour pour lui, pour le corps humain, c'est de même un intérêt extrêmement humanitaire et une puissance plus éducative que toute la pédagogie du monde!... Oh, enchantante beauté organisée qui ne se compose ni de teinture à l'huile ni de pierre, mais de matière vivante et corruptible, pleine

du secret Iébrile de la Yie et de la pourriture! Regarde la symétrie merYeilleuse de l'édifice humain, les épaules et les hanches et les mamelons fleurissants de part et d'autre sur la poitrine, et les côtes arrangées par paires, et le nombril au milieu dans

la mollesse du Yentre, et le sexe obscur entre les cuisses! Regarde les omoplates se remuer sous la peau soyeuse du dos, et l'échine Tui descend Yers la luxuriance double et Iraîche des Iesses, et les grandes branches des Yases et des nerIs Tui passent du tronc aux rameaux par les aisselles, et comme la structure des bras correspond à celle des Mambes. Oh, les douces régions de la Mointure intérieure du coude et du Marret aYec leur abondance de délicatesses organiTues sous leurs coussins de chair! Quelle Iête immense de les caresser ces endroits délicieux du corps humain! Fête à mourir sans plainte après! Oui, mon dieu, laisse-moi sentir l'odeur de la peau de ta rotule, sous laTuelle l'ingénieuse capsule articulaire secrète son huile glissante! Laisse-moi toucher déYotement de ma bouche l'arteria Iemoralis Tui bat au Iron de la cuisse et Tui se diYise plus bas en les deux artères du tibia! Laisse-moi ressentir l'exhalation de tes pores et tâter ton duYet, image humaine d'eau et d'albumine, destinée pour l'anatomie du tombeau, et laisse-moi périr mes lèYres aux tiennes!48

Não abriu os olhos, depois de concluir; estremecendo e Yacilando sobre os Moelhos, permaneceu sem se moYer, com a cabeça inclinada para trás; nas mãos estendidas, a lapiseira de prata. Ela disse:

— Tu es en effet un galant Tui sait solliciter d’une manière proIonde, à l’allemande.⁴⁹

E lhe pôs na cabeça o gorro de papel.

— Adieu, mon prince CarnaYal! Vous aurez une mauYaise ligne de fièYre ce soir, Me Yous le prédis.⁵⁰

Com essas palaYras, resYalou da cadeira, deslizou pelo tapete rumo à porta, sob cuMo umbral hesitou um instante, meio Yoltada para trás; ergueu um de seus braços nus, com a mão a repousar no gonzo. Por cima do ombro disse baixinho:

— N’oubliez pas de me rendre mon crayon.⁵¹

E saiu.

1 “Lembre-se da morte.”

2 “Não há de Tuê, senhora!”

3 “Começo de decomposição.”

4 “Eu também sou pintor.”

5 “Roupa íntima Ieminina.”

- 6 “Descanse em paz [...]. Que a terra lhe seMa leYe. Dá-lhe o repouso eterno, Senhor.”
- 7 “[...] de seu único e último filho, Tue também iria morrer”.
- 8 “Os dois, Yocês compreendem, senhores... Primeiro um e agora o outro.”
- 9 “[...] como herói, ao modo espanhol”.
- 10 “[...] assim como seu MoYem e confiante irmão Fernando”.
- 11 “Ei! Engenheiro! Espere! O Tue está Iazendo, Engenheiro? Um pouco de razão, poxa! Mas este rapaz é maluco!”
- 12 “[...]. Tenha cuidado, é um pouco Irágil [...]. É preciso rosTuear, Yocê sabe.”
- 13 “É um rapaz muito acanhado, muito honesto, muito alemão.”
- 14 “Acanhado? Honesto?”
- 15 “[...] nós, os alemães?”
- 16 “Estamos Ialando do seu primo. Mas é Yerdade, Yocês são um pouco burgueses. Amam mais a ordem do Tue a liberdade, toda a Europa sabe.”
- 17 “Amar... amar... O Tue é isso? Falta uma definição para essa palaYra [...] como dizemos proYerbialmente.”

18 “Vou lhe dizer em Francês [...]. O que toda a Europa chama de liberdade talvez seja uma coisa muito pedante e muito burguesa em comparação com a nossa necessidade de ordem — é isso!”

19 “Veja só! É engraçado. É no seu primo que você pensa quando diz coisas estranhas assim?”

20 “Não, ele é realmente uma boa alma [...], sabe? Mas não é burguês, é militar.”

21 “Você quer dizer: uma natureza perfeitamente firme, segura de si? Mas o seu pobre primo está seriamente doente.”

22 “Talvez ao me mostrar os quadros dele.”; “Isto é: ao fazer o seu retrato?”; “Por que não? Achou bem-feito o meu retrato?”; “Mas claro, extremamente. Behrens retratou a sua pele com perfeita exatidão, ah, de fato, muito fielmente. Eu também adoraria ser retratista, para ter a oportunidade de estudar a sua pele, como ele.”; “Fale alemão, por favor!”

23 “É uma espécie de estudo artístico e médico — em suma: trata-se das humanidades, entende?”

24 “Escondido dos médicos. Assim que Behrens voltar, todo mundo vai se precipitar para as cadeiras. Será extremamente ridículo.”

25 “Mas pare com o seu Behrens, ora! [...] E além disso, em cima do tapete...”

26 “[...] Como um sonho singularmente profundo, pois é preciso dormir muito profundamente para sonhar assim... Quero dizer: É um sonho bem conhecido, sonhado em todos os tempos, longo, eterno, sim, estar tão perto de Você como agora, eis a eternidade.”

27 “Poeta! [...] Burguês, humanista e poeta: eis o alemão completo, como deveser!”

28 “Temo que não seamos de Meito nenhum, nem um pouco, como devemos ser — ele respondeu. — De qual seu ponto de vista. Talvez seamos filhos enermiços da Vida, pura e simplesmente.”; “Bonita expressão. Então me diga... Não teria sido muito difícil sonhar esse sonho mais cedo. É um pouco tarde que o cavalheiro resolve dirigir a palavra à sua humilde criada.”; “Por que palavras? — disse ele. — Por que falar? Falar, discorrer, é algo bem republicano, admito. Mas duvido que se seja poético no mesmo grau. Um dos nossos pensionistas, que se tornou um pouco amigo meu, o sr. Settembrini...”; “Ele acaba de dirigir a Você umas palavras.”; “Pois bem, é um grande tagarela, sem dúvida, e até gosta muito de recitar belos versos — mas esse homem será um poeta?”; “Lamento sinceramente nunca ter tido o prazer de conhecer esse cavalheiro.”; “Acredito, de fato.”; “Ah! Acredita?”; “Como? O que eu disse aí foi uma frase perfeitamente indiferente. Mas, como Você bem observa, não falo muito francês. Com Você, porém, prefiro essa língua à minha, pois, para mim, falar

Irancês é Ialar sem Ialar, de certa maneira: sem responsabilidade, ou como Ialamos em sonho. Entende?"; Mais ou menos."; "Chega... Falar — continuou Hans Castorp —, Tue pobre Tuestão! Na eternidade não se Iala. Na eternidade, sabe?, a gente age como Tue desenhando um porTuinho: inclina a cabeça para trás e Iecha os olhos."; "Nada mau, isso! Na eternidade Yocê se sente em casa, sem a menor dúYida, Yocê a conhece a Iundo. DeYo admitir Tue Yocê é um peTueno sonhador muito curioso."; "E além disso — disse Hans Castorp —, se eu tiYesse Ialado com Yocê mais cedo, teria de tratá-la de 'senhora!"; "Pois bem, será Tue tem a intenção de me chamar de 'Yocê' para sempre?"; "Mas claro. Sempre a chamei de 'Yocê' e a chamarei assim eternamente."; "É um pouco atreYido, digamos. SeMa como Ior, não terá por muito tempo a oportunidade de me chamar de 'Yocê'. Vou partir."

29 "Depois do Mantar."

30 "Você não está mal-inIormado. TalYez, por ora..."

31 "Quanto a isso... não. [...] É por isso Tue You arriscar uma peTuena mudança de ar."

32 "Quanto a mim, sabe?, amo a liberdade acima de tudo e em especial a de escolher meu domicílio. Você não entende o Tue é isso: ser obcecada por independência. É da minha raça, talYez."

33 “E o seu marido no Daguestão lhe concede... a sua liberdade?”; “É a doença Tue me concede. Eis- me neste lugar pela terceira Yez. Passei um ano aTui, desta Yez. É possíYel Tue eu Yolte. Mas então

Yocê estará bem longe, há muito tempo.”

34 “Meu nome também! Realmente, Você leYa muito a sério as Iantasias do CarnaYal.”

35 “Sim... não... como sabemos das coisas aTui. Você tem uma manchinha úmida aí dentro e um pouco de Iebre, não é?”; “Trinta e sete e oito ou noYe, de tarde.”

36 “Ah, meu caso, sabe?, é um pouco mais complicado... não propriamente simples.”; “Há alguma coisa nesse ramo das humanidades chamado medicina — disse Hans Castorp — e Tue se denomina entupimento tuberculoso dos Yasos linIáticos.”; “Ah! Você espionou, meu caro, bem se Yê.”

37 “E Você?”

38 “Que pergunta! Faz seis meses!”

39 “Sem dúYida, Ioi totalmente por acaso...”

40 “Sempre esse Behrens!”; “Ah, ele representou a sua pele de um Meito tão exato... Aliás, é um YiúYo de Iaces ardentes e Tue possui um serYiço de caIé absolutamente notáYel... Acredito de Iato Tue ele conhece o seu corpo não só como médico, mas

também como adepto de uma outra disciplina das humanidades.”; “Decididamente, Yocê tem razão ao dizer Tue Iala em sonho, meu amigo.”; “Que seMa... Deixe-me sonhar de noYo depois de ter me acordado tão cruelmente com essa sineta de alarme da sua partida. Sete meses diante dos seus olhos... E agora, Tuando realmente a conheci, Yocê me Iala de partida!”; “Repito Tue poderíamos ter conYersado mais cedo.”

41 “Eu? Você não escapará de mim, meu peTueno. Trata-se dos seus interesses. Será Tue Yocê era tímido demais para se aproximar de uma mulher com Tuem agora Iala em sonho, ou será Tue haYia alguém Tue o impediu de Iazê-lo?”; “Eu Má lhe disse. Não Tueria chamá-la de ‘senhora’.”; “Farsante! Responda, ora: aTuele caYalheiro bem-Ialante, aTuele italiano Tue saiu da Iesta... o Tue Ioi Tue ele lhe disse há pouco?”; “Não ouYi rigorosamente nada. Preocupo-me muito pouco com esse senhor Tuando meus olhos Yeem Yocê. Mas Yocê esTuece... não teria sido tão Iácil conhecê-la socialmente. HaYia ainda o meu primo, a Tuem eu era ligado e Tue se inclina muito pouco a se diYertir aTui; ele não pensa em nada senão no retorno às planícies, para se tornar soldado.”; “Pobre-diabo. Na Yerdade, ele está mais doente do Tue sabe. O seu amigo italiano, aliás, tampouco Yai muito bem.”; “Ele mesmo diz isso. Mas meu primo... É Yerdade? Você me apaYora.”; “É muito possíYel Tue Yá morrer se tentar ser soldado nas planícies.”; “Que Yá morrer. A morte. PalaYra terríYel,

não é? Mas é estranho, hoMe essa palaYra não me impressiona tanto. Foi um modo de Ialar bem conYencional, Tuando eu disse: ‘Você me apaYora’. A ideia da morte Má não me apaYora. Deixa-me tranTuilo. Não tenho pena... nem do meu bom Joachim nem de mim mesmo, ao ouYir Tue talYez ele Yá morrer. Se é Yerdade, o estado dele se parece muito com o meu, e não o acho particularmente imponente. Ele está moribundo, e eu, eu estou apaixonado, pois é!... Você Ialou com meu primo no ateliê de Iotografia íntima, na antessala, lembra-se?”; “Lembro-me Yagamente.”; “Portanto, naTuele dia Behrens Iez o seu retrato transparente.”; “Isso mesmo.”; “Meu Deus! E Yocê está com ele aí?”; “Não, está no meu Tuarto.”; “Ah, no seu Tuarto. Quanto ao meu, tenho-o sempre na carteira. Quer Tue lhe mostre?”; “Mil Yezes obrigada. Minha curiosidade não é inYencíYel. Será um aspecto muito inocente.”; “Eu Yi o seu retrato exterior. Gostaria muito mais de Yer o seu retrato interior, Tue está trancado no seu Tuarto... Deixe-me perguntar outra coisa! Às Yezes um senhor russo Tue se hospeda na cidade Yem Yê-la. Quem é? Com Tue obMetiYo esse homem Yem?”; “Você é tremendamente capaz em espionagem, reconheço. Pois bem, respondo. Sim, é um compatriota adoentado, um amigo. Conheci-o em outra estação balneária, Má Iaz alguns anos. Nossas relações? Ei-las: tomamos Muntos nosso chá, Iumamos dois ou três papirosi, e conYersamos, filosoIamos, Ialamos do homem, de Deus, da Yida, da moral, de mil coisas. Eis o meu relatório. Está satisIeito?”;

“Da moral também! E o Tuo encontraram em matéria de moral, por exemplo?”; “A moral? Isso lhe interessa? Pois bem, parece-nos Tuo se deYeria buscar a moral, não na Yirtude, isto é, na razão, na disciplina, nos bons costumes, na honestidade, mas de preIerência no contrário, Tuero dizer: no pecado, entregando-se ao perigo, ao Tuo é nociYo, ao Tuo nos consome. Parece-nos Tuo é mais moral perder-se, e até se deixar definhar, do Tuo conserYar-se. Os grandes moralistas não eram uns Yirtuosos, mas uns aYentureiros no mal, uns depraYados, grandes pecadores Tuo nos ensinam a nos inclinarmos cristãmente perante a miséria. Tudo isso deYe desagradá-lo muito, não é?”

42 “Todos se retiram [...]. Eram os últimos; está tarde. Pois é, a Iesta de CarnaYal terminou. [...] O senhor conhece as conseTuências, caYalheiro.”

43 “Jamais, ClaZdia [...]. Jamais a chamarei de ‘senhora’, Mamais na Yida nem na morte [...]. Essa Iorma de se dirigir a uma pessoa, Tuo é a do Ocidente culto e da ciYilização humanista, me parece muito burguesa e pedante. Por Tuo, no Iundo, haYer Iorma? A Iorma é a própria pedanteria! Tudo o Tuo Yocês fixaram em relação à moral, Yocê e o seu compatriota adoentado, Yocê Tuer seriamente Tuo isso me surpreenda? Que bobo imagina Tuo eu sou? Mas me diga, o Tuo pensa de mim?”

44 “É um tema que não dá muito a pensar. Você é um homenzinho correto, de boa família, com um aspecto apetitoso, discípulo dócil de seus preceptores e que brevemente retornará às planícies, para estabelecer completamente que algum dia falou de sonho a você e para mudar a tornar seu país grande e poderoso por seu trabalho honesto no canteiro de obras. Essa é a sua fotografia íntima, feita sem aparelho. Acha- a exata, espero?”; “Faltam alguns detalhes que Behrens encontrou.”; “Ah, os médicos sempre encontram, eles são especialistas nisso...”; “Você fala como o sr. Settembrini. E minha febre? De onde vem?”; “Ora essa, é um incidente sem consequência que passará depressa.”; “Não, claro, você bem sabe que o que está dizendo não é verdade, e o diz sem convicção, tenho certeza. A febre do meu corpo e o batimento do meu coração extenuado, e o arrepiamento dos meus membros são o contrário de um incidente, pois não são nada além — [...] —, nada além do meu amor por você, sim, esse amor que me agarrou no instante em que meus olhos a viam, ou melhor, que eu reconheci quando reconheci você... E foi ele, evidentemente, que me trouxe a este lugar...”; “Que loucura!”; “Ah! O amor não é nada, se não for loucura, uma coisa insensata, proibida e uma aventura no mal. Do contrário, é uma banalidade agradável, útil para fazer canções tranquilas nas planícies. Mas quanto a eu tê-la reconhecido e ter reconhecido o meu amor por você... sim, é verdade, Mã

conheci Yocê, antigamente, Yocê e seus olhos
marayilhosamente oblítuos e sua boca e sua Yoz, com a Tual
Yocê Iala... Já uma Yez, Tuando eu era colegial, pedi-lhe a sua
lapiseira, para enfim traYar com Yocê um conhecimento social,
porTue eu a amaYa irracionalmente, e é daí, com certeza é de
meu antigo amor por Yocê Tue me restam essas marcas Tue
Behrens encontrou no meu corpo, e Tue indicam Tue também
outrora eu estaYa doente...”

45 “Eu te amo [...], te amei desde sempre, pois Yocê é o Tu de
minha Yida, meu sonho, meu destino, meu eterno deseMo...”;
“Vamos, Yamos! [...] Se seus preceptores o Yissem...”

46 “Eu estaria pouco ligando, estou pouco ligando para todos
esses Carducci e para a República eloTuente e para o progresso
humano no correr do tempo, pois te amo!”

47 “PeTueno-burguês! [...]. Lindo burguês, com a manchinha úmida.
É Yerdade Tue me ama tanto?”

48 “Ah, o amor, sabe... O corpo, o amor, a morte, esses três
Iormam um só. Pois o corpo é a doença e a Yolúpia, e é ele Tue
Iaz a morte, sim, são carnais, esses dois, o amor e a morte, e é
esse o terror, e a grande magia deles! Mas, compreenda, a
morte é, de um lado, uma coisa mal-aIamada, impudente, Tue
Iaz enrubescer de Yergonha; e, de outro, é uma Iorça muito solene
e muito maMestosa, muito mais poderosa Tue a Yida risonha

ganhando uns trocados e enchendo a pança, muito mais YeneráYel Tue o progresso Tue tagarela pelos tempos: porTue ela é a história e a nobreza e a piedade e o eterno e o sagrado Tue nos Iazem tirar o chapéu e andar na ponta dos pés... Ora, da mesma maneira, também o corpo, e o amor ao corpo, são algo indecente e desagradáYel, e em sua superÍicie o corpo enrubesce e empalidece de paYor e Yergonha de si mesmo. Mas ele também é uma grande glória adoráYel, imagem milagrosa da Yida orgânica, santa maraYilha da Iorma e da beleza, e o amor por ele, pelo corpo humano, é, da mesma maneira, um interesse extremamente humanitário e uma Iorça mais educatiYa Tue toda a pedagogia do mundo!... Ah, enIeitiçante beleza orgânica Tue não se compõe de tinta a óleo nem de pedra, mas de matéria YiYa e corruptíYel, cheia do segredo Iebril da Yida e da podridão! Olhe a simetria maraYilhosa do ediÍício humano, os ombros e os Tuadris e os mamilos fluorescentes de um lado e outro no peito, e as costelas dispostas aos pares, e o umbigo no meio da moleza do Yentre, e o sexo obscuro entre as coxas! Olhe as omoplatas se mexerem sob a pele sedosa das costas, e a espinha dorsal Tue desce até a luxúria dupla e Iresca das nádegas, e os grandes ramos dos Yasos e nerYos Tue passam do tronco às ramificações pelas axilas, e como a estrutura dos braços corresponde à das pernas. Ah, as doces regiões da Munção interna do cotoYelo e do Marrete com sua abundância de delicadezas orgânicas sob suas almoIadas de carne! Que imensa Iesta acariciar esses

pontos deliciosos do corpo humano! Festa de morrer, sem Tueixa depois! Sim, meu Deus, deixe-me sentir o odor da pele da rótula, sob a Tual a engenhosa cápsula articular expele seu óleo deslizante! Deixe-me tocar deYotamente com minha boca a arteria Iemoralis Tue bate na Irente da coxa e se diYide mais abaixo nas duas artérias da tibia! Deixe-me sentir a exalação dos seus poros e roçar sua penugem, imagem humana de água e albumina, destinada à anatomia do túmulo, e deixe-me morrer, com meus lábios nos seus!”

49 “Você é, na Yerdade, um galanteador Tue sabe solicitar de um modo proIundo, à alemã.”

50 “Adeus, meu príncipe CarnaYal! A linha de sua Iebre esta noite será ruim, é o Tue lhe preYeMo.”

51 “Não estTueça de me deYolYer minha lapiseira.”

CAPITULO VI

TRANSFORMAÇÕES

Que é o tempo? Um mistério — inessencial e onipotente. Uma condição do mundo dos Ienômenos, um moYimento, ligado e mesclado à existência dos corpos no espaço e a seu moYimento. Mas, deixaria de haYer tempo se não houYesse moYimento? Não haYeria moYimento sem o tempo? Perguntas! O tempo é uma Iunção do espaço? Ou Yice-Yersa? Ou são ambos idênticos? Perguntas demais! O tempo é atiYo, tem caráter Yerbal, “presentifica”. Mas presentifica o Tuê? TransIormação! O agora não é o então; o aTui é diIerente do ali; pois entre ambos se intercala o moYimento. Mas, Yisto ser circular e Iechar-se sobre si mesmo o moYimento pelo Tual se mede o tempo, trata-se de um moYimento e de uma transIormação Tue Tuase se poderiam designar repouso e imobilidade: pois o então repete-se constantemente no agora, e o ali repete-se no aTui. Como, por outro lado, nem seTuer os mais desesperados esIorços podem Iazer imaginar um tempo finito ou um espaço limitado, tomou-se a decisão de “pensar” o tempo e o espaço como eternos e infinitos — eYidentemente na esperança de obter dessa Iorma um resultado, se não perIeito, ao menos melhor. Ora, estabelecer o postulado do eterno e do infinito não significa, porYentura, o aniTuilamento

lógico e matemático de tudo Tuanto é limitado e finito, e sua redução aproximada a zero? É possível uma sucessão no eterno, ou uma Mustaposição no

infinito? São compatíveis com o eterno e o infinito (essas hipóteses emergenciais) conceitos como distância, movimento, transformação, ou a mera existência de corpos limitados no universo? Perguntas, mas há que fazê-las!

Hans Castorp as fazia, e outras mais, em seu cérebro, desde sua chegada cá em cima se mostrara disposto a esse tipo de indiscrições e pirraças; é possível que certa Yolúpia sinistra, com tanto poderosa, expiada nesse meio-tempo, o tenha preparado para isso e despertado nele o atrevido desejo de empreender tais especulações. Interrogava-se a si próprio, interrogava ao bom Joachim, interrogava ao Yale coberto desde tempos imemoriais com espessa neve, se bem que não pudesse esperar de nenhuma dessas instâncias qualquer coisa parecida com uma resposta, sendo difícil dizer qual dentre os três era o menos capacitado para lhe satisfazer a curiosidade. Se dirigia a si mesmo essas perguntas, era certamente por não encontrar resposta alguma. Quanto a Joachim, era quase impossível interessá-lo por tais coisas; pois, como Hans Castorp o expressara certa noite em Irancês, o primo não pensava noutra coisa a não ser em regressar à planície e fazer-se soldado. Com essa esperança cumprida realização ora

parecia próxima, ora se distanciaYa maliciosamente, Joachim Yinha traYando uma batalha encarniçada, Tue ele aos poucos se mostraYa inclinado a encerrar com Yiolência, de um só golpe. Sim, o bondoso, o paciente, o honrado Joachim, para o Tual disciplina e cumprimento do serYiço eram tudo na Yida, sucumbira a tendências rebeldes e insurgira-se contra a “escala de Gaffky”, aTuele sistema de exame mediante o Tual YerificaYam e designaYam lá no laboratório do subsolo

— no “labor”, como se costuma chamá-lo — o grau em Tue o enIermo estaYa inIectado: conIorme os bacilos aparecessem no material analisado, apenas isoladamente ou em enormes Tuantidades, o coeficiente da escala de Gaffky podia ser mais ou menos eleYado, e tudo dependia dele. Pois era ele Tue indicaYa ineTuiYocamente as

possibilidades de cura com Tue o enIermo teria de contar; não era diÍcil determinar, segundo essa escala, o número de meses ou de anos Tue certo doente ainda deYeria permanecer ali em cima: desde a “Yisita de médico”, de apenas meio ano, até o Yeredicto de “prisão perpétua”, com o Tual se enunciaYa muito pouco sobre a real duração da estada preYista. Era, pois, contra a reIerida escala de Gaffky Tue Joachim se rebelaYa; ele renegaYa de Iorma aberta toda Ié em sua autoridade — não de Iorma totalmente aberta diante dos superiores, mas na presença do primo, e até à mesa.

— Estou Iarto disso. Não Yão me Iazer de bobo por mais tempo!
— disse em Yoz alta, numa dessas ocasiões, enTuanto o sangue lhe subia ao rosto bronzeado. — Faz catorze dias, eu tinha Gaffky número 2, uma bagatela, e as melhores perspectiYas; hoMe tenho 9, estou literalmente inIestado, e na planície: nem pensar. Que o diabo entenda essas coisas! Isso é insuportáYel. Lá em cima, na Schatzalp, há um homem, um camponês grego; Ioi mandado da Arcádia por um agente; é um caso sem esperança, tuberculose galopante, e o exitus pode produzir-se de um dia para outro; mas nunca na Yida esse homem teYe bacilos no esputo. Por outro lado, aTuele gordo capitão belga Tue partiu curado Tuando cheguei tinha Gaffky número 10; os bacilos iam pululando nele, e todaYia tinha apenas uma peTuena caYerna. Que me deixem em paz com Gaffky! Vou dar a isso um ponto final; Yolto para casa, mesmo Tue me custe a Yida!

Assim Ialou Joachim, e todos ficaram consternados Tuando Yiram esse MoYem pacato e comedido em tal estado de reYolta. Hans Castorp, ao ouYir como o primo ameaçaYa abandonar tudo e regressar à planície, não pôde senão lembrar-se de algumas palaYras Tue certa pessoa pronunciara em Irancês. Mas guardou silêncio. Que mais deYeria ser Ieito? ArYorar-se diante do primo em modelo de paciência, como Iazia a sra. St , hr, Tue realmente exortaYa

Joachim a Tue deixasse dessa atitude de obstinação blasfema, Tue se resignasse humildemente e se guiasse pelo exemplo da lealdade com Tue ela, Karoline, perseverara ali em cima, renunciando com suma firmeza de vontade a retomar as suas tarefas de dona de casa em Cannstatt, a fim de devotar-lhe o dia a seu marido uma esposa completa e definitivamente curada? Não, a isso não se atrevera Hans Castorp, tanto mais Tue desde o Carnaval tinha a consciência pesada com relação a Joachim. Isto é, sua consciência dizia-lhe Tue o primo devia considerar certos fatos — dos quais eles não falavam entre si, mas Tue Joachim indubitavelmente não ignorava — como uma espécie de traição, de deserção e de infidelidade, no Tue se referia a um par de olhos redondos e castanhos, a uma propensão espontânea ao riso prazeroso e a um perfume de flor de laranjeira a cujos efeitos Joachim se via exposto cinco vezes por dia, mas Tue afrontava austera e decentemente, baixando os olhos para o prato... Até na resistência muda Tue Joachim lhe oponha às especulações e reflexões sobre o “tempo”, com certa reprovação dirigida à sua consciência, Hans Castorp pensava encontrar vestígios dessa pudicícia militar. Agora, quanto ao vale hibernal sob a espessa camada de neve, esse vale ao qual Hans Castorp, da sua excelente espreguiçadeira, endereçava as mesmas perguntas metafísicas, seus picos, cimos, vertentes, e os bosques marrons, verdes, avermelhados, eles todos se fundiam no meio do tempo, silenciosos, enfiados pelo tempo

dessa terra no seu fluxo calmo, ora resplandecentes no profundo azul do céu, ora escondidos pelas brumas, ora abrasados em suas regiões mais altas pelo clarão rubro do sol poente, ora cintilando num brilho duro de diamantes sob o feitiço de uma noite de luar —, mas sempre cobertos de neve, desde hávia seis meses imemoriais, embora decorridos num abrir e fechar de olhos; e todos os pensionistas declaravam não poder suportar essa neve que os repugnava, suas necessidades quanto a isso não

teriam sido satisfeitas durante o verão, diziam eles, e ainda assim hávia essas quantidades de neve, sai dia, entra dia, esses montões de neve, almeidades de neve, encostas de neve, e isso estaria para além das forças humanas, seria veneno para o espírito e a alma. E eles que usavam era pôr óculos de cor, verdes, amarelos, vermelhos, para poupar os olhos, mas sobretudo em benefício do coração.

Fazia então seis meses que o vale e as montanhas estavam ocultos sob o manto de neve? Fazia sete! O tempo progride enquanto contamos a história — o nosso tempo, que dedicamos à narrativa, mas também o tempo de Hans Castorp e seus companheiros de infortúnio na neve lá de cima, esse tempo passado em profundidade. Pois sim, o tempo progride — e apresenta transformações. Tudo que Hans Castorp antecipara em rápidas palavras na terça-feira de Carnaval, durante o

regresso de DaYos-Platz, estaYa a caminho de se tornar realidade, e no sr. Settembrini isso causaYa grande indignação. Verdade é Tue o solstício do Yerão ainda não se achaYa iminente, mas a Páscoa Má passara pelo Yale branco, o mês de abril ia aYançando, Pentecostes se descortinaYa à Irente, sem obstáculos, e em breYe começaria a primaYera, com o degelo — não Tue toda a neYe Iosse derreter, Má Tue nos cumes, ao sul, e nas gretas dos rochedos da cordilheira rética, ao norte, aí sempre haYeria neYe, sem Ialar daTuela Tue cairia nos próprios meses de Yerão, mas se Iundiria imediatamente; não obstante, o transcurso do ano prometia inoYações decisivas para dentro de pouco tempo, pois desde aTuela noite de CarnaYal em Tue Hans Castorp pediu emprestado à sra. Chauchat uma lapiseira, Tue deYolYeu mais tarde, para receber em troca, a seu pedido, um outro obMeto, uma lembrança, Tue leYaYa consigo, no seu bolso — desde aTuela noite Má tinham escoado seis semanas, duas Yezes mais Tue Hans Castorp originalmente pretendia passar aTui em cima.

Com eIeito, seis semanas haYiam transcorrido desde a noite em Tue Hans Castorp traYara conhecimento com ClaZdia Chauchat e Yoltara a seu Tuarto muito mais tarde Tue Joachim, o primo consciente de seus deYeres; seis semanas desde o dia seguinte, Tue acarretara a partida da sra. Chauchat, sua partida interina, sua partida temporária ao Daguestão, lá

muito longe, no Leste, ainda além do Cáucaso. Essa partida tinha caráter temporário; trata-se apenas de uma partida interina; a sra. Chauchat tentava voltar, não se sabia quando, mas naquele dia estaria de regresso, voluntariamente ou malgrado seu — de tudo isso Hans Castorp guarda afirmações diretas e verbais, proferidas não durante o diálogo em língua estrangeira que acabamos de relatar, senão no lapso intermediário que, de nossa parte, deixamos transcorrer em silêncio, o lapso durante o qual interrompemos o curso ligado ao tempo da nossa narrativa e admitimos que reinasse exclusivamente o tempo em si. Em todo caso o Moym recebeu essas afirmações reconfortantes, antes de voltar ao quarto número 34; pois no dia seguinte não trocara mais nenhuma palavra com a sra. Chauchat, mal chegara a vê-la, vira-a duas vezes de longe: uma vez durante o almoço, quando ela, trazendo uma saia de casimira azul e um casaco de lã branca, dirigiu-se à sua mesa a passo silencioso e cheio de graça, após ter fechado com estrondo a porta envidraçada; nessa ocasião, o coração de Hans Castorp pulsara até a garganta, e somente a severa vigilância que lhe deparava a srta. Engelhart impedira-o de esconder o rosto entre as mãos... E a segunda vez deu-se às três horas da tarde, quando da partida de madame Chauchat, que Hans Castorp não presenciara propriamente, mas apenas observara de uma janela do corredor que dava para a rampa do sanatório.

Esse acontecimento desenrolara-se da mesma forma que Hans Castorp já tivera diversas oportunidades de ver durante sua estada ali em cima: o trem ou a carruagem parava na rampa, o cocheiro e o criado amarravam as bagagens, e diante do portão aglomeravam-se pensionistas do sanatório, os amigos de quem regressava à planície, curado ou não, para ali viver ou morrer, ou simplesmente pessoas que deixavam de cumprir com os deveres de sua dieta para presenciar a ocorrência; um funcionário da administração, de sobrecasaca, e às vezes até os próprios médicos faziam-se presentes, e por fim surgia quem estava de partida — com o rosto sempre radiante, emanando a poderosa vitalidade que lhe ocasionava essa aventura, saudando com condescendência os curiosos à sua volta, que ali permaneceriam... Dessa vez, quem saía do edifício era a sra. Chauchat, risonha, carregada de flores, em volta num comprido abrigo de viagem, de uma fazenda alpina, com gola de pele, e levando um enorme chapéu. Acompanha-a o sr. Buligin, seu compatriota de peito sumido, que iria parte da viagem na sua companhia. Também ela parecia cheia de animação, alegre, como todos os que partiam — devido à simples perspectiva de uma mudança de vida, que se realizava com autorização do médico, que se interrompesse a estada em virtude de um tédio desesperado, com a consciência inquietada, e por própria conta e risco. A

sra. Chauchat tinha as faces coradas; tagarelaYa sem cessar, proYaYelmente em russo, enquanto alguém lhe agasalhaYa os Moelhos com um cobertor de peles... Não somente os patrícios e os comensais da sra. Chauchat, mas também grande número de outros pensionistas tinha comparecido ao bota-Iora. O dr. KrokoZski, esboçando um sorriso enérgico, mostrou os dentes amarelos em meio à barba. Chegaram cada vez mais flores. A tia-aYó ofereceu um confeito à YiaMante, “conIéktka”, como ela costumava dizer, uma espécie de marmelada russa. A professora estivera presente, e também o moço de Mannheim — este a certa distância, espiando melancolicamente; seus olhos aflitos, resvalando ao longo da lachada, descobriram Hans Castorp junto à Manela do corredor, e por alguns instantes fixaram nele o olhar turvo...

Behrens, o conselheiro áulico, deixou de aparecer; evidentemente Má se despedira da YiaMante em outra ocasião, num ambiente mais particular... Em seguida, entre acenos e aclamações da assistência, os cavalos puseram-se em movimento; e ao mesmo tempo enquanto o avanço do trenó fizera o corpo da sra. Chauchat reclinar-se no espaldar, uma vez mais seus olhos oblíquos percorreram sorridentes toda a extensão do edifício do Berghof e durante a irradiação de um segundo detiveram-se sobre o rosto de Hans Castorp... Pálido, o Moço enquanto fica atrás dirigiu-se a toda pressa ao seu quarto,

onde assomou na sacada, para Yer lá de cima, mais uma Yez, o trenó Tue com os guizos tilintando deslizaYa estrada abaixo, em direção ao “YilareMo”; depois se deixou cair numa cadeira e tirou do bolso do casaco a lembrança Tue recebera, o penhor Tue desta Yez não consistia em lasTuinhas de madeira aYermelhada, mas sim numa chapinha de Yidro, tarMada de preto, Tue deYia ser mantida contra a luz para Tue se enxergasse alguma coisa: o retrato interior de ClaZdia, Tue não mostraYa o rosto, mas sim o delgado esTueleto de seu busto, enYolto de modo espectral e transparente pelas Iormas suaYes da carne, e ainda os órgãos da caYidade torácica...

Quantas Yezes não contemplara Hans Castorp esse retrato, Tuantas Yezes não o apertara aos lábios, no tempo Tue decorrera desde então e Tue assim presentificara transIormações! O tempo presentificara, por exemplo, sua adaptação a uma Yida leYada aTui em cima na ausência de ClaZdia Chauchat, separada dele por um Yasto espaço; e essa adaptação Yiera mais depressa do Tue se poderia imaginar: o tempo, nessas alturas, tinha um caráter especial e parecia Ieito para produzir hábitos, ainda Tue Iosse apenas o hábito de não se habituar. Já não cabia esperar o estrondo da porta enYidraçada, ao começo das cinco reIeições por demais opulentas, e ele de Iato não se repetiu. Agora sra. Chauchat batia as portas em outros sítios, a uma enorme distância — maniIestação ligada e mesclada à sua

índole e à sua doença, de modo semelhante à relação Tue existe entre o tempo e os corpos no espaço: talYez toda a sua enIermidade consistisse nisso e em nada mais... Mas ela, embora inYisíYel e distante, permanecia presente no espírito de Hans Castorp, sem ser Yista — era o gênio do lugar, Tue o MoYem conhecera e possuía numa hora neIasta, cheia de doçura e de pecado, hora incompatíYel com canções pacatas da planície; era o gênio do lugar, cuMo retrato espectral o MoYem leYaYa na altura de seu coração, submetido a tantos esIorços nestes noYe meses.

NaTuela hora seus lábios trêmulos haYiam balbuciado muita coisa extraYagante, ora em idioma estrangeiro, ora em língua materna, Ialando Tuase inconscientemente, numa Yoz meio apagada: proIeriram propostas, Muras, proMetos e intentos insensatos, Tue com Musteza Mamais encontraram sanção. Pois ele Tuisera acompanhar o gênio para além do Cáucaso, segui-lo, esperar por ele no lugar Tue seus caprichos de nômade escolhessem para o próximo domicílio, nunca mais se separar dele; e outras ideias irresponsáYeis de igual teor. O Tue o nosso MoYem insignificante guardaYa daTuela hora de intensa aYentura era precisamente o reIerido penhor espectral e a possibilidade, Tue tocaYa as raias do proYáYel, de Tue a sra. Chauchat mais cedo ou mais tarde Yoltasse a DaYos para uma Tuarta estada, conIorme decidisse a doença Tue lhe proporcionaYa a sua

liberdade. Mas, Iosse cedo ou Iosse tarde — e também isso Iora dito na hora da despedida —, em todo caso Hans Castorp se acharia, na Tuela ocasião, “bem longe, desde muito tempo”; seria ainda mais diÍícil suportar o sentido desdenhoso dessa proIecia, se não se pudesse ponderar Tue certas coisas não são Yaticinadas para se realizarem, mas precisamente na intenção contrária, como uma espécie de sortilégio destinado a evitar Tue se realizem. ProIetas desse gênero escarnecem o Iuturo, predizendo-lhe como se passará, para Tue tenha Yergonha de tomar realmente o rumo anunciado. E se o gênio, no decorrer da conYersa relatada e Iora dela, chamara Hans Castorp de “Moli bourgeois au petit endroit humide”,¹ o Tue representaYa, pouco mais ou menos, uma tradução das palaYras de Settembrini sobre o “filho enIermiço da Yida”, era o caso de se perguntar Tual dos dois elementos dessa mistura da sua natureza seria o mais Iorte, o bourgeois ou o outro... Ademais, o gênio não leYara em conta Tue ele próprio Má se Iora e Yoltara diYersas Yezes, e Tue Hans Castorp também poderia estar de Yolta no momento oportuno, ainda Tue, na Yerdade, se detiYesse aTui em cima Mustamente para não ter necessidade de retornar: para ele, como para muitos outros, residia nisso o sentido da sua permanência.

Uma das profecias sarcásticas da Tuela noite de CarnaYal acabaYa de tornar-se realidade: Hans Castorp apresentou uma curYa de temperatura bastante feia; uma curYa íngreme, formando um pico elevado, que ele registrara com sensação solene; depois de uma ligeira queda, ela se prolongaYa numa espécie de planalto um tanto ondulado, que se mantinha constantemente acima do nível de suas temperaturas habituais. TrataYa-se de uma temperatura anormal, cuja elevação e persistência, na opinião do dr. Behrens, não eram explicáveis pelos sintomas encontrados nos pulmões de Hans Castorp.

— Meu amigo! O senhor está mais intoxicado que se podia esperar — disse o médico. — Hum! Vamos experimentar as injeções. Isso lhe fará bem. Dentro de três ou quatro meses o senhor se sentirá como um peixe na água, se a coisa correr conforme as previsões deste seu criado. — Daí sucedeu que Hans Castorp, duas vezes por semana, na quarta e no sábado, logo após a caminhada da manhã, passou a ter que se apresentar ao laboratório, ao “labor”, para tomar sua injeção.

Ambos os médicos, ora um, ora outro, ministravam o remédio, mas o conselheiro fazia-o com perícia, de um só golpe, esvaziando a seringa no próprio momento da picada.

De resto não se preocupava com o lugar em que picava, de maneira que às vezes resultava uma dor infernal, e o ponto acometido permanecia por muito tempo duro e ardente. Além

disso a inMeção atacaYa Iortemente o organismo em geral, abalando o sistema nerYoso à maneira de um Yiolento esIorço desportiYo. Isso e também a eleYação momentânea da temperatura Tue o remédio produzia atestaYam-lhe o poder Tue possuía. Era o Tue o conselheiro predissera e o Tue acontecia, segundo a regra e sem Tue o Ienômeno anunciado desse motiYo para Tueixas. Quando finalmente chegaYa a Yez da pessoa, a história toda leYaYa apenas um instante; num ápice recebia-se o contraYeneno sob a pele da coxa ou do braço. Mas em certas ocasiões, Tuando o dr. Behrens se achaYa bem-disposto e não entristecido pelo tabaco, era possíYel entabular, durante a inMeção, uma rápida palestra com ele, Tue Hans Castorp procuraYa dirigir, mais ou menos do seguinte modo:

— É com o maior prazer Tue me lembro daTuela hora agradáYel Tue passamos na sua casa durante o caIé, sr. Conselheiro, em outono do ano passado. Ainda ontem, ou talYez um pouco antes, Ialei com meu primo a esse respeito...

— Gaffky sete — disse o médico. — É o último resultado. O rapaz não Tuer porTue não Tuer se desintoxicar. E mesmo assim nunca me suplicou tanto como agora, nunca insistiu tanto comigo em ir-se embora, para brandir o sabre. Esse criançaola! Anda choramingando por causa dos seus Tuinze meses, como se Iossem séculos Tue ele desperdiça aTui! Quer partir, assim ou assado. Ele diz o mesmo ao senhor? O senhor deYeria chamá-lo

à consciência, com firmeza e seriedade. Esse suMeito Yai se arruinar totalmente, ao engolir antes do tempo a neblina tão poética de Yocês, lá em cima, à direita. Um garganta como ele não precisa de muita massa cinzenta, mas o senhor, como homem mais circunspecto e paisano de Iormação burguesa, tem a obrigação de Iazê-lo entrar no Muízo, antes Tue ele cometa alguma loucura.

— É o Tue Iação, sr. Conselheiro — respondeu Hans Castorp, sem deixar de dirigir o rumo da conYersa. — Faço isso muitas Yezes, Tuando ele procura rebelar-se, e acho Tue Joachim Yoltará à razão. Mas os exemplos Tue a gente tem diante dos olhos nem sempre são os melhores. É isso o Tue anda mal. A cada instante há alguém Tue parte; partem para a planície, por iniciatiYa própria, sem Yerdadeira autorização, e no entanto com uma alegria IestiYa, como se a partida Iosse Mustificada. Isso exerce uma certa sedução sobre caracteres Iracos. Faz pouco tempo, por exemplo... deixe Yer Tuem partiu recentemente... Uma senhora, da mesa dos “russos distintos”, madame Chauchat. OuYi dizer Tue ela YiaMou para o Daguestão. Bem, o Daguestão, não conheço o clima daTuela região. Pode ser Tue seMa menos desIaYoráYel do Tue o nosso ar lá em cima, Munto ao mar. Mas em todo caso é planície, do nosso ponto de Yista, embora geograficamente talYez seMa montanhoso; não sou muito Iorte nessas coisas. Como é possíYel YiYer lá embaixo sem estar

curado, num país onde faltam os conceitos básicos e ninguém tem uma ideia das nossas regras nem sabe quando se deve observar o repouso ou tomar a temperatura? Aliás, ela tentava voltar de Tualtuer Meito, como ocasionalmente me disse... Mas, afinal, por que chegamos a falar dela?... Enfim, naquele dia encontramos o senhor no Jardim, o Conselheiro ainda se lembra? Quer dizer, o senhor nos encontrou, quando estávamos sentados num banco, ainda sei qual foi, e fomos. Ou melhor, quem eu era eu, pois meu primo não eu, inexplicavelmente. E o senhor também estava fumando. Então oferecemos um ao outro as nossas marcas preferidas; lembro-me perfeitamente. O seu Brasil me agradou muitíssimo, embora sempre preciso tratá-lo como se fosse com um potro, com prudência; senão, acontece alguma coisa como aquela que se passou com o senhor depois dos dois primeiros charutos importados, quando este eu estava a ponto de

dançar a sua última dança. Hoje se pode falar sobre aquilo, mas só porque tudo terminou bem... Recentemente encomendei em Bremen mais algumas centenas de Maria Mancini. Estou muito acostumado a essa marca, que me é simpática sob todos os aspectos. É verdade que o Irete e a Alândega a encarecem sensivelmente, e se o senhor aumentar de novo o prazo de minha permanência sou capaz de me converter ao fumo da Tui. Nas vitrines se veem charutos muito bonitos... E depois tivemos

oportunidade para Yer os Tuadros do senhor; lembro-me como se fosse hoMe. Gostei sumamente dos seus trabalhos. FiTuei mesmo surpreendido ao Yer Tuanta coisa o senhor consegue Iazer com tintas a óleo. Eu nunca me atreYeria a tanto. Foi nessa ocasião Tue Yimos também o retrato da sra. Chauchat, com a pele magistralmente reproduzida. Francamente, senti-me entusiasmado. NaTuela época ainda não conhecia a modelo, ou apenas de Yista e de nome. Depois, pouco antes da sua partida, cheguei a conhecê-la pessoalmente.

— Não diga! — respondeu o conselheiro áulico... E a resposta Ioi a mesma, caso se permita este breYe retrospecto, Tue ele dera Tuando Hans Castorp lhe comunicou ter um pouco de Iebre, antes do primeiro exame médico. E depois não disse mais nada.

— Sim, senhor, conheci-a pessoalmente — confirmou Hans Castorp. — Sei por experiência Tue não é Iácil entabular relações com pessoas estranhas aTui em cima, mas entre a sra. Chauchat e mim a coisa arranMou-se, casualmente, à última hora. TiYemos uma conYersa Tue... — Hans Castorp acabou de receber a inMeção, retraiu o corpo e, aspirando o ar por entre os dentes, deu um chiado de dor. — Fff!... Foi um nerYo importantíssimo Tue o senhor pegou desta Yez, Conselheiro. Ah! sim, sim, dói como o diabo. Obrigado, obrigado, um

pouTuinho de massagem Iaz bem... Pois é, tiYemos uma conYersa Tue Iez nos conhecermos melhor.

— Ah, é?... E então? — Iez o conselheiro. Anuiu com a cabeça, com cara de Tuem espera uma resposta elogiosa e põe na pergunta, de antemão e por experiência própria, a confirmação dos esperados elogios.

— Acho Tue meu Irancês cambaleou bastante — esTuiYou- se Hans Castorp. — De onde é Tue eu o Ialaria melhor? Mas, afinal, no momento certo as palaYras acabam estando à mão, e assim conseguimos entender-nos mais ou menos bem.

— Não duYido. E então? — Yoltou o conselheiro a indagar, acrescentando por sua conta: — Bonitinha, não é?

Hans Castorp, abotoando o colarinho, achaYa-se de pé, com as pernas e cotoYelos aIastados, e com o rosto leYantado para o teto.

— No Iundo, é uma Yelha história — disse. — Acontece nas estações de cura Tue duas pessoas ou até duas Iamílias YiYam durante semanas sob o mesmo teto e contudo completamente distanciadas. Um dia traYam conhecimento, apreciam-se sinceramente, e ao mesmo tempo ficam sabendo Tue uma delas está a ponto de partir. Imagino Tue algo assim, lamentáYel, ocorra com certa IreTuência. Num caso desses, a gente gostaria

de conservar pelo menos um certo contato, ter notícias um do outro, tuero dizer, por correspondência. Mas a sra. Chauchat...

— Ué... ela não tuer? — riu-se o conselheiro MoYialmente.

— Isso mesmo, ela não tuis saber disso. Por acaso ela não escreYe ao senhor, assim, de Yez em Tuando, dos lugares em Tue está?

— Ih, Deus nos guarde! — respondeu Behrens. — Ela nem pensa nisso. Em primeiro lugar, por preguiça, e, além disso, em Tue língua escreYeria? Eu não sei ler russo. Arranho-o um pouco, em caso de necessidade, mas não leio uma palaYra seTuer. E o senhor tampouco, não é? Bem, e Tuanto ao Irancês ou ao alemão, nossa gatinha sabe miá-los com muita graça, mas para escreYer se Yeria em apuros. Não esTueça da ortografia, meu amigo! Sim senhor, com isso temos Tue nos conIormar. Mas ela Yolta de Yez em Tuando. É uma Tuestão de técnica ou de temperamento, como eu Má

lhe disse. Uns partem às Yezes e precisam Yoltar mais dia menos dia, enTuanto outros ficam logo o tempo suficiente para nunca mais terem necessidade de Yoltar. Se seu primo partir agora, e não deixe de lhe dizer isso bem claramente, é possíYel Tue o senhor ainda esteMa aTui para assistir às solenidades do regresso dele.

— Mas, doutor, Tuanto tempo acha o senhor Tue eu...

— Que o senhor? Que ele! Ele ficará menos tempo lá embaixo do Tve passou aTui em cima: esta é a opinião da minha humilde pessoa, e seria muita amabilidade sua se a transmitisse a ele.

Era aproximadamente nesses termos Tve se desenrolaYa esse tipo de conYersas, dirigidas com astúcia por Hans Castorp, embora com um resultado entre nulo e ambíguo. Quanto ao tempo Tve era preciso permanecer ali para presenciar a Yolta de um enIermo partido prematuramente, a resposta Iora eTuiYoca, e, no Tve se reIere a certa pessoa desaparecida, Iora até nula. Hans Castorp nada ouYiria dela enTuanto o mistério do espaço e do tempo os separasse; ela não lhe escreYeria, e ele tampouco encontraria uma oportunidade para Iazê-lo... Mas, refletindo bem, como poderia ser de outra Iorma? Não Iora uma ideia muito pedante e burguesa de sua parte essa de sugerir uma troca de cartas, ao passo Tve outrora considerara desnecessário e nem seTuer deseMáYel Tve se falassem? E ele “Ialara” realmente com ela, no sentido Tve o Ocidente culto dá a essa palaYra, naTuela noite de CarnaYal em Tve estiYera a seu lado? Ou se expressara apenas numa língua estrangeira, como Tve num sonho, e de modo pouco ciYilizado? Para Tve então escreYer em papel de carta ou cartões-postais, como os dirigia de Yez em Tuando ao pessoal de casa, na planície, a fim de relatar as Yicissitudes dos resultados dos

exames médicos? Não tinha razão de se sentir desobrigada de escrever, de ir à liberdade. Tinha a doença. Lhe outorgava? Falar, escrever — um assunto eminentemente humanista e republicano, de fato,

um assunto para o mestre Bruneto Latini, que redigira a lição sobre as virtudes e os vícios, doutrinara os florentinos e lhes ensinara a discursar e a governar a sua república com firmeza com as regras da política...

Com isso, os pensamentos de Hans Castorp começaram a rumar para Lodoico Settembrini, e ele corou, assim como fizera certa vez quando o escritor entrara de súbito no seu quarto de doente, acendendo repentinamente as luzes. Sem dúvida, Hans Castorp poderia ter dirigido ao italiano também as suas perguntas relativas aos enigmas transcendentais, fosse apenas para provocá-lo ou por birra, sem a esperança de receber uma resposta do humanista, que só se preocupava com os interesses terrestres da vida. Mas, desde o baile de Carnaval e a cena emocionada com Settembrini saíra da saleta de música, as relações entre Hans Castorp e ele haviam se entibiado até certo ponto, o que se explicava pela consciência pesada de um e pelo profundo agastamento pedagógico do outro. A consequência era que se evitavam mutuamente, e durante semanas inteiras não trocaram palavra alguma. Hans Castorp continuava a ser um “filho enjeitado da vida”, aos olhos

do sr. Settembrini? Não, ele provavelmente era agora um desenganado aos olhos desse homem, tu procurava a moral na virtude e na razão... E Hans Castorp punha-se a recalcitrar com relação ao sr. Settembrini; cerrava o cenho e Iranzia os lábios cada vez tu se encontravam, enquanto o olhar negro e brilhante do italiano pousava nele numa reprovação silenciosa. Não obstante, essa birra se desfez imediatamente, quando o literato, semanas após, voltou a lhe dirigir a palavra, se bem tu o fizesse apenas de passagem e sob a forma de alusões mitológicas, cuja compreensão requeria certa cultura ocidental. Foi depois do jantar; encontraram-se perto da porta envidraçada tu Má não se fechava com estrondo. Ao passar pelo corredor, e na intenção de não se demorar muito dele, Settembrini disse:

— Pois então, Engenheiro, gostou da romã?

Hans Castorp sorriu, satisfeito, mas um tanto acanhado.

— Como?... Que é tu o senhor tuer dizer, sr. Settembrini? Uma romã? Mas não nos serviriam romãs! Nunca na vida comi... Isto é, um dia, sim, bebi xarope de romã com água gasosa de Selters. Achei muito doce.

O italiano, tu Má se achava a alguma distância, virou a cabeça e retrucou:

— Aconteceu algumas vezes que deuses e mortais tenham visitado o reino das sombras e encontrado o caminho de volta. Mas os habitantes do inferno sabem que quem comeu dos frutos desse reino lhes pertence para sempre.

E prosseguiu no caminho, com as suas eternas calças claras de xadrez, deixando atrás Hans Castorp, que deveria sentir-se “trespassado” por tamanha significação e que, com efeito, realmente estava, embora murmurasse de si para si, entre irritado e desorientado:

— Latini, Carducci, spaghetti per tutti, deixe-me em paz! Não obstante, essas primeiras palavras que lhe haviam

sido concedidas deixaram-no muito feliz. Pois, apesar do terrível, da macabra lembrança que ele levava sobre o coração, afeiçoara-se ao sr. Settembrini, a quem dava grande importância; e a ideia de se ir para sempre rejeitado e abandonado pelo italiano indubitavelmente lhe pesaria na alma de modo mais opressivo e mais cruel do que os sentimentos de um aluno que reprovasse nos exames e gozasse das vantagens da ignomínia, à maneira do sr. Albin... Contudo, não se atreveu a entabular, da sua parte, uma conversa com o seu mentor, e este deixou passar outras semanas inteiras antes de entrar novamente em contato com o seu discípulo enfermo.

Isso sucedeu Tuando as ondas marinhas do tempo, rolando no seu ritmo eternamente inYariáYel, haYiam trazido a Páscoa, Tue Ioi celebrada no “BerghoI” como também lá se obserYaYam, do mesmo modo, todas as etapas e cesuras, a fim de se eYitar a monotonia desconexa.

Na hora do caIé da manhã, cada pensionista encontrou ao lado do talher um tuIo de Yioletas; no peTueno almoço, todos receberam oYos coloridos, e a mesa IestiYa do almoço estaYa enIeitada de coelhinhos de açúcar e chocolate.

— Já Iez uma Yiagem de naYio, Tenente, ou o senhor, Engenheiro? — perguntou o sr. Settembrini, Tuando, depois da reIeição, com o palito entre os dentes se aproximou da mesinha dos primos, no Yestíbulo. Como a maioria dos pensionistas, eles tinham abreYiado, nesse dia, de um Tuarto de hora o repouso principal, para instalar-se diante de uma xicrinha de caIé e de um cálice de conhaTue. — Esses coelhinhos e esses oYos coloridos relembram-me a Yida num Yapor grande, diante de um horizonte Yazio desde semanas, no deserto salino. Tal Yida se passa sob condições cuMo perIeito conIorto não consegue Iazer esTuecer, senão superficialmente, sua natureza monstruosa, ao passo Tue nas zonas mais proIundas da alma a consciência disso continua roendo, em Iorma de um secreto horror... Reencontro aTui o espírito com Tue, a bordo de uma arca dessas, se obserYam piedosamente as Iestas da “terra Ierma”. São as

reminiscências de pessoas Tue YiYem Iora do mundo, recordações sentimentais do calendário... Na terra firme seria Páscoa hoMe, não é? Na terra firme celebram hoMe o aniYersário do Rei — e nós também o Iazemos, o melhor Tue podemos, Má Tue também somos criaturas humanas... Não tenho razão?

Os primos concordaram com ele. Realmente, era assim. Hans Castorp, comoYido pelo Iato de o italiano ter Ialado com ele, e instigado pelo remorso, elogiou a obserYação em altos brados. Achou-a espirituosa, magnífica, literária, e Iez tudo para lisonMear o sr. Settembrini. IndiscutiYelmente, era apenas de um modo superficial — assim como o sr. Settembrini acabaYa de expressar-se com tanta plasticidade

— Tue o conIorto de um transatlântico Iazia olYidar as circunstâncias e sua temeridade e, se ele podia tomar a liberdade de desenYolYer algumas ideias por sua conta —

haYia nesse conIorto perIeito até uma certa proYocação, algo semelhante àTuilo Tue os antigos chamaYam de hybris (para agradar ao seu interlocutor, até mesmo os antigos ele chegou a citar) e outras coisas neIandas desse tipo, como “Sou o rei da Babilônia!”, sacrilégios, em suma. Por outro lado, porém, o luxo a bordo enYolYia — usou mesmo o Yerbo “enYolYer”! — um grande triunIo do espírito humano e da honra humana. O homem, ao transIerir esse luxo e conIorto para as águas coroadas de espuma

salgada, e ao mantê-lo ali, audaciosamente plantaYa, por assim dizer, o pé na cerYiz dos elementos, das potências braYias, e isso enYolYia a Yitória da ciYilização humana sobre o caos, caso lhe permitissem serYir-se dessa expressão...

O sr. Settembrini escutou-o atentamente, com os pés e os braços cruzados, enTuanto, num gesto gracioso, cofiou com o palito o bigode sinuoso.

— É notáYel — disse ele. — O homem não pode Iazer obserYações gerais de certa extensão, a respeito de TualTuer assunto, sem se trair inteiramente, sem depositar nelas, mau grado seu, toda a sua personalidade, sem representar, de alguma Iorma parabólica, o tema Iundamental e o problema original da sua Yida. É isso o Tue acaba de lhe acontecer, Engenheiro. ATuilo Tue o senhor disse agora brotou de Iato do Iundo de seu eu e também expressou, de um modo poético, a condição temporal dessa personalidade: continua sendo a condição experimental...

— Placet experiri! — riu-se Hans Castorp, pronunciando o “c” à italiana e sacudindo a cabeça afirmatiYamente.

— Sicuro, se se trata, no caso em apreço, da paixão respeitáYel de explorar o mundo e não de mera licensiosidade. O senhor mencionou a “hybris”. SerYiu-se desse termo. Mas a hybris da razão em Iace das potências tenebrosas é

a mais alta humanidade, e Tuando atraí sobre si a Vingança de diYindades ciumentas, per esempio, Tuando a arca de luxo Yai a piTue, achamo-nos sempre à Irente de um fim honroso. Também a Iaçanha de Prometeu

era hybris, e as torturas Tue ele padeceu no penedo da Cítia são consideradas por nós o mais sagrado dos martírios. Mas, Tue se deYe dizer daTuela outra hybris, da perdição na experiência libidinosa, Ieita com as potências contrárias à razão e hostis ao gênero humano? Há honra nelas? Pode haYer honra em tal conduta? Sì o no!

Hans Castorp mexia a colher na xicrinha, se bem Tue esta não tiYesse mais nada.

— Engenheiro, Engenheiro! — prosseguiu o italiano, meneando a cabeça, e a mirada dos olhos negros “fixou-se” pensatiYamente no espaço. — Não teme o senhor o Iuracão do segundo círculo do inIerno, o Iuracão Tue agita e sacode os pecadores da carne, os inIelizes Tue sacrificaram a razão à Yolúpia? Gran Dio! Quando tenho a Yisão do senhor Yarrido pelo YendaYal, Yoando de cá para lá, de cabeça para baixo, sinto-me com Yontade de cair no chão, de tanto pesar, assim como cai um cadáYer...

Riram-se, contentes de ouYi-lo graceMar e dizer coisas poéticas. Settembrini, porém, acrescentou:

— O senhor Yai se lembrar, Engenheiro, como na noite de CarnaYal, bebendo Yinho, se despediu em certo sentido de mim. Sim senhor, Ioi uma espécie de despedida. Bem, hoMe é a minha Yez. Tal como os senhores me Yeem agora, estou a ponto de lhes dizer adeus. Vou sair desta casa.

Os primos ficaram pasmados.

— Não é possíYel. Está brincando! — exclamou Hans Castorp, como o fizera numa ocasião semelhante. EstaYa Tuase tão assustado Tuanto naTuele outro dia. Mas também Settembrini replicou:

— Nem um pouTuinho. É como digo. Além disso, o senhor Má andaYa preparado para ouYir essa notícia. AYisei-o de Tue eu estaYa decidido a leYantar as minhas tendas e a estabelecer-me definitiYamente em TualTuer parte do lugar, logo Tue se mostrasse insustentáYel a minha esperança de poder Yoltar ao mundo do trabalho dentro de um prazo mais ou menos preYisíYel. Que Tuer o senhor Tue eu Iaça? Esse

momento chegou. É coisa certa Tue não me posso curar. Posso prolongar a minha Yida, mas só aTui. A sentença, o Yeredicto final é “prisão perpétua”. O Conselheiro Behrens acaba de pronunciá-lo com o seu peculiar bom humor. Muito bem, eu tiro as conseTuências. Aluguei uma habitação. Estou tratando do transporte dos meus modestos bens terrenos e dos utensílios do

meu ofício literário... Não fica longe da Tui, no “YilareMo”. Nós nos Yeremos seguidamente, não há dúYida. Não perderei o senhor de Yista, mas, como habitante da mesma casa, tenho a honra de me despedir.

Essa foi a comunicação Tue Settembrini lhes fez no domingo de Páscoa. Os primos se mostraram extraordinariamente comoYidos. Demorada e repetidamente falaram com o literato sobre a sua decisão e as modalidades Tue lhe permitiriam observar o regime também na sua morada particular; trataram do modo de levar adiante aTueles Yastos trabalhos enciclopédicos Tue tomara a si, as sinopses de todas as obras-primas da beletrística, sob o ponto de vista dos conflitos originados pelo sofrimento e de sua erradicação; finalmente se informaram também a respeito dos futuros aposentos do sr. Settembrini, Tue se achava na casa de um “TuinTuilheiro”, como se expressava o italiano. Esse TuinTuilheiro alugara o andar superior da sua casa a um aliaite natural da Boêmia, Tue por sua vez sublocava cômodos... Essas conversas, conforme explicamos, já pertenciam ao passado. O tempo ia avançando, e desde então já presentificara mais de uma transformação. Settembrini realmente deixara de morar no Sanatório Internacional Berghof e passara-se para a casa de Lukac̃ek, aliaite de senhoras, onde morava já algumas semanas. Sua mudança não se realizara num tremó, senão

a pé. Ele saíra enYolto num curto sobretudo amarelo, de mangas e gola de peles. Acompanhara-o um homem, transportando, num carrinho de mão, a bagagem literária e terrena do escritor, Tue Iora Yisto aIastar-se, brandindo a bengala, após ter beliscado, com o dorso de dois dedos, as Iaces de uma das criadas, postada Munto ao portão do ediÍicio... Como Má ficou dito, o mês de abril achaYa-se relegado Tuase inteiramente — mais de três Tuartas partes — à sombra do passado. Verdade é Tue ainda reinaYa pleno inYerno. Pela manhã, a temperatura atingia nos Tuartos uns escassos seis graus acima de zero, ao passo Tue Iora Iazia noYe abaixo. Quando se deixaYa o tinteiro na sacada, durante a noite, a tinta congelaYa-se, Iormando um pedaço de gelo parecido com hulha. Mas era coisa sabida Tue a primaYera Yinha se aproximando. De dia, Tuando brilhaYa o sol, Má se sentia um pressentimento suaYe e delicado pairando no ar. O período do degelo estaYa iminente, e a isso estaYam ligadas as transIormações inexoráveis Tue se realizaYam no “BerghoI”. Nem seTuer a autoridade e a palaYra YiYa do conselheiro áulico eram capazes de deter-lhes o aYanço, posto Tue combatesse o preconceito popular contra o degelo, em toda parte, nos Tuartos e na sala, por ocasião de exames, Yisitas e reIeições.

Vinham os pensionistas para se dedicar aos esportes de inYerno, ele perguntaYa, ou como enIermos, como pacientes? Por

Tue cargas-d'água precisaYam de neYe, de neYe gelada? Era desIaYoráYel a temporada de degelo? Pelo contrário, era a mais IaYoráYel de todas! ComproYadamente o número de doentes acamados era menor nessa época do ano, em todo o Yale, do Tue em TualTuer outra estação. No mundo inteiro as condições climáticas para tuberculosos eram piores do Tue ali, no momento. Quem tiYesse um pingo de Muízo deYeria persistir e aproYeitar o eIeito Iortalecedor dessa Iase do clima alpino. Depois, estariam imunizados contra todos os golpes e ataTues do tempo, blindados contra TualTuer clima do mundo, contanto Tue esperassem a realização da cura completa — e assim por diante. O conselheiro IalaYa em Yão, no entanto; a animosidade contra o degelo estaYa arraigada nas cabeças, e a estação de cura se esYaziou. Pode ser Tue a aproximação da primaYera agitasse o coração da gente e tornasse irreTuietas e áYidas de mudanças até pessoas sedentárias. Em todo caso aumentaYa de Iorma inTuietante o número das partidas arbitrárias, das partidas “em Ialso”, e isso também no BerghoI. A sra. Salomon, de Amsterdam, por exemplo, apesar do prazer Tue lhe causaYam os exames médicos e a subseTuyente ostentação de roupa interior de rendas finas, partiu “em Ialso”, de um modo totalmente arbitrário, sem a mínima autorização, e não porTue se sentisse melhor, senão por andar cada Yez pior. O início da sua

permanência ali Iora muito anterior à chegada de Hans Castorp. Fazia mais de um ano Tue ela chegara, com uma aIecção muito leYe, em Yirtude da Tual Ihe tinham receitado uma temporada de três meses. Depois de Tuatro meses Iora-Ihe assegurado Tue estaria “boa daTui a Tuatro semanas”; mas, seis semanas depois, Má não se IalaYa em cura. Era preciso, conIorme se disse, Tue ela permanecesse outros Tuatro meses, no mínimo. E assim tudo prosseguiu — afinal de contas, aTui não era um calabouço nem uma mina siberiana. A sra. Salomon ficara e exibira sua melhor roupa de baixo. Como, porém, depois do último exame, e na iminência do degelo, Ihe houYessem Ialado de um acréscimo de cinco meses, por causa de sibilos em cima à esTuerda e de indiscutíYeis anomalias do ruído respiratório abaixo da axila esTuerda, perdera a paciência. Sob protesto, inYectiYando contra o “YilareMo” e a “praça” de DaYos, contra o Iamoso ar das montanhas, o Sanatório Internacional BerghoI e os médicos, partira para o seu lar em Amsterdam, cidade úmida, cheia de correntes de ar.

Foi razoáYel o Tue ela Iez? O dr. Behrens encolheu os ombros e leYantou os braços, deixando-os cair ruidosamente sobre as coxas logo a seguir. O mais tardar no outono — disse — a sra. Salomon estaria de Yolta, e então seria para sempre. Ele Yiria a ter razão? Já o Yeremos, é por um longo tempo terreno Tue

ainda estaremos ligados a este oásis de prazeres. O caso Salomon não era, porém, o único desse tipo. O tempo presentificaYa transformações; sempre Iora assim, mas em geral de maneira mais paulatina, menos escandalosa. A sala de reIeições mostraYa grandes lacunas, em todas as sete mesas, na dos “russos distintos” como na dos “ordinários”, nas longitudinais como nas transYersais. Mas não se podia tirar daí uma conclusão confiável a respeito do número de pensionistas na casa; houYera também chegadas, como sempre as haYia, e os Quartos talYez continuassem ocupados, mas então se trataria de pacientes cuMo estado final talYez lhes restringisse a liberdade de ir e Yir. Na sala de reIeições, como Má Yerificamos, IaltaYam muitos Tue ainda não tinham perdido essa liberdade; algumas lacunas, entretanto, estaYam abertas de um modo particularmente incisivo e Yazio, como, por exemplo, a Tue deixara o dr. Blumenkohl, Tue acabaYa de Ialecer. Seu rosto Iora assumindo cada Yez mais intensamente aTuela expressão de Tuem tem na boca TualTuer coisa de sabor repugnante; depois acamara definitivamente e afinal morrera — ninguém sabia precisar Tuando. O assunto Iora tratado com a costumeira discricção. Uma lacuna! A sra. St, hr tinha o lugar pegado a essa lacuna e horrorizaYa-se disso. Por esse motivo, mudou-se para o outro lado do MoYem Ziemssen, ocupando a cadeira de Miss Robinson, Tue recebera alta como curada, ao

passo Tue à sua Irente a proIessora permanecia firme em seu posto, à esTuerda de Hans Castorp. No momento achaYa-se sozinha naTuele lado da mesa, pois os outros três lugares estaYam Yagos. O estudante Rasmussen, Tue dia a dia se tornara mais obtuso e mais sonolento, achaYa-se de cama e era considerado moribundo; a tia-aYó com sua sobrinha e com Marússia, a moça dos seios opulentos, estaYa em Yiagem — serYimo-nos do termo “Yiagem”, como todos Iaziam, uma Yez Tue a sua Yolta próxima passaYa por Iato indubitáYel. No outono Má estariam de regresso — podia-se chamar aTuilo de “partida”? Muito depressa chegaria o solstício de Yerão, logo após Pentecostes, Tue estaYa iminente, e, uma

Yez alcançado o dia mais longo, Yiria a rápida descida, rumo ao inYerno. Numa palaYra, a tia-aYó e Marússia Tuase Tue estaYam de Yolta, e era melhor assim, Má Tue a risonha Marússia de modo algum ficara curada e desintoxicada. A proIessora ouYira Ialar de blastomas tuberculosos Tue a Marússia dos olhos castanhos trazia no peito exuberante, e Tue Má tinham sido operados diYersas Yezes. Quando a sra. Engelhart mencionou isso, Hans Castorp lançou um rápido olhar a Joachim, Tue inclinaYa para o prato o rosto subitamente cheio de manchas terrosas.

A alegre tia-aYó dera aos comensais — isto é, aos primos, à sra. St, hr e à proIessora — um Mantar de despedida no restaurante, uma comezaina com caYiar, champanhe e licores, durante a

Tual Joachim se conserYara taciturno, proIerindo só poucas palaYras numa Yoz Tuase surda. Tanto assim Tue a tia-aYó, com o seu espírito aIetuoso, procurara conIortá-lo, chegando até a tratá-lo por “Yocê”, em completo abandono das conYeniências ciYilizadas.

— Paizinho — dissera ela, à maneira russa —, não há de ser nada. Não se importe, mas coma, beba e conYerse! DaTui a pouco a gente Yoltará. Vamos todos comer, beber e Ialar, e não nos entregar à tristeza. Deus mandará o outono antes do Tue esperamos. Como Yê, não há motiYos para mágoas. — Na manhã do dia seguinte distribuía, como lembrança, Yistosas caixinhas de “conIéktka” a Tuase todas as pessoas presentes na sala de reIeições, e a seguir pôs-se em Yiagem com suas duas meninas.

E Joachim? Como se achaYa ele? Sentia-se aliYiado e liYre desde aTuele dia, ou soIria a sua alma seYeras priYações em Iace dos lugares Yazios à mesa? Sua impaciência insólita e insubmissa, sua ameaça de partir sem autorização, caso continuassem a lográ-lo — tinham elas, porYentura, sua origem na ausência de Marússia? Ou, pelo contrário, deYia-se Tue ele não Iosse embora e aTuiescesse aos elogios do degelo pelo conselheiro Mustamente ao Iato de Tue Marússia, a moça dos seios opulentos, não haYia partido em definitiYo, mas somente para uma Yiagenzinha simples, da Tual regressaria dentro de cinco das menores

unidades de tempo Tue se conheciam ali em cima? Ah, haYia na sua conduta um pouco de tudo isso, e em igual medida; Hans Castorp podia percebê-lo, sem Tue Mamais houYesse Ialado com Joachim a esse respeito. Abstinha-se estritamente de mencionar o assunto, assim como Joachim eYitaYa pronunciar o nome de outra pessoa Tue também se ausentara numa Yiagenzinha.

Nesse meio-tempo, Iora ocupado o lugar de Settembrini à mesa. Quem era Tue ali se encontraYa, ao lado de uns pensionistas holandeses de apetite tão estupendo Tue cada um deles costumaYa pedir três oYos Iritos, ainda antes da sopa Tue IormaYa o início dos cinco pratos do Mantar normal? Era Anton KarloYitch Ferge, aTuele Tue experimentara a inIernal aYentura do choTue pleural. Sim, o sr. Ferge abandonara o leito; mesmo sem pneumotórax, o seu estado melhorara de tal maneira Tue lhe permitia passar leYantado a maior parte do dia e participar das reIeições, com seu bigode hirsuto e bonachão, e o grande pomo de adão, de aspecto igualmente MoYial. De Yez em Tuando, os primos conYersaYam com ele na sala ou no Yestíbulo, e Iaziam também alguns dos passeios regulamentares em sua companhia, Tuando o acaso os unia. Nutriam simpatia por esse soIredor ingênuo, Tue declaraYa nada entender de assuntos sublimes, mas Tue, Ieita essa confissão, passaYa de modo muito agradáYel a contar histórias sobre a

fabricação de galochas e a falta de regiões longínquas do império russo, de Samara e da Geórgia, enquanto caminham todos em meio à neblina, com os pés chateados na massa aguada de neve derretida.

Pois agora os caminhos estão realmente impraticáveis, acham-se em plena dissolução, e a neblina paira sobre eles. O conselheiro áulico afirma não se tratar de neblina, senão de nuvens; mas isso, na opinião de Hans Castorp, era

simples teste de palavras. A primeira foi trazendo uma luta violenta, com inúmeras reincidências no rigor do inverno, se prolongou por meses inteiros até meados de Junho. Já em março houve ocasiões em que, quando o sol brilhava, mal se podia suportar o calor na sacada e na espreguiçadeira, apesar das roupas leves e do guarda-sol. Certas senhoras haviam acreditado na chegada do verão e foram ao café da manhã com vestidos de musselina. O seu procedimento era até perdoável em face das peculiaridades do clima alpino, mas não se podia explicar o erro pela confusão meteorológica das estações. Mas também havia em sua precipitação uma boa parte de visão curta e falta de imaginação, próprias da estupidez de seres que só vivem para o momento, incapazes de pensar em mudanças futuras, ávidos de variedades e dominados por uma impaciência que lhes deu o tempo. O calendário dizia março, isso significava primeira vez, talvez a primeira, então se

tiraram logo os Yestidos de musselina da mala, para Tue se pudesse exhibi-los antes Tue chegasse o outono. E de Iato sobreYeio uma espécie de outono. O mês de abril trouxe consigo dias sombrios, de um Irio úmido, cuMa chuYa incessante se transIormou aos poucos em neYe Tue caía turbilhonando. Os dedos enregelaYam-se na loggia; os dois cobertores de lã de camelo Yoltaram a prestar serYiços, e pouco Ialtou para Tue se recorresse noYamente ao casaco de peles. A administração decidiu-se a reacender a caleIação, e todos se TueixaYam de se Yer esbulhados da primaYera. Pelo fim do mês, tudo estaYa oculto sob uma espessa camada de neYe; mas logo surgiu o Yento I, hn, preYisto, pressagiado pelos pensionistas mais experientes e mais sensíYeis. A sra. St, hr, bem como a srta. LeYi, a da pele de marfim, e também a YiúYa HessenIeld Ioram unânimes em afirmar Tue Má o tinham presentido, antes Tue se mostrasse a menor nuYem por cima dos cumes da Iormação de granito, lá ao sul. Em seguida, a sra. HessenIeld começou a demonstrar uma propensão para crises de choro, a LeYi acamou, e a sra. St, hr, exibindo obstinadamente a dentadura de lebre, exteriorizaYa de hora em hora o supersticioso receio de uma hemoptise, em Yista da crença de Tue o I, hn causaYa ou IaYorecia tais acidentes. Reinou um calor incríYel. Apagaram a caleIação. Durante a noite deixaYa-se aberta a porta da sacada, e, não obstante, o

termômetro marcaYa pela manhã onze graus no interior do Quarto. Derreteram-se Tuantidades enormes de neYe, ela Ioi assumindo uma cor de gelo, tornou-se porosa e esburacada. Os montões desfizeram-se, como se Tuissem esconder-se debaixo do solo. Tudo ressumbraYa, goteMaYa, marulhaYa; nos bosTues se ouYia o ruído de pingos Tue caíam e de massas de neYe Tue deslizaYam dos galhos; as barreiras acumuladas ao longo dos trilhos, os pálidos tapetes a cobrirem os prados, sumiam-se, ainda Tue a neYe Iosse por demais abundante para desaparecer depressa. Surgiram Ienômenos maraYilhosos, surpresas primaYeris durante os passeios obrigatórios pelo Yale, espetáculos Iabulosos, nunca Yistos. DesIraldou-se um campo plano; o Iundo era Iormado pelo cume cônico do SchZarzhorn, ainda enYolto em neYe, e à direita se erguia, bem próxima, a geleira de Scaletta, também coberta de neYe proIunda. A pradaria, com um monte de Ieno no meio, achaYa-se igualmente sob a neYe, embora a camada Má aparecesse mais fininha e mais rala, interrompida, aTui e ali, por eleYações escuras de terra e perIurada em toda parte pela grama seca. Mas os andarilhos notaram a natureza irregular da camada de neYe Tue reYestia esse prado: ao longe, em direção às encostas arborizadas, era mais espessa; à sua Irente, porém, diante dos seus olhos, o capim desbotado, resseTuido pelo inYerno, estaYa apenas salpicado, pintalgado, floreado de manchas brancas... Olharam-nas mais de perto; pasmados, inclinaram-se por cima

delas e verificaram que não era neve, mas flores, flores de neve, neve de flores, pequenos cálices sobre curtas hastes, de um azul esbranquiçado; eram crocos, de várias, que aos milhões haviam brotado do solo do campo encharcado, em tal quantidade que se podia mesmo tomá-los por neve, com a qual de fato se confundiam, pouco mais adiante.

Os passeantes riram-se do seu entusiasmo, exultaram de alegria diante desse milagre que se realizava à vista deles, dessa adaptação imitadora e graciosamente tímida, por meio da qual a vida orgânica se atrevia a ressurgir. Colheram flores, contemplaram e examinaram as delicadas formas dos cálices, enfeitaram as lapelas, levaram um ramalhete para casa e colocaram-no num copo d'água, nos seus quartos. Pois a rigidez inorgânica do gelo, embora como num passatempo, demorara muito a passar.

Mas a neve de flores logo se viu recoberta por neve autêntica, e as soldanelas azuis bem como as primulas amarelas e vermelhas, que as substituíram, não tiveram melhor sorte. Como era difícil para a primavera abrir caminho e triunfar sobre o inverno! De vez em quando Yira-se obrigada a recuar antes que se pudesse firmar nessas alturas — até a próxima irrupção do inverno, com o torvelinho branco, o vento glacial e a calefação acesa. Em princípios de maio (pois enquanto falávamos das flores de neve chegou o mês de maio), em

princípios de maio ainda era Yerdadeira tortura escreYer na sacada um simples cartão-postal destinado à planície, pois os dedos ressentiam-se da umidade própria de um noYembro rigoroso. As cinco ou seis árYores Irondosas Tue existiam na região estaYam despidas como as da planície em Maneiro. HouYe chuYa dias a fio; ela caiu a cântaros durante uma semana inteira, e sem as Tualidades reconIortantes das espreguiçadeiras do tipo usado aTui em cima teria sido extremamente duro passar tantas horas de repouso ao ar liYre, em meio ao Yapor das nuYens, com o rosto molhado e enriMecido. Secretamente, porém, Ioi uma chuYa de primaYera, e mais e mais deu-se a conhecer como tal. Quase toda a neYe Iundiou-se sob o seu eIeito, e se Ioi; Má não se Yia mais o branco, só aTui e ali um cinzento gelado

de aspecto suMo, e finalmente os campos começaram a reYerdecer.

Que bênção para os olhos esse Yerde dos prados, após o branco sem fim! HaYia, além disso, ainda um outro Yerde cuMa delicadeza e suaYidade graciosa ultrapassaYam de longe as da grama Iresca. Eram os Ieixes de agulhas noYas dos lariços. Hans Castorp, nos seus passeios regulamentares, raramente deixaYa de acariciá-los com a mão ou de roçar a Iace de encontro a eles; tão irresistíYel era o encanto da sua maciez e da sua Irescura.

— Bem pode tornar-se botânico — disse o MoYem a seu companheiro — e bem pode mesmo, de Yerdade, Tuerer Yotar-se a essa ciência Tuem experimenta o despertar da natureza depois de um inYerno conosco, aTui em cima! São gencianas, meu caro, o Tue Yocê Yê lá na encosta, e isto aTui é uma espécie de Yioleta amarela Tue eu não conhecia. Mas o Tue temos aTui são ranúnculos, do mesmo tipo Tue cresce lá embaixo. São duplos e pertencem à Iamília das ranunculáceas. É uma planta especialmente bonita e tem corola ambígua, sabe? VeMa como ela dispõe de uma porção de estames e de grande número de oYários, um androceu e um gineceu, se me lembro bem. Acho Tue acabarei comprando uma ou outra obra botânica, para me instruir um pouco melhor nesse campo da Yida e da ciência. Como o mundo está ficando colorido!

— Em Munho haYerá mais cores ainda — disse Joachim. — A floração destes prados é célebre. Mas creio Tue não esperarei até lá... Este seu deseMo de estudar botânica se deYe à influência de KrokoZski, não?

KrokoZski? De onde ele tirara isso? Ah sim, era porTue o dr. KrokoZski, numa das suas últimas conIerências, entrara na botânica. Estaria redondamente enganado Tuem supusesse Tue as transIormações presentificadas pelo tempo pudessem leYar o dr. KrokoZski a desistir de suas conIerências!

Continuava a realizá-las a cada quinze dias, de sobrecasaca, embora não de sandálias, mas só calçava durante o verão e portanto voltaria a calçar em breve. Ainda discorria uma segunda-feira sim, outra não, na sala de reuniões, como naquele dia em que o nobre Hans Castorp, manchado de sangue, chegara atrasado. Durante nove meses, o analista tratara do amor e da doença, nunca em demasia, mas em doses pequenas, palestras de meia hora a vinte e cinco minutos; desdobrava ante seu público os tesouros da sua sabedoria e das suas ideias, e todos tinham a impressão de que ele jamais se veria obrigado a parar com essas conferências e que isso continuaria interminavelmente. Era uma espécie de Asinologia e uma noite bimensal, prolongando-se à vontade, de preleção em preleção, e sumamente apropriada a satisfazer, à maneira dos contos de Sheerazade, a curiosidade de um príncipe e a dissuasão de atos violentos. Na sua abundância ilimitada, o tema do dr. Krokowski fazia pensar na empresa em que colaborava Settembrini, a Enciclopédia dos males. Podia-se julgar a variabilidade do assunto pelo fato de que o conferencista recentemente até se ocupara da botânica, ou mais precisamente: de cogumelos... Por outro lado, parecia ter dado um novo rumo às suas palestras: falava de prevenção do amor e da morte, o que dava ocasião a numerosas observações de cunho ora delicadamente poético, ora inexoravelmente

científico. Nessa ordem de ideias, o sábio, com seu sotaque arrastado à maneira oriental e com seu “r” lingual carregado, chegara a tratar da botânica, isto é, dos cogumelos, essas criaturas da sombra, luxuriantes e fantásticas, oriundas da vida orgânica, de natureza carnal, e muito afins com o reino dos animais. Na sua estrutura entram produtos do metabolismo animal, albumina e glicogênio. E o dr. Krokowski citara certo cogumelo famoso desde a Antiguidade clássica, de cujo nome e às capacidades que se lhe atribuíam, um fungo cujo nome latino continha o epíteto impudicus, e cujo aspecto recordava o amor, ao passo que o odor lembrava a morte. Era evidentemente um cheiro cada vez que se desprendia do impudicus, quando destilava da sua cabeça campanular a tuela muco viscoso e esverdeado que a recobria e que era o portador dos esporos. Entre os incautos esse cogumelo continuava sendo considerado airodisíaco.

Ora, essa palestra não deixara de ser um tanto forte para as senhoras, conforme opinou o promotor. Para tanto, graças ao apoio moral da propaganda do conselheiro, perseverara firme no sanatório, apesar do degelo. E também a sra. St. John, igualmente demonstrava bastante força de caráter para não arredar pé e resistia à sedução de uma partida em also, observar à mesa que o dr. Krokowski fora um pouco “obscuro” ao referir-se à tuela cogumelo clássico. “Obscuro”, disse a

desgraçada, conspurcando sua doença com esses lapsos inomináveis. O Tio Hans Castorp mais estranhou, no entanto, foi o Irmão de Joachim ter aludido ao dr. Krokowski e à sua botânica; porque em outras ocasiões nunca havia falado do analista, como tampouco das pessoas de Cláudia Chauchat ou de Marússia. Não o mencionava: preferiam manter silêncio sobre sua existência e atividade. Desta vez, porém, Joachim se referiu ao assistente num tom mal-humorado, assim como a observação de não dever aguardar a floração dos prados, aliás, também já refletira o mesmo mau humor. O bom Joachim parecia perder aos poucos o equilíbrio. Sua voz vibrava de irritação, e ele já não se mostrava tão brando e tão comedido como antes. Fazia-lhe falta o perfume de flor de laranjeira? Levantava-se ao desespero as peças que lhe pregava a escala de Gaffky? Sentia-se ele incapaz de resolver se era melhor esperar o outono ali em cima ou arriscar uma partida não autorizada? Na realidade existia ainda outra coisa à qual se devia a vibração agastada da voz de Joachim, e que o fizera mencionar num tom quase sarcástico a competência botânica de poucos dias antes. Dessa coisa Hans Castorp nada sabia, ou melhor: ele não sabia que Joachim bem sabia. Pois ele próprio, o espírito propenso a aventuras, o filho heremítico da vida e da pedagogia, ele sabia, sim, e muito bem. Numa palavra, Joachim descobrira certas raízes do

primeiro, surpreendera-o, de inopino, numa traição semelhante à Tuela Tue Hans Castorp cometera na terça-feira de Carnaval. Trata-se de uma nota deslealdade, agravada pela circunstância indubitável de ter chegado a ser um hábito.

O ritmo constante e monótono do curso do tempo, a organização minuciosa e prefixada do dia normal, Tue era sempre o mesmo, idêntico a si próprio, repetindo-se a ponto de criar confusão, a eternidade parada Tue torna-se difícil compreender por Tue tinha a capacidade de presentificar transformações — essa ordem inabalável do programa diário incluía, como todos se recordam, entre as três e meia e quatro horas da tarde, a ronda do dr. Krokowski por todos os quartos, ou seja, de sacada em sacada, de uma espreguiçadeira a outra. Quantas vezes já se repetira o dia normal do Berghof, desde aquele momento em que Hans Castorp, na sua posição horizontal, se melindrara ao perceber Tue o assistente dar uma volta em torno dele e não o levar em conta! Desde muito tempo o visitante de outrora convertera-se num “camarada” — era dessa palavra Tue o dr. Krokowski se serviria quando se dirigia a ele durante a visita de praxe. E se, como Hans Castorp fizera notar a Joachim, essa palavra militar soava horrivelmente na boca do dr. Krokowski — pois o médico pronunciava seu “r” de modo exótico, mediante um só estalo da língua na região anterior do palato —, até certo ponto ela estava em harmonia com o jeito enérgico,

alegre e MoYial Tue nele parecia conYidar à confiança alegre, mas Tue, em boa parte, era desmentido por sua palidez negra, e ao Tual se agregaYa, a todo momento, algo de controYerso.

— Pois então, camarada, como Yão as coisas? — dizia o dr. KrokoZski cada Yez Tue, Yindo do casal russo de bárbaros, se aproximaYa da cabeceira do assento de Hans Castorp. E

sempre Tue ouYia essa alocução animada, o enIermo, com as mãos sobre o peito, esboçaYa o mesmo sorriso Iorçado e amáYel, contemplando os dentes amarelos do assistente, Tue apontaYam em meio à barba preta. — Descansou bem?

— costumaYa prosseguir o dr. KrokoZski. — Sua curYa desceu? Ah, subiu hoMe? Não Iaz mal. Até casar isso se arranMa. Meus cumprimentos! — E com essas palaYras de som igualmente horroroso, deYido ao “r” carregado, Má continuaYa o seu caminho, passando para o compartimento de Joachim. Afinal de contas, só se trataYa de uma ronda destinada a Yerificar se tudo estaYa em ordem.

Às Yezes, porém, o dr. KrokoZski demoraYa-se um pouco mais ao lado de Hans Castorp. Então o homem espadaúdo, com o inIalíYel sorriso másculo, conYersaYa com o camarada sobre isso e aTuilo. FalaYa do clima, de partidas e chegadas, da disposição do paciente, do seu bom ou mau humor, e também da sua situação pessoal, da sua origem e do seu Iuturo, antes de

dizer “Meus cumpierimientos” e de prosseguir na ronda. E Hans Castorp, Tue, para Yariar, tinha as mãos entrelaçadas na nuca, respondia-lhe, igualmente sorrindo, a todas as perguntas — com uma sensação penetrante de repulsa, isso sim, mas, não obstante, respondia. ConYersaYam com a Yoz abaIada, e se bem Tue a diYisória de Yidro separasse os compartimentos apenas incompletamente Joachim não podia escutar a conYersa do outro lado e, de resto, não Iazia a menor tentatiYa de escutá-la. OuYia até como o primo se leYantaYa da cadeira e entraYa no Tuarto, acompanhado do dr. KrokoZski, proYaYelmente para lhe mostrar a curYa de temperaturas; e lá o colóTuio ainda continuaYa por algum tempo, a Mulgar pelo atraso com Tue o assistente, Yindo do corredor, entraYa no aposento de Joachim.

De Tue IalaYam os camaradas? Joachim não perguntaYa, mas, se um dentre os leitores não lhe seguisse o exemplo e Yentilasse a Tuestão, iria notar, de Iorma generalizada, Tue existem muitos assuntos e muitas razões para o

intercâmbio espiritual entre homens e camaradas, cuMos conceitos Iundamentais têm o cunho do idealismo, e dos Tuais um Ioi leYado pelo seu caminho IormatiYo a considerar a matéria o pecado original do espírito, ou uma perigosa excrescência dele, ao passo Tue o outro, o médico, se acostumou a ensinar o caráter secundário da enIermidade orgânica.

Somos de opinião de que eles, como muitas outras coisas, não terão discutido nem trocado numerosas ideias com respeito à matéria como degeneração desonrosa do imaterial, à Yida como impudícia da matéria, e à doença como Iorma depraYada da Yida! Talvez palestrassem, baseados no tema de conIerências em curso, sobre o amor como Iator patogênico, sobre a natureza metaÍsica dos indícios, sobre Iocos “antigos” e “recentes”, sobre Yenenos solúYeis e filtros de amor, sobre a iluminação do inconsciente, a bênção da análise psíTuica, a reYersão dos sintomas... — mas que é que sabemos nós dos assuntos por eles tratados, uma vez que tudo isso não passa de conMetura e suposições Ieitas em resposta à hipotética pergunta sobre qual o teor do que IalaYam o dr. KrokoZski e o MoYem Hans Castorp!

Agora, a propósito, não conYersaYam mais, as palestras pertenciam ao passado, tinham se estendido por poucas semanas apenas; em tempo recente, o dr. KrokoZski não se demoraYa com esse doente mais do que com qualTuer outro. “Pois então, camarada?” e “Meus cumpierimientos!”

— suas Yisitas haYiam Yoltado a limitar-se a isso, na maioria das vezes. Em compensação, porém, Joachim fizera outra descoberta, Mustamente a que ele MulgaYa uma traição da parte de Hans Castorp. Fizera-a totalmente sem Tuerer, sem se ter dado ao trabalho de espionar o primo, o que se aIastaria da

sua retidão militar. Sucedeu simplesmente, numa quarta-feira, que lhe interromperam o repouso e o chamaram no subsolo, para que o massagista o pesasse. Foi então que recebeu a surpresa. Descia pela escada, a escada limpinha, coberta de linóleo, donde se abria a vista sobre a porta da sala de consultas, a cujos lados havia os dois gabinetes de “radioscopia”, à direita o do organismo, e à esquerda, dobrando o corredor, o da alma, sito um degrau mais abaixo, com o cartão do dr. Krokowski pregado à porta. A meia altura da escada, Joachim estacou, pois Hans Castorp, que vinha da infância, acabava de sair da sala de consultas. Com ambas as mãos fechou a porta que atravessara depressa e, sem olhar em torno de si, voltou-se para a direita, rumo à outra, na qual o cartão se achava fixado por meio de prechecos. Alcançou-a com poucos passos silenciosos e cadenciados. Bateu nela, inclinando-se e apertando o dedo que batia. E quando ressoou do calabouço o barítono do dono do gabinete, dizendo “Entre!”, com um estalo exótico do “r” e com um som desfigurado das vogais, Joachim viu como o primo desaparecia na penumbra da câmara analítica do dr. Krokowski.

MAIS ALGUÉM

Dias longos, os mais longos, obMetiYamente Ialando, com reIerência ao número das suas horas de sol; pois a extensão astronômica era incapaz de influir sobre a pouca duração, do dia aYulso tanto como dos dias em geral, na sua Iuga monótona. O eTuinócio da primaYera Má se passara haYia três meses. Chegara o solstício de Yerão. Mas o ano natural ali em cima seguia o calendário com certa relutância. Somente nesses dias a primaYera começara a impor-se definitiYamente, uma primaYera ainda liYre de todo o peso do Yerão, aromática, transparente e leYe, com um azul de esplendor argênteo e com uma abundância inIantil de cores na floração dos prados.

Nas encostas, Hans Castorp encontraYa as mesmas flores das Tuais Joachim, na sua amabilidade, lhe pusera no Quarto alguns exemplares, então os últimos, para lhe dar boas-Yindas: aTuilégias e campânulas. Isso significaYa Tue o ciclo do ano estaYa a ponto de se Iechar sobre si. Mas Tuantas Yariedades da Yida orgânica não tinham brotado do solo, por entre a noYa esmeraldina das Yertentes e das pradarias: estrelas, cálices, campanas e outras Iormas menos regulares, enchendo com o seu perIume seco o ar abrasado pelo sol! AssomaYam lícnides alpinas e amores- perIeitos braYos em enormes Tuantidades, bem-me-Tueres, margaridas, prímulas amarelas e Yermelhas —

tudo muito maior e mais lindo do que Hans Castorp o conhecia da planície, se é que lá prestara atenção à flora. Também se viu soldanelas, balouçando as campanazinhas proYidas de pestanas, soldanelas azuis, purpúreas e rosadas, especialidade da região.

Ele ia colhendo essas flores graciosas, levando ramalhetes ao sanatório, e isso numa intenção muito séria; não o fazia apenas para adornar o quarto, senão para se dedicar, como se propusera, a estudos rigorosamente científicos. Adquirira

alguns apetrechos florísticos, um manual da Botânica Geral, uma pazinha de tamanho adequado para desenterrar as plantas, um herbário e uma lupa forte. Com isso se punha a trabalhar na sacada, já em traços de verão, numa das tardes que lhe veio com ela consigo, quando da sua chegada, o que também evidenciava que o ano em breve completaria o giro.

Havia flores frescas em diversos vasos sobre tudo que era mesa no interior do quarto, bem como na mesinha com a lâmpada, que se achava ao lado da excelente espreguiçadeira. Flores meio murchas, já um tanto débeis, mas ainda cheias de seiva, encontravam-se espalhadas pelo parapeito e pelo chão da sacada, enquanto outras, cuidadosamente desdobradas, iam sendo comprimidas por grandes pedras colocadas sobre duas folhas de mata-borrão, que lhes absorviam a umidade, para que Hans Castorp pudesse classificar os preparados ressecados

e achatados no seu álbum, onde os fixava com tiras de papel gomado. O MoYem estava deitado, com os Moelhos erguidos, uma perna sobre a outra, enquanto o manual aberto lhe repousava sobre o peito, com o dorso para cima, formando uma espécie de cumeeira. Mantinha o Yidro espesso e polido da lupa entre os ingênuos olhos azuis e uma flor, cuja corola removia parcialmente com o canivete, a fim de poder melhor examinar o tálamo. Grandemente aumentado pela lente, o objeto parecia intumescer, assumindo extravagantes formas carnosas. Ali estavam as anteras a derramar da extremidade dos filamentos o pólen amarelo! Sobre o ovário erigia-se o estilete canelado, e por meio de um corte longitudinal era possível ver o canalzinho por onde os grãos e os utrículos do pólen, boiando numa secreção açucarada, eram arrastados até a cavidade do gineceu. Hans Castorp conta, com clareza e comparações; fazia estudos a respeito da estrutura e da posição das pétalas do cálice e da corola, tanto dos órgãos masculinos como dos femininos; confrontava a tuiologia com as teorias científicas e sistemáticas; verificava com satisfação a exatidão científica na estrutura das plantas que conhecia; passava, então, a determinar, com a ajuda de Lineu, a qual era a família e a espécie. Como dispusesse de muito tempo, conseguiu realizar alguns progressos na sistemática botânica, à base da

morIologia comparatiYa. Abaixo da planta seca colocada na página do herbário, escreYia numa bela caligrafia o nome latino Tue a ciência humanística galantemente lhe outorgara; a seguir acrescentaYa as peculiaridades características. Por fim mostrou tudo ao honrado Joachim, Tue ficou surpreso.

De noite, Hans Castorp contemplaYa os astros. Apossara-se dele o interesse pelo transcurso do ano, posto Tue Má tiYesse assistido na Terra a mais de Yinte Yoltas em torno do sol, sem nunca se importar com essas coisas. Se nós mesmos, inYoluntariamente, serYimo-nos de termos como “eTuinócio da primaYera”, fizemo-lo em conIormidade com a maneira de pensar do nosso herói, leYando em conta as suas ocupações presentes. Pois, dessa espécie eram os termos Tue nos últimos tempos ele gostaYa de empregar, noYamente pasmando o primo pelos seus conhecimentos especializados.

— Agora o sol se acha a ponto de entrar no signo de Câncer — disse, por exemplo, durante um passeio. — Você sabia disso? É o primeiro signo de Yerão do zodíaco; compreende? Depois, o sol passará por Leão e por Virgem, em direção ao ponto do outono, um dos pontos eTuinociais, aonde chegará em fins de setembro, Tuando a sua posição Yoltará a coincidir com o eTuador do céu, como ocorreu recentemente em março, com a entrada do sol no signo de Áries.

— Isso me escapou — respondeu Joachim, um tanto carrancudo. — Que sabedoria é essa? Signo de Áries? Zodíaco?

— Sim senhor, o zodíaco, o círculo dos signos. As Yelhíssimas constelações: Escorpião, Sagitário, Capricórnio etc. Não é possível não se interessar por isso. Há doze signos, como até Você deve saber. Três para cada estação, os ascendentes e os descendentes, a órbita das constelações que o sol percorre. Acho isso grandioso! Imagine que os egípcios encontraram pintados no teto de um templo egípcio; era até um templo de Anubis, nas proximidades de Tebas. Os caldeus também os conheciam; os caldeus, sabe? Até o velho poço de magos, de origem árabe e semítica, sumamente versado em astrologia e em profecias. Também eles já estudaram o cinturão celeste, por onde se movimentam os planetas, e subdividiram-no nesses doze signos, os dodecatemoria, tais como foram transmitidos. É notável! Isso é a humanidade!

— Agora Você já diz “humanidade”, como Settembrini.

— Sim, como ele, ou talvez de modo um pouco diferente. A gente deve aceitá-la assim como ela é, e de qualquer maneira se trata de uma coisa impressionante. Penso nos caldeus com grande simpatia, quando fico deitado, olhando os planetas que eles também já conheciam. Verdade é que não conheciam

todos. Urano foi descoberto só recentemente, por meio de telescópio, há cento e vinte anos.

— Recentemente?

— Pois sim, é o que chamo “recentemente”, em comparação com os três mil anos decorridos desde a época deles. Mas quando estou na minha cadeira, contemplando os planetas, esses três mil anos, por sua vez, transformam-se em “recentemente”, e eu me recordo intimamente dos caldeus, que também os gregos e pensaram à sua maneira a respeito deles. E isso é a humanidade.

— Muito bem. Você está desenvolvendo ideias grandiosas no seu cérebro.

— Você diz “grandiosas” e eu as chamo “íntimas”. Depende do ponto de vista... Mas, quando o sol entrar no signo da Libra, daqui a três meses, aproximadamente, os

dias voltarão a ser mais curtos, de forma que o dia e a noite serão iguais. E mais tarde continuarão diminuindo, até a época do Natal, como você sabe. Mas não se esqueça de que os dias aumentarão novamente, enquanto o sol passar pelos signos de inverno, o Capricórnio, o Aquário, Peixes, pois o ponto da primavera torna então a aproximar-se, como há o há três mil vezes desde os tempos dos caldeus, e os dias prosseguirão

aumentando, até daTui um ano, Tuando chegar de noYo o princípio do Yerão.

— Claro!

— Nada de claro! Em realidade, isso não passa de uma ilusão. Durante o inYerno, aumentam os dias, e Tuando chega o mais longo, em 21 de Munho, com o início do Yerão, Má começa a descida, Yoltam a diminuir, enTuanto nos encaminhamos para o inYerno. Isso lhe pareceu “claro”, mas Tuem Iaz abstração dessa tal “clareza” passa por momentos de angústia e paYor, e sente necessidade de agarrar-se em TualTuer coisa firme. É como se algum espírito brincalhão tiYesse disposto o mundo de tal Iorma Tue ao princípio do inYerno começasse em realidade a primaYera, e ao início do Yerão, o outono... Você tem a impressão de Tue lhe pregam uma peça, de Tue o Iazem andar à roda, mostrando-lhe a perspectiYa de um ponto onde se dará meia-Yolta. Falar em Yoltas Tuando se anda num círculo! Ora, o círculo consta de um sem-número de pontos em Tue se muda de direção. As Yoltas não podem ser medidas. Não há rumo Tue persista, e a eternidade não é uma linha reta, mas um carrossel.

— Pare com isso!

— FesteMos de solstício! — exclamou Hans Castorp. — Solstício de Yerão! Fogueiras acesas nas montanhas e cirandas

dançadas de mãos dadas ao redor das labaredas erguidas!
Nunca Yi isso, mas ou Yi dizer Tue é assim Tue Iazem os homens primitiYos, Tuando celebram a primeira noite de Yerão, com a Tual se inicia o outono, essa hora meridiana e esse ponto culminante do ano, donde, então,

parte a descida. Dançam, giram e exultam. De Tue exultam, na sua primitiYidade? Você é capaz de compreendê-los? Por Tue sentem essa alegria desenIreada? Será porTue o caminho começa a descer, em direção às treYas, ou talYez porTue subiram até esse momento e agora se acham em cima, no ponto da inflexão ineYitáYel, Tue é a noite da plenitude do Yerão, o apogeu, mesclado de depressão e altiYez? Chamo as coisas pelo seu nome, com as palaYras Tue me ocorrem. É uma presunção melancólica ou uma melancolia presumida, o Tue Iaz os homens primitiYos exultarem e dançarem em torno das chamas. Agem assim por puro desespero, se Yocê me permite essa expressão, em homenagem ao círculo Ialaz e à eternidade sem rumo duradouro, na Tual tudo se repete.

— Não permito nada — resmungou Joachim. — Por IaYor, não me meta nessa história! São assuntos meio estrambólicos esses com Tue Yocê se ocupa de noite, durante o repouso.

— Pois é. Não Tuero negar Tue Yocê emprega o seu tempo de um modo mais YantaMoso, Tuando estuda a sua gramática

russa. Em breYe dominará perIeitamente esse idioma. Olhe, rapaz, isso será muito útil para Yocê, se um dia houYer uma guerra, o Tue Tueira Deus não aconteça!

— Queira Deus não aconteça? Você Iala como um paisano. A guerra é necessária. Sem guerras, o mundo apodreceria dentro de pouco tempo, como disse Moltke.

— Bem, parece Tue o mundo tem mesmo uma tendência para isso — replicou Hans Castorp. EstaYa a ponto de Ialar noYamente nos caldeus, Tue também haYiam Ieito guerras e conTuistado a Babilônia, se bem Tue Iossem semitas e Tuase Mudeus. Mas, nesse momento, os primos repararam em dois senhores Tue, caminhando à sua Irente, tinham sido interrompidos na sua conYersa pelo som da Yoz de Hans Castorp e se YoltaYam para olhá-los.

Isso se passou na rua principal, entre o Cassino e o Hotel BelYedere, durante o caminho de regresso ao “YilareMo”. O Yale estendia-se enganalado, num Yestido de cores suaYes, claras e alegres. O ar era delicioso. Uma sinIonia de prazenteiros aromas de flores campestres enchia a atmosIera pura, seca, impregnada de um sol luzidio.

Reconheceram LodoYico Settembrini, ao lado de um desconhecido. Parecia, porém, Tue o italiano, por sua Yez, não os aYistara ou não deseMaYa encontrar-se com eles, pois desYiou

rapidamente o olhar e, gesticulando, absorveu-se na palestra com o companheiro; até se esborçou por avançar mais depressa. Mas, quando os primos, passando à direita dele, saudaram-no com uma mesura humorística, fingiu surpresa enorme e extremamente agradável, exclamando “Sapristi!” e “Com os diabos, tua sorte!”. No entanto, procurou dessa vez retardar o passo, para que os primos pudessem passar e distanciar-se, o que eles não compreenderam, ou melhor: não notaram, porque não tiveram nenhuma razão para isso. Sinceramente satisfeitos pelo encontro depois de uma longa separação, detiveram-se ao seu lado e apertaram-lhe a mão, informando-se sobre o seu estado de saúde e olhando, numa expectativa cortês, para o companheiro dele. Assim o abordaram a fazer o que, evidentemente, preferiam evitar, mas o que se afigurava aos meios a coisa mais natural e mais indicada do mundo, isto é, apresentá-los ao estranho. Fê-lo, finalmente, com uns gestos amáveis e com palavras moções, quando o grupo já estava a ponto de se pôr em movimento, de maneira que os apertos de mão cruzaram-se diante do seu peito.

O desconhecido, que tinha aproximadamente a idade de Settembrini, era, como ficaram sabendo, o Yizinho dele, o outro sublocatário de Lukács, o aliado de traços femininos. Segundo entenderam, chamava-se Naphta. Era um homem pequeno, magro, escanhoado, e de uma idade tão chocante

Tue Tuase merecia ser Tualificada de corrosiYa; causou espanto aos primos. Tudo nele parecia cortante: o nariz adunco Tue dominaYa o rosto, a boca de lábios finos e comprimidos, as grossas lentes dos óculos de aros leYes, atrás dos Tuais apontaYam os olhos de um cinzento claro, até mesmo o silêncio Tue o homem guardaYa, e Tue Iazia supor Tue também a sua maneira de Ialar seria incisiYa e lógica. Não leYaYa chapéu, como era costume ali, e andaYa sem sobretudo; suas roupas eram, aliás, muito bem-Ieitas: um terno de flanela azul-escura com listras brancas, de corte elegante, não exageradamente moderno, como Yerificaram os relances críticos e mundanos dos primos, Tue se encontraram com um olhar do peTueno sr. Naphta, igualmente examinador, mas mais rápido e mais penetrante, Tue lhes deslizou pelos corpos. Não soubesse LodoYico Settembrini usar com tanta graça e dignidade o paletó hirsuto e as calças de xadrez, sua pessoa teria destoado desIaYoraYelmente da aparência distinta dos seus companheiros. Tal não se daYa, porém, de maneira alguma, porTue as calças tinham sido passadas haYia pouco, de modo Tue à primeira Yista pareciam Tuase noYas — obra de seu senhorio, como supuseram os primos. Se o Ieiosos Naphta, pela Tualidade e pela elegância mundana das suas roupas, achaYa-se mais próximo dos primos Tue de seu Yizinho, punham-no numa linha com este e distanciaYam-no dos MoYens não

somente a sua idade mais avançada como também outra coisa que facilmente se deduzia da tez dos quatro homens: a dos primos era a vermelhada, respectivamente trigueira pelo efeito do sol, ao passo que a de Settembrini e de Naphta era pálida. No decorrer do inverno, o bronze do rosto de Joachim assumira um matiz ainda mais escuro, e o semblante de Hans Castorp luzia, rosado, sob a cabeleira loura. A ação dos raios, entretanto, não exercera efeito algum sobre a palidez latina do sr. Settembrini, que formava um conjunto nobre com o bigode negro. E a pele do seu companheiro, embora de cabelos louros — eram de um louro cinzento, metálico e desbotado, e ele os usava penteados para trás, alisados, desnudando a testa rugidia —, mostrava igualmente o tom baço e esbranquiçado das raças morenas. Dois dos quatro levavam

bengala: Hans Castorp e Settembrini; Joachim não a apreciava, por razões militares, e Naphta, depois de apresentado, voltara imediatamente a montar as mãos atrás das costas. Eram mãos perfeitas e delicadas, tais quais os pés, em harmonia com a sua estrutura. O fato de ele estar constipado e o modo débil, ineficaz, como tossia não causavam espécie.

Atuele ligeiro tuê de perplexidade ou de agastamento que Settembrini mostrara ao ver os meios usados pelo ele com grande elegância. O italiano exibiu um humor radiante e acompanhou a apresentação de toda sorte de chistes. Designou,

por exemplo, o sr. Naphta como “princeps scholasticorum”. Afirmou Tue a alegria “campeaYa Iulgurante na sala do seu peito”, como dizia Aretino; e isso era deYido à primaYera, a primaYera Tue lhe enchia o coração. Os senhores bem saberiam — continuou — Tue ele tinha muita coisa Tue obMetar ao mundo daTui de cima e Tue Má desabaIara muitas Yezes sobre isso. Mas, glória a essa primaYera alpina, Tue pelo menos passageiramente o reconciliaYa com todos os horrores desta esIera. Nela IaltaYa tudo de perturbador e de excitante Tue haYia na primaYera da planície. Nada de eIerYescência nas proIundidades! Nada de brumas carregadas de eletricidade! Só clareza, segura, aprazimento e graça austera. Isso harmonizaYa com seu gosto, era superbe.

Os Tuatro andaYam numa fila irregular, lado a lado, onde o caminho o permitia; mas, Tuando se encontraYam com outros transeuntes, Settembrini, Tue IormaYa a ala direita, tinha de descer da calçada, e às Yezes se interrompia por um instante o alinhamento, porTue um ou outro dentre eles ficaYa atrás ou daYa um passo para o lado — ora Hans Castorp, Tue caminhaYa entre o humanista e Joachim, ora Naphta, na extremidade esTuerda. Naphta soltou uma breYe risada, com Yoz sobre a Tual o resIriado exercia um eIeito de surdina, e Tue ao Ialar recordaYa o som de um prato rachado em Tue se bate com o nó do dedo. Apontando com

a cabeça para o italiano, disse com um sotaque arrastado:

— Ouçam só o Voltairiano, o racionalista. Elogia a natureza, por que mesmo nas condições mais fecundas ela não nos perturba com brumas místicas, mas conserva uma segura clássica. Como se diz unidade em latim?

— O humor — exclamou Settembrini por cima do ombro estupefado —, o humor, na concepção que nosso Professor tem da natureza, consiste no seguinte: à maneira da Santa Catarina de Siena, ele pensa nas chagas de Cristo ao ver primulas vermelhas.

Naphta retrucou:

— Isso seria antes sutil que humorístico. Mas assim pelo menos se concede espírito à natureza, e ela carece dele.

— A natureza — tornou Settembrini, em voz abafada, Má não falando por cima do ombro, senão em direção ao chão

— não necessita nem um pouco do espírito que o senhor lhe quer dar. Ela própria é espírito.

— O senhor não se aborrece com o seu monismo?

— Ah, então o senhor concede que é por amor à distração que divide o mundo em dois campos adversários e separa Deus e a natureza?

— Acho interessante que o senhor fale de amor à distração para designar aquilo que tenho em mente, quando digo “paixão” e “espírito”.

— E imaginar que o senhor, que usa palavras tão retumbantes para necessidades tão triviais, às vezes me censura a retórica!

— O senhor insiste em afirmar que espírito significa trivialidade. Mas ele não tem culpa de ser dualista por natureza. O dualismo, a antítese, eis aí o princípio motor, passional, dialético e espiritual. Ver o mundo dividido em dois campos adversários: isso é espírito. Todo monismo é trivial. Solet Aristoteles quaerere pugnam.²

— Aristóteles? Aristóteles transferiu a realidade das ideias gerais para dentro dos indivíduos. Isso é panteísmo.

— Errado. Se o senhor concede caráter substancial aos indivíduos, se procura distanciar do geral a essência das coisas e dar a ela um lugar no indivíduo, como fizeram Tomás e Boécio, bons aristotélicos que eram, então dissolve toda união entre o mundo e a ideia suprema, e com isso o mundo fica fora do divino, e Deus é transcendente. Isso, meu senhor, é Idade Média clássica.

— Idade Média clássica! Acho deliciosa essa combinação de palavras.

— O senhor me desculpe, mas admito o conceito do clássico onde ele cabe, Tuer dizer: cada Yez Tue uma ideia alcança seu ponto culminante. A Antiguidade nem sempre Ioi clássica. Verifico no senhor uma antipatia contra... o moYimento liYre das categorias, contra o absoluto. Também não Tuer o espírito absoluto. O Tue Tuer é Tue o espírito seMa sinônimo de progresso democrático.

— Espero Tue esteMamos de acordo Tuanto à conYicção de Tue o espírito, por mais absoluto Tue seMa, nunca deYe tornar-se adYogado da reação.

— Ele sempre é, porém, adYogado da liberdade.

— Por Tue disse “porém”? A liberdade é a lei do amor humano, e não o niilismo e a maldade.

— Que eYidentemente lhe causam medo.

Settembrini leYou a mão até acima da cabeça. A discussão ficou em suspenso. Os olhos de Joachim passaram, perplexos, de um para outro interlocutor, ao passo Tue Hans Castorp, com as sobancelhas alçadas, craYaYa o olhar no chão. Naphta Ialara de um modo cortante e apodítico, se bem Tue Iosse ele Tuem se empenhara em prol da liberdade mais ampla. A sua maneira de contradizer, com os lábios crispados, e de comprimir imediatamente depois a boca, era sobremodo desagradáYel. Settembrini ora lhe resistira com respostas MoYiais, ora

pronunciara as suas réplicas com um belo IerYor, por exemplo Tuando exigira a unidade de certas concepções básicas. Agora, enTuanto Naphta permanecia calado, o italiano começou a dar aos primos explicações a respeito da existência desse desconhecido, compreendendo a necessidade de esclarecimentos Tue lhes cabia, depois de toda aTuela disputa com Naphta. Este o deixou Ialar sem dar importância ao assunto. O sr. Naphta — explicou Settembrini, realçando, à maneira italiana, com a maior ênIase, a situação da pessoa por ele apresentada — era proIessor de línguas antigas nos últimos anos dos cursos de Fridericianum. Fazia cinco anos Tue seu estado de saúde o obrigara a morar ali e a conYencer-se de Tue necessitaYa de uma permanência muito prolongada. Por isso abandonara o sanatório e estabelecera-se numa residência particular, Mustamente na casa de Lukac ˇ ek, o alIaiate de senhoras. ATui no YilareMo, a instituição de ensino com o níYel mais aYançado Iora inteligente o bastante para assegurar para si a colaboração do exímio latinista, ex-aluno de um seminário, dizia Settembrini, expressando-se de maneira um tanto Yaga. E o sr. Naphta conIeria grande brilho a esse estabelecimento... Numa palaYra, o humanista elogiaYa muito o Ieiosos Naphta, não obstante este houYesse acabado de traYar com ele uma espécie de contenda abstrata e a discussão rixenta estiYesse a ponto de reiniciar-se.

Pois neste momento Settembrini passa a dar ao sr. Naphta explicações acerca dos primos, ficando claro que já antes lhe falara a respeito deles. Até ele era, pois, o mesmo engenheiro “das três semanas”, no qual o conselheiro Behrens encontrara um lugar úmido, disse ele, e ali se achava a esperança da organização do exército prussiano, o tenente Ziemssen. Falou então da impaciência de Joachim e dos seus prometos de partida, acrescentando que por certo iria mal ao engenheiro quem não lhe atribuísse o mesmo desejo ardente de voltar ao trabalho.

Naphta fez uma careta e disse:

— Os senhores têm um patrono eloquente. Longe de mim pôr em dúvida a fidelidade da interpretação que ele acaba de dar aos seus pensamentos e desejos. Trabalho, sempre o trabalho! Esperem um pouco, e ele logo começará a me

tratar de inimigo da humanidade, de inimicus humanae naturae, se eu me atrever a ocupar tempos em que essa sua clarinada não produzia o efeito habitual costumeiro. Houve épocas em que o oposto do seu ideal era infinitamente mais estimado.

Bernardo de Clairvaux, por exemplo, ensinava uma hierarquia da perfeição, bem diferente daquela com que sonha o sr.

Lodovico. Querem conhecê-la? A categoria mais baixa achava-se no “moinho”; a segunda, no “campo”, e a terceira, a mais louca... tape os olhos, Settembrini!... no “leito de

repouso”. O moinho é o símbolo da Yida terrena, e me parece bem escolhido como tal. O campo designa a alma do homem leigo, Tue é amanhada pelo sacerdote e pelo diretor espiritual. Essa categoria Má é mais digna. No leito, porém...

— Basta! Já sabemos disso! — gritou Settembrini. — Meus senhores, agora ele Yai lhes explicar as finalidades e o uso da cama.

— Eu ignoraYa Tue o senhor Iosse tão recatado, LodoYico. Quem Yê como pisca o olho às raparigas... Onde fica a desinibição pagã? A cama é o lugar da coabitação do amante com a amada, e como símbolo significa o isolamento contemplatiYo do mundo e da criatura, para eIeitos da coabitação com Deus.

— Arre! Andate, andate! — exclamou o italiano, Tuase chorando. Todos se riram. Mas Settembrini acrescentou com graYidade:

— Ah, não, senhor! Sou europeu: ocidental. A sua hierarTuia é o puro Oriente. O Leste abomina toda espécie de atiYidade. Lao-Tsé ensina Tue o ócio é mais proYeitoso Tue TualTuer outra coisa entre o céu e a terra. Se todos os homens cessassem de agir, haYeria na terra a mais perIeita calma e Ielicidade. É dessa coabitação Tue o senhor Iala.

— Não diga! E a mística ocidental? E o Tuietismo Tue conta com Fénelon entre os seus adeptos e ensina Tue toda ação

representa um erro, Má Tue a Yeleidade de ser atiYo oIende a Deus, o único Tue deYe agir? Cito as Proposições de Molinos. Tenho a impressão de Tue a possibilidade espiritual de encontrar a salYação no repouso se acha uniYersalmente diIundida entre os homens.

Nesse ponto, Hans Castorp interYeio. Com a coragem Tue conIere a singeleza, intrometeu-se na discussão, dizendo, enTuanto seus olhos fitaYam o Yazio:

— Contemplação, isolamento. Essas coisas têm o seu Yalor. Tudo isso soa razoáYel. Nós, aTui em cima, YiYemos num isolamento bastante intenso, indiscutiYelmente. A cinco mil pés de altura, achamo-nos deitados nas nossas espreguiçadeiras tão cômodas; os nossos olhares abaixam-se sobre o mundo e as criaturas, e então nos ocorre toda espécie de ideias. Para dizer a Yerdade, e pensando bem, a cama, ou melhor, a espreguiçadeira me Iez progredir muito nos últimos dez meses e me proporcionou mais ideias do Tue o moinho, na planície, no curso de todos os anos passados. Isso não se pode negar.

Settembrini encarou-o com os olhos negros onde assomaYa um brilho melancólico.

— Engenheiro! — disse em Yoz opressa. — Engenheiro! — E pegando Hans Castorp pelo braço reteYe-o um momento, como se Tuisesse Ialar com ele em particular, nas costas dos outros.

— Quantas vezes não lhe disse que uma pessoa deve saber quem é e pensar do modo como lhe convém. Não obstante todas as proposições, cabem ao homem ocidental a razão, a análise, a ação e o progresso, não a cama onde se espreguiça o monge.

Naphta, que ouviu as palavras do italiano, disse, voltando-se para trás:

— Onde o monge se espreguiça! Aos monges deve-se a cultura do solo europeu. Graças a eles a Alemanha, a França e a Itália deixaram de estar cobertas de matos, de pântanos e nos tornaram trigo, legumes e vinho. Os monges, meu caro senhor, trabalharam, e trabalharam bastante...

— Ebbè, pois então!

— Perdão! O trabalho do religioso não tinha a sua finalidade em si, não era narcótico algum, tampouco se empenhava em fazer progredir o mundo ou em obter vantagens comerciais. Era um exercício puramente ascético, uma parte de disciplina expiatória, um meio para conseguir a salvação. Proporcionava uma proteção contra a carne e servia para exterminar a sensualidade. Seu caráter, permita-me eu salientá-lo, não era de modo algum social. Era o mais imaculado egoísmo religioso.

— Fico-lhe muito grato pelos esclarecimentos Tue me deu e Iolgo em Yer Tue a bênção do trabalho se impõe até contra a Yontade do homem.

— Sim, senhor, contra a intenção dele. Nesse ponto, descobrimos nada menos do Tue a diIerença entre o útil e o humano.

— Descubro antes de tudo, e com indignação, Tue o senhor Yolta a diYidir o mundo em dois princípios.

— Lastimo ter incorrido no seu desagrado, mas é preciso separar e classificar as coisas e manter a ideia do Homo Dei liYre de elementos impuros. Os bancos e o oÍcio dos cambistas são uma inYenção de Yocês, italianos; Tue Deus os perdoe! Mas os ingleses inYentaram a sociologia econômica, e isso o gênio do homem nunca lhes poderá perdoar.

— Ora, o gênio da humanidade inspirou também os grandes economistas daTuelas ilhas... O senhor Tueria dizer alguma coisa, Engenheiro?

Hans Castorp afirmou Tue não, mas pôs-se a Ialar, sem embargo, e tanto Naphta como Settembrini escutaram-no com certa curiosidade.

— Acho, sr. Naphta, Tue o senhor deYe simpatizar com a profissão do meu primo e aproYar a pressa Tue ele tem de exercê-la noYamente... Quanto a mim, sou paisano cem por cento, e meu

primo sempre me censura por isso. Nem seTuer fiz o serYiço militar e sou inteiramente adepto da

paz. De Yez em Tuando tenho chegado a pensar Tue bem poderia tornar-me sacerdote. Pergunte a meu primo se não lhe Ialei às Yezes nesse sentido. Mas, abstraindo das minhas inclinações pessoais, e talYez nem seMa precisamente necessário abstrair delas por completo, tenho muita compreensão e simpatia pela classe militar. Esse oÍicio tem de Iato um lado barbaramente sério, um lado “ascético”, com a sua licença, dado Tue o senhor empregou esse termo há poucos instantes, e o soldado deYe estar sempre preparado para entrar em contato com a morte... com a Tual, em última análise, também o sacerdócio tem Tue lidar; de Tue mais se ocupariam senão disso? Daí proYêm a bienséance3 da classe militar, e a hierarTuia, a obediência, e o pundonor espanhol, se me permitem essa expressão. Nesse caso é indiIerente se alguém usa o colarinho engomado da Iarda ou uma golilha. Isso Yem a dar no mesmo, no “ascetismo”, como o senhor o definiu com tanta precisão... Não sei se consegui Iormular as ideias Tue...

— Como não — confirmou Naphta, lançando um olhar em direção a Settembrini, Tue Iazia girar a bengala e contemplaYa o céu.

— E por isso penso eu — continuou Hans Castorp — Tue as inclinações de meu primo Ziemssen deYeriam ser simpáticas ao senhor, segundo tudo Tuanto acaba de dizer. Não me refiro

“ao trono e ao altar” e a outros binômios desse gênero, por meio dos Tuais certa gente, pessoas exclusivamente ordeiras, bem-intencionadas e nada mais, costuma Mustificar a afinidade desses princípios. Mas Tuero dizer Tue o trabalho da classe militar, isto é, o serYiço (serYiço é o termo adeTuado nesse caso) é realizado sem nenhum interesse em Yantagens comerciais e não tem nenhuma relação com a “sociologia econômica”, da Tual o senhor Ialou. Por isso, os ingleses têm muito poucos soldados, alguns para a Índia, alguns em casa, para os desfiles...

— Não adianta continuar, Engenheiro — interrompeu-o Settembrini. — A existência militar, e digo isso sem a mínima intenção de contrariar nosso amigo, o tenente, é insustentável do ponto de Yista espiritual, por ser meramente Iormal, sem conteúdo próprio. O protótipo do soldado é o lansTuenete, o mercenário Tue se alista tanto por essa como por aTuela causa. Numa palaYra, houYe os soldados da ContrarreIorma espanhola, os soldados dos exércitos da Grande ReYolução, os napoleônicos, os garibaldinos, os prussianos. Vamos Ialar noYamente no soldado, Tuando eu souber por que causa ele se bate.

— Mas o Iato de Tue ele se bate — replicou Naphta — permanece uma peculiaridade eYidente da sua classe. Nisso temos Tue concordar. É possível Tue ela não seMa suficiente para

tornar essa classe “sustentável do ponto de vista espiritual”, no sentido que o senhor dá a essas palavras, mas coloca-a numa esfera que escapa por completo à concepção positiva que o burguês tem da vida.

— Atuílo que o senhor acha por bem qualificar de “concepção positiva do burguês” — retrucou o sr. Settembrini, da borda dos lábios, entesando as commissuras da boca sob o bigode ondulante, enquanto o pescoço fazia um estranho movimento de parasueto, como para escapar obliquamente e bruscamente do colarinho — estará sempre à disposição quando se trata de defender de todas as formas possíveis as ideias da razão e da moral e a sua influência legítima sobre as almas mortais e vacilantes.

Fez-se silêncio. Os mortais olhavam diante de si, perplexos. Depois de ter dado alguns passos, Settembrini, com a cabeça e pescoço tinham voltado à posição normal, disse:

— Não se admirem. Esse senhor e eu temos discussões intermitentes, mas tudo se passa amigavelmente e sobre o fundamento de muitas ideias comuns.

Fazia bem ouvir isso. Era um modo de falar calheiresco e humano, da parte do sr. Settembrini. Mas Joaquim, igualmente cheio de boas intenções e empenhado em dar à conversa um cunho inofensivo, disse como que coagido por

alguma coisa mais forte tua sua vontade:

— Faláramos casualmente da guerra, meu primo e eu, enquanto íamos atrás dos senhores.

— Foi o teu ou Yi — respondeu Naphta. — Apanhei essa palavra e me voltei. Está tu tratando de política? Examina tu a situação mundial?

— Qual nada! —riu-se Hans Castorp. — Como chegaríamos a fazer isso? A profissão de meu primo impede-o de se preocupar com a política, e eu renuncio espontaneamente a discuti-la, porque nada entendo dela. Desde teu estou a tu não abri um único jornal...

Settembrini, como Má fizera em outra ocasião, achou censurável essa indiferença. Demonstrou imediatamente estar a par dos acontecimentos importantes, teu julgou com otimismo, uma vez teu as coisas estão tu tomando um rumo favorável para a civilização. A atmosfera geral da Europa está tu cheia de pensamentos pacíficos e planos de desarmamento. A ideia democrática está tu em marcha. O italiano assegurou ter recebido informações confidenciais, segundo as tuas os jovens Turcos acabam de ultimar os preparativos para uma empresa revolucionária. A tu tuia como Estado nacional e constitucional — teu triunfo do espírito humano!

— A liberalização do Islã! — escarneceu Naphta. — Essa é boa! O Ianatismo esclarecido: ótimo! A propósito, esse assunto interessa ao senhor — acrescentou, dirigindo-se a Joachim. — Se Abdul Hamid cair, terminará a influência alemã na Turquia, e a Inglaterra vai arvorar-se em protetora... Com vocês os senhores tomem muito a sério as relações e as informações do nosso Settembrini — prosseguiu, e também isso soava um tanto impertinente, uma vez que ele próprio parecia julgá-los inclinados a não prezar devidamente o italiano. — Ele anda muito bem-informado sobre as questões nacionais-revolucionárias. Na terra dele há pessoas que mantêm muito boas relações com a comissão inglesa dos Balcãs. Mas você será dos conyênios

de Reyal, LodoYico, se os seus turcos progressistas leYarem a melhor? Eduardo VII Má não poderá conceder aos russos a abertura dos Dardanelos, e se a Áustria, apesar de tudo, se decidir a fazer uma política balcânica atíYa...

— Sempre as suas profeções sinistras! — reIutou Settembrini. — Nicolau ama a paz. A ele se deYem as conIerências de Haia, que representam feitos morais de primeira ordem.

— Ora, a Rússia precisaYa obter algum descanso, depois do seu peTueno desastre no Oriente.

— Acho muito feio, da sua parte, zombar do desejo de aperfeiçoamento social que sente a humanidade. O porquê que contrariasse um esforço desse gênero indubitavelmente cairia no ostracismo moral.

— De que se trata a política, afinal, se não desse a uns e outros uma oportunidade para se comprometer moralmente?

— O senhor está adotando a causa do pangermanismo? Naphtali encolheu os ombros, de um lado e outro

tinham altura um tanto desigual. Além da sua lealdade parecia mesmo um pouco torto. Não se dignou responder. Settembrini concluiu:

— Em todo caso é cínico o que acaba de dizer. No generoso empenho que faz a democracia para impor-se internacionalmente o senhor quer um mero ardil político...

— E o senhor deseja que eu encontre em tudo isso idealismo ou até religiosidade? Trata-se dos derradeiros arrancos, muito débeis, do instinto de autoconservação que ainda resta a um sistema mundial condenado ao fim. A catástrofe que se aproxima e de que ninguém está se salvando por todos os caminhos e de todos os modos. Considere, por exemplo, a política britânica. A necessidade da Inglaterra de reforçar a esplanada em torno de sua fortificação indiana é legítima. Mas suas são as

conseTuências? Eduardo sabe tão bem como o senhor e eu Tue os goYernantes de Petersburgo têm

de desIorrar-se do reYés soIrido na Manchúria e Tue têm urgência em desYiar o perigo da reYolução. Mesmo assim orienta, talYez porTue não pode agir de outra maneira, o expansionismo russo em direção à Europa, desperta riYalidades adormecidas entre Petersburgo e Viena...

— Ora, Viena! O senhor se preocupa com esse obstáculo ao progresso do mundo, proYaYelmente por reconhecer no reino caduco de Tue ela é a capital da múmia do Sacro Império Romano-Germânico.

— E eu acho Tue o senhor é russófilo, proYaYelmente por alimentar uma simpatia humanística pelo cesaripapismo.

— Meu senhor, até mesmo do Kremlin a democracia pode esperar mais Tue da corte de Viena, e é Yergonhoso para o país de Lutero e de Gutenberg Tue...

— TalYez não somente Yergonhoso, mas também estúpido. No entanto, tal estupidez é, igualmente, um instrumento da Iatalidade...

— Ah, deixe-me em paz com a Iatalidade! Basta Tue a razão humana queira ser mais Iorte Tue ela, e logo o conseguirá.

- Não se pode Tuerer senão o destino. A Europa capitalista Tuer o seu.
- Quem não abomina a guerra com suficiente intensidade acredita na sua Yinda.
- EnTuanto sua abominação não se Yolta Má de saída ao próprio Estado, ela se mantém abrupta, do ponto de Yista lógico.
- O Estado nacional é o princípio terreno Tue o senhor pretenderia atribuir ao diabo. Mas torne as nações liYres e iguais, proteMa as peTuenas e Iracas contra a opressão, Iaça Mustiça, crie Ironteiras nacionais...
- A Ironteira do Brenner, Má sei. A liTuidação da Áustria! Se eu ao menos soubesse como o senhor pretende realizar isso sem uma guerra...
- E eu gostaria de saber Tuando e onde Ioi Tue condenei a guerra nacional.
- Mas parece-me Tue o ouço dizer...
- Não, senhor, posso confirmar as palaYras do sr. Settembrini — interYeio Hans Castorp, Tue acompanhara a discussão, caminhando com a cabeça inclinada para o lado e deixando o olhar atento passar de um a outro interlocutor.
- Meu primo e eu tiYemos diYersas Yezes o prazer de conYersar com ele sobre esse assunto e outros

semelhantes; isto é, em realidade limitamo-nos a escutar, enquanto ele desenhava e formulava as suas opiniões. E assim sou capaz de confirmar, e também meu primo deves ainda lembrar-se, que o sr. Settembrini mais de uma vez nos falou com grande entusiasmo do princípio do movimento, da rebelião e do aperfeiçoamento do mundo, que, por natureza, não é um princípio muito pacífico, segundo me parece. E ele afirmou que esse princípio teria ainda de vencer grandes obstáculos antes de triunfar em toda parte e antes de se realizar a república universal e feliz. Eram essas as suas palavras, embora se expressasse de uma forma muito mais plástica e mais literária que eu, é óbvio. Mas uma coisa eu sei com absoluta certeza e até gravei textualmente na minha memória, porque me assustei na minha qualidade de italiano paisano; isto quando disse que esse dia havia de chegar, se não pelos pés das pombas, sobre as asas das águias. O que me causou espanto foram as asas das águias; disso me recordo ainda. Acrescentou que era preciso aniquilar a Áustria, para abrir caminho à felicidade. Não se pode, portanto, dizer que o sr. Settembrini reproche a guerra em si. Tenho razão, sr. Settembrini?

— Mais ou menos — disse o italiano, laconicamente, desviando o rosto e brandindo a bengala.

— Que lástima! — sorriu Naphta, malicioso. — O seu próprio discípulo apresenta as proYas das tendências bélicas do senhor. Assument pennas ut aquilae...4

— Até Voltaire admitiu a guerra ciYilizadora e recomendou a Frederico II a guerra contra os turcos.

— Em Yez de Iazê-la, este se aliou com eles, he, he. E depois, a república uniYersal! Não me atreYo a perguntar o Tue será dos princípios do moYimento e da rebelião, uma Yez alcançadas a Ielicidade e a união. Nesse instante, a rebelião se tornaria um crime...

— O senhor sabe perIeitamente, e também esses MoYens, Tue se trata de um progresso da humanidade concebido como infinito.

— Mas todo moYimento é circular — obMetou Hans Castorp.

— No espaço e no tempo; é isso o Tue nos ensinam as leis da conserYação da massa e da periodicidade. Recentemente, meu primo e eu conYersamos a esse respeito. Será Tue se pode, em presença de um moYimento Iechado, sem rumo constante, ainda Ialar de um progresso? Quando fico deitado, de noite, e contemplo o zodíaco, isto é, a metade Tue é YisíYel, e penso naTueles poYos antigos, cheios de sabedoria...

— Ao senhor não conYém cismar nem deYanear, Engenheiro — interrompeu-o Settembrini. — Cumpre-lhe confiar-se decididamente aos instintos de sua MuYentude e de sua raça, Tue

deYem obrigá-lo à atiYidade. Também a sua Iormação científica deYe Yinculá-lo à ideia de progresso. O senhor, em períodos imensuráYeis, Yê a Yida eYoluir e eleYar-se do inIusório ao ser humano, e diante disso não pode duYidar de Tue ainda se oIereçam a esse mesmo ser humano possibilidades infinitas de aperIeiçoamento. Mas, se o senhor insistir na matemática, conduza sua marcha circular de perIeição em perIeição e conIorte-se com o conceito do século XVIII, segundo o Tual o homem, originalmente bom, Ieliz e perIeito, Ioi depraYado e corrompido somente pelos erros sociais, e, graças a um trabalho crítico na estrutura da sociedade, Yoltará a ser bom, Ieliz e perIeito...

— O sr. Settembrini deixa de acrescentar — aparteou Naphta — Tue o idílio de Rousseau é uma triYialização racionalista da doutrina eclesiástica da Iase primitiYa, em

Tue o homem era liYre do Estado e do pecado, a Iase inicial da proximidade de Deus e da relação filial com Ele, Tue nos incumbe reencontrar. O restabelecimento da Cidade de Deus, porém, após a dissolução de todas as Iormas terrenas, acha-se situado no ponto em Tue se tocam a terra e o céu, o Tue é acessíYel aos sentidos e aTuilo Tue os ultrapassa. A salYação é transcendente, e Tuanto à sua república uniYersal capitalista, meu caro doutor, é bastante estranho ouYir o senhor Ialar de “instinto”, reIerindo-se a ela. A tendência instintiYa toma

inteiramente o partido do nacionalismo, e o próprio Deus implantou nos homens o instinto natural que induz os povos a se separarem uns dos outros, formando estados diferentes. A guerra...

— A guerra — gritou Settembrini —, até a guerra, meu caro, não te fez ver o progresso, como o senhor não pode deixar de admitir, ao lembrar-se de certos acontecimentos da sua época passada, quero dizer: das Cruzadas! Essas guerras civilizadoras favoreceram, de um modo sumamente feliz, as relações entre os povos, não te diz respeito ao intercâmbio econômico e político-comercial, e uniram a humanidade ocidental sob o signo de uma ideia.

— O senhor mostra-se bem tolerante com a ideia. Assim, também eu empregarei muita cortesia numa pequena retificação a fazer: as Cruzadas, como a intensificação comercial que produziram, não exerceram influência internacionalista alguma, e, pelo contrário, ensinaram os povos a se distinguirem entre si; assim, estimularam fortemente o desenvolvimento da ideia do Estado nacional.

— É exato, não se refere à relação entre os povos e o clero. Sim, senhor, nos últimos tempos começou a firmar-se a consciência do Estado nacional contra a presunção hierárquica...

— E, todavia, isso que o senhor chama de presunção hierárquica é apenas a ideia da união dos homens sob o signo do espírito!

— Já conhecemos esse espírito. E não precisamos dele, obrigado.

— É lógico que o senhor, com sua mania nacionalista, abomine o cosmopolitismo da Igreja, que triunfa sobre o mundo. Eu gostaria apenas de saber como tenciona conciliar com isso o horror que sente com relação à guerra. O seu culto do Estado, à maneira antiga, de fazer do senhor um paladino da concepção positiva do direito, e como tal...

— Chegamos a falar do direito? No direito dos povos, meu caro senhor, continua viva a ideia do direito natural e da razão humana universal...

— Qual! O seu direito dos povos é outra trivialização rousseauiana do *ius divinum*,⁵ que nada tem que ver com a natureza, nem com a razão, mas se baseia na realidade...

— Não nos percamos na discussão de nomes, Professor! Continue tranquilamente a chamar de *ius divinum* o que eu referencio sob as designações de direito natural e direito dos povos. O essencial é que acima dos direitos positivos dos estados nacionais se eleve um outro direito, superior e geral, que

permite resolver, mediante arbitragens, as questões de interesses em litígio.

— Mediante arbitragens! Ora essa, era o Tribunal! Um tribunal de árbitros burgueses, Tu decide acerca das questões da Vida, descobre a Vontade de Deus e determina o curso da história! Bem, aí temos os pés das pombas. E onde ficam as asas das águias?

— A moralidade burguesa...

— Ah, mas, a moralidade burguesa não sabe o Tribunal! De um lado, há quem grite pelo combate à diminuição da natalidade, e exige-se que se reduzam as despesas necessárias para a educação dos filhos e seu preparo profissional. Do outro lado, estamos sucumbindo no meio da multidão; todas as profissões estão de tal modo abarrotadas que a luta pelo pão de cada dia oIusca os horrores de todas as guerras passadas. Praças arborizadas e cidades-Mardim! Fortalecimento da raça! Mas para que fortalecimento, se a

civilização e o progresso desaparecem? Não há mais guerras? A guerra seria o remédio contra tudo e para tudo. Para o fortalecimento e mesmo contra a diminuição da natalidade.

— O senhor está brincando. Já não é sério. Nossa discussão está se desintegrando, e no momento oportuno. Chegamos! — disse Settembrini, e com a sua bengala mostrou

aos primos a casinha, diante de cuMa cancela acabaYam de parar. EstaYa situada perto da entrada do “YilareMo”, à beira da estrada, da Tual a separaYa apenas um estreito Mardim. Era de aparência modesta. Uma parreira silYestre, brotando de raízes desnudas, rodeaYa o portão da casa e estendia um braço retorcido ao longo do muro, na direção da Manelinha do rés do chão, à direita, onde se achaYa a Yitrine de um peTueno armarinho. O rés do chão pertencia ao “merceeiro”, como explicou Settembrini. A habitação de Naphta ficaYa no primeiro andar, ao lado da oficina do alIaiate, e ele, Settembrini, estaYa domiciliado na água-Iurtada, onde tinha um estúdio Tuieto.

Com uma amabilidade surpreendente e acentuada, Naphta expressou a esperança de Tue esse encontro Iosse seguido por muitos outros.

— Não deixem de Yisitar-nos — pediu. — Eu diria: Yenham Yisitar-me, não tiYesse o dr. Settembrini direitos mais antigos à amizade dos senhores. Apareçam Tuando Tuiserem, cada Yez Tue tiYerem Yontade de conYersar um pouco. Aprecio muito o intercâmbio com a MuYentude, e também não me Ialta por completo a tradição pedagógica... Se o nosso YeneráYel mestre — e apontou para Settembrini

— pretende conIerir ao humanismo burguês o monopólio da capacidade e da Yocação pedagógicas, é preciso desmenti-lo. Assim, até breYe!

O italiano fez algumas observações. Há certas dificuldades, segundo disse. Os dias que o Tenente ainda passaria ali em cima estão contados, e o Engenheiro, sem dúvida, redobrará seu zelo na observação do regime, para que pudesse segui-lo o mais depressa possível e partir para a planície.

Os Moisés concordaram com ambos, primeiro com um e depois com o outro. Acabaram de aceitar, com uma mesura, o convite de Naphta, e reconheceram, momentos após, a inteira razão dos argumentos de Settembrini. Dessa forma, tudo ficou no ar.

— Como é que ele o chamou? — perguntou Joachim, enquanto subia, pela curva da estrada que conduzia ao Berghof.

— Eu entendi “Yenerável mestre” — respondeu Hans Castorp. — Estou justamente pensando a respeito disso. Deve tratar-se de algum gracejo. Eles usam entre si uns títulos esquisitos. Settembrini intitulou Naphta de “princeps scholasticorum”, o que também não está mal. Acho que os escolásticos eram os sábios teólogos da Idade Média, filósofos dogmáticos, se me lembro bem. De fato mencionaram diversas vezes a Idade Média, e com isso me recordei de uma observação que Settembrini fez logo no primeiro dia: de que há aí em cima muita coisa que lhe

parecia medievais. Viemos a Ialar nisso por causa do nome de Adriática Yon Mylendonk... E ele lhe agradeceu?

— O baixinho? Não muito. Ele disse certas coisas de que gostei. Claro que as arbitragens não passam de poltronaria. Mas ele mesmo não é do meu agrado; que me adianta que alguém diga coisas bem ditas, se ele mesmo é um sujeito duvidoso? E você não pode negar que esse Naphta é um tipo suspeito. A história do lugar da coabitação é indubitavelmente escabrosa. Além disso, ele tem um nariz de Mudeu; você não viu? Só os semitas têm esses corpos minguados. É sério que você pretende visitar esse indivíduo?

— Óbvio que vamos visitá-lo! — declarou Hans Castorp. — Quanto ao Ísico minguado, você olhe como militar. Olhe, os caldeus tinham o mesmo tipo de nariz e toda a gente sabia muito bem a tuantanda, não somente em matéria

de ciências ocultas. O Naphta também tem tuas coisas de ocultista. Ele me interessa bastante. Não quero afirmar que eu não possa formar uma opinião a seu respeito, mas se a gente se encontrar mais vezes com ele, eu talvez chegue a entendê-lo, e não acho impossível que nossa inteligência saia lucrando com isso.

— Ah, meu caro, a tua em cima você está cada vez mais inteligente, com sua biologia e botânica, e com os seus pontos de inflexão inevitáveis. E desde o primeiro dia se preocupou com o

“tempo”. Mas me parece que estamos aqui para ficar mais saudáveis e não mais sábios; mais saudáveis e completamente sãos, até que enfim nos devolvam a liberdade e nos entreguem à planície como curados.

— “A liberdade YiYe nas montanhas!” — cantarolou Hans Castorp, iriYolamente. — Primeiro, diga-me o que a liberdade é! — acrescentou, Ialando. — Naphta e Settembrini também discutiram isso e não chegaram a um acordo. “A liberdade é a lei do amor aos homens”, diz Settembrini, e isso me lembra o aYô dele, o carbonário. Mas, por mais coraMoso que fosse o carbonário e por mais coraMoso que fosse o nosso caro Settembrini...

— Pois é, ele ficou bem incomodado quando vieram a falar da coragem pessoal...

— ... creio que ele tem medo de certas coisas que o perturbam. Naphta não teme. Compreende? Na liberdade e na coragem dele acho que há muita bobagem. Você acredita que Settembrini teria bastante valor de se perder ou mesmo de se laisser déperir?

— Por que se mete a falar francês?

— Por que... Bem, a atmosfera aqui é tão internacional... Não sei qual dos dois deve gostar mais dela, se Settembrini, por causa da república universal burguesa, ou se Naphta, com sua cosmópole hierárquica. Prestei muita atenção, como você, mas

não consegui me esclarecer sobre isso. Pelo contrário, tive a impressão de que das falas dos dois só saiu coisa muita confusão.

— É sempre assim. Você pode ter certeza de que só sai mesmo confusão dos bate-bocas e trocas de opiniões. Eu Máthe disse: o que importa não são as opiniões que um homem tem, mas sim a questão de saber se é ou não um tipo decente. O melhor é não ter opinião e cumprir o dever.

— Pois sim, você pode falar desse modo porque é um lansmenete e leia uma existência puramente normal. Mas comigo é diferente: sou paisano e me sinto, por assim dizer, responsável. E me irrita muito tamanha confusão quando um prega a república universal, internacional, e abomina a guerra por princípio, mas ao mesmo tempo é tão patriota que reclama a todo custo a fronteira do Brenner, ao passo que o outro considera o Estado obra do diabo e decanta a união geral que surge no horizonte, mas no próximo instante defende o direito do instinto natural e zomba das conferências de paz. Temos de convidá-los para formar uma opinião. Você diz, na verdade, que estamos aqui não para nos tornar mais inteligentes, mas para melhorar de saúde. Mas, meu caro, acho que deve ser possível combinar essas duas coisas. Caso contrário, você chegaria a dividir o mundo, e isso não pode dar certo.

DA CIDADE DE DEUS E DA REDENÇÃO PELO MAL

No seu compartimento da sacada, Hans Castorp estava a classificar uma planta, que se achava vegetando em numerosos lugares desde que começara o Verão astronômico e os dias se tornavam mais curtos. Tratava-se da aTuilégia, espécie de ranunculácea que crescia em forma de arbusto, de longo caule, com flores azuis ou violeta, mas também castanho-avermelhadas, e com folhas bastante amplas, de aspecto herbáceo. A planta encontrava-se ali, mas abundava especialmente naquele lugar tranqüilo onde Hans Castorp a viu pela primeira vez, fazia quase um ano: o remoto desfiladeiro no meio do bosque atraído pelo regato torrentoso e murmurante, com a pequena ponte e o banquinho onde terminara o seu passeio prematuro, arriscado e perigoso, e para o qual voltou de vez em quando.

Para quem se encaminhasse até lá com um espírito menos empreendedor que o dele naquele dia, o lugar não ficava longe. Partia-se do local de chegada das corridas de trem no “Yilaremo” e subia-se parte da encosta atrás do bosque, por uma vereda cujas pontes de madeira iam transpondo a pista linda de Schatzalp; sem desvios, cantigas de ópera nem pausas para descansos, era possível alcançar o recanto pitoresco em

Yinte minutos. Quando Joachim se Yia Iorçado a ficar em casa, em Yirtude de certas obrigações do serYiço

— exames, radiografias, análises de sangue, inMeções ou pesagens —, Hans Castorp aproYeitaYa dias de bom tempo para caminhar ali, depois da segunda reIeição da manhã, e às Yezes Má depois do caIé, no início do dia; acontecia também Tue ele ocupasse as horas entre o chá da tarde e o Mantar numa Yisita a seu lugar predileto, a fim de passar algum tempo sentado no banco, onde outrora o acometera a Yiolenta hemorragia. Com a cabeça inclinada, escutaYa então o marulhar da torrente e contemplaYa a paisagem a

rodeá-lo, com a multidão de aTuilégias azuis Tue noYamente florescia no Iundo do Yale.

Era só para isso Tue ia ali? Não, ele se deixaYa ficar no banco para estar sozinho, entregar-se às suas recordações, recapitular as impressões e aYenturas, e refletir sobre tudo aTuilo. Eram tantas coisas, Yariadas e ao mesmo tempo diÍceis de coordenar, pois lhe pareciam multiplamente entrelaçadas e conIundiam-se a tal ponto Tue mal se podia distinguir a realidade dos meros pensamentos, deYaneios e produtos da imaginação. Mas eram todas de natureza aYenturosa, tanto Tue a lembrança delas Iazia parar ou martelar seu coração, Tue continuaYa emocionáYel como sempre, desde o primeiro dia Tue ele passara aTui em cima. Ou será Tue bastaYa, para ocasionar a estranha

agitação em seu coração impulsivo, a simples consideração racional de Tue ali mesmo, onde Pribisla Hippe lhe aparecera em carne e osso num instante de vitalidade reduzida, a autilégia não continuava florida, mas Má volta a florir, e Tue portanto as “três semanas” logo se tornariam um ano inteiro?

De todo modo, Má não lhe sangrava o nariz ao sentar-se no banco, ao lado do regato torrentoso; essa fase Má passara. Sua aclimatação, cujas dificuldades Joachim lhe predissera logo no começo, e Tue realmente se mostrara um tanto penosa, fizera progressos; depois de onze meses, devia-se considerá-la completa, e não havia mais o que esperar nesse sentido. As reações tuínicas do seu estômago tinham se regularizado e adaptado. O Maria Mancini recuperara o antigo sabor, e os nervos de suas mucosas ressetuidas havia muito Tue se regozimavam noyamente com o aroma dessa marca pouco dispendiosa, Tue o Moem, por uma espécie de lealdade, ainda mandava Yir de Bremen, cada vez Tue as suas provisões se iam esgotando, embora produtos tentadores se oferecessem nas vitrines de Davos. Não formava o Maria um certo elo entre ele, o arrebatado, e a sua velha pátria, na planície? O charuto não estabelecia e conservava essas relações de um modo mais eficaz do que faziam, por exemplo, os cartões-postais Tue Hans Castorp de vez em quando dirigia aos tios lá debaixo, em intervalos Tue se tornavam cada vez maiores, na mesma proporção em Tue ele

próprio, acomodando-se aos conceitos ali vigentes, assumia em face do tempo uma atitude mais generosa? Eram de preferência cartões com vistas bonitas do Yale, ora coberto de neve, ora no seu aspecto estival, e tu só o ierreciam ao remetente o espaço devido para relatar o último boletim médico, o resultado de um exame mensal ou geral, na forma adequada aos conhecimentos dos parentes, ou se má: para participar-lhes, por exemplo, tu as observações óticas e acústicas acabavam de registrar uma incontestável melhora, mas tu ele ainda não estava desintoxicado, e tu a temperatura levemente elevada tu o termômetro continuava mostrando tinha sua origem em alguns poucos lugares tu persistiam, mas seguramente desapareceriam de todo, contanto tu se tivesse paciência; dessa forma evitava-se o desgosto de ter de voltar a dar algum tempo depois. Ele podia estar certo de tu ninguém esperava dele trabalhos epistolares mais extensos; suas missivas não se endereçavam a nenhuma esíera humanista e elo tuente; e as respostas tu recebia tampouco eram muito expansivas. Elas costumavam acompanhar as ordens de pagamento tu tinham de casa, os fundos da sua herança paterna, tão vantajosos quando convertidos à moeda suíça, tu nunca conseguia gastá-los por completo antes da chegada de uma nova remessa. As respostas consistiam em algumas linhas escritas a máquina, assinadas por James Tienappel, com lembranças e votos de

restabelecimento da parte do tio-aYô e às Yezes também do naYegante Peter.

Segundo Hans Castorp comunicou aos seus, o conselheiro deixara, haYia pouco, de ministrar-lhe inMeções. O enIermo não se dera bem com elas, Tue lhe causaYam dores de cabeça, Ialta de apetite, perda de peso e grande cansaço;

tinham começado por Iazer subir-lhe a “temperatura”, sem depois conseguir acabar com ela. A Iebre continuaYa ardendo-lhe sob a Iace rosada, e o calor seco Tue ele sentia subMetiYamente recordaYa-lhe Tue a aclimatação para um filho da planície, com o seu clima úmido, consistia antes de tudo na aTuisição do hábito de não se habituar; nem o próprio Radamanto chegara a habituar-se, como bem eYidenciaYa sua tez azulada.

— Muitos Mamais se acostumam — dissera Joachim, e parecia Tue era esse o caso de Hans Castorp.

Pois os tremores da nuca, Tue haYiam começado a molestá-lo pouco depois da sua chegada, não daYam mostras de cessar, senão Tue se reproduziam ineYitaYelmente tanto durante os passeios como no meio das conYersas, e mesmo naTuele reIúgio inundado de flores azuis, aonde o MoYem se retiraYa para refletir sobre o complexo das suas aYenturas. Assim, aTuele Meito com Tue Hans Lorenz Castorp graYemente apoiara o Tueixo no nó da graYata Tuase Tue se tornara um

Yezo do neto, Tue, ao imitar o aYô, não deixaYa de lembrar-se do colarinho alto do Yelho, essa Iorma interina de golilha de gala, bem como do Iundo de ouro pálido da pia batismal, dos sons obscuros de “bis, tri, tetra” e de outras coisas afins, Tue o leYaYam a noYas reflexões acerca do curso da sua Yida.

PribislaY Hippe não mais lhe aparecia em carne e osso, como fizera onze meses antes. A aclimatação de Hans Castorp estaYa terminada; as Yisões tinham cessado; o MoYem Má não Mazia estendido no banco, com o corpo posto Iora de ação, enTuanto o seu eu se detinha num presente longínTuo. Tais incidentes haYiam deixado de ocorrer. A nitidez e a YiYeza dessa reminiscência, Tuando a eYocaYa, mantinham-se nos limites normais e saudáYeis. Pode ser Tue Hans Castorp se sentisse inspirado por ela, ao tirar do bolso a lembrança de Yidro, Tue ali guardaYa num enYelope Iorrado, dentro da sua carteira. Era uma peTuena chapa Tue, mantida horizontalmente, paralela ao chão, parecia

preta, espelhante e opaca, mas, eleYada contra a luz, aclaraYa-se e exhibia coisas humanísticas: a imagem transparente do corpo humano, o arcabouço das costelas, os contornos do coração, o arco do diaIragma e as bolsas do pulmão, bem como os ossos da claYícula e do braço, e tudo isso rodeado por um inYólucro pálido e Yaporoso, a carne Tue Hans Castorp insensatamente desIrutara na semana do CarnaYal. Não era de

admirar Tue seu coração emocionáYel parasse ou se precipitasse a cada Yez Tue ele contemplaYa esse presente e depois prosseguia, Iazendo o balanço ou refletindo acerca de “tudo”, encostado no espaldar tosco do banco, com os braços cruzados, a cabeça inclinada para o ombro, ao som dos murmúrios da torrente e à Yista das flores azuis de aTuilégia.

A Iorma sublime da Yida orgânica, a figura humana, pairaYa diante dele, como em certa noite gélida e estrelada, no decorrer de estudos eruditos. Para o MoYem Hans Castorp, seu aspecto íntimo relacionaYa-se com numerosos problemas e discernimentos dos Tuais o bom Joachim talYez não tiYesse nenhuma obrigação de ocupar-se, mas Tue nele, como paisano, despertaYam uma sensação de responsabilidade; Yerdade é Tue na planície nunca reparara neles, e proYaYelmente Mamais teria chegado a descobri-los, mas aTui o Iazia, nesse isolamento contemplatiYo, onde as pessoas olhaYam de cinco mil pés de altura sobre o mundo e as criaturas e tinham as suas próprias ideias a respeito de todas as coisas, Tuiçá deYido a uma superexcitação do corpo originada por Yenenos solúYeis, Tue abraçaYa o rosto. Esse pensamento o Iazia lembrar-se de Settembrini, o tocador de realeMo pedagógico, cuMo pai nascera na Hélade, e Tue explicaYa o amor pela Iorma sublime como política, rebelião e eloTuência, ao consagrar, sobre o altar da humanidade, a lança do cidadão. Também pensaYa no

camarada KrokoZski e naTuelas práticas a Tue se entregaYa no seu gabinete tenebroso, desde algum tempo; cismaYa com respeito à dupla natureza da análise, procurando descobrir até Tue ponto ela era IaYoráYel à ação e ao progresso, e onde começaYa a ser afim do túmulo e de sua mal-amada anatomia. EYocaYa as imagens dos dois aYôs, o rebelde e o conserYador, Tue se Yestiam de preto, ambos, mas por motiYos diIerentes, e ponderaYa o Yalor de um e de outro. Refletia acerca de complexos tão Yastos como são Iorma e liberdade, espírito e corpo, honra e Yergonha, tempo e eternidade. E certa Yez experimentou uma breYe mas Yiolenta Yertigem ao recordar-se de Tue a aTuilégia estaYa noYamente em flor e o ano se IechaYa sobre si mesmo.

Hans Castorp usaYa um termo estranho para designar essa ocupação séria do seu intelecto, à Tual se dedicaYa naTuele retiro pitoresco. ChamaYa-a “reinar”; serYia-se dessa denominação de uma brincadeira pueril, palaYra da sua inIância, para aplicá-la a uma distração Tue lhe era cara, ainda Tue andasse acompanhada de terror, de Yertigens, de toda espécie de tumultos do seu coração e aumentasse o calor Tue lhe abrasaYa o rosto. Mas não lhe parecia inconYeniente Tue o esIorço exigido por essa atiYidade o obrigasse a apoiar o Tueixo no nó da graYata; pois essa atitude estaYa em harmonia com a dignidade Tue

lhe conteria o ato de “reinar”, em face da Iorma sublime que lhe pairava ante os olhos.

“Homo Dei”, eis como o Ieioso Naphta chamara a Tuela Iorma sublime, ao deIendê-la da sociologia inglesa. Seria de admirar que Hans Castorp, deYido à sua responsabilidade cívica e no interesse do seu “reino”, se Mulgasse na obrigação de fazer, em companhia de Joachim, uma visita ao homenzinho? Settembrini não gostava disso; Hans Castorp tinha bastante inteligência e sensibilidade para percebê-lo com toda a clareza. Já a Tuele primeiro encontro não agradara ao humanista, que abertamente procurara evitá-lo e por razões pedagógicas quisera proteger os MoYens, particularmente Hans Castorp, contra o contato com Naphta, embora o próprio Settembrini se desse e discutisse com ele. Assim são os educadores. A si mesmos concedem as coisas mais interessantes, alegando má “ter idade” para elas; à MuYentude, porém, proibem-nas, pretendendo fazê-la sentir que ainda não “tem idade”. Ainda bem que ao tocador de realemo não coubesse de Iorma alguma proibir a Hans Castorp o que Tuer Tuer Iosse; nem se Tuer fizera uma tentativa nesse sentido. Era suficiente que o discípulo enIermiço escondesse sua sensibilidade e fingisse alguma ingenuidade para que nada mais o impedisse de corresponder amavelmente ao convite do peTueno Naphta. Foi o que fez, Munto com Joachim, que o acompanhou mau grado seu. Encaminharam-se à habitação

de Naphta, poucos dias depois do primeiro encontro, numa tarde de domingo, logo após o repouso principal.

Do Bergho até a casinha do portão rodeado com a parreira eram apenas poucos minutos de descida. Os primos entraram, deixando à direita a porta do armarinho, e galgaram a estreita escada parda que os conduzia à porta do primeiro andar. Ao lado da campainha via-se uma placa com o nome de Lukacsek, o aliaite para senhoras. Abriu-lhes a porta um garoto vestido com uma espécie de libré, malvestido e polainas, um criadinho de cabelos aparados rente e de laces coradas. Perguntaram pelo senhor professor Naphta, e, como não tivessem levado cartões de visita, deram os seus nomes, e ele prometeu repetir ao sr. Naphta — sem mencionar os títulos. A porta do quarto oposta à entrada achava-se aberta e permitia um olhar na oficina, onde Lukacsek, apesar do domingo, estava costurando, sentado na mesa, à moda turca. Era um homem pálido e calvo. Sob o nariz adunco, desmedidamente grande, pendia o bigode negro com uma expressão azeda, cobrindo as comissuras da boca.

— Bom dia! — disse Hans Castorp.

— Grütsi! — respondeu o aliaite no dialeto suíço, se bem que este não combinasse nem com seu nome nem com o seu aspecto, e tivesse um som artificial e estranho.

— Trabalhando firme? — prosseguiu Hans Castorp, sacudindo a cabeça. — Mas é domingo!

— Trabalho urgente — explicou Lukácsék, lacônico, e continuou cosendo.

— É coisa fina, então? — opinou Hans Castorp. — Será para uma festa ou coisa tua ou Yalha?

O alfiate deixou a pergunta por algum tempo sem resposta. Cortou o fio com os dentes e voltou a enfiar a agulha. Depois fez tu sim.

— Vai ficar bonito? — indagou Hans Castorp novamente. — É com mangas?

— Sim, com mangas, é para uma festa — replicou Lukácsék com nítido sotaque tcheco. A volta do criadinho interrompeu essa conversa entabulada no umbral da porta. O sr. Naphta convidou os senhores a entrarem, anunciou o rapaz, abrindo aos hóspedes uma porta situada a dois ou três passos para a direita e levantando um reposteiro. Os visitantes foram recebidos por Naphta, que os esperava de pé sobre um tapete verde-musgo, calçando chinelos enfeitados de laçadas.

Ambos os primos ficaram surpreendidos diante do luxo do gabinete de trabalho, armado por duas janelas; chegaram a sentir-se deslumbrados, pois a pobreza da casinha, de sua escada e do mísero corredor não deixava nem de longe parecer a tudo, e

o contraste da Ya à elegância do aposento de Naphta um cunho de conto de Iadas, Tue ele em realidade não tinha, e tampouco teria aos olhos de Hans Castorp e de Joachim Ziemssen.

Inegavelmente, a mobília era distinta e até suntuosa, a tal ponto Tue, apesar da escriVaninha e das estantes de liYros, não estaYa de acordo com o caráter de um gabinete de trabalho. HaYia demasiada seda — seda cor de Yinho, seda purpúrea: os reposteiros Tue escondiam as toscas portas eram feitos desse material, bem como as saneias das Manelas e os Iorros de um terno de móYeis agrupados num dos lados mais estreitos da peça, em Irente da segunda porta e diante de um gobelino Tue cobria a parede na Tuase totalidade da sua extensão. Eram poltronas de estilo barroco, com um leYe estoIamento dos braços, dispostas em torno de uma mesa redonda, incrustada de metal, atrás da Tual se achaYa um soIá do mesmo estilo, guarnecido de almoIadas de Yeludo de seda. As estantes de liYros ocupaYam as partes das paredes situadas entre as duas portas. Elas, tanto como a escriVaninha, ou melhor, a secretária, proYida de uma tampa de correr, e Tue tinha o seu lugar entre as Manelas, eram de acaMu laYrado, com portas enYidraçadas e reYestidas de seda Yerde. Mas, no canto à esTuerda do soIá, Yia-se uma obra de arte, uma grande escultura de madeira pintada, posta sobre um pedestal recoberto de pano Yermelho; uma pietà cuMo aspecto ingênuo e

expressivo até as raíais do grotesco causava profundo espanto. A Virgem era representada com uma touca, de cenho carregado, retorcendo de tanta mágoa a boca semiaberta; tinha sobre os ombros o Salvador, uma figura de erros primários nas proporções, e cuja anatomia crassamente exagerada documentava a ignorância do artista; a cabeça caída estava criada de espinhos; o rosto e os membros manchados e mesmo inundados de sangue; grossas gotas de sangue coagulado brotavam da ferida lateral e dos sinais tuos os pregos haviam deixado nas mãos e nos pés. Inegavelmente, essa obra assombrosa dava um acento particular ao aposento abundante de seda. Também o papel de parede, tu aparecia acima das estantes e ao lado das janelas, fora evidentemente escolhido pelo sublocador: o verde das listras verticais era o mesmo do tapete macio estendido por cima de uma almofada vermelha. Somente para o teto baixo não houvera remédio; continuava irio e cheio de jendas. No entanto, pendia dele um pequeno lustre veneziano. As janelas achavam-se fechadas por cortinas cor creme tuas chegavam até o chão.

— Viemos ter um colóquio com o senhor — disse Hans Castorp, enquanto seus olhares se fixavam mais na piedosa e horripilante escultura, lá no canto, do tu no dono do excêntrico gabinete. Este notava com satisfação tuos os primos haviam cumprido a sua palavra. Com um gesto convidativo da

mãozinha direita, Naphta Tuis conduzi-los até as poltronas Iorradas de seda. Mas Hans Castorp, como Tue magnetizado, Ioi diretamente à pietà de madeira e plantou-se diante dela, com os braços fincados nos Tuadris e a cabeça inclinada para o lado.

— Que é isso Tue o senhor tem aí? — perguntou em Yoz baixa. — É IormidáYel. Onde Má se Yiu tamanho soIrimento? É coisa antiga, naturalmente?

— Século XIV — respondeu Naphta. — Com toda a probabilidade de origem renana. Está impressionando o senhor?

— Enormemente — disse Hans Castorp. — Quem olha isso não pode deixar de ficar impressionado. Eu nunca teria pensado Tue uma coisa pudesse ser tão Ieia (Tueira perdoar-me) e tão bela ao mesmo tempo.

— Produtos de um mundo da alma e da expressão — replicou Naphta — são sempre Ieios de tanta beleza e belos de tanta Iealdade. Essa é a regra. Trata-se da beleza espiritual, não da beleza da carne, Tue é absolutamente estúpida. E não só isso, ela é também abstrata — acrescentou. — A beleza do corpo é abstrata. Unicamente a beleza interior, a da expressão religiosa, é Tue tem realidade.

— Fico-lhe grato pela precisão com Tue o senhor discerniu e classificou isso — disse Hans Castorp. — Século XIV? — repetiu, para certificar-se. — Mil trezentos e tanto? Sim, isto é a

encarnação da Idade Média. Reconheço, por assim dizer, a ideia que fiz dela nos últimos tempos. No entanto não sabia nada a seu respeito. Sou um homem do progresso técnico, se é que me cabe mencionar minha pessoa. Mas a tua em cima de várias ocasiões para entrar em contato com os conceitos da Idade Média. A doutrina social econômica ainda não existia nos teus tempos, é escusado dizer. Qual é o nome do artista?

Naphta deu de ombros.

— Que importa? — replicou. — Nós não deveríamos fazer essa pergunta, desde que na época em que a obra nasceu ninguém se preocupava com ela. Isso aí não é da autoria de um cavalheiro de marcada individualidade; é anônimo e coletivo. Provém, aliás, de uma Idade Média muito avançada, do gótico, *signum mortificationis*. Nessa escultura, o senhor nada mais encontrará da tua tendência de suavizar e de embelezar que ainda a época românica julgava indispensável para a representação do Crucificado. Nada de coroa real, nada de majestoso triunfo sobre o mundo e o martírio da morte. Tudo a tua revelação da forma mais radical do sofrimento e a debilidade da carne. É com a estética gótica que na realidade começam o ascetismo e o pessimismo. O senhor talvez não conheça o tratado de Inocêncio III, *De miseria humanae conditionis*: uma

pecinha literária muito engraçada. Ela data de fins do século XII, mas somente esta arte Yirá prestar-se a ilustrá-la.

— Sr. Naphta — disse Hans Castorp, depois de ter dado um profundo suspiro —, tudo o que o senhor acaba de explicar interessa-me muito. “Signum mortificationis”, foi o que disse? Gravarei isso na memória. E antes o senhor usou os termos “anônimo e coletivo”; parece-me que vale a pena refletir sobre eles. Inelizmente o senhor supõe com razão que não conheço o livro do papa (estou supondo que Inocêncio III foi um papa). Se bem compreendi o senhor, é uma obra ascética e engraçada, não é? Devo confessar que nunca teria imaginado que essas duas coisas pudessem andar juntas. Mas, pensando bem, compreendo. Claro, um tratado sobre a miséria humana oferece muitas oportunidades para graças à custa da carne. Pode-se obter essa obra? Recorrendo aos restos do meu latim, talvez seja capaz de entendê-la.

— Eu tenho esse livro — respondeu Naphta, indicando com a cabeça uma das estantes. — Fica à sua disposição. Mas, por que não nos sentamos? O senhor pode ver a Pietà também do sótão. Está justamente chegando um pequeno lanche...

Era o criadinho que trazia o chá acompanhado de uma cesta bonita, guarnecida de prata, na qual havia um bolo cortado em

Iatias. Atrás dele, porém, pela porta aberta, Tuem é Tue entraYa a passo alado, dizendo “Sapristi!” e “Accidenti!”, com um sorriso fino nos lábios? Era o sr. Settembrini, domiciliado no andar superior e Tue descera na intenção de Iazer companhia aos Yisitantes. Contou Tue, de sua Manelinha, Yira os primos chegar. Terminara depressa uma página da enciclopédia, Tue estaYa redigindo naTuele momento, para então conYidar-se a si mesmo. Não haYeria algo mais natural Tue ele descer para encontrá-los. Sua Iamiliaridade antiga com os habitantes do BerghoI autorizaYa-o a isso, e haYia ainda as suas relações e o seu intercâmbio intelectual com Naphta, Tue, apesar das proIundas diYergências de opinião, eram muito intensos. Assim, o anfitrião cumprimentou-o com um simples aceno, sem mostrar a mínima surpresa. Isso não impediu Tue sua entrada deixasse em Hans Castorp, e bem nitidamente, uma dupla impressão. De um lado sentiu Tue o sr. Settembrini acabaYa de comparecer para eYitar Tue eles, Joachim e sobretudo ele mesmo, ficassem a sós com o peTueno e Ieiosos Naphta, e para criar, pela sua presença, um contrapeso pedagógico; de outro lado, era maniIesto Tue o italiano não desprezaYa, senão aproYeitaYa com muito gosto a oportunidade de abandonar por algum tempo sua água-Iurtada e deixar-se estar no distinto aposento de Naphta, Iorrado de seda, tomando um chá oIerecido com elegância. Antes de se serYir, esIregou as mãos amareladas, por cuMas costas se estendiam pelos negros, a partir

dos dedos mindinhos; a seguir, com prazer e evidente e indissimulado, saboreou as Iatias do bolo entremeado de Yeias de chocolate.

A conYersa continuou a ocupar-se da pietà, porTue Hans Castorp, com olhares e palaYras, se agarraYa ao assunto, dirigindo-se ao sr. Settembrini e procurando, por assim dizer, pô-lo em contato crítico com aTuela obra de arte. Entretanto, a fisionomia do humanista denotaYa com toda clareza o horror Tue lhe causaYa esse adorno no Tuarto, Tuando se Yoltou para olhá-lo; pois ao sentar-se dera as costas ao canto onde se achaYa a escultura. Por demais cortês para dizer tudo o Tue pensaYa, limitou-se a criticar os erros nas proporções e na anatomia do grupo, infidelidades à Yerdade natural, Tue estaYam longe de comoYê-lo, por não terem origem na incapacidade de um artista primitiYo, senão Tue documentaYam a má Yontade, um princípio Iundamentalmente hostil. Nesse ponto, Naphta concordou com ele. Sem dúYida, afirmou com maledicência, não se podia Ialar de inabilidade técnica. TrataYa-se, sim, de um consciente ato do espírito Tue se emancipaYa da natureza, cuMa desprezibilidade era proclamada, no sentido religioso, pela enérgica negação do menor respeito por ela. Mas Settembrini declarou Tue o menosprezo da natureza e de seu estudo era incompatíYel com a humanidade e, em oposição à absurda Ialta de Iorma, cultiYada pela Idade Média e pelas épocas Tue a

imitaYam, pôs-se a encomiar em palaYras eloTuentes a herança greco-romana, o Classicismo, a Iorma, a beleza, a razão e a alegria piedosamente Iundada na natureza, Tue eram os únicos chamados a melhorar a causa do homem. Nisso interYeio Hans Castorp, perguntando o Tue se deYia pensar, nesse caso, de Plotino, o Tual expressara a Yergonha Tue sentia de seu corpo, e de Voltaire, Tue em nome da razão se reYoltara contra o escandaloso terremoto de Lisboa. Absurdo? ATuilo também era absurdo, mas, refletindo bem, podia-se chegar à opinião de Tue no absurdo se reYelaYa a honestidade do espírito; e a absurda hostilidade da arte gótica contra a natureza era, em última análise, tão honesta Tuanto a atitude de Plotino e de Voltaire, Má Tue nela se expressaYa a mesma emancipação do Iado e do Iato, o

mesmo orgulho indócil Tue se nega a recuar ante um poder estúpido, o da natureza...

Naphta soltou uma risada, Tue lembrou muito o mencionado prato rachado e terminou num acesso de tosse.

Settembrini disse com distinção:

— Com tantos graceMos, o senhor preMudica nosso anfitrião, e mostra-se ingrato pelos doces tão saborosos. Gratidão é algo importante para o senhor? Eu me refiro àTuele tipo de gratidão Tue consiste em Iazer bom uso dos presentes Tue se ganham...

Ao Yer Tue Hans Castorp ficara enYergonhado, o italiano acrescentou de modo mais amáYel:

— O senhor é conhecido como trocista, meu caro Engenheiro. Seu Meito de zombar amistosamente da Yerdade não me Iaz desesperar, em absoluto, do amor Tue tem a ela. O senhor sabe muito bem Tue só se pode Tualificar de honesta a subleYação do espírito contra a natureza Tue Yise a dignidade e beleza do ser humano, e não a outra, Tue tem, senão por finalidade, ao menos por conseTuência seu aYiltamento e humilhação. O senhor tampouco ignora Tuantas atrocidades desumanas, Tuanta intolerância sanguinária produziu a época à Tual aTuele arteIato Tue se acha atrás de mim deYe a sua existência. Basta Tue eu lhe chame à memória esse tipo horroroso do Muiz de hereges, por exemplo a sinistra figura de um Conrado de Marburgo, e o inIame Iuror dos sacerdotes contra tudo Tuanto se opusesse à tirania do sobrenatural. O senhor está longe de reconhecer a espada e a Iogueira como instrumentos do amor aos homens...

— ... a cuMo serYiço — interrompeu-o Naphta — trabalhou a máTuina usada pela ConYenção para purificar o mundo, eliminando dele os maus cidadãos. Todos os castigos da IgreMa, inclusiYe a Iogueira, inclusiYe a excomunhão, Ioram impostos para salYar as almas da pena eterna, o Tue Má não se

pode dizer do entusiasmo exterminador dos Macobinos. Permite-me observar que toda a Mustiça penal e capital que não brota da Igreja no Além é uma sandice bestial. E quanto ao aytamento do homem, sua história coincide exatamente com a do espírito burguês. O Renascimento, a Época das Luzes, as ciências naturais e a economia política do século XIX não esqueceram de ensinar nada, absolutamente nada, que fosse próprio para fazer esquecer esse aytamento, começando pela nossa astronomia: em virtude dela o centro do universo, o magnífico cenário onde Deus e o diabo disputam a posse da criatura por ambos almejada, foi transformado num insignificante planetazinho, e ela pôs um fim provisório à grandiosa posição do homem no cosmo, que servia de base à astrologia.

— Provisório? — a expressão do rosto do sr. Settembrini, ao fazer a pergunta com tanta hostilidade, tinha a tua coisa de um intuitivo ou talvez de hereges que espera que a pessoa interrogada se comprometa com palavras indiscutivelmente criminosas.

— Por certo. Terão sido algumas centenas de anos apenas

— confirmou Naphta com Irieza. — Pois todos os sinais apontam para uma reabilitação da Escolástica nesse sentido, o processo contrário está em pleno andamento. Copérnico será derrotado por Ptolomeu. A tese heliocêntrica encontra oposição espiritual

cada Yez maior, e é proYáYel Tue as empresas inspiradas por essa resistência alcancem seus obMetiYos. A ciência se Yerá filosoficamente coagida a restituir à Terra todas as honras Tue o dogma eclesiástico Tuis reserYar-lhe.

— Como é Tue é? Oposição espiritual? Ver-se filosoficamente coagida? Alcançar obMetiYos? Que sorte de Yoluntarismo se maniIesta em suas palaYras? E onde fica a pesTuisa incondicional? O conhecimento puro? Onde fica a Yerdade, meu senhor, tão intimamente ligada à liberdade, e cuMos mártires, longe de insultarem a Terra, como o senhor Tuer Iazer crer, se tornarão o eterno adorno deste astro??

O sr. Settembrini tinha uma maneira Yigorosa de interrogar. EstaYa sentado, muito ereto, e despeMaYa sobre o peTueno Naphta suas palaYras íntegras. Por fim, leYantou a Yoz tão poderosamente Tue ressoaYa nelas sua absoluta certeza de Tue a resposta do adYersário só poderia consistir num silêncio consternado. EnTuanto IalaYa, seguraYa entre os dedos um pedacinho de bolo. Depois, porém, depositou-o no prato, pois ao cabo de todas essas perguntas não teYe mais Yontade de abocanhá-lo.

Naphta retrucou com uma calma desagradáYel:

— Meu amigo, não existe conhecimento puro. É indiscutíYel a legitimidade da concepção eclesiástica da ciência,

Tue se pode resumir nas palaYras de Santo Agostinho: “Creio para compreender”. A Ié é o órgão do conhecimento, e o intelecto é secundário. A sua ciência incondicional não passa de um mito. Há sempre uma Ié, um conceito do mundo, uma ideia, numa palaYra: uma Yontade, e cabe à razão explicá-la e comproYá-la. Em todos os casos, chega-se ao “Quod erat demonstrandum”.⁷ A simples ideia da proYa contém, psicologicamente considerada, um elemento muito Yoluntarista. Os grandes escolásticos dos séculos XII e XIII eram unânimes na conYicção de Tue na filosofia não podia ser Yerdade o Tue era Ialso perante a teologia. Deixemos de lado a teologia, se o senhor assim o Tuer; mas uma humanidade Tue não reconhece não poder ser Yerdade nas ciências naturais o Tue seMa Ialso ante a filosofia não é humanidade. Ante Galileu, a argumentação do Santo OÍcio rezaYa Tue sua tese era filosoficamente absurda. Não pode haYer argumentação mais incisiYa.

— Ora, ora! Os argumentos do nosso pobre e grande Galileu mostraram-se mais sólidos. Não, ProIessore, Ialemos a sério! Diante destes dois MoYens atentos responda-me: o senhor acredita em uma Yerdade, na Yerdade obMetiYa, científica, Tue a lei suprema de toda moralidade nos manda procurar, e cuMos triunIos sobre a autoridade Iormam a gloriosa história do espírito humano?

Hans Castorp e Joachim Yoltaram seus rostos de Settembrini para Naphta, o primeiro mais rapidamente Tue o segundo. Naphta replicou:

— Tal triunfo não é possível, porque a autoridade é o próprio homem, seu interesse, sua dignidade, sua salvação, e entre ela e a Verdade não pode existir antagonismo algum. Elas coincidem.

— A Verdade seria, por conseguinte...

— Verdadeiro é o que proíbe o ser humano. Nele se acha resumida toda a natureza; em toda a natureza, apenas ele foi criado, e toda a natureza foi feita só para ele. Ele representa a medida das coisas, e sua salvação é o critério da Verdade. Um conhecimento teórico que carecesse da relação prática com a ideia da salvação do homem seria de tal maneira desprovido de interesse que deveríamos negar-lhe todo valor como Verdade e não poderíamos admiti-lo. Os séculos cristãos acharam-se completamente de acordo a respeito da irrelevância das ciências naturais para o homem. Lactâncio, a quem Constantino, o Grande, escolheu como preceptor de seus filhos, perguntou com toda a ironia que classe de bem-aventurança se obteria por conhecer o lugar onde nasce o Nilo, ou por saber os disparates que os Ísicos dizem com referência ao céu. Será que o senhor pode refutá-lo? Se a filosofia platônica foi preterida a qualquer outra, é porque não se preocupa com o

conhecimento da natureza e sim com o conhecimento de Deus. Posso lhes garantir que a humanidade está prestes a reencontrar o caminho que leva a esse ponto de vista, e de perceber que a tarefa da verdadeira ciência não é correr atrás de conhecimentos ímpios, mas eliminar, por princípio, o que é nocivo ou apenas irrelevante sob o prisma da ideia; numa palavra: cabe-lhe dar provas de instinto, comedido e capacidade de escolher. É pueril pensar que a Igreja tenha de impedir as tentativas contra a luz. Ela tem três vezes razão ao proibir a busca incondicional do conhecimento das coisas, isto é, uma busca que despreze tomar em consideração o elemento espiritual, o objetivo da conquista da salvação. E o que mergulhou o homem nas trevas e o enterrará cada vez mais são precisamente as ciências naturais, “incondicionais” e filosóficas.

— O senhor acaba de ensinar um pragmatismo — retrucou Settembrini — que basta transportar para o plano político para lhe pôr em evidência o caráter pernicioso. É bom, é verdadeiro, é justo o que contém ao Estado. Sua salvação, sua dignidade, seu poder representam o critério ético. Muito bem! Isso abre as portas a qualquer crime, e a verdade humana, a justiça individual, a democracia: elas que se arrancam...

— Sugiro o emprego de um pouco de lógica — tornou Naphta.

— Uma possibilidade é dar razão a Ptolomeu e à Escolástica, e

então o mundo é finito Tuanto ao tempo e ao espaço. Nesse caso, a diYindade é transcendental; a oposição entre Deus e o mundo existe, e também o homem é um ser dualista: o problema de sua alma consiste no antagonismo entre o sensíYel e o suprassensíYel, e tudo Tue é social tem, de longe, papel secundário. Essa é a única Iorma de indiYidualismo Tue Mulgo conseTuyente. Ou então os seus astrônomos renascentistas encontraram a Yerdade, e o cosmo é infinito. Assim não há mundo suprassensíYel, não há dualismo. O além acha-se absorYido pelo aTuém; desaparece a oposição entre Deus e a natureza; e como nesse caso a personalidade humana, em Yez de ser o campo de batalha de dois princípios inimigos, é harmoniosa e una, o conflito Tue se traYa no interior do homem baseia-se exclusiYamente naTuele Tue há entre os interesses indiYiduais e coletiYos, e a finalidade do Estado torna-se, à boa maneira pagã, a lei moral. Ou uma coisa ou outra.

— Protesto! — gritou Settembrini, enTuanto o seu braço teso estendia ao anfitrião a xícara de chá. — Protesto contra a insinuação de Tue o Estado moderno signifiTue a serYidão diabólica do indiYíduo! Protesto pela terceira Yez, contra essa alternatiYa Yexatória entre prussianismo e reação gótica diante da Tual o senhor nos Tuer colocar! A democracia não tem outro sentido senão o de ser um corretiYo indiYidualista de toda Iorma de absolutismo do

Estado. Verdade e Mustiça são as Moias da coroa da eticidade indiYidual, e no caso de um conflito com os interesses estatais talYez até assumam a aparência de potências inimigas do Estado, Tuando, em realidade, Yisam ao bem mais altaneiro, ao bem supraterrano do Estado. O Renascimento como origem da idolatria do Estado! Que lógica mais bastarda! As conTuistas, e emprego essa palaYra no sentido literal: as conquistas do Renascimento e do Século das Luzes, meu senhor, chamam-se personalidade, direitos do homem, liberdade!

Os ouYintes soltaram a respiração Tue haYiam contido durante a grande réplica do sr. Settembrini. Hans Castorp não pôde deixar de bater, embora discretamente, na borda da mesa com a palma da mão.

— Magnífico! — murmurou entre dentes, e também Joachim mostrou-se altamente impressionado, conTuanto o prussianismo houYesse sido mencionado em sentido desIdaYoráYel.

A seguir, porém, ambos se Yoltaram para o interlocutor Tue acabaYa de ser rechaçado. Hans Castorp o Iez com tamanha impaciência Tue fincou o cotoYelo na mesa e o Tueixo, no punho, mais ou menos na posição de desenhar um porTuinho, para então fitar o sr. Naphta de muito perto e com imensa atenção.

Este se acha sentado tranTuilo e afiado, com as mãos magras sobre os Moelhos. E disse:

— Eu tentei introduzir um pouco de lógica na nossa discussão, e a resposta do senhor baseia-se em sentimentos eleYados. Que o Renascimento deu à luz tudo aTuilo Tue se chama liberalismo, indiYidualismo, humanismo burguês é um Iato Tue eu conhecia mais ou menos bem. Mas seu “sentido literal” põe-me Irio, pois a era heroica de “conTuistas” desses seus ideais há muito Tue passou; os ideais estão mortos, ou pelo menos agonizantes, e aTueles

Tue lhes darão o golpe de misericórdia Má se acham próximos. Se não me engano, o senhor se arYora em reYolucionário. Mas, se acredita Tue o resultado das reYoluções Yindouras será a liberdade, iludiu-se redondamente. O princípio da liberdade cumpriu o seu destino e chegou a ser antiTuado nos últimos Tuinhentos anos. Uma pedagogia Tue ainda hoMe pretende ser a filha do racionalismo e Yê os seus meios IormatiYos na crítica, na libertação e no culto do eu, na destruição de Iormas de Yida determinadas de um modo absoluto, ora, tal pedagogia pode obter ainda hoMe triunIos retóricos passageiros, porém o seu caráter atrasado é óbYio para os espíritos aYisados. Todas as organizações Yerdadeiramente educadoras sempre souberam Tual deYe ser o obMetiYo último da pedagogia, afinal: a

autoridade absoluta, a obrigação de Ferro, a disciplina, o sacrifício, a renúncia a si próprio, o domínio da personalidade. Em última análise, desconhece e não ama a MuYentude Tuem pensa Tue ela sente prazer diante da liberdade. O Tue ela aprecia mais é a obediência.

Joachim empertigou-se. Hans Castorp corou. O sr. Settembrini torcia nerYosamente o belo bigode.

— Não, senhor! — prosseguiu Naphta. — O segredo e a existência da nossa era não são a libertação e o desenYolYimento do eu. O Tue ela necessita, o Tue deseMa, o Tue criará é... o terror.

AbaIara a Yoz ao pronunciar essa última palaYra. Não se moYera. Só as lentes de seus óculos haYiam lampeMado rapidamente. Seus ouYintes, todos os três, tinham estremecido, também Settembrini, Tue imediatamente se dominou e tornou a sorrir.

— E seria possíYel inIormar — indagou — Tuem ou o Tue (como Yê, sou todo interrogações e nem sei como Iormular a pergunta), Tuem ou o Tue o senhor imagina como portador desse... custa-me repetir a palaYra... desse terror?

Naphta continuou imóYel, afiado e relampeMante.

— Estou às ordens — disse. — Penso não me enganar

Tuando pressuponho Tue estamos de acordo com respeito ao estado primitivo ideal do homem, à sua liberdade de governo e de poder, à sua relação filial e imediata com Deus, na qual nada há de domínio e de servidão, nada de lei e de castigo, nada de injustiça, de união carnal, de diferenças de classe, de trabalho e de propriedade, mas exclusivamente igualdade, fraternidade, perfeição moral.

— Muito bem. Concordo com isso — declarou Settembrini.

— Concordo, exceção feita do ponto da união carnal, Tue evidentemente deve ter existido sempre, uma vez que o homem é um vertebrado muitíssimo desenvolvido, em nada diferente de outros seres...

— Como tu és. Verifico Tue em princípio somos da mesma opinião, no que se refere ao estado primordial, paradisíaco, isento de lei e ligado imediatamente a Deus, esse estado Tue se perdeu em virtude do pecado original. Creio Tue poderemos trilhar lado a lado mais um pedaço do caminho; reduziremos então o Estado a um contrato social Tue, levando em conta o pecado, foi estabelecido como proteção contra a injustiça, e veremos nisso a origem do poder soberano...

— Beníssimo! — exclamou Settembrini. — O contrato social! Aí temos o Século das Luzes, aí temos Rousseau. Eu nunca teria pensado...

— Permita-me. Neste ponto separam-se os nossos caminhos. Do Iato de Tue toda potência e todo goYerno pertenciam primitiYamente ao poYo, e Tue este transmitiu o seu direito de legislação e a totalidade de seu poder ao Estado, ao príncipe, deduz a sua escola, antes de mais nada, Tue o poYo tem o direito de se rebelar contra a realeza. Nós, porém...

“Nós’?”, pensou Hans Castorp, cheio de curiosidade. “Quem é ‘nós’? Depois tenho Tue perguntar a Settembrini a Tuem ele se reIere com esse ‘nós’.”

— Nós, porém — continuou Naphta —, talYez não seMamos menos reYolucionários Tue o senhor. Nós sempre concluímos desse Iato, em primeiro lugar, a supremacia da IgreMa sobre o Estado secular. Pois, se a origem não diYina do Estado não estiYesse escrita na sua testa, bastaria recordar precisamente o Iato histórico de ele deriYar da Yontade do poYo e não, como a IgreMa, de uma Iundação de Deus, para demonstrar Tue ele é, se não uma obra do mal, pelo menos um produto da emergência e da imperIeição pecaminosa.

— O Estado, senhor...

— Já sei o Tue o senhor pensa do Estado nacional. “Acima de tudo o amor à pátria e o infinito deseMo de glória!” Esta Irase é de Virgílio. O senhor corrige-a pelo acréscimo de um pouco de indiYidualismo liberal, e surge a democracia. Mas isso não

modifica os fundamentos de sua relação com o Estado. Pois o senhor não parece chocar-se com a circunstância de que a alma do Estado é o dinheiro. Ou tenciona, acaso, desmenti-la? A Antiguidade era capitalista, devido ao seu culto do Estado. A Idade Média cristã percebeu com toda clareza o imanente capitalismo do Estado secular. “O dinheiro será o imperador” é uma profecia do século XI. O senhor nega que ela literalmente se realizou, e que dessa forma se cumpriu por completo a demonização de nossa vida?

— Meu amigo, o senhor continua com a palavra. Estou impaciente por saber quem é esse grande desconhecido, o sustentáculo do terror.

— Curiosidade bem ousada, quando vindo do porta-voz de uma classe social que, ao sustentar a liberdade, arruinou o mundo! A rigor, posso dispensar sua réplica, porque não ignoro a ideologia política da burguesia. Seu objetivo é o império democrático, o Estado mundial, a elevação do princípio nacional do Estado à condição de universalidade. O imperador desse império? Conhecemo-lo. A sua utopia é horrorosa, e todavia neste ponto voltamos, de certo modo, a estar de acordo. Pois a sua república universal capitalista tem algo de transcendente, e, de fato, o Estado universal é

a transcendência do Estado secular; assim, partilhamos ambos a crença em que um estado de perfeição final da humanidade,

situado em um horizonte ainda distante, deYe corresponder a um estado de perIeição original. Desde os dias de Gregório Magno, Iundador do Estado diYino, da Cidade de Deus, a IgreMa considerou-se incumbida de reconduzir os homens ao goYerno de Deus. A pretensão do papa de exercer soberania e domínio não se deu em Yirtude dele mesmo; sua ditadura Yicária Tuis ser, isso sim, um meio e um caminho para alcançar a meta da salYação, uma Iorma de transição do Estado pagão ao reino celeste. O senhor Ialou diante destes nossos aprendizes sobre os atos sanguinários da IgreMa, sobre punições e intolerâncias Tue ela exerce, e mostrou-se bem tolo ao Iazê-lo: pois está claro Tue o anseio por Deus não pode ser pacifista, e o próprio Gregório disse: “Maldito seMa o homem Tue impede sua espada de derramar sangue!”. Já sabemos Tue o poder é mau. Mas, para Tue chegue o reino, é preciso suspender momentaneamente o dualismo entre bem e mal, aTuém e além, espírito e arbítrio, e uni-lo em um princípio Tue reúna o ascetismo e o domínio. Eis aí o Tue chamo necessidade do terror.

— Sim, mas e o sustentáculo? Quem será seu sustentáculo?

— O senhor ainda me pergunta? Será Tue escapou à sua conYicção manchesteriana a existência de uma doutrina sociológica Tue significa a superação do economicismo pelo homem, e cuMos princípios e obMetiYos coincidem inteiramente

com os do Estado cristão de Deus? Os padres da Igreja qualificam “meu” e “teu” de palavras injustas e chamam a propriedade privada de usurpação e roubo. Condenam a posse de bens por ser a terra, segundo o direito natural e divino, comum a todos os homens, produzindo seus frutos para o uso geral. Ensinam que somente a cobiça, uma consequência do pecado original, deu origem aos direitos de posse e criou a propriedade

particular. Eram bastante humanos, bastante hostis ao comércio para considerar a atividade econômica em geral um perigo para a salvação da alma, isto é, para a humanidade. Odiam o dinheiro e os negócios, e a riqueza capitalista era para eles o combustível das chamas do inferno. A lei econômica fundamental, a saber, que o preço resulta da relação entre a oferta e a procura, foi desprezada de todo o coração por eles, que reprochavam o aproveitamento de circunstâncias favoráveis como exploração cínica da miséria do próximo. Existia, contudo, aos seus olhos, uma exploração mais nefanda ainda: a do tempo, a monstruosidade de se fazer pagar um prêmio pelo simples transcurso do tempo, ou seja, os juros, e de se abusar assim de uma instituição genericamente divina, o tempo, para vantagem de uns e prejuízo de outros.

— Benissimo! — exclamou Hans Castorp, que, levado pelo entusiasmo, empregou a fórmula de aprovação do sr.

Settembrini. — O tempo... Uma instituição de caráter genericamente diYino... Isto é importantíssimo!...

— Sim senhor — prosseguiu Naphta. — Esses espíritos humanos MulgaYam asTuerosa a ideia de um aumento do dinheiro por si só. Incluía no conceito da usura TualTuer especulação ou anatocismo e declaraYam Tue todo rico era ladrão ou herdeiro de ladrão. Iam ainda mais longe. PartilhaYam a opinião de São Tomás de ATuino, segundo a Tual o comércio em si, o mero negócio comercial, a compra e Yenda no intuito de obter um lucro, mas sem transIormação nem melhoramento da mercadoria, representaYam uma profissão ignominiosa. Nem seTuer ao trabalho em si mesmo eles eram propensos a conIerir muito apreço, Má Tue o trabalho é apenas um assunto ético e não religioso, e se realiza a serYiço da Yida e não de Deus. E, como se tratasse não mais Tue da Yida simplesmente, e da economia, exigiam Tue uma atiYidade produtiva Iosse condição de toda Yantagem econômica e constituísse a medida do respeito deYido. Honrosos pareciam-lhes o

agricultor e o artífice, mas não o mercador e o industrial. Queriam Tue a produção se acomodasse às necessidades e abominaYam a produção em massa. Bem, depois de séculos de soterramento ressurgem todos esses princípios e padrões econômicos no moYimento moderno do comunismo. A

semelhança é completa, e Yai até detalhes como o sentido de reiYindicar Tue Tuem exerça soberania e domínio não seMa a corporação internacional de comerciantes e especuladores, mas o trabalho internacional, o proletariado do mundo, Tue hoMe opõe à depraYação burguesa-capitalista a humanidade e os critérios do Estado diYino. A ditadura do proletariado, essa exigência de salYação política e econômica dos nossos tempos, não tem o sentido de um domínio Tue se exerça em Yirtude de si mesmo e por toda a eternidade, mas sim o de uma ab-rogação temporária, sob o signo da cruz, do conflito entre o espírito e o arbítrio; tem o sentido da superação do mundo por meio de sua dominação, o sentido da transição, da transcendência, o sentido do Reino. O proletariado assumiu para si a obra de Gregório; sente arder no seu íntimo o zelo piedoso do grande papa e, como ele, tampouco poderá aIastar de suas mãos o derramamento de sangue. Sua incumbência é espalhar o terror para a salYação do mundo e para a conTuista do obMetiYo da redenção, Tue é a relação filial com Deus, sem Estado e sem classes.

Tal Ioi a exposição sutil de Naphta. Fez-se silêncio no peTueno grupo. Os MoYens olhaYam o sr. Settembrini como se Iosse ele Tuem deYesse reagir dessa ou daTuela Iorma. Então ele disse:

— Espantoso. Francamente, com isso tu estou emocionado. Eu não teria esperado por essa. Roma locuta. E como! E como falou! Diante dos nossos olhos, ele executou um salto-mortale hierático, e se há nisso uma contradição na admetição, ela foi “temporariamente abrogada”, ah, como foi! Repito: é espantoso. O senhor admite

a possibilidade de objeções, caro Professor? Objeções feitas sobre o fundamento da lógica, e nada mais? O senhor acaba de se esforçar por nos fazer entender um individualismo cristão baseado na dualidade entre Deus e o mundo, e por demonstrar sua primazia sobre toda moralidade determinada pela política. Poucos minutos depois levou o socialismo até a ditadura e o terror. Como fazer consoar essas coisas?

— Coisas contraditórias — replicou Naphta — bem podem consoar, e até rimar entre si. Só não consoa o tu é mediano e medíocre. Como má me permiti observar, seu individualismo é medianidade, uma concessão, e nada mais. Corrige sua ética pagã com um pouco de cristianismo, um pouco de “direito do indivíduo”, um pouco de pretensa liberdade, e isso é tudo. Um individualismo, porém, tu parte da importância cósmica, da importância astrológica da alma individual, um individualismo não social, mas religioso, tu concebe o humano não como antagonismo entre o eu e a sociedade, senão como o conflito entre o eu e Deus, entre carne e

espírito, um tal individualismo, genuíno, ele sim harmoniza-se da melhor forma com uma comunidade pautada pela máxima coerção...

— Anônimo e coletivo, esse individualismo — disse Hans Castorp.

Settembrini mirou-o com os olhos arregalados.

— Cale-se, Engenheiro! — ordenou com uma severidade que ia em junção de seu nervosismo e tensão. — Instrua-se, mas não se manifeste!... Recebi uma resposta — prosseguiu, voltando-se novamente para Naphta. — Ela pouco me consola, mas é uma resposta. Encaremos todas as consequências que dela decorrem... Com a indústria, o comunismo cristão nega a técnica, a máquina, o progresso. E a liberdade, ele a nega com o que o senhor denomina corporação de comerciantes: com dinheiro e negócios financeiros, coisas que para a Antiguidade tinham muito mais valor que a agricultura e o artesanato. Pois é bastante

evidente, e salta mesmo aos olhos, que dessa forma, tal como aconteceu na Idade Média, todas as relações particulares e públicas ficam presas ao terreno e ao solo, e do mesmo modo a... custa-me pronunciá-lo... a personalidade. Se apenas o solo pode alimentar, só ele é que outorga a liberdade. Não importa tão alto se o conceito de que artifícios e

camponeses possam gozar: basta que não possuam terras, e logo são serYos de quem as possui. Até uma fase muito adiantada da Idade Média, as grandes massas, inclusive nas cidades, compunham-se de serYos. No curso de nossa conversação, o senhor mencionou cá e lá a dignidade humana. Não obstante, de onde uma moral econômica que implica falta de liberdade e ausência de dignidade da pessoa humana.

— Sobre a dignidade e a ausência dela — disse Naphta — bem se poderia discutir. Por ora eu ficaria muito satisfeito se o contexto de nossos debates lhe permitisse ver na liberdade menos um belo gesto que um problema. O senhor observa que a moral econômica cristã, com toda sua beleza e humanidade, cria serYos. Eu oponho a isso que a questão da liberdade, ou a questão das cidades, como se poderia dizer de uma forma mais concreta, que essa questão, por ela mesma e ética que se faz, acha-se historicamente ligada à mais desumana degeneração da moral econômica, a todas as atrocidades das corporações modernas de comerciantes e especuladores, com o domínio satânico exercido pelo dinheiro, pelos negócios.

— Faço questão de que o senhor não se estupe com antinomias e ambiguidades, mas protestasse clara e inequivocamente ser partidário da mais negra das reações!

— O primeiro passo em direção à verdadeira liberdade e humanidade seria abandonar esse medo covarde ante a ideia de “reação”.

— Agora basta! — disse o sr. Settembrini numa voz levemente trêmula, afastando de si a xícara e o prato, naquele seu modo másculo esta vez, e levantando-se do sofá já forrado de seda. — Por hoje basta, é o bastante para um dia, segundo me parece. Professor, obrigado pelo lanche saboroso e pela conversa, muito espiritual. Os colegas do regime reclamam estes meus amigos do Berghof, e eu gostaria, antes de irem, de mostrar-lhes o meu cubículo lá em cima. Vamos, cavalheiros! Addio, padre!

Agora até havia chamado Naphta de “padre”! Hans Castorp, de sobrancelhas erguidas, tomou nota do apelido. Os primos deixaram que Settembrini organizasse a partida, dispondo deles e nem sequer perguntando se Naphta eventualmente gostaria de acompanhá-los. Os meios despediram-se, agradecendo também, e foram convidados a voltar em breve. Acompanharam o italiano, Hans Castorp levando emprestada a obra *De miseria humanae conditionis*, um volume cartonado, em estado precário de conservação. Ainda sentado à mesa, Lukács, com sua barba melancólica, continuava trabalhando no vestido com mangas de tule velho, quando passaram por sua porta, para logo ganhar a escada íngreme que conduzia à água-furtada. No

Iundo não se trataYa de mais um andar, senão simplesmente do Yão do sótão, com o madeiramento despido abaixo das telhas e com a atmosIera estiYal de um depósito, cheirando a madeira Tuente. Mas o sótão abrigaYa dois compartimentos Tue o capitalista republicano habitaYa e Tue serYiam de gabinete de estudo e dormitório ao colaborador beletrista da Sociologia dos males. Ele parecia alegre ao mostrá-los a seus MoYens amigos, Tualificou a habitação de isolada e íntima, a fim de lhes sugerir os epítetos adeTuados de Tue poderiam serYir-se para elogiá-la, o Tue de Iato fizeram em unísono. Era encantadora, acharam ambos, tão isolada e tão íntima, exatamente como dissera o sr. Settembrini. Lançaram um olhar ao peTueno dormitório, onde, à Irente do catre estreito, no ângulo do espigão, se estendia um peTueno tapete de retalhos, e depois Yoltaram ao gabinete de trabalho, mobiliado de modo não menos sumário, mas Tue mostraYa, ao mesmo

tempo, uma ordem um tanto espalhaIatosa e até Iria. Cadeiras toscas e antiTuadas em número de Tuatro, com assentos de palha, achaYam-se colocadas simetricamente aos lados das portas, e também o soIá estaYa encostado à parede, de modo Tue o centro da peça era ocupado por uma mesa redonda solitária, coberta com uma toalha Yerde, na Tual se Yia, como adorno ou para reIrescos, uma sóbria garraIa de água com um copo enfiado sobre o gargalo. LiYros encadernados e

brochados encontraYam-se apoiados obliTuamente uns nos outros sobre uma peTuena estante, e Munto à Manelinha erguia-se sobre pernas altas uma papeleira leYe, diante da Tual haYia um pedacinho de Ieltro espesso, bastante grande para Tue se pudesse ficar de pé em cima dele. Durante um momento, Hans Castorp, a título de experiência, pôs-se no lugar onde o sr. Settembrini costumaYa trabalhar, estudando as belas-letras para fins enciclopédicos, sob o ponto de Yista do soIrimento humano. Fincando os cotoYelos na tábua inclinada, o MoYem declarou Tue ali se podia YiYer de um modo isolado e íntimo. Nessa mesma posição, ele opinou, o pai de LodoYico, com seu nariz fino e comprido, haYeria de ter ficado diante da escriYaninha, em Pádua. E Hans Castorp inteirou-se de Tue essa realmente era a papeleira do erudito, Má Ialecido, e de Tue também as cadeiras empalheiradas, a mesa e a própria garraIa d'água haYiam pertencido a ele. E mais ainda: as cadeiras Yieram do aYô, o carbonário; haYiam Ieito parte da mobília do seu escritório de adYocacia em Milão. Impressionante. Aos olhos dos MoYens, a fisionomia das cadeiras tomou ares de insubmissão política; Joachim leYantou-se daTuela em Tue se instalara inocentemente, de pernas cruzadas, olhou-a desconfiado e não Yoltou a ocupá-la. Hans Castorp, porém, em pé diante da papeleira de Settembrini, o Velho, pensou no filho Tue agora trabalhaYa nela, unindo na literatura a política do aYô e o humanismo do genitor. Pouco depois saíram todos os três. O

escritor oIereceu-se a acompanhar os primos no caminho de casa.

Caminharam um bom pedaço sem Ialar, mas seu silêncio dizia sobre Naphta, e Hans Castorp não tinha pressa: estaYa certo de Tue o sr. Settembrini não deixaria de Ialar sobre o Yizinho Tue diYidia com ele a mesma casa, e Tue só Iora com eles na intenção de Iazê-lo. Não se enganou. Depois de um suspiro, dado para tomar impulso, o italiano começou dizendo:

— Senhores, eu deseMaria adYerti-los.

Como Settembrini fizesse uma pausa, Hans Castorp indagou com fingida surpresa:

— Contra o Tuê?

Ele ao menos deYeria ter perguntado “Contra Tuem?”, mas conteYe-se e usou a Iorma impessoal, para documentar a extensão da sua inocência, ainda Tue até mesmo Joachim soubesse bem de Tue se trataYa.

— Contra a personalidade Tue acabamos de Yisitar — respondeu Settembrini — e Tue tiYe de apresentar-lhes contra a minha Yontade. Os senhores sabem Tue isso aconteceu por mero acaso, e não houYe Meito de eYitá-lo. Mas a responsabilidade me cabe e pesa muito sobre mim. É minha obrigação expor à MuYentude, da Tual os senhores Iazem parte, os perigos espirituais Tue acarreta o contato com esse homem.

DeYo pedir-lhes Tue mantenham em limites seguros as relações com ele. Sua Iorma é lógica, mas sua natureza é a conIusão.

Hans Castorp replicou Tue, realmente, não se sentia à Yontade com Naphta. Suas palaYras deixaYam-no às Yezes com uma sensação esTuisita. Podia-se pensar em alguns momentos Tue ele pretendia afirmar seriamente Tue o sol giraYa em torno da Terra. Mas, como poderiam eles, os primos, ter imaginado Tue Iosse inconYeniente traYar relações sociais com um amigo do sr. Settembrini? Ele próprio não acabaYa de dizer Tue haYiam conhecido Naphta por seu intermédio? Tinham-no encontrado em sua companhia; o homem passeYa com ele, tomaYa o chá na sua casa, assim sem cerimônia, e tudo isso demonstraYa,

afinal...

— Sem dúYida, Engenheiro, sem dúYida! — A Yoz do sr. Settembrini soaYa suaYe, resignada, e contudo leYemente trêmula. — São obMeções Tue se impõem, e por isso o senhor tem razão de Iazê-las. Muito bem, estou disposto a deIender-me. ViYo sob o mesmo teto com esse senhor. Encontros IreTuentes são ineYitáYeis. Uma palaYra traz a outra. A gente traYa conhecimento. O sr. Naphta é homem inteligente, o Tue é coisa rara. Tem um temperamento discursiYo, assim como eu. Que me condene Tuem Tuiser, mas aproYeito a oportunidade de cruzar as lanças da ideia com um adYersário de Tualidade até certo ponto

igual. Não tenho mais ninguém, nem perto nem longe... Numa
palaYra, não nego Tue o Yisito e Tue ele me Yisita. Também
passeamos Muntos. E discutimos. Discutimos
encarniçadamente, Tuase todos os dias. Mas conIesso Tue a
oposição e a hostilidade da sua maneira de pensar representam
para mim precisamente um atratiYo a mais para me encontrar
com ele. Tenho necessidade do atrito. As conYicções não YiYem,
a não ser Tue tenham ocasião de lutar, e eu, por minha parte,
tenho sólidas conYicções. Mas como poderiam os senhores
afirmar o mesmo das suas próprias pessoas? O senhor,
Tenente, ou o senhor, Engenheiro? Não estão armados
para se deIender contra miragens intelectuais. Correm o
perigo de Tue essas sutilezas meio Ianáticas, meio maliciosas,
lhes preMudiTuem o espírito e a alma.

Hans Castorp admitiu tudo isso. Seu primo e ele próprio eram,
proYaYelmente, naturezas um tanto expostas. A Yelha história dos
filhos enIermiços da Yida; claro! Mas a ela podia-se opor
Petrarca com sua diYisa, Tue o sr. Settembrini conhecia. Em
todo caso era digno de ser ouYido o Tue Naphta explanaYa.
Que não Iossem inMustos: aTuilo Tue ele dissera sobre o tempo
comunista, por cuMo transcurso ninguém deYeria receber um
prêmio, era mesmo notáYel. E também eram muito interessantes
as ideias dele sobre

pedagogia, coisas Tue ele, Hans Castorp, nunca teria chegado a saber sem Naphta...

Settembrini cerrou os lábios, e Hans Castorp apressou-se a acrescentar Tue ele naturalmente se abstinha de tomar partido e de Iormar uma opinião. Apenas achara dignos de atenção os argumentos de Naphta sobre os deseMos da MuYentude, nada mais.

— Mas não deixe de me explicar uma coisa! — continuou.

— Esse sr. Naphta... e digo “esse senhor” para indicar Tue não simpatizo de todo com ele, pelo contrário, guardo aTui comigo sérias reserYas Tuanto a ele...

— E o senhor Iaz muito bem! — exclamou Settembrini, cheio de gratidão.

— ... ele acaba de dizer horrores contra o dinheiro, a alma do Estado, segundo se expressaYa, e contra a propriedade particular, Tue tachaYa de roubo; numa palaYra, atacou a riTueza capitalista, a Tual, se não me engano, afirmou Tue era o combustíYel das chamas do inIerno. Parece-me Tue se serYiu dessa expressão. Em altos brados elogiou a condenação medieYal do anatocismo. E apesar de tudo isso, ele próprio... O senhor me desculpe, mas ele deYe... É uma surpresa e tanto, Tuando se entra na casa dele. Toda aTuela seda...

— Pois é — sorriu Settembrini. — A tendência dos seus gostos é característica.

— ... e os belos móveis antigos — prosseguiu Hans Castorp nas suas reminiscências —, a pietà do século XIV... o lustre Veneziano... o criadinho de libré... e bolo de chocolate em abundância... É preciso que ele, pessoalmente...

— O sr. Naphta, pela sua pessoa — explicou Settembrini —, é tão pouco capitalista quanto eu.

— Mas... — perguntou Hans Castorp. — As suas palavras escondem um “mas”, sr. Settembrini.

— Bem, essa gente não deixa nenhum dos seus na miséria.

— Quem é “essa gente”?

— Aqueles padres.

— Padres? Que padres?

— Ora, Engenheiro, eu falo dos Jesuítas.

Fez-se um momento de silêncio. Os primos mostraram sinais de grande consternação. Hans Castorp exclamou:

— Não é possível!... Céus, cruzes! Não vá me dizer... O homem é um Jesuíta?!

— O senhor acabou de dizer — respondeu o sr. Settembrini, com elegância.

— Não, nunca na Yida eu teria... Quem é Tue chegaria a pensar algo assim! É por isso Tue o senhor o chamou de “padre”?

— Foi um peTueno excesso de cortesia — tornou Settembrini. — O sr. Naphta não é padre. Se por enTuanto ainda não atingiu esse grau, a culpa é da enIermidade. Mas ele passou pelo noYiciado e Iez os primeiros Yotos. A doença Iorçou-o a interromper os estudos teológicos. Depois, teYe ainda alguns anos de serYiço como preIeito num instituto da ordem, isto é, como preceptor ou mentor de MoYens alunos. Isso Yinha ao encontro das suas inclinações pedagógicas. E aTui pode continuar a satisIazê-las, ensinando latim no Fridericianum. ViYe em DaYos Iaz cinco anos. Não se pode dizer ao certo Tuando será capaz de partir, se é Tue um dia o será. Mas Naphta pertence à ordem, e, mesmo Tue os laços Tue o ligam a ela Iossem mais Irouxos, nunca lhe Ialtaria nada. Eu Má expliTuei aos senhores Tue ele, pessoalmente, é pobre, Tuer dizer, não possui bens. Claro, é a regra! A ordem, por sua Yez, dispõe de imensas riTuezas e cuida dos seus, como os senhores podem Yer.

— Barba... ridade! — murmurou Hans Castorp. — E eu não sabia nem Mamais pensei Tue uma coisa dessas ainda pudesse existir! Um Mesuíta. Sim, senhor!... Mas diga-me mais uma coisa: se da parte de lá ele está tão bem proYido e amparado, por Tue cargas-d’água é Tue YiYe... Não Tuero criticar sua

moradia, sr. Settembrini, o senhor está muito bem instalado na casa de Lukac ˇek, de um modo comodamente isolado e sobretudo tão íntimo... Mas sou da opinião de Tue esse Naphta, uma Yez Tue anda tão cheio da nota, para usar esse termo Yulgar... Por Tue ele não aluga uma moradia mais Yistosa, com uma entrada elegante e peças grandes, numa casa distinta? Há mesmo TualTuer coisa de misterioso e aYentureiro nesse Meito de morar em um Tuartinho desses, com todas aTuelas sedas...

Settembrini deu de ombros.

— DeYem ser razões de tato e de gosto Tue determinaram a escolha — disse afinal. — Acho Tue sua consciência anticapitalista se sente melhor Tuando ele habita o Quarto de homem pobre e se compensa pela maneira como YiYe. TalYez Tueira ser discreto. Não há por Tue ficar ostentando, Tuando o diabo está por trás, sustentando. Põe-se uma Iachada Tue não dá na Yista, e atrás dela Yige o gosto do sacerdote pela seda...

— Que estTuisito! — disse Hans Castorp. — Algo absolutamente noYo para mim e, por isso mesmo, emocionante, tenho Tue conIessar. Não, de Iato estamos muito gratos, sr. Settembrini, porTue nos apresentou esse homem. Voltaremos a Yisitá-lo muitas Yezes, pode estar certo. Ficou combinado assim. Relações como essa surpreendem, ampliam o horizonte e permitem olhar

para um mundo cuja existência a gente ignora por completo. Um autêntico Mesuíta! Quando digo “autêntico”, dou a mim mesmo o mote do Tue me passa pela cabeça, e Tue não posso deixar de notar. Pergunto: ele é um Mesuíta autêntico, como os outros? Sei muito bem Tue o senhor pensa não ser autêntico Tuem tem o diabo atrás de si como sustento. Mas o Tue eu gostaria de saber é outra coisa, Tue se pode resumir na pergunta: Ele é autêntico como jesuíta? É essa Tuestão Tue me consome. Ele acaba de dizer uma porção de coisas, e o senhor sabe a Tue me refiro, sobre o comunismo moderno e o anseio diYino do proletariado Tue não deYe impedir suas mãos de derramar sangue. Numa palaYra, ele disse coisas Tue não Tuero comentar, mas

comparado com esse homem o aYô do senhor, com sua lança do cidadão, era um cordeirinho inocente, e peço Tue não leYe a mal essa minha expressão. Isso é possível? Ele conta com aprovação de seus superiores? O Tue ele diz é compatível com a doutrina romana, uma Yez Tue, Tuanto eu saiba, a ordem intriga em prol dela, no mundo inteiro? Isso tudo não acaba sendo — como é mesmo a palaYra? — herético, subYersiYo, incorreto? Isso ocorre a mim mesmo sobre Naphta, e eu gostaria muito de saber o Tue o senhor pensa.

Settembrini sorriu.

— Muito simples. O sr. Naphta é, antes de mais nada, um Mesuíta, e um Mesuíta para Yaler. Mas em segundo lugar é um homem de espírito, do contrário eu não procuraria a companhia dele, e como tal empenha-se em encontrar noYas combinações, adaptações e associações, ainda em busca de Yariações apropriadas a este tempo. Os senhores me Yiram surpreso diante das teorias dele. Comigo, ele nunca se reYelara até esse ponto. SerYi-me do estímulo Tue a presença dos senhores exerceu sobre ele para proYocá-lo, a fim de Tue dissesse, em certo sentido, a palaYra final. E essa palaYra soou bastante excêntrica, bastante monstruosa...

— Sim, claro; mas por Tue ele não chegou a ser padre? Ele teria a idade certa para isso.

— Eu Má lhe disse Tue a doença o impediu, temporariamente.

— Hm... Mas, se Naphta é em primeiro lugar um Mesuíta e, em segundo lugar, um homem de espírito em busca de combinações, o senhor não acredita Tue este último elemento, esse suplemento, proYém da enIermidade?

— Que o senhor Tuer dizer com isso?

— Nada, não, sr. Settembrini. Mas parece-me o seguinte: ele tem um lugar úmido Tue o impede de ser padre. Mas aTuelas suas

combinações também o teriam impedido, e sob esse aspecto pode-se dizer que as combinações e o

lugar úmido pertencem à mesma categoria. Ele é, à sua maneira, uma espécie de filho-enfermeiro da Yida, um Molière com uma petite tache humide.⁸

Hans chegou ao sanatório. No terraço em frente do edifício detiveram-se ainda um instante, antes de se separarem.

Formaram um pequeno grupo, enquanto outros pensionistas, estavam ociosos nas proximidades do portão, observavam sua conversa. O sr. Settembrini disse:

— Mais uma vez, meus meus amigos, adverti-os. Não posso proibir-lhes, caso a curiosidade os impulsione, que cultivem essa relação que já se estabeleceu. Mas tragam em torno do coração e do intelecto uma couraça de desconfiança, e nunca deixem cair uma resistência crítica. Eu lhes definirei esse homem com uma única palavra. Ele é um voluptuoso.

Os primos fizeram uma careta. A seguir Hans Castorp perguntou:

— Um tuê? Ora Yema! Mas ele pertence a uma ordem. Pelo que sei, existem ali alguns jovens que podem ser leitos, e além disso Naphta é tão minguado e tão débil...

— O senhor fala muito ingenuamente, Engenheiro — retrucou o sr. Settembrini. — Até não tem nada com a

debilidade, e Tuanto aos Yotos há certas reserYas. Porém, eu Ialei num sentido mais lato e mais espiritual, na esperança de encontrar alguma compreensão da parte do senhor. Lembra-se do dia em Tue o Yisitei em seu Tuarto, Má Iaz muito, muitíssimo tempo, Tuando o senhor passaYa pelo período de acamamento obrigatório, logo depois da sua admissão como paciente...

— Como não! O senhor entrou na hora do crepúsculo e acendeu a luz. Recordo-me como se Iosse hoMe...

— Bem, naTuele dia o curso de nossa conYersa, como graças a Deus acontece com IreTuência, leYou-nos a certos assuntos eleYados. Creio Tue Ialamos até da Yida e da morte, da natureza digna da morte, contanto Tue seMa uma condição e um complemento da Yida, e do caráter de bicho-

papão Tue ela assume Tuando o espírito comete o erro paYoroso de isolá-la como princípio. Meus senhores! — prosseguiu o sr. Settembrini, aproximando-se muito dos dois MoYens e estendendo-lhes o polegar e o dedo médio da mão esTuerda à maneira de uma IorTuilha, como para apanhar-lhes a atenção, enTuanto erguia o indicador da direita em sinal de admoestação... — GraYem na memória Tue o espírito é soberano, sua Yontade é liYre, e ele determina o mundo moral. Porém, se ele isola a morte de maneira dualista, esta se conYerte de um modo eIetiYo e prático (in actu, os senhores me entendem), graças a essa Yontade do espírito, numa potência

própria, oposta à Yida, num princípio antagônico, na grande sedução, e império dela é o da Yoluptuosidade. Os senhores perguntam: “Por Tue da Yoluptuosidade?”. E eu lhes respondo: porTue a morte dissolYe e redime, porTue traz a redenção, mas não a redenção do mal, e sim a redenção pelo mal. A morte dissolYe a ética e a moralidade, redime da disciplina e da moderação, liberta para a Yolúpia. Se os adYirto contra o homem Tue os senhores, mau grado meu, conheceram por meu intermédio, se os exorto a Tue blindem os corações com a tríplice couraça da crítica, no contato e nas discussões com ele, é porTue todos os seus pensamentos têm caráter Yoluptuoso, pois estão colocados sob a proteção da morte, Tue é uma potência sumamente licenciosa, como eu Má lhe disse, Engenheiro, naTuea ocasião. Lembro-me bem da expressão Tue usei, sempre guardo na memória as expressões precisas e incisivas Tue tive oportunidade de Iormular: a morte é uma potência Tue se Yolta contra o aYanço moral, o progresso, o trabalho e a Yida. E o mais nobre deYer do educador é pôr as almas dos MoYens ao abrigo das suas emanações meIíticas.

Seria impossíYel Ialar de Iorma mais clara e mais elegante do Tue o sr. Settembrini acabaYa de Iazer. Hans Castorp e

BerghoI, enquanto o sr. Settembrini regressaYa à sua papeleira de humanista, um andar acima da cela de Naphta, reYestida de seda.

A visita dos primos à casa de Naphta, que acabamos de descrever, foi a primeira que lhe fizeram. Seguiram-na duas ou três outras, uma até na ausência do sr. Settembrini; e todas elas forneceram ao Moisés Hans Castorp material para as suas reflexões, sempre que ele, com a forma sublime chamada Homo Deus, se sentava em meio ao lugar florido de azul, e ali “reclinava”.

IRASCIBILIDADE. E MAIS UMA COISA MUITO CONSTRANGEDORA

Assim Yeio o mês de agosto, e logo em seus primeiros dias passou despercebido o aniYersário da chegada de nosso herói aTui em cima, Munto de nós. E ainda bem Tue passou

— o MoYem Hans Castorp pressentira-o com certo mal-estar. E essa era a regra. O dia da chegada não era benTuisto, Yeteranos e mesmo primeiranistas não o comemoraYam, e se normalmente se aproYeitaYa TualTuer pretexto para IestiYidades e bebedeiras alegres, se o número de destaTues gerais e importantes Tue marcaYam o ritmo e pulsação do ano Iosse acrescido de muitíssimos outros de natureza priYada e irregular, se aniYersários natalícios, exames médicos, iminências de partidas, Tuer autorizadas, Tuer “em Ialso”, dessem motiYos para comezainas no restaurante e para Iestins regados a champanhe — essa data, por sua Yez, era relegada ao silêncio, deslizaYa-se por cima dela, realmente esTuecia-se dela, e podia-se estar confiante em Tue os outros tampouco a teriam em mente. Sem dúYida, era costume prestar atenção às subdiYisões do tempo; obserYaYa-se o calendário, a sucessão, a Yolta de determinado dia. Mas medir e contar aTuele tempo Tue para uma certa pessoa se associaYa ao espaço ali de cima

— isto é, contar o tempo particular e individual — cabia a principiantes e a pacientes de curto prazo; os mais traumatizados preferiam a imensidão, a eternidade despercebida, o dia que era sempre o mesmo, e cada um tinha suficiente delicadeza para suportar nos demais o desmoro que ele próprio alimentava. Dizer a um enfermo: “Hoje faz três anos que o senhor está aqui” seria vulgar, inábil e brutal. Era coisa que não acontecia. A própria srta. St., por maiores que fossem os seus defeitos, demonstrava nesse ponto bastante tato e polidez, de maneira que nunca cometeria tamanha falta. Sua enfermidade, o estado febril de seu corpo, andavam ligados, inegavelmente, a uma crassa ignorância. Háia só poucos dias, ela falara à mesa da “reunião” dos ápices dos seus pulmões, e durante uma conversa sobre assuntos históricos declarara que as datas dos grandes feitos da história eram para ela uma espécie de “anel de Polícrates”, deixando estupefatos os comensais. Era, porém, inimaginável que fosse recordar, em fevereiro, ao médico Ziemssen a data do seu aniversário, ainda que talvez se lembrasse dela; pois a sua infeliz cabeça estava naturalmente cheia de datas e coisas inúteis, e a srta. St. gostava de fazer as contas dos outros. Mas a tradição impedia-a de falar.

E o mesmo se deu no aniversário da chegada de Hans Castorp. No curso da reunião, a desgraçada procurara uma vez piscar-lhe o olho de modo significativo; mas, como a fisionomia do

MoYem não desse sinal algum de compreensão, apressara-se a bater em retirada. Também Joachim deixara de maniIestarse, e todaYia não esTuecera a data em Tue Iora à estação de DaYos-DorI para receber o Yisitante. Mas Joachim, por natureza pouco inclinado a conYersar — muito menos do Tue Hans Castorp se mostraYa ali em cima, sem Ialar de certos humanistas e disputadores da sua roda —, exhibia nos últimos tempos uma taciturnidade singular e surpreendente. Só se expressaYa em monossílabos, embora o seu semblante reYelasse um Yiolento trabalho interior. Era eYidente Tue a estação de DaYos-DorI despertaYa nele outras ideias Tue não as de chegada e de recepção... Mantinha intensa correspondência com a planície. Dentro dele, decisões iam amadurecendo. Os preparatiYos Tue Iazia aproximaYam-se do fim.

O mês de Mulho Iora Tuente e cheio de sol. Mas com o princípio do noYo mês irrompeu uma onda de mau tempo, com uma umidade brumosa e com chuYas mescladas de neYe, seguidas de uma neYada incontestáYel. Esse tempo estendeu-se, interrompido por alguns esplêndidos dias de Yerão, além dos fins de agosto, até pleno setembro. No começo, os Tuartos continuaYam conserYando o calor do

período estiYal precedente; registraYam-se dez graus no seu interior, o Tue passaYa por temperatura agradáYel. Mas aos poucos aumentaYa o Irio, e o aspecto da neYe Tue caía sobre o

Yale causou YiYa satisfação, porTue Ioi só diante disso — a Tueda de temperatura não teria bastado — Tue a administração decidiu-se a acender o aTucimento central, primeiro na sala de reIeições e depois também nos Tuartos; e Tuem, após ter cumprido o deYer do repouso, se desembaraçasse dos seus dois cobertores e, abandonando a sacada, entrasse no aposento podia tocar com as mãos úmidas e enregeladas os radiadores reanimados, cuMa emanção seca intensificaYa o ardor das Iaces.

Era isso o inYerno? Os sentidos dificilmente se esTuiYaYam a essa impressão, e todos lamentaYam “terem sido roubados do Yerão”, posto Tue eles mesmos, aMudados por circunstâncias artificiais e naturais, por um pródigo consumo de tempo, o tiYessem escamoteado a si próprios. A razão argumentaYa Tue ainda Yiriam uns belos dias de outono, talYez até toda uma série deles, e de tamanho esplendor cálido Tue não seria excessiYa honra atribuir-lhes o nome de Yerão — uma Yez Tue se fizesse abstração da órbita do sol Má menos oblítua e do Iato de anoitecer mais cedo. Mas o eIeito Tue a paisagem hiberna exercia sobre a alma era mais Iorte Tue esse tipo de consolo. Os enIermos colocaYam-se Munto à porta cerrada da loggia e contemplaYam com repugnância o torYelinho Tue se abatia lá Iora. Pelo menos era essa a atitude de Joachim, Tue disse numa Yoz oprimida:

— Já Yai começar de noYo?

Hans Castorp respondeu do Iundo do Tuarto:

— Seria um pouco prematuro. Só pode ser passageiro, apesar da terríYel aparência definitiYa. Se o inYerno consiste em escuridão, neYe, Irio e radiadores Tuentes, então o inYerno Yoltou, não há como negar. E Tuando se considera Tue o inYerno acaba de terminar e mal passou o degelo (em todo caso nos parece Tue estamos recém-saídos da primaYera, não é?), então admito Tue é caso de se passar mal. São coisas Tue ameaçam a Yontade de YiYer de TualTuer um, e You lhe explicar por Tuê. Quero dizer Tue o mundo normalmente está organizado de maneira a corresponder às necessidades do homem e a estimular-lhe a Yontade de YiYer; isso é preciso admitir. Não You a ponto de dizer Tue a ordem natural das coisas, por exemplo, o tamanho da Terra, o tempo Tue ela precisa para dar uma Yolta em torno de si mesma, e em torno do sol, o ciclo das estações, o ritmo cósmico, se o Tuer chamar assim, ora, Tue tudo isso obedeça às nossas necessidades; tal afirmação seria muito pretensiosa e simplista; seria pura teleologia, como dizem os filósoIos. Mas o caso é Tue, graças a Deus, as nossas necessidades e os Iatos básicos e gerais da natureza estão de acordo uns com os outros. Digo: “Graças a Deus!” porTue aí temos realmente um motiYo para dar graças a Ele, e Tuando Yem o Yerão ou o inYerno na planície então Má

passou tanto tempo desde o Yerão ou o inYerno anterior Tue a estação Tue chega nos é noYa e bem-Yinda outra Yez, e disso deriYa a Yontade de YiYer. Mas aTui em cima, essa ordem e esse acordo têm sido perturbados, primeiro porTue no Iundo não há Yerdadeiras estações, como Yocê mesmo me disse certa Yez, mas somente dias de inYerno e dias de Yerão pêle-mêlé,⁹ numa completa mixórdia; e segundo porTue aTuilo Tue decorre para nós aTui não é tempo, de maneira Tue Tuando o inYerno chega Má não é noYo, mas sim o mesmo de antes; e daí se explica o mau humor com Tue Yocê está olhando pela Manela.

— Muito obrigado — disse Joachim. — E agora Tue Yocê me explicou tudo isso, parece-me tão satisfeito Tue até se conforma com a coisa em si, apesar de ela... Não! — exclamou Joachim. — Basta! — ele disse. — Uma porcaria! Tudo aTui é uma enorme porcaria. Dá asco! E se Yocê, da sua parte... Eu... — E saiu do Quarto a passo apressado, batendo a porta atrás de si, Iurioso; e, a Mulgar pelos sinais, seus olhos belos e brandos haYiam mareMado de lágrimas.

O outro ficou atrás, consternado. Não tomara muito a sério certas decisões do primo, enquanto este se limitara a ameaças Ieitas em altos brados. Agora, porém, Tue alguma Iorça operaYa silenciosamente no interior de Joachim, e o primo se comportaYa como acabaYa de Iazer, Hans Castorp aterrorizou-se, porTue compreendia Tue esse militar era bastante homem para

passar a agir. E o MoYem ficou pálido de medo, medo Tue sentia por ambos, pelo outro e por si próprio. Fort possible Tu'il Ya mourir,10 pensou, e como isso indubitaYelmente Iosse uma sabedoria de terceira mão ainda se mesclou com ela a tortura de uma suspeita antiga e Mamais aTuietada, enTuanto ele continuou a cismar: “Será possíYel Tue ele Yá me deixar sozinho aTui em cima, a mim, Tue somente subi para Yisitá-lo?”! E ainda chegou a acrescentar: “Mas isso seria maluco e horroroso, a tal ponto Tue sinto como meu rosto se gela e meu coração lateMa desordenadamente. Pois se eu ficar sozinho nestas alturas (e é isso Tue Iarei, se ele partir, pois não entra em Tuestão eu acompanhá-lo), então nesse caso (agora meu coração para por completo), então nesse caso é para sempre, para todos os tempos, pois sozinho nunca na Yida reencontrarei o caminho Tue conduz à planície...”.

Tais Ioram as temerosas reflexões de Hans Castorp. ATuela mesma tarde deYia trazer-lhe certeza sobre o curso do porYir: Joachim declarou suas intenções, Ioram lançados os dados, deu-se o golpe decisiYo.

Depois do chá desceram ao subterrâneo bem-iluminado para apresentar-se ao exame mensal. Era em princípios de setembro. Ao entrarem na atmosIera seca do consultório encontraram o dr. KrokoZski sentado em seu lugar diante da escriYaninha, ao passo Tue o conselheiro, com as Iaces muito azuladas, e com os

braços cruzados, encostaYa-se à parede. Com o estetoscópio Tue seguraYa numa das mãos, ia dando leYes golpes no seu ombro. BoceMou em direção ao teto.

— Bom dia, meus filhos — disse em Yoz Iatigada.

No decorrer da cena Tue se seguiu, continuou maniIestando uma disposição bastante lânguida, cheia de melancolia e de renúncia geral. ProYaYelmente acabaYa de Iumar. Mas tiYera também alguns desgostos autênticos, dos Tuais os primos Má tinham ouYido Ialar, incidentes de sanatório, de um gênero suficientemente conhecido. TrataYa-se de uma MoYem, de nome Ammy N, lting, Tue se internara no BerghoI pela primeira Yez no outono do ano retrasado e recebera alta noYe meses depois, em agosto; mas Má em setembro reaparecera, porTue não “se sentira bem” em casa; em IeYereiro, Iora noYamente mandada para a planície, com pulmões onde Má não se percebia o menor ruído estranho; mas em meados de Mulho Yoltara a ocupar o seu lugar à mesa da sra. Iltis. HaYiam surpreendido a dita Ammy, à uma hora da madrugada, em companhia de um enIermo chamado Polypraxios, o mesmo grego Tue na noite do CarnaYal causara sensação pela elegância das suas pernas, um MoYem Tuímico, cuMo pai possuía uma Iábrica de tintas no Pireu. Polypraxios Iora apanhado no Quarto de Ammy por uma amiga loucamente enciumada, Tue ali chegara pelo mesmo caminho Tue ele, isto é, pelas sacadas,

e, dilacerada de mágoa e de raiva diante do quadro que se lhe oferecera, fizera uma gritaria medonha, alarmando todo o mundo e dando origem a um escândalo extraordinário. Behrens virou-se obrigado a despedir todos os três, o ateniense, a Nícting e a amiga que de tanta paixão não se importara com a própria honra; ele acabou de discutir esse assunto chocante com o assistente, a cuja clientela particular haviam pertencido tanto Ammy como a amiga. Ainda durante o exame dos primos prosseguiu ocupando-se com o caso, num tom sombrio e resignado; era um perito tão consumado na arte da auscultação, que sabia explorar o interior de um enfermo enquanto ia de outra coisa, e ainda ditava ao assistente os fenômenos verificados.

— Pois é, gentlemen, sempre essa maldita libido! — disse.

— Claro que os senhores se divertem com essa história, pouco lhes importa... Vesicular... Mas um diretor de sanatório fica com nojo dessas coisas; podem... Maciez... podem me acreditar. Que culpa tenho eu de que a física ande irresistivelmente acompanhada de extrema concupiscência? Respiração levemente rude... Não fui eu quem arranhou o mundo dessa maneira. Mas, antes que a gente se dê conta disso, acha-se no papel de um dono de convento. Diminuição do murmúrio, abaixo da axila esquerda... Temos a análise, proporcionamos oportunidades para desabafarem. Que adianta? Quanto mais se

abrem esses piratas, mais assanhados se tornam. Eu recomendo a matemática... A Tui melhorou; desapareceram os roncos... Ocupar-se com matemática, digo eu, é o melhor remédio que existe contra a lascívia. O promotor Parayant, que muito sofreria da tentação, meteu-se a estudá-la. Andava às voltas com a quadratura do círculo e sentia-se bastante aliviado. Mas a maioria é por demais estúpida e preguiçosa para isso; que Deus os perdoe!... Vesicular... Olhe, eu sei perfeitamente que para a mocidade a Tui em cima não custa tomar um mau caminho e deparar-se por completo. Há tempos fiz algumas tentativas de intervir nesses casos de depressão. Mas aconteceu que um irmão ou noivo meu perguntasse à minha-roupa o que eu tinha com isso. Desde então limitei-me a ser um simples médico e nada mais. Ligeiro estertor à direita, na parte superior... Esta terminou o exame de Joachim. O dr. Behrens enfiou o estetoscópio no bolso do avental e esfregou os olhos com a manzorra esquerda, como costumava fazer, quando “entregava os pontos” ou sentia-se melancólico. Quase matinalmente, entre bocejos mal-humorados, recitou a sua lição:

— Pois então, Ziemssen, ânimo! É verdade que nem tudo corre como no manual de fisiologia, a Tui e ali ainda está encrocado, e por enquanto o senhor ainda não liquidou sua conta com Gaffky; pelo contrário, comparado com a última

Yez, até subiu um grau na escala: seis é o Tue deu, mas não há motiYo para anunciar aos brados a dor do mundo. Quando chegou aTui, estaYa mais doente Tue hoMe, isso lhe dou por escrito, e se o senhor ficar conosco ainda uns cinco ou seis menses... Não acha Tue menses soa melhor Tue meses? Decidi Tue só You dizer menses, daTui para a Irente...

— Sr. Conselheiro... — começou Joachim. EstaYa de pé, com o torso desnudo, numa atitude tesa. Tinha o peito saliente, os calcanhares unidos e as mesmas manchas terrosas no rosto Tue tiYera em certa ocasião, Tuando Hans Castorp pela primeira Yez notara Tue esse era o modo como empalidecia a tez bronzeada.

— Se o senhor — prosseguiu Behrens, sem se importar com a interrupção — prestar serYiço mais meio aninho por aTui, Yai ficar curado, poderá tomar Constantinopla de assalto, terá Iortaleza o bastante para firmar-se como comandante em cheIe em todas as Iortalezas Tue Tueira...

Deus sabe Tuantos trocadilhos o médico ainda teria Ieito, em sua disposição sombria, não o tiYessem desconcertado a atitude imperturbada de Joachim e sua intenção inabaláYel de Ialar, e de Ialar coraMosamente.

— Sr. Conselheiro — disse o MoYem —, com todo o respeito eu lhe Tueria dar parte de Tue resolYi YiaMar.

— Ora YeMa! Quer tornar-se YiaMante? Eu pensaYa Tue o senhor, mais tarde, Tuando curado, Tueria ingressar nas fileiras do Exército.

— Não, sr. Conselheiro, tenho de partir imediatamente, daTui a uns oito dias.

— Não diga! Estou escutando bem? O senhor Tuer bater em retirada, Tuer escapulir? Sabe Tue isso é deserção?

— Não, sr. Conselheiro, não penso assim. Preciso apresentar-me a meu regimento.

— Mesmo Tue eu lhe diga Tue dentro de meio ano sem Ialta poderei dar-lhe alta, mas Tue eu, antes de meio ano, não posso dar-lhe alta?

Joachim ia assumindo atitude cada Yez mais militar. Encolhendo a barriga, ele disse laconicamente e com Yoz suIocada:

— Faz mais de um ano e meio Tue estou aTui, sr. Conselheiro. Não posso esperar mais tempo. No começo, o senhor me disse: três meses. Depois o meu tratamento Ioi sucessiYamente prolongado por outros três ou seis meses, e ainda não estou curado.

— A culpa é minha?

— Não, sr. Conselheiro. Mas não posso esperar mais tempo. Se não Tuero perder de Yez o recrutamento, então não posso

esperar aTui em cima pela cura completa. Tenho Tue descer agora mesmo. Ainda necessito de algum tempo para me eTuipar e tomar outras proYidências.

— Sua Iamília está de acordo com seu procedimento?

— Minha mãe está de acordo. Já ficou tudo combinado. Em 1o de outubro entrarei como aspirante no Regimento 76.

— Assumindo todos os riscos? — perguntou Behrens, fixando nele os olhos inMetados.

— Sim, sr. Conselheiro — respondeu Joachim, com os lábios trêmulos.

— Bom, então está bem, Ziemssen. — O conselheiro mudou de expressão, relaxou a atitude, cedeu. — 'Tá bem, Ziemssen. Mexa-se! Deus o acompanhe na Yiagem. VeMo Tue o senhor sabe o Tue Tuer, toma a responsabilidade para si, e é certo Tue as conseTuências são da sua conta e não da minha, a partir do momento em Tue o senhor toma a responsabilidade para si. AMuda-te, e aMudar-te-ei. O senhor parte por sua conta e risco, eu não garanto nada. Mas Tue assim seMa, afinal, tudo pode sair bem. O senhor escolheu uma profissão ao ar liYre. É possiYel Tue se dê bem com ela e consiga triunIar.

— Sim, sr. Conselheiro.

— E esse MoYem da classe dos paisanos? O senhor Yai Munto na romaria?

Cabia a Hans Castorp responder. Ele estaYa ali, tão pálido como há um ano, Tuando do exame de então resultara seu internamento; estaYa no mesmo lugar como naTuela ocasião, e noYamente se Yia pulsar seu coração contra as costelas. Ele disse:

— Para mim, tudo depende de seu parecer, sr. Conselheiro.

— De meu parecer? Muito bem! — E puxando-o pelo braço, Behrens aproximou-o de si. Auscultou e percutiu. Não ditou. A coisa Ioi rápida. Quando terminou, disse:

— O senhor pode partir. Hans Castorp balbuciou:

— Quer dizer... Mas como? Estou curado?

— Sim, o senhor está curado. DaTuele lugar à esTuerda, em cima, Má não Yale a pena Ialar. A temperatura do senhor não pode ter relação com ele. Não sei dizer de onde ela Yem. Acho Tue não tem grande importância. Por mim, o senhor pode partir.

— Mas, sr. Conselheiro... Permita-me a pergunta... O senhor está Ialando sério?

— Se eu Ialo sério? Mas como? Que ideia é essa? Eu Tueria saber o Tue o senhor pensa de mim. Por Tuem me toma? Pelo dono de um conYentilho?

Era uma explosão de cólera. O azul das Iaces do médico intensificara-se, assumindo um tom Yioleta por causa da congestão ardente; a crispação unilateral do lábio, sob o bigodinho, acentuara-se, descobrindo os dentes de cima, amarelados; ele Iez aYançar a cabeça, como um touro, e seus olhos saltaram, lacrimosos e estriados de sangue.

— Não admito isso! — ele gritou. — Em primeiro lugar, fiTue sabendo Tue não sou dono de coisa alguma! Sou um Iuncionário desta empresa! Sou médico! Sou somente médico, o senhor compreende? Não sou alcoYiteiro, não sou nenhum Signor Amoroso da Yia Toledo, na bela Nápoles, está me entendendo? SirYo a humanidade soIredora! E se os senhores tiYerem Iormado opinião diIerente a respeito de minha pessoa, podem ambos ir às IaYas ou ao diabo ou águas abaixo, conIorme sua liYre escolha! Boa Yiagem!

A passos longos e apressados saiu pela porta Tue daYa para a antessala do gabinete de radiografia e Iechou-a atrás de si com um estrondo.

Os primos olharam para o dr. KrokoZski em busca de um conselho. Mas este enterrou o nariz e o rosto inteiro em sua papelada. Vestiram-se às pressas. EnTuanto subiam a escada, Hans Castorp Ialou:

— Foi terríYel. Você Má o Yiu assim antes?

— Não, assim nunca. São esses ataques de loucura cesárea. A única coisa que se pode fazer é aguentá-los sem perder a linha. Claro que ele anda lá dentro com a história de Polypraxios e da Nícting. Mas você viu — continuou Joachim, e era visível que o prazer de ter lutado com êxito lhe enchia o coração e lhe oprimia o peito —, você viu como ele cedeu terreno e capitulou, quando percebeu que eu não estava brincando? Basta que a gente se mostre enérgico e não se deixe atemorizar. Agora recebi uma espécie de autorização; o próprio Behrens disse que provavelmente conseguirei triunfar; daqui a oito dias, a viagem que... e em três semanas me apresentarei ao regimento — apressou-se em corrigir-se, de modo a deixar Hans Castorp fora da Mogada e limitar à própria pessoa as manifestações que fazia com a voz vibrante.

Hans Castorp permaneceu calado. Não comentou a “autorização” de Joachim, tampouco a própria, da qual também poderia ter falado. Preparou-se para o repouso. Introduziu o termômetro na boca. Com umas poucas manobras simples e precisas, cheias de arte aperfeiçoada, encolheu-se nos seus dois cobertores de lã de camelo, em conformidade com a regra prática sagrada da qual ninguém tinha ideia na planície. Depois, deixou-se ficar estendido, imóvel, transformado num rolo simétrico, sobre a excelente

espreguiçadeira, em meio à umidade Iria da tarde de princípios de outono.

NuYens carregadas de chuYa pairaYam baixas, a bandeira com a marca do sanatório estaYa arriada, restos de neYe

cobriam os galhos molhados do abeto. Do alpendre do andar térreo, donde, Iazia mais de um ano, ressoara pela primeira Yez a Yoz do sr. Albin, subia um murmúrio de conYersas abaIadas até os ouYidos de Tuem cumpria seu serYiço e cuMos dedos e rosto rapidamente se enregelaYam com o Irio e a umidade. Ele estaYa acostumado e aceitaYa com gratidão o estilo de Yida daTui, Tue haYia muito se tornara para ele o único imagináYel, e Tue lhe permitia ficar deitado ao abrigo de tudo e entregar-se a seus pensamentos.

Era coisa resolYida. Joachim partiria. Radamanto dera-lhe alta — não “rite”, não como curado, mas em todo caso dera- lhe alta com uma meia aproYação, em Yirtude e como reconhecimento de sua atitude firme. O primo YiaMaria no trem de bitola estreita, desceria à baixada, até LandTuart, até Romanshorn, para depois transpor o lago Yasto e proIundo, sobre o Tual caYalgara o caYaleiro do poema, e então atraYessar a Alemanha inteira até chegar em casa. ViYeria lá embaixo, no mundo da planície, rodeado de pessoas sem noção alguma sobre como se deYia YiYer, pessoas Tue nada sabiam do termômetro, nem da arte de se enYolYer nos cobertores, nem do saco de peles, dos

três passeios cotidianos, do... enfim, difícil dizer, difícil listar tudo. Você desconheciam as pessoas lá embaixo; mas a noção de você Joachim, depois de ter passado mais de um ano e meio ali em cima, Yipieria doraYante entre os inscientes, essa noção — Você só dizia respeito a Joachim, e apenas Yaga e hipoteticamente a ele, Hans Castorp — perturbou-o de tal forma. Você fechou os olhos e fez com a mão um gesto. Você se deitasse.

— Impossível, impossível! — murmurou.

Mas, uma vez que era impossível, ele mesmo continuaria a Yipier sozinho ali em cima, sem Joachim? Sim. Por quanto tempo? Até que Behrens lhe desse alta como curado, e isso a sério, e não como homem. Mas, em primeiro lugar esse momento era de tal forma indeterminado que para fixá-lo só

se podia repetir a seu gesto. Você Joachim esboçara em certa ocasião; e, em segundo lugar, era duvidoso se o impossível de agora se tornaria mais possível no futuro. O contrário parecia mais provável. Era preciso reconhecer, com lealdade, que nesse momento em que o impossível talvez ainda não fosse tão impossível como o seria mais tarde uma mão estendida para segurá-lo; pelo fato da partida “em falso” de Joachim, eram-lhe oferecidos um bastão e um guia para conduzi-lo à planície, para onde ele, por força própria, jamais encontraria o caminho. A pedagogia humanística, se ficasse

sabendo dessa oportunidade, Tuanto não o exortaria a Tue agarrasse o bastão e aceitasse o guia! Ora, o sr. Settembrini representaYa coisas e potências interessantes, sem dúYida, mas não exclusiYas e absolutas; e o mesmo ocorria com Joachim. O primo era militar. Partia, Tuase na hora do proMetado regresso de Marúsia, a moça dos seios opulentos, Tue, como sabemos, deYia Yoltar a 1o de outubro. Ao paisano Hans Castorp, porém, a partida afiguraYa-se impossíYel precisamente porTue ele tinha de esperar por ClaZdia Chauchat, de cuMa Yolta, por enTuanto, nem seTuer se IalaYa. “Não penso assim”, dissera o primo, Tuando Radamanto usara o termo “deserção”, Tue com reIerência a Joachim, estaYa claro, não passaYa de um disparate e de um exagero do médico agastado. Mas ao paisano apresentaYam-se as coisas sob um aspecto diIerente. No seu caso (ah, era assim mesmo, sem dúYida alguma! Fora com a intenção de arrancar de seus sentimentos essa ideia decisiYa Tue ele se deitara hoMe, aTui, nesse Irio úmido) — ora, no seu caso seria mesmo deserção, caso ele aproYeitasse a ocasião e partisse mais ou menos “em Ialso” para a planície; ele desertaria das responsabilidades Tue se desdobraYam diante dele, deYido à Yisão daTuela Iorma sublime chamada Homo Dei; desatenderia os deYeres Tue lhe impunha o seu reinado, deYeres laboriosos e excitantes, Tue ultrapassaYam suas Iorças inatas, mas Tue o enchiam

de uma felicidade afortunada quando se consagra a eles em sua sacada ou naquele lugar florido de azul.

Tirou o termômetro da boca, com tamanha violência como só lhe acontecera numa única ocasião: quando o usara pela primeira vez, logo depois de a superiora lhe haver vendido o delgado instrumento. Examinou-o com a mesma curiosidade de então.

Mercúrio se elevou com vigor. Mostrava 37,8 — quase 9.

Hans Castorp jogou para longe os cobertores, levantou-se de um salto, deu alguns passos rápidos através do quarto, em direção à porta do corredor. Depois voltou à cadeira. Achando-se novamente na posição horizontal, chamou em voz baixa a Joachim e informou-se da temperatura do primo.

— Não tirei — ele respondeu.

— Bem, estou com “temperatura” — disse Hans Castorp, servindo-se da expressão da sra. St. Ivar, que a usava por analogia com “aguardente”. Joachim, atrás da divisória de vidro, permaneceu em silêncio.

Tampouco mais tarde ele disse coisa alguma, nem nesse dia nem nos seguintes, e não fez perguntas a respeito dos projetos e decisões de Hans Castorp; dada a brevidade do prazo, tudo iria se revelar naturalmente, por atos, ou pela omissão de atos, e foi esta última a alternativa que se deu. Hans Castorp parecia ter aderido ao quietismo, que pretendia saber que agir e tolerar a

oIender a Deus, Tue pretendia atuar sozinho. Em todo caso, a atiYidade limitara-se nesses últimos dias a uma Yisita a Behrens, da Tual Joachim sabia, e cuMo transcurso e resultado eram tão Iáceis de adiYinhar como contar de um a cinco nos dedos da própria mão. O primo declararia Tue se permitia conIerir mais Yalor às numerosas adYertências anteriores Tue o conselheiro lhe fizera, no sentido de Tue esperasse a cura completa para Tue Mamais tiYesse necessidade de Yoltar, do Tue àTuelas palaYras apressadas, ditas num minuto de exasperação; ele tinha 37,8, não se podia considerar rite como autorizado a partir, e, a menos Tue as palaYras do

conselheiro naTuela ocasião deYessem ser interpretadas como uma expulsão — medida Tue ele, Ialante, não achaYa merecer —, deseMaYa comunicar sua decisão, à Tual teria chegado pelo caminho do raciocínio calmo e em desacordo consciente com Joachim Ziemssen: ele permaneceria aTui por enTuanto e aguardaria sua plena desintoxicação. A isso, o médico responderia Tuase literalmente: “Très bien e muito bem!” e: “Vamos pôr uma pedra no Tue passou!”; e ainda: isso sim é Tue é Ialar como pessoa sensata; e Tue ele logo Yira Tue Hans Castorp teria mais talento para bom paciente Tue aTuele IuMão, aTuele gabola. E assim por diante.

Fora esse, segundo as conMeturas mais ou menos exatas de Joachim, o transcurso da entreYista. Por isso não disse nada.

Apenas verificou em silêncio que Hans Castorp não imitava as medidas que ele mesmo tomava para preparar a viagem. Por outro lado, o bom Joachim andava mais atarefado com os seus próprios problemas. Realmente não lhe era possível preocupar-se com a sorte e o futuro domicílio do primo. Uma tempestade agitou-lhe o peito, como facilmente se pode compreender. Ainda bem que tinha deixado de tomar a temperatura, sob a alegação de que o termómetro se quebrara ao cair no chão; se a houvesse tomado, talvez fosse obter resultados perturbadores, sobre-excitado como estava, possuído de alegria e de impaciência, que ora lhe abrasava as faces com um ardor sombrio, ora as fazia empalidecer. Já não era capaz de permanecer deitado. Durante todo o dia, Hans Castorp ouvia-o percorrer o aposento a passos largos, e isso precisamente nas horas, quatro vezes por dia, em que no “Berghof” predominava a posição horizontal... Um ano e meio! E agora desceria à planície, iria para casa, e ao regimento, afinal, mesmo que tivesse apenas meia autorização para isso! Não era pouca coisa, de modo algum; Hans Castorp tinha plena compreensão quanto aos sentimentos do primo que caminhava, irretilo. Dezoito meses, todo o ciclo de um ano e mais a metade de outro, passara-os aqui nestas alturas, criando raízes profundas neste solo, seguindo os trilhos desta ordem vigente, deste plano de vida inalterável, que ele observara durante sete vezes setenta

dias, em todas as estações — e agora Yoltar para casa no estrangeiro, ir ter com os inscientes desta Yida! Quantas dificuldades de aclimatação não o esperariam lá embaixo? E seria de admirar Tue não houYesse somente alegria na grande excitação de Joachim? E Tue também um Tuê de angústia, de dor pela despedida de tantas coisas costumeiras o impelisse a andar pelo Tuarto? Isso sem nem Ialar de Marúsia...

Mas preponderaYa a alegria. O coração e a boca do bom Joachim transbordaYam de alegria; ele se ocupaYa de si próprio, desinteressando-se do Iuturo do primo. Dizia Tue tudo seria noYo e Yiçoso: a Yida, ele mesmo, o tempo — cada dia, cada hora. Voltaria a desIrtar um tempo Yalioso, anos de MuYentude Tue decorreriam lentamente e pesariam na balança. Falou de sua mãe, segunda mulher do tio de Hans Castorp, a tia Ziemssen, Tue tinha os mesmos olhos meigos e negros de Joachim; ele não a Yira todo esse tempo passado nas montanhas, porTue ela, esperando, assim como ele, mês a mês e semestre a semestre a Yolta do filho, acabara por não se resolYer em momento algum a Yir Yisitá-lo. E Ialou, com um sorriso entusiástico, do Muramento à bandeira Tue prestaria dentro em breYe: a cerimônia solene era realizada em presença da bandeira, e MuraYa-se ao próprio estandarte.

— Não diga! — admirou-se Hans Castorp. — Sério? Diante de um mastro e um pedaço de pano?

Sim, era isso mesmo; e na artilharia Mura-se diante do canhão, de maneira simbólica. Na opinião do paisano eram costumes bem entusiásticos... Até patéticos e Ianáticos, se poderia dizer; a Tue Joachim acedeu com a cabeça, orgulhoso e satisfeito.

Absorvia-se nos preparativos. Pagou a última conta na administração, e começou a arrumar as malas dias antes do prazo que se fixara a si mesmo. Emalou as roupas de Verão e as de Inverno, e mandou o criado costurar dentro de uma capa de aniagem o saco de peles e os cobertores de lã de camelo: talvez pudessem ser úteis por ocasião das grandes manobras. Pôs-se a dizer adeus a todo mundo. Fez visitas de despedida a Naphta e Settembrini — sozinho, pois o primo não o acompanhou dessa vez, tampouco perguntou pelo que o italiano observara quanto à partida iminente de Joachim e à não partida de Hans Castorp: se Settembrini teria dito “Vêdia só! Vêdia só!” ou “Que cosa, Tue cosa!”, ou as duas coisas, ou “Poveretto”, isso pouco importa.

Chegou então a Véspera da Viagem, o dia em que Joachim percorreu pela última vez todas as lições do programa diário, cada refeição, cada repouso, cada passeio, e também se despediu dos médicos e da superiora. E fez-se a manhã do dia da partida: com os olhos ardentes e as mãos frias, Joachim apareceu na hora do café. Não dormira a noite toda. Mal engoliu um bocadinho, e quando a anfitriã anunciou que a bagagem já

se achava amarrada no carro levantou-se de um pulo, a fim de dizer adeus aos companheiros de mesa. A srta. Stührer verteu lágrimas durante a despedida, as lágrimas láceas e insípidas peculiares às pessoas incultas; mas, por trás das costas de Joachim, fez à professora uma careta, encolhendo os ombros e meneando a mão espalmada para manifestar, de uma forma sumamente ordinária, as suas dúvidas quanto à propriedade da partida do Moym e ao seu futuro bem-estar. Hans Castorp reparou nesse gesto, enquanto, má de pé, esvaziou sua xícara para seguir o primo. Restava ainda distribuir as gorjetas e, no vestibulo, retribuir os cumprimentos oficiais de um emissário da administração. Como sempre, alguns pensionistas estavam presentes para assistir ao bota-lora: a sra. Iltis, com o “esterilete”, a LeYi com sua pele de marfim, o excêntrico professor PopoY e sua noiva. Abanaram os lenços, quando o coche, recheado nas rodas traseiras, desceu a rampa. Joachim recebera um ramalhete de rosas.

Tinha a cabeça coberta com um chapéu. Hans Castorp, não.

A manhã era magnífica, o primeiro dia de sol depois de longo tempo encoberto. O Schiaghorn, as Torres Verdes, o cimo do Doriberg destacavam-se no azul como símbolos inabaláveis, e os olhos de Joachim repousavam sobre eles. É tuas uma pena, opinou Hans Castorp, que o tempo tenha melhorado tanto, justamente no momento da partida. Parecia haver nisso

certa maldade, uma impressão final desIaYoráYel IacilitaYa TualTuer separação. Ao Tue Joachim replicou não precisar de algo Tue lhe Iacilitasse partir; esse tempo era ótimo para seu preparo militar, e muito útil lá embaixo. AIora essas palaYras, Ialaram muito pouco. Dadas a situação de cada um deles em particular e a Tue existia entre ambos, realmente não sobraYa muito a dizer. Além disso, o porteiro coxo achaYa-se sentado à sua Irente, ao lado do cocheiro.

Eretos, sacudidos sobre o estoIamento duro do carro, haYiam deixado atrás o regato e a trilha estreita. Seguiram então pela estrada ladeada de habitações esparsas, paralela ao leito da Yia Iérrea, e finalmente pararam na praça pedregosa, em Irente da estação de DaYos-DorI, não mais Tue um telheiro. Hans Castorp assustou-se ao reconhecer tudo isso. Desde sua chegada, Tue se realizara de tardezinha, Iazia mais de treze meses, não Yoltara a Yer a estação.

— Foi aTui Tue cheguei — constatou desnecessariamente. E Joachim limitou-se a responder:

— Pois é... — enTuanto pagaYa o cocheiro.

O laborioso porteiro coxo dedicou-se à compra da passagem e ao despacho das bagagens. Os primos achaYam-se lado a lado sobre a plataIorma, diante do trenzinho, ao lado do peTueno compartimento estoIado em cor cinza, onde Joachim

pusera o sobretudo, o cobertor de Viagem enrolado e as rosas, para reservar o seu lugar.

— Bem, agora pode ir prestar o seu Muramento entusiástico

— disse Hans Castorp.

E Joachim tornou:

— Sem falta!

E tué mais? Um encarregou o outro de transmitir as últimas saudações, lembranças aos de baixo, lembranças aos de cima. Depois, Hans Castorp limitou-se a desenhar com a bengala no asfalto. Quando soou o sinal prevenindo os passageiros da iminência da partida, sobressaltou-se. Olhou Joachim, e este o olhou por sua vez. Apertaram-se as mãos. Hans Castorp esboçou um sorriso indeciso, ao passo que os olhos do primo mostraram-se sérios, tristes e insistentes.

— Hans! — disse então... Deus todo-poderoso! Onde, em todo o vasto mundo, há se há coisa tão embaraçosa? Joachim acaba de chamar Hans Castorp pelo prenome! Não por “Você” ou “meu caro”, como sempre há de haver, mas pelo prenome, sem levar em conta seus princípios todos de rigidez e reserva, e de um modo embaraçosamente exagerado. — Hans — repetiu, apertando com uma angústia apressada a mão do primo, ao passo que este não podia deixar de perceber que a nuca do outro, exausto pela insônia, pelo

nerYosismo da Yiagem e pelo abalo da despedida, tremia, como Iazia a sua própria, Tuando estaYa “reinando”. — Hans — disse Joachim, com insistência —, Yenha logo, Yocê também! Com isso, ele saltou pelo estribo. Fechou-se a porta, ouYiu- se o apito, os Yagões se deslocaram, a peTuena locomotiYa pôs-se em moYimento, e o trem partiu. O YiaMante acenou com o chapéu pela Manela. O outro, Tue ficaYa atrás, respondeu com a mão. Com o coração emocionado, ainda ficou ali por muito tempo, sozinho. Depois, Yoltou deYagar a Iazer o caminho Tue, haYia um ano e alguns dias, Joachim trilhara com ele.

ASSALTO RECHAÇADO

A roda gira. O ponteiro ia avançando. Já terminara a época do salepo e da tuilégia; o cravo silvestre desaparecera também. As estrelas azuis da genciana, bem como os lírios verdes pálidos e venenosos, tornavam a apontar na grama úmida. Por cima dos bosques pairava uma aura avermelhada. O equinócio de outono acabava de transcorrer. O dia de Finados achava-se próximo, e, para os consumidores de tempo mais treinados, também o domingo do Advento, o dia mais curto do ano, e a festa do Natal. Por enquanto, porém, desfiava-se ainda uma série de belos dias de outubro, dias como aquele em que os primos haviam ido ver os quadros do conselheiro.

Desde a partida de Joachim, Hans Castorp não tomava mais as refeições à mesa da sra. St., a mesma que o dr. Blumenkohl abandonara para morrer, e onde Marússia procurara abalar no lençinho perfumado de flor de laranjeira sua mal justificada hilaridade. Agora achavam-se ali pensionistas novos, pessoas completamente desconhecidas. O nosso amigo, porém, entrado no terceiro mês do segundo ano da sua estada, recebera da administração um outro lugar, numa mesa vizinha, mais próxima da porta que dava para o alarandado, colocada perpendicularmente entre a antiga e a dos “russos distintos”, numa palavra: a mesa de Settembrini. Sim, novamente lhe

coubera a ponta, em frente do lugar do médico, e em cada uma das sete mesas ficava reservado ao uso esporádico do conselheiro ou do seu assistente.

Na outra extremidade, à esquerda do assento do médico-presidente, tronejava sobre diversas almofadas a tuela mexicana corcunda, o fotógrafo dileitante, com uma expressão, em virtude de seu isolamento linguístico, se assemelhava à de um surdo. A seu lado ficava a solteirona da Transilvânia, e, como Má deplorara Settembrini, pretendia interessar o

mundo inteiro pelo seu cunhado, se bem que ninguém soubesse nada desse homem nem tivesse saber. Tendo atrás da nuca uma bengala de punho de prata, e também lhe prestava serviços durante os passeios regulamentares, via-se essa criatura, a certas horas do dia, munto da platibanda da sua sacada, empenhada em alargar o peito chato como uma bandeja por meio de exercícios respiratórios. De frente a ela achava-se um tcheco, e chama-se sr. Wenzel, mas ninguém era capaz de pronunciar o seu nome de família.

Settembrini, em seu tempo, às vezes fizera tentativas no sentido de articular a exótica sequência de consoantes de que se compunha esse nome; claro que não o fizera numa intenção séria, senão para demonstrar graciosamente a impotência da sua nobre língua de latino em face do amontoado selvagem de sons.

Esse homem, embora fosse redondo como uma bola e se

distinguisse por uma Yoracidade sensacional mesmo entre os pensionistas, afirmaYa, desde haYia Tuatro anos, Tue estaYa Iadado a morrer. Durante as reuniões noturnas, tocaYa de Yez em Tuando num bandolim enIeitado de fitas as canções da sua terra, ou contaYa historietas das suas plantações de beterrabas, onde trabalhaYam exclusiYamente lindas peTuenas. Mais perto de Hans Castorp, a ambos os lados da mesa, encontraYam-se os Magnus, o cerYeMeiro de Halle e sua esposa. Uma atmosIera de melancolia pairaYa em torno desse casal, porTue ambos andaYam perdendo substâncias essenciais para o metabolismo: o homem, açúcar, e a mulher, proteínas. A disposição de alma sobretudo da pálida sra. Magnus parecia desproYida do menor traço de esperança. A Yacuidade do espírito desprendia-se dela com um bafio de adega, e de Iorma ainda mais pura do Tue a inculta sra. St,hr ela representaYa a combinação de enIermidade e estupidez, de Tue Hans Castorp se escandalizara espiritualmente, sendo por isso repreendido pelo sr. Settembrini. O sr. Magnus reYelaYa maior YiYeza e loTuacidade, embora somente

daTuele modo Tue outrora originara as explosões da impaciência literária de Settembrini. Além disso, era colérico e IreTuentemente tinha atritos com o sr. Wenzel por motiYos políticos e outros. ExasperaYam-no as aspirações nacionalistas do tcheco, e ainda mais o Iato de ele ser partidário do

antialcoolismo e pôr em dúYida a moralidade da profissão de cerYeMeiro. Em oposição a isso, o sr. Magnus, com o rosto rubro, deIendia a perIeição higiênica da bebida à Tual os seus interesses se achaYam tão intimamente ligados. Em tais ocasiões, o sr. Settembrini costumara Iazer, humoristicamente, o papel de pacificador. Hans Castorp, no lugar dele, sentia-se menos hábil e não dispunha de suficiente autoridade para substituí-lo.

Não mantinha relações pessoais senão com dois dos seus comensais: o primeiro era A. K. Ferge, de Petersburgo, seu Yizinho da esTuerda, o soIredor bonachão Tue, sob as brenhas do bigode ruiYo, sabia Ialar ora da Iabrição de galochas ora de regiões longínTuas, do círculo polar, das neYes eternas do cabo Norte, e de Yez em Tuando acompanhaYa Hans Castorp num dos passeios regulamentares. O segundo, porém, Tue se unia a eles cada Yez Tue se oIerecia oportunidade e Tue tinha seu lugar na outra extremidade da mesa, em Irente do mexicano corcunda, era o moço de Mannheim, de cabelos ralos e dentes deIeituosos; chamaYa-se Wehsal, Ferdinand Wehsal, comerciante, e era o mesmo cuMos olhares haYiam ficado presos, com um deseMo melancólico, à graciosa pessoa da sra. Chauchat; desde o CarnaYal ele procuraYa obter a amizade de Hans Castorp.

Fazia-o com obstinação e humildade, com um serYilismo suplicante Tue tinha, aos olhos de Hans Castorp, TualTuer coisa de horroroso e repulsiYo, porTue ele compreendia o sentido complicado dessa atitude, a Tual, mesmo assim, esIorçaYa-se por acolher com humanidade. Com uma expressão calma — pois sabia Tue o menor Iranzimento do cenho Má Iaria o rapaz, pusilânime como era, encolher-se e

sobressaltar-se — toleraYa as maneiras subserYientes de Wehsal, Tue aproYeitaYa todas as ocasiões para inclinar-se diante dele e baMulá-lo; permitia até Tue o outro, durante os passeios, lhe carregasse o sobretudo, Iunção de Tue Wehsal se desempenhaYa com certo IerYor; e suportaYa até mesmo a conYersa escusa do homem de Mannheim. Wehsal tinha a mania de Yentilar problemas como este: era ou não era razoáYel declarar o seu amor a uma mulher Tue se amaYa, mas Tue maniIestamente não correspondia? Ou seMa: Tual a opinião dos caYalheiros sobre a declaração de amor sem chance alguma? Ele, da sua parte, atribuía-lhe Yalor máximo; segundo a sua opinião, associaYa-se a isso uma Ielicidade indizíYel. Pois se o ato da confissão despertaYa repulsa e acarretaYa grandes Yexames, garantia ao menos por um instante o pleno contato amoroso com o obMeto do deseMo, Tue era Iorçado a receber a confiança e a entrar na esIera da própria paixão. Mesmo Tue tudo terminasse nesse ponto, a perda eterna não representaria

um preço excessivo pela Yolúpia desesperada de um único momento. O desabaio era um ato violento, e quanto maior a repugnância que se lhe opusesse, mais gozo proporcionaria... A essa altura, uma sombra anuviou a fisionomia de Hans Castorp e Iez Wehsal retroceder; na Verdade, ela se deitou mais à presença do MoYial sr. Ferge, o Tual, como ele mesmo afirmava com Iretuência, ficava totalmente alheio a TuaisTuer assuntos eleYados e complexos, e não à austeridade puritana do nosso herói. Como sempre nos empenhamos em apresentá-lo nem melhor nem pior do que era, não omitimos o seguinte fato: certa noite, quando estava a sós com Hans Castorp, o pobre Wehsal, em palavras incoloras, insistiu com ele para que se lhe confiasse, por amor a Deus, alguns pormenores das Tuales acontecimentos e das Tuelas experiências da noite de Carnaval, que se haviam realizado depois do fim do baile; Hans Castorp atendeu a esse pedido com tranquilidade benevolente, sem que — ao contrário do que o leitor talvez

acredite — esse diálogo tivesse cunho leYiano ou Yil. Temos todavia razões fortes para manter afastados dessa cena tanto o leitor como nós próprios, e limitamo-nos a acrescentar que a partir do referido dia Wehsal passou a carregar o casacão do condescendente Hans Castorp com redobrado ardor.

E eis o que havia a dizer sobre os comensais de Hans Castorp. O lugar à sua direita estava vazio. Não estava ocupado senão

passageiramente, durante alguns dias: por um hóspede, como ele mesmo Iora em outros tempos, um parente Tue Yiera da planície em Yisita, um emissário, bem se poderia dizer — numa palaYra: James Tienappel, tio de Hans.

Era Iantástico Yer de repente como Yizinho de mesa um representante e enYiado da pátria, um homem Tue ainda trazia Iresca no tecido inglês da Iatiota a atmosIera do antigo, do submerso, da Yida passada, do mundo dos YiYos Tue existia lá embaixo. Mas era Iorçoso Tue isso acontecesse. HaYia muito Tue Hans Castorp contara com tal oIensiYa da planície e mesmo preYira com exatidão a personalidade Tue seria incumbida do reconhecimento; o Tue, aliás, não Iora muito diÍcil, Má Tue Peter, o naYegante, mal entraYa em Tuestão, e Tuanto ao tio-aYô Tienappel era coisa sabida Tue nem dez caYalos o arrastariam a essas regiões, cuMa pressão atmosIérica lhe seria sumamente perigosa. Não, tinha de ser James o encarregado de inYestigar, em nome da Iamília, a situação do parente extraYiado. Hans Castorp esperara mesmo Tue ele chegasse antes. Desde Tue Joachim regressara sozinho e pusera a Iamília a par do estado das coisas ali de cima, o assalto era iminente, mais Tue iminente. Dessa Iorma, Hans Castorp não se surpreendeu nem um pouTuinho Tuando, duas semanas exatas depois da partida do primo, o porteiro lhe entregou um telegrama. Abriu-o, cheio de pressentimentos, e ficou sabendo da

próxima chegada de James Tienappel. Este teria de resolver alguns assuntos pendentes na Suíça e aproveitaria a ocasião para fazer uma excursão até às alturas de Hans. Chegaria daí a dois dias.

“Pois bem”, pensou Hans Castorp. “Ótimo”, pensou, e intimamente acrescentou algo parecido com “Como Tueira!” E falando em pensamentos ao parente Tue se aproximava, disse ainda: “Ah, se você fizesse ideia!”. Numa palavra, inteirou-se da notícia com a mais completa calma, transmitiu-a ao conselheiro Behrens e à administração, mandou reservar um quarto — o de Joachim ainda estava disponível — e dali a dois dias, à hora da sua própria chegada, isto é, em torno das oito da noite, entrou no mesmo veículo mal-estocado em Tue havia pouco acompanhara Joachim, para encaminhar-se à estação de Doyos-Dor e receber o emissário da planície, Tue Yinha em busca de endireitar a situação.

Com a tez rubicunda, sem chapéu nem sobretudo, ele se achava à beira da plataforma quando o trenzinho entrou na estação. Pela janela do compartimento conheceu o tio a descer tranquilamente, porque já chegara ao seu lugar de destino. O cônsul Tienappel — ele era vice-cônsul e substituíra dignamente o pai nesse cargo honorário — apareceu primeiro, enfiado no seu casaco de inverno, pois a noite de outubro estava mesmo muito fria, pouco alta para Tue se

pudesse falar em geada, e de madrugada com certeza a temperatura iria abaixo de zero; desembarcou, alegremente surpreendido, e mostrou sua alegria com certa parcimônia, de um Meito muito civilizado, peculiar aos cavalheiros distintos do noroeste da Alemanha, então cumprimentou o sobrinho, Tuê estaVá mais para um primo, expressando com elogios enérgicos a satisfação Tuê experimentaVá ao encontrá-lo com tão bom aspecto, Yiu Tuê o porteiro coxo o dispensaVá de preocupar-se com a bagagem, e assim galgou lá Iora, em companhia de Hans Castorp, o assento alto e duro do coche. Puseram-se a caminho sob um céu abundantemente estrelado, e Hans Castorp, com a cabeça deitada para trás, explicou ao tio-primo as tuelas paragens eleVadas, circunscreVendo essa ou aTuela constelação cintilante com palavras e gestos, e chamou os planetas pelos nomes; enquanto isso, o outro prestaVá mais atenção à pessoa de seu acompanhante Tuê ao cosmo, dizia de si para si Tuê talvez fosse admissível, e não uma rematada loucura, falar das estrelas, precisamente nesse momento e nesse lugar, mas Tuê mesmo assim havia outros assuntos mais urgentes. Perguntou desde quando Hans Castorp estaVá tão familiarizado com aTuele mundo longínquo; ao Tuê o sobrinho replicou Tuê deVá esses conhecimentos ao repouso noturno Tuê fazia na sacada, na primavera, verão, outono e inverno. Como é? Ele

ficaria de noite na sacada? Ah, sim. E o cônsul Iaria o mesmo. Não haYeria Meito de escapar a isso.

— É claro, está mais Tue eYidente — disse James Tienappel, complacente e um tanto intimidado. Seu irmão de criação tinha a Iala sossegada e monótona. Sem chapéu, sem sobretudo, estaYa sentado a seu lado, na Irescura Tuase gelada da noite outonal. — Você pelo Yisto não sente Irio? — perguntou-lhe James; pois ele mesmo tiritaYa sob o grosso tecido do casacão, e sua maneira de Ialar parecia ao mesmo tempo precipitada e hesitante, Má Tue os seus dentes maniIestaYam a tendência de entrechocar-se.

— Nós não sentimos Irio — respondeu Hans Castorp, calmo e lacônico.

O cônsul não se cansaYa de olhá-lo de lado. Hans Castorp não buscou saber dos parentes e conhecidos de casa. Recebeu, impassiyelmente grato, as lembranças Tue James lhe transmitiu, inclusiYe as de Joachim, Tue Má se apresentara ao regimento e estaYa radiante de alegria e orgulho. Fê-lo sem pedir maiores inIormações a respeito das coisas de sua terra. James ficou inTuieto com algo de natureza Yaga, Tue ele não sabia se Yinha do sobrinho ou se tinha origem em seu próprio estado Iísico de YiaMante; olhou em torno sem distinguir muita coisa da paisagem alpina, e aspirou proIundamente o ar, Tue ele soltou e declarou

magnífico. Por certo!, Ioi o Tue o outro respondeu, não era sem motiYo Tue esse ar adTuirira tanta Iama. Tinha Yirtudes poderosas. AceleraYa a combustão geral, no entanto permitia ao corpo assimilar as proteínas. CuraYa doenças Tue todo ser humano trazia latentes em si, mas antes costumaYa dar a elas um Yigoroso estímulo e causar sua irrupção triunIal, em Yirtude do impulso geral Tue conIeria ao organismo. Com a deYida permissão! TriunIal? Por Tue triunIal? Sim, triunIal; pois será Tue ele Mamais notara Tue a irrupção de uma doença representa uma espécie de triunIo e constitui como Tue uma Iesta do corpo?

— Claro, está mais Tue eYidente — apressou-se o tio a concordar, sem Tue pudesse conter certo tremor da mandíbula, e então anunciou Tue permaneceria oito dias, isto é, uma semana, sete dias, portanto, ou apenas seis, Tuem sabe. Como o aspecto de Hans Castorp lhe parecia excepcionalmente bom e robusto, deYido a esse tratamento cuMa duração se estendera além de toda expectatiYa, podia supor Tue o sobrinho desceria com ele para casa.

— Ora, ora, Tue precipitação é essa? — disse o MoYem. O tio James IalaYa à maneira lá de baixo. Bastaria Tue estudasse um pouco o nosso ambiente e se aclimatasse a ele para Tue mudasse de ideia. Tudo dependia da cura definitiYa. Só o definitiYo tinha importância, e recentemente Behrens lhe

pespegara mais seis meses. Ao ouvir isso, o tio tratou-o por “meu filho” e perguntou se estava louco.

— Você ficou doido de vez? — exclamou.

Afinal de contas, essas férias já duraram quinze meses, e agora mais meio ano! Em nome de Deus todo-poderoso, não há de ser tanto tempo à disposição! Mas Hans Castorp deu uma risada serena e abrupta, com a cabeça erguida em direção às estrelas. Pois sim, o tempo! Nesse ponto, certamente, com referência ao tempo humano, James teria de retificar, antes de mais nada, os conceitos que trouxera consigo da planície, antes de abrir a boca e falar em cima. No interesse de Hans, amanhã mesmo ele iria seriamente

com o sr. conselheiro áulico, pois o Sr. Tienappel prometeu.

— Não deixe de fazer isso! — disse Hans Castorp. — Você gostará dele. É um tipo interessante, ao menos enérgico e melancólico. — A seguir apontou para as luzes do Sanatório Schatzalp e se referiu, de passagem, aos cadáveres que eram transportados pela pista de tremó.

Jantaram juntos no restaurante do Berghof, depois de Hans Castorp ter levado o visitante ao quarto de Joachim, para dar-lhe uma oportunidade de se falar um pouco. A peça já lida com H2CO, contou Hans Castorp, não como se tivesse ocorrido uma partida “em falso”, mas uma de caráter bem

diIerente, Tuer dizer, um exitus, e não um exodus. E Tuando o tio pediu uma explicação do sentido dessas palaYras, o sobrinho lhe disse:

— É a gíria local! Nosso Meito de Ialar! — disse ele. — Joachim desertou. Fugiu para as fileiras do Exército. Isso também existe. Mas, Yamos, ligeiro, para Tue a gente ainda arranMe alguma comida Tuente! — Sentaram-se um à Irente do outro no restaurante agradaYelmente aTuecido, sobre o alto estrado. A anã atendeu-os sem demora, e James encomendou uma garraIa de borgonha, Tue Ioi trazida deitada numa cestinha. Brindaram e deixaram-se penetrar pelo doce ardor do Yinho. O sobrinho Ialou da Yida Tue se leYaYa ali em cima, no ciclo das estações; mencionou certas personagens da sala de reIeições; passou para o pneumotórax, cuMo processo explicou, citando o caso do MoYial sr. Ferge e alongando-se sobre o Ienômeno horripilante do choTue pleural, sem omitir as três síncope de cor diIerente, Tue o russo pretendia ter soIrido, bem como a alucinação do olIato, Tue desempenhaYa um papel importante no momento do choTue, e da gargalhada Tue soltara ao desmaiar. Hans Castorp conduzia toda a conYersa. James comeu e bebeu muito, segundo o seu costume, com um apetite Tue a mudança de ar e a Yiagem haYiam estimulado. Mesmo assim interrompia de Yez em Tuando a alimentação e permanecia com a boca cheia, sem

pensar em mastigar. Mantendo a Iaca e o garfo em ângulo obtuso sobre o prato, cravava os olhos em Hans Castorp, aparentemente sem se dar conta disso. De resto, o sobrinho tampouco se melindrava com esse procedimento do tio. As Yeias inchadas delinearam-se nas Iontes do cônsul Tienappel, cobertas de ralos cabelos louros.

Não trataram dos acontecimentos da terra natal, nem de coisas familiares e pessoais, nem da cidade, nem dos negócios, nem finalmente da firma Tunder & Wilms, Estaleiros, Fábrica de Máquinas e Caldeiras, Tue prosseguia aguardando a chegada da Tuele MoYem estagiário, o Tue, porém, estava tão longe de ser a única ocupação Tue ela tinha a cumprir Tue caberia perguntar se ela de Iato ainda aguardava. Decerto, James Tienappel Má aludira a todos esses assuntos, enquanto o carro os levava ao sanatório, e mais tarde tornara a fazê-lo, mas eles haviam caído ao chão e haviam mortos, refeitados pela indiferença tranquila, decidida e perfeitamente natural de Hans Castorp, por algo Tue o torna intangível e inatacável, em certo sentido, e Tue fazia pensar na sua insensibilidade quanto ao Irio da noite outonal ou nas suas palavras: “Nós não sentimos Irio”. Talvez fosse por isso que o tio o olhava de vez em quando, fixamente. A conselheira localizou também a superiora, os médicos, as conselheiras do dr. Krokowski. James poderia assistir a uma delas, se a sua estada durasse oito dias. Quem

dissera ao sobrinho Tue o tio tinha a intenção de ouYir a palestra do médico? Ninguém. Mas daYa-o por garantido, presumia-o com uma segurança tão plácida Tue o simples pensamento de não presenciar esse espetáculo deYia parecer absurdo ao outro. Daí sucedeu Tue o tio se apressou a dizer “Perfeitamente, compreendo”, como para antecipar a suspeita de Tue ele houYesse planeMado algo impossíYel. Essa era a Iorça cuMo eIeito indistinto, porém imperioso, Iazia Tue o sr. Tienappel fitasse o sobrinho sem Tuerer — agora, a propósito, Má com a boca aberta, pois obstruíra-se-lhe o canal respiratório do nariz, ainda Tue o cônsul não estiYesse resIriado. OuYiu como o parente IalaYa da enIermidade Tue ali em cima IormaYa o interesse profissional comum a todos, e da predisposição Tue certas pessoas tinham para contraí-la. Foi posto a par do caso do próprio Hans Castorp, caso sem graYidade, mas de cura lenta; da atração Tue os bacilos exerciam sobre o tecido celular das ramificações dos brônTuios e dos alYéolos pulmonares; da Iormação de tubérculos; da secreção de Yenenos solúYeis e embriagadores; da decomposição das células e do processo de caseificação, a cuMo respeito era interessante saber se o mal se deteria em Yirtude de uma petrificação calcária e de uma cicatrização do tecido conMuntiYo, curando-se dessa Iorma, ou se, pelo contrário, estenderia a sua área, criando caYernas cada Yez maiores e corroendo o órgão. James Tienappel ficou sabendo

da Iorma loucamente acelerada, galopante, desse processo, Tue em poucos meses e mesmo em algumas semanas leYaYa ao exitus; inIormou-se sobre a pneumotomia, técnica magistralmente praticada pelo conselheiro, e sobre a resseção pulmonar, Tue Iariam no dia seguinte, ou em breYe, numa doente recém-chegada em estado graYíssimo, uma escocesa outrora muito Iormosa, mas agora atacada de gangraena pulmonum, a necrose dos pulmões, de modo Tue nela operaYa uma peste negra-esYerdeada, Tue a obrigaYa a respirar durante todo o dia uma solução Yaporizada de ácido carbólico, para Tue não perdesse o Muízo de tanto noMo de si própria... E de súbito aconteceu ao cônsul, inopinadamente e para seu maior embaraço, desatar a rir. Explodiu numa gargalhada, procurou imediatamente conter-se, dominou-se, espantado, tossiu e empenhou-se em disIarçar, por todos os meios, a gaIe inexplicáYel. Verificou, porém, entre tranTuilizado e noYamente inTuieto, Tue Hans Castorp absolutamente não prestara atenção a esse incidente, Tue não lhe podia ter escapado; bem ao contrário, o sobrinho passou por cima dele com uma displicência Tue não era deYida ao tato, à consideração ou à cortesia, senão à mera indiIerença e impassibilidade, e maniIestaYa uma tolerância de dimensões exorbitantes, como se, haYia muito, Iosse incapaz de estranhar ocorrências dessa espécie. No entanto, o cônsul,

seMa porTue deseMaYa encobrir posteriormente com um manto de siso e de lógica o seu acesso de hilaridade, seMa por TualTuer outro motiYo, enYeredou de repente numa conYersa “só para homens”, “de mesa de bar”, e com as Yeias Irontais túrgidas meteu-se a Ialar de uma chansonnette, cantora de cabaré, um pedaço de mau caminho, Tue a essa época se exhibia no bairro de Sankt Pauli e com os seus encantos carregados de muito temperamento YiraYa a cabeça ao mundo masculino da república de Hamburgo. No decorrer dessa narratiYa, a língua de tio James mostrou-se um tanto embargada, mas não haYia necessidade de se preocupar com isso, uma Yez Tue a complacência inabaláYel do seu interlocutor eYidentemente contemplaYa esse Ienômeno. Contudo, o tio notou pouco a pouco a imensa Iadiga da Yiagem, Tue o dominaYa, a tal ponto Tue Má por Yolta das dez e meia optou pelo fim do encontro. No Yestíbulo, não ficou muito satisIeito Tuando toparam com o dr. KrokoZski, Tue estaYa lendo um Mornal Munto à porta de um dos salões, e ao Tual James Tienappel Ioi apresentado pelo sobrinho. Como resposta às palaYras enérgicas e alegres do assistente, o cônsul Ioi incapaz de proIerir mais do Tue “PerIeitamente, compreendo”. Deu-se por Ieliz Tuando o sobrinho, anunciando Tue iria buscá-lo às oito para o caIé da manhã, passou do Tuarto de Joachim, Má desinIetado, para o seu próprio, pelo caminho da sacada. Então o cônsul finalmente pôde deixar-se cair sobre a cama do desertor, com o

costumeiro cigarro de boa-noite. Foi por um triz que não provocou um incêndio, por duas vezes começou a cochilar com o toco aceso entre os lábios.

James Tienappel, que Hans Castorp chama de “tio James” ou simplesmente “James”, era um homem de pernas longas, à beira dos quarenta, que trazia ternos de tecidos ingleses e roupa de baixo de primeira qualidade; tinha cabelos parcos de um amarelo-canário, olhos azuis pouco distantes entre si, um bigodinho de palha semiaparado e mãos muito bem cuidadas. Esposo e pai há alguns anos, nem por isso se deixou levar a abandonar a espaçosa residência do velho cônsul, a residência de Hardestehude; desposara uma moça da sua classe social, que era tão civilizada e distinta quanto ele e Iola da mesma maneira sua, acelerada, correta e polida. Em casa, era considerado um homem de negócios muito enérgico, circunspecto e, apesar de toda a sua elegância, irremediavelmente realista; mas num ambiente onde reinavam costumes diferentes, por ocasião de viagens pelo sul do país, por exemplo, assumia certa atitude de assentimento precipitado, uma disposição cortês e pressurosa a autoanular-se, na qual se revelava não tanto uma insegurança quanto à própria cultura, mas sim, ao contrário, a consciência de uma forte reclusão dela em si mesma, bem como o desejo de corrigir, em si, o condicionamento aristocrático e de não deixar perceber a menor surpresa diante de formas de existência que lhe

pareciam incríveis. “Claro, perfeitamente, compreendo!”, apressa-se a dizer, para que ninguém pensasse que ele, embora distinto, era um espírito estreito. Chegara a Dano com uma missão precisa e concreta, com o encargo e na intenção de intervir com firmeza na situação do parente pavoroso, de “arrancá-lo” dali, segundo ele mesmo dizia, e devolvê-lo ao lar. E, todavia, não deixara de perceber que estava operando em terreno estranho. Desde o primeiro momento sentira-se acolhido por um mundo singular, um ambiente moral cuja autoconfiança não só não ficava para trás da que caracterizava seu próprio mundo, mas que chegava a ultrapassá-la; e com isso sua energia de homem de negócios entrou imediatamente em conflito com sua boa educação, em um conflito dos mais graves, inclusive; pois a confiança absoluta desse ambiente hospedeiro revelou-se

realmente opressora.

Era o que parecia Hans Castorp, quando, no seu íntimo, respondera ao cônsul com um sereno “Como quiser”. Mas não há por que crer que o sobrinho tivesse intenção de tirar partido, contra seu tio, da força de caráter do meio ambiente. Hans Castorp já estava por demais identificado com esse meio para que pudesse agir assim. Não era ele quem se afastava dessa força; pelo contrário, tudo ocorria com a simplicidade mais natural, desde o momento em que o primeiro pressentimento da

inutilidade da sua empresa apenas roçou o espírito do cônsul, até o clímax e o desfecho, Tue Hans Castorp, apesar de tudo, não pôde deixar de acompanhar com um sorriso melancólico.

Na primeira manhã, depois do café, durante o Tual o Yeterano apresentou o Yisitante à roda dos comensais, Tienappel traYou conhecimento com o conselheiro Behrens, Tue, comprido e corado, remando com as mãos, Ioi atraYessando a sala em companhia de seu assistente pálido, em negro, e passando de mesa em mesa com seu retórico “Dormiu bem?” de todos os dias... e Ioi então, digamos, Tue o cônsul soube, pelo conselheiro, ter sido não somente uma brilhante ideia de Merico Iazer companhia ao neYeou solitário, mas Tue ele também Iazia tal coisa em interesse próprio, porTue era claro estar totalmente anêmico. Anêmico, ele, Tienappel? Opa, e como!, Ioi o Tue Behrens retrucou, enTuanto abaixaYa com o indicador uma das pálpebras inIeriores do cônsul. Em alto grau!, ele acrescentou e disse Tue sr. Tio Iaria muito bem, caso se instalasse comodamente na sacada por algumas semanas, estendendo-se na espreguiçadeira e imitando em todos os pontos o exemplo de seu sobrinho. No estado dele o procedimento mais inteligente seria portar-se como se estiYesse atacado de uma leYe tuberculosis pulmonum, Tue aliás está latente em todas as pessoas.

— Perfeitamente, compreendo — apressou-se o cônsul a responder.

Com os olhos acompanhando por um instante a figura do médico com a nuca saliente, Tue remaYa embora, deixou-se ficar com a boca semiaberta, numa atitude polida e pressurosa, ao passo Tue a seu lado Hans Castorp se mantinha calmo e impassível. Então fizeram o passeio em direção ao banco Munto do curso d'água, como conYinha, e logo após James Tienappel Iez sua primeira hora de repouso, instruído por Hans Castorp; este, para reIorçar o plaid Tue o tio trouxera, emprestou-lhe um dos seus cobertores de lã de camelo — em Yista do bom tempo de outono, daYa-se por bem satisfeito com um só — e ensinou-lhe com todo o cuidado, manobra por manobra, a arte tradicional de se enrolar. Mesmo depois de o cônsul Má se achar agasalhado e conYertido numa múmia lisa e cilíndrica, o sobrinho desmanchou tudo e mandou o tio repetir o processo inteiro, corrigindo-o apenas em caso de necessidade. Mostrou-lhe ainda como fixar o guarda-sol na cadeira e orientá-lo em relação ao sol.

O cônsul entrou a graceMar. O espírito da planície ainda era Iorte nele, Tue zombaYa do Tue aprendia, como Má zombara da extensão preestabelecida do passeio Tue haYiam dado depois do caIé. Mas ao Yer o sorriso plácido e incompreensível com Tue o sobrinho acolhia suas ironias, no Tual

se espelhaYa toda a confiança serena. Tue inspiraYa a tradição local, assustou-se, temeu por sua energia de negociador e resolYeu proYidenciar sem demora a conYersa decisiYa com o conselheiro sobre seu sobrinho, o mais rápido possíYel, nessa mesma tarde, Tuando ainda pudesse conduzi-la com ideias próprias e as Iorças lá de baixo; pois as sentia diminuir, e percebia Tue o espírito do lugar, aliado à sua boa educação, constituía adYersário perigoso.

Além disso percebeu haYer sido desnecessário o conselho dado pelo médico de Tue ele se submetesse, em Yirtude de sua anemia, ao regime dos enIermos: isso Yinha por si mesmo, e não parecia seTuer possíYel imaginar uma alternatiYa; e para um homem bem-educado como ele não

haYia como discernir de antemão até Tue ponto tudo apenas parecia ser assim em Yirtude da tranTuilidade e segurança inabaláYel de Hans Castorp, nem até Tue ponto as coisas todas teriam mesmo Tue ser incontornaYelmente assim, e não de outra maneira. Nada parecia mais eYidente Tue ao primeiro repouso seguir-se a segunda reIeição da manhã, opulenta como era, e dessa reIeição resultar o passeio até “Platz” — e Hans Castorp, logo depois, embrulhar o tio mais uma Yez. Embrulhar, sim, essa era a palaYra. E ao sol de outono deixá-lo estendido numa cadeira cuMo conIorto era indiscutíYel e mesmo digno dos mais altos elogios. Era assim Tue ele próprio ficaYa, até Tue o

gongo ribombante os conYidasse a tomar o almoço em companhia dos demais pensionistas, um almoço excelente, saborosíssimo, e tão opulento Tue o repouso geral não se afiguraYa, a seguir, como mero hábito exterior, mas como necessidade interna a Tue todos se submetiam por conYicção pessoal. E assim por diante, até o estupendo Mantar e a reunião noturna no salão, em torno dos instrumentos ópticos. Nada haYia Tue obMetar contra uma ordem do dia Tue se impunha com tão branda naturalidade; ela não teria oIerecido oportunidade alguma para obMeções, mesmo Tue as capacidades críticas do cônsul não se encontrassem mingradas em Yirtude de seu estado, Tue ele não Tueria Tualificar de mal-estar, mas Tue representaYa uma combinação desagradáYel de Iadiga e excitação, acrescida de calor e de Irio.

Para marcar a conYersa com o conselheiro Behrens, ansiosamente almeMada, James Tienappel seguira a Yia hierárTuica. Hans Castorp dirigira o reTuerimento ao massagista, Tue o encaminhara à superiora, cuMa pessoa singular o cônsul Tienappel Yeio a conhecer nessa ocasião. Ela surgiu na sacada, onde o achou deitado, e suas maneiras estranhas impuseram dura proYa à boa educação do cônsul, indeIeso como ele estaYa, estendido no inYólucro cilíndrico dos cobertores. Que o prezado rapaz, Ioi o Tue ele

ou Yiu, ti Yesse paciência por alguns dias: o conselheiro anda Ya atarefado, com interações cirúrgicas e exames gerais. A humanidade so Redora tinha preferência, em conformidade com a ética cristã, e, como o cônsul alegasse estar bem de saúde, de Ya acostumar-se ao fato de não ser a Tui em cima o número um, mas ter que esperar na fila até chegar sua vez. Seria diferente se ele porventura tivesse pedido um exame médico, o que a ela, Adriática, não causaria espécie, pois basta Ya olhar-lhe nos olhos, assim, de perto, para ver que esta Yam turvos e inquietos; e a Mulgar por seu aspecto, absolutamente não dá Ya a impressão de estar com o organismo em perfeita ordem; que por isso não a levasse a mal, mas ele não lhe parecia lá muito limpo... E ela ainda tem de saber se o cônsul desejava uma consulta ou uma conversa de caráter particular. Uma entrevista particular, naturalmente, foi o que assegurou o cônsul, ali de seu leito. Ele que esperasse então até ser chamado. Para conversas particulares o conselheiro Tuase não dispunha de tempo.

Numa palavra, tudo se passou de um jeito bem diferente do que James imaginara, e a conversa com a superiora lhe havia desferido um golpe duradouro no equilíbrio. Por demais civilizado para dirigir-se com desabrida franqueza ao sobrinho, com aquela calma impassível demonstrava pleno acordo com os fenômenos ali de cima, e dizer-lhe que tão horrível lhe parecia

aTuela megera, limitou-se a sondar cautelosamente o terreno. Fez notar Tue a superiora parecia ser uma senhora muito original, o Tue Hans Castorp admitiu, até certo ponto, na medida em Tue lançou ao ar um olhar interrogador e perguntou ao tio, de sua parte, se a Mylendonk lhe Yendera um termômetro.

— Não! A mim? É a área de negócios dela? — tornou o tio. Ruim mesmo, no entanto, era depreender claramente da

fisionomia do sobrinho Tue ele não teria se admirado nem um pouco se isso de Iato tiYesse acontecido. “Nós não sentimos Irio”, era o Tue se lia nessa fisionomia. O cônsul,

porém, ressentia-se do Irio, ressentia-se dele sem cessar, apesar de a cabeça lhe arder, e pensou Tue se a superiora realmente lhe houYesse oIerecido um termômetro ele decerto o teria reMeitado, mas Tue isso não teria sido o mais correto, Má Tue não se podia, sob maneiras ciYilizadas, usar o termômetro de outra pessoa, como o do sobrinho, por exemplo.

Assim decorreram alguns dias, Tuatro ou cinco. A Yida do emissário aYançaYa sobre trilhos — sobre os trilhos Tue se achaYam preparados para ela, e dos Tuais parecia inimagináYel apartar-se. O cônsul tinha lá suas experiências, recebia impressões — mas deixemos de bisbilhotá-lo. Um belo dia, no Quarto de Hans Castorp, apanhou uma chapinha de Yidro preto Tue, recostada num minúsculo caYalete laYrado, se

acha-a na cômoda, junto com outros objetos pessoais com
que o morador do asseado aposento comprazia-se em adorná-
lo. Mantendo-a contra a luz, verificou tratar-se de um negativo
fotográfico.

— Que é isso? — perguntou o tio, contemplando-o... E bem havia
por que perguntar! O retrato não tinha cabeça; era o esqueleto de
um torso humano, enfiado numa néquia de carne: um torso
feminino, a propósito, como se podia reconhecer.

— Isso? É uma lembrança — disse Hans Castorp. Ao que o tio
replicou:

— Perdão!

E logo recolheu o retrato no cofazete, afastando-se depressa. Isso
apenas como exemplo de suas experiências e impressões
nesses quatro ou cinco dias. Também participou de uma
conferência do dr. Krokowski, uma vez que era impossível ficar
de fora. E quanto à ambicionada entrevista particular com o dr.
Behrens, teve a satisfação de obtê-la no sexto dia. Marcaram-lhe
uma hora, e depois do café da manhã desceu ao subsolo,
decidido a dizer algumas palavras enérgicas a respeito de seu
sobrinho e do tempo que este desperdiçava ali.

Quando voltou, perguntou numa voz assolada:

— Você já tinha ouvido algo assim?!

Mas era claro que Hans Castorp não ouviu algo assim, e tampouco diante disso ele sentiria irritação; então o tio cortou a conversa, e às perguntas pouco curiosas do sobrinho limitou-se a responder “Ah, nada, nada!”, só que a partir daquele momento passou a manifestar um novo hábito: o de olhar habitualmente para cima, com o cenho franzido e os lábios em bico, para, logo depois, virar a cabeça num movimento brusco e fixar em direção oposta o olhar que acabamos de descrever... A conversa com Behrens seguira um curso diferente do que o cônsul previa? Falara-se não somente de Hans Castorp, mas também do próprio James Tienappel, a tal ponto que a conversa perdera o caráter de entrevista particular? A conduta do cônsul não a fez entender que sim. Ele se mostrava bastante animado, tagarela muito, ria sem motivo, acotovelava o flanco do sobrinho e exclamava:

— Que tal, meu velho?

E de vez em quando reaparecia aquele olhar, primeiro numa, depois noutra direção. Mas seus olhos seguiam também rumos mais precisos, tanto à mesa como durante os passeios regulamentares e as reuniões noturnas.

De início o cônsul não prestara maior atenção a uma certa sra. Redisch, esposa de um industrial polonês, que tinha o seu lugar à mesa da sra. Salomon, ora ausente, e do colegial Yoraz de óculos redondos; e de fato ela não passava de uma das

numerosas damas Tue poYoaYam os alpendres de repouso, uma baixinha morena, encorpada, Má não muito MoYem, ligeiramente grisalha, com uma papada graciosa e olhos castanhos muito YiYos. Sob o ponto de Yista de sua ciYilidade, não poderia comparar-se de modo algum com a esposa do cônsul Tienappel, lá embaixo, na planície. Mas na noite de domingo, depois do Mantar, o cônsul fizera no Yestíbulo, graças a um Yestido preto Tue ela traMaYa, muito decotado e enIeitado de lanteMoulas, a descoberta de Tue a sra. Redisch tinha seios, de uma alYura mate, seios de mulher, muito apertados um contra o outro e cuMa linha média se perdia decote adentro; e essa descoberta abalara o homem maduro e refinado até o Iundo de sua alma, entusiasmara-o como Iosse coisa inédita, insuspeitada, inaudita. Tratou de se apresentar à sra. Redisch, e logo conseguiu; então conYersou longamente com ela, primeiro de pé, depois sentado, e Tuando Ioi dormir recolheu-se cantarolando. No dia seguinte, a sra. Redisch Má não enYergaYa o Yestido preto com as lanteMoulas, mas apareceu toda coberta. Mas o cônsul sabia o Tue sabia, e Ioi fiel a suas impressões. Empenhou-se em encontrar a senhora durante os passeios regulamentares para caminhar a seu lado e conYersar com ela de Iorma especialmente galante e eIusiYa. À mesa, bebia à saúde dela, ao Tue ela retribuía com um sorriso Tue Iazia brilhar as cápsulas de ouro a reYestir seus dentes; numa conYersa com o sobrinho o cônsul

chegou a declarar que a sra. Redisch era realmente uma “mulher diYina”, para depois tornar a cantarolar. Hans Castorp suportava tudo aquilo com serena indulgência, e sua fisionomia expressava que essas coisas lhe pareciam naturais. Mesmo assim elas não contribuíam para consolidar a autoridade do parente mais velho e condiziam mal com a missão do cônsul.

A recepção durante a qual ele saudou a sra. Redisch com o copo erguido, e isso por duas vezes — ao chegar o ragu de peixe, e mais tarde, quando serviram o sorvete —, foi a mesma que o conselheiro Behrens tomou à mesa de Hans Castorp e do visitante, uma vez que era seu costume comer alternadamente em cada uma das sete mesas; em todas elas, em uma das pontas, sempre havia, afinal, um lugar reservado para ele, em posição de destaque. Com as enormes manzorras montadas diante do prato, e com o bigodinho retorcido, o médico deixava-se ficar entre o sr. Wehsal e o corcunda mexicano, com o qual conversava em espanhol — pois sabia todas as línguas, inclusive húngaro e

turco. Com os olhos azuis saltados e estriados de sangue, observou como o cônsul Tienappel saudava a sra. Redisch com a taça de bordeaux. Mais tarde, no decorrer da recepção, o conselheiro fez uma pequena preleção, animado por James, que, do outro extremo da mesa, lhe perguntou à meia-roupa o que se passava com o homem quando apodrecia. O conselheiro,

afinal, estudara as coisas do corpo, o corpo era sua especialidade, e se poderia intitulá-lo uma espécie de príncipe do corpo, se ele lhes permitisse a expressão: ele Tue lhes fizesse a gentileza de inIormá-los, então, o Tue ocorria Tuando o corpo se decompunha!

— Antes de tudo é a barriga Tue lhe estoura — explicou o conselheiro, fincando os cotoYelos na mesa e inclinando-se sobre as próprias mãos postas. — O senhor está estendido sobre seu leito de serragem e estilhas, e os gases, sabe, começam a inchar-lhe o cadáYer, intumescê-lo poderosamente, assim como meninos malYados Iazem com as rãs Tue eles enchem de ar. Aos poucos, o senhor se transIorma num Yerdadeiro balão, a pele do seu Yentre não suporta mais a tensão e rebenta. Cabum!, e com isso o senhor sente grande alíYio, Iaz como Judas Iscariotes ao cair do galho: todas as suas entranhas se derramam. Bem, e depois disso o senhor Yolta, em certo sentido, a ser apresentáYel em sociedade. Se lhe concedessem uma Iolga, poderia Iazer uma Yisita a sua Iamília enlutada sem lhes causar impressão tão ruim. É o Tue se chama deixar de Ieder. Depois disso pode-se sair ao ar liYre; a gente Yolta a tornar-se um tipo decente, como aTueles cidadãos de Palermo pendurados nos subterrâneos do conYento dos capuchinhos, do lado de Iora da Porta NuoYa. Pendem ali seTuinhos e elegantes e gozam de estima geral. O mais importante é deixar de Ieder.

— Compreendo — disse o cônsul. — Muito, muito obrigado mesmo!
— E no dia seguinte, pela manhã, tinha desaparecido.

Fora-se, partira com o primeiro trenzinho para a planície.

Claro Tue deixara tudo em ordem. Quem poderia pensar o contrário? LiTuidara a conta, pagara o preço de um exame médico, e clandestinamente, sem nada dizer ao sobrinho, aprontara as duas maletas, talYez à noite ou de madrugada. Quando Hans Castorp, na hora do caIé da manhã, entrou no Tuarto do tio, encontrou-o desocupado.

Com as mãos nos Tuadris, exclamou “Ora essa!”, e nesse instante sua fisionomia esboçou um sorriso melancólico. “Então é assim”, disse e sacudiu a cabeça. Alguém acabaYa de saIar-se, com os pés pelas mãos, numa pressa silenciosa, como se precisasse aproYeitar a resolução de dado momento para não perder a oportunidade; e assim atirara as coisas na maleta e sumira-se: sozinho, não a dois, sem haYer cumprido sua missão honrosa, dando-se por muitíssimo satisIeito por escapar são e salYo, esse homem de Yalor, o trânsIuga Tue desertaYa para a bandeira da planície, o tio James! Pois então, boa Yiagem!

Hans Castorp não deixou transparecer a ninguém Tue nada soubera da partida de seu Iamiliar em Yisita, em especial ao porteiro coxo, Tue acompanhara o tio até a estação. Recebeu do lago de Constança um cartão-postal cuMo conteúdo

inIormaYa Tue James, chamado por telegrama, se Yira obrigado a regressar à planície por causa de negócios. Não Tuisera incomodar o sobrinho... Uma mentira Iormal! “Que sua estada continue sendo agradáYel!” Era ironia? Nesse caso, seria bastante Iorçada, Mulgou Hans Castorp, pois o tio decerto não pensara em graceMos e zombarias Tuando se lançara à Yiagem de Yolta, mas percebera numa Yisão íntima, isso sim, e pálido de terror, Tue se Yoltasse à planície depois de haYer passado oito dias aTui em cima, ainda leYaria muito tempo para deixar de considerar errada, contrária à natureza e inconYeniente a Yida de uma pessoa Tue, após o caIé da manhã, ao inYés de sair para o passeio regulamentar e estender-se ao ar liYre, embrulhada em cobertores segundo o ritual, simplesmente se encaminhasse ao escritório. E

essa percepção assustadora Iora o motiYo imediato da sua Iuga.

Terminou assim a tentatiYa da planície de se reapossar do IugitiYo Hans Castorp. O MoYem não se iludiu Tuanto à importância decisiYa desse malogro, Má preYisto por ele, no Tue dizia respeito às suas relações com a gente lá de baixo. Para a planície, o malogro significaria renúncia definitiYa, acompanhada de um dar de ombros; para ele, porém, liberdade plena, em Iace da Tual seu coração, aos poucos, Má deixaYa de estremecer.

OPERACIONES SPIRITUALES

Leo Naphta era natural de um lugaremo situado nas proximidades da fronteira entre a Galícia e a Volínia. Seu pai, do Tual IalaYa com respeito e sob o sentimento claro de Má estar suficientemente distanciado do mundo de sua origem para poder Mulgá-lo com benevolência, Iora schochet, açougueiro ritual: e Tuanto esse ofício de Ieria daTuele exercido pelo açougueiro cristão, Tue era artífice e comerciante. O pai de Leo não era nem uma nem outra coisa. Era uma autoridade de caráter religioso. Examinado pelo rabino Tuanto à sua habilidade piedosa, autorizado por ele a abater, em conformidade com os preceitos do Talmude, o gado Tue a lei de Moisés consideraYa apto para esse fim, Elia Naphta, cuMos olhos cheios de espiritualidade plácida haYiam brilhado, segundo a descrição do filho, com um esplendor estelar, reYelara ele próprio, em todo seu ser, o cunho sacerdotal, uma solenidade Tue lembraYa Tue nos tempos antigos a Iunção de degolar animais coubera aos sacerdotes. As Yezes em Tue Leo, ou Leib, como o chamaYam na infância, tiYera ocasião de Yer o pai desempenhar-se das suas tarefas rituais no pátio, aMudado por um oficial enorme, um rapagão daTuele tipo atlético Tue se encontra entre os Mudeus, e o Irágil Elia, com a barba loura aparada em Iorma oYal, de aparência ainda mais delgada e mais Iranzina ao lado

daTuele gigante, brandia a grande Iaca de schochet contra o animal atado, amordaçado, mas não aturdido, para abrir-lhe um proIundo talho à altura da Yértebra cerYical, enTuanto o aMudante, em tigelas Tue se enchiam rapidamente, apanhaYa o sangue Iumegante Tue brotaYa do corpo, o menino contemplaYa esse espetáculo com o olhar da criança Tue muito além das aparências YisíYeis penetra até a essência das coisas, olhar Tue o filho do Elia de olhos estelares deYe ter possuído em grau incomum. Leo sabia Tue os carnicheiros cristãos tinham a obrigação de atordoar os animais com um golpe de maceta ou de machado antes de matá-los, e Tue essa prescrição lhes era imposta a fim de eYitar ao gado um tratamento torturante e impiedoso. Seu pai, por sua Yez, embora muito mais delicado e sábio Tue aTueles lorpas, e ainda dotado de olhos estelares como nenhum deles, procedia conIorme a lei, dando o golpe mortal à rês não aturdida e deixando-a derramar seu sangue até cair exausta. O menino Leib percebia instintiYamente Tue o método desses goMim grosseiros era inspirado por uma bondade Iácil e proIana, e Tue dessa Iorma não se prestaYa ao ato sagrado a mesma honra Tue ele gozaYa em Yirtude do rigorismo solene do rito paterno. O conceito da deYoção ligaYa-se, no seu íntimo, ao da crueldade, assim como na sua imaginação o aspecto e o cheiro do sangue a Morrar acompanhaYam a ideia do sagrado e do espiritual. Pois

compreendia perfeitamente que o pai não se deturcava ao seu
oÍcio sanguinário pelo mesmo gosto brutal que talvez
determinasse a escolha de rapazes cristãos robustos e de seu
próprio aMudante; motivos espirituais haviam-no influenciado,
apesar do seu físico frágil, e em harmonia com os seus olhos
estelares.

Elia Naphtali era realmente um sonhador e pensador; não se
limitara a estudar a Torá, mas também interpretava a Escritura,
cuMas máximas discutia com o rabino, chegando a altercar com
ele, não raras vezes. Na região, e não apenas entre seus
correligionários, era considerado homem extraordinário, que
sabia mais que os outros, em parte devido à sua piedade, em
parte também graças a conhecimentos suspeitos, talvez, e em
todo caso contrários à ordem natural das coisas. Havia nele um
tuê de irregularidade sectária, algo de um confidente de Deus, de
um Baal-Schem ou Zaddik, que dizer, um taumaturgo, tanto
mais que, de fato, em certa ocasião curara uma mulher de uma
erupção maligna, e em outra ocasião, um garoto de convulsões, e
tudo isso por meio de sangue e

palavras. Mas justamente esse nimbo de uma piedade um tanto
ousada, no qual o cheiro de sangue da sua profissão
desempenhava um papel, tornou-se causa de sua perdição. Em
consequência de um motim e de uma irrupção da Índia popular,
provocada pela morte não esclarecida de duas crianças cristãs,

Elia foi trucidado de forma horrorosa: encontraram-no crucificado, fixado com cravos à porta da sua casa incendiada. Sua esposa, física e acamada, abandonou em seguida o país, com os filhos, o menino Leib e seus quatro irmãozinhos, todos se lamentando e gemendo, de braços erguidos ao céu.

Graças à providência de Elia, a família não estava inteiramente desprovida de recursos e encontrou asilo numa cidadezinha do Vorarlberg. Ali a sra. Naphta se empregou numa fiação de algodão, onde trabalhou o quanto pôde e enquanto duraram suas forças, para que os filhos mais velhos frequentassem a escola primária. Mas, se a sabedoria ministrada por esse estabelecimento bastava ao talento e às necessidades dos irmãos de Leo, absolutamente não se dava o mesmo com ele. herdara da mãe o germe da doença pulmonar, e do pai, além da complexão delgada, um discernimento fora do comum, dons intelectuais que desde cedo andavam unidos com instintos altivos, com a ambição do sublime, com a nostalgia angustiosa de formas de vida mais aristocráticas, e lhe inundavam o coração apaixonado de elevar-se acima da esfera da sua origem. Fora da escola, o adolescente de catorze ou quinze anos formava o seu espírito de modo impaciente e descontrolado, por meio de livros que soube arranjar e com os quais nutria a inteligência. Pensava coisas e manifestava ideias que induziam a mãe a encolher a cabeça

entre os ombros e a leYantar ao céu as magras mãos espalmadas. Pela sua índole e suas respostas chamou durante o ensino religioso a atenção do rabino distrital, homem pio e erudito, Tue o escolheu para aluno particular e lhe satisIez a predileção Iormal com aulas de hebraico e línguas clássicas, e a ânsia de lógica com ensinamentos matemáticos. Mas a solicitude do homem Ioi muito mal recompensada. EYidenciou-se cada Yez mais nitidamente Tue ele acolhera uma serpente em seu seio. Repetiram-se as contendas Tue outrora houYera entre Elia Naphta e seu rabino; não se puseram de acordo; entre o proIessor e o discípulo surgiram diYergências religiosas e filosóficas Tue se agrayaram de Iorma crescente, e o honrado teólogo muito teYe Tue soIrer em Yirtude da insubmissão intelectual do MoYem Naphta, sua tendência crítica e cética, espírito de contradição e dialética afiada. Acresceu-se a isso Tue a sutileza e rebeldia intelectual de Leo acabaram por assumir um caráter reYolucionário: o contato com o filho de um deputado social-democrata da Assembleia Imperial e com o próprio representante popular haYia orientado para a política o espírito do adolescente e imprimido à sua paixão pela lógica o rumo da crítica social. Leo ousou maniIestar ideias Tue fizeram eriçar os cabelos do bom talmudista, orgulhoso da sua própria lealdade, e Tue finalmente desmancharam a amizade entre o proIessor e o aluno. Numa

palaYra, as coisas chegaram ao ponto de Naphta ser amaldiçoado pelo seu mestre e definitivamente expulso do seu gabinete de estudos. Isso sucedeu Mustamente na época em Tue a sua mãe, Rakel Naphta, estaYa agonizante.

Também por esse tempo, imediatamente após o transpasse da mãe, Leo traYou conhecimento com o padre Unterpertinger. O MoYem de dezesseis anos estaYa sentado, solitário, num banco do parTue de MargarethenkopI, numa colina situada ao oeste da cidadezinha, à beira do Ill, donde se descortinaYa uma Yista ampla e alegre sobre o Yale do Reno. AchaYa-se ali, absorto em pensamentos sombrios e amargos Tuanto ao seu destino e Iuturo, Tuando um proIessor do instituto Mesuítico Stella Matutina, ao passear pelo parTue, sentou-se a seu lado, pôs o chapéu no banco, cruzou as pernas sob a sotaina de padre secular e, após ter lido algumas páginas do seu breYiário, entabulou uma

conYersa Tue se tornou muito animada e estaYa Iadada a decidir a sorte de Leo. O Mesuíta, homem experiente, de trato aIáYel, pedagogo apaixonado, bom psicólogo e hábil pescador de almas, aguçou o ouYido, desde as primeiras Irases, articuladas com sarcástica clareza, Tue o mísero Mudeuzinho proIeriu em resposta às suas perguntas. Sentiu nelas o sopro de uma espiritualidade aguda e atormentada e, penetrando mais a Iundo, topou com um saber e uma elegância maliciosa de pensamento

Tue a aparência de maltrapilho do rapaz apenas tornaYa mais surpreendentes. Falaram de Marx, cuMo Capital Leo Naphta estudara numa edição popular, e daí passaram para Hegel, do Tual ou sobre o Tual o MoYem também lera o suficiente para Iormular algumas obserYações incisivas. Fosse por uma inclinação geral ao paradoxo, Iosse deYido à intenção de agradar, chamou Hegel de “pensador católico”; Tuando o padre, sorrindo, lhe perguntou em Tue se IundaYa essa opinião, uma Yez Tue Hegel, na sua Tualidade de filósoIo oficial da Prússia, deYia ser considerado lógico e essencialmente protestante, replicou o MoYem Tue as próprias palaYras “filósoIo oficial” confirmaYam Tue, no sentido religioso, embora naturalmente não no sentido eclesiástico-dogmático, sua afirmação da catolicidade de Hegel estaYa certa. Pois (Naphta gostaYa muitíssimo dessa conMunção, Tue na sua boca adTuiria um caráter triunIal e inexorável e Iazia-lhe os olhos relampeMarem atrás dos óculos, cada Yez Tue tinha oportunidade de inseri-la nas suas deduções), pois o conceito de político achaYa-se psicologicamente Yinculado ao de católico, ambos IormaYam uma categoria Tue abrangia tudo Tuanto Iosse obMetiYo, operante, atiYo, realizador, e tudo Tue produzisse eIeitos externos. A essa categoria opunha-se a esIera pietista, protestante, Tue tinha a sua origem na mística. No Mesuitismo, ele acrescentou, tornaYa-se eYidente a natureza político-pedagógica

do catolicismo; essa ordem sempre considerara a estadística e a educação domínios seus. E

ainda citou Goethe, que, embora arraigado no pietismo e indiscutivelmente protestante, tinha um forte cunho católico, em virtude do seu objetivismo e da sua doutrina da ação, chegando a declarar a confissão auricular e mostrando-se ao menos como educador.

Não importa que Napoleão tivesse dito essas coisas por acreditar nelas, ou por achá-las espirituosas, ou finalmente na intenção de comprazer ao seu interlocutor, como faz um homem pobre que de qualquer maneira e calcula com precisão o que lhe pode ser útil ou prejudicial. Fosse como fosse, o padre preocupou-se menos com o valor verdadeiro dessas palavras do que com a inteligência geral que elas documentavam. A conversa prosseguiu, e dentro em pouco o jesuíta conhecia a situação particular de Leo. A entrevista terminou com um convite de Unterpertinger para que Napoleão o visitasse no instituto.

Assim deu-se que Napoleão pudesse pôr os pés no solo da Stella Matutina, cuja atmosfera científica e socialmente elevada desde muito o atraía; e mais que isso: graças ao rumo que as coisas acabavam de tomar, obteve um novo mestre e protetor, mais disposto que o anterior a lhe apreciar e estimular a índole; um mentor cuja bondade, iria por natureza, baseava-se no conhecimento do mundo, e em cujo círculo de vida o

MoYem anelaYa adentrar. Semelhante a muitos Mudeus talentosos, Naphta tinha um instinto ao mesmo tempo reYolucionário e aristocrático; era socialista e também dominado pelo sonho de participar de uma Iorma de Yida soberba, distinta, exclusiYa e ordenada. A primeira maniIestação Tue lhe inspirara a presença de um teólogo católico Iora, embora se apresentasse sob a Iorma de pura análise comparatiYa, uma declaração de amor à IgreMa Romana, Tue se lhe afiguraYa como uma potência nobre e espiritual, Tuer dizer antimaterial, contrária à realidade hostil do mundo, e portanto reYolucionária. Essa homenagem era sincera e tinha raízes no Iundo do seu ser: como ele próprio explicaYa, o Mudaísmo, graças à sua

orientação terrena e obMetiYa, graças ao seu caráter socialista e à sua espiritualidade política, achaYa-se muito mais próximo da esIera católica, era infinitamente mais congênere dela do Tue o protestantismo na sua mania de ensimesmar-se e na sua subMetiYidade mística. Assim, a conYersão de um Mudeu à religião católica representaYa, do ponto de Yista da IgreMa, um processo muito mais Iácil Tue a conYersão de um protestante.

Separado do pastor da sua comunidade religiosa de origem, órIão, desamparado, e ainda ansioso por respirar um ar mais puro, por gozar o estilo de Yida Tue lhe cabia deYido ao seu

talento, Naphta, Tue desde haYia algum tempo atingira a idade legal Tue o capacitaYa para escolher sua religião, estaYa tão impaciente por consumir o ato da conYersão Tue seu “descobridor” pôde dispensar TualTuer esIorço no sentido de conTuistar essa alma, ou bem mais, esse cérebro extraordinário, para o mundo da sua confissão. Já antes de receber o sacramento do batismo, Naphta encontrara, atraYés da influência do padre, asilo proYisório no Stella Matutina, Tue lhe garantia o seu alimento material e intelectual. Domiciliou-se ali, abandonando, com a maior eTuanimidade e com a insensibilidade de um aristocrata do espírito, os seus irmãos mais moços à caridade pública e àTuele destino Tue eles mereciam em Yirtude dos seus dons medíocres.

As terras do educandário eram tão extensas Tuanto os seus ediÍcios, Tue podiam abrigar aproximadamente Tuatrocentos alunos. O conMunto abrangia bosTues e prados, meia dúzia de campos de Mogo, celeiros, estábulos para centenas de Yacas. O instituto era ao mesmo tempo um pensionato, uma granMa-modelo, uma academia de esportes, uma escola de sábios e um templo das Musas; pois, sem cessar, haYia representações teatrais e concertos. A Yida era senhoril e claustral. A disciplina, a elegância, a alegria discreta, a espiritualidade, a cultura esmerada, a precisão do Yariadíssimo programa diário, tudo isso aIagaYa

os instintos mais profundos de Leo. O moço transbordava de felicidade. Ministrou-lhe excelentes manjares num Yastorefeitório, onde o silêncio era de regra, assim como nos corredores do estabelecimento, em cujo centro um Moço prefeito, sentado numa cátedra elevada, lia em voz alta para os alunos Tomavam a leitura. O zelo de Naphta nos estudos era ardente, e apesar da sua debilidade física fazia toda espécie de esforços para não se deixar superar, à tarde, nos jogos desportivos. A devoção com que todas as manhãs assistia à primeira missa e participava do ofício dominical devia causar prazer aos padres pedagogos. Seu comportamento e suas maneiras satisfaziam-nos da mesma forma. Nos dias de festa, pela tarde, depois de comer doces e beber vinho, ia passear, trazendo o uniforme cinzento e verde, com o colarinho engomado, boné e barras nas calças.

Sentia-se deslumbrado de gratidão diante das considerações com que eram tratados a sua origem, o seu cristianismo recente e a sua situação particular em geral. Ninguém parecia saber que ele se beneficiava de uma Yaga gratuita. O regulamento da casa desviava a atenção dos companheiros do fato de ele não ter nem família nem pátria. Quanto à remessa de víveres ou guloseimas existia uma proibição geral. Encomendas que chegavam apesar disso eram repartidas entre todos, e também Leo recebia a sua parte. O cosmopolitismo da instituição

impedia que a sua origem racial aparecesse de modo evidente. Há lá MoYens de terras exóticas, sul-americanos de origem portuguesa, cujo aspecto era mais “Mudeu” que o dele, e dessa forma o conceito deixou de subir à tona. O príncipe etíope que entrara ao mesmo tempo que Naphta, inclusive, era um negro típico, com cabelos lanosos, e mesmo assim muito distinto.

Na classe de retórica, Leo não estava o desejo de estudar teologia, para que um dia pudesse pertencer à ordem, se é que fosse Mulgado digno. Isso talvez por consequência de sua Yaga gratuita foi transferida do segundo internato, onde o regime era mais modesto, para o primeiro. Agora era ser Yido à mesa por criados, e seu cubículo no dormitório achava-se situado entre o de um nobre silesiano, o conde Von HaruYal e Chamaré, e o do marTlês Di Rangoni- Santacroce, de Modena. Passou brilhantemente pelos exames e, fiel aos seus propósitos, abandonou o educandário e mudou-se para o noYiciado na Yizinha aldeia de Tisis, onde passou a leYar uma Yida de humildade obediente, de subordinação muda e de adaptação religiosa, Yida que lhe proporcionava prazeres espirituais no sentido das concepções Ianáticas de épocas distantes.

Nesse meio-tempo, porém, sua saúde sofreu um abalo, menos por causa do rigor da Yida de noYiço, que não carecia de oportunidades para fortalecer o corpo, do que em Yirtude de

processos que se desenrolavam no seu íntimo. A sutileza e a sagacidade dos processos pedagógicos de que ele era submetido iam ao encontro dos seus talentos particulares, e ao mesmo tempo prolocavam-nos. Durante as operações espirituais às quais consagrava os seus dias e ainda parte das suas noites, no curso de todos esses exames de consciência, contemplações, ponderações e introspecções, ele se enredava em milhares de dificuldades, contradições e dúvidas, pois movia-o uma paixão pela contenda. Logo era o desespero, e também a grande esperança, do diretor dos seus exercícios, a quem acossava dia por dia com sua lúria dialética e falta de ingenuidade.

— Ad haec quid tu? — perguntava, com as lentes dos óculos cintilando.

E o padre posto contra a parede não tinha outro recurso senão recomendar-lhe a prece, para que conseguisse a tranquilidade do coração, “ut in aliquem gradum quietis in anima perveniat”.¹² Mas, essa “tranquilidade” consistia, quando obtida, num completo embotamento da vida individual e na redução total a um mero instrumento, era a paz de um cemitério do espírito, cujos sinais exteriores

sinistros Naphta podia muito bem estudar entre os seus companheiros em mais de uma fisionomia de olhar parado, e que ele mesmo nunca lograria alcançar por outro caminho que não o da ruína corporal.

Fala em IaYor do níYel intelectual dos seus superiores o Iato de Tue essas reserYas e obMeções em nada diminuía a estima de Tue Naphta gozaYa Munto deles. O próprio padre proYincial chamou-o pelo fim dos dois anos de noYiciado, conYersou com ele e autorizou-lhe a admissão na ordem. O MoYem escolástico, Tue recebera Tuatro ordenações inIeriores, a saber, a do porteiro, a do acólito, a do leitor e a do exorcista, e Tue também fizera os Yotos “simples”, passou, com isso, a pertencer em definitiYo à Companhia, e partiu para o colégio de Falkenburg, na Holanda, a fim de se dedicar aos estudos de teologia.

Tinha então Yinte anos, e nos três anos seguintes, sob a influência de um clima preMudicial e de excessiYos esIorços intelectuais, o mal hereditário realizou tamanhos progressos Tue sua permanência no colégio só teria sido possíYel com perigo de Yida. Uma hemoptise Tue soIreu alarmou os seus superiores, e, depois de ele se achar durante semanas inteiras entre a Yida e a morte, enYiaram o MoYem precariamente restabelecido ao lugar donde Yiera. No mesmo estabelecimento onde Iora educado, Leo encontrou colocação como preIeito, Yigilante dos alunos e proIessor de humanidades e filosofia. Esse interlúdio Iazia parte do regulamento, só Tue normalmente se YoltaYa ao colégio depois de poucos anos de serYiço, para prosseguir e concluir os sete anos de estudos teológicos. Disso o irmão

Naphta não pôde usufruir. Continuava em Iermo; o médico e os superiores Mulgaram. Tão sereno nesse lugar com a saudade, a companhia dos alunos e as ocupações agrícolas eram o que lhe continha por enquanto. Naphta recebeu a primeira ordenação superior e obteve assim o direito de cantar a Epístola na missa solene dos domingos — direito que ele não exercia, em primeiro lugar por que lhe faltava

por completo o talento musical, e em segundo, por causa da doença, que lhe tornava a voz esganiçada e fazia-a pouco apta para cantar. Não progrediu além do subdiaconato — não alcançou o diaconato, muito menos a ordenação sacerdotal; e como a hemoptise se repetisse, e a febre não desse mostras de ceder, teve que submeter-se, à custa da ordem, a um tratamento prolongado. Instalara-se em Dáyo, onde se encontrava há mais de cinco anos. Mal se podia falar de um tratamento, senão de uma condição fixa da sua existência, que exigia atmosfera rarefeita e que alguma atividade como professor de latim no ginásio dos enfermos tornava menos penosa...

Essas coisas, além de outros pormenores, foram chegando ao conhecimento de Hans Castorp pela boca do próprio Naphta, quando o visitava em sua cela forrada de seda, ora sozinho, ora

acompanhado dos seus comensais Ferge e Wehsal, Tue apresentara ao anfitrião, ou Tuando o encontraYa num passeio e regressaYa com ele até o “YilareMo”. Ia conhecendo esses detalhes ao acaso, em Iragmentos ou sob a Iorma de narratiYas coesas, e não somente os achaYa extraordinariamente interessantes, mas também incitaYa Ferge e Wehsal a considerá-los sob o mesmo prisma, o Tue de Iato acontecia. Verdade é Tue o primeiro nunca deixaYa de acrescentar a restrição de não entender de coisas sublimes (uma Yez Tue unicamente a experiência do choTue pleural o eleYara acima das mais humildes dentre as contingências humanas). Wehsal, porém, regoziMaYa-se YisiYelmente com a carreira aIortunada de um homem outrora opresso pelo destino, essa carreira Tue agora, como para abater TualTuer soberba, se Yia interrompida e parecia encalhar no mal Iísico Tue eles tinham em comum.

Hans Castorp, por sua Yez, lamentaYa essa estagnação e recordaYa com orgulho e desassossego o honrado Joachim, Tue num esIorço heroico rasgara a rede resistente da retórica de Radamanto e Iugira ao encontro de seu estandarte, a cuMa haste, imaginaYa Hans Castorp, ele ora deYia estar agarrado, erguendo três dedos da mão direita para prestar o Muramento de fidelidade. Também Naphta tinha uma bandeira à Tual Murara, e sob cuMa proteção se encontraYa,

como ele mesmo dizia, ao informar Hans Castorp acerca da organização da ordem; mas, em vista de todas as suas reservas e combinações, era-lhe notadamente menos fiel do que Joachim à sua. Hans Castorp, contudo, como paisano e filho da paz, sempre lhe escutava o Mesquita ci-deYant, ou o futuro Mesquita, sentia fortalecer-se sua opinião de que cada qual dos dois devia olhar com simpatia a profissão do outro e perceber o parentesco estreito que havia entre ambas. Eram estamentos militares, tanto uma como a outra, e isso sob muitos aspectos: sob o da “ascese” e sob o da hierarquia, o da obediência e o do pundonor espanhol. Esse último desempenhava um papel importantíssimo na ordem de Naphta, que tinha origem na Espanha, e cuja regra de exercícios espirituais, espécie de precursora do regulamento que Frederico da Prússia deu à sua infantaria, era, na sua forma original, redigida em espanhol. Por isso ocorria frequentemente a Naphta empregar termos espanhóis nas suas narrativas e explicações. Falava então das “dos banderas”, em torno das quais os exércitos se agrupavam para a grande investida: o exército interno e o clerical; este na região de Jerusalém, comandado por Cristo, o “capitán general” de todos os Mustos; e o outro na planície da Babilônia, onde Lúcio bancava o “caudillo” ou chefe do bando...

O Instituto Stella Matutina não era, enfim, uma Verdadeira escola de cadetes, cuMos alunos, distribuídos em “diYisões”, iam sendo orientados no sentido honroso de uma bienséance clerical-militar, Tue representaYa, por assim dizer, uma combinação de “colarinho engomado” e “golilha espanhola”? Ora, pensou Hans Castorp, se a ideia de honra e distinção desempenhaYa no estamento de Joachim um

papel tão brilhante, com Tuanta nitidez ela não aparecia naTuele outro estamento, Tue Naphta desgraçadamente tiYera Tue abandonar em razão da doença! A crer neste último, a ordem compunha-se exclusiYamente de oficiais ambiciosos, cuMo único pensamento era distinguir-se no serYiço. (“Insignes esse”, dizia-se em latim.) Segundo a doutrina e o regulamento do Iundador e primeiro geral, o espanhol Loyola, tais homens prestaYam serYiços maiores, serYiços mais grandiosos do Tue todos aTueles Tue agiam guiados pela mera razão. RealizaYam a sua obra “ex superrogatione”, indo além do seu deYer; não se limitaYam a resistir à rebelião da carne (“rebellioni carnis”), o Tue não passaYa, em suma, daTuilo Tue Iaz todo homem dotado de bom senso, mas também combatiam as tendências para a sensualidade, o egoísmo e o amor às coisas mundanas, até em assuntos geralmente considerados lícitos. Pois agir em detrimento do inimigo, “agere contra”, Tuer dizer, atacar, era mais honroso e mais importante Tue apenas deIender- se

(“resistere”). “Debilitar e desbaratar o inimigo!”, rezaYa o regulamento de campanha, e mais uma vez o seu autor, o espanhol Loyola, estaYa plenamente de acordo com o capitán general de Joachim, o prussiano Frederico e sua máxima estratégica: “Atacar, atacar!”, “Não dar trégua ao inimigo!”, “Attatuez donc touMours!”.¹³

Mas o que os mundos de Naphta e de Joachim tinham em comum, antes de mais nada, era a relação com o sangue e o axioma de que não se devia impedir a mão de derramá-lo; nisso, sobretudo, concordavam estritamente, como mundos, como ordens e como estamentos, e a um filho da paz parecia notável o que Naphta contava sobre tipos de monges guerreiros da Idade Média, que, ascetas até o esgotamento e no entanto ávidos de poder espiritual, não haviam poupado sangue no seu esforço de estabelecer a Cidade de Deus e o reino do sobrenatural; tal era dos belicosos templários que Mulgam mais meritório morrer na luta contra os infiéis do que na cama, e para os quais matar

ou ser morto por amor a Jesus não era crime, senão glória suprema. Ainda bem que Settembrini não estava presente quando Naphta expôs essas ideias! Caso contrário, não teria deixado de fazer o papel do tocador de realme desmancha-prazeres e de fazer soar a flauta pastoril da paz, não obstante o seu próprio prometido de guerra santa nacional e civilizadora contra Viena,

Tue ele absolutamente não reMeitaYa, ao passo Tue o sarcasmo e a mordacidade de Naphta castigaYam de preIerência essa paixão e esse Iraco do seu adYersário. Cada Yez Tue o italiano se inflamaYa por esse gênero de sentimentos, o outro lhes opunha um cosmopolitismo cristão, chamando todos os países, e ao mesmo tempo nenhum, de sua pátria e repetindo em Yoz cortante a Irase de um geral da sua ordem, de nome Nickel, segundo o Tual o patriotismo era “uma peste e a morte certa do amor cristão”.

ÓbYio, era em nome da ascese Tue Naphta trataYa de peste o amor à pátria — pois Tuanta coisa ele não subsumia sob esse termo, Tuanta coisa, segundo sua opinião, não contrariaYa a ascese e o reino de Deus! Não somente o apego à Iamília e ao lar, mas também o apego à saúde e à Yida: eis o Tue Naphta desaproYaYa no humanista, Tuando este charamelaYa a paz e a Ielicidade; num tom rixoso, acusaYa-o de amor pela carne, amor carnalis, de amor pela comodidade do corpo, commodorum corporis, e imputaYa- lhe à Tueima-roupa uma irreligiosidade peTueno-burguesa por conceder importância, a menor Tue Iosse, à Yida e à saúde.

Isso se deu durante a grande controYérsia sobre a saúde e a doença, Tue certo dia, Má nas proximidades do Natal, surgiu dessas diYergências, no curso de um passeio de ida e Yolta a DaYos-Platz, atraYés da neYe. Todos eles participaram

dela, Settembrini, Naphta, Hans Castorp, Ferge e Wehsal — todos ligeiramente Iebris, aturdidos e ao mesmo tempo excitados pela caminhada e pela discussão no Irio glacial das alturas, e sem exceção suMeitos a

calaIrios. E Iosse o seu papel preponderantemente atiYo, como o de Naphta ou Settembrini, ou sobretudo receptiYo, limitado a breYes apartes, sentiam-se todos tomados de um zelo tão intenso Tue, estTuecidos de tudo, estacaYam aTui e ali, Iormando um grupo absorto, gesticulante, de pessoas Tue IalaYam simultaneamente e obstruíam o caminho, sem se importar com os demais transeuntes, os Tuais tinham Tue contorná-los, a não ser Tue se detiYessem também, aguçando o ouYido e escutando pasmados aTuelas digressões extraYagantes.

O ponto de partida da disputa era no Iundo Karen Karstedt, a pobre Karen, com as pontas dos dedos corroídas, Tue acabaYa de Ialecer. Hans Castorp nada soubera da repentina piora e do exitus; do contrário, como bom camarada não teria deixado de assistir ao seu enterro, tanto mais Tue gostaYa de Iunerais. Mas, deYido à costumeira discricção, inteirara-se demasiado tarde do passamento de Karen, Tuando esta Má se adaptara definitiYamente à existência horizontal no Mardim do anMinho de pedra com o boné de neYe oblíTuo. Requiem aeternam...¹⁴ Hans Castorp dedicou à sua memória algumas palaYras amistosas, o Tue induziu o sr. Settembrini a zombar das

atividades caritativas de Hans, das visitas que fizera a Leila Gerngross, ao comerciante Rotbein, à abarrota sra. Zimmermann, ao filho Ianarrão da Tous-les-deux e à torturada Natalie Von Mallinckrodt, e a caçar das flores caras com que o engenheiro homenageara essa cambada ridícula e miserável. Hans Castorp observara que os beneficiários das suas atenções, com exceção, até o momento, da sra. Von Mallinckrodt e do menino Teddy, já estariam mortos, ao que Settembrini retrucou, perguntando se esse fato, porventura, os fazia mais respeitáveis. Existiria algo, sim, reagiu Hans Castorp, que se poderia chamar reverência cristã diante do infortúnio. E antes que Settembrini tivesse ocasião de corrigi-lo, Naphta começou a falar de piedosos excessos de caridade que a Idade Média presenciara, casos assombrosos

de fanatismo e heroísmo no cuidado dos doentes: filhas de reis tinham beijado as dolorosas chagas de lázaros, expondo-se voluntariamente ao contágio da lepra e chamando de rosas as úlceras assim contraídas; haviam bebido a água na qual acabavam de banhar em ferros purulentos, e declarado que nada no mundo lhes sabia melhor.

Settembrini fez que iria vomitar. E disse que o estômago se lhe revoltaria menos por causa do asco físico que provocavam essas imagens e visões do que devido à loucura monstruosa que se documentava em tal concepção de filantropia ativa.

Aprumando-se, Yoltou à sua antiga dignidade alegre, ao Ialar das Iormas modernas e progressistas da caridade humanitária e da repressão triunIal das epidemias. ÀTuelas atrocidades opôs a higiene, a reIorma social e os grandes Ieitos da ciência médica.

Esses produtos da probidade burguesa, Ioi o Tue replicou Naphta, teriam sido de pouca utilidade para os séculos a Tue ele acabara de se reIerir. Nenhuma das partes interessadas poderia ter lucrado com eles, nem os enIermos e míseros, nem os saudáYeis e aIortunados, Tue se mostraYam caridosos não por compaixão, mas em prol da salYação da própria alma. Pois uma reIorma social coroada de êxito teria priYado estes últimos do meio mais importante de Tue dispunham para Mustificar-se, e os outros, do seu estado sagrado. A manutenção constante da pobreza e da enIermidade se realizaria, portanto, no interesse de ambos os partidos, e esse conceito continuaria sendo sustentáYel enTuanto Iosse possíYel deIender o ponto de Yista puramente religioso.

Um ponto de Yista sórdido, Ioi o Tue declarou Settembrini, e um conceito cuMa imbecilidade Tuase Tue não Yalera a pena combater! Pois a ideia do “estado sagrado”, bem como aTuilo Tue o Engenheiro, sem pensar por si mesmo, teria dito a respeito da “reYerência cristã diante do inIortúnio” não passariam de

mentiras baseadas numa ilusão, numa simpatia errônea, num engano psicológico. A compaixão

Tue uma pessoa sadia maniIesta a um enIermo e eleYa à Iorma de Yeneração, simplesmente por ser incapaz de imaginar como ela mesma suportaria tais soIrimentos, ora, essa compaixão, segundo Settembrini, seria exagerada; e nem caberia dedicá-la ao enIermo, pois ela surgiria de um erro de raciocínio ou de imaginação, uma Yez Tue, com ela, o homem sadio atribui ao doente sua própria maneira de experimentar emoções, ideando Tue este seMa, de certo modo, uma pessoa sadia Tue tenha de suportar os tormentos de um enIermo — o Tue constituiria um erro crasso. O enIermo é Mustamente um enIermo, tem uma natureza particular e o modo de sentir alterado, como decorrência de seu estado; a doença prepara o suMeito de modo Tue os dois, ela e ele, se entendam bem: há diminuições de sensibilidade, desIalecimentos, narcoses proYidenciais, medidas da natureza, no sentido do aMustamento e alíYio morais e espirituais, Ienômenos Tue o homem sadio, na sua ingenuidade, se esTuece de leYar em conta. O melhor exemplo seria Mustamente essa súcia de tuberculosos aTui de cima, com sua luxúria, estupidez, leYiandade e Ialta de Yontade de curar-se. Numa palaYra, bastaria Tue o homem sadio compassiYo e reYerente adoecesse, para logo se perceber Tue a enIermidade o põe realmente num estado à parte, mas não num estado

honroso, Tue ele, Naphta, estaria leYando exageradamente a sério.

A essa altura da controYérsia, Anton KarloZitch Ferge indignou-se, tomando a deIesa do choTue pleural contra diIamações e Ialtas de respeito. Como é Tue era? Seu choTue pleural, leYado exageradamente a sério? Ora, Tue fizessem o IaYor! O enorme pomo de adão e o bigode MoYial subiam e desciam, enTuanto ele se reYoltaYa contra TualTuer menosprezo dos soIrimentos por Tue passara. Declarou ser apenas um homem simples, YiaMante de uma companhia de seguros, e ficar alheio a todas as coisas sublimes. A própria conYersa de Tue estaYa participando

ultrapassaYa em muito o seu horizonte. Mas se Settembrini tencionYa incluir o choTue pleural no Tue acabaYa de dizer — esse inIerno de cócegas, com o Iedor de enxoIre e as três síncope de cores diIerentes —, Yia-se na obrigação de protestar, com toda a cortesia e humildade. Pois nesse caso não cabia Ialar de diminuições de sensibilidade, de narcoses proYidenciais e de erros de imaginação. TrataYa-se, sim, da maior e mais horríYel inIâmia Tue existia sob o sol, e sem a ter experimentado não se podia imaginar a atrocidade Tue...

— Ora, ora, ora! — disse Settembrini. Quanto mais o tempo passaYa, mais grandioso ia ficando o colapso do sr. Ferge, e aos poucos parecia Tue ele o portaYa sobre a cabeça como

uma auréola de santidade. Ele mesmo, Settembrini, não teria tanto respeito diante de enfermos que exigiam tanta admiração. Também estava doente, e bastante; mas, sem a menor hesitação, sentia-se antes inclinado a vergonhar-se disso. De resto, falava de um modo impessoal, filosófico, e o acabou de observar sobre as diferenças entre o homem sadio e o enfermo, no que se referia à sua natureza e sua maneira de sentir, não era coisa sem pé nem cabeça. Que os calheiros se lembrassem, por falar, das doenças mentais, das alucinações, por exemplo. E se um de seus interlocutores, o Engenheiro, ou o sr. Wehsal, descobrisse essa noite, à hora do crepúsculo, o seu falecido pai num canto do quarto, e ele o olhasse e lhe dirigisse a palavra, seria de supor que cada um deles visse nessa experiência muitíssimo emocionante e perturbadora um motivo para duvidar dos seus sentidos e de sua razão, e que ela os induzisse a sair prontamente do quarto e buscar o caminho até um psiquiatra. Não seria assim? E o mais engraçado era que essas coisas nem sequer poderiam acontecer a algum deles, pois estavam mentalmente sãos. E se elas porventura acontecessem, então talvez não estariam sãos, mas doentes, e não reagiriam como um homem sadio, talvez dizer, espantando-se e fugindo, senão que aceitariam o fenômeno como perfeitamente normal e estabeleceriam uma conexão com o espectro, como os alucinados costumam fazer. E acreditar que a alucinação

constituía para os alucinados um motivo de espanto saudável era Mustamente o erro de imaginação dos que não estavam enfiados.

O sr. Settembrini falou de forma cômica e plástica do pai de junto no canto do aposento. Ninguém pôde evitar o riso, nem mesmo Ferge, apesar de sentir-se melindrado pelo desdém com que o humanista encarara sua aventura infernal. Este, por sua vez, aproveitou-se da animação reinante para expor e defender com muitos pormenores a não respeitabilidade dos alucinados e dos pazzi em geral. Essa gente — disse — permitia-se muita coisa sem motivo justificável, e não raro seria capaz de recriar sua demência, como ele mesmo pudera verificar por ocasião de visitas que fizera a asilos de lunáticos. Quando um médico ou uma pessoa estranha aparecia no limiar da cela, o alucinado, na maioria das vezes, reprimia suas caretas, seu gárgalo e sua gesticulação, e conduzia-se decentemente, durante todo o tempo que se sentia observado, para logo depois relaxar de novo. Pois, em muitos casos, a loucura representa um relaxamento, uma vez que seria como refúgio a naturezas frágeis e como medida de proteção contra golpes excessivamente graves do destino, que tais pessoas não se atreviam a suportar com lucidez. Mas todo mundo poderia alegar o mesmo; e ele, Settembrini, com a simples força do seu olhar, guiara, ao menos por uns momentos, numerosos loucos à

razão, opondo às diYagações deles uma atitude lógica inexoráYel...

Naphta deu uma risada sardônica, ao passo Tue Hans Castorp asseYerou crer ao pé da letra em tudo Tue o sr. Settembrini acabara de dizer. Ao imaginar Tue este, com a razão intransigente e esboçando um sorriso sob o bigode, houYesse lançado seu olhar sobre o aparYalhado, compreendeu perfeitamente Tue o pobre-diabo se Yisse

Iorçado a conter-se e prestar honras à lucidez, mesmo Tue para ele a presença do sr. Settembrini constituísse uma perturbação altamente indeseMada... Mas também Naphta Yisitara hospícios de alienados. RecordaYa-se de ter passado pelo “paYilhão dos Iuriosos”, onde haYia deparado com cenas e Tuadros perante os Tuais, santo Deus, o olhar razoáYel e a influência corretiYa do sr. Settembrini dificilmente lograriam êxito. Cenas dantescas, Tuadros grotescos de horror e de tormento: os loucos desnudos, acorados no banho contínuo, em todas as posições do terror de espírito e do estupor apaYorado, alguns gritando de tanta desolação, outros com os braços erguidos e as bocas escancaradas, soltando gargalhadas nas Tuais se misturaYam todos os ingredientes do inIerno...

— Pois é! — disse o sr. Ferge, tomando a liberdade de lembrar-lhes a risada Tue lhe escapara durante seus ataTues.

Numa palavra, a pedagogia inexorável do sr. Settembrini teria falhado por completo em face das visões do pai-lhã dos furiosos. Nesse caso, o espanto próprio à reverência religiosa teria sido uma reação mais humana do que a tuéles raciocínios arrogantes e moralistas. Tué o nosso iluminadíssimo Capelão Rosacruz e Vigário de Salomão se comprazia em opor à insânia.

Hans Castorp não teve tempo de refletir sobre os títulos tué Naphta acabava de conferir a Settembrini. Iria informar-se a esse respeito na primeira ocasião tué surgisse. No momento, o curso da conversa lhe monopolizava a atenção, por tué Naphta estava examinando com acrimônia as tendências gerais tué tornavam o humanista propenso a tributar, por princípio, todas as honras à saúde e a fazer o possível para ailtar e menosprezar a doença — ponto de vista tué, na verdade, manifestava extraordinária e tué admirável renegação de si mesmo, uma vez tué o próprio sr. Settembrini estava enermo. A impressionante dignidade de sua atitude, porém, não a impedia de se constituir em

total e tuíyoco; ela resultava de uma estima e de reverência ante o corpo tué não se podia justificar senão tué quando este ainda se encontrasse no seu estado primordial, próximo de Deus, e não no estado de degradação — in statu degradationis. Pois, criado para ser imortal, ele se tornara presa da periosidade e da

corrupção de Yido à depravação da natureza e por causa do pecado original; era mortal e putrescível e só podia ser considerado um cárcere ou calabouço, útil, Tuando muito, para despertar sentimentos de pudor e confusão, pudoris et confusionis sensum, como dizia Santo Inácio.

Hans Castorp intrometeu-se dizendo Tu também o humanista Plotino dera expressão a esses mesmos sentimentos. Mas o sr. Settembrini, levantando a mão sobre a cabeça, pediu-lhe Tu e Yitasse cumular pontos de Yista e se limitasse a um papel receptivo.

Prosseguindo com suas deduções, Naphta tomou o respeito da Idade Média cristã ante a miséria do corpo e deriu-o da aprovação religiosa Tu essa era demonstrou em face do sofrimento da carne. Pois as chagas do corpo não somente tornavam manifestas a Tuada Tu lhe acontecera, mas também correspondiam, de modo edificante e religiosamente satisfatório, à periculosidade venenosa da alma; a formosura do corpo, por sua vez, era um inômeno alaz, o insueto à consciência, e o melhor a fazer era negá-lo por meio da humilhação mais profunda, na enfermidade. Quis me liberabit de corpore mortis hujus? Quem me libertará do corpo desta morte? Expressava-se aí a voz do espírito, Tu era, para todo sempre, a voz da verdadeira humanidade.

Não! Essa era, segundo a opinião emocionada do sr. Settembrini, uma Yoz das treYas: a Yoz de um mundo para o Tual ainda não nascera o sol da razão e da humanidade. E sim! Embora sua própria pessoa em carne e osso se achasse cheia de tóxicos, mantiYera seu espírito bastante sadio e liYre de pestilência para enIrentar garbosamente o

clérigo Naphta em Tuestões relatiYas ao corpo, e para expor a alma ao ridículo. Chegou até a glorificar o corpo humano como autêntico templo de Deus, ao Tue Naphta retrucou, dizendo Tue esse tecido não era outra coisa senão o Yéu estendido entre nós e a eternidade; o Tue teYe por conseTuência Settembrini proibir-lhe, de uma Yez por todas, Tue se serYisse da palaYra “humanidade”... e assim por diante.

Com os rostos transidos de Irio, sem chapéu, os pés protegidos por galochas Tue pisaYam a superÍcie endurecida, rangente e polYilhada de cinzas da camada de neYe Tue aumentaYa a altura da calçada, ou abrindo caminho atraYés das massas porosas Tue enchiam a sarMeta, seguiam ambos peleMando por seus princípios da Iorma mais pessoal possíYel: Settembrini abrigado por um MaTuetão de inYerno Tue Yestia com elegância, ainda Tue a gola e os punhos de castor, puídos pelo uso, parecessem como Tue sarnentos, Naphta com um sobretudo preto, completamente Iechado até os pés, Iorrado de peles por dentro, das Tuais, porém, nada se Yia na parte

exterior; seguiam discutindo, e não raro acontecia Tue, em Yez de se dirigirem um ao outro, interpelaYam Hans Castorp, e cada Tual lhe expunha e submetia seu ponto de Yista, reIerindo- se ao adYersário não mais Tue com um aceno da cabeça ou com o polegar. O MoYem ia entre eles e YoltaYa o rosto para cá e para lá, concordando ora com um, ora com outro; às Yezes estacaYa, com o corpo inclinado para trás, gesticulando com a mão agasalhada por uma luYa de pelica Iorrada, e proIeria uma opinião particular, naturalmente pouco Yaliosa, enTuanto Ferge e Wehsal giraYam em torno dos três, mantendo-se à Irente deles, depois atrás, ou então aYançando a seu lado, todos em uma só fileira, até o tráIego interromper o alinhamento.

Sob a influência de apartes de Ferge e Wehsal, a conYersa começou a ocupar-se de assuntos mais concretos. Em rápida seTuência, e sob crescente interesse de todos, Ioram

tratados os problemas da incineração dos mortos, do castigo corporal, da tortura e da pena de morte. Foi Wehsal Tuem trouxe à baila o açoitamento, e Hans Castorp achou Tue esse tema condizia com a índole do rapaz de Mannheim. Ninguém se surpreendeu Tuando o sr. Settembrini, em palaYras esmeradas, inYocando a dignidade humana, inYestiu contra o emprego desse método brutal na pedagogia, e nem seTuer no direito penal. Tampouco causou surpresa o Iato de Naphta Ialar a IaYor das bastonadas, e apenas a sinistra audácia com Tue o Iazia

proYocou um leYe espanto. Segundo ele, era absurdo proIerir, nesse caso, disparates acerca da dignidade humana, Má Tue a nossa Yerdadeira dignidade se baseaYa no espírito e não na carne; e como a alma humana estiYesse por demais inclinada a tirar do corpo toda a sua alegria de YiYer, os soIrimentos infligidos a este representaYam um meio altamente recomendáYel para estragar à alma o prazer Tue nela despertaYam as coisas sensuais, para separá-la da carne e reconduzi-la ao espírito, Tue dessa Iorma Yoltaria a dominar. Era pura tolíce considerar o castigo corporal particularmente humilhante. Santa Isabel Ioi Iustigada, até sangrar, pelo seu conIessor, Conrado de Marburgo, e, como conta a lenda, isso “arreatou-lhe a alma até o terceiro coro”; ela mesma Yergastou uma pobre Yelha Tue estaYa muito sonolenta para se conIessar. Era possíYel Tue alguém se atreYesse seriamente a Tualificar de inumanas e bárbaras as flagelações a Tue se suMeitaYam os membros de certas ordens ou seitas, e de um modo geral as pessoas de sentimentos mais proIundos, a fim de Iortalecerem dentro de si o princípio do espírito? Ver um progresso real na abolição do açoitamento pelos países Tue se MulgaYam adiantados era uma opinião Tue apenas se tornaYa mais cômica pela inabaláYel firmeza com Tue costumaYa ser deIendida.

Em todo caso, opinou Hans Castorp, era absolutamente necessário admitir que no antagonismo entre corpo e espírito seria o corpo, sem dúvida, que se corporificaria... o corpo se corporificaria, rá, rá!... bem, seria ele que se corporificaria o princípio mau e diabólico. Pois o corpo pertence naturalmente à natureza... naturalmente à natureza, o que vocês acharam desta?... e a natureza, em oposição ao espírito e à razão, é intrinsecamente má: misticamente má — poderia dizer que Tu tivesse ostentado cultura e conhecimento. Partindo desse ponto de vista, seria apenas lógico tratar o corpo de acordo com ele, que vocês dizem, aplicar-lhe meios de castigo que também merecem ser designados misticamente maus. Se o sr. Settembrini tivesse tido a seu lado Santa Isabel, quando a ira que se fez do corpo o impediu de participar do congresso progressista em Barcelona, quem sabe...

Todos se riram, e, como o humanista fizesse menção de protestar, Hans Castorp apressou-se a contar das coisas que ele mesmo lhe contara em outros tempos: nos primeiros anos do ginásio ainda existia o costume de ministrar esse castigo; havia a palmatória, e, embora os professores, por certas considerações sociais, se abstinêssem de lhe pôr as mãos, ele teria apanhado certa vez uma surra de um discípulo mais forte, um rapazão robusto, que bateu nele com uma vara flexível nas nádegas e na barriga das pernas cobertas somente pelas meias. A isso doeu de

maneira inIame, paYorosa, inesTuecíYel, realmente mística. Entre soluços conYulsiYos, cheios de Yergonha íntima, haYiam brotado a Hans Castorp lágrimas de raiYa, humilhação e desespero. E ele então acrescentou ter lido Tue nas prisões os assassinos mais rudes choramingam como criancinhas, Tuando açoitados.

EnTuanto o sr. Settembrini escondia o rosto com as duas mãos, metidas em luYas de couro muito gasto, Naphta, com o sangue- Irio de um estadista, perguntou como é Tue poderiam ser dominados criminosos renitentes, senão por meio do caYalete e do bastão, Tue se adeTuaYam com estilo ao ambiente de uma casa de correção; um cárcere humano

era um meio-termo estético, uma solução negociada, e o sr. Settembrini, apesar da sua bela eloTuência, no Iundo nada entendia de beleza. No Tue dizia respeito à pedagogia, o conceito da dignidade humana deIendido por aTueles Tue Tueriam excluir os castigos corporais tinha sua raiz, segundo Naphta, no indiYidualismo liberal da época burguesa e humanitária, no absolutismo esclarecido do eu, Tue estaYa a ponto de extinguir-se e dar lugar a ideias sociais menos eIeminadas, Tue Má se achaYam iminentes; ideias de disciplina e de docilidade, de coação e obediência, às Tuais era inerente uma sagrada crueldade; ideias Tue modificariam, uma Yez mais, a Yisão Tue se tinha da flagelação dos pobres cadáYeres.

— Ah, daí é Tue Yem a célebre expressão “perinde ac si cadaver essent”, “ser obediente como um cadáver”! — chacoteou Settembrini; ao Tue Naphta obMetou não deYer ser crime de lesa-maMestade administrar uma boa soYa a esse corpo Tue Deus mesmo, para punir nosso pecado, destinara à horrorosa ignomínia da putreIação... E assim entraram a Ialar da incineração dos mortos.

Settembrini Iez o elogio desse processo: essa tal ignomínia poderia ser remediada, Ioi o Tue disse com alegria. Considerações práticas e motiYos idealistas predestinaYam a humanidade a acabar com ela. E o italiano declarou ter participado dos preparatiYos de um congresso internacional em prol da cremação, Tue se reuniria proYaYelmente na Suécia. ProMetaYa-se expor ali um crematório modelo e um columbário, ambos construídos segundo experiências reunidas até então. Era de preYer Tue tal apresentação daria origem a sugestões e estímulos de Yasto alcance. Que método mais antiTuado e obsoleto, esse de enterrar os mortos, dadas as condições da Yida moderna! A extensão das cidades! A transIerência dos chamados campos-santos para a periIeria, em Yista do espaço Tue exigiam! Os preços dos terrenos! O caráter prosaico Tue assumiam os Iunerais, deYido à necessidade de se usarem meios modernos de

transporte! Sobre todas essas coisas, o sr. Settembrini conseguiu fazer observações sensatas e incisivas. Mote-Mou da figura do Yü-Yo inconsolável. Ele realiza todos os dias uma peregrinação à sepultura da saudosa de-Iunta, para palestrar com ela no próprio local. Era necessário que um homem com essa mentalidade idílica dispusesse, em abundância inexplicável, do bem mais precioso da nossa vida: o tempo. Mas o movimento que reina nos cemitérios centrais das cidades modernas de certo curaria qualquer um de tamanho sentimentalismo atávico. A destruição do corpo morto pelo Iogo — tanto mais limpa, mais higiênica, mais digna e mesmo mais heroica não era essa visão, em confronto com o costume de abandoná-lo à lamentável decomposição e assimilação executada por organismos inferiores! Sim, também a disposição emocional, o anseio humano por perpetuidade, tinha a ganhar com esse processo. O que sucumbia à ação do Iogo eram as partes inconstantes do corpo, que já em vida estavam submetidas ao metabolismo; as outras partes, as que menos participavam desse fenômeno e acompanhavam o homem quase sem modificação através de sua existência de adulto, eram não só as que mais resistiam ao Iogo, mas também as que formariam as cinzas a serem recolhidas pelos sobreviventes, de modo a guardarem o que, no falecido, já não imperecível.

— Que maraYilha! — disse Naphta. — Ah, essa era muito, mas muito boa! As cinzas como parte imperecíYel do homem!

Mas claro, retorTuiu o italiano, Naphta pretendia mesmo era manter a humanidade na sua atitude irracional diante dos Iatos biológicos. Persistia naTuela Iase de religião primitiYa, para a Tual a morte representaYa um papa-gente, rodeado de tão misterioso terror Tue era impossíYel dirigir a ele o olhar claro da razão. Que barbárie! O espanto em Iace da morte remontaYa a épocas de um níYel cultural extremamente baixo, nas Tuais a morte Yiolenta Iora a

regra, e o cunho horripilante Tue a reYestia por muito tempo se associara, no sentimento do homem, à ideia da morte em geral. Graças ao desenYolYimento da higiene e da consolidação da segurança pessoal, porém, a morte natural tornaYa-se comum, e ao trabalhador moderno a Yisão do repouso eterno, após o esgotamento normal das suas Iorças, absolutamente não se afiguraYa medonho, senão esperado e deseMáYel. Não, a morte nada tinha de Iantasma nem de mistério; era, sim, Ienômeno ineTuíYoco, racional, fisiologicamente necessário e simpático. Perder tempo excessiYo com sua contemplação seria roubar à Yida seu Tuinhão. Por isso tencionaYa-se combinar com aTuele crematório modelo e o columbário, Tue era o “recinto da morte”, um “recinto da Yida”, no Tual se aliariam a arTuitetura, a pintura, a escultura, a música e a poesia, no sentido de aIastar

o espírito dos sobreYidentes do espetáculo da morte, do luto obtuso e da lamentação inatiYa, e encaminhá-lo para os bens Tue a Yida oIerecia...

— O mais depressa possíYel! — zombou Naphta. — Para Tue ninguém exceda no culto da morte e não se Yá demasiado longe na reYerência tributada a um Iato tão banal, sem o Tual, porém, certamente não haYeria arTuitetura, nem pintura, nem escultura, nem música, nem poesia.

— Ele deserta e se Yai rumo à bandeira — murmurou Hans Castorp, como Tue num sonho.

— A obscuridade da sua obserYação, Engenheiro — respondeu Settembrini —, deixa transparecer-lhe o caráter censuráYel. É preciso Tue a experiência da morte seMa, em última análise, a experiência da Yida; do contrário, não passa de um espantalho.

— Serão empregados símbolos obscenos no “recinto da Yida”, tal como se encontram em alguns sarcóIagos antigos? — perguntou Hans Castorp seriamente.

Um pasto bem gordo para os sentidos, isso certamente deYeria haYer, afirmou Naphta com conYicção. Em mármore e pintura a óleo, um gosto classicista alardearia o corpo, esse corpo pecaminoso subtraído à podridão, e não seria de

surpreender, uma vez que, de tanto carinho, não poderiam mais deixar flagelá-lo, nem um pouquinho...

A essa altura da conversa, Wehsal interveio mencionando a tortura; o tema lhe caía como uma luva. Que é que os amigos pensavam sobre interrogatórios violentos? Ele, Ferdinand, sempre gostara de aproveitar, por ocasião das suas viagens comerciais, as oportunidades para visitar nos centros de cultura antiga aqueles recantos típicos onde outrora se realizava esse tipo de exploração da consciência. Conhecia as câmaras de tortura de Nürnberg e Regensburg, que estudara de perto no interesse da sua formação intelectual. Com efeito, ali o corpo era submetido, por amor à alma, a um tratamento pouco delicado, empregando-se nesses processos muito engenhosos. E nem sequer houve gritarias. A pena, a famosa “pena”, que não era nenhuma gulete, costumava ser fincada na boca aberta, e logo reinava um silêncio absoluto, apesar da mais intensa atividade...

— Porcaria! — resmungou Settembrini.

Ferdinand observou que, sem menosprezar a pena e a atividade silenciosa, ainda não se inventara outra tortura mais iníqua que a palpitação da pleura. Nem naqueles tempos poderiam ter imaginado coisa pior.

Mas isso teria acontecido com o fim de curá-lo!

A alma obstinada e a Mustiça oIendida, ambas serYiram em mesmo grau, nem maior nem menor, para Mustificar a supressão passageira da misericórdia. Ademais, a tortura era um produto do progresso racional.

Naphta não deYeria estar em seu Muízo perIeito.

Ah, estaYa sim. O sr. Settembrini era um beletrista e por certo não tinha Iamiliaridade com a história do processo Murídico na Idade Média. Ela correspondia de Iato a um processo de racionalização progressiYa, no sentido de Deus haYer sido eliminado pouco a pouco da Murisprudência, em

Yirtude de ponderações baseadas na razão. Foi abolido o ordálio, porTue haYiam notado Tue o mais Iorte Yencia, ainda Tue a Mustiça não se achasse a seu lado. Pessoas do tipo do sr. Settembrini, céticas e críticas, fizeram essa constatação e conseguiram impor Tue o processo penal antigo, bastante ingênuo, Iosse substituído pelo processo da InTuisição, Tue deixou de se fiar na interYenção de Deus em IaYor da Yerdade para agora empenhar-se em arrancar ao réu a confissão da Yerdade. Nenhuma condenação sem confissão! Que consultassem até hoMe a gente do poYo: esse instinto estaYa proIundamente arraigado. Por completa Tue Iosse a cadeia das proYas — a condenação era considerada inMusta enTuanto Ialtasse a confissão. Como obtê-la? Como descobrir a Yerdade, além dos meros indícios, além da simples suspeita? Como saber o Tue

escondiam o coração e o cérebro de Tuem dissimulaYa a Yerdade, de Tuem se recusaYa a reYelá-la? Quando o espírito se mostraYa recalcitrante, não existia outro recurso senão o de apelar ao corpo, Tue era mais acessíYel. A tortura, como Yeículo da confissão indispensáYel, Ioi imposta pela razão. Ora, Tuem reclamara e introduzira o processo baseado na confissão Iora o sr. Settembrini, e também lhe cabia, portanto, a responsabilidade pela tortura.

O humanista pediu aos demais Tue não acreditassem em nada disso. TrataYa-se de graceMos diabólicos. Se a teoria do sr. Naphta Iosse certa, se realmente a razão tiYesse inYentado aTuela atrocidade, isso demonstraria, Tuando muito, o Tuanto necessitaYa ser escorada e esclarecida, e Tuão poucos motiYos tinham os adoradores do instinto natural para recear Tue um dia as coisas se passassem na terra de um modo excessiYamente razoáYel. No entanto, não haYia dúYida de Tue o seu interlocutor se eTuiYocara. ATuela monstruosidade Murídica não podia ser deriYada da razão, porTuanto os seus alicerces Maziam na crença no inIerno. Que eles lançassem um olhar aos museus e às câmaras de tortura. Isso bastaYa para perceber Tue aTueles

métodos de beliscar, esticar, tostar e apertar com paraIusos maniIestamente haYiam brotado de uma imaginação pueril e obcecada, do deseMo de imitar piedosamente o Tue

aconteciam nos lugares do castigo eterno, lá no Além. Ainda se mencionava, com isso, fazer o bem do malfeitor. Supuseram-se que a própria alma sofrida dele lutava pela confissão, e que só a carne, como princípio do mal, se opunha a essa boa vontade. De maneira que se pensava prestar um serviço caridoso, ao submeter a carne por meio da tortura. Desatino de ascetas...

Os antigos romanos tinham sofrido da mesma loucura? Os romanos? Mas che!

Ora, mas eles também empregaram a tortura como elemento processual.

Um impasse lógico... Hans Castorp procurou encontrar uma saída, trazendo à baila, por sua própria iniciativa, o problema da pena de morte, como lhe competisse imprimir outro rumo a uma discussão dessas. A tortura estava abolida, se bem que os muçulmanos de instrução ainda usassem uma técnica parecida para amolecer os acusados. Mas a pena de morte parecia imortal, era indispensável. Os povos mais civilizados conservam-na. Os franceses tinham péssimas experiências com seu sistema de deportações. Simplesmente não se sabia o que fazer, na prática, com certas criaturas antropóides, a não ser cortar-lhes a cabeça.

Aqui não se trataria de “criaturas antropóides”, corrigiu-o o italiano, mas de seres humanos como ele, o Engenheiro, e como

o próprio Settembrini. Só que Iracos de Yontade, Yítimas de uma sociedade Ialha. E Ialou de um grande criminoso, assassino reincidente, integrante da Tuela espécie que os promotores públicos, nas suas acusações, costumam qualificar de “bestial”, ou de “monstros sob forma humana”. Esse homem cobrira de Yersos as paredes da sua cela, e os seus Yersos absolutamente não eram maus, chegavam a ser muito melhores que os que os promotores produzem de vez em quando.

Isso lançaria uma luz singular sobre a arte, retrucou

Naphta. Mas para além disso, o Iato nada teria de curioso.

Hans Castorp esperara que o sr. Naphta fosse adyogar em IaYor da conserYação da pena capital. Naphta, ele pensou, provavelmente era tão revolucionário quanto o sr. Settembrini, mas no sentido conserYador, como um revolucionário da conserYação.

O mundo, o sr. Settembrini sorriu, senhor de si, passará por cima dessa reYolução do retrocesso anti-humano. O sr. Naphta preferiria deIamar a arte a admitir que ela conIere dignidade humana até ao indivíduo mais depravado. Com um fanatismo desses não se pode contar a MuYentude áYida de luz.

Acabava de ser fundada, a propósito, uma liga internacional, cujo obMetiYo era abolir a pena de morte em todos os países civilizados. O sr. Settembrini tinha a honra de fazer parte dela,

segundo comentou. Ainda não Iora escolhido o lugar onde se realizaria seu primeiro congresso, mas a humanidade poderia estar confiante em Tue os oradores, ao terem sua Yoz ou Yida ali, haYeriam de surgir munidos de argumentos! Então ele enumerou alguns deles, sobretudo o da possibilidade sempre presente do erro Mudiciário, do assassinato legal, e um outro, de Tue nunca se deYia abandonar a esperança de Yer o criminoso emendar-se; citou até a sentença: “Minha é a Yingança”, e também explicou Tue o Estado, desde Tue mais se empenhasse no aperIeiçoamento do homem do Tue na Yiolência, não tinha direito de retribuir o mal pelo mal. ReMeitou a ideia da “punição”, após ter combatido a da “culpa”, sobre a base de um determinismo científico.

A seguir, a “MuYentude áYida de luz” teYe Tue presenciar como Naphta moYia o pescoço de um lado a outro, a cada argumento. Ele escarneceu da relutância em derramar sangue e do respeito à Yida maniIestados pelo filantropo; afirmou Tue tal culto da Yida indiYidual proYinha das épocas burguesas mais triYiais, marcadas por passeios sob a proteção de guarda-chuYas, mas Tue bastaYa, no entanto,

sob condições pouco mais exaltadas, entrar em Mogo uma única ideia Tue ultrapassasse a da “segurança”, TualTuer coisa superpessoal, superindiYidual — o Tue era, afinal, o único estado digno do homem e portanto o estado normal, num

sentido superior — e imediatamente, sem titubear, a Vida individual não só era sacrificada à ideia superior, mas também oferecida espontaneamente pelo próprio indivíduo. A filantropia do senhor seu antagonista, disse ele, esforçava-se por privar a Vida de todos os seus acentos sombrios e mortalmente sérios; empenhava-se na castração da Vida, inclusive por meio do determinismo da sua assim chamada ciência. A Verdade, porém, era que o determinismo não só não abolia o conceito de culpa, mas, pelo contrário, ainda o tornava mais sólido e mais formidável.

A culpa não havia sido das piores. Será que ele ainda exigiria que a desgraçada vítima da sociedade se sentisse realmente culpada e então se encaminhasse voluntariamente ao cadafalso, movida por suas condições?

Claro que sim. O criminoso se acharia tão comprometido da culpa como de si próprio. Pois ele era como era, e não pretendia ser diferente; e nisso reside a culpa, certamente. O sr. Naphta estava transportando a culpa e o mérito da esfera empírica para a esfera metafísica. Era no fazer e no agir que reinava a determinação; ali não havia liberdade, mas propriamente no ser. O homem era, como havia desejado ser, e como não deixaria de desejar ser até seu próprio desaparecimento; se houvesse assassinado, ele o teria feito “por sua própria Vida”, e portanto não seria um preço excessivo, caso pagasse por isso

com a própria Yida. Que morresse, Má Tue gozara a mais proIunda Yolúpia.

A Yolúpia mais proIunda? A mais proIunda de todas.

Alguém crispou os próprios lábios. Hans Castorp pigarreou de leYe. Wehsal deixou cair o maxilar. O sr. Ferge deu um suspiro. Settembrini obserYou com finura:

— Bem se Yê Tue certa maneira de generalizar dá ao assunto um matiz pessoal... O senhor teria Yontade de matar?

— Não é da sua conta. Mas se o tiYesse Ieito, garanto-lhe Tue me riria na cara da estupidez humanitária Tue se dispusesse a me alimentar com lentilhas até o fim de meus dias. Não há sentido em Tue o assassino sobreYiYa ao assassinado. Esses dois, sem a presença de mais ninguém, tão sozinhos como Mamais são duas criaturas, a não ser numa circunstância análoga, participam de um segredo Tue os une para sempre, um agindo, e o outro soIrendo a ação. Seus destinos são inseparáYeis.

Settembrini conIessou displicentemente Tue carecia do órgão capaz de compreender tal misticismo da morte e do homicídio, e Tue não lamentaYa essa Ialta. Não tinha nada Tue obMetar aos talentos religiosos do sr. Naphta — sem dúYida superiores aos dele mesmo —, mas Iazia Tuestão de declarar Tue não os inYeMaYa. Uma irreprimíYel necessidade de asseio mantinha-o distante de uma esIera em Tue aTuela reYerência diante do

inIortúnio, mencionada haYia pouco pela MuYentude cúpida de experiências, reinaYa não apenas no sentido Iísico, eYidentemente, mas também no sentido espiritual; numa palaYra: mantinha-o distante de uma esIera na Tual a Yirtude, a razão e a saúde de nada Yaliam, ao passo Tue o Yício e a enIermidade desIrutaYam da mais alta estima.

Naphta confirmou Tue de Iato a Yirtude e a saúde não constituíam estados religiosos. E disse Tue seria de grande proYeito deixar claro Tue religião nada tem Tue Yer com razão e moralidade. Pois ela nada tem Tue Yer com a Yida, acrescentou. Esta se alicerça em condições e bases Tue pertencem em parte à teoria do conhecimento, em parte ao domínio da moral. As primeiras chamam-se tempo, espaço, causalidade; as segundas, moralidade e razão. Todas essas coisas não são apenas estranhas e indiIerentes à religião, mas até mesmo hostilmente antagônicas a ela; pois são

elas Tue Iormam a Yida, a assim chamada saúde, ou seMa: essa condição arTuifilisteia e ultraburguesa, da Tual o mundo religioso constitui antítese absoluta, uma antítese genialmente absoluta. Aliás, destacou Naphta, não seria intenção dele negar Tue a esIera da Yida pudesse produzir o gênio. HaYia, sim, uma burguesia mergulhada na Yida, de robustez monumental inegáYel, uma maMestade filesteia, digna de reYerência, na opinião de muitos; mas não caberia perder de Yista Tue ela,

plantada com sua dignidade espaçosa, pés firmes no chão, mãos fincadas nas ancas e peito estufado, representa, isso sim, a encarnação da irreligiosidade.

Hans Castorp levantou o dedo indicador como um escolar. Disse que não queria melindrar nenhum dos dois partidos, mas era notório estarem falando de progresso, do progresso humano, e por conseguinte de política e da república europeia e da civilização do Ocidente culto, e diante disso gostaria de expressar a opinião de que a diferença ou, se o sr. Naphta insistia nesse ponto, a oposição entre vida e religião tinha sua origem na luta que há entre tempo e eternidade. Pois o progresso realiza-se exclusivamente no tempo; ele não tinha lugar na eternidade, e nela tampouco a política e a europeia. Na eternidade, apenas apoia-se a cabeça no regaço de Deus, por assim dizer, e fecha-se os olhos. E esta seria, numa formulação clássica, a diferença entre religião e moralidade.

Settembrini replicou que a sua maneira ingênua de exprimir-se era menos inquietante que seu medo de melindrar sentimentos alheios e que sua tendência a fazer concessões ao diabo.

Ora, no que toca ao diabo, o sr. Settembrini e ele, Hans Castorp, já haviam discutido há muito tempo. “O Satana, o ribellione!” Resta agora saber a que diabo é que ele acabara de fazer concessões. Às vezes da rebelião, da crítica e do trabalho, ou

ao outro? Que perigo para a Yida, esse impasse: um diabo à direita, um diabo à esquerda! Como, em nome do diabo, sair-se dali?

Essa não seria, disse Naphta, uma maneira apropriada de caracterizar a situação, tal como o sr. Settembrini desejava. Ela: essencial na concepção que ele tinha do mundo era a luta de Deus e de Satã duas pessoas ou dois princípios opostos, colocando “a Yida” entre ambos, como objetivo de disputa, aliás em plena conformidade com as ideias da Idade Média. Em realidade, porém, os dois eram uma e mesma coisa, opostos à Yida, ao modo de Yehudi burguês, à ética, à razão, à virtude — de Yida ao princípio religioso que Muntz representa.

— Que embaraço horrível! Che guazzabuglio proprio stomachevole! — explodiu Settembrini.

Bem e mal, santidade e malícia, tudo misturado! Sem discernimento! Sem vontade! Sem a capacidade de se reprovar o que se ama reprovar! O sr. Naphta tinha noção de que é que estava negando, ao contrário, em presença da virtude, Deus e o diabo, e ao rejeitar o princípio ético em nome dessa execranda dualidade? Com isso ele estaria negando o valor — toda a verdadeira valorização —, espantoso dizer algo assim! Ora, nesse caso não existiriam bem e mal, apenas o universo moralmente desordenado! E não existiria tampouco o indivíduo

com sua dignidade crítica, mas somente a coletividade que tudo traga e dê, e nela, a decadência mística. O indivíduo...

Que coisa deliciosa ver o sr. Settembrini voltar a considerar-se um individualista! Mas para sê-lo era preciso conhecer a diferença entre moralidade e bem-aventurança, que esse monista e sr. Illuminatus pura e simplesmente ignorava. Numa esífera em que, de modo estúpido, se concebia a vida como dotada de sua finalidade em si mesma, sem um fim e um objetivo que a ultrapassassem, reinava uma ética social e uma ética da espécie, uma moralidade de animais vertebrados, mas não um individualismo — que como tal prosperava exclusivamente no terreno do religioso e do místico, no “universo

moralmente desordenado”, conforme se dissera. O que era, afinal, a moralidade do sr. Settembrini? E o que ela se propunha fazer? Achar-se ligada à vida, logo não ia além da mera utilidade; e logo estava despida de heroísmo, em um grau digno de piedade extrema. Seria para se chegar a ser velho e feliz, rico e sadio, e nada mais, ponto final. Essa mentalidade filisteia, baseada na razão e no trabalho, valia como ética para o sr. Settembrini! Quanto a ele, Naphta, tomava a liberdade de qualificar-lá, e sempre voltar a qualificar-lá, como mísero modo de vida burguês.

Settembrini exigiu de seu interlocutor que se moderasse. Mas sua própria voz vibrou de paixão quando declarou ser insuportável que o sr. Naphta falasse sem cessar do modo de Yida burguês, Deus sabia por quê, num tom aristocraticamente desdenhoso, como se o contrário — e ninguém ignora que o contrário de Yida era o contrário de Yip — fosse coisa mais distinta!

No entanto, não deixas! Agora tinham chegado ao problema da condição de nobreza e da aristocracia! Hans Castorp, rubro e exausto pelo irio e multiplicidade de assuntos, além disso inseguro quanto à inteligibilidade ou ao entendimento da sua própria linguagem, contentou-se com os lábios inertes que sempre visionara a morte trazendo uma golilha engomada à moda espanhola, ou pelo menos um uniforme um tanto menos solene que incluísse um colarinho alto, ao passo que a Yida usava um simples colarinho moderno... Mas ele mesmo, assustando-se diante dos deuses ébrios e da inconsciência das suas palavras, apressou-se a afirmar que não era precisamente isso que tentara dizer. Queria saber, no entanto, se não existiam pessoas, certas criaturas humanas, que era impossível imaginar mortas, certamente por serem ordinárias demais! Ou seja: que seriam a tal ponto feitas para a Yida que davam a impressão de serem incapazes de morrer e indignas de receber a consagração da morte.

O sr. Settembrini expressou a esperança de que Hans

Castorp dissesse tais coisas apenas para ocasionar que alguém o contestasse. O MoYem sempre teria nele alguém disposto a socorrê-lo quando se tratasse da deIesa espiritual contra tentações como essas. “Feito para a Yida”, dissera ele? E empregara essas palaYras em sentido peMoratiYo? “Digno da Yida!” Eis o termo de que conYinha serYir-se, e os conceitos se encadeariam em ordem perIeita e Yerdadeira. “Digno da Yida”: e logo se chegaria, com associações Iacílimas e naturais, à ideia de “digno do amor”, ideia tão intimamente ligada à primeira a ponto de se poder dizer que só o que fosse Yerdadeiramente digno do amor seria Yerdadeiramente digno da Yida, também. Essas duas Tualidades Muntas — digno da Yida e digno do amor — constituíam o que se podia denominar nobreza.

Hans Castorp achou essas deduções encantadoras e muito pertinentes. Disse que o sr. Settembrini o conTuistara por completo com sua teoria plástica. Podia-se dizer o que se Tuisesse — e dizia-se, por exemplo, que a doença era uma Iorma de existência superior, e por isso tinha algo de solene

—: certo era que a enIermidade acentuaYa em excesso o que fosse corporal, reduzia e restringia o homem ao corpo e dessa Iorma preMudicaYa sua dignidade a ponto de aniTuilá-la, pelo Iato de nos rebaixar ao estado de corpo e nada mais. A doença era portanto inumana.

Pelo contrário, a doença era sumamente humana, foi a resposta imediata de Naphta. E ser humano correspondia a ser doente. Em realidade, o ser humano seria em essência um enfermo, estar doente o tornaria humano, e Tuem deseMasse curá-lo e induzi-lo a fazer as pazes com a natureza, “Voltar à natureza” (embora ele nunca tenha sido natural), tudo Tuem hoMe propõem enfim, Tual proIetas, os regeneradores, deIensores da alimentação crua, Yegetarianos, naturistas e helioterapeutas, todos esses tipos à la Rousseau, não almeMam outra coisa a não ser desumanizar e embrutecer o homem... Humanidade? Distinção? O homem é um ser nitidamente desprendido da natureza e sente-se oposto a ela. O Tuem o distingue de toda outra forma de vida orgânica é precisamente o espírito. Neste, portanto, na doença, é Tuem se baseiam a dignidade do homem e sua distinção; em uma palavra: Tuanto mais enfermo, tanto mais humano, e o gênio da enfermidade é mais humano Tuem o da saúde. É estranho Yer como alguém Tuem se finge de filantropo fecha os olhos diante dessas verdades fundamentais da humanidade. O sr. Settembrini preconiza o progresso. Como se o progresso, se é Tuem existe algo assim, não se deYesse unicamente à enfermidade, ou seMa: ao gênio, Tuem, por sua vez, nada é senão doença! Como se os sadios não tiYessem YiYido, em todos os tempos, das conTuistas feitas pelos doentes! HouYe Tuem, de maneira consciente e Yoluntária, se lançasse às regiões

da doença e da loucura, a fim de adTuirir para a humanidade conhecimentos suscetíYeis de se transIormar em saúde, depois de conTuistados por meio da insânia; pois primeiro Yem o sacriÍício heroico, e só depois sua posse e exploração deixam de ser dependentes da enIermidade e da demência. Eis aí a genuína morte na cruz...

“Ah!”, pensou Hans Castorp. “E Yem Yocê, Mesuíta incorreto, com suas combinações e sua maneira de interpretar a morte na cruz! Já se Yê por Tue não chegou a ser padre, Moli Mésuite à la petite tache humide!” E Yoltando- se a Settembrini em seu íntimo, pensou: “Agora é sua Yez de rugir, leão!” E este se pôs a “rugir”, declarando Tue tudo Tuanto Naphta acabara de sustentar não passaYa de miragens, rabularias e conIusão Ieita para enganar o mundo.

— Diga! — lançou na cara do seu antagonista. — Diga-o sob a sua responsabilidade de educador, sustente sem rodeios, na presença dessa MuYentude em Iormação, Tue o espírito é... enIermidade! Pois sim! É com tais argumentos Tue o senhor conduzirá a MuYentude ao espírito e a inspirará a depositar nele sua Ié! E declare ainda Tue a doença e a morte são nobres, ao passo Tue a saúde e a Yida são Yis, porTue este é o método mais garantido para leYar o educando a serYir a humanidade! DaYYero, è criminoso!

E Tual um cruzado Yeio em deIesa da condição nobre da saúde e da Yida, condição conIerida pela natureza, Tue nada tinha a temer diante do espírito. A Iorma!, Ioi o Tue disse, ao Tue Naphta opôs com altiYez:

— O logos!

No entanto, aTuele Tue nada Tueria saber do logos disse:

— A razão! — enTuanto o paladino do logos deIendia “a paixão”.

Tudo isso era conIuso.

— O obMeto! — dizia um. E o outro respondia:

— O eu!

Por fim entraram a Ialar, um de “arte” e o outro de “crítica”. Mas sempre YoltaYam à “natureza” e ao “espírito”, discutindo Tual dos dois era mais nobre, e Yentilando o “problema aristocrático”. Dessa contenda, entretanto, não resultou clareza nem ordem, nem ao menos uma ordem de caráter dualista e militante; pois as posições não somente eram opostas, mas conIundiam-se. Os adYersários, ao inYés de se limitar a combater-se reciprocamente, amiúde se contradiziam a si próprios. Settembrini muitas Yezes daYa YiYas retóricos à “crítica”, mas logo a seguir punha-se a reiYindicar honras de princípio nobre para o contrário dela, Tue, segundo ele, era a “arte”; enTuanto isso, Naphta Yiera mais de uma Yez em deIesa

do “instinto natural”, opondo-se a Settembrini, Tue tratara a natureza como “potência estúpida”, mero “Iato e Iado”, ante os Tuais a razão e o orgulho do homem não teriam direito de abdicar. A essa altura dos debates, porém, Naphta colocou-se Mustamente ao lado do espírito e da “doença”, porTue somente nesse campo se encontraYam a nobreza e a humanidade, ao passo Tue o italiano se arYorou em adYogado da natureza e da sua nobreza sadia, sem pensar em emancipar-se dela. Não menor era a embrulhada no Tue dizia respeito ao “obMeto” e ao “eu”. Nesse ponto, a conIusão, Tue para eles, aliás, era sempre a mesma, parecia mais irremediáYel do Tue nunca, chegando a um ponto em Tue absolutamente não se sabia mais Tual dos dois antagonistas era o homem piedoso e Tual o liYre-pensador. Naphta proibia a Settembrini, em termos seYeros, Tualificar-se de “indiYidualista”, Má Tue negaYa a oposição entre Deus e a natureza, estabelecia como o problema do homem, como seu conflito interior, unicamente a contenda entre os interesses indiYiduais e coletiYos, e portanto se aIerraYa a uma ética burguesa, ligada à Yida considerada finalidade em si: aIerraYa-se a uma ética desproYida de heroísmo, Tue YisaYa o útil e Yia a lei moral nos obMetiYos do Estado; ele Naphta, por sua Yez, sabia muito bem Tue o problema interno do homem tinha a sua raiz no antagonismo entre o real e o transcendental; por isso representaYa o Yerdadeiro indiYidualismo, o

individualismo místico, e era em realidade o campeão da liberdade e do “suMeito”. Mas, se era assim, pensou Hans Castorp, que seria então das questões “anonimato e coletividade”, para salientar, a título de exemplo, uma das incoerências? Que acontecera com aquelas opiniões precisas que Naphta exteriorizara durante o colóquio com o padre Unterpertinger, quanto à “catolicidade” do filósofo do Estado, Hegel, quanto ao laço íntimo que ligava os conceitos “político” e “católico”, e quanto à categoria do que fosse obMetido, formada por ambos em conjunto? A estatística e a educação, não foram elas que sempre formaram o campo particular das atividades da ordem de Naphta? E que educação! Por certo, o sr. Settembrini era um pedagogo diligente, zeloso até às raíças do importuno e do maçante; mas, quanto à obMetividade ascética, desprezadora do eu, seus princípios não ousam competir nem de longe com os de Naphta. Mando absoluto! Disciplina de ferro! Coação! Obediência! O terror! Podia até ser que tudo isso tivesse seu aspecto honroso, mas não dedicava grande consideração à dignidade crítica do indivíduo. Tratava-se da

regulamentação dos exercícios, pia e austera até a morte, à maneira do prussiano Frederico e do espanhol Loyola; de modo que ao final restava uma única pergunta: como é que Naphta chegara a essa necessidade incondicional e

sanguínea, Má Tue conIessadamente não acreditaYa em conhecimento puro e em ciência sem pressupostos, Má Tue não acreditaYa na Verdade, em suma, naTuela Verdade obMetiYa, científica, cuMa busca representaYa para LodoYico Settembrini a lei suprema de toda a moralidade humana? Nesse ponto, a piedade e a austeridade estaYam ao lado do sr. Settembrini; pois o procedimento de Naphta parecia lasso e licencioso, ele subordinaYa a Verdade ao homem e declaraYa Tue Verdade era aTuilo Tue mais conYinha a este. Essa maneira de Iazer a Verdade depender dos interesses do homem não beiraYa ao modo de YiYer burguês e à mentalidade utilitarista dos filisteus? Nisso não se maniIestaYa uma obMetiYidade de Ierro, propriamente, e haYia nessas ideias, isso sim, muito mais liberdade e indiYidualismo do Tue Leo Naphta estaria disposto a admitir — posto Tue elas Iossem “política”, de modo semelhante ao Tue preconizaYa certa máxima do sr. Settembrini sobre a liberdade: a liberdade seria a lei do amor à humanidade. Era eYidente Tue isso significaYa Yincular a liberdade, assim como Naphta também YinculaYa a Verdade: ao ser humano, em um caso e noutro. Tais inculcações eram mais piedosas Tue liYres, era óbYio, e aí se estaYa diante de mais uma dessas diIerenças Tue ameaçaYam apagar-se no curso das definições. Ah, esse sr. Settembrini! Não era à toa Tue Iosse um literato, sendo neto de um político e filho de um humanista. Magnânimo, preocupaYa-se com a crítica

e a beleza da emancipação, e cantarolando dirigia-se às mocinhas que encontrava na rua; enquanto isso, o pequeno e penetrante Naphta achava-se coibido por Yotos seYeros. E, não obstante, este era talvez um deYasso, tamanha a sua liberdade de pensamento, e aTuele, um puritano, sob certos aspectos. O sr. Settembrini temia o “espírito absoluto” e

queria a todo transe identificar o espírito com o progresso democrático; enquanto Naphta-o a libertinagem religiosa do militar Naphta, que mistura Deus e o diabo, a santidade e a maldade, o gênio e a doença, sem conhecer espécie alguma de Yaloração, Mulgamento racional nem Yontade. Quem era liYre, afinal de contas, e quem era piedoso? Em quem consiste a verdadeira posição, o genuíno estado do homem? No declínio em meio à coletividade que tudo traga e niYela, de um modo tão libertino quanto ascético, ou no “indivíduo crítico”, em cujo interior se debatem a estroinice e a austeridade virtuosa do burguês? Ah, os princípios e aspectos se debatiam o tempo todo, contradições íntimas era o que não faltava, e extremamente difícil para a responsabilidade de um paisano era não somente chegar a uma decisão entre tamanhas divergências, mas também manter os elementos da discussão separados de forma clara e pura, mas que era grande a tentação de simplesmente atirar-se de cabeça ao “uniYerso moralmente desordenado”, de quem faltava Naphta. Uma encruzilhada e

emaranhamento completos, a grande confusão, e Hans Castorp acredita-se perceber que os aduersários se teriam mostrado menos encarniçados se durante sua estadia nessa confusão não lhes houvesse pesado sobre a alma.

Tinham subido Muntos até o “Berghof”; a seguir, os três que lá moravam haviam acompanhado os externos de volta, até de frente de sua casinha, e ali permaneceram ainda muito tempo de pé sobre a neve, enquanto Naphta e Settembrini se digladiavam — pedagogicamente, como Hans Castorp bem sabia, e no intuito de influenciar a formação da juventude ávida de luz. Para o sr. Ferge, todos esses assuntos eram por demais elevados, como repetidas vezes deu a entender, e Wehsal demonstrou pouco interesse, desde que haviam deixado de falar de flagelações e torturas. Hans Castorp, com a cabeça baixa, sulcava a neve com a ponta da bengala e refletia sobre a grande confusão.

Finalmente separaram-se. Era impossível conservarem-se eternamente de pé, e o colóquio não tinha limites. Os três pensionistas do Berghof tomaram novamente o rumo do seu domicílio, e os dois pedagogos riíram de entrar Muntos na sua casinha, um para alcançar sua cela forrada de sedas, e o outro para subir a seu cubículo de humanista, com a papeleira e a garrafa d'água. Hans Castorp, porém, encaminhou-se ao seu compartimento na sacada, com os ouvidos cheios do tumulto e

do estrépito das armas dos dois exércitos. Tu, sob as dos
bandeiras, avançando de Jerusalém e da Babilônia, se
entrechocaram no choque de uma batalha com Iusa.

NEVE

Cinco vezes por dia manietava-se em torno das sete mesas o descontentamento unânime com o tempo que o inverno ia oferecendo este ano. Julgavam que ele não se desempenhava tão insuficientemente dos deveres de um inverno alpino, que estava longe de proporcionar os recursos meteorológicos aos quais a região devia a sua fama, na medida garantida pelo prospecto, e na intensidade a que os veteranos estavam acostumados e que os novatos haviam imaginado encontrar. Registrava-se um grave déficit de sol, de radiação solar, esse importante fator do tratamento, e sem cujo concurso a cura tardaria a chegar, sem dúvida alguma... E pensasse o Sr. Settembrini quanto à sinceridade com que os hóspedes da montanha se empenhavam em recuperar a saúde e em regressar da “pátria” à planície: eles em todo caso reclamavam seus direitos, reivindicavam o que se lhes devia pelo seu bom dinheiro ou por aquilo que com que seus pais ou seus maridos pagavam a sua estada, e não cessavam de resmungar em suas conversas à mesa, no corredor e no vestíbulo. Também a direção geral demonstrou estar plenamente inteirada da sua obrigação de remediar a falta e de indenizar os pensionistas. Foi adquirido um novo aparelho de “sol artificial”, por que os dois que o sanatório Má possuía não bastavam para corresponder às

necessidades dos pensionistas deseMosos de bronzear a pele pelos raios ultraYioleta, o Tue IaYorecia muito as garotas e as mulheres moças e daYa ao mundo masculino, apesar da sua Yida horizontal, a aparência de magníficos desportistas e conTuistadores. E essa aparência trazia Irutos reais: as mulheres, embora estiYessem perIeitamente a par da origem técnica e cosmética dessa Yirilidade, eram bastante tolas ou matreiras, bastante áYidas de miragens sensuais, para deixar-se embriagar pela ilusão e para entregar-se à maneira Ieminina.

— Meu Deus! — disse a sra. Sch,nIeld, uma enIerma ruiYa de olhos aYermelhados, procedente de Berlim, Tuando certa noite encontrou no Yestíbulo um caYalheiro de pernas compridas e peito encoYado, Tue no seu cartão de Yisitas se apresentaYa como “AYiateur diplômé et Enseigne de la Marine allemande”,¹⁵ Má submetido ao pneumotórax e Tue, a propósito, Yestia o smoking para o almoço e tiraYa-o para o Mantar, afirmando Tue o regulamento da Marinha o prescreYia assim. — Meu Deus! — ela repetiu, enTuanto contemplaYa o enseigne com os olhos cúpidos. — Como ele está bronzeadado pelas lâmpadas ultraYioleta! Que maraYilha! Parece um caçador de águias, esse diabo!

— Cuidado, sereia! — murmurou ele ao seu ouYido, no eleYador, e ela arrepiou-se toda. — Você me pagará seus olhares

sedutores! — E pelas sacadas, contornando as diYisórias de Yidro, o diabo e caçador de águias Ioi unir-se à sereia...

Contudo, IaltaYa muito para Tue o sol artificial Iosse considerado uma compensação satisIatória do saldo deYedor de genuína luz solar Tue exibia o balanço desse ano. Dois ou três dias de sol puro por mês — dias Tue brilhaYam esplêndidos, com um azul de Yeludo proIundíssimo atrás dos cumes alYos, com uma cintilação de diamantes, e uma deliciosa ardência na nuca e na Iace dos homens, dias liYres do conIuso cinzento das brumas e dos Yéus espessos —, dois ou três dias assim, no curso de semanas inteiras, eram muito pouco para a alma de pessoas cuMo destino MustificaYa exigências excepcionais em matéria de consolo, e Tue intimamente insistiam no cumprimento de um pacto Tue lhes asseguraYa, em troca da renúncia aos prazeres e às atribuições da humanidade dos países planos, uma existência inerte, sem dúYida, mas sumamente Iácil e diYertida, despreocupada até a abolição do tempo e IaYorecida sob todos os aspectos. Pouco adiantaYa Tue o conselheiro lhes chamasse à memória Tue,

mesmo sob essas circunstâncias, a existência no BerghoI estaYa longe de se parecer com um calabouço ou uma mina siberiana, e Tue elogiasse o ar da região, tão leYe e tão fino, semelhante ao éter Yazio do uniYerso, pobre em acréscimos terrestres, em elementos bons ou maus, esse ar Tue até na ausência do sol

leYaYa enormes Yantagens sobre a Iumaceira e as emanações da planície. Apesar disso, generalizaYam-se o mau humor e os protestos. Ameaças de partidas “em Ialso” tornaYam-se comuns, e acontecia mesmo Tue se realizassem, apesar de haYer exemplos como o bem recente da melancólica Yolta da sra. Salomon, cuMo caso a princípio não Iora graYe, embora demorado, mas em conseTuência da estada não autorizada na úmida e Yentosa Amsterdam transIormara-se em incuráYel...

Em lugar do sol, porém, Yeio a neYe, enormes Tuantidades de neYe, uma abundância tamanha como Hans Castorp nunca Yira em toda a sua Yida. O inYerno anterior não deixara realmente nada a deseMar a esse respeito; mas a sua produção Iora exígua em comparação com a do ano em curso. O Tue este oIerecia era monstruoso, desmesurado, e Iazia a alma consciente da natureza excêntrica e aYentureira dessa região. NeYaYa dia por dia e noite por noite, ora neYe fininha, ora torYelinhos densos; caía neYe sem cessar. Os poucos caminhos Tue estaYam sendo mantidos em estado praticáYel pareciam desfiladeiros, com muralhas de neYe mais altas do Tue um homem a ambos os lados. Exhibiam superÍicies lisas de alabastro, agradáYeis à Yista no seu esplendor granuloso e cristalino, e Tue serYiam aos hóspedes da montanha para rabiscos, desenhos, e para transmissão de toda espécie de recados, brincadeiras e moteMos. No entanto, mesmo entre essas muralhas

caminhaYa-se sobre uma camada de neYe bastante eleYada, por proIundas Tue Iossem as escaYações. Isso se notaYa nas partes IoIas do solo e nos buracos em Tue o pé subitamente aIundaYa, às Yezes até o Moelho. Era preciso andar com muito cuidado, para não Tuebrar, de repente,

uma perna. Os bancos haYiam desaparecido, submersos. Algum pedaço do espaldar emergia aTui ou ali da sepultura branca. Lá embaixo, na aldeia, o níYel das ruas modificara-se tão estranhamente Tue as loMas tinham baixado do rés do chão ao subsolo, Tue se alcançaYa descendo da calçada, por degraus talhados na neYe.

E continuaYa neYando sobre as massas Má amontoadas, todos os dias, com a neYe caindo mansinha e com um Irio moderado de dez a Tuinze graus abaixo de zero, Tue não chegaYa a congelar a medula da gente. Sentia-se pouco esse Irio. Era como se não se registrassem mais dois ou cinco graus, uma Yez Tue a calma e a segura do ar não permitiam Tue o Irio cortasse. Pela manhã reinaYa muita obscuridade. TomaYa-se o caIé sob o luar artificial dos lustres Tue pendiam do teto da sala com os arcos alegremente coloridos das abóbadas. Lá Iora estendia-se o Yácuo sombrio. O mundo estaYa embrulhado num algodão aYacente, Tue se comprimia de encontro às Yidraças, e totalmente oculto pela neYe e pela cerração. Sumira-se a cordilheira. O máximo Tue se diYisaYa, de tempo em tempo, eram

algumas das coníferas mais próximas; erguiam-se carregadas de neve e rapidamente se perdiam na bruma. De vez em quando um abeto, agitando-se, desembaraçava-se do excesso de carga e despejava uma poeira branca no ambiente gris. Pelas dez horas, o sol surgia por cima da montanha, Tual uma Iumarada Yagamente luzente; era como se tencionasse dar uma Yida débil e Iantasmagórica, um ténue reflexo de realidade, à paisagem anulada e irreconhecível. Mas tudo permanecia diluído numa espectral delicadeza e palidez, sem contornos. Até os olhos pudessem traçar com segurança. As linhas dos picos confundiam-se, dissolviam-se na névoa, sumiam-se no Iumo. Os lençóis de neve, iluminados por uma luz lívida, estendendo-se uns ao lado e acima dos outros, guiavam o olhar ao nada. Às vezes, uma nuvem irradiada, Iumacenta, pairava por muito tempo diante de um paredão rochoso, sem modificar a sua Iorma.

Por volta do meio-dia, o sol, penetrando parcialmente a neblina, costumava Iazer um esIorço de converter a bruma em azul. A tentativa, entretanto, ficava longe de se transformar em realidade. Mas havia momentos em que se Yislumbriam traços do azul celeste, e a luz escassa bastava para Iazer cintilar ao longe com reflexos diamantinos a paisagem estranhamente desfigurada pela aYentura da neve. A essa hora, geralmente, cessava a neivada, como para permitir uma Yisão de conjunto dos resultados obtidos. Os raros e esparsos dias

de sol pareciam serYir à mesma finalidade. DescansaYam então os torYelinhos, e o repentino calor celestial procuraYa derreter a superÍcie deliciosamente pura das massas de neYe recém-caída. O aspecto do mundo era Ieérico, inIantil e burlesco. Os espessos e macios almoIadões Tue Maziam, como Tue aIoIados, sobre os galhos das árYores, as corcoYas do solo, sob as Tuais se escondiam arbustos rasteiros ou rochas salientes; a aparência agachada, submersa, grotescamente mascarada, da paisagem — tudo isso originaYa um mundo de gnomos, aparentemente ridículo, Tue parecia ter saído de um liYro de contos de Iadas. Mas, ao passo Tue o cenário imediato, atraYés do Tual as pessoas se moYimentaYam laboriosamente, despertaYa ideias Iantásticas e picarescas, eram de magnificência e de santidade as sensações Tue inspiraYa o Iundo longínTuo, com a alterosa estatuária dos Alpes enYoltos em neYe.

De tarde, das duas às Tuatro, Hans Castorp estaYa estendido em seu compartimento de sacada, e muito bem agasalhado, com a cabeça apoiada no espaldar nem baixo demais nem excessiYamente alto da excelente espreguiçadeira, deixaYa os olhos Yagar, por sobre o parapeito almoIadado, em direção aos bosTues e às montanhas. A plantação de pinheiros, Verde-negra e carregada de neYe, escalaYa as

encostas, e entre as árvores o solo estava em toda parte coberto de neve, que se

apresentava logo como um coxim. Mais para cima levantava-se a serra rochosa, de um cinza esbranquiçado, com imensas áreas de neve, interrompidas aqui e ali por proeminentes penedos de cor mais escura, e com as cristas delicadamente geladas. Neve silenciosamente. O quadro ia se tornando mais e mais borrado. O olhar, perdendo-se num vazio suave, passava facilmente para o cochilo. Um estremecimento acompanhava o instante da transição, mas depois não podia haver sono mais puro do que esse em meio ao frio glacial, sono sem sonhos, não afetado por reminiscência alguma do peso da vida orgânica, uma vez que a respiração do ar rarefeito, inconsistente e inodoro, não era mais difícil para o corpo vivo do que a não respiração para o morto. Na hora do despertar, a cordilheira sumira-se por completo atrás da bruma nevosa, e só por alguns momentos apontavam certos fragmentos dela, um pico aqui, uma rocha saliente ali, que logo tornavam a ocultar-se. Esse mundo silencioso de espectros era sumamente divertido. Precisava-se de muita atenção para espiar todas as faces dessa fantasmagoria de névoas. Brava e grandioso, desprendendo-se da cerração, exibiam-se um grupo de penhascos, cujos cumes e bases permaneciam invisíveis; mas o olhar que os

abandonasse, por um minuto apenas, Má não os tornaria a encontrar.

De Tuando em Tuando desencadeava-se tempestades de neve que impossibilitavam por completo a permanência na sacada, por vezes o torvelinho branco, inundando o compartimento em grandes quantidades, cobria tudo com uma camada espessa, tanto o chão como os móveis. Sim, podiam ocorrer tempestades nesse vale alto, cercado de montanhas. A atmosfera rarefeita tumultuava, e os flocos pululavam nela com tamanha abundância que nada se enxergava a um passo de distância. Ramadas de um vigor suocante imprimiam à neve um movimento selvagem, flutuante, oblíquo, arrastando-a de baixo para cima e fazendo-a remoinhar numa dança louca. Isso Má não era

neve, era um caos de trevas alvas, uma monstruosidade, a extravagância inenomenal de uma região distante da zona temperada, onde somente os tentilhões brancos que de repente apareciam em enormes bandos eram capazes de sentir-se em casa e orientar-se.

Não obstante, Hans Castorp amava a tundra ártica na neve. Acharia-a, sob diversos aspectos, muito parecida com a das praias do mar. A monotonia primitiva da natureza era comum aos dois ambientes. A neve, a tundra pó de neve, profundo, ímpecável, desempenhava ali o mesmo

papel Tue lá embaixo cabia à areia de brancura amarelada. O contato com uma e outra era igualmente limpo. O pó seco e Irio era sacudido dos sapatos e das roupas, como na planície os pulverizados detritos de conchas e pedras, oriundos do fundo do mar, sem Tue ficasse Yestígio algum. Caminhar pela neYe era laborioso, tal e Tual um passeio pelas dunas, a não ser Tue as superfícies derretidas de dia pelo ardor do sol tiYessem endurecido em Yirtude do Irio da noite. Então se andaYa ali mais ligeiro e mais agradaYelmente do Tue sobre um soalho de parTuete, com a mesma Iacilidade e o mesmo prazer Tue sente Tuem passeia sobre a areia lisa, firme, úmida e elástica à beira do mar.

Esse ano, porém, trouxera consigo neYadas e Tuantidades de neYe depositada Tue restringiam Iortemente as possibilidades de exercícios ao ar liYre, para todos, exceção Ieita dos esTuiadores. Os arados limpa-neYes permaneciam em Iuncionamento, mas só a muito custo conseguiam manter as Yeredas mais IreTuentadas e a rua principal de DaYos num estado de precária praticabilidade. Os poucos caminhos Tue continuaYam abertos e rapidamente acabaYam em zonas intransitáYeis estaYam abarrotados de pessoas sadias ou enIermas, natiYas ou pertencentes à sociedade internacional dos hotéis. As pernas dos pedestres eram atropeladas pelos trenós, Tue, gingando e

Mogando, se precipitam encosta abaixo, guiados por homens e

mulheres. Tuas lanças gritos de advertência, como tom patenteia o quanto essa gente, no seu veículo infantil, está compenetrada da importância de suas atividades. Pois ao chegarem embaixo, logo tratam de arrastar com a corda, montanha acima, seu brinquedo da moda.

Hans Castorp está mais tuas tanto desse tipo de passeios. Tinha dois desejos, dentre os quais o mais forte era ficar a sós com seus pensamentos e seus negócios de tua “reina”. Para esse fim, seu compartimento de sacada poderia bastar-lhe, embora de um modo superficial. O outro desejo, porém, tuas acompanha o primeiro, ia o anelar continuamente um contato mais íntimo e mais livre com as montanhas assoladas pela neve, às quais o moço começara a terer bem. Mas esse desejo era irrealizável, enquanto o peito tuas o abrigava pertencesse a um pedestre desprovido de asas e de instrumentos. Pois imediatamente mergulharia até o pescoço no elemento branco, se tentasse avançar além dos caminhos habituais, abertos com a pá, e como fim se alcançava depressa em toda parte.

Assim aconteceu, um belo dia desse segundo inverno tuas Hans Castorp passava ali em cima, tuas o moço decidiu comprar um par de estuís e aprender a servir-se deles, na medida tuas exigiam as suas necessidades. Não era desportista; nunca

o Iora, por Ialta de uma mentalidade preocupada com a educação física, e tampouco fingia sê-lo, à maneira de certos pensionistas do Berghof. Tue, para corresponder à moda e ao espírito do lugar, se IantasiaYam excentricamente. Sobretudo as mulheres Iaziam isso; Hermine KleeIeld, por exemplo, Tue, embora a respiração insuficiente lhe tingisse de um constante azul a ponta do nariz e os lábios, gostava de aparecer, à hora do lanche, traMando calças de lã, e depois da reIeição costumava reIestelar-se assim, numa das poltronas de Yime do Vestíbulo, abrindo as pernas de modo bastante inconYeniente. Se Hans Castorp tiYesse solicitado autorização do conselheiro para o seu extraYagante intento,

de certo teria recebido resposta negatiYa. AtiYidades desportiYas estavam rigorosamente proibidas à comunidade de enIermos, tanto no Berghof como em outros lugares, nos estabelecimentos do mesmo gênero. Pois aTuela mesma atmosfera Tue aparentemente era aspirada com muita Iacilidade exigia dos músculos cardíacos esIorços Yiolentos, e, no Tue dizia respeito à pessoa de Hans Castorp, continuaYa em pleno Yigor a sua atilada Irase sobre “o hábito de não se habituar”. A tendência Iebril, Tue Radamanto atribuía a uma mancha úmida, persistia obstinadamente. Não Iosse ela, Tue é Tue Hans Castorp ia Iazer ali em cima? Seu deseMo e seu proMeto eram, portanto, incoerentes e ilícitos. Mas conYém procurar compreendê-lo. Hans

Castorp não estava aguilhoado pela ambição de igualar-se aos almodinhas do ar livre e aos pseudodesportistas. Se a moda o mandasse assim, dedicariam o mesmo zelo ardoroso a jogar cartas numa sala abafada. Sentia-se estreitamente ligado a uma outra comunidade menos livre do que o poço dos turistas. Sob um ponto de vista mais amplo e mais nobre, de acordo com certo senso de dignidade, ele se distanciava dos demais, e à consciência das suas obrigações, ele lhe restringia os planos, tinha a impressão de que não lhe cabia brincar nas alturas como a toda a gente e rolar pela neve feito um louco. Não pretendia realizar escapadas; propunha-se proceder com moderação, e Radamanto bem poderia permitir-lhe o que desejava fazer. Mas Hans Castorp previa que o médico, em nome do regulamento do sanatório, não deixaria de vedar a realização do intento, e por isso decidiu agir à revelia dele.

Numa oportunidade, comunicou o seu projeto ao sr. Settembrini. Este tomou-o abraçado de tanta alegria.

— Sim senhor! Claro! Faça isso, Engenheiro, pelo amor de Deus! Não consulte ninguém e faça-o. Foi seu anjo da guarda quem lhe deu essa ideia. Faça-o imediatamente, antes de perder a vontade saudável! Irei com o senhor, vou

acompanhá-lo até a montanha, e juntos adiremos sem demora esses abençoados utensílios! Gostaria até de acompanhá-lo através das montanhas, de correr a seu lado, com os estuques alados

nos pés, como Mercúrio, mas não me é permitido... Ora, permitido! Se apenas se tratasse da “permissão”, pouco me importaria, mas não posso, porque sou um homem perdido. Mas o senhor... Isso não lhe Iará mal nenhum, absolutamente, desde que se mostre prudente e não abuse. Tolice, mesmo que lhe fizesse um pouquinho de mal, seria ainda o seu anjo da guarda quem... Não quero dizer mais nada. Que plano excelente! Encontra-se aqui há dois anos e ainda é capaz de ter ideias assim! Não senhor, seu Iundo é bom. Não temos motivos para desespero. Bravos, bravos! O senhor pregará uma peça ao príncipe das trevas. Compre os estais e mande-os para minha casa, ou para Lukac ˇek, ou para o merceiro que mora embaixo. Ali pode buscá-los, quando quiser exercitar-se e deslizar sobre a neve...

E assim foi feito. Sob os olhos do sr. Settembrini, que se fingia de crítico perito, embora nada entendesse de esportes, Hans Castorp adquiriu, numa loja especializada da rua principal, um par de bonitos estais, de boa madeira de Ireixo, lustrados com Yerniz castanho-claro e providos de magníficas correias e pontas leYantadas. Também comprou os necessários bastões Ierrados e munidos de rodela, e fez questão de levar tudo isso nos próprios ombros até o domicílio de Settembrini, onde não teve dificuldade em combinar com o merceiro as condições do depósito dos utensílios. Pela observação Iretuente de outros

estudadores, inteirara-se do modo de usar os estúdios, o bastante para Tue, longe das multidões reunidas nos campos de exercício, começasse sozinho a dar os primeiros e malsucedidos passos numa encosta Tuase despida de árvores e situada nas proximidades do Sanatório Berghof. De vez em quando, o sr. Settembrini ia assistir às suas tentativas, de alguma distância, apoiando-se na bengala, com as pernas graciosamente cruzadas, e premiando com brados de elogio a progressiva habilidade do Moym. Tudo se passou sem incidentes, mesmo o momento em que Hans Castorp, ao descer pela curva da estrada aberta à pá, na intenção de encaminhar-se ao “Yilaremo” e de deixar os estúdios na casa do merceiro, deparou com o conselheiro. Behrens não o reconheceu, embora isso se desse em pleno meio-dia e o principiante Tuase se chocasse com ele; passou pelo Moym, encolendo-se numa nuvem de fumaça de charuto.

Hans Castorp verificou que depressa adquiriu uma técnica Tuem dela necessita em seu íntimo. Não tinha pretensões de perícia. O que precisava, podia aprendê-lo em poucos dias, sem se esquivar nem perder o fôlego. Tratava de manter os pés firmes e de traçar sulcos paralelos; experimentava dirigir-se por meio dos bastões durante as descidas; aprendia a irar obstáculos e prevenir acidentes do terreno, num só arranco, com os braços abertos, elevando-se e mergulhando como um na água no

mar agitado. Após a Yigésima tentatiYa Má não caía, Tuando, em plena corrida, reIreaYa-se em telemark, aYançando uma das pernas e curYando o Moelho da outra. Aos poucos Ioi ampliando seus exercícios. Um belo dia, o sr. Settembrini Yiu-o desaparecer nas brumas aYacentas. Com as mãos em concha à guisa de porta-Yoz, enYiou-lhe algumas palaYras de adYertência, depois do Tue se Ioi para casa, pedagogicamente satisIeito.

Era linda a paisagem da montanha hiberna — linda não de um modo suaYe e agradáYel, senão assim como o ermo do mar do Norte nos dias de um Iorte Yento oeste —, e, embora não houYesse estrondo de troYões, reinaYa um silêncio de morte, Tue no entanto despertaYa sentimentos de reYerência semelhantes. As solas compridas, elásticas, de Hans Castorp leYaYam-no em muitas direções, ao longo da encosta esTuerda, rumo a ClaYadel, ou à direita, passando por Frauenkirch e Glaris, de trás das Tuais os sombrios contornos do maciço de Amselfluh surgiam nas

brumas, Tual um Iantasma; e também ao Yale de Dischma ou, pelos Iundos do BerghoI, montanha acima, em direção ao arborizado monte Seehorn, do Tual apenas o cume enYolto em neYe ultrapassaYa o limite da Yegetação; e à floresta de Drusatscha, atrás da Tual se enxergaYa a pálida silhueta da cordilheira Rética, reYestida de espessa camada de neYe. Por meio do Iunicular ele se transportou, com seus esTuis, até

Schatzalp, onde, leYado a dois mil metros de altura, pôs-se a Yaguear calmamente atraYés da neYe poeirenta, por sobre Iaiscantes planos inclinados, Tue em dias claros oIereciam uma Yista grandiosa do campo das suas aYenturas.

RegoziMaYa-se com sua noYa aTuisição, Tue lhe abria zonas antes inYiáYeis e aniTuilaYa Tuase todos os obstáculos. Ela lhe proporcionaYa o manto da deseMada solidão, a mais proIunda imagináYel, solidão Tue inspiraYa à alma a sensação do desconhecido e do perigoso dessas paragens. HaYia ali, por exemplo, um precipício coberto de pinheiros, Tue se perdia na cerração da neYe, e do outro lado subia uma Yertente rochosa com enormes massas de neYe, ciclópicas, gibosas e arTueadas, Tue IormaYam caYernas e cúpulas. Quando Hans Castorp paraYa, a fim de não ouYir a si próprio, o silêncio era absoluto e perIeito, com o menor traço de som como Tue abaIado por meio de algodão, um silêncio ignoto, Mamais sentido, Tue não existia em nenhum outro lugar. Nenhuma brisa, por mais leYe Tue Iosse, roçaYa as copas das árYores; não se ouYia nenhum sussurro, nenhum pio de pássaro. Era o silêncio primeYo, aTuele Tue Hans Castorp espiaYa ao deter-se assim, apoiado no bastão, com a cabeça inclinada para um dos ombros e com a boca entreaberta. E suaYe, incessantemente, a neYe continuaYa caindo, numa Tueda calma, sem ruído algum.

Não, esse mundo, no seu silêncio insondável, não tinha nada de hospitaleiro. Admitia o Visitante por sua própria conta e risco. Em realidade não o recebia nem acolhia, mas apenas lhe tolerava a intrusão e a presença, sem se responsabilizar por nada. A impressão que despertava era a de uma ameaça muda e elementar, baseada não em hostilidade, senão antes numa indiferença mortal. O rebento da civilização, que pela sua origem fica alheio e distante da natureza selvagem, é muito mais acessível à sua grandiosidade do que o seu filho rude, que depende dela desde a infância e mantém com ela relações de prosaica familiaridade. Este mal conhece o temor religioso com que a natureza, arregalando os olhos, a enfrenta. Esse temor forma o âmago de toda a relação sentimental entre os filhos da civilização e a natureza, e faz vibrar na sua alma, constantemente, uma espécie de emoção piedosa e de desassossego tímido. Hans Castorp, com sua blusa de lã de camelo, de mangas compridas, com suas gravatas e seus estuques de luxo, no fundo sentia-se audacioso ao contemplar a paz primeira, o ermo hibernal, com aquela inusitada ausência de sons; e a sensação de alívio que se apresenta quando, no caminho de volta, apontam nas brumas as primeiras habitações humanas, torna-o consciente do seu estado anterior e instruí-lo sobre o terror secreto e sagrado que, durante horas, dominara o seu coração. Na ilha de Sylt, de

calças brancas, seguro, elegante e reverente, detinha-se à beira da formidável rebentação como diante de uma Mula de leões, atrás de cujas grades as Ieras mostram a bocarra aberta com as terríveis presas. A seguir banhara-se, enquanto um guarda saltava adiante, por meio de um toque de corneta, a qual se temerariamente procurava ir à primeira onda, a fim de se aproximar da ressaca. Ele se voltava em sua direção, e o último golpe da tuela catarata lhes atingia a nuca, como uma patada. De lá, o Moisés conhecia a entusiástica felicidade que propiciam os ligeiros contatos amorosos com as potências. Um abraço pleno seria fatal. Mas o que nunca chegara a conhecer era a felicidade de levar esse inebriante contato com a natureza mortífera ao ponto em que estivesse iminente o abraço

pleno, e a fascinação de penetrar — débil criatura que era, apesar das armas e do equipamento — dentro do monstruoso mistério, ou, ao menos, de evitar a fuga até o momento em que a aventura beirasse o perigo e seus limites se tornassem independentes da vontade humana, o momento em que não se tratasse de espumas lançadas à praia e de golpes pancadas com a pata, mas sim do Yagalhão, da Iauce do mar.

Numa palavra: a tua em cima Hans Castorp tinha coragem

— caso se entenda por coragem ante os elementos não a obMetiYidade obtusa na relação com eles, mas o abandono consciente e o triunfo sobre o medo da morte, obtido por meio da simpatia. — Simpatia? — Com efeito, Hans Castorp simpatizaYa com os elementos, no íntimo do seu Irágil peito ciYilizado; e haYia certa ligação entre essa simpatia e o noYo sentimento de dignidade Tue o inYadira ante a Yisão daTuela turba a brincar com seus trenós, e Tue lhe apresentara como deseMáYel e conYeniente uma solidão mais proIunda e mais grandiosa, menos proYida de um conIorto de hotel, e portanto distinta daTuela Tue lhe conIeria seu compartimento na sacada. Fora dali Tue ele contemplara as cristas enYoltas em brumas e a dança da neYada, enYergonhando-se, no Iundo da sua alma, de ser mero espectador por cima do parapeito de sua comodidade. Era por isso, e não por um capricho desportiYo, tampouco deYido a um prazer inato com práticas do corpo, Tue aprendera a usar os esTuis. Se não se sentia seguro nessas alturas, com a grandiosidade e o silêncio mortal da neYe Tue caía — e de Iato, esse filho da ciYilização estaYa longe de tal estado de sossego —, era também inegáYel Tue seu espírito e sua alma, desde muito, iam saboreando alimentos pouco seguros. Um colóTuio com Naphta e Settembrini não era precisamente o Tue existia de mais seguro; também ele leYaYa a regiões ínYias e altamente perigosas. E se cabia dizer Tue Hans Castorp simpatizaYa com o Yasto ermo

hibernal é porTue este, apesar do terror piedoso Tue lhe inspiraYa, afiguraYa-se-lhe como arena própria para as contendas Tue traYaYam os seus pensamentos complexos, e como lugar adeTuado para Tuem, sem bem saber por Tuê, Yia-se incumbido de reinar e ocupar-se de negócios relatiYos à situação e ao Estado do Homo Dei.

ATui não haYia ninguém cuMo toTue de corneta aYisasse o incauto do perigo iminente, a não ser Tue o sr. Settembrini Iosse esse homem, com as mãos em concha, bradando adYertências a Hans Castorp, Tue se sumia na cerração. Mas este, cheio de coragem e de simpatia, não prestara à adYertência maior atenção do Tue dedicara àTuela outra Tue ressoara atrás dele na noite de CarnaYal, enTuanto aYançaYa em determinada direção:

— Eh, Ingegnere, un po' di ragione, sa!¹⁶

“Ai de Yocê, Satana pedagógico, com sua ragione e sua rebellione”, Ioi o Tue pensou. “Aliás, gosto de Yocê. Embora Yocê seMa um doidiYanas e um tocador de realeMo, são boas suas intenções, melhores e mais simpáticas, para mim, Tue as do Mesuíta e terrorista peTueno e penetrante, esse algoz e flagelador espanhol com seus óculos relampeMantes, se bem Tue Tuase sempre ele tenha razão, Tuando Yocês estão discutindo... Tuando brigam pedagogicamente pela minha pobre alma, como Deus e o diabo, pelo homem na Idade Média...”

Com as pernas salpicadas de neve, apoiando-se nos bastões, ia escalando Yertentes descoradas, cuMos lanços se eleYaYam cada Yez mais alto, em Iorma de terraços, e não se sabia aonde; parecia Tue não leYaYam a parte alguma; sua região superior conIundia-se com o céu, o Tual mostraYa o mesmo branco neYoento Tue eles, de modo Tue era impossível dizer onde ele começaYa; não se distinguia cume nem crista alguma, era o nada brumoso em cuMa direção Hans Castorp aYançaYa penosamente, e como atrás dele também o mundo, aTuele Yale habitado por criaturas humanas, não tardasse a Iechar-se e subtrair-se à Yista, e

como som algum chegasse dali até ele, antes mesmo Tue ele percebesse sua solidão, sim, sua desorientação, tornou-se tão proIunda como ele deseMara, proIunda a ponto de ocasionar-lhe aTuele susto Tue é condição préYia da coragem.

— Praeterit figura hujus mundi¹⁷ — disse de si para si, em um latim de espírito nada humanístico. Aprendera essa locução de Naphta. Estacou e olhou a seu redor. Não se Yia nada em parte alguma, exceção Ieita de esparsos e minúsculos flocos de neve, Tue, Yindos da brancura do céu, desciam até a brancura do solo. O silêncio em Yolta dele era impressionantemente Yazio.

Entuanto o seu olhar se reIrangia no Yácuo aYo Tue o deslumbraYa, Hans Castorp sentiu como o seu coração, agitado pela subida, começaYa a lateMar: esse órgão musculado, cuMa

Iorma animalesca e cuMo mecanismo ele espreitara, talYez neIandamente, por entre os crepitantes relâmpagos do gabinete de radioscopia. E uma espécie de comoção apoderou-se dele, uma singela e deYota simpatia por esse seu coração, o coração palpitante do ser humano, Tue pulsaYa aTui em cima no ermo glacial, tão sozinho com seus problemas e seus enigmas.

Prosseguiu em seu aYanço Yagaroso, sempre acima, rumo ao céu. Às Yezes inseria na neYe a extremidade superior do bastão de esTui e obserYaYa como do Iundo do buraco Yinha uma luz azul, Tue acompanhaYa a Yara, Tuando ele a retiraYa. Isso diYertia Hans Castorp, Tue se deixaYa ficar muito tempo parado a fim de reproduzir uma e outra Yez o peTueno Ienômeno óptico. Era uma luz singular e delicada, luz das montanhas e das proIundidades, entre esYerdeada e azul, clara como o gelo e entretanto sombria, uma luz Tue o atraía misteriosamente, recordando-lhe a luz e a cor de certos olhos oblíTuos, prenhes de destino, Tue o sr. Settembrini, do ponto de Yista humanístico, Tualificara desdenhosamente de “Iendas tártaras” e de “olhos de lobo de estepe”, olhos Tue Hans Castorp contemplara em tempos remotos e Tue Iora ineYitáYel reencontrar, os olhos de Hippe e de ClaZdia Chauchat.

— Com prazer — ele disse a meia Yoz, no silêncio. — Mas cuidado para não Tuebrá-lo: Il est à Yisser, tu sais.18

E no seu íntimo ouviu atrás de si exortações eloquentes, no sentido de levá-lo à razão.

À sua direita, não muito distante, um bosque desenhou-se na bruma. Ele se voltou para lá, para ter em mira um objeto terrestre, em vez da altura transcendente, e logo resvalou em brusca descida, sem que houvesse previsto, minimamente, uma depressão do solo. O deslumbramento impediu-o de reconhecer a formação do terreno. Nada se viu, tudo se confundia diante dos olhos. Obstáculos completamente inesperados obrigaram-no a não subir, antes que pudesse abandonar-se ao declive, e sem que seus olhos fossem capazes de distinguir o grau de inclinação.

O bosque que o atraía estava situado além do barranco onde ele entrara sem querer. O fundo dessa garganta, coberto de neve, inclinava-se para o lado da montanha, como ele verificou após ter seguido alguns instantes naquela direção. O caminho descia, e as vertentes laterais tornavam-se cada vez mais altas; como um desfiladeiro, a dobra do terreno parecia conduzir ao seio da montanha. Depois, os esporões do seu veículo apontaram novamente para cima; o terreno se elevou, e logo não havia parede lateral para escalar; a carreira de Hans Castorp, sem destino, voltou a dar-se sobre a encosta aberta da montanha, rumo ao céu.

A seu lado, atrás e abaixo de si, Yiu o bosTue de conÍIeras. Tomando aTuela direção, alcançou em rápida descida os pinheiros carregados de neYe, Tue, dispostos em Iorma de cunha, representaYam, nessa zona despida de Yegetação, uma espécie de Yanguarda da encosta arborizada, cuMos contornos se perdiam nas brumas. Sob a ramagem, Iumou um cigarro enTuanto descansaYa; em sua alma persistiam sensações de angústia, tensão, ansiedade, todas decorrentes do silêncio proIundíssimo, da solidão

aYenturesca; mas, ao mesmo tempo, sensações de orgulho, por haYer conTuistado tudo aTuilo, e de plenitude, por usuIuir do direito Tue sua dignidade lhe conIeria sobre essa região.

Era por Yolta das três da tarde. Logo depois da reIeição, ele se pusera a caminho, na intenção de gazejar parte do repouso principal e a merenda e estar de Yolta antes de escurecer. Encheu-se de alegria ao pensar Tue ainda tinha algumas horas pela Irente, em Tue poderia passar Yagando ao ar liYre, em meio à natureza grandiosa. Na algibeira de seu calção de golIe leYaYa um pedaço de chocolate, e no bolso da blusa, um peTueno Irasco de Yinho do Porto.

Mal se podia diYisar a posição do sol, tão densa era a cerração Tue o escondia. Mais atrás, na outra extremidade do Yale, onde a montanha IormaYa um ângulo Tue não se Yia, as nuYens e as brumas iam escurecendo e daYam a impressão de aYançar. Era

um sinal de neYe, de mais neYe, como se ainda houYesse Ialta dela. Parecia iminente uma neYada. E de Iato: logo os peTuenos flocos silenciosos passaram a cair copiosamente sobre a encosta.

Hans Castorp deu um passo à Irente a fim de recolher alguns sobre a manga e examiná-los com os olhos peritos de um naturalista amador. AssemelhaYam-se a Iarrapinhos inIormes, mas Má tiYera outros sob sua lente magnífica, e sabia muito bem de Tue Moias minúsculas, esTuisitas e precisas eles se compunham: alIaias, insígnias, broches de diamantes, como o mais hábil Moalheiro não poderia Iazer mais ricos e mais minuciosos. ATuele pó branco tão leYe e tão IoIo, cuMas massas oprimiam o bosTue e cobriam as áreas abertas, aTuele pó sobre o Tual seus esTuis o carregaYam, diIeria muito da areia do seu país, na Tual Iazia pensar. Era coisa sabida Tue não constaYa de grãos de pedra, mas de miríades de partículas d'água, Tue, ao congelarem, se haYiam associado como cristais numa harmoniosa multiplicidade; trataYa-se de parcelas da mesma substância inorgânica Tue intumescia o plasma

Yital, o corpo das plantas e do homem. E entre as miríades de estrelinhas mágicas, no seu esplendor secreto, inYisíYel, miúdo e não destinado aos olhos humanos, não haYia dois Tue Iossem iguais. Um infinito capricho de inYentor empenhaYa-se na modificação e no mais refinado desenYolYimento de um mesmo

esTuema Iundamental, Tue era o hexágono de lados e ângulos iguais. Mas cada Tual desses arteIatos Irios, em si, mostraYa a mais absoluta simetria e uma regularidade glacial, e Mustamente nisso estaYa o inTuietante, o antiorgânico, o hostil à Yida; eles eram regulares em excesso, num grau Mamais alcançado pela substância organizada para a Yida. A esta repugnaYa uma precisão tão exata, Tue se lhe afiguraYa mortal, como o mistério da própria morte. Hans Castorp MulgaYa compreender por Tue os construtores de templos da Antiguidade costumaYam introduzir, de caso pensado, peTuenas exceções clandestinas na disposição de suas colunas, ademais simétricas.

Pôs-se em moYimento por meio dos bastões; resYalando sobre os esTuis ao longo da beira do bosTue, desceu cerração adentro, pela Yertente oculta, por uma camada espessa de neYe. Subindo ou deslizando, sem obMetiYo nem pressa, continuou a Yagar atraYés da região morta. Com suas extensões Yazias e onduladas, Yegetação árida de arbustos esparsos e definhados, Tue ressaltaYam como manchas escuras, e o horizonte limitado por eleYações suaYes, o ambiente parecia-se estranhamente com uma paisagem de dunas. Hans Castorp sacudiu a cabeça em sinal de aproYação, enTuanto se deteYe para admirar essa semelhança; e mesmo o calor do rosto, o tremor dos membros, a mescla singular e perturbadora de excitação e Iadiga Tue experimentaYa, suportou-os todos com simpatia, pois estaYa

diante de coisas que lhe chama à memória impressões familiares, de efeitos parecidos, ocasionados pelo ar das praias marítimas, igualmente estimulante, e ao mesmo tempo saturado de substâncias soporíferas. Sentiu

satisfação ao perceber sua independência alada, a liberdade de suas andanças. Não tinha à sua frente nenhum caminho que se visse obrigado a seguir; tampouco atrás dele havia um que o levasse ao ponto de partida. A princípio, encontrara sinais, paus cravados no solo, sinais da neve, mas de propósito libertara-se da sua influência, que lhe recordava o homem da corneta e que lhe parecia em desacordo com a relação íntima entre ele e o grande ermo hibernal.

Atrás de outeiros rochosos cobertos de neve, por entre os quais ele se infiltrou, indo ora à direita ora à esquerda, havia um plano inclinado, seguido de outro, horizontal, e em seguida surgiram vastos montes, cujos barrancos e desfiladeiros, estendidos de almeidas macias, pareciam transitáveis e atraentes. Sim, a sedução das alturas e das distâncias, das solidões que se ofereciam sempre ao pé, exercia grande força sobre a disposição de Hans Castorp. Arriscando-se a voltar tarde, ele procurou penetrar mais a fundo no silêncio selvagem, a zona do perigo, a ameaça. Nem se preocupou com o fato de a tensão e a ansiedade reinantes no seu interior irem se transformando em autêntico temor ante a escuridão prematura e crescente do

céu, Tue se abatia sobre a região Tual um Yéu cinzento. Esse temor Iê-lo notar Tue até agora se empenhara secretamente em perder o rumo e estuecer a direção onde se achavam situados o Yale e o YilareMo, algo Tue, aliás, lograra realizar com pleno êxito. A propósito, sabia Tue se Yoltasse agora mesmo e prosseguisse montanha abaixo alcançaria o Yale bem depressa, mesmo Tue em um ponto distante do “BerghoI”. Mas seria depressa demais, se Iosse assim: pois nesse caso chegaria muito cedo e não aproveitaria todo o tempo de Tue dispunha. Se, porém, Iosse surpreendido pela tempestade de neYe, talvez não conseguisse encontrar o caminho de Volta. Nem por isso resolveu-se a Iugir antes da hora, por mais Tue o acozasse o temor, o temor sincero Tue lhe inspiravam os elementos.

Isso não era proceder à maneira de um desportista; pois este não entraria em luta com os elementos, sem ter certeza de poder dominá-los; agiria com prudência e seria bastante sensato para ceder. Mas, só há uma palavra para designar o Tue se passava na alma de Hans Castorp: desafio. E por mais Tue a palavra encerre sentimentos censuráveis, mesmo Tue — ou sobretudo Tuando — a mentalidade petulante Tue lhe corresponde e acompanhada de muito temor sincero, bastam apenas algumas reflexões humanas para compreender Yagamente Tue no âmago da alma de um MoYem e de uma pessoa Tue durante anos YiYeu

como esta aTui deposita-se ou, segundo diria o engenheiro Hans Castorp, “acumula-se” muita coisa Tue um belo dia deYe explodir em Iorma de um elementar “Ora bolas!” ou de um “Custe o Tue custar!”, cheio de impaciência exasperada. Numa palaYra, achamo-nos à Irente de um desafio, de uma atitude negatiYa oposta à prudência razoáYel. E Ioi assim Tue ele continuou aYançando sobre suas pantuIas compridas, deslizou por mais uma encosta e escalou outra Yertente, onde, a alguma distância, se Yiu um chalezinho, um galpão ou a choupana de um pastor, talYez, com o teto carregado de pedras; tomou então a direção da montanha seguinte, com a encosta hirsuta de pinheiros, atrás dos Tuais picos altos assomaYam como torres em meio à bruma. À sua Irente, o paredão salpicado de raros grupos de árYores eleYaYa-se muito íngreme; porém, era possíYel contorná-lo mais para a direita sobre um decliYe moderado, a meio, e passar para trás dele, a fim de Yer o Tue Yiria depois, e assim Hans Castorp tomou a si essa tareIa de explorador, depois de haYer descido, em Irente à plataIorma do chalé, por uma garganta bastante proIunda Tue se inclinaYa da direita para a esTuerda.

Mal retomara a subida Tuando o esperado se tornou realidade: a neYada e a Yentania estalaram, chegou a tempestade de neYe Tue por tanto tempo ameaçara, se é

Tue se pode Ialar de “ameaça” com relação a elementos cegos e inscientes Tue não pretendem de modo algum aniTuilar-nos, o Tue seria relatiYamente reconIortante, mas mostram, isso sim, a mais absoluta indiIerença Tuanto a essa conseTuência eYentual da sua ação. “Opa!”, pensou Hans Castorp e estacou, Tuando a primeira raMada, reYolYendo o denso torYelinho, lhe Ieriu o corpo. “Esse tipo de sopro Yai até a medula.” E de Iato, o Yento era de uma espécie bastante enMoadada. O Irio espantoso Tue reinaYa, uns Yinte graus abaixo de zero, não se Iazia sentir e parecia moderado, desde Tue o ar desproYido de umidade se conserYasse tão calmo e imóYel como de costume; mas, logo Tue se agitaYa sob o eIeito do Yento, cortaYa a carne como uma naYalha, e Tuando isso acontecia com tamanha intensidade como agora — pois o primeiro pé de Yento a Yarrer a região não passara de um precursor —, nem sete casacos de pele teriam bastado para resguardar os ossos do terror glacial da morte, e Hans Castorp não traMaYa sete casacos de pele, mas apenas uma blusa de lã, Tue em circunstâncias normais teria sido suficiente, e até mesmo incômoda sob o brilho do sol. A borrasca IustigaYa-o pelo lado e por parte das costas, de maneira Tue não era recomendáYel dar a Yolta e recebê-la em pleno rosto; como esse raciocínio se aliasse à sua teimosia e àTuela atitude de “Ora bolas!” Tue ele adotara no seu íntimo, o audacioso MoYem prosseguiu no seu aYanço por entre os

pinheiros isolados, na intenção de chegar ao outro lado da montanha Tue acabaYa de escalar.

Nisso, porém, não haYia prazer algum, pois nada se enxergaYa além da dança dos flocos, Tue, aparentemente sem caírem, enchiam o espaço com sua abundância turbilhonante. As luIadas glaciais Tue os remexiam Iaziam arder as orelhas numa dor aguda, tolhiam os membros e entorpeciam os dedos, de modo Tue Hans Castorp Má não sabia se ainda seguraYa o bastão recoberto de metal ou se não o tinha mais nas mãos. Detrás a neYe lhe entraYa no

colarinho e, derretendo, descia pelas costas. Também se amontoaYa nas suas espáduas e lhe cobria o flanco direito. Parecia-lhe Tue ia transIormar-se num homem de neYe, com o bastão na mão enriMecida. E todos esses inconYenientes eram as conseTuências de uma situação relatiYamente IaYoráYel. Se ele desse meia-Yolta, a coisa pioraria, e não obstante conYinha empreender sem demora aTuela tareIa laboriosa Tue constituía o caminho de Yolta.

Parou; encolheu os ombros Iuriosamente e dirigiu os estuis para o lado oposto. O Yento contrário logo lhe impediu a respiração, de maneira Tue mais uma Yez se submeteu à penosa manobra da meia-Yolta, a fim de retomar Iôlego e enIrentar o inimigo impassíYel numa disposição melhor. Com a cabeça abaixada, respirando com economia e cautela,

conseguiu pôr-se em movimento na direção deseMada. Embora esperasse o pior, mostrou-se surpreendido pelas dificuldades da marcha, Tue tinham a sua origem antes de mais nada no deslumbramento e na Ialta de Iôlego. A cada instante Yia-se obrigado a deter-se, em primeiro lugar para respirar ao abrigo da tempestade, e ainda porTue, olhando para cima com a cabeça baixa, nada enxergaYa naTuelas treYas brancas e deYia andar com cautela, para eYitar choTues com árYores ou Tuedas causadas por obstáculos. Flocos em massa IustigaYam-lhe o rosto e nele se derretiam, de modo Tue a pele gelaYa. EntraYam-lhe na boca, onde se Iundiam com sabor insípido e aTuoso; YoaYam contra as pálpebras, Tue se cerraYam conYulsiYamente; inundaYam os olhos, estorYando a Yisão, Tue, por outro lado, teria sido inútil, uma Yez Tue o campo Yisual estaYa Yelado por uma cortina espessa, e o sentido da Yista achaYa-se obstruído pelo deslumbramento resultante de toda essa brancura. Quando ele Iazia um esIorço para Yer, deparaYa com o nada, o remoinho branco do nada. E só de tempos em tempos assomaYam sombras Iantasmagóricas do mundo real: um arbusto definhado, um grupo de pinheiros, a pálida silhueta do galpão pelo Tual passara pouco antes.

Deixou-o para trás e procurou encontrar o caminho de Yolta, atraYessando a Yertente, a cuMa beira se erguia o chalé. Ora,

não existia caminho. ConserYar um rumo, a direção aproximada do sanatório, era uma Tuestão de sorte antes Tue de raciocínio, Má Tue a Yista, Tue talvez conseguisse enxergar a mão diante dos olhos, não alcançaYa seTuer as pontas dos esTuis, e, mesmo Tue se pudesse enxergar melhor, existiam ainda numerosos óbices Tue se opunham ao aYanço: o rosto coberto de neYe, a tempestade como um antagonista Tue tolhia e cortaYa a respiração, Tue impedia aspirar ou liberar o ar, e Tue IorçaYa o caminhante, a cada instante, a Yirar-se de costas em busca de alento: pois tentasse Tuem tentasse seguir adiante, Hans Castorp ou outro, mais Iorte — TualTuer um se Yeria obrigado a parar, tomar alento, apertar as pálpebras para Iazer a água sair dos olhos piscos, sacudir a couraça de neYe Tue se Iormara sobre a Irente do corpo, até perceber Tue constituiria atreYimento insensato TualTuer tentatiYa de aYançar sob tais condições.

Apesar de tudo, Hans Castorp aYançou, isto é: continuou marchando. Mas restaYa saber se se trataYa de uma marcha proÍcua, de um aYanço na direção certa, e se não seria mais indicado para ele permanecer no lugar onde se encontraYa — o Tue, no entanto, tampouco parecia útil. A probabilidade teórica inclinaYa-se para o contrário, e do ponto de Yista prático Hans Castorp, dentro em breYe, teYe a impressão de Tue alguma coisa não andaYa bem no solo em Tue pisaYa, Tue não

era mais aTuela encosta pouco inclinada Tue ele alcançara a muito custo, subindo do barranco, e Tue urgia transpor antes de mais nada. O trecho plano Iora muito curto, e logo recomeçou a subida. EYidentemente, a tempestade, Tue Yinha do sudoeste, da região da extremidade oposta do Yale, desYiara-o da sua rota, pela Iuriosa pressão contrária. Já Iazia algum tempo Tue o MoYem se esIalIaYa num aYanço errado. Às cegas, enYolto na turbilhonante noite branca, apenas se esIorçara por penetrar mais Iundo no elemento indiIerente-ameaçador.

— Ora, YeMam! — murmurou entre dentes, enTuanto estacaYa. Sua expressão não Ioi patética, ainda Tue, por um momento, tiYesse a sensação de Tue uma mão gélida lhe agarrasse o coração, Iazendo-o sobressaltar-se e bater de encontro às costelas num ritmo acelerado, como naTuele dia em Tue Radamanto lhe descobrira o lugar úmido no peito. Hans Castorp compreendia Tue não lhe cabia pronunciar palaYras altissonantes, pois ele mesmo lançara o desafio e era responsáYel por tudo Tuanto a situação tiYesse de inTuietante. — Essa é boa! — disse de si para si, e sentiu Tue suas Ieições, os músculos mímicos da sua fisionomia, Má não obedeciam à alma e nada sabiam reproduzir, nem medo, nem raiYa, nem desdém, por estarem enregeladas. — E agora? Descer por ali de Yiés, ir adiante para onde o nariz aponta, sempre contra o Yento. Falar é Iácil, Tuero Yer é Iazer — continuou, oIegante, proIerindo palaYras

entrecortadas, a meia Yoz, enquanto YoltaYa a pôr-se em movimento. — Mas algo tem que acontecer. Nada de ficar sentado esperando, senão acabo soterrado pela simetria hexagonal; e Settembrini, quando me procurar com a corneta na mão, há de me achar acorrido aTui, de olhos Yidrados, com uma touca de neYe na cabeça, de Yiés... — Percebeu que estaYa Ialando sozinho, e de um Meito meio esTuisito. Assim proibiu-se disso, mas ao proibir-se Yoltou a Iazê-lo, a meia Yoz e de maneira expressa, embora os lábios lhe estivessem tão adormecidos que desistiu de usá-los e Ialou sem as consoantes Iormadas com aMuda deles, o que lhe chamou à memória uma situação anterior na qual ocorrera o mesmo.

— Boca fechada e trate de sair-se! — disse, e acrescentou:

— Pelo Yisto você está desYairando, Mãe não bate bem. Que coisa triste, de certo modo.

Que isso, no entanto, fosse triste, sob o aspecto de ele poder liYrar-se dessa, não passaYa de mera constatação da razão controladora, feita, por assim dizer, por uma pessoa estranha, desinteressada, ainda que tomada de preocupações. Quanto à sua inclinação natural, ele se sentia muito disposto a abandonar-se àTuela conIusão que se Tueria apoderar dele com o aumento do cansaço, mas deu-se conta dessa tendência e refletiu sobre ela. “É a modificação que se produz no modo

de sentir de um homem Tue Ioi surpreendido por uma tempestade de neYe nas montanhas e Tue não encontra mais o caminho de casa”, Iez o esIorço de pensar, e pronunciou, sem Iôlego e com Yoz trêmula, trechos esparsos desse raciocínio, mas eYitando, por discricção, expressões mais claras. “Quem ouYe Ialar disso imagina Tue é horroroso, mas esTuece Tue a enIermidade — e minha situação é, de certo modo, uma enIermidade — prepara sua Yítima com o fim de adaptá-la a si própria. Há diminuições de sensibilidade, narcoses proYidenciais, medidas da natureza para conIerir alíYio... Assim é Tue é! No entanto, é preciso lutar contra essas coisas, uma Yez Tue elas têm duas caras e são ambiYalentes ao extremo; sua apreciação depende inteiramente do ponto de Yista. Elas são bem-intencionadas e benéficas para Tuem não está destinado a regressar; mas são preMudiciais e deYem ser combatidas, enTuanto ainda se pode ter a esperança do regresso: como no meu caso, Tue não penso, e Tue não penso de modo algum, nesse meu coração Tue palpita tempestuoso, em me deixar soterrar aTui por essa cristalometria Tue de tão regular chega a ser estúpida...”

De Iato, Má se sentia bastante esgotado e, de modo conIuso e Iebril, ia debelando a incipiente perturbação dos seus sentidos. Assim, não se assustou, como o teria Ieito caso estiYesse em seu Muízo, Tuando notou Tue noYamente se aIastara da pista plana; e desta Yez na direção oposta, proYaYelmente, lá

para onde o declive era mais forte. Pois tornara a descer, tendo o vento oblíquo contra si, e, embora

isso não fosse o mais correto, pareceu-lhe mais cômodo agir assim, ao menos por enquanto.

— Não faz mal — opinou. — Um pouco mais abaixo voltarei a tomar o rumo certo.

E foi o que fez, ou acreditou fazer, ou talvez nem se tiver acreditasse fazê-lo, ou, o que era mais inquietante, talvez nem mesmo ligasse mais importância à diferença entre fazer ou não fazer. Tal era o efeito das tuélicas e tuélicas diminuições da sensibilidade, contra as tuais ele se debatia apenas debilmente. A mescla de excitação e fadiga tuélica o estado costumeiro e constante de um pensionista, cuja aclimação consistia no hábito de não se habituar, intensificara-se nos seus dois componentes, de tal maneira que não se podia falar de uma reação sensata contra os desalecimentos do espírito. Tonto e cambaleante, estremecia de ebriedade e de emoção semelhantes à tuélica tuélica depois de um colóquio com Naphta e Settembrini, porém num grau muito mais forte; e daí decorria tuélica ele, para justificar sua preguiça em lutar contra os desalecimentos narcóticos, e eventualmente recorresse a reminiscências desordenadas tuélicas tuélicas discussões. Apesar da sua desdenhosa revolta contra a ideia de se ver soterrado pela simetria hexagonal, balbuciava de si para si

Tua tua coisa com sentido, ou insensatez, era o seguinte: a sensação do de Yertue tueria induzi-lo a combater as diminuições suspeitas nada era senão pura ética, isto é, um mísero modo burguês de Yertue e certa mentalidade de filisteus irreligiosos. O desejo e a tentação de deitar-se a descansar insinuava-se na sua alma e Iaziam tu raciocinasse sobre sua situação, considerando-a semelhante a uma tempestade de areia no deserto: nesse caso os árabes costumavam estender-se com o rosto para baixo, puxando o albornoz por cima da cabeça. E o fato puro e simples de não possuir albornoz e de ser impossível puxar sobre a cabeça uma blusa de lã constituiu para ele uma objeção contra tal modo de agir, embora ele Má não fosse criança e estivesse inteirado, por muitas narrativas, sobre como é tu se morre por congelamento.

Depois de uma descida em velocidade branda e de um trecho plano, reiniciou-se a subida, aliás bastante íngreme. Isso não implicava tu ele se achasse necessariamente num caminho errado, pois a recondução ao Yal incluía trechos tu subiam, e tu tanto ao Yento, era pro Yá Yel tu tivesse mudado, obedecendo a um capricho, Má tu desde algum tempo Hans Castorp o recebia pelas costas, o tu lhe parecia, por si só, algo benéfico. Era a tempestade tu o dobrava, ou era o declive, macio, branco e gelado pelo torvelinho crepuscular, tu exercia atração sobre seu corpo, fazendo-o curvar-se para a frente?

Trata-se apenas de reclinar-se, abandonando-se a essa atração, e era forte a tentação de fazê-lo — tão grande como a Tuela descrita nos liYros, Tuela a TualificaYam como típico-ameaçadora, sem nada diminuir, no entanto, a Iorça Yital-presente Tuela ela continha. Pois ela reiYindicaYa direitos indiYiduais, não Tueria deixar-se classificar entre as coisas conhecidas, não admitia conIronto, insistia em ser única e incomparável na sua urgência — sem poder negar, no entanto, ter sua origem na sugestão emanada de certa pessoa, criatura Yestida de preto, à espanhola, com uma alYíssima golilha pregueada, e cuMa imagem ou concepção Iundamental eYocaYa toda sorte de conceitos sombrios, penetrantemente Mesuíticos, hostis à humanidade, Yisões de uma serYidão submetida a tortura e flagelos, coisas de Tuela o sr. Settembrini tinha horror, embora na sua guerra contra elas só se tornasse ridículo, com seu realeMo e sua ragione... Não obstante, Hans Castorp comportou-se Yalentemente e resistiu à tentação de se deixar cair. Não enxergaYa nada, mas continuaYa lutando e ganhando terreno; com ou sem proYeito, cumpria o seu deYer e trabalhaYa, desprezando os grilhões cada Yez mais pesados, com os Tuais a tempestade glacial lhe prendia os membros. Como a subida se mostrasse extraordinariamente escarpada, enYeredou para

o lado, sem se dar conta disso, e seguiu algum tempo ao longo da Yertente. Abrir as pálpebras conYulsas e espreitar em torno de si exigia um esIorço cuMa comproYada inutilidade pouco o animaYa a repeti-lo. Mesmo assim deparaYa com alguma coisa, de Yez em Tuando: uns pinheiros aglomerados, um arroio ou rego, cuMa negrura ressaltYa na paisagem, entre os rebordos cobertos de neYe. E Tuando, para Yariar, se encontrou noYamente num trecho de descida, dessa Yez contra a Yentania, descobriu, a alguma distância, flutuando liYmente na conIusão de Yéus Yarridos, a sombra de uma habitação.

Que Yista simpática e reconIortante! Vigoroso, em Tue pesem todos os obstáculos, Hans Castorp conseguira aYançar até onde assomaYam moradas humanas, indicando a proximidade do Yale habitado. TalYez houYesse gente ali; talYez lhe permitissem entrar, para aguardar, sob a proteção do teto, o fim da tormenta; talYez Iosse possíYel arranMar um companheiro ou um guia, o Tue se tornaria necessário no caso de a escuridão natural sobreYir nesse meio-tempo. O MoYem encaminhou-se para aTuela coisa Tuimérica, Tue a todo instante se sumia nas treYas borrascosas. Antes de alcançá-la ainda teYe Tue Yencer, na direção contrária ao Yento, um acliYe Tue lhe exauriu as Iorças, e uma Yez lá, Yerificou com um misto de reYolta, pasmo, susto e Yertigem Tue aTuela era a cabana Tue conhecia, o galpão com o teto carregado de pedras, Tue, por

inúmeros rodeios e à custa dos mais intensos esforços, acabou de reconstruir.

Era coisa do diabo. Violentas pragas, com omissão dos sons labiais, saíram da boca enregelada de Hans Castorp. Para orientar-se, deu volta à choça, apoiando-se nos bastões, e constatou que dessa vez chegara até ela por trás, e que por conseguinte estivera cometendo durante mais de uma hora — segundo sua avaliação — tolices das mais perfeitas e inúteis. Mas assim costumava acontecer, conforme se podia ler nos livros. A gente

movimenta-se em círculo, labuta, com o coração cheio da timidez de um esforço útil, e em realidade descrevia curvas vastas e estúpidas que reconduziam ao ponto de partida, tal e qual a órbita lateral do ano. Era assim que as pessoas se extraviavam e não encontravam o caminho de volta. Hans Castorp reconheceu o fenômeno tradicional com certa satisfação, embora também com algum terror. Deu na coxa uma palmada de raiva e espanto, ao ver que a experiência geral se reproduzira tão pontualmente no seu caso particular e presente.

O galpão solitário era inacessível; a porta estava fechada, não se podia entrar em parte alguma. Contudo, Hans Castorp resolveu permanecer onde estava, má que o telhado saliente dava a ilusão de um certo abrigo, e a choça, no lado dirigido para a montanha, lá onde Hans Castorp buscou

reIúgio, realmente oIerecia proteção contra a tempestade a Tuem se apoiasse com o ombro na parede construída de tábuas, uma Yez Tue, pelo comprimento dos esTuis, não era possíYel encostar-se. Aconchegando-se obliTuamente à construção, deixou-se ficar ali, depois de haYer craYado o bastão na neYe, a seu lado; aIundou as mãos nos bolsos, leYantou a gola da blusa de lã e escorou-se na perna de Iora. A cabeça estonteada repousaYa, de olhos Iechados, nas tábuas do galpão. Só de Tuando em Tuando, Hans Castorp lançaYa olhares piscos por cima do barranco, em direção à Yertente oposta Tue às Yezes assomaYa Yagamente por entre os Yéus da neYe.

A sua situação era relatiYamente cômoda. “Desse Meio poderei aguentar de pé a noite toda, se necessário”, pensou. “Basta mudar o pé de apoio, de tempos em tempos, e Yirar-me, por assim dizer, para o outro lado. Só preciso, sem Ialta, mexer-me um pouco nos interYalos. Sinto-me transido por Iora, mas acumulei bastante calor graças à caminhada Tue dei, e assim o desYio não Ioi de todo inútil, embora eu tenha andado Ieito tonto, batendo as botas em torno da cabana... Batendo as botas? Que

expressão é essa? Não cabe aTui, nem é usual, neste caso Tue me aconteceu; sirYo-me dela por capricho, sinal de Tue não tenho as ideias claras na cabeça; mas em certo sentido as palaYras me parecem apropriadas... Ainda bem Tue tenho resistência, pois o

torYelinho, a neYada, o caos podem prolongar-se até amanhã de manhã, perfeitamente; e, mesmo que se só estendam até o escurecer, Má será bem grata, porque de noite o perigo de a gente perder-se e dar Yoltas à toa é tão grande como no meio de uma tempestade de neYe... Agora Má deYe ser de tardezinha, seis horas, mais ou menos. Desperdicei muito tempo errando pela região. Que horas são, afinal?” Procurou o relógio, se bem que não fosse fácil tirá-lo do bolso com os dedos gelados, insensíveis. Olhou o relógio de ouro, com tampa de mola e monograma, que mesmo na trela solidão desolada continuava a tiquetaquear, YiYa e lentamente, semelhante ao coração dele, o comovente coração humano a pulsar no calor orgânico do tórax...

Eram quatro e meia. Mas que diabos, passara muito pouco tempo desde o começo da tempestade. Mal podia acreditar, mas a andança não durara sequer um quarto de hora. “O tempo me pareceu longo”, pensou. “Ao que parece, essa coisa de andar perdido é meio fastidiosa. Mas não há o que contestar: chegaram as cinco, cinco e meia, e então escurece. A tempestade vai terminar em tempo de eu sair a bater as botas por aí, sem rumo? Um gole de vinho do Porto iria bem, para firmar.”

Trouxera a trela bebida diletante simplesmente porque no “Berghoff” havia dela um bom estoque, que era vendida aos excursionistas em garrafas chatas, embora fosse claro não se ter em vista clientes que se desgarrassem ilicitamente na neYe e no

Irio glacial das montanhas e Tue aguardassem a chegada da noite nessas condições. Se suas Iaculdades mentais estiYessem menos esgotadas, deYeria ter dito a si próprio Tue, sob o ponto de Yista das probabilidades de regresso, o Yinho do Porto era aproximadamente a pior

coisa Tue se podia beber. Foi o Tue notou após ter engolido alguns tragos Tue lhe produziram um eIeito semelhante àTuele Tue tiYera a cerYeMa de Kulmbach na noite do primeiro dia após sua chegada, Tuando seu palaYrório desordenado e incontido sobre molhos para peixe e outras coisas do mesmo Tuilate haYia chocado Settembrini — o sr. LodoYico, o pedagogo cuMo olhar reconduzia à razão até mesmo os loucos mais Yarridos, e cuMa corneta melodiosa Hans Castorp ouYiu nesse exato instante atraYés dos ares, sinal de Tue o eloTuyente educador se aproximaYa em marcha Iorçada, a fim de libertar dessa situação maluca o discípulo Tue tantas preocupações lhe causaYa, o filho enIermiço da Yida, e então guiá-lo pelo caminho de Yolta... Tudo isso, naturalmente, era absurdo e tinha a sua origem na cerYeMa de Kulmbach, Tue ele bebera por distração. Em primeiro lugar, o sr. Settembrini não dispunha de corneta, mas apenas de um realeMo com uma perna de pau, plantado no calçamento da rua, e cuMo som animado ele Iazia acompanhar de olhares humanísticos lançados na direção das Iachadas; e em segundo lugar, ele nada sabia nem notara o Tue estaYa acontecendo,

Yisto Tue deixara de morar no Sanatório “BerghoI” e se achaYa na casa de Lukac ˇ ek, alIaiate de senhoras, naTuele cubículo com a garraIa d’água, acima da cela Iorrada de sedas do sr. Naphta. Além disso, tinha tão pouco direito e oportunidade para interYir Tuanto tiYera em certa noite de CarnaYal, Tuando Hans Castorp se encontrara numa posição igualmente maluca e arriscada, ao deYolYer à enIerma ClaZdia Chauchat son crayon, sua lapiseira, a lapiseira de PribislaY Hippe... Que “posição” era essa, afinal de contas? A posição adeTuada à sua existência deYia ser estar deitado e não de pé, no sentido genuíno, próprio e não apenas metaIórico da palaYra. A posição horizontal era a Tue conYinha a um membro Yeterano da sociedade aTui de cima. Ele por acaso não estaYa acostumado a ficar deitado ao ar liYre, num ambiente de neYe e de Irio, tanto de dia

como de noite? E Iez menção de ir se deixando cair ao chão, até Tue uma clareza tomou conta dele, agarrou-o pelo colarinho e manteYe-o de pé, de modo Tue coube atribuir essas lucubrações sobre a “posição” à cerYeMa de Kulmbach e ao seu deseMo de deitar-se e dormir, deseMo impessoal, tipicamente perigoso, Tue procuraYa seduzi-lo por meio de sofismas e de trocadilhos.

“Acaba-se de cometer um erro”, reconheceu. “Não Ioi certo beber o Yinho do Porto, esses poucos goles me puseram chumbo na cabeça, ela me cai sobre o peito, e meus pensamentos não

passam de coisas conIusas e de graceMos insípidos, nos Tuais não deYo me fiar — nem nos primeiros Tue me ocorrerem, tampouco nas obserYações críticas Tue eu Iaça a seu respeito. Aí é Tue está a desgraça. ‘Son crayon’!... Quer dizer: o crayon dela e não dele; só se diz

‘son’ porTue ‘crayon’ é masculino, tudo mais é apenas graceMo. Não há Tue perder tempo com isso! No momento acho muito mais urgente o Iato de Tue minha perna esTuerda, na Tual estou apoiado, me recorda a perna de pau do realeMo de Settembrini, Tue ele empurra à Irente com o Moelho, sobre a calçada, cada Yez Tue se aproxima da Manela e estende o chapéu de Yeludo, na esperança de Tue a rapariga lá de cima lhe atire alguma moeda. E ao mesmo tempo sinto TualTuer coisa como mãos a me atrair impessoalmente para a neYe. O único remédio contra isso é o moYimento. Preciso moYimentar-me, como castigo por ter bebido a cerYeMa de Kulmbach e para desentorpecer a perna de pau.”

AIastou-se da parede, tomando impulso com o ombro. Mas mal se distanciou do galpão, com um único passo para a Irente, e o Yento Ieriu-o com Yerdadeiros golpes de Ioice e rechaçou-o até o abrigo. Sem dúYida, esse era o lugar mais indicado para ele. Por enTuanto, deYia conIormar-se com isso, além do Tue tinha plena liberdade de encostar o ombro esTuerdo, para Yariar, apoiar-se na

perna direita e sacudir a outra para reYigorá-la. Com um tempo destes, disse de si

para si, a gente não deYe sair de casa. Um pouco de Yariação pode ser admissíYel, mas não a mania de inoYações nem um enYolYimento com a NoiYa do Vento. Fica Tuietinho e deixa pender a cabeça, se está muito pesada. A parede é boa, tábuas de madeira, até parece desprender-se delas um certo calor, se é Tue se pode Ialar de calor aTui, um calor natural da madeira, discreto, ou talYez apenas um produto da imaginação, coisa subMetiYa... Ah, essas árYores todas! Ah, o clima YiYo dos YiYos! E Tue perIume!...

Um parTue estendia-se a seus pés, sob a sacada onde ele se encontraYa; um Yasto parTue de luxuriante Yerdor, Iormado por árYores caduciIólias, olmos, plátanos, Iaias, bordos, bétulas, leYemente matizadas Tuanto ao colorido da Iolhagem abundante, Iresca, lustrosa, com as copas agitando-se num suaYe sussurro. Um ar delicioso, úmido, embalsamado pelas árYores, enYolYia a região. Um aguaceiro Tuente Yinha se abatendo, mas a chuYa parecia iluminada. Até as alturas do céu Yia-se a atmosIera resplandecer de gotinhas cintilantes. Que beleza! Ah, esse sopro do torrão natal, o aroma e a plenitude da planície, depois de tão prolongada priYação! O ar ressoaYa com Yozes de aYes, pios, silYos, gorMeios, chilidos e soluços, cheios de IerYor, de graça e de doçura, sem Tue se enxergasse

um único passarinho. Hans Castorp sorriu, respirando gratamente. E nesse ínterim o Tuadro tornou-se ainda mais belo. Um arco-íris curYaYa-se sobre um lado da paisagem, um arco completo e nítido, puro na sua magnificência, com o brilho úmido de todas as suas cores, Tue, untuosas como óleo, inundaYam o Verde espesso e reluzente. Mas isso parecia música, era como o som intenso de harpas, mesclado de flautas e Yiolinos! Sobretudo o azul e o Yioleta espalhaYam-se com maraYilha. Tudo se conIundia com eles, como por um Ieitiço, transIormando-se, eYoluindo de modo sempre noYo e cada Yez mais belo. LembraYa aTuele dia, anos atrás, Tuando Hans Castorp tiYera enseMo de ouYir um cantor de Iama mundial, um tenor italiano, de cuMa garganta partiam sons de uma arte benéfica e de uma Iorça abençoada, inundando os corações dos homens. Esse homem sustentara uma nota aguda, linda desde o começo; aos poucos, porém, de momento a momento, a harmonia apaixonada descortinara-se, ampliara-se, tomando Yolume, iluminara-se com um esplendor mais e mais deslumbrante. Um a um, os Yéus Tue antes ninguém percebera se haYiam desIeito; caíra mais um, o último, reYelando, segundo o pensamento de todos, a luz suprema, a luz mais pura, mas seguira outro e ainda outro — incríYel! —, o derradeiro, desencadeando tamanha exuberância de Iulgor e de perIeição banhada em lágrimas Tue um rumor surdo de arrebatamento,

soando Tuase como um protesto ou uma obMeção, se eleYara do seio da multidão, e ele próprio, o MoYem Hans Castorp, Iora tomado de soluços. E o mesmo lhe acontecia agora, em Iace dessa paisagem Tue se metamorIoseaYa, se desdobraYa em progressiYa transfiguração. O azul a pairar em toda parte... Os Yéus luzentes da chuYa iam caindo. Eis Tue surgiu o mar, um mar, o mar do Sul, de um azul proIundo e saturado, reIulgindo de luzes argêntas, com uma belíssima enseada a abrir-se Yaporosa para um lado, enYolta até a metade por perfis de montanhas de um azul cada Yez mais pálido, com ilhas cá e lá, onde cresciam palmeiras e resplandeciam casinhas brancas por entre bosTues de ciprestes. Oh, oh! Era demais. Nem se merecia tudo isso. Que bem- aYenturança de luz, de absoluta pureza do céu, de Irescor de águas ensolaradas! Hans Castorp Mamais Yira aTuilo, nem coisa semelhante. Em Yiagens de Iérias mal passara pelas regiões do Sul, conhecia o mar áspero, o mar cinzento, ao Tual se apegaYa com sentimentos Yagos e pueris, mas nunca chegara a Yer o Mediterrâneo, Nápoles, a Sicília ou a Grécia. E todaYia recordava-se. Sim, por estranho Tue pareça, celebraYa neste momento uma reminiscência.

— Ah, sim! É isso! — exclamou nele uma Yoz, como se desde tempos imemoriais tiYesse leYado no seu coração, às escondidas e sem conIessá-lo a si próprio, toda essa alegria azul, irradiada pelo sol. E esses “tempos imemoriais” eram Yastos,

infinitamente Yastos, tal e Tual o mar Tue se abria à sua esTuerda, ali onde o céu, num tom delicado de Yioleta, descia até as águas.

O horizonte era alto; a amplitude daYa a ideia de eleYar-se, o Tue se deYia ao Iato de Hans Yer o golIo de cima, de certa altura: as montanhas estendiam-se em promontórios, coroadas de selYas; entraYam no mar, para depois retroceder em semicírculo, do centro daTuela Yista até o ponto onde ele estaYa sentado, e para além. Era uma costa rochosa, em cuMos degraus de pedra aTuecidos pelo sol ele se achaYa acocorado. À sua Irente inclinaYa-se a ribeira pedregosa, escadeada, coberta de musgos e brenhas, até uma praia plana, onde o cascalho, por entre os Muncos, IormaYa angras azuladas, peTuenos portos e lagoas aYançadas. E essa região banhada pelo sol, essas ribas de Iácil acesso, essas bacias risonhas no meio de rochedos, bem como o mar até as ilhas distantes entre as Tuais iam e Yinham embarcações, tudo estaYa poYoado: as pessoas, filhos do sol e do mar, mexiam-se ou repousaYam em toda parte, uma humanidade bela e MoYem, sensata e MoYial, tão agradáYel de se Yer... O coração de Hans Castorp se abriu dolorosamente, por inteiro, amando o Tue Yia diante de si.

Mancebos adestraYam caYalos, e com a mão no cabresto corriam ao lado dos animais, Tue trotaYam relinchando e sacudindo a cabeça; montaYam-nos sem sela e IorçaYam-nos a entrar na água, batendo com os calcanhares desnudos os flancos da

caYalgadura, enTuanto os músculos das espáduas brincaYam ao sol sob a pele trigueira, e os gritos Tue trocaYam entre si ou dirigiam às montarias tinham algo de mágico. À margem de uma enseada Tue penetraYa proIundamente na terra firme, e cuMas ribanceiras se espelhaYam como num lago alpino, haYia moças dançando. Uma delas, cuMos cabelos atados na nuca tinham um encanto singular, estaYa sentada, com os pés enterrados numa concaYidade do solo, e tocaYa uma flauta pastoril. Por cima dos dedos ágeis, seus olhares YagaYam em direção às companheiras, Tue nos seus Yestidos largos e flutuantes executaYam os passos da dança, ora isoladas, sorridentes, com os braços abertos, ora aos pares, com as Iontes coladas graciosamente uma na outra. Atrás das costas da flautista, costas alYas, longas, delgadas, Tue a posição dos braços tornaYa redondas, Yiam-se outras irmãs, sentadas ou em pé, de mãos dadas, conYersando calmamente e contemplando a cena. A maior distância, alguns MoYens exercitaYam-se no tiro de arco. Era aprazíYel e ameno Yer como os mais Yelhos ensinaYam aos mais MoYens, ainda inábeis, de cabelos encaracolados, como retesar o arco e apontá-lo ao alYo; rindo, amparaYam os noYatos cambaleantes sob o rechaço da corda, Tuando a seta se desprendia dela com um sussurro. Outros pescaYam com anzol. AchaYam-se de bruços nas laMes dos penedos da costa, com uma das pernas balouçando no ar,

enquanto mergulha a linha na água. Conyersando calmamente, volta a cabeça para o Yizinho, e reclinando o corpo para lançar a isca bem longe. Outros estão ocupados em transportar ao mar, arrastando, empurrando, levando, um barco de alto bordo, proído de mastro e vergas. Crianças brincam e exultam no meio da rebentação. Uma moça, estendida no solo, de costas, olha para trás, enquanto com uma das mãos aperta contra os seios a veste floreada e com a outra procura alcançar com a mão um fruto ornado de folhas, e um moço de ancas estreitas, de pé atrás dela, lhe oferece e retira, brincando com ela. Há muitos recostados nos nichos dos rochedos. Outros hesitam à beira d'água, experimentando-lhe o rescor com a ponta do pé e segurando os ombros com os braços cruzados. Alguns casais passeiam ao longo da praia, e um moço encontra-se a boca do rapaz e a guia com confiança. Cabras e pudas saltam de rocha em rocha, guardadas por um moço pastor e se tuam

sobre uma elevação, com uma das mãos na cintura e a outra num comprido cado; um chapeuzinho de abas dobradas para trás cobria-lhe os crespos cabelos castanhos. “Mas isso é um encanto!”, pensou Hans Castorp de coração. “Sobremaneira delicioso e cativante! Como são formosos e sadios, sensatos e felizes! Sim, e não têm somente beleza, mas seriedade e a graça

Tue lhes Yêm de dentro. É isso Tue tanto me comoYe e Iaz Tue me apaixone por eles: o espírito e sentido, deYo dizer, Tue lhes Iundamenta a essência, na Tual YiYem e permanecem uns com os outros!” ReIeria-se àTuela grande amabilidade e respeito Tue os filhos do sol partilhaYam de modo eTuânime e gentil nas relações entre eles: uma deIerência espontânea, encoberta sob os sorrisos Tue trocaYam a cada passo, maniIestada com discrição, e Tue todaYia tinha sua raiz em um consenso Tue os unia e em uma ideia Tue encarnaYam. HaYia até um Tuê de dignidade e de rigor, mas todo diluído na alegria, e Tue se tornaYa sensíYel em seus atos como influência espiritual ineIáYel, Iundada numa seriedade nada sombria e numa piedade razoáYel, embora não Ialtasse a tudo isso o lado cerimonioso. Pois ali, numa pedra redonda coberta de musgo, estaYa sentada uma MoYem mãe, Tue retirara de um dos ombros o Yestido pardo e amamentaYa sua criança. E todos os Tue andaYam perto dela a saudaYam de um modo especial, Tue resumia tudo Tue estaYa tão expressiYamente tácito na atitude geral dessas pessoas. Os rapazes, Yoltando-se para a figura maternal, cruzaYam os braços sobre o peito, num gesto leYe, rápido e Iormal, e inclinaYam a cabeça com um sorriso; as moças apenas esboçaYam uma genuflexão, semelhante àTuela com Tue os deYotos na igreMa passam pelo altar-mor. Mas ao mesmo tempo Iaziam-lhe sinais com a cabeça, YiYos, alegres e cordiais... E essa mistura de deYoção comedida e amizade

MoYial, assim como a Yagarosa brandura da mãe, Tue com o indicador apertado sobre o seio buscaYa tornar mais cômoda a amamentação para o

peTuerrucho, erguia dele os olhos e agradecia com outro sorriso os Tue lhe prestaYam reYerência, tudo isso arreбатаYa a alma de Hans Castorp. Ele não se cansaYa de olhar e contudo se perguntaYa, angustiado, se teria permissão de olhar, se esse ato de espreitar aTuela Ielicidade solar e ciYilizada não o tornaYa passíYel de punição extrema, a ele, o intruso, Tue se sentia lerdo com seus sapatos, e Ialto de nobreza e garbo.

Parecia não haYer inconYeniente. Debaixo de onde estaYa sentado, achaYa-se um belo eIebo, cuMa cabeleira espessa e penteada para o lado aYançaYa além da testa e caía sobre a Ironte; tinha os braços cruzados sobre o peito e mantinha-se distante dos companheiros — sem dar mostras de tristeza ou rancor, senão apenas de perIeita calma. E este o Yiu, fixou nele o olhar, e então seus olhos passaram do espia às imagens da praia, e de lá para cá, e de Yolta, espreitando seu espreitamento. De repente, porém, leYantou a Yista, enxergando ao longe, por cima do estranho, e de um instante para outro desapareceu do lindo rosto de linhas de corte seYero, inda meio pueris, o sorriso comum a todos, decorrente do respeito Iraterno e cortês... E, sim, sem Tue seu cenho se tiYesse anuYiado, assomou-lhe no semblante uma graYidade como Tue pétrea,

inexpressiva, insondável, um retraimento de morte, Tue encheu o malsossegado Hans Castorp de pálido terror, mesclado de um Yago pressentimento Tuanto ao sentido daTuele sinal.

Também ele olhou para trás... Colunas poderosas, sem base, compostas de blocos cilíndricos e de cuMas Munturas brotaYa musgo, erguiam-se atrás dele: colunas do pórtico de um templo, até o Tual conduziam duas escadarias, com um Yão entre si, onde Hans Castorp se encontraYa sentado, num dos degraus. Com o coração opresso, leYantou-se, desceu a escada com o corpo de lado, entrou numa extensa galeria, atraYessou-a e seguiu um caminho laMeado até outros propileus. Passou também por estes e deIronte de si Yiu o templo maciço, cinza-esYerdeado, corroído pela

inclemência do tempo, de escadas íngremes e Irontão largo, pousado sobre os capitéis de colunas Yigorasas e Tuase atarracadas, Tue se adelgaçaYam para cima, e em cuMa estrutura um ou outro dos tambores canelados, Tue se deslocara, IormaYa uma saliência lateral. Laboriosamente, às Yezes recorrendo ao apoio das mãos, por entre suspiros Tue lhe arrancaYa a crescente angústia do coração, Hans Castorp galgou os altos degraus e alcançou a floresta das colunas do peristilo. Esta era muito proIunda, e o MoYem passeou por ela como por entre os troncos de um bosTue de Iaias à beira do mar descorado; eYitou penetrar-lhe no âmago e esTuiYou-se do

centro. Mas terminou Yoltando-se para ele e chegou ao lugar onde as fileiras de colunas se separaYam, até deparar-se com um grupo de estátuas, duas figuras de mulheres talhadas em pedra, sobre um pedestal, mãe e filha, segundo parecia: uma, sentada, mais idosa e mais digna, muito branda e diYina, mas com sobancelhas lamentosas acima dos olhos Yazios, sem pupilas, com uma túnica flutuante, um manto pregueado e um Yéu a cobrir-lhe a cabeleira ondulada de matrona; outra, de pé, abraçada maternalmente pela primeira, com um rosto redondo de donzela, braços e mãos enYoltos e ocultos nas dobras da capa.

EnTuanto Hans Castorp contemplaYa a estátua, seu coração, por motiYos obscuros, Iazia-se ainda mais pesado, mais temeroso e mais opresso de presságios. Mal ousaYa e, contudo, se Yia Iorçado a contornar as figuras para IranTuear, atrás delas, a segunda colunata dupla. Aí encontrou aberta a porta brônzea do santuário, e os Moelhos do pobre Tuase Tue cederam diante do espetáculo Tue se lhe oIerecia aos olhos estarecidos. Duas mulheres grisalhas, seminuas, de cabelos desgrenhados, com seios pendentes de bruxa e mamilões do comprimento de um dedo, entregaYam-se lá dentro, em meio a braseiros chameMantes, a manipulações horrorosas. Por cima de uma bacia esTuarteMaYam uma criancinha. DilaceraYam-na com as mãos, num Iurioso silêncio — Hans Castorp diYisou os finos cabelos louros melados de sangue —, e deYoraYam os pedaços. Os

ossinhos Irágeis estalaYam entre suas presas, e o sangue pingaYa de seus lábios selYagens. Um paYor gélido paralisou Hans Castorp. Fez menção de tapar os olhos com as mãos e não conseguiu. Quis Iugir e não pôde. E assim, no meio da sua atiYidade abomináYel, elas acabaram por descobri-lo, brandiram contra ele os punhos ensanguentados, ralharam sem Yoz, mas com extrema maldade e palaYras obscenas, aliás no dialeto popular da terra de Hans Castorp. Ele se sentiu mal, pior Tue nunca. Desesperado, Tuis arrancar-se daTuele lugar — e, na mesma posição em Tue caiu próximo da coluna, de costas sobre um dos lados, deu por si, as inYectiYas medonhas ainda nos ouYidos, agarrado ao pé do galpão na neYe e aterrorizado pelo Irio, deitado sobre um braço com a cabeça recostada, e as pernas estendidas à Irente, com os esTuis.

No entanto, não chegou a acordar, no sentido próprio da palaYra. Apenas piscou os olhos, aliYiado por se Yer liYre dessas megeras atroztes. Mas não tinha certeza e também pouco lhe importaYa saber se se achaYa estatelado Munto a uma coluna de templo ou a um galpão. Em certo sentido prosseguia sonhando, se não em imagens, ao menos em pensamentos, porém de Iorma não menos atreYida e curiosa.

— Logo Yi Tue era sonho — balbuciou para si mesmo. — Um sonho encantador e paYoroso. No Iundo, eu sabia o tempo todo, Ioi tudo concepção minha: o parTue de árYores Irondosas e

a umidade agradável e todo o resto, as coisas belas e as odiosas, eu tuas tuas o sabia de antemão. Mas como é possível saber uma coisa dessas e concebê-la para si, e assim satisfazer-se e atemorizar-se? Donde tirei a tua bela goiaba semeada de ilhas e depois o recinto do templo, ao teu me guiaram os olhares do rapaz simpático tu se mantinha isolado? Sou tentado a dizer tu não extraímos os sonhos unicamente da nossa própria alma. Sonhamos

anônima e coletivamente, embora de forma individual. A grande alma, da tua você é apenas uma partícula, talvez sonhe por meio de você, da maneira como você sonha, e com coisas tuas sempre encham os sonhos secretos dela: MuYentude, esperança, felicidade, paz... e também a ceia sangrenta tu ela celebra. A tua me acho ao pé da minha coluna e ainda sinto em mim os vestígios reais do meu sonho, o horror irio tu experimentei ante a ceia sangrenta, e também a alegria íntima originada pelas cenas anteriores, tuando Yi a felicidade e os costumes piedosos da humanidade branca. Cabe-me, é o tu afirmo, tenho o genuíno direito de me deitar a tua e de me entregar a esse tipo de sonhos. Fitei sabendo muita coisa no conYio com a gente da tua, sobre a deserção e a razão. Bati as botas por aí, sem rumo numa montanha perigosíssima, com Naphta e Settembrini. Sei tudo a respeito do ser humano; conheci sua carne e seu sangue; deYoi o lápis de PribislaY

Hippe à enIerma ClaZdia. Mas Tuem conhece o corpo e a Yida conhece a morte. Isso, entretanto, não é tudo, senão Tue apenas o começo, pedagogicamente Ialando. É preciso acrescentar a outra metade, o oposto. Pois todo o interesse pela morte e pela doença não passa de uma Iorma de exprimir aTuele Tue se tem pela Yida, como demonstra a humanística Faculdade de Medicina, Tue sempre se dirige à Yida e à sua enIermidade num latim muito cortês e não passa de uma sombra desse assunto grande e urgentíssimo, cuMo nome pronuncio com toda simpatia: é o filho enIermiço da Yida, é o ser humano, com seu estado e sua posição... Não o desconheço; aprendi muito aTui em cima; desde a planície deixei-me arrastar a tamanhas alturas Tue Tuase perdi o Iôlego. Mas agora, do pé da minha coluna, abre-se-me uma Yista nada má... Sonhei com a posição do homem e sua comunidade polida, sisuda e respeitosa, a cuMas costas se passaYa, no interior do templo, a medonha ceia sangrenta. Será Tue os filhos do sol se trataYam uns aos outros com tanta cortesia e amabilidade, precisamente na recordação silenciosa daTuele atrocidade? Nesse caso tirariam uma conclusão muito sutil e elegante. Quero, com toda a minha alma, aderir a eles e não a Naphta, tampouco a Settembrini. Ambos são charlatães. Um é deYasso e malicioso, ao passo Tue o outro não deixa de tocar a corneta da razão e imagina ser capaz de desenlouTuecer os próprios doidos, o Tue me parece

absurdo. É o espírito filisteu, é mera ética, é irreligiosidade, disso tenho certeza. Mas também não deseMo tomar o partido do peTueno Naphta, com a sua religião Tue é apenas um guazzabuglio de Deus e diabo, bem e mal, Tue só serYe para Iazer o indiYíduo atirar-se de cabeça, a fim de mergulhar misticamente no todo. Esses dois pedagogos! Suas próprias diYergências e oposições não passam de um guazzabuglio e de um conIuso Iragor de batalha, Tue não pode aturdir a Tuem tiYer o cérebro mais ou menos liYre e o coração piedoso. Sua Tuestão em torno da aristocracia! A distinção de ambos! Vida ou morte — enIermidade, saúde — espírito e natureza. Há oposição entre essas coisas? E pergunto: isso lá é pergunta Tue se Iaça? Não, não é, e tampouco cabe perguntar pela distinção. A deserção da morte está encerrada na Yida; sem ela não haYeria Yida, e a posição do Homo Dei acha-se no meio, entre a deserção e a razão, tal como seu estado também está entre a coletiYidade mística e o indiYidualismo inconsistente. É o Tue YeMo aTui de minha coluna. Nessa sua posição cumpre-lhe YiYer de um modo fino e galante, e manter relações de amistoso respeito consigo próprio; pois só ele é distinto, e não as oposições. O ser humano é senhor das oposições, Tue existem por seu intermédio, e por conseguinte ele é mais nobre Tue elas. Mais nobre Tue a morte, demasiado nobre para ela: e isso é a liberdade de sua mente. Mais nobre Tue a Yida, demasiado nobre para ela: e isso é a piedade em seu coração. Eis Tue acabo

de fazer uma rima, um poema onírico sobre o ser humano. Quero me lembrar dele. Quero ser bom. Não quero conceder à morte poder algum sobre meus pensamentos! Pois é nisso que consistem a bondade e a filantropia, e em nada mais. A morte é uma grande potência. As pessoas tiram o chapéu e avançam a passo cadenciado, nas pontas dos pés, quando ela está por perto. Ela usa a cerimoniosa golilha do passado, e todos se vestem gravemente de preto em sua honra. Diante dela, a razão parece tola, porque é apenas virtude, ao passo que a morte é liberdade, deserção, amorfia e volúpia. Volúpia, diz meu sonho, não amor. Morte e amor: eis aí uma rima péssima, insípida, e tocada! O amor enfrenta a morte; só ele, e não a razão, é mais forte que ela. Só ele, e não a razão, inspira pensamentos de bondade. Também a forma não consiste senão em amor e bondade: forma e utilidade de uma comunidade sensata e cordial e de um belo Estado humano, sob a recordação silenciosa da ceia sangrenta. Ah, sim, isto se chama sonhar com clareza e reinar bem! Quero lembrar-me disso. Quero conservar o meu coração fiel à morte e, contudo, recordar-me claramente de tua fidelidade à morte e ao passado é apenas maladez, volúpia tenebrosa e misantropia, caso determine nosso pensar e nosso reinar. Em virtude da bondade e do amor o ser humano não deve conceder à morte poder algum sobre seus pensamentos. E com isso, acordo... Pois segui meu

sonho até o fim, alcancei meu obMetiYo. Há muito eu procuraYa essas palaYras: no lugar onde me apareceu Hippe, em meu compartimento na sacada, e em toda parte. Minha busca leYou-me também às montanhas cobertas de neYe. Agora eu as alcancei. Meu sonho reYelou com a máxima nitidez Tue agora sei delas para sempre. Sim, isso me encanta e me aTuece. Meu coração pulsa com Iorça e sabe por Tuê. Não pulsa somente pelas razões do corpo, como as unhas de um cadáver Tue continuam crescendo; pulsa de um modo humano e certo, por causa de um espírito de Ielicidade. São como uma poção, essas palaYras do meu sonho: melhores Tue Yinho do Porto ou cerYeMa inglesa; correm pelas minhas Yeias como o amor e a Yida, e

me induzem a arrancar-me do meu sono e de meu sonho, sobre os Tuais sei muito bem oIerecerem os mais graYes perigos à minha Yida tão MoYem... LeYante-se, leYante-se! Abra os olhos! São seus membros, essas pernas aí na neYe! Aprume-se e leYante-se! Olha só, o tempo está bom!

Era imensamente diÍcil a libertação dos laços Tue o enredaYam e procuraYam mantê-lo deitado; mas o impulso Tue soube tomar Ioi mais Iorte. Hans Castorp soergueu-se sobre o cotoYelo, dobrou os Moelhos com um esIorço Yiril, arrastou-se, apoiou-se e pôs-se de pé, contorcendo-se. Calcou a neYe com os esTuis, bateu os braços em torno das costelas e sacudiu os ombros,

enquanto lança os olhares nervosos e concentrados para cá, para lá e para o alto, lá no céu, onde um azul pálido assoma entre nuvens cinza-azuladas, finas como um véu, tu singram de yagar, descobrindo a lâmina delgada da lua. Crepúsculo fluido. Sem neyada nem tempestade. Do outro lado a parede rochosa, com a encosta hirsuta de pinheiros, plena e yisíyel por inteiro, Mazia em paz. A sombra subia até meia altura; a metade superior estava iluminada num delicadíssimo cor-de-rosa. Que é tu hayia? Que se passa com o mundo? Era manhã? Ele ficara deitado na neye durante a noite toda, sem congelar, ao contrário do tu diziam os liyros? Nenhum dos seus membros ficou entanguido, nenhum deles se esfacelou com um ruído agudo enquanto bateu os pés no solo, agitou-se e bateu-se, e enquanto seus pensamentos se esforçavam por examinar a fundo a situação. As orelhas, as extremidades das mãos e os dedos dos pés estavam entorpecidos, mas não em grau mais intenso do tu muitas vezes lhe acontecera em noites de inverno, durante o repouso na sacada. Conseguiu encontrar o relógio. Está funcionando. Não parara, como costumava fazer quando não lhe dava corda à noite, por estuécimento. Ainda estava longe de marcar cinco horas. Faltaavam doze ou treze minutos. Inacreditável! Seria possível tu houvesse levado só uns dez minutos, ou pouco mais, estendido na neye,

remoendo tantas imagens de Ielicidade ou horror, tantos pensamentos ousados, enquanto o tumulto hexagonal se sumia com a mesma rapidez com que chegara? Tivera uma sorte notável, quanto ao aspecto de tornar à casa. Pois duas vezes os seus sonhos e Iantasias haviam tomado um rumo que o fizera sobressaltar-se revidado: a primeira vez, de horror; a segunda, de alegria. Parecia que a mãe tinha boas intenções ante seu filho enquanto errava nas alturas...

Fosse como fosse, raiasse para ele a manhã ou a tarde (ainda era a tarde, sem dúvida, começo da noite): de qualquer modo, nas circunstâncias gerais ou em sua situação pessoal, não havia obstáculo que pudesse impedir Hans Castorp de regressar, e foi o que ele fez. Com um arranco grandioso, tomou-se em linha reta, encaminhou-se ao Yal, onde, ao chegar, já encontrou as lâmpadas acesas, embora os restos da luz do dia conservada pela neblina tivessem mais que bastado, durante o caminho. Desceu pelo Bremenbühl, ao longo do bosque, e às cinco e meia alcançou o “YilareMo”, onde deixou seu aparato esportivo na casa do merceeiro, fez uma pausa no cubículo do sr. Settembrini e relatou-lhe como se deixara surpreender pela tempestade de neblina. O humanista levou um susto enorme. Ergueu a mão sobre a cabeça, censurou com energia uma tamanha imprudência e não tardou em acender o fogareiro de álcool, crepitante, para logo preparar um café para quem estava

tão exausto, cuMa Iorça, no entanto, não impediu Tue Hans Castorp adormecesse ali mesmo, na cadeira.

Uma hora mais tarde, era acariciado pela atmosfera ultraciYilizada do “BerghoI”. No Mantar, aYançou Iaminto sobre a comida. O Tue sonhara estaYa em Yias de se apagar. E o Tue pensara, naTuela mesma noite Má não o entendia muito bem.

COMO UM SOLDADO, COMO UM VALENTE

Hans Castorp sempre recebia notícias breves de seu primo; boas e Mubilosas no começo, menos IaYoráYeis depois, e finalmente outras Tue mal disIarçaYam Iatos muito tristes. A série dos cartões-postais começara por uma mensagem bem-humorada sobre a chegada de Joachim ao regimento e sobre a cerimônia patética em Tue o primo, segundo Hans Castorp expressou em seu cartão de resposta, prestara Muramento de pobreza, castidade e obediência. Depois as missiYas continuaram alegres: em meio a saudações e bons Yotos, assinalaram as diYersas etapas de uma carreira sem percalços e bem-Iadada, aplainada pela dedicação apaixonada à profissão e pela simpatia dos superiores. Como Joachim cursara a uniYersidade durante alguns semestres, haYiam-no dispensado dos estudos na Escola Militar e do serYiço de aspirante. No dia de Ano-NoYo Ioi promoYido a sargento e mandou uma Iotografia Tue o mostraYa numa Iarda guarnecida de galões. Cada um de seus concisos relatos refletia o prazer Tue experimentaYa ante o espírito da hierarTuia pundonorosa, com sua disciplina Iérrea, mas Tue não a impedia de leYar em conta as IraTuezas humanas, ainda Tue sob a Iorma de um humor rude. Contou anedotas a respeito da conduta romântica e extraYagante do subtenente, soldado carrancudo e Ianático, Tue trataYa o MoYem e

inexperiente subordinado como se Yisse nele o Iuturo cheIe, Tue Joachim eIetiYamente Yiria a ser, uma Yez Tue Má IreTuentaYa a mesa dos oficiais. Tudo muito engraçado e rústico. Depois Ialou-se da admissão ao exame para oficial. No início de abril Joachim tornou-se tenente.

Parecia não existir homem mais Ieliz Tue ele, pessoa alguma cuMa natureza e cuMos deseMos correspondessem mais completamente a essa Iorma de Yida. Entre deliciado e ruborizado, Joachim contou como passara pela primeira Yez com seu noYo uniIorme em Irente à preIeitura e então dera sinal de descansar armas à sentinela Tue, para prestar-lhe honras, se pusera em posição de sentido. RelataYa as peTuenas contrariedades e as satisIações do serYiço, a camaradagem simpática e benIazeMa, a lealdade astuta da ordenança, os incidentes cômicos durante os exercícios e nas horas de instrução, reYistas e conIraternizações. Também mencionaYa, de Yez em Tuando, assuntos sociais, Yisitas, banTuetes e bailes. Nunca, porém, se reIeria à sua saúde.

Nunca, até próximo do Yerão. Foi Tuando comunicou Tue se achaYa acamado e tiYera, inIelizmente, Tue pedir aIastamento médico: Iebre catarral, coisa de poucos dias. Em princípio de Munho Yoltou ao serYiço, mas Má por meados do mês Yoltou a sentir-se “derreado”, Tueixou-se amargamente da sua “má sorte” e não escondeu o receio de não poder estar em seu posto Tuando

chegassem as grandes manobras, no início de agosto, das Tuais tanto Tueria participar, de coração. Tolice, pois em Mulho Má estaYa saudáYel; até o dia em Tue surgiu no horizonte a necessidade de um exame, em Yirtude de umas malditas oscilações da sua temperatura. Muita coisa dependeria desse exame. Decorreu bastante tempo sem Tue Hans Castorp tiYesse notícias do resultado, e Tuando as recebeu não Ioram de Joachim, Tue deixara de escreYer, ou porTue era incapaz de Iazê-lo, ou porTue se enYergonhaYa. Quem telegraIou Ioi a mãe, a sra. Ziemssen. Anunciou Tue os médicos MulgaYam indispensáYel Tue o filho tirasse uma licença de algumas semanas, recomendaYam a montanha e aconselhaYam a partida imediata; pedia a reserYa de dois Tuartos. Telegrama de resposta pago de antemão. Assinado: Tia Luise.

Foi em fins de Mulho Tue Hans Castorp recebeu esse telegrama em seu compartimento na sacada. Percorreu-o com os olhos, releu-o uma e duas Yezes, sacudindo leYemente não só a cabeça, mas também o tronco. Por fim

disse entre dentes:

— Tsim, tsim, tsim! VeMam tsó. Joachim está Yoltando! —

disse e sentiu-se inYadido de repentina alegria.

Mas logo tornou a aTuietar-se e pensou: “Hm, hm, péssimas notícias. Um presente de grego, se poderia dizer. Que maldição,

Ioi tão depressa: e Mãe tem Tue tomar o caminho da pátria amada! A mãe o acompanha, ainda por cima... (Disse 'a mãe' e não 'tia Luise'; seu senso de parentesco e relações familiares se desvanecera às raias da estranheza.) Mau sinal. E bem na Yéspera das manobras, Tue ele esperaYa com tanto ardor, esse bom rapaz. Hm, hm, Tuanta maldade em tudo isso, uma bela porção de maldade e sarcasmo, um Iato anti-idealista. O corpo triunfa, Tuer outra coisa Tue a alma, impõe-se e desmente os arrogantes Tue sobre ele ensinam estar submisso à alma. Parece Tue não sabem o Tue Ialam; pois, se tiYessem razão, uma luz bastante duYidosa incidiria sobre a alma, num caso como este. Sapiienti sat,¹⁹ sei bem o Tue estou dizendo. Pois o problema Tue eu estou Yentilando é precisamente saber até Tue ponto está errado opor a alma ao corpo e até onde ambos estão em conluio e Mogam uma partida cuMo resultado combinaram de antemão. Essa ideia, Ielizmente, não ocorre àTuela gente presunçosa. Longe de mim, meu bom Joachim, censurar Yocê ou seu zelo exagerado! Você é sincero, mas Tue adianta a sinceridade, pergunto eu, se o corpo e a alma estão em conluio? Será possíYel Tue Yocê não conseguiu esTuecer certos perIumes reIrescantes, seios opulentos e uns risinhos imotiYados Tue seguem à sua espera na mesa da St, hr?... Joachim está Yoltando!”, Yoltou a pensar e estremeceu de alegria. “É claro, chegará em mau estado, mas estaremos Muntos outra Yez e não precisarei mais YiYer num isolamento completo aTui em cima. Isso

é bom. Não será exatamente como antes; o quarto dele está ocupado por mistress Macdonald, que lá não para de tossir a sua tosse surda, com a fotografia do filhinho sempre à mão ou na mesinha a seu lado. Mas está no estágio final, e se o quarto ainda não estiver reservado... Por enquanto deve haver outro disponível. Que eu saiba, o 28 está desocupado. Vou logo à administração e falarei sobretudo com Behrens. Que novidade! De um lado é triste, e de outro, maravilhoso, mas uma novidade e tanto, em todo caso. Quero apenas esperar a tua camarada. Tu bem sabes cumprir, e tu deve passar por aqui logo mais, pois, como você, há três e meia. Vou perguntar-lhe se mesmo neste caso vai se ater à opinião de tu é preciso considerar o corpo algo secundário...”

Ainda antes do chá da tarde dirigiu-se ao escritório da administração. O quarto em vista, situado no mesmo corredor que o seu, estava à disposição. Também para a sra. Ziemssen não faltariam aposentos. Hans Castorp apressou-se a falar com Behrens. Encontrou-o no “laboratório”, com um charuto em uma das mãos, e na outra, uma proleta com lívido de cor duvidosa.

— Sr. Conselheiro, há sabe da última? — começou Hans Castorp...

— Sim, Tue as encencas nunca acabam — respondeu o tisiólogo.
— Este aTui é o Rosenheim, de Utrecht — ele disse e apontou com o charuto para o Yidro. — Tem Gaffky 10. E aí me Yem o Iabricante Schmitz, berrando e Tueixando-se de Tue o Rosenheim escarrou na calçada... com Gaffky 10. E eu é Tue deYo ralhar com ele. Mas se ralho, o homem tem um chiliTue, pois é bem enIezado, e ocupa três Tuartos, com Iamília e tudo. Se eu o agastar, a direção-geral cai em cima de mim. Está Yendo os conflitos Tue surgem a todo momento? Mesmo Tue a gente Tueira seguir seu caminho tranTuilo e imaculado...

— Que história estúpida — disse Hans Castorp com a compreensão de um Yeterano traTueMado. — Conheço os dois senhores. O Schmitz é extremamente correto e diligente, e o Rosenheim, bastante relaxado. Mas pode ser Tue existam ainda outros motiYos de atritos, de caráter não higiênico. É o Tue me parece proYáYel. Schmitz e

Rosenheim são ambos amigos de Doña Perez, de Barcelona, aTuela Tue come à mesa da KleeIeld. Acho Tue nisso reside a causa da desaYença. No lugar do senhor, eu recordaria aos pensionistas, de uma Iorma geral, a proibição existente, e Tuanto ao resto Iecharia os olhos.

— Claro Tue You Iechar. Já ando com bleIarospasmo de tanto Iechar. Mas o Tue o traz aTui?

E Hans Castorp comunicou a notícia triste e ao mesmo tempo
mãeYilhosa.

Não se pode dizer Tue o médico se tenha mostrado
surpreso. Não ficaria surpreso em caso algum, e menos ainda
neste, porTue Hans Castorp, respondendo a perguntas ou por
iniciatiYa própria, sempre o mantiYera a par do estado de
Joachim e Mãe em maio lhe dera a notícia de Tue o primo caíra de
cama.

— Aha! — Iez Behrens. — Pois então, não lhe disse? Que é Tue eu
disse a ele e ao senhor, não dez, mas cem Yezes? Agora é Tue são
elas! Durante noYe meses o homem teYe tudo Tue deseMaYa e
gozou o seu paraíso. Mas não era um paraíso cem por cento
desintoxicado, e nesse caso Ialtou a bênção; é no Tue esse
desertor nunca Tuis acreditar, apesar das palaYras do Yelho
Behrens. Sempre conYém acreditar no Yelho Behrens, do
contrário a gente apanha e cria Muízo Tuando é tarde demais.
Claro, ele chegou a tenente; sim, senhor, não se discute. Mas Tue
lhe adianta? Deus Yê o coração, não Yê graus e patentes, ante
Ele aparecemos todos desnudos, general ou soldado raso, tanto
Iaz... — E desatou a tagarelar, esIregou os olhos com a
manzorra, entre cuMos dedos seguraYa o charuto, e então pediu
Tue Hans Castorp lhe desse uma Iolga. Um cômodo para
Ziemssen seria coisa Iácil de encontrar, e Tuando o primo
chegasse, Tue o metesse na cama sem demora. Quanto a ele,

Behrens, não guardaYa rancor a ninguém, mantinha os braços abertos como um pai e estaYa disposto a matar um bezerro pela Yolta do IuMão.

Hans Castorp telegraIou. Contou a torto e a direito sobre a Yolta iminente de Joachim, e Tuem o conhecia ouYiu a noYa com pesar e contentamento sinceros a um só tempo, pois o caráter reto e caYalheiresco de Joachim conTuistara simpatia geral; e segundo o Muízo e sentimento tácito de muitos ele Iora, entre todos aTui de cima, o melhor. Não nos reIerimos a ninguém em particular, mas cremos Tue mais de um experimentou certa satisIação ao ficar sabendo Tue Joachim se Yia Iorçado a trocar o serYiço militar pelo modo de Yida horizontal e Tue, reto como era, tornaria a ser um dos nossos. A sra. St , hr, por certo, preYira tudo desde o princípio; os acontecimentos acabaYam de consolidar-lhe o ceticismo ordinário Tue maniIestara Tuando da partida de Joachim para a planície. Não deixou de Yangloriar-se dos seus pressentimentos.

— Mal, muito mal — ela dizia. Logo Yira Tue a coisa cheiraYa mal, e agora esperaYa apenas Tue Ziemssen, com a teimosia dele, não a tiYesse Ieito Ieder mais ainda. (Na sua imensa Yulgaridade, disse mesmo “Ieder”.) Cada um deYia manter seu posto, como ela, Tue tinha lá seus interesses na planície, em Cannstadt, onde YiYiam seu marido e dois filhos, mas mais importante era saber dominar-se...

Não chegou mais resposta alguma de Joachim ou da sra. Ziemssen. Hans Castorp permaneceu sem saber do dia e hora da chegada; por essa razão não houve recepção na estação de trem, eles simplesmente apareceram três dias após a remessa do telegrama de Hans, e foi com um risinho no rosto o tenente Joachim aproximou-se de onde o primo cumpria seu serviço regular.

Foi pouco depois do começo do repouso noturno. Trouxera-os o mesmo trem em que chegara Hans Castorp, há três anos, anos que não tinham sido nem breves nem longos, senão desprovidos de duração, anos extremamente ricos em experiências e totalmente novos e frescos. Até a estação do ano era a mesma: um dos primeiros dias de agosto. Como já dissemos, Joachim entrou alegremente. Sim, experimentou

de fato uma emoção alegre quando entrou no aposento de Hans Castorp, ou melhor, quando saiu dele, depois de ter medido o quarto a passo rápido, para ganhar a sacada. Sorrindo, saudou o primo. Em voz abafada percebeu algumas palavras entrecortadas pela respiração acelerada. Acabara de realizar a longa viagem de regresso, atravessando diversos países e o lago que parece um mar, e subindo por estreitas sendas até grandes alturas. E agora estava ali como se jamais se tivesse afastado, e seu parente, que num sobressalto se erguera da sua posição horizontal, recebeu-o com muitos olá e ora, ora. Joachim tinha o

rosto corado, Iosse de Yido à Yida ao ar li Yre Tue le Yara, Iosse em Yirtude da excitação da Yiagem. Diretamente, sem procurar o seu próprio Tuarto, precipitara-se para o número 34, a fim de cumprimentar o companheiro de dias passados Tue no Yamente se torna Yam presentes agora. En Tuanto isso, sua mãe acha Ya-se ocupada em arrumar-se. Tinham a intenção de Mantar dentro de dez minutos, no restaurante, é claro. Hans Castorp não deixaria de comer algo para acompanhá-los, ou pelo menos de tomar um gole de Yinho. E Joachim arrastou-o ao número 28, onde tudo se passou como na Tuela noite da chegada de Hans, só Tue com os papéis trocados; Joachim, con Yersando Iebrilmente, la Ya Ya as mãos na pia lustrosa, e Hans Castorp contempla Ya-o, surpreendido e mesmo desapontado por Yer o primo à paisana. Disse-lhe Tue não se Yia nele marca alguma de sua carreira militar. Sempre o imaginara como oficial, de uni Iorme, e ele agora se apresenta Ya em um con Munto cinza, como Tual Tuer pessoa. Joachim riu-se, achando-o muito ingênuo. Ah, não, o uni Iorme ficara em casa, como lhe con Yinha. O uni Iorme, era preciso Tue Hans Castorp soubesse, tinha caráter bem especial. Não era a Tual Tuer parte Tue se ia de uni Iorme.

— Ah, sim. Obrigado por me dizer isso! — respondeu Hans Castorp.

Mas Joachim não parecia dar-se conta do sentido a Yiltante

de sua explicação, e logo pediu informações acerca das pessoas e acontecimentos do “Bergholm”, não somente sem qualquer presunção, mas com toda a intensa ternura que é própria de quem volta ao lar. A seguir, a sra. Ziemssen apareceu na porta, saudou o sobrinho como certas pessoas acham conveniente em ocasiões como esta, ou seja, fingiu uma surpresa momentânea por encontrá-lo ali; mas sua expressão de alegria achava-se empanada pelo cansaço e por uma inquietação silenciosa, e evidentemente se ligava a Joachim. E assim desceram ao andar térreo.

Luise Ziemssen tinha os mesmos olhos bonitos, negros e meigos de Joachim. Os cabelos igualmente pretos, mas já entremeados de muitos fios brancos, estavam seguros por uma rede que se enfiava, e isso harmonizava com seu modo de ser, que era ponderado, simpaticamente comedido e controlado com brandura, o que lhe conferia uma dignidade agradável, apesar da singeleza do seu espírito. Era claro — e Hans Castorp não se admirou nem um pouquinho com esse fato — que ela não compreendia a animação de Joachim, o aceleração da sua respiração e sua fala precipitada, e em nenhum momento estava em desacordo com a conduta que o filho tivera em casa e durante a viagem, e não correspondiam à sua situação. A mãe achou tal atitude um tanto chocante. Como essa chegada se lhe afigurasse triste, talvez conveniente

adaptar sua atitude ao caráter da situação. Era incapaz de participar dos sentimentos de Joachim, essas turbulentas emoções despertadas pela Yolta, cuMa embriaguez no momento sobrepuMa TuaisTuer pensamentos opostos, e Tue talYez Iossem ainda estimuladas pela renoYada aspiração do ar alpino aTui de cima, esse nosso ar incomparáYel, leYe, inconsistente e excitante. Isso tudo permaneceu intransparente para a sra. Ziemssen, nem haYeria como ser diIerente. “Meu pobre filho!”, ela pensou, e ao mesmo tempo Yia como o coitado se abandonaYa com o primo a uma hilaridade transbordante, como ressuscitaYam mil

recordações, Iaziam mil perguntas, e riam-se das respostas, inclinando-se para trás em suas cadeiras. DiYersas Yezes ela disse:

— Ora, ora, meus filhos!

E o Tue acabou por dizer, enfim, pretendeu maniIestar alegria, mas na realidade expressou estranheza e leYe censura:

— Joachim, Iaz tempo Tue não o YeMo assim. Será possíYel Tue tiYéssemos de Yir aTui para Tue Yocê Yoltasse a se sentir como no dia da promoção?

E com isso acabou-se a alegria de Joachim. Seu bom humor Yirou, ele recobrou a consciência, calou, não tocou na sobremesa, embora houYesse um saborosíssimo suflê de

chocolate com nata batida (em seu lugar, Hans Castorp Iez Mus ao prato, embora seu Iarto Mantar se houYesse encerrado haYia só uma hora), e terminou por não mais leYantar os olhos, certamente porTue os tinha cheios de lágrimas.

Sem dúYida não Iora essa a intenção da sra. Ziemssen. No Iundo era antes por causa das conYeniências Tue Tueria obter um pouco mais de seriedade e de moderação, sem saber Tue tudo Tue é meio-termo e comedimento ficaYa estranho nesse lugar, onde só se oIerecia a escolha entre os extremos. Ao Yer o filho tão abatido, ela mesma esteYe a ponto de chorar e sentiu-se grata ao sobrinho pelos esIorços Tue Iazia no sentido de reanimar o primo desolado. Sim, Ioi o Tue ele disse, entre os pensionistas Joachim encontrará muitas modificações e noYidades, mas alguns outros Má Yoltaram durante a ausência dele e estão como antes. A tia- aYó, por exemplo, com sua companhia, há tempos Tue está de Yolta. Como sempre, as senhoras comem à mesa da St, hr, e Marúsia ainda gosta muito de rir.

Joachim permaneceu calado. À sra. Ziemssen, porém, essas palaYras chamaram à memória um encontro e certas saudações Tue ela não deYia esTuecer de transmitir. TrataYa-se de um encontro com uma senhora nada antipática, embora YiaMasse sozinha e tiYesse sobrancelhas

excessivamente regulares. Num restaurante de Munique, onde se haviam demorado um dia entre dois trametos noturnos, essa senhora aproximara-se da mesa para cumprimentar Joachim. Era uma antiga paciente do sanatório... E pediu a Joachim que a ajudasse a lembrar o nome.

— Sra. Chauchat — disse Joachim baixinho.

Por enquanto, ela se achava numa estação terapêutica no Allgäu e pensava passar o outono na Espanha. No inverno, provavelmente, voltaria para cá. Mandava muitas lembranças...

Hans Castorp já não era mais menino, sabia dominar os nervos vasculares que poderiam ter jeito empalidecer ou ruborizar.

— Ah, era ela? — disse. — Vamos só; saiu então do Cáucaso. E tu ir à Espanha?

Sim, a senhora Ialara de um lugar nos Pireneus.

— Mulher bonita; atraente, ao menos. Voz agradável, gestos agradáveis. Mas de maneiras muito livres, relaxadas

— observou a sra. Ziemssen. — Abordou-nos sem mais a tua, embora Joachim, segundo ouvi, nunca lhe houvesse sido apresentado. Que costumes estranhos.

— São o Oriente e a doença — explicou Hans Castorp, acrescentando que não se devia aplicar a essas coisas o padrão da civilização humanística. Isso seria erro grave. E lhe dava que

pensar que a sra. Chauchat tivesse a intenção de ir à Espanha. Hm, Espanha... Esta se encontra na direção oposta, igualmente distante do ponto médio humanístico, não para o lado da moleza, mas do rigor. Ali não havia falta de forma, senão excesso. A morte considerada forma, por assim dizer. Não a dissolução da morte, mas sua austeridade, de preto, distinta e sangrenta, intuição, gótilha engomada, Loyola, o Escorial... Seria interessante saber que impressão a sra. Chauchat traria da Espanha. Sem dúvida perderia ali o costume de bater as portas, e talvez resultasse da sua permanência uma certa compensação dos dois atarquelamentos anti-humanísticos em face do humano. Mas também era possível que surgisse algo maliciosamente terrorista, caso o Oriente fosse à Espanha...

Não, Hans Castorp nem empalidecera nem se ruborizara, mas a impressão que lhe haviam causado as inopinadas notícias sobre a sra. Chauchat traduzia-se em palavras que não podiam esperar outra resposta a não ser um silêncio penoso. Joachim mostrou-se pouco espantado, por conhecer de outras ocasiões a tua arrogância que o primo exibia ali em cima. Nos olhos da sra. Ziemssen, porém, refletia-se a mais vasta estupefação. Ela se comportou como se Hans Castorp acabasse de pronunciar palavras indecentes, e, depois de uma pausa cheia de embaraço, levantou-se da mesa com algumas palavras discretas, destinadas a dissipar o incidente. Antes de se separarem, Hans Castorp

comunicou as ordens do conselheiro áulico, segundo as Tuais Joachim deYeria passar ao menos o dia seguinte na cama, até Tue o médico o tiYesse examinado. O mais se Yeria. Depois, os três parentes dirigiram-se aos seus Tuartos, e dentro em breYe estaYam estendidos, gozando o Irescor da noite de Yerão alpino, Tue entraYa pelas portas abertas. Cada um se entregaYa aos seus pensamentos, os de Hans Castorp Yoltados sobretudo à perspectiYa do retorno da sra. Chauchat, dali a seis meses.

E assim o pobre Joachim estaYa de Yolta à pátria, para um peTueno tratamento suplementar, Tue MulgaYam oportuno. Ficou claro Tue a expressão “peTueno tratamento suplementar” era uma senha emitida na planície, Tue também passara a Yaler aTui em cima. O próprio conselheiro Behrens adotou-a, ainda Tue, como início da terapia, de saída Má pespegasse a Joachim Tuatro semanas de repouso na cama: elas seriam necessárias, na sua opinião, para consertar os estragos mais graYes, aMudar o paciente a reaclimatar-se e regular-lhe a combustão interior.

Quanto à duração do tratamento, o conselheiro soube esTuiYar-se a todas as tentatiYas de lhe marcar um prazo fixo. A sra. Ziemssen, sisuda, compreensiYa, de um temperamento nada sanguíneo, sugeriu, longe do aTuartelamento de Joachim, o outono, o mês de outubro, por exemplo, como termo final. Behrens concordou com ela, pelo menos no sentido de declarar Tue então Má se poderia Yer mais claro Tue agora. Aliás, ele

causou uma impressão excelente à mãe de Joachim. Mostrou-se muito galante, disse “minha prezada senhora”, fitando-a com os olhos túrgidos e estriados de sangue à maneira de um Yassalo leal, e usou com tanta perIeição o linguaMar excêntrico dos estudantes alemães Tue a sra. Ziemssen, apesar da sua mágoa, não pôde deixar de rir.

— Sei Tue meu filho está em boas mãos — disse ela.

E passados oito dias de sua chegada, partiu para Hamburgo, Yisto não haYer real necessidade da sua presença, e o filho dispor de um parente para Iazer-lhe companhia.

— Pois então, fiTue contente: Má no outono — disse Hans Castorp, no no 28, sentado ao pé da cama de seu primo. — O Yelho comprometeu-se, até certo ponto; Yocê sabe a Tuantas anda e tem uma data com Tue contar. Outubro é o tempo com Tue contar. É a época em Tue certa gente Yai à Espanha, e Yocê também Yoltará para sua bandera, a fim de se distinguir...

Sua incumbência diária era consolar Joachim, principalmente por ele ter de Ialtar, deYido ao tratamento, às grandes manobras Tue começaYam nesses dias de agosto. Era coisa com Tue o primo não se conIormaYa. Joachim chegaYa a desprezar a si mesmo por causa da maldita IraTueza Tue o fizera sucumbir no último instante.

— *Rebellio carnis* — disse Hans Castorp. — Que é Tue se Yai Iazer? O mais Yalente oficial nada pode contra ela, e o próprio Santo Antão teYe experiências de sobra a seu respeito. Meu Deus, há manobras todos os anos, e Yocê Má sabe como corre o tempo aTui. Ele realmente não existe.

Você nem seTuer se ausentou o bastante para Tue Ihe Iosse diÍícil pegar noYamente o ritmo, e num abrir e Iechar de olhos o seu peTueno tratamento suplementar estará terminado.

Não obstante, o senso temporal de Joachim haYia se reaYiYado bastante pela Yida na planície, de modo Tue as próximas Tuatro semanas não deixaYam de Ihe inspirar medo. Mas muita gente o aMudaYa a passar por elas; a simpatia Tue todos sentiam por esse homem de caráter limpo maniIestaYa-se em Yisitas Yindas de perto e de longe: Yeio Settembrini, mostrou-se compadecido e encantador, e, como sempre o houYesse tratado por “Tenente”, passou agora a chamá-lo de “Capitano”; também Naphta apresentou-se, e aos poucos Ioram comparecendo todos os Yelhos conhecidos dentre os pensionistas da casa, aproYeitando um Tuarto de hora da liberdade concedida pelo regulamento para sentarem-se na beira da cama dele, repetirem a expressão “peTueno tratamento suplementar” e Iazerem-no contar o Tue Ihe acontecera: as sras. St, hr, LeYi, Iltis e KleeIeld, os srs. Ferge, Wehsal e outros mais. Alguns até Ihe leYaram flores. Decorridas as Tuatro

semanas, leYantou-se, Má Tue a Iebre baixara o suficiente para Tue pudesse caminhar, e na sala de reIeições sentou-se entre o primo e a sra. Magnus, esposa do cerYeMeiro, com o sr. Magnus à sua Irente, e assim ocupou na extremidade lateral o lugar Tue durante certo tempo haYia sido do tio James e, mais tarde, da sra. Ziemssen.

Dessa Iorma, os MoYens passaram a YiYer de noYo lado a lado, como outrora. Para Tue a situação anterior ressuscitasse de modo mais completo ainda, Joachim Yoltou a receber seu Quarto antigo, pegado ao de Hans Castorp, logo depois de mistress Macdonald exalar seu último suspiro com o retrato do filhinho na mão, e somente após uma cuidadosa desinIecção com H₂CO, era eYidente. No Iundo, e do ponto de Yista sentimental, as coisas haYiam mudado, no sentido de Tue desta Yez era Joachim Tuem YiYia ao lado de

Hans Castorp, e não Yice-Yersa. Hans Castorp era agora o Yeterano, de cuMo estilo de Yida o outro participaYa passageiramente, como Yisitante. Pois Joachim aIerraYa-se com toda a sua energia ao termo final em outubro, ainda Tue no seu sistema nerYoso central existissem certos pontos aYessos a conduzir-se em conIormidade com as normas humanísticas, e os Tuais impediam, em sua pele, a radiação compensatória de calor. Os dois retomaram suas Yisitas a Settembrini e Naphta, bem como os passeios em companhia desses homens unidos pelo

antagonismo. Quando A. K. Ferge e Ferdinand Wehsal também participavam, o que não era raro acontecer, ficavam em seis, e as tuelas adyersários no espírito contavam então com um público numeroso, perante o qual travavam duelos intermináveis, que não poderíamos descrever de forma completa sem que nos perdêssemos num labirinto desolador, assim como todos os dias acontecia a eles próprios. Apesar do número crescente de ouvintes, Hans Castorp tendia a considerar a sua pobre alma o objecto principal da tuaela contenda dialéctica. Soube por Naphta que Settembrini era maçom, o que lhe causou impressão não menos viva do que as relações do italiano relativas ao facto de Naphta pertencer à ordem dos Jesuítas e ser mantido por ela. Ficou surpreso ao inteirar-se de que coisas como essas ainda existissem a sério, e empenhou-se em interrogar o terrorista quanto à origem e natureza da tuaela instituição curiosa que em breve celebraria seu bicentenário. Se Settembrini falava pelas costas de Naphta sobre a natureza intelectual de seu vizinho e se usava para isso um tom de advertência enigmática contra algo diabólico, não era esforço algum para Naphta, pelas costas do outro, zombar da mesma tuaela o humanista representava, dando a entender que predominava nela um espírito muito retrógrado e fora de moda: esclarecimento burguês e liberalismo de antanho, nada mais que mísera fantasmagoria, alimentada, no entanto, pela ridícula ilusão

de ainda conter Yida reYolucionária.

— Que é Tue o senhor iria esperar? O aYô dele Má era carbonaro, o Tue Tuer dizer: carYoeiro. Foi do aYô Tue ele herdou essa Ié dos carYoeiros na razão, na liberdade, no progresso da humanidade e em todo esse baú de Yelharias da ideologia das Yirtudes classicistas-burguesas... VeMa, o Tue perturba o mundo é a desproporção entre a rapidez do espírito e a imensa lerdice, morosidade e inércia da matéria. É preciso admitir Tue essa desproporção Má basta para desculpar cada desinteresse do espírito em relação à realidade, pois Yia de regra os Iermentos Tue produzem as reYoluções da realidade Má há muito lhe repugnam. Com eIeito, o espírito morto causa maior repulsa ao espírito YiYo Tue TuaisTuer basaltos Tue, pelo menos, não pretendem ser espírito e Yida. Tais basaltos, restos de realidades antigas, Tue o espírito deixou atrás de si tão longe Tue se recusa ligar a elas o conceito do real, conserYam-se pela inércia e, deYido a sua persistência bruta, inanimada, impedem o insípido de se dar conta da sua insipidez. Expresso-me de um modo geral, mas o senhor pode tirar dessas generalidades conclusões a respeito daTuele liberalismo humanitário Tue ainda crê encontrar-se numa posição heroica em Iace do mando e da autoridade. Ah, sim! E há também aTuelas catástroIes com as Tuais ele Tuer comproYar ainda estar YiYo, e os triunIos atrasados e espetaculares Tue prepara e espera realizar um dia!

Só de pensar nisso, o espírito YiYo seria capaz de morrer de tédio, se não soubesse que em realidade tuem surgirá dessas catástrofes como Yencedor, e tuem as aproveitará, será ele mesmo, tuem Iunde em seu seio os elementos do Yestusto com os do mais longínquo porYir, para fazer uma revolução de Verdade... Como Yai seu primo, Hans Castorp? O senhor sabe tuem sinto grande simpatia por ele.

— Obrigado, sr. Naphta. Acho tuem todo mundo tem por Joachim uma simpatia sincera, por tuem é de fato um rapaz excelente. Também o sr. Settembrini gosta muito dele, embora desaprove certo terrorismo Ianático tuem é peculiar ao ofício de Joachim. E agora o senhor me diz tuem ele é irmão de loMa. Eu não teria imaginado, e não nego tuem me dê tuem pensar. A pessoa dele me aparece sob uma luz diferente, e muitas coisas tornam-se mais claras para mim. Será tuem ele coloca às vezes os pés em ângulo reto e aperta a mão da gente de um modo especial? Eu jamais notei algo assim...

— Creio — opinou Naphta — tuem o nosso simpático Irmão Tripingado Má passou da idade de tais crianças. Suponho tuem o cerimonial das loMas tenha se adaptado, embora de modo bastante incompleto, ao espírito cívico bastante prosaico de nossos tempos. Provavelmente sentiriam vergonha do ritual de outrora como de charlatanices indignas de gente civilizada; e com razão, pois seria muito absurdo tomar o republicanismo

ateu e adorná-lo com Yestes de mistério. Não sei sob Tuais atrocidades a constância do sr. Settembrini Ioi posta à proYa; pode ser Tue o haMam leYado com os olhos Yendados atraYés de uma porção de galerias ou Ieito esperar em calabouços escuros, antes de lhe abrirem a sala do conclaYe, deslumbrante de luzes refletidas por espelhos. TalYez o tenham cateTuizado solenemente. Quem sabe se não lhe ameaçaram com espadas o peito desnudo, em Irente de uma caYeira e de três Yelas acesas! Isso o senhor deYe perguntar a ele mesmo, mas receio Tue o encontre pouco loTuaz; pois, ainda Tue tudo tenha decorrido com bem mais ciYilidade, em todo caso mandaram-no Murar silêncio.

— Jurar silêncio? Então é Yerdade?...

— Claro. Silêncio e obediência.

— Obediência também? Escute, proIessor, nesse caso me parece Tue ele não tem motiYos, em absoluto, de se escandalizar da exaltação e terrorismo inerentes à profissão do meu primo. Silêncio e obediência! Eu nunca teria imaginado Tue um homem tão liberal como Settembrini pudesse suMeitar-se a condições e Yotos tão tipicamente espanhóis. Realmente, IareMo na maçonaria um elemento militar ou Mesuítico...

— Seu Iaro está certo — respondeu Naphta. — Sua Yareta de rabdomante estremece e inclina-se. A ideia da Associação é inseparável e tem raiz comum com a do Incondicional. Por conseguinte é terrorística, isto é: antiliberal. Desonera a consciência individual e, em nome da finalidade absoluta, santifica todos os meios, também os sangrentos, inclusive o crime. Existem indícios de que antigamente a união dos irmãos costumava ser selada com sangue também nas lojas maçônicas. Uma união jamais é contemplativa, mas essencial e invariavelmente organizadora, sob a direção de um espírito absoluto. O senhor sabia que o fundador da Sociedade dos Iluminados, que durante algum tempo esteve a ponto de fundir-se com a maçonaria, era antigo membro da Companhia de Jesus?

— Não, eu não sabia mesmo disso.

— Adam Weishaupt organizou sua ordem secreta humanitária segundo o modelo da ordem dos Jesuítas. Ele mesmo era maçom, e os mais conceituados membros das lojas da tua época faziam parte dos Iluminados. Refiro-me à segunda metade do século XVIII, que Settembrini não hesitaria em qualificar de fase de decadência da sua irmandade. Na realidade, porém, foi o período do maior florescimento, como foi para todas as sociedades secretas, o tempo em que a maçonaria de fato se alçava a uma vida superior, vida que foi extinta mais tarde por homens da laia do nosso filantropo, que, se tivesse

YiYido naTuela época, indubitaYelmente teria pertencido aos Tue a
tachaYam de Mesuítica e obscurantista.

— E haYia motiYos para isso?

— Sim... se assim Tuiser. O liberalismo triYial tinha suas razões
para pensar dessa Iorma. Era o tempo em Tue os nossos padres
procuraYam encher a Associação de Yida hierárTuico-católica;
então floresceu em Clermont, na França, uma loMa de
Mesuítas maçons. Era, além disso, a

época em Tue as loMas Ioram penetradas pelo espírito da
Rosacruz, essa conIriraria bem singular, a cuMo respeito o
senhor pode graYar na memória Tue ela aliaYa obMetiYos de
aperIeiçoar e aIortunar o mundo, metas racionalistas e político-
sociais, a estranhas relações com as ciências secretas do
Oriente, com sabedoria indiana e árabe, e o conhecimento
mágico da natureza. Foi naTuele período Tue se realizaram a
reIorma e a emenda do sistema de muitas loMas maçônicas, no
sentido da Estrita ObserYância, sentido expressamente irracional
e misterioso, mágico e alTuimista, ao Tual os graus eleYados do
rito escocês da maçonaria deYem sua origem. Aí se trata de
graus de Ordens de CaYaleiros, Tue Ioram acrescentados à
Yelha hierarTuia militar de aprendiz, oficial e mestre, graus de
grão-mestres, Tue embocaYam na esIera hierática e estaYam
compenetrados da sabedoria secreta da Rosacruz. Deparamos
nesse ponto com uma Yolta para certas Ordens de CaYaleiros a

serYiço da religião, principalmente os templários, Tue, como o senhor sabe, prestaYam diante do patriarca de Jerusalém o Muramento de pobreza, castidade e obediência. Ainda hoMe existe um grau eleYado da maçonaria Tue se intitula “Príncipe de Jerusalém”.

— Tudo isso é noYo para mim, sr. Naphta, totalmente noYo. Mas assim consigo entender os truTues do nosso amigo Settembrini... “Príncipe de Jerusalém”! Nada mau. O senhor deYeria chamá-lo assim, numa boa ocasião, por brincadeira. Ele o tratou, outro dia, de “Doctor Angelicus”, e isso exige Yingança.

— Ora, ainda há uma porção de outros títulos altissonantes para os graus eleYados e graus templários da Estrita ObserYância. Há um Mestre PerIeito, um CaYaleiro do Oriente, um Grão-Sacerdote, e o grau 31 intitula-se até mesmo “Augusto Príncipe do Mistério Real”. O senhor pode notar Tue todas essas denominações reYelam relações com a mística oriental. A própria ressurreição dos templários significa nada mais nada menos Tue o reatamento de tais

relações, e representa a irrupção de Iermentos irracionais num mundo de ideias empenhado em melhorar a sociedade por meios razoáYeis e utilitaristas. Desse modo, a maçonaria ganhou noYos atratiYos e um brilho inédito, Tue explicam o sucesso Tue teYe naTuela época. AliciaYa todos os elementos Tue estaYam Iartos do racionalismo do século, com seu esclarecimento e

comedimento humano, e sentiam sede de filtros mais potentes. O êxito da ordem Ioi tal Tue os filisteus se TueixaYam de ela alhear os maridos da Ielicidade doméstica e da dignidade Ieminina.

— Bem, ProIessor, nesse caso é compreensível Tue o sr. Settembrini não goste de se recordar dessa Iase de florescimento da sua ordem.

— Pois é. Não gosta mesmo de recordar-se de épocas em Tue sua Associação atraía sobre si todas aTuelas antipatias Tue o liberalismo, o ateísmo e a razão enciclopédica deYotam normalmente ao complexo IgreMa, catolicismo, monge, Idade Média. Já lhe disse Tue os maçons Ioram censurados por seu obscurantismo...

— E por Tuê? Gostaria de ouYir com mais detalhes como isso se dá.

— Já lhe digo. A Estrita ObserYância eTuiYalia a um aproIundamento e ampliação das tradições da ordem. Fazia remontar suas origens históricas ao mundo dos mistérios, às chamadas treYas da Idade Média. O grau de grão-mestre pertencia nas loMas a pessoas iniciadas na ph\stica m\stica, portadores do conhecimento mágico da natureza, grandes alTuimistas, na maior parte...

— Agora tenho que fazer um esforço brutal para lembrar-me mais ou menos bem das finalidades da alquimia. Acho que a alquimia tem a ver com fazer ouro, pedra filosofal, Aurum potabile...²⁰

— Sim, em termos populares. Em linguagem mais erudita, porém, ela é purificação, transformação e refinamento da matéria, transubstanciação em direção a uma forma mais elevada, e potenciação, portanto: o lapis philosophorum,²¹

produto masculino-feminino de enxofre e mercúrio, a res bina,²² a prima materia bissexual, nada menos que o princípio de potenciação, do impulso para o alto por meio de agentes exteriores. É pedagogia mágica, se assim quiser.

Hans Castorp permaneceu calado. Levantou seus olhos brilhantes, de soslaio.

— Um dos símbolos de transmutação alquímica — prosseguiu Naphta — foi a tumba, sobretudo.

— O túmulo?

— Sim, o sítio da putrefação. A tumba é a quintessência de todo hermetismo, não é outra coisa senão o receptáculo, o alambique de cristal, cuidadosamente conservado, onde a matéria é comprimida até se conseguir sua derradeira transmutação e depuração.

— “Hermetismo” é a expressão certa, sr. Naphta.
“Hermético”: sempre gostei da palavra. É uma genuína palavra mágica, com associações amplas e indeterminadas. O senhor me desculpe, mas eu não posso deixar de pensar nos Yidros Weck Tue a nossa goYernanta em Hamburgo — Schalleen é seu nome, sem senhora nem senhorita, apenas Schalleen —, nesses Yidros Tue ela guarda enfileirados nas prateleiras da despensa de nossa casa, uns Yidros hermeticamente fechados, com Irutas, carne e tudo Tuanto possíYel. Ficam ali anos e anos, e Tuando se abre um deles, conforme a necessidade, o conteúdo está fresco e perfeito, o tempo não consegue prejudicá-lo, pode-se consumi-lo como está. Não se trata de alTumia e de purificação, está claro, é apenas conservação, e daí Yem o nome “conserYa”. Mas o Tue há de mágico nessa história é Tue o conteúdo dos Yidros Weck ficou lá subtraído ao tempo; ficou hermeticamente separado dele, o tempo passou-lhe ao largo, para ele não havia tempo, e ele ficou, isso sim, fora dele, lá na prateleira. Bem, basta de Yidros Weck. Não é lá grande coisa o Tue eu disse. Perdão, sr. Naphta, creio Tue o senhor Tueria prosseguir nas suas deduções.

— Desde Tue o senhor o deseMe. O aprendiz deYe está áYido de saber e isento de TualTuer temor de Ialar segundo o estilo de nosso assunto. A tumba, o túmulo, sempre tem sido o principal símbolo do ritual de ingresso na Associação. O aprendiz, o calouro Tue pretende ser admitido à sabedoria,

precisa passar pelos calabouços da sepultura, para comprovar sua impiedade. O costume da ordem reter-te, a título de experiência, ele se mandado ao sepulcro e tenha de permanecer nele, até sair guiado pela mão irraterna de um desconhecido. Aí temos a origem dos labirintos e dos calabouços escuros. Te o noíço tem de atrair, do pano negro de Te esta vestido o próprio concláve da Estrita Observância, o culto do ataúde, Te desempenha um papel muito importante nas cerimônias de iniciação e nas reuniões. O caminho dos mistérios e da purificação acha-se flanqueado de perigos, conduzia por entre o terror da morte, por entre o reino da decomposição; e o aprendiz, o neófito, é a Muente: a Muente deseMosa dos milagres da Yida, ansiosa por despertar para a Iaculdade demoníaca de certas Yiências e guiada por homens mascarados Te são apenas sombras do mistério.

— Muito obrigado, professor Naphta. Magnífico. Pois então é isso Te se chama pedagogia hermética. Não me pode fazer mal algum Te tais coisas tenham chegado a meus ouvidos.

— Tanto mais Te se trata de uma senda Te conduz à esfera extrema, ao reconhecimento absoluto do suprasensível e, com isso, à meta final. Nos decênios posteriores, a observância alquímica das lojas conduziu muitos espíritos nobres e intuídores a essa meta. Não preciso pronunciar o nome dessa meta, uma vez Te não pode ter escapado ao senhor Te a

seTuência de graus do rito escocês é apenas um sucedâneo da hierarquia; e a sabedoria alquímica do mestre-pedreiro culmina no mistério da transmutação; e a orientação secreta da Loja dá aos seus discípulos se encontra nos recursos da Graça, de um modo tão nítido como ocorre nos Mogueletes simbólicos do cerimonial maçônico, e reaparecem na simbologia litúrgica e edificante de nossa santa Igreja católica.

— Ah, então é assim!

— Por certo! E isso ainda não é tudo. Já tomei a liberdade de observar que é apenas uma superficialidade histórica derivar a maçonaria da honrada corporação dos pedreiros. Ao menos a Estrita Observância proporcionou-lhe alicerces humanos ainda bem mais profundos. O segredo das Lojas tem em comum com os mistérios da nossa Igreja e íntimas relações com as solenidades ocultas e os excessos sagrados da humanidade mais remota... Quanto à Igreja, refiro-me à ceia e ao ágape, ao consumo sacramental da carne e do sangue, mas não se diz respeito à Loja...

— Um momento, por favor! Um momento para um aparte! Também na vida da tua associação incondicional a que meu primo pertence existem ágapes. Ele me escreveu diversas vezes sobre essas festas. Abstração feita de alguns que se

embriagam um pouco, o resto se passa de modo bem correto, mais Tue nos Iestins de grêmios estudantis...

— Sim, e no Tue diz respeito à loMa há o culto da tumba e do ataúde, ao Tual eu Mustamente tentaYa conduzir sua atenção. Em ambos os casos trata-se do simbolismo das coisas derradeiras e extremas, de elementos de uma religiosidade primitiYa, orgíaca, de sacriÍícios noturnos desenIreados, em honra do perecer e do deYir, da morte, da metamorIose e da ressurreição... O senhor se lembra talYez de Tue os mistérios de Ísis, bem como os de Elêusis, costumaYam ser celebrados à noite em caYernas tenebrosas. Bem, na maçonaria existiram e ainda existem muitas reminiscências egípcias, e entre as sociedades secretas houYe algumas Tue se denominaram associações eleusinas. Lá haYia solenidades da loMa, eram Iestas dos mistérios eleusinos e dos segredos aIrodisíacos, e nessas ocasiões até as mulheres finalmente entraYam em cena: eram Iestas das rosas, e a elas aludem as três rosas azuis do aYental maçom, Tue, segundo parece, acabaYam tendendo a terminar em bacanais...

— Ora YeMa, proIessor Naphta, Tue é Tue o senhor está me dizendo... E tudo isso Iaz parte da maçonaria? E com essas coisas é Tue deYo associar, em meu espírito, o nosso tão esclarecido sr. Settembrini?

— O senhor seria muito inMusto com ele nesse caso. Não, não, Settembrini nada sabe sobre esses costumes antigos. Eu Má disse ao senhor Tue homens como ele tornaram a expurgar a loMa maçônica de TuaisTuer elementos de Yida superior. Ela se humanizou e se modernizou, santo Deus. LiYrou-se de desYios dessa espécie e reencontrou o caminho do proYeito, da razão e do progresso, da luta contra príncipes e padres, numa palaYra: o caminho do aperIeiçoamento social; lá se Yoltou a Ialar de natureza, Yirtude, moderação, da pátria. E, como suponho, também dos negócios. Em suma: é a mísera mentalidade burguesa, sob a Iorma de um clube...

— Uma pena. Quanto às Iestas das rosas, uma pena mesmo. Vou perguntar a Settembrini se Má não sabe mais dessas coisas.

— O honrado caYaleiro do esTuadro! — escarneceu Naphta.

— Não esTueça Tue ele teYe Tue dar duro para ser admitido nas obras do Templo da Humanidade, pois é pobre como um rato de igreMa, e naTuela roda não se exige apenas alta Iormaçoão (e Iormaçoão humanística, por IaYor), mas também se Iaz Tuestão de Tue os membros pertençam às classes abastadas, para Tue seMam capazes de pagar as taxas de admissão e anuidades nada modestas. Cultura e bens: eis no Tue consiste o burguês! E eis aí os alicerces da república mundial, e liberal!

— Isso mesmo! — confirmou Hans Castorp, rindo. — Aí os temos claros e límpidos, diante dos próprios olhos.

— Ainda assim — acrescentou Naphta, depois de um pequeno silêncio — dou-lhe o conselho de não fazer pouco caso desse homem e da sua causa. Uma vez que estamos falando desse assunto, gostaria até de recomendar-lhe que

se ponha em guarda. Coisas de mau gosto nem por isso são inocentes. A estreiteza não é necessariamente inofensiva. Até a gente deitou muita água no seu vinho, mas em outros tempos foi capitoso, mas a própria ideia da associação permanece forte o bastante para suportar uma boa dose de diluição; conserva restos de um mistério profundo, e é indubitavelmente que as coisas influem sobre o mundo, o que bem se pode ver nesse simpático sr. Settembrini, que representa mais que somente sua própria pessoa: atrás dele agem as forças das coisas ele é parente e emissário...

— Emissário?

— Sim, um fazedor de prosélitos, um pescador de almas.

“É que tipo de emissário é você?”, pensou Hans Castorp. Mas em seguida disse:

— Obrigado, professor Naphta. Sou-lhe muito grato pelos conselhos e advertências. Quer saber de uma coisa? Vou subir ao andar superior, se é que se pode chamar a isso de andar, e sondar um pouquinho o maçom disfarçado. Um aprendiz de

ser áYido de saber e liYre de temor... Claro Tue com a deYida prudência. Há Tue ter prudência ao lidar com emissários...

Não haYia por Tue ter peMo de solicitar mais inIormações a Settembrini, Má Tue este não tinha condição alguma de censurar o sr. Naphta por Ialta de discrição nem Mamais se esIorçara por manter em segredo o Iato de pertencer àTuela sociedade harmoniosa. A Rivista della Massoneria Italiana achaYa-se aberta sobre a sua mesa; Hans Castorp é Tue até aTuele momento nunca dera por ela. E Tuando, aYisado por Naphta, encaminhou a conYersa na direção da “arte real”, como se as relações de Settembrini para com a maçonaria Iossem coisa indiscutível, encontrou muito pouca reserYa. Verdade é Tue haYia pontos a respeito dos Tuais o literato não se expressaYa e, ao contrário, cerraYa os lábios com certa ostentação, decerto Iorçado por aTueles Yotos terroristas Tue Naphta mencionara: sigilos e mistérios em

torno dos costumes exteriores e da própria posição naTuela organização notável. Quanto ao mais, porém, armou sua roda e esboçou para o interlocutor curioso um Yasto Tuadro da extensão da sua liga, Tue estaYa diIundida pelo mundo inteiro, com mais de Yinte mil loMas e cento e cinTuenta grã- loMas, e tinha representação até em países como Haiti e a república negra de Libéria. Citou também uma porção de nomes de grandes homens Tue haYiam sido maçons, ou o eram na atualidade: Voltaire,

La Fayette e Napoleão, Franklin e Washington, Mazzini e Garibaldi, e, entre os YiYos, o próprio rei da Inglaterra, bem como numerosas personalidades em cuMas mãos se achaYam os destinos dos Estados europeus, membros de goYernos e de parlamentos.

Hans Castorp maniIestou respeito, mas nenhuma surpresa. Em sua opinião, o mesmo se daYa com corporações de estudantes. Eles se mantinham unidos a Yida toda e sabiam garantir seus lugares, de maneira Tue dificilmente alguém conseguia abrir caminho na hierarTua administratiYa sem pertencer a uma dessas corporações. Por isso, talYez não Iosse muito sensato da parte do sr. Settembrini enumerar aTueles nomes célebres como irmãos de loMa, se Tuisesse com isso lisonMeá-la; pois, mais Tue isso, deYia-se supor Tue a ocupação de tantos cargos importantes por membros da Associação demonstraYa tão somente o poder desta última, Tue decerto exercia, sobre os Mogos do mundo, uma influência maior Tue o sr. Settembrini Tueria admitir.

Settembrini sorriu. Chegou a se abanar com o exemplar da Massoneria Tue tinha na mão. Será Tue lhe Tueriam armar uma cilada?, ele chegou a perguntar. Ou teriam, porYentura, a intenção de induzi-lo a dizer coisas imprudentes acerca da natureza política e do espírito essencialmente político das loMas?

— Quanta astúcia desnecessária, Engenheiro! ProIessamos a política abertamente, sem rodeios. Desprezamos o cunho odioso

Tue certos idiotas, sobretudo na sua terra, Engenheiro, e Tuase em nenhum outro país, gostam de imprimir a essa palaYra e a essa atiYidade. Um filantropo simplesmente não pode reconhecer a diIerença entre política e não política. Não existe a não política. Tudo é política.

— Sem exceção?

— Sei bem Tue para algumas pessoas o mais conYeniente é destacar na ideia da maçonaria sua natureza originalmente apolítica. Mas essas pessoas Mogam com as palaYras e traçam Ironteiras Tue há muito deYem ser consideradas fictícias e absurdas. Em primeiro lugar, ao menos as loMas espanholas tiYeram, desde o início, um caráter político...

— Posso imaginar.

— O senhor pode imaginar só um pouco, Engenheiro. Não se suponha capaz de pensar muita coisa sozinho, mas procure ser receptiYo e assimilar (rogo-lhe Tue o Iaça em seu próprio interesse, e no interesse do seu país e da Europa) o Tue estou a ponto, em segundo lugar, de diIundir em seu espírito. Ora, a ideia maçônica Mamais Ioi apolítica, em época alguma; não podia sê-lo, e, se acaso acreditasse sê-lo, andaria eTuiYocada com respeito à sua natureza. Que é Tue somos? Pedreiros e aMudantes Tue trabalham em uma construção. Todos perseguem um e mesmo obMetiYo; o bem da totalidade é a lei básica da

Iraternização. Qual é esse bem, essa construção? O edifício social artisticamente construído, a perfeição da humanidade, a Nova Jerusalém. Como conceber, diante disso, que se faça distinção entre política e não política? A questão social, a questão da própria coexistência, é política, cem por cento política, política e nada mais! Quem se consagra a elas (e não mereceria ser chamado humano quem deixasse de fazê-lo) pertence à política, à externa e à interna, e compreende que a arte do maçom é a arte de reinar.

— Reinar...

— E que a maçonaria dos Iluminados conhecia o grau de Regente...

— Muito bem, sr. Settembrini. A arte de reinar, o grau de Regente, isso me agrada. Mas agora me diga uma coisa: os senhores são cristãos, lá na sua loja?

— Perché?

— Perdão, quero reformular a pergunta de outra maneira, mais geral e mais simples. O senhor acredita em Deus?

— Vou lhe responder. Mas por que pergunta?

— Eu antes não tentá-lo, mas há uma história na Bíblia, em que alguém tenta o Senhor com uma moeda romana e recebe a resposta de que se dá a César o que é de César e a

Deus o Tue é de Deus. A mim me parece Tue essa maneira de distinguir nos leYa à diIerença entre política e não política. Se Deus existe, existe também essa diIerença. Os maçons acreditam em Deus?

— Eu me comprometi a responder-lhe. O senhor Iala de uma unidade Tue se procura criar, mas Tue por enTuanto ainda não se tornou realidade, para o maior pesar dos bem-intencionados. A liga uniYersal dos maçons não existe. Se ela se realizar um dia, e repito Tue se trabalha silenciosa e assiduamente nessa grande obra, terá indubitaYelmente uma confissão religiosa uniIorme, nos seguintes termos: “Écraisez l’inIâme!”.²³

— De modo obrigatório? Isso não seria lá muito tolerante.

— Acho Tue o senhor ainda não está à altura de discutir o problema da tolerância, Engenheiro. Mas graYe na sua memória, ao menos, Tue a tolerância se torna crime Tuando se deYota ao mal.

— E Deus seria o mal?

— A metaÍísica é o mal. Não serYe para nada a não ser para adormecer a energia Tue deYeríamos consagrar à construção do Templo da Sociedade. Por isso é Tue o Grande Oriente da França abriu caminho, Má Iaz Yinte e cinco anos, riscando o nome de Deus de todos os seus documentos. Nós, os italianos, seguimos esse exemplo...

- Como isso é católico!
- E com isso o senhor está querendo dizer...
- Que eu acho sumamente católica a ideia de riscar Deus.
- Aonde é que o senhor quer chegar?
- A nada especialmente interessante, sr. Settembrini. Não preste demasiada atenção às minhas palavras! Só que por um momento tive a impressão de que o ateísmo era coisa colossalmente católica, e de que o católico talvez riscasse Deus apenas para ser um católico ainda melhor.

A isso, o sr. Settembrini intercalou uma pausa; mas era evidente que só o fazia devido a ponderações pedagógicas. Após um silêncio comedido, respondeu:

- Engenheiro, longe de mim a intenção de fazê-lo vacilar no seu protestantismo ou de melindrar-lhe os sentimentos de protestante. Estamos falando de tolerância... É supérfluo salientar que eu sinto pelo protestantismo mais do que mera indulgência; encaro-o com profunda admiração, como o oponente histórico do estrangulamento da consciência. A invenção da imprensa e a Reforma são e permanecerão os dois méritos supremos que a Europa Central teve na causa da humanidade. Isso não se discute. Mas, depois das palavras que o senhor acaba de proferir, não duvido de que me compreenderá, quando lhe indicar que este é apenas um dos aspectos do

assunto, e Tué existe ainda um outro aspecto. O protestantismo encerra em si elementos Tué... A própria pessoa do seu reformador encerraYa em si certos elementos... Eu me refiro aos elementos do Tuietismo e do ensimesmamento hipnótico, Tué não são europeus, Tué são estranhos e hostis à lei Yital deste continente altiYo. Olhe-o bem, esse Lutero! Contemple os retratos dele, os da sua MuYentude e os posteriores! Que tipo de crânio é esse? Que significam essas maçãs? Que significa a singularidade dos olhos? É a Ásia, meu amigo! E eu ficaria admirado, admiradíssimo, se não houYesse nele algo de Yênedo-eslaYo-sármata, e se o surgimento impactante desse homem (Tuem negaria sua Iorça?) não houYesse significado tremenda sobrecarga sobre um dos pratos da balança, tão perigosamente

eTuilibrados em seu país, um bem ao lado do outro: um peso IormidáYel sobre o prato oriental, Tué teria lançado o outro, o prato ocidental, ao céu, onde ele paira até hoMe...

Settembrini se aIastara da papeleira humanista, Munto à Manelinha, e aproximara-se da mesa redonda com a garraIa d'água, acercando-se de seu discípulo, Tué estaYa sentado no diYã, sem se recostar, com o cotoYelo no Moelho e o Tueixo na mão.

— Caro! — disse o sr. Settembrini. — Caro amico! Será necessário tomar decisões, decisões de importância inestimáYel

para a Felicidade e o Futuro da Europa, e elas caberão ao seu país. Situado entre o Oeste e o Leste, terá de escolher, terá de declarar-se definitivamente e conscientemente por uma ou outra das duas esferas que lhe disputam a natureza. O senhor é Moisés. O senhor participará dessa decisão, sua vocação é influir sobre ela. Bendigamos, pois, o destino. Se ele o arrastou até estas paragens medonhas, ao mesmo tempo deu-me a oportunidade de exercer certa influência sobre sua Mudez maleável, por meio de minhas palavras, não totalmente isentas de experiência e vigor: a oportunidade de fazer sua Mudez sentir a responsabilidade que pesa sobre ela, ou melhor, que sua pátria traz sobre os ombros, ante toda a civilização...

Hans Castorp continuou sentado, com o queixo apoiado na mão cerrada. Olhou para Iora, através da Manelinha do sótão, e nos singelos olhos azuis podia-se perceber uma certa recalcitrância. Permaneceu calado.

— O senhor não responde? — perguntou o sr. Settembrini, como de costume. — O senhor e o seu país guardam um silêncio cheio de reserva, um silêncio cuja falta de transparência não permite avaliar-lhe a profundidade. Não gostam da palavra, ou não sabem servir-se dela, ou ainda a tratam, de modo pouco amistoso, como coisa sagrada; em todo caso, o mundo articulado ignora e não está sendo informado sobre como lidar com vocês. Isso é perigoso, meu amigo. A língua

é a própria ciYilidade... Toda palaYra, mesmo a mais antagônica, é muito YinculatiYa... Mas o mutismo, este isola. Chega-se a suspeitar Tue Yocês procurarão romper o isolamento por meio de atos. Vocês Iarão o primo Giacomo

— (Settembrini, por comodidade, tinha o costume de chamar Joachim de “Giacomo”) —, Iarão o primo Giacomo ir à Irente do silêncio de Yocês mesmos: “e com poderosos golpes mata dois; os outros Iogem”...

Como Hans Castorp se pusesse a rir, também o sr. Settembrini esboçou um sorriso, satisIeito, pelo menos momentaneamente, com o eIeito de suas palaYras plásticas.

— Muito bem, riamo-nos! — disse. — O senhor sempre me encontrará disposto para a alegria. “O riso é o reflexo resplandecente da alma”, diz um escritor antigo. Além disso, perdemos o fio da conYersa e nos desYiamos para assuntos Tue, não o nego, estão em conexão com as dificuldades Tue se impõem aos nossos trabalhos preparatórios em prol da Iundação da liga uniYersal maçônica, dificuldades Tue têm sua origem sobretudo na Europa protestante... — E o sr. Settembrini prosseguiu Ialando com ardor acerca da ideia dessa liga, Tue nascera na Hungria, e cuMa esperada realização estaYa destinada a outorgar à maçonaria um poder decisiYo nas Tuestões mundiais. A essa altura apontou para cartas relatiYas

ao assunto, Tue recebera de próceres estrangeiros da Associação; mostrou um bilhete do próprio punho do grão- mestre da Suíça, o irmão Quartier la Tente, do grau 33, e comentou o proMeto de Iazer do esperanto o idioma oficial da organização. Seus anseios alçaram-no até a esIera da alta política, ele Yoltou seus olhos, então, para mais além e aYaliou as probabilidades de triunIo Tue a ideia republicano- reYolucionária tinha em seu próprio país, na Espanha e em Portugal. Também com os dirigentes da grã-loMa desta última monarTuia, segundo ele, mantinha contato por cartas. Lá as coisas igualmente se encaminhaYam para uma decisão, não

haYia dúYida. Que Hans Castorp se lembrasse das suas palaYras Tuando, dentro em breYe, os acontecimentos comesçassem a precipitar-se lá em baixo. O MoYem prometeu Iazê-lo.

ConYém obserYar Tue essas palestras maçônicas, mantidas entre o discípulo e cada um dos mentores em separado, se haYiam eIetulado numa época anterior à da Yolta de Joachim. A discussão Tue relataremos agora teYe lugar depois dessa data, Má na presença dele, umas noYe semanas após o regresso, em princípios de outubro, e, se Hans Castorp conserYou na memória a reIerida reunião sob o sol outonal, em Irente do Cassino de Platz, com bebidas reIrescantes na mesa, Ioi porTue naTuele dia se preocupou com Joachim, em segredo: preocupou-se por

causa de indícios e Ienômenos Tue ademais não costumam causar preocupação, a saber, dores de garganta e rouTuidão, ou seMa, moléstias inoIensiYas, mas Tue se apresentaram ao MoYem Castorp sob uma luz peculiar, precisamente aTuela Tue ele pensaYa descobrir no Iundo dos olhos do primo, esses olhos Tue sempre haYiam sido grandes e meigos, mas precisamente nesse dia, e não antes, lhe apareceram maiores e mais proIundos; era como se os olhos tiYessem assumido expressão meditatiYa e — deYe-se acrescentar a estranha palaYra — ameaçadora, além daTuela iluminação Má mencionada, Tue lhes Yinha de dentro e Tue seria absolutamente errado caracterizar como algo Tue desagradasse Hans Castorp — pois, ao contrário, ela até o agradaYa bastante, sem deixar, no entanto, de lhe causar preocupação. Numa palaYra, não se pode Ialar dessas impressões de outro modo senão com certa conIusão, Iorma adeTuada a seu próprio caráter.

A conYersa, a controYérsia — uma controYérsia entre Naphta e Settembrini, é claro — giraYam em torno de um assunto diIerente e tinham um nexos apenas Irouxo com a maçonaria. Além dos primos, Ferge e Wehsal também se achaYam presentes, e o interesse de todos era grande,

embora alguns não estiYessem à altura da discussão — o sr. Ferge, por exemplo, de modo expresso. Contudo, uma luta traYada como se a própria Yida estiYesse em Mogo, mas cuMo espírito e esmero

Iaziam supor Tue não se trataYa da Yida, senão de um torneio elegante — como acontecia em todas as contendadas entre Naphta e Settembrini —, tal luta é obYiamente e per se interessante, mesmo para Tuem pouco entende do assunto e apenas Yagamente lhe enxerga o alcance. Até pessoas estranhas, nas mesas Yizinhas, escutaram admiradas a troca de palaYras, atraídas pela paixão e pela graça do diálogo.

Como Má dissemos, isso se deu deIronte ao Cassino, depois do chá da tarde. Ali os Tuatro pensionistas do BerghoI haYiam se encontrado com Settembrini e, por casualidade, Naphta se reunira a eles. EstaYam todos agrupados em Yolta de uma mesinha de metal, na Tual se achaYam diYersas bebidas diluídas com água gaseificada, bem como cálices com anis e Yermute. Naphta, Tue costumaYa tomar a merenda nesse local, pedira Yinho e doces, Tue eYidentemente constituíam uma reminiscência do seu noYiciado. Joachim umedecia, com muita IreTuência, a garganta enIerma com limonada, Tue tomaYa muito concentrada e bem azeda, porTue assim ela lhe contraía os tecidos e lhe daYa algum alíYio. Settembrini bebia simples água açucarada, mas serYia-se de um canudo com tanto prazer como se saboreasse o mais fino de todos os reIrescos.

— Que é Tue Ioi, Engenheiro? — disse ele, caçoando. — Que rumor acaba de me chegar aos ouYidos? Sua Beatrice Yoltará? Sua guia atraYés das noYe esIeras giratórias do Paraíso? Bem,

espero que, apesar disso, o senhor não se desista por completo a mão amiga e orientadora de seu Virgílio. Até o nosso eclesiástico pode confirmar que o mundo do medievo não é completo quanto à alta à mística franciscana o polo oposto do conhecimento tomista.

Todos riram de tanta erudição bem-humorada. Olharam Hans Castorp, que também se levantou e levantou o cálice de Yermute à saúde do “seu Virgílio”. Parece incrível que um interminável conflito de ideias enchesse a hora seguinte em resultado dessas palavras incoerentes, se bem que rebuscadas, de Settembrini. Naphta, que em certo sentido se julgava provocado, passou imediatamente ao ataque e investiu contra o poeta latino, notoriamente idolatrado pelo humanista, que o colocava acima de Homero. Naphta, por sua vez, já demonstrara em diversas ocasiões o maior desdém por ele como por todos os demais poetas latinos, e com presteza e malícia aproveitou-se também dessa oportunidade para fazê-lo. Observa-se que da parte do grande Dante era uma atitude parcial, muito bondosa e arraigada na época, essa de cercar de tanta solenidade um verso medíocre e de outorgar-lhe no seu poema um papel tão importante, ainda que o sr. Loder atribuisse a esse papel caráter demasiado maçônico. Que Yalor tinha, afinal, esse cortesão laureado, baluarte da casa Muliana, com sua retórica pomposa, mas desprovida da

menor centelha de espírito criador, esse literato de cidade grande, cuja alma, se é que possuía uma, era indiscutivelmente de segunda mão e que de maneira alguma era poeta, mas apenas um francês de peruca empoadada em plena era de Augusto?

O sr. Settembrini não duvidava de que seu interlocutor soubesse encontrar meios e caminhos para conciliar o menosprezo que sentia pela fase da mais alta civilização romana com as suas funções de professor de latim, mas pareceu-lhe necessário indicar a Napoleão uma outra contradição mais grave em que ele incorria com essas suas opiniões, pois se punha com elas em total desacordo com os séculos de sua própria predileção, os romanos de forma alguma haviam desprezado Virgílio, mas sim feito muito à sua grandeza, ainda que de modo algo ingênuo, considerando-o num mago de poderosa sabedoria.

Era em vão, retrucou Napoleão, que o sr. Settembrini chamava em seu auxílio a ingenuidade da época matutina, triunfante, que conservava sua força inextinguível até no endemoniamento do que parecia. Por outra parte, os doutores da nossa Igreja não se haviam cansado de advertir seus alunos contra as mentiras dos filósofos e poetas antigos, e especialmente contra o perigo de serem maculados pela exuberante eloquência de Virgílio. E nos dias de hoje, quando novamente uma era se aproxima do túmulo, e mais uma vez

raiaYa a aurora proletária, cumpria ter compreensão dessa sua atitude! E, para liTuidar a Tuestão, acrescentou Tue o sr. LodoYico podia ficar persuadido de Tue ele, Naphta, exercia com toda a necessária reservatio mentalis²⁵ aTuela profissãozinha burguesa a Tue o outro tiYera a bondade de aludir. Não era sem ironia Tue se enTuadraYa num sistema de ensino clássico-retórico, ao Tual nem os maiores otimistas podiam prometer mais Tue alguns decênios de duração.

— Vocês, o senhor e seus amigos — exclamou Settembrini —, os têm estudado, com o suor do seu rosto, a esses poetas e filósoIos antigos. Vocês procuraram apoderar-se da sua preciosa herança, assim como exploraram o material dos ediÍcios antigos para a construção das suas igreMas. Ora, Yocês sentiram claramente Tue não seriam capazes de produzir uma noYa Iorma de arte apenas com as próprias Iorças da sua alma proletária. Vocês esperaram derrotar a Antiguidade com as armas dela. Isso se repetirá, muitas e muitas Yezes! O espírito matutino de Yocês, em toda a sua bronTuice, terá de IreTuentar a escola daTueles Tue Yocês Tuerem desprezar e Iazer os outros desprezarem. Pois, sem cultura, Yocês não poderiam existir ante os olhos da humanidade, e não há senão uma única cultura, aTuela Tue Yocês Tualificam de burguesa, e Tue em realidade é humana! — O fim da educação humanística uma Tuestão de decênios? Somente a polidez impedia o sr. Settembrini de dar uma gargalhada tão

despreocupada quanto zombeteira. Uma Europa que soubesse guardar seus bens eternos

passaria, com toda calma, à ordem do dia da razão clássica, sem se importar com os apocalipses proletários almeados por certas pessoas.

Mas era precisamente a ordem do dia, Naphta replicou mordaz, que o sr. Settembrini parecia ignorar. Esta era na ordem do dia, como Tustão, o que o seu interlocutor via por bem tratar como fato consumado: a tradição mediterrâneo-clássico-humanista era uma causa da humanidade e por conseguinte humana e eterna, ou não passava de uma forma espiritual e de um acessório de determinada época, a época burguesa e liberalista, e portanto dada a morrer junto com ela? À história caberia decidir essa questão, e o sr. Settembrini iria muito bem caso não se fiasse com demasiada certeza em uma sentença favorável a seu conservadorismo latino.

Chamar o sr. Settembrini, esse ser declarado do progresso, de conservador foi uma grande insolência do velho Naphta. Todos perceberam isso, sobretudo a vítima da insolência: com particular amargura, ele coíou nervosamente o bigode sinuoso, à espera de poder desferir o golpe de vingança, e assim deu tempo ao adversário para que fizesse novas investidas contra o ideal de formação clássica, contra o espírito retórico-literário da escola e da educação europeias, e contra seu spleen

gramático-normal, que nada mais era senão um acessório da dominação de classe da burguesia, mas que, havia muito, já soava ridículo aos ouvidos do povo. Sim, poucos se davam conta de quanto o povo se divertia com aqueles títulos de doutor, com todo o mandarinato da erudição e com a escola pública, esse instrumento da ditadura da classe burguesa, que o manejava na ilusão insana de que a cultura popular era uma forma diluída da cultura erudita. O povo sabia muito bem onde encontrar a erudição e a educação de que precisava na luta contra a burguesia caduca, e não a procurava nessas casas de correção do ensino normal. Já não era segredo para pessoa alguma que o próprio tipo de

nossas escolas, derivado das escolas monásticas da Idade Média, representava um anacronismo, uma grotesca velharia, e que ninguém mais no mundo devia à escola sua verdadeira formação; e que um ensino livre, acessível a todos por meio de conferências públicas, exposições, cinemas etc., era muitíssimo superior a qualquer ensino escolar.

O sr. Settembrini respondeu que nessa mistura de revolução e de obscurantismo que Naphta acabava de oferecer a seus ouvintes a parte obscurantista predominava de forma pouco apetitosa. A satisfação que se sentia, ao vê-lo tão preocupado com a iluminação do povo, só iria trazer abalo pelo receio de

Tue, na realidade, agisse nele a instintiva tendência de encolher o poço e o mundo nas trevas do analfabetismo.

Naphta sorriu. O analfabetismo! Com isso seu interlocutor pensava, sem dúvida, ter pronunciado uma verdadeira palavra de horror, persuadido de que todo o mundo, ciente de seu dever, empalideceria em face dessa cabeça de Górgona. Ele, Naphta, lamentava ter de desapontar seu oponente ao dizer-lhe que o pai dos humanistas ante o conceito de analfabetismo iam a rir, e nada mais. Era preciso ser um literato renascentista, um precioso, um homem do século, um marinista, um palhaço do estilo culto, para atribuir às artes de ler e de escrever toda essa exagerada primazia pedagógica, a ponto de se imaginar que reinariam as trevas do espírito onde faltasse o conhecimento de ambas. O sr. Settembrini se recordava de que o maior poeta da Idade Média, Wolfram von Eschenbach, tinha sido analfabeto? Naquela época orgulhoso na Alemanha ensinar à escola um menino que não tivesse ser padre, e esse desprezo aristocrático e popular pelas artes literárias. Iora em todos os tempos um sinal de nobreza fundamental da alma, ao passo que era na verdade o literato, esse filho genuíno do humanismo e da burguesia, quem sabia ler e escrever, o nobre, o

guerreiro e o poço ignoravam, ou sabiam apenas mal... O que ele sabia e entendia de tudo que havia do mundo, afinal, era

mesmo coisa nenhuma, e não passaYa, isso sim, de um latinista doidiYanas Tue dominaYa a língua e deixaYa a Yida a cargo de pessoas honradas... E por isso Iazia da política algo Yão, isto é, algo cheio de Yã retórica e belas- letras, o Tue no linguaMar dos partidos se denomina radicalismo e democracia — etcétera, etcétera.

Ao ouYir isso, o sr. Settembrini não se conteYe mais. Exclamou Tue era excessiYa a temeridade com Tue o outro exhibia o seu gosto pela piedosa barbárie de certas épocas, escarnecendo do amor à Iorma literária, sem a Tual de Iato se tornaria impossíYel e inimagináYel a humanidade, sim, impossíYel e inimagináYel! Nobreza? Somente Tuem odiasse o gênero humano seria capaz de dar esse nome à ausência da palaYra, ao materialismo brutal e mudo. DeYeras nobre era apenas um certo luxo distinto, a generosità Tue se maniIestaYa na atitude de conceder à Iorma um Yalor humano próprio, independente do conteúdo, o culto da oratória como arte pela arte, essa herança da ciYilização greco-romana, Tue os humanistas, os uomini letterati, haYiam deYolYido pelo menos aos países neolatinos, e Tue era a Ionte de todo o idealismo ulterior e Yoltado ao conteúdo, também do idealismo político.

— Sim, senhor! Isso Tue o senhor deseMa enYilecer, ao Tualificar como diYórcio entre discurso e Yida, não é outra coisa senão uma unidade superior no diadema da beleza, e eu preYeMo

sem temor Tual será, entre as duas Irentes Tue se denominam literatura e barbárie, aTuela pela Tual a MuYentude Yalorosa escolherá propugnar.

Hans Castorp acompanhara a conYersa sem tanta atenção, Yisto se preocupar com a pessoa do guerreiro e representante de uma essencialidade distintíssima, Tue se achaYa perto dele.

No Iundo, o Tue mais lhe daYa Tue pensar era a expressão noYa Tue se Yia nos olhos do primo. Por isso sobressaltou-se um pouco ao sentir-se chamado e

interpelado pelas últimas palaYras do sr. Settembrini. A seguir Iez uma cara igual àTuela Tue fizera na ocasião em Tue o italiano o Tuisera obrigar solenemente a escolher entre o “Oriente” e o “Ocidente”, Tuer dizer, uma cara cheia de reserYa e de recalcitrância. Permaneceu calado. Esses dois leYaYam tudo ao extremo, como talYez Iosse necessário, Tuando se Tueria discutir. DisputaYam encarniçadamente em torno de alternatiYas irreconciliáYeis, ao passo Tue a ele próprio parecia patente Tue em alguma parte entre essas posições incompatíYeis, entre o humanismo retórico e a barbárie analIabeta, deYia encontrar-se aTuilo Tue ele, pela sua pessoa, podia reputar de humano. Não se maniIestou, porém, para não exasperar os dois antagonistas. EnYolto em reticências, obserYou como continuaYam borboleteando de assunto em assunto, como um estendia a mão ao outro, na intenção hostil de guiá-lo por sempre

noYos desYios, desde o momento em Tue Settembrini desencadeara a controYérsia com sua gracinha sobre o latino Virgílio.

O humanista ainda não largara a palaYra, brandia-a, Iazia com Tue ela triunIasse. ArYorou-se em guardião do gênio literário; glorificou a história das letras a partir do instante em Tue, pela primeira Yez, um ser humano graYara na pedra sinais simbólicos, a fim de conIerir a durabilidade de um monumento ao seu saber e sentir. Falou de Tot, deus egípcio, com o Tual o grande Hermes do helenismo se identificaYa, e Tue tinha sido Yenerado como o inYentor da escrita, como padroeiro das bibliotecas e animador de todos os esIorços intelectuais. AMoelhou-se, metaIoricamente, diante desse Trismegisto, o Hermes humanista, ao Tual a humanidade deYia os presentes sublimes da palaYra literária e da retórica agonística. Com isso leYou Hans Castorp a ponderar Tue esse egípcio nato Iora eYidentemente um estadista e desempenhara, em maior escala, o papel do sr. Brunetto Latini, o primeiro Tue esmerilou a cultura dos florentinos e ensinou-lhes a oratória, bem como a arte de dirigir a sua república conIorme as regras da política. Ao Tue Naphta redarguiu Tue o sr. Settembrini desfiguraYa leYemente as coisas e Tue Tot- Trismegisto saíra muito “IaYorecido” no seu retrato. Em realidade, trataYa-se de uma diYindade símia, da lua e das almas, um babuíno coroadado

de um crescente, Tu sob o nome de Hermes Iora antes de tudo um deus da morte e dos mortos: dominador e guia das almas, transformado em arTuiIeiteiro na Iase derradeira da Antiguidade e em pai da alTuimia hermética na Idade Média cabalística.

Como é Tu era? Na oficina de pensamentos e representações de Hans reinaYam um YaiYém e um sobe e desce. Lá estaYa a morte no seu manto azul, como um rétor humanista; e Tuando se olhaYa mais de perto esse deus pedagógico da literatura, esse filantropo, Yia-se acocorada em seu lugar a imagem grotesca de um mono Tu leYaYa sobre a Ironte o signo da noite e da magia... Procurou aIastar a Yisão com a mão. A seguir cobriu os olhos. Mas pelas treYas onde ele se reIugiara de tamanha conIusão ressoaYa a Yoz de Settembrini, Tu prosseguia encomiando a literatura. Não somente a grandeza contemplatiYa, senão também a grandeza atiYa, bradaYa o italiano, teria estado ligada a ela, por todos os tempos; e mencionou Alexandre, César, Napoleão, mencionou Frederico da Prússia e outros heróis, até mesmo Lassalle e Moltke. Não se intimidou Tuando Naphta lhe opôs a China, onde reinaYa a mais ridícula idolatria do abecedário Tu se conhecia, e onde uma pessoa chegaYa a ser generalíssimo Tuando sabia traçar com tinta nanTuim todos os Tuarenta mil ideogramas, o Tu deYia agradar muito ao coração de um humanista. Ora, ora, Naphta haYeria de saber

perfeitamente Tu não se trata de caligrafia, mas da literatura como impulso de humanidade, do espírito dela, oh, pobre zombeirão!, desse espírito Tu era o espírito em si, o milagre da união entre análise e forma. Era ele, o espírito, Tu despertava a compreensão ante tudo Tu quanto ao humano, Tu se empenhava em debilitar e aniquilar os preconceitos tolos e as condições estúpidas, e Tu purificava, enobrecia e melhorava o gênero humano. Ao criar o mais intenso refinamento moral e a mais sutil sensibilidade, conduzia os homens, longe de inatizá-los, ao ceticismo, à dúvida, à tolerância. O efeito purificante e santificador da literatura, a destruição das paixões pelo conhecimento e pela palavra, a literatura como caminho para a compreensão, a indulgência e o amor, o espírito literário como o elemento mais nobre do espírito humano em geral, o poder salvador da língua, o literato como homem perfeito, como santo: — era nessa tonalidade exaltada Tu fluía o panegírico apologético do sr. Settembrini. Ah, mas tampouco seu adversário se deixava amedrontar; e ele bem soube interromper o aleluia angélico com argumentos maliciosos e brilhantes, optando pelo partido da conservação e da vida, contra o espírito dissolvente Tu se escondia atrás dessa máscara seráfica. A tua fusão milagrosa Tu o sr. Settembrini decantara em voz trêmula não passava, segundo se ouvia agora, de um embuste e

de uma trapaça. Pois a Iorma Tue o espírito literário se YangloriaYa de saber conciliar com o princípio do exame e da diYisão era apenas uma Iorma de aparência e de mentira, e não uma Iorma de Yida, genuína, madura, natural. O pretenso aperIeiçoador do homem apregoaYa a pureza e a santificação, mas em realidade YisaYa à castração e à sarMadura da Yida; o espírito, o zelo da teoria proIanaYam a Yida, e Tuem se esIorçaYa por destruir as paixões deseMaYa o nada — o puro nada, sendo “puro” o único adMetiYo adeTuado para Tualificar o nada. E nesse ponto, precisamente nesse ponto, o literato Settembrini patenteaYa o Tue era; reYelaYa-se partidário do progresso, do liberalismo e da reYolução burguesa. Pois o progresso era mero niilismo, e o burguês liberal era, bem propriamente, o homem do nada e do diabo; isso mesmo, ele chegaYa a negar Deus, negaYa o Tue haYia de conserYadora e

positivamente absoluto, e o Iazia ao proIessar o antiabsoluto demoníaco e arYorar-se em modelo de piedade, por causa de seu pacifismo letal. No entanto, o Tue menos haYia nele era piedade, e pelo contrário, atentaYa como um criminoso contra a Yida, a cuMa InTuição e Tribunal da Santa Vehme ele merecia ser entregue — etcétera.

Naphta sabia argumentar com boas alfinetadas, torcer o panegírico em algo diabólico, e apresentar-se a si próprio como

encarnação do amor austero e conserYador, de maneira Tue mais uma Yez se tornaYa completamente impossíYel distinguir onde se achaYa Deus e onde o diabo, onde a morte e onde a Yida. Ninguém duYidará ao afirmarmos Tue seu antagonista se mostrou à altura e não ficou deYendo resposta, Tue Ioi notáYel e proYocou uma réplica não menos boa, depois da Tual a discussão prosseguiu por algum tempo, antes de a conYersa embocar naTuela conIusão Má mencionada. Hans Castorp, entretanto, Má deixara de prestar atenção, porTue Joachim, nesse ínterim, lhe comunicara Tue tinha certeza de se ter resIriado e de estar com Iebre, e Tue não sabia o Tue Iazer, uma Yez Tue resIriados aTui não eTuiYaliam a “reçu”. Os duelistas não deram a mínima para isso, mas Hans Castorp, Tue, como Má dissemos, YelaYa diligentemente pelo primo, retirou-se em sua companhia, no meio de uma tréplica, sem se importar com a Tuestão de saber se o público restante, composto de Ferge e Wehsal, seria ou não capaz de produzir o estímulo pedagógico necessário para a continuação da contenda.

Durante o caminho combinou com Joachim Tue em matéria de resIriado e dores de garganta trilhariam a Yia hierárTuica; Tuer dizer, encarregariam o massagista de aYisar a superiora, depois do Tue supostamente seriam tomadas medidas em IaYor do enIermo. E fizeram bem. Na mesma noite,

logo depois do Mantar, Adriática bateu à porta de Joachim, Tuando Hans Castorp casualmente se encontraYa lá, e inIormou-se, em Yoz esganiçada, sobre os deseMos e as moléstias do MoYem oficial.

— Dores de garganta? RouTuidão? — repetiu a enIermeira.

— Que lhe deu na Yeneta, rapaz? — E Iez uma tentatiYa de fitar o doente com olhar penetrante, embora não Iosse culpa de Joachim Tue os olhares, afinal, não se encontrassem: era o da superiora Tue sempre se esTuiYaYa. Coisa estranha ela insistir nessa manobra, apesar de a experiência lhe demonstrar Tue era incapaz de realizá-la! Com auxílio de uma espécie de calçadeira de metal, Tue tirou da bolsa presa à cintura, examinou a goela do paciente, enTuanto Hans Castorp a alumiaYa com a lâmpada de cabeceira. Mantendo-se nas pontas dos pés, a superiora espiaYa a úYula de Joachim.

— Agora me diga, meu rapaz: Má se engasgou alguma Yez? Que responder? NaTuele momento, durante o exame, não

haYia possibilidade alguma de explicar-se; mas também depois de ela soltá-lo não Ioi Iácil encontrar a resposta. Claro Tue Má lhe acontecera engasgar-se uma ou outra Yez, enTuanto comia ou bebia; mas isso ocorria a toda gente e certamente não era o Tue ela Tueria saber. Ele disse: “Como assim?”. E acrescentou Tue não se lembraYa Tuando Iora a última Yez.

“Está bem”, Ioi o Tue ela disse; e Tue haYia sido apenas uma ideia Tue lhe Yeio. Então ele se resIriara, Ioi o Tue ela disse, para surpresa dos primos, Yisto Tue normalmente não se toleraYa a palaYra “resIriado” no sanatório. Para um exame mais minucioso, se preciso Iosse, seria indispensáYel o laringoscópio do conselheiro. Ao sair, a superiora deixou comprimidos de Iormaminto, bem como uma atadura e um pedaço de guta-percha, para Tue Joachim pudesse Iazer compressas durante a noite. Joachim serYiu-se das duas coisas e teYe a nítida impressão de Tue lhe traziam alíYio. Por isso continuou com o tratamento, Má Tue a rouTuidão não Iazia menção de ceder; pelo contrário, até se intensificou nos dias seguintes, embora as dores de garganta às Yezes desaparecessem Tuase por completo.

O tal resIriado Iebril não passaYa, aliás, de pura imaginação. O resultado obMetiYo do exame era o de sempre, Mustamente aTuele Tue, em combinação com os diagnósticos anteriores do conselheiro, reTueria do ambicioso Joachim um “peTueno tratamento suplementar”, antes Tue ele pudesse Yoltar às fileiras do Exército. O prazo de outubro, Tue acabaYa de expirar, era tratado com a maior discricção possíYel. Ninguém o mencionou, nem o conselheiro, nem os primos entre si. Silenciosos, com os olhos baixos, passaram uma esponMa nessa data. Depois do Tue Behrens ditara ao assistente-

psicanalista, por ocasião da última consulta mental, e do Tue a chapa radiográfica mostraYa, era mais do Tue eYidente Tue uma partida “em Ialso” seria arriscadíssima. E dessa Yez trataYa-se de perseYerar ali em cima, com disciplina de aço, no trabalho da cura, até Tue se obtiYesse a definitiYa imunidade, necessária para suportar as exigências do outro trabalho, lá na planície, e para cumprir o Muramento.

Tal a diYisa a Tue se chegara por um acordo tácito entre todos. Na realidade, porém, um não tinha certeza de Tue o outro, no âmago da sua alma, acreditasse nessa diYisa. Se baixaYam os olhares, era deYido a essa dúYida, o Tue não se daYa sem Tue antes os seus olhos houvessem se encontrado. E isso Yinha ocorrendo com certa IreTuência desde o reIerido colóTuio sobre literatura, Tuando Hans Castorp notara pela primeira Yez aTuela luz noYa no Iundo dos olhos de Joachim, bem como a expressão “ameaçadora” Tue haYia ali. Ela se maniIestou à mesa, certa Yez: Joachim, com Yoz rouca, engasgou-se de repente e de modo bem graYe, a ponto de mal conseguir recobrar o Iôlego. Foi ali, enTuanto Joachim oIegaYa atrás do guardanapo, e sua Yizinha, a sra. Magnus, lhe daYa palmadas nas costas segundo um Yelho costume, Tue os olhos de ambos se encontraram de um modo Tue espantou Hans Castorp, mais Tue o próprio engasgamento, Tue afinal podia acontecer a

Tua!Tuer um. Então Joachim cerrou os olhos e, com o rosto oculto pelo guardanapo, abandonou a mesa e a sala, a fim de esperar lá Iora o fim do acesso de tosse.

Sorrindo, embora ainda um pouco pálido, Yoltou após dez minutos com um pedido de desculpas nos lábios pelo susto Tue dera aos comensais, e participou, como antes, da abundante reIeição; mais tarde até se esTueceram por completo de comentar o incidente banal. Mas alguns dias depois, não durante o Mantar, senão por ocasião do Iartíssimo caIé da manhã, deu-se o mesmo, sem Tue dessa Yez os olhares se encontrassem, ao menos não os dos primos, Má Tue Hans Castorp, inclinado para o prato, continuou comendo com aparente indiIerença. Terminada a reIeição, contudo, pareceu necessário dizer algumas palaYras sobre o ocorrido, e Joachim YociIerou contra a Mylendonk, cuMa pergunta Ieita à Tueima-roupa o fizera ficar com a pulga atrás da orelha; essa mulher o sugestionara e o embruxara, o diabo Tue a carregasse. Hans Castorp respondeu Tue sim, eYidentemente se trataYa do eIeito de uma sugestão, era até diYertido chegar a essa constatação, apesar de todo o desagrado Tue a situação enYolYia. E Joachim, como dera um nome ao problema, teYe sucesso em deIender-se da bruxaria, dali para diante; cuidou-se ao comer, e não se engasgou com maior IreTuência Tue Tua!Tuer outra pessoa não embruxada: só uns noYe ou dez dias

mais tarde repetiu-se o incidente, o Tue, afinal, nem seTuer mereceu TualTuer comentário.

Não obstante Ioi chamado por Radamanto, embora ainda não Iosse sua Yez. A superiora aYisara o médico e sem dúYida fizera bem. Uma Yez Tue a casa dispunha de um laringoscópio, existiam motiYos suficientes para tirar do armário o instrumento engenhosamente construído: aTuela rouTuidão obstinada, Tue às Yezes degeneraYa em aIonia total, e também a dor de garganta Tue VoltaYa a maniIestar-se cada Yez Tue Joachim omitia lubrificar a goela com remédios saliYantes; sem contar Tue, se agora se

engasgaYa não tão amiúde, era só deYido à imensa cautela Tue tinha durante as reIeições, o Tue sempre o atrasaYa em relação aos Yizinhos.

E o conselheiro, com espelhos e reflexos, perscrutou proIunda e demoradamente a garganta de Joachim. A seguir, o paciente, em obediência aos rogos de Hans Castorp, encaminhou-se logo à sacada do primo, para relatar-lhe pormenores do exame. A coisa lhe haYia causado muitas cócegas e Iora bastante desagradáYel, segundo contou cochichando, porTue estaYam na hora do repouso principal, com silêncio obrigatório. Behrens fizera um grande palaYrório sobre um estado de irritação e dissera Tue conYinha pincelar todos os dias. Logo no dia seguinte começaria a causticar. Só

era preciso preparar o remédio. Enfim, estado de irritação e causticações. Hans Castorp tinha a cabeça cheia de associações de ideias, Tve iam muito longe e se reIeriam a pessoas Tuase estranhas, como, por exemplo, o porteiro coxo e aTuela senhora Tve passara uma semana inteira comprimindo a orelha e todaYia não tiYera motiYos para preocupar-se. EstaYa a ponto de Iazer mais algumas perguntas, porém não conseguiu pronunciá-las, e resolYeu pedir inIormações ao próprio conselheiro, Tuando estiYessem a sós. Por enTuanto limitou-se a expressar a Joachim a satisIação Tve experimentaYa ao Yer Tve aTuela moléstia se achaYa agora sob controle e Tve o dr. Behrens se encarregara do assunto. Era bamba nessas coisas e sem dúYida saberia remediar. Joachim Iez um sinal de aproYação, sem encarar o primo, deu meia-Yolta e passou ao seu compartimento.

Que é Tve haYia com o honrado Joachim? Nesses últimos dias, os seus olhos tinham se tornado inseguros e esTuiYos. Fazia pouco tempo, a superiora Mylendonk malograra no seu esIorço de lhe penetrar o olhar meigo e tristonho; e, se ela repetisse a tentatiYa agora, ninguém poderia dizer com certeza o Tve sucederia. Em todo caso, ele eYitaYa esse tipo de encontros, e Tuando se produziam apesar disso (pois

Hans Castorp olhaYa-o com muita IreTuência) não contribuíam para diminuir o desassossego. Angustiado, Hans Castorp

permanecia estendido na sua sacada, e no íntimo crescia-lhe a tentação de ir ter com o chefe imediatamente. Isso, entretanto, não era possível, Má Tve não se poderia levantar sem Tve Joachim o notasse; assim, Ioi preciso ter paciência, sob a expectativa de cercar Behrens no decorrer da tarde.

Mas isso não deu certo. Coisa estranha! Não conseguiu encontrar o conselheiro, nem esta tarde nem durante os dois dias seguintes. Claro Tve Joachim o estorva um pouco, uma vez Tve não devia perceber nada; mas isso não basta para explicar por Tve Hans Castorp não chegava a obter essa entrevista e tinha tamanhas dificuldades em apanhar Radamanto. Procura-o e pergunta por ele em toda a casa, manda-o de cá para lá, a lugares onde era certo Tve encontraria o médico, mas ao chegar ele não estava mais ali. Behrens assistiu a uma das refeições, mas estava sentado muito longe, à mesa dos “russos ordinários”, e sumiu-se antes da sobremesa. Algumas vezes Hans Castorp teve a impressão de poder tê-lo agarrado pela manga do casaco; viu-o na escada ou num corredor, a conversar com Krokozski, com a superiora ou com um enfermo, e pôs-se à espreita. Mas bastou desviar o olhar, e Behrens desapareceu.

Não foi senão no quarto dia Tve realizou o seu propósito. Da sua sacada descobriu o médico no jardim, ocupado em dar ordens ao jardineiro. Rapidamente, Hans Castorp

desembaraçou-se dos cobertores e correu ao seu encontro. O conselheiro, com a nuca saliente, e com as mãos remando, Má se aIastaYa em direção ao seu apartamento. Hans Castorp pôs-se a correr e até tomou a liberdade de chamar, mas não Ioi ouYido. Finalmente, oIegando, conseguiu detê-lo.

— Que é Tue o senhor perdeu aTui? — interpelou-o o conselheiro desabridamente, com seus olhos lacrimosos. —

Será preciso Tue lhe mande entregar um exemplar extra do regulamento da casa? Ao Tue eu saiba, é hora de repouso. Sua curYa e sua chapa não o autorizam nem um pouco a bancar o Yarão libertino. DeYia haYer aTui um espantalho diYino para aIugentar com sua lança pessoas Tue Iolgam no Mardim entre as duas e as Tuatro. Afinal de contas, Tue é Tue o senhor Tuer?

— Sr. Conselheiro, preciso lhe Ialar um momento!

— Estou notando, e Má Iaz certo tempo Tue o senhor meteu essa ideia na cabeça. ViYe atrás de mim, como se eu Iosse uma donzela e lhe promettesse não sei Tue prazeres. Que deseMa de mim?

— Perdão, sr. Conselheiro, é por causa de meu primo. Agora lhe pincelam a garganta... Estou conYencido, é claro, de Tue com isso aTuela coisa se endireitará. É coisa inoIensiYa, não? Era só isso Tue lhe deseMaYa perguntar...

— O senhor sempre Tuer Tue tudo seMa inoIensiYo, Castorp, é essa a sua índole. Às Yezes não se mostra aYesso ao contato com coisas nada inoIensiYas, mas então as trata como se Iossem perIeitamente inocentes, e com isso pensa agradar a Deus e aos homens. O senhor é uma espécie de coYarde e de hipócrita, meu caro, e Tuando seu primo o chama de paisano, usa termo bastante euIêmico.

— Pode ser Tue seMa assim, sr. Conselheiro. Por certo, as IraTuezas do meu caráter estão Iora de Tuestão. E esse é precisamente o caso nesse momento, elas não estão de modo algum em Tuestão, e o Tue eu lhe Tueria pedir, Má Iaz três dias, é apenas...

— Que eu lhe sirYa um gole de Yinho bem açúcarado e diluído! O senhor Tuer me importunar e maçar, para Tue eu o confirme na sua maldita hipocrisia e para Tue o senhor possa dormir o sono dos Mustos, enquanto outras pessoas Yelam e se expõem à tempestade.

— Olhe, doutor, o senhor é muito seYero comigo. Eu Tueria, pelo contrário...

— Sim, senhor, a seYeridade não é propriamente o seu Iorte. Seu primo é um tipo bem diIerente, é Ieito de outro estoIo. Ele está a par de tudo. Está a par de tudo, e se cala, compreende? Não se agarra ao aYental da gente, pedindo Tue

alguém o iluda com miragens e histórias inoIensiYas. Sabia o Tue estaYa Iazendo e o Tue arriscaYa. É um homem Tue se mantém firme e sabe calar o bico, o Tue é uma arte Yiril, na Tual inIelizmente não são peritos os simpáticos bípedes da sua espécie. Mas uma coisa lhe digo, Castorp; se Yai começar a Iazer cena aTui, a lamentar-se e entregar-se ao seu sentimentalismo paisano, mandarei Tue o ponham no olho da rua. O Tue precisamos aTui são homens, compreende?

Hans Castorp permaneceu calado. Sua tez assumiu aTuela cor terrosa, de Tuando ele coraYa. Ele estaYa bronzeado demais para tornar-se totalmente líYido. Por fim, disse com os lábios trêmulos:

— Muito obrigado, sr. Conselheiro. Eu também estou a par, agora. Acho Tue o senhor não Ialaria comigo com... não sei bem como dizer... com tanta solenidade se o caso de Joachim não Iosse graYe. Também detesto cenas e gritarias; nesse ponto o senhor não me Mulga bem. E Tuanto à discricção, não Ialtarei a ela. Disso pode estar certo.

— O senhor Tuer bem a seu primo, Hans Castorp? — perguntou o médico, agarrando de repente a mão do MoYem e fixando nele os olhos azuis, lacrimosos e inMetados, de baixo e por entre as pestanas brancas...

— Não sei Tue lhe responder, sr. Conselheiro. Um parente tão próximo, tão bom amigo e meu camarada aTui em cima.

— Hans Castorp deixou escapar um breYe soluço, Iazendo um dos pés girar sobre a ponta de si mesmo.

O médico apressou-se a soltar-lhe a mão.

— Pois então trate-o com gentileza durante estas seis ou oito semanas — disse. — Proceda com a sua costumeira ingenuidade. Sem dúYida é isso o Tue ele preIerirá. Eu também You estar presente e proYidenciarei para Tue as coisas, na medida do possíYel, decorram de modo elegante e conIortáYel.

— É a laringe, não é? — perguntou Hans Castorp, sacudindo a cabeça.

— Lar\ngea — confirmou o conselheiro. — A destruição progride rapidamente. E a mucosa da traTueia também Má se acha em mau estado. Pode ser Tue as Yozes de comando, lá no serYiço, haMam criado um locus minoris resistentiae.²⁶ Sempre deYemos estar preparados para tais deslocamentos da doença. Há pouca esperança, meu filho. No Iundo, não há nenhuma. Claro Tue lançaremos mão de todos os recursos...

— A mãe... — disse Hans Castorp.

— Mais tarde, mais tarde. Não há pressa, por enquanto. Empregue o seu tato e a sua delicadeza para informá-la aos poucos. E agora volte ao seu posto. Ele está notando o que se passa, e com certeza lhe será desagradável saber que a gente fala dele pelas costas.

Todos os dias, Joachim se fazia pincelar. O outono era lindo. Correto e marcial, nas calças de flanela branca e na malta azul, irremediavelmente ele chegava atrasado às reuniões, cumprimentava os comensais com amabilidade, de um modo discreto e másculo, pedia desculpas por sua impontualidade e sentava-se para tomar a comida especial que lhe preparavam agora, uma vez que não podia engolir os alimentos normais, devido ao perigo de se engasgar: serviam-lhe sopas, picadinhos e mingau. Não demorou para que os companheiros de mesa compreendessem a situação. Retribuíam-lhe a saudação com ênfase, de modo caloroso e cortês, chamando-o de “sr. Tenente”. Na sua ausência interrogavam Hans Castorp, e também das outras mesas corriam pessoas para se informar. A sra. Stenwerth acudiu, torcendo as mãos e choramingando, no seu jeito vulgar. Mas Hans Castorp limitava as suas respostas a monossílabos. Admitia a gravidade do caso, mas ao mesmo tempo negava-a até certo ponto. Agia assim por causa das aparências,

sentindo no seu íntimo que não devia abandonar Joachim antes do tempo.

Passeavam Muntos; três vezes por dia cobriam a distância regulamentar exata e o conselheiro áulico acabou de restringir Joachim, de modo a evitar qualquer desgaste desnecessário de forças. Hans Castorp ia à escurada do primo. Antes haviam caminhado assim ou também de outra maneira, conforme a ocasião, mas agora Hans Castorp mantinha de preferência a escurada. Falava pouco; preferiam as palavras que o dia normal do Berghof lhes punha na boca, e nada mais. Sobre o assunto que se erguia entre eles não era preciso dizer coisa alguma, sobretudo por serem pessoas de mentalidade reservada, que só em casos extremos se tratam pelo nome de batismo. Mesmo assim havia instantes em que o sentimento de borbulha e de inquietude no peito paterno de Hans Castorp, a ponto de extravasar. Mas isso era impossível. O que se agitava dolorosa e violentamente acalmava-se, e ele permanecia calado.

Joachim caminhava a seu lado, com a cabeça baixa. Tinha os olhos fixos no solo, como se contemplasse a terra. Era muito estuivo: andava, correto e asseado, saudando os transeuntes na sua maneira cavalheiresca, cuidava de seu exterior e sua bienséance como sempre — e, contudo, pertencia à terra. Bem, nós todos pertenceremos a ela, mais cedo ou mais tarde. Mas

Tuando se é tão MoYem e Tuando se tem boa Yontade de prestar serYiço à própria bandeira com tamanha alegria, então é amargo demais pertencer-lhe dentro de tão pouco tempo: e tudo acaba sendo ainda mais amargo e incompreensível para Hans Castorp, a caminhar por ali, ciente de tudo, do Tue para o próprio homem destinado à terra, cuMo saber calado e discreto é de natureza no Iundo muito acadêmica, carece para ele de caráter realístico e interessa antes aos outros Tue a ele mesmo. Com eIeito, nossa morte é assunto dos sobreYiYentes, mais Tue de nós próprios; saibamos citá-la ou não, conserYa pleno Yalor para a alma aTuela sentença de um sábio espirituoso, Tue reza: enTuanto existimos, não existe a morte, e Tuando ela existe, nós Má deixamos de existir; ou seMa, aTuela sentença sobre não haYer, entre nós e a morte, TualTuer relação real, e ela ser para nós uma coisa absolutamente sem interesse, Tue, Tuando muito, aIeta o mundo e a natureza; e eis por Tue todas as criaturas contemplam a morte com grande calma, indiIerença e ingenuidade egoística, sem assumir responsabilidades. Muito dessa ingenuidade e dessa irresponsabilidade Ioi o Tue Hans Castorp encontrou na atitude de Joachim ao longo daTuelas semanas; e assim compreendeu Tue o primo, embora sabendo de tudo, não tinha dificuldade em guardar um silêncio decoroso sobre o Tue sabia, porTue suas relações íntimas com tudo aTuilo eram apenas Irouxas e

teóricas, ou então porTue, na medida em Tue reTueriam consideração prática, eram reguladas e determinadas por um sadio senso de conYeniência, Tue não admitia a discussão desse saber, nem a de muitas outras indecorosidades Iuncionais de Tue a Yida tem consciência, indecorosidades Tue a condicionam, mas Tue não a impedem, no entanto, de manter a bienséance.

PasseaYam, e guardaYam silêncio sobre assuntos da natureza Tue não conYinham tanto à Yida. As lamentações Iuriosas e exaltadas Tue Joachim proIerira no começo, por ter Tue Ialtar às manobras e ao serYiço militar em geral, também emudeceram. Mas por Tue, em Yez delas, retornaYa com tanta IreTuência, e apesar de toda a mencionada ingenuidade, aTuela expressão turYa de paYor nos olhos meigos de Joachim — aTuela insegurança Tue proYaYelmente daria Yitória à superiora, em caso de noYa inYestida? Era porTue ele sabia ter as órbitas caYas e as Iaces encoYadas? — Pois tal era o aspecto Tue seu rosto assumia a olhos Yistos no curso dessas semanas, muito mais Tue desde Tuando Yoltara da planície, e sua tez trigueira, dia a dia, ia tomando aparência de couro amarelado. Era como se ele tiYesse razões de enYergonhar-se e desprezar-se a si próprio num ambiente Tue, em conIormidade com a atitude do sr. Albin, não tinha outras preocupações a não ser desIrutar as imensas Yantagens oIerecidas pela ignomínia.

Diante de Tue e de Tuem se abaixaYa e Iugia, então, o seu olhar outrora tão Iranco? Que coisa singular esse pudor Tue a criatura sente em Iace da Yida, e Tue a Iaz reIugiar-se num esconderiMo para morrer, conYencida de Tue não pode esperar da natureza exterior respeito nem piedade alguma ante seu soIrimento e sua agonia; e com razão, uma Yez Tue até um bando de pássaros orgulhosos de seu Yoo não somente não costuma honrar o companheiro enIermo, mas até o maltrata com bicadas Yiolentas e desdenhosas. Coisas da natureza, com sua maldade; mas o peito de Hans Castorp, ao contrário, enchia-se de uma compaixão amorosa e proIundamente humana, sempre Tue percebia nos olhos do pobre Joachim um pudor instintiYo e obscuro como aTuele. CaminhaYa à esTuerda do primo, cada Yez mais declaradamente; e, como Joachim começasse a andar um tanto trôpego, apoiaYa-o Tuando se trataYa de galgar uma peTuena encosta coberta de capim, cingia-o com o braço, e certa Yez até lhe aconteceu esTuecer de retirar a mão do ombro do primo, Tue a sacudiu com alguma irritação, dizendo:

— Ei, deixe disso! Parecemos bêbados, se andamos assim. Mas então Yeio um momento em Tue o MoYem Hans

Castorp percebeu a turYação do olhar de Joachim sob uma outra luz, e Ioi Tuando Joachim recebeu a ordem de ficar de cama; era início de noYembro — e haYia muita neYe. Pois se lhe tornara diIícil demais ingerir os picadinhos e os mingaus, e a cada dois

bocados um lhe descia atraYessado. Indicou- se a passagem para uma alimentação exclusiYamente líTuida, ao mesmo tempo Tue Behrens prescreYeu repouso permanente na cama, para poupar Iorças. Foi portanto na Yéspera de Joachim acamar-se em definitiYo, na última noite Tue ele pôde passar de pé sobre as próprias pernas, Tue

Hans Castorp o surpreendeu: conYersando com Marússia, aTuela moça inMustificadamente risonha, com o lençinho perIumado de flor de laranMeira, e os seios tão Iormosos. Foi depois do Mantar, durante a reunião noturna, no Yestíbulo. Hans Castorp, Tue se demorara no salão de música, saiu à procura de Joachim e o encontrou em Irente da lareira reYestida de azuleMos, ao lado da cadeira de Marússia: uma cadeira de balanço — ela sentada ali, e Joachim com a mão esTuerda sobre o espaldar, de modo Tue Marússia, inclinada para trás, Tuase deitada, YoltaYa seus olhos castanhos e arredondados para cima, para o rosto dele, Tue aproximaYa seu rosto ao dela e dizia algo com Yoz baixa e entrecortada, enTuanto ela, em uma mescla de negligência e emoção, daYa de ombros e sorria.

Hans Castorp apressou-se em se aIastar, não sem ter notado Tue outros pensionistas, como era de esperar, se compraziam ao obserYar a cena — sem Tue Joachim os percebesse, ou lhes prestasse atenção. Esse espetáculo: o primo abandonando-se sem a menor reserYa a uma conYersa com a Marússia dos

seios opulentos, a cuja mesa estivera sentado tanto tempo sem nunca trocar com ela uma única palavra, e diante de cuja pessoa e existência sempre baixara os olhos com expressão austera, razão verdadeira e honesta, embora empalidecesse e se cobrisse de manchas ao olhar nela — ora, esse espetáculo como você Hans Castorp muito mais que qualquer outro sinal de debilidade que houvesse notado em seu pobre primo nestas últimas semanas. “Sim, ele está perdido!”, pensou, e sentou-se em silêncio numa das cadeiras do salão de música, a fim de deixar a Joachim o tempo necessário para o que ele se concedia, lá no Vestíbulo, na derradeira noite de que dispunha.

A partir de então Joachim assumiu a posição horizontal, e Hans Castorp escreveu a Luise Ziemssen sobre isso; na sua excelente espreguiçadeira, escreveu-lhe que havia uma coisa a acrescentar às notícias dadas até então, a saber,

que Joachim se achava acamado, que o desejo de ver a mãe perto de si podia ler-se nos olhos dele, embora nada dissesse a esse respeito, e que o conselheiro Behrens apoiava expressamente esse desejo tácito. Hans Castorp foi delicado ao acrescentar tal coisa, mas o fez de maneira clara. E não foi de admirar, portanto, que a sra. Ziemssen tenha recorrido aos meios de transporte mais rápidos para se unir ao filho: bastaram três dias após a remessa da carta (bastante humana, mas não menos alarmante) para que ela chegasse a Davaos. Hans Castorp

buscou-a de trenó na estação do “YilareMo” em meio a uma tempestade de neYe, e na plataIorma, enquanto o trenzinho entraYa na gare, compôs o semblante da melhor Iorma, para não assustar a mãe em excesso, mas também para Tue seu primeiro olhar não descobrisse nele TualTuer alegria Ialaz.

Quantos encontros como esse Má haYiam ocorrido ali, e Tuantas Yezes os Tue desciam do trem haYiam examinado com insistência e angústia as Ieições de Tuem os recebia, ao se aproximarem uns dos outros! A sra. Ziemssen daYa a impressão de ter Yindo a pé de Hamburgo a DaYos. Com o rosto ardente, apertou contra o peito a mão de Hans Castorp, olhou em torno como Tue amedrontada e cochichou perguntas apressadas, Tual tratasse de um segredo; ele se esTuiYou das perguntas, agradeceu-lhe por ter Yindo tão depressa: era ótimo Tue estiYesse ali, e como Joachim não ficaria contente ao Yê-la. Bem, por ora ele estaYa de cama, inIelizmente, em razão da alimentação líTuida, Tue naturalmente exercia certa influência sobre o estado de suas Iorças. Mas, para casos assim haYia bastantes recursos, como a alimentação artificial, por exemplo. Ela Yeria por si mesma...

E ela Yiu; e a seu lado, Hans Castorp Yiu também. Até aTuele instante não se dera conta das mudanças Tue se haYiam produzido em Joachim nas últimas semanas — gente moça

não costuma observar essas coisas. Agora, porém, perto da mãe Yinda de longe, contemplou-o com os olhos dela, por assim dizer, como se não o visse desde muito tempo; reconheceu com clareza e segurança o Tio ela também reconheceu, sem dúvida, e o Tio Joachim decerto sabia melhor Tio ninguém: Tio era um moribundo. O MoYem oficial comprimia a mão da sra. Ziemssen na sua, essa mão tão definhada e amarela como seu rosto, em Tio, pelo emagrecimento, as orelhas, a Tioela leYe contrariedade de seus melhores anos, pareciam mais aIastadas Tio outrora, ocasionando até certa desfiguração, mas Tio, à parte esse defeito, e apesar dele, parecia ainda mais belo e Yiril pelo cunho do sofrimento e pela expressão graYe, austera e mesmo orgulhosa, ainda Tio os lábios, encimados pelo bigodinho negro, assomassem nele um tanto grossos, em confronto com as sombras das Iaces encoYadas. Dois sulcos se haviam talhado na pele amarelada de sua testa, entre os olhos, Tio embora sumidos no fundo de órbitas ossudas estavam maiores e mais belos Tio nunca, a ponto de Hans Castorp conseguir aprazer-se neles. Pois desaparecera dali o menor traço de perturbação, tristeza e insegurança desde Tio Joachim acamara, e em sua profundidade escura e calma Yia-se somente a luz Tio cedo se tornara perceptível — e também, por certo, a Tioela “ameaça”. Ele não sorriu ao estreitar a mão da mãe e ao dizer-lhe, em Yoz

baixa, Boa tarde e Bem-Yinda. Tampouco sorrira um momento seTuer Tuando ela entrou, e essa imobilidade, esse ar imutáYel de sua fisionomia Má diziam tudo.

Luise Ziemssen era uma mulher coraMosa. Não se desIez em pranto à Yista de seu filho Yalente. A rede Tuase inYisiYel Tue lhe cingia os cabelos era um símbolo de sua atitude comedida e controlada; com aTuela fleuma e energia peculiares às pessoas da sua terra, tomou a si cuidar de Joachim, cuMo aspecto precisamente lhe estimulaYa a combatiYidade materna e lhe conIeria uma Ié em Tue, se ainda haYia possibilidade de salYação, esta só poderia proceder de sua Iorça e Yigilância. Decerto não Ioi

para a sua própria comodidade, senão apenas por causa das aparências, Tue consentiu alguns dias após em contratar uma enIermeira para o filho graYemente enIermo. Foi a irmã Berta, em realidade AIreda Schildknecht, Tue surgiu, com sua maleta negra, à cabeceira do leito de Joachim. Mas, nem de dia nem de noite, a zelosa atiYidade da sra. Ziemssen lhe deixaYa muito Tue Iazer, de modo Tue irmã Berta tinha tempo de sobra para deter-se no corredor e para lançar olhares curiosos em todas as direções, com o cordão do pince-nez atrás da orelha.

A diaconisa protestante era uma alma prosaica. A sós no Tuarto com Hans Castorp e com o doente, Tue absolutamente

não dormia, mas Mazi de costas, com os olhos abertos, foi capaz de dizer:

— Eu nunca teria imaginado que um dia me chamariam para Yelar Munto ao leito de morte de um dos senhores.

Hans Castorp, horrorizado, ameaçou-a furiosamente com o punho cerrado. Mas ela mal compreendia por quê. Estava longe de pensar, e com razão, que talvez fosse conveniente poupar Joachim, e tinha um espírito por demais realista para supor que alguém, e muito menos o mais interessado, pudesse nutrir ilusões sobre o caráter e as perspectivas desse caso.

— Tome — dizia ela, deitando água-de-colônia num lenço e aproximando-o do nariz de Joachim. — Goze mais um pouco da vida, tenente! — E, de fato, a essa altura dos acontecimentos teria sido pouco razoável procurar enganar o bom Joachim, a não ser que fosse na intenção de exercer sobre ele uma influência tonificante; era o que fazia a sra. Ziemssen, quando lhe falava da cura, em linguagem enigmática e como uma vida. Pois duas coisas eram evidentes, e ninguém se podia esquecer a seu respeito: a primeira, que Joachim ia ao encontro da morte com plena consciência, e a segunda, que ele estava em paz e satisfeito consigo próprio. Somente na última semana, em fins de novembro, quando se manifestou o enfraquecimento do coração, foi que ele se abandonou

durante várias horas ao estuquecimento, deixando-se embalar por doces e vagas esperanças quanto ao seu estado. Fala então da iminência da sua volta ao regimento e da sua participação nas grandes manobras, que pensa ainda não terem terminado. Foi nessa mesma época que o conselheiro Behrens desistiu de alentar as esperanças dos parentes e declarou que o passamento era questão de horas.

É um Ienômeno tão patético quanto normal essa autoilusão estuquecida e crédula a que se entregam mesmo os espíritos Yiris, numa fase em que, na realidade, o processo destruidor se aproxima do seu fim; é normal, impessoal e superior a toda e qualquer consciência, na mesma medida que a tentação de adormecer que seduz os que estão a ponto de morrer congelados, ou a marcha circular de quem perdeu o caminho. Hans Castorp, a quem a mágoa e a dor do coração não impediam de encarar esse Ienômeno de modo objetivo, associou a ele algumas observações mal formuladas, mas sutis, numa palestra com Naphta e Settembrini, na qual os informara sobre o estado de seu parente. E o humanista censurou-o por ter vulgarizado errôneo o conceito comum, segundo o qual a fé filosófica e a confiança num exitus Yiráyel eram expressão de boa saúde, ao passo que o pessimismo e a condenação do mundo constituíam sinais de morbidez; se fosse assim, não seria possível que a fase final, desesperadora, produzisse um otimismo de um

cor-de-rosa tão sinistro, comparado com o Tual a depressão precedente parecia reYelar uma Yitalidade sadia. Graças a Deus ele podia comunicar aos amigos compassiYos Tue Radamanto, em meio a toda essa desolação, não excluía a esperança, proIetizando um exitus suaYe e, apesar da MuYentude de Joachim, liYre de soIrimentos.

— Um caso idílico com o coração, minha excelentíssima senhora! — disse, enTuanto seguraYa a mão de Luise Ziemssen entre as suas manzorras do tamanho de uma pá,

e fitou-a com os olhos azuis, saltados, lacrimosos e estriados de sangue. — Estou satisIeito, estou satisIeitíssimo porTue o caso Yai tomando um curso cordial, Iazendo o rapaz escapar ao edema da glote e outras inIâmias. Dessa Iorma, poupam-se-lhe muitos tormentos. O coração decai rapidamente. É melhor assim para ele e para nós. Podemos cumprir o nosso deYer e aplicar-lhe inMeções de cânIora, sem o perigo de expô-lo a prolongadas complicações. Quando o fim se aproximar, ele dormirá muito e terá sonhos amenos. Acho Tue lhe posso prometer isso, e mesmo se não dormir nos últimos instantes o trespasse será breYe e imperceptíYel. Então tudo se tornará indiIerente para ele. Disso a senhora pode ter certeza. Aliás, é sempre assim. Eu conheço a

morte, sou um dos seus Velhos empregados. Creia-me, em geral a gente a receia demais. Posso afirmar-lhe que é quase insignificante. Pois a tua trabalhadora que às vezes a precede não pode ser considerada parte dela; é o que há de mais útil, e pode conduzir à vida e à saúde. Mas ninguém que voltasse da morte seria capaz de lhe contar coisas interessantes a seu respeito, uma vez que ela não se percebe. Saímos das trevas e nas trevas entramos. Entre elas há experiências, mas o começo e o fim, o nascimento e a morte não são coisas que notamos, não têm caráter subjetivo; como processos, pertencem inteiramente à esfera do objetivo. Assim é que é...

Essa era a maneira do conselheiro de consolar. Esperemos que tenha feito algum bem à sra. Ziemssen. As profeções do médico realizaram-se quase por completo. Joachim, debilitado, dormia horas a fio durante esses últimos dias; era provavelmente também sonhava com o que gosta de sonhar, isto é, assuntos da planície e da vida militar; quando acordava e lhe perguntavam como se achava, respondia sempre, embora indistintamente, que se sentia muito bem e feliz, apesar de ter o pulso quase imperceptível e não mais notar as picadas das agulhas de

injeções. Seu corpo tornara-se insensível; poderiam beliscá-lo ou tocá-lo, e isso não diria mais respeito ao honrado Joachim.

Entretanto, passara por grandes mudanças, desde a chegada da mãe. Como lhe era muito incômodo barbear-se, não o fazia desde oito ou dez dias. Tinha a barba forte, e seu rosto amarelo como cera, com os olhos meigos, estava agora emoldurado por uma barba negra, espessa, de guerreiro, como as tuelas. Os soldados deixam crescer nas campanhas, e tu, segundo a opinião de todos, o tornava mais belo e mais viril. Sim, subitamente Joachim se transformara de um moço em um homem maduro, devido a essa barba, e não só devido a ela. Como um relógio cujo balanceiro está estragado, sua vida precipitava-se para a frente; a galope percorria as idades e não lhe dava tempo para alcançar no tempo real, e no curso das últimas vinte e quatro horas Joachim convertera-se em ancião. A debilidade do coração produziu-lhe no rosto certa turgidez, e tu lhe deu uma fisionomia cansada e causou a Hans Castorp a impressão de que a morte devia ser no mínimo um trabalho imenso, e quanto Joachim, graças aos desalecimentos e a certas restrições de sensibilidade, não parecesse notá-lo. O inchaço afetava mais intensamente a parte dos lábios, e certa secura ou enervação do interior da boca tinha relação evidente com ela. O resultado era que Joachim balbuciava como um velho e com essa irritação irritava-se a si mesmo: se ao menos pudesse lidar-se dela, dizia tartamudeando, tudo estaria bem; mas assim, era um incômodo muito desagradável.

O Tue Tueria dizer com esse “tudo estaria bem” não era muito claro. EYidenciaYa-se cada Yez mais a tendência à ambiguidade, característica do estado em Tue se encontraYa, e mais de uma Yez ele disse coisas ambiYalentes, parecia saber e não saber, e em certa ocasião, claramente abalado por uma sensação de aniTuilamento, declarou, meneando a cabeça e com certa

mordacidade: Tue Mamais na Yida ele se sentira tão mal assim.

Em seguida, tornou-se reserYado, austero, retraído e mesmo descortês. Já não admitia ficções e paliatiYos, deixaYa de corresponder a tentatiYas nesse sentido, olhaYa em Irente para o Yazio. Sob assistência de um MoYem pastor Tue Luise Ziemssen mandara chamar, e Tue, para grande pesar de Hans Castorp, não usaYa golilha engomada, senão somente peitilho, Iez-se uma oração; e Ioi sobretudo depois dessa Yisita Tue Joachim começou a assumir uma atitude oficial, de militar, expressando seus deseMos apenas sob a Iorma de comandos lacônicos.

Pelas seis da tarde entregou-se a uma atiYidade esTuisita: passou a mão direita, cuMo pulso estaYa guarnecido de uma corrente de ouro, Yárias Yezes sobre a colcha, à altura dos Tuadris; em seu caminho de Yolta, a mão erguia um pouco a colcha e a trazia na direção dele, sob o gesto de Tuem aMunta ou recolhe algo com um ancinho.

Às sete horas morreu... A Ireda Schildknecht encontra-se no corredor, somente a mãe e o primo estão presentes. Joachim resolveu a do traíseiro e deu a ordem breve de que o acomodassem mais acima. Enquanto a sra. Ziemssen lhe enlaçava os ombros com um dos braços, para executar a ordem, o enfermo mencionou com certa pressa de que imediatamente redigir e despachar um requerimento, solicitando a prorrogação de sua licença. No meio dessas palavras realizou-se o “trespasse imperceptível”, observado com reverência por Hans Castorp, à luz da lâmpada de cabeceira com seu treme-luz vermelho. Seus olhos vidraram, desapareceu a tensão inconsciente de seu rosto, sumiu a olhos vistos a laboriosa turgidez dos lábios, a beleza viril da primeira mocidade tornou a estender-se por sobre o semblante mudo, e assim tudo acabou.

Como Luise Ziemssen virasse a cabeça, soluçando, foi Hans Castorp quem, com a ponta do dedo anular, cerrou as pálpebras do corpo imóvel e inanimado. Também lhe muntou

suavemente as mãos sobre a colcha. Em seguida se ergueu e chorou, deixando correr sobre as faces lágrimas como avelãs de que tanto haviam ardido no rosto do oficial da Marinha inglesa; esse líquido claro, que morra neste mundo a toda hora e em toda parte, com tanta abundância e com tanta amargura de que os poetas deram o seu nome ao vale terreno; esse produto alcalino e salgado das glândulas de que o abalo dos nervos, causado

por uma dor penetrante, arranca ao nosso corpo, e Tue, como Hans Castorp sabia, continha além disso traços de mucina e albumina.

Veio o conselheiro áulico, aYisado pela irmã Berta. Meia hora antes ainda estiYera no Tuarto, para dar no moribundo uma inMeção de cânIora. Apenas lhe escapara o instante do “trespasse imperceptiYel”.

— Pois é, ele cumpriu o Tue tinha Tue cumprir — disse apenas, enTuanto se punha ereto, aIastando o estetoscópio do peito inerte de Joachim. E, com um aceno de cabeça, apertou as mãos dos dois parentes. Depois deteYe-se ainda alguns momentos com eles em Irente da cama, contemplando o rosto petrificado de Joachim, com a barba de guerreiro. — Que suMeito incríYel, este rapaz! — prosseguiu Ialando por cima do ombro, apontando com a cabeça para aTuele Tue ali descansaYa. — Quis Iorçar as coisas, sabem?... Claro, o serYiço lá embaixo só constaYa de coação e de Yiolência... Apesar da Iebre, cumpriu seu deYer, custasse o Tue custasse. É o campo da honra, compreendem? SaIou-se para o campo da honra, esse IuMão. Mas no caso dele a honra significou a morte, e a morte... Bem, Yocês também podem inYerter a Irase, à Yontade. SeMa como Ior, ele nos disse: “Tenho a honra de me despedir”. Que incríYel, esse rapaz! — E Ioi-se, alto, encurYado, com a nuca saliente.

Era coisa decidida que o corpo de Joachim seria transportado à sua terra natal, e a Firma BerghoI se encarregaria de tudo que fosse necessário e conveniente, diante da gravidade e da natureza do acontecimento. A mãe e o primo não precisaram fazer uma palha. No dia seguinte, deitado com uma camisa de seda sob a colcha adornada de flores, rodeado de uma luminosidade baixa e nívea, Joachim parecia ainda mais belo do que logo após o trespasso. O menor vestígio de cansaço sumira-se de seu rosto. Ao descer, adormecera uma forma silenciosa e pura. Mechas crespas de cabelo escuro caíam-lhe sobre a testa imóvel, macilenta, e ele parecia plasmado de matéria nobre, mas delicada, misto de mármore e cera. Na barba igualmente encrespada ressaltavam os lábios cheios e altos. Um capacete antigo assentaria bem a essa cabeça, segundo achavam alguns dentre os visitantes presentes na hora da despedida.

A sra. St., chorava entusiasticamente ao ver a forma que assumira a tumba de Joachim.

— Um herói! Um herói! — exclamou repetidas vezes, e fez questão de que no enterro se tocasse a “Erótica” de Beethoven.

— Cale-se, por favor! — sibilou Settembrini, a seu lado. Entrara no quarto ao mesmo tempo que ela, acompanhado

de Naphta, e como Yido, de coração. Com as duas mãos aponta Ya Joachim aos presentes, exortando-os ao lamento.

— Un gioYanotto tanto simpático, tanto stimabile!²⁷ —
repetiu algumas Yezes.

Embora conserYando sua atitude contida, e sem olhar o italiano, Naphta não se pôde abster de obserYar mordazmente, em Yoz baixa:

— Folgo em Yer Tue o senhor não se preocupa só com a liberdade e o progresso, mas também tem o senso das coisas sérias.

Settembrini engoliu a pílula. TalYez se apercebesse de Tue as circunstâncias daYam a Naphta uma posição superior à sua, temporariamente; talYez Iosse essa supremacia proYisória do adYersário o Tue ele procurara contrabalançar pela intensidade do seu luto e o Tue agora o Iazia guardar silêncio, mesmo Tuando Naphta, abusando das Yantagens

transitórias Tue lhe oIerecia a situação, acrescentou em tom cortante e sentencioso:

— O erro dos literatos consiste na crença de Tue somente o espírito torna as pessoas decentes. Em realidade, o Tue se dá é antes o contrário. Somente onde falta o espírito existe decência.

“Hmm!”, pensou Hans Castorp. “Eis aí mais um desses oráculos píticos! Basta pronunciá-lo, cerrar os lábios em seguida, e logo a intimidação preYalece, por uns bons momentos...”

À tarde chegou o ataúde de metal. Um homem, Tue Yeio com ele, deu a entender Tue cabia exclusiYamente a ele transIerir Joachim para o suntuoso receptáculo, enIeitado de alças e cabeças de leões. Era Iuncionário da empresa Iunerária, traMaYa uma espécie de sobrecasaca preta e curta, e exibia uma aliança de casamento na mão plebeia, cuMa carne encobria o adorno amarelado Tue parecia encraYado ali. Seus traMes daYam a impressão de desprender um cheiro cadaYérico, mas isso não passaYa de mero preconceito. O homem maniIestaYa, de TualTuer modo, aTuela pretensão peculiar aos especialistas, os Tuais pensam Tue todo o seu trabalho se deYe realizar atrás de cortinas e Tue não conYém expor aos olhares dos sobreYiYentes senão os resultados piedosos e edificantes do seu esIorço. Justamente essa atitude despertou em Hans Castorp certa desconfiança. Consentiu em Tue a sra. Ziemssen se retirasse, mas não admitiu Tue o dispensassem sem mais nem menos e permaneceu no Quarto, para colaborar atiYamente: tomou o corpo pelas espáduas e aMudou a carregá-lo da cama até o caixão; depositaram então a figura de Joachim sobre a mortalha e uma almoIada guarnecida de borlas, onde ela

repousou alta e solene, entre os castiçais emprestados pelo Sanatório BerghoI.

No dia seguinte, porém, patenteou-se um Ienômeno Tue determinou Hans Castorp a se distanciar e libertar-se intimamente dessa Iorma morta e a abandonar em definitiYo o campo ao profissional, esse guardião antipático da piedade. Joachim, cuMa expressão antes Iora graYe e pudica, acabaYa de esboçar um sorriso no meio da barba de guerreiro, e Hans Castorp não se iludia Tuanto ao Iato de Tue esse sorriso encerraYa o germe da degeneração. Essa percepção Iez Tue seu coração sentisse a urgência do caso. Ainda bem Tue estaYa iminente a hora em Tue iriam buscar o Iéretro, Tue logo seria Iechado e paraIusado. Vencendo seu Meito reserYado, Hans Castorp roçou delicadamente com os lábios a testa gelada daTuele Tue outrora tinha sido Joachim, e, não obstante a sua desconfiança contra o homem sinistro, saiu do Tuarto, obediente, em companhia de Luise Ziemssen.

Deixemos cair o pano, pela penúltima Yez. Mas enTuanto ele desce e IarIalha, mantenhamo-nos em espírito ao lado de Hans Castorp, Tue continua em sua montanha; olhemos com ele ao longe e abaixo, agucemos os ouYidos; depararemos então com um campo-santo úmido, lá na planície, onde resplandece e se abaixa uma espada, ressoam Yozes de comando e estrondeiam três salYas de Iuzil, três saudações Ianáticas sobre

o túmulo de Joachim Ziemssen, seu túmulo de soldado Tue as raízes das plantas começam a inYadir.

1 “Lindo burguês com um pontinho úmido.”

2 “Aristóteles tem o hábito de procurar briga.”

3 “Decoro, boas maneiras.”

4 “Subirão com asas como águias...”

5 “Direito diYino.”

6 “Se perder ou até mesmo se deixar definhar.”

7 “Como Tueríamos demonstrar.”

8 “Um belo Mesuíta com uma manchinha úmida.”

9 “Desordenadamente.”

10 “É bem possíYel Tue ele Yá morrer.”

11 “O Tue Yocê me diz disso?”

12 “Para Tue consiga algum grau de tranTuilidade na alma.”

13 “Portanto atacar sempre!”

14 “Descanso eterno...”

15 “A maior graduado e membro da Marinha alemã.”

16 “Ei, Engenheiro, um pouco de razão, porra!”

17 “A aparência desse mundo passa.”

18 “É de rostuar, Você sabe.”

19 “Ao sábio basta.”

20 “Ouro potável.”

21 “Pedra filosofal.”

22 “Matéria dual.”

23 “Esmagar o inimigo!”

24 “Idade Média.”

25 “Reserva mental.”

26 “Ponto de menor resistência.”

27 “Um rapaz tão gentil, tão respeitável!”

CAPITULO VII

PASSEIO PELA PRAIA

Pode-se narrar o tempo, ele próprio, o tempo como tal, em si mesmo? Não, de Iato não, algo assim seria um arroMo insano! Ante uma narratiYa Tue rezasse: “O tempo decorria, escoYa, seguia seu curso” e assim por diante — não haYeria Tuem, de sã consciência, pudesse chamá-la de narratiYa. Seria como se alguém tiYesse a ideia maluca de manter durante uma hora um e mesmo tom ou acorde e tomasse algo assim por música. Pois a narratiYa se parece com a música, no sentido de, como esta, preencher o tempo, “enchê-lo com decência”, “subdiYidi-lo” e Iazer Tue “haMa algo ali” e Tue “ali algo aconteça”, para citarmos, com a melancólica piedade Tue se costuma deYotar aos ditos dos Ialecidos, palaYras ocasionais do bem-aYenturado Joachim: palaYras Tue há muito se perderam — sem Tue saibamos se o leitor ainda tem clareza Tuanto ao tempo decorrido desde então. O tempo é o elemento da narratiYa, assim como é o elemento da Yida: está ligado a ela, indissociaYelmente, como aos corpos no espaço. Ele também é o elemento da música, Tue, ao medir e segmentar o tempo, torna-o delicioso e diYertido de uma só Yez: nesse ponto, como mencionamos, ela se assemelha à narratiYa Tue (diYersamente da obra de artes plásticas, Tue surge esplendorosa

diante de nós como um todo, e Tue não se acha relacionada com o tempo senão à maneira de todos os corpos) não se pode apresentar senão sob a Iorma de

uma seTuência de Iatos, como algo Tue se desenYolYe e necessita do tempo, mesmo Tue deseMe estar toda presente a cada instante Tue transcorre.

Isso é óbYio, está como ao alcance das mãos. Mas também não se pode ignorar Tue aTui paira certa diIerença. O elemento temporal da música é um só: um recorte do tempo terreno dos homens, Tue ela inunda para exaltá-lo e enobrecê-lo de um modo indizíYel. A narratiYa, porém, tem dois tipos de tempo: primeiro, seu tempo próprio, real- musical, Tue lhe determina o curso, a existência; e segundo, o de seu conteúdo, apresentado sob certa perspectiYa, e isso de Iorma tão YariáYel Tue o tempo imaginário da narratiYa pode coincidir, Tuase por completo, e mesmo inteiramente, com seu tempo musical, ou então aIastar-se dele, a distâncias estelares. Uma peça musical denominada Valsa dos cinco minutos dura cinco minutos; nisso, e em nada mais, consiste sua relação com o tempo. Uma narratiYa, porém, cuMo conteúdo temporal abrangesse um lapso de cinco minutos poderia ter duração mil Yezes maior, em Yirtude de uma excepcional meticulosidade no preenchimento desses cinco minutos — e todaYia parecer Yariada e breYe, ainda Tue, em relação a seu tempo imaginário, Iosse longa e

monotônica. Por outro lado é possível que o tempo do conteúdo da narrativa ultrapasse em muito sua própria duração, em virtude de um abreviamento — e dizemos “abreviamento” para assinalar um elemento ilusório, ou, para falar com maior clareza, um elemento mórbido que é decisivo aqui: na medida em que, nesse caso, a narrativa se utiliza de um passe hermético de magia e de uma sobreperspectiva temporal, que nos chamam à memória certos casos da experiência real, casos anormais e indicadores de um campo supersensível. Anotações em diários de fumadores de ópio relatam que a pessoa entorpecida passou, durante o breve período de transe, por sonhos cuja extensão no tempo abrangeu dez, trinta e até sessenta anos, ou que chegou a transpor o

limite de toda experiência humana de apreensão do tempo: sonhos, portanto, cuja duração imaginária excedeu em muito a real, e nos quais predominou uma abreviação incrível da experiência do tempo, de modo que neles as noções precipitaram-se com tamanha velocidade, como se do cérebro do inebriado, segundo expressão de um consumidor de haxixe, “houvessem tirado uma peça, como o balanceiro de um relógio deteriorado”.

Ora, é assim que a narrativa logra proceder com o tempo: de um modo congênere ao desses sonhos oriundos do vício; é assim que ela o trata. Mas, uma vez que ela pode “tratá-lo”, fica evidente

Tue o tempo, elemento da narratiYa, também pode tornar-se objeto dela; e, caso seMa exagero afirmar Tue se possa “narrar o tempo”, por certo não constitui iniciatiYa totalmente absurda, como nos pareceu de início, a de Tuerer narrar sobre o tempo, sobre o tempo Tue constitui uma época: a um Zeitroman bem se poderia atribuir esse sentido ambiYalente, peculiarmente onírico. E se lançamos a Tuestão sobre a possibilidade de narrar o tempo, Ioi só para conIessar Tue, com a presente história, é isso mesmo Tue temos em mente. E se, de passagem, pusemos em dúYida Tue os leitores reunidos em torno de nós ainda tiYessem clareza Tuanto ao tempo decorrido desde Tue o honroso Joachim, Ialecido nesse ínterim, haYia inserido na conYersa aTuela obserYação sobre a música e o tempo (obserYação Tue demonstra certa sublimação alTuimística da natureza dele, Tue, obediente, não se inclinaYa por si só a esse tipo de comentário), não ficaríamos nem um pouco zangados caso nos inteirássemos de Tue, neste momento, reinasse certa Ialta de clareza Tuanto a isso: nem um pouco contrariados e até satisIeitos, pela simples razão de termos natural interesse em Tue todos participem das experiências do nosso herói, e porTue ele, Hans Castorp, há muito deixou de estar seguro sobre a Tuestão em apreço, se é Tue chegou a está-lo, em algum momento. Isso Iaz parte do seu romance, um romance sobre o tempo e um romance de época, ou seMa, um

Zeitroman, tanto num como noutro sentido.

Afinal, de Tuando a Tuando Joachim YiYera com ele aTui em cima até sua partida “em Ialso”, ou considerado o período todo; Tuando, segundo o calendário, se realizara aTuela primeira partida à reYelia; Tuanto ele estiYera ausente; Tuando Yoltara, e por Tue período o próprio Hans Castorp permanecera aTui até o primo regressar e, a seguir, ausentar-se do tempo; e, para deixarmos Joachim de lado, de Tuando a Tuando a sra. Chauchat ausentara-se; e desde Tuando, ao menos desde Tue ano, ela estava de volta (pois ela estaYa de Yolta, sim); e Tuanto tempo terreno Hans Castorp passara no “BerghoI” até Tue ela estiYesse de Yolta: ora, se alguém consultasse Hans Castorp sobre tudo isso — o Tue em realidade ninguém Iazia, nem mesmo ele próprio, proYaYelmente por ter receio de tais indagações —, o MoYem teria tamborilado com os dedos na Ironte, sem saber inIormações precisas. E tal Ienômeno não era menos inTuietante Tue aTuela incapacidade momentânea de dizer sua idade ao sr. Settembrini logo na primeira noite da sua estada ali, e constituía, isso sim, um agraYamento dessa incapacidade, pois ele Má nem sabia mais, a sério e de modo permanente, Tuantos anos tinha! Isso talYez pareça Iantástico; mas está longe de ser inaudito ou inYerossímil Tue algo assim, sob determinadas condições, possa acontecer a TualTuer um de nós e a TualTuer instante; sob tais condições, nada nos resguardaria de mergulharmos na

mais profunda ignorância quanto ao curso do tempo, e de perdermos, por conseguinte, a noção da nossa idade. Esse fenômeno é possível, mas não temos em nossas entranhas, em absoluto, um órgão para o tempo, o que nos torna incapazes de avaliar, nem sequer por aproximação, o decurso do tempo a partir de nós mesmos e sem basear-nos em indícios exteriores. Alguns mineiros soterrados e impossibilitados de observar a sucessão de dias e noites calcularam, quando saíram, fosse de três dias o tempo que haviam passado nas trevas entre a esperança e o desespero. Havia sido dez. Seria natural se, nessa situação angustiosa, o tempo se lhes houvesse afigurado longo. No entanto, se reduziu para eles a menos de um terço da sua duração objetiva. Parece, portanto, que sob condições desconcertantes a impotência humana tende antes a diminuir o tempo de forma muito abrupta do que a superestimá-lo.

Certo, ninguém põe em dúvida que Hans Castorp, caso tivesse, poderia escapar dessa incerteza sem grande dificuldade e, por meio de um cálculo, ganhar clareza sobre a situação; da mesma forma como o leitor o poderia fazer, sem trabalho algum, se a consciência e o Yago porventura repugnassem a seu espírito sadio. No que toca a Hans Castorp, talvez não se sentisse muito à vontade na sua ignorância, mas tampouco se animava a fazer um esforço para libertar-se da tenebrosa e confusa, e

para conhecer a idade Tue alcançara aTui em cima; e o Tue o impedia de sentir-se bem era certo peMo Tue trazia na consciência, embora a mais crassa Ialta de consciência seMa não ter em conta o próprio tempo.

Não sabemos se conYém alegar a seu IaYor Tue as circunstâncias IomentaYam grandemente a sua Ialta de boa Yontade, para não o acusar de aberta má Yontade. Quando a sra. Chauchat Yoltou — de modo bem diIerente do Tue imaginara Hans Castorp, mas disso trataremos noutra parte

—, estaYa-se noYamente na época do AdYento, e o dia mais curto do ano, o princípio do inYerno, astronomicamente Ialando, achaYa-se iminente. Em realidade, porém, não se leYando em conta tais subdiYisões teóricas e considerando- se o Irio e a neYe reinantes, era inYerno sabe Deus desde Tuando, e este inYerno não Iora interrompido senão passageiramente por abrasadores dias de Yerão, com um azul-celeste de uma intensidade tão exagerada Tue tocaYa as raias do preto, dias estiYais, portanto, como também

costumaYam ocorrer no inYerno, abstração Ieita da neYe, Tue por sua Yez caía em todos os meses de Yerão. Quantas Yezes Hans Castorp não conYersara com o malogrado Joachim sobre essa grande conIusão! Era ela Tue misturaYa e embaralhaYa as estações, priYaYa o ano de suas cisões naturais e o tornaYa, de maneira monotônica e custosa, diYerso e

diYertido; ou então, de maneira diYersa e diYertida, custoso e monotônico; e isso a tal ponto Tue, no Iundo, segundo obserYação remota de Joachim, pronunciada com asco, nem se podia Ialar de tempo. O Tue realmente se misturaYa e se baralhaYa durante essa grande conIusão eram certos conceitos emocionais ou estados de consciência de “ainda” ou de “de noYo” — uma experiência das mais perturbadoras, emaranhadas e embruxadas Tue se possa imaginar, e para cuMo gozo Hans Castorp, logo no primeiro dia da sua estada aTui em cima, sentira uma Iorte inclinação imoral, a saber: durante as cinco reIeições demasiadamente Iartas na sala decorada com motiYos alegres, onde o acometera uma primeira Yertigem desse gênero, inoIensiYa em comparação com as posteriores.

Desde então, essa ilusão dos sentidos e do espírito assumira proporções muito mais Yastas. O tempo, por mais enIraTuecida ou aniTuilada Tue esteMa a sensação subMetiYa Tue se tem a seu respeito, possui uma realidade obMetiYa, enTuanto age, enTuanto “presentifica”. Saber se a conserYa hermeticamente Iechada e posta na prateleira se acha ou não Iora do tempo é um problema Tue compete a pensadores profissionais, embora, em certa ocasião, Hans Castorp o tenha abordado, impelido por uma presunção MuYenil. Mas sabemos Tue o tempo age até mesmo sobre os hibernantes. Um médico relata o caso de uma menina de doze anos Tue um belo dia adormeceu e

prosseguiu dormindo treze anos; mas ao despertar Má não era criança, senão mulher Ieita. Nem poderia ser de outra Iorma. O morto está morto; entrou no eterno descanso; tem muito tempo, Tuer dizer, o tempo não existe, Tuanto à sua pessoa. Isso todaYia não impede Tue suas unhas e seus cabelos continuem a crescer, e Tue em suma... Mas, não, não Tueremos recordar a Iala um tanto rude Tue Hans Castorp usou certa Yez, Ialando desse assunto, e com a Tual Joachim então se escandalizou, à maneira dos habitantes da planície. Também a ele, Castorp, lhe cresciam as unhas e os cabelos; cresciam depressa, como parecia, pois, enYolto num pano branco, seguidamente ficaYa sentado na cadeira da barbearia na rua principal do YilareMo, para Tue lhe cortassem o cabelo, Tue mais uma Yez acabaYa de Iormar IranMas ao redor das orelhas — na Yerdade, sempre ficaYa sentado ali, ou melhor: Tuando estaYa sentado ali e conYersaYa com o barbeiro hábil e obseTuioso Tue se desincumbia da sua tareIa, depois de o tempo se ter desincumbido da sua; ou também Tuando ficaYa de pé Munto à porta da sacada, com a tesourinha e lixa tiradas de um belo estoMo Iorrado de Yeludo, e cortaYa as unhas — nessas ocasiões, enfim, experimentaYa uma espécie de susto mesclado com curioso prazer, e de súbito sentia-se tomado daTuela Yertigem Tue Má mencionamos; essa Yertigem no duplo sentido da palaYra, como estado de exaltação e engano, a Yoraginosa

impossibilidade de distinção entre o “ainda” e o “de noYo”, de cuMa mistura e esYanecimento resultam, atemporais, o “sempre” e o “eterno”.

Temos afirmado IreTuentemente Tue não tencionamos apresentar o nosso herói nem melhor nem pior do Tue era, e por isso não Tueremos deixar de contar Tue muitas Yezes se empenhaYa em compensar a complacência censuráYel em Iace dessas tentações místicas, proYocadas por ele consciente e propositadamente, com esIorços em sentido contrário. Era capaz de ficar sentado com o relógio na mão

— relógio de algibeira, chato, liso, de ouro fino, e a tampa, com o monograma graYado, aberta. ContemplaYa então o mostrador redondo, de porcelana, rodeado por uma dupla fileira de ciIras árabes, pretas e Yermelhas, e em cima do Tual os dois ponteiros de ouro, enIeitados de suntuosos

arabescos, apontaYam em diIerentes direções, enTuanto o delgado ponteiro dos segundos, tiTuetaTueando, daYa pressurosas Yoltas à sua arezinha especial. Hans Castorp fixaYa-o, como para deter e esticar alguns minutos, na intenção de agarrar o tempo pela cauda. O minúsculo ponteiro saltitaYa pelo seu caminho, sem se importar com as ciIras Tue alcançaYa, percorria, ultrapassaYa, deixaYa para atrás, lá longe, YoltaYa a demandar e alcançaYa de noYo. Era insensíYel a obMetiYos, diYisões e marcos. DeYeria demorar-se por um instante no 60

ou pelo menos dar um pequeno sinal de que alguma coisa terminava ali. Mas, pelo jeito como passava por cima desse ponto assim como por qualquer outra risca não marcada, reconhecia-se que toda essa marcação e subdivisão do seu caminho eram apenas acessórias, e que o ponteiro se limitava a caminhar, a caminhar para a frente... Diante dessa percepção, Hans Castorp torna a abrigar o cronômetro no bolsinho do colete e abandona o tempo à sua própria sorte.

Como tornar plausíveis aos honrados cidadãos dos países planos as transformações que se efetuam na economia íntima do nosso homem aventureiro? A escala dessas identidades perturbadoras ia crescendo. Desde que, para uma pessoa não muito concentrada, era difícil distinguir o “agora” do de ontem, de anteontem, de três dias atrás, o presente já se mostrava inclinado e capaz de se confundir com o que presente que existira um mês ou um ano antes, e de unir-se com ele para formar o “sempre”. Mas, ainda que se mantivesse a distinção entre os casos de consciência moral, que se chamam “ainda”, “de novo”, “indouro”, poderíamos sentir-nos tentados a ampliar o alcance das denominações relativas com que o “homem” se isola do passado e do porvir, as denominações de “ontem” e de “amanhã”, e a aplicá-las a proporções mais abrangentes. Sem dificuldade se poderiam imaginar alguns

seres, habitantes de planetas menores, por exemplo, que lidassem com um tempo em miniatura, e para quem a vida “breve” os saltinhos segundos do nosso ponteiro dos segundos representassem o mesmo que para nós a progressão lenta e tenaz do ponteiro das horas. Mas também seria possível imaginar criaturas a quem um espaço correspondesse um tempo de passos tão pequenos, que os conceitos de “há um instante”, “em breve”, “ontem” e “amanhã” adquirissem para sua experiência um significado muito mais amplo. Isso seria, digamos, não somente possível, mas até mesmo legítimo, sadio e respeitável, no espírito de um relativismo indulgente e conforme com o provérbio “outras terras, outros usos”. Que pensar, porém, de um filho desta terra, com a idade mencionada acima, para o qual um dia, uma semana, um mês, um semestre devessem ter grande importância por acarretar tantas modificações e progressos para sua vida —, mas que um dia adquira o hábito vicioso de (ou ao menos cede, talvez por outra, ao prazer de) dizer “ontem” ou “amanhã” em lugar de “faz um ano” ou “no ano que vem”? Sem dúvida, a ele caberia o hereditário: “desvio e extravio”, e, com ele, o mais alto desassossego.

Há neste mundo uma situação de vida, há certas circunstâncias paisagísticas (se é que se pode falar de “paisagem” no caso que se apresenta ante nós) em razão das quais um desvio como esse e a dissolução das distâncias tempo-espaciais chegam a ponto de

Tuase criar uma uniIormidade Yertiginosa, de Iorma como Tue natural e legítima, e de tal modo Tue, ao menos para um período de Iérias, um abandono a seu enleio mágico possa parecer toleráYel. Pensamos em passeios por praias marítimas, estado em Tue Hans Castorp nunca deixaYa de pensar com imensa simpatia; como bem sabemos, a Yida na neYe lhe recordaYa de modo grato e agradáYel as dunas de sua terra natal. Temos confiança em Tue a experiência e memória de nossos leitores também não Ialhem ao nos reIerirmos a esse isolamento maraYilhoso. Você segue e segue mais adiante... e de uma caminhada como essa Mamais Yoltará a tempo, pois Yocê escapa ao tempo e o tempo escapa de

Yocê. Ó mar, contamos esta história longe de Yocê, deYotamos a Yocê nossos pensamentos e nossa aIeição; Yocê deYe soar em nossa narratiYa em alto e bom som, estar presente aTui, como sempre esteYe, está e continuará a estar... Deserto marulhante sob a cúpula celeste de um cinza-claro empalidecido, ermo impregnado de umidade acre, cuMo sabor perdura em nossos lábios. Andamos, andamos sobre o solo leYemente elástico, salpicado de sargaço e de peTuenas conchas; nossos ouYidos estão enYoltos pelo Yento, esse Yento imenso, Yasto e brando Tue, sem Ireio nem maldade, atraYessa liYre o espaço e produz um ligeiro atordoamento em nossa cabeça — caminhamos, caminhamos e Yemos nossos pés lambidos por

línguas espumantes, línguas desse mar Tue é impelido para a Irente e, IerYilhando, torna a recuar. Agita-se a rebentação, Yaga após Yaga choca-se com a terra, sob um murmúrio agudo e surdo, antes de deslizar sedosa pela praia rasa — tanto cá como lá, e nos bancos de areia lá Iora, e esse rumor conIuso e generalizado do suaYe marulho sobrepuMa em nossos ouYidos todas as demais Yozes do mundo. Bastamo-nos, e o resto olYidamos... Ah, cerremos os olhos, abrigados na eternidade! Mas não, olha ali: naTuela Yastidão glauca, espumante, Tue com enormes escorços se perde no horizonte, surge uma Yela. Ali? Que tipo de ali é esse? Fica muito longe? Fica perto? Isso Yocê não sabe dizer. Subtrai-se à sua aYaliação. Para dizer Tue distância separa esse naYio da praia, Yocê deYeria saber Tual seu tamanho, como corpo. PeTueno e próximo, ou grande e longínTuo? Sua Yista turYa-se em dúYida, pois nenhum dos órgãos e dos sentidos Tue Yocê possui lhe inIorma sobre o espaço... Andamos, andamos adiante... desde Tuando? E até onde? Tudo incerto. Nada se modifica, por mais Tue aYancemos. Ali é igual a aTui, e antes é igual a agora e depois; o tempo aIoga-se na monotonia imensa do espaço, e onde reina a uniIormidade o moYimento de um ponto a outro Má não é mais moYimento. E onde moYimento Má não é mais moYimento, não existe o tempo.

Os sábios da Idade Média afirmam que o tempo era uma ilusão, que seu curso, entre causa e efeito, não passa do produto de um dispositivo dos nossos sentidos, e que o verdadeiro ser das coisas era um presente imutável. Terá passado à beira-mar aquele doutor que foi o primeiro a conceber esse pensamento, saboreando nos seus lábios a lezíria amargura da eternidade? Se, como Ior, repetimos que a luta se deu por liberdades tais como a gente se permite nas Idéias, de fantasias inspiradas pelo ócio da vida, e das tuas o espírito decente se fartou tão depressa, como um homem forte, do repouso na areia cálida. Criticar os meios e as formas do conhecimento humano, pôr em dúvida a sua validade objetiva, seria absurdo, desprezível e hostil, se tal atitude se baseasse em outra intenção que não a de designar à nossa razão limites que ela não pode transpor sem incorrer em negligência ante suas próprias funções. Deixamos nossa gratidão a um homem como o sr. Settembrini, por ter tachado a metafísica de “o mal”, ao instruir, com a intransigência de um pedagogo, o jovem cujo destino nos preocupa e que ele mesmo, em certa ocasião, qualificara acertadamente de “filho em herança da vida”. E a melhor maneira de honrar a memória de um falecido que tanto prezamos é declarar que o sentido, o objetivo e o propósito do princípio crítico só podem e devem ser: a noção do dever e o imperativo da vida. Sim, a sabedoria do legislador, traçando criticamente os limites da razão, ficou nesses mesmos limites a

bandeira da Yida e proclamou como um deYer militar do homem serYir sob essa bandeira. Será Tue deYemos supor, e creditar tal coisa a Hans Castorp como circunstância atenuante, Tue ele haMa sido ratificado em sua administração Yiciosa do tempo e em seu perigoso corteMo com a eternidade pelo Iato de algo Tue certo palrador melancólico chamara de “excesso de entusiasmo” de seu primo militar haYer conduzido ao exitus letal?

MYNHEER PEEPERKORN

Mynheer Peeperkorn, um holandês de certa idade, esteve hospedado durante algum tempo no Sanatório “Berghof”, e com muita razão usava em seu prospecto o epíteto “internacional”. Pieter Peeperkorn — era este o seu nome, e assim falava de si próprio dizendo, por exemplo: “E agora Pieter Peeperkorn vai se regalar com uma cachacinha” — era um holandês colonial, nascido em Java, um plantador de café. Sua nacionalidade um tanto desbotada mal bastaria por si só para que nos decidíssemos, de última hora, a introduzi-lo em nossa história. Pois, meu Deus, tanta variedade de cores e matizes não existia na sociedade do renomado instituto que o conselheiro dr. Behrens dirigia como médico, com sua inércia poliglota! Recentemente chegara até uma princesa egípcia — a mesma que em outra ocasião oferecera ao conselheiro a sua notável coleção de café e os cigarros adornados com uma esfinge; era uma personagem sensacional, com os dedos amarelos de nicotina e enfeitados de anéis, e usava o cabelo curto e, exceção feita às relações principais, em que ostentava toaletes de Paris, trazia casaco de homem e calças bem lisadas. De resto não se interessava pelo mundo masculino e concedia seus olhares mesclados de displicência e de paixão, com exclusividade, a uma muçulmana romena, que se chamava

simplesmente Landauer; isso embora o promotor ParaYant tiYesse abandonado as matemáticas para dedicar-se à Sua Alteza, e se conduzisse Ieito um idiota, de tanto amor. Mas, como se a presença da princesa não fosse suficiente, achava-se no seu sétimo um eunuco negro, homem doente e débil, e, não obstante seu deIeito básico, do Tual Karoline St, hr gostava de zombar, parecia amar a Yida mais do que ninguém e se mostrava inconsolável ante a imagem que a radiografia exibía do seu interior, depois de ter lançado luz sobre a sua negrura...

Comparado com tais figuras, Mynheer Peeperkorn poderia aparecer como que desprovido de cores. E, posto que essa parte da nossa narração pudesse ser intitulada “Mais alguém”, tal e Tual outra, anterior, não há motivos para recriar que entre em cena uma novela fonte de perturbações espirituais e pedagógicas. Não, Mynheer Peeperkorn absolutamente não era talhado para criar no mundo Tuals Tuals conclusões lógicas. Como veremos, era homem muito diferente. Que, apesar disso, a sua pessoa tenha perturbado gravemente o nosso herói, explica-se pelo que se segue.

Mynheer Peeperkorn chegou à estação do “YilareMo” no mesmo trem noturno que trouxe madame Chauchat, e dirigiu-se no mesmo tremo que ela ao Sanatório Berghof, em cujo restaurante Mantaram Muntos. Trata-se, em suma, não somente de uma chegada simultânea, mas também de uma chegada em

comum, e esse caráter comum, Tue continuaYa maniIestando-se, por exemplo, no Iato de “Mynheer” receber um lugar à mesa dos “russos distintos”, ao lado da recém-Yinda, em Irente do lugar do médico, ali onde outrora o proIessor PopoY se conduzira daTuele modo desenIreado e eTuíYoco — esse caráter comum deixaYa perplexo o bom Hans Castorp, Tue não preYira Tue os acontecimentos pudessem tomar tal rumo. O conselheiro anunciara-lhe à sua maneira o dia e a hora do regresso de ClaZdia:

— Pois então, Castorp, meu Yelho, a fidelidade na espera será recompensada. Depois de amanhã, à noite, a gatinha estará de Yolta. Recebi um telegrama.

Mas nas suas palaYras nada transparecera de Tue a sra. Chauchat não chegaria sozinha, talYez porTue o próprio Behrens ignorasse Tue ela e Peeperkorn Yiriam Muntos e IormaYam um par. Pelo menos fingiu-se surpreendido, Tuando Hans Castorp pediu-lhe satisIações, por assim dizer, no dia seguinte à chegada em comum.

— Eu também não sei dizer onde ela Ioi arranMar esse um

— declarou. — Acho Tue se conheceram na Yiagem, lá nos

Pireneus. Pois é, meu pobre e desiludido Celadon, por

enTuanto o senhor terá Tue se conIormar com ele. Não há

remédio. São amicíssimos; compreende? Parece Tue existe até

comunhão de bens. O homem é imensamente rico, segundo ou Yi dizer. Um rei do caIé aposentado, sabe? Tem criado malaio. Estilo de Yida opulento. Não Yeio, aliás, para se diYertir. Além de um Iorte catarro com base alcoólica, soIre de uma Iebre maligna Tue contraiu nos trópicos. Uma Iebre intermitente, sabe? Doença mal tratada e pertinaz. É necessário Tue o senhor se arme de paciência.

— Pois não — disse Hans Castorp, condescendentemente. “E Yocê?”, acrescentou de si para si. “Como se sente?”

Afinal de contas Yocê não está completamente desinteressado. Se não me engano, houYe lá TualTuer coisa no passado com um YiúYo de Iaces azuladas Tue sabia pintar a óleo de modo conYincente. Acho Tue suas palaYras reYelam certa alegria maliciosa, e contudo, em certo sentido, somos companheiros de inIortúnio diante desse Peeperkorn.”

— Um tipo curioso, e personalidade original, por certo — prosseguiu em Yoz alta, com um gesto displicente. — É robusto e delicado, eis a impressão Tue se tem dele, ou pelo menos a Tue eu tiYe hoMe, Tuando tomamos o caIé da manhã. Robusto e ao mesmo tempo delicado. São esses os adMetiYos Tue o caracterizam, segundo a minha opinião, se bem Tue normalmente seMam considerados contraditórios. Ele é alto e espadaúdo, isso sim, e gosta de ficar de pé, com as pernas abertas e as mãos enterradas nos bolsos da calça, Tue são Yerticais... Achei

necessário mencionar Tue nas calças dele os bolsos aIundam Yerticalmente e não se encontram aos lados, como nas minhas, nas do senhor e nas da maioria das pessoas Tue pertencem às classes mais altas da sociedade... E Tuando ele se mantém nessa posição e Iala guturalmente, à maneira dos holandeses, não há como negar seu aspecto robusto. Mas seu caYanhaTue é ralo; embora comprido, é tão ralo Tue bem se poderia contar-lhe os fios. Também os olhos são peTuenos, apagados e Tuase sem cor. Que Iazer? Não lhe adianta arregalá-los a todo momento; com isso só cria aTuelas rugas pronunciadas na testa, Tue lhe sobem pelas têmporas e atraYessam a Ironte em sentido horizontal, essa Ironte alta e Yermelha, emoldurada por cabelos brancos, igualmente compridos e ralos. Mesmo Tue os arregale assim, os olhos continuam peTuenos e apagados. E o colete de peito alto lhe imprime um cunho de clérigo, apesar da sobrecasaca de xadrez. Bem, Ioi essa a impressão Tue tiYe hoMe de manhã.

— Estou Yendo Tue o senhor o examinou direitinho — respondeu Behrens. — Estudou o homem em todas as suas particularidades, o Tue me parece muito acertado, uma Yez Tue terá Tue habituar-se à sua existência.

— Pois é, deYemos habituar-nos — disse Hans Castorp. Deixamos a cargo dele a descrição aproximada da figura

do noYo e inesperado hóspede, e ele não se desincumbiu mal da sua tarefa. É proYáYel que nós mesmos não tiYéssemos obtido melhor resultado. Seu posto de obserYação, afinal, era sumamente IaYoráYel. Como sabemos, Hans Castorp aYizinhara-se, durante a ausência de ClaZdia, da mesa dos “russos distintos”; Yisto a sua mesa ficar paralela à outra, Tue apenas aYançaYa um pouco mais em direção à porta do aYarandado, e Yisto tanto ele como Peeperkorn ocuparem, cada Tual, as pontas dirigidas para o interior da sala, achaYam-se colocados lado a lado, por assim dizer; e Hans Castorp, um pouco atrás do holandês, tinha portanto a Iacilidade de uma inspeção discreta, enTuanto enxergaYa obliTuamente diante de si o rosto da sra. Chauchat, em um perfil de três Tuartos. Para completar o talentoso esboço de Hans Castorp, poderíamos acrescentar Tue Peeperkorn tinha o bigode raspado, o nariz grande e carnudo, e a boca igualmente grande, com os lábios irregulares, como Tue gretados. Apesar de as mãos serem bastante largas, as unhas eram compridas e pontudas. Quando Peeperkorn IalaYa — o Tue Iazia Tuase sem cessar, embora Hans Castorp não conseguisse entender claramente o conteúdo das suas palaYras —, serYia-se dessas mãos para gestos elegantes, Tue mantinham os ouYintes em suspenso, gestos delicadamente matizados, esmerados, precisos e nítidos, Tue reYelam a cultura de um diretor de orTuestra;

curYaYa então o dedo indicador, para Tue Iormasse um círculo com o polegar, ou estendia a mão espalmada — larga, mas de unhas pontudas

— num movimento protetor, tranTuilizante, Tue exigia atenção. Contudo, a atenção sorridente Tue ele conTuistaYa era logo decepcionada pela Yagueza das exposições tão intensamente preparadas. Ou melhor: não era decepcionada, senão transIormada em uma alegre surpresa, pois o Yigor, a fineza, a ênIase dos preparatiYos não apenas substituíam com perIeição, e ainda posteriormente, aTuilo Tue IaltaYa, mas eram em si satisIatórios, interessantes e mesmo preciosos. Às Yezes ele nem seTuer chegaYa a pronunciar palaYras. Acontecia-lhe pôr suaYemente a mão sobre o antebraço de seu Yizinho da esTuerda, um MoYem sábio búlgaro, ou de madame Chauchat, à sua direita; depois erguia a mesma mão obliTuamente, reclamando silêncio e curiosidade para o Tue deseMaYa dizer; então Iranzia as sobrancelhas, a tal ponto Tue as rugas Tue desciam em ângulo reto da testa para as comissuras exteriores dos olhos se aproIundaYam como numa máscara, e baixaYa o olhar sobre a toalha da mesa, ao lado da pessoa Tue se Yira capturada por ele, enquanto os lábios grandes e gretados pareciam dispostos a Iormular algo extremamente importante. Alguns instantes após, porém, aIrouxaYa a respiração e renunciaYa a Ialar, dando, por assim dizer, o comando “Descansar armas!”. Sem haYer

proIerido palaYra alguma, tornaYa a ocupar-se com seu caIé, Tue mandaYa Iazer especialmente Iorte, e Tue lhe serYiam na sua própria caIeteira.

Depois de ter bebido, procedia da seguinte maneira: com um gesto de mão coibia a conYersa e obtinha silêncio, assim como o regente, por meio de um mando imperioso, Iaz calar a conIusão dos instrumentos Tue estão sendo afinados, para concentrar a orTuestra e dar início à peça. Sua cabeça grande, rodeada de labaredas de cabelos brancos, com os olhos sem cor definida, as poderosas rugas da Ironte, o comprido caYanhaTue e a boca desnuda e dolorida, era indiscutiYelmente impressionante, de modo Tue todos costumaYam obedecer-lhe ao gesto. Os comensais emudeciam, olhaYam-no sorrindo, esperando, e aTui ou ali haYia Tuem lhe desse um sinal alentador. Então Peeperkorn dizia numa Yoz bastante abaIada:

— Senhoras e senhores. Muito bem. Tudo Yai bem. E basta. Queiram, no entanto, obserYar e não perder de Yista em nenhum momento Tue... Nada mais sobre este ponto... O Tue me cumpre declarar não é aTuilo, mas principalmente, e exclusiYamente, o seguinte: temos o deYer... É de uma Iorma inelutáYel... Repito e Iaço Tuestão de usar essa expressão: é de uma Iorma inelutável Tue se reiYindica de nós... Não, senhoras e senhores, não! Esse não é o sentido... Não me interpretem como se eu... Que erro graYe não seria pensar Tue... E basta,

senhoras e senhores! Basta de Yez! Sei Tue estamos de acordo sobre todas essas Tuestões, e por isso: Yamos ao ponto!

Não dissera nada, mas a maMestade da sua cabeça parecia tão indiscutível, o Mogo de fisionomia e a gesticulação eram de tal modo enérgicos, imponentes, expressivos, Tue todos, inclusive Hans Castorp, empenhado em escutar, criam ter ouvido algo de grande peso, ou, se é Tue se dá conta de Tue o discurso carecia por completo de conteúdo e de coerência, não se ressentiam dessa falta. Seria interessante saber qual teria sido a reação de um surdo. Talvez se afligisse, por ver-se levado, pela apresentação, a tirar conclusões erradas quanto à alocação enunciada, e por Tue imaginasse perder, devido à surdez, uma informação valiosa. Pessoas assim são propensas à desconfiança e à

amargura. Mas à outra extremidade da mesa havia um Moço chinês que ainda não chegara a adquirir bons conhecimentos de alemão. Em certa ocasião, esse moço, que acaba de ver e de ouvir um desses discursos, sem compreendê-lo, manifestou alegre satisfação, exclamando “Very Zell!” e chegando mesmo a aplaudir-lo.

E Mynheer Peeperkorn “Ioi ao ponto”. Empertigou-se, dilatou o largo peito, abotoou a sobrecasaca de xadrez por cima do colete de gola alta. Sua cabeça branca, nesse momento, lembrava um rei. Com um aceno chamou uma criada — era a

anã —, e esta, embora atarefadaíssima, atendeu imediatamente ao sinal peremptório. Com o Marro de leite e o bule de café nas mãos, colocou-se ao lado da sua cadeira. Também ela não pôde deixar de fazer um gesto alentador, enquanto em seu rosto grande e enrubescido aflorou um sorriso. Parecia toda atenção, como se estivesse imobilizada pelo olhar baço lançado por Peeperkorn de sob as poderosas rugas da testa e por sua mão erguida, cujo indicador se reunia com o polegar para formar um círculo, ao passo que os três outros dedos se esticavam para o alto, dominados pelas pontas de lança das unhas.

— Minha filha! — disse ele. — Bem. Por enquanto tudo vai bem. A senhora é portuguesa. Não há de ser nada. Pelo contrário. Vejo nisso uma vantagem e dou graças a Deus por ser assim como é, e devido à sua baixa estatura, de tanto caráter... Pois então! O que desejo da sua parte também é português, português, e tem caráter bem forte. Antes de tudo, qual é seu nome?

Ela se atrapalhou, sempre sorrindo, e disse por fim que seu nome era Emerentia.

— Excelente! — exclamou Peeperkorn, recostando-se à cadeira e estendendo o braço em direção à anã. Dera à exclamação um tom de quem pretende dizer: “Mas por que se preocupar? Tudo vai às mil maravilhas”. — Minha filha — prosseguiu então, de

modo muito sério, Tuase com seYeridade —, isso ultrapassa todas as minhas expectatiYas.

Emerentia... A senhora pronuncia o nome com modéstia, mas ele, unido à sua pessoa... Numa palaYra, isso abre as mais belas perspectiYas. Vale a pena deter-se e concentrar tudo Tuanto o peito contém de sentimento para Tue... Na Iorma do apelido... Acho Tue a senhora me entende, minha filha: na Iorma Iamiliar e abreYiada de um apelido... pode-se dizer Rentia, mas Emezinha também soa simpático... No momento não hesito em escolher Emezinha. Muito bem, Emezinha, minha filha, preste atenção: Tuero um pedaço de pão, minha Tuerida. Pare! Ainda não Yá! Que mal-entendido algum adentre nossa conYersa! Percebo em seu rosto relatiYamente grande Tue esse perigo... Pão, Rencinha, mas não um pão assado... aTui há pão em abundância, e dos mais diYersos tipos. Quero, sim, é pão destilado, meu anMo. Pão de Deus, pão claro, segundo um apelidinho bem Iamiliar, para eu me regalar com ele. Não tenho certeza se o sentido dessa palaYra lhe... Eu estaria disposto a substituí-la por “tônico para o coração”, não surgisse com isso o noYo perigo de me Yer interpretado no sentido de uma habitual leYiandade... Basta, Rentia. Basta e fim! É tudo muito mais no sentido de nosso deYer e Yinculação sagrada... Por exemplo, no sentido do deYer moral de eu me regozimar de coração com sua baixa estatura de caráter tão Iorte... Uma genebrinha, Tuerida! Era isso Tue eu

Tueria dizer. Genebra de Schiedam, Emerencinha! Apresse-se e me traga uma.

— Uma genebra genuína — repetiu a anã e deu meia- Yolta, na intenção de se desembaraçar do bule e do Marro. Finalmente depositou-os na mesa de Hans Castorp, ao lado do seu talher, eYidentemente para não incomodar o sr. Peeperkorn. Sem demora o hóspede recebeu a bebida deseMada. O cálice estaYa tão cheio Tue o “pão” se derramaYa por todos os lados e molhaYa o prato. O holandês tomou-o entre o polegar e o dedo médio e ergueu- o contra a luz.

— Feito isso — declarou — Pieter Peeperkorn Yai se regalar com uma cachacinha. — E engoliu o destilado de cereais, depois de o mastigar por uns momentos. — E agora — acrescentou — contemplo todo o mundo com olhos reconIortados. — Em seguida pegou da mão da sra. Chauchat, Tue estaYa na mesa, leYou-a aos lábios e recolocou-a sobre a toalha, mantendo-a ainda durante alguns instantes na sua.

Um homem singular, uma personalidade Yigorosa, se bem Tue pouco clara. A sociedade do BerghoI interessaYa-se YiYamente por ele. Diziam Tue acabaYa de retirar-se dos negócios coloniais, depois de ter garantido o seu. FalaYam da sua esplêndida casa em Haia e da sua Yila em ScheYeningen. A sra. St,hr Tualificou-o de “magneto do dinheiro” (Magnata! Que

mulher terrível!) e aludiu a um colar de pérolas que Madame Chauchat usava desde sua volta com o vestido de gala, e que, segundo a opinião de Karoline, dificilmente se poderia tomar por galanteria de marido transcaucasiano, senão que devia ter mesmo sua origem na “comunhão de bens”. Ao dizer isso, piscou um olho e fez um gesto na direção do seu vizinho Hans Castorp, baixando os cantos da boca, numa paródia de pesar. Nem a enfermidade nem o sofrimento haviam contribuído para refinar a sra. St. Irvengrad, de modo que ela se aproveitou da situação incômoda do nosso herói para seus escárnios brutais. Hans Castorp não perdeu a linha. Corrigiu-lhe até com certa graça o lapso a que a induzira a ignorância. Ela acabou de confundir duas palavras — explicou —, teria dizer “magnata do dinheiro”. Mas o termo “magneto” também não está mal escolhido, uma vez que Peepkorn, evidentemente, possuía grande força de atração. Também respondeu com bem-fingida indiferença à professora Engelhart, quando esta, enrubescida, com sorriso amarelo e sem encará-lo, perguntou-lhe que tal ele achava o novo hóspede. Mynheer Peepkorn, disse ele, era uma “personalidade esquisita”: uma personalidade, sem dúvida, mas esquisita. Essa classificação precisa foi prova de objetividade e, com isso, de calma de seu espírito; e desconcertou por completo a professora. E quanto a Ferdinand Wehsal e sua indireta sobre as circunstâncias

inesperadas em que a sra. Chauchat regressara, Hans Castorp demonstrou-lhe que existem olhares com uma clareza inusitada que fica de quando às palavras mais nitidamente articuladas. “Miserável!”, dizia o olhar com que mediu de alto a baixo o homem de Mannheim; disse-o, excluindo qualquer interpretação sutilmente ambígua, e Wehsal compreendeu esse olhar, engoliu-o e até o apertou, meneando a cabeça e exibindo os dentes cariados. Mas, a partir desse incidente, desistiu de carregar o sobretudo de Hans Castorp nos passeios que faziam em companhia de Naphta, Settembrini e Ferge.

Em nome de Deus!, pensou Hans Castorp; o sobretudo, ele bem poderia carregá-lo sozinho, até preferiria trazê-lo, e fora pura amabilidade sua entregá-lo de qualquer modo à sua coitada. Mas ninguém de nós pode enganar-se quanto ao fato de Hans Castorp sentir-se maltratado por aquelas circunstâncias totalmente imprevisíveis, que não lhe deixaram todos os preparativos íntimos que fizera para a ocasião do reencontro com o objeto de suas aventuras carnavalescas. Ou melhor: que os torna superfluos, e era isso o que mais o humilhava.

Seus propósitos haviam sido os mais delicados e sensatos. Longe dele pensar num procedimento precipitado ou importuno. Nunca tivera a intenção de ir esperar a senhora na estação. Ainda bem que jamais tivesse ventilado tal ideia! Em todo caso ficara na dúvida se essa mulher, à qual a doença outorgava tamanha

liberdade, Mulgaria Verdadeiros os fantásticos acontecimentos de uma remota noite de Carnaval, cheia de sonhos, de máscaras e de conversas em língua estrangeira, ou, ainda, se ela desejava que isso fosse recordado de um modo direto. Mas não, nada de petulâncias, nada de reivindicações impertinentes! E, mesmo admitindo que as suas relações com a irmã dos olhos oblíquos houvessem ultrapassado, pela sua natureza, os limites traçados pela razão e pelas convenções ocidentais, cumpriria observar, quanto às normas, a mais perfeita civilização e, por enquanto, até a ficção do estuquecimento. Um cumprimento cortês de uma mesa para a outra, e nada mais, no momento! Mais tarde aproveitaria uma oportunidade para se aproximar com toda a discrição e para perguntar, incidentalmente, como a irmãzinha tinha passado desde aquele dia... O verdadeiro reencontro poderia produzir-se numa ocasião oportuna e trazer consigo a recompensa dessa coibição calheiresca.

Mas, como já dissemos, toda essa delicadeza parecia já nesse instante, já que deixara de ser o resultado de uma escolha livre e por isso não tinha méritos. A presença de Mynheer Peepkorn excluía de uma irmã mais velha completa a possibilidade de uma tática que não consistisse em extrema reserva. Na noite da chegada, Hans Castorp tinha observado, da sacada, como o trem subia em marcha lenta pela curva

da rampa. Na boleia achava-se o criado malaio, um homenzinho amarelado com um chapéu- coco e com uma gola de peles no sobretudo. Nos assentos de trás, ao lado de Clazdia, instalara-se o homem estranho, com o chapéu puxado sobre os olhos. Naquela noite, Hans Castorp dormira muito pouco. No outro dia, não tivera grande dificuldade em saber o nome desse desconcertante companheiro de viagem, e como brinde lhe havia dado a notícia de que ambos acabavam de ocupar uns aposentos luxuosos e Yizinhos no primeiro andar. Viera então o café da manhã. Hans Castorp encaminhara-se bem cedo ao seu lugar e, muito pálido, esperara pelo momento em que a porta envidraçada se fechasse com estrondo. Mas isso não se realizara. A entrada de Clazdia decorrera sem ruído nenhum, pois atrás dela Mynheer Peeperkorn tinha fechado a porta. Alto, espadado, com a fronte ampla e as labaredas brancas em torno do crânio imponente, ia seguindo os passos da companheira de viagem, que, no seu costumeiro andar lento, avançando a cabeça, se aproximava da sua

mesa. Sim, era ela; não mudara em nada! Contra os seus propósitos, estupefocado de tudo, Hans Castorp deparava-a com os olhos tresnoitados. Reencontrava o cabelo ruivo, penteado sem muita arte e enrolado, numa trança simples, em volta da cabeça; via os “olhos de lobo de estepe”, a curva da nuca, os lábios que pareciam mais cheios do que eram em realidade,

de Yido à Tuelas maçãs acentuadas. Tuelas produziam uma graciosa conca Yidade das próprias Iaces... ClaZdia!, ele pensou, estremeando, e fitou o desconhecido, com a cabeça atirada para trás, num gesto de desafio e de mo Ia em Iace da grandiosidade teatral do seu aspecto; Iê-lo exortando o próprio coração a Tuelas não le Yasse a sério o poderio de um direito de posse atual cuMa segurança era posta em dú Yida por certos Iatos do passado; e trata Ya-se de Iatos certos do passado, não de coisas Yagas, obscuras, acontecidas no terreno da pintura diletante, como a Tuelas Tuelas outrora ha Yiam sido capazes de in Tuietá-lo... A sra. Chauchat também conser Yara a Tuele hábito de exhibir-se sorrindo a toda a sala, antes de se sentar, como para apresentar-se à sociedade, e Peeperkorn secunda Ya-a, deixando Tuelas ClaZdia celebrasse a pe Tuen a cerimônia, en Tuanto ele se mantinha de pé atrás dela, antes de se instalar, a seu lado, à extremidade da mesa.

Não hou Yera oportunidade para um cumprimento cortês de uma mesa para outra. Quando da “cerimônia de apresentação”, os olhos de ClaZdia tinham Yagueado para além da pessoa de Hans Castorp e da parte da sala onde ele se acha Ya, em busca de regiões mais distantes. O encontro seguinte no re Ieitório dera-se da mesma Iorma, e Tuanto mais re Ieições se realiza Yam, sem Tuelas os seus olhares se cruzassem de outro modo a não ser num res Yalo cego e indi Ierente da parte da sra.

Chauchat, tanto menos indicado parecia a Tuele cumprimento cortês. Durante a breYe reunião noturna, os companheiros de Yiagem mantinham-se na saleta. Juntos ocupaYam o soIá, rodeados pelos comensais. Peeperkorn, cuMo rosto maMestoso, intensamente

aYermelhado, se destacaYa do aYo dos cabelos e do caYanhaTue, esYaziaYa a garraIa de Yinho tinto Tue Ihe Iora serYida no Mantar. Pois em cada reIeição principal emborcaYa uma garraIa, às Yezes até uma e meia ou duas, sem Ialar do “pão” Tue Má Yinha acompanhando o caIé da manhã. Era claro Tue esse homem maMestoso tinha extraordinária necessidade de se regalar. Para o mesmo fim usaYa Yárias Yezes por dia um caIé extremamente Iorte, Tue tomaYa numa xícara grande, não somente de manhã, mas também por ocasião do almoço, e não depois senão durante a reIeição, e ao mesmo tempo Tue o Yinho. Ambas essas coisas — conIorme Hans Castorp ouYiu o holandês explicar

— eram boas contra a Iebre, além do seu eIeito regalador; um remédio muito bom para a Iebre intermitente Tue contraíra nos trópicos, e Tue Má no segundo dia da sua estada o reteYe na cama durante algumas horas. O conselheiro TualificaYa-a de Tuartã, Yisto acometer o holandês de Tuatro em Tuatro dias; no começo o Iazia bater os dentes, depois Ihe causaYa um Yiolento ardor e por fim abundante transpiração.

Ao Tue dizia o médico, a enIermidade originara também uma congestão do baço.

VINGT ET UN

Assim transcorreu algum tempo, umas três ou quatro semanas, segundo Mulgamos, uma vez que absolutamente não nos podemos fiar nas alterações e no senso de tempo de Hans Castorp. Escoaram-se sem acarretar as mudanças. Na alma do nosso herói produziram certo rancor contra as circunstâncias imprevistas que o obrigaram a uma descrição pouco meritória; rancor que se ia tornando habitual e se dirigia em especial contra a única circunstância que se chamava a si própria Pieter Peepkorn cada vez que tomava uma cachacinha, contra a presença importuna desse homem másculo, imponente e pouco claro, que realmente o constrangia de um modo muito mais brutal do que fizera o sr. Settembrini quando “era demais ali”. Rugas de descontentamento e de irritação sulcavam verticalmente a testa de Hans Castorp, entre as sobrancelhas, e de sob essas rugas contemplava cinco vezes ao dia a mulher que regressara. Mesmo assim se sentia feliz por poder contemplá-la, e cheio de desdém pelo poderoso presente, que ignorava até que ponto sua segurança era posta em jogo pelo passado.

Certa noite, porém, a reunião noturna no Vestíbulo e nos salões foi mais animada que em geral, o que de vez em quando acontecia sem qualquer motivo especial. Houve música; algumas

canções ciganas briosamente executadas ao Violino por um estudante húngaro. A seguir, o conselheiro Behrens, que estivera presente por um quarto de hora, em companhia do dr. Krokozski, obrigara um pensionista a tocar nos baixos do piano a melodia do “Coro dos peregrinos”, enquanto ele, de pé a seu lado, maltratava o instrumento com uma escotilha que fazia saltitar pelos agudos, para parodiar um acompanhamento de rabeca. Isso fez rir. Sob vários aplausos, meneando a cabeça como se sua própria brincadeira o surpreendesse agradavelmente, o

conselheiro abandonou os salões. Mas a reunião se prolongou; continuaram a fazer música, sem que se exigisse dos ouvintes nenhuma atenção concentrada; formaram-se partidas de dominó e de bridge, com bebidas nas mesas; outros se divertiam com brincadeiras ópticas; aqui e ali se iam pensionistas conversando. Também a roda da mesa dos “russos distintos” se havia misturado com os grupos do Vestíbulo e do salão de música. Mynheer Peeperkorn aparecia em diferentes lugares; era impossível não notá-lo, mas sua cabeça majestosa dominava os que o cercavam, triunfando devido à sua importância e força principesca. Às vezes que o rodeavam, embora a princípio houvessem sido atraídos pela mera fama da sua riqueza, logo começaram a sentir o encanto da sua personalidade; deixavam-se ficar, sorriam, faziam-lhe com a

cabeça acenos alentadores, estúeciam-se de si próprios, fasciados pelos olhos sem cor sob as poderosas rugas da testa; com a atenção presa aos gestos elegantes e insistentes das mãos de unhas compridas, não experimentam a menor decepção em face das palavras abruptas, incoerentes, ininteligíveis, confusas e realmente gratuitas que seguiam essa gesticulação.

Quem procurasse Hans Castorp nesse ambiente iria encontrá-lo no salão de leitura, no mesmo recinto onde ele outrora — esse “outrora” é Yago; o autor, o herói e o leitor Má não percebem claramente a distância — recebera importantes informações sobre a organização do progresso humano. Nesse lugar estava-se mais tranqüilo. Um poucas pessoas partilhavam-no com Hans Castorp. A uma das escrivaninhas duplas, iluminadas por uma lâmpada suspensa, alguém redigia uma carta. Uma senhora, com dois pince-nez sobre o nariz, achava-se sentada junto à biblioteca e folheava um volume ilustrado. Nas proximidades da passagem aberta que dava para a sala do piano, Hans Castorp ocupava uma cadeira que casualmente se encontrava ali; era uma cadeira em estilo renascença,

lombada de veludo, com espaldar alto e reto, e sem braços. O moço voltava as costas ao reposteiro e tinha nas mãos um mornal, na posição de quem lê; mas, em vez de ler, escutava, com

a cabeça inclinada obliquamente, os sons de música entrecortados e mesclados de Yozes. No entanto, seu cenho sombrio indicava que ele tampouco prestava muita atenção a esses sons, e que seus pensamentos trilham Yeredas pouco musicais; Yeredas espinhosas da desilusão causada pelos acontecimentos que zombavam de um moço que se submeteu a um longo período de espera e, ao fim desse período, se viu ignominiosamente logrado; as Yeredas ásperas do desafio, pelas quais avançara a um ponto em que pouco faltava para a decisão de depositar o Mornal nessa cadeira incômoda que o acaso lhe oferecera, sair pela porta do Vestíbulo e substituir essa vida social sem graça pela solidão glacial do compartimento de sacada, onde Maria Mancini lhe fazia companhia.

— E seu primo, monsieur? — perguntou de trás dele, por cima da sua cabeça, uma Yoz. Era uma Yoz leiticeira para os seus ouvidos habituados a achar extremamente agradável o agrado da sua timbre letrado, levando dessa forma ao extremo o conceito do agradável. Era a Yoz que dissera uma vez: “Com muito prazer. Mas cuidado para não me brá-la!”. Uma Yoz dominadora, a Yoz do destino, e que, se ele não se enganava, perguntara por Joachim.

Lentamente, Hans Castorp desceu o Mornal e levantou um pouquinho o rosto, de modo que apenas o topo da cabeça se encostava ao espaldar reto da cadeira. Até fechou os olhos

durante um momento, mas logo os reabriu, para dirigi-los ao alto, na direção Tue a posição da cabeça impunha ao seu olhar, e pôs-se a fitar o Yazio. Dir-se-ia Tue a expressão do bom rapaz tinha algo de um Yisionário ou de um sonâmbulo. Bem deseMou Tue a pergunta Iosse repetida, mas isso não se deu. Dessa Iorma nem seTuer tinha certeza de Tue ela ainda se encontraYa atrás dele, Tuando respondeu, depois de algum tempo, com bastante atraso, e

a meia Yoz:

— Está morto. Foi serYir na planície e morreu.

O próprio Hans Castorp notou Tue “morto” era a primeira palaYra de destaTue a ser pronunciada entre eles. Notou ao mesmo tempo Tue ela, por Ialta de Iamiliaridade com a língua alemã, escolhia termos excessiYamente Iracos para expressar seus sentimentos, Tuando disse de trás dele e por cima da sua cabeça:

— Coitado! Que pena! Completamente morto e enterrado? Desde Tuando?

— Faz algum tempo. Foi leYado para baixo pela mãe. Tinha-lhe crescido uma barba de guerreiro. Deram três salYas Iúnebres por cima do túmulo.

— Ele as mereceu. Foi um homem muito bom. Muito melhor Tue outros, Tue certos outros.

— Sim, era bom. Radamanto sempre IalaYa de seu excesso de entusiasmo. Mas seu corpo não estaYa de acordo. Rebellio carnis, como dizem os Mesuítas. Sempre ligara grande importância ao corpo, de um modo honroso. Mas seu corpo deixara entrar substâncias desonrosas e pregou-lhe uma peça ao excessiYo entusiasmo. É, aliás, mais moral perder-se e perecer do Tue preserYar-se.

— VeMo Tue certa pessoa continua sendo um YaldeYinos filosófico. Quem é esse Radamanto?

— Behrens. Settembrini o chama assim.

— Ah, Má sei, Settembrini. ATuele italiano... Eu não simpatizaYa com ele. Ele não tinha senso de humanidade. — (A Yoz pronunciou a palaYra “humaniedade”, com um prolongamento arrastado e entusiástico.) — Era altiYo. Não está mais aTui? Eu sou ignorante. Não sei o Tue Tuer dizer: Radamanto.

— QualTuer coisa humanística. Settembrini mudou-se. Temos filosoIado bastante nestes últimos tempos, ele, Naphta e eu.

— Quem é Naphta?

— O adYersário dele.

— Se é o adYersário dele, gostaria de conhecê-lo... Mas eu não disse ao senhor Tue seu primo morreria se descesse à planície para ser soldado?

— Sim, Você sabia.

— Que atrevimento!

Um longo silêncio. Ele não se retratou. Comprimindo o alto da cabeça contra o espaldar reto, com o olhar visionário cravado no ar, ficou esperando que a voz tornasse a soar. No entanto não sabia com certeza se ela ainda se achava atrás dele. Receava que os sons entrecortados de música que entravam da sala vizinha pudessem ter abafado o ruído de passos que se afastassem. Até que enfim a voz voltou:

— E monsieur nem sequer foi assistir ao enterro de seu primo?

Ele respondeu:

— Não, disse-lhe adeus a mim mesmo, antes de fechar o caixão, pois ele começou a sorrir. Você não imagina como a testa dele estava fria.

— Outra vez? É assim que se fala com uma senhora que mal se conhece?

— Será que deixo falar humanisticamente e não com humanidade? — (Sem sequer, também ele prolongou a palavra de um jeito sonolento, como quem boceja e se espreguiça.)

— Quelle blague!...1 E o senhor esteve a mim todo esse tempo?

— Sim, fiquei esperando.

— Por quem?

— Por Yocê.

Uma risada soou por cima dele, dada simultaneamente com a palaYra “Louco!”.

— Por mim? ProYaYelmente não deixaram Yocê sair.

— Ao contrário. Em certa ocasião, Behrens me teria deixado sair, num acesso de raiYa. Mas teria sido apenas uma partida em Ialso. Pois, além das cicatrizes Tue tenho de tempos antigos, desde a época de colégio, sabe?, há

ainda o ponto recente Tue Behrens descobriu e Tue me está causando a Iebre.

— Febre ainda?

— Sim, sempre tenho um pouTuinho. Quase sempre. Com intermitências, mas não é uma Iebre intermitente.

— Des allusions?2

Ele permaneceu calado, Iranzindo o cenho, por cima do olhar Yisionário. Depois de algum tempo perguntou:

— E você, por onde tem andado?

Uma mão deu uma pancada no espaldar da cadeira.

— Mais c'est un sauYage!...3 Por onde tenho andado? Por toda parte. Em Moscou — (a Yoz pronunciou “Muoscou”, prolongando o nome do mesmo Meito arrastado como com a

palaYra “humaniedade”) —, em Baku, em balneários alemães, na Espanha.

— Ah, na Espanha? Como Ioi?

— Mais ou menos. ViaMa-se mal ali. As pessoas são meio mouras. Castela é muito seca e rígida. O Kremlin é mais belo Tue aTuele palácio ou conYento por lá, ao pé da montanha...

— O Escorial?

— Sim, o castelo de Filipe. Um castelo cheio de inumaniedade. O Tue me agradou muito mais Ioi uma dança popular na Catalunha, a sardana, acompanhada por gaita de Ioles. Eu mesma entrei nela. Todos se dão as mãos e dançam à roda. A praça inteira fica cheia de gente. C’est charmant.⁴ Tem muita humaniedade. Comprei um peTueno barrete azul como é usado por todos os homens e meninos do poYo por ali; é Tuase um Iez, a boina. Ponho-a durante o repouso e em outras ocasiões. Monsieur poderá Mulgar se ela me assenta bem.

— Que monsieur?

— O Tue está sentado nessa cadeira.

— Eu pensaYa Tue Iosse: Mynheer Peeperkorn.

— Ele Má emitiu seu Muízo. Diz Tue fico encantadora com ela.

— Ele disse isso? Até o fim? Falou a Irase até o fim, de modo Tue se pudesse compreender?

— Ah, parece que alguém está mal-humorado. Procura ser malicioso, mordaz. Procura zombar de personalidades. Tuas são muito maiores, melhores e mais cheias de humanidade. Tuas certa pessoa, Munto com seu... aYec son ami baYard de la Méditerranée, son maître grand parleur...⁵ Mas não tolerarei tuos meus amigos seMam...

— Você ainda guarda meu retrato interior? — ele interrompeu a Yoz em um tom melancólico.

Ela riu.

— Eu teria tuos procurá-lo.

— O seu trago aTui comigo. Além disso tenho um caYaletezinho em cima da minha cômoda, onde ele fica de noite e...

Não chegou a acabar a Irase. À sua Irente achaYa-se Peeperkorn. Andara à procura da sua companheira de Yiagem. Entrara Yindo de trás do reposteiro e surgira diante da cadeira do interlocutor a cuMas costas ela se encontraYa. QuedaYa-se ali Tuas uma torre, tão perto dos pés de Hans Castorp Tuos este só com dificuldade conseguiu leYantar-se entre os dois outros, Tuando Yerificou, apesar do seu estado sonâmbulo, Tuos o momento exigia dele tal gesto de cortesia. TeYe de resYalar lateralmente da cadeira, Tuos ficou no meio das três pessoas dispostas num triângulo.

A sra. Chauchat obedeceu às regras do Ocidente civilizado apresentando-os um ao outro. Com reverência a Hans Castorp disse-lhe se tratava de um conhecido de tempos passados, da sua última estada no Berghof. A existência do sr. Peeperkorn dispensava comentários. Pronunciou o nome do holandês, e este fixou no Moym os olhos baços, sob os arabescos das rugas da testa e das linhas, mais fundas devida à atenção, e lhe dava a seu rosto o aspecto de um ídolo. Estendeu a Hans Castorp a mão, cujas costas eram largas e sardentas; uma mão de capitão, pensou Hans Castorp, exceto as unhas pontudas. Pela primeira vez ele

entra em contato com a poderosa personalidade de Peeperkorn (“personalidade” — constantemente surgia essa palavra à vista do holandês; tuem o Yia sabia de repente o que era uma personalidade, e mais ainda: reconhecia-se de que uma personalidade não podia ser diferente dele), e seus Moym anos, vacilantes, sentiram-se esmagados pelo peso dos sessenta desse homem espadado com o rosto vermelho emoldurado de labaredas brancas, com a boca gretada e dolorida, e com o cabelo que lhe pendia, comprido e ralo, sobre o colete clerical. Ademais, Peeperkorn era a amabilidade em pessoa.

— Meu caro senhor — disse —, que plenitude. Não, permita-me... a plenitude! Acabo de fazer conhecimento com sua pessoa... conhecimento com um moço que inspira confiança...

Faço-o com consciência, meu senhor, estou compenetrado disso. O senhor me agrada. Ora, por IaYor! Basta! O senhor me agrada. Não adiantaYa Iazer obMeções. Seus gestos eram peremptórios. Hans Castorp lhe era simpático. E desse Iato Peepkorn tirou conseTuências Tue expressou em Iorma um tanto Yaga, mas Tue por intermédio da sua companheira de Yiagem se tornaram coerentes e compreensíYeis.

— Minha filha — disse ele —, muito bem. Que tal?... Por IaYor, não me interprete mal... A Yida é breYe, e nossa capacidade de satisIazer as exigências dela é... São Iatos, minha filha. São leis. I-ne-xorabilidades! Numa palaYra, minha filha, numa palaYra e sem perda de tempo... — E Iez perdurar um gesto expressiYo, aIastando de si toda a responsabilidade para o caso de se cometer, apesar do seu conselho, um erro decisiYo.

Ao Tue parecia, a sra. Chauchat tinha prática na interpretação de tais deseMos apenas esboçados. Ela disse:

— Por Tue não? Poderíamos passar Muntos algum tempo. Quem sabe se Mogamos um pouco e tomamos uma garraIa de Yinho? Por Tue está aí parado? — disse, Yoltando-se para Hans Castorp. — Mexa-se! Não Yamos ficar só nós três. Precisamos de companhia. Quem mais está no salão? Mande Yir a Tuem encontrar! Vá buscar alguns de nossos amigos

Tue estão nas sacadas! ConYidemos também o dr. Ting-Fu, nosso companheiro de mesa.

Peeperkorn esIregou as mãos.

— Ótimo! — disse. — PerIeito! Excelente! Vá depressa, meu amigo! Obedeça! Formaremos uma roda. Vamos Mogar, comer e beber. Vamos sentir Tue... Ótimo, meu caro rapaz.

Hans Castorp serYiu-se do eleYador e subiu ao segundo piso. Bateu à porta de A. K. Ferge, Tue por sua Yez tirou Ferdinand Wehsal e o sr. Albin das suas espreguiçadeiras no alpendre do andar térreo. O promotor ParaYant e o casal Magnus haYiam sido encontrados no Yestíbulo, a sra. St,hr e a KleeIeld, no salão. Foi ali, embaixo do lustre central, Tue abriram uma espaçosa mesa de Mogo. Cercaram-na de cadeiras e de mesinhas auxiliares. Cada conYidado Tue se unia ao grupo era cumprimentado por Mynheer, com o olhar baço, mas cortês, e com os arabescos da Ironte içados em sinal de atenção. Sentaram-se doze à mesa. Hans Castorp recebeu o lugar entre o maMestoso anfitrião e ClaZdia Chauchat; distribuíram-se cartas e fichas, pois segundo haYiam combinado Mogariam algumas partidas de Yingt et un. Peeperkorn, com aTuele seu Meito imponente, mandou chamar a anã e pediu Yinho, um chablis 1906, três garraIas por enTuanto, acompanhadas de doces, tudo o Tue ela pudesse encontrar de passas de Irutas do sul e conIeitos. O modo como esIregaYa as mãos para saudar os

Tuitutes Tue lhe serYiam patenteaYa sua satisIação; e também palaYras lhe serYiam para comunicar o Tue sentia, em Irases Tue, de um modo impressionante, terminaYam no meio, mas Tue não o impediam de se expressar como personalidade Tue ocasiona uma Iorte impressão geral. Pondo as mãos nos antebraços dos Yizinhos, teYe pleno êxito ao reclamar a mais intensa atenção de todos para a maraYilhosa cor de ouro do Yinho, para o açúcar exsudado pelas passas de

Málaga, e para certo tipo de rosTuinhas salgadas e polYilhadas com sementes de papoula. Qualificou-as de diYinas, suIocando de Yez, com um gesto imperioso, o menor germe de oposição Tue porYentura se leYantasse contra o emprego de uma palaYra tão exaltada. Foi o primeiro a encarregar-se da banca; mas prontamente a cedeu ao sr. Albin, pois, como disse, se é Tue o entenderam bem, a Iunção de banTueiro impedia-o de gozar liYremente a Iesta.

Era YisíYel Tue o Mogo de azar representaYa para ele um assunto secundário. JogaYa-se por nada, segundo a sua opinião. Por proposta dele haYiam fixado a aposta mínima de cinTuenta centaYos, mas isso representaYa muito dinheiro para a maioria dos parceiros. O promotor ParaYant tanto como a sra. St, hr empalideciam e coraYam alternadamente. Esta, sobretudo, remexia-se na cadeira, presa de terríYeis lutas interiores, Tuando se lhe deparaYa o problema de comprar ou não

comprar a dezoito. DaYa gritos lancinantes Tuando o sr. Albin, com um gesto Irio e rotineiro, lhe atiraYa uma carta muito alta Tue lhe aniTuilaYa por completo os proMetos. Peeperkorn ria-se MoYialmente.

— Grite, madame, grite! — ele disse. — É um som agudo, cheio de Yida, Tue Yem do Iundo de... Beba e regale o seu coração, para Tue uma Yez mais... — E encheu-lhe a taça. Encomendou mais três garraIas. Bebeu à saúde de Wehsal e da obtusa sra. Magnus porTue um e outra lhe pareciam ter grande necessidade de animação.

O Yinho, Tue era realmente ótimo, coloriu em pouco tempo os rostos, exceção Ieita ao dr. Ting-Fu, Tue permanecia inYariaYelmente amarelo, com os olhos rasgados, pretos como azeYiche, soltando discretos risinhos cacareMantes, enTuanto Iazia eleYadas apostas com uma sorte escandalosa. Os outros não Tueriam ficar atrás. O promotor ParaYant, com o olhar turYo, desafiou o destino, arriscando dez Irancos numa entrada Tue despertaYa apenas

moderadas esperanças; empalideceu ao Yer Tue haYia comprado demais, e todaYia ganhou, uma Yez Tue o sr. Albin, confiando num ás traiçoeiro, fizera dobrar todas as apostas. Eram emoções Tue não se limitaYam à pessoa Tue as causaYa a si mesma. Toda a roda tomaYa parte nelas; nem o sr. Albin conseguia dominar sua excitação o bastante, embora riYalizasse, em matéria de Iria

circunspeção, com os crupiês do cassino de Montecarlo, Tue afirmaYa ter IreTuentado muito. Também Hans Castorp MogaYa com apostas Iortes; e da mesma Iorma a KleeIeld e a sra. Chauchat. Do Yingt et un passaram aos “tours”, “chemin de Ier”, “campista” e à perigosa “différence”. ReYezaYam-se arrebatamentos de exultação e de desespero, explosões de cólera e gargalhadas históricas, tudo isso proYocado pelo estímulo Tue a sorte Ialaz exercia sobre os nerYos; e essas maniIestações eram sérias e sinceras — não teriam sido diIerentes no caso de Yicissitudes da Yida real.

Mas não eram somente, e nem seTuer em primeiro lugar, o Mogo e o Yinho os Iatores Tue produziam a tensão psíTuica dessa roda, as Iaces Tuentes, a dilatação das pupilas nos olhos brilhantes, ou Tue daYam origem àTuilo Tue poderia ser definido como a dedicação esIorçada do peTueno grupo, a respiração embargada, a concentração Tuase dolorida no Tue trazia o momento. Em realidade, isso tudo se deYia, sim, à influência de uma indiYidualidade soberana Tue se encontraYa entre os presentes, à “personalidade” Tue os dominaYa, a Mynheer Peeperkorn, Tue mantinha as rédeas em sua mão gesticulante e Iazia sentir a todos o Ieitiço dessa hora, pelo espetáculo da sua grandiosa fisionomia, pelo olhar baço sob o drapeMamento monumental da Ironte, pela sua Iala e mímica impressionante. Que dizia? Coisas pouTuíssimo claras, e Tue se tornaYam tanto

menos distintas Tuanto mais bebia. Mas o grupo estaYa suspenso de seus lábios, fitaYa sorrindo o círculo Tue seu indicador IormaYa com o polegar, e a cuMo lado se eriçaYam, pontudos como lanças, os outros dedos, enTuanto o rosto maMestoso eIetuaYa uma ação altamente expressiYa. Sem resistência, todos se submetiam a uma serYidão sentimental Tue deixaYa longe os limites de paixão abnegada Tue essa gente se impunha em tempos normais, e Tue ultrapassaYa as Iorças de alguns. A sra. Magnus, ao menos, começou a sentir-se mal. EsteYe a ponto de desmaiar, mas recusou obstinadamente subir ao Tuarto e contentou-se com a chaise-longue, onde lhe puseram um guardanapo molhado sobre a testa, e de onde, depois de descansar um pouco, ela Yoltou para a roda.

Peeperkorn teYe a ideia de atribuir o desIalecimento dela a uma alimentação insuficiente. Com o indicador erguido proIeria palaYras significatiYamente abruptas nesse sentido. Era preciso comer, comer copiosamente, Ioi o Tue ele deu a entender, para cumprirem-se as exigências da Yida. E logo encomendou mantimentos para toda a roda, uma reIeição composta de carne, fiambre, língua, peito de ganso, assados, salames e presunto. Chegaram traYessas cheias de suculentos Tuitutes, guarnecidos de bolinhas de manteiga, de rabanetes e de salsa, a ponto de se assemelhar a exuberantes canteiros de flores. Apesar de Tue se fizesse muita honra aos pratos, não obstante o

Mantar precedente cuMa abundância é escusado mencionar, Mynheer Peeperkorn declarou, depois de ter proYado alguns bocados, Tue essas coisas não passaYam de “Irioleiras”, e isso com uma cólera Tue documentaYa o caráter paYorosamente impreYisíYel da sua natureza de soberano. Chegou até a enIurecer-se Tuando alguém se atreYeu a deIender a reIeição. A cabeça imponente Tuase explodia de raiYa, enTuanto Peeperkorn, com o punho cerrado, daYa um murro na mesa. Gritou Tue tudo isso era uma “grande droga”, com o resultado de os comensais emudecerem constrangidos, uma Yez Tue ele, como anfitrião, deYia ter o direito de Mulgar aTuilo Tue oIerecia e pagaYa.

Mas essa ira, por inexplicáYel Tue possa parecer, condizia perIeitamente com a fisionomia do holandês, como Hans Castorp, mais do Tue ninguém, teYe de reconhecer. Não o desfiguraYa nem diminuía de modo algum. Na sua incompreensibilidade Tue pessoa alguma ousaYa nem intimamente relacionar com as Tuantidades de Yinho Tue ele acabara de ingerir, não deixaYa de reYelar grandeza e maMestade, de maneira Tue todos se inclinaram diante dele e eYitaram serYir-se mais uma Yez dos Irios. Foi a sra. Chauchat Tuem tranTuilizou o companheiro de Yiagem. Acariciou-lhe a larga mão de capitão, Tue depois do murro repousaYa na mesa, e sugeriu em Yoz meiga Tue talYez se pedisse outra coisa,

um prato Tuente, se assim lhe agradasse, e se Iosse possíYel obtê-lo do cheIe de cozinha a essa hora.

— Minha filha — disse Peeperkorn —, está bem.

E sem nenhum esIorço, cheio de dignidade, passou da Iúria desenIreada para um estado de moderação. BeiMou a mão de ClaZdia. Encomendou omeletes para si próprio e para os seus conYidados, uma boa omelete com erYas finas, para Tue se pudessem satisIazer as exigências da Yida. E Munto com o pedido mandou à cozinha uma nota de cem Irancos, a fim de dispor o pessoal do serYiço a interromper seu descanso.

Seu bom humor ressuscitou inteiramente Tuando apareceram diYersas traYessas com a Iumegante iguaria, amarela Tual um canário e salpicada de Yerde, impregnando o recinto com o cheiro suaYe e morno de oYos e manteiga. Os comensais serYiram-se, ao mesmo tempo Tue Peeperkorn, e sob a sua Yigilância MoYial. Em Irases conIusas e com gestos irresistíYeis obrigou todos a saborear com atenção e até com IerYor essa dádiYa de Deus. Fê-la acompanhar de genebra holandesa, uma rodada de cálices cheios, e insistiu em Tue ninguém deixasse de sorYer com intensa deYoção o líTuido claro, do Tual se desprendia um olor sadio de trigo com uma leYe dose de zimbro.

Hans Castorp IumaYa. Também a sra. Chauchat serYia-se de cigarros de ponta de papelão, guardados numa caixa

rusa, de Yerniz, ornada de uma troica em plena corrida, e Tue para maior comodidade pusera na mesa diante de si. Peeperkorn, embora não censurasse seus Yizinhos por se entregarem a esse prazer, não IumaYa nunca. Pelo Tue se podia deduzir das suas explanações, o consumo do tabaco Má Iazia parte de gozos por demais refinados, cuMo cultiYo representaYa um agraYo à maMestade das dádiYas simples da Yida, dessas dádiYas e Iunções Tue a nossa sensibilidade mal e mal conseguia apreciar deYidamente.

— Meu caro MoYem — disse a Hans Castorp, Iascinando-o com olhar baço e gesto imperioso —, meu caro MoYem, o Tue é simples! O Tue é sagrado! Ora, o senhor me compreende. Uma garraIa de Yinho, um prato Iumegante de oYos, um puro cálice de cereal... DediTuemo-nos a isso em primeiro lugar e desIrutemo-lo, esgotemos o Tue nos oIerece e Iaçamos-lhe a honra a Tue tem direito, antes de... Absolutamente, meu senhor! Basta! Encontrei pessoas, homens e mulheres, cocainômanos, Iumadores de haxixe, morfinômanos... Pois bem, meu amigo! Pois não! Se é assim Tue Tuerem! Não deYemos Mulgar. Mas àTuelas coisas Tue merecem a primazia, as coisas singelas, grandes, Tue têm sua origem em Deus, essa gente lhes ficaYa... Basta, meu amigo. Condenados. Decaídos. Essa gente lhes ficaYa em díYida! Meu caro MoYem, não importa como se chama... Sim, eu Má sabia o seu nome, mas esTueci-me dele... A perYersidade não

consiste na cocaína nem no ópio, nem no Yício em si. O pecado imperdoável reside...

Estacou. Alto e espadaúdo, Yoltado a seu Yizinho, persistiu num silêncio poderoso e expressivo, como Tue a exigir entendimento; tinha o indicador leYantado, a boca entreabria-se, irregular e gretada, sob o lábio superior desnudo, rubro e um tanto arranhado pela naYalha, e o drapeMamento linear da Yasta Ironte emoldurada de labaredas brancas estaYa Iranzido com esIorço; os olhos peTuenos e baços achaYam-se dilatados, e Hans Castorp diYisou neles um Tuê de horror Tue Peeperkorn experimentaYa em Iace do crime, do pecado graYe, do fiasco irremissível a Tue acabaYa de aludir, e cuMa extensão monstruosa todos deYiam perceber, obedecendo à ordem silenciosa Tue lhes daYa com toda a Iorça Iascinante da sua personalidade soberana, ainda Tue indistinta... É um horror obMetiYo, pensou Hans Castorp, porém mesclado de um elemento particular, de um paYor Tue se apossou desse homem dominador. TrataYa-se mesmo de medo, não de um medo insignificante e peTueno, senão de um horror pânico Tue pareceu bruxulear ali por alguns instantes; e Hans Castorp, Tue tinha índole demasiadamente reYerenciosa, não deixou de comoYer-se com essa obserYação, não obstante todos os motiYos Tue bem poderiam ocasionar uma atitude hostil de sua parte contra o maMestoso companheiro de Yiagem da sra. Chauchat.

Baixou os olhos e Iez Tue sim, para dar ao seu augusto

Yizinho a satisfação de sentir-se compreendido.

— Isso deYe ser Yerdade, sim — ele disse. — Pode ser pecado, e sinal de tacanheza, abandonar-se a prazeres refinados, sem Iazer Mus às dádiYas simples e naturais da Yida, Tue são grandes e sagradas. Tal é sua opinião, Mynheer Peeperkorn, se o compreendo bem, e, embora essa ideia nunca me tenha ocorrido, aproYo-a sinceramente, desde o momento em Tue o senhor chamou a minha atenção sobre ela. Pode ser Tue seMam muito raras as ocasiões em Tue essas dádiYas saudáYeis e singelas da Yida recebem a plenitude das honras Tue lhes deYem. Certamente a maioria das pessoas é por demais relaxada, distraída, irresponsáYel e desgastada para lhes prestar essas honras, penso eu...

O potentado pareceu muito contente.

— Meu MoYem — exclamou —, perIeito. Queira permitir... Não Ialemos mais nisso. Peço-lhe Tue beba comigo, Tue esYazie sua taça em minha companhia, com os braços enlaçados. Isso não Tuer dizer Tue Má lhe oIereça nos tratarmos por “Yocê”, como irmãos... EstiYe a ponto de Iazê-

lo; YerifiTuei, porém, Tue esse ato seria um pouco precipitado. ProYaYelmente, dentro de um tempo não muito

longo, eu You... Conte com isso! Mas se o senhor o deseMar e insistir em Tue nós dois imediatamente...

Hans Castorp concordou com o adiamento sugerido por Peeperkorn.

— Muito bem, meu filho. Muito bem, camarada. Tacanheza? Muito bem. Ótimo, e também horríYel. IrresponsáYel: muito bem. DádiYas: nada bem. Exigências! Exigências sagradas e Iemininas Tue a Yida impõe à honra e à masculinidade.

Hans Castorp não pôde esTuiYar-se à súbita percepção de Tue Peeperkorn estaYa totalmente embriagado. Mas tampouco seu inebriamento era Yil nem Yergonhoso, não se maniIestaYa como um estado de humilhação, senão Tue se associaYa à maMestade da sua natureza, Iormando um Ienômeno grandioso Tue impunha respeito. O próprio Baco, pensou Hans Castorp, apoiaYa-se em seus companheiros, Tuando estaYa bêbado, sem detrimento da sua diYindade; o Tue importa em mais alto grau é saber quem está bêbado, se é uma personalidade ou um pobre-diabo. E eYitou, em seu íntimo, diminuir o respeito Tue lhe inspiraYa a esmagadora figura do companheiro de Yiagem, cuMos gestos esmerados se haYiam tornado Yagos e cuMa língua balbuciaYa.

— Irmão, irmão a Tuem digo “Yocê”! — disse Peeperkorn, presa de uma embriaguez liYre e altiYa. Atirou para trás o corpo potente,

e, estendendo o braço por sobre a mesa, golpeou-a com o punho Irouxamente cerrado. — Está em Yista... Para breYe, embora a ponderação, por enTuanto... bem. Basta! A Yida, meu caro MoYem, é uma mulher, uma mulher estatelada, com os seios exuberantes e apertados, com o Yentre amplo e macio entre os Tuadris salientes, com braços delgados, coxas opulentas e olhos semicerrados, uma mulher Tue nos desafia magnífica e zombeteiramente e reiYindica todas as energias da nossa Yirilidade, Tue se

deYe confirmar, ou perecer diante dela... Perecer, meu MoYem! O senhor percebe o Tue isso significaria? A derrota do sentimento em Iace da Yida, eis o Tue é a tacanheza para a Tual não há perdão, nem compaixão, nem dignidade, e Tue fica inexoráYel e sardonicamente decaída, recebe um basta! — compreende, meu MoYem? — e é então Yomitada... Degradação e desonra são palaYras brandas para designar essa ruína e bancarrota, essa Yergonha paYorosa. Ela é o declínio, o desespero inIernal, o fim do mundo...

Ao Ialar, o holandês Iora lançando o poderoso corpo mais e mais para trás, ao mesmo tempo Tue a maMestosa cabeça se inclinaYa para o peito, como se ele estiYesse a ponto de adormecer. Ao pronunciar a última palaYra, porém, deixou o punho Irouxo recair sobre a mesa num murro Yigoroso, de maneira Tue o degradado Hans Castorp, nerYoso deYido ao

Mogo, ao Yinho e à peculiaridade das demais circunstâncias, sobressaltou-se e fixou no potentado um olhar respeitoso e espantado. “Fim do mundo” — como essas palaYras se harmonizaYam com o rosto de Peeperkorn! Hans Castorp não se recordaYa de as ter ouYido, Iora, talYez, das aulas de religião, e isso não era por acaso, segundo pensaYa, pois a Tuem, dentre todos os seus conhecidos, cabia pronunciar tal expressão troYeMante? Quem, para Iormular a pergunta com mais acerto, tinha a necessária envergadura? Seria possíYel Tue o peTueno Naphta se serYisse dela de Yez em Tuando; mas isso não passaria de uma usurpação e de uma braYata agressiYa, ao passo Tue na boca de Peeperkorn a locução atroadora adTuiria a plenitude do seu poder esmagador, YibraYa com o clangor de trombetas e alcançaYa a grandiosidade bíblica. “Meu Deus, é uma personalidade!”, sentiu o MoYem pela centésima Yez. “Aproximeime de uma personalidade, e ela é o companheiro de Yiagem de ClaZdia.” Também ele estaYa meio tonto; com uma das mãos, Iazia girar a taça sobre si mesma, em cima da mesa. A outra mão, tinha-a no bolso da calça, e IechaYa um olho para Tue não entrasse a Iumaça do cigarro Tue lhe pendia no canto da boca. Não seria melhor permanecer calado, depois dessas palaYras terem sido proIeridas por uma pessoa Tue tinha Yocação para atroá-las? Para Tue Iazer ouYir sua Yoz débil? Mas seus dois educadores democratas o haYiam

acostumado a discussões: ambos democratas por natureza, se bem que um não gostasse de sê-lo; assim, deixou-se arrastar e acabou por fazer um de seus comentários ingênuos:

— Suas observações, Mynheer Peeperkorn — (Que expressão era essa? Porventura se faziam “observações” sobre o fim do mundo?) —, suas observações reconduziram meus pensamentos até ao ponto em que o senhor acaba de estabelecer quanto ao Yício, isto é, que constitui um insulto às dádivas simples e, segundo disse o senhor, sagradas, ou, como eu prefiro dizer, às dádivas clássicas da Yida, as dádivas de Yulto, em certo sentido, antepor-lhes as dádivas posteriores, refinadas, os refinamentos, aos quais as pessoas “se abandonam”, para repetir uma expressão usada por um de nós dois, ao passo que “se consagram” ou “fazem honra” às belas dádivas. Mas nesse ponto, precisamente, parece-me residir a desculpa... O senhor me perdoe, mas a minha natureza é propensa a desculpas, se bem que elas careçam de envergadura, como sinto nitidamente... Ora, nesse ponto parece-me residir a desculpa do Yício, porque este, conforme verificamos, se baseia na tacanhez. O senhor pronunciou sobre os horrores da tacanhez palavras de tamanho peso que me deixou sinceramente emocionado. No entanto, acho que a pessoa Yiciada não se mostra insensível, em absoluto, a esses horrores, mas os reconhece plenamente, uma vez que o Iracasso do seu

sentimento em face das dádivas clássicas da Yida a impele em direção ao Yício. De modo que nisso não há, ou não precisa haver, nenhuma ofensa à Yida, desde que essa atitude pode, com a mesma razão, ser considerada uma homenagem à Yida, tendo-se em conta que os refinamentos são meios de embriagar-se e de

exaltar-se, estimulância, como se costuma dizer, meios usados para o apoio e a elevação da sensibilidade, de maneira que, apesar de tudo, sua finalidade e seu objetivo se mantém a Yida, o amor ao sentimento, o desmoro de sentimento que experimenta a ticanheza... Parece-me...

Que é que está dizendo? Não basta a tutela insolência democrática de empregar as palavras “um de nós dois”, ao referir-se de um lado a uma personalidade e do outro a si próprio? Vinha-lhe a coragem necessária para tal ousadia de um passado que punha em dúvida certos direitos de posse? Que lhe dera na Yenetá quando se metia nessa análise igualmente petulante do “Yício”? A única coisa que agora lhe restava fazer era sair do apuro, pois tornou-se evidente que acabava de desencadear uma tempestade terrível.

Entanto o seu conyidado Ialaça, Mynheer Peeperkorn tinha permanecido na sua posição anterior, com o corpo atirado para trás e a cabeça curvada sobre o peito, de modo que não se podia saber se as palavras de Hans Castorp lhe penetram na

consciência. A essa altura, porém, pouco a pouco, Tuanto mais se conIundia o MoYem, mais se empertigaYa o holandês, aIastando-se do espaldar e aparecendo em toda a sua grandeza; ao mesmo tempo, a maMestosa cabeça tornaYa-se rubra e congestionada; subiam, entesando-se, os arabescos da Ironte; os olhinhos dilataYam-se numa ameaça indistinta. Que estaYa se preparando? Parecia a ponto de se desencadear um acesso de raiYa, comparado com o Tual o anterior não passaria de ligeiro agastamento. O lábio inIerior de Mynheer comprimia-se contra o superior numa expressão de ira Yiolenta, Iazendo descer os cantos da boca e aYançar o Tueixo. Lentamente, o braço direito ia se distanciando da mesa; leYantou-se até à altura da cabeça, com o punho cerrado, tomando um magnífico impulso para o golpe Tue aniTuilaria o palrador democrático. Tomado de susto, mas também cheio de um Iantástico prazer deYido a essa imagem expressiYa da indignação de um rei, ele era capaz, somente,

de ocultar o medo e sua imensa Yontade de Iugir dali. Então apressou-se a dizer conciliadoramente:

— Sem dúYida me expressei mal. Tudo isso depende da enYergadura, e de nada mais. Não se pode Tualificar de Yício o Tue tem tal enYergadura. O Yício não a tem nunca, tampouco os prazeres refinados. Mas em todos os tempos, o homem áYido de sentimentos tem disposto de um recurso, de um meio de se

exaltar e embriagar, Tue Iaz parte das dádiYas clássicas da Yida, e cuMo caráter é simples, sagrado, e por conseguinte oposto ao Yício. É um recurso de grande enYergadura, por assim dizer. Falo do Yinho, um presente diYino Ieito aos homens, segundo Má afirmaYam os poYos humanísticos da Antiguidade, a inYenção filantrópica de um deus, relacionada com a própria ciYilização. Não se diz Tue graças à arte de plantar a Yinha e de espremer a uYa os homens abandonaram o estado de selYageria e se ciYilizaram? Ainda hoMe, os poYos em cuMos países há parreiras são considerados mais ciYilizados, ou pelo menos Mulgam-se assim, do Tue aTueles Tue não têm Yinho, os cimérios; isso é realmente notáYel. Pois significa Tue a ciYilização, em Yez de ser um assunto do intelecto e da sobriedade ponderada, depende do entusiasmo, da ebriedade e da sensação de deleite. Não é essa também a sua opinião, se posso tomar a liberdade de lhe Iazer a pergunta?

Um sabido, esse Hans Castorp. Ou, como o sr. Settembrini Iormulara com certo reTuinte literário, um “maganão”. Imprudente e até atreYido no contato com personalidades, e ao mesmo tempo hábil, Tuando se trataYa de se liYrar da encrenca. Agora, numa situação complicadíssima, acabaYa de improYisar, com muita graça, um discurso em homenagem ao alcoolismo; além disso mencionara, de passagem, a “ciYilização”, da Tual, na Yerdade, pouco se notaYa na primitiYidade IormidáYel da atitude

de Mynheer Peepkorn; e finalmente conseguira abrandar e tornar inoportuna essa atitude aterradora, ao fazer uma pergunta à Tual era impossível responder com o punho erguido. E de Iato o holandês suaYizou o seu gesto de rancor antediluviano. Descendo lentamente, o braço se aproximaYa da mesa; a cabeça se descongestionaYa. “Sorte sua!” é o Tue se lia em sua fisionomia, Tue mostraYa apenas restos da ameaça anterior. Dissipara-se a tempestade, e para liTuidar o caso a sra. Chauchat interYeio, chamando a atenção do seu companheiro de Yiagem sobre o declínio da animação Tue se YerificaYa entre os comensais.

— Meu amigo, Yocê se estTuece de seus conYidados — disse em Irancês. — Está se dedicando com demasiada exclusiYidade a esse senhor, por mais importantes Tue seMam os assuntos a tratar. Mas nesse meio-tempo o Mogo parou Tuase completamente, e receio Tue os outros se aborreçam. Quer Tue encerremos a sessão?

Peepkorn Yoltou-se prontamente à roda dos conYidados. Era Yerdade: desmoralização, letargia e marasmo haYiam se alastrado entre eles, Tue se encontraYam entregues às mais diIerentes ocupações, como uma classe de colegiais Tuando Ialta a autoridade do proIessor. Alguns estaYam a ponto de adormecer. Peepkorn não tardou a retomar as rédeas Tue lhe tinham escapado da mão.

— Senhoras e senhores! — gritou com o indicador leYantado, e esse dedo pontudo Tual uma lança parecia uma espada Tue desse um sinal, ou uma bandeira. Seu apelo, por sua Yez, recordaYa o “Siga-me Tuem não Ior coYarde!” de um líder Tue fizesse parar um princípio de debandada. A interYenção da sua personalidade teYe o eIeito imediato de unir e reanimar o grupo. Os comensais reagiram. Compuseram as fisionomias Tue antes estaYam Irouxas. Entre sorrisos e acenos, fitaram os olhos do anfitrião, esses olhos baços sob as rugas lineares da Ironte, Tue daYam a seu rosto a aparência de um ídolo. E o holandês Iascinou-os a todos, obrigou-os a se dedicar noYamente ao serYiço, apenas abaixando a ponta do indicador em direção ao polegar e eleYando os demais dedos com as unhas compridas. Com um gesto Tue ao mesmo tempo protegia e moderaYa, espalmou as mãos de capitão, enTuanto dos lábios doloridos e gretados se desprendiam palaYras cuMa indistinção e Ialta de nexo exerciam, graças ao apoio da sua personalidade, uma poderosa influência sobre os espíritos.

— Senhoras e senhores! Muito bem. A carne, senhoras e senhores, é inIelizmente... Basta. Não, peço Tue me permitam... “Iraca”, reza a Escritura. “Fraca” isto é, propensa a esTuiYar-se às exigências Tue... Mas eu apelo à sua... Numa palaYra, senhoras e senhores, eu a-pe-lo. TalYez me digam Tue o sono... Muito bem,

senhoras e senhores, ótimo, excelente. Eu amo o sono e honro-o. O sono Iaz parte das... Como é Tue o senhor Iormulou, meu caro MoYem?... Ora: das dádiYas clássicas da Yida, e entre elas ocupa o primeiro, o primeiríssimo... perdão... o supremo, senhoras e senhores. Queiram, porém, obserYar e lembrar-se: Getsêmani! “E, tendo tomado consigo Pedro e os dois filhos de Zebedeu, disse-lhes: Ficai aTui e Yigiai comigo.” Os senhores se lembram? “Depois Ioi ter com seus discípulos, e encontrou-os dormindo, e disse a Pedro: Não pudeste Yigiar uma hora comigo?” É bastante intenso, senhoras e senhores. Pungente. Emocionante. “E Ioi noYamente, e encontrou-os dormindo; porTue seus olhos estaYam pesados de sono... E disse-lhes: Ah, agora Tuereis dormir e descansar? Eis Tue a hora está próxima...” Senhoras e senhores, é lancinante, dilacera o coração. De Iato, todos estaYam comoYidos e enYergonhados até o Iundo da alma. O holandês tinha as mãos Muntas sobre o peito, por cima do caYanhaTue ralo, e inclinaYa obliTuamente a cabeça. Seu olhar apagado turYara-se em Iace da tristeza solitária e mortal Tue lhe brotara dos lábios gretados. A sra. St, hr soluçaYa. A sra. Magnus soltou um proIundo suspiro. O promotor ParaYant, na Tualidade de representante dos conYidados, como uma espécie de delegado, Yiu-se induzido a dirigir, em Yoz abaIada,

algumas palavras ao Yenerado anfitrião, para garantir-lhe a lealdade de todos os seus Yassalos. DeYia haYer um eTuíYoco. Ninguém estaYa cansado; todos se sentiam alegres, dispostos, animados, cheios de bom humor e plenamente atentos. Era uma noite tão linda, tão IestiYa, uma noite simplesmente extraordinária; todos compreendiam isso e tinham a mesma sensação. Ninguém pensaYa por enTuanto em lançar mão daTuela dádiYa da Yida Tue era o sono. Mynheer Peeperkorn podia contar com os seus conYidados em conMunto e com cada um em particular.

— PerIeitamente! Magnífico! — exclamou Peeperkorn, empertigando-se. Suas mãos se desligaram, separaram-se e subiram. Ficou com os braços abertos, dirigidos para cima, e com as palmas Yiradas para Iora como numa oração pagã. Sua fisionomia grandiosa, Tue haYia poucos instantes ainda Yibrara de mágoa gótica, abriu-se, exuberante e MoYial. Até mesmo uma coYinha de sibirita assomou-lhe subitamente na Iace. “Eis Tue está próxima a hora...” E pediu o cardápio. Colocou no nariz um pince-nez com aros de chiIre, e cuMa ponte se erguia na altura da testa. Encomendou champanhe, três garraIas de Mumm & Cia., Cordon rouge, très sec, acompanhadas de petits Iours, peTuenas guloseimas, deliciosas e conIormes, com uma saborosa massa cor de barro, reYestida de um glacê de açúcar, recheadas de cremes de chocolate e de

pistache, e oIerecidas sobre papezinhos com beiras rendadas. A sra. St, hr lambia os dedos ao proYá-las. O sr. Albin, com uma calma displicente, libertou a primeira rolha da sua gaiola de arame e deixou o cogumelo de cortiça desprender-se do gargalo adornado, com o estalo de uma pistola de criança, e saltar até o teto. Em seguida, conIorme a tradição elegante, embrulhou a garraIa num guardanapo, antes de despeMar o Yinho. A nobre espuma molhou o linho das toalhas Tue cobriam as mesinhas auxiliares. Fizeram tinir as taças, e esYaziaram-nas de um só trago. O estômago sentia-se

eletrizado pelas cócegas do líTuido gelado e aromático. Os olhos começaram a brilhar. O Mogo ficara interrompido, sem Tue se dessem ao trabalho de recolher as cartas e o dinheiro espalhado na mesa. A roda abandonou-se a um deleitoso Iar niente, mesclado com uma conYersação sem nexo, cuMos elementos cada um extraía da sua sensibilidade aguçada; elementos sumamente promissores na sua Iase primitiYa, mas Tue no caminho à expressão se haYiam transIormado numa algaraYia Iragmentária, entaramelada entre indiscreta e incompreensíYel, capaz de enYergonhar ou enIurecer TualTuer pessoa sóbria Tue a ouYisse. A essa altura, porém, os comensais suportaYam-na sem obMeção alguma, Yisto se acharem todos no mesmo estado. Até a sra. Magnus tinha as orelhas rubras e alegaYa sentir como a Yida pulsaYa nas suas Yeias; afirmação

de Tue o marido parecia gostar pouco. Hermine KleeIeld, recostando-se ao ombro do sr. Albin, estendia-lhe a taça para Tue a enchesse de Yinho. Peeperkorn dirigia a bacanal com esmerados gestos dos dedos de unhas pontudas. Também proYidenciou acerca do abastecimento e dos reIorços. Depois do champanhe, mandou trazer caIé, moca Iortíssimo, Tue Yinha noYamente acompanhado de “pão” e de licores doces, mas picantes, como são apricots brandy, chartreuse, crême de Yanille e maraschino, para as senhoras. Mais tarde apareceram ainda filés de peixe aYinagrado e cerYeMa, e finalmente chá, de duas espécies, chá chinês e chá de macela, para Tuem não preIerisse conserYar-se fiel ao champanhe ou aos licores, ou ainda Yoltar a beber um Yinho genuíno. Assim Iazia Mynheer, cuMo processo de purificação íntima progredira, depois da meia-noite, em direção a um tinto suíço de um buTuê ingênuo-Irisante, Tue bebia em companhia da sra. Chauchat e de Hans Castorp, e do Tual emborcaYa taça após taça, como se realmente estiYesse com sede.

À uma hora, a sessão IestiYa ainda se arrastaYa, prolongada ora pela paralisia plúmbea da embriaguez, ora pelo prazer singular de desperdiçar a noite, ora enfim pela influência da personalidade de Peeperkorn e pelo exemplo inIausto de São Pedro e dos seus, cuMa IraTueza ninguém Tueria imitar. De modo geral, o belo sexo parecia menos exposto a tal

perigo; pois, ao passo que os homens, corados ou pálidos, buIando, com as pernas esticadas, bebiam apenas mecânica e esporadicamente, sem reYelar o Verdadeiro entusiasmo no cumprimento do deYer, as mulheres mostraYam-se mais atiYas. Hermine KleeIeld, com os cotoYelos desnudos apoiados na mesa e o rosto fincado entre as mãos, exibiu rindo a brancura dos seus dentes ao cacareMante Ting-Fu, enTuanto a sra. St , hr, achegando o Tueixo ao ombro aYançado, lançaYa ao promotor ParaYant olhares Iaceiros Tue lhe deYiam Iomentar a Yontade de YiYer. A sra. Magnus chegara ao ponto de instalar-se sobre os Moelhos do sr. Albin e puxá-lo pelas orelhas, o Tue o sr. Magnus obserYaYa com maniIesto alíYio. Anton KarloYitch Ferge Ioi solicitado a contar a história do choTue pleural, mas a língua embargada impediu-o de realizar o intento; ele conIessou Irancamente seu Iracasso, e os outros, por unanimidade, consideraram Tue isso era motiYo para beber mais. Durante alguns instantes, Wehsal Yerteu lágrimas amargas, brotadas de certos abismos da miséria, cuMa proIundeza a sua língua Má não estaYa em condições de desYendar à humanidade; com caIé e conhaTue, no entanto, conseguiram endireitar-lhe o espírito. Os gemidos Tue se arrancaYam de seu peito e o Tueixo rugoso, trêmulo e inundado de lágrimas despertaram, por outro lado, o mais YiYo interesse de Peeperkorn, Tue, erguendo o polegar e alçando os arabescos da Ironte, chamou a atenção de todos sobre o estado de Wehsal.

— Isto é... — disse. — Realmente, isto é... Não, permita-me: sagrado! SeTue-lhe o Tueixo, minha filha, tome aTui meu guardanapo! Não! melhor deixá-lo em paz! Ele preIere Tue não. Senhoras e senhores... é sagrado! Sagrado sob todos os aspectos, no sentido cristão e no pagão! Um protoIenômeno! Um Ienômeno de primeira... de suprema... Não, não, isto é...

Essas palaYras “Isto é...” e “Isto é mesmo...” IormaYam o leitmotiY das explicações e comentários Tue acompanhaYam seus gestos precisos, ainda Tue estes, com o tempo, tiYessem assumido caráter leYemente grotesco. Ele tinha um Meito de manter à altura da orelha o anel Tue o polegar IormaYa com o indicador, e de aIastar desse anel a cabeça inclinada, com uma expressão humorística Tue despertaYa sensações iguais àTuelas Tue originaria o sacerdote idoso de um culto estranho, caso dançasse diante do altar de sacriÍcios, arregaçando a Yestimenta com uma graça esTuisita. Em outra ocasião, reIestelando-se em toda a sua grandeza, com os braços a cingir os espaldares das cadeiras Yizinhas, obrigou os comensais, para grande perplexidade de todos, a eYocar, Munto com ele, a Yisão YiYa e intensa da manhã, uma gélida e sombria manhã de inYerno, com a luz amarela da lâmpada de cabeceira espelhando-se na Yidraça, sobre um Iundo de ramaria calYa, Tue lá Iora se ouriçaYa na madrugada brumosa, glacial, áspera

como o grito das gralhas... Pela descrição sugestiva, soube dar tanta força a esse quadro singelo e cotidiano que os convidados ficaram todos arrepiados, principalmente quando lhes recordou a água gelada espremida de uma grande esponja sobre a nuca, e que qualificou de sagrada. Tudo isso era apenas uma digressão, um exemplo destinado a ensinar-lhes a atenção em face das coisas da vida, um improviso fantástico, que ele logo abandonou, para novamente deotar a sua heróica ênfase e a presença dos seus sentimentos a essa hora noturna, intensamente desenhada. Mostrou-se apaixonado por tudo quanto era mulher que se achava a seu alcance, sem preferências nem discriminação. Fez à anã declarações tais que o rosto envelhecido, excessivamente grande, da desgraçada criatura se enrugou todo num vasto sorriso. Disse à sra. St., hr galanteios de tal calibre que a mulher ordinária,

avançando ainda mais o ombro, levou a sua costureira à itação às raias da perfeita loucura. Pediu à Kleeleld que lhe desse um beijo na boca ampla e gretada, e perseguiu até a insípida sra. Magnus — tudo isso sem detrimento da terna dedicação que demonstrava à sua companheira de viagem, cuja mão intensamente levava aos lábios, com um ardor calheiresco.

— O Yinho... — disse. — As mulheres... Isto é... Isto é mesmo... Permitam-me... Fim do mundo... Getsêmani...

Por volta das duas horas espalhou-se o boato de que “o velho”, que dissera, o conselheiro Behrens, se aproximava a passo acelerado das salas de reunião. No mesmo instante produziu-se grande pânico entre os pensionistas enervados. Cadeiras e baldes de gelo foram derrubados. Os convidados fugiram pela porta da biblioteca. Peeperkorn, tomado de cólera momentânea, ao ver o brusco encerramento da festa, deu com o punho na mesa e gritou algo como “escravos medrosos” por trás do pessoal que se sumia. Mas Hans Castorp e a sra. Chauchat conseguiram que ele se conformasse, até certo ponto, com a ideia de que esse festim, depois de duas horas de duração, tinha que terminar, afinal. Também aconteceu quando lhe lembraram o sagrado regalo do sono, e permitiu que o levassem para a cama.

— Ampare-me, minha filha! Ampare-me do outro lado, moço — disse à sra. Chauchat e a Hans Castorp. E eles mudaram-no a levantar da cadeira o corpo pesado. Ofereceram-lhe o braço, e escorado por ambos começou a trilhar o caminho que o levaria ao repouso. Caminhava com as pernas abertas, inclinando a enorme cabeça para um dos ombros levantados, e empurrava ora um ora outro dos seus guias de modo a seu andar cambaleante. Na realidade permitia-se o luxo de um rei ao exigir que o pilotassem e apoiassem dessa forma. Se o achasse necessário, provavelmente teria sido capaz de caminhar

sozinho. Mas Peeperkorn desdenhou tal esIorço Tue, em todo caso, só

poderia ter o sentido mesTuinho e inIerior de dissimular pudicamente a sua ebriedade, ao passo Tue ele, eYidentemente, não tinha a mínima Yergonha dela, exibindo-a de modo magnífico e exuberante. DaYa-lhe um prazer régio, Tuando aTueles cambaleios dirigiam seus serYiçais ora para a direita ora para a esTuerda. Ele mesmo disse, enTuanto aYançaYam:

— Meus filhos... Bobagem... Não estamos nem um pouTuinho... Se nesse momento... Vocês deYeriam Yer... Ridículo...

— Ridículo! — confirmou Hans Castorp. — Não existe a menor dúYida! Tributa-se à dádiYa clássica da Yida o Tue se lhe deYe, Tuando se cambaleia dessa Iorma em sua homenagem, sem dissimulação. Pelo contrário, a sério... Eu também bebi bastante, mas, apesar da minha pretensa embriaguez, tenho absoluta clareza da honra especial Tue me cabe ao poder conduzir à cama uma Yerdadeira personalidade, e daí ser tão Iraco o eIeito Tue a embriaguez exerce sobre mim, cuMa enYergadura nem seTuer pode ser comparada com...

— Ora, ora, seu tagarelinha — disse Peeperkorn, e a passo Yacilante o comprimia contra o corrimão da escada, arrastando consigo a sra. Chauchat.

O rumor de que o conselheiro se aproximava não passava, como se manifestou, de um rebote. Também, talvez posto em circulação pela anfitriã, na intenção de dar cabo da reunião. Nessas circunstâncias, Peeperkorn estacou e fez menção de voltar para continuar com a bebedeira. Mas de ambos os lados recebeu sugestões em contrário, e assim consentiu em que o pussem novamente em movimento.

O criado malaio, aquele homenzinho com gracinha branca e sapatos de seda preta, esperava o patrão no corredor, diante da porta do apartamento. Acolheu-o com uma mesura, levando uma das mãos ao peito.

— Bem-vem, vocês dois! — ordenou Peeperkorn. — Meu caro senhor, cabe a você dar um beijo de despedida na

fronte dessa mulher encantadora! — acrescentou, dirigindo-se a Hans Castorp. — Ela não lhe dará recompensa e lhe retribuirá. Façam isso, vocês dois, à minha saúde e com a minha licença! — ele disse; mas Hans Castorp se negou a executar a ordem.

— Não, Vossa Magestade — disse. — O senhor me desculpe, mas não é possível.

Peeperkorn, encostado ao malaio, alçou os arabescos da

fronte e quis saber por que não era possível.

— PorTue não posso trocar beiMos na Ironte com a sua
companheira de Yiagem — explicou Hans Castorp. —
DeseMo-lhe uma boa noite de repouso. Não, isso seria sob todos
os aspectos uma grande tolice.

E como também a sra. Chauchat se encaminhasse à porta de seu
Tuarto, Peeperkorn consentiu em Tue o MoYem obstinado se
aIastasse, sendo Tue ainda o acompanhou por algum tempo com
os olhos, por sobre o próprio ombro e o do malaio, com a testa
Iranzida, e muito surpreso com tamanha insubordinação, Tue sua
natureza de soberano não estaYa habituada a encontrar.

MYNHEER PEEPERKORN (CONTINUAÇÃO)

Mynheer Peeperkorn residiu no Sanatório BerghoI durante todo esse inYerno — Tuer dizer, durante os meses Tue ainda restaYam dele — e uma parte da primaYera, de modo Tue por último pôde-se realizar uma notáYel excursão em grupo (também Naphta e Settembrini tomaram parte) ao Yale de Flüela e à cascata Tue lá existe... Por último? Quer dizer Tue não ficou mais tempo? — Não, não ficou mais tempo. — Partiu então? — Sim e não. — Sim e não? Nada de mistérios, por IaYor. É preciso resignar-se. O tenente Ziemssen também Ialeceu, sem Ialar de muitas outras pessoas menos honradas Tue entraram na dança da morte. De maneira Tue o conIuso Peeperkorn morreu daTuela Iebre tropical maligna? — Não, não Ioi assim. Mas por Tue tanta impaciência? DeYe-se respeitar a condição da Yida e da narratiYa, segundo a Tual as coisas não podem acontecer todas ao mesmo tempo. Cumpre não se rebelar contra as Iormas do conhecimento humano Tue Deus nos conIeriu. Prestemos ao tempo pelo menos tanta honra Tuanta ainda permite a natureza da nossa história! De todo modo não sobra mais muita. A narração precipita-se aos trambolhões ou, se a expressão porYentura soa por demais barulhenta, Yai deslizando com a rapidez do Yento, Yum, Yum! Quem indica o nosso tempo é um ponteirozinho Tue saltita como se medisse segundos, mas

cada Yez Tue passa pelo Yértice, Iriamente e sem se demorar, significa sabe Deus o Tuê. Já Iaz anos, isso é indiscutível, Tue nos achamos aTui em cima. Sentimo-nos tomados de Yertigem. Sonhamos um sonho Yicioso, sem ópio nem haxixe, e o censor Tue Yela pelos bons costumes não deixará de nos condenar — no entanto nos esIorçamos, de propósito, por opor à néYoa perniciosa a mais intensa clareza de raciocínio e o máximo de agudeza lógica! Não é por acaso, conYém reconhecer, Tue nos rodeamos de inteligências como as dos srs. Naphta e Settembrini, em Yez de nos cercarmos apenas de esIumados Peeperkorns — e, é bem Yerdade, isso leYa a uma comparação Tue, sob certos pontos de Yista, principalmente no Tue se reIere à envergadura, resulta YantaMosa para a personagem Tue surgiu depois, como também Hans Castorp parecia concluir, deitado em sua sacada e refletindo sobre os dois educadores excessivamente articulados, Tue lhe disputaYam a pobre alma; ele YerificaYa Tue ambos pareciam anões em conIronto com Pieter Peeperkorn, a ponto de sentir-se inclinado a Tualificá-los de “tagarelinhas”, assim como o holandês, em um chiste de régia ebriedade, fizera com ele; e saudou como Ieliz e proYeitoso Tue a pedagogia hermética ainda lhe proporcionasse o contato com uma autêntica personalidade.

Que essa personalidade fosse o companheiro de Viagem de Clizia e como tal constituísse imenso obstáculo era problema à parte, mas não perturbava a objetividade de Hans Castorp. A simpatia sinceramente respeitosa, embora às vezes um tanto atrevida, lhe inspirava esse homem de grande envergadura não era perturbada, repetimo-lo, pela simples circunstância de ele viver em comunhão de bens com uma mulher que emprestara uma lapiseira a Hans Castorp numa noite de Carnaval. Nosso Moym não era de índole a deixar-se influenciar por essas coisas. Não duvidamos de que certos leitores ou leitoras se escandalizarão com tamanha “alta de temperamento” e de que bem prefeririam que ele odiasse e evitasse Peeperkorn, que o tratasse, no seu íntimo, como um velho burro e beberrão tartamudo, em vez de visitá-lo por ocasião dos seus ataques de febre intermitente, sentar-se à beira da sua cama, conversar com ele (esse verbo naturalmente só se refere às contribuições que o colóquio recebia da parte de Hans Castorp, e não às do grandioso Peeperkorn) e submeter-se assim ao influxo dessa personalidade, com o espírito curioso de quem via para se

instruir. Mas era precisamente o que ele fazia, e relatamos o fato indiferentes ao perigo de que diante disso alguém se possa recordar de Ferdinand Wehsal, que costumava carregar o sobretudo de Hans Castorp. Essa reminiscência não demonstra

coisa alguma. O nosso herói não era nenhum Wehsal. Nada tinha Tue Yer com os abismos da miséria. Apenas não era “herói”, Tuer dizer: não deixaYa Tue suas relações com o masculino Iossem determinadas pela mulher. Fiéis ao nosso princípio de não o apresentar nem melhor nem pior do Tue era, constatamos Tue ele se recusaYa simplesmente, e não de Iorma intencional e expressa, mas de modo todo ingênuo, a consentir em Tue influências romanescas o impedissem de ser Musto no Mulgamento de seu próprio sexo e o priYassem da capacidade de apreciar experiências realizadas nessa esIera, e Tue pudessem ser proYeitosas para a sua Iormaçoão. Pode ser Tue essa atitude não agrade às mulheres, e, se não nos enganamos, a sra. Chauchat, sem Tuerer, incomodaYa-se muito com ela; certas indiretas Tue lhe haYiam escapado, e Tue assinalaremos no Tue se segue, apontam para isso. Mas talYez Iosse Mustamente essa Tualidade o Tue fizesse de Hans Castorp obMeto bastante próprio para disputas pedagógicas.

Pieter Peeperkorn achaYa-se acamado com IreTuência: e não seria motiYo de surpresa Tue isso Iosse acontecer no dia seguinte àTuela noite de Mogo e de champanhe. Quase todos os Tue haYiam participado da sessão prolongada e exaustiYa sentiam-se mal, inclusiYe Hans Castorp, Tue soIria de Iorte dor de cabeça. Mas nem por isso deixou de Yisitar o anfitrião da Yéspera em seu Tuarto de enIermo. Fez-se anunciar pelo

maltaio, Tue encontrou no corredor do primeiro andar, e Ioi recebido com boas-vindas.

Entrou no dormitório do holandês, onde havia duas camas. Antes atravessara um salão que o separava do quarto da sra.

Chauchat, e pôde verificar que esses aposentos diferiam das peças normais que o Bergholt alugava aos

pensionistas, tanto pelas dimensões como pela elegância da mobília. Existiam ali poltronas forradas de seda e mesas de pernas arredadas. Um tapete laranja cobria o chão, e também as camas não pertenciam ao tipo vulgar de higiênicos leitos de morte. Eram até suntuosas, feitas de madeira polida, com guarnições de latão, e tinham um pequeno dossel comum, sem cortinas pendentes; o que as unia era apenas um pequeno baldacim protetor.

Peeperkorn estava estendido sobre um dos dois leitos. Na colcha de seda vermelha estavam livros, cartas e jornais. Com o pince-nez de aros de ouro colocado muito alto na testa, lia o Telegraaf. Sobre uma cadeira ao lado da cama havia um sermão de café e uma garrafa de vinho tinto meio vazia; era o mesmo da noite anterior, com o buquê ingênuo-irisante, e, ao lado, vidros de remédios na mesinha de cabeceira. Para discreta surpresa de Hans Castorp, a camisola que o holandês usava não era branca, mas de lã, com mangas compridas, abotoadas nos punhos, e tinha, em vez de gola, um decote redondo;

aMustaYa-se estreitamente aos largos ombros e ao peito imponente do Yelho. A grandiosidade humana da cabeça Tue Mazia sobre o traYesseiro ressaltaYa em Yirtude desse traMe, Tue a distanciaYa da esIera burguesa e imprimia à figura de Peeperkorn um cunho em parte proletário-popular e em parte eternizado, como num busto.

— PerIeitamente, meu caro MoYem — disse, enTuanto pegaYa na ponte do pince-nez, para tirá-lo. — Faça-me o IaYor... Absolutamente. Pelo contrário.

E Hans Castorp sentou-se Munto dele, escondendo seu assombro compassiYo — a não ser Tue Iosse admiração real aTuilo Tue lhe impunha seu próprio senso de Mustiça. Para dissimular esse sentimento, recorreu a lugares-comuns amistosos e animados, Tue Peeperkorn secundaYa com Irases impressionantemente abruptas e gesticulação enIática. O holandês não tinha bom aspecto. Seu rosto estaYa amarelo e mostraYa traços de soIrimento e Iadiga.

Pela manhã, tiYera Yiolento acesso de Iebre, e o subseTvente cansaço aliaYa-se à ressaca proYocada pela embriaguez da Yéspera.

— Ontem Iomos um tanto longe — disse. — Não, permita-me... Foi exagerado e preMudicial... O senhor ainda está... Bem, no seu caso não Iaz mal. Mas na minha idade e para a minha abalada...

Minha filha — prosseguiu, dirigindo-se com terna, mas decidida seYeridade para a sra. Chauchat, Tue acabaYa de entrar pela porta do salão —, está tudo muito bem, mas eu lhe repito Tue teria sido melhor Yigiar-me e impedir-me de...

EnTuanto proIeria essas palaYras, YibraYam-lhe nas Ieições e na Yoz os prenúncios de um ataTue de raiYa soberana. Mas bastaYa imaginar a tempestade Tue teria irrompido se alguém houYesse Ieito uma tentatiYa de estorYar-lhe seriamente a bebedeira para aYaliar a totalidade da inMustiça e insensatez dessa censura. Essas coisas talYez seMam inerentes à grandeza. Com eIeito, sua companheira de Yiagem passou por cima do assunto e cumprimentou Hans Castorp, Tue se leYantara. Não lhe deu a mão, mas limitou-se a sorrir e a pedir “Tue não se incomodasse, por IaYor” e Tue “de maneira alguma” interrompesse o seu tête-à-tête com Mynheer Peeperkorn. Logo se entregou a uma série de atiYidades. Mandou o criado retirar o serYiço de caIé. Desapareceu por alguns instantes e Yoltou com aTuele seu andar Ielino. Sem sentar-se, procurou tomar parte na conYersa, ou — se Tueremos aderir à opinião Yaga de Hans Castorp — empenhou-se em controlá-la um pouTuinho. Claro! Tinha plena liberdade de regressar ao Sanatório BerghoI em companhia de uma personalidade de grande enYergadura; mas, Tuando o homem Tue tanto esperara por ela prestaYa a essa personalidade as deYidas honras, de homem para homem,

ela se mostrava inquietada e mesmo sarcástica, com todos esses “por favor” e “de maneira alguma”. Hans Castorp riu-se disso, baixando bem a cabeça, a fim de ocultar o sorriso.

Ao mesmo tempo sentiu-se abrasado de alegria interior.

Peeperkorn serviu-lhe uma taça de vinho, da garrafa que se encontrava na mesinha de cabeceira. Nas atuais circunstâncias, opinava o holandês, o melhor que se podia fazer era continuar no ponto onde haviam parado à noite anterior, e esse vinho leve tinha o mesmo efeito que água gaseificada. Bebeu à saúde de Hans Castorp, e este, enquanto bebia, observou como a sardenta mão de capitão, com as unhas pontudas e o punho abotoado da camisola de lã a estreitar-lhe o pulso, erguia o copo; e como os lábios amplos e gretados pousavam-lhe na borda, e o vinho deslizava pela garganta proletária ou escultórica, que alternadamente se levantava e descia. Depois vieram a falar do remédio que se via no criado-mudo, um líquido pardo do qual Peeperkorn engoliu uma colherada, a conselho e com o auxílio da sra. Chauchat. Tratava-se de um antipirético à base de quinina. Peeperkorn fez que o visitante o provasse para conhecer o gosto característico do preparado, amargo e contido aromático. A seguir manifestou seu elogio à quinina, que não somente era uma bênção por destruir os germes e exercer um efeito salutar sobre o centro regulador da temperatura, mas que também merecia ser

apreciada como tônico: reduzia o metabolismo da albumina, IaYorecia a assimilação dos alimentos; numa palaYra, constituía uma poção Ieita para regalar a gente, um remédio magnífico, Tue Iortalecia, estimulaYa e reaYiYaYa. Também era inebriante, e seria Iácil uma pessoa embriagar-se de Tuinina — acrescentou, pilheriando e esboçando gestos sugestivos com a cabeça e a mão, Tue noYamente o assemelhaYam a um sacerdote pagão a bailar.

Que substância maraYilhosa, essa casca IebríIuga! Não Iazia, aliás, nem três séculos Tue a Iarmacologia europeia sabia da sua existência, e não haYiam decorrido cem anos desde Tue a Tuímica descobrira o alcaloide ao Tual essa casca deYia as suas Yirtudes, isto é, a própria Tuinina. Descobrira-o e analisara-o até certo ponto, mas não podia

pretender ter elucidado completamente a sua composição e não conseguira produzi-lo artificialmente. Falando de modo geral, nossa Iarmacologia Iaria bem em não se gabar blasIemamente da sua sabedoria, pois em Iace de muitas outras matérias acontecia-lhe o mesmo. Tinha ela certos conhecimentos a respeito do dinamismo, dos eIeitos das substâncias, mas o problema de encontrar a causa exata desses eIeitos IreTuentemente lhe criaYa sérios embaraços. Se o MoYem se ocupasse um pouTuinho com a toxicologia, Yerificaria Tue ninguém era capaz de inIormá-lo acerca das Tualidades

elementares. Tuas determinam os efeitos dos chamados venenos. Há, por exemplo, os venenos das serpentes, dos quais apenas se sabia que essas secreções animais pertenciam ao grupo dos compostos de albumina, constam de diversos tipos de albuminoides e somente produzem seus efeitos fulminantes sob uma determinada combinação, que permanecia completamente indeterminada, no entanto. Quando introduzidas na circulação do sangue, originam consequências pasmosas, uma vez que ninguém estava acostumado a ver a albumina agir como peçonha. Mas, quanto ao mundo das substâncias tóxicas — disse Peepkorn, que se soerguera no transeiro e elevou o anel da precisão e os dedos lançados ao lado da cabeça com os olhos apagados e com os arabescos da fronte —, quanto às substâncias tóxicas, a verdade era esta: todas elas eram ao mesmo tempo medicamentos e venenos; a farmacologia e a toxicologia eram uma e mesma coisa; os doentes se curam por meio de tóxicos, e o que era considerado portador da vida podia, sob certas circunstâncias, produzir um espasmo que mata no lapso de um segundo.

O holandês fala sobre remédios e peçonhas com muita insistência, e de modo mais coerente que em geral. Hans Castorp escuta-o, sacudindo a cabeça habitualmente inclinada. O que

Ele interessava-se menos pelo conteúdo das palavras de Peepkorn, mas de coração parecia preocupado com seu assunto, do mesmo modo o estudo silencioso dos fatos e a influência de sua personalidade, mas no fundo era tão inexplicável quanto os venenos das cobras. O dinamismo, que impunha Peepkorn, era o que importava no mundo das substâncias; todo o resto era condicionado a ele. Também a tuina era um veneno medicamentoso, de natureza poderosíssima. Quatro gramas dela bastavam para causar surdez e vertigens, para cortar a respiração, para turbar a vista à maneira da atropina, e para embriagar o paciente tal e qual o álcool. Os operários que trabalhavam nas fábricas de tuina tinham os olhos inflamados e os lábios inchados, além de sofrerem erupções da pele. Entrou a tratar da cinchona, a árvore da tuina, que crescia em florestas úmidas das cordilheiras, a três mil metros de altura, onde tinha seu habitat, e donde sua casca, sob a denominação de “pó dos Jesuítas”, chegara à Espanha em época muito tardia

— ao passo que os indígenas da América do Sul conheciam sua utilidade de longa data. Descreveu as enormes plantações de cinchona que o governo holandês explorava em Java, de onde anualmente se embarcavam para Amsterdã e Londres muitos milhões de tubos dessas cascas tubulares, avermelhadas e parecidas com a canela... Em geral, as cascas eram muito

interessantes, esse tecido Tue enYolYia as árYores, desde a epiderme até o cerne; Tuase sempre, disse Peeperkorn, elas possuíam extraordinárias Tualidades dinâmicas, tanto para o bem como para o mal. Os conhecimentos Tue os poYos de pele escura haYiam desenYolYido com respeito às drogas eram muito superiores aos nossos. Em algumas ilhas a leste da NoYa Guiné, os MoYens preparaYam um filtro de amor, pulYerizando a casca de determinada árYore, proYaYelmente Yenenosa, como a *Antiaris toxicaria* de JaYa, Tue, tal como a mancenilheira, empestaYa o ar em redor com suas exalações e aturdiu homens e animais, até a morte. ATueles MoYens pulYerizaYam, pois, a casca dessa árYore, misturaYam o pó com pedacinhos de coco,

enrolaYam a mistura numa Iolha e IritaYam-na. EnTuanto a adorada esTuiYa dormia, esguichaYam-lhe no rosto o caldo assim obtido, e ela acordaYa apaixonada pelo homem Tue a borriIara. Às Yezes era a casca da raiz Tue tinha poderes singulares, como, por exemplo, a de um cipó do arTuipélago malaio, o *Str\chnos tieuté*, ao Tual os indígenas adicionaYam Yeneno de cobras, para preparar o upas- radcha, uma droga Tue, introduzida na circulação do sangue por meio de uma flechada, tinha por resultado a morte instantânea, sem Tue ninguém soubesse explicar de Tue modo isso se daYa. Apenas se esclarecera Tue o upas, no Tue se reIere ao seu

dinamismo, era parente da estriçnina... E Peeperkorn, Tue acabaYa de sentar-se na cama e de Yez em Tuando apanhaYa a taça de Yinho com a mão de capitão ligeiramente trêmula, a fim de leYá-la aos lábios gretados e de sorYer grandes e áYidos tragos, Ialou da árYore dos olhos de gralha, Str\chnus nux-vomica, da costa do Coromandel, de cuMas bagas alaranMadas, as nozes-Yômicas, se extraía o mais poderoso dentre os alcaloides, a estriçnina.

AbaIando a Yoz a ponto de torná-la um simples murmúrio, e içando as pregas da Ironte, descreYeu a ramaria cinzenta, a Iolhagem estranhamente lustrosa e as flores amarelo-esYerdeadas dessa árYore, de modo Tue o MoYem Hans Castorp obtiYesse dela uma imagem mesclada de melancolia e de cores histericamente exageradas, Tue lhe causou leYes arrepios.

A essa altura, a sra. Chauchat interYeio na conYersação, Iazendo notar Tue Ialar muito não Iazia bem a Peeperkorn, Tue a palestra o cansaYa e talYez lhe acarretasse um noYo acesso de Iebre. Por maior Tue Iosse o desgosto Tue sentia ao interromper a entreYista, Yia-se obrigada a pedir Tue Hans Castorp a desse por terminada esse dia. Este obedeceu, naturalmente, mas no curso dos meses seguintes eram IreTuentes as ocasiões em Tue se achaYa sentado à beira da cama do homem maMestoso, nos dias seguintes aos acessos de Tuartã, enTuanto a sra. Chauchat, controlando discretamente o colóTuio ou também intercalando umas

poucas palavras, andava de cá para lá pelo apartamento. Também nos dias em que o holandês estava sem febre, o Moisés passara muitas horas com ele e com sua companheira de viagem, adornada de pérolas. Quando o holandês não se encontrava acamado, raras vezes deixava depois do jantar de reunir em torno de si uma pequena seleção dos pensionistas do Berghof, cuja composição mudava de uma vez para outra. Iam então jogar, beber e regalar-se com boas coisas, ora no salão, como da primeira vez, ora no restaurante, e Hans Castorp ocupava o seu lugar habitual entre a mulher displicente e o homem magnífico. Uniam-se até para o tradicional exercício ao ar livre; durante passeios dos seus participavam os srs. Ferge e Wehsal, e mais tarde também Settembrini e Naphta, os antagonistas no espírito, que porcosamente encontraram um dia, e que Hans Castorp se sentiu feliz de poder apresentar a Peeperkorn e, finalmente, também a Cláudia Chauchat. Era-lhe indiferente se essa apresentação e essas novas relações fossem ou não agradáveis aos dois adversários, pois tinha a secreta convicção de que ambos necessitavam de um objetivo pedagógico e de que prefeririam conformar-se com um sétimo indesejável a renunciar às disputas travadas em sua presença. Com efeito, não se enganou na esperança de que os membros do seu variado círculo de amigos terminariam por habituar-se ao fato de não se poderem habituar uns aos outros. Era

ineYitáYel Tue entre eles houYesse atritos e diYergências sem conta, e até uma tácita hostilidade; e nós mesmos ficamos admirados ao Yer como nosso herói insignificante conseguia agrupá-los à sua Yolta: temos para nós Tue tal coisa se deYia a uma certa simpatia pela Yida, simpatia lépida e peculiar a seu caráter, Tue lhe afiguraYa tudo Tuanto se dizia como “digno de nota”, e Tue se poderia denominar YínculatiYa, não apenas no sentido de ligar a si pessoas e personalidades das mais diYersas, mas também de ocasionar Yínculos inclusiYe entre elas mesmas, até certo ponto.

Como era curioso o enredo dos fios produzidos por essas relações! Sentimo-nos tentados a mostrar por um instante essa trama complexa, assim como o próprio Hans Castorp a contemplaYa com olhares astutos e beneYolentes, durante os reIeridos passeios. HaYia ali o mísero Wehsal, Tue nutria pela sra. Chauchat um deseMo ardoroso, e Tue deYotaYa a Peeperkorn e a Hans Castorp uma humilde Yeneração; ao primeiro, em Yirtude de estar presente, e ao segundo, em Yirtude do passado. HaYia, por sua Yez, ClaZdia Chauchat, a enIerma YiaMante, com seu andar graciosamente Ielino, escriYa de Peeperkorn por conYicção e Yontade próprias e Tue, apesar de tudo, sempre parecia estar um tanto desassossegada e agressiYa, cada Yez Tue obserYaYa as boas relações entre seu senhor e o caYalheiro de uma remota noite de CarnaYal. Essa irritação não

Iazia pensar em outra, Tue maniIestaYa em sua atitude ante o sr. Settembrini? Esse eloTuento Ialador e humanista, com o Tual antipatizaYa, e Tue tachaYa de presumido e desumano? Esse amigo pedagógico do MoYem Hans Castorp, Tue ela bem gostaria de interrogar sobre o significado de certas palaYras de seu idioma mediterrâneo, do Tual ela ignoraYa cada sílaba, assim como ele Tuanto ao idioma dela, embora com menos desdém: palaYras Tue o italiano gritara atrás do atraente moço alemão, Tuando o burguesinho bonito, de boa Iamília e com sua mancha úmida fizera menção de se aproximar dela... Hans Castorp, Tue andaYa apaixonado “até o pescoço”, como se costuma dizer, não no sentido Mocosos Tue às Yezes se possa dar a essa expressão idiomática, mas como amam os Tue são acometidos de um caso proibido e insensato, impossíYel de decantar em cantigazinhas inocentes da planície — ora, ele Tue andaYa malIerido por essa paixão Tue o tornara dependente, submisso, soIrente e serYil, era todaYia o homem capaz de guardar, em plena escraYidão, uma boa dose de leidez, suficiente para saber Tual o Yalor, agora e depois, de sua dedicação à enIerma lânguida e de olhos tártaros tão encantadores: um Yalor ao Tual ela pôde tornar-se atenta, como ele mesmo dizia de si para si, graças ao comportamento do sr. Settembrini em relação a ela, o Tual lhe confirmaYa as piores suspeitas e era de Iato tão hostil como pudessem permitir

os limites da polidez humanística. Mas o pior, ou, sob o ponto de vista de Hans Castorp, o mais YantaMoso, era Tue ela tampouco se Yiu compensada por suas relações com Naphta, das Tuais esperara muito mais. Verdade é Tue ali não encontraYa a animosidade Tue por princípio o sr. LodoYico opunha à sua maneira de ser, e as condições para uma conYersa entre os dois mostraYam-se mesmo mais IaYoráYeis: de Yez em Tuando, ClaZdia e o baixinho sutil IalaYam em separado, sobre liYros ou problemas da filosofia política, Tue ambos encaraYam da mesma Iorma radical; e Hans Castorp, à sua maneira singela, costumaYa tomar parte nesses colóTuios. Ela, no entanto, não podia deixar de perceber certa reserYa aristocrática nas atenções Tue lhe prestaYa aTuele adYentício, prudente como todos do seu tipo; o terrorismo espanhol de Naphta tinha, na Yerdade, pouco em comum com sua noção de “humaniedade”, propensa a Yagar pelo mundo e a bater as portas; e a isso acrescia-se um derradeiro Iator de natureza muito delicada: uma ligeira malTuerença, dificilmente definíYel, cuMa aura a sra. Chauchat, com sua sensibilidade Ieminina, Iorçosamente sentia da parte dos dois adYersários, de Settembrini e de Naphta (assim como também a sentia seu galã de CarnaYal), e cuMa origem se encontraYa nas relações Tue ambos mantinham com Hans Castorp. TrataYa-se da antipatia do educador contra a mulher como elemento Tue perturba e distrai, desse antagonismo

tácito e primitivo que acabava por uni-los, por nele neutralizar-se sua discórdia pedagógica, ademais muito intensa.

Não havia traços dessa mesma afeição na conduta que os dois dialéticos adotavam ante Pieter Peepkorn? Hans

Castorp acreditava percebê-la, talvez por esperar, com certa maldade, que ela fosse ocorrer. Desse encontro bastante reunido o velho tartamudo com seus dois “conselheiros de regência”, como às vezes os chamava em seu íntimo, chistosamente. Ansiosa era a expectativa resultaria desse encontro. Ao ar livre, Mynheer era menos grandioso que num recinto fechado. O chapéu de feltro macio que ele costumava repuxar sobre os olhos e que encobria as labaredas brancas dos cabelos e os imponentes arabescos da fronte reduzia-lhe as feições, fazendo que elas como que encolhessem; e suprimia até mesmo ao nariz vermelho sua majestade. Além disso, Peepkorn causava menos impressão ao caminhar que ao permanecer parado em pé. Dava passos muito curtos, e a cada um deles inclinava obliquamente todo o seu corpo pesado e mesmo a cabeça, lançando a carga inteira sobre o pé que avançava no respectivo momento, o que fazia pensar antes num velho bonachão que num rei. Em vez de empertigar-se ao andar, como costumava fazer quando se detinha, assumia postura um tanto encurvada. Mesmo assim, ultrapassava por mais de um palmo o sr. Lodenico, sem falar do velho Naphta, e esse não era o único motivo por que sua

presença pesa muito sobre a existência dos dois políticos, como Hans Castorp ante Yira em sua imaginação.

Dessa confrontação resulta uma pressão, uma diminuição e limitações — o que se fazia perceptível não somente a um observador sagaz, mas também aos próprios envidados, tanto aos Iranzinos e outros quanto ao tartamudo imponente. Peeperkorn trata Naphta e Settembrini com extraordinária cortesia e com extrema atenção; de fato lhes um respeito que Hans Castorp qualificaria de irônico, não o impedisse a plena compreensão da incompatibilidade desse admetido com o conceito de uma grande envergadura. Os reis não conhecem a ironia, nem se valer como meio correto, clássico de retórica, e ainda menos num sentido mais complexo.

Atuilo que, escondido sob uma camada de seriedade um tanto exagerada, ou mesmo de forma patente, caracteriza a atitude do holandês em face dos amigos de Hans era antes uma zombaria, a um só tempo delicada e grandiosa.

— Pois é! Pois é! — dizia então, enquanto os ameaçava com o dedo e inclinava a cabeça com os lábios gretados abertos num sorriso moçal. — Isto é... Isto são... Meus senhores, chamo sua atenção... Cerebrum, cerebral, compreendem? Não, não, perfeitamente assim, estoisito, isto é... ou isto bem se mostra...

E eles se YingaYam trocando olhares Tue, depois de se encontrarem, se eleYaYam ao céu numa expressão de desespero. A seguir procuraYam os olhos de Hans Castorp, mas este se estTuiYaYa.

Acontecia, então, o sr. Settembrini pedir diretamente explicações do seu discípulo, maniIestando assim sua inTuietação pedagógica.

— Mas, por Deus, Engenheiro! Esse homem é um Yelho estúpido! Que é Tue o senhor acha nele? De Tue Iorma lhe pode ser útil? Simplesmente não posso entender. Tudo seria claro, embora não digno de elogios, se o senhor se resignasse com a existência dele e procurasse na sua companhia apenas a de sua atual amante. Mas é impossíYel não perceber Tue o senhor Tuase dedica mais atenção a ele do Tue a ela. AMude-me a compreender, peço-lhe!

— PerIeitamente — respondeu Hans Castorp, rindo. — Ótimo! Isto é... Permita-me... Muito bem. — E Iez uma tentatiYa de arremedar os gestos esmerados de Peeperkorn.

— Sim, senhor — continuou, rindo ainda. — Isso lhe parece estúpido, sr. Settembrini, e indiscutiYelmente não é claro, coisa Tue, a seus olhos, deYe ser pior do Tue estúpido. Ora, a estupidez... Há tantos tipos de estupidez, e a argúcia não é o melhor dentre

eles... Upa! Tenho a impressão de que acabo de formular um bom mot. O senhor gostou?

— Excelente. aguardo ansiosamente a publicação do seu primeiro livro de aforismos. Talvez ainda não seja tarde para rogar-lhe que, ao escrevê-lo, leve em consideração certas ideias que ventilamos uma vez, com referência ao perigo que o paradoxo encerra para o homem.

— Não deixarei de seguir seu conselho, sr. Settembrini. É o que farei, sem falta. Quando me ocorreu aquele mot, eu absolutamente não andava caçando paradoxos. Desejava apenas assinalar as enormes dificuldades que cria (sim, trata-se mesmo de criar) a definição de estupidez e de argúcia. É tão difícil distingui-las, porque uma se confunde com a outra... Sei perfeitamente que o senhor detesta o guazzabuglio místico e opina pelo valor, pelo mérito, pela apreciação dos valores. Quanto a isso, concordo inteiramente. Mas, quanto à “estupidez” e à “argúcia”, isso constitui às vezes um completo mistério, e deve ser lícito a gente se ocupar de mistérios, contanto que haja o sincero esforço de desvendá-los, se possível. Quero perguntar-lhe uma coisa. Pergunto: pode o senhor negar que ele nos põe a todos no chinelo? Sirva-me de uma locução meio vulgar; mas, como sempre, o senhor não pode negá-lo. Ele nos põe no chinelo, e por essa ou aquela razão tem o direito de nos ridicularizar. De onde? Por quê? Em que sentido? Claro que esse direito não lhe veio em

Yirtude de sua argúcia. Admito Tue no caso dele mal se pode Ialar de argúcia. Pelo contrário, o seu Iorte são a indistinção e o sentimento. O sentimento é mesmo o seu caYalo de batalha; perdoe-me essa expressão da linguagem popular. Eu repito: não é deYido à argúcia Tue nos põe no chinelo, Tuer dizer, não o Iaz por suas Tualidades intelectuais. O senhor protestaria, se eu afirmasse o contrário, e de Iato isso não entra em Tuestão. Não é tampouco por causa das suas Tualidades Íísicas. Por causa das suas espáduas de capitão, por respeito à Iorça brutal dos seus braços, e porTue ele seria capaz de derrubar TualTuer um de nós com um só murro. Mas nem pensa em Iazer isso, e se alguma Yez pensasse bastariam algumas palaYras ciYilizadas para acalmá-lo...

Não é, portanto, por causa das suas Tualidades Íísicas. E, todaYia, não há dúYida de Tue Iatores Íísicos desempenham um certo papel no seu caso; não no sentido da Iorça dos braços, senão num outro, místico. Cada Yez Tue o corpo desempenha um papel, entra-se no terreno do místico. O elemento corporal conIunde-se então com o espiritual, e Yice-Yersa, de maneira Tue é impossíYel distingui-los. Mas nota-se o eIeito, o dinamismo, e Má nos achamos postos no chinelo. Para explicar esse Iato, dispomos de uma única palaYra: personalidade. Empregamo-la também num sentido mais racional, para dizer Tue se tem personalidade Murídica ou moral, ou não sei Tue personalidades

mais. No entanto, não é a isso que me refiro, mas a um mistério que ultrapassa os limites da estupidez e da argúcia. Acho que as pessoas de Yem têm o direito de se ocuparem com esse mistério, ora para desvendá-lo, se possível, ora, se isso for impossível, para edificar-se com ele. E, uma vez que o senhor é a IdYor dos Yalores, a personalidade não deixa de ser, afinal de contas, um Yalor positivo, segundo me parece. Mais positivo que a estupidez e a argúcia. Positivo no mais alto grau, absolutamente positivo, tal qual a Yida. Numa palavra, um Yalor Yital, jeito para que nos ocupemos com ele de forma intensa. Foi isso que achei indicado ponderar, como resposta à qual o senhor disse acerca da estupidez.

Nos últimos tempos, Hans Castorp não se atrapalha nem perdia o fio ao fazer explicações desse gênero. Deixara de estacar no meio do discurso. Chegava até o fim da sua réplica, baixava a voz, punha um ponto final e seguia seu caminho como um homem, se bem que ainda se ruborizasse ao falar e tivesse, no fundo do coração, um pouco de medo do silêncio crítico que se seguiria quando emudecesse, que ocorria para que tivesse tempo bastante para se envergonhar. Com efeito, Settembrini interpôs esse silêncio, antes de dizer:

— O senhor nega que anda à caça de paradoxos. Sabe muito bem, no entanto, que eu também não gosto de vê-lo caçando mistérios. Ao fazer da personalidade um enigma, corre

perigo de entregar-se à idolatria. O senhor Yenera uma máscara. Está Yendo mística onde se trata de mistificação, de um daTueles enganoso receptáculo Yazios, por meio dos Tuais o demônio do elemento corporal- fisionômico gosta de iludir-nos. O senhor nunca IreTuentou o ambiente dos atores? Não conhece esses rostos de histriões, onde se combinam os traços de Júlio César, Goethe e BeethoYen, e cuMos portadores se reYelam como os mais lamentáYeis cretinos, tão logo abram a boca?

— Ora, um Mogo da natureza — disse Hans Castorp. — Mas não é apenas isso, o Mogo da natureza não se limita a ser ilusão. Pois se esses homens são atores, deYem ter talento, e o próprio talento Yai além da estupidez e da argúcia; ele constitui, em si mesmo, um Yalor Yital. Também Mynheer Peeperkorn tem talento, por mais Tue o senhor proteste; e com esse talento ele nos põe no chinelo. ColoTue o sr. Naphta num canto da sala e deixe-o Iazer uma conIerência muito digna de nota sobre Gregório Magno e a Cidade de Deus; mas no outro canto encontra-se Peeperkorn com sua boca estranha, alçando as rugas da testa e dizendo apenas: “PerIeitamente! Permita-me... Basta!”. O senhor Yai Yer Tue as pessoas se reunirão em torno de Peeperkorn, todas elas, e Tue Naphta ficará sozinho com sua argúcia e sua Cidade de Deus, ainda Tue se expresse com tanta

clareza Tue nos penetre até a medula, para empregar uma locução de Behrens.

— Não tem Yergonha de adorar o êxito? — indagou o sr. Settembrini. — Mundus vult decipi.⁶ Não Iaço Tuestão de Tue as pessoas se aglomerem ao redor do sr. Naphta. Ele é um desgraçado espírito de contradição. Mas sinto-me tentado a tomar o partido dele, à Yista da cena imaginária Tue o senhor acaba de descreYer com uma aproYação absolutamente censuráYel. Siga desprezando, se Tuiser, o Tue é distinto, preciso, lógico, a palaYra humanamente

coerente! Desdenhe tudo isso, e ainda prefira uma embrulhada TualTuer de alusões e de charlatanaria sentimental: e com isso logo estará nas mãos do diabo...

— Mas lhe asseguro Tue ele pode Ialar de modo bem coerente, Tuando se anima — disse Hans Castorp. — Certa Yez ele me Ialou do dinamismo das drogas e de árYores Yenenosas da Ásia, tudo tão interessante Tue chegaYa a ser inTuietante... o interessante sempre tem algo de inTuietante... e tudo aTuilo não era tão interessante em si, mas Tuando associado ao eIeito de sua personalidade, somente: ela é Tue tornaYa tudo ao mesmo tempo inTuietante e interessante...

— Claro, Má sei do Iraco Tue o senhor tem por coisas asiáticas. De Iato, eu não lhe posso oIerecer esse tipo de

maraYilhas — retrucou o sr. Settembrini com tanta amargura que Hans Castorp se apressou a declarar que as vantagens da sua palestra e dos seus ensinamentos eram de ordem totalmente diferente, e que ninguém tinha a ideia de fazer comparações injustas para ambas as partes. Mas o italiano rejeitou e fez como se não ouvisse esses cumprimentos. E prosseguiu:

— Em todo caso o senhor deve permitir que eu admire sua objetividade e a calma de seu espírito, Engenheiro. Elas tocam as raízes do grotesco, como o senhor deve admitir. Afinal de contas, esse braçateiro lhe surrupiou sua Beatriz. Chamo as coisas por seus nomes. E o senhor? Isso não tem precedentes...

— Há diferenças de temperamento, sr. Settembrini. Diferenças quanto ao calor do sangue e ao cavalheirismo da raça. O senhor como filho do Sul naturalmente recorreria ao veneno ou ao punhal, ou talvez desse ao caso um aspecto passional e convencional. Numa palavra, tudo acabaria numa rinha de galos. Isso seria, sem dúvida, muito viril, viril no sentido convencional, e muito galante. Mas comigo a coisa é diferente. Eu absolutamente não sou viril a ponto de ver num outro homem apenas o macho rival. Pode ser que

eu não seja viril sob aspecto algum, mas tenho certeza de não o ser da tua maneira, sem sequer, chamei de “convencional”, não sei por quê. No meu coração pachorrento pergunto-

me a mim mesmo se existe alguma coisa de Tue eu possa censurar Peeperkorn. Será Tue ele me Iez algum mal intencionalmente? OIensas deYem ser Ieitas de propósito, do contrário não são oIensas. E, no Tue toca ao “Iazer mal”, seria preciso Tue eu me atiYesse a ela, e a isso não tenho direito. Não tenho direito em geral, e em especial não o tenho com relação a Peeperkorn. Pois, em primeiro lugar, é uma personalidade, o Tue por si só Má é algo Tue atrai as mulheres; e em segundo não é paisano, como eu, e sim uma espécie de militar, como o pobre do meu primo; Tuer dizer, ele tem um point d’honneur,⁷ uma mania, Tue se reIere ao sentimento, à Yida... Estou dizendo tolices, mas prefiro desYairar um pouTuinho e exprimir, com maior ou menor clareza, uma ideia complicada a proIerir tão só lugares-comuns, Iormulados de Iorma perIeita. Quem sabe se isso não é uma espécie de traço militar no meu caráter, se assim se pode dizer...

— Diga-o — tornou Settembrini, sacudindo a cabeça em sinal de aproYação. — Isso é um traço digno de louYor, sem dúYida. A coragem para o conhecimento e a expressão, eis o Tue é a literatura, eis o Tue é o espírito de humanidade...

Nessas ocasiões, eles costumam separar-se em bons termos. O sr. Settembrini daYa um fim conciliador a conYersas desse gênero, e tinha excelentes razões para proceder assim. A sua própria posição não era, em absoluto, tão inatacável Tue houYesse sido prudente leYar muito longe o rigorismo. Uma

conYersa Tue tiYesse por assunto o ciúme constituía para ele terreno um tanto escorregadio. Num determinado ponto, o humanista deYeria ter respondido Tue, em Yirtude da sua Yeia pedagógica, a sua relação com o sexo masculino também não era inteiramente conYencional e semelhante àTuela dos galos, e Tue, por isso, o imponente Peeperkorn o atrapalhaYa da mesma Iorma como Naphta e a sra. Chauchat. Finalmente, nesse ponto seu discípulo não podia escapar da influência e da superioridade natural de uma personalidade, à Tual nem ele mesmo nem seu parceiro em assuntos cerebrais eram capazes de se subtrair.

A sua situação costumava melhorar Tuando se respiraYa uma atmosIera intelectual, Tuando haYia discussões, Tuando era possíYel prender a atenção das pessoas Tue tomaYam parte nos passeios a um daTueles seus debates elegantes e ao mesmo tempo apaixonados, acadêmicos e todaYia conduzidos num tom Tue Iaria supor tratar-se de Tuestões tremendamente atuais e ligadas à Yida. Essas contendadas eram traYadas Tuase exclusiYamente pelos dois adYersários, e enTuanto duraYam ficaYa neutralizada até certo ponto a presença da “grande enYergadura”, Tue não as podia acompanhar senão alçando as rugas da testa em sinal de pasmo, e intercalando exclamações zombeteiras, porém abruptas. E mesmo sob essas circunstâncias, como lhe era peculiar, ela exercia sua pressão. LançaYa uma sombra sobre a conYersa, Tue assim se Yia diminuída em seu

brilho. PriYaYa-a de sua essência. De uma Iorma perceptíYel a todos, embora Peeperkorn não se desse conta de tudo isso, ou só o fizesse num grau dificilmente apreciáYel, sua presença opunha à discussão algo Tue não IaYorecia nenhuma das duas causas, oIuscaYa a Tuerela, Tue assim parecia desproYida de importância decisiYa, e imprimia-lhe — mal nos atreYemos a dizê-lo — um cunho de Iutilidade. Ou, para Iormulá-lo de outra maneira: essa engenhosa luta de Yida e morte relacionaYa-se secretamente, de um modo subterrâneo e indefiníYel, com a “grande enYergadura” Tue caminhaYa lado a lado com ela, e cuMo magnetismo lhe absorYia a Iorça. É impossíYel precisar mais claramente esse processo misterioso, bem desagradáYel para os dois antagonistas. Só se pode dizer Tue, não existisse Pieter Peeperkorn, muito mais diÍcil teria sido esTuiYar-se à necessidade de tomar partido, como

Tuando Leo Naphta, por exemplo, deIendeu a natureza total e basicamente reYolucionária da IgreMa contra a doutrina do sr. Settembrini, o Tual Yia nessa potência histórica tão somente a protetora da mais sinistra estagnação e do mais obscuro conserYantismo, ao passo Tue todas as simpatias pela Yida e pelo Iuturo, dispostas à reYolução e à reIorma, estariam baseadas nos princípios do esclarecimento, ciência e progresso oriundos de uma época gloriosa de renascimento da cultura antiga, sendo Tue ele mesmo empenhaYa-se por sustentar essa

opinião com gestos primorosos e palavras brilhantes. A isso Naphta respondeu Irião e incisião, e afirmou-se capaz de demonstrar — e de Iato o demonstrou com evidência Tuase deslumbrante — que a Igreja, como encarnação da ideia religiosa-ascética, está muito longe, em seu íntimo, de ser partidária e amparo da Tuila. Tu se empenha por persistir, ou se não: a Iormação secular e as ordenações Murídicas do Estado; pelo contrário, ela arvorava a bandeira da revolução mais radical, da revolução completa; e, de modo geral, tudo o Tu se considera digno de ser mantido e o Tu os tímidos, os conservadores, os burgueses ansiam manter: o Estado e a família, a arte e a ciência seculares, tudo isso sempre estivera em oposição consciente ou inconsciente à ideia religiosa, à Igreja, cuja tendência inata e cujo objetivo inalterável eram a dissolução de todas as ordenações seculares e a reorganização da sociedade segundo o modelo da Cidade de Deus, ideal e comunista.

Em seguida, Settembrini tomou a palavra, e soube aproveitá-la — e como soube! Tal conclusão da ideia revolucionária, luciferiana, com a revolta geral de todos os maus instintos, disse ele, era deplorável. O espírito inovador da Igreja consistira durante séculos inteiros, por meio da Intuição, em perseguir o pensamento fecundo, em estrangulá-lo, em sufocá-lo na fumaça dos holocaustos. Recentemente, porém, manda

os seus emissários declarar que simpatizava com a revolução, e afirmava ser

seu objetivo substituir a liberdade, a cultura, a democracia, pela ditadura do povo e pela barbárie. Sim, aquilo representa realmente um caso curioso de consequência contraditória ou de consequente contradição...

Naphta obmeteu que entre os argumentos do seu oponente não faltavam exemplos semelhantes de contradição e de incoerência. Embora o sr. Settembrini julgasse ser um democrata, revelava pouca simpatia pelo povo e pela igualdade; pelo contrário, manifestava a altivez censurável de um aristocrata, ao qualificar de povo o proletariado universal, chamado a exercer a ditadura temporária. Mas era como autêntico democrata que se comportava em face da Igreja, e evidentemente, a qual representa, era preciso admiti-lo com orgulho, a potência mais nobre da história humana; nobre no sentido supremo e mais lato, no sentido espiritual. Pois o espírito ascético — se lhe permitiam empregar esse pleonismo —, o espírito da negação e do aniquilamento do mundo era a nobreza por excelência, o princípio aristocrático na sua forma mais pura. Esse espírito não poderia nunca ser popular, e, com efeito, também a Igreja sempre tinha sido impopular. Bastaria que o sr. Settembrini se ocupasse um pouquinho com a cultura da Idade Média para que deparasse com esse fato, com a antipatia rude que o povo, na

acepção mais ampla da palavra, sentia pelas coisas eclesiásticas. Existiam, por exemplo, entre as invenções da imaginação dos poetas populares, certas figuras de monges, de modo bem luterano, opunham o Yinho, a mulher e o canto à ideia ascética. Todos os instintos do heroísmo mundano, todo o espírito guerreiro, bem como a poesia cortesã, tinham sido adyersários mais ou menos abertos da ideia religiosa e, por conseguinte, da hierarquia. Pois tudo isso havia sido o “mundo” e a mentalidade do populacho, por oposição à nobreza do espírito representada pela Igreja.

O sr. Settembrini agradeceu ao seu antagonista por lhe ter reafirmado a memória. A figura do monge Ilsa, do “Canto do Jardim das Rosas”, tinha muitos traços simpáticos, em confronto com esse aristocratismo de tumba que acabava de ser apregoadado. Embora ele, Settembrini, não fosse um partidário do reformador alemão ao qual se aludira, estava disposto a debravar com o máximo ardor todo o individualismo democrático que formava a base da sua doutrina, contra suas ambições eclesiástico-judaicas de domínio sobre a personalidade.

— O-la-lá! — exclamou Naphta.

Porventura se estava pretendendo acusar a Igreja, ele disse, de sua ausência de espírito democrático e da falta de

compreensão Tuanto ao Valor da personalidade humana? E Tue dizer da ausência de preconceitos no direito canônico, tão humana? Pois, ao passo Tue no direito romano a capacidade Jurídica dependia da posse dos direitos civis, e no germânico, da nacionalidade e da liberdade pessoal, o direito canônico, libertando-se de todas as considerações políticas e sociais, exigia apenas Tue o indivíduo pertencesse à Igreja e tivesse a Verdadeira Fé, e ainda declaraYa os escravos, prisioneiros de guerra e serYos como detentores da capacidade testamentária e sucessória!

Settembrini obserYou causticamente Tue essa declaração talvez não houYesse sido feita, caso não se tivesse secretamente em mira a “porção canônica” cobrada sobre cada herança. A seguir pôs-se a falar da “demagogia dos padres”, referiu-se à prática eclesial de pôr em movimento o mundo subterrâneo, isto Tue os deuses, por razões bem compreensíveis, nada Teriam saber de pessoas TuaisTuer, classificou essa prática como a habilidade própria à ambição de poder irrestrita, e ainda opinou Tue a Igreja, afinal, ligaYa maior importância à Tuantidade das almas do Tue à sua Tualidade, o Tue implicaYa uma grande falta de distinção espiritual.

DesproYida de distinção espiritual — Mustamente a Igreja? O sr. Settembrini teYe sua atenção prontamente conduzida ao aristocratismo inexorável sobre o Tual se baseaYa a ideia

de uma hereditariedade da ignomínia, a transmissão de uma culpa graYe para os descendentes Tue — democraticamente Ialando — eram inocentes, como acontecia no caso dos filhos naturais, sobre os Tuais pesaYam o opróbrío Yitalício e a priYação de TuaisTuer direitos. Mas o italiano rogou não se insistisse nesse ponto, uma Yez Tue o seu sentimento humano se reYoltaYa contra tal procedimento. Além disso estaYa Iarto de rodeios e reconhecia claramente nos truTues da apologética do adYersário o inIame e diabólico culto do nada Tue pretendia ser considerado espírito e Tue Iazia aparecer como algo legítimo e sagrado a conIessada Ialta de popularidade do princípio ascético.

A essa altura, Naphta pediu licença para dar uma estrondosa gargalhada. FalaYa-se de um niilismo da IgreMa! Do niilismo do sistema de goYerno mais realista de toda a história uniYersal! O sr. Settembrini, acaso, nunca sentira o sopro da ironia humana mediante a Tual a IgreMa constantemente Iazia concessões ao mundo e à carne, ocultando, com prudente transigência, as derradeiras conseTuências do princípio, e deixando reinar o espírito como influência reguladora, sem tratar a natureza com excessiYo rigor? Não ouYira tampouco Ialar desse elegante conceito eclesiástico Tue era a indulgência, a Tual incluía até mesmo um sacramento, o do matrimônio, Tue, ao contrário dos demais sacramentos, não era um bem

positivo, senão apenas uma proteção contra o pecado, outorgada unicamente para restringir os desejos sensuais e a intemperança, de maneira que se conservasse o princípio ascético, o ideal da castidade, sem que se opusesse à carne uma severidade pouco política?

Diante disso, o sr. Settembrini não podia deixar de protestar contra uma tal concepção abominável da “política” e contra o gesto presunçoso de condescendência e insinuação que se arrogava o espírito, ou melhor, a título que nesse caso se divulgava como tal, e que era usado com

relação ao seu contrário. Pretendia-se que esse contrário era pechado de culpa e tinha de ser tratado “politicamente”; mas em realidade não precisava da tua indulgência peçonhenta. A seguir, o humanista insistiu contra o maldito dualismo de uma interpretação do mundo que diabolizava o universo, tanto a quanto seu presunçoso oposto, a saber, o espírito. Pois, se a tua era ruim, necessariamente este também deveria ser, como mera negação. E ele acabou lançando em desconfiança da inocência da Yolúpia — o que fez Hans Castorp pensar na tua cubículo de humanista, no sótão, com a papeleira, os assentos de palha e a garrafa d’água —, ao passo que Naphta, por sua vez, afirmou que a Yolúpia jamais podia ser livre de culpa, e exigiu da natureza que sentisse, em falta do espírito, um peso na consciência. Definiu a política eclesiástica e a indulgência do espírito como sendo

“o amor”, a fim de reIutar o niilismo do princípio ascético — o Tue ocasionou em Hans Castorp a impressão de Tue a palaYra “amor” estabelecia um estranho contraste com o peTueno Naphta, tão magro e sutil ele era...

A discussão prosseguiu nesse tom, Má conhecemos o Mogo, e Hans Castorp também. E nós, como ele, escutamos por alguns instantes, para obserYar as Iormas Tue assumia tal luta peripatética à sombra da personalidade Tue passeYa ao lado dos digladiadores, e Tual a maneira mal perceptíYel como essa presença emasculaYa os debates. Era como se uma secreta coação os obrigasse a relacionar-se com ela e apagasse assim a Iaísca Tue saltaYa de um a outro interlocutor; impunha-se a reminiscência daTuela sensação de desanimadora Ialta de Yida Tue experimentamos Tuando a corrente elétrica se interrompe. Era assim mesmo. As contradições Má não produziam nem crepitação, nem chispas, nem contato; a presença neutralizaYa o espírito, ao inYés de ser neutralizada por ele; Hans Castorp Yerificou esse Iato com surpresa e curiosidade.

ReYolução e conserYação! E os olhares fixaYam-se em Peeperkorn; Yia-se como ele aYançaYa a passo lerdo. Não era bom marchador, com o seu andar oscilante para os lados, e com o chapéu desabado na testa. MoYiam-se os lábios amplos, irregulares e gretados, e ouYia-se como ele, apontando

humoristicamente com a cabeça em direção aos adYersários, dizia:

— Pois é, pois é... Cerebrum, cerebral, compreendem? Isto é... ou isto bem se mostra...

E YeMam só: não haYia mais corrente na chaYe de luz, morta de Yez. Os antagonistas Iaziam noYa tentatiYa; lançaYam mão de exorcismos mais Iortes; entraYam a Ialar do “problema aristocrático”, da popularidade e da distinção. Não saltaYa Iaísca alguma. Como por influência magnética, a conYersa tomaYa um caráter pessoal. Vinha então a Hans Castorp a imagem do companheiro de Yiagem de ClaZdia, estendido sobre a cama, debaixo da colcha Yermelha, na sua camisola de malha sem gola, metade operário Yelho, metade busto de um rei — e numa conYulsão débil extinguiu-se a Yida da discussão. Outras tensões mais Iortes! De um lado a negatiYa, o culto do nada, e do outro o eterno “sim”, a inclinação aIetuosa do espírito para a Yida! Mas onde ficaYam a Yida, a chispa, a corrente, Tuando se encaraYa Peeperkorn, o Tue sucedia ineYitaYelmente, mercê de uma secreta atração? Numa palaYra: todas elas permaneciam ausentes, e isto era, para empregar o termo de Hans, nada mais nada menos Tue um mistério. Para seu liYro de aIorismos ele podia anotar Tue se deYe expressar um mistério pelas palaYras mais simples possíYeis, ou deixar de expressá-lo. Quem fizesse uma Yaga tentatiYa de Iormulá-lo poderia afirmar,

de um modo exclusivo, mas decidido, Tue Pieter Peeperkorn, com sua máscara enrugada de soberano e sua boca dolorosamente gretada, era sempre as duas coisas, Tue ambas as coisas se aplicaYam à sua pessoa, e Tue nela pareciam anuladas a todos os Tue o Yiam; era isso e aTuilo, um e outro. Pois sim, esse Velho estúpido, esse zero maMestoso! Ele é Tue paralisaYa a

energia dos argumentos, não, porém, por meio de conIusões e chicanas como Naphta. Peeperkorn não era ambíguo à maneira do Mesuíta; era-o de modo totalmente oposto, positiYo — ele, esse mistério cambaleante, claramente ultrapassara os limites não só da estupidez e da argúcia, mas também os de muitos outros binômios a Tue Settembrini e Naphta recorriam, a fim de produzir a alta tensão necessária para seus fins pedagógicos. A personalidade, tinha-se essa impressão, carecia de caráter educador — e contudo, Tuantas oportunidades não oIerecia a Tuem YiaMaYa em busca de Iormação! Que coisa estranha obserYar essa ambiguidade na figura de um rei, na ocasião em Tue os digladiadores entraYam a Ialar do casamento e do pecado, do sacramento da indulgência, da culpabilidade e da inocência da Yolúpia! Peeperkorn inclinaYa a cabeça para o ombro e o peito; descerraYam-se-lhe os lábios doloridos; numa expressão de langoroso lamento Iendia-se-lhe a boca, enTuanto as narinas se distendiam e alargaYam como

sob o efeito de alguma dor; as rugas da fronte subiam e os olhos assim dilatados lançavam olhares incertos, cheios de sofrimento; era a imagem perfeita da amargura. Mas, eis que num instante o semblante de mártir se abria, se tornava sensual! A inclinação oblíqua da cabeça modificava o seu sentido, começava a significar malícia; os lábios, ainda entreabertos, esboçavam um sorriso pouco pudico; a coxinha de sibarita, que conhecemos em outras ocasiões, ressurgia numa das bochechas; e Má estava ali o sacerdote pagão a dançar. Enquanto a cabeça apontava humoristicamente para o lado das tuas mentes cerebrais, ou via-se como ele dizia:

— Ah, sim! Pois é, pois é. Perfeitamente. Isto é... Isto são... ou isto bem se mostra... O sacramento da Yolúpia, compreendem?...

Mas, como Má mencionamos, os amigos e mentores de Hans Castorp, embora prejudicados, achavam-se numa situação relativamente favorável, sempre que podiam discutir. Nessas ocasiões estavam no seu elemento, ao passo que o contrário se dava com a grande envergadura, e quanto ao papel que Peepkorn então representava podia, afinal de contas, haver opiniões diferentes. Era, entretanto, indiscutível que a posição dos dois adversários se tornava menos favorável, quando Má não se tratava de engenho, palavras e spiritus, senão de objetivos reais, de assuntos terrenos, práticos, numa palavra, de questões e de coisas diante das quais uma natureza de soberano

costuma ser posta à prova. Quando isso sucedia, estas mulheres, liTuidados, sumiam-se na sombra, pareciam insignificantes, e Peeperkorn apossava-se do cetro, determinava, resolvia, dava ordens, encomendava, delegava... Não é de admirar que se empenhasse em obter esse estado de coisas e em sair da logomaTuia para ali chegar. SoIria enquanto ela perdurava, ou, pelo menos, quando se prolongava. Mas o que o Iazia soIrer não era a vaidade; disso Hans Castorp tinha certeza. A vaidade não possui grande envergadura, e a grandeza não é vaidosa. Não, o desejo de realidade que experimentava o holandês brotava de fontes muito diversas: do “medo”, para dizê-lo de forma grosseira e exagerada; da verdadeira sensação de medo e da verdadeira mania do pundonor, que Hans Castorp procurava explicar ao sr. Settembrini e considerava uma espécie de traço militar.

— Meus senhores — dizia o holandês, erguendo a mão de capitão com as unhas pontudas, num gesto imperioso e insistente. — Muito bem, senhores, perfeitamente, ótimo! A ascensão, a indulgência, o prazer dos sentidos... Quanto a isso, eu teria... Absolutamente. MUITÍSSIMO importante! Bem discutível! Mas permitam... Receio que estejamos a ponto de cometer... Estivemos-nos, senhores, estivemos-nos de um modo imperdoável ao mais sagrado... — E respirando profundamente acrescentou: — Esse ar, senhores, o ar característico deste dia de junho, com sua dose de aroma primaveril, cheio de

pressentimentos e de recordações, Tue delicadamente nos entibia... Não

deYeríamos aspirá-lo, só para soltá-lo em Iorma de... Insisto, senhores, não deYeríamos Iazer isso. É um insulto. É unicamente a ele Tue se deYeria dedicar toda a nossa... a suprema e a mais intensa... Basta, senhores! E o nosso peito Tue o respira deYeria louYar irrestritamente... Detenho-me, senhores, detenho-me em homenagem a esse...

DeteYe-se; inclinou-se para trás, com o chapéu dando sombra aos olhos, e todos lhe imitaram o exemplo.

— Chamo a sua atenção — prosseguiu o holandês — para as alturas, essas grandes alturas, onde gira aTuele ponto negro, no meio desse esTuisito azul Tue puxa para preto... É uma aYe de rapina, uma enorme aYe de rapina. É, se não me engano muito... Meus senhores, e a senhora, minha filha: é uma águia. É a ela Tue diriMo decididamente... Olhem! Isto não é nem gaYião nem abutre... Se os senhores Iossem tão presbiopes como eu, na minha aYançada... Pois sim, minha filha, na minha aYançada. Meus cabelos são brancos; como não? Bem, os senhores Yeriam tão nitidamente como eu, pela curYa obtusa das asas... Uma águia, senhores. Uma águia real. Diretamente acima de nós descreYe os seus círculos. Sem bater as asas adeMa em alturas grandiosas por cima das nossas... Decerto nos espia com seus olhos poderosos, Tue enxergam ao longe, sob os ossos salientes

das órbitas... A águia, senhores, a aYe de Júpiter, o rei da sua estirpe, o leão dos ares! Usa calças de plumas e um bico de Ierro, curYo na ponta, e tem garras de uma Iorça incrível, dobradas para dentro, de maneira Tue a traseira, muito comprida, passa por cima das dianteiras como um gancho Iérreo. Olhem, é assim! — E a mão de capitão com as unhas compridas esIorçaYa-se por representar as garras da águia. — Meu compadre, o Tue é Tue Yocê está espiando, Iazendo Yoltas? — e de noYo dirigiu o olhar para cima. — Desça! CraYe o bico de aço na cabeça e nos olhos do homem, dilacere-lhe o Yentre, àTuela criatura Tue Deus... PerIeito! E basta! Suas garras deYem enredar Yocê nas entranhas e o sangue goteMar de seu bico...

FalaYa com entusiasmo. Sumira-se o interesse dos companheiros pelas antinomias de Naphta e Settembrini. Além disso, a Yisão da águia continuou influenciando tacitamente as decisões e iniciatiYas Tue se seguiram, sob a direção de Mynheer. Entraram num restaurante, comeram e beberam, completamente Iora de hora, mas com um apetite inflamado pela tácita recordação da águia. HouYe um rega- boIe e uma bebedeira daTuele tipo Tue Mynheer IreTuentemente organizaYa, também Iora do BerghoI, onde Tuer Tue se encontrassem, em Platz, na praça, ou em “DorI”, no “YilareMo”, ou numa estalagem de Glaris ou de Klosters, aonde haYiam ido num trenzinho de

excursão. Sob as suas ordens de soberano, consumiam então dádiYas clássicas, como caIé com creme, acompanhado de pães rústicos, de TueiMos suculentos e da aromática manteiga dos Alpes, Tue conserYaYa o mesmo sabor excelente Tuando serYida com castanhas assadas. Tudo isso era regado a Yinho tinto de Valtellina, Tue se tomaYa à Yontade. Peeperkorn temperaYa os manMares improYisados com grandiosos e abruptos discursos, ou conYidaYa Anton KarloYitch Ferge a Ialar, esse soIredor bonachão, alheio a TuaisTuer assuntos sublimes, mas Tue sabia contar coisas realísticas sobre a Iabrição de galochas na Rússia: a massa de borracha era mesclada de enxoIre e de outras substâncias, e os sapatos acabados, cobertos de uma camada de Yerniz, eram “Yulcanizados” a uma temperatura de cem graus. Também trataYa do círculo polar, onde estiYera diYersas Yezes no decorrer das suas Yiagens de negócios. O sol da meia-noite e o inYerno constante da região do cabo Norte eram descritos em palaYras Tue brotaYam da garganta nodosa, de sob o bigode hirsuto. Ali, ele narraYa, o Yapor aparecia minúsculo em conIronto com os imensos rochedos e a Yastidão do mar azul-Ierrete. Zonas amarelas de luz estendiam-se por sobre o céu; a luz

da aurora boreal. E tudo isso causara a ele, Anton Karlo Yitch, uma impressão fantasmagórica, tanto a paisagem como a sua própria presença no meio dela.

Assim era o sr. Ferge, a única personagem do nosso pequeno grupo que se achava fora da rede de relações que ligava os outros entre si. Quanto a essas relações, porém, não se pode relatar dois breves diálogos, duas conversas estranhas que, a essa altura dos acontecimentos, o nosso herói pouco heroico manteve com Cláudia Chauchat e com o seu companheiro de viagem, cada qual em separado; uma no Vestíbulo, à noite, enquanto o “obstáculo” se achava acamado com Iebre, no seu quarto, e a outra, de tarde, à cabeceira do leito de Mynheer...

À noite, o Vestíbulo achava-se envolto em penumbra. A costumeira reunião tinha sido breve e pouco animada. Já muito cedo os pensionistas se haviam recolhido aos compartimentos de sacada, para o repouso noturno, exceção feita da que se trilhava caminhos proibidos pelo regulamento, em direção ao “mundo”, onde se dançasse ou jogasse. Uma lâmpada solitária continuava acesa em uma das partes do teto do recinto abandonado, e também as saletas contíguas estavam completamente escuras. Hans Castorp sabia, porém, que a sra. Chauchat, depois de ter mantido sem a companhia do seu senhor, ainda não regressara ao primeiro andar, mas se demorava na sala de leitura. Por esse motivo também ele hesitara em subir.

EncontraYa-se na parte dos Iundos do Yestíbulo, um degrau mais alta Tue o resto e separada do recinto principal por alguns arcos brancos, Tue repousaYam sobre pilares Iorrados de madeira. EstaYa sentado Munto à lareira reYestida de azuleMos, numa cadeira de balanço igual àTuela em Tue se embalara Marúsia, enTuanto Joachim conYersara com ela a primeira e única Yez. FumaYa um cigarro, o Tue aTui, e a essa hora, para todos os casos, era permitido.

Ela Yeio chegando, ele ouYiu seus passos, atrás dela o IarIalhar do Yestido, e ela logo pôs-se ao lado dele, abanando-se com uma carta Tue seguraYa num canto, e disse com sua Yoz de PribislaY:

— O concierge Má se Ioi. O senhor me dê logo um timbre- poste!

TraMaYa, aTuela noite, um Yestido leYe, de seda escura, com um decote redondo e mangas amplas, cuMos punhos abotoados se estreitaYam em torno dos pulsos. Era um Yestido de Tue Hans Castorp gostaYa em especial. ClaZdia se adornara com o colar de pérolas Tue esplendia palidamente no crepúsculo. Ele ergueu os olhos, e, fitando o rosto Tuirguiz, disse:

— Timbres? Não tenho.

— Mas como, não tem? Tant pis pour Yous.⁸ Não está preparado para ser útil a uma dama? — Fez um desdém com a boca e deu de ombros. — Isso me decepciona. Vocês, pelo menos,

deyeriam ser pessoas eficientes a Tuem se pudesse sempre recorrer. Eu imaginaYa Tue o senhor tiYesse aí, numa repartição da sua carteira, uns blocos bem dobrados de todos os tipos de selos, classificados segundo Yalores.

— Não. E para Tuê? — respondeu ele. — Nunca escreYo cartas. E a Tuem? Muito raramente mando um cartão- postal, e então desses Tue Má Yêm com selo. A Tuem eu poderia escreYer cartas? Não tenho ninguém. Não tenho mais afinidade alguma com a planície, eu a perdi de Yez. Em nosso cancionero popular temos uma canção Tue diz: “FiTuei perdido para o mundo”. É meu caso.

— Bem, então, senhor perdido, passe logo para cá um papirosa, Tue Tuero Iumar — disse ela. Sentou-se à sua Irente, ao pé da lareira, num banTuinho coberto com uma almoIada. Cruzou as pernas e estendeu uma das mãos. — Parece Tue isso o senhor tem. — E displicentemente, sem dizer “obrigada”, tirou da caixinha de prata o cigarro Tue ele lhe oIereceu, e ainda serYiu-se do isTueiro Tue ele acendeu próximo ao rosto dela, inclinado para a Irente. Na indolência

desse “passe logo para cá” e no Meito de aceitar sem agradecer reYelaram-se a incúria da mulher mimada, mais Tue isso, no entanto, o senso de camaradagem próprio à humanidade, ou melhor: à “humaniedade”, o senso de posse coletiYa, uma naturalidade enérgica e todaYia meiga dos gestos

de dar e receber. De si para si, ele criticou isso tudo sob um senso apaixonado. E a seguir disse:

— Sim, cigarros tenho sempre. Realmente, nunca deixo de andar com alguns deles. É coisa que se precisa ter. Como passar sem fumar? Isso, se alguém quiser saber, chama-se paixão, não é? Francamente, não sou pessoa passional, mas tenho minhas paixões, paixões fleumáticas.

— Deixa-me tranquila — ela disse, enquanto soltava a nuca — saber que o senhor não é homem passional. Aliás, como poderia ser? Do contrário, o senhor teria que ser diferente dos outros da sua espécie. Paixão é: viver por amor à vida. Mas é coisa sabida que vocês vivem por amor à experiência. Paixão significa esquecer-se de si próprio. Mas tudo o que vocês desejam é enriquecer. C'est ça. O senhor não se dá conta, em absoluto, de que isso constitui um egoísmo abominável que um dia irá de vocês os inimigos da humanidade?

— Ora, ora! Logo os inimigos da humanidade? O que você está dizendo, Cláudia, de forma tão geral? Em que coisas concretas e pessoais você está pensando, ao afirmar que não nos empenhamos em viver, mas só em enriquecer? Vocês, mulheres, não costumam pregar moral assim a esmo. Ah, essa história de moral! Isso é assunto para Naphta e Settembrini, em uma de suas conferências. Já está no terreno da grande confusão. Nem a própria pessoa sabe se vive por amor a si própria ou por amor

à Yida, e ninguém pode saber disso com exatidão e certeza. Acho que os limites são móveis. Existe abnegação egoísta, e egoísmo abnegado... Creio que é mais ou menos como no amor. É contrário à moral, sem dúvida, mas eu sei que sou incapaz de prestar atenção ao que você me diz a respeito dela, mas

me sinto antes de mais nada feliz por estarmos reunidos, assim como nos achamos uma única pessoa, e como nunca nos encontramos desde o seu regresso. E que eu lhe possa dizer que esses punhos fortes assentam em você de um jeito maravilhoso, e que essa seda transparente que flutua ampla ao redor dos seus braços... desses braços que eu conheço...

— Vou embora.

— Não vá, por favor! Terei em consideração as circunstâncias, e as personalidades.

— É o menos que se pode esperar de um homem sem paixão.

— Está brincando? Faz troça de mim e rala comigo, se eu... E que eu vá embora, quando eu...

— A quem você quer ser compreendido, diga-se o favor de falar sem lacunas.

— Então não poderei tirar proveito algum da habilidade que você tem em adicionar lacunas? É impossível, eu diria, se não compreendesse que a vida não se trata de detalhes...

- Não, senhor. A Mustiça é uma paixão fleumática. Ao contrário do ciúme, Tue torna ineYitaYelmente ridículas as pessoas fleumáticas.
- Está Yendo? Ridículas. Então lhe peço tolerar minha fleuma. E repito: como é Tue eu passaria sem ela? Como poderia ter suportado essa espera?
- Como é?
- Essa espera por Yocê.
- Voyons, mon ami.¹⁰ Não Tuero perder tempo criticando a Iorma de tratamento de Tue o senhor, com uma obstinação absurda, se serYe ao Ialar comigo. Acho Tue o senhor há de se cansar disso, e eu, afinal de contas, não me oIendo Iacilmente, não sou uma burguesa indignada...
- Não, porTue está enIerma. A doença conIere a Yocê essa liberdade. Ela transIorma Yocê... Espera, agora me ocorre uma palaYra Tue Mamais empreguei antes: a doença torna Yocê genial!
- Deixemos a genialidade para outra ocasião! Não era isso o Tue eu Tueria dizer. ExiMo uma única coisa. Não pretenda Tue eu, de uma Iorma ou outra, seMa culpada da sua espera, se é o senhor Tue realmente esperou; nem Tue haMa sido encoraMado por mim para tal atitude, ou apenas Tue eu o tenha

autorizado a agir assim. O senhor deYe admitir, sem rodeios, Tue se deu precisamente o contrário...

— Com muito prazer, ClaZdia. Como não! Você não me mandou esperar. Esperei por liYre e espontânea Yontade. Compreendo perIeitamente Tue Yocê ligue importância a isso...

— Até as suas concessões têm TualTuer coisa de impertinente. Falando em geral, o senhor é um homem impertinente, sabe Deus por Tuê. Não só nas suas relações comigo, mas também noutras circunstâncias. Mesmo na sua admiração e na sua humildade há algo de impertinente. Não pense Tue não percebo! Nem me conYém Ialar com o senhor, de uma Yez por todas, por causa da sua impertinência e também porTue se atreYe a me Ialar da sua espera. É imperdoáYel Tue ainda se encontre aTui. Há muito tempo Tue deYeria ter Yoltado para o seu trabalho, sur le chantier,¹¹ ou onde Tuer Tue Iosse...

— Agora Yocê está Ialando sem genialidade e de modo totalmente conYencional, ClaZdia. Isso não passa de um lugar-comum. Você não pode ter a mesma opinião Tue Settembrini, e Tue outro sentido poderiam ter as suas palaYras? Você as disse sem pensar; não as posso leYar a sério. Eu não partirei “em Ialso” como o coitado do meu primo, Tue morreu, assim como Yocê preYiu, Tuando tentaYa cumprir seu deYer na planície. TalYez soubesse Tue morreria, mas preIeriu a morte ao

regime do tratamento. Muito bem, para isso era soldado. Mas eu não sou; sou paisano. No meu caso seria deserção se me comportasse como ele e fizesse Tuestão, apesar da proibição de Radamanto, de me dedicar lá embaixo ao progresso e a outras coisas úteis. Isso seria a mais profunda das ingratidões e a maior infidelidade ante a doença e o gênio, e também ante meu amor por Yocê, do Tual tenho cicatrizes antigas e Ieridas recentes, e ante esses seus braços, Tue conheço, se bem Tue deYa admitir Tue Ioi apenas num sonho, num sonho genial, Tue traYei conhecimento com eles, de maneira Tue disso nada resulta para Yocê, realmente: conseTuência alguma, nem compromisso, nem restrição da liberdade...

Ela riu, com o cigarro na boca, a ponto de se contraírem os olhos tártaros. Reclinou-se ao Iorro de madeira apoiando as mãos no banTuinho; com as pernas cruzadas, balouçaYa o pé calçado com um sapato preto de Yerniz.

— Quelle générosité! Oh là, là, Yraiment, meu pobrezinho, Ioi exatamente assim Tue sempre imaginei un homme de génie!¹²

— Deixe disso, ClaZdia. Claro Tue por natureza não sou um homme de génie coisa alguma, e tampouco sou um homem de grande enYergadura. Não, meu Deus! Mas o acaso — diga Tue Ioi o acaso — leYou-me muito alto, até essas regiões geniais... Numa palaYra, talYez Yocê não saiba Tue existe algo chamado

pedagogia alTumístico-hermética, a transubstanciação, rumo ao mais sublime, e por conseguinte uma ascensão, se é Tue me compreende. Mas é óbYio Tue a matéria suscetiYel de ser impelida e empurrada, por influências exteriores, em direção a uma esIera mais eleYada, necessita para isso de certas Tualidades próprias. E Tuanto às Tualidades Tue eu possuía, sei muito bem Tue eram as seguintes: desde muito tempo estaYa familiarizado com a doença e com a morte, e Má nos meus tempos de menino cometi o disparate de pedir-lhe emprestado uma lapiseira, tal como se deu aTui naTuela noite de CarnaYal. Mas o amor disparatado é genial, pois a morte, sabe, é o princípio de genialidade, a res bina, o lapis philosophorum, e é também o princípio pedagógico, uma Yez Tue o amor pela morte conduz ao amor pela Yida e pelo ser humano. É realmente assim; descobri-o no meu compartimento de sacada, e me sinto Ieliz por ter uma

ocasião de dizer isso a Yocê. Há dois caminhos Tue conduzem à Yida: um é o caminho ordinário, direto e honrado; o outro é mau, passa pela morte, e este é o caminho genial.

— Você é um filósoIo abstruso — disse ela. — Não pretendo compreender todos esses seus pensamentos conIusos e alemães; mas eles soam humanos, e certamente Yocê é um bom

rapaz. Por outro lado, comportou-se en philosophe.¹³ Não há como negá-lo.

— Excessivamente en philosophe para o seu gosto, não é, Cláudia?

— Deixe de impertinências! Isso começa a ficar maçante. Essa coisa de esperar Ioi estúpida e não está autorizada. Mas Você não está zangado comigo, por ter esperado em Yão?

— Bem, Ioi um pouco difícil, sim, Cláudia, mesmo para um homem de paixões fleumáticas: difícil para mim, e duro de sua parte, por Você ter chegado na companhia dele; pois é claro que Você sabia, por intermédio de Behrens, que eu estava aqui à sua espera. Mas eu já lhe disse que só a considero uma noite de sonho, a nossa noite, e que lhe concedo sua liberdade. Afinal de contas não esperei em Yão, mas que Você está aqui; estamos sentados um perto do outro, como a tuela outra vez; ouço a maravilhosa aspereza da sua voz, que há tanto tempo é familiar ao meu ouvido, e sob essa seda flutuante estão seus braços, que conheço — embora o seu companheiro de viagem se ache lá em cima, num atue de Iebre, o grande Peeperkorn que lhe deu essas pérolas...

— E com o qual Você mantém boas relações, para seu próprio proveito.

— Não leYe isso a mal, ClaZdia! Também Settembrini censurou-me pelo mesmo motiYo, mas essa mentalidade não passa de um preconceito conYencional. ATuele homem é uma aTuição Yaliosa. É uma personalidade, ora essa. Que a idade dele Má esteMa aYançada, Yá lá. Mesmo assim acho bem compreensível Tue Yocê, como mulher, o ame loucamente. Você o ama muito?

— Rendo homenagem a seu espírito de filósoIo, Joãozinho alemão — disse ela, acariciando-lhe o cabelo —, mas nem por isso considero um sinal de humanidade Ialar a Yocê do amor Tue tenho por ele.

— Ora, ClaZdia, por Tue não? Creio Tue o humano começa onde os homens sem gênio pensam Tue ele termina. Falemos tranTuilamente dele! Você o ama com paixão?

Ela se inclinou para a Irente, e Mogou na lareira o cigarro acabado. Deixou-se ficar, então, com os braços entrelaçados.

— Ele me ama — respondeu —, e seu amor Iaz Tue eu me sinta orgulhosa, grata e dedicada a ele. Você compreende isso bem. Ou não seria digno da amizade Tue ele lhe deYota... O sentimento dele obrigou-me a segui-lo e a serYi-lo. HaYeria como ser diIrente? Julgue Yocê mesmo! Acha humanamente possível desprezar os sentimentos dele?

— É impossível — confirmou Hans Castorp. — Não, não, é lógico. Que mulher seria capaz de desprezar os sentimentos dele, o temor por esses sentimentos, e de abandoná-lo, por assim dizer, no Getsêmani?

— Você não é nada bobo — disse ela, e seus olhos oblíquos imobilizaram-se numa expressão pensativa. — É inteligente. O temor pelos sentimentos...

— Não se precisa muita inteligência para compreender. Você tinha seguido-o, ainda — ou melhor: por — no amor dele há muita coisa angustiante.

— C'est exact...¹⁴ Angustiante... A gente tem muitas preocupações por causa dele, sabe? E muitas dificuldades...

— Ela pegara a mão do Moym e sem pensar brincava com as articulações. Mas de repente ergueu o olhar e, com o cenho carregado, perguntou: — Um momento! Você não acha iníquo o nosso tratamento sobre ele desta maneira?

— De modo algum, Claudia. Não, longe disso! É apenas humano. Você gosta dessa palavra, que arrasta com uma ênfase inatípica. Sempre me interessa ouvi-la pronunciada por sua boca. Meu primo Joachim detesta-a por motivos militares. Dizia que ela significava indolência e relaxamento geral, e quando a considero sob esse aspecto, como um irrestrito guazzabuglio de tolerância, também não posso deixar de impor-lhe objeções;

isso admito francamente. Mas quando ela expressa liberdade, genialidade, bondade, é uma grande coisa, e, segundo me parece, não faz mal que a empregemos a favor da nossa conversa sobre Peeperkorn e sobre as preocupações e dificuldades que ele causa a você. Claro que elas são a consequência da mania de pundonor que ele tem, de seu medo de que o sentimento possa iracundar, esse medo que o faz tanto amar as coisas clássicas e os meios de se regalar. Podemos falar disso com toda reverência, pois nele tudo tem grande importância, a importância grandiosa de um rei, e nós não voltamos nem a ele nem a nós próprios fazendo reflexões humanas sobre esse assunto.

— Não se trata de nós — disse ela, voltando a cruzar os braços.

— A pessoa não seria mulher se, em virtude de um homem, não tivesse aceitado também os sentimentos, em virtude de um homem de grande importância, como você diz, e para o qual se é um objeto do sentimento e do temor pelo sentimento...

— Perfeitamente, querida. Muito bem formulado. Também o sentimento tem grande importância nesse caso, e a mulher, das alturas do seu sentimento, pode dirigir-se aos que não têm a importância de um rei, e falar-lhes com tanto desdém como você, quando se referiu aos timbres-poste, na tua opinião tomamos em que me disse: “Vocês, pelo menos, deveriam ser pessoas eficientes a quem se pudesse sempre recorrer”.

— Você é melindroso? Deixe disso! Mandemos às Ias os melindres! Não está de acordo? Também eu me melindrei às Yezes; Tuero reconhecê-lo hoMe, Má Tue estamos assim próximos um do outro. Irritei-me por causa da sua fleuma e porTue Yocê se entendia tão bem com ele, só para satisIazer sua própria experiência egoísta. E contudo Yia com prazer e gratidão Tue Yocê o trataYa com reYerência... HaYia na sua conduta muita lealdade, e, ainda Tue nela se mesclasse um pouTuinho de impertinência, não podia deixar de apreciar essa sua atitude.

— Foi muita bondade sua. Ela o fitou.

— Tenho a impressão de Tue Yocê é incorrigíYel. Vou lhe dizer uma coisa: Yocê é um rapaz malicioso. Não sei se tem espírito, mas é cheio de malícia, isso não se discute. Aliás, não Iaz mal nenhum; isso se pode suportar. Pode-se até manter amizade com uma pessoa assim. Quer Tue mantenhamos a amizade? Que Iaçamos uma aliança a IaYor dele, assim como normalmente se Iaz contra alguém? Quer me dar sua mão para selarmos essa aliança? Muitas Yezes me sinto angustiada... Acontece Tue sinto medo de estar a sós com ele, medo da solidão interior, tu sais...¹⁵ É angustiante mesmo... Às Yezes receio Tue ele acabe mal... Fico horrorizada, às Yezes... Gostaria de ter a meu lado um homem bom... Enfim, se lhe interessa saber, talYez seMa por isso Tue Yoltei para cá com ele...

Seus Moelhos se tocaYam, enTuanto estaYam sentados assim, ele na cadeira inclinada para a Irente, e ela no banTuinho. Ao proIerir essas últimas palaYras bem perto do rosto dele, ela lhe apertara a mão. Ele disse:

— Por mim? Mas isso é maraYilhoso! Oh, ClaZdia, é realmente extraordinário. Então Yocê Yoltou para cá com ele porTue eu estaYa aTui? E ainda Tuer pretender Tue a minha espera Ioi estúpida, desautorizada e totalmente Yã? Seria muito mesTuinho da minha parte, se eu não soubesse apreciar o oIerecimento de sua amizade, da amizade com Yocê em prol dele...

Foi então Tue ela o beiMou na boca. Era um daTueles beiMos russos, desses Tue se trocam naTuele Yasto país cheio de alma, nas mais importantes Iestas cristãs, como uma consagração do amor. No nosso caso, porém, esse beiMo Ioi trocado entre um MoYem notoriamente “malicioso” e uma mulher também MoYem, de andar sedutoramente Ielino; e enTuanto descreYemos essa cena, não podemos deixar de pensar, sem Tuerer, e de um modo Yago, na maneira engenhosa, embora um tanto suspeita, com Tue o dr. KrokoZski costumaYa Ialar do amor num sentido ligeiramente ambíguo, de modo Tue ninguém sabia com certeza se se reIeria a um assunto piedoso ou a algo Ísico, passional. E nós não Iazemos o mesmo, ou talYez o fizessem Hans Castorp e ClaZdia Chauchat,

Tuando trocaYam esse beiMo russo? Ora, Tue diria o leitor, se nos recusássemos redondamente a resolYer esse problema? A nosso Yer, seria um procedimento analítico, mas — para repetir a expressão de Hans Castorp — “muito mesTuinho” e Irancamente hostil à Yida, Iazer em matéria de amor uma distinção “limpa” entre elementos piedosos e elementos passionais. Que significaria “limpo” nesse caso? E o Tue significariam “sentido ambíguo” e “caráter eTuíYoco”? Ridicularizamos abertamente esses conceitos. Não será bom e grande o Iato de a língua não possuir senão uma única palaYra para tudo Tuanto aTuilo pode abranger, desde o sentimento mais piedoso até o deseMo mais carnal? O eTuíYoco torna-se, pois, plenamente uníYoco, uma Yez Tue o amor não pode ser separado do corpo, nem seTuer no auge da piedade, tal como não é ímpio nem nos momentos de carnalidade extrema. O amor continua sempre sendo ele mesmo, tanto sob a Iorma de conduta amistosa em Iace da Yida como sob a Iorma da mais sublime paixão; é a simpatia pela espera orgânica, o abraço comoYentemente Yoluptuoso daTuilo cuMo destino é apodrecer. Decerto há caritas até na paixão mais Iuriosa e na paixão mais reYerente. Sentido ambíguo? Pois Tue seMa ambíguo o sentido do amor! Nessa indistinção se maniIestam a Yida e a humanidade. ReYelaríamos uma desoladora Ialta de “malícia”, se nos inTuietássemos diante dessa ambiguidade.

Entanto os lábios de Hans Castorp e da sra. Chauchat se encontram Muntos no beíMo russo, apagamos as luzes do nosso peTueno teatro, para mudança de cena. Pois agora trataremos do segundo dos dois diálogos Tue prometemos relatar. Restabelecida a iluminação, a iluminação crepuscular de uma tardezinha de primaYera, na época do degelo, deparamos com o nosso herói numa situação Tue Má nos é Iamiliar, à beira da cama do grande Peeperkorn, palestrando com ele submissa e amigaYelmente. Ao chá das Tuatro horas, serYido no reIeitório, a sra. Chauchat comparecera sozinha, como Má se dera nas três reIeições anteriores, e logo depois se encaminhara a DaYos-Platz para eIetuar algumas compras. Diante disso Hans Castorp fizera anunciar ao holandês uma das suas costumeiras Yisitas, em parte para mostrar-se atencioso e para distraí-lo um pouco, em parte para edificar-se com a irradiação dessa personalidade; numa palaYra: por motiYos tão ambíguos como a Yida. Peeperkorn pôs o Telegraaf de lado, pegou o pince-nez de aros de chiIre pela ponte e atirou-o em cima do Mornal. A seguir estendeu ao Yisitante a mão de capitão, enquanto os lábios largos e gretados se moYiam Yagamente, com uma expressão dolorosa. Como sempre, tinha a seu alcance Yinho tinto e caIé. O serYiço de caIé achaYa-se numa cadeira Munto à cama, e o Iundo pardo da xícara deixaYa perceber Tue Iora usada haYia pouco. Mynheer acabaYa de tomar o trago de todas as tardes, Iorte e Tuente, com açúcar e creme, e Tue o Iazia

transpirar. O rosto de rei, emoldurado de labaredas brancas, estava corado, com pequenas bagas de suor assomando na testa e no lábio superior.

— Estou suado — disse. — Se bem-Yindo, meu MoYem. Pelo contrário. Sente-se! É um sinal de IraTueza, Tuando a gente, logo depois de ter ingerido uma bebida Tuente, começa a... Tenha a bondade de... Sim, senhor. O lenço. Muito obrigado.

A cor Vermelha do rosto ia desaparecendo com rapidez, dando lugar àTuele palor amarelado Tue depois de um ataTue de Iebre maligna costumava cobrir o rosto desse homem soberbo. A Tuartã Iora muito Violenta durante a manhã, com todas as suas três Iases, a Iria, a abrasadora e a úmida. Os olhinhos apagados de Peeperkorn pareciam cansados, sob o enrugamento da Ironte, Tue lhe dava o aspecto de um ídolo. Ele disse:

— Isto é... Plenamente, meu MoYem. Eu Tueria plenamente, Tuanto à palaYra “reconhecimento”... Em absoluto. É muito gentil da sua parte, conceder a um enIermo em idade aYançada...

— Uma Yisita? — perguntou Hans Castorp... — Em absoluto, Mynheer Peeperkorn. Quem deYe agradecer sou eu, por ter uma oportunidade de me sentar aTui. Pois eu tiro muito mais proYeito dessa Yisita Tue o senhor. Venho por razões puramente egoísticas. Mas como o senhor pode Tualificar-se de “enIermo

em idade aYançada”? Ninguém seria capaz de adiYinhar Tue isso se reIere à sua pessoa. Está traçando de si uma imagem totalmente Ialsa.

— Está bem — respondeu Peeperkorn, e Iechou os olhos por alguns instantes, recostando no traYesseiro a maMestosa cabeça com o Tueixo erguido. Os dedos com as unhas compridas Maziam entrelaçados sobre o amplo peito de rei, Tue se delineaYa sob a camisola de malha. — Está bem, meu MoYem. Ou melhor: suas intenções são boas; disso não duYido. EstaYa agradáYel ontem de tarde — pois sim, Ioi ontem à tarde — naTuele lugar hospitaleiro... me estTueci do nome... lá onde comemos um salame excelente com oYos mexidos e com esse Yinho local tão saudáYel...

— Foi uma maraYilha! — confirmou Hans Castorp. — Nós todos não tiYemos peMo de saborear a comida. O cheI de cozinha do BerghoI ficaria oIendido, e com razão, se nos tiYesse Yisto. Todos, sem exceção, nos lançamos a comer! Era um salame de lei. O sr. Settembrini estaYa até comoYido e comia-o, por assim dizer, com os olhos cheios de lágrimas.

É um patriota, como o senhor deYe saber, um patriota democrático. Consagrou a sua lança de cidadão sobre o altar da humanidade, para Tue de Iuturo os direitos alIandegários do salame seMam pagos na Ironteira do Brenner.

— Isso não tem importância — declarou Peeperkorn. — É um homem distinto, Tue sabe conYersar de Iorma alegre; um perIeito caYalheiro, ainda Tue não lhe seMa dado mudar de roupa com muita IreTuência.

— Não lhe é dado de modo algum — disse Hans Castorp.

— De modo algum! Já o conheço Iaz muito tempo e me dou bem com ele; Tuero dizer Tue ele se interessa por mim de uma maneira pela Tual lhe deYo a minha maior gratidão, só porTue achaYa Tue eu era um “filho enIermiço da Yida”; é uma dessas locuções Tue empregamos entre nós, e Tue terceiros não podem compreender sem explicação. Settembrini dá-se ao trabalho de exercer sobre mim uma influência corretiYa. Mas nunca, nem no Yerão nem no inYerno, o Yi em outros traMes Tue não aTuelas calças de xadrez e o MaTuetão puído. Ele usa, aliás, essas roupas Yelhas com uma correção notáYel, de modo muitíssimo distinto. Nesse ponto concordo inteiramente com o senhor. A maneira como se Yeste é um triunIo sobre a pobreza, e Tuanto a mim, prefiro essa pobreza à própria elegância do peTueno Naphta, em Iace da Tual nunca me sinto muito à Yontade, porTue ela é o diabo, em certo sentido, e os recursos necessários para ela lhe Yêm de uma Ionte escusa; estou mais ou menos bem-inIormado a respeito da sua situação.

— É um homem distinto e alegre — repetiu Peeperkorn, passando por cima da obserYação Tue Hans Castorp fizera com

reIerência a Naphta — ainda Tue — permita-me esta restrição — ainda Tue não esteMa liYre de preconceitos. Madame, minha companheira de Yiagem, não o aprecia muito, como o senhor talYez tenha notado. Não reYela simpatia ao Ialar dele, indubitaYelmente porTue esses

preconceitos se maniIestam na atitude Tue ele toma diante dela. Não precisa dizer palaYra alguma, meu MoYem! Quanto ao sr. Settembrini e aos sentimentos amistosos Tue o senhor tem por ele, estou longe de... Basta! Nem penso em afirmar Tue, Tuanto à cortesia Tue um caYalheiro deYe a uma dama, ele Mamais... PerIeito, meu caro amigo, irrepreensíYel! Mas existem ali um limite, uma reserYa, uma certa es-Tui-Yan-ça Tue tornam a animosidade de madame contra ele, humanamente Ialando, muito...

— CompreensíYel. Que a tornam natural. Altamente MustificáYel. Desculpe, Mynheer Peeperkorn, Tue eu tenha tomado a liberdade de terminar sua Irase. Pude arriscar-me a isso na certeza de estar inteiramente de acordo com o senhor. Sobretudo Tuem considera o Tuanto as mulheres — o senhor talYez se ria porTue eu, com a minha pouca idade, Ialo das mulheres de modo generalizado —, Tuem considera o Tuanto as mulheres, na sua conduta perante o homem, dependem do modo como o homem se conduz ante elas, não se pode admirar. As mulheres, é assim Tue eu gostaria de Iormular a ideia, são criaturas

reatiYas, sem iniciatiYa própria, criaturas indolentes, no sentido de passiYas... Permita-me, por IaYor, Tue eu desenYolYa, embora sem habilidade, esse meu ponto de Yista. A mulher, pelo Tue pude obserYar, considera-se, nos assuntos amorosos, em primeira linha como simples obMeto; espera Tue os acontecimentos cheguem até ela; não escolhe liYremente; só chega a escolher à base da escolha préYia do homem e mesmo então, permita-me acrescentar mais isso, mesmo então a liberdade da sua escolha é restrita e influenciada pelo Iato de ela ter sido escolhida, a não ser Tue se trate de um espécime excessiYamente mísero de homem; e nem essa condição Yigora em todos os casos... Deus meu, acho Tue as coisas Tue digo são banalidades, mas Tuando somos MoYens tudo nos parece noYo, noYo e surpreendente. Pergunte a uma mulher: “Você o ama?”, e ela lhe responderá, com os olhos erguidos ou mesmo baixos: “Ele

me ama tanto!”. Agora imagine uma resposta dessas na boca de um de nós. (Perdoe-me por me ter posto no mesmo plano com o senhor!) TalYez haMa homens Tue deYem responder dessa Iorma, mas se tornariam perIeitamente ridículos, seriam Yassalos do amor Ieminino, para me expressar de uma Iorma epigramática. Eu deseMaria saber Tue importância se atribui uma mulher Tue dá aTuela resposta. Será Tue Mulga deYer uma dedicação sem limites ao homem Tue concede a uma criatura tão

humilde o IaYor da sua escolha amorosa, ou será Tue ela Yê no amor Tue o homem tem à sua pessoa um sinal inIalíYel da perIeição dele? Ventilei esse problema muitas Yezes nas minhas horas solitárias.

— São os primórdios das coisas, são Iatos clássicos, meu caro MoYem! Suas palaYras singelas e fluentes tocam em Iundamentos sagrados — replicou Peeperkorn. — O homem é embriagado pelo seu próprio deseMo; a mulher exige e espera ser embriagada pelo deseMo dele. Disso nos proYém a obrigação de sentir. Daí a paYorosa ignomínia da insensibilidade, da impotência de leYar a mulher ao deseMo. O senhor toma uma taça de Yinho tinto em minha companhia? Eu tomarei. Tenho sede. Perdi muito líTuido hoMe.

— Agradeço imensamente, Mynheer Peeperkorn. Embora eu não tenha o hábito de beber a esta hora, estou sempre disposto a tomar um trago à sua saúde.

— Então sirYa-se da taça. Temos uma só. Eu me arranMarei com o copo da pia. Acho Tue esta zurrapa não se oIenderá, se bebida de um recipiente simples... — Com a mão de capitão leYemente trêmula, encheu os copos, aMudado pelo Yisitante, e aYidamente esYaziou o seu. O Yinho tinto descia-lhe pela garganta escultural como se Iosse água pura.

— Isso reIresca — disse ele. — O senhor não bebe mais nada? Então permita Tue eu tome mais um... — Derramou um pouco de Yinho ao encher o copo. O lençol de cima estaYa salpicado de manchas Yermelho-escuras. — Eu repito — prosseguiu com o dedo indicador em riste, enTuanto na outra mão tremia o copo cheio —, repito: daí resulta a nossa obrigação, o nosso deYer religioso de sentir. Nosso sentimento (compreende?) é a Iorça Yiril Tue desperta a Yida. A Yida está adormecida. Quer ser acordada para celebrar bodas orgiásticas com o sentimento diYino. Pois o sentimento, meu MoYem, é diYino. O homem é diYino, desde Tue sente. É o sentimento de Deus. Deus criou o homem para sentir por meio dele. O homem é apenas o órgão pelo Tual Deus realiza seu enlace matrimonial com a Yida despertada e ébria. Se o homem Iracassa Tuanto ao sentimento, irrompe a ignomínia de Deus, dá-se a derrota da Yirilidade de Deus, uma catástroIe cósmica, um horror inimagináYel... — Tornou a beber.

— Deixe Tue eu segure o copo, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp. — Acho muito instrutiYo seguir o curso dos seus pensamentos. O senhor acaba de desenYolYer uma teoria teológica Tue atribui ao homem uma Iunção religiosa muito digna, se bem Tue, talYez, um pouco unilateral. Nas suas ideias, se me posso permitir esta obserYação, há um certo rigorismo Tue tem algo de angustiante... Queira perdoar! Todo rigor religioso é

por natureza angustiante para pessoas de uma enYergadura mais modesta. Nem penso em me atreYer a corrigir o senhor, mas Tueria apenas desYiá-lo desses problemas e Yoltar ao Tue o senhor disse acerca de certos “preconceitos” Tue, segundo a sua opinião, o sr. Settembrini tem com reIerência a madame, sua companheira de Yiagem. Não é de ontem Tue conheço o sr. Settembrini; conheço-o Iaz muito tempo, há anos e anos. E posso lhe assegurar Tue os seus preconceitos, se é Tue existem, não são em absoluto os preconceitos mesTuinhos de um peTueno-burguês. No caso dele só se pode tratar de preconceitos de um estilo mais eleYado e, por conseguinte, de caráter impessoal: princípios pedagógicos gerais Tue o sr. Settembrini deIende, para Ialar com IranTueza, com

Yistas a mim, em minha Tualidade de “filho enIermiço da Yida”... Mas isso nos leYa muito longe. É um assunto Yasto demais para Tue poucas palaYras o possam...

— E o senhor ama madame? — perguntou Mynheer de repente, Yoltando para o Yisitante o rosto de soberano, com a boca dolorosa e gretada e com os olhinhos apagados sob os arabescos drapeMados da Ironte... Hans Castorp teYe um sobressalto. Balbuciando, respondeu:

— Se eu... Quer dizer... Sinto grande respeito pela sra. Chauchat, obYiamente, Má pelo Iato de ela ser...

— Por IaYor! — disse Peeperkorn, reIreando-o com um esmerado gesto da mão estendida e obtendo, desta Iorma, o necessário “espaço” para as palaYras Tue tencionYa pronunciar. — Permita-me — continuou —, deixe-me repetir Tue estou longe de culpar esse senhor italiano por uma inIração real das leis do caYalheirismo... Não acuso ninguém de tal inIração, ninguém! Mas notei... Neste momento, por exemplo, tenho o prazer de... Bem, meu caro MoYem! Está tudo muito bem. Tenho nisso grande prazer; não se discute; é mesmo muito agradáYel para mim. Mesmo assim digo de mim para mim... Numa palaYra, digo de mim para mim: o senhor conhece madame há mais tempo Tue eu. Já esteYe aTui com ela na outra temporada. Além disso madame é uma mulher cheia de encantos, e eu sou apenas um Yelho enIermo. Como se explica então... Por eu estar indisposto, ela desceu hoMe de tarde à Yila para Iazer compras, sozinha e sem ninguém Tue a acompanhasse... Não há mal nisso! Absolutamente! Mas não há dúYida de Tue seria... Será Tue deYo atribuir à influência dos... como Ioi Tue o senhor se expressou?... dos princípios pedagógicos de signor Settembrini o Iato de o senhor não ter seguido o impulso caYalheiresco... Peço Tue me entenda literalmente...

— Literalmente, Mynheer Peeperkorn. Oh, não. Mas de modo algum, em absoluto. AMo de modo plenamente autônomo.

Pelo contrário, em certa ocasião o sr. Settembrini até me...

Lastimo Yer em seu lençol umas manchas de

Yinho, Mynheer Peeperkorn. Não acha Tue se deYeria... Lá em casa costumaYam pôr sal enTuanto a mancha ainda estaYa Iresca...

— Isso não tem importância — disse Peeperkorn, sem perder de Yista o Yisitante.

Hans Castorp corou.

— As coisas — disse com um sorriso amarelo — apresentam-se aTui sob um aspecto diIerente do normal. O espírito Tue reina neste lugar, se me posso expressar assim, não é o espírito conYencional. O doente tem a primazia, Tuer seMa homem Tuer seMa mulher. O senhor está indisposto, Mynheer Peeperkorn. Trata-se de uma indisposição aguda, uma indisposição momentânea. Sua companheira de Yiagem está melhor, em comparação. Creio agir de acordo com as intenções de madame, Tuando na ausência dela a substituo um pouTuinho aTui... se é Tue num caso desses pode haYer substituição, rá, rá, rá: em Yez de representar o senhor Munto dela e oIerecer a ela minha companhia até a Yila. Com Tue direito eu imporia meus serYiços de caYalheiro à sua companheira de Yiagem? Para isso me Ialtam títulos e autorização. Posso afirmar Tue tenho bastante sensibilidade em relação a Tuestões de direito. Numa

palaYra, acho Tue minha situação é correta; ela corresponde ao estado geral das coisas, e corresponde, sobretudo, aos sentimentos sinceros Tue tenho por sua pessoa, Mynheer Peeperkorn, e com isso creio ter dado a sua pergunta... O senhor acaba de Iazer uma pergunta, não?... Creio ter dado a essa pergunta uma resposta satisIatória.

— Uma resposta muito agradáYel — replicou Peeperkorn.

— Ouço com sincero prazer as suas Irases leYes e ágeis, meu caro MoYem. Elas saltam por cima de todos os obstáculos, e remoYem de um modo simpático as arestas das coisas. Mas satisIatória? Não, a sua resposta não me satisIaz. Desculpe-me se com isso lhe causo uma decepção. “Rigoroso”, meu caro amigo! Há poucos instantes o senhor

empregou esse termo com reIerência a certas concepções Tue eu acabaYa de expor. Mas também nas suas palaYras há um certo rigorismo, uma austeridade, uma atitude Iorçada, Tue não me parecem em harmonia com a sua natureza, se bem Tue, em certo sentido, Má os tenha encontrado na sua conduta. Durante os nossos passeios e outros empreendimentos Tue realizamos em comum, o senhor costuma tomar essa mesma atitude em Iace de madame... e de mais ninguém. Isto o senhor me deYe explicar. É um deYer, meu MoYem, uma obrigação! Não me engano. Vi a minha obserYação confirmada em muitas ocasiões. É improYáYel Tue outras pessoas não a tenham Ieito

também, com a única diferença de que elas talvez, ou mesmo provavelmente, saibam a razão desse fenômeno.

Essa tarde, Myrtilo fazia períodos extraordinariamente precisos e acabados, apesar do cansaço causado pela febre maligna. Quase não havia incoerências. Meio sentado na cama, voltava para o visitante os imponentes ombros e a grandiosa cabeça, estendia um dos braços por cima da colcha, e a mão sardenta de capitão, saindo verticalmente do punho da manga de lã, exibia o característico anel da exatidão, flanqueado pelos dedos lanciformes, enquanto a boca formava linhas tão claras, tão incisivas e mesmo tão plásticas que o próprio sr. Settembrini deveria ter ficado contente. Os “erres” de palavras como “provavelmente” ou “razão” eram guturais e carregados.

— O senhor está sorrindo — continuou. — Pisca os olhos e vira a cabeça de cá para lá. Parece entregar-se a reflexões sem resultado positivo. E todavia não há dúvida alguma de que sabe a que me refiro e de que se trata. Não quero dizer que nunca diria a palavra a madame ou lhe fizesse deitando a resposta, quando a ocasião requer o contrário. Mas repito que o faz de modo forçado, ou para ser mais exato: estive-me, e vi alguma coisa, e quando se observa mais de perto, vê-se que esta coisa é uma determinada forma de tratamento. Quanto ao seu procedimento, tem-se a

impressão de Tue o senhor Iez uma aposta, de Tue comeu uma filipina com madame, e não pode, segundo as condições estipuladas, dirigir-lhe diretamente a palaYra. Como conseTuência disso, eYita TualTuer Iorma de tratamento. Nunca lhe diz “a senhora”.

— Mas, Mynheer Peeperkorn... Que “filipina” seria essa?...

— Posso chamar sua atenção para um Iato Tue o senhor certamente notou também: acaba de empalidecer até os lábios.

Hans Castorp não ergueu o olhar. Inclinado para a Irente, ocupaYa-se intensamente com as manchas Yermelhas no lençol. “Isso tinha Tue acontecer!”, pensou. “Tudo tendia nessa direção. Acho Tue eu mesmo fiz o Tue estaYa a meu alcance para chegar a este ponto. Em certo sentido, tinha isso em mira, como percebo agora. Será Tue realmente empalideci? É possíYel, porTue está iminente o momento decisiYo. Não se sabe o Tue acontecerá. Ainda consigo mentir? Até poderia, mas não Tuero de modo algum. Por enTuanto continuarei olhando essas manchas de sangue, essas manchas de Yinho tinto no lençol.”

De cima dele também não Yinha palaYra alguma. O silêncio prolongou-se por dois ou três minutos, tornando perceptíYel a enorme extensão Tue essas unidades minúsculas podem adTuirir em tais circunstâncias.

Quem reencetou a conYersa Ioi Pieter Peeperkorn.

— Foi na Tuela noite em Tue tiYe o prazer de traYar conhecimento com o senhor — começou em tom de rapsodo, baixando a Yoz pelo fim, como se terminasse a primeira Irase de uma longa história. — AcabáYamos de celebrar uma peTuena Iesta.

HaYíamos saboreado comidas e bebidas. A altas horas da noite, numa disposição animada, com o espírito liYre e empreendedor, dirigíamo-nos, de braços dados, para os nossos Tuartos. Sucedeu então o seguinte: diante desta minha porta, no momento da despedida, ocorreu-me a ideia de conYidar o senhor a tocar com os lábios a Ironte da mulher Tue o tinha apresentado a

mim como um bom amigo de uma temporada anterior, e de deixar ao critério dela se Tueria retribuir, na minha presença, esse ato solene e alegre, como consagração da hora sublime. O senhor reMeitou minha sugestão; reMeitou redondamente, alegando Tue lhe parecia absurdo trocar beiMos na Ironte com a minha companheira de Yiagem. O senhor não Yai negar Tue aTuilo era uma explicação Tue por sua Yez necessitaYa de um comentário, e esse comentário o senhor me ficou deYendo até agora. O senhor está disposto a pagar essa díYida?

“Ora, ora, ele percebeu até isso”, pensou Hans Castorp e pôs-se a estudar ainda mais intensamente as manchas de Yinho, chegando até a arranhar uma com a ponta curYa do dedo médio. “Pode ser Tue naTuele instante eu deseMasse, no Iundo do coração, Tue ele

percebesse e tomasse nota do Iato. Caso contrário, eu não teria dito essas coisas. Mas Tue haYerá agora? Sinto o coração bater, nada Iraco. Terei de enIrentar uma enorme explosão de Iúria real? Quem sabe se eu não Iaria bem em Yigiar o seu punho Tue talYez Má esteMa erguido por cima da minha cabeça? Uma situação esTuisitíssima e para lá de crítica, essa em Tue me encontro.”

De choIre sentiu a mão de Peeperkorn agarrar-lhe o pulso direito.

“Agora me pega pelo pulso!”, pensou. “Ora, Tue ridículo, por Tue me comportar como um cão surrado? Cometi alguma Ialta contra ele? Nenhuma. O primeiro Tue teria direito de se Tueixar seria aTuele homem no Daguestão. E depois mais este ou aTuele. E finalmente eu mesmo. Ao Tue saiba, ele não tem motiYo nenhum para Tueixar-se. Pois então, por Tue meu coração bate tanto? Já é tempo Tue me aprume e olhe com IranTueza, mas também com reYerência, para esse rosto maMestoso!”

Foi o Tue Iez. O rosto maMestoso estaYa amarelo. Os olhos pareciam apagados sob o enrugamento içado da testa. Os lábios gretados mostraYam uma expressão amarga. Um lia nos olhos do outro, o grande ancião e o MoYem insignificante, enTuanto um seguia segurando o pulso do outro. Finalmente Peeperkorn disse em Yoz baixa:

— O senhor Ioi amante de ClaZdia durante a outra temporada.

Hans Castorp Yoltou a inclinar a cabeça, mas logo Yoltou a leYantá-la e respondeu depois de respirar Iundo:

— Mynheer Peeperkorn! Repugna-me em mais alto grau mentir-lhe, e esIorço-me por encontrar uma possibilidade de eYitar tal coisa. Não é Iácil. Eu exageraria se confirmasse o Tue o senhor acaba de dizer, e mentiria se o negasse. Isso se explica assim: durante muito tempo, durante muitíssimo tempo mesmo YiYi nesta casa com ClaZdia... Perdão!... com sua atual companheira de Yiagem, sem conhecê-la no sentido conYencional. A conYenção não tinha lugar em nossas relações, ou melhor: nas minhas relações com ela, sobre as Tuais Tuero acrescentar Tue sua origem está enYolta em obscuridade. Nos meus pensamentos, nunca tratei ClaZdia de outra Iorma a não ser por “Yocê”, e tampouco o fiz em realidade. Pois aTuela noite em Tue me desembaracei de certas peças pedagógicas Tue mencionei de passagem, e me aproximei dela, sob um pretexto Tue um Iato longínTuo me sugeria, era uma noite de mascarada, noite de CarnaYal, noite sem responsabilidade, noite do “Yocê”, em cuMo decorrer esse “Yocê” adTuiriu, inconscientemente e como num sonho, seu sentido pleno. Ao mesmo tempo, porém, era a Yéspera da partida de ClaZdia.

— Sentido pleno — repetiu Peeperkorn. — O senhor, de Iorma muito gentil... — Soltou Hans Castorp, e com as palmas das mãos de capitão, de unhas compridas, começou a esIregar as duas Iaces do rosto, as órbitas, as bochechas e o Tueixo. A seguir Muntou as mãos sobre o lençol enlaiYado de Yinho e Yoltou a cabeça para a esTuerda, a direção onde se achaYa o Yisitante, parecendo, contudo, desYiar o rosto.

— Respondi-lhe com a maior clareza possíYel, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp —, e procurei escrupulosamente não dizer nem de menos nem de mais. O Tue mais me importaYa era Iazê-lo notar Tue, sob certo aspecto, se tem plena liberdade de leYar ou não em conta aTuela noite, a noite do “Yocê” consumado, e da despedida; Iazer notar Tue essa noite se achaYa completamente Iora do normal e Tuase Tue Iora do calendário, um hors d’œuYre, por assim dizer, uma noite extra, noite bissexta, Yinte e noYe de IeYereiro, e Tue, por conseguinte, seria apenas meia mentira se eu negasse o Tue o senhor acaba de afirmar.

Peeperkorn não deu resposta.

— PreIeri — recomeçou Hans Castorp depois de uma peTuena pausa — Ialar a Yerdade, não obstante o perigo de perder assim sua beneYolência, o Tue, digo Irancamente, seria para mim uma perda sensíYel; posso assegurar Tue seria um golpe, um

Verdadeiro golpe, mas bem se poderia comparar com a tua. Tu significou para mim o Iato de a sra. Chauchat não voltar sozinha, mas como sua companheira de Viagem. Arris-tuei correr esse perigo, por-tue desde muito dese-MaYa Tu hou-esse clareza entre nós, entre o senhor, por Tuem sinto tão extraordinário respeito, e a minha pessoa; isso me parecia ser mais bonito e conter mais humanidade... O senhor conhece o modo como ClaZdia pronuncia essa palaYra, com sua Yoz encantadoramente Yelada, arrastando-a com tanta graça... Bem, isso me parecia ser mais bonito e conter mais humanidade Tu a omissão e o fingimento. Sob esse aspecto experimentei grande alíYio Tuando o senhor, há pouco, Iez aTuela afirmação.

Nenhuma resposta.

— Não é só isso, Mynheer Peeperkorn — prosseguiu Hans Castorp.

— Há mais uma coisa Tu me inspirou o deseMo de lhe Ialar com toda a IranTueza. Trata-se da experiência pessoal Tu me ensinou Tuão irritantes são, numa situação dessas, a incerteza e a necessidade de se guiar por

conMeturas. Agora o senhor é Tu sabe com Tuem ClaZdia... antes de se estabelecer a atual situação de direito, Tu seria a mais rematada loucura desrespeitar... com Tuem ClaZdia teYe, ou passou, ou cometeu... sim, cometeu um... um dia Yinte e noYe de IeYereiro. Eu por mim nunca cheguei a adTuirir essa clareza, apesar de me dar conta de Tu todos os Tuem tenham enseMo de

refletir sobre essas coisas de Yem incluir nos seus cálculos esse tipo de precedentes, o Tue no Iundo Tuer dizer: predecessores; e isso apesar de eu ainda saber Tue o conselheiro Behrens, Tue atua como pintor diletante, como o senhor talYez saiba, Iez dela, no curso de muitas sessões, um excelente retrato a óleo, com uma representação tão realística da pele Tue existem, cá entre nós, motiYos de sobra para suspeitas. ATuilo me causou tormentos e muita dor de cabeça, e ainda hoMe causa.

— O senhor ainda a ama? — perguntou Peeperkorn, sem mudar de posição, isto é, com o rosto desYiado... O Quarto espaçoso ia desaparecendo mais e mais na penumbra.

— Perdão, Mynheer Peeperkorn — replicou Hans Castorp

—, mas os sentimentos Tue nutro pelo senhor, sentimentos da mais alta estima e admiração, não me permitiriam Ialar- lhe dos sentimentos Tue nutro pela sua companheira de Yiagem.

— E ela — perguntou Peeperkorn em Yoz abaIada — continua a corresponder a esses sentimentos até hoMe?

— Não digo — tornou Hans Castorp —, não digo Tue em algum momento ela tenha correspondido a eles. Isso me parece pouco proYáYel. Acabamos de Irisar esse assunto teoricamente Tuando tratamos da natureza reatiYa das mulheres. Claro Tue na minha pessoa não há muita coisa Tue se possa amar. Que enYergadura tenho eu? Julgue o senhor mesmo! A possibilidade de um... de um

Yinte e noYe de IeYereiro só pode ser atribuída ao Iato de a mulher se deixar influenciar pela escolha préYia do homem. Quero acrescentar Tue tenho a impressão de cometer um ato de Yaidade e de mau gosto, se Ialo de mim como de um “homem”, mas ClaZdia é indiscutiYelmente mulher.

— Ela obedeceu aos sentimentos — murmuraram os lábios gretados de Peeperkorn.

— Como o Iez no caso do senhor, com muito mais obediência ainda — retrucou Hans Castorp —, e como, segundo todas as probabilidades, Má o deYe ter Ieito umas Tuantas Yezes... Disso se deYem dar conta os Tue têm enseMo de...

— Chega! — disse Peeperkorn, com o corpo ainda Yirado, e a palma da mão Yoltada a seu interlocutor. — Não seria inIame Ialarmos assim sobre ela?

— Não acho, Mynheer Peeperkorn. Não, senhor, nesse ponto me parece Tue o posso tranTuilizar completamente. Estamos Ialando de coisas humanas: humanas no sentido de genialidade e liberdade. Desculpe essa expressão Tue talYez seMa um pouco pomposa; mas uma emergência, há poucos dias, me Iez lançar mão dela.

— Está bem. Continue! — ordenou Peeperkorn, baixinho. Também Hans Castorp abaíou a Yoz. Sentado na borda da cadeira, Munto à cama, com as mãos apertadas entre os Moelhos, inclinou-se para o ancião maMestoso.

— Pois ela é uma criatura genial — disse — e aTuele homem Tue YiYe lá além do Cáucaso — o senhor deYe saber Tue ela tem um marido por lá — permite-lhe a liberdade, a genialidade, seMa por embotamento, seMa por inteligência. Não sei dizê-lo, porTue não conheço o suMeito. Em todo caso, anda acertado Iazendo-lhe essa concessão, Má Tue é a doença Tue a torna liYre, o princípio genial da doença, ao Tual ela está suMeita. E Tuem tiYer enseMo de Iazê-lo andar á acertado imitando o exemplo dele, sem se Tueixar nem do passado nem do Iuturo...

— O senhor não se Tueixa? — perguntou Peeperkorn, e Yoltou-lhe o rosto... Parecia pálido na penumbra, com o olhar fixo, apagado e lasso, sob as rugas da Ironte Tue lhe daYam aparência de um ídolo. A boca ampla, gretada, estaYa semiaberta, como numa máscara trágica.

— Eu não pensaYa — respondeu Hans Castorp com modéstia — Tue se tratasse de mim. Minhas palaYras têm por obMetiYo eYitar Tue o senhor se Tueixe, Mynheer Peeperkorn, e me priYe de sua beneYolência por causa de ocorrências passadas. É isso o Tue me importa nesta hora.

— Mesmo assim — disse Peeperkorn — deYe ter sido uma dor proIunda aTuela Tue lhe causei sem saber.

— Se isto é uma pergunta — YolYeu Hans Castorp — e se lhe dou uma resposta afirmatiYa, isso não significa de Iorma alguma Tue eu não saiba apreciar o enorme priYilégio de conhecê-lo, uma Yez Tue não se pode separar esse priYilégio da decepção a Tue o senhor se reIere.

— Obrigado, MoYem, obrigado. Gosto da gentileza das suas palaYras ágeis. Mas, abstração Ieita das nossas relações...

— DiÍícil Iazer abstração delas — disse Hans Castorp — e também não preciso Iazê-la, para responder à sua pergunta com um simples “sim”. Pois o Iato de ClaZdia ter Yoltado em companhia de uma personalidade da enYergadura do senhor só podia aumentar e complicar o desgosto Tue constituía para mim a própria circunstância de ela ter Yoltado em companhia de um homem. Esse Iato me deu muito Tue Iazer e continua dando até hoMe; não o nego. De propósito me empenhei o mais Tue pude em Yer o lado positiYo da coisa, Tuer dizer: os sentimentos de sincera reYerência Tue tenho pelo senhor, Mynheer Peeperkorn. Isso incluía, aliás, uma peTuena malícia contra a sua companheira de Yiagem; pois as mulheres absolutamente não gostam de Tue os seus amantes se entendam.

— De Iato... — disse Peeperkorn, e escondeu um sorriso, passando a mão em concha por sobre a boca e o Tueixo, como se houYesse o perigo de a sra. Chauchat Yê-lo sorrir. Também Hans Castorp esboçou um sorriso discreto, e a seguir ambos sacudiram a cabeça num entendimento tácito.

— Afinal de contas — prosseguiu Hans Castorp — eu tinha direito a essa peTuena Yingança; pois, Tuanto a mim, não me Ialtam motiYos para me Tueixar, não de ClaZdia, nem tampouco do senhor, Mynheer Peeperkorn, mas num sentido geral, por causa da minha Yida e de meu destino. Uma Yez Tue tenho a honra de gozar da sua confiança, e Tue essa hora crepuscular é tão esTuisita, Tuero pelo menos esboçar esses motiYos.

— Pois não — disse Peeperkorn cortesmente, e Hans Castorp continuou:

— Estou aTui em cima Iaz muito tempo, Mynheer Peeperkorn, há Yários anos Má, nem sei dizer Tuantos. Mas são anos da minha Yida, e por isso mencionei a “Yida”, assim como também Yoltarei oportunamente a Ialar do “destino”. Meu primo, ao Tual eu deseMaYa Iazer uma peTuena Yisita, um militar com intenções decentes e honradas, Tue no entanto pouco lhe adiantaram, meu primo Ioi-me arrebatado, e eu continuo aTui. Eu não era soldado; tinha uma profissão ciYil, como o senhor

talvez tenha ou Yido Ialar, uma profissão sólida e sensata, Tué, segundo dizem, tem até junções de ligar os pontos entre si. Não nego Tué Mamais tenha sentido uma afeição especial por ela, e isso por razões sobre as quais só Tuero dizer Tué se acham enfiadas em obscuridade. Acham-se ali lado a lado com as origens dos sentimentos Tué tenho pela sua companheira de Viagem (sirYo-me desse termo para demonstrar expressamente Tué nem penso em discutir direitos adquiridos), meus sentimentos por Cláudia Chauchat e o tratamento de “Yocê” Tué lhe deu em meu íntimo, como nunca deixei de fazer, desde Tué os olhos dela encontraram os meus pela primeira vez, enfeitando-me de imediato... Eles me enfeitaram num sentido insensato, compreende? Por amor a ela, e a despeito do sr. Settembrini, submeti-me ao princípio oposto à razão, ao princípio genial da doença, ao qual talvez Má tenha estado submetido desde muito ou desde sempre. Fitei-a em cima, Má não sei com certeza há quanto tempo. Estueci tudo e me desliguei de tudo, de meus parentes e minha profissão, e de meu futuro na planície. E Tuando Cláudia partiu, esperei por ela, esperei sempre aTui em cima, de modo Tué estou perdido para a planície, Tué me considera morto. Era isso Tué eu tinha em mente, Tuando me referi ao “destino” e tomei a liberdade de alegar Tué eu enfim tinha certo direito de me Tuar da atual situação de direito. Certa vez li uma história... Não, eu a vi no teatro. Há lá um

rapaz Tue não Iazia mal a ninguém. Era, aliás, um soldado, tal Tual meu primo. Ele traYa conhecimento com uma encantadora cigana, um Yerdadeiro encanto de mulher Iatal e selYagem, com uma flor atrás da orelha, e ela o domina de tal maneira Tue o rapaz se desnorteia completamente e chega a sacrificar-lhe tudo, desertar das fileiras, associar-se em sua companhia a um bando de contrabandistas, e desonrar-se sob todos os aspectos. Ao cabo de tudo isso, ela se cansa dele e arranMa um toureiro de personalidade poderosa com uma magnífica Yoz de barítono. A história termina assim: o soldadinho, com o rosto branco como giz, e com a camisa aberta, esIaTueia- a em Irente de um circo. Por outro lado, a mulher o haYia proYocado a esse ato. É uma história Tue não Yem ao caso, essa Tue acabo de contar. Mas, afinal, por Tue me ocorreu?

Quando Hans Castorp Ialara em “esIaTuear”, Peeperkorn modificara sua posição semissentada. Retrocedera um pouco na cama, Yoltando rapidamente o rosto ao Yisitante e lançando nele um olhar perscrutador. A seguir, empertigou- se, apoiado no cotoYelo, e disse:

— JoYem, ouYi as suas palaYras e agora estou a par de tudo. Permita Tue, com base em Tue me comunicou, lhe oIereça uma explicação leal. Se os meus cabelos não Iossem brancos e eu não me achasse acometido por uma Iebre maligna, o senhor me Yeria disposto a dar-lhe, de homem para homem, com a arma na

mão, satisfação pelo mal que lhe causei sem saber, e ao mesmo tempo pelo outro que lhe infligiu minha companheira de viagem, e do qual também lhe deixo contas. Perfeitamente. O senhor me parecia disposto. Mas, sendo as coisas como são, permita que eu lhe faça uma outra proposta. Trata-se do seguinte: lembro-me de um momento sublime, logo no início das nossas relações... Lembro-me dele, embora naquela ocasião tivesse feito muita honra ao Yinho. Foi o momento em que eu, agradavelmente impressionado pelo caráter do senhor, estive a ponto de lhe propor o “Yocê” Iraternal. No entanto, não pude deixar de perceber que esse passo seria um tanto precipitado. Muito bem, porém, como me refiro àquele instante, transporto-me novamente para ele e dou por terminado o prazo então estabelecido. Meu caro MoYem, somos irmãos; declaramos-nos irmãos. O senhor falou do significado pleno de um “Yocê”. Também o nosso terá significado pleno, o significado da Iraternidade no sentimento. A satisfação que não lhe posso dar com a arma, devido à minha idade e à doença, ofereço-a sob a forma de uma aliança Iraternal, assim como às vezes se trama contra terceiros, contra o mundo ou contra quem quer que seja, nós o faremos, de nossa parte, no sentimento comum por alguém. Tome a sua taça, MoYem, enquanto eu volto a usar meu copo de pia, que afinal de contas não oferece em nada essa zurrupazinha...

E com a mão de capitão ligeiramente trêmula encheu os copos, aMudado pelo reYerente e perplexo Hans Castorp.

— Peço Tue o senhor se sirYa! — repetiu Peeperkorn. — Que cruze o braço comigo e beba assim! Que esYazie o copo!... Ótimo, meu MoYem. Basta. ATui, minha mão. Você está contente?

— Essa palaYra naturalmente é muito Iraca para expressar o Tue sinto, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp, Tue tiYera algumas dificuldades em emborcar a taça de um só gole e enxugaYa os Moelhos com o lenço, porTue derramara um pouco de Yinho. — Prefiro dizer Tue estou infinitamente Ieliz, e ainda mal posso compreender como me Ioi concedido algo assim... Francamente, é como se eu estiYesse sonhando. É uma honra imensa para mim, e não sei como a mereci, a menos Tue de um modo passiYo, porTue não pode ser de outra Iorma. Não será de admirar

Tue no começo me pareça um tanto excêntrico empregar esse noYo tratamento, e Tue eu tropece de Yez em Tuando, sobretudo em presença de ClaZdia, Tue, à maneira das mulheres, proYaYelmente não gostará deste arranMo...

— Deixe isso comigo — replicou Peeperkorn —, e o resto é uma Tuestão de prática e de hábito. E agora Yá, meu caro MoYem! Deixe-me sozinho, meu filho! Está escuro; Má é noite cerrada, e

nossa amiga pode Yoltar a TualTuer instante. Um encontro de Yocês, neste momento, talYez não seMa conYeniente.

— Passe bem, Mynheer Peeperkorn — disse Hans Castorp, enTuanto se leYantaYa. — Como o senhor está Yendo, procuro Yencer minha timidez legítima e exercito-me no tratamento audacioso. Escureceu; é Yerdade. Seria bem possíYel Tue o sr. Settembrini entrasse neste Tuarto e acendesse a luz, para Tue reinassem a razão e as conYenções; é o Iraco dele. Até amanhã! Saio daTui tão alegre e tão orgulhoso como nem de longe teria imaginado. Estimo suas melhoras! Sei Tue tem à Irente pelo menos três dias sem Iebre, durante os Tuais não precisa temer TualTuer esIorço. Isto me dá tanta alegria como se eu Iosse Yocê. Boa noite!

MYNHEER PEEPERKORN (FIM)

Uma cascata não deixa de ser destino atraente para excursões, e dificilmente se explica por Tue Hans Castorp, apesar de sentir inclinação particular pelas Tuedas-d'água, ainda não Yisitara o pitoresco salto situado na floresta do Yale de Flüela. Essa omissão talYez Iosse perdoáYel durante o tempo em Tue conYiYera com Joachim; o rigoroso senso do deYer, peculiar ao primo, Tue não Yiera para diYertir-se, e nunca perdia de Yista a finalidade da sua estada, haYia limitado o horizonte de ambos aos arredores próximos da Casa “BerghoI”. E depois do decesso de Joachim — sim, também depois dele, as relações entre Hans Castorp e a paisagem alpina haYiam guardado, com exceção de alguns passeios de esTui, o caráter de conserYadora monotonia, Tue contrastaYa Iortemente com o Yasto alcance de suas experiências interiores e de seus aIazeres de Tuem “reinaYa”. Esse contraste exercia sobre o MoYem um encanto Tue ele, em certo sentido, saboreaYa com plena consciência. Mesmo assim aproYou YiYamente um proMeto de excursão de coche até aTuele lugar Iamoso, proMeto Tue um dia Ioi Yentilado em sua Yizinhança mais próxima, ou seMa, naTuele peTueno círculo de amigos constituído por sete pessoas (ele próprio incluído).

Nesse ínterim chegara o mês de maio, mês das delícias, segundo as ingênuas cantilenas da planície. A Tui em cima, o ar de maio costuma Ya ser bastante Irio e não muito conYidatiYo; mas ao menos podia-se dizer Tue o degelo estaYa terminado. Verdade é Tue diYersas Yezes no decorrer dos últimos dias haYiam caído grossos flocos, mas a neYe derretia-se logo, deixando atrás apenas um pouco de umidade. As massas compactas do inYerno acabaYam de Iundir-se, esYair-se, desaparecer, com exceção de alguns restos isolados, e o Yerdor do mundo noYamente transitáYel constituía um conYite a todo espírito empreendedor.

No curso das semanas passadas, as atiYidades sociais do grupo tinham sido influenciadas pela indisposição de seu cheIe supremo, o maMestoso Pieter Peeperkorn, cuMa Iebre maligna, lembrança dos trópicos, não Tueria ceder nem aos eIeitos de um clima excepcional, nem aos antídotos de um médico tão competente como o conselheiro Behrens. O holandês passara muito tempo na cama, e não somente nos dias em Tue a Tuartã reiYindicaYa cruelmente os seus direitos. O baço e o Iígado daYam-lhe muito trabalho, conIorme o médico explicaYa em particular aos amigos mais chegados do enIermo. Também o estômago não se achaYa em estado perIeito, e Behrens não se esTueceu de indicar o perigo de um enIraTuecimento progressiYo

a Tue estaYa exposta, sob essas circunstâncias, até mesmo uma constituição tão robusta como a de Peeperkorn.

Durante todas essas semanas, Mynheer não presidira senão uma reIeição noturna, e os passeios coletiYos também não Ioram muito extensos. Aliás, e contamos isso cá entre nós, Hans Castorp experimentaYa uma espécie de alíYio graças a esse aIrouxamento dos laços Tue ligaYam o grupo, pois a noYa Iraternidade com o companheiro de Yiagem da sra. Chauchat, regada a brindes e saudações, causaYa-lhe desconIortos; nas conYersas Tue mantinha com Peeperkorn em presença de terceiros, VoltaYam a aparecer aTuela mesma “atitude Iorçada”, aTuela mesma “esTuiYança” e “eYitação” decorrentes de uma partilha da filipina Tue o holandês percebera na conduta diante de ClaZdia: para não empregar o tratamento direto, nos casos em Tue este se impunha, Castorp serYia-se de estranhos circunlóTuios. Era o mesmo dilema, ou talYez o dilema inYerso, Tue pesaYa sobre as palaYras Tue trocaYa com ClaZdia na Irente de outras pessoas ou apenas do próprio Peeperkorn, um dilema Tue, em razão da satisIação Tue esse seu mestre lhe dera, passara a reYelar o caráter de um duplo impasse Iormal.

Agora, enfim, o Tue estaYa na ordem do dia era o plano de uma excursão à cascata: Peeperkorn em pessoa fixara o itinerário e sentia-se disposto a tentar a empresa. Era o terceiro dia depois de um ataTue de Tuartã, e Mynheer comunicou Tue

tinha a intenção de aproveitar a ocasião. Não almoçara no refeitório; como era habitual nestes últimos tempos, tomara as primeiras refeições no salão do seu apartamento, em companhia de madame Chauchat. Mas já na hora do café da manhã, Hans Castorp recebera do porteiro coxo a ordem de estar pronto para um passeio de coche uma hora após o almoço, transmitir essa mesma ordem aos srs. Ferge e Wehsal e comunicar a Settembrini e Naphta que o carro passaria por sua casa para buscá-los; além disso, deveria ocupar-se de reservar dois landôs para as três da tarde.

A essa hora encontraram-se diante do portão da Casa “Berghof”: Hans Castorp, Ferge e Wehsal esperavam os donos do apartamento principesco, e distraíam-se por ali, enquanto isso, acariciando os cabelos, que, com os beijos pretos, grossos e úmidos, lhes tiravam pedaços de açúcar das palmas da mão. Com um pequeno atraso, nada mais, os companheiros de viagem surgiram na escadaria. Peeperkorn, cuja cabeça de rei parecia mais magra, e que trazia um sobretudo comprido, um pouco gasto, deteve-se no patamar, ao lado de Clizia, tirando o chapéu redondo e macio, e seus lábios articularam um “Bom dia!” inaudível. A seguir apertou as mãos de cada um dos três senhores, que haviam ido ao encontro do casal, até o pé da escada.

— Meu filho! — disse então dirigindo-se a Hans Castorp e pondo-lhe a mão esquerda sobre o ombro. — Como vai, meu filho?

— Muito, muito obrigado! E de sua parte, como Yai? —
respondeu o MoYem.

O sol brilhaYa. Era um dia lindo, sem nuYens. Mesmo assim tinham agido com acerto Yestindo casacões de meia- estação, porTue era proYáYel Tue durante o passeio o Irio se tornasse sensíYel. Também madame Chauchat traMaYa um sobretudo Tuenta, cinturado, de um tecido Ielpudo, com grandes Tuadrados de xadrez, e uma gola de pele Tue lhe cobria os ombros. No chapéu de Ieltro trazia um Yéu cor de azeitona, atado por baixo do Tueixo, e Tue dobraYa as abas em torno do rosto. FicaYa tão encantadora com esse chapéu Tue literalmente Iazia soIrer a maioria dos caYalheiros presentes, exceção Ieita de Ferge, o único Tue não estaYa apaixonado por ela. Foram distribuídos os lugares, proYisoriamente, Má Tue mais tarde os externos se reuniram ao grupo, e a indiIerença de Ferge teYe por conseTuência caber-lhe o assento de costas, no primeiro landô, em Irente de Mynheer e de madame, ao passo Tue Hans Castorp embarcou Munto com Wehsal no segundo carro, não sem ter apanhado um sorriso irônico de ClaZdia. O Yulto Irágil do criado malaio também participaYa da excursão. Com um Yolumoso cesto, sob cuMa tampa apontaYam os gargalos de duas garraIas de Yinho, e Tue Ioi depositado debaixo de um dos assentos de costas do primeiro landô, o homenzinho aparecera atrás dos seus amos, e Tuando se achaYa instalado na boleia,

com os braços cruzados, deu-se aos cavalos o sinal de partida. Com os freios apertados, os carros começaram a descer pela curva da rampa.

Também Wehsal notara o sorriso da sra. Chauchat. Mostrando os dentes cariados, fez comentários acerca dele para Hans Castorp.

— Viu como ela se riu do senhor — perguntou —, por ter tu ir sozinho comigo? É sem falta: primeiro o dano, depois o escárnio. O senhor não acha irritante e repulsiyo estar assim ao meu lado?

— Componha-se, Wehsal, e vá lá como Iala! Que baixeza... — repreendeu-o Hans Castorp. — As mulheres sorriem a tual tua instante, pelo prazer de sorrir. Não vá a pena refletir sobre cada um de seus sorrisos. Por tu o senhor insiste em se rebaixar? Como todos nós, o senhor tem tualidades e defeitos. Por exemplo, toca bastante bem o “Sonho de uma noite de Yerão”, coisa tu nem todos

sabem fazer. O senhor deveria tocá-lo de noyo, tual tua dia destes.

— É, o senhor Iala comigo de cima para baixo — respondeu o pobre-diabo — e nem se tu percebe o desaloro tu seu consolo contém, e tu apenas me humilha mais e mais. Para o senhor é fácil dizer essas coisas e reconfortar a gente do alto de seu alazão; pois, se ho me se encontra numa

situação um tanto ridícula, teYe ao menos a sua Yez, esteYe no sétimo céu, santo Deus, e sentiu os braços dela em torno de seu pescoço, e tudo aTuilo, santo Deus... Eu sinto Tueimar a garganta e o Iundo do coração Tuando penso nisso... E o Tue o senhor Iaz, com plena consciência do Tue gozou, é olhar com desdém, aí de cima, meus tormentos de mendigo...

— Nada bonito esse seu Meito de Ialar, Wehsal. É abMeto mesmo, para além da conta; não lhe escondo minha opinião, Má Tue o senhor me tacha de desaIorado, e parece Tuerer Ialar assim, desse Meito abMeto; Iaz de propósito, e Iaz tudo para parecer asTueroso e humilhar-se a cada momento. Está tão apaixonado assim?

— É terríYel — replicou Wehsal, meneando a cabeça. — São indescritíYeis as torturas Tue soIro pela sede e pela cobiça de possuí-la. Quem me dera dizer Tue isso será minha morte! Mas num estado desses não se pode nem YiYer nem morrer. EnTuanto ela estaYa ausente, comecei a me sentir melhor. Aos poucos consegui me preocupar menos. Mas desde Tue Yoltou e a YeMo todos os dias, a minha paixão me Iaz morder o braço e agarrar miragens. Já não sei o Tue Iazer. Uma coisa assim não deYeria existir. Mas não é possíYel deseMar Tue desapareça. Quem soIre de tal paixão não pode ter esse deseMo, porTue seria o mesmo como deseMar Tue desaparecesse a própria Yida, Tue se amalgamou com a paixão; é coisa Tue não se pode... Que

adiantaria morrer? Depois, sim; com prazer! Nos braços dela; com a maior satisfação! Mas antes seria absurdo; pois a Yida é o deseMo, e o deseMo é a Yida e não pode Yoltar-se contra si próprio; nisso é Tue consiste o maldito dilema. E Tuando digo “maldito”, isso não passa de uma maneira de Ialar. É como se um terceiro Ialasse, porTue eu mesmo absolutamente não posso ter essa opinião. Há muitos tipos de tormentos, Castorp, e Tuem está sendo torturado Tuer se Yer liYre, Tuer simplesmente, incondicionalmente, Tue o soltem. Eis o Tue é o seu único obMetiYo. Mas Tuando se trata da tortura da cobiça carnal, não se pode deseMar a libertação, a não ser pelo caminho e sob a condição de a Yer saciada. Não há outro meio, por preço algum! Assim são as coisas, e Tuem não soIre disso não perde tempo com reflexões desse gênero, mas Tuem soIre chega a Yer estrelas e a conhecer Nosso Senhor Jesus Cristo. Deus do céu! Que instituição curiosa é essa de a carne cobiçar outra carne com tanta Yiolência, só porTue esta não é a própria, mas pertence à alma de outrem! Como é singular esse deseMo, e, para bem dizer, como é modesto, na sua bondade pudica! É o caso de dizer: se a carne deseMa apenas isso, Yá lá Tue o tenha! Afinal de contas, Tue é Tue eu Tuero, Castorp? Quero, acaso, matá-la? Quero derramar o sangue dela? Quero apenas é acariciá-la! Castorp, meu caro Castorp, desculpe Tue me lamente dessa Iorma, mas, afinal, ela poderia muito bem

entregar-se a mim! Há Yeria nisso algo de sublime, Castorp! Eu não sou um animal; à minha maneira, também sou humano! O desejo da carne espalha-se em todas as direções; não tem limites e não se fixa, e por isso o chamamos bestial. Mas quando se concentra numa única criatura, com um rosto humano, então os nossos lábios começam a falar de amor. Mas o que eu desejo não é apenas o torso dela, o manetimento de carne que é o seu corpo; pois, se no seu rosto uma coisinha de nada tivesse uma forma diferente, talvez eu deixasse de cobiçar todo o resto do corpo. Assim se vê claramente: o que eu amo é a sua alma, e eu a amo é com a alma. Pois o amor ao rosto é o amor da alma...

— Mas que é que o senhor tem, Wehsal? Está Iora de si, e sabe Deus que tolices vai soltando...

— Mas, precisamente isso, precisamente isso é a desgraça

— prosseguiu o coitado —, a desgraça é ela ter uma alma e ser uma criatura humana dotada de corpo e alma! Ora, a alma dela nada tem saber da minha, e seu corpo, nada do meu. Que miséria, que grandíssima miséria! Daí acontece que o meu desejo está condenado à vergonha, e meu corpo tem de se retorcer eternamente! Por que ela não tem saber de mim, Castorp, nem com o corpo nem com a alma? Por que lhe causa horror o meu desejo? Porventura não sou homem? Um homem repugnante não é homem? Sou homem no mais alto grau; muito que

ultrapassaria tudo Tue Má se Yiu se ela me abrisse o paraíso dos seus braços, Tue são tão Iormosos porTue pertencem ao rosto da sua alma! Eu seria capaz de lhe dar todas as Yolúpias do mundo, Castorp, caso se tratasse apenas dos corpos e não das almas também; e caso não existisse a maldita alma dela, Tue nada Tuer saber de mim, mas sem a Tual eu não lhe cobiçaria o corpo. E neste dilema dos diabos, tão noMento, debato-me eternamente!

— Psit, Wehsal! Mais baixo! O cocheiro o entende! De propósito ele não Yolta a cabeça, mas noto, pelas suas costas, Tue está escutando.

— Ele me entende e escuta; aí está, Castorp! Aí temos noYamente aTuela coisa, aTuela instituição com a sua particularidade e seus característicos. Se eu Ialasse de palingenesia ou... ou de hidrostática, ele não entenderia pataYina; não saberia de Tue se trata, não escutaria e não mostraria o menor interesse. Pois esses assuntos não são populares. Mas a coisa mais sublime, a mais extrema e a mais secreta, num sentido sinistro, o assunto da carne e da alma, olhe, essa coisa é ao mesmo tempo a mais popular. Cada um a entende, cada um pode zombar de Tuem soIre dela e a Tuem ela transIorma os dias em torturas Yoluptuosas, e as noites num inIerno ignominioso! Castorp, meu caro Castorp, deixe Tue eu me lamente um pouco; pois

Tue noite são estas Tue eu tenho! Noite após noite sonho com ela; ah, com Tuanta coisa dela não sonhei! A garganta e o estômago me Tueimam, Tuando recordo. E todos os sonhos terminam assim: ela me esboIeteia, me bate em pleno rosto e às Yezes me cospe na cara, me cospe na cara, com o rosto da sua alma crispado de asco, e então acordo, coberto de suor e de Yergonha e de Yolúpia...

— Muito bem, Wehsal, e agora Yamos Iazer uma peTuena pausa e tomar a decisão de calar a boca até chegarmos à casa do merceeiro, e até Tue alguém nos Yenha Iazer companhia. É uma sugestão e uma ordem! Não Tuero oIendê-lo, e admito Tue o senhor se encontra em graYes apuros. Mas lá em casa contaYam a história de um indiYíduo Tue tinha recebido o seguinte castigo: Tuando IalaYa, saíam-lhe da boca serpentes e sapos, a cada palaYra uma serpente ou um sapo. O liYro não rezaYa o Tue aTuela personagem Iazia diante disso, mas sempre Iui de opinião de Tue ela deYesse ter calado a boca.

— Mas Ialar é uma necessidade humana — Wehsal replicou, melancólico —, uma necessidade humana, meu caro Castorp, Ialar e desabaIar, Tuando se está em apuros.

— É até um direito humano, Wehsal, Tue seMa. Mas na minha opinião há direitos Tue, sob certas circunstâncias e sob a luz da razão, simplesmente não conYém usar.

Assim guardaram silêncio, conforme a ordem de Hans Castorp. Ademais, o coche não tardou a alcançar a casinha do merceiro, coberta de Yinhás, onde não os deixaram esperar um instante sequer. Naphta e Settembrini Má se achavam na rua; o humanista traçava a Tuela MaTueta puída, Iorrada de peles, e o Mesuíta, um sobretudo amarelo-esbranquiçado, de meia-estação, pespontado em toda parte, e Tuela da Ya aparência de Manota. Acenaram uns aos outros. Trocaram cumprimentos, enquanto os carros faziam meia-volta, e os dois senhores também embarcaram. Naphta ocupou o quarto assento do primeiro landô, ao lado de Ferge, ao passo que Settembrini, de humor radiante,

transbordando de piadas esplêndidas, associou-se a Hans Castorp e Wehsal. Este lhe cedeu o seu lugar no fundo do carro, onde o sr. Settembrini se instalou com a mais elegante displicência, na atitude de quem costuma passear em cursos.

E celebrou o prazer de andar de carro, quando o corpo se encontra em confortável estado de repouso e não obstante se transporta através de um cenário que sempre se modifica.

Diante de Hans Castorp expressou sentimentos de complacência paternal, e a face do pobre Wehsal ele chegou a acariciar com palmadinhas, enquanto o velho a esquecer-se de seu próprio eu antipático e abandonar-se à admiração deste mundo

luminoso, Tue lhe designaYa num amplo gesto da mão direita, reYestida com uma luYa de couro bem surrada.

A Yiagem Ioi excelente. Os Tuatro caYalos, todos eles malacaras, animais YiYos, Iortes, bem-alimentados e de pelo lustroso, pisaYam com ritmo firme na magnífica estrada, Tue a essa época estaYa liYre de poeira. Às Yezes se aproximaYam das margens rochedos anIractuosos, com flores e capim crescendo entre as Muntas das pedras. Postes telegráficos corriam em sentido oposto. Surgiam bosTues nas encostas. CurYas amenas, primeiro almeMadas, depois percorridas, mantinham alerta a curiosidade. Em regiões distantes, iluminadas pelo sol, Yia-se sempre a cordilheira, parcialmente coberta de neYe. Já haYiam perdido de Yista a paisagem Iamiliar do Yale, e a mudança do cenário cotidiano produzia sobre os espíritos um eIeito animador. Pouco depois, os coches pararam à beira da floresta. Tinha sido combinado Tue a partir desse ponto os excursionistas prosseguiriam a pé até a meta do passeio, com a Tual os seus sentidos, sem se dar conta disso, tinham desde haYia muito estabelecido um contato Irouxo no início, mas Tue se tornaYa cada Yez mais intenso. Terminada a Yiagem com os carros, todos notaram um ruído longínTuo, um suaYe rumor sibilante, Yibrante, murmurante, Tue de Yez em Tuando

tornaYa a esTuiYar-se à percepção. Os membros do grupo estacaram para ouYir melhor, e uns chamaYam a atenção dos outros.

— Por enTuanto — disse Settembrini, Tue Má conhecia o lugar de outras Yezes — o ruído parece IraTuinho. Mas lá na cascata é Iortíssimo nesta época do ano. Os senhores Yão Yer Tue não poderemos ouYir nossas próprias Yozes.

Adentraram-se na floresta, por uma Yereda coberta de úmidas agulhas de pinheiro. Peeperkorn ia na Irente, apoiado no braço da sua companheira, com o chapéu preto e macio repuxado sobre a testa, e com seu típico andar oscilante. Atrás deles seguia Hans Castorp, sem chapéu como os demais senhores, com as mãos nos bolsos; inclinando a cabeça obliTuamente, olhaYa em torno e assobiaYa baixinho. Logo após Yinham Naphta e Settembrini, depois Ferge com Wehsal, e por fim o malaio, caminhando sozinho, com o cesto de YíYeres no braço. FalaYam da floresta.

ATuela floresta não era como todas as outras, oIerecia um aspecto pitorescamente singular, exótico e ao mesmo tempo lúgubre. HaYia ali uma espécie de líTuen musgoso, Tue pendia das árYores em abundância, carregaYa-as, enYolYia-as por completo. Em longas barbas incolores, as emaranhadas teias da planta parasita desciam bambaleando da ramagem como Tue embrulhada e estoIada. Quase não se Yiam

agulhas, senão apenas grinaldas de musgo: uma degeneração graYe e bizarra, uma Yisão mágica e mórbida. A floresta não ia bem de saúde, soIria da moléstia desse líTuen exuberante, Tue ameaçaYa suIocá-la, era essa a opinião geral, enTuanto o peTueno corteMo aYançaYa pela Yereda de agulhas, ouYindo os ruídos do destino Tue se aproximaYa, aTuele reboo e sussurro Tue aos poucos se transIormaYam em estrondo e prometiam confirmar a predição de Settembrini.

Numa curYa descortinou-se o panorama do desfiladeiro penhascoso Tue se abria no meio do bosTue, atraYessado por uma ponte. No Iundo, a catarata, e, na medida em Tue se a YislumbraYa, chegaYam ao auge seus eIeitos acústicos: um espetáculo inIernal. As massas d'água precipitaYam-se na Yertical, num único salto de sete ou oito metros de extensão, de largura também consideráYel, e em seguida se lançaYam brancas por sobre os rochedos. Sua Tueda produzia um estrépito medonho, no Tual pareciam mesclar-se todos os tipos de ruídos e de tonalidades possíYeis, troYões e silYos, bramidos, berros, IanIarras, estouros, estalidos, ribombos e badaladas de sinos — era mesmo de aturdir os sentidos. Os Yisitantes tinham se adiantado muito sobre as rochas escorregadias, para chegar bem perto. Açoitados e salpicados por um sopro úmido, enYoltos em borriIos d'água, com os ouYidos abarrotados e obstruídos pelo Iragor, trocaYam olhares e

sacudiam a cabeça entre sorrisos tímidos, ao contemplarem o espetáculo, essa catástrofe contínua, formada de espuma e de alarido, com o marulhar insensato e excessivo dos estonteados, causa-lhes medo e ilusões acústicas. Tinham a impressão de ouvir de trás, de cima, de todos os lados gritos de ameaça ou de advertência, clarinadas ou vozes de homens rudes.

Agrupados atrás de Mynheer Peeperkorn — a sra. Chauchat entre os outros cinco caçadores —, contemplavam com ele o turbilhão. Não lhe dava o rosto, mas iam-no descobrir a cabeça rodeada de labaredas brancas e inflar o peito, enchendo-o de ar fresco. Comunicavam-se entre si por meio de olhares e de sinais, uma vez que por certo talvez seriam abalados pelo iragor da queda. Os lábios articulavam expressões de surpresa e de admiração, mas não entanto permaneciam inaudíveis. Mediante acenos de cabeça, Hans Castorp, Settembrini e Ferge combinaram escalar a encosta do desfiladeiro a quem só se encontravam, a fim de chegar à ponte superior e ver as águas de cima. Não era difícil. Uma escada íngreme, com

degraus estreitos, talhados na rocha, conduzia a uma espécie de pavimento superior da floresta. Galgaram-na um após outro; avançaram pela ponte; chegados ao meio, por cima do Morro-curvo da cascata, acenaram para os amigos que se achavam

embaixo. A seguir atraYessaram o resto da pontezinha e realizaram a laboriosa descida pelo outro lado, até a outra margem da torrente, de onde partia mais uma ponte, pela Tual Yoltaram a reunir-se ao grupo.

A essa altura, a mímica passou a reIerir-se à merenda. Alguns opinaYam Tue seria conYeniente distanciarem-se, para esse fim, da zona do barulho, a fim de saborearem a reIeição Yesperal com os ouYidos descansados e não à maneira de surdos-mudos. Mas não podiam deixar de perceber Tue Peeperkorn não concordava com isso. Sacudiu a cabeça, repetidas Yezes apontou com o indicador para o chão, e os lábios gretados, repuxados com esIorço, articularam um “ATui!”. Que se podia Iazer? Nessas Tuestões de encenação, Peeperkorn era o diretor e o mestre. O peso da sua personalidade teria sido decisiYo, mesmo Tue não Iosse ele, como sempre, o organizador e o dono da empresa. Homens de tamanha enYergadura Ioram e serão tiranos e autocratas, em todos os tempos. Mynheer tencionaYa merendar à Yista da cascata, em plena troYoada. Assim mandaYa o seu capricho soberano, e Tuem não Tuisesse renunciar à comida teria de ficar. A maioria estaYa pouco satisIeita. O sr. Settembrini, Tue Yia eliminada a possibilidade de um intercâmbio humano, de uma palestra democrático-distinta ou ao menos de uma discussão, ergueu a mão por cima da cabeça, com aTuele seu peculiar gesto de resignação e desespero.

O malaio apressou-se a executar a ordem do amo. LeYara consigo duas cadeiras dobradiças Tue armou Munto à parede rochosa, para Mynheer e madame. Depois estendeu uma toalha aos seus pés e espalhou sobre ela o conteúdo do cesto: um aparelho de caIé, copos, garraIas térmicas, doces e Yinho. Tudo aYidamente disputado por todos. Trataram de instalar-se nas pedras ou na balaustrada da ponte, com a xícara de caIé Tunte na mão e o prato cheio de bolo sobre os Moelhos. Silenciosos, em meio ao Iragor, começaram a comer a merenda.

Peeperkorn, com a gola do sobretudo leYantada, e com o chapéu depositado no chão, perto de si, bebia Yinho do Porto num copo de prata, guarnecido de um monograma, Tue esYaziou Yárias Yezes. E de repente se pôs a Ialar. Que homem estranho! Não era possíYel Tue ouYisse a própria Yoz, e muito menos Tue os outros entendessem uma sílaba seTuer daTuilo Tue lhes comunicaYa sem comunicá-lo. LeYantou, entretanto, o dedo indicador. A seguir, mantendo o copo na mão direita, estendeu o braço esTuerdo, com a palma da mão Yoltada obliTuamente para cima. Viu-se então o rosto maMestoso moYimentar-se ao Ialar; Yiu-se a boca articulando palaYras Tue permaneciam desproYidas de som, como se Iossem proIeridas num Yácuo. Todos pensaYam Tue logo desistiria desse esIorço inútil, ao Tual assistiam com um sorriso perplexo. Mas ele, com uma

gesticulação esmerada, Iascinante, imperiosa, continuaYa a arengar o Iragor, fixando os olhinhos lassos, apagados e muito abertos, ora num, ora noutro espectador, de modo Tue a pessoa a Tuem parecia dirigir-se estaYa obrigada a dar-lhe um sinal de aproYação, com as sobancelhas alçadas, abrindo a boca e pondo a mão em concha na orelha, como se isso bastasse para resolYer a situação irremediáYel. A seguir, Mynheer até se leYantou! Com o copo na mão, Yestido com o sobretudo de Yiagem surrado Tue Tuase lhe ia até os pés, com a gola erguida, a cabeça descoberta, e a testa de ídolo alta e rugosa rodeada pelas labaredas brancas do cabelo, era assim Tue estaYa Munto ao penhasco, de pé, e ali moYia o semblante, a cuMa Irente eleYaYa, doutrinando, o anel do polegar e do indicador dominado pelos outros dedos em riste, como para remediar a indistinção do brinde mudo pelo sugestivo signo da exatidão. Compreendiam-se atraYés dos gestos e liam-se-

lhes dos lábios algumas palaYras isoladas Tue habitualmente saíam da sua boca: “Absolutamente!”, “Basta!” e nada mais. A cabeça pendia para um lado, com uma expressão de amargor nos lábios gretados: a perIeita imagem de um mártir. Em seguida, porém, desabrochou a lasciYa coYinha, sinal do espírito sibarita, galhoIeiro, e do impudor sagrado de um sacerdote pagão Tue arregaça as Yestes ao dançar. E Peeperkorn ergueu o copo, descreYeu com ele um semicírculo em

direção a seus conYidados, para então esYaziá-lo completamente em dois ou três tragos, de maneira Tue o Iundo se Yoltasse para o céu. Por fim, com o braço estendido, passou-o ao malaio, Tue o recebeu com uma medida, e deu o sinal de partida.

Depois de se inclinarem diante dele para expressar gratidão, todos se dispuseram a obedecer-lhe a ordem. Os Tue se achaYam acocorados no chão leYantaram-se de um pulo; Tuem estaYa sentado na balaustrada da pontezinha desceu depressa. O delgado MaYanês, com o chapéu-coco e a gola de peles, apanhou a baixela e os restos de comida. Na mesma ordem de marcha Tue haYiam obserYado na ida, Yoltaram pela Yereda úmida, coberta de agulhas de pinheiro, atraYés da floresta desfigurada pelas grinaldas de líTuen, até a estrada onde os esperaYam os coches.

Desta Yez, Hans Castorp embarcou no carro do mestre e sua companheira. Ocupou um lugar em Irente do casal, ao lado do bom Ferge, Tue continuaYa alheio a TuaisTuer assuntos eleYados. Quase não se Ialou durante a Yiagem de regresso. Mynheer mantinha as mãos espalmadas sobre o cobertor Tue enYolYia as suas pernas e as de ClaZdia, e deixaYa pender a mandíbula inIerior. Settembrini e Naphta desceram e despediram-se antes Tue os carros atraYessassem os trilhos e o curso d'água. Wehsal permaneceu sozinho no

segundo coche, enquanto este subia pela curva da rampa e alcançava o portal do Berghof, onde todos se separaram...

Na noite que se seguiu a esse dia, que é que houve com o sono de Hans Castorp? Ele acaso foi mais leve e mais superficial de modo a uma certa prontidão interior, da qual a sua alma não se dava conta, mas que tinha por consequência que a menor modificação do costumeiro silêncio noturno do Sanatório Berghof, um alarme por mais abafado que fosse e a mal perceptível repercussão de passos rápidos à distância, bastasse para o tornar desperto e lúcido e para fazê-lo sobressaltar-se na cama? Fato é que acordou muito antes que alguém batesse à sua porta, o que se deu pouco depois das duas horas. Respondeu sem demora, clara e energicamente, com plena presença de espírito. Ouviu então a voz aguda e hesitante de uma das enfermeiras auxiliares, ocupadas na casa, e que lhe solicitava, em nome da sra. Chauchat, que comparecesse imediatamente ao primeiro andar. Com redobrada energia mandou dizer que logo iria. Levantou-se de um salto; enfiou rapidamente as roupas; passou os dedos pelos cabelos, a fim de afastá-los da testa, e desceu sem pressa, mas também não de qualquer modo, mais incerto quanto às circunstâncias do que ao próprio fato que havia causado tal coisa.

Encontrou aberta a porta do salão de Peeperkorn, bem como a trela que dava para o quarto do holandês, onde todas as luzes

estaYam acesas. Ambos os médicos, a superiora Von Mylendonk, madame Chauchat e o criado MaYanês acham-se presentes. Este não está vestido como de costume, mas trazia uma espécie de trame nacional: uma matueta parecida com uma camisa, de listras largas e com mangas muito amplas e compridas; uma saia de muitas cores em lugar das calças; e um chapéu cônico de pano amarelo. Além disso se adornara com um colar de amuletos que lhe pendiam sobre o peito. Mantinha-se imóvel, com os braços cruzados, à esquerda da cabeceira da cama, na tual Mazia Pieter Peeperkorn, de costas, com os braços estendidos ao longo do corpo. Empalidecendo, o MoYem abrangeu a cena com a Yista, enquanto entrava. A sra. Chauchat estava de costas para ele. Sentada numa poltrona baixa ao pé da cama, apoiava o cotovelo na colcha, com o queixo fincado na mão, os dedos cravados no lábio inferior, e contemplava o rosto do seu companheiro de viagem.

— 'noite, meu rapaz — disse Behrens, que acabava de conversar baixinho com o dr. Krokozski e com a superiora. Sacudiu melancolicamente a cabeça e torceu o lábio com o bigodinho branco. Trazia o alenteal de médico, de cujo bolso de cima o estetoscópio sobressaía. Calçava chinelos bordados e andava sem colarinho. — Não há remédio — acrescentou num murmúrio. — Trabalho perfeito. Pode chegar mais perto. Lance

ali seu olhar de perito, e logo Yai perceber Tue a arte médica Ioi sabotada sem dó nem piedade.

Sobre as pontas dos pés, Hans Castorp aproximou-se da cama. Os olhos do malaio YigiaYam cada um de seus moYimentos; acompanhaYam-nos, sem Tue o homem Yirasse a cabeça, de modo Tue se lhe Yia o branco do olho. Com um olhar de esguelha, o MoYem Yerificou Tue a sra. Chauchat não daYa atenção à sua presença. Postou-se ao lado do leito, em sua posição típica, com o peso do corpo a repousar sobre uma das pernas, as mãos Muntas à Irente da barriga, inclinando a cabeça para o lado, numa contemplação reYerente e pensatiYa. Peeperkorn achaYa-se estatelado sob a colcha de seda Yermelha, naTuela camisola de malha Tue Hans Castorp tantas Yezes o Yira usar. As mãos, bem como partes do rosto, mostraYam manchas de um roxo enegrecido, o Tue contribuía consideraYelmente para desfigurar o holandês, se bem Tue, Iora disso, as Ieições maMestosas permanecessem inalteradas. Também em estado de descanso, e apesar das pálpebras cerradas, ressaltaYam Iortemente as rugas da alta Ironte circundada de labaredas brancas, essas rugas pregueadas como num ídolo, Tue se estendiam horizontalmente em Tuatro ou cinco fileiras, antes de descerem em ângulo reto por ambas as têmporas, e Tue

pareciam acentuadas pelos esforços habituais de uma vida inteira. Os lábios gretados e amargurados estavam entreabertos. A cianose indicava uma interrupção brusca, um impedimento veemente e apoplético das funções vitais.

Hans Castorp tornou-se uns instantes imóvel, observando tudo à tuíla com grande reverência. Vacilava em modificar a sua posição e esperava que a “YíúYa” lhe dirigisse a palavra. Mas, como tal não se desse, preferiu não a incomodar por enquanto e voltou-se para o grupo das outras pessoas que se achavam atrás dele. O conselheiro Iez deu um sinal de cabeça em direção ao salão. Hans Castorp seguiu-o até ali.

— Suicidium? — perguntou baixinho, com objetividade profissional...

— Se é! — respondeu Behrens, dando de ombros; e acrescentou: — Cem por cento. No superlativo. O senhor Má Yiu uma coisa destas numa casa de miudezas? — e puxou do bolso do avental um estoimo de forma irregular, do qual tirou um pequeno objeto que apresentou ao MoYem... — Eu, nunca. Mas vale a pena. A gente morre sem ter aprendido tudo. Coisa fantástica e engenhosa. Tirei-a das mãos dele. Cuidado! Um pouco que espirre sobre a pele e Má se formam bolhas.

Hans Castorp reverteu entre as mãos o objeto misterioso. Era feito de aço, marfim, ouro e borracha e oferecia aspecto bem

estranho. Viam-se dois dentes de garfo, recurvos, de aço polido, e com pontas muito afiadas; havia uma parte central de marfim, levemente retorcida e incrustada de ouro, cujo mecanismo elástico permitia mover os dentes até certo ponto e aproximá-los um do outro; e tudo terminava numa espécie de saquinho de borracha preta e meio dura. O tamanho do objeto não ia além de umas poucas polegadas.

— Que é isto? — perguntou Hans Castorp.

— Isto — respondeu Behrens — é a encarnação de uma seringa hipodérmica. Ou, sob o ponto de vista interno, a cópia mecânica das presas de uma namorada. O senhor me compreende? Parece que não — continuou ao ver que Hans Castorp não deixava de fitar, como se hipnotizado, o objeto curioso. — Aqui estão os dentes. Não são totalmente maciços, mas passa por eles um tubo capilar, um canal finíssimo, cuja extremidade exterior se vê nitidamente, na parte dianteira, um pouco acima das pontas. Claro que os tubinhos têm outro orifício na raiz dos dentes e ali comunicam-se com o conduto excretor da glândula de borracha, que se estende através da peça central de marfim. No momento da mordida, os dentes executam um movimento elástico de contração, como é fácil perceber, e exercem pressão sobre o depósito de veneno, que então impele o seu conteúdo para dentro dos canais, de maneira que no mesmo instante em que as pontas entram na

carne a dose de peçonha penetra na circulação do sangue. É muito simples Tuando Má se Yê pronto, diante dos próprios olhos. DiÍícil era inYentá-lo. ProYaYelmente Ioi Ieito segundo indicações dele mesmo.

— Com certeza! — disse Hans Castorp.

— A carga pode não ter sido muito grande — prosseguiu o conselheiro. — O Tue lhe Ialtou em Tuantidade sobrou-lhe em...

— ... dinamismo — completou Hans Castorp.

— Certo. Já Yerificaremos do Tue se trata. Pode-se esperar com certa curiosidade o resultado da análise, porTue não duYido de Tue nos dará oportunidade para aprender alguma coisa. Aposto como aTuele personagem exótico Tue ali está de sentinela e se endomingou para a ocasião saberia perIeitamente inIormar-nos. Na minha opinião Ioi usada uma combinação de substâncias animais e Yegetais, o melhor Tue existe no ramo, pois o eIeito deYe ter sido Iulminante. Tudo leYa a crer Tue lhe cortou a respiração; paralisia imediata do centro respiratório, entende? Asfixia rápida, proYaYelmente sem esIorços nem dores.

— Quisera Deus! — disse Hans Castorp piamente. Com um suspiro deYolYeu ao conselheiro o sinistro instrumentozinho e Yoltou ao Tuarto.

Lá, só o malaio e madame Chauchat ainda estavam presentes. Desta vez claudia levantou a cabeça e olhou o MoYem, quando ele voltou a se aproximar da cama.

— O senhor tinha direito a que eu o mandasse chamar — disse ela.

— Foi muito gentil da sua parte — respondeu Hans Castorp. — E a senhora tem razão. Éramos amigos e nos tratávamos de “Yocê”. Tenho vergonha até o fundo do meu coração de me ter estendido a chamá-lo assim na frente dos outros e de ter recorrido a subterfúgios... A senhora estava a seu lado em seus instantes derradeiros?

— O criado me explicou quando tudo estava terminado — explicou ela.

— A vergadura dele era tamanha — recomeçou Hans Castorp — que o iracundo sentimento em face da vida lhe causava a sensação de uma catástrofe cósmica e da ignomínia de Deus. Pois a senhora deve saber que ele se considerava o órgão nupcial de Deus. Era uma fantasia de rei... Quando se está como Yido, tem-se a coragem de empregar expressões que soam rudes e desapietadas, mas que afinal são mais solenes que as palavras de uma devoção convencional.

— C'est une abdication¹⁶ — disse ela. — Ele sabia de nossa loucura?

— Não me foi possível negá-la, diante da interpelação direta que me fez, madame. Ele admitiria tudo, quando me recusei a beijá-lo à frente na presença dele. Embora esta presença se fosse antes simbólica que real neste momento, a senhora me permitirá que o faça agora?

Num movimento breve, como que de um aceno, ela inclinou a cabeça até ele, de olhos fechados. E Hans Castorp aproximou os lábios da sua testa. Os olhos castanhos do malaio, olhos de animal, observaram a cena de esguelha, até refletir-se deles a parte branca.

O GRANDE TÉDIO

Mais uma vez ressoa a voz do conselheiro Behrens. Prestemos-lhe atenção! Talvez seja a última vez que a ouvamos. Até mesmo esta história de ele ter um fim; mas se prolongou por bastante tempo, ou melhor: o tempo do seu conteúdo vai se precipitando de tal forma que também a sua duração musical está na iminência de se esgotar. Assim pode ser que não se nos ofereça mais nenhuma oportunidade para escutar as alegres cadências da pitoresca linguagem de Radamanto.

— Castorp, meu velho — disse ele —, o senhor está se aborrecendo. Anda bicudo, tenho notado todos os dias; na sua testa está escrito: desgosto. O senhor é um menino traquinas e blasé, Castorp, mimado com experiências sensacionais, e se não ganha todo dia uma novidade de primeira torce o nariz e resmunga contra a maldita época de vacas magras. Tenho ou não tenho razão?

Hans Castorp permaneceu calado, e em face desta atitude é de supor que realmente reina uma treva no seu interior.

— Eu sempre tenho razão! — respondeu Behrens à sua própria pergunta. — Olhe, cidadão carrancudo do Reich, antes de espalhar por aí o veneno do descontentamento alemão,

deYeria dar-se conta de Tue não se acha abandonado coisa nenhuma por Deus e pelos homens, mas Tue as autoridades Yelam pelo seu bem, Yelam sem cessar; sim, senhor! E não param de procurar meios de diYerti-lo. O Yelho Behrens está a postos. E agora Yamos deixar de brincadeiras, meu garoto. TiYe uma ideia para resolYer seu caso; Ioram noites sem dormir, sabe Deus, até Tue me Yeio algo à cabeça. Daria para Ialar de uma iluminação... Enfim, tenho esperança de Tue a ideia Yá render, e nada mais nada menos Tue sua completa desintoxicação e regresso triunIal, tudo muito mais cedo Tue se podia imaginar.

E depois de uma pausa bem calculada:

— Está arregalando os olhos, hein? — ele prosseguiu, embora Hans Castorp não arregalasse os olhos coisa alguma, mas o fitasse com uma expressão entre sonolenta e distraída. — E nem consegue imaginar o Tue o Yelho Behrens Tuer dizer com isso? Pois o Tue Tuero dizer é o seguinte: algo está errado com o senhor, Castorp, e isso não há de ter passado despercebido à sua prezada apercepção. E algo deYe estar errado, desde Tue as maniIestações de sua intoxicação, Má Iaz um tempo, não batem mais com o estado local, Tue melhorou muito, isso não se contesta: não é de ontem Tue Yenho meditando sobre o assunto. ATui temos sua última radiografia... Vamos olhar essa coisa mágica contra a luz. ATui, como o senhor está Yendo, nem os piores resmungões e pessimistas, para usar uma das expressões

prediletas de nosso imperador, encontrariam os deIeitos Tue procuram. Alguns Iocos estão resolYidos de Yez, a área diminuiu, tem contornos mais nítidos, e isso tudo aponta, como o senhor bem sabe em sua erudição, para uma cura progressiYa. Homem, esse Tuadro não explica Tue a temperatura ande tão irregular aí no recinto do seu corpo; então o médico Yê-se na obrigação de procurar outras causas.

Um moYimento leYe da cabeça, por educação, deu sinal do esIorço Tue Hans Castorp Iazia para mostrar a mínima curiosidade.

— Pois é, meu caro Castorp, sem dúYida o senhor está pensando Tue o Yelho Behrens deYa admitir Tue cometeu algum erro no tratamento. Mas nesse caso o senhor estaria redondamente enganado e Mulgaria mal tanto a situação como o Yelho Behrens. O seu tratamento não Ioi errado; apenas pode ser Tue a sua orientação tenha sido unilateral. Cheguei a Yentilar a possibilidade de os sintomas do senhor não terem, desde o começo, a sua origem exclusiYa na tuberculosis; e isso porTue hoMe me parece improYáYel Tue ainda continuem tendo sua origem nela. DeYe existir uma outra Ionte de perturbações. Na minha opinião, o senhor tem “cocos”...

Depois de registrar um sinal de Hans Castorp, o conselheiro reIorçou:

— Na minha mais conYicta opinião, o senhor tem “estreptos”... o Tue não é motiYo algum para se assustar desse Meito.

(Não haYeria como Ialar de susto. A fisionomia de Hans Castorp expressaYa era certa deIerência irônica, seMa em Iace da acuidade intelectual com Tue se Yia conIrontado, seMa em Iace do patamar de dignidade a Tue o eleYaYa essa noYa hipótese do conselheiro.)

— Nada de pânico! — assim ele YariaYa sua Iala consoladora. — Todo mundo tem “cocos”. “Estreptos” é coisa Tue todo burro tem. O senhor não tem de Tue se gabar. Na Yerdade, sabemos não Iaz muito tempo Tue TualTuer um pode ter estreptococos no sangue, sem Tue Ienômenos mais ou menos perceptíYeis indiTuem a inIecção. Temos diante de nós um Iato ainda desconhecido para muitos colegas médicos: o sangue pode conter tubérculos, sem Tue estes tenham a menor conseTuência. Já estamos a poucos passos de descobrir Tue a tuberculose, na Yerdade, é uma patologia do sangue.

Hans Castorp achou isso tudo muito curioso.

— Bem, Tuando Ialo de estreptos — recomeçou Behrens — o senhor não deYe pensar na Iorma graYe da doença, Tue é mais conhecida. A análise bacteriológica do seu sangue deYeria

demonstrar se esses bichinhos simpáticos realmente se instalaram aí dentro do senhor. Mas serão apenas os efeitos de um tratamento com estreptocina. Você verá se seu estado melhorará deles ou não. É esta a trilha que percorreremos, meu amigo, e, como você explicou, os resultados que espero são imprecisos. Se a tuberculose é muito resistente, mesmo em dias melhores se consegue curar doenças como essa em relativamente pouco tempo; e se o senhor reagir bem a essas injeções, voltará a estar saudável em seis semanas. Que me diz? O senhor Behrens

está ou não está em sério risco, hein?

— Por enquanto, uma mera hipótese — disse Hans Castorp, esmorecido.

— Uma hipótese e tanto! Uma hipótese que pode render bons frutos! — retrucou o conselheiro. — O senhor verá os bons frutos, se os cocos se proliferarem em nossas culturas. Amanhã de tarde juramos seu barril, Castorp; faremos uma sangria, segundo as boas regras dos antigos barbeiros de aldeia. A brincadeira é boa por si só, e pode trazer efeitos milagrosos sobre o corpo e a alma...

Hans Castorp declarou-se disposto a participar da diáspora e agradeceu com muitas palavras pela atenção que lhe deu. Com a cabeça inclinada para o ombro, seguiu o conselheiro

com o olhar, à medida que ele se afastava, remando. A interpretação do médico-chefe Yiera Mustamente num momento crítico. Radamanto interpretara de modo bastante acertado a fisionomia e o estado de espírito desse hóspede na montanha, e sua noiva inestavelmente destinava-se — destinava-se expressamente, sem deixar a intenção — a ir para além do ponto morto que esse paciente alcançara há pouco, segundo se podia concluir de seu semblante, que recordava exatamente o que mostrara o saudoso Joachim na época em que certas decisões bruscas e indisciplinadas se haviam preparado no seu íntimo.

E mais: parecia a Hans Castorp que não somente ele próprio chegara a esse ponto morto, mas que ao mundo na sua totalidade acontecera o mesmo, ou melhor: tornava-se-lhe difícil distinguir nesse caso os fatores particulares dos gerais. Suas relações com uma autêntica personalidade tinham acabado de forma excêntrica, o que produziu múltipla agitação no sanatório. Cláudia Chauchat abandonara no entanto a sociedade dos pensionistas, depois do beijo de despedida que, à sombra de uma grande e trágica renúncia, e num espírito de reverente devoção, fora trocado entre ela e o grande amigo do seu senhor. E desde aquele clímax, o Moym sentia que alguma coisa não andava certa no mundo e na vida; tudo lhe dava a impressão de ter saído dos eixos; de um modo singular e cada vez mais intenso, tudo se lhe afigurava angustiante; era como se um

demônio se tivesse apossado do poder, um demônio cuja influência perigosa e tola desde muito tempo já se fizera bastante sensível, mas que, a essa altura, se arrogava uma autoridade irrestrita, capaz de inspirar um terror secreto e sugerir pensamentos de fuga: o demônio que se chamava “tédio”.

Decerto, Mulgarejo, que o narrador exagera crassa e romanticamente, ao estabelecer uma relação entre o conceito de tédio e o princípio demoníaco, e ao atribuir ao primeiro o caráter de um poder místico. E todavia não contamos histórias da carochinha; pelo contrário, atemo-nos exatamente às experiências pessoais do nosso singelo herói, que se nos deram a conhecer de um modo tão pessoal e tão íntimo, e que tornam a prova cabal de ser possível, sob certas circunstâncias, que o tédio assumia tal caráter e inspire sentimentos desse gênero. Hans Castorp olhava em torno de si... Via coisas inquietantes, perniciosas, e sabia o que havia diante de si: era a vida sem tempo, a vida sem cuidados nem esperanças, a vida como abutão que se move à medida que estagna, a vida morta.

Predominava nela um alvoroço constante; ocupações de toda espécie corriam lado a lado, mas cá e lá uma delas se degenerava em loucura fortuita e selvagem, à qual todos se entregavam com fanatismo. A fotografia diletante, por exemplo, sempre tivera papel importante no mundo do Bergtho; duas

Yezes, porém — Tuem permanecia tempo suficiente aTui em cima podia YiYenciar a Yolta periódica de tais epidemias —, a paixão pela Iotografia transIormara-se em doidice generalizada, Tue se prolongaYa por semanas e meses. Não houYera então ninguém Tue, com uma expressão preocupada, houYesse deixado de inclinar a cabeça por cima de uma máTuina Iotográfica fincada no estômago, ou de Iazer o obturador piscar e passar as

imagens de mesa em mesa. De repente Iaziam Tuestão de reYelar sozinhos suas Iotografias. A câmara escura Tue haYia à disposição dos pensionistas nem de longe bastaYa para satisIazer as necessidades. Assim, as Manelas dos Tuartos e as portas das sacadas Ioram reYestidas de cortinas pretas, e à luz de lâmpadas Yermelhas os amadores lidaYam com banhos Tuímicos — até um belo dia produzir- se um incêndio Tue Tuase deYorou o estudante búlgaro da mesa dos “russos distintos”; em conseTuência disso, as autoridades do sanatório proibiram tais atiYidades. Não tardaram em desinteressar-se da Iotografia simples. Entrou a moda dos instantâneos a magnésio e das Iotografias coloridas pelo processo de Lumière. Começaram então a deleitar-se com retratos de pessoas Tue, bruscamente surpreendidas pelo relâmpago de magnésio, mostraYam os olhos fixos e os rostos líYidos, contraídos, de cadáYeres de assassinados Tue alguém tiYesse assentado numa cadeira, depois de lhes abrir

os olhos. E Hans Castorp guardaYa um diapositiYo emoldurado em papelão, Tue se deYia manter contra a luz para Yê-lo com o rosto cor de cobre, numa clareira Verde-gaio, pintalgada de dentes-de-leão muito amarelos, um dos Tuais lhe luzia na lapela; ladeaYam-no a sra. St,hr e a srta. LeYi, com a tez de marfim, a primeira num pulôYer azul-celeste, a segunda numa blusa Yermelha como sangue.

HaYia também a filatelia. Sempre existiam pensionistas Tue se dedicaYam a ela, mas em determinadas épocas alastraYa-se, originando uma Yerdadeira mania coletiYa. Todo mundo trocaYa, regateaYa, colaYa selos em álbuns. TomaYam assinaturas de reYistas filatélicas; entabulaYam correspondências com casas especializadas da Suíça e do exterior, com associações e colecionadores. Até mesmo pessoas cuMa situação financeira mal lhes permitia passar esses meses ou anos em um sanatório de luxo gastaYam importâncias pasmosas na aTuisição de selos raros.

A epidemia duraYa até se impor uma outra tolice, como, por exemplo, a compra e o consumo de enormes Tuantidades de chocolates de todas as marcas, Tue um dia entrou em Yoga. Todos andaYam com os lábios pardos, e mesmo os mais apetitosos produtos da cozinha do BerghoI encontraYam uma acolhida desdenhosa e crítica, Má Tue os estômagos estaYam entulhados por Milka-nut, Chocolat à la crème

d'amandes, Martuis-napolitains e línguas de gato salpicadas de ouro, e por isso indispostos.

A arte de desenhar portuinhos com os olhos fechados, introduzida pela mais alta autoridade numa longínua noite de Carnaval, e muito cultivada desde então, transformara-se aos poucos em exercícios geométricos de paciência, aos quais se dedicavam em certa época as forças intelectuais de todos os pensionistas do Berghof e mesmo os últimos pensamentos e derradeiras demonstrações de energia dos moribundos. Durante semanas a fio, a casa Yiu-se sob o signo do desenho de uma figura complicada que se compunha de nada mais nada menos que oito círculos grandes e pequenos e de diversos triângulos inscritos uns nos outros. Tratava-se de esboçar à mão livre e num só traço o intrincado multilátero; mas a mestria suprema consistia em realizar essa proeza com os olhos espessamente fechados, o que, em última análise, e exceção feita a deslizes de menor monta, foi logrado somente pelo promotor Parviant, campeão absoluto dessa excentricidade engenhosa.

Sabemos que ele se consagrou à matemática; sabemos-lo pela boca do próprio conselheiro, e também conhecemos a casta motriz do seu zelo; ouvimos elogios às qualidades mitigantes dessa ciência que embota o agulhão da carne. Se todos houvessem imitado o exemplo do promotor, provavelmente

teriam sido desnecessárias certas medidas de precaução, cuja introdução nos últimos tempos se tornara inevitável. Procedera-se antes de tudo à obstrução de todas as passagens que existiam nas sacadas para que não contornasse as grades de ferro. Iosco, que não se

estendiam até a balaustrada. Nessas passagens foram colocadas pequenas portas que, de noite, se fechavam à chave, sob os largos sorrisos de todo o mundo. A partir de então eram muito procurados os quartos do primeiro andar, acima do alpendrado, onde se podia saltar a balaustrada, caminhar por cima do teto de ferro e passar de um compartimento a outro, evitando as portinhas. Mas não era por causa do promotor que era preciso introduzir essa disciplina. A violenta tentação que a figura da egípcia Fatme exercera sobre Parvatesh havia muito que estava dominada, e esta tinha sido a última agitação de sua virilidade natural. Com redobrado ardor ele se lançara então nos braços da deusa de olhos claros, cujo poder o conselheiro, calmamente, costumava celebrar com palavras cheias de moral elevada. Outrora, antes da sua licença muitas vezes prorrogada, e que ameaçava converter-se em aposentadoria definitiva, empenhara-se com afinco em comprovar a culpa dos pobres pecadores. Agora dedicava toda essa persistência, toda a sua tenacidade desportiva a um único

problema. Dia e noite lhe absorvia os pensamentos. Esse problema era a quadratura do círculo.

O funcionário deslocado para Tuirira no curso dos seus estudos a conclusão de que as provas com que a ciência queria demonstrar a impossibilidade dessa construção não eram sólidas, e que por esta razão é que a bondosa Providência o distanciara do mundo dos vivos, lá de baixo, e o transportara até aquelas alturas, sendo ele, Parant, escolhido para arrancar o objetivo sublime da esfera do transcendente e para colocá-lo no terreno firme da solução exata. E assim chegara a traçar círculos, a calcular onde quer que se encontrasse. Cobria imensas quantidades de papel com figuras, letras, algarismos, símbolos algébricos. Seu rosto bronzeado, aparentemente o rosto de um homem de perfeita saúde, mostrava a expressão visionária, obstinada, de um maníaco. Sua conversa referia-se exclusivamente, com pausada monotonia, ao valor π , essa fração desesperante, que o gênio interior de um calculador chamado Zacharias Dase calculara um dia até duzentas decimais, e isso por um capricho gratuito, mas que nem duas mil decimais aumentariam de modo apreciável as possibilidades de nos aproximarmos da precisão inatingível. Não havia quem não procurasse escapar do pensador atormentado, pois todos os que ele conseguia agarrar pela manga do casaco tinham de suportar torrentes de palavras inermes, destinadas a lhes

despertar a sensibilidade humana, para que percebessem a vergonha com que a irracionalidade irremediável dessa proporção mística poluía o espírito do homem. O promotor executava inúmeras multiplicações do diâmetro do círculo e do quadrado do raio por π , na intenção de encontrar respectivamente a circunferência e a área, e a inutilidade de todos esses esforços levava-o a acessos de dúvida. Ele então se pergunta se a humanidade, desde os dias de Arquimedes, não complicara desnecessariamente a solução do problema, e se esta solução não era, em realidade, incrivelmente fácil. Ora, por que não seria possível retificar o contorno de um círculo e por conseguinte curvar uma reta a ponto de fazê-la assumir a forma circular? Às vezes, provavelmente pensando estar na iminência de uma revelação. Era muito frequentemente, altas horas da noite, na sala de reuniões vazia e mal-iluminada, onde permanecia sentado à sua mesa, sobre cuja superfície nua dispunha cuidadosamente em forma de círculo um pedaço de barbante, ao qual bruscamente, como que para surpreendê-lo, dava a forma de quadrado. Em seguida, costumava apoiar a cabeça na mão e entregar-se a sombrias meditações. O conselheiro acudia-lhe de vez em quando nessas brincadeiras melancólicas e animava-o a persistir na sua mania. Acontecia também dirigir-se ao coitado de Hans Castorp para desabafar a sua querida mágoa, e isso se repetia, mas que encontrava compreensão amistosa e bastante simpatia pelo mistério do

círculo. O promotor explicaYa ao MoYem a desgraça de pi, exibindo um

desenho sumamente exato, onde com extremo esmero a circunIerência de um círculo estaYa traçada entre dois polígonos de inúmeros lados minúsculos, um inscrito e outro circunscrito, desenho Tue representaYa o máximo de aproximação a Tue o homem pode chegar. O resto, porém, a curYa Tue de um modo etéreo-espiritual se estuiYaYa à racionalização por parte das retas Tue a comprimiam, este resto — dizia ParaYant com a maxila inIerior a tremer — este resto era pi! Hans Castorp, apesar da sua índole receptiYa, mostraYa-se menos irritado com pi do Tue o seu interlocutor. Dizia Tue aTuilo não passaYa de uma Tuimera; aconselhaYa o sr. ParaYant a Tue não se inflamasse em excesso com aTuela busca illusória; IalaYa dos pontos de inflexão, sem extensão alguma, de Tue se compunha o círculo, desde o seu início inexistente até o seu fim Tue também não existia, bem como da soberba melancolia Tue se maniIestaYa nessa eternidade, a Tual, sem nunca guardar um rumo constante, sempre YoltaYa ao ponto de partida. Suas palaYras reYelaYam tanta religiosidade sossegada Tue produziam passageiramente um eIeito tranTuilizador sobre o sr. ParaYant.

Por seu caráter complacente, o bom Hans Castorp estaYa predestinado a receber as confidências de Yários dos seus companheiros Tue se achaYam possuídos de alguma ideia fixa e

soiriam por não encontrar na maioria leYiana dos pensionistas pessoas Tue os Tuisessem ouYir. Um antigo escultor, natural de uma proYíncia da Áustria, homem de certa idade, com um bigode branco, nariz adunco e olhos azuis, concebera um proMeto político-financeiro, Tue caligraIara, sublinhando os trechos decisiYos com pinceladas de tinta nanTuim. Esse proMeto tinha o seguinte obMetiYo: cada assinante de Mornal deYeria ser obrigado a entregar no primeiro dia de cada mês uma Tuantidade de papel-Mornal Yelho Tue correspondesse a 40 gramas por dia. Isso importaria anualmente em cerca de 1400 gramas, e em Yinte anos em nada menos de 288 Tuilos, os Tuais, à base de

um preço de 20 pIennig por Tuilo, representariam um Yalor de 57,60 marcos. Cinco milhões de assinantes, assim prosseguia o memorando, entregariam, portanto, em Yinte anos a soma IormidáYel de 288 milhões de marcos, dois terços da Tual poderiam ser deduzidos das assinaturas, ao passo Tue o resto, aproximadamente cem milhões de marcos, seria aproYeitado para fins humanitários, como, por exemplo, o financiamento de sanatórios populares para físicos, subYenções para talentos, pobres etc. O plano estaYa elaborado em todos os pormenores, tinha até mesmo uma coluna Tue permitia ao Iuncionário encarregado da recolha mensal do papel Yerificar, pela altura da pilha, a Tuantidade Tue IaltaYa, e

também a quantidade de formulários perdidos ainda disponíveis, usados para emitir recibo. Era um projeto sólido e fundado sob todos os aspectos. O gesto insensato e a destruição de papel-morno, que gente mal-avisada ainda desperdiçava em cloacas ou fogões, constituía alta traição às nossas florestas e um golpe contra a economia nacional. Poupar papel, guardar papel, significaria conservar e economizar celulose, árvores, máquinas e a fabricação de pasta mecânica e de papel desgastava, e exigiria menos capital e material humano. Além disso, o papel-morno velho facilmente poderia ser triplicado ao ser transformado em papel de embrulho ou em papelão, de maneira que seria capaz de se converter num fator econômico de vasta importância e em fundamento de rendosos impostos estaduais ou municipais, ao passo que os leitores de jornais veriam as suas contribuições aliviadas. Numa palavra, o projeto era bom, era, em realidade, inatacável, e se no entanto tinha algo de sinistra ociosidade e mesmo de obscura tolice, era somente por causa do fanatismo excêntrico com que o ex-artista de Indiana se apegava a uma ideia econômica, só esta e mais nenhuma outra, apesar de evidentemente levá-la tão pouco a sério, no fundo do seu coração, que não fazia a menor tentativa para realizá-la...

Sacudindo a cabeça inclinada em posição oblíqua, Hans Castorp escutava as exposições do homem, cada vez que este,

com palavras Iebrilmente exaltadas, propagava sua ideia de salvação. Ao mesmo tempo o MoYem analisava a natureza do desdém e da repulsa que o impediam de tomar o partido do inYentor contra a indolência do mundo.

Alguns pensionistas do BerghoI estudavam esperanto e compraziam-se em conversar à mesa nessa geringonça artificial. Hans Castorp observava-os de cenho Irazido, se bem que opinasse de si para si que eles não eram os piores. Desde algum tempo encontrava-se por ali um grupo de ingleses que haviam introduzido um Mogo de salão que consistia apenas no seguinte: Iormavam um círculo e um dos participantes dirigia ao Yizinho a pergunta: “Did you ever see the devil with a nightcap on?”. O assim interrogado devia responder: “No! I never saw the devil with a nightcap on”,¹⁷ e em seguida passar adiante a pergunta, que sem cessar percorria a roda. Era espantoso. Mas o pobre Hans Castorp assustava-se ainda mais diante dos companheiros que mostravam paciência, os quais se podia observar no sanatório a toda a hora e em todo lugar. A mania dessa distração alastrara-se nos últimos tempos a tal ponto que não é exagerado dizer que transIormara o BerghoI num antro de Yício. Hans Castorp tinha motivos para experimentar diante disso uma sensação de horror, tanto mais que ele mesmo, por algum tempo, Iora Yítima da epidemia, talvez o caso mais grave de todos. Entusiasmara-se pela paciência dos “onze”; nesse

Mogo, usa-se o baralho completo; dispõem-se na mesa três filas de três cartas cada uma; duas cartas Yizinhas cuMa soma seMa onze ou três figuras Tue se encontrem numa fila podem ser substituídas por outras cartas, até a paciência, baIeMada pela sorte, sair bem. Parecia incríYel Tue de um procedimento tão simples pudesse resultar tamanha Iascinação, capaz mesmo de leYar ao enIeitiçamento. Entretanto Hans Castorp, tal e Tual muitos outros, deparara com essa possibilidade, e o fizera com expressão carrancuda, Yisto o excesso Mamais leYar à alegria. Dominado pelos caprichos do demônio das cartas, encantado pelos Iantásticos e YolúYeis IaYores de Fortuna, Tue, às Yezes, num gracioso gesto de simpatia, acumulaYa logo de início as pares de onze pontos e os grupos de Valete-Dama-Rei, de modo Tue o Mogo estaYa ganho ainda antes do começo da terceira mão (triunIo Iugaz, Tue apenas estimulaYa os nerYos para noYas tentatiYas); e Tue outras Yezes não oIerecia até a nona e última carta nenhuma oportunidade para retirar pares ou grupos, ou ainda contrariaYa, numa reYiraYolta brusca, no último momento, o êxito Tue Má parecera garantido — ora, ele MogaYa paciência a toda hora, onde Tuer Tue se achasse; tiraYa as cartas tanto de noite, à luz das estrelas, como pela manhã, ainda de piMama, à mesa e mesmo durante os seus sonhos. HorrorizaYa-se diante dessa mania, mas continuaYa a Iazê-lo. Sucedeu, assim, Tue um belo dia, por ocasião de uma Yisita, o sr.

Settembrini o encontrou Mogando, e logo o “importunou”, conforme a missão que lhe coubera desde o começo das suas relações.

— Accidenti! — disse o humanista. — Está tirando a sorte com as cartas, Engenheiro?

— Não é bem essa minha intenção — respondeu Hans Castorp.
— Só estou Mogando paciência, desafiando o acaso inconstante. As extravagâncias dele me intrigam, sua obstinidade que se rejeita com uma obstinação incrível. Esta manhã, quando me levantei, a paciência saiu bem três vezes seguidas, uma vez até em duas mãos apenas, o que representa um recorde. Pois o senhor acredita que hoje de tarde já fiz trinta e duas tentativas, sem que nenhuma vez chegasse apenas à metade do baralho?

O sr. Settembrini mirou-o com uma expressão triste dos olhos negros, como tantas vezes fizera no decorrer dos anos.

— Em todo caso, o senhor me parece atarefado — disse. — Não tenho a impressão de que encontrarei na sua companhia consolo para as minhas preocupações e bálsamo para aliviar o conflito interior que me atormenta.

— Conflito? — repetiu Hans Castorp, e tirou uma carta.

— A situação mundial me deixa atordoado — suspirou o maçom.
— Está a ponto de se realizar a Liga Balcânica. Todas as minhas informações confirmam isso. A Rússia trabalha assiduamente nesse sentido, e a ponta da combinação dirige-se contra a monarquia austro-húngara, sem cuja destruição nenhuma parte do programa russo pode se tornar realidade. O senhor compreende o meu dilema? Odeio Viena de todo o coração, como o senhor sabe. Mas será esse um motivo para que a minha alma dê apoio ao despotismo sármatas, que está prestes a lançar a tocha incendiária contra o nosso nobre continente? Por outro lado, uma colaboração diplomática entre o meu país e a Áustria, por mais passageira que fosse, não deixaria de me ferir como uma ferida. Esses são os escrúpulos de consciência que...

— Sete e quatro — disse Hans Castorp. — Oito e três. Valeta, dama, rei. Está melhorando. O senhor me traz sorte, sr. Settembrini.

O italiano emudeceu. Hans Castorp sentiu como os olhos negros, a mirada cheia de razão e de moral, pousar sobre a sua pessoa, profundamente entristecidos. Mesmo assim prosseguiu por algum tempo ainda tirando cartas, antes de firmar o jogo na mão, com aquela fisionomia teimosa de fingida inocência que as crianças astutas exibem. Ergueu então o olhar para o mentor que estava de pé à sua frente.

— Seus olhos — ele disse — procuram dissimular em Yão

Tue o senhor sabe muito bem aonde chegou.

— Placet experiri — Ioi a resposta petulante de Hans

Castorp, em Yirtude da Tual o sr. Settembrini o abandonou.

Verdade é Tue o MoYem, deixado sozinho, permaneceu por muito tempo diante da sua mesa, no meio do Tuarto branco, sem tirar cartas; com a cabeça apoiada na mão,

cismaYa e, no seu íntimo, sentia-se tomado de horror em Iace do estado macabro e inseguro em Tue tudo se lhe apresentaYa;

espantaYa-o a careta cinicamente risonha do demônio, do deus-macaco, sob cuMo domínio insensato e desenIreado se achaYa o mundo, e Tue se chamaYa “O Grande Tédio”.

Um nome mau, apocalíptico, próprio para inspirar uma angústia secreta. Hans Castorp, permanecendo sentado, esIregou com as mãos a Ironte e a região do coração. Tinha medo. Parecia-lhe Tue

“tudo aTuilo” não podia acabar bem, Tue uma catástroIe deYia

ser o seu fim lógico, uma reYolta da natureza paciente, um

temporal, um tuIão Tue Yarresse o mundo, desIazendo o Ieitiço

Tue o paralisaYa, arrancando a Yida do “ponto morto” e dando

cabo da “época de Yacas magras” num terríYel dia do Muízo.

Não lhe IaltaYa, como Má dissemos, Yontade de Iugir. Ainda bem

Tue as autoridades “YelaYam sem cessar”, sabiam interpretar sua

fisionomia e se esforçavam por diverti-lo mediante hipóteses noYas e Iecundas!

No linguaMar característico dos acadêmicos universitários, as autoridades haviam declarado que se achavam na pista das verdadeiras causas da temperatura irregular de Hans Castorp, causas que, segundo sua afirmação científica, seria tão fácil remediar que a cura, a alta e o regresso à planície pareciam de súbito iminentes. O coração do MoYem batia mais depressa, assaltado pelas mais diversas emoções, enquanto estendia o braço para a sangria. Levemente pálido, com os olhos piscos, admirava a maravilhosa cor de rubi de sua seiyá vital, que, subindo aos poucos, enchia o receptáculo transparente. O conselheiro em pessoa, assistido pelo dr. Krokozski e por uma enfermeira, efetuou a pequena operação cujas consequências podiam ser grandes. Depois se escoou uma série de dias, que Hans Castorp passou curioso por saber que papel iria o sangue dado, fora de seu corpo, aos olhos da ciência.

No começo, o conselheiro dizia que o tempo não era suficiente para que alguma coisa pudesse germinar. Depois, dizia que inelizmente nada germinara ainda. Mas chegou a manhã em que, na hora do café, se aproximou da mesa de Hans Castorp, o qual a essa época tinha o seu lugar entre os “russos distintos”, na extremidade superior, lá onde outrora seu grande amigo

costumara sentar-se. Entre Ielicitações temperadas de floreios, o médico lhe comunicou Tue numa das culturas por ele preparadas tinha sido descoberta, de modo inegáYel, a presença de estreptococos. Era um problema de cálculo de probabilidades saber se os Ienômenos de intoxicação tinham a sua origem na tuberculosezinha Tue em todo caso ainda persistia, ou nos “estreptos”, cuMa proporção também não era mais Tue modesta. Era preciso examinar o material com mais cuidado e mais detalhe. A cultura ainda não estaYa completamente desenYolYida. No laboratório, mostrou-a a Hans Castorp. Era uma geleia Yermelha, de sangue, no meio da Tual se distinguiam uns pontinhos cinzentos. ATuilo eram os cocos. (QualTuer burro tinha cocos, da mesma Iorma Tue tubérculos, e não houYesse os sintomas, a descoberta não teria muito Yalor.)

Fora do corpo de Hans Castorp, e sob os olhos da ciência, o sangue coagulado do seu coração continuaYa a desempenhar o seu papel. E raiou a manhã em Tue o conselheiro, serYindo-se de palaYras emocionadas, cheias de locuções pitorescas, inIormou-o do seguinte: não somente numa única cultura, mas também em todas as demais, acabaYam de desenYolYer-se cocos, e em grandes Tuantidades. Era diÍcil dizer se todos eles eram estreptococos, mas agora parecia muito proYáYel Tue os Ienômenos de intoxicação

Iossem causados por eles, posto Tue não se podia dizer até Tue ponto a tuberculose, Tue indiscutiYelmente existira e ainda não se dera por totalmente Yencida, haYia contribuído para esses Ienômenos. Que conclusão se deYia tirar de tudo isso? Um tratamento de estreptoYacina! O prognóstico?

Extraordinariamente IaYoráYel, e além disso não haYeria o menor risco em Iazer uma tentatiYa Tue de Iorma alguma preMudicaria o paciente. Uma Yez Tue o soro seria tirado do próprio sangue de Hans Castorp, a inMeção não introduziria no corpo nenhum elemento de enIermidade Tue Má não se encontrasse nele. Na pior das hipóteses seria inútil, sem nenhum eIeito. Mas essa hipótese era mesmo tão má, dado o Iato de Tue Hans Castorp teria Tue ficar ali de TualTuer Meito?

Hans Castorp não Tueria ir tão longe a ponto de afirmar o contrário. Submeteu-se ao tratamento, embora o achasse ridículo e desonroso. Essas Yacinas com a sua própria substância afiguraYam-se-lhe como uma diYersão desagradáYel, um horroroso incesto do eu com o eu, de natureza estéril e desproYida de esperança. Assim o Iazia Mulgar a sua ignorância hipocondríaca, Tue tinha razão somente no Tue se reIeria à esterilidade do processo, a Tual se maniIestou completa. A diYersão prolongou-se por Yárias semanas. Às Yezes parecia preMudicá-lo, o Tue não podia ser outra coisa Tue um engano; outras, daYa a impressão de lhe trazer proYeito, o Tue também

se revelou ilusório. O resultado foi zero, sem que isso fosse expressamente proclamado. A experiência morreu um belo dia de morte natural, e Hans Castorp continuou a mostrar paciência, cara a cara com o demônio, cujo reinado descomedido — o qual ele sentia claramente — estava destinado a um fim horrível.

ABUNDÂNCIA DE HARMONIA

Qual Ioi a noYa aTuisição do Sanatório BerghoI Tue salYou o nosso Yelho amigo da mania das cartas, para lançá-lo nos braços de uma paixão diIerente, mais nobre, embora na Yerdade não menos estranha? A ponto de Ialar dessa inoYação, nós mesmos sentimos o misterioso encanto Tue o assunto irradia, e Tue nos inspira o sincero deseMo de comunicar os Iatos ao leitor.

TrataYa-se de um acréscimo Ieito ao número de aparelhos de diYersão Tue se achaYam no maior dos salões da casa. A compra, cuMa ideia era Iruto dos incessantes cuidados da gerência, tinha sido resolYida no seio do grêmio administratiYo do sanatório e exigira despesas Tue não Tueremos computar, mas deYemos Tualificar de generosas por parte da direção desse estabelecimento, Tue merece a nossa irrestrita recomendação. Seria um brinTuedo engenhoso do tipo da caixa estereoscópica, do caleidoscópico em Iorma de luneta e do tambor cinematográfico? Sim e, sob certos aspectos, também não. Pois, em primeiro lugar não era óptico mas acústico aTuele instrumento com Tue os pensionistas certa noite depararam no salão de música e Tue os Iez bater as mãos em sinal de aplauso e de surpresa. Além disso, as reIeridas atrações leYianas absolutamente não podiam ser comparadas com ele Tuanto à classe, ao níYel e ao Yalor. Isso não era um espetáculo inIantil,

monótono, do Tual todos estaYam Iartos e Tue ninguém olhaYa depois de mais de três semanas de permanência no sanatório. Era uma opulenta cornucópia de prazeres artísticos Tue alegreYam ou entristeciam a alma. Era um instrumento de música. Era uma Yitrola.

Receamos seriamente Tue essa palaYra possa ser interpretada num sentido indigno e obsoleto, e associada a ideias Tue talYez correspondam aos primitiYos precursores daTuilo Tue temos em mente, não, porém, à realidade, essa

realidade Tue a técnica consagrada ao serYiço das musas desenYolYera, num inIatigáYel esIorço burilador, até a mais eleYada perIeição. Não, meus amigos! Não Ialamos de um daTueles míseros caixotes a maniYela Tue em tempos remotos enchiam os ouYidos pouco exigentes do público de restaurantes com seus berros Ianhosos, esses caixotes coroados pelo prato giratório e pelo braço da agulha, e Tue pareciam apêndices de um monstruoso Iunil de trombeta. A arca preta, de madeira mate, um pouco mais comprida do Tue larga, Tue ali, em cima de uma estantezinha, exibia as suas linhas simples e nobres, e Tue um fio reYestido de seda ligaYa a uma tomada elétrica embutida na parede, absolutamente não se parecia com aTuelas máTuinas toscas, antediluYianas. Abria-se a tampa graciosamente chanIrada, guarnecida no seu interior de um suporte metálico dobradiço Tue, ao leYantar-se do Iundo

do aparelho, fixaYa-a automaticamente numa posição oblíTua, protetora; e numa concaYidade pouco proIunda Yia-se o prato giratório, Iorrado de pano Verde, cingido de um aro niTuelado, com o pino central igualmente de níTuel, Tue se enfiaria no Iuro dos discos de ebonite. NotaYa-se, além disso, bem na Irente, ao lado direito, um dispositiYo ciIrado à maneira de relógio, e Tue serYia para regular a Yelocidade. À esTuerda, haYia uma alaYanca, mediante a Tual se podia pôr em marcha ou traYar o mecanismo, e mais para trás, ao mesmo lado, o braço oco, niTuelado, sinuoso e claYiIorme, Tue se moYia em articulações macias e tinha na sua extremidade o diaIragma redondo, achatado, com o torninho destinado a segurar a agulha. Abriam-se também os batentes da porta da Irente. Atrás dela descobria-se uma espécie de gelosia, Iormada por IasTuias enYiesadas de madeira preta — e nada mais.

— É o modelo mais recente — disse o conselheiro, Tue acabaYa de entrar. — A última conTuista da técnica. Pois é, meus filhos, de primeiríssima Tualidade! Ultrafino! Não há coisa melhor nesse gênero. — Procurou arremedar de

maneira cômica a linguagem de um Yendedor ignorante Tue apregoa a sua mercadoria. — Isto não é um aparelho, não é máTuina — continuou, enTuanto tiraYa uma agulha de uma caixinha colorida, de lata, Tue se achaYa na mesa, e a fixaYa no diaIragma —, isso aí é um instrumento, é um StradiYarius, um

Guarneri, com ressonâncias e Vibrações do mais extremo refinamento! A marca é “Polyhymnia”, segundo nos informa esta inscrição no interior da tampa. Fabricada na Alemanha. Nesse ramo ninguém nos ganha, sabem? O sentimentalismo musical em Iorma moderna, mecanizada! A alma alemã up to date! E aí está a discoteca

— acrescentou, designando um pequeno armário com fileiras de álbuns volumosos. — Entrego todo esse tesouro ao uso e prazer irrestrito dos senhores e das senhoras, mas pede-se ao público que zele por ele. Que tal se ouvíssemos uma peça, a título de experiência?

Os enfermos imploraram-lhe que o fizesse. E Behrens apanhou um dos livros mágicos, de valioso conteúdo, tirou as páginas pesadas e de uma das bolsas de cartolina, com buracos circulares deixou os rótulos multicores, tirou um disco e colocou no aparelho. Com uma única manobra acionou o prato giratório, esperou alguns segundos, até o movimento alcançar a velocidade desejada, e aplicou a delicada ponta da agulha de aço cautelosamente à beira do disco. Ouviu-se um leve chiado. O médico desceu a tampa, e no mesmo instante irrompeu pelos batentes abertos da porta, por entre as portas da gelosia, um turbilhão orquestral, uma melodia alegre, barulhenta, apressada, os primeiros compassos saltitantes de uma abertura de Offenbach.

Todos escutaYam, sorrindo, boTuiabertos. Não podiam dar crédito a seus ouYidos, tão puros e tão naturais saíam os trinados dos sopros de madeira. Um Yiolino, sozinho, preludiaYa Iantasiando. OuYia-se a arcada, ouYia-se o tremolo da mão esTuerda, a suaYe transição de uma posição a outra. O Yiolino encontrou a melodia Tue procurara, uma Yalsa, “Ai de mim, perdi a amada”. Graciosamente, a orTuestra acompanhaYa a ária insinuante, e era delicioso Tuando esta, honrosamente acolhida pelo conMunto dos músicos, se repetia sob o estrondo de tutti. Não era, naturalmente, a mesma coisa como se uma Yerdadeira orTuestra tocasse no salão. O som não soIria a menor desfiguração, mas o seu Yolume estaYa diminuído pela perspectiYa; se nos é permitido empregar diante desse Ienômeno acústico uma comparação tirada do terreno da óptica: era como se olhássemos um Tuadro por um binóculo às aYessas, de modo Tue aparecesse distante e reduzido, sem detrimento da nitidez do desenho e da luminosidade das cores. A peça musical, engenhosa e picante, ia sendo reproduzida com todo o brilho inerente a essa composição IríYola. O final era a leYeza pura e simples, um galope comicamente hesitante no começo, um lasciYo cançã, eYocando a Yisão de cartolas brandidas no ar, de Moelhos sacudidos e de saias IarIalhantes, e cuMo desenlace humorístico-triunIal parecia não ter fim. A seguir, o mecanismo

desligou-se automaticamente. Terminara. Houve aplausos sinceros.

Reclamaram mais música e receberam-na. Uma voz humana brotou da arca, voz máscula, ao mesmo tempo macia e poderosa, acompanhada por uma orquestra. Era um barítono italiano de grande fama. Desta vez não se podia falar de distância e de espectadores abastados. A magnífica voz ressoava na plenitude natural do seu volume e vigor. Quem passasse para uma das salas vizinhas, cujas portas estavam abertas, e não visse o aparelho poderia pensar que o cantor em carne e osso estivesse presente, e cantasse com as partituras na mão. Ele cantava uma arietta em sua própria língua — eh, il barbiere. Di Tualità, di Tualità! Figaro Tu, Figaro la, Figaro, Figaro, Figaro! Os ouvintes quase morriam de riso, ao escutar o parlando em voz de falsete e ao notar o contraste entre a voz potente e a vertiginosa desventura da língua. As pessoas mais

competentes talvez fossem capazes de observar e de apreciar a arte do fraseado e da técnica respiratória. Mestre na apresentação irresistível, virtuoso do gosto latino que exige o “da capo”, o cantor sustentou por muito tempo a penúltima nota, antes da tônica final. Parecia aproximar-se da ribalta e erguer uma das mãos, a ponto de o público bater palmas antes mesmo do fim da ária. Era esplêndido.

E isso não era tudo. Uma trompa de caça executou com escrupulosa delicadeza variações sobre uma canção popular. Um soprano fez vibrar as clarinadas, os staccati e os gemidos de uma ária de “La Traviata” com a mais encantadora pureza e precisão. O fantasma de um violonista de celebridade mundial tocou, como se se achasse por trás de alguns véus, uma “Romança” de Rubinstein, com acompanhamento de um piano que soava tão duro como um cravo. A arca milagrosa abriu-se aos poucos, mas ainda saíam dela badaladas de sinos, glissandi de harpas, clangores de trombetas e ruídos de tambores. Finalmente tocaram discos de dança. Já havia até algumas amostras da importação mais recente, ao gosto das tavernas de portos exóticos: o tango, destinado a relegar a valsa vienense ao baile dos céus. Dois pares que sabiam executar os passos da moda exibiram-se sobre o tapete. Behrens acabou de retirar-se, depois de recomendar-lhes que não usassem uma agulha mais de uma vez e que tratassem os discos como fossem ovos frescos. Hans Castorp encarregou-se do aparelho.

Por que ele? Isso se deu com a maior naturalidade. Falando laconicamente, em voz abafada, opusera-se à vez que, depois da saída do conselheiro, deveria tomar a si a incumbência de mudar os discos ou as agulhas e de acionar ou desligar o motor elétrico.

— Deixem isto comigo! — dissera, aIastando-os do aparelho, e eles, indiIerentes, lhe haYiam obedecido; primeiro, porTue ele daYa a impressão de ser entendido no assunto desde haYia muito tempo, e segundo, porTue não Iaziam Tuestão de trabalhar na Ionte do prazer, ao inYés de se deixar serYir comodamente e sem responsabilidade, até o momento em Tue isso lhes causasse tédio.

Hans Castorp era diIerente. EnTuanto o conselheiro apresentaYa a noYa aTuisição, o MoYem mantiYera-se silencioso no Iundo da sala; não se rira, não batera palmas, mas prestara intensa atenção às peças oIerecidas, torcendo uma sobrancelha entre dois dedos, como às Yezes tinha por hábito. Tomado de certa inTuietação, de Tuando em Tuando mudara de lugar, sem Tue o público o notasse. Entrara na biblioteca, a fim de escutar ali. Mais tarde plantara-se ao lado de Behrens, com as mãos nas costas e com a cara Iechada. Examinara a arca, para lhe aprender o Iácil maneMo. Uma Yoz dizia nele: “Alto! Alerta! Começa uma época! Isso Yeio para mim!”. EstaYa cheio do inIalíYel pressentimento de mais uma paixão, de outro encantamento, do peso de um noYo amor. Um MoYem da planície, Tue ao primeiro olhar lançado a uma garota se sente Ierido pela flecha Iarpada do amor, não experimenta sensações diIerentes. Os atos subseTuentes de Hans Castorp Ioram determinados pelo ciúme. Propriedade comum? Qual nada, a

curiosidade indolente não tem nem o direito nem a Iorça necessária para possuir! “Deixem isto comigo!”, disse Hans Castorp entre dentes, e eles pareciam muito satisfeitos. Dançaram mais um pouco ao som das músicas Iúteis. Então eles oIerrecia. Pediram ainda um disco de canto, um dueto de ópera, a Barcarola dos “Contos de Hoffmann”, cuja graça lhes enfeitava os olhos. Quando Hans Castorp fechou a tampa, recolheram-se ao repouso, tagarelando, animados pelo novo brinde. Era precisamente isto o que o MoYem esperava. Há um abandono tudo na mais completa desordem, as caixinhas de agulhas e os álbuns abertos, os discos espalhados por toda parte. Era típico! Hans Castorp fez como se os seguisse, mas, clandestinamente, separou-se deles na escada. Voltou ao salão, cerrou todas as portas e permaneceu ali durante grande parte da noite, muito atarefado.

Ia se familiarizando com a inoYação. Sem que ninguém o incomodasse, examinava os tesouros musicais e acompanhava o aparelho, o conteúdo de todos os pesados álbuns. Há um doze, de dois tamanhos diferentes, e cada um continha doze discos. Muitas dessas chapas pretas, com os angustos sulcos circulares, eram gravadas dos dois lados. Certas peças estendiam-se por sobre o disco inteiro, e não eram raros os casos em que o mesmo disco continha duas obras diferentes.

Assim, no início pareceu difícil e mesmo perturbadora a tarefa de obter uma visão de conjunto desse terreno cheio de belas possibilidades, que lhe cabia conquistar. Hans Castorp experimentou cerca de uns vinte e cinco discos, servindo-se de certo tipo de agulhas finas que tocavam em surdina, para não molestar ninguém e para não ser ouvido através da noite. Mas isso representava apenas a oitava parte de tudo quanto se lhe oferecia e clamava por ser experimentado. Por enquanto, Hans Castorp se contentou com uma rápida leitura dos títulos, e só de vez em quando escolhia a esmo uma amostra das silenciosas gravações circulares, para incorporá-la na arca que iria soar. Era só pelo colorido que lhes cobria a parte central, e por nada mais, que esses discos de ebonite se distinguiam à primeira vista. Um era igual ao outro. Todos estavam cobertos até quase o centro por um sem-número de círculos concêntricos, e no entanto esse lineamento delicado continha tudo que se pudesse imaginar de música, os mais belos achados de todas as regiões da alma, em esmerada interpretação.

Existiam ali numerosas aberturas e movimentos súbitos, pertencentes ao mundo sublime da sinfonia, tocados por orquestras famosas, cujos regentes eram designados pelo nome. Seguia-se uma série de lieder cantados por membros de grandes óperas, com acompanhamento de piano; tratava-se em parte de obras esquecidas, produtos do esforço

consciente de artistas individuais; em parte, de singelas cantigas do povo; e, ainda, de outras peças que, por assim dizer, constituíam um meio-termo entre ambos os gêneros: embora frutos de uma arte intelectual, representam, tanto à inspiração e à forma, a alma e o gênio do povo no que possuía de mais puro e mais piedoso; eram canções populares artificiais, se é possível usar o epíteto “artificial” sem lhes diminuir o caráter genuíno da invenção. Recordo-me sobretudo a uma canção que Hans Castorp conhecia desde criança, mas pela qual só agora começava a sentir um amor misterioso, rico em associações, canção essa de que falaremos noutra parte... Que mais havia, ou, para tornar a resposta mais fácil: que falta, afinal? Havia abundância do gênero lírico. Um coro internacional de estes mesmos cantores e cantoras, acompanhados por orquestras discretamente recriadas, empregava o dom divino das suas vozes ajeitadas ao bel canto, na interpretação de árias, duetos, ensembles, provenientes das mais diversas regiões e épocas do repertório operístico: a beleza meridional, com o seu arrebatamento ao mesmo tempo generoso e irrequieto; o mundo dos povos germânicos, mescla de espírito brincalhão e demoníaco; a grande ópera e a ópera cômica, de origem francesa. Era tudo isso? Ah, não! Vinham ainda o grupo de músicas de câmara, os quartetos e os trios, os solos instrumentais de violinos, violoncelos e flautas, os cantos de concerto, com acompanhamento obrigatório de violino ou flauta, as peças

puramente pianísticas, para não falar das diferenças, como os couplets e os discos de serentia concreta, gravados por orquestras de dança, e tu teriam uma agulha grossa.

Hans Castorp examinava e classificava tudo isso. Manobrando em completa solidão, entregou parte do tesouro ao instrumento que o despertava para uma vida sonora. Com a cabeça a arder, recolheu-se ao quarto numa hora tão avançada como a tuela em que terminara o primeiro Iestim organizado pela saudosa personalidade do

maestoso e iraternal Peepkorn. Das duas da madrugada até às sete da manhã, sonhou com a arca mágica. No seu sonho via o prato giratório dar voltas em torno do pino, tão depressa que não se podia distinguir nenhum pormenor, e toda via sem o mínimo ruído, num movimento que consistia não somente no turbilhante fluxo circular, mas também numa estranha ondulação lateral, de maneira que ao braço articulado, portador da agulha, que passava por cima, era imprimida uma oscilação elástica, muito proyeitosa, segundo tudo fazia crer, ao vibrato e ao portamento dos instrumentos de corda e das vozes humanas. Mas, tanto em sonho como em estado de vigília, continuava incompreensível por que o simples ato de acompanhar uma linha fina como um cabelo, por cima de uma caixa de ressonância, e com o único auxílio da membrana do diafragma, era capaz de reproduzir a vasta complexidade das

composições Tue enchiam os ouYidos interiores do adormecido.

De manhã cedo, ainda antes do caIé, Yoltou ao salão e, com as mãos postas, sentado numa poltrona, Iez sair da arca a Yoz maraYilhosa de um barítono Tue cantaYa, com acompanhamento de harpa, a ária de WolIram Yon Eschenbach, da ópera “Tannhäuser”. A harpa tinha um som perIeitamente natural; eram arpeMos autênticos, não adulterados, Tue partiam da arca, Munto com a Yoz humana, ampla, suaYe, bem-articulada. Era pasmoso. E nada podia haYer de mais terno no mundo do Tue um dueto de uma ópera italiana de um compositor moderno, Tue Hans Castorp tocou a seguir — essa aproximação sentimental, cheia de humildade e ternura, Tue se produz entre uma Yoz de tenor mundialmente Iamosa, Tue muitas Yezes figuraYa nos álbuns, e um sopranozinho meigo, cristalino; era impossíYel imaginar coisa mais delicada do Tue esse “Dammi il braccio, mia piccina...”,¹⁹ cantado pelo homem, e aTuela peTuena Irase simples, doce, de melodia pressurosa com Tue ela lhe respondia...

Hans Castorp sobressaltou-se Tuando a porta se abriu às suas costas. Era o conselheiro Tue lançaYa um olhar ao salão. Em aYental de médico, o estetoscópio no bolso do peito, permaneceu um instante com o trinco da porta na mão, acenando para o alTuimista de sons. Depois Tue este retribuiu o aceno por cima do ombro, o rosto do cheIe, com as Iaces

azuladas e o bigodinho torto de um lado, logo se sumiu atrás da porta cerrada. E Hans Castorp tornou a dirigir a atenção ao harmonioso casalzinho de namorados inYisíYeis.

Mais tarde, no decorrer do dia, após o almoço e o Mantar, haYia ouYintes a obserYar-lhe as atiYidades, um público Tue se renoYaYa constantemente — uma Yez Tue consideramos o próprio Hans Castorp não como parte do auditório, senão como autor do diYertimento oIerecido. Também ele tendia para esse ponto de Yista, e os habitantes do BerghoI admitiam-no tacitamente desde o início, não se opondo ao ato enérgico com Tue o MoYem se nomeara a si próprio administrador e guardião da noYa instituição pública. Para essa gente, isso não representaYa sacriÍcio algum. ManiIestaYam, na Yerdade, certo arrebatamento superficial Tuando aTuele idolatrado tenor, extasiando-se em harmonia e doçura, derramaYa a Yoz Tue encantaYa o mundo em cantilenas e eIusões de paixão altamente artísticas. Mas, não obstante o seu Múbilo ruidoso, IaltaYa-lhes o Yerdadeiro amor, e por isso estaYam muito dispostos a deixar os cuidados do aparelho a Tuem se Tuisesse encarregar deles. Era Hans Castorp Tuem mantinha em ordem o tesouro dos discos; era ele Tuem anotaYa no interior da capa o conteúdo do respectiYo álbum, de maneira a se poder encontrar imediatamente TualTuer música deseMada; era ele Tuem lidaYa com o instrumento. Dentro de pouco tempo, isso Má

se notaYa pelos seus gestos rápidos, precisos e delicados. Realmente, Tue teriam Ieito os outros? Teriam Yiolado os discos, maltratando-os com agulhas gastas; eles os teriam abandonado nas cadeiras, sem inYólucro protetor; teriam abusado do aparelho para brincadeiras estúpidas, tocando uma peça sublime com a Yelocidade de 110 ou colocando o ponteiro em zero, de modo a tirarem da caixa ora um trilo histórico ora um grunhido suIocado... Já haYiam chegado a Iazer tudo isso. Embora doentes, eram rudes. Eis por Tue Hans Castorp, ao cabo de algum tempo, confiscou simplesmente a chaYe do armário Tue continha os álbuns e as agulhas. Daí por diante andaYa com ela no bolso, e Tuem Tuisesse ouYir um concerto teria de chamá-lo. Pela noite, depois da reunião, Tuando os pensionistas acabaYam de se recolher, Yinham suas melhores horas. Permanecia então no salão ou YoltaYa ali clandestinamente, para tocar músicas, sozinho, até altas horas da noite. Verificou Tue o perigo de perturbar com isso o sossego da casa era menor do Tue acreditara. O alcance desses sons espectrais era eYidentemente peTueno. As Yibrações, por mais surpreendente Tue Iosse o eIeito causado por elas perto da sua Ionte, enIraTueciam a alguma distância, mostrando-se débeis e desproYidas de Yerdadeiro poder, como toda Iantasmagoria. Hans Castorp achaYa-se entre as Tuatro paredes, a sós com as maraYilhas da arca, com as exuberantes produções desse

ataudezinho truncado, de madeira de Violino. Diante dos batentes abertos desse pequeno templo de Iosca negra, instalara-se numa poltrona, com as mãos postas, inclinando a cabeça para um ombro, e com a boca entreaberta banhava-se em melodias.

Os cantores e as cantoras estavam ou vindo — não os Yia. Sua forma humana encontrava-se na América, em Milão, em Viena, em São Petersburgo. Não fazia mal que não se encontrassem ali, pois o título que Hans Castorp possuía era o que neles havia de melhor, era a sua voz, e o MoYem apreciava essa depuração e abstração que restavam bastante acessíveis aos sentidos para permitir-lhe um bom controle humano — sobretudo quando se tratava de artistas alemães, compatriotas seus — com eliminação de todos os inconvenientes que acarretaria a excessiva proximidade

física. Podia-se distinguir o dialeto, a dicção, a origem étnica dos artistas. O caráter vocal revelava fatos relacionados com a envergadura espiritual de cada um deles. Pela maneira como aproveitavam ou desperdiçavam as possibilidades de interpretação, evidenciava-se o grau da sua inteligência. Hans Castorp exasperava-se quando iracundava. Também sorria e mordida os lábios, cada vez que ocorriam imperfeições da reprodução técnica. Sentia-se como sobre brasas quando, no meio de um disco muitas vezes tocado, uma nota de canto

soaYa estridente ou berrante, o Tue sucedia IreTuentemente com as delicadas Yozes Iemininas. Mesmo assim se conIormaYa, pois Tuem ama tem de soIrer. Às Yezes se inclinaYa por sobre o mecanismo Tue giraYa palpitando, como sobre um ramalhete de lilases, com a cabeça sumida numa nuYem de sons. Mantinha-se à Irente da arca aberta, e saboreaYa o prazer soberano de um regente, enTuanto com um gesto de mão, no momento preciso, daYa aos clarins o sinal de ataTue. Tinha alguns IaYoritos na coleção, números de canto e peças instrumentais, Tue nunca se cansaYa de ouYir. Não podemos deixar de citá-los.

Um peTueno grupo de discos apresentaYa as cenas finais daTuela ópera pomposa, transbordante de gênio melódico, Tue Iora composta por um grande compatriota do sr. Settembrini, o Yelho mestre da música dramática meridional, na segunda metade do século passado, por encomenda de um potentado oriental, e deYia a sua origem à circunstância solene da entrega à humanidade de uma obra da técnica destinada a aproximar os poYos. DeYido à sua Iormação, Hans Castorp sabia pouco mais ou menos do Tue se trataYa. Conhecia em linhas gerais os destinos de Radamés, Amnéris e Aída, Tue cantaYam para ele em italiano, no interior da caixa, e assim entendia praticamente tudo Tuanto diziam o incomparáYel tenor, o maMestoso contralto com a magnífica mudança de timbre na

meia voz e o soprano cristalino. Não os entendia pela raiz por
pela raiz,

mas apanhava uma ou outra frase, graças ao seu
conhecimento das situações e à simpatia que experimentava
por elas, essa aceitação íntima que se intensificava à medida que
tocava as tuas quatro ou cinco discos, a ponto de se transformar
num autêntico sentimento amoroso.

Em primeiro lugar havia uma discussão entre Radamés e
Amnéris. A filha do rei mandara conduzir à sua presença o
homem acorrentado, a quem amava e desejava ardentemente
salvar, se bem que ele tivesse renegado a pátria e a honra por
amor à escravidão bárbara. (Verdade é que o próprio Radamés
afirmava que “puro se conservara seu pensamento, e intacta sua
honra”.) Mas essa integridade íntima, sem embargo da gravidade
da sua culpa, pouco lhe adiantava. Em virtude do seu crime
evidente, ele estava sujeito à jurisdição dos sacerdotes, que
eram inexoráveis quanto às iracúndias humanas. Parecia certo que
não seriam cerimônias, se no último instante não alterasse a
sua atitude e renunciasse à escravidão, para lançar-se nos braços do
mestoso contralto com a mudança de timbre, que, do ponto de
vista acústico, merecia isso plenamente. Amnéris fazia os mais
hermosos esforços em prol do tenor harmonioso, o qual,
porém, tragicamente obcecado e preso à vida, se limitava a
cantar “Não posso” ou “Em vão”, cada vez que lhe

imploraYa, com súplicas desesperadas, Tue abandonasse a escraYa, porTue sua Yida estaYa em Mogo. “Não posso.” “Rogo mais uma Yez: renuncia a ela!” “Em Yão!” A cegueira deseMosa de morrer e o mais ardente pesar de amor reuniam-se num diálogo, Tue era extraordinariamente belo, mas não deixaYa nenhuma esperança. A seguir, Amnéris acompanhaYa com seus gritos de dor as medonhas Iórmulas das réplicas do tribunal religioso, cuMos sons surdos subiam das proIundezas, e às Tuais o inIausto Radamés absolutamente não reagia.

“Radamés, Radamés!”, cantaYa com insistência o sumo sacerdote, e de uma Iorma muito sutil lhe Iazia Yer o crime de traição.

“Desculpa-te!”, exigia o coro dos sacerdotes.

E como o sumo sacerdote YerificaYa Tue Radamés permanecia mudo, todos, com caYernosa unanimidade, declaraYam-no culpado de traição.

“Radamés, Radamés!”, recomeçaYa o presidente, “desertaste do acampamento na Yéspera da batalha.”

“Desculpa-te!”, cantaYa noYamente o coro. “Ele se cala”, constataYa pela segunda Yez o presidente muito mal impressionado, e em conseTuência disso todos os Yotos dos Muízes tornaYam a reunir-se na sentença: “Traição!”.

“Radamés, Radamés!”, ouYia-se pela terceira Yez a Yoz do implacáYel acusador. “Violaste o Muramento à pátria, à honra e ao rei.” — “Desculpa-te!”, ressoaYa noYamente o coro. E “Traição!” era o Yeredito definitiYo Tue o grêmio dos sacerdotes pronunciaYa com horror, depois de sua atenção ter sido chamada para o Iato de Radamés calar-se teimosamente. Destarte era impossíYel eYitar o ineYitáYel. O coro, cuMas Yozes nem seTuer se haYiam retirado para deliberar, promulgaYa a sentença, segundo a Tual a sorte do criminoso estaYa decidida. Ele teria Tue morrer a morte dos malditos; entraria YiYo na tumba, sob o templo da diYindade irada.

A indignação Tue Amnéris maniIestaYa diante dessa crueldade clerical era coisa Tue o ouYinte deYia imaginar o melhor Tue pudesse; pois a reprodução interrompia-se nesse ponto. Hans Castorp teYe Tue mudar o disco, o Tue Iez com moYimentos silenciosos, precisos e, por assim dizer, com os olhos baixos. Quando Yoltou a instalar-se na poltrona para escutar, Má se desenrolaYa a última cena do melodrama, o dueto final entre Aída e Radamés, cantado na proIundeza da sua sepultura subterrânea, enTuanto por cima das suas cabeças os sacerdotes Ianáticos, desapiedados, celebraYam o seu culto no templo e, com as mãos espalmadas, proIeriam surdas ladainhas... “Tu — in Tuesta tumba?”,²⁰ clamaYa entre espanto e delícia a Yoz de

Radamés, essa Yoz incriYelmente insinuante, meiga e ao mesmo tempo heroica. Sim, ela se Muntara a ele, a bem- amada, pela Tual sacrificara a Yida e a honra; esperara-o nesse lugar; deixara-se enterrar com ele, para morrer a seu lado. Os cantos em Tue os amantes comentaYam esse Iato, ora dialogando, ora unindo as suas Yozes, esses cantos interrompidos de Tuando em Tuando pelo ruído surdo do cerimonial, Tue Yinha do paYimento superior — eram eles o Tue, em última análise, enIeitiçara até o Iundo da alma o ouYinte solitário e noturno, deYido tanto às circunstâncias como à expressão musical. FalaYa-se do céu nesse dueto, mas ele mesmo era celeste, e cantaYam-no diYinamente. A linha melódica Tue as Yozes de Radamés e Aída, isoladas ou reunidas, não cessaYam de traçar, essa curYa singela e Ieliz em torno da tônica e da dominante, Tue subia desde a nota Iundamental até a prolongação em marcato, a um semitom da oitaYa, e depois de um contato Iugidio com esta se YoltaYa para a Tuinta —, essa linha afiguraYa-se ao ouYinte mais pura, mais maraYilhosa do Tue tudo o Tue Má lhe ocorrera. No entanto, Hans Castorp teria demonstrado muito menos entusiasmo pelos meros sons, não existisse a situação Tue os inspiraYa, e Tue tornaYa o seu espírito sensíYel para a doçura Tue dela se desprendia. Era tão belo o Iato de Aída se ter Muntado ao condenado Radamés, a fim de partilhar com ele, para toda a eternidade, o destino sepulcral! Com razão o sentenciado protestaYa contra a imolação de uma Yida tão graciosa. Mas, atraYés do seu grito

terno e desesperado “No, no! Troppo sei bella!”²¹ transparecia o encanto. Tu experimentaYa ante a definitiYa união com Aída, Tu pensara nunca mais Yer. Hans Castorp não precisaYa Iorçar a imaginação para participar desse encanto e dessa gratidão. Mas, o Tu sentia, compreendia e gozaYa antes de mais nada, enTuanto, com as mãos postas, olhaYa a portinhola negra de cuMas IasTuias partia toda essa beleza, era o alto e idealístico Yoo da música, da arte, da alma humana, o sublime e irreIutáYel embelezamento Tu

esse idealismo outorgaYa aos horrores Yulgares das coisas reais. BastaYa Yisionar com os olhos da razão o Tu se passaYa nessa cena. Duas pessoas enterradas YiYas, com os pulmões cheios de gases meÍíticos, pereceriam Muntas, ou, o Tu seria ainda pior, uma depois da outra, torcendo-se de Iome; a seguir, a putreIação exerceria sobre os corpos os seus indescritíYeis eIeitos, até Tu no Iundo da tumba repousassem dois esTueletos, cada um dos Tuais ficaria completamente indiIerente e insensíYel à Tuestão de saber se Mazia ali sozinho ou acompanhado. Este era o aspecto realista e obMetiYo das coisas — um aspecto e uma coisa à parte, Tu o idealismo do coração nem seTuer leYaYa em conta, e Tu o espírito da beleza e da música oIuscaYa triunIalmente. Para as almas operísticas de Radamés e Aída não existia a realidade Tu os ameaçaYa. Suas Yozes eleYaYam-se em uníssonos até aTuela Mubilosa

appoggiatura à oitava, afirmando que nesse momento se abria o céu, e que suas almas errantes Yoda ao encontro dos raios do dia eterno. O poder consolador desse paliativo Iazia bem ao ouvido e contribuía muito para que esse número do seu programa predileto se lhe tornasse especialmente caro.

Ele costumava descansar desses sustos e êxtases, escutando uma outra peça breve, mas cheia de concentrada magia, peça de conteúdo muito mais plácida que a primeira, um idílio, porém um idílio refinadíssimo, ideado e colorido com o aproveitamento dos meios parcos e ao mesmo tempo complexos da arte contemporânea. Era uma peça puramente orquestral, sem canto, um prelúdio sinfônico de origem francesa, composta com uma instrumentação relativamente reduzida para a nossa época, mas com o mais perfeito conhecimento da polifonia moderna, e habilmente elaborada para envolver a alma numa teia de sonhos.

O sonho de Hans Castorp se entregava ao tocar esse disco era o seguinte: achava-se ele deitado de costas num prado banhado pelo sol e semeado das estrelas variadas

de um sem-número de flores. Tinha por baixo da cabeça um montículo de terra. Estava com as pernas encolhidas, uma cruzada por cima da outra. Mas deitava-se observar que essas pernas eram pernas de bode. Só para o seu próprio prazer

— pois a solidão do prado era completa — suas mãos dedilhaYam um peTueno instrumento de sopro, Tue mantinha diante da boca, clarineta ou charamela, da Tual extraíá sons pacatos e Ianhosos, um após outro, assim como lhe ocorriam, e todaYia numa seTuência agradáYel. E esses balidos despreocupados subiam ao céu intensamente azul, sob o Tual Iremia ao sol a delicada Iolhagem de isolados Ireixos e bétulas, Tue uma leYe aragem agitaYa. Mas esta musiTueta contemplatiYa, inconsciente, semimelodiosa, estaYa longe de ser a única Yoz Tue ressoaYa pela solidão. Os zumbidos dos insetos no ar Tuente do Yerão, por cima do capim; a própria luz do sol, a suaYe brisa, a agitação das copas das árYores, a cintilação das Iolhas — todo o moYimento brando da paz estiYal Tue reinaYa em redor transIormaYa-se numa mescla de sons Tue daYa ao singelo toTue da charamela um sentido harmônico, sempre renoYado e sempre cheio de surpresas. De Yez em Tuando recuaYa ou emudecia o acompanhamento sinIônico; mas Hans, com suas pernas de bode, continuaYa a soprar no seu instrumento, e a monotonia ingênua da sua música despertaYa noYamente a magia sonora, de reTuintado colorido, da natureza; essa magia Tue, depois de uma noYa interrupção, YoltaYa finalmente, superando-se a si mesma. JuntaYam-se-lhe instrumentos noYos, mais agudos, atacando em rápida sucessão. Por um momento Iugaz, cuMa plenitude deliciosa, perIeita, encerraYa, todaYia, a eternidade, era-lhe dada

a exuberância de Tue a orTuestra dispunha e Tue lhe negara até então. O MoYem Iauno sentia-se muito Ieliz no seu prado, nesse dia de Yerão. Ali não haYia Tuem exigisse: “Desculpa- te!”, não haYia responsabilidades, não haYia sacerdotes reunidos num tribunal de guerra, Mulgando um homem Tue

se esTuecera da honra e estaYa perdido para o mundo. Nesse lugar reinaYam o próprio esTuecimento, a bem- aYenturada imobilidade, o estado inocente da ausência de tempo. Era o relaxamento praticado com a melhor das consciências, a miragem apoteótica de todo tipo de negação do imperatiYo ocidental da ação; e a sensação de calma Tue esse disco inspiraYa conIeria-lhe Yalor especial aos olhos do nosso músico noturno.

Existia uma terceira peça... Na realidade eram outra Yez diYersas peças, três ou Tuatro, Iormando um grupo e reYezando-se entre si. A ária do tenor, Tue Iazia parte do conMunto, enchia sozinha uma Iace do disco. NoYamente se trataYa de música Irancesa, trechos de uma ópera Tue Hans Castorp conhecia bem, Tue ouYira e Yira diYersas Yezes no teatro, e a cuMo enredo até aludira de passagem em uma conYersa, uma conYersa de importância decisiYa... A cena passaYa-se no meio do segundo ato, numa taYerna espanhola, baiuca espaçosa, enIeitada de panos. O ediÍcio de estilo mourisco Má estaYa um tanto danificado. A Yoz de Carmen, cálida, leYemente

rouca mas atraente pelo timbre peculiar à sua raça, declara que
teria dançar em homenagem ao sargento, e Má se ouvia
o tatarlar das suas castanholas. No mesmo instante, porém,
ressoa a alguma distância trombetas, clairons, um sinal
militar que se repetia e fazia o rapaz sobressaltar-se
violenta-mente. “Espera um pouco. Só um momento!”,
grita ele, aguçando os olhos para o clarinista. E quando
Carmen pergunta: “Por quê? Que é há?”, exclama o
sargento: “Não é?”, todo surpreendido por não a clarinada
não a impressiona tanto como a ele. E explica que esse sinal
era dado pelas trombetas do quartel. “Do regresso se aproxima
a hora”, dizia em estilo operístico. Mas a cigana era incapaz de
compreender aquilo, e também não teria fazê-lo. Tanto melhor
— argumenta ela, entre tola e insolente —, nesse caso não
há necessidade de castanholas; o próprio céu lhes
manda música para

dançar: “Ta-ra-ta-rá...”. O rapaz estava fora de si. A mágoa que
lhe causava a decepção eclipsava-se diante do esforço de
explicar a ela de que se trata, e que nenhuma paixão do mundo
podia resistir a esse sinal. Como era possível que ela não
compreendesse uma coisa tão fundamental e tão absoluta? “É
preciso que eu volte ao quartel agora mesmo, para a revista”,
clama ele, desesperado diante da ignorância da mulher, que
lhe torna o coração ainda mais triste do que normalmente. E

imaginem o Tuo Carmen lhe respondia a isso! EstaYa Iuriosa, indignada até o Iundo da alma. Era em cada nota a personificação do amor enganado e oIendido; ou, ao menos, fingia sê-lo. “Ao Tuartel? Para a reYista?” E o seu coração? Seu coração meigo e carinhoso Tue, na sua IraTueza — sim, ela não o negaYa; na sua IraTueza! —, se dispusera a diYerti-lo com danças e cantos? “Ta-ra-ta-rá!” Com um gesto de escárnio selYagem conduzia à boca a mão em Iunil, para arremedar o clarim. “Ta-ra-ta- rá!” Mais não era necessário para Tue o imbecil se leYantasse de um pulo e fizesse menção de sair correndo. Pois então, Tue se Iosse! E lhe estendia o capacete, o sabre, o cinturão. Que não perdesse tempo, Tue se apressasse para Yoltar ao Tuartel!... E ele pedindo misericórdia. Mas a mulher prosseguia com o seu sarcasmo cáustico, representando o papel dele Tue perdera a pouca razão Tue tinha ao ouYir as clarinadas. Ta-ra-ta-rá, para a reYista! Deus do céu! Chegaria tarde. Depressa, chamaYam-no para a reYista, e por isso era natural sobressaltar-se Ieito um louco, no momento em Tue Carmen Tueria dançar para ele. Ora, se aTuilo era o amor Tue sentia por ela!...

Que situação angustiosa! Ela não o compreendia. Essa mulher, essa cigana não podia nem Tueria compreender. Não Tueria, pois isto era indubitáYel: na sua Iúria e no seu sarcasmo haYia algo Tue ia além dos Iatos atuais e particulares, um

ódio, uma inimizade primitiva contra o príncipe que se serviria desses clairs Iranceses — ou dessas trompas espanholas — para chamar o soldadinho

apaixonado. Triunfar sobre esse príncipe era a ambição suprema, inata, ultrapessoal. Para esse fim fazia uso de um recurso muito simples: afirmava que, se ele ia embora, era por que não a amava. Era precisamente isso o que José, lá no interior da arca, não podia suportar. Condenava-a a que o deixasse ir. Ela não queria. Então obrigava-a a escutá-lo. Era um momento invariavelmente sério. Sons trágicos desprendiam-se da orquestra, um motivo sombrio, cheio de ameaça, que, como Hans Castorp sabia, se alastrava através de toda a ópera, até à catástrofe final, e também constituía a introdução da ária do soldadinho, num outro disco que se seguia a este.

“Guardo-a, fiel, em meu coração...”, era bonito ouvir José cantar, uma maravilha. Esse disco, Hans Castorp também o colocava por ele mesmo, fora dos conjuntos de peças já estabelecidos, e sempre o ouvia com a mais atenta simpatia. Quanto ao conteúdo, a ária não valia grande coisa, mas o sentimento expressado nessas súplicas era comovente. O soldado irava da flor que Carmen lhe atirara no começo das suas relações, e que significara tudo para ele no cárcere, onde fora metido por causa dela. Muito emocionado, com essa que em certos momentos amaldiçoara o destino por ter admitido que Carmen

cruzasse os seus caminhos. Mas em seguida se arrependera dessa blasfêmia e aMoelhara-se para rogar a Deus lhe permitisse reYê-la. Pois — e este “pois” era a mesma nota aguda com Tue imediatamente antes iniciara a Irase “Te reYoir, Carmen...”²² —, pois — e ora se desencadeaYa no acompanhamento toda a magia instrumental apropriada para descreYer o pesar, a saudade, a ternura Iustrada e o doce desespero do soldadinho) —, pois bastara Tue Carmen lhe surgisse ante os olhos, na sua beleza simplesmente Iatal, e lançasse um olhar sobre ele (“sur moi”, com uma appoggiatura breYe, soluçante, de tom inteiro, na primeira palaYra) para Tue José sentisse com a mais absoluta clareza Tue ela se apoderara de todo o seu ser — “pour t’emparrer de tout mon être”, cantaYa ele, desolado, numa seTuência melódica reiterada, Tue a orTuestra, lamentando-se por sua própria conta, repetia, subindo da tônica dois tons e Yoltando-se ardorosamente para a Tuinta inIerior. “Meu coração te pertence”, afirmaYa desnecessariamente o rapaz, com palaYras triYiais, mas imensamente carinhosas, serYindo-se mais uma Yez dessa figura musical. A seguir galgaYa a escala até o sexto grau, para acrescentar: “Et M’étais une chose à toi!”.²³ Com isso a Yoz deixaYa cair dez tons e conIessaYa com a mais proIunda emoção: “Carmen, Me t’aime!”²⁴ retardando dolorosamente o fim dessa Irase por uma prolongação com

harmonia modulada, antes Tue a última sílaba da palaYra “aime” se Iundisse com a primeira no acorde Iundamental.

— Está bem — dizia então Hans Castorp, entre melancólico e agradecido, e ainda punha no aparelho o disco do “Finale”, em Tue todos IelicitaYam o MoYem José pelo Iato de o encontro com o oficial ter lhe impossibilitado o regresso, de maneira Tue não podia senão desertar: como Carmen, para o seu maior espanto, Má lhe sugerira antes.

“Segue-nos por abismos pedregosos, selYagens, mas por onde os Yentos correm...”

cantaYam em coro. Era Iácil entender a letra.

“Como é bela a Yida errante;

O uniYerso por país; tua Yontade por lei, E sobretudo aTuela coisa inebriante

Que é a liberdade, a liberdade!”

— Está bem — dizia Hans Castorp noYamente e passaYa para uma Tuarta peça, Tue o comoYia pela bondade e pelo sentimento.

Nós não somos responsáveis de tua Iosse outra vez uma composição francesa, como tampouco nos pode ser imputado o espírito militar que também nela se manifesta. Era uma melodia intercalada, um solo de canto, uma “Oração” da ópera de Gounod sobre o Fausto.

Aparecia um indivíduo ultrassimpático, de nome Valentim; mas Hans Castorp, no seu íntimo, chama-o de outra forma, por um nome mais familiar, cheio de recordações aflitivas, cujo portador ele mesmo identificava por completo com o personagem que se manifestava no interior da arca, se bem que este tivesse muito mais bela. Era um vigoroso e cálido barítono, e sua ária se dividia em três partes. Havia duas estrofas muito semelhantes uma à outra, de caráter piedoso, compostas tuas no estilo de um hino sacro protestante, e que emolduravam uma terceira de espírito destemido, calheiresco, um canto guerreiro, iríngolo, e não obstante também piedoso. Era precisamente isso o que havia nessa ária de francês e militar. A personagem invisível cantava:

“Antes de deixar este lugar,

Terra natal dos meus antepassados...”

e nessas circunstâncias dirigia a sua prece ao Senhor dos céus, confiando-Lhe a irmã para Tue a protegesse durante a sua ausência. Ele iria para a guerra — e com isso mudaYa o ritmo, tornando-se enérgico. Que as preocupações e as tristezas Iossem para o diabo! Ele, o inYisíYel, Tueria procurar o lugar onde houYesse a mais encarniçada batalha e o maior perigo, e arroMar-se intrépida, piedosa, Irancesmente, contra o inimigo. “Mas, se Deus me chamar para o céu”, cantaYa, “Yelarei fielmente sobre ti.” Embora esse “ti” se reIerisse à irmã, comoYia proIundamente Hans Castorp, e essa sua emoção não o abandonaria até o fim da ária, Tuando o homem Yalente no interior do aparelho repetia, acompanhado por poderosos acordes corais:

“Oh, Senhor dos Céus, acolhe minha súplica: Margarete eu confio à proteção Tua.”

Esse disco não apresentaYa nenhum outro interesse. Achamos indicado dedicar-lhe umas poucas palaYras, porTue Hans Castorp o apreciaYa especialmente, mas também porTue ele desempenhou mais tarde um certo papel em circunstâncias bastante estranhas. E agora Ialaremos da Tuinta e última das peças Tue pertenciam ao grupo

dos discos prediletos. Dessa vez não nos referimos a uma obra italiana, mas a uma música específica e inteiramente alemã. Não era um trecho de ópera, senão um lied, uma das aquelas canções que são simultaneamente patrimônio popular e obra-prima, e de quem a essa simultaneidade o seu caráter peculiar e espiritual... Mas, para que todos esses circunstâncias? Era “A filha” de Schubert; era simplesmente aquela canção que todos conhecem e que começa com as palavras: “Recordo a velha filha bem munto do portão...”.

Cantava-a um tenor, com acompanhamento de piano, rapaz cheio de tato e de bom gosto, que sabia tratar com grande inteligência, com muita delicadeza musical e com esmerada técnica de recitação o seu assunto singelo e ao mesmo tempo sublime. Ninguém ignora que essa maravilhosa canção, quando cantada por uma criança ou pela boca do povo, soa diferente da composição artística. Na sua forma popular, simplificada, as estrofas de oito versos seguem a melodia principal, ao passo que, no lied de Schubert, já a segunda estrofa é variada; o tom passa para menor, mas no quinto verso volta a maior, de um modo lindíssimo. Na frase que segue, a dos “versos irios” e do chapéu arrancado da cabeça, a melodia é dramaticamente dissolvida, e só se recomporá senão nos últimos quatro versos da terceira estrofa, que são repetidos, para dar um remate à canção. A inflexão realmente arrebatadora da melodia ocorre

três Yezes, na sua segunda metade modulada; a terceira Yez, por conseguinte, na reprise da última semiestroIe, a partir do Yerso “E agora You tão longe...”. Essa inflexão mágica Tue não ousamos analisar por meio de palaYras realiza-se nos Iragmentos de Irases “Mil coisas Tue senti...”, “Falando para mim...” e “DaTuele sítio ali...”. A clara e cálida Yoz de tenor, soluçante sem exagero, e de magnífica técnica respiratória, cantaYa-a

sempre com uma compreensão tão inteligente da sua beleza Tue o ouYinte sentia o coração indiziYelmente comoYido. E o artista sabia intensificar esse eIeito por um Ialsete extremamente suaYe Tue usaYa ao cantar os Yersos: “E sempre estaYa lá” e “A paz está aTui”. Na repetição da última Irase, porém, naTuele “Encontrarás a paz”, cantou o primeiro “encontrarás” com a plenitude da sua Yoz cheia de nostalgia, e o segundo, num delicadíssimo flageolet.

Isso Tuanto ao lied e à sua interpretação. Nos casos anteriores podíamos Mactar-nos de ter comunicado aos nossos leitores uma Yaga compreensão da simpatia íntima Tue Hans Castorp experimentaYa pelas peças IaYoritas dos seus concertos noturnos. Mas tornar compreensíYel o Tue significaYa para ele essa última, essa canção, a Yelha “Tília”, é realmente empresa das mais complexas, Tue reTuer da nossa parte um tratamento de extraordinária delicadeza, porTue o

contrário nos levaria antes a comprometer do que a esclarecer a questão.

É assim que teremos colocá-la: um assunto espiritual, isto é, um assunto significativo, torna-se “significativo” precisamente porque designa algo fora dos seus próprios limites, porque é expressão e expoente de uma esfera espiritual mais vasta, de um mundo inteiro de sentimentos e pensamentos, que encontrou nele um símbolo mais ou menos perfeito — o que dá então a medida da sua importância. Além disso é “significativo” em si o amor que se sente por tal assunto. Esse amor nos informa sobre a pessoa de quem ama, caracteriza as relações que ela mantém com a esfera mais vasta, com o referido mundo que o assunto representa e que é, consciente ou inconscientemente, amado muito com ele.

Será que alguém dará crédito à afirmação de que nosso singelo herói, depois de tantos anos de desenvolvimento hermético-pedagógico, adentrara fundo o bastante na vida espiritual, a ponto de ter consciência do “significado” de seu amor e do objeto deste seu sentimento? Afirmamos e

narramos que sim, que ele teve essa consciência. Aquele canção significava muito para Hans Castorp, um mundo inteiro e certamente um mundo que ele amava, não há dúvida; pois, não fosse assim, não ficaria obstinado a tal ponto pela parábola que substitui e representa esse mundo. Sabemos o que estamos

dizendo ao acrescentarmos — talvez sob Iorma um tanto obscura — que seu destino teria tomado um rumo diferente se sua alma não houvesse sido particularmente receptiva às tentações da esfera sentimental, da atitude genericamente espiritual que o lied resumia de um modo interior e misterioso. Esse mesmo destino, porém, trouxera consigo experiências, aventuras, clarividências, e colocara-o diante de problemas ligados ao reinar; os problemas, por sua vez, haviam-no tornado maduro para criticar intuitivamente esse mundo, essa parábola absolutamente admirável que o representava, e também esse amor que nutria por ele; e haviam desencadeado nele escrúpulos de consciência com respeito a todos três, o mundo, a parábola e o amor.

Ora, nada entenderia do amor que me supusesse que tais escrúpulos pudessem prejudicá-lo. Pelo contrário, dão-lhe o verdadeiro sabor. Eles é que conduzem ao amor o incentivo da paixão, de maneira que se poderia definir a paixão, de um modo absoluto, como o amor verdadeiro. E em que consistiam os escrúpulos de consciência de Hans Castorp, e os escrúpulos dele quanto ao reinar, que o levavam a duvidar da legitimidade superior da lei que nele despertava aquela encantadora canção e o mundo de que ela tratava? Qual era o mundo que se abria atrás dela e que, segundo os pressentimentos íntimos de Hans Castorp, devia ser o mundo do amor proibido?

Era a morte.

Mas isso é rematada loucura! Uma canção tão maraYilhosa! Uma obra-prima das mais puras, nascida nas derradeiras e mais sagradas proIundezas do gênio popular! Um patrimônio sublime, a mais alta expressão do sentimento genuíno, a graça personificada! Que calúnia!

Está bem! Está tudo muito bem! É assim Tue pessoas bem-intencionadas deYem Ialar. Entretanto, por trás desse Iormoso produto leYantaYa-se a morte. Ele mantinha relações com a morte, relações Tue era possíYel amar, mas não sem Tue — de um modo intuitiYo e próprio a Tuem reina — pudesse prescindir de se dar conta do caráter ilícito de tal amor. Por sua natureza original, a canção talYez não expressasse simpatia pela morte, senão algo muitíssimo popular e Yital. Mas a simpatia espiritual por tal coisa era, apesar de tudo, uma simpatia pela morte. No início, sim, haYia na canção a mais pura piedade, o decoro em pessoa

— não cabe negá-lo de modo algum; em suas conseTuências, porém, haYia resultados da obscuridade.

Afinal, Tue coisas são essas de Tue Hans Castorp procuraYa persuadir-se? Ninguém teria sido capaz de dissuadi-lo delas. Produtos da obscuridade. Produtos sinistros. Um espírito de algeoz e a misantropia traMando roupas pretas, à espanhola, e

uma golilha engomada, e Yolúpia em lugar de amor — como isso podia resultar da piedade de olhos leais?

Embora a confiança Tue Hans Castorp dedicaYa ao literato Settembrini nunca tiYesse sido irrestrita, o MoYem lembraYa-se de algumas lições Tue outrora lhe ministrara o lúcido mentor, em tempos remotos, logo no começo da sua carreira hermética, Tuando lhe Ialara do “retrocesso”, do “retrocesso” espiritual em direção a certos mundos. O discípulo achaYa oportuno aplicar com muita cautela aTueles ensinamentos ao assunto em apreço. O sr. Settembrini Tualificara de “doença” o Ienômeno desse retrocesso. O próprio conceito do mundo e a época espiritual buscados pelo retrocesso talYez se afigurassem “mórbidos” ao seu intelecto pedagógico. Mas como? A nostálgica e meiga canção de Hans Castorp, a esIera sentimental de Tue ela Iazia parte, e a aIeição a essa esIera seriam então — sintomas de “doença”? Nada disso! Eram o Tue haYia de mais sadio no mundo da psiTue. E todaYia trataYa-se de um Iruto Tue, embora por um momento parecesse Iresco e Yiçoso, tendia Iortemente à decomposição e à putreIação. Para Tuem o saboreaYa no momento oportuno representaYa um regalo puríssimo da alma; mas, num instante inoportuno, Tue Má podia ser o próximo, diIundia podridão e ruína no seio da humanidade Tue o ingeria. Era um Iruto da Yida, gerado pela morte e prenhe de morte. Era um milagre da

alma — o mais sublime talYez, ante a Yisão da beleza insciente, e abençoado por esta; mas também, por razões muito plausíYeis, um milagre contemplado com desconfiança pelo olho de Tuem, simpático à Yida, reinasse com senso de responsabilidade e tiYesse aIeição à esIera orgânica; e, por fim, um obMeto do triunIo sobre si mesmo, segundo o Yeredito último da consciência.

Sim, um triunIo sobre si mesmo, talYez Iosse esta a essência do triunIo sobre esse amor — sobre essa magia da alma de conseTuências tão sinistras! Os pensamentos, ou melhor: os semipensamentos intuitiYos de Hans Castorp alçaYam Yoo alto, enTuanto, em meio à noite e à solidão, ele se achaYa sentado à Irente do truncado ataúde de música. Voayam para além do alcance da razão dele, eram pensamentos eleYados por Yia alTuímica. Ah, como era poderosa a magia da alma! Nós todos éramos filhos dela e, obedecendo-lhe, podíamos realizar grandes coisas neste mundo. Não se precisaYa de mais gênio, senão de muito mais talento do Tue tiYera o autor da Canção da Tília para conIerir, como artista da magia da alma, proporções gigantescas ao lied e, com ele, conTuistar o mundo. ProYaYelmente seria até possíYel Iundar impérios sobre essa base, impérios terrestres, terrestres por demais, impérios rudes, entusiastas do progresso e Tue no Iundo não soIriam da menor nostalgia — impérios em cuMo seio o lied degeneraYa a uma música de Yitrola elétrica.

Mas o melhor dentre os filhos dessa magia talvez fosse
aquele que

consumisse sua vida no esforço de triunfar sobre si e
falcesse esboçando com os lábios a nova palavra do amor, que
ainda não sabia dizer. Valia a pena morrer por essa canção
mágica! Mas, quem morria por ela em realidade? Não era por
ela que morria, e só era um herói porque, em última análise, morria
por algo no futuro, tendo em seu coração uma nova palavra de amor
e de futuro...

Eram, pois, aqueles os discos perdidos de Hans Castorp.

COISAS MUITO QUESTIONÁVEIS

Quanto às conferências de Edhin KrokoZski, produziu-se, no decorrer dos anos, uma modificação surpreendente. Suas pesquisas dedicadas à análise das almas e à vida dos sonhos sempre haviam revelado um caráter subterrâneo, catacumbal. Recentemente, porém, numa transição sua que o público mal perceberia, acabou de tomar o rumo para o mágico, inteiramente misterioso. As palavras que o médico, traçando sobre a casaca e sandálias, postado atrás de uma mesinha coberta, fazia de duas em duas semanas, na sala de reuniões, como a atração principal da casa e o orgulho do prospecto, essas palestras apresentadas numa voz arrastada e com sotaque estrangeiro ao auditório que as escutava imóvel, já não se ocupavam dos discursos da atividade erótica e da reconstrução da doença no indivíduo tornado consciente. Tratava a essa altura dos profundos segredos do hipnotismo e do sonambulismo, dos fenômenos da telepatia, do sonho revelador e da deuteroscopia, bem como dos milagres da histeria. Enquanto o dr. KrokoZski comentava tudo isso, ampliava-se os horizontes filosóficos de tal maneira que de repente os olhos dos ouvintes iluminavam enigmas tais como o da relação entre a matéria e a essência psíquica, ou ainda o próprio enigma da vida que parecia mais

acessível por sendas dúbias, mórbidas, do Teu pelo caminho da saúde...

Mencionamos esses fatos por achar Teu é nosso deVer reIutar as afirmações de espíritos leYanos, segundo as Tuais o assistente recorrera às coisas ocultas apenas para salvar as conIerências do perigo de uma irremediável monotonia, isto é, para fins puramente emocionais. Assim diziam as más línguas, Teu não faltam em parte alguma. É Verdade Teu, durante as conIerências de segunda-Feira, os cavalheiros cocham mais apressadamente do Teu nunca as orelhas para ouvir melhor, e a srta. LeYi parecia-se ainda

mais do Teu antes com aTua figura de cera com mecanismo interior. Mas esses efeitos eram tão legítimos Tuanto o desenvolvimento por Teu passara o espírito do sábio, Teu podia deIender não somente a lógica, mas até a necessidade do caminho intelectual por ele transposto. Sempre haviam sido o seu campo de estudos aTuas regiões vastas e obscuras da alma humana, Teu são designadas pelo nome de inconsciente, se bem Teu fosse mais acertado falar de um superconsciente, Mas Teu dessas esIeras, e às vezes de um modo fantástico, procede um conhecimento Teu ultrapassa em muito o saber consciente do indivíduo e Teu sugere a ideia da existência de relações ou laços entre as tenebrosas zonas interiores da psique individual e uma alma universal, perfeitamente consciente.

A região do inconsciente, “oculta” no sentido próprio da palavra, imediatamente se mostra oculta também no sentido mais limitado e constitui uma fonte da qual emanam os fenômenos que assim chamamos por falta de outro termo melhor. Isso não é tudo. Quem considera o sintoma orgânico da doença o produto de fatores relegados da vida consciente da alma e transformados em histeria reconhece também um poder criador das forças psíquicas exercido sobre a matéria — um poder que se deve qualificar de segunda fonte dos fenômenos mágicos. Quem pensa assim é um idealista do patológico, para não dizer um idealista patológico, e há de encontrar-se no ponto de partida de raciocínios que rapidamente alcançarão o problema do ser em si, ou dizer, o problema das relações existentes entre o espírito e a matéria. O materialista, filho de uma filosofia da força bruta, jamais renunciará a declarar que o espiritual é o produto luminoso do material. O idealista, porém, partindo do princípio da histeria criadora, dirigirá, e dentro em breve estará decidido a resolver a dúvida acerca da primazia em sentido totalmente oposto. Em suma, trata-se aqui, nada mais, nada menos, que da luta contra a questão sobre a questão de saber o que existiu antes, se o ovo ou a galinha — contra a questão que conduz a uma embrulhada completa precisamente pelo duplo fato de não se

poder imaginar oYo Tue não haMa sido posto por uma galinha, nem galinha Tue não tenha saído de um oYo Tue Má se pressupõe.

Eram esses, pois, os assuntos Tue nos últimos tempos o dr. KrokoZski explanaYa em suas conIerências. Alcançara-os por caminhos orgânicos, legítimos, lógicos — não cessamos de insistir nisso, e nos parece até supérfluo acrescentar Tue Má começara a comentá-los muito antes de Ellen Brand entrar em cena. Com a sua chegada, porém, as coisas passaram-se à Iase empírica e experimental.

Quem era Ellen Brand? EstáYamos a ponto de nos esTuecer Tue nossos leitores ignoram a resposta, ao passo Tue para nós, naturalmente, o seu nome é Iamiliar. Quem era ela? À primeira Yista, Tuase ninguém. Uma coisinha Tuerida de dezenoYe anos, com cabelos louros como trigo; chamaYam-na Elly; era dinamarTuesa, mas nem seTuer natural de Copenhague, senão de Odense, na ilha de Fiônia, onde o pai se dedicaYa ao comércio de manteiga. Ela mesma tiYera durante alguns anos um emprego como Iuncionária da sucursal proYincial de um banco da capital, onde trabalhara, sentada numa banTueta giratória, diante de liYros Yolumosos, com uma manga protetora no braço. No curso dessa atiYidade teYe sintomas de eleYação de temperatura. O caso não era graYe. No Iundo trataYa-se apenas de suspeitas. Mas Elly era Irágil, bastante Irágil e claramente anêmica, embora tão gentil Tue as pessoas sentiam

Yontade de lhe pôr a mão nos cabelos louros, o Tue o conselheiro Iazia mesmo regularmente, Tuando IalaYa com ela na sala de reIeições. Um Irescor nórdico parecia enYolYê-la, tinha uma castidade cristalina, uma atmosIera entre inIantil e Yirginal, muito atraente, tal como a mirada Iranca, pura, dos seus olhos azuis, de criança, e como a sua Yoz branda, aguda, fininha. FalaYa um alemão leYemente estropiado, com certos errinhos típicos de pronúncia. Nas

Ieições não haYia nada de particular. O Tueixo era muito curto. Tinha o seu lugar à mesa da KleeIeld, Tue a protegia como uma mãe.

Em torno da donzela Elly Brand, essa amáYel ciclistazinha e bancária dinamarTuesa, haYia, no entanto, coisas Tue ninguém teria imaginado, à primeira ou segunda Yista de sua pessoa tão clara, mas Tue começaram a reYelar-se poucas semanas após sua chegada aTui em cima. Coube ao dr. KrokoZski patentear a plenitude do mistério.

Certas diYersões coletiYas, durante a reunião noturna, deram ao erudito os primeiros motiYos de perplexidade. Os pensionistas Iaziam Mogos de adiYinhações. Também procuraYam encontrar obMetos escondidos, guiando-se por sons de piano Tue se tornaYam mais Iortes à medida Tue a pessoa se aproximaYa do esconderiMo e mais Iracos Tuando ela se desYiaYa do caminho. A seguir, passaram a exigir a execução correta de determinadas

ações complexas de Tuem esperaYa atrás da porta, enTuanto os outros deliberaYam; combinaYa-se, por exemplo, Tue essa pessoa deYesse trocar os anéis de dois outros participantes do Mogo, ou conYidar alguém a dançar, mediante três reYerências, ou retirar certo liYro da biblioteca, para entregá-lo a Iulano ou sicrano etc. Jogos desse tipo não eram habitualmente praticados entre os pensionistas do BerghoI, e não Ioi possíYel aYeriguar de Tuem partira a ideia. Certamente não Iora de Elly. Mas Ioi somente depois da sua chegada Tue esse Mogo entrou em moda.

Os Tue tomaYam parte nele — eram Tuase todos Yelhos conhecidos nossos, e também Hans Castorp achaYa-se no meio do grupo — mostraYam-se ora mais ora menos hábeis nas suas tentatiYas, ou IracassaYam por completo. A aptidão de Elly Brand, porém, maniIestou-se como extraordinária, sensacional e mesmo chocante. A segurança inIalíYel com Tue a moça encontrara TuaisTuer esconderiMos apenas lhe Yalera aplausos e risadas cheias de admiração. Mas Tuando começou a executar ações mais complicadas,

os espectadores ficaram boTuiabertos. Ela realizaYa tudo Tuanto lhe houYessem imposto secretamente; realizaYa-o, logo Tue YoltaYa ao recinto, com um leYe sorriso, sem a menor hesitação e também sem nenhuma música Tue a guiasse. Ia à sala de reIeições para buscar uma pitada de sal; espargia-a sobre a cabeça do promotor ParaYant; em seguida, tomaYa-o pela

mão e leYaYa-o ao piano, onde tocaYa com o dedo indicador dele as primeiras notas de uma canção inIantil; Ieito isso, reconduzia-o até o seu lugar, cumprimentaYa-o com uma mesura, aproximaYa um tamborete e sentaYa-se, por fim, a seus pés — exatamente assim como, depois de muita deliberação, Iora combinado em segredo.

Claro, ela tinha Tue ter escutado!

Elly ruborizou-se. Como Tue aliYiados ao Yê-la conIundida, todos se puseram a censurá-la em coro, Tuando ela assegurou: Não, não! Que não pensassem isso! PalaYra de honra Tue não escutara lá Iora, atrás da porta, seguramente Tue não!

Não escutara lá Iora, atrás da porta?

— Não! — respondeu ela, desculpando-se, e acrescentou Tue era ali mesmo, dentro da sala Tue escutaYa. Quando entraYa, não podia eYitar Iazê-lo.

Dentro da sala? Não podia eYitá-lo?

Alguém lhe sussurraYa aos ouYidos — sopraYa-lhe o Tue deYia Iazer, IalaYa baixinho, mas com muita precisão e nitidez.

Isso era uma confissão, eYidentemente. Elly tinha, sob certos aspectos, consciência de ter cometido uma Ialta; fizera trapaça. DeYeria ter dito Tue não se prestaYa para um Mogo dessa espécie, Má Tue alguém lhe sussurraYa tudo aos ouYidos. Uma

competição perde todo seu sentido humano. Quando um dos participantes dispõe de Yantagens sobrenaturais. Do ponto de vista desportivo, Elly está subitamente desqualificada, mas de uma forma que causa arrepios a muitos que souberam do fato. Várias

vozes, simultaneamente, clamaram pela presença do dr. Krokowski. Saíram correndo para buscá-lo, e ele veio, atarracado, esboçando um sorriso enérgico. Ficou logo a par do assunto, e todo o seu ser inspira alegre confiança. Chegando, os mensageiros lhe haviam comunicado que uma coisa de crassa anormalidade acaba de acontecer, que surgirá uma criatura onisciente, uma donzela ou Yia Yozes... Não digam, foi o que ele disse. E daí? Calma, meus amigos! Vamos ver... O assistente achou-se no seu próprio terreno, um terreno perigoso, alagadiço, instável para todos os outros, mas onde ele se movimentava com simpática segurança. Fez perguntas, pediu que lhe contassem a história. Não digam! Ora Yemam!

— E assim acontece com você, minha criança? — e lhe pôs a mão na cabeça, como todos gostam de fazer.

Explicou que havia muitos motivos para atenção e nenhum para espanto. Cruzou os olhos castanhos, exóticos, nos olhos azuis, claros, de Ellen Brand, ao mesmo tempo que descia a mão suavemente por sua cabeça, pelo ombro, até o braço. A mulher deu o olhar com uma expressão mais e mais piedosa,

fitando-o por baixo, enquanto a cabeça se inclinava para a espádua e o peito. Quando os olhos da moça começaram a Yelar-se, o sábio leYantou a mão, displicentemente, diante do rosto dela, e declarou Tue tudo ia muito bem. Mandou Tue o grupo excitado Iosse repousar, com exceção de Elly Brand, com a Tual tencionava “palaYrear” alguns instantes.

“PalaYrear!” Já se sabia o Tue isso significa. Ninguém se sentia à Yontade ao ouYir essa palaYra, uma palaYra peculiar ao MoYial camarada KrokoZski. Todos tinham a impressão de Tue uma mão Iria lhes tocaYa o Iundo do coração, também Hans Castorp, Tuando, com grande atraso, se instalou em sua excelente espreguiçadeira. Lembrou-se de como o solo lhe oscilara sob os pés, Tuando Yira as proezas anormais de Elly e ouYira-a dar, toda ruborizada, a explicação do Iato. Também recordou o leYe

mal-estar, a angústia Iísica, algo como Tue um enMoo Tue o acometera nesse instante. Nunca haYia assistido a um terremoto, mas estaYa conYencido de Tue tal Ienômeno deYia produzir sensações análogas de inconIundíYel paYor, abstraindo-se da curiosidade Tue as Iaculdades Iatais de Ellen Brand lhe inspiraYam além disso; uma curiosidade Tue encerraYa em si a sensação da sua própria inutilidade, num sentido superior, isto é, a consciência da inacessibilidade espiritual do domínio Tue ela procuraYa alcançar, e por conseguinte a dúYida de saber se ela

era apenas ociosa ou também pecaminosa; o Tue, entretanto, não a impedia de permanecer o Tue era, Tuer dizer: curiosidade. No curso da sua Yida, Hans Castorp, como todo mundo, tinha ou Yido isso ou a Tuilo acerca de coisas de natureza ou sobrenatureza oculta. Já se mencionou a Tuela tia Yidente, cuMa lenda melancólica lhe Iora transmitida. Mas não sentira tão próximo de sua própria pessoa esse mundo Tue, teórica e desinteressadamente, Mamais deixara de reconhecer. Nunca fizera experiências particulares nesse terreno, e sua a Yersão a tais experiências, oposição de gosto, antipatia estética, reação do orgulho humano — se é Tue podemos empregar termos tão ele Yados com re Ierência ao nosso insignificante herói —, tudo Tuase se iguala Ya à Yi Ya curiosidade Tue essas coisas lhe desperta Yam. Hans Castorp pressentia, pressentia com absoluta nitidez, Tue essas experiências, Iosse Tual Iosse o rumo Tue tomassem, não poderiam le Yar a um fim senão insípido, incompreensível, despro Yido de dignidade humana. E mesmo assim, ardia por Iazê-las. Percebia Tue “ou ocioso ou pecaminoso”, essa alternati Ya Má per se bastante triste, não constituía em realidade alternati Ya alguma, mas era uma e mesma coisa, e Tue a inutilidade espiritual não era senão a Iorma de expressar, Iora da moral, o caráter proibido da experiência. O princípio do Placet experiri, porém, Tue lhe inculcara certa pessoa Tue indubitavelmente desapro Yaria com a maior Yeemência tentati Yas dessa espécie, continua Ya arraigado em Hans

Castorp; sua ética Ioi coincidindo aos poucos com sua curiosidade, o Tue, na Yerdade, sempre Yinha ocorrendo até então: e se ocorria, era com a irrestrita curiosidade de um Yiageiro áYido de Iormação, curiosidade Tue, ao saborear o mistério da personalidade, talYez Má se achasse próxima do domínio Tue agora se lhe deparaYa, e à Tual reYelaYa uma espécie de espírito militar, por não se esTuiYar da esIera Yedada, desde Tue esta se oIerecia a ela. Em conseTuência disso, Hans Castorp resolYeu permanecer em seu posto e não se aIastar Tuando surgissem noYas aYenturas relacionadas a Ellen Brand.

O dr. KrokoZski impusera estrita proibição a Tue continuassem, por parte dos leigos, TuaisTuer experimentos com as Iaculdades ocultas da srta. Brand. ReTuisitara a garota para a ciência; tinha sessões com ela no calabouço analítico; hipnotizaYa-a, segundo se dizia, e esIorçaYa-se por lhe desenYolYer e disciplinar as possibilidades latentes e por inYestigar-lhe os antecedentes psíTuicos. Hermine KleeIeld, amiga maternal e protetora de Elly, Iazia aliás o mesmo e inteiraYa-se, sob sigilo, de uma porção de coisas, Tue logo ia espalhando, sob o mesmo sigilo, por toda a casa, inclusiYe o gabinete do porteiro. Ela ficou sabendo, por exemplo, Tue aTuele ou aTuilo Tue sussurraYa à peTuena as respostas certas por ocasião dos Mogos chamaYa-se Holger; era o MoYem Holger, um espectro muito Iamiliar a ela, um ser etéreo do outro mundo, e uma espécie de guardião-Iantasma

de Ellen. Era então este Tuem lhe reYelara aTuela história da pitada de sal e do dedo indicador do promotor ParaYant? Sim, com os lábios de sombra acariciando-lhe a orelha, a ponto de ela sentir cócegas e se Yer Iorçada a sorrir, o Iantasma lhe segredara tudo. DeYeria ter sido muito agradáYel na escola, Tuando Holger sopraYa as lições Tue Yocê não tinha preparado, não é? A essa pergunta, Ellen não dera resposta, segundo contaYa a KleeIeld. Mais tarde explicara Tue Holger talYez não tiYesse o direito de Iazer isso. Não lhe cabia intrometer-se em assuntos tão sérios. Além disso, era possíYel Tue ele mesmo não soubesse as lições.

ManiIestou-se em seguida Tue Ellen, desde criança, embora com grandes interYalos, tiYera aparições, tanto YisíYeis como inYisíYeis. Que significaYa aTuilo, aparições inYisíYeis? Por exemplo, o seguinte: Tuando tinha dezesseis anos, achaYa-se certo dia, em plena tarde, sozinha diante da mesa redonda na sala de estar da casa paterna, ocupada em Iazer um trabalho manual. A seus pés, perto dela, estaYa deitada no tapete uma cadela dinamarTuesa do pai, de nome Freia. A mesa estaYa coberta por uma toalha de muitas cores, espécie de xale turco, daTuele tipo Tue as mulheres Yelhas usaYam dobrado triangularmente. O xale estaYa estendido em diagonal sobre a superÍicie da mesa, com as pontas pendentes das bordas. E, de repente, Ellen Yiu como a ponta à sua Irente se enrolaYa deYagar;

alguém a enrolar com calma, cuidado e regularidade até que se o centro da mesa, de maneira que o rolo formado era bastante comprido. Enquanto isso acontecia, Freia, num violento sobressalto, sobressaltou-se bruscamente, com as patas dianteiras muito tensas e o pelo eriçado. A seguir precipitou-se para o quarto vizinho, uivando, onde se escondeu debaixo do sofá. Durante um ano inteiro foi impossível induzi-la a entrar novamente na sala de estar.

A srta. Kleeberg perguntou se foi Holger quem enrolou o xale... A petena Brand não sabia... E o que ela pensava quando aquilo se deu? Ora, como era completamente impossível pensar o que teria sido a esse respeito, Elly não pensava nada em particular. E ela ignorava seus pais do que aconteceu? Não... Era estranho. Ainda que nada houvesse que pensar acerca dessa ocorrência, Elly tinha a sensação de que era conveniente, nesse caso como em outros semelhantes, calar-se e guardar tudo em pudico e rigoroso segredo. Sofrera muito com tudo isso? Não, muito não. Afinal de contas, uma toalha que se enrola não era que fizesse alguém sofrer. Mas houvesse outras coisas mais difíceis de suportar. Por exemplo:

Fazia um ano, também no lar paterno em Odense, certa manhã ela saíra muito animada de seu quarto, situado ao rés do chão. Estava a ponto de atravessar o vestibulo, a fim de subir a escada e encaminhar-se para a sala de jantar, para preparar o café,

como de costume, antes da entrada dos pais. Já alcançara Tuase o patamar, onde a escada daYa uma Yolta, Tuando Yiu nele, Munto à beira, diante do primeiro degrau, sua irmã mais Yelha, Sophie, Tue era casada e moraYa nos Estados Unidos. Viu-a realmente, em carne e osso. Sophie traMaYa um Yestido branco e, coisa singular, uma coroa de nenúIares úmidos. Tinha as mãos postas perto dos ombros e acenaYa com a cabeça para Elly. Esta, como Tue petrificada, perguntou, entre alegre e atônita:

— Mas como, Sophie? Você aTui?

E Sophie noYamente Iez Tue sim. Em seguida sumiu-se; tornou-se transparente; depois de pouco tempo era YisíYel somente assim como se percebe a flutuação do ar Tuente, e por fim não se Yiu mais nada, de maneira Tue Ellen pôde passar liYremente. Mais tarde, porém, ficou sabendo Tue àTuela mesma hora a mana Sophie morrera de endocardite em NoYa Jersey.

Bem, Ioi a opinião de Hans Castorp Tuando a KleeIeld lhe contara a história, isso Iazia sentido e parecia plausíYel. A aparição aTui, o óbito lá... InegaYelmente haYia entre as duas coisas algum nexo Tue se deYia reconhecer. Então, consentiu em tomar parte num passatempo social de natureza espírita, moYer um copo sobre a mesa, Tue haYiam resolYido organizar com Ellen Brand, por pura impaciência, e contornando assim a proibição ciumenta do dr. KrokoZski.

Só algumas poucas pessoas foram admitidas à sessão. Tu teria lugar no quarto de Hermine Kleefeld; além da anfitriã, Hans Castorp e a petuena Brand, havia ainda as sras. St., hr e LeYi, bem como o sr. Albin, o tcheco Wenzel e o dr. Ting-

Fu. À noite, às dez em ponto, reuniram-se discretamente e examinaram, falando baixinho, os preparos feitos por Hermine e Tu eram os seguintes: numa mesa redonda de tamanho médio, sem toalha, colocada no centro do aposento, encontrava-se uma taça de vinho, virada, com o pé para cima, e em torno dela, nas bordas, estavam espalhadas, com intervalos convenientes, umas vinte e cinco chapinhas de osso, normalmente usadas como fichas de jogo, e nas tuas haviam sido desenhadas a tinta as letras do alfabeto. Antes de mais nada, a Kleefeld serviu chá, o Tu foi acolhido com agrado, uma vez que as sras. St., hr e LeYi, não obstante a inocência infantil da empresa prometida, já se via de ter palpitações e as extremidades frias. Depois de ingerir a bebida quente, sentaram-se em redor da mesinha, e, sob uma luz rosada, já Tu a anfitriã, para criar uma atmosfera apropriada, apagou a luz do teto e deixou acesa somente a lampadazinha de cabeceira recostada de um abajur, todos encostaram levemente um dedo da mão direita ao pé da taça. Assim prescrevia o método. Aguardaram então o momento em que o copo se pusesse a trepidar.

Isso podia produzir-se facilmente, pois a superfície da mesa era lisa, e o bordo do copo, bem polido; a pressão exercida pelos dedos trêmulos, por mais leve fosse o contato, seria naturalmente irregular, mais vertical aqui, mais lateral ali, e o tempo bastaria, com o tempo, para determinar o copo a abandonar a sua posição central. Na periferia do seu campo de ação, a taça iria ao encontro de letras, e, se se encontrasse com elas, se se encontrasse compusessem palavras com algum sentido, isso representaria um fenômeno interior e complexo até a impureza, um conglomerado de elementos conscientes, semiconscientes, inconscientes, um produto em que se mesclavam a mudança de alguns, instigada pelo desejo — que se dessem ou não conta de que o tinham — e o consentimento secreto de extratos não iluminados da alma coletiva, uma colaboração

subterrânea, visando resultados aparentemente estranhos, para os quais contribuiriam em grau maior ou menor as esferas obscuras de cada um, sobretudo as da graciosa garota Elly. Todos sabiam disso de antemão, e Hans Castorp, segundo seu costume, chegou até a comentar o fato, enquanto estavam sentados, a esperar, com os dedos trêmulos. E, com efeito, as extremidades frias e as palpitações das senhoras, bem como a alegria constrangida dos homens, tinham o seu motivo, dada a circunstância de todos saberem disso e de ninguém ignorar que

se haviam reunido no seio da noite para um brinde impuro com a natureza de cada um, para uma experiência, entre tímida e curiosa, com partes ignotas do seu eu, aguardando as velas ilusões ou semirrealidades que chamamos de mágicas. Era tuas só para dar uma certa forma ao assunto e, por conseguinte, por mera convenção, tu se admitia tu espíritos de deuses se serviriam do copo para dirigir-se ao grupo. O sr. Albin ofereceu-se para ser o interlocutor e para interpelar os fantasmas que porventura se manifestassem, porque já participara de sessões espíritas em outras ocasiões.

Decorreram vinte minutos ou talvez mais. Esgotaram-se os temas para conversas cochichadas. A curiosidade inicial diminuiu. Apoiava com a mão esquerda o cotovelo do braço direito. O tcheco Wenzel estava a ponto de adormecer. Ellen Brand, com o dedinho ligeiramente encostado na taça, fixava os grandes e puros olhos de criança para além das coisas mais próximas, na luz da lampadazinha de cabeceira.

De repente o copo virou, bateu na mesa e fugiu das mãos das pessoas que o cercavam e só com muita dificuldade conseguiram acompanhá-lo com os dedos. Deslizou até à borda da mesa, correu um bom pedaço ao longo dela e voltou em linha reta ao centro. Ali tornou a bater na mesa e permaneceu imóvel.

O espanto que todos sentiam era um misto de alívio e de

paYor. A sra. St, hr declarou com Yoz chorosa Tue preIeria parar com aTuilo. No entanto lhe fizeram Yer Tue deYia ter se decidido antes, e Tue agora lhe cabia ficar Tuietinha. As coisas pareciam em pleno desenYolYimento. Foi estipulado Tue, para responder “sim” ou “não”, era desnecessário Tue o copo Iosse ao encontro das letras, mas bastaria Tue batesse na mesa uma ou duas Yezes, respectiYamente.

— Está presente algum espírito? — perguntou o sr. Albin com uma fisionomia séria, dirigindo-se por cima das cabeças ao Yazio... Seguiu-se um instante de Yacilação. Depois o copo caiu, dando uma resposta afirmatiYa.

— Como Yocê se chama? — perguntou o sr. Albin num tom Tuase rude, acentuando a energia das palaYras por um gesto de cabeça.

O copo pôs-se em moYimento. Correu resolutamente, em zigue-zague, de ficha em ficha, embora recuando em certos interYalos um bom pedaço em direção ao centro da mesa. Aproximou-se do “h”, do “o”, do “l”; em seguida deu a impressão de estar cansado, de conIundir-se, de não saber como continuar; mas, concentrando-se noYamente, encontrou também o “g”, o “e” e o “r”. Justamente como se esperaYa! Era Holger em pessoa, o mesmo Iantasma Holger Tue soubera aTuelas coisas da pitada de sal etc., porém não interYiera em assuntos escolares. AchaYa-se ali, flutuaYa na atmosIera, pairaYa em torno do grupo. E

agora? Que iam fazer com ele? Um certo acanhamento reina na roda. Deliberaram em Yoz abalada, falando atrás da mão, por assim dizer, sobre o que tu teriam saber do espírito. O sr. Albin decidiu-se a perguntar tuais haviam sido a atividade e a profissão de Holger em Yida. Fez a pergunta da mesma maneira tu antes, em tom de interrogatório, seguramente, com o cenho cerrado.

A taça permaneceu silenciosa durante alguns instantes. A seguir, encaminhou-se cambaleando e tropeçando no “p”; recuou e designou o “o”. Que sairia disso? A tensão era forte.

Cacaremando, o dr. Ting-Fu manifestou o receio de tu

Holger talvez houvesse sido policial. A sra. Stahr rebentou numa gargalhada histérica, sem contudo interromper o trabalho do copo, tu, embora num arranço coxo e barulhento, deslizou até o “e” e depois, evidentemente com omissão de uma letra, terminou no “t”. Acabou de soletrar “poet”.

Imagem! Holger tinha sido poeta! Sem necessidade e por puro orgulho, segundo parecia, o copo virou e bateu o sinal afirmativo. Um poeta lírico?, perguntou a Kleeheld, pronunciando a palavra como paroxítona, segundo Hans Castorp notou, descontente... Holger deu a impressão de não estar disposto a entrar em pormenores. Não respondeu. Limitou-se a repetir a resposta anterior, soletrando depressa com segurança e clareza e acrescentando o “a” tu estucera da outra vez.

Muito bem, um poeta. O embaraço Ioi crescendo, um embaraço singular, relacionado com as maniIestações de esIeras não controladas da Yida interior, mas ao Tual a atualidade Ialaz e semiobMetiYa dessas maniIestações imprimia o rumo para a realidade exterior. DeseMaram saber se Holger se sentia à Yontade e Ieliz no seu estado. De um modo sonhador, o copo percorreu a palaYra “sereno”. Ah, sim, sim, “sereno”. Hmm, isso não teria ocorrido a ninguém, mas, uma Yez Tue o copo a soletrara, acharam todos Tue a resposta era plausíYel e bem-Iormulada. E haYia Tuanto tempo se encontraYa Holger nesse estado sereno? De noYo, Yeio algo Tue não teria ocorrido a ninguém ali, algo Tue se daYa a si mesmo, como em um sonho. E Tue era: “Iminência impaciente”. Ótimo! Também poderia ter dito “Impaciência iminente”. Era um oráculo Yindo do Além, pela boca de um poeta YentríloTuo. Hans Castorp, sobretudo, achou-o excelente. Uma “impaciência iminente” era, pois, o elemento de tempo em Tue Holger YiYia. Claro, ele não podia senão Ialar por meio de oráculos para satisIazer a curiosidade dos interlocutores, Má Tue, proYaYelmente, se esTuecera de lidar com os conceitos e com as medidas

exatas deste mundo... E agora, Tue mais inIormações Tueriam? A LeYi conIessou estar curiosa por saber Tual era, ou Tual haYia sido outrora, o aspecto de Holger. Se ele era um MoYem Iormoso? Que ela mesma perguntasse, Ioi o Tue

ordenou o sr. Albin, Tue consideraYa uma pergunta dessas indignas de sua Iunção. Assim, tratando-o por Yocê, ela indagou se Holger tinha cabelos louros e cacheados.

— Lindos cachos castanhos, castanhos — diziam as curYas descritas pelo copo, Tue de propósito soletraYa duas Yezes a palaYra “castanhos”. Uma satisIação animada reinaYa no círculo. As senhoras mostraYam-se Irancamente apaixonadas. Em um gesto oblítuo, atiraYam beiMos em direção ao teto. O dr. Ting-Fu obserYou, entre risinhos, Tue Mister Holger parecia ser muito Yaidoso.

Nesse momento o copo enIureceu-se, tornou-se louco de cólera. Meteu-se a percorrer a mesa, a esmo, Ieito doido; Yirou raiYosamente; caiu e rolou no regaço da sra. St, hr, Tue o olhou, líYida de susto, com os braços abertos. Cautelosamente, com muitas desculpas, reconduziram-no ao seu lugar. Censuraram o chinês. Como podia ele atreYer-se a dizer uma coisa dessas? Pois estaYa Yendo aonde leYaYa o atreYimento! Que Iariam se Holger, na sua indignação, sumisse e emudecesse por completo? Empenharam-se o mais Tue puderam em sossegar o copo. Perguntaram se Holger não Tueria, talYez, recitar um poema. Afinal de contas Iora poeta antes de, em iminência impaciente, adeMar pelos ares. Ah, como deseMaYam conhecer uma de suas obras! Ficariam todos tão encantados.

E, YeMam só: o bom copo Iez Tue sim. E, de Iato, haYia um Tuê de bonacheirice conciliadora na maneira como o Iez. E em seguida o Iantasma Holger começou a poetar. Poetou sem titubear, copioso e minucioso, sabe-se lá por Tuanto tempo, parecendo Tue Mamais pararia com aTuilo. O poema Tue proIeriu à maneira de um YentríloTuo, na medida em Tue os componentes da roda repetiram as palaYras, cheios

de admiração, Ioi se reYelando surpreendente; era matéria mágica e sem margens, como o mar, tema predileto seu... Algas em montes extensos ao longo da augusta praia, na ampla baía da ilha com dunas escarpadas. Oh, Yede como a imensa Yastidão esYerdeada e morrediça conIunde-se com o eterno, onde o sol de Yerão, encoberto por tiras largas dos Yéus nebulosos de turYo carmesim e luzes leitosas, retarda seu ocaso! Boca alguma é capaz de expressar nem como nem Tuando o moYediço reflexo argênteo d'água se tornara madre pérola pura, cintilante, enYolta toda no Mogo colorido, pálido-opalino, ineIáYel-cambiante das pedras da lua brilhante... Ai de nós, imperceptiYelmente como nasceu esYai-se o silencioso encantamento. O mar adormece. Mas os suaYes Yestígios da despedida do sol remanescem aTui e ali. Não escurece até tardias horas da noite. Uma meia-luz espectral paira sobre o bosTue de pinheiros no alto das dunas e dá uma aparência de neYe à pálida areia das proIundidades. Ilusão de uma floresta hiberna, em completo silêncio por

onde se ouYem os estalos dos ramos roçados pelo lerdo Yoo de uma coruMa! Acolhe-nos a esta hora! Tão elástico o andar, tão alta e branda a noite! E o mar lá embaixo respira lentamente, proIundamente; deYaneando murmura sons arrastados. Está com saudade de reYê-lo? Então aproxime-se da desbotada Yertente da duna e suba por ela, aIundando-se nessa substância macia Tue inunda seus sapatos. Rígida e íngreme, a terra coberta de arbustos desce até a praia pedregosa, e os resTuícios do dia continuam Iazendo o seu Mogo Iantasmagórico à beira da Yastidão esmaecida... Estenda-se na areia aTui em cima! Que Irescor de morte, Tue maciez de seda ou de Iarinha! Ela corre por entre os dedos de sua mão cerrada, num esguicho descorado, fininho, e Iorma no chão a Tue pertence um montículo delicado. Você não reconhece aTuele fio de areia? É o fluxo silencioso, estreito, atraYés da angústia da ampulheta, o utensílio solene e Irágil Tue adorna a cela do ermitão. Um liYro aberto, uma caYeira, e

na estante a dupla concaYidade de Yidro com sua armação delgada. E dentro dela, um pouTuinho de areia tirada da eternidade a Iazer o papel do tempo, de modo secreto e sagrado Tue inspira paYor...

Dessa Iorma, as improYisações líricas do Iantasma Holger haYiam percorrido uma seTuência de associações estranhas, desde o mar do seu país natal até um ermitão e o

instrumento do seu espírito contemplativo. E ele veio a Ialar de muitas coisas mais, decantando o humano e o divino em palavras sonhadoras e audaciosas. Tão grande admiração ao grupo, Tão assoletra. Mal tinham tempo de intercalar aplausos entusiásticos, tão rápida era a marcha ziguezagueante de um assunto a outro, e Tão não fazia menção de terminar. Depois de uma hora ainda não se podia prever o fim dessa torrente poética. Tão tratava inesgotavelmente das dores do parto, do primeiro beijo dos namorados, da coroa do sofrimento, da benevolência paternal e graça de Deus; sondava as atividades da criatura; perdia-se nos tempos, nas paisagens, no espaço sideral, mencionando até o zodíaco e os caldeus. Sem dúvida iria prolongar-se a noite inteira, não houvessem seus invocadores afastado os dedos do copo. Agradeceram cordialmente a Holger e declararam Tão era bastante por essa vez, Tão a beleza de tudo aquilo ultrapassava as suas mais arrojadas expectativas. Que lástima Tão ninguém tivesse tomado nota do poema, cujo destino inexorável seria agora cair no esquecimento, o Tão infortunadamente. Já tinha acontecido em grande parte, devido a uma certa inconsistência peculiar aos sonhos. Na próxima vez não deixariam de nomear em tempo um secretário, para ver o efeito Tão isso produziria trasladado à escrita e recitado de um modo fluente. De momento, porém, e antes Tão Holger voltasse à serenidade de seu olhar apressado, seria melhor, e, em todo

caso, muito amável da sua parte, se respondesse ainda a uma
outra pergunta precisa lhe fizessem os componentes do
grupo. Ainda não sabiam o

indagar, mas pediam que lhes comunicasse ao menos se, em
princípio e por especial deferência, estava disposto a responder.

— Sim — foi a resposta. Mas, a essa altura, revelou-se a
desorientação geral. Que devia perguntar? Era como nas
histórias da carochinha, quando a Iada ou o anão permitem que
se faça uma pergunta e a pessoa contemplada incide no perigo
de desperdiçar a oportunidade preciosa. Havia muita coisa no
mundo e no futuro que parecia digna de se saber, e a
responsabilidade de quem escolhia era grande. Como ninguém se
arriscasse a tomar uma decisão, Hans Castorp, com um dedo
encostado na taça, e com a cadeira apoiada no punho,
disse que gostaria de saber quanto tempo duraria a sua
permanência ali em cima, em vez das três semanas prefixadas.

Bem, isto não se encontrar outra pergunta melhor, já lá estava o
fantasma, da plenitude da sua sabedoria, satisfizesse essa
curiosidade tua! Depois de alguma hesitação, o copo
começou a trepidar. Traçou uma resposta bem estranha e,
segundo parecia, incoerente, que ninguém era capaz de
interpretar. Soletrou a sílaba “Yai” e em seguida a palavra “Yiés”,
que era ainda menos apropriada. Feito isso, mencionou alguma
coisa sobre o quarto de Hans Castorp, de maneira que a ordem

lacônica na sua Iorma completa rezaYa Tue aTuele Tue perguntara “Iosse por seu Tuarto de Yiés”. Por seu Tuarto de Yiés? De Yiés pelo número 34? Que isso Tueria dizer? EnTuanto estaYam ali sentados, deliberando e meneando a cabeça, um murro IormidáYel Iez estremecer a porta.

Todos ficaram atônitos. Era um assalto? EstaYa lá Iora o dr. KrokoZski para suspender a sessão proibida? Olharam-se consternados, aguardaram o ludibriado. Mas, no mesmo instante, houYe outro murro estrondoso no centro da mesa, aplicado uma Yez mais, com toda a Iorça do punho, como para esclarecer Tue também o primeiro não tinha sido dado Iora da sala, senão dentro.

Fora uma brincadeira de mau gosto do sr. Albin? Ele negou sob palaYra de honra, mas Má sem necessidade: todos estaYam Tuase certos de Tue ninguém da roda era o culpado daTuilo. De maneira Tue Ioi Holger? Juntos, lançaram para Elly o olhar, pois sua atitude Tuieta lhes chamara a atenção. AchaYa-se sentada, recostando-se no espaldar e apoiando na borda da mesa as pontas dos dedos, enTuanto os pulsos pendiam para baixo. InclinaYa a cabeça para um dos ombros, e alçaYa as sobancelhas, ao passo Tue baixaYa as comissuras dos lábios, Iormando uma boca bicuda. EsboçaYa um leYíssimo sorriso, Tue tinha, a um só tempo, algo de fingido e algo de inocente. Os olhos azuis de criança miraYam o Yazio, sem nada perceber.

Chamaram-na pelo nome, mas ela não deu sinal de vida. Nesse momento apagou-se a lampadazinha de cabeceira.

Apagou-se? A sra. St, hr, incapaz de conter-se por mais tempo, começou a lançar gritos estridentes, pois acabaYa de ouYir o estalido da luz. Esta tinha sido apagada por mão Tue seria euIemístico Tualificar de estranha. Fora a de Holger? Até então se mostrara tão brando, disciplinado e poético, mas a essa altura sua natureza estaYa a ponto de degenerar em puerilidade e traTuinice. Quem poderia garantir Tue a mão Tue golpeaYa a porta e os móYeis e apagaYa traYessamente a luz não agarraria TualTuer pessoa pela garganta? No escuro, clamaram por IósIoros, por uma pilha elétrica. A LeYi deu um berro, alegando Tue alguém a puxara pelos cabelos da Irente. De tanto medo, a sra. St, hr não se enYergonhaYa de inYocar Deus em alta Yoz.

— Ah, Deus nosso Senhor, salYai-nos mais esta Yez! — gritaYa e suplicaYa gemendo Tue lhes Iosse concedida a graça, apesar de terem tentado o inIerno.

Foi o dr. Ting-Fu Tuem teYe a ideia razoáYel de acender a luz do teto, de modo Tue o Quarto logo se achou banhado de claridade. Verificaram então Tue a lâmpada de cabeceira de Iato não se apagara sozinha, mas Tue alguém dera Yolta à chaYe; bastaYa repetir com mãos humanas essa manobra

realizada por meios ocultos para que voltasse a luz. Hans Castorp, por sua vez, teve enquanto isso uma surpresa que podia tomar por especial atenção das forças obscuras e pueris que ali se manifestavam. Encontrou sob os móveis um objeto que, em certa ocasião espantara seu tio, quando o descobrira na cômoda do sobrinho: o diapositivo de vidro que mostrava o retrato de Cláudia Chauchat, e que ele, Hans Castorp, certamente não introduzira no quarto de Kleeberg.

Guardou-o no bolso, sem mencionar o inócuo. Os outros estavam ocupados com Ellen Brand, que continuava sentada no mesmo lugar, na posição que acabamos de descrever, com os olhos cegos e expressão estranhamente atetada. O sr. Albin soprou-lhe na cara e imitou diante de seus olhos o gesto com que o dr. Krokowski movera a mão de baixo para cima. Com isso, ela recobrou os sentidos e chorou um pouco, sem que ficasse claro por quê. Acariciaram-na, beijaram-lhe a fronte e mandaram-na dormir. Ela dispôs-se a passar a noite em companhia da sra. Sten, mas de tanto paor a mulher vulgar não sabia como encontrar a cama. Hans Castorp, com o apertado no bolso interno, não tomou nenhuma medida quando foi convidado para terminar aquela noite irregular tomando um conhaque no quarto do sr. Albin, junto com os demais cavalheiros; pois tinha notado que incidentes desse gênero exerciam um certo efeito, não sobre o coração e tampouco sobre o espírito, mas

sobre os nervos do estômago; efeito prolongado, parecido com o do enjoo nas viagens marítimas, cujas vítimas sentem ainda em terra firme, durante horas a fio, as oscilações causadoras das náuseas.

Por enquanto, a sua curiosidade estava satisfeita. No primeiro instante, o poema de Holger não lhe parecera mau, mas nitidamente se lhe impuseram a vacuidade íntima e a insipidez, aliás previstas, de tudo isso, de maneira que resolveu contentar-se com essas poucas faíscas dos jogos do inferno a esvoaçar em torno dele. O sr. Settembrini,

como era de esperar, confirmou-o o mais possível nessa intenção, quando Hans Castorp lhe falou das suas experiências.

— Era só o que faltava! — exclamou o humanista. — Que miséria! Que miséria! — E sem rodeios declarou que a pobre Elly era uma impostora das mais ladinas.

A isso, o seu discípulo não disse sim nem não. Dando de ombros, opinou que não existia clareza nenhuma sobre o que era realidade, e, por conseguinte, não se sabia o que era impostura. Os limites talvez fossem instáveis. Podia ser que houvesse transições de uma à outra, graus de realidade, no seio da natureza muda e neutra, estabelecendo-se as distinções que, a seu ver, tinham manifestamente um caráter moralizante. Que pensava o sr. Settembrini, por exemplo, da palavra “ilusão”,

esse estado em Tve elementos do sonho e elementos da realidade IormaYam uma mescla Tve talYez Iosse menos alheia à natureza do Tve aos nossos toscos pensamentos cotidianos. O mistério da Yida era literalmente insondável, e não era de admirar Tve de Yez em Tuando surgissem do abismo ilusões Tve... E assim por diante, no estilo amável, complacente e bastante Yago Tve era peculiar ao nosso herói.

O sr. Settembrini ministrou-lhe a ensaboada Tve merecia e realmente conseguiu Iortalecer-lhe a consciência ao menos de momento. Obteve até uma espécie de promessa de Tve o seu discípulo nunca mais participaria de tamanhas perYersidades.

— Respeite a parte de humanidade Tve o senhor encerra em si mesmo, Engenheiro — exortou-o. — Tenha confiança no raciocínio claro, humano, e abomine as contorções do cérebro, o atoleiro espiritual! Ilusões? Mistério da Yida? Caro mio! Quando entra em decomposição a coragem ética de optar e de Iazer uma distinção entre conceitos como a impostura e a realidade, acaba-se a Yida em geral, da mesma Iorma Tve o Muízo, os Yalores e o ato corretiYo. E aí tem início a obra atroz de um processo de putrefação, causado pelo ceticismo moral.

E acrescentou ainda Tve o homem era a medida de todas as coisas e tinha o direito imprescindível de se pronunciar sobre o

bem e o mal, sobre a Verdade e a mentira. Ai de Tuem se atrevesse a desviar a humanidade da Ié nesse direito criador! Para ele era melhor ser alogado no mais fundo de todos os poços, com uma mó em volta do pescoço.

Hans Castorp aprova tudo isso com um gesto da cabeça. De Iato, por ora começou a distanciar-se desse tipo de empresa. Ouviu dizer que o dr. KrokoZski, no seu subterrâneo analítico, organiza sessões com Ellen Brand, às quais era admitida uma parte seleta dos pensionistas. Mas o MoYem declinou do convite com indiferença, o que naturalmente não impedia que os componentes da roda e o próprio dr. KrokoZski o mantivessem mais ou menos a par dos êxitos alcançados no curso das suas experiências. Maniestações de forças no gênero das que se haviam produzido no quarto da Kleefeld de um modo arbitrário e brutal: murros aplicados à mesa e aos móveis, lâmpadas apagadas e outras coisas semelhantes, eram todas obtidas e praticadas durante essas reuniões, sistematicamente e com todas as garantias possíveis de sua autenticidade. Para esse fim o camarada KrokoZski hipnotizava a pequena Elly conforme as regras da arte, a fim de transportá-la a um estado de sonambulismo. Evidenciara-se que um acompanhamento musical facilitava os exercícios. Por isso, o gramofone mudava de lugar nas várias ocasiões, reutilizado pelo círculo mágico. Mas, como o tcheco Wenzel, que então se

encarregado do serião, Iosse homem dotado de senso musical e
Tu certamente não maltrataria nem danificaria nada, Hans
Castorp podia confiar-lhe o instrumento sem grande
inquietação. Para essa finalidade especial, tirado do tesouro de
discos um álbum com uma seleção de peças leves, danças,
pequenas aberturas e outras bagatelas musicais, Tu punha à
disposição do grupo. Elly não fazia questão de ouvir sons mais
sublimes,

de maneira Tu esses discos lhe bastavam.

Acompanhado por esse tipo de música, assim se inteira Hans
Castorp, um lenço levantava-se do chão por iniciativa própria, ou
melhor, guiado por uma “garra” escondida em suas dobras; o
cesto de papéis do doutor esvoaçava rumo ao teto; o pêndulo de
um relógio de parede Iora, alternadamente, detido e acionado
“por ninguém”; uma sineta tinha sido “apanhada” e agitada; e
assim, outros fatos obscuros e insignificantes do mesmo calibre.
O erudito diretor dessas experiências achava-se na feliz
situação de saber designar tais proezas por um nome grego cheio
de decoro científico. Tratava-se, segundo explicou em suas
conferências e colóquios particulares, de fenômenos
telecinéticos, de casos de levitação. O doutor classificava-os
numa categoria Tu recebera da ciência o nome de
“materializações”. Eram precisamente a elas Tu devia os seus
esforços nas tentativas realizadas com Ellen Brand.

Conforme a terminologia usada por ele, estas são as fontes de complexos inconscientes, produzidos biopsíquicamente para a esfera objetiva. O estado sonambúlico e a constituição mediúnica devem ser considerados as fontes dessas produções, que tinham de ser qualificadas como representações oníricas objetivadas, uma vez que nelas agia uma faculdade ideoplástica da natureza. Sob certas condições, o pensamento era capaz de atrair a matéria e de configurar-se nela, adquirendo uma realidade efêmera. Essa matéria emanava do corpo do médium, para adquirir, por dele, a forma transitória de extremidades biologicamente vivas, como tentáculos ou mãos, que costumavam ser insignificâncias admiráveis, como essas que os convidados presenciaram no laboratório do dr. Krokowsky. Às vezes esses membros eram visíveis e palpáveis, e suas formas podiam ser conservadas em parafina ou gesso. Em outros casos, porém, seu desenvolvimento não se limitava a isso. Diante dos olhos das pessoas que faziam as experiências, e a fim de estabelecer relações com elas, surgiam cabeças, semelhantes de homens com feições individuais, fantasmas de corpo inteiro... E era nesse ponto que a teoria do dr. Krokowsky começava a tornar-se estranha, a olhar em duas direções simultaneamente e a assumir o mesmo caráter vacilante, ambíguo, que haviam revelado as suas expectativas acerca do “amor”. Pois daí em diante não se podia falar de forma

ineTuíYoca, nem inteiramente científica, das subMetiYidades do médium e seus aMudantes passiYos enTuanto entidades refletidas para a esIera real; entraYam em Mogo, ao menos participando ou contribuindo, egoidades estranhas, Yindas de Iora ou do Além; trataYa-se

— possiYelmente, mas não conIessadamente — de algo não YiYo, de seres Tue se aproYeitaYam da oportunidade complexa e secreta do momento para Yoltar à matéria e comunicar-se com Tuem os chamaYa; trataYa-se, em suma, da eYocação espiritista dos mortos.

Eram esses, pois, os resultados Tue o camarada KrokoZski trabalhaYa por obter, assistido pelos seus. Atarracado, com um sorriso enérgico nos lábios, inspirando confiança alegre, dedicaYa-se a esse trabalho. Uma Yez Tue ele pessoalmente estaYa Iamiliarizado com aTuele terreno suspeito, pantanoso, sub-humano, prestaYa-se muito bem para guiar atraYés da região até os espíritos tímidos ou céticos. Graças aos dons extraordinários de Ellen Brand, Tue o doutor se empenhaYa em desenYolYer e treinar, parecia sorrir-lhe pleno êxito, segundo contaYam a Hans Castorp. DiYersos componentes da roda Má haYiam sido tocados por mãos materializadas. O promotor ParaYant recebera lá das esIeras transcendentales uma Yiolenta boIetada, Tue aceitara com satisIação científica, a ponto de, moYido pela curiosidade, simplesmente oIerecer a outra Iace, não obstante

sua condição de cavalheiro, Murista e sócio Veterano de uma
agremiação de estudantes, cujo código de duelo o teria
obrigado a uma atitude muito diferente se o golpe houvesse
partido de mãos dadas. A. K. Ferge, o singelo soldador que ficava
alheio a todas as coisas sublimes, segurara na mão

uma das tais extremidades de fantasma e verificara pelo tato que
era bem-conformada e completa, antes de ela se estender de um
modo indescritível ao seu aperto cordial nos limites prescritos
pelo respeito. Escoou-se um período bastante longo, tomou-se
dois meses e meio, com duas sessões por semana, até que
uma mão do outro mundo, mão de um Moisés, segundo parecia,
mostrou-se aos olhos de todos, irradiada pela luz rosada de uma
lampadazinha de mesa, revestida de papel encarnado.

Tateando, a mão passou por sobre a superfície da mesa e
deixou seu rastro num pote de barro, cheio de farinha. Mas oito
dias depois aconteceu que um grupo de colaboradores do dr.
Kroczki, o sr. Albin, a St. hr e o casal Magnus, irrompeu por
volta da meia-noite no compartimento de sacada de Hans
Castorp, que ali cochilava em meio ao frio glacial. Com todos
os sinais de entusiasmo desenfreado e de arrebatamento
febril, relataram em palavras precipitadas o seguinte: o Holger
da Elly acabava de aparecer, sua cabeça surgira por cima do
ombro da sonâmbula; ele tinha realmente “lindos cachos

castanhos, castanhos” e sorria com uma expressão inescrutável, pela brandura e melancolia, antes de voltar a sumir.

Como se harmonizava, ponderou Hans Castorp, essa aflição distinta com a conduta de Holger Mesendorf em outras ocasiões, com certas crianças sem graça e com a sua molecagem pura e simples, que constituía a bondade nada melancólica que se desferia no promotor? Evidentemente não se podia exigir, nesse caso, uma coerência lógica de caráter. Talvez se encontrassem ante uma mentalidade semelhante à do Corcundinha da canção popular, com sua malícia patética e sua ânsia de que se reze por ele. Os admiradores de Holger não pareciam preocupados com isso. O que tentavam fazer era que Hans Castorp se determinasse a abandonar seu isolamento. Insistiram em que ele não deixasse de assistir à próxima sessão, agora que tudo ia às mil maravilhas. Pois Elly

prometera, enquanto dormia, que da próxima vez apresentaria a sua presença o círculo reclamasse.

Qual a presença? Mesmo assim Hans Castorp persistiu em sua atitude negativa. Mas o fato de se poder chamar a presença Ialecido continuou a absorvê-lo durante os três dias seguintes, a ponto de chegar a decisões completamente opostas. No fundo não foram os dias, senão apenas alguns minutos que o demonstraram a um tal resultado. A mudança de opinião realizou-se a uma hora solitária da noite, no salão de música, enquanto

ele ou Yia mais uma vez a Tuela disco ao Tual a personalidade ultrassimpática de Valentim imprimira seu cunho peculiar. Sentado em sua cadeira, Hans Castorp ou Yiu a Tuela prece guerreira, despedida de um homem de Yalor, Tuela o impulsiona Ya ao campo da honra, e ele a cantar:

— E se Deus me chama às alturas celestes, A ti Yoltarei os meus olhos, fiel,
oh Margarete!

Como acontecia sempre Tuela toca Ya essa ária, sentiu-se possuído de uma Yeemente emoção, Tuela dessa vez, aumentada por certas possibilidades, se condensou a ponto de transformar-se em deseMo. E ele pensou: “Pecaminoso e ocioso, ou não, em todo caso Yiria a ser algo gentil e inusitado, uma a Yentura amáYel. E ele, caso tenha a Yer com isso, não me guardará rancor, se o conheço bem”. Lembrou-se então da maneira amáYel e displicente como Iora pronunciada a resposta: “Pois não!”, nas treYas do gabinete de radioscopia, Tuando achara necessário pedir licença para certas indiscrições ópticas.

Na manhã do dia seguinte a Yisou Tuela tomaria parte na sessão marcada para a noite. Uma hora após o Mantar reuniu-se aos outros, Tuela se encaminha Yam ao andar subterrâneo,

conYersando sem nerYosismo, habituados como estaYam ao sobrenatural. Na escada encontrou o dr.

Ting-Fu e o tcheco Wenzel, mas também os outros. Tue se reuniram no calabouço do dr. KrokoZski eram membros fundadores do grupo ou pelo menos Yeteranos traTueMados, como, por exemplo, os srs. Ferge e Wehsal, o promotor público, as sras. LeYi e KleeIeld, para não Ialar das pessoas Tue o haYiam informado da aparição da cabeça de Holger, e a médium, Elly Brand, é claro.

A garota nórdica Má se achaYa sob a guarda do médico, Tuando Hans Castorp passou pela porta adornada por um cartão de Yisita. Enquanto KrokoZski, com o aYental preto de trabalho, cingia-lhe paternalmente o ombro, ela esperaYa os conYidados ao sopé dos degraus Tue, no níYel do andar subterrâneo, conduziam à habitação do assistente; e ela os cumprimentaYa um a um, tal Tual o doutor. Essas saudações mostraYam de ambas as partes um caráter despreocupado, alegre e cordial. VisiYelmente tinham todos o firme propósito de não deixar entrar no ambiente a menor angústia solene.

ConYersaYam entre si em Yoz alta, graceMaYam, trocaYam cotoYeladas animadoras, para demonstrar das mais diYersas maneiras a Ialta de acanhamento. Entre a barba do dr. KrokoZski apareciam constantemente os dentes amarelados, com aTuela peculiar expressão tranTuilizadora e robusta, ao repetir

diante de cada integrante da roda: “Saudações! Êntgue, porr IaYorr”; e apareceram ainda mais Tuando ele cumprimentou Hans Castorp, Tue estaYa taciturno e trazia no rosto sinais de indecisão. O anfitrião saudou-o com um enérgico aceno de cabeça, apertando-lhe a mão com Iorça Tuase brutal.

— Ânimo! Não há motiYo para andar cabisbaixo. ATui não há poltrões nem beatos, mas somente o humor Yiril da pestTuisa sem preconceitos.

A pantomima não o Iez sentir-se mais à Yontade. Como mencionamos, tomara sua decisão sob a lembrança do gabinete de radioscopia; mas essa associação de ideias não basta, em absoluto, para definir seus sentimentos. Ao contrário, eles antes lhe eYocaYam a recordação de um estado de alma singular e inesTuecíYel, mescla de nerYosismo, petulância, curiosidade, menosprezo e deYoção, Tue tomara conta dele Iazia muitos anos, Tuando entrara pela primeira Yez, leYemente tocado e em companhia de amigos, num bordel do bairro de Sankt Pauli.

Como Má estiYessem todos presentes, o dr. KrokoZski e duas aMudantes, Tue eram dessa Yez a sra. Magnus e a srta. LeYi com a tez de marfim, retiraram-se à sala Yizinha para examinar a médium. EnTuanto isso, Hans Castorp permaneceu com os noYe outros componentes da roda no consultório do assistente,

aguardando o fim dessa cerimônia de rigor científico, Tu se celebraYa antes de todas as sessões e sempre sem resultado algum. A peça era-lhe familiar, desde certas horas Tu ali passara, às escondidas de Joaquim, “palaYreando” com o analista. Nos fundos, à esquerda, perto da Manela, haYia uma escriYaninha com uma cadeira de braços e outra poltrona para o paciente; a ambos os lados da porta lateral, Yia-se uma biblioteca de consulta; um biombo de vários painéis separaYa a escriYaninha e as cadeiras de uma chaise-longue forrada de oleado, colocada diagonalmente no ângulo direito do gabinete, onde também se achaYa uma Yitrine de instrumentos; num outro canto erguia-se um busto de Hipócrates, ao passo Tu acima da lareira a gás, na parede direita, estaYa pendurada uma gravura reproduzindo a Anatomia de Rembrandt. Em suma, era uma sala de consultas típica, semelhante a muitíssimas outras. Mas para a finalidade especial dessa noite haYiam sido feitas modificações na mobília. A mesa redonda de acaMu, Tu normalmente se encontraYa cercada de poltronas no centro da peça, embaixo do lustre elétrico e sobre o tapete vermelho Tu cobria Tuase todo o assoalho, Iora deslocada para o primeiro plano, em direção ao ângulo esquerdo, Munto do busto de gesso; ao passo Tu outra mesinha recoberta de uma toalha verde, e na qual se achaYa uma lâmpada de abajur vermelho, tinha sido colocada nas proximidades da lareira acesa, Tu irradiava um calor seco.

Por cima dessa mesinha pendia do teto outra lâmpada escondida atrás de Yéus Yermelhos e negros. Na mesa e a seu pé Yiam-se alguns obMetos de Yasta notoriedade: a sineta, ou melhor, duas sinetas de construção diIerente, uma de badalo e a outra parecida com uma campainha; haYia, além disso, um prato com Iarinha e um cesto de papéis. Cerca de uma dúzia de cadeiras e poltronas de diYersos tipos circundaYam a mesinha, Iormando um semicírculo, desde os pés da chaise-longue até Tuase o centro da sala, onde se achaYa o lustre. Era ali, perto da última cadeira, a meio caminho da porta lateral, Tue a Yitrola encontrara seu lugar. O álbum com as peças IríYolas Mazia numa banTueta próxima. Tais haYiam sido os preparatiYos. As lâmpadas Yermelhas ainda não estaYam acesas. O candelabro central diIundia uma luz branca e clara. A Manela, com uma das Iaces estreitas da escriYaninha Yoltada para ela, estaYa oculta atrás de duas cortinas, uma escura, e a outra rendilhada de cor creme, conhecida como store.

Ao cabo de dez minutos, o doutor Yoltou do gabinete Yizinho, acompanhado das três senhoras. O aspecto da peTuena Elly mudara consideraYelmente. Em lugar do Yestido trazia uma espécie de traMe de sessão, algo semelhante a um chambre de crepe branco, com um cordão em torno da cintura, e Tue deixaYa desnudos os braços delgados. Os seios de moça desenhaYam-se macios e soltos sob a Iazenda,

dando a impressão de que ela, sob o chamego, não Yestia
Tuase nada.

Cumprimentaram-na YiYamente.

— Olá, Elly! Tão encantadora de noYo! Uma Yerdadeira
Iada! Muito sucesso, meu anMo!

Ela sorriu tanto pelas aclamações como por sua
Yestimenta, Tue, como não ignoraYa, lhe ficaYa muito bem.

— Inspeção préYia: resultado negatiYo — anunciou o dr.
KrokoZski. — Pois então, mãos à obra, camaradas! —
acrescentou, com seus peculiares “erres” palatais, exóticos,
produzidos por um simples golpe de língua. Hans Castorp, mal
impressionado por esse YocatiYo, estaYa a ponto de escolher
um lugar, tal como Iaziam os demais, entre gritos, conYersas e
palmadinhas no ombro. Mas, nesse instante, o médico dirigiu-se a
ele pessoalmente.

— Meu amigo (meu amiêgo) — ele disse —, uma Yez Tue o senhor
se encontra hoMe no nosso meio como Yisitante, ou, em certo
sentido, como noYato, gostaria de outorgar-lhe por esta noite um
direito especialmente honroso. Confio-lhe o encargo de controlar
a nossa médium. Praticamos esse controle da seguinte maneira.

E rogou ao MoYem Tue se aproximasse de uma das
extremidades do semicírculo. Era aTuela Tue ficaYa próxima do

biombo e da chaise-longue. Ellen Brand instalara-se ali numa simples cadeira de Yime, Yoltando o rosto mais para a porta de entrada com os degraus do Tue para o centro do aposento. O doutor sentou-se em outra cadeira igual, logo à sua Irente, e apanhou-lhe as mãos, enTuanto apertaYa os Moelhos da garota entre os seus.

— Faça como eu, imite essa ação! — ordenou, cedendo o lugar a Hans Castorp. — O senhor deYe admitir Tue ela está totalmente presa. Mas o senhor ainda terá uma assistente. Tenha a bondade, minha prezada srta. KleeIeld! — A moça, mobilizada por essas palaYras urbanas e exóticas, Muntou-se ao grupo para agarrar com ambas as mãos os pulsos Irágeis de Elly.

Hans Castorp não pôde abster-se por completo de contemplar o rosto, tão próximo do seu, da donzela prodígio Tue mantinha estreitamente aprisionada. Encontraram-se os olhos, mas os de Elly, Iugindo, abaixaram-se em sinal de um pudor bem compreensível em Yista daTuela situação. Ao mesmo tempo, ela esboçou um sorriso um tanto aIetado, com a cabeça obliTuamente inclinada e com a boca leYemente bicuda, como fizera durante a sessão da taça. No MoYem encarregado de Yigiá-la isso eYocou, aliás, uma outra recordação mais remota: Iora mais ou menos assim Tue

sorrira Karen Karstedt, Tuando, em companhia dele e de Joachim, se achara diante do Mazigo ainda intacto no cemitério do “YilareMo”...

Os componentes do semicírculo acabaYam de sentar-se. Ele se compunha de treze pessoas, sem incluir o sr. Wenzel, Tue tinha o hábito de consagrar sua pessoa ao serYiço de Polyhymnia.

Depois de ligar o aparelho, o tcheco ocupou um tamborete nas proximidades, às costas do auditório Tue ficaYa com os rostos Yoltados para o centro da sala. Também tinha consigo o Yiolão. Sob o lustre central, na outra extremidade da fileira curYa, o dr. KrokoZski tomou assento, depois de ter acendido, com uma só manobra, as duas lâmpadas Yermelhas, e de ter apagado, com outra, a luz do teto. Uma escuridão suaYemente aYermelhada enYolYia o aposento, cuMas zonas e recantos mais aIastados se esTuiYaYam ao olhar. Somente a superÍicie da mesinha e o Tue lhe ficaYa em torno estaYam iluminados por uma débil luz rubra. Durante os minutos Tue se seguiram, mal se enxergaYa o Yizinho mais próximo. Apenas lentamente os olhos acomodaram-se às treYas e aprenderam a aproYeitar a pouca luz Tue lhes era concedida, e Tue as peTuenas labaredas, dançando na lareira, intensificaYam até certo ponto.

O dr. KrokoZski dedicou algumas palaYras à iluminação, cuMa insuficiência do ponto de Yista científico procurou desculpar.

Estaria redondamente enganado Tuem a interpretasse como destinada a criar uma atmosfera sugestiva, propícia a mistificações. Apesar da melhor boa vontade não se podia, infelizmente, trabalhar com uma luz mais forte. À natureza das forças em apreço, que lhes cabia estudar, era inerente a incapacidade de se desentolher e produzir efeitos com luz branca. Esse era um fato fundamental com que deviam conformar-se... Hans Castorp, por sua vez, estava muito satisfeito com isso. A escuridão lhe ia bem. Atenuava a singularidade da situação. Para justificar a escuridão, o Moym chamou à memória, além

disso, as outras coisas do gabinete de radioscopia, que faziam a gente concentrar-se piedosamente; nelas, os olhos habituados ao dia eram purificados, antes de que pudessem “ver”.

— A médium — prosseguia o assistente na sua introdução, que evidentemente se dirigia a Hans Castorp em particular

— Má não tinha necessidade de ser adormecida por ele, o médico. Como o controlador logo teria oportunidade de verificar, Elly caía espontaneamente em estado de transe, e feito isso, o guardião-fantasma, o famoso Holger, falava por intermédio da sua boca. Era a ele, e não a ela, que se deviam expressar os respectivos desejos. Por outra parte consistiria em erro, que poderia causar até o malogro da tentativa, crer que seria preciso concentrar a vontade e os pensamentos, com todas

as Iorças, no Ienômeno esperado. Pelo contrário, o mais indicado era uma atenção ligeira, distraída por meio de conYersas. Recomendou a Hans Castorp Tue não perdesse o controle perIeito das extremidades da médium.

— Formem a cadeia! — ordenou por fim o dr. KrokoZski, e assim fizeram, rindo, Tuando não encontraYam, na escuridão, as mãos dos Yizinhos. O dr. Ting-Fu, Tue tinha o lugar ao lado de Hermine KleeIeld, deitou a mão direita no ombro dela, e estendeu a esTuerda ao sr. Wehsal, Tue era o elo seguinte da cadeia. Junto do médico achaYam-se o sr. e a sra. Magnus, seguidos por A. K. Ferge, Tue, se Hans Castorp não se enganaYa, seguraYa a mão da LeYi com a tez de marfim; e assim por diante... “Música!”, comandou o dr. KrokoZski, e o tcheco, às costas do assistente e dos seus Yizinhos, pôs o aparelho em ação e colocou a agulha no disco. “ConYersem!”, ordenou KrokoZski noYamente, enTuanto ressoaYam os primeiros compassos de uma abertura de Mill,cker. E docilmente todos se esIorçaram por entabular uma palestra, Tue trataYa de nada, absolutamente nada; Ialaram ora da neYe caída nesse inYerno, ora do cardápio da última reIeição, ora da chegada de um noYo pensionista, ora enfim de partidas autorizadas ou “em Ialso”. Meio abaIada pela música, interrompendo-se e recomeçando, a conYersa mantinha-se numa animação artificial. Assim se passaram alguns minutos.

O disco ainda não chegara ao fim. Quando Elly teve um sobressalto violento. Um tremor percorreu-a toda. Gemeu. O tronco inclinou-se para a frente, de maneira que a testa tocava a de Hans Castorp. Ao mesmo tempo começaram os braços a mover-se de um modo estranho, avançando e recuando bruscamente, como se acionassem uma bomba.

— Transe! — anunciou a Kleeberg com perícia. A música emudeceu. A conversa parou. Atrás do silêncio repentino ouvia-se a branda e arrastada voz de barítono do doutor, que pergunta:

— Holger está presente?

Elly estremeceu novamente. Gingou na cadeira. Então Hans Castorp sentiu como as duas mãos da médium apertavam as suas, com força e movimentos breves.

— Ela está me apertando as mãos — comunicou aos outros.

— Ele — corrigiu-o o médico. — Foi ele quem as apertou. De modo que se acha presente. Salve, Holger — continuou com a união. — Se bem-vindo, companheiro, de todo o coração! E permita-me recordar-lhe: a última vez que esteve entre nós, você prometeu que chamaria o seu irmão Ibsen, o irmão ou a irmã que lhe citasse alguém de nossa roda; e que você o tornaria visível a nossos olhos mortais. Você está disposto e se sente capaz de cumprir hoje essa promessa?

Elly tremeu outra vez. Suspirou. Hesitou antes de responder. Vagarosamente, levou as suas mãos e as de seus assistentes até à testa, onde as manteve imóveis por alguns instantes. Depois segredou ao ouvido de Hans Castorp um “sim” ardente.

O sopro dessa palavra, adentrando-lhe diretamente o ouvido, causou ao nosso amigo aquele arrepios epidérmico

que o médico chama de “pele de galinha” e cuja natureza o conselheiro lhe explicara certa vez. Falamos de um arrepios instintivo, para distinguir o fenômeno puramente corporal do psíquico, uma vez que aquilo nada tinha a ver com um verdadeiro horror. O médico pensou nesse momento pouco mais ou menos o seguinte: “Ora mãe, ela promete mundos e fundos!”. Mas ao mesmo tempo sentiu-se como ouvido e consternado; sim, invariavelmente um sentimento conusado que tinha origem na circunstância enganadora de que essa moça tão nobre, cujas mãos segurava, lhe sussurrara ao ouvido a palavra “sim”.

— Ele disse “sim” — informou Hans Castorp, embaraçado.

— Muito bem, Holger! — disse o dr. Krokowski. — Nós lhe tomamos a palavra ao pé da letra. Temos confiança em que você fará tudo quanto estiver em seu poder. Logo saberá o nome do ente querido cujo comparecimento desejamos... Camaradas —

continuou, dirigindo-se ao grupo —, digam de uma vez! Quem é
que tem um desejo? Qual é a criatura que nosso amigo Holger
deve fazer aparecer?

Seguiu-se profundo silêncio. Todos esperavam que o Yizinho
se manifestasse. Verdade é que cada um, individualmente, escrutara nesses últimos dias o seu íntimo, para
saber em que direção e para que pessoa rumavam seus
pensamentos. Mas a volta dos mortos, isto é, o desejo por tal
volta, nunca deixa de ser coisa problemática e delicada. Em
última análise, e falando com Iran Tuezá, esse desejo não
existe; é uma ilusão; à luz do dia, é tão impossível como a
própria coisa que se tornaria impossível caso a natureza, num caso
particular, abolisse tal impossibilidade. O que chamamos “luto”
talvez não seja a dor que nos inflige a impossibilidade de ver
os nossos mortos voltarem à vida, senão a outra que
experimentamos diante do fato de sermos incapazes de desejar
tal coisa.

Todos tinham, seguramente, essa sensação. Embora dessa vez não
se tratasse de uma volta séria e verdadeira à vida, mas apenas
de um arranjo puramente sentimental e teatral,

cuja única finalidade era ver o finado; embora, por
consequente, o ato fosse inofensivo do ponto de vista da
vida, apavoravam-se diante da ideia de encarar o ente em que
pensavam, de maneira que cada um preferia abandonar ao

Yizinho o priYilégio de expressar um deseMo. Também Hans Castorp não se adiantou, ainda Tue ouYisse atraYés das treYas aTuele “Pois não!” bondoso e complacente. No último instante, estaYa disposto a deixar a primazia a outrem. Mas, como aTuilo se prolongasse por muito tempo, Yoltou a cabeça para o presidente da sessão e disse com Yoz Yelada:

— Eu Tueria Yer meu Ialecido primo Joachim Ziemssen.

Foi um alíYio para todos. Dos componentes do grupo, somente o dr. Ting-Fu, o tcheco Wenzel e a própria médium não tinham conhecido pessoalmente o deIunto citado. Os demais, Ferge, Wehsal, o sr. Albin, o promotor, o casal Magnus, a St, hr, a LeYi e a KleeIeld, demonstraram sua aproYação com ruídos e alegria. Até o dr. KrokoZski Iez um gesto de satisIação, se bem Tue suas relações com Joachim sempre houYessem sido um tanto Irias, pois este se mostrara recalcitrante em matéria de análise.

— Ótimo — disse o doutor. — OuYiu, Holger? Em Yida, Yocê não conheceu a pessoa designada. Será Tue Yocê a reconhece no Além das coisas, e está disposto a guiá-la até nós?

A tensão Ioi grande. A adormecida gingaYa, daYa suspiros, estremecia. Parecia procurar e lutar, enTuanto se deixaYa cair ora para um ora para outro lado, murmurando palaYras incompreensíYeis ao ouYido de Hans Castorp ou da KleeIeld. Por

fim, Hans Castorp recebeu de ambas as mãos de Elly o aperto
Tua significava “sim”. Comunicou o fato aos demais e...

— Pois bem! — exclamou o dr. Krokowski. — Mãos à obra,
Holger!... Música! — ordenou. — Conyensem! — E mais uma vez
lhes recomendou tua para servir à causa nada adiantava
concentrar-se soIregamente nem fixar todas as
ideias na visão esperada, senão prestar uma atenção vaga,
desembaraçada.

Seguiram-se então horas mais estranhas do tua a vida curta
do nosso herói continha até esse momento. Ainda tua não
possamos Yilumbrar com absoluta clareza os seus destinos
ulteriores e o percamos de vista em determinado ponto da nossa
história, sentimo-nos inclinados a crer tua Ioram as mais
estranhas tua chegou a viver.

HaYemos por bem avisar os nossos leitores previamente de tua
se trata de horas inteiras, mais de duas, inclusiYe uma
peTuena interrupção do “trabalho” tua agora começaYa;
esse trabalho de Holger ou, na realidade, da donzela Elly, tua se
prolongaYa terrivelmente, de maneira tua todos já estaYam
prestes a desesperar de um resultado positivo. Acrescia a isso
tua, por pura misericórdia, muitas vezes se sentiam tentados a
resignar-se e abrir o trabalho tua de fato parecia
imensamente difícil e dava a impressão de ultrapassar as forças

débeis da rapariga a Tuem Iora cometido. Nós, homens, a não ser Tue nos esTuiYemos às coisas humanas, conhecemos, de uma determinada situação da Yida, aTuela compaixão intoleráYel, mas ridícula, porTue não aceita por ninguém; uma compaixão inoportuna, talYez; conhecemos aTuele grito indignado: “Basta!”, Tue tende a se desprender do nosso peito, posto Tue “aTuilo” não possa nem deYa “bastar” e Tue seMa preciso terminá-lo dessa ou daTuela Iorma. Já deYem ter compreendido Tue nos reIerimos à nossa Iunção de esposo e de pai, bem como ao processo do parto, ao Tual a luta de Elly se assemelhaYa de maneira tão ineTuíYoca e inconIundíYel Tue mesmo aTueles Tue ainda não o conheciam tinham de reconhecê-lo. Tal era o caso do MoYem Hans Castorp, Má Tue tampouco ele mesmo se haYia esTuiYado à Yida. Foi, pois, sob essas condições Tue traYou conhecimento com aTuele ato cheio de misticismo orgânico. Sob Tue condições? E com Tue finalidade? Era impossíYel Tualificar com outro adMetiYo, exceto escandalosos, os

pormenores e as particularidades dessa sala de partos tão animada, banhada em luz Yermelha. Isso se aplicaYa tanto à pessoa Yirginal da parturiente, com o roupão flutuante e os bracinhos desnudos, como ao resto do ambiente, a saber, a música incessante e leYiana Tue partia do gramoIone, as conYersas artificiais Tue o semicírculo mantinha para

cumprir a ordem recebida, as aclamações MoYiais e estimulantes Tue os componentes da roda dirigiam sem cessar à garota Tue ali se contorcia:

— Vamos, Holger! Coragem! Vai dar certo! Continue assim! Mais um pouco e Yocê consegue!

E absolutamente não excetuamos a figura e a posição do “marido”, desde Tue consideremos Hans Castorp como tal, por ter sido ele a maniIestar o deseMo: o marido Tue comprimia os Moelhos da “mãe” com os seus e lhe seguraYa as mãos; essas mãozinhas Tue estaYam tão úmidas como haYiam sido as da peTuena Leila, de maneira Tue era preciso apertá-las sempre, para eYitar Tue lhe escapassem.

Pois a lareira a gás, às costas das pessoas sentadas nas suas proximidades, irradiYa Iorte calor.

Misticismo e solenidade? Nada disso! Era barulhento e banal aTuilo Tue se passaYa nas treYas Yermelhas, às Tuais os olhos, pouco a pouco, se haYiam habituado a ponto de dominarem a maior parte do aposento. A música e os gritos recordaYam os métodos Tue emprega o Exército de SaYação, com o fim de galYanizar o auditório; essa recordação impunha-se até a Tuem, como Hans Castorp, Mamais assistira a um serYiço diYino desses Ianáticos Mubilosos. Não era num sentido Iantasmagórico Tue essa cena parecia mística, misteriosa,

capaz de inspirar pensamentos piedosos a pessoas sensíveis, senão unicamente num sentido natural, orgânico, e Má mencionamos o parentesco próximo e íntimo Tue era a fonte dessa associação de ideias. Os esforços de Elly produziam-se à maneira de dores do parto, depois de intervalos de repouso, durante os quais ela pendia

Irouxamente para o lado da cadeira, num estado inacessível, Tue o dr. Krokowski definiu como “transe profundo”. Em seguida tornava a sobressaltar-se; revoltava-se; lutava com os vigilantes; sussurrava-lhes nos ouvidos palavras ardentes, sem nexos; fazia bruscos movimentos laterais como se quisesse expulsar alguma coisa do seu próprio corpo; rangia os dentes; em certa ocasião até mordeu a manga de Hans Castorp.

Isso durou uma hora ou talvez mais. Por fim, o presidente da sessão julgou indicado intercalar uma pausa. O tcheco Wenzel, Tue, para variar um pouco, terminara poupando o aparelho e tocando o violão com grande habilidade, pôs o instrumento de lado. Com um suspiro de alívio, soltaram-se as mãos. O dr. Krokowski encaminhou-se à parede, para acender a luz do teto. A claridade branca se fez tão deslumbrante Tue todos piscavam como tolos os olhos acostumados à noite. Elly dormia, muito inclinada para a frente, com o rosto quase a tocar as coxas. Via-se como se entregava a uma atividade estranha Tue

parecia familiar aos outros, mas Tue Hans Castorp contemplou com atenção e surpresa: durante alguns minutos ela passou a mão caYa, de cá para lá, pela zona dos Tuadris, estendendo-a e recolhendo-a num gesto de Tuem, ao trabalhar com uma concha ou um ancinho, procurasse Muntar e puxar algo para si. Por fim estremeceu Yárias Yezes e acordou. Piscando como tola, também ela, com os olhos sonolentos, esboçou um sorriso.

Foi um sorriso gracioso, um tanto alheado. A compaixão Tue haYiam sentido ao Yê-la pensar parecia realmente desperdiçada. A rapariga não daYa a impressão de estar particularmente exausta. TalYez nem seTuer se lembrasse dos seus trabalhos. EstaYa sentada na poltrona dos enIermos, perto da Manela, entre a escriYaninha e o biombo Tue escondia a chaise-longue. Dera meia-Yolta à cadeira, de modo Tue pudesse apoiar o braço na superÍicie da escriYaninha e olhar para dentro da sala. DeixaYa-se estar

assim, alYo de olhares comoYidos, recebendo de Yez em Tuando um aceno alentador, e guardando silêncio durante todo esse interYalo Tue se prolongou por Tuinze minutos.

TrataYa-se de um Yerdadeiro recreio Tue daYa oportunidade para descansar e para contemplar, com suaYe satisIação, a obra Má realizada. Abriram-se as cigarreiras dos homens. FumaYam com prazer. ATui e ali se IormaYam grupos Tue discutiam o carácter da sessão. EstaYam longe de desanimar

ou de encarar o Iracasso definitivamente. Existiam sintomas próprios para deter tal ceticismo. Todos aTueles Tue ocupaYam os lugares na extremidade oposta do semicírculo, Yizinho ao do médico, afirmaYam unanimemente Tue haYiam sentido, diYersas Yezes e com absoluta nitidez, aTuela aura Iria Tue costumaYa partir da médium e aYançar numa determinada direção, cada Yez Tue se preparaYam aparições. Outros pretendiam ter notado Ienômenos luminosos, manchas brancas, aglomerações moYediças de energias Tue acabaYam de se maniIestar nas proximidades do biombo. Numa palaYra: nada de relaxamento! Nada de poltroneria! Holger empenhara a sua palaYra, e não tinham direito de duYidar de Tue a cumpriria.

O dr. KrokoZski deu o sinal para recomeçar a sessão. EnTuanto todos YoltaYam aos lugares, reconduziu a médium pessoalmente até a cadeira dos seus tormentos, acariciando-lhe os cabelos. Tudo se passou como antes. Hans Castorp pediu Tue o substituíssem no cargo de primeiro Yigilante, mas o presidente se opôs. Disse Tue Iazia Tuestão de oIerecer à pessoa Tue expressara o deseMo o contato Ísico direto com a médium, a fim de garantir-lhe Tue praticamente não haYia, por parte desta, TuaisTuer possibilidade de manipulações Iraudulentas. Foi assim Tue Hans Castorp Yoltou a ocupar sua estranha posição à Irente de Elly. A luz transIormou-se em treYas Yermelhas. Recomeçou a música. NoYamente se produziram depois de

poucos minutos os bruscos tremores de Elly e o movimento de dar impulso a uma bomba. Dessa vez foi Hans Castorp

que anunciou o transe. O parto escandaloso prosseguiria.

E como seguiu! De um modo terrivelmente penoso... Parecia não querer seguir — e era capaz? Que loucura! De onde vinha a maternidade nesse caso? Parir... mas como? E o quê?

— Acudam! Acudam! — gemia a garota, enquanto as dores ameaçavam converter-se naquele estado de espasmo constante, ao qual os peritos da obstetrícia deram o nome de eclampsia. Às vezes chamava o doutor, pedindo que lhe impusesse as mãos. O assistente assim fez, encorajando-a com Yigor. A magnetização, se é que se trata de tal, fortaleceu-a para novas lutas.

Dessa forma transcorreu a segunda hora, durante a qual se alternavam os arpejos do violão e as peças íntimas da vitrola, ressoando pelo recinto, a cuja semiescuridão os olhos acabavam de se acostumar outra vez. Então ocorreu um incidente. Foi Hans Castorp quem o provocou, ao dar uma sugestão ou ao pronunciar um desejo, uma ideia, que momentaneamente havia muito, ou melhor, desde o início da sessão, e talvez devesse ter manifestado antes. A essa altura, Elly se achava num transe profundo, apoiando o rosto nas mãos agarradas, e o sr. Wenzel estava a ponto de mudar ou de virar

o disco. Nesse instante, o nosso amigo pôs-se a falar resolutamente, dizendo que teria a fazer uma proposta — nada de importância, aliás, mas cuja realização poderia ser útil. Disponho... isto é, a discoteca da casa dispõe de uma peça de Gounod, “Margarete”, a Oração de Valentin, para voz de barítono com orquestra, muito bonita. Ele, que proferia sua fala, era de opinião de que caberia experimentar com esse disco.

— E por quê? — perguntou o médico através da obscuridade vermelha.

— Por motivos sentimentais, questão de ambientação — afirmou o homem. O espírito da referida peça era peculiar e muito especial. Valeria a pena fazer uma tentativa. A seu ver não era impossível que esse espírito ou caráter da ária abreviasse o processo em que se achavam empenhados.

— O disco está aqui? — indagou o doutor.

Não, não está. Mas Hans Castorp poderia ir buscá-lo.

— Isso não! — Krokowski rejeitou peremptoriamente essa ideia. Mas como? Será que Hans Castorp tentaria ir e voltar sem mais a fazer, procurar um objetivo e reencetar depois o trabalho interrompido? Nisso se demonstrava a sua inexperiência. Não, aquilo era impraticável. Tudo ficaria anulado, e seria preciso voltar ao ponto de partida. Também a exatidão científica dada nessas

idas e Yindas arbitrárias. Ele, o doutor, estaYa com a chaYe no bolso. Numa palaYra, se o disco não se achasse disponíYel, melhor seria... Ainda prosseguia Ialando Tuando o aparteuo o tcheco, do seu lugar ao pé do IonógraIo:

— O disco está aTui.

— ATui? — perguntou Hans Castorp...

Sim, aTui mesmo. Margarete, “Oração” de Valentin. Às ordens! Excepcionalmente, o disco tinha sido colocado no álbum das peças Iúteis, e não no álbum Verde número II, o das árias, onde deYia encontrar-se segundo sua categoria. Por acaso, excepcionalidade, desleixo ou Ieliz coincidência, ele Iora misturado com as bagatelas, de maneira Tue bastaYa colocá-lo no aparelho.

Que é Tue Hans Castorp dizia sobre isso? Nada. Foi o médico Tue disse: “Tanto melhor!”, e algumas pessoas repetiram suas palaYras. A agulha meteu-se a chiar, abaixou-se a tampa. E uma Yoz máscula começou a cantar, entre os acordes de um hino sacro: “Antes de deixar este lugar...”.

Ninguém IalaYa. Todos ouYiam. Com as primeiras notas cantadas, Elly reiniciara o seu trabalho. Sobressaltou-se; lançou gemidos; executou o moYimento de dar impulso à bomba, e tornou a leYar à testa as mãos úmidas, escorregadias. O disco continuaYa a girar. Veio a estroIe intermediária, com a

modificação do ritmo, o trecho Tue trataYa, de modo intrépido, pio, Irancês, de combates e

perigos. Concluído ele, seguiu-se o fim, a reprise do começo reIorçada pela orTuestra, de um retumbar poderoso: “Oh, Senhor dos Céus, acolhe minha súplica...”.

Hans Castorp estaYa ocupado com Elly. A rapariga corcoYeaYa, lutaYa por aspirar pela garganta angustiada. A seguir entrou em colapso, com um suspiro, e daí por diante permaneceu imóYel.

Hans Castorp, desassossegado, estaYa se curYando por cima dela, Tuando ouYiu a Yoz chorosa e pipilante da St ,hr, Tue disse:

— Ziem... ssen!

O MoYem não se aprumou. Sentiu na boca um sabor amargo. OuYiu uma outra Yoz proIunda e Iria, Tue replicaYa:

— Já Iaz tempo Tue o YeMo.

O disco chegara a seu fim. Perdera-se no ar o derradeiro acorde dos sopros. Mas ninguém Iez o aparelho parar. Chiando em Yão atraYés do silêncio, a agulha prosseguia a percorrer a parte central do disco. Então Hans Castorp leYantou a cabeça, e seus olhos, sem necessidade de procurar, tomaram a direção certa.

HaYia no aposento uma pessoa mais. Ali, a alguma distância do grupo, nos Iundos do gabinete, no ponto em Tue

os restos da luz vermelha tuase se confundiam com a escuridão, de modo que a vista mal alcançava até ele, ali entre o lado comprido da escrivaninha e o biombo, sentado na poltrona dos pacientes do médico, que Elly ocupara durante o intervalo, estava Joachim. Era Joachim, com as sombras das faces encoadadas e com a barba de guerreiro dos seus últimos dias, essa barba em meio à qual ressaltavam os lábios, cheios e altos. Recostava-se ao espaldar e tinha uma perna cruzada sobre a outra. Não obstante o abrigo da cabeça, que lhe obscurecia as feições, distinguia-se notadamente no seu rosto o cunho do sofrimento, bem como a sua expressão grave, austera, que lhe conferia tanta beleza física. Duas rugas sulcavam a testa entre os olhos fundados nas órbitas ossudas; mas isso não diminuía a brandura do olhar desses olhos belos, grandes, escuros, que se dirigiam, numa interrogação calma e amistosa, para Hans Castorp, e só para ele. Sua pequena aflição de tempos passados — as orelhas de abano — continuava perceptível sob o abrigo da cabeça, esse abrigo estranho que ninguém sabia explicar. O primo Joachim não estava à paisana. Um sabre, cujo punho segurava com as duas mãos, parecia encostado na coxa da perna cruzada. Na cintura podia-se distinguir um coldre. Mas a fíbula que trazia não era um verdadeiro uniforme. Nada nele era brilhante nem colorido. Era uma espécie de túnica, de gola arredada e com bolsos laterais. Na

parte inferior do peito achava-se uma cruz. Os pés de Joachim pareciam bastante grandes e as pernas, muito finas; estavam enroladas em grevas, o que lhes dava um aspecto desportivo antes de militar. E que significava a tampa do abrigo da cabeça? Tinha-se a impressão de que Joachim se cobrira com uma marmitta de soldado, com uma panela de cozinha que fixara sob o tecto por meio da Mugular. Mas, coisa estranha!, a tampa lhe emprestava ares antigos, de lã suada, e essa marcialidade assentava-lhe bem.

Hans Castorp sentiu nas mãos o hálito de Ellen Brand. A seu lado ouvia a respiração da Kleeberg, acelerada. Fora disso não se percebia som algum, a não ser o chiar incessante do disco, que ainda girava sob a agulha, e que ninguém se lembrou de parar. Não procurou com os olhos companheiro algum; não desejava vê-los nem saber deles. Obviamente, por cima das mãos e da cabeça de Elly, que jaziam sobre seus ombros, seu olhar atraía a obscuridade vermelha e fixava-se no visitante que se achava na poltrona. Durante um momento, seu estômago pareceu a ponto de revoltar-se. Sua garganta contraiu-se, fazendo-o soluçar convulsivamente quatro ou cinco vezes.

— Perdoe-me! — murmurou de si para si. Em seguida, seus olhos transbordaram de lágrimas, de modo que não enxergava mais.

Ouvia como murmurava:

— Dirima-lhe a palavra.

Ouviu a voz de barítono do dr. Krokowski, em tom solene e ao mesmo tempo moçal, pronunciar-lhe o nome e repetir a solicitação. Em vez de obedecer, Hans Castorp retirou as mãos de debaixo do rosto de Elly e se levantou.

No entanto o dr. Krokowski chamou-o pelo nome, agora em tom sério, de admoestação. Mas Hans Castorp já alcançara com poucos passos os degraus da porta de entrada e acendeu, numa manobra rápida, a luz branca do lustre.

Ellen Brand sobressaltou-se num choque violento. Torcia-se nos braços de Kleeberg. A poltrona estava vazia.

Hans Castorp aproximou-se de Krokowski, de pé, protestava. Quis falar, mas palavra alguma lhe saiu dos lábios. Imperioso, e com um gesto brusco da cabeça, estendeu a mão. Depois de receber a chave, moveu-se várias vezes em direção ao rosto do médico; então deu meia-volta e saiu do quarto.

A GRANDE IRRITAÇÃO

E os anos Ioram passando, um após outro, e assim começou a pairar algo de diferente sobre o Sanatório Bergho: um espírito, como Hans Castorp vagamente sentia, era o descendente direto do demônio cujo nome maligno Má citamos em outra ocasião. O MoYem estudara aTuele demônio com a curiosidade irresponsável de um Yiageiro em busca de Iormação e até descobrira, em sua própria alma, perigosas aptidões para desempenhar um papel importante no culto abominável Tuel todo o mundo lhe deYotaYa. Segundo sua índole, nosso herói não era feito para se entregar ao Yício Tuel a essa altura dos acontecimentos se pôs a grassar e Tuel, assim como o outro, antes só existira endemicamente ou em surtos espaçados. Contudo Hans Castorp notou, com espanto, Tuel bastaYa relaxar um pouquinho para Tuel, também ele, na sua fisionomia, nas suas palavras, no seu comportamento, sucumbisse a uma infecção à qual ninguém, nesse ambiente, conseguia subtrair-se.

Que estava acontecendo, afinal? Que havia no ar? Sanha de discórdia. Uma irritação aguda. Uma impaciência indizível. Um pendor geral para discussões venenosas, para acessos de raiva e mesmo para lutas corporais. Querelas ierozes, gritarias desenfileadas de parte a parte surgiam todos os dias entre indivíduos ou grupos inteiros, e o característico era Tuel aTueles

Tue não tomaYam parte nos conflitos, em Yez de se sentirem desgostosos diante da conduta dos respectiYos adYersários, ou de serYirem de pacificadores, Iaziam sim era simpatizar com a explosão de sentimentos e abandonar-se intimamente à mesma Yertigem. FicaYam pálidos ou estremeciam ao Yer uma cena desse tipo. Os olhos brilhaYam com agressiYidade, as bocas crispaYam-se de tanta paixão. Se alguém gritaYa, inYeMaYam-lhe o direito de gritar e de estar atiYo naTuele momento. O premente deseMo de imitar essa pessoa atormentaYa as almas e os corpos, e Tuem não tinha a Iorça necessária para reIugiar-se na solidão era irresistiyelmente arrastado pelo torYelinho. As brigas por motiYos Iúteis, as recriminações mútuas em presença das autoridades empenhadas em reconciliar os digladiadores, mas Tue caíam, elas próprias, e com espantosa Iacilidade, Yítimas do pendor geral a uma gritaria grosseira — tudo isso se tornaYa IreTuente no Sanatório BerghoI. Os Tue saíam de casa mais ou menos tranTuilos eram incapazes de preYer em Tue estado Yoltariam. Uma pensionista Tue tinha o seu lugar à mesa dos “russos distintos”, moça muito elegante da cidade proYinciana de Minsk, ainda MoYem e apenas leYemente enIerma — só lhe haYiam sido prescritos três meses —, desceu certo dia à Yila para comprar alguma coisa na loMa Irancesa de blusas. Ali teYe um atrito tão Yiolento com a modista Tue, ao regressar possuída da mais YiYa excitação, teYe uma Iorte

hemoptise: e tendo chegado a esse ponto, passara a ser incurável. Mandaram Yir o marido e inIormaram-no de Tue ela estaYa condenada a permanecer ali em cima para sempre.

Este é um exemplo do estado de espírito Tue se alastraYa. Muito a contragosto citaremos outros casos. Um ou outro leitor talYez se lembre ainda de certo colegial, ou ex- colegial, Tue usaYa óculos de aros redondos e comia à mesa da sra. Salomon, aTuele rapaz macilento Tue tinha o hábito de cortar toda a comida em pedaços, a ponto de obter uma espécie de picadinho, Tue então engolia Yorazmente, com os cotoYelos apoiados na mesa, interrompendo-se apenas para passar de Yez em Tuando o lenço por trás das lentes espessas. Assim fizera durante todo o tempo, continuando a ser um colegial, ou um ex-colegial, sempre abarrotando-se de comida e enxugando os olhos, sem dar motiYo para Tue, à sua pessoa, se prestasse atenção mais do Tue de Iorma passageira. Um belo dia, porém, durante o caIé da manhã, teYe, inopinadamente, sem mais nem menos, um ataTue de

cólera Tue causou escândalo geral e agitou o ambiente da sala de reIeições. OuYiu-se um barulho Tue partia do lugar onde se achaYa o rapaz. E ali estaYa ele, sentado, líYido, a gritar, dirigindo-se à anã Tue se encontraYa de pé a seu lado.

— É mentira sua! — gritou em Yoz esganiçada. — O chá está Irio! O chá Tue me trouxe está Irio como gelo. Não o Tuero! ProYe-o

Yocê mesma antes de mentir. Então Yai Yer Tue é uma água morna, usada, intragável para gente Tue se preze. Como é Tue se atreya a me serYir um chá gelado assim, como pode ter a ousadia de me oferecer essa porcaria morna na esperança de Tue eu a beba?! Eu não! Não tomarei isso! — YociIerou e meteu-se a esmurrar a mesa com ambos os punhos, de modo Tue a baixela tinia e dançaYa. — Eu Tuero é chá Tuente! Quero chá IerYendo. Tenho direito a isso, perante Deus e os homens! Não aceito este atui. E Iaço Tuestão de Tue me sirYam chá Tuentíssimo. Antes morrer agora mesmo do Tue tomar um só gole dessa... AleiMada maldita! — uiYou de repente, abandonando, por assim dizer, de golpe, os últimos restos de controle e aYançando com entusiasmo até os derradeiros limites da raiaYa. Ameaçou Emerentia com os punhos cerrados e mostrou-lhe literalmente os dentes cobertos de espuma. Prosseguiu dando murros na mesa, batendo o pé no chão e urrando atueles “Eu Tuero” ou “Eu não Tuero”, enquanto na sala se repetia o espetáculo de sempre. Uma simpatia Yeemente, de alta intensidade, estaYa sendo dedicada ao colegial raioYoso. Alguns pensionistas acabayam de se leYantar de um pulo. Enquanto contemplaYam o rapaz, também tinham, eles mesmos, os punhos cerrados, os dentes rilhando e os olhos chameMantes. Outros permaneciam sentados, pálidos, com os olhos baixos, sacudidos de tremor. E esse estado ainda persistia Tuando o colegial, completamente exausto, haYia muito se achaYa diante de uma xícara de chá noYo, sem tocar nela.

Que era isso?

Um homem entrou na comunidade do BerghoI, um trintão, antigo comerciante, Iebril desde muito tempo e Tue passaYa os anos indo de sanatório em sanatório. Era inimigo dos Mudeus, antissemita por princípio e por esporte; e o era com um Ianatismo soberbo. Essa atitude negatiYa constituía todo o seu orgulho e o conteúdo da sua Yida. Tinha sido comerciante; Má não o era, não era nada no mundo a não ser inimigo dos Mudeus. EstaYa graYemente enIermo; soIria de penosos ataTues de tosse; às Yezes daYa a impressão de espirrar pelos pulmões, um só espirro agudo, breYe, sinistro. Mas não era Mudeu, e isso é Tue nele haYia de positiYo. ChamaYa-se Wiedemann, tinha um nome cristão e não um nome impuro. Era assinante de uma reYista intitulada A Tocha Ariana, e dizia coisas como as seguintes:

— Hospedei-me no Sanatório X., em B... Estou a ponto de me instalar no alpendre de repouso, e Tuem é Tue YeMo na espreguiçadeira à minha esTuerda? O sr. Hirsch! E Tuem está deitado à direita? O sr. WolI! Claro Tue parti imediatamente... — E assim por diante.

“Logo Yocê!”, pensou Hans Castorp, cheio de aYersão, ao ouYir isso.

Wiedemann tinha um olhar rápido e insidioso muito característico. Literalmente, era como se andasse com uma borla suspensa

diante do nariz, em Tue craYasse os olhos com malícia, sem nada enxergar atrás dela. A ideia fixa e absurda Tue o acossaYa conYertera-se numa desconfiança pruriente, numa constante mania de perseguição, Tue o impelia a catar TualTuer impureza oculta ou disIarçada Tue porYentura existisse a seu redor e expô-la ao desprezo público. Fosse onde Iosse, remoTueaYa, suspeitaYa, detrataYa. Em suma, o Tue lhe absorYia os dias era a tareIa de leYar ao pelourinho todas as criaturas YiYas Tue não tiYessem aTuela Yantagem, a única Tue ele mesmo possuía.

As circunstâncias internas Tue estamos empenhados em descreYer agrayaram extraordinariamente a birra desse homem, e, como Iosse ineYitáYel Tue topasse também aTui

em cima com criaturas Tue padecessem do deIeito de Tue ele, Wiedemann, estaYa liYre, essas circunstâncias contribuíram para proYocar uma cena lamentáYel Tue Hans Castorp não pôde deixar de presenciar, e Tue nos oIerece mais um exemplo daTuilo Tue estamos explanando.

É Tue existia por ali um outro homem. Não haYia nada Tue desmascarar nele. O caso era claro. ChamaYa-se Sonnenschein, e como não se pudesse imaginar nome mais imundo, a pessoa de Sonnenschein IormaYa, desde o primeiro dia, a borla suspensa diante do nariz de Wiedemann, Tue este olhaYa de esguelha, com olhares rápidos e maliciosos; nessa borla ele batia com a mão, menos para

aIastá-la do Tue para Iazê-la balouçar, a fim de se irritar ainda mais com ela.

Sonnenschein tinha sido comerciante, tal Tual o outro. Também ele estaYa graYemente enIermo e distinguia-se por uma suscetibilidade doentia. Era homem amáYel, nada estúpido, de índole bem-humorada. Mas odiaYa Wiedemann, deYido àTuelas indiretas e batidas na borla; odiaYa-o cegamente. E certa tarde, todo mundo acudiu correndo ao Yestíbulo onde Wiedemann e Sonnenschein se engalfinhaYam de modo desregrado e bestial.

Era um espetáculo medonho, deploráYel. Os dois atracaYam-se como meninos, mas com o desespero de homens adultos Tue chegaram até esse ponto. ArranhaYam-se a cara; agarraYam-se pela garganta e pelo nariz, enTuanto se golpeaYam mutuamente; cingiam-se com os braços; reYolYiam-se pelo chão, com uma seriedade paYorosa, radical; cuspiam, daYam pontapés, puxões e socos, espumando de raiYa. O pessoal da administração, Tue acorreu às pressas, teYe muito trabalho em separar os Ierrenhos contendores, enlaçados um no outro. Wiedemann, babando e deitando sangue, com o rosto atoleimado de tanta cólera, tinha os cabelos eriçados. Hans Castorp nunca Yira tal coisa e pensaYa Tue aTuilo não acontecesse em realidade. E Ioi com os cabelos ainda eriçados Tue, em um

rompante, o sr. Wiedemann abandonou o recinto, enquanto o sr. Sonnenschein, com um dos olhos desaparecido sob uma mancha azul, e uma falha ensanguentada na coroa de cabelos pretos lhe rodeava a cabeça, era conduzido ao escritório, onde se sentou e chorou amargamente com o rosto enterrado entre as mãos.

Foi o que se deu entre Wiedemann e Sonnenschein. Todos os que haviam assistido a essa cena continuaram trêmulos durante horas a fio. Em confronto com tal miséria, é relativamente agradável falar de um autêntico episódio de honra, ocorrido no mesmo período, e que mereceu tal designação até às raias do ridículo, em vista da solenidade normal com que foi tratado. Hans Castorp não presenciou as diferentes fases do caso, mas informou-se sobre o seu curso complicado e dramático por meio de documentos, declarações e termos referentes à questão, cujas cópias eram difundidas na firma Bergholm, e também fora dele, não só em Danos, no cantão e no país, mas também no estrangeiro, inclusive na América, e remetidas mesmo a pessoas em quem essa história certamente não despertaria o menor interesse.

Era um assunto polonês, uma querela de honra originada num grupo de poloneses que recentemente se reunira no Bergholm. Era uma verdadeira colôniazinha que ocupava a mesa dos “russos distintos”. (Hans Castorp, diga-se de passagem, lá não tinha o seu lugar ali, mas passara, no decorrer do tempo, pelas mesas

da KleeIeld e da Salomon, indo parar na da srta. LeYi.) ATuela roda era de tal modo elegante, caYalheiresca e polida Tue o obserYador só podia arregalar os olhos e preparar-se intimamente para toda sorte de incidentes. HaYia lá um casal, bem como uma senhorita Tue mantinha relações amigáYeis com um dos caYalheiros. O resto do grupo era Iormado exclusiYamente por caYalheiros. ChamaYam-se de ZutaZski, Cieszynski, de Rosinski, Michael LodygoZski, Leo de Asarapetian etc. Ora, aconteceu Tue no restaurante do BerghoI um certo Japoll,

ao beber champanhe em companhia de dois outros caYalheiros, fizera com respeito à esposa do sr. de ZutaZski e à srta. KryloZ, amiga íntima do sr. LodygoZski, considerações Tue não cabe repetir. Disso resultaram as proYidências, os atos e as Iormalidades Tue constituíam o conteúdo das atas distribuídas e remetidas a todo mundo. Hans Castorp lia o seguinte:

“Declaração, traduzida do original polonês. — A 27 de março de 19.., o sr. StanislaY Yon ZutaZski dirigiu-se aos srs. dr. Antoni Cieszynski e SteIan Yon Rosinski, solicitando-lhes Tue Iossem, em seu nome, ter com o sr. Kasimir Japoll, para pedir-lhe, em conIormidade com o código de honra, satisIação pela ‘graYe oIensa e diIamação Tue o sr. Kasimir Japoll infligiu à sra. JadZiga Yon ZutaZski, sua esposa, por ocasião de uma conYersa com os srs. Janusz Teofil Lenart e Leo Yon Asarapetian’.

“Quando há poucos dias, por Yia indireta, o sr. de ZutaZski tomou conhecimento da reIerida conYersa, ocorrida em fins de noYembro do ano passado, Iez imediatamente o necessário para obter a mais absoluta certeza Tuanto aos Iatos e ao caráter da oIensa perpetrada. No dia de ontem a 27 de março de 19., a diIamação e a oIensa Ioram confirmadas pela boca do sr. Leo Yon Asarapetian, testemunha auricular da conYersa no decorrer da Tual Ioram pronunciadas as palaYras e insinuações oIensiYas. Em Yirtude disso, o sr. Von ZutaZski Yiu-se induzido a dirigir-se, sem perda de tempo, aos abaixo-assinados, a fim de confiar-lhes o mandato para instaurarem um processo contra o sr. Kasimir Japoll perante um tribunal de honra.

“Os abaixo-assinados Iazem a seguinte declaração:

“1) Considerando o termo laYrado por uma das partes no dia 9 de abril de 19.. em Lemberg, redigida contra o sr. Kasimir Japoll a pedido do sr. LadislaZ Goduleczny pelos srs. ZdzistaZ Zygulski e Tadeusz Kady; e considerando, outrossim, a declaração do tribunal de honra redigida em Lemberg acerca desse mesmo caso, aos 18 dias de Munho de 19., e estando os dois documentos em pleno acordo Tuanto ao Iato de Tue, ‘em Yirtude das suas reiteradas Ialtas às exigências

da honra, o sr. Kasimir Japoll não pode ser considerado um gentleman’,

“2) Os abaixo-assinados concluem do Tue se relatou acima, sob o pleno alcance dos acontecimentos, a absoluta impossibilidade de se considerar o sr. Kasimir Japoll capaz de dar satisfação de TualTuer espécie.

“3) No Tue se reIere à pessoa de si mesmos, os abaixo-assinados reputam inadmissíYel mediar ou tratar de Tuestões de honra relacionadas a um homem Tue se colocou Iora do conceito da honra.’

“Em Iace dessa situação, os abaixo-assinados chamam a atenção do sr. StanislaZ Yon ZutaZski para o Iato de ser inútil Tue ele deIenda seus próprios direitos contra o sr. Kasimir Japoll em um procedimento baseado na honra e aconselham-no a recorrer à Mustiça penal, a fim de eYitar Tue incidam noYos danos causados por uma personalidade tão incapaz de dar TualTuer satisfação, como é o caso do sr. Kasimir Japoll. — (Datado e assinado:) dr. Antoni Cieszynski, SteIan Yon Rosinski.”

Além disso, Hans Castorp teYe oportunidade de ler o seguinte:

“Ata

“das testemunhas do incidente haYido entre os srs. StanislaZ Yon ZutaZski e Michael LodygoZski, de um lado,

“e os srs. Kasimir Japoll e Janusz Teofil Lenart, do outro, no bar no Cassino de D., a 2 de abril de 19.., entre as 7h30 e as 7h45 da tarde.

“O sr. StanislaZ Yon ZutaZski, depois de refletir maduramente sobre as declarações feitas pelos seus representantes, os srs. dr. Antoni Cieszynski e SteIan Yon Rosinski, com referência ao caso do sr. Kasimir Japoll, chegou à conclusão de que a recomendada denúncia criminal contra o sr. Kasimir Japoll não lhe poderia dar plena satisfação pela gravidade e difamação de sua esposa

JadZiga, por que

“1) há muitas razões para temer que o sr. Kasimir Japoll no momento preciso deixe de comparecer perante o tribunal, e que sua perseguição ulterior se possa tornar não somente difícil, mas até impossível, dada a sua nacionalidade austríaca,

“2) como, ademais, uma condenação judicial do sr. Kasimir Japoll não poderia expiar a gravidade pela qual este senhor procurou alterar caluniosamente o nome e a estirpe do sr. StanislaZ Yon ZutaZski e de sua esposa JadZiga,

“o sr. StanislaZ de ZutaZski escolheu o caminho mais breve, que, segundo sua conclusão, é também o mais radical e, devido às circunstâncias, o mais oportuno, especialmente após ter recebido, por via indireta, a informação de que o

sr. Kasimir Japoll tencionava partir desta localidade no dia seguinte,

“e assim sendo, a 2 de abril de 19.., entre as 7h30 e as 7h45 da tarde, na companhia de sua esposa JadZiga e dos srs. Michael LodygoZski e Ignaz Yon Mellin, foi até o American Bar do Casino local, onde o sr. Kasimir Japoll consumia bebidas alcoólicas em companhia do sr. Janusz Teofil Lenart e de duas moças desconhecidas, e lá o esboiteou diversas vezes.

“Imediatamente depois, o sr. Michael LodygoZski esboiteou o sr. Kasimir Japoll, acrescentando que isso era a punição pelas graves ofensas infligidas à srta. KryloZ e a ele mesmo.

“A seguir, o sr. Michael LodygoZski esboiteou o sr. Janusz Teofil Lenart pelas insultuosas injúrias que ele impusera ao sr. e à sra. Von ZutaZski, até que logo a seguir,

“sem perda de um instante, também o sr. StanislaZ Yon ZutaZski esboiteou repetidas vezes o sr. Janusz Teofil Lenart, por ter manchado caluniosamente a honra de sua esposa e da srta. KryloZ.

“Durante todo esse procedimento os srs. Kasimir Japoll e Janusz Teofil Lenart permaneceram totalmente passivos.

(Datado e assinado:) Michael LodygoZski, Ign. Yon Mellin.”

O estado de espírito em Tue Hans Castorp se encontra não lhe permitia rir dessa ramada de bofetadas oficiais, como teria feito em outros tempos. Estremecia enquanto avançava na leitura; o pudor inatacável de uma página e a desonra e desprezível da outra, Tue os documentos patenteavam aos olhos do leitor, mostrando-lhe mais fundo de si, pela discrepância algo desalentada, mas também impressionante, Tue continham. O mesmo ocorreu a todo mundo. Onde Tue se fosse, eram estas pessoas Tue estudavam apaixonadamente e comentavam com os dentes a rilhar a Tuerela de honra dos poloneses. Um panfleto Tue continha uma réplica do sr. Kasimir Japoll arrebeceu os espíritos. Ele dizia Tue, tempos atrás, em Lemberg, alguns almeidinhas presunçosos o haviam declarado inapto a dar satisfações, e Tue Von ZutaZski tinha conhecimento desse fato, de maneira Tue todas as suas medidas, tomadas de inopino, tinham sido pura comédia, isto ele saber de antemão Tue não teria necessidade de se bater em duelo. Por outro lado Von ZutaZski renunciara a fazer Tuerixa contra ele, Japoll, unicamente por Tue sua esposa JadZiga, como ninguém ignorava, nem se Tue o próprio Von ZutaZski, o presenteara com uma verdadeira coleção de cornos, coisa Tue ele, Japoll, com a maior facilidade, poderia ter proído perante a Mustiça. Também com respeito à srta. KryloZ, uma citação em Muízo teria sido pouco honrosa para ela, dada sua conduta habitual. De resto, existiam provas da incapacidade de dar satisfação

somente no Tue se reIeria à pessoa do próprio Japoll, e não com respeito a seu interlocutor, Lenart; Von ZutaZski, porém, serYira-se de um pretexto para não correr perigo. Do papel Tue o sr. Asarapetian desempenhara em toda essa história nem era bom Ialar. E Tuanto àTuela cena do bar do Cassino, conYinha leYar em conta Tue ele, Japoll, embora mordaz e propenso a pilhérias, era homem muitíssimo débil; Von ZutaZski, por sua Yez, chegara acompanhado dos seus

amigos e da esposa, mulher de grande robustez, de modo Tue tinha a seu IaYor a superioridade Iísica. Ademais, as duas senhoritas Tue se encontraYam Munto com ele, Japoll, e Lenart, eram criaturas muito alegres, sim, mas medrosas como galinhas. Para eYitar um pugilato brutal e um escândalo público, ele mesmo rogara a Lenart, o Tual Má estaYa a ponto de reagir, Tue se mantiYesse tranTuilo e tolerasse, por amor de Deus, o contato passageiro e inconYencional com os srs. Von ZutaZski e LodygoZski, uma Yez Tue não haYeria dor, e os Yizinhos Mulgariam tratar-se de uma brincadeira de amigos.

Assim rezaYa o Iolheto de Japoll, Tue, naturalmente, encerraYa poucas possibilidades de saYar as aparências. Suas emendas não conseguiram anular senão superficialmente o belo contraste entre a honra e a coYardia Tue as declarações da outra parte acabaYam de estabelecer, tanto mais Tue ele, não dispondo dos meios de ampla diYulgação do partido de Von

ZutaZski, se limitaYa a espalhar pelo público algumas cópias datilograIadas da sua réplica. ATuelas atas Tue acabamos de transcreYer, por sua Yez, eram acessíYeis a todo mundo, sendo remetidas até a pessoas completamente desinteressadas, como, por exemplo, Naphta e Settembrini, Tue também as tinham recebido. Hans Castorp Yiu-as nas suas mãos e notou com surpresa Tue até eles as liam com fisionomias contraídas, singularmente arrebatadas. A zombaria alegre Tue ele mesmo, deYido à mentalidade Tue reinaYa no BerghoI, era incapaz de IorMar, esperara-a ao menos da parte do sr. Settembrini. Mas aTuela inIecção, Tue se alastraYa, e Tue Hans Castorp Yia grassar a seu redor, contagiara também o espírito claro do maçom com uma Iorça Tue lhe tiraYa a Yontade de rir e o tornaYa Iacilmente acessíYel à Iascinação proYocante da história das boIetadas; até ele, o homem da Yitalidade, andaYa deprimido em Iace do seu estado de saúde, Tue pioraYa de Iorma lenta mas inexoráYel, apenas com melhoras passageiras e ilusórias. O humanista

pragueMaYa contra essa miséria, tinha Yergonha e desdém de si próprio, e no entanto, Má por essa época, não podia eYitar acamar-se de Yez em Tuando.

Naphta, seu condômino e adYersário, tampouco ia melhor. A doença minaYa-lhe o interior do organismo: Mustamente ela, Tue haYia sido a causa Iísica — ou deYe-se dizer o pretexto? —

para que sua carreira na ordem tivesse um fim prematuro. As virtudes do ar rarefeito das alturas em que se elevava ali em cima não conseguiam deter o andamento do mal. Também ele tinha de ir para a cama com muita intensidade, e a sua voz soava mais rachada que nunca, cada vez que falava. E à medida que a febre aumentava, mais loquaz, mais penetrante e mais cáustico ele ficava. A sua oposição idealista à doença e à morte, com a derrota diante da superioridade esmagadora da natureza, incomodava tanto a si mesmo. Settembrini, tinha de ser alheia ao seu estado de saúde não consistia, por conseguinte, em mágoa e pesar, senão numa animação sarcástica, numa agressividade sem limite, numa necessidade maníaca de discutir, de negar, de criar controvérsias, que irritava muito a melancolia do italiano, e incitava cada vez mais as divergências intelectuais. Era claro que Hans Castorp só podia falar das discussões a que assistia. Mas o médico tinha a certeza de não haver perdido uma sessão, pois sua presença, ao tratar-se de um tema pedagógico, era indispensável para dar grandeza aos colégios. E, portanto não se pudesse poupar ao sr. Settembrini o desgosto de ver que Hans Castorp se interessava pelos ditos maliciosos de Naphta, era impossível admitir que estes ultrapassavam nos últimos tempos todas as medidas, e amiúde os próprios limites de um raciocínio sã.

Esse enIermo não tinha nem a Iorça nem a boa Yontade de se eleYar acima da doença, senão Tue Yia o mundo sob a imagem e o signo dela. Para desespero do sr. Settembrini, Tue gostaria de mandar para Iora do Tuarto o discípulo atento, ou de lhe tapar os ouYidos naTuele momento, Naphta declaraYa Tue a matéria era uma substância por demais imprestáYel para Tue o espírito pudesse completar-se numa habitação Tue se constituísse dela. EsIorçar-se por conseguir isso não passaYa de tolice. Em Tue daYa tal esIorço? Numa caricatura! O resultado prático da tão elogiada ReYolução Francesa era o Estado capitalista burguês — Tue belo presente! E alguns ainda esperaYam melhorá-lo tornando-o uniYersal... A república uniYersal traria a Ielicidade, pois sim! O progresso? Ah, aí se trataYa de um enIermo Tue muda de posição a todo momento porTue nisso espera encontrar alíYio. O deseMo inconIessado de Yer rebentar uma guerra, secreto, mas muito diIundido, era uma expressão dessa atitude. Ela não deixaria de Yir, essa guerra, e isso era bom, se bem Tue acarretasse eIeitos bem diIerentes daTueles Tue aguardaYam seus autores. Naphta menosprezaYa o Estado burguês, preocupado apenas com sua segurança. Veio a Ialar nisso num dia de outono, durante um passeio pela rua principal, Tuando começou a choYer e todo mundo de repente, como a uma ordem de comando, abriu os guarda-chuYas. ATuilo se lhe afiguraYa

como um símbolo da civilização e da civilização vulgar que a civilização produzia. Um incidente como o naufrágio do Yapor Titanic exercia um efeito atômico e toda via edificante. Depois todos reclamavam, aos brados, maior segurança dos meios de transporte. Em geral reina a mais violenta indignação sempre que a “segurança” se via ameaçada. Isso era miserável, e tal moleza humanitária forma uma harmonia curiosa com a crueldade perniciosa e bestial do campo de batalha econômica, que constituía o Estado burguês. Guerra, guerra! Ele, por si mesmo, era a guerra, e a impaciência geral por ela parecia-lhe honrosa.

Mas, quando o sr. Settembrini introduziu na conversa a palavra “Mustiça” e recomendou esse princípio sublime como meio preventivo contra catástrofes políticas, tanto externas como internas, evidenciou-se que o mesmo Naphta, que acabava de vulgar o espírito por demais elevado para que fosse possível e desmoralizadora sua encarnação numa forma terrena, punha agora em dúvida precisamente o espírito, e se empenhava em denegri-lo. Justiça? Era uma ideia digna de adoração? Uma ideia divina? Uma ideia de primeira categoria? Deus e a natureza eram inconstantes, tinham favoritos, selecionavam segundo as suas simpatias, concediam perigosas distinções a um e preparavam a outro uma sorte fácil e banal. E o homem dotado de vontade? Para ele, a Mustiça era, de

um lado, uma IraTueza paralisante, a dúYida em si, e do outro, uma IanIarra Tue o chamaYa para atos inescrupulosos. Desde Tue o homem, para manter-se dentro da esIera da moral, tinha de corrigir esta “Mustiça” por aTuela, onde ficaYam a incondicionalidade e o radicalismo da ideia? Ademais, era-se “Musto” para com um ou outro dos dois pontos de Yista. O resto não passaYa de liberalismo, e com isso não se arranMaYa mais nada, hoMe em dia. Numa palaYra, a Mustiça era um termo oco da retórica burguesa, e para chegar à ação era preciso saber de Tue Mustiça se trataYa — daTuela Tue deseMaYa conceder a cada um o Tue lhe pertencia, ou da outra, Tue Tueria dar parte igual a todos.

Escolhemos a esmo, das discussões sem fim, um exemplo para demonstrar a maneira como Naphta trabalhaYa por perturbar a razão. No entanto, era ainda pior o modo como IalaYa da ciência, na Tual não acreditaYa. Não tinha Ié na ciência, dizia, Yisto o homem ter plena liberdade de crer ou não crer nela. Essa era uma crença como TualTuer outra, apenas mais tola e mais preMudicial. A própria palaYra “ciência” era a expressão do mais estúpido realismo Tue não se enYergonhaYa de aceitar e gastar como moeda sonante os reflexos mais Tue duYidosos Tue os obMetos soIriam do intelecto humano, e de preparar com eles a mais lamentáYel e a mais insossa doutrina Tue Má se

impingiu à humanidade. Não constituía, porventura, o conceito de um mundo material existente por si só a mais ridícula de todas as autocontradições? Ora, a ciência natural moderna, como dogma, baseava-se exclusivamente no postulado metafísico, segundo o qual o tempo, o espaço e a causalidade (a saber: as formas de conhecimento dentro das quais se passam os fenômenos do mundo) eram condições reais, existentes independentemente do nosso conhecimento. Essa afirmação monista era o mais berrante desatino já pespegado ao espírito. Em linguagem monista, o tempo, o espaço e a causalidade chamavam-se evolução, e com isso estava-se à frente do dogma central da pseudoreligião irrepensadora e ateística, por meio da qual se tentava abolir o primeiro Livro de Moisés e opor a sabedoria esclarecedora a uma fábula estultificante, como se Haeckel tivesse estado presente no momento em que nascia a Terra. Empirismo? O éter universal era, acaso, exato? O átomo, essa graciosa brincadeira matemática em torno da “parcela menor e indivisível” — existia uma prova que o demonstrasse? A teoria do espaço e do tempo infinitos fundava-se certamente na experiência; ou talvez não? Com efeito, qualquer pessoa que soubesse pensar logicamente seria levada a experiências curiosas e a resultados divergentes com esse dogma do espaço e do tempo infinitos e reais; obteria precisamente o resultado: nada. Perceberia que o tal

realismo era genuíno niilismo. Por quê? Pela simples razão de ser zero a relação entre a grandeza e o infinito. No infinito não existia medida, e na eternidade não havia nem duração nem modificação. No espaço infinito onde todas as distâncias seriam matematicamente iguais a zero, não era possível conceber dois pontos situados um ao lado do outro, e ainda menos dois corpos, para não falar de um movimento. Ele, Naphta, ia a ponto de constatar isso, para contrariar o atrevido com a ciência materialista apresentava os disparates astronômicos e o seu palavrório iriçoso acerca do universo como se fossem conhecimentos absolutos. Coitada da humanidade que, em

face de uma exposição ostensiva de coisas vazias, deixou que lhe impingissem o sentimento da sua própria nulidade e admitiu que a prisassem do sentido patético da sua importância! Talvez fosse ainda tolerável que a razão e o conhecimento humanos se mantivessem dentro da esfera terrena e nesse terreno tratassem como reais as suas experiências na exploração do objetivo e do subjetivo. Mas quando ultrapassassem esses limites e estendessem a mão para o enigma eterno, dedicando-se à chamada cosmologia ou cosmogonia, iam a brincadeira um pouco longe, e sua presunção chegaria ao cúmulo do grotesco. Que absurdo blasfemo querer calcular a “distância” entre um astro e a Terra em trilhões de quilômetros ou também

em anos-luz e imaginar Tue por meio dessas mentiras matemáticas se pudesse abrir ao espírito humano a Yista para o infinito e o terreno, Tuando, em realidade, o infinito nada, absolutamente nada tinha Tue Yer com grandezas, e a eternidade, nada com a duração e com os lapsos de tempo. Pelo contrário, o infinito e a eternidade, longe de serem conceitos da ciência natural, representaYam Mustamente a abolição daTuilo Tue chamamos natureza. A ingenuidade de uma criança Tue tomasse as estrelas por buracos no dossel celeste, atraYés dos Tuais penetrasse a claridade eterna, lhe parecia mil Yezes preIeríYel a toda aTuela lenga-lenga oca, disparatada, presunçosa, Tue a ciência monista produzia com respeito ao “uniYerso”.

Settembrini perguntou se Naphta partilhaYa dessa crença Tuanto às estrelas, ao Tue o Mesuíta respondeu Tue se reserYaYa o direito da humildade e da liberdade do ceticismo. Essas palaYras daYam enseMo a mais para entreYer o Tue ele entendia por “liberdade”, e em Tue direção esse conceito podia leYar. Se ao menos o sr. Settembrini não tiYesse motivos para temer Tue Hans Castorp pudesse considerar tudo isso digno de atenção!

A malYadez de Naphta ficaYa à espreita de oportunidades para descobrir as IraTuezas do progresso dominador da natureza e para demonstrar Tue seus pioneiros e campeões soIriam recaídas muito humanas no irracional. Aeronautas,

Os viajadores, disse ele, eram na maioria uns indivíduos suspeitos, de pouco valor, e sobretudo muitíssimo supersticiosos. Costumavam levar consigo a bordo dos navios mascotes ou uma galinha, cuspiam três vezes em todas as direções e calçavam as luvas dos seus predecessores infelizes. Tal insensatez primitiva era, porventura, compatível com a concepção do mundo em que se alicerçava a sua profissão?... A contradição que Naphta acaba de revelar dá-lhe prazer, de maneira que insistia nessa tecla por muito tempo. Mas todos esses exemplos não são senão casos isolados do sem-número de ditos hostis feridos por Naphta. Abandonemo-los para contar fatos inelutavelmente muito reais.

Certa tarde de fevereiro, os cavalheiros se reuniram para uma excursão a Monstein, localidade situada a uma hora e meia de trem da sua morada habitual. O grupo era formado por Naphta, Settembrini, Hans Castorp, Ferge e Wehsal. Foram-se em dois trens, cada um tirado por um só cavalo. No primeiro embarcaram Hans Castorp e o humanista, no segundo, Naphta, Ferge e Wehsal, que se instalou na boleia, ao lado do cocheiro. Todos estavam bem agasalhados. Às três horas partiram do domicílio dos estrangeiros. Os guizos soavam simpaticamente através da paisagem silenciosa sob o manto de neve, enquanto os trens seguiam ao longo da encosta direita, passando por Frauenkirch e Glaris, rumo ao sul. Nuvens carregadas de neve

aproximava-se rapidamente, vindas dessa mesma direção, de modo que pouco depois desapareceu todo o azul do céu, sob uma estreita neblina atrás deles, por cima da cordilheira Rética. O frio era intenso. As montanhas estavam voltas em brumas. A estrada que percorriam, essa plataforma angusta, sem balaustrada, construída entre a parede e o abismo, subia uma vertente íngreme, coberta de abetos. Os cavalos avançavam a passo. Era comum verem a seu

encontro desportistas com trenós, deslizando pela encosta, que se iam obrigados a desmontar para lhes dar passagem. Por detrás das curvas guizos estranhos ressoavam em delicada cadência. Trenós puxados por dois cavalos atrelados um atrás do outro passavam por eles, sendo preciso então estivar-se com muita cautela. Perto do destino final da viagem descortinou-se uma linda vista sobre um trecho rochoso da estrada de Zügen. De frente ao pequeno hotel de Monstein, que se chama Kurhaus, desembrulharam-se dos cobertores e caminharam alguns passos para poder contemplar o “Stulsergrat”, a sudoeste. A gigantesca escarpa, de três mil metros de altura, estava escondida na bruma. Só se via em alguma parte um pico alto como o céu, superterreno, por assim dizer, recordando um longínquo Yalhala, sagrado e inacessível. Hans Castorp estava cheio de admiração por esse espetáculo e exortou os outros a partilhar com ele desse sentimento. Foi ele quem, tomado de

uma sensação de humildade, pronunciou a palavra “inacessível”, dando com isso ao sr. Settembrini uma oportunidade para observar que a Tulecume Má havia sido escalado. Era, aliás, uma coisa que tuase não existia mais, essa da inacessibilidade e dos lugares em que o homem ainda não houvesse posto o pé. Naphta retrucou que isso era um pouco exagerado e uma gabolice. E citou o monte EYerest, que por enquanto opunha uma negatividade glacial à arrogância dos homens e parecia querer obstinar-se nessa reserça. O humanista mostrou-se agastado. O grupo voltou ao Kurhaus, à frente do qual se achavam além dos seus próprios trenós mais alguns outros, desatrelados.

No primeiro andar havia quartos numerados, para hóspedes. Ali também ficava a sala de refeições, de aspecto rústico e bem aconchegada. Os excursionistas encarregaram a hoteleira solícita de lhes trazer uma pequena refeição: café, mel, pão branco e bolo de peras, a especialidade do lugar. Mandaram servir vinho tinto aos cocheiros. As outras mesas estavam ocupadas por turistas suíços e holandeses.

Teríamos imenso gosto em dizer que o café tuente, muito digno de elogios, houvesse originado uma conversa levada em torno da mesa dos nossos cinco amigos. Mas isso seria inexato, uma vez que essa conversa foi em realidade um solilóquio de Naphta, que a monopolizou depois de umas poucas palavras com que os

outros haviam contribuído; era um monólogo pronunciado de forma bastante estranha, censurável do ponto de vista das condições, pois o ex- Jesuíta dirigia-se apenas a Hans Castorp e o doutrinaava com muita amabilidade, ao passo que voltava as costas a seu outro vizinho, que era o sr. Settembrini, e também não prestava a menor atenção aos dois outros senhores.

Seria difícil definir qual era o tema das suas improvisações, que Hans Castorp acompanhava sacudindo a cabeça em sinal de meia aprovação. Não havia, em realidade, um assunto único. A palestra era livremente pela esfera do espírito, roçando isso e aquilo, empenhada, essencialmente, em demonstrar, de forma desanimadora, a ambiguidade dos fenômenos espirituais da vida, bem como a natureza irrisória e a debilidade combativa das grandes ideias derivadas deles. Esforçava-se por tornar evidente que o absoluto se apresentava neste mundo em roupas muitíssimo cambiantes.

A rigor se poderia dizer que a sua consciência se ocupava do problema da liberdade, que ele tratava com o propósito de gerar confusão. Entre outras coisas, mencionamos o Romantismo e a fascinante ambiguidade inerente a esse movimento europeu do início do século XIX, em que de fato iracundariam conceitos como “reação” ou “revolução”, a não ser que se unissem sob um conceito superior. Naturalmente era ridículo querer associar o conceito do “revolucionário” apenas ao progresso e

esclarecimento Yitorioso. O Romantismo europeu tinha sido, antes de mais nada, um movimento libertador, de carácter anticlassicista e antiacadêmico, dirigido contra o gosto da França antiga, contra a Velha escola da razão, cuMos paladinos eram

ricularizados como cabeças de perucas empoadas.

E Naphta Yeio a Ialar das Guerras de Libertação, de entusiasmos fichteanos, de leYantes populares delirantes e musicais contra uma tirania insuportáYel — num tempo em Tue, inIelizmente, rá, rá, rá, essas coisas todas haYiam encarnado a liberdade, Tuer dizer: as ideias da ReYolução. Que engraçado: cantando em alta Yoz, as pessoas insurgiram-se para esmagar a tirania reYolucionária Tue beneficiaYa a opressão reacionária dos príncipes; e isso tinha sido Ieito em nome da liberdade!

ATui o MoYem ouYinte por certo notará a diIerença, ou talYez a oposição, entre liberdade exterior e a interior — e ao mesmo tempo se conIrontará com a escabrosa Tuestão de saber Tue Iorma de serYidão é a mais ou a menos compatíYel, rá, rá, rá, com a honra de uma nação.

Em última análise, a liberdade seria antes um conceito do Romantismo e não tanto da Época das Luzes, prosseguiu Naphta; pois com aTuele ela tinha em comum o

entrelaçamento inextricável dos impulsos de expansão coletiva e do ensimesmamento apaixonadamente individualístico. A sede individualística de liberdade originara o culto histórico-romântico do nacional, que seria belicoso e tachado de sinistro pelo liberalismo humanitário, posto que ele mesmo nada fizesse senão pregar o individualismo, só que de maneira até certo ponto inversa. O individualismo seria romântico-medieval na sua concepção da importância infinita e cósmica do indivíduo; daí teriam resultado a doutrina da imortalidade da alma, a teoria geocêntrica e a astrologia. Por outro lado, o individualismo seria também um aspecto do humanismo de tendências liberais, que penderia para a anarquia e pretenderia, em todo caso, proteger o indivíduo contra o destino de ser imolado à coletividade. Um e outro aspecto eram individualismo, e esse termo serviria para muita coisa.

Mas devese admitir que o entusiasmo libertador tinha produzido os mais brilhantes adversários da liberdade, os mais engenhosos campeões do passado, no combate ao progresso impiamente destrutor. Naphta citou Arndt, que amaldiçoara o industrialismo e enaltecera a nobreza; mencionou também G. Herder, o autor da mística cristã. A mística, acaso, nada tinha que ver com a liberdade? Não fora ela antiescolástica, antidogmática, anticlerical? Embora fosse impossível considerar

a hierarTuia uma potência libertadora, desde Tue opusera um diTue à monarTuia absoluta... A mística da última Iase da Idade Média pusera à proYa o seu caráter liberal como precursora da ReIorma, sim, da ReIorma, rá, rá, rá, Tue por sua Yez haYia sido um amálgama indissolúYel de liberdade e reação medieYal...

Os Ieitos de Lutero... Ah, sim, esses Ieitos tinham o mérito de patentear com a mais crua nitidez a natureza dúbia do próprio Iazer, do Iazer em geral. O ouYinte de Naphta sabia o Tue era um Ieito? Um Ieito Iora, por exemplo, o assassinio do conselheiro de Estado Kotzebue pelo estudante Sand. Que Iora aTuilo Tue, para empregar a linguagem da criminologia, “pusera a arma na mão do MoYem Sand”? O entusiasmo pela liberdade, é claro. Mas, sob uma obserYação mais detida, iria perceber-se Tue não tinha sido esse entusiasmo o agente, senão Tue o Ianatismo moral e o ódio à estrangeirice IríYola. Kotzebue estaYa, afinal, a serYiço dos russos, isto é, a serYiço da Santa Aliança, de maneira Tue Sand talYez, apesar de tudo, tiYesse apunhalado... em prol da liberdade! Isso, no entanto, também parecia improYáYel, em Iace da circunstância de haYer Mesúitas entre os seus amigos mais íntimos. Em suma, Iosse o Tue Iosse um Ieito, ele era, em todo caso, um meio pouco adeTuado para expressar-se com clareza e contribuía pouco para resolYer os problemas espirituais.

— Posso me permitir a pergunta: o senhor tenciona terminar logo com essas suas indecências?

Quem fizera a pergunta Iora o sr. Settembrini, e num tom muito cortante. MantiYera-se Tuieto na sua cadeira, tamborilando na mesa e torcendo os bigodes. Mas aTuilo lhe encheu as medidas. Sua paciência estaYa esgotada. Empertigou-se numa posição mais Tue ereta, com o rosto empalidecido. Era como se, apesar de sentado, se colocasse nas pontas dos pés, de modo Tue apenas as coxas tocaYam o assento. Com os olhos brilhantes encaraYa o inimigo Tue acabaYa de Yoltar-se para ele com fingida surpresa.

— Como é Tue o senhor houYe por bem se expressar? —
soou a contestação de Naphta...

— Eu houYe por bem... — disse o italiano, engolindo em seco — ... eu hei por bem declarar Tue estou decidido a impedir Tue o senhor continue a importunar a MuYentude indeIesa com suas palaYras ambíguas!

— Meu senhor, conYido-o a Tue pondere suas palaYras!

— ReIuto tal conYite, meu senhor, ele é desnecessário. Estou acostumado a ponderar o Tue digo, e minha expressão corresponde exatamente às circunstâncias, Tuando afirmo Tue, per se, seu Meito de perturbar o espírito da MuYentude Má

Yacilante, de seduzi-la e de debilitar-lhe a moral é uma infâmia, e Tue palaYras Má não são rigorosas o bastante para reIreá-lo como conYém...

Ao pronunciar a palaYra “inIâmia”, Settembrini golpeou a mesa com a palma da mão. A seguir empurrou a cadeira para trás e leYantou-se, dando dessa Iorma aos outros o sinal para imitá-lo. As pessoas Tue se achaYam nas outras mesas obserYaYam a cena com perplexidade; eram os holandeses, Yisto os suíços Má terem partido.

Todos, pois, encontraYam-se de pé em atitude tensa, à Yolta de nossa mesa: Hans Castorp e os dois adYersários, e em Irente deles Ferge e Wehsal. Todos os cinco estaYam pálidos, com os olhos arregalados e as bocas crispadas. Não poderiam os três desinteressados ter Ieito uma tentatiYa para interYir num sentido conciliador, aIrouxando a tensão por meio de uma piada e arranMando tudo mediante um apelo humano? Não fizeram essa tentatiYa. Seu estado de espírito opunha-se a isso.

QuedaYam-se de pé, trêmulos, e,

sem Tuerer, seus punhos se IechaYam. O próprio A. K. Ferge, Tue declaradamente nada entendia de TuaisTuer coisas sublimes e de antemão renunciara a imaginar o alcance da Tuerela, também ele estaYa conYencido de Tue desta Yez não haYia lugar para transigências, e Tue as pessoas Tue presenciaYam a contenda, elas mesmas Iascinadas, nada podiam Iazer senão deixar as coisas

tomarem seu curso normal. Seu bigode hirsuto e bonachão subia e descia em movimentos rápidos.

ReinaYa completo silêncio, de Iorma Tue se podia ouYir como Naphta rangia os dentes. Isso representaYa para Hans Castorp uma experiência semelhante àTuela dos cabelos eriçados de Wiedemann. Pensara ele Tue “ranger os dentes” Iosse somente uma locução e não um Iato Tue se pudesse produzir. Mas, neste momento, o rangido realmente ressoaYa atraYés do silêncio, um ruído bastante desagradáYel, selYagem e Iantástico, Tue, no entanto, daYa a proYa de um IormidáYel domínio de si próprio; pois, longe de gritar, o Mesuíta disse em Yoz baixa, oIegante, apenas com uma Tuase risada:

— InIâmia? ReIrear? Será Tue os burros Yirtuosos se metem a dar coices? LeYamos a polícia pedagógica da ciYilização a desembainhar a espada? Eis o Tue chamo um êxito, para começo de conYersa... e um êxito Iácil de alcançar, como acrescento com desdém, pois uma zombariazinha leYe Má bastou para enIurecer e mobilizar a Yirtude Tue estaYa a postos! O resto, meu senhor, Yirá a seu tempo. InclusiYe o tal “reIreamento”, ah sim, este também! Espero Tue seus princípios sociais não o impeçam de saber o Tue me deYe, pois do contrário eu me Yeria Iorçado a pôr à proYa esses princípios com meios Tue...

Um gesto seYero do sr. Settembrini leYou-o a prosseguir:

— Ah, Má YeMo Tue isso não será necessário. Eu estou no seu caminho, o senhor está no meu. Muito bem, liTuidemos essa peTuena diIerença num lugar adeTuado. De momento só Tuero dizer uma coisa: o seu temor deYoto pela ideologia escolástica da reYolução Macobina Yê um crime pedagógico na minha maneira de induzir a MuYentude a duYidar, de derrubar as categorias e de priYar as ideias da dignidade acadêmica da Yirtude. Esse temor é por demais compreensível, pois sua humanidade saiu de moda, tenha certeza disso, saiu de moda, acabou-se! HoMe em dia Má não passa de um rabicho, uma sensaboria classicista, um ennui²⁵ espiritual Tue Iaz boceMar, e Tue a noYa reYolução, a nossa, senhor, está a ponto de abolir. Quando, na nossa Iunção de educadores, semeamos a dúYida, uma dúYida mais proIunda do Tue Mamais pôde imaginar o seu modesto espírito esclarecido, sabemos perIeitamente o Tue estamos Iazendo. É apenas do ceticismo radical, do caos moral, Tue nasce o absoluto, o terror sagrado de Tue carece o nosso tempo. Isso lhe digo para Mustificar-me e para instruí-lo. O resto pertence a um outro capítulo. O senhor terá notícias minhas.

— Estou ansioso por recebê-las, senhor! — gritou Settembrini por trás de Naphta, Tue, abandonando a mesa, se encaminhaYa ao cabide para apanhar seu casaco de pele. A seguir, o maçom deixou-se cair pesadamente na cadeira e apertou o coração com ambas as mãos.

— Distruttore! Cane arrabbiato! Bisogna ammazzarlo!²⁶ —

sibilou, arIando.

Os outros continuaYam de pé em torno da mesa. Os bigodes de Ferge prosseguiam subindo e descendo. Wehsal deixaYa pender obliTuamente a mandíbula inIerior. Hans Castorp arremedaYa o Meito do aYô Tuando escoraYa o Tueixo no colarinho, porTue sentia a nuca tremer. Todos estaYam pensando no inesperado desIecho da sua excursão. Todos, sem exceção do sr. Settembrini, pensaYam também na circunstância Ieliz de terem alugado dois trenós em Yez de um em comum, o Tue pelo menos IacilitaYa o regresso. Mas Tue haYeria depois?

— Ele proYocou o senhor para um duelo — disse Hans Castorp com o coração angustiado.

— Com eIeito — respondeu Settembrini, erguendo o olhar para o MoYem Tue se achaYa de pé à sua Irente. Mas logo o desYiou dele e descansou a cabeça na mão.

— O senhor aceita? — Tuis Wehsal saber.

— Que pergunta! — retrucou Settembrini, lançando também a ele um rápido olhar. — Senhores — continuou então, leYantando-se completamente controlado —, eu lastimo Tue o nosso passeio tenha chegado a este fim, mas, na Yida Tue

YiYemos, todo homem deYe andar preparado para essa espécie de incidentes. Teoricamente desaproYo o duelo. Por índole sou obediente à lei. Na prática, porém, o caso é diIerente, e existem situações em Tue... existiam contrastes Tue... Numa palaYra, estou à disposição desse caYalheiro. Ainda bem Tue na minha MuYentude pratiTuei um pouco de esgrima. Algumas horas de treino hão de me deYoYer a agilidade do punho. Vamos embora! A respeito de tudo o mais a gente se porá de acordo. Acho Tue aTuele senhor Má terá dado ordem para atrelar.

Durante o regresso e mais tarde, Hans Castorp teYe momentos em Tue se sentia tomado de Yertigens diante da monstruosidade daTuilo Tue tinham à sua Irente; sobretudo Tuando se maniIestou Tue Naphta não Tueria saber de floretes ou de sabres, senão insistia num duelo de pistola, e Tue realmente lhe cabia escolher as armas, Má Tue, segundo os conceitos do código de honra, era ele o oIendido. HouYe, pois, momentos em Tue o MoYem conseguiu, até certo ponto, libertar-se daTuele espírito Tue laYraYa no ambiente, enYoYendo e perturbando a todos, para então afirmar Tue aTuilo era rematada loucura e deYia ser eYitado.

— Se, pelo menos, houYesse uma oIensa real! — exclamou numa conYersa com os srs. Settembrini e Ferge, e com Wehsal, a Tuem Naphta, Má durante a Yiagem de Yolta, escolhera para padrinho e Tue serYia de intermediário entre as partes. — Um insulto de caráter meramente conYencional! Se o nome

honrado de um Iosse enxoYalhado pelo outro, se se tratasse de uma mulher ou de TualTuer

outro ponto Yital, de uma situação em Tue não se Yisse TualTuer outra possibilidade de compensação! Bem, num caso desses existe o duelo como último recurso. Depois, Tuando se laYou a honra, Tuando tudo terminou sem grandes danos e se Yerifica Tue “os adYersários se separaram reconciliados”, pode-se até opinar Tue se trata de uma boa instituição, de uma coisa salutar e prática em certos casos complicados. Mas Tue é Tue Naphta Iez, afinal? Não Tuero deIendê-lo, em absoluto. Pergunto apenas: Tue ele Iez para oIender o senhor? Derrubou categorias. PriYou, segundo sua própria expressão, as ideias de sua dignidade acadêmica. O senhor sentiu-se oIendido por isso. Com razão, Yamos admiti-lo...

— Admiti-lo? — repetiu o sr. Settembrini, encarando-o.

— Com razão, com razão! Ele oIendeu o senhor com isso. Mas não o insultou. Aí está a diIerença, permita-me Tue o diga! Trata-se de coisas abstratas, espirituais. Com coisas espirituais pode-se oIender, mas não insultar uma pessoa. Esse é um axioma Tue todos os tribunais de honra aceitariam, posso lhe garantir. E pelo mesmo motiYo não há tampouco um insulto naTuela resposta do senhor, em Tue Ialou de “inIâmia” e de “reIrear como conYém”, Má Tue também esses termos estaYam sendo empregados em sentido espiritual. Tudo se mantinha na esIera

espiritual e nada tinha Tue Yer com a esIera pessoal. O espiritual nunca pode ser pessoal; este é o complemento e a interpretação do axioma, e por isso...

— O senhor está enganado, caro amigo — replicou o sr. Settembrini com os olhos fechados. — Está enganado em primeiro lugar ao afirmar Tue o espiritual não pode assumir caráter pessoal. O senhor não deYeria pensar assim — continuou com um sorriso singularmente Irouxo e doloroso.

— Antes de tudo, porém, eTuiYoca-se na apreciação Tue Iaz do espírito em geral, Tue eYidentemente considera demasiado Iraco para proYocar conflitos e paixões de mesma intensidade como os Tue acarreta a Yida real, e Tue

não toleram outra solução exceto a luta armada.

All'incontro!27 O elemento abstrato, purificado, ideal, é ao mesmo tempo o absoluto, é o Tue há de realmente rigoroso e encerra em si possibilidades muito mais proIundas e mais radicais de ódio, de oposição irrestrita e irreconciliáYel, do Tue a Yida social. O senhor se admira ao Yer Tue o abstrato conduz, por caminhos mais diretos e mais inelutáYeis Tue a Yida social, à situação em Tue se trata de “ou Yocê ou eu: só um de nós dois”, à situação propriamente radical, a do duelo, da luta corporal? O duelo, meu amigo, não é uma “instituição” como TualTuer outra. É um último recurso, é a Yolta ao estado primeYo da natureza, leYemente suaYizada, apenas, por certo código caYalheiresco Tue

não deixa de ser superficial. O característico dessa situação é o seu cunho totalmente primitivo, a luta corporal, e cabe a todo homem, por mais que se distancie da natureza, manter-se preparado para essa emergência. Ela pode ocorrer a qualquer instante. Quem não é capaz de arriscar a vida, o braço, o sangue na defesa de um ideal não é digno dele. Em qualquer pese a nossa espiritualização, cumpre sermos homens.

Dessa forma, Hans Castorp recebera uma lição. Que se podia opor a isso? O Moisés permaneceu calado, meditando com o coração oprimido. As palavras do sr. Settembrini fingiam ser calmas e lógicas, e todas soavam estranhas, pouco naturais na sua boca. Esses pensamentos não eram seus, como tampouco agora ele tivera a ideia do duelo, senão a aceitara da mulher terrorista, que era o velho Naphta. Eram, sim, a expressão da mentalidade reinante em toda parte, e que se apossara também de Settembrini, reduzindo a sua bela inteligência ao papel de seu servo e instrumento. Mas como? O espírito, por ser rigoroso, deveria conduzir inexoravelmente à bestialidade, à solução encontrada por meio da luta corporal? Hans Castorp revoltou-se contra essa concepção, ou melhor, tentou revoltar-se; e, para maior espanto seu, verificou que também ele era incapaz de fazê-lo. Também no seu próprio íntimo ela se mostrava forte, essa mentalidade, e ele tampouco era talhado para distanciar-se dela. Daquela zona das

suas recordações onde Wiedemann e Sonnenschein, desnorteados, se reYolYiam numa contenda bestial, Yinha- lhe uma inspiração tremenda, definitiYa, e com horror Hans Castorp percebia Tue ao fim de todas as coisas não restaYam outros meios a não ser os do corpo, as unhas e dentes. Sim, sim, parecia necessário bater-se, porTuanto assim se podia garantir aTuela suaYização do estado primeYo por meio do código caYalheiresco... E o MoYem oIereceu ao sr. Settembrini seus serYiços como padrinho.

Sua oIerta Ioi reMeitada. Não, isso não conYinha, não podia ser, Ioi a resposta Tue recebeu, primeiramente do próprio sr. Settembrini com um sorriso macio e doloroso, e a seguir, após um momento de reflexão, também de Ferge e de Wehsal, Tue, sem Mustificar essa opinião, achaYam impossíYel Hans Castorp assistir ao duelo nessa Iunção. TalYez ele pudesse comparecer ao campo de luta como árbitro, pois a presença de uma pessoa com esse encargo estaYa preYista nas regras caYalheirescas, destinadas a suaYizar a bestialidade. O próprio Naphta, pela boca de Wehsal, seu representante em assuntos de honra, maniIestou-se nesse sentido, e Hans Castorp conIormou-se. Padrinho ou árbitro, Iosse o Tue Iosse, em todo caso teria uma oportunidade para exercer influência sobre as modalidades do combate, coisa Tue se mostrou amargamente necessária.

As propostas de Naphta ultrapassam todos os limites. Ele exigiu cinco passos de distância e três trocas de balas, no caso de se tornar preciso. Na noite mesma do incidente mandou transmitir essa loucura por Wehsal, que se identifica por completo com a tarefa de ser porta-voz e representante dos caprichos selvagens do Mesquita e se aterra a tais condições, ora porque recebera ordem de agir assim, ora porque correspondiam ao seu próprio gosto. Settembrini nada tinha a objetar, naturalmente, mas Ferge,

como seu padrinho, e Hans Castorp, com a imparcialidade do árbitro, mostraram-se indignados. Este chegou até a ralar com o miserável Wehsal. Perguntou-lhe se ele não tinha vergonha de trazer à baila essas sugestões desumanas e antipáticas, embora se tratasse de um duelo puramente convencional, sem base em qualquer insulto real. A exigência das pistolas Má era muito forte, mas esses pormenores sanguinários eram o cúmulo! Aí Má não se podia falar mais em espírito cavalheiresco. Por que não atira logo à tua roupa? Para Wehsal era fácil manter tamanha sede de sangue, porque não seria contra ele que se daria um tiro de cinco metros de distância. E assim por diante. Wehsal deu de ombros, indicando, sem dizer palavra, que se achava numa situação radical, e com isso desarmou seus oponentes, antes inclinados a esquecer que as coisas eram como eram. Mesmo assim, no decorrer das

negociações do dia seguinte, conseguiram reduzir as três trocas de tiros a uma única e chegar a um acordo na Tuestão da distância: os combatentes ficariam separados um do outro por Tuinze passos e teriam o direito de aYançar cinco passos antes de atirar. Mas também essa concessão não Ioi obtida senão pela promessa de Tue não se Iariam tentatiYas de reconciliação. Descobriram então Tue nenhum deles possuía pistolas.

O sr. Albin, porém, tinha algumas. Além do reYólYer peTueno e lustroso, com o Tual gostaYa de assustar as senhoras, dispunha ainda de um par gêmeo de pistolas de oficial, Iabricadas na Bélgica e guardadas num estoMo comum. Eram BroZnings automáticas com coronhas de madeira marrom, Tue continham os depósitos das balas, com um mecanismo de aço azulado e canos polidos, sobre cuMas bocas se achaYam as miras. Em outra ocasião, Hans Castorp Yira essas armas nas mãos do IanIarrão, e contra as suas próprias conYicções, por puro senso de imparcialidade, oIereceu-se para pedi-las emprestado. E assim Iez, não escondendo a finalidade em si, mas enYolYendo-a na aura

de segredo peculiar aos casos de honra, e inYocando, com pronto êxito, a discrição caYalheiresca do rapaz. O sr. Albin mesmo lhe ensinou como carregar as armas e disparou-as diYersas Yezes ao ar liYre, a título de experiência.

Tudo isso requereu tempo, e assim sucedeu que até a data do encontro transcorreram dois dias e três noites. O lugar do duelo tinha sido proposto por Hans Castorp: era a bela sítio pitoresco, que no verão se cobria de flores azuis, e onde o Moym costumava retirar-se para “reinar”. Era ali que, na terceira manhã após a desavença, se lidaria a pendência, logo que houvesse bastante luz. Somente na véspera, a altas horas da noite, ocorreu a Hans Castorp, que andava muito nervoso, ser necessário levar também um médico ao campo de luta.

Foi de imediato deliberar com Ferge sobre esse problema, cuja solução se apresentou bem difícil. Radamanto pertencera a um grêmio de estudantes que mantinha o código de duelo, mas parecia impossível pedir ao chefe do estabelecimento que desse seu apoio a uma tal ilegalidade, tanto mais que se tratava de pacientes seus. De modo geral, havia pouca esperança de encontrar em Danvers um médico que se dispusesse a assistir a um duelo a pistola entre dois homens gravemente enfermos. No que se referia a Krokowski, não se sabia ao certo se esse espírito refinado tinha muita prática na medicação de ferimentos.

Wehsal, igualmente consultado, declarou que Naphta não se opusera à presença de um médico, alegando que não ia ao lugar do duelo para ser ungido e enfaixado, mas para bater-se, e fazê-lo seriamente. Pouco lhe importava o que acontecesse depois. Isso ficaria para mais tarde. Embora essas palavras

parecessem sinistras, Hans Castorp esforçou-se por interpretá-las no sentido de que Naphta era intimamente de opinião de que não haveria necessidade de um médico. E também Settembrini não respondera, interpelado por Ferse, que achava melhor abandonar a ideia, uma vez que ela não era de seu interesse? Talvez não

fosse totalmente insensato esperar que os adversários, no fundo do coração, tivessem ambos a intenção de não causar derramamento de sangue. Havia dormido duas noites desde a tua rixa, e tinham à sua frente uma terceira. O tempo aclara o ambiente e arreioce os ânimos. Não há exaltação que resista à corrente das horas, sem sofrer alterações. Amanhã de madrugada, com a arma na mão, nenhum dos dois brigões seria o mesmo homem que fora na tarde do incidente. Agiriam automaticamente, sob o ditame da honra, e não por vaidade e espontânea vontade, como teriam feito se tivessem agido na própria ocasião; bastaria prevenir que uma negação do espírito atual viesse a beneficiar o que ele havia sido antes!

Hans Castorp não se enganava nessas suas reflexões — só de um modo como ele jamais teria imaginado. Ele tinha até toda a razão no que tocava ao sr. Settembrini. Porém, se houvesse apenas intuído em que sentido Leo Naphta modificaria seus desígnios até o momento decisivo, ou exatamente naquele momento, então mesmo as circunstâncias mais íntimas das tuas

Atuilo tudo decorria não lhe teriam permitido consentir o Tue estaYa por ocorrer.

Às sete horas da manhã, o sol estaYa longe de surgir atrás da sua montanha, mas o dia raiaYa penosamente por entre as brumas; Hans Castorp, após uma noite inTuieta, saía da Firma BerghoI, a fim de se encaminhar ao lugar do encontro. As criadas Tue limpaYam o Vestíbulo olharam-no com surpresa. No entanto achou aberto o portão principal. Ferge e Wehsal, Muntos ou separadamente, Má o tinham transposto, um para guiar Settembrini e o outro para acompanhar Naphta ao campo de combate. Hans Castorp ia sozinho, Yisto a sua Iunção de árbitro não lhe permitir associar-se a nenhuma das partes.

Ia maTuinalmente, sob a coação da honra, Iorçado pelas circunstâncias. Era natural e necessário Tue ele assistisse ao duelo. Seria impossíYel manter-se aIastado e aguardar o resultado na cama, em primeiro lugar porTue... Mas o MoYem, em Yez de desenYolYer o primeiro motiYo, logo acrescentou o segundo: não se deYia deixar Tue as coisas chegassem a seu termo. Por enTuanto não acontecera nada de graYe, graças a Deus, e não era ineYitáYel, era até mesmo inYerossímil Tue algo de graYe acontecesse. TiYeram Tue se leYantar com luz artificial e sair sem ter tomado caIé, para reunir-se ao ar líYre no Irio cortante da madrugada, Má Tue haYia sido combinado assim. Mas Hans Castorp pensaYa Tue

depois, sob o influxo da sua própria presença, embora não soubesse de que modo, tudo tomaria rumos mais IaYoráveis e menos tristes; e que era melhor não Tuerer adiYinhar como isso aconteceria, porTanto a experiência ensinaYa que mesmo os acontecimentos mais simples sempre transcorrem de Iorma diferente daTua antecipada pela imaginação.

Ainda assim, era a manhã mais desagradável de todas dentre aTua de que se recordaYa. Hans Castorp sentia-se lasso e tresnoitado; seus dentes tendiam a bater nerYosamente. Não precisaYa intuir seu íntimo para desconfiar dos pensamentos com que acabaYa de se tranTulizar. Os tempos que corriam eram tão inYulgares... A senhora de Minsk, arruinada pela cólera, o colega enIurecido, Wiedemann e Sonnenschein, a história das boIetadas polonesas — tudo isso se reYolYia conIusamente no seu cérebro. Não podia imaginar que à sua Irente, na sua presença, dois homens Iossem trocar tiros e derramar o sangue um do outro. Mas quando se lembraYa do que, ante os seus olhos, ocorrera entre Wiedemann e Sonnenschein, desconfiaYa de si próprio e do seu mundo e arre piaYa-se sob o casaTuinho Iorrado de peles, não obstante a sensação que nutria ante o extraordinário e o patético do momento, que o exaltaYa e animaYa, da mesma Iorma que os elementos YiYificadores do ar da manhã.

Tomado de sentimentos contraditórios, Tue YariaYam a cada instante, o MoYem saía do “YilareMo” atraYés do lusco- Iusco Tue lentamente se aclaraYa. Partindo do fim da pista de trenó, galgaYa a encosta, subindo por uma Yereda muito estreita. Alcançou o bosTue oculto por espessa camada de neYe. AtraYessou as pontes de madeira, por baixo das Tuais se estendia a pista, e aYançou, por entre as árYores, num caminho aberto pelos pés dos transeuntes, mais Tue pelas pás. Como caminhasse rápido, passou depois de pouco tempo por Settembrini e Ferge. Este leYaYa a caixa de pistolas sob a ampla capa. Hans Castorp não Yacilou em unir-se a eles. Mal chegara a seu lado, deparou com Naphta e Wehsal, Tue se achaYam a pouca distância na Irente.

— Que manhã Iria! Menos dezoito graus — disse na melhor das intenções, mas, assustando-se ele mesmo com a IriYolidade de suas palaYras, acrescentou: — Senhores, estou conYencido...

Os outros permaneceram silenciosos. Os bigodes MoYiais de Ferge subiam e desciam. Alguns segundos após Settembrini estacou e, tomando a mão de Hans Castorp entre as suas, disse:

— Meu amigo, eu não matarei. Não Iarei isso. Vou me expor à bala dele. É tudo o Tue a honra pode exigir de mim. Mas eu não matarei, fiTue sossegado!

Soltou a mão do MoYem e prosseguiu o caminho. Hans Castorp estava profundamente emocionado, mas, depois de alguns passos, obMetou:

— Acho maraYilhoso da sua parte, sr. Settembrini, mas... Se ele, da sua parte...

O sr. Settembrini limitou-se a menear a cabeça. Hans Castorp, ponderando Tue, Tuando um não atiraYa, o outro de modo algum poderia atreYer-se a Iazê-lo, chegou à conclusão de Tue os auspícios eram Ielizes e suas esperanças começaYam a confirmar-se. Sentiu-se grandemente aliYiado.

Transpuseram a passadeira Tue cruzaYa a raYina, onde no Yerão caía a cachoeira pitoresca, Tue nessa época do ano estaYa congelada e muda. Naphta e Wehsal iam de cá para lá, pela neYe, diante do banco escondido sob espessa

camada branca. Era o mesmo banco em Tue Hans Castorp, certa Yez, se Yira acossado por recordações singularmente YiYas, enTuanto esperaYa o fim de uma hemorragia do nariz.

Naphta IumaYa um cigarro, e Hans Castorp perguntou a si mesmo se não sentia Yontade de imitá-lo, mas Yerificou Tue absolutamente não estaYa disposto a Iazê-lo e deduziu disso Tue a atitude do outro tinha um Iundo de aIetação. Com a sensação de agrado Tue sempre o inYadia ali, contemplou a intimidade Iria desse lugar Tue lhe pertencia e não era menos Iormoso sob

o aspecto glacial do Tule na época em que aparecia inundado de flores azuis. O tronco e a ramagem do pinheiro, que formava uma linha diagonal através do quadro, dobravam-se sob a carga de neve.

— Bom dia! — exclamou o Moym com voz alegre, inspirado pelo desejo de introduzir no ambiente, desde o começo, um tom natural, destinado a dissipar as nevagens. Mas teve pouca sorte com essa intenção, pois ninguém respondeu. As saudações trocadas consistiam em reverências mudas, tão cerimoniais que se tornavam quase imperceptíveis. Mesmo assim, Hans Castorp continuou decidido a lançar mão, sem demora, da emoção inicial, do aceleramento cordial da sua respiração, do calor originado pela caminhada rápida através da manhã de inverno, e a aproveitá-los em prol da finalidade boa. Por isso começou dizendo:

— Senhores, estou convencido...

— O senhor tratará das suas condições em outra oportunidade — Naphta atalhou-lhe iriamente a palavra. — As armas, por favor — acrescentou com a mesma arrogância. E Hans Castorp, como que se tivesse levado um tapa na boca, teve de ver Ferge tirar o estofo lateral de sob a capa. Wehsal, que se aproximara dele, recebeu das suas mãos uma das pistolas, a fim de passá-la a Naphta. A seguir, Ferge entregou

a outra a Settembrini. Feito isso, pediu em Yoz baixa Tue desembaraçassem o lugar e pôs-se

a medir a passos o terreno e a marcar a distância. Riscou na neYe os limites externos com o tacão e assinalou as barreiras internas com duas bengalas, a sua e a de Settembrini.

Que Iazia ali o soIredor bonachão? Hans Castorp mal podia dar crédito a seus olhos. Ferge tinha as pernas compridas e daYa largas passadas, de maneira Tue os Tuinze passos resultaram numa extensão consideráYel. Mas haYia ainda as malditas barreiras Tue realmente não distaYam muito uma da outra. Sem dúYida, Ferge estaYa bem-intencionado. E todaYia... Que perturbação o IorçaYa a dedicar-se a esses preparatiYos monstruosos?

Naphta atirara na neYe a peliça, de modo Tue se Yia o Iorro de pele de marta do Canadá. Com a pistola na mão, pôs o pé numa das marcações externas, logo Tue esta Ioi traçada, enTuanto Ferge ainda trataYa das demais. Quando terminou, também Settembrini, com a MaTueta surrada, amplamente aberta, ocupou sua posição. Hans Castorp despertou da sua letargia e apressadamente tornou a aYançar.

— Senhores — disse em Yoz opressa —, não se precipitem! Apesar de tudo é do meu deYer...

— Cale-se! — gritou Naphta em tom imperioso. — ExiMo o sinal.

Mas ninguém da Ya o sinal. Ha Yam estuecido de se pôr de acordo sobre esse ponto. Era lógico que alguém ordenasse: “Fogo!”, mas não tinham pensado, ou pelo menos não tinham declarado que caberia ao árbitro pronunciar o comando terrível. Hans Castorp permaneceu silencioso, e ninguém fez menção de substituí-lo.

— Vamos começar! — declarou Naphta. — A Yance, meu senhor, e atire! — gritou ao adversário, e começou a avançar ele mesmo, com o braço estendido, apontando a pistola para o peito de Settembrini: uma visão inexpressível. Settembrini fez o mesmo. Ao terceiro passo (o outro, sem disparar, já alcançara a barreira), levantou a pistola muito

alto e apertou o gatilho. A detonação provocou um eco múltiplo. As montanhas repercutiram o som sucessivas vezes, o barulho encheu o vale, e Hans Castorp pensou que os habitantes iriam aglomerar-se.

— O senhor atirou para o ar — disse Naphta com autocontrole, enquanto baixava a arma.

Settembrini replicou:

— Eu atiro como tu.

— Atire o senhor no Yamente!

— Nem penso nisso. Agora é sua vez. — O sr. Settembrini, de cabeça erguida e olhando o céu, colocara-se de lado, não expondo o peito em cheio ao outro, o que era comovente de se ver. Evidentemente alguém o aconselhara a não oferecer ao adversário toda a largura do corpo, e ele se inspirava por essa advertência.

— Corde! — bradou Naphta, e com esse grito de humanidade admitiu que era preciso maior coragem para atirar do que para servir de alvo; então levantou a pistola de um modo que nada mais tinha a ver com um combate, e descarregou-a na própria cabeça.

Que visão trágica, inescusável! Enquanto as montanhas lançavam o ruído agudo de seu crime de lá para cá, como a bola em um jogo, Naphta cambaleou ou tombou alguns passos atrás, arremessando as pernas para o alto, descrevendo de repente uma meia-volta à direita, e caindo com o rosto na neve.

Todos permaneceram imóveis durante um momento.

Settembrini, depois de lançar a pistola longe de si, foi o primeiro a aproximar-se de Naphta.

— Inelice! — exclamou. — Che cosa hai per l'amor di Dio?

28

Hans Castorp mudou-o a virar o corpo. Viram o buraco vermelho escuro, ao lado da têmpora. E viram um rosto que seria

melhor cobrir com o lenço de seda; um lenço, cuMa ponta, uma delas, surgia do bolso de Naphta, na altura do peito.

O TROVÃO

Sete anos Hans Castorp passou com a gente aTui em cima

— não é um número redondo ao gosto dos partidários do sistema decimal, mas um número bom, prático à sua maneira, um lapso de tempo mítico-pitoresco, pode-se dizer, e mais satisfatório para a alma Tue, por exemplo, uma árida meia dúzia. Ele comera em todas as sete mesas da sala de refeições, aproximadamente um ano em cada lugar. Por último achava-se à mesa dos “russos ordinários”, junto com dois armênios, dois finlandeses, um búlgaro e um curdo. Achava-se ali, arvorando uma barba que Tue deixara crescer nesse meio-tempo, um cachimbo velho como o trigo, de forma indefinida, cuja existência devemos considerar a expressão de certa indiferença filosófica quanto à sua aparência exterior. Temos que ir até mais longe, relacionando a ideia de uma tendência particular para descuidar-se de si próprio com uma tendência análoga que o mundo exterior mantém com relação a ele. As autoridades haviam cessado de insistir nas diatribes para sua pessoa. Verdade é que o conselheiro continuava a perguntar-lhe todas as manhãs se havia dormido bem. Mas, exceção feita dessa pergunta retórica, de caráter coletivo, só raras vezes lhe dirigia a palavra, e Adriática von Mylendonk (na época de que tratamos, ela andava com um

terço totalmente maduro) Má não IalaYa com ele seTuer de Yez em Tuando. DeixaYam-no em paz, mais ou menos como se Iaz com um aluno Tue goza do estado singularmente Ieliz de Má não ser submetido a exames nem ter Tue Iazer TualTuer outra coisa, porTue reproYar é um Iato consumado e ninguém mais se preocupa com ele — um tipo orgiástico de liberdade, digamos de passagem, perguntando-nos se a liberdade pode ter outra natureza senão Mustamente esta. Fosse como Iosse, Hans Castorp constituía um caso pelo Tual as autoridades Má não precisariam Yelar, Yisto ser certo Tue no seu peito nunca mais eYoluiriam decisões indisciplinadas, subYersiYas. Era um paciente garantido, definitiYo, Tue desde muito tempo cessara de saber para onde mais poderia ir e se tornara completamente incapaz de seTuer Yentilar a ideia do regresso à planície... Não se demonstraYa um certo descuido com respeito à sua pessoa no simples Iato de o terem transIerido para a mesa dos “russos ordinários”? Com isso, por IaYor, não se Tuer dizer coisa alguma, nada mesmo, contra a assim chamada mesa dos “russos ordinários”! Não haYia entre as sete mesas Yantagens nem desYantagens maniIestas. Era uma democracia de mesas de honra, para empregar uma metáIora audaciosa. A mesma comida superabundante era serYida nessa mesa como em todas as demais; às Yezes, conIorme o turno, o próprio Radamanto MantaYa ali com suas manzorras gigantescas diante do

prato, e os poYos Tue tomaYam as reIeições em torno dela eram honrados membros da humanidade, se bem Tue não entendessem latim e não comessem com gestos tão elegantes assim.

O tempo, mas não aTuele Tue marcam os relógios de estações de trem, cuMo ponteiro grande dá saltos bruscos, de cinco em cinco minutos, senão o indicado por relógios peTueninos, cuMo moYimento de agulhas permanece imperceptíYel, ou o Tue a relYa leYa para crescer, sem Tue olho algum perceba, como se ela o fizesse em segredo, até Tue um belo dia se torna Iato eYidente; o tempo, uma linha composta de um sem-número de pontos sem extensão (e aTui o malogrado Naphta proYaYelmente perguntaria como é Tue coisas desproYidas de extensão conseguem produzir uma linha): ora, o tempo, à sua maneira silenciosa, imperceptíYel, secreta e contudo atiYa, continuara a presentificar transIormações. O menino Teddy, para citar apenas um exemplo, deixara um dia — o Tue, naturalmente, não significa um dia determinado, senão uma época cuMo começo é Yago — de ser menino. As senhoras Má não

podiam sentá-lo no colo, nas ocasiões em Tue se leYantaYa, trocaYa o piMama por uma roupa esporte e descia para ir ao encontro delas. ImperceptiYelmente Yirara-se uma página; agora era ele Tuem as sentaYa em seu colo, e isso produzia o mesmo prazer a ambas as partes, talYez ainda mais Tue antes. Ele —

não Yamos dizer Tue desabrochara — mas espigara para se tornar mancebo: Hans Castorp não enxergara, mas então enxergou. A propósito, nem tempo nem espigamento trouxeram proYeito ao mancebo Teddy, Tue não era talhado para isso. A temporalidade não lhe Iez bem... e aos Yinte e um anos morreu da enIermidade para a Tual se mostrara predisposto, e seu Quarto Ioi desinIetado. Contamos a sua história com Yoz calma, Má Tue não houYe grande diIerença entre seu noYo estado e o de até então.

Mas houYe óbitos de maior peso, óbitos na planície, Tue interessaYam mais ao nosso herói ou, ao menos, o teriam Ieito em outras épocas. Pensamos no passamento recente do Yelho cônsul Tienappel, tio-aYô e pai de criação de Hans, de remota lembrança. Ele tiYera o máximo cuidado com eYitar expor-se a condições atmosIéricas pouco saudáYeis e deixara ao tio James o papel de soIrer essa Yexação; mas não lograra esTuiYar-se para sempre à apoplexia, e a notícia do seu finamento, transmitida num telegrama lacônico, mas redigido em termos delicados e cautelosos — mais em consideração ao deIunto Tue ao destinatário da mensagem

—, subiu um belo dia até a excelente espreguiçadeira de Hans Castorp. E este, depois de recebê-la, comprou papel tarMado de preto e escreYeiu aos tios-primos Tue ele, órIão de pai e mãe, e considerando-se agora órIão pela terceira Yez, sentia-se ainda

mais aflito porTue as circunstâncias não lhe permitiam e até mesmo lhe YedaYam interromper a estada nessas alturas para acompanhar o tio-aYô à última morada.

Falar em luto seria exagerar as coisas, mas os olhos de Hans Castorp, naTueles dias, reYelaYam expressão mais pensatiYa Tue a usual. Essa morte, cuMo eIeito sentimental

em época alguma teria sido grande e pelos aYenturosos anos de separação Tuase chegara a ser nulo, significaYa, sem embargo, a ruptura de mais um laço, de mais uma relação Tue o ligaYa à esIera lá de baixo e completaYa o Tue Hans Castorp chamaYa, com razão, de liberdade. Com eIeito, nessa Iase final a Tue nos reIerimos, Má estaYa totalmente suspenso TualTuer contato entre ele e a planície. Não escreYia cartas nem as recebia. Já não mandaYa Yir os Maria Mancini. Encontrara aTui em cima uma marca Tue lhe agradaYa, e à Tual dedicara a mesma fidelidade Tue à amiga de tempos passados: o produto teria aMudado um explorador polar a suportar as piores priYações no gelo eterno, e, dispondo dele, podia-se ficar estendido como Tue à beira do mar e aguentar tudo Tuanto sucedesse, pois se trataYa de um charuto especialmente bem-acabado, de nome “RütlichZur”, um pouco mais atarracado Tue o Maria, de cor cinzenta como a de um camundongo, anel azulado em torno, caráter muito dócil e suaYe; ao consumir-se, conYertia-se em cinza branca como a neYe, e guardaYa a Iorma, de modo a se

Yerem nela as nerYuras do inYólucro; consumia-se com tamanha regularidade Tue o Iumante podia serYir-se do charuto em lugar de uma ampulheta, o Tue ele realmente Iazia, conIorme a necessidade, pois deixara de usar o relógio de algibeira. EstaYa parado, pois certo dia caíra da mesinha de cabeceira, e ele não tratara de mandar consertá-lo para Tue reassumissem sua cadenciada marcha circular, pela mesma razão por Tue haYia muito renunciara a recorrer a calendários, Tuer os de arrancar Iolhinhas, Tuer os de inIormar-se de antemão sobre Tuando caíam os dias e as Iestas: era em razão da “liberdade” Tue o Iazia, em homenagem ao “passeio pela praia”, a esse constante “sempiterno”, essa magia hermética para a Tual o MoYem arrebatado a essas alturas se mostrara predisposto e Tue constituíra a aYentura Iundamental de seu espírito, aTuela em Tue se haYiam desenrolado todas as aYenturas

aITuimísticas dessa matéria singela.

Assim ele permanecia, e assim, no alto Yerão, época de sua chegada, Yoltou a Iechar-se sobre si mesmo pela sétima Yez — sem Tue ele soubesse — o ciclo de um ano.

Então houYe o estrondo...

Mas a reserYa e o pudor impedem-nos de narrar de boca cheia o Tue Ioi Tue ressoou e sucedeu. Justamente aTui não cabem

braYatas nem IanIarrices! ConYém enunciar com Yoz comedida Tue estrondeou o troYão de Tue todos temos ciência, essa detonação ensurdecadora da mistura sinistra de tédio e irritação há muito acumulados: um troYão histórico, diga-se com discreta reYerência, Tue abalou os alicerces da Terra; e o troYão Tue, para nós, porém, Iaz explodir a montanha mágica e lança ante seus portões, insuaYemente, o nosso dorminhoco. EstupeIato ele se Yê sentado na relYa e esIrega os olhos, como um homem Tue, em Tue pesem numerosas admoestações, se omitiu de ler os Mornais.

Seu amigo e mentor do Mediterrâneo sempre procurara remediar tal coisa e tomara para si a tareIa de inIormar o filho enIermiço de seu empenho pedagógico, ao menos em linhas gerais, a respeito dos eYentos lá embaixo; mas encontrara ouYidos moucos por parte de um discípulo Tue, ao reinar, chegara a sonhar com esse ou aTuele aspecto das sombras espirituais das coisas, mas Tue não se preocupara com as coisas em si mesmas, e isso em razão de uma tendência arrogante a tomar as sombras pelas coisas e a Yer, nas coisas, apenas sombras — o Tue nem seTuer autoriza TualTuer um a censurá-lo com seYeridade, Yisto a relação entre sombras e coisas não estar esclarecida em definitiYo.

Outrora, o sr. Settembrini enchia o ambiente de repentina clareza, sentaYa-se à beira da cama do MoYem e empenhaYa-se

em exercer sobre ele uma influência corretiva em assuntos da vida e da morte. Agora Má não era assim. Agora era Hans Castorp quem sentava, com as mãos

entre os Moelhos, à beira da cama do humanista, no pequeno cubículo, ou ao pé do divã onde Settembrini repousava de dia, no simpático gabinete do sótão, com as cadeiras do carbonário e a garrafa d'água. Fazia companhia ao italiano e escutava atento e gentil seus comentários sobre a situação mundial. Há iam se tornando raras as ocasiões em que o sr. Loder se achava em pé. Para a natureza sensível do humanista, o fim cruento de Naphta, a tuela Iaçanha terrorista do disputante sagaz e desesperado, tinha sido um choque violento demais, do qual não conseguia re fazer-se. Desde então sentia-se iracundo e decrépito. Sua colaboração com a Sociologia dos males estava interrompida. O dicionário de todas as obras beletrísticas relativas ao sofrimento humano deixara de progredir, e a tuela Liga esperava em vão pelo respectivo tomo de sua enciclopédia. O sr. Settembrini via-se forçado a limitar à palavra falada suas contribuições à organização do progresso, e precisamente para esse fim as visitas amistosas de Hans Castorp ofereciam-lhe uma oportunidade da qual, sem elas, também se veria obrigado a prescindir.

Embora com Yoz débil, dizia muitas coisas bonitas, Yindas do coração, sobre o autoaperfeiçoamento da humanidade pela Yia social. Seu discurso aYançaYa suaYe, como sobre os pés de uma pomba, mas, Tuando se punha a tratar de assuntos como o da união dos poYos liYres em prol da Ielicidade geral, ressoaYa logo nas suas palaYras, sem Tue ele mesmo o Tuisesse ou soubesse, o rumor das asas de uma águia; e a causa disso, sem dúYida, era a política, a herança do aYô, Tue, unindo-se à herança humanística do pai, IormaYa na alma de LodoYico o ideal das belas-letras, exatamente como humanidade e política uniam-se no ideal sublime e celebratiYo da ciYilização, essa ideia mansa como as pombas e denodada como as águias, Tue aguardaYa o dia de se tornar realidade, a manhã dos poYos, em Tue o princípio da Reação caísse derrotado e a Santa Aliança da democracia burguesa se Yisse encaminhada... Em suma,

haYia aTui certas desarmonias. O sr. Settembrini era humanitário, mas, ao mesmo tempo e pelos mesmos motiYos, era Tuase explicitamente belicoso. Por ocasião do duelo com o crasso Naphta comportara-se como um ser humano, mas em assuntos de maior importância, em Tue o espírito de humanidade, tomado pelo entusiasmo, se aliaYa à política em prol da ideia triunIante e dominadora da ciYilização, e onde se glorificaYa o cidadão mais simples no altar da humanidade, tornaYa-se duYidoso saber se ele, de modo impessoal, continuaria disposto a

eYitar Tue sua mão derramasse sangue... Sim, as circunstâncias íntimas enseMaYam Tue, na bela consciência moral do sr. Settembrini, o elemento de denodo aTuilino preYalecesse cada Yez mais sobre a brandura columbina.

FreTuentemente, sua atitude ante as grandes constelações do mundo era contraditória, acossada de escrúpulos e perturbada por embarços. Recentemente, Iazia apenas ano e meio ou dois anos, a cooperação diplomática de seu país com a Áustria, na Tuestão da Albânia, enchera de desassossego suas explanações; essa cooperação, Tue o satisIazia por ser dirigida contra a Semi-Ásia isenta de latinidade, contra o cnute e Schluselburg, ao mesmo tempo atormentaYa-o, por ser a mésalliance com o inimigo hereditário, com o princípio da Reação e aYassalamento dos poYos. No outono passado, o grande empréstimo Tue a França fizera à Rússia para a construção de uma Yasta rede IerroYiária na Polônia despertara nele sentimentos igualmente antagônicos; ora, o sr. Settembrini pertencia ao partido Irancófilo da sua terra, o Tue não é de admirar, Tuando se tem em mente Tue o aYô comparara os dias da ReYolução de Julho aos da criação do uniYerso; mas o acordo entre a República iluminada e um alinhamento programático com a Cítia bizantina causaYa-lhe constrangimento moral — uma angústia Tue lhe oprimia o peito,

mas Tue não tardaYa em conYerter-se, em Yista do significado estratégico dessas Yias Iérreas, em esperança e alegria bem areMadas. Então teYe lugar o atentado contra o príncipe herdeiro, Tue para todos, exceção Ieita de alguns dorminhocos alemães, constituía um sinal de tempestade, um aYiso aos iniciados, entre os Tuais temos toda razão de incluir o sr. Settembrini. Hans Castorp, na Yerdade, Yiu-o horrorizar-se como indiYíduo diante desse ato terrorista, mas obserYou como o peito do humanista YibraYa com o pensamento de Tue se trataYa de uma Iaçanha libertadora, brotada do seio de uma nação e dirigida contra a cidadela Tue ele mais odiaYa, ainda Tue, ao mesmo tempo, deYesse considerar tal Ieito Iruto de atiYidades moscoYitas, o Tue o inTuietaYa, sem contudo impedi-lo de, três semanas mais tarde, Tualificar o ultimato da MonarTuia à SérYia como insulto à humanidade e como crime hediondo, em Iace das conseTuências Tue podia preYer, como conhecedor do assunto, e com as Tuais se regoziMaYa, a ponto de acelerar a respiração, tamanho seu comprazimento...

Em uma palaYra, os sentimentos do sr. Settembrini eram tão complexos Tuanto a Iatalidade Tue ele Yia precipitar-se com imensa rapidez, e para a Tual procuraYa por meio de palaYras Yeladas preparar o seu discípulo, se bem Tue uma espécie de cortesia e de compaixão nacional o impedisse de Ialar sem rebuços a esse respeito. Nos dias das primeiras mobilizações e

da primeira declaração de guerra adTuirira o hábito de estender ambas as mãos ao Yisitante e apertar- lhe as dele, como se lhe Tuisesse Ialar, senão ao cérebro, pelo menos ao coração.

— Meu amigo! — disse o italiano. — A póYora e a imprensa, sim, é incontestáYel Tue Ioram inYentadas por Yocês. Mas se o senhor pensa Tue nós marcharemos contra a ReYolução... Caro...

Durante os dias de expectatiYa mais carregada, em Tue os nerYos da Europa eram retesados sobre um Yerdadeiro caYalete de tortura, Hans Castorp não Ioi ter com o sr. Settembrini. Os Mornais cheios de horrores chegaYam agora diretamente da planície ao seu compartimento de sacada,

empestando com seu cheiro de enxoIre a sala de reIeições e mesmo os Tuartos dos doentes graYes ou moribundos. Eram aTueles segundos em Tue o dorminhoco na relYa, sem saber o Tue lhe acontecera, soerguia-se lentamente, antes de sentar-se e esIregar os olhos... Mas conYém leYarmos a imagem adiante para Iazer Mus ao Tue se passaYa no espírito dele. Ele encolheu as pernas contra o próprio corpo, ergueu-se, olhou em torno. Viu-se desencantado, redimido, libertado — não a partir da Iorça Tue era sua, como teYe Tue admitir com certa Yergonha, senão expulso por potências exteriores e elementares, para as Tuais a libertação dele surgia como eIeito totalmente secundário. Mas, embora seu peTueno destino se perdesse no destino geral —

não se expressa Yam nisso certa bondade e Mustiça, entendidas como pessoais, e Tue eram portanto de origem diYina? Se a Yida, uma Yez mais, acolhia seu pecaminoso filho em Iermiço, não podia fazê-lo por um preço barato, mas somente dessa forma graYe e seYera, impondo-lhe uma proYa Tue para ele, o pecador, talvez não significasse a Yida, mas Mustamente nesse caso extremo poderia eTuiYaler a três salYas Iúnebres. E assim Hans Castorp pôs-se de Moelhos e ergueu o rosto e as mãos ao céu, Tue estaYa sombrio, sulIurino, mas Tue deixaYa de ser o teto da gruta da montanha dos pecados.

Foi nessa posição Tue o sr. Settembrini o encontrou — Ialandose aTui de modo Iortemente imagético, entenda-se bem; pois, em realidade, o caráter reserYado do nosso herói não permitiria um teatro desses. Na realidade nua e crua, o mentor encontrou-o ocupado a fazer as malas, porTanto Hans Castorp, desde o momento em Tue acordara, Yia-se arrastado por uma torrente remoinhosa de partidas “em Ialso”, Tue o troYão abalador desencadeara no Yale. Este torrão tão seu, sua “pátria”, assemelhaYa-se a um Iormigueiro em pânico. De cinco mil pés de altura, a gente daTui de cima precipitaYa-se de ponta-cabeça em direção à planície das proYações, sobrecarregando os estribos do

trenzinho tomado de assalto, sem leYar TualTuer bagagem, se preciso fosse, bagagem Tue cobria, em pilhas enfileiradas,

a plataforma de embarque da estação apinhada de gente, a quem a altura parecia haver chegado o bafo abrasador do incêndio da planície — e Hans precipitou-se junto com todos. Em meio ao tumulto LodoVico abraçou-o... e o Iez literalmente: cingiu-o com os braços e beijou-lhe as duas faces, à maneira meridional (ou também à maneira russa), o Tue, não obstante a agitação, não deixou de importunar nosso Yiamante “em Ialso”. Este perdeu quase Tue por completo a serenidade, no entanto, quando no último instante o sr. Settembrini o chamou pelo primeiro nome, a saber, “GioYanni”, e, abandonando a forma de tratamento habitualmente usada no Ocidente civilizado, serviu-se do “Yocê”.

— E così in giù — ele disse —, in giù finalmente! Addio, GioYanni mio!²⁹ Eu teria preferido ver Você partir de outra forma, mas já lá, Tue se viu, os deuses dispuseram as coisas assim e não de outro modo. Espera para despedir-me de Você quando voltasse a seu trabalho, e agora Você lutará no meio dos seus. Meu Deus, foi a Você Tue isso coube, e não a nosso tenente. Como é estranho o Mogo da Yida... Vá lutar com bravura, lá aonde o enYiam os laços do sangue! Ninguém pode fazer mais, a esta hora. E perdoe-me, se empregue o resto de minhas forças para concitar também meu país à luta, do lado Tue lhe indicam o espírito e o sagrado interesse próprio. Addio!

Hans Castorp enfiou a cabeça entre dez outras Tue enchiam o Yão da Manelinha. Acenou por cima delas. Também o sr. Settembrini acenou com a mão direita, enTuanto, com a ponta do dedo anular da esTuerda, tocaYa delicadamente o canto de um dos olhos.

Onde estamos? Que é isso? Aonde nos leYou o sonho? Crepúsculo, chuYa e barro, rubros clarões de Iogo no céu turYo Tue sem cessar estruge atroadoramente; os úmidos ares inYadidos e dilacerados por silYos agudos, por uiYos raiYosos Tue aYançam como o cão dos inIernos e terminam sua órbita, entre estilhaços, Matos de terra, detonações e labaredas, por gemidos e gritos, por clarinadas estridentes e pelo ruIar de tambores, clamando depressa, cada Yez mais depressa... Ali, de uma floresta irrompem turbas sem cor, Tue correm, caem e saltam. Ali delinea-se ante o incêndio longínTuo uma cadeia de colinas, e dele, de Tuando em Tuando, as brasas se condensam em chamas flutuantes. Ao nosso redor espraiam-se ondulosos campos aráYeis, encharcados, reYolYidos. Uma estrada rústica,

barrenta, coberta de ramos Tuebrados alonga-se paralela à floresta; um atalho, sulcado e alagadiço, desYia-se dela e conduz em curYa rumo às colinas, troncos de árYore erguem-se na chuYa Iria, desganhados e nus... ATui, um poste com indicação do caminho: não Yale a pena consultá-lo; a penumbra lhe Yelaria as inscrições, mesmo Tue um transpasse aguçado Má não houYesse esIrangalhado a tabuleta. Leste ou Oeste? É a planície, é a guerra. E nós somos sombras tímidas à beira do caminho, enYergonhados por estarmos seguros nas sombras, sem a menor intenção de incorrer em braYatas nem IanIarrices, mas guiados até aTui pelo espírito da narração, para Tue possamos Yer mais uma Yez, antes de perdê-lo de Yista, o rosto singelo de um desses camaradas cinzentos impelidos pelos tambores, e Tue ali correm e caem, surgidos da floresta, o rosto de um conhecido, do pecador ingênuo Tue acompanhamos por seu caminho durante uns bons anos, e cuMa Yoz tantas Yezes ouYimos.

Eles Ioram reunidos aTui em torno, esses camaradas, para dar impulso último ao combate Tue se prolongou pelo dia todo e Tue Yisa a reconTuista da posição nas colinas e, atrás delas, dos YilareMos em chamas, caídos dois dias antes

em poder do inimigo. É um regimento de Yoluntários, sangue MoYem, na maioria estudantes, com pouco tempo no campo de batalha. Foram aYisados em plena noite, YiaMaram de trem até o amanhecer e marcharam na chuYa, até de tarde, por

caminhos péssimos — Tue nem seTuer eram caminhos: com as estradas congestionadas, aYançaram Ioi por campos e pântanos, sete horas a fio, com o casacão encharcado e eTuipamento completo, nada Tue lembrasse um passeio por lazer; pois Tuem não Tuisesse perder as botas tinha Tue curYar-se Tuase a cada passo, enfiar o dedo na lingueta e, puxando-a, liYrar o pé do solo encharcado. Assim gastaram mais de uma hora para atraYessar um peTueno prado. E chegam, afinal; seu sangue MoYem suportou todas as Iadigas; os corpos, excitados e exaustos, mas ainda mantidos em tensão pelas reserYas Yitais mais proIundas, não demandam alimentação nem o sono Tue lhes Ialta. Os rostos molhados e salpicados de lodo, emoldurados pela presilha Mugular, ardem sob os capacetes desaprumados, reYestidos de pano cinzento. Estão inflamados pelo esIorço e também pelo impacto das baixas Tue soIreram durante a marcha pela floresta pantanosa. Pois o inimigo, sabendo-os próximos, ergueu em seu caminho uma barragem de artilharia com shrapnels e granadas de grosso calibre, Tue Má na floresta, com estilhaços, golpeou os grupos deles, e Tue agora, uiYando, Morrando e lançando chamas, açoita a Yasta campina tombada.

E eles têm Tue passar por isso, esses três mil mancebos Iebris, eles, como noYa proYisão, têm Tue decidir com suas baionetas o assalto às trincheiras caYadas diante e atrás da cadeia de colinas

e também o assalto aos YilareMos em chamas, e têm Tue aMudar a Iazê-lo aYançar até determinado ponto, assinalado na ordem Tue seu líder traz no bolso. Há três mil deles, para Tue sobrem dois mil, Tuando chegarem às colinas e YilareMos; eis a explicação de serem tantos. Formam um só corpo, composto de tal

maneira Tue mesmo depois de graYes perdas ainda possam agir, Yencer e saudar o triunIo com um hurra de milhares de Yozes — sem se importar com os Tue se desagregam ao sair da Iormaçoão. Muitos Má se desagregaram, não aguentaram a marcha Iorçada para a Tual eram MoYens e Iracos demais. Cada um empalideceu, cambaleou, com os dentes cerrados, exigiu hombridade de si mesmo, mas ao cabo ficou para trás. Ainda se arrastou por algum tempo ao lado da coluna em marcha, mas pelotão após pelotão ultrapassou-o, e por fim ele desapareceu, ficou estendido onde não era bom ficar. Depois Yeio a floresta estilhaçadora. Mas ainda são muitos os Tue saem dali em turba; três mil podem suportar uma sangria, e mesmo assim persistem unidos na aliança, a IerYilhar. Estão inundando desde Má nossa terra úmida, a estrada, o atalho, os campos lamacentos; nós, sombras obserYadoras à beira do caminho, estamos em meio a eles. Na orla da floresta todos calam a baioneta com manobras destras, o clarim clama com insistência, o tambor ruIa, ribomba num troYão proIundo, e os homens, com gritos roucos, precipitam-se

adiante como podem, pois seus pés pesam em pesadelo
torturante, e a lama, plúmbea, gruda- se a suas botas toscas.

Atiram-se de braços para esTuiYar-se a proMéteis ululantes,
leYantam-se e aYançam às pressas, dão brados MoYens e
estridentes de coragem, porTue escaparam ilesos. São alYeMados,
caem, trançando os braços, com um tiro na testa, no coração,
nas entranhas. Jazem, com as Iaces na lama, Má não se moYem
mais. Jazem, as costas eleYadas sobre a mochila, a parte
posterior da cabeça metida no barro, seguram o ar nas
mãos crispadas como garras. Mas a floresta enYia outros Tue
se atiram, Tue saltam, gritam ou aYançam mudos, a passo
trôpego, por entre os Ieridos.

Ah, esse sangue MoYem, com suas mochilas e baionetas, capas e
botas enlameadas! Sonhando de modo humanístico-estético,
poderíamos imaginá-lo num Tuadro diIerente. Poderíamos ter a
seguinte Yisão: os MoYens

montando e banhando caYalos numa enseada do mar,
caminhando pela praia em companhia da amada,
achegando os lábios à orelha da noiYa meiga, ou ensinando uns
aos outros, amigos e Ielizes, o tiro com arco. Em lugar disso,
esse sangue MoYem Maz com o nariz no barro bombardeado.
Que Iaçam isso com alegria, ainda Tue transidos de medo e
cheios de saudades da mãe, é assunto à parte, Tue causa orgulho

e enYergonha, mas Tue Mamais poderia ser razão para colocá-los nessa posição.

Eis aí nosso conhecido, eis aí Hans Castorp! Já bem de longe o reconhecemos pela barbicha Tue deixou crescer, enTuanto comia à mesa dos “russos ordinários”. Arde e está ensopado como os demais. Corre com os pés pesados pelo barro, segura o Iuzil com o punho pendente. VeMam só: ele pisa a mão de um camarada desagregado — pisa essa mão com a bota Ierrada e aIunda-a no solo lamacento, salpicado de galhos lascados. E todaYia é ele. Mas como pode ser? Está cantando! Ele canta, canta sem razão, de olhar Yazio, por uma excitação Yazia de pensamentos, e como Tuem aproYeita a respiração oIegante para cantar de si para si, a meia Yoz:

“Talhei em sua casca

Mil coisas Tue senti...”

E cai. Não, ele se atirou ao chão, porTue um cão dos inIernos chega uiYando, um enorme obus, um pão de açúcar asTueroso saído do abismo. Está deitado, comprimindo o rosto no barro Irio, pernas escancaradas e pés torcidos, colados ao chão. O produto de uma ciência asselYaMada, munida do Tue há de pior, abate-se como o diabo em pessoa a trinta passos dele,

penetra obliTuamente no solo, explode lá embaixo com espantosa Yiolência e Moga à altura de uma casa um Morro de terra, Iogo, Ierro, chumbo e matéria humana despedaçada. Pois ali haYia dois — dois amigos, Tue se haYiam atirado um ao lado do outro, no momento de perigo: e agora estão mesclados, sumidos.

Oh, Tue Yergonha de nossa segurança nas sombras! Já é hora! Não Yamos narrar mais! Feriu-se o nosso conhecido? Por um momento, pensou Tue sim. Um grande torrão bateu- lhe na canela, doeu bastante, mas não é sério. Ele se põe em marcha, prossegue cambaleando, coxo, com os pés pesados de barro, e canta com sua alegre inconsciência:

“Os galhos sussurra-aYam, Falando para mim...”

E assim, no tumulto, na chuYa, no crepúsculo, escapa de nossa Yisão.

Passe bem, Hans Castorp, enIermiço e cândido filho da Yida! Sua história terminou. Nós a contamos até o fim; ela não Ioi nem breYe nem longa, Ioi uma história hermética. Nós a contamos em Yirtude dela, e não em razão de Yocê, pois Yocê era simplório. Mas essa história era sua, enfim; e como ela coube a Yocê, Yocê talYez deYesse ter algo de bom nessa cachola, e

não dissimulamos a simpatia pedagógica Tue, ao narrá-la, começamos a nutrir por Yocê, e Tue bem seria capaz de nos leYar a tocar delicadamente o canto de um dos olhos com a ponta do dedo, ao pensar Tue no Iuturo Mamais tornaremos a Yê-lo nem ouYi-lo.

Adeus — se YiYer, ou se ficar! Suas perspectiYas não são boas; o macabro baile ao Tual o arrastaram ainda Yai durar uns Yários anos de pecados, e não Tueremos apostar muita coisa em Tue Yocê Yá escapar. Para Ialar com IranTueza, não sentimos escrúpulos por deixar aberta essa Tuestão. Certas aYenturas da carne e do espírito, Tue sublimaram sua singeleza, fizeram seu espírito sobreYiYer ao Tue sua carne dificilmente sobreYiYerá. Momentos houYe em Tue, cheio de pressentimentos e absorto em seu reinar, Yocê Yiu brotar da morte e da luxúria do corpo um sonho de amor. Será Tue também desta Iesta mundial da morte, e também da perniciososa Iebre Tue inflama o céu da noite chuYosa, ainda surgirá o amor?

FINIS OPERIS

1 “Que piada!...”

2 “ReIerências?”

3 “É um bruto mesmo!...”

4 “É uma graça.”

5 “Com seu amigo tagarela do Mediterrâneo, seu mestre, grande Ialador...”

6 “O mundo Tuer ser enganado.”

7 “Ponto de honra.”

8 “Pior para o senhor.”

9 “Assim é.”

10 “VeMamos, meu amigo.”

11 “No estaleiro.”

12 “Quanta generosidade! Uau, de Iato”; “um homem de caráter.”

13 “De modo filosófico.”

14 “Exatamente...”

15 “Você sabe.”

16 “É uma abdicação.”

17 “Você Má Yiu o diabo com uma bebida na mão?”; “Não, eu nunca Yi o diabo com uma bebida na mão.”

18 “Maldição!”

19 “Dá-me o braço, minha Tuerida...”

20 “Tu — neste túmulo?”

21 “Não, não! Tu és linda demais!”

22 “ReYer-te, Carmen...”

23 “Eu representaYa alguma coisa para ti!”

24 “Carmen, eu te amo!”

25 “Tédio.”

26 “DeYastador! Cachorro raiYoso! É preciso matar Yocê!”

27 “À batalha!”

28 “InIeliz! [...] O Tue está Iazendo, pelo amor de Deus?”

29 “Então para baixo [...], para baixo, finalmente! Adeus, meu GioYanni!”

InfoLivros.org

